FICHA TÉCNICA

Título	SAUDADES DA TERRA – Livro IV
Autor	DOUTOR GASPAR FRUTUOSO
Edição	INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA
Revisão de texto e reformulação de índices	JERÓNIMO CABRAL

Catalogação Proposta

FRUTUOSO, Gaspar, 1522-1591

Saudades da terra : livro IV / Doutor Gaspar Frutuoso ; [Palavras prévias de João Bernardo de Oliveira Rodrigues] - Nova ed. - Ponta Delgada : Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

Ass: AÇORES / HISTÓRIA / HISTORIOGRAFIA AÇORIANA. séc. 15 -16

LIVRO QUARTO

DAS

SAUDADES DA TERRA

PALAVRAS PRÉVIAS

João Bernado de Oliveira Rodrigues
Ponta Delgada, 10 de Novembro de 1977

Publicando-se, como agora se faz, o Livro IV das "Saudades da Terra", fica completa a edição que o Instituto Cultural de Ponta Delgada se propôs levar a efeito, sugerida, diga-se de passagem, pelos falecidos Drs. Martim Machado de Faria e Maia e António Augusto Riley da Motta em artigos publicados na imprensa local em 1957.

Tal sugestão somente falhou na pessoa indicada para a dirigir, tratando-se de uma obra que é o que de mais notável até aqui se escreveu em matéria de historiografia açoriana, e que, por isso mesmo, necessitava de alguém mais idóneo, tanto em saber como em erudição, para que resultasse trabalho verdadeiramente condigno de um autor da envergadura intelectual do Dr. Gaspar Frutuoso.

Contudo, levou-se a cabo aquilo que tantos pretenderam sem o conseguir: a edição completa deste marco incontestável da historiografia insulana, com base no manuscrito original, por tantos anos vedado à curiosidade dos estudiosos, mesmo antes de ter caído nas mãos da Família que durante um século o possuiu e que, em obediência a uma tradição obsoleta e mesmo absurda, por largo espaço de tempo não consentia que mãos estranhas o manuseassem.

É que já o célebre e erudito teatino, D. António Caetano de Sousa, famoso sobretudo pela sua História Genealógica da Casa Real Portuguesa, na sua censura, como qualificador do Santo Ofício para a publicação da "História Insulana", do P.e António Cordeiro, diz que "um dos méritos dessa obra e do seu autor é fazer patente ao mundo a escondida e sempre desejada História das Ilhas, que compôs o Doutor Gaspar Frutuoso". ([1]) Pertencendo então o códice ao Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada, não era, de facto, acessível e fácil a sua consulta a quem não residisse aqui.

Já em alguns dos livros publicados anteriormente se disse das razões que nos levaram a relegar para último lugar a publicação deste livro que o autor dedicou à ilha de S. Miguel e de que até há bem pouco tempo existiam à venda exemplares dos três volumes da primeira edição, isto é, daquela que se publicou entre 1924 e 1931, fazendo parte com o Livro III (referente à ilha de Santa Maria) da homenagem que, então, se prestou à memória do autor, por ocasião da passagem do quarto Centenário do seu nascimento.

Houve, pois, a necessidade de publicar primeiramente os livros que nunca haviam sido editados e, a seguir, aqueles que constituíam já raridades bibliográficas.

A quando daquelas comemorações, o grupo de estudiosos, que empreendeu a publicação deste Livro, serviu-se da cópia excelente do Morgado João d'Arruda, sem dúvida a mais perfeita de todas de que nos dá conta João de Simas no seu valioso estudo bibliográfico das Saudades da Terra ([2]), a qual, então existente na Livraria de José do Canto, hoje faz parte do recheio da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Ponta Delgada.

Já em 1876, Francisco Maria Supico e José Pedro de Jesus Cardoso se haviam lançado na publicação da parte genealógica da obra, isto é, os capítulos deste Livro IV relativos às genealogias desta mesma ilha de S. Miguel. Foi uma reprodução de cópia bastante imperfeita, deixando, por isso, muito a desejar em fidelidade e correcção, no dizer da Subcomissão editora constituída para a comemoração do Centenário. ([3])

Não foi sem esforço que agora se levou a cabo este trabalho. Circunstâncias de vária ordem, designadamente de natureza tipográfica, não permitiram que ele se empreendesse em

mais curto espaço de tempo, tendo-se ainda em vista o natural desejo de que tão valiosa obra, subsidiada pela Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, não deixasse de sair dos prelos locais, como instrumento de trabalho dos tipógrafos micaelenses.

Está assim em parte explicada a demora no aparecimento desta segunda edição do Livro IV das "Saudades da Terra", tão ansiosamente esperada, desde que nos últimos tempos se acentuou o interesse pelo que se tem escrito sobre os Açores.

É este Livro IV o mais volumoso da obra de Frutuoso, o que, de resto, não admira, tratando-se da terra da sua naturalidade e onde mais tempo viveu. Aliás, Frutuoso, logo no começo do capítulo I, confessa que vai ser muito mais prolixo do que até aí, pois que falando desta ilha de S. Miguel, onde reside e de que sabe mais particularidades, vai "dizer miudezas que cansam e enfadam a quem as diz ou escreve, e muito mais a quem as ouve". Não nos esqueçamos de que se está dirigindo à Fama, a quem dedica toda a sua narrativa.

Com efeito, é sobretudo neste Livro que notamos as múltiplas tendências do seu espírito e da cultura que o informava. Autêntica figura do Renascimento, apresenta-se-nos como estudioso verdadeiramente enciclopédico, a quem nenhum assunto deixa de interessar, debruçando-se com intensa curiosidade sobre os mais variados ramos do saber, sobretudo em matéria de ciências da Natureza.

Chega a ser assombrosa neste campo a meticulosidade da sua observação. Como diz Rodrigo Rodrigues, ao referir-se à descrição desta ilha de S. Miguel, ela "é tão pormenorizada, os relevos do terreno, o recorte das costas, as ravinas, as grotas e a paisagem tão minuciosamente pintadas, que não pode haver dúvidas de que a percorreu toda, anotando vagarosamente a sua miúda topografia e a sua curiosa toponímia". ([4])

Por seu turno, o ilustre mineralogista micaelense, que foi o Dr. Eugénio Pacheco, não lhe regateia elogios na sua obra "Ensaio sobre a bibliografia geológica dos Açores", ao registar a sua especial predilecção pelos assuntos geológicos, bem manifestada no exame e classificação que faz às rochas e ao descrever os fenómenos sísmicos e vulcânicos, que os Açores sofreram durante o século XVI.

É, pois, este Livro IV o mais valioso documento a atestar o valor da personalidade do Dr. Gaspar Frutuoso, pois que nele aborda os mais variados assuntos e sempre de forma inegavelmente superior para a época e para o meio em que viveu.

Acrescenta ainda Rodrigo Rodrigues que "nem sequer lhe faltava o método e a clareza da exposição, mesmo nas difusas e longuíssimas deduções genealógicas, cuja justeza podemos afirmar, em face da abundante documentação com que o Dr. Ernesto do Canto e outros genealogistas micaelenses as confrontaram e verificaram". ([5]) *Para a elaboração deste Livro "deve certamente ter procedido a um prodigioso trabalho prévio de colheita e selecção de materiais de toda a espécie", como também acentua Rodrigo Rodrigues, de que resultou este admirável testemunho da ilha de S. Miguel no seu tempo.*

Como é óbvio, Frutuoso, logo no primeiro capítulo, trata do descobrimento desta ilha, com base na tradição oral, mantida entre os seus habitantes, de que dá versões, algumas por ele mesmo inaceitáveis, mas assentando no ano de 1444, como data do acontecimento, hoje absolutamente posta de parte pela crítica histórica moderna.

Não vamos aqui alongarmo-nos sobre o problema, por demasiado debatido nos nossos tempos; aliás, já o abordámos nas "Palavras Prévias" que antecederam a publicação do Livro III. Limitemo-nos, por agora, à conclusão de que essa data terá resultado de confusões entre viagens de descobrimento e de povoamento, como, aliás, é o parecer de historiadores modernos, entre os quais, Velho Arruda, que chega a perguntar se o ano de 1444, não inventado por Frutuoso, mas recolhido pela tradição oral, não será "o de uma das mais importantes colonizações que para esta ilha tivesse vindo até então, e que por trazer individualidades capazes de fixar lembranças, essa data se consagrasse e se fixasse na mente das gerações posteriores até à época do cronista". ([6]) *Quererá Velho Arruda referir-se àquela que, comandada por Gonçalo Vaz Botelho (pai no dizer de Frutuoso dos dois primeiros homens que nasceram na ilha, Nuno e Antão Gonçalves Botelho) e a que ele, Frutuoso, deu especial relevo, fosse uma das que porventura se tivessem seguido à primeira de que nos dá notícia, numa das versões que aponta, e seria constituída por naturais da África do Norte, mouriscos, enviados pelo Infante D. Pedro, que deteve até à sua morte a alta donataria desta ilha e se*

mostrara bastante interessado no seu aproveitamento como meio de obter trigo para abastecer o Reino?

Esta hipótese é reforçada com a carta de 20 de Abril de 1447, pela qual D. Afonso V, querendo fazer mercê ao Infante D. Pedro "por ter azo dele poder melhor encaminhar como a sua ilha de S. Miguel seja bem povoada" isenta da dízima de todos os géneros "todollos moradores que ora vivem e moram, ou morarem daqui em diante em a dita ilha" ([7]).

O que é certo é que, após a morte do Regente, parece ter sido descurado o povoamento de S. Miguel, até à vinda de Rui Gonçalves da Câmara, seu terceiro capitão donatário, em 1474 ou 1475, isto é, depois da compra da respectiva capitania a João Soares de Albergaria, que também detinha a de Santa Maria e nela se deixou ficar, confirmada a 10 de Março do primeiro dos anos citados pela Infanta D. Beatriz, como tutora de seu filho D. Diogo, duque de Viseu, que, na qualidade de governador da Ordem de Cristo, possuía a alta donataria das Ilhas. Na respectiva carta se diz: "que a dita ilha dês o começo da sua povoação até o presente é mui mal aproveitada e pouco povoada... de que havendo respeito à disposição do dito Rui Gonçalves que por todas as razões é muito bem disposto para fazer povoar a dita ilha" etc ([8]).

O próprio Frutuoso, no capítulo 66.º deste Livro IV informa que até essa data a ilha era quase erma. *E há ainda uma carta, datada de 12 de Fevereiro de 1471, em que o alto donatário apresenta à Ordem de Cristo, a quem pertencia a jurisdição espiritual destas ilhas, um capelão para ser nomeado para S. Miguel; deste documento se infere que havia uma rudimentar população, pois que os habitantes representaram a D. Beatriz contra a falta de um vigário ou capelão que lhes desse assistência religiosa.* ([9]).

Data, portanto, de 1474 ou 1475 o povoamento metódico de S. Miguel e a sua organização como sociedade jurídica e de privilégios municipais, pois foi com Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome e filho de João Gonçalves Zarco, primeiro capitão do Funchal e grande colonizador da Madeira, que se dá início a uma fase de desenvolvimento bastante notável, em que a nossa ilha foi adquirindo as necessárias estruturas administrativas, fase, aliás, continuada pelos seus sucessores, João Rodrigues da Câmara e Rui Gonçalves da Câmara, segundo de nome, que igualmente chamaram numerosos povoadores, por quem, a exemplo de seu pai e avô, foi feita a distribuição das terras, segundo o sistema das sesmarias, impulsionando assim a sua cultura e estabelecendo a pouco e pouco variados centros de população.

O ano de 1474 é deveras importante para o nosso Arquipélago e sobretudo para as ilhas mais povoadas, que saem do estado de semi-abandono em que se encontravam. Basta lembrarmo-nos de que é também a data da divisão da ilha Terceira em duas capitanias: a de Angra e a da Praia entregues respectivamente a João Vaz Corte-Real e a Álvaro Martins Homem, qualquer deles de envergadura fora do comum e ambos capazes de darem àquela ilha o desenvolvimento que se impunha como centro de navegação e exploração marítima ocidental em que cedo se tornou notável. Outras ilhas, como Faial e Pico se foram desenvolvendo nos anos seguintes, sob a superior direcção da Infanta D. Beatriz, como se disse, mãe e tutora do alto donatário D. Diogo, duque de Viseu.

A Velho Arruda, que tratou este assunto com larga visão na sua excelente "Colecção de documentos sobre o descobrimento e o povoamento dos Açores ([10]), *não escapou a coincidência de já no ano de 1474 estar o futuro D. João II altamente interessado nos assuntos da Guiné e viagens de exploração africanas* ([11])*; por isso não nos repugna acreditar que o então Príncipe D. João que entrara em 1471 para a Família dos Duques de Viseu, pelo seu casamento com a futura Rainha D. Leonor, estivesse por detrás de D. Beatriz a orientá-la na colonização e desenvolvimento das ilhas açorianas, que ele previa serem do maior interesse, tanto para a navegação na costa africana como para as viagens no sentido ocidental, algumas delas, sabemo-lo bem, passando a fazer-se com ponto de partida em Angra e ainda hoje de consequências tão discutíveis, mas a que o Príncipe Perfeito parecia ligar suma importância.*

E Velho Arruda lembra ainda que 1474 é a data da célebre carta de Toscanelli, o cosmógrafo florentino consultado por D. Afonso V para saber qual o melhor caminho para atingir a Índia, carta que tanto influenciou Colombo nas suas viagens para o Ocidente, de que resultou o conhecimento do continente americano.

Não admira, pois, o interesse que ao futuro D. João II deveriam despertar as ilhas açorianas, "terras que podiam servir, como serviram, de entreposto à busca das regiões orientais pela via do Ocidente" ([12]).

Conhece-se ainda um documento datado de 13 de Maio de 1487 e transcrito no vol. XII do Archivo dos Açores, em que o Duque de Viseu deixa bem perceber o interesse do então já rei D. João II no povoamento das ilhas, muito a propósito citado pelo Dr. José de Almeida Pavão Jr. no seu recente e erudito trabalho "Aspectos populares micaelenses no povoamento e na linguagem". ([13])

Refiro-me a estes factos para melhor ajuizarmos da importância que o descobrimento e o povoamento dos Açores parecem ter assumido no contexto geral da política de expansão portuguesa, que, como sabemos, teve naquele soberano um genial representante, ficando assim a sua notável figura, segundo as melhores presunções, indelevelmente ligada ao aproveitamento das nossas ilhas.

Este Livro IV abrange o longo período que vai desde o povoamento da ilha de S. Miguel no século XV até à data do falecimento do autor, pois que até ao fim ele procurou actualizá-lo, de que são provas no manuscrito original as inumeráveis entrelinhas do seu próprio punho e os espaços em branco, que, especialmente nos últimos capítulos, pretendia preencher com notícias, que a doença, ou porventura a morte quase repentina, não consentiu colher, ou informar-se de forma mais verídica.

São 251 folhas reunidas em 113 capítulos, em grande parte preenchidas pelo seu inconfundível cursivo, abrindo com abundante matéria genealógica, pelo que se consideram fonte de inestimável apreço para os estudos desta especialidade em S. Miguel.

Mas temos de reconhecer que este Livro é um dos que registam maior número de anomalias, se assim quisermos chamar à falta de uma uniformidade de escrita, paginação, enumeração de capítulos e outros aspectos que garantem a autenticidade de um manuscrito. Tais anomalias vão desde as numerosas entrelinhas da sua própria mão, facilmente reconhecíveis pela letra que para elas usou e é a mesma que nos surge nos registos paroquiais da Matriz da Ribeira Grande, até aos atentados cometidos por mão estranha, de que resultou o desaparecimento de várias folhas, ficando os respectivos capítulos irremediavelmente truncados por não se conhecerem cópias anteriores a tão grave viciamento.

Já tratámos deste assunto, com o possível pormenor, no exame que fizemos a todo o manuscrito ao publicarmos o Livro I das Saudades da Terra. Não vamos, pois, repeti-lo, pelo que nos detemos a registar o que neste Livro IV mais pode ferir a nossa atenção.

É certo que algumas substituições de folhas, ou mesmo introdução, feitas por mão estranha, tiveram o consentimento do autor; as suas inconfundíveis entrelinhas, em letra em extremo miúda, mas sempre facilmente legível, assim o comprovam. Porém, quanto às mutilações a que nos referimos, cometidas após a sua morte, num propósito evidente de adulteração do manuscrito, lembremo-nos de que algum motivo houve para os padres do Colégio da Companhia de Jesus em Ponta Delgada, a quem Frutuoso legou a sua livraria, tomarem a medida preventiva constante do aviso que em letra bem grada apuseram na primeira página do códice e reza da seguinte forma: "Está ordenado pelos superiores que estes livros se não emprestem em nenhum modo para fora de casa, por vários inconvenientes que nisso pode haver e ainda quando em casa se deixe ver a alguém de fora, deve assistir lhe algum dos nossos por boas razões".

Não temos dúvida de que um tal "aviso" foi medida de precaução para evitar que se cometessem novos atentados à autenticidade do manuscrito, para lhes não chamar actos de criminoso vandalismo, como sejam por exemplo o desaparecimento de algumas folhas e a destruição pelo fogo de três linhas da página 202 deste Livro.

Quanto ao primeiro, não há dúvida de que desapareceram ou foram arrancadas quatro folhas (303 a 306). É manifesto o desacordo entre o reclamo do verso da folha 302 e a palavra que dá começo à folha seguinte que está numerada de 307.

E a confirmar o atentado está o capítulo que se segue, o 52.º que primitivamente era o 53.º, pois que o algarismo três, ainda bem visível, foi emendado para dois com tinta muito diferente da usada por Frutuoso. E a mutilação só pode explicar-se se atendermos ao assunto que versa o anterior capítulo, o 51.º; nele o autor demora-se na enumeração dos grandes proprietários da

terra, aqueles que constituíam a nobreza da ilha, descendentes dos primitivos povoadores do século XV e dos que no decorrer do século XVI receberam dadas de terras por parte dos capitães donatários.

Como dissemos algures "é lógico supor-se que o capítulo que se seguia, o 52.º, donde constariam as quatro folhas desaparecidas e as que no códice figuram com os números 307 e 308, tratasse da actividade comercial da ilha, visto que a primeira destas folhas, hoje fazendo parte do capítulo anterior, começa precisamente com a relação dos principais mercadores da época em S. Miguel, expressa nos seguintes termos: "Há nesta ilha neste tempo de agora e sempre houve de trinta até quarenta homens da terra que todos negoceiam". *E logo cita Gaspar Dias, Cristóvão Dias, seu irmão, António e Francisco Mendes Pereira, os Crastos ou Castros, João Lopes Cardoso, etc., todos negociantes ricos e poderosos, que assim figurariam nas Saudades da Terra em capítulo especial e bem separado do que diz respeito aos proprietários do solo. Tal separação, que, porventura, beliscaria a vaidade daqueles vultos importantes do comércio local, pode ter sido o motivo do desaparecimento que vimos referindo, pois que, com ele, esses mercadores ficaram reunidos no mesmo capítulo aos proprietários da terra, por assim dizer, aqueles a quem Frutuoso atribuía foros de nobreza, representando as famílias dos antigos povoadores, como Botelhos, Camelos, Regos, Bettencourts, Oliveiras, Barbosas, Medeiros, Gagos, Velhos, etc.*

Não nos parece que esse acto fosse obra do próprio Frutuoso, porque a emenda verificada no actual capítulo 52.º (o primitivo 53.º), não é da sua mão e a tinta difere muito da que ele usava.

Mais adiante, a fls. 311, verso, a fraude completa-se. Frutuoso, na sequência do que estava a escrever sobre o valor do trigo, dá início, no alto do verso dessa folha à tabela dos diversos preços daquele cereal desde o ano de 1513, pondo como reclamo no retro da mesma, as palavras com que se inicia a dita tabela.

Ora, com letra que não é a dele, abre-se o actual capítulo 53.º "Da valia de trigo em tempos diversos de 1513-1589*", quer dizer: essa tabela fazia parte do capítulo anterior, intitulado* "Da grande abundância de trigo que houve na ilha de S. Miguel e dos preços que teve em alguns anos*". Mas como era preciso harmonizar os números dos capítulos que se seguem com a supressão do primitivo capítulo 52.º, depois de emendar o capítulo 53.º para 52.º, criou-se um outro com a tabela do trigo, a que se pôs aquela numeração, para assim condizer com os restantes capítulos deste Livro IV, que seguem todos d'aí em diante regularmente e sem mais emendas até ao fim. É de notar que a letra da epígrafe deste novo capítulo 53.º é a da mão que emendou o número do capítulo 52.º"* ([14])

Como dissemos, este assunto é tratado mais demoradamente em "O manuscrito original das Saudades da Terra" que antecede o texto do Livro I desta edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada e aí poderá o leitor informar-se com mais pormenor das razões que presumivelmente determinaram um tal vandalismo.

Outro estrago que o códice sofreu verifica-se a fls. 202, isto é, no cap. XI deste Livro, todo ele escrito pela mão de Frutuoso.

Este é de tal forma grosseiro que não oferece dúvidas o seu intuito criminoso.

Com a ponta de um cigarro, alguém destruiu no sentido horizontal cerca de três linhas do texto que se referem ao cativeiro que sofreram na guerra de África, onde haviam acompanhado El-rei D. Sebastião, os filhos de Duarte Borges de Gamboa, provedor da Fazenda Real nestas ilhas dos Açores e tesoureiro mor do Reino.

A proeza não é antiga, pois cometeu-se em tempos relativamente próximos, isto é, depois de concluída a cópia do Morgado João d'Arruda, que é datada de 1814, o que nos permite reconstituir o texto inutilizado.

Remetemos o leitor mais curioso para o que acerca deste assunto escrevemos a folhas CL do Livro I, da referida edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Outra anomalia digna de registo são os catorze capítulos em que se faz a pormenorizada e saborosa descrição desta ilha de S. Miguel.

Não foram escritos por Frutuoso, mas tudo indica, mormente o estilo, que tais capítulos sejam da sua autoria, tal a minúcia e o espírito de observação que lhe são peculiares: aliás,

algumas entrelinhas no seu conhecido cursivo extremamente miúdo confirmam que foi trabalho a que não ficou estranho, porventura atestando que a redacção dos capítulos fora revista e poderia considerar-se definitiva.

Tanto o papel como a letra são muito diferentes dos que usou em quase todo o manuscrito; esta última assemelha-se muito à do "Contraponto" do Doutor Daniel da Costa, que figura no Livro III, embora de talhe mais pequeno, possivelmente do mesmo copista e excelente calígrafo que Frutuoso encarregaria de copiar esse panegírico do Bispo do Funchal, D. Luís de Figueiredo e Lemos, que era mariense, e outras passagens da sua obra, porventura, as que se apresentassem mais carregadas de notas e emendas, como deveriam ser estes capítulos de que ora tratamos.

Não podemos duvidar de que para a descrição topográfica da ilha teria reunido durante muito tempo grande quantidade de apontamentos, que, depois de ordenados, exigiriam um trabalho de cópia, para a sua idade já bastante penoso e fatigante, não dispensando, por isso, o auxílio de outrem.

Como disse já, "não vejo razões para duvidar de que ele fosse o autor desses catorze capítulos em que tão pitorescamente se descreve a ilha de São Miguel, e cujo estilo, tão conforme com o das restantes descrições topográficas, que se contêm nas "Saudades da Terra", é do melhor sabor frutuosiano". ([15])

Calculamos que, depois da obra numerada da primeira à última folha, esses capítulos tenham sido passados a limpo, substituindo os primitivos, escritos pela mão do cronista e que pelas muitas notas e acrescentamentos que apresentariam, houve a necessidade de renovar.

A prova de que assim tenha acontecido está no facto de a eles se seguirem nove folhas em branco, pertencentes a essa série de cadernos que vimos analisando, pois que da página 290, aonde termina a descrição da ilha, passa-se logo para o número 300, embora o reclamo esteja absolutamente certo, capítulo 51.º, capítulo este que agora se segue com letra de Frutuoso e no muito conhecido papel de que habitualmente se servia.

Tais folhas, que deveriam ter sido as que restassem da cópia acima mencionada, já hoje não existem no manuscrito e foram aproveitadas pelo Padre Manuel Gonçalves, da Companhia de Jesus, para escrever a notícia do terramoto de 1630, que acompanhara a erupção vulcânica da Lagoa Seca no Vale das Furnas, já muito depois da morte de Frutuoso (1591), e que parece ser a súmula da relação que acerca de tal sucesso fez para ser entregue ao Conde de Vila Franca, D. Rodrigo da Câmara, que lh'a encomendara.

Este foi outro atentado que o códice sofreu, cometido já em época muito recente, pois que o Dr. Ernesto do Canto, ao publicar aquela notícia no "Archivo dos Açores", chamando-lhe "lembrança", diz expressamente que foi escrita por aquele religioso no manuscrito original das "Saudades da Terra" e que dela fala o P.e António Cordeiro na "História Insulana", Livro V, capítulo XII. É de ter em conta o depoimento do ilustre historiador micaelense, porquanto, ao dar à estampa aquele volume do "Archivo dos Açores", já ele compulsara o códice, o que, aliás, é confirmado pela circunstância de algumas cópias das "Saudades da Terra", feitas no século XIX, reproduzirem essa notícia.

Quase no fim do Livro e em pleno capítulo (102.º) sobre a batalha naval de Vila Franca, que é um dos maiores que nele se contêm e é preenchido em grande parte com a letra de Frutuoso (até à página 419), surgem 3 cadernos algum tanto mais pequenos e estreitos do que o papel usado pelo cronista e com uma letra totalmente diversa das que figuram no códice. A introdução destes fólios, com que se conclui o Livro IV, fez-se sem dúvida alguma com a aprovação do autor; prova-o a sua letra muito miúda em algumas epígrafes de capítulos e em entrelinhas, uma delas até bastante extensa. O capítulo 112.º só tem o título (De Gonçalo Vaz Coutinho que agora he governador da milícia na ilha de S. Miguel) e o respectivo número, ambos da mão do cronista, e o 113.º não chegou a concluir-se, d'onde depreendemos em vista também dos espaços em branco que de vez em quando surgem, e das pequenas notas algum tanto desligadas entre si, a que pretendia, porventura, dar redacção definitiva, que Frutuoso, já bastante envelhecido e adoentado — morreu quase repentinamente — não teve tempo para os redigir devidamente ou obter matéria para os completar, encarregando alguém de o auxiliar na cópia desta parte final do Livro, que, segundo parece, pelos esclarecimentos da sua mão, lhe mereceu interesse até os últimos dias da vida. No entanto, e sem embargo de tais lacunas, ele dá-o por concluído, a páginas 443, porque depois de uma folha completamente em branco e

dirigindo-se à Fama, diz que ali está o que pôde saber desta ilha de S. Miguel, e anuncia já a narrativa que se lhe segue, isto é, a História dos Dois Amigos, que constitui o Livro V.

Já algures chamei a atenção para a curiosa semelhança que se nota entre as narrativas da Guerra da Independência, quer nesta parte do Livro IV, quer no Livro VI, e a relação que sobre o mesmo escreveu o Licenciado Mosqueira de Figueiroa, Adido Geral da Armada e do Exército do Rei Católico, a qual, publicada em Madrid em 1596, isto é, cinco anos após a morte do nosso cronista, foi transcrita pelo Dr. Ernesto do Canto no volume IV do "Archivo dos Açores". ([16]).

Isto nos leva a supor a existência de uma fonte documental comum, que Frutuoso transcrevesse quase na íntegra. E se nos lembrarmos de que foi aquele magistrado quem lavrou a sentença de morte dos partidários de D. António, após a conquista da ilha Terceira, é de presumir que essa fonte fossem quaisquer peças dos respectivos processos.

Também ultimamente tivemos ocasião de verificar que os capítulos 102.º e 103.º deste Livro IV, sobre a batalha naval de Vila Franca, são em grande parte uma cópia da "Relação" que acerca da mesma batalha enviou o Marquês de Santa Cruz a Filipe II ([17]).

Como se vê, por esta pequena resenha que de alguns deles fiz, são numerosos os problemas que oferecem as "Saudades da Terra" à sagacidade da crítica e de cuja resolução nem sempre foi possível desempenharmo-nos de forma mais satisfatória.

Esperemos que no decorrer dos tempos, surja alguém, que melhor dotado e com suficiente experiência em assuntos desta natureza, possa fazer uma análise mais profunda e concludente a este notável códice, cuja fama ultrapassou os limites estreitos das nossas ilhas açorianas para despertar a curiosidade de vultos da maior proeminência na sociedade portuguesa, como o atestam algumas cópias de que nos dá conta o erudito João de Simas no seu valioso trabalho já aqui mencionado. ([18])

Não queremos dar por findas estas "Palavras Prévias" sem dirigir os rendidos agradecimentos do Instituto Cultural de Ponta Delgada, a cuja Direcção hoje presido, ao Sr. Engenheiro António Manuel de Medeiros Ferreira, pelo interesse que lhe mereceu a publicação deste Livro IV, no desempenho das suas funções de Presidente da Comissão Administrativa da Junta Geral de Ponta Delgada, concorrendo para que, pelo menos, se lhe desse início, e também ao Governo Regional dos Açores, que permitiu o seu prosseguimento.

E, por fim, seria injustiça, para com a memória de um falecido, ao terminar a publicação da obra, não lhe prestar o devido preito de homenagem. Refiro-me ao terceiro Marquês da Praia e Monforte, que, num gesto, que nunca por demais se elogia, se dignou oferecer à Junta Geral do nosso distrito o precioso códice, que durante tantos anos se manteve inacessível na posse da sua família, permitindo assim que se lhe desse a luz da publicidade.

10 de Novembro de 1977

João Bernardo de Oliveira Rodrigues

180

Livro quarto das saudades da terra do doctor Gaspar Frutoso, em q̃ se tracta do descobrimento da ilha de São Miguel, e da vida, e progenia dos illustres capitães della, e de seus moradores. E de alguãs cousas, q̃ nella acõteceram.

Capitulo I. como foi achada a ilha de Sam Miguel por frey Gonçalo Velho comendador dalmourol, da qual tambẽ foi feito capitão, sendoo ja da ilha de Sancta Mª, cuidados pello Infante dom Henrique a q̃ se deve o descobrimẽto.

FOTOCÓPIA DA PÁGINA N.º 180 DO MANUSCRITO ORIGINAL DAS SAUDADES DA TERRA, EM QUE SE DÁ COMEÇO AO LIVRO QUART

LIVRO QUARTO DAS SAUDADES DA TERRA

DO DOCTOR GASPAR FRUTUOSO EM QUE SE TRATA DO DESCOBRIMENTO DA ILHA DE SÃO MIGUEL E DA VIDA E PROGÉNIA DOS ILUSTRES CAPITÃES DELA E DE SEUS MORADORES E DE ALGUMAS COISAS QUE NELA ACONTECERAM.

CAPÍTULO I

COMO FOI ACHADA A ILHA DE SÃO MIGUEL POR FREI GONÇALO VELHO, COMENDADOR DE ALMOUROL, DA QUAL TAMBÉM FOI FEITO CAPITÃO, SENDO-O JÁ DA ILHA DE SANTA MARIA, ENVIADO PELO INFANTE DOM HENRIQUE A ESTE DESCOBRIMENTO

Querendo eu contar as coisas desta ilha de S. Miguel, em que vivo, disse à Fama: — Agora, Senhora, vos é necessário ter mais sofrimento em me ouvir do que até aqui tivestes, porque, falando desta ilha (por ser ao presente minha morada, de que sei mais particularidades), hei-de dizer muitas miudezas que cansam e enfadam a quem as diz ou escreve, e muito mais a quem as ouve. Ao que ela me replicou: — Com esses enfadamentos, Senhora, me desenfado eu, e por isso os peço, quero e desejo, para ser aprazível a todos e desenfadar a uns, que hão-de louvar o bem dito e enfadar a outros, que se desenfadarão com terem que dizer e murmurar do mal feito, que é a mais doce fruta da terra. E assim cumprirei com a obrigação de meu nome, pois este é o meu natural e natureza. Vós, Senhora, segui a vossa, que é dizer verdades gerais e particulares de coisas grandes e pequenas, ainda que elas não sejam aprazíveis, quando tocam em culpas próprias e coisas secas e estériles. Mas, pois eu pretendo saber todas, contai-me vós as mais que puderdes e souberdes, que tudo, como até aqui, me será manjar aprazível e gostoso. Ao que eu respondi, dizendo: — Já que quereis, Senhora, enfadamentos, que somente pertencem aos naturais desta ilha, ouvi-os.

Pois não há aldeia no mundo de que os meus moradores não contem grandes fundamentos de sua primeira habitação, e alguns fingidos, quero, Senhora, contar desta ilha de S. Miguel os verdadeiros, pelo melhor modo que me foi possível saber, com muitas inquirições, perguntas e vigílias, sem ter aceitação de pessoa, para deixar de falar a verdade sabida. E se isto de mim não crerem os maldizentes e murmuradores, que nunca no mundo faltaram, nem faltarão até ao fim dele, eu fico comigo satisfeita, que diante de Deus não terei culpa, nesta parte, (ainda que outras muitas tenha) de afeição nem lisonjaria, de ódio nem vingança, de temor nem covardia, com que me pudera cegar, se algumas destas faltas tivera para me desviar da verdade das coisas que contei e contar quero.

Porque, posto que seja condição geral de todas as gentes, por darem antigos e ilustres princípios a sua linhagem, sempre fabularem coisas, a que a antiguidade, não testemunha... (ilegível) dá licença; assim como não deixei de contar a certeza do que soube dos ilustres capitães da ilha da Madeira e Santa Maria, e de seus moradores, assim também não deixarei de dizer (pois falo antre vivos que, se não viram, ouviram) o que ouvi afirmar por muito certo a alguns antigos, dignos de fé desta ilha de S. Miguel, do que sabiam da origem e feitos de seus ilustres capitães, que dos da ilha da Madeira por linha masculina descendem. E ainda que aqui nascera, sem suspeita de natural, com rosto descoberto, sem pejo, nem empacho, direi verdadeiramente tudo quanto disser dos naturais desta ilha, reprovando alguns fingimentos antigos e ditos fora de propósito e razão, que não levam caminho de verdade, e aprovando os mais razoáveis e verdadeiros.

Já tenho atrás contado algumas razões que deram motivo ao infante D. Henrique para mandar descobrir a ilha de Santa Maria, e as mesmas teve para se mover ao descobrimento desta de S. Miguel e das mais dos Açores; pelo que, depois de achada a ilha de Santa Maria, ordenou de mandar descobrir esta de S. Miguel, a qual empresa cometeu e encomendou a Frei Gonçalo Velho, capitão de Santa Maria, que, então, estava no Algarve. E preparadas todas as coisas necessárias para o novo descobrimento, partiu o dito Frei Gonçalo Velho, com o regimento que o infante para isso lhe deu. E (como contam os antigos) no navio em que vinha de Sagres, navegaram até se pôrem quase na altura da ilha de Santa Maria, vendo por seus rumos e pontos, e depois com seus olhos, que lhe ficava ela da banda do sul; e andando neste

meio mar, antre ([19]) estas ilhas, às voltas, ora com um bordo para uma parte, ora para a outra, não podendo ver esta ilha de S. Miguel, nem achando terra alguma, se tornaram ao Regno ([20]). E sendo perguntados Frei Gonçalo Velho e o piloto, por que banda tomaram a ilha de Santa Maria, disseram que pela parte do norte; ao que replicou o infante, dizendo: — passastes entre o ilhéu e a terra; porque chamava ilhéu à ilha de Santa Maria, por ser pequena e ter notícia disso, pela ver no mapa que tinha, ou pelas outras razões já ditas, e entendia por terra esta ilha de S. Miguel, por ser muito maior. Donde se muitos enganaram e enganam, cuidando que era o ilhéu de Vila Franca e afirmando que antre ele e a terra desta ilha de S. Miguel passou este navio, que veio a este descobrimento, não havendo ele passado senão por antre estas duas ilhas, como já tenho dito.

Alguns dizem que depois tornou o infante a mandar a Frei Gonçalo Velho, e que achou primeiro o ilhéu de Vila Franca, onde saiu sem ver a ilha; e fazendo nele dizer missa, sem consagrar nela, por lhe parecer que estava no mar, como em navio, porque era o ilhéu pequeno. Acabada a missa, começaram a ouvir uns gritos grandes, que eles entendiam ser de demónios, que gritavam e diziam: — nossa é esta ilha, nossa é! Mas, contudo, desembarcaram em terra e tomaram posse dela, desapossando os demónios. Como conta Plutarco outra história quase semelhante de gritos de demónios, que recita o magnífico cavaleiro Pero Mexia, em sua *Silva*, dizendo o mesmo Plutarco: — Lembra-me haver ouvido a Emiliano, orador, varão prudente e humilde, que vindo seu pai navegando por mar para Itália, passando uma noite muito junto a uma ilha chamada Paraxis, estando toda a gente da nau acordada, ouviram uma grande e temerosa voz, que soava da dita ilha despovoada, chamando pelo nome de Atamano, que assim se chamava o piloto da nau, que era natural do Egipto; e ainda que esta voz foi ouvida por Atamano, e por todos, uma e outra vez, nunca ousou responder, até que, já ouvindo-se chamar a terceira vez, respondeu, dizendo: — quem chama? que quereis? E então a voz soou muito mais alto e disse: — Atamano, o que te quero é que tenhas em todo caso cuidado, em chegando ao golfo chamado Alagoa, de fazer saber ali e dizer a brados que o grande demónio, o deus Pan, é morto. Ouvido isto, toda a gente da nau ficou muito espantada, e acordou-se antre eles que o mestre não curasse de dizer nada, se o tempo lhe servisse quando por ali passasse, senão seguir seu caminho. Mas aconteceu que chegados à Alagoa, que era o lugar assinalado, subitamente lhes acalmou o vento, que não puderam navegar, e, vendo-se assim em calma, determinaram de fazer saber a nova que lhes era encomendada; e pondo-se o piloto ao bordo da nau, alçou a voz quanto pôde e assim ao ar disse: — Faço-vos saber que o grande diabo Pan é morto! E logo em acabando ele de dizer isto, foi tão grande a multidão de vozes e gritos que ouviram, que atroou todo o mar, e durou aquele choro, que ouviram fazer, mui grande espaço. O qual eles ouvindo, com grandíssimo medo fizeram sua viagem o melhor que puderam. E chegados ao porto, e depois de vindos a Roma, se publicou nele e nela este caso por muito estranho. Eu, não somente este, mas também o outro de dizerem que dizendo missa seca no ilhéu de Vila Franca ouviram os gritos dos demónios, que bradavam, dizendo: — nossa é esta ilha! nossa é! ambos tenho por estranhos e mui alheios da verdade, ou, pelo menos, ainda que o da Alagoa acontecesse, permitindo Deus que os demónios fizessem aquelas querimónias do seu gran diabo ser morto de dor e pesar, no tempo da paixão do Salvador do mundo, que lhe desfazia seus enganos e tirou seu domínio e tirania, sem o tal diabo poder morrer, na realidade da verdade; este desta ilha nunca aconteceu, nem saiu no ilhéu de Vila Franca Frei Gonçalo Velho e os que com ele vinham a primeira vez que a acharam. Mas a verdade deste descobrimento passou desta maneira. Há se de notar (como tenho contado) que sendo a ilha de Santa Maria descoberta por mandado do dito infante D. Henrique, a proveu de gados para multiplicarem na terra; e mandou trazer cavalos e éguas e outras coisas necessárias, e sendo os navios que isso traziam junto dela, com os temporais que lhe deram, não podendo sofrer a tormenta, nem pairar, aos mares, tornaram a arribar; e alijando no meio da travessa, para salvarem suas vidas, botaram as éguas ao mar, donde lhe ficou o nome de val, ou vale, das Éguas, que aqueles primeiros descobridores lhe puseram.

Neste tempo, ou pouco mais além, aconteceu na ilha de Santa Maria, por algum delito ou falta que fez a seu senhor, fugir um escravo, homem preto da Guiné, dos moradores da ilha, e acolher-se à serra, da banda do norte, e por ser em tempo de verão, e o ar sem névoa, via o negro dela, algumas vezes, a ilha de S. Miguel, quando fazia o tempo claro. E depois de ser tornado, dizia que da serra, donde andara, vira uma terra grande para a banda do norte. E sendo disto certificado o infante D. Henrique, por esta notícia e razão que lhe acresceu às outras que ele entendia, posto que já tinha mandado descobrir esta de S. Miguel, sem os

descobridores a poderem achar, tornou a mandar o mesmo Frei Gonçalo, por ser capitão da ilha de Santa Maria e já cursado nestas viagens, ao descobrimento destoutra, sua vizinha.

Deixando àparte o que tenho atrás dito dos cartaginenses, que conjecturei haverem sido primeiros e antigos descobridores de todas, ou das mais destas ilhas dos Açores, que me parece ter sombra de verdade pelas razões já ditas, e não falando no que outros dizem, que foi esta ilha de S. Miguel, antes de ser achada pelos portugueses, setenta anos atrás descoberta por um grego, que com tormenta desgarrou de Cález, e vindo a dar nela, a foi pedir a El-Rei, que lha deu, e trazendo gado que nela lançou, logo faleceu, com que ficou a ilha erma até o tempo que os portugueses a descobriram, em que acharam ossada de gados, e que na baía da Lagoa se achou de carneiros, pelo que lhe puseram nome Porto dos Carneiros, o que eu tenho por coisa fabulosa e longe da verdade, direi o que sei do descobrimento dela, certo por memórias e escritos dos antigos e por tradição deles, que de mão em mão, ou de memória em memória, veio ter às mãos e lembrança dos moradores presentes que nela agora vivem, que é o que se segue.

Depois de tornado Frei Gonçalo Velho, capitão da ilha de Santa Maria, da primeira viagem que fez por mandado do infante ao descobrimento desta ilha de S. Miguel, sem a poder achar nem ver, andando perto dela, lavrando com muitos bordos o mar de antre ambas, pelo que o infante sabia, lhe respondeu que andara antre o ilhéu, que é a ilha de Santa Maria, e a terra, que é esta de S. Miguel; e pelo que lhe disseram, que a vira o negro fugido, tornou (como já disse) a mandar o mesmo Frei Gonçalo Velho a buscá-la, dando-lhe por regimento que pusesse a popa no ilhéu, que era a ilha de Santa Maria, e ao norte navegasse, e dariam na ilha que ele mandava buscar. O que cumprindo o dito Frei Gonçalo Velho e o piloto que trazia consigo, que se chamava Foam (sic) Vicente, natural do Algarve, cujo nome não soube, quase doze anos inteiros depois de ser descoberta a ilha de Santa Maria, aos oito dias do mês de Maio da era de mil e quatrocentos e quarenta e quatro anos, por dia do aparecimento do arcanjo S. Miguel, príncipe da igreja, foi vista e descoberta por eles esta ilha; que, por ser achada e aparecer em tal dia e festa do aparecimento do arcanjo, lhe foi posto este nome à ilha de S. Miguel, de felicíssima sorte, governando o Reino o infante D. Pedro, filho de el-Rei D. João, de Boa Memória, o primeiro do nome e décimo Rei de Portugal; o qual se prova, pois, por morte deste Rei D. João, de Boa Memória, reinou seu filho D. Duarte, que nasceu na cidade de Viseu no ano de mil e trezentos e noventa e um, e viveu quarenta e dois anos, dos quais reinou cinco, e faleceu na era de mil e quatrocentos e trinta e oito anos; e por sua morte houvera de reinar seu filho D. Afonso, o qual nasceu na era de mil e quatrocentos e trinta e dois anos, e por não ser mais que de seis anos, não foi entregue do Regno, senão seu tio o infante D. Pedro, que governou por seu sobrinho, D. Afonso, até a era de mil e quatrocentos e quarenta e oito anos, em que foi entregue ao dito Rei D. Afonso. Antre os quais anos mil e quatrocentos e trinta e dois, em que nasceu el-Rei D. Afonso e começou a governar o Regno por ele o infante D. Pedro, e o ano de mil e quatrocentos e quarenta e oito, em que acabou de governar, por entregar o governo a el-Rei D. Afonso, se inclui e contém o ano de mil e quatrocentos e quarenta e quatro, quando esta ilha de S. Miguel foi achada, em o qual o infante D. Pedro governava o Reino.

E logo no ano de mil e quatrocentos e quarenta e nove el-Rei D. Afonso, sendo ainda no primeiro ano de seu reinado, deu licença ao infante D. Henrique, seu tio, para mandar povoar estas ilhas dos Açores, que havia dias que eram descobertas.

No ano de mil e quatrocentos e oitenta, outros dizem, de oitenta e um, faleceu este Rei D. Afonso, e no mesmo ano, antes de seu falecimento, fez as pazes com Castela.

Chegando aqui às ilhas os novos descobridores, tomaram terra no lugar, onde agora se chama a Povoação Velha, pela que ali fizeram depois, como adiante contarei, e, desembarcando antre duas frescas ribeiras de claras, doces e frias águas, antre rochas e terras altas, todas cobertas de alto e espesso arvoredo de cedros, louros, ginjas e faias, e outras diversas árvores, deram todos, com muito contentamento e festa, graças a Deus, não as que por tão alta mercê se lhe deviam, senão as que podem dar uns corações contentes com o bem tão grande que tinham presente, desejado por muitos dias e com tanto trabalho e enfadamento de importunas viagens por tantas vezes buscado. De crer é que trariam sacerdote consigo, que dissesse ali missa (como alguns dizem) onde no lugar agora está uma ermida de Santa Bárbara, e aquela foi a primeira que nesta ilha se disse; mas que missa fosse ou quem a dissesse, não se sabem as particularidades disso, nem de outras que ali passariam (como alguns querem dizer e contarei adiante). Andavam os novos então, e agora antigos

descobridores, ora pouco pela terra, porque muito não podiam, por lho impedir o espesso mato, ora muito mais pelo mar, no barco de seu navio, correndo parte da costa, vendo das águas salgadas as doces ribeiras, que, por antre o arvoredo, pelas rochas caíam, examinando e atentando todas as particularidades que podiam e os lugares sós e saudosos da erma e solitária ilha, acompanhados de uns altos montes e baixos vales, povoados de arvoredo, com cuja verdura vestida estava toda a terra, dando grandes esperanças de ser mui fértil e proveitosa a seus moradores, que nela viessem a fazer suas colónias. E dizem comummente os antigos que, vendo muitos açores e bons, dos quais levavam daqui para o Reino alguns no princípio, como tinham visto na ilha de Santa Maria, lhe puseram nome ilhas dos Açores, o que bem podia ser; mas o que outros têm por mais verdade é que, por aqui não haver senão poucos e como adventícios, vinham a esta ilha doutras terras não sabidas, vendo no ar muitos milhafres que havia, que com eles se pareciam e por tais os julgavam, como agora há, e assim parecerem, lhe puseram este nome de ilhas dos Açores, o qual também se apegou às outras ilhas de baixo, que depois se descobriram, onde não faltam estas aves de rapina; ou também por então nelas se acharem açores, ainda que depois e agora os não houve, nem há em nenhuma delas, senão alguns que com temporais e tormentas acertam de vir desgarrados de outras partes. E não fazendo os novos descobridores detença muitos dias nos que ali estiveram, tomando águas, ramos de árvores e algum caixão de terra, e pombos que, sem trabalho e sem laços, às mãos tomavam, e outras coisas que aí acharam, para levar por mostra ao infante, se partiram para ele, que, contente com tal nova, os recebeu, contentes por lha levarem, e lhes fez mercês a todos com a benignidade que se devia a tão bons servidores e tais serviços mereciam, fazendo particular mercê a Frei Gonçalo Velho da capitania da ilha que novamente achara, com a outra capitania que lhe tinha dado da ilha de Santa Maria, com que ficou capitão de ambas, porque os multiplicados e continuados serviços não se pagam com singelos prémios, senão com mercês dobradas ([21]).

CAPÍTULO II

DA MAIS ANTIGA E PRIMEIRA POVOAÇÃO E MAIS ANTIGOS E PRIMEIROS POVOADORES QUE NA ILHA DE SÃO MIGUEL HOUVE

Depois de achada a ilha de São Miguel, tornando para o Regno seus descobridores, foram pelo mar, enquanto a não perdiam de vista, para trás atentando e notando sua figura, e viram que em cada ponta de sua compridão tinha um mui alto pico, que, assim como eram os dois extremos dela, assim eram também extremados na grandura, e em grande quantidade e altura sobrepujavam a todos os mais montes que pelo meio havia; e demarcando-a por eles o piloto, para depois a poder melhor reconhecer, sendo chegados a Sagres (como tenho dito) e havendo o infante feito mercê da capitania dela a Frei Gonçalo Velho, juntamente com a da ilha de Santa Maria, tornou logo a mandar, ou o mesmo Frei Gonçalo Velho e o piloto, ou o piloto só, sem ele, com outra companhia, a deitar gado e aves e outras coisas necessárias e provar a ventura de sua fertilidade também, com sementes de trigo e legumes, com que partiram de Sagres. E navegando com próspera viagem, vindo à vista da ilha, vendo-a o piloto, a desconheceu por lhe ver um só pico da parte do oriente e não ver o outro da banda do ponente, com que à ida a demarcara; porque neste meio tempo, enquanto eles foram ao Regno e tornaram, aconteceu que se alevantou o fogo, a primeira vez sabida nesta terra, e ardeu aquele alto pico para a banda do noroeste nesta ilha, junto da ponta dos Mosteiros; onde agora se chamam as Sete Cidades às cavidades dele, das quais depois particularmente contarei. E dizem que o mesmo piloto e os do navio viram no mar muita pedra pomes e troncos de árvores que dali saíram, sem entender a causa disso. Mas, ainda que então e depois foram achados os sinais e efeitos deste fogo, que fez arrebentar e abaixar aquele pico, não foi visto, por não ser povoada a ilha no tempo que ele arrebentou. Do qual dizia Pedro Gonçalves Delgado e Duarte Vaz, seu irmão, antigos e parentes dos primeiros habitadores, que eles tinham ouvido a seu pai que o piloto e os primeiros que vieram a povoar esta ilha desconheceram a terra, por não verem já o pico por onde a tinham demarcada, por causa do fogo que, sem eles o saberem, tinha dantes arrebentado, sumido e espalhado aquele grande pico. Contudo, saíram em terra na Povoação, em que a primeira vez haviam desembarcado, onde se certificaram ser aquela a mesma ilha que dantes tinham demarcada. E ali foi o primeiro assento, que nesta ilha se fez de povoação de gente, que desembarcou nela por dia da dedicação do arcanjo S. Miguel, a vinte nove de Setembro do mesmo ano. E povoando ali primeiro, e depois em outras partes, se chamou aquele lugar pelo tempo adiante, em respeito das outras povoações, a Povoação Velha. O que foi grande dom de Deus e especial mercê feita a esta ilha aparecer e achar-se no dia do aparecimento de S. Miguel e tornar-se a achar e povoar no dia de sua dedicação, por se dedicar toda a este Santo Arcanjo, Príncipe da Igreja, e tê-lo por seu Príncipe e Padroeiro, pois é sua, chamando-se, de seu nome, de S. Miguel; onde morando os descobridores em suas cafuas de palha e feno, ouviam quase por espaço de um ano tamanho arroído, bramidos e roncos, que a terra dava com grandes tremores, ainda procedido da subversão e fogo do pico que se sumira dantes, que estando todos pasmados e medrosos, sobstentando a vida com muito trabalho, assentaram de se tornar para o Regno, mas por falta de embarcação o não fizeram, por ser já tornado o navio em que haviam vindo. E porque neste princípio há vários pareceres e contam diversas coisas, di-los-ei aqui todos, para que cada um tome e escolha deles o que mais lhe quadrar e parecer mais verdadeiro.

Uns dizem que os primeiros habitadores que neste navio vieram e desembarcaram nesta ilha foram Jorge Velho e sua mulher Africãnes, Pero de Sam Miguel e sua mulher Aldonça Roiz, João de Rodes e João de Arraiolos, que outros dizem de Araújo, todos naturais de África, criados do infante D. Henrique, por quem ele mandava fazer experiências da terra, os quais se diz que foram os que fizeram primeiramente justiça na ilha, e enforcaram um homem na dita Povoação em uma árvore e, depois de morto, lhe tiraram a inquirição das culpas, como dizem

que se faz às vezes em Castela, e, porque alegava defesa, responderam: — "julgar-te, enforcar-te e depois tirar-te inquiriçone".

E de tal doctrina não podia deixar de ficar em bom foro a terra, porque, se a seguira, enforcando logo os malfeitores e ladrões que acham com o furto nas mãos, não andariam agora muitos nela a furtar-lhe o fato, sem haver um castigo. Parece que, como toda a coisa violenta não é perpétua, foi tão violenta neste princípio, nesta terra, a justiça, que não pôde nela durar muito. Outros contam que logo depois de achada esta ilha de S. Miguel e antes de ser habitada, sendo já povoada a ilha de Santa Maria havia alguns anos, se afeiçoou nela um homem com uma mulher casada e lhe matou o marido; pelo que se pôs a monte com a mulher e deu conta disso a um seu amigo, pedindo-lhe favor e ajuda para escapar das mãos da justiça e concedendo-lho o amigo, ordenou de tomar uma noite um barco, como tomou, em o qual embarcando ambos e a mulher com eles, e partindo para esta ilha de S. Miguel, que de lá viam, ou tinham ouvido que se via, tomaram a Povoação, que é o mais perto e direito caminho que tinham. Não se tardou muito tempo que o infante D. Henrique mandou gente para povoarem a ilha, a qual veio surgir no mesmo porto da Povoação, onde acharam rasto e sinal de gente na areia e na terra, de que se muito maravilharam; mas eles não apareciam senão a fazer-lhes alguns saltos no fato e mantimentos que tinham, não ousando aparecer pelo mal que era feito; porque dizem que este amigo deste homem, que trouxera a mulher, se namorou dela, e, sentido pelo outro, o matou, de maneira que por amor dela matou dois homens; e, pelas ofensas e saltos que ele fazia, lhe armaram laços e buscaram todos os meios que puderam inventar para o tomar, como tomaram. Outros dizem que a mulher, enfadada de andar com ele nestes trabalhos em terra erma, o deixou e se veio para a gente, ou que foram ambos tomados, sem se saber a certeza, mas dizem que ela descobriu todo o caso como passava, pelo que o enforcaram sem mais processo de justiça.

Outros dizem que dez ou doze homens casados vieram com suas mulheres e filhos e fizeram assento na Povoação Velha. E porque vinha em sua companhia um homem solteiro, que não queria ir trabalhar nem montear com eles, mas ficava sempre nas pousadas, que eram cabanas de palha, ou feno, ou rama, temendo-se dele por ficar só com suas mulheres, ordenaram entre todos buscar modo com que o punissem, para se verem livres do arreceio que dele tinham, e fizeram entre si juiz, escrivão e alcaide, e dizendo que ele lhe fazia adultério, foi sentenciado que o enforcassem, como logo foi enforcado em uma árvore, pelo que o infante D. Pedro, Regente então do Regno, os mandava ir emprazados para os castigar, se não foram os infantes, e principalmente o Infante D. Henrique, que, por povoar esta sua terra, falou ao Infante D. Pedro, seu irmão, que lhe perdoasse e alcançou dele perdão para eles.

Outros contam que, alguns anos depois da ilha de Santa Maria ser povoada, se namorou um mancebo de uma moça, filha de um homem principal da terra, e como ambos não pudessem gozar de seus amores, como desejavam, determinou o mancebo de a furtar e levá-la fora da ilha, para o que descobriu seu intento a um amigo seu, por cujo conselho tirou a moça de casa de seu pai e com ela se vieram em um pequeno barco a esta ilha, que então não era povoada, posto que havia dias que era descoberta, e se via muitas vezes da ilha de Santa Maria; pelo que parece que vieram estes namorados, enquanto o navio, que a descobriu, era tornado ao Reino, ou depois de ter já o infante mandado lançar muito gado nesta ilha, a cuja costa, chegado o mancebo com sua amiga em aquela pequena embarcação, foram desembarcar em um porto, que agora se chama a Povoação Velha e, metendo-se pela ilha dentro, fizeram antre o espesso arvoredo umas pequenas choupanas em que viviam. Passados alguns meses, vieram o mancebo e o companheiro a pelejar sobre a moça, em tanto que um matou ao outro. E neste tempo chegou ao mesmo porto um navio do Regno, com gente que mandava o infante para povoar a ilha; os quais, vendo a planura da terra e uma grande e formosa ribeira, que neste porto entra no mar, fizeram ao longo dela casas cobertas de palha, que na primeira noite foram logo queimadas pelo homem que nela andava, por cuja causa e por outras suspeitas e receios que dele tinham os novos povoadores, o prenderam em um cepo que lhe armaram e o enforcaram em uma de muitas árvores que ali havia. E considerando depois que tinham nisso mal feito, assentaram de fazer dele autos e tirar devassa, em que todos testemunharam; e, depois de tirada, saíram com um despacho sem apelação, como dizem que fez João do Monte a Belchior Martins, na Alagoa.

Dizem que estes mesmos desta primeira povoação foram os primeiros que nesta ilha semearam trigo, e os campos em que foi semeado eram tão abundantes e fértiles, que o trigo não dava espiga, mas fazia uma cana grossa, coberta de grandes e largas folhas, como dizem

acontecer no Brasil, o que vendo eles, escreveram ao infante que a terra não era para povoar, pois não dava trigo, e era muito estreita, com somente um lombo de serrania, e lhes desse licença para se irem, posto que dava em muita abundância muitos legumes, como chícharos, lentilhas, favas e ervilhas, e o gado multiplicava em grande maneira, porque, do pouco que Sua Alteza mandara lançar na ilha, estava quase toda povoada. Ao que respondeu o infante que abastava dar os legumes que diziam e multiplicar tanta cópia de gado, como afirmavam, para se povoar, quanto mais, se naquela parte não dava trigo pela fertilidade do lugar, que o daria em outra; a qual razão se mostrou dali a poucos anos ser verdadeira, porque, discorrendo estes novos povoadores pela costa desta mesma ilha em um batel, vieram ter a uma pequena praia que tinha ao mar um ilhéu defronte, não muito apartado dela, onde desembarcaram. E olhando bem a terra, em um largo e espaçoso campo que tem, determinaram de o cultivar, como cultivaram, semeando nele trigo que rendia tanto, que lhe pôs espanto. E a uma vila, que, primeiramente, depois se edificou neste mesmo campo, puseram nome Vila Franca do Campo, por ser nele edificada. De maneira que o homem que veio da ilha de Santa Maria foi o primeiro povoador desta ilha e o primeiro que edificou casa nela, e os que depois vieram foram os segundos povoadores, com os quais ficou a mulher, que veio furtada da ilha de Santa Maria, ou fosse solteira ou casada. E posto que a Povoação, que agora chamam Velha, não desse trigo naqueles primeiros anos que o semearam, depois o deu em grande abundância e o melhor da ilha, como são todas as coisas que a terra naquela parte dá e frutifica, mais avantajadas em bondade e melhores de toda ela.

Outros afirmam que depois de descoberta esta ilha de S. Miguel e deitado gado nela (e não podia haver muito tempo que era achada, porque, segundo dizem, os carneiros que deitaram na Alagoa, ali os acharam juntos com alguma multiplicação, sem serem ainda espalhados pela ilha, pelo que se chamou aquele lugar Porto dos Carneiros), veio um Gonçalo Vaz, o Grande, que depois foi ouvidor do Capitão, nesta ilha, a povoá-la por mandado do infante, de cuja casa era, e achou estes carneiros juntos, descobrindo a costa. E dizem que este Gonçalo Vaz (pai de Gonçalo Vaz, o moço, e de Nuno Gonçalves, que depois se chamou de Rosto de Cão, que foi o primeiro homem que aqui nasceu, nesta ilha, e pai de João Gonçalves e de Francisco Gonçalves) foi o primeiro que fez a Povoação Velha; e vinham em sua companhia Afonso Anes do Penedo e Rodrigo Afonso, Afonso Anes o Colombreiro, Vasco Pereira, João Afonso d'Abelheira, Pedro Afonso, João Pires, Gonçalo de Teves, almoxarife, e Pero Cordeiro, seu irmão, escrivão do almoxarifado e tabelião público em todas estas ilhas dos Açores, achadas e por achar ([22]), e os naturais de África, que já disse, e outros a que não soube o nome, todos gente nobre da casa do infante D. Henrique. E desembarcando em terra, além da ribeira da Povoação, que vai da banda do oriente, junto donde agora está uma ermida de Santa Bárbara, e apartando-se as mulheres por antre o feno, que ali havia muito comprido, a mulher de Gonçalo Vaz, o Grande, com grande sobressalto e medo que houve, achou antre ele um homem morto, e gritando e chamando o marido e mais companhia, acudiram logo todos e pasmaram de ver homem morto em terra erma; e, postos em confusão, deitavam diversos juízos, cuidando e temendo que houvesse algum gentio nesta ilha, pela qual razão se vigiavam, até que veio o homem que o matou ter com eles e descobriu a verdade, e eles, havendo dó dele, o deixaram andar em sua companhia, sem lhe fazer algum mal; mas a mulher, sua amiga, não ousando aparecer de vergonhosa, se foi por um escalvado até uma ribeira da banda norte, onde depois a foram achar uns homens, que pelo mesmo caminho a buscaram, e achando-a muito disforme, negra e descorada, por lhe faltarem os mantimentos, e não comer senão alguma fruta da serra, que chamam romania, e por outro nome uvas de serra, de que em toda a parte desta ilha há muita quantidade, e lapas, junto do mar, ou algum outro marisco, à ribeira lhe puseram nome a ribeira da Mulher, como hoje em dia se chama. E o homem homicida, indo eles a montear dentro, pelo mato, roubava-lhes as cafuas de palha e feno, que tinham feitas, queimando-lhes algumas e furtando-lhes coisas de comer e algum fato, sem o poderem depois haver à mão, porque se escondia e embrenhava naquele espesso e alto mato, que toda a terra cobria; pelo que, usando de manha, se embarcaram em um batel e indo ao longo da costa, como que a iam descobrir, deixaram suas espias na terra, o que vendo o matador se foi às cafuas, onde o tomaram as espias, e, por não haver cadeia onde o ter preso, consultaram todos juntos antre si que pela inquietação que lhe dava e os furtos que fazia, e pela morte do homem que matara, o enforcassem e assim o fizeram, porque o enforcaram logo, sem mais forma nem figura de juízo, em um zimbro, que estava ali grande em uma quebrada de terra, como baixa rocha, junto de outra ribeira mais pequena, que está para o ocidente, antre a qual e outra grande está a Povoação Velha, ainda que alguns dizem que foi a forca uma faia. E os mouriscos de África, que o Infante de sua casa mandara em companhia de

Gonçalo Vaz, o Grande, que também era de casa do Infante, e por seu mandado vieram povoar esta ilha, diziam naquele auto da justiça: — "forcarte, forcarte e depois tirarte inquiriçone". E assim foi a obra, como eles, diziam, por palavra, que, depois de enforcado o paciente, fizeram autos de suas culpas e os mandaram ao Infante, que houve por bem feito e aprovou sua morte. E alguns querem dizer que estranhou o Regente este feito e os mandava ir presos, mas por rogos do Infante D. Henrique, seu irmão, lhe perdoou, por lhe dizer que tinha necessidade deles para povoarem a ilha, além de fazerem justiça no que fizeram, ainda que não guardaram a ordem que se nela devera ter. Outros contam isso por outro modo (como acontece uma mesma coisa, vista ou ouvida de muitos, contar-se por muitas e diferentes maneiras), dizendo que veio Gonçalo Vaz, o Grande, por mandado do infante povoar esta ilha de S. Miguel, e saindo alguns na Povoação em terra, com suas mulheres, acharam entre o feno um homem morto, e como o acharam, temeram e tornaram-se a recolher aos navios. Ao outro dia tornaram a desembarcar com suas armas, a descobrir a terra e saber se era povoada de gente, e de que gentio seria, com a qual determinação, correndo todas as veredas e lugares, por onde lhes parecia que se podia servir a gente, havendo-a na terra, não acharam mais que três rastos, dois grandes e um pequeno, que eram dos dois homens e da mulher; e assim estiveram três ou quatro dias suspensos, sem verem pessoa alguma, mas, contudo, se vigiavam sempre e dormiam nos navios; e a cabo de quatro dias lhe saiu a eles um homem, que, tomado e posto a tormento, confessou que aquele homem que ali estava morto, ele o matara por gozar de sua amiga, que o mesmo morto trouxera da ilha de Santa Maria, em cuja companhia ele viera; e acabando de fazer esta confissão, Gonçalo Vaz, o Grande, o mandou enforcar em uma árvore de ginja, que ali estava. E mandou depois vir o marido da mulher da ilha de Santa Maria, que está dezassete léguas desta de S. Miguel, de porto a porto, e lha entregou, reconciliando-a com ele e fazendo-os amigos.

Contam mais que semeara Gonçalo Vaz, o Grande, e os que com ele vieram o primeiro ano, trigo na Povoação Velha e deu-lhe bom trigo e muito; e semeando o segundo ano no mesmo lugar, por Nosso Senhor não ser servido de habitarem ali, lhe não deu senão joio e aveia. E daí, indo correndo a costa para o ponente, foram dar no ilhéu de Vila Franca, e, ali, defronte, saíram em terra e habitaram, a qual, semeando e cultivando, lhe respondeu com muitas e abundantes novidades. E de Vila Franca vinham correndo a costa em barcos, e saindo na Ponta Delgada, cinco léguas de Vila Franca, na ponta de Santa Clara, iam a montear, e, entrando pela terra dentro um tiro de besta, e tiro e meio, sem poder mais entrar nela, pelo mato ser muito maninho e espesso, estavam dois dias e três, em que carregavam de porcos monteses, com que se tornavam para suas casas bem providos.

Desta maneira contam diversos coisas diversas, mas os mais dizem que houve duas povoações, e na primeira vieram os naturais de África, já nomeados, logo quando o infante mandou deitar gado nesta ilha, não tanto para a povoar, como para experimentar a terra, como está dito; os quais dizem ser lá cavaleiros, que lá chamam fidalgos, que trouxera o infante D. Henrique de África, quando lá passara, e um deles, de que ele mais confiava, fez regente dos outros, dando-lhe poder que os governasse e estivessem todos à sua obediência. E achando-se este homem, atrás dito, de que se suspeitava mal, perguntou o regente mourisco aos outros que pena merecia quem fazia adultério. E disseram-lhe que El-Rei mandava dar morte de forca, o qual ele ouvindo, o mandou enforcar sem mais autos, nem inquirições, nem cerimónias. E na segunda povoação veio Gonçalo Vaz, o Grande, homem muito honrado e principal dos da casa do infante D. Henrique, e os mais, já ditos, em sua companhia, também homens principais e honrados, deles de casa do infante (sic), e outros naturais do Algarve, que o dito infante mandaria para povoarem esta ilha. E deles e dos outros que primeiro vieram se começou a fazer a povoação dela, que depois se multiplicou e estendeu por ela com nobre geração, afora outros homens, também fidalgos e honrados, que, depois, de outras partes a ela vieram, uns solteiros e outros casados, com seus filhos e filhas, como adiante direi. E parece que este Gonçalo Vaz, o Grande, com seus companheiros já ditos, veio na era de mil e quatrocentos e quarenta e nove anos, pelo que, no capítulo primeiro do Livro Segundo da Primeira Década da sua "Ásia", diz o docto ([23]), e curioso João de Barros que em algumas lembranças do Tombo e livros da Fazenda de el-Rei D. Afonso, o quinto do nome, somente achou que no ano de mil e quatrocentos e quarenta e nove deu el-Rei licença ao infante D. Henrique que pudesse mandar povoar as ilhas dos Açores, as quais já naquele tempo eram descobertas e nelas lançado algum gado, por mandado do mesmo infante, por um Gonçalo Velho, comendador de Almourol, junto da vila de Tancos; ou, se não veio Gonçalo Vaz neste ano, em que el-Rei D. Afonso deu esta licença, que foi o primeiro de seu reinado, sendo ele de

dezassete anos, depois de sair da tutoria e tomar posse do governo dele, vieram logo no seguinte, ou não tardou muito, porque para isso se dava licença, para logo se pôr em efeito a povoação delas, de que o infante D. Henrique era muito curioso e cuidadoso, por gozar mais cedo do fruto dos trabalhos de seu descobrimento.

CAPÍTULO III ([24])

DOS DOIS CAPITÃES PRIMEIROS QUE FORAM DAS DUAS ILHAS DE SANTA MARIA E DE SÃO MIGUEL, E DA PROGÉNIA DOS VELHOS, DONDE ELES DESCENDEM, E OS DESTAS DUAS ILHAS QUE DELES PROCEDEM

Como diz o docto João de Barros, muito aproveita a lição da história para virem os cursados nela a grande estado de honra e acrescentamento de fazenda; como Marco Túlio, que uma das coisas que o pôs em a dignidade consular, que era a maior que naquele tempo havia, foi ter grande conhecimento das linhagens, famílias, das propriedades e de outros negócios públicos do povo romano, sem as quais coisas, o seu orar fora edifício sem fundamento, telhado sem paredes, folha sem tronco, rama sem raiz, polpa sem ossos, carne sem nervos e música sem compasso. Pelo que direi aqui a progénia dos antigos descobridores e povoadores desta ilha, começando na geração e apelidos dos Velhos, donde descende o primeiro Capitão dela, Frei Gonçalo Velho, comendador de Almourol, que no princípio a descobriu e povoou com os mais que depois a ela vieram.

Os parentescos nesta ilha (como as árvores dela estavam no princípio travadas com seus ramos) estão liados uns com outros que, se foram mais frescos e não foram discorrendo e saindo já do quarto grau por diante, escassamente se pudera contrair matrimónio entre pessoas nobres, e principalmente o da progénia dos Velhos, que é o apelido do primeiro Capitão, que a veio descobrir e povoar. Para algum entendimento do qual, se há-de notar que houve em Portugal um fidalgo, Martim Gonçalves de Travassos, casado com uma fidalga chamada D. Catarina Dias de Melo, que tiveram dois filhos, um chamado Nuno Martins de Travassos, tão abalizado fidalgo do Reino e de tanta valia que teve por seu pagem a um Fernão Roiz Pereira, que, depois, deu por parente aos Pereiras, e veio a ser amo da duquesa infanta D. Breatiz, mãe d'el-Rei D. Manuel, e criou os infantes, seus filhos. E outro fidalgo, Fernão Velho, casado com outra fidalga, chamada D. Maria Álvares Cabral, filha do senhor de Belmonte, que houveram os filhos seguintes: sc., o primeiro, Gonçalo Velho Cabral, chamado o famoso Comendador do Castelo de Almourol e senhor das Pias e Bezalga e Cardiga, e Capitão e Comendador desta ilha de S. Miguel e da de Santa Maria; o segundo, Álvaro Velho, a quem não soube a descendência, por ficar em Portugal; a terceira, D. Tareja Velha, que casou com um Fuão Soares, de que nasceu João Soares de Albergaria, que depois foi segundo Capitão destas ilhas de S. Miguel e Santa Maria, por lhas deixar o dito seu tio, Gonçalo Velho; a quarta filha de Fernão Velho e de D. Maria Álvares Cabral se chamou D. Violante Cabral; a quinta, D. Leonor Velha, e não sei se tiveram mais filhos.

D. Violante Cabral casou com Diogo Gonçalves de Travassos, filho de Martim Gonçalves de Travassos e de sua mulher D. Catarina Dias de Melo. Dantre o dito Diogo Gonçalves de Travassos e D. Violante Cabral nasceram os filhos seguintes, sc., Rui Velho de Melo, em quem Gonçalo Velho pôs a comenda do castelo de Almourol e senhoria das Pias e Bezalga e Cardiga. Este Rui Velho foi estribeiro-mor de el-Rei D. João, segundo do nome, e houve um filho natural e uma filha: o filho, chamado Simão Velho, viveu em Tomar e foi à Índia, donde veio muito rico; a filha havia nome Violante Velha e foi casada com um Francisco Botelho, de que houve nobres filhos. Por morte de Rui Velho, que não casou, houve estas comendas D. Nuno Manuel e, depois, o conde do Redondo.

Tiveram mais os ditos Diogo Gonçalves de Travassos e D. Violante Cabral estes filhos: Pero Velho, Nuno Velho, D. Caterina Velha Cabral, D. Leanor Velha Cabral.

Pedro Velho de Travassos e Nuno Velho vieram para estas ilhas com seu tio Gonçalo Velho, e nelas casaram, como adiante direi.

D. Caterina Velha Cabral casou com um fidalgo, a quem não soube o nome, de que houve a D. Caterina, que casou com um Martim da Silveira, do qual houve a Manuel da Silveira, senhor da Terena, e Diogo da Silveira, capitão-mor que foi do mar da Índia, e a mulher de Nuno da Cunha, que foi Viso-Rei da Índia, e não sei se teve mais filhos.

D. Lianor Cabral casou com outro fidalgo, cujo nome não soube; dentre eles nasceu uma filha, por nome D. Cecília, que casou com Francisco Miranda, de que nasceram Diogo de Miranda e Pero de Miranda, dayão ([25]) da Sé de Évora.

Diogo Gonçalves de Travassos, como fica dito, filho de Martim Gonçalves de Travassos e de D. Catarina Dias de Melo, foi veador do infante D. Pedro, Regente do Reino, e seu escrivão da puridade e aio e padrinho dos filhos do dito infante, e foi do conselho d'el-Rei D. Afonso, quinto do nome. Jaz sepultado no mosteiro da Batalha, à porta da capela de el-Rei D. João, de Boa Memória, primeiro do nome, e dos infantes, seus filhos, da banda de fora, e tem sobre a cova uma campa com uma grande letra D, que quer dizer o seu nome, Diogo, a qual letra lhe mandou pôr el-Rei, por ser muito privado seu, tanto que, adoecendo ele à morte, o foi visitar a sua casa o mesmo Rei em pessoa. Era homem grande de corpo, bem disposto, gentil-homem, muito valente e forçoso, com as quais partes tinha bem servido a el-Rei nas guerras contra Castela e fora por seu mandado com o infante D. Pedro na tomada de Ceuta, onde foi armado cavaleiro pelo dito infante, pelo que era muito favorecido dos Príncipes.

Era Gonçalo Velho, o famoso comendador de Almourol e primeiro Capitão que foi da ilha de Santa Maria e desta de S. Miguel, também tão valente de sua pessoa, que mandando el-Rei D. João correr touros em Évora, mandou ele fazer um cadafalso para levar a vê-los umas sobrinhas suas, sc., D. Cecília e D. Catarina, e outras parentas. Estando já o corro ([26]) cerrado, entrou ele com as sobrinhas, e passando com elas e dois pagens, que iam diante dele para o cadafalso, havia um touro muito poderoso e afamado de bravo, que estava para se correr, o qual disse el-Rei que deitassem no corro a Gonçalo Velho, que passava com suas sobrinhas, conhecendo dele sua valentia, de que tinha muitas experiências; tanto que o touro foi no corro e o vira (?) ir, arremeteu a ele, recolheu com o braço esquerdo para trás ([27]) os pagens junto das sobrinhas, vindo o touro já mui perto para o levar nos cornos, e fazendo o que é de sua natureza, que é abaixar a cabeça e sarrar ([28]) os olhos, arrancou ele de um terçado que levava na cinta, e lhe deu com ele um golpe no jarzilo, junto dos cornos, no lugar por onde os matam, com que lhe derribou a cabeça, de maneira que caiu o touro no chão, perneando e morrendo; ele alimpou o terçado do sangue no mesmo touro, muito quieto, dizendo: — Os rapazes que vos cá mandaram outro tanto lhe fizera eu, se eles cá vieram. E levou suas sobrinhas ao cadafalso. E João Rodrigues da Câmara, quarto Capitão desta ilha de S. Miguel, contava, (pelo ouvir na corte, onde andava), esta história dele, miudamente.

Sendo este Gonçalo Velho, comendador de Almourol, como era, muito privado e da casa do infante D. Henrique, o que mandou descobrir estas ilhas, tendo uma vez brigas com uns fidalgos da casa do mestre de Santiago, que foi antes de D. Jorge, filho de el-Rei D. João, (outros dizem que do mesmo D. Jorge, o que parece não ser este) sobre qual deles era mor senhor, se o infante D. Henrique, se o dito mestre de Santiago, afrontados eles das palavras que Gonçalo Velho lhe dissera, indo ele para a sua comenda de Almourol, acompanhado de vinte de cavalo, afora outra gente de pé, por se temer deles, foi pousar no caminho em uma pousada, onde, andando de noite, passeando e rezando a véspera e completas por umas Horas, lhe atiraram por um buraco da porta com uma besta e o quadrelo lhe deu e pregou nas Horas por onde rezava, sem lhe fazer nenhum dano. Chamando ele, então, pelos criados, se saiu com eles a cavalo, buscando os contrários pelo campo, sem os poder achar; somente sendo já manhã, viram os sinais das ferraduras e tropel dos cavalos, que se iam recolhendo, por de dia o não ousarem cometer, senão de noite, com espias diante de si, por conhecerem do dito Gonçalo Velho ser tão valente e esforçado de sua pessoa, que não podiam dele de dia tirar o melhor rosto a rosto; e por isso o foram cometer à treição ([29]), de noite. Era Gonçalo Velho de tantas forças, que podia espremer um homem e esmiuçá-lo antre as mãos. E além disto muito animoso, pelo que foi de noite no alcance, buscando a seus contrários, o que de alguns foi taxado e julgado por temeridade, porque fora possível serem tantos seus inimigos ([30]) em cilada, que o puderam tomar aquela noite. Mas o grande esforço, ânimo e valentia, que tinha, o fez cometer, sem estimar nem temer, tal perigo.

E por ser desta qualidade e de tão boas partes, era muito privado do infante D. Henrique e foi enviado por ele a descobrir estas ilhas de Santa Maria e de S. Miguel, que descobriu e foi feito Capitão delas, trazendo consigo aos ditos dois sobrinhos, Pero Velho e Nuno Velho. E

tornando-se para o Regno por não se contentar de viver em terra erma, senão na corte, onde se criara às abas dos Príncipes, os quisera fazer Capitães, um de uma, e outro de outra, mas o Infante acabou com ele que fosse Capitão delas outro seu sobrinho, do mesmo Gonçalo Velho, que andava em casa do dito infante, chamado João Soares de Albergaria, filho de outra sua irmã, do dito Gonçalo Velho, e irmão (sic) ([31]) da dita D. Violante, mulher de Diogo Gonçalves de Travassos, atrás dito. O qual, feito Capitão depois da renunciação de seu tio, que ficou em Portugal, onde faleceu sem ter filhos, se veio morar a estas ilhas, governando-as com muita prudência e diligência, residindo principalmente o mais do tempo na ilha de Santa Maria, por ser mais povoada naquele tempo ([32]). E dos filhos que teve disse já, tratando da ilha de Santa Maria, pelo que agora não direi mais deles, remetendo-me ao que dito tenho. Nem agora tornei a falar neles, senão por haverem sido dos primeiros Capitães desta ilha de S. Miguel, sendo Gonçalo Velho o primeiro, e seu sobrinho João Soares o segundo. Dos sobrinhos do qual Gonçalo Velho, chamados Pero Velho Cabral e Nuno Velho Cabral, procederam os Velhos destas duas ilhas de Santa Maria e S. Miguel, como agora direi, além do que tenho dito deles na história da ilha de Santa Maria, já contada.

Dos dois filhos de Diogo Gonçalves de Travassos e de D. Violante Cabral, sobrinhos do Capitão Gonçalo Velho, que com ele vieram a estas ilhas, que houveram de ser Capitães delas, se o infante o consentira, o Pero Velho, nesta de S. Miguel, fez a ermida de Nossa Senhora dos Remédios da Alagoa e jaz sepultado nela, e viveu ali perto, onde tinha suas terras. Não sei com quem foi casado, mas de sua mulher houve dois filhos, sc., Gonçalo Velho e Estevão de Travassos, e três filhas, sc., a mulher que foi de João Álvares do Olho, e a mulher de João Afonso, o Corcôs (sic) de alcunha, que era também da casta dos Velhos, e a mãe de João Velho Cabral, cujas foram as casas que agora são de Jerónimo Luís ([33]), filho de Sebastião Luís e genro de Aires Lobo.

Gonçalo Velho, filho de Pero Velho, foi casado com uma mulher da geração dos Amados, chamada Catarina Álvares de Benevides, de que houve os filhos seguintes, sc., a mulher de Jorge Nunes Botelho, que chamavam Margarida Travassos, Amador Travassos e Nuno Velho e Francisco Travassos e Lopo Cabral de Melo e Tareja Velha, que casou com um letrado, chamado António Álvares, filho de João Álvares, do Pico que Arde, da Ribeira Grande, a segunda vez com Sebastião Fernandes de Freitas, dos quais não houve filhos.

Amador Travassos, filho de Gonçalo Velho, casou com Maria d'Oliva, em África, onde esteve muitos anos em serviço de el-Rei e de lá a trouxe; da qual houve a Heculiano Cabral, sacerdote, a Afonso d'Oliva e Nuno Travassos e uma filha, que se chama Briolanja Cabral, a qual casou com Pero Castanho, homem de grandes espíritos, e outra filha, chamada Margarida Travassos, que casou com Miguel Fernandes, filho de Sebastião Fernandes de Freitas, e outra filha chamada Roqueza Cabral, que casou com António Correia de Sousa.

Estevão Travassos, filho de Pero Velho, casou com Catarina Gonçalves, filha de Gonçalo Anes e de Catarina Afonso, naturais da cidade do Porto, de que houve filhos: Pero Velho de Melo e João Cabral e Amador Travassos, sacerdote, vigairo que foi em S. Roque, e filhas, Filipa Travassos, mulher de João Cabral, que não houveram filhos. João Cabral casou com uma filha de Vasco Vicente, da vila de Água de Pau, irmã do Padre Manuel Vaz, beneficiado na vila da Ribeira Grande, e houve de seu marido muitos filhos e filhas; e Branca Velha, mulher de Cristovão Roiz, do qual houve alguns filhos e filhas.

Pero Velho de Melo casou em Lagos com uma nobre mulher, a quem não pude saber o nome, de que houve duas filhas, Violante Cabral, mulher de Manuel Roiz, o Saramago de alcunha, e outra que se chama Antónia Travassos, que casou com Manuel Fernandes, filho de João Fernandes, de Santa Clara.

Violante Velha, filha de Pero Velho, sobrinho do primeiro Capitão da ilha de Santa Maria e desta de S. Miguel, chamado Gonçalo Velho, Comendador de Almourol, casou com João Álvares do Olho, de que houve quatro filhos e uma filha, que casou com Pedro da Costa, de Vila Franca do Campo. O primeiro filho, chamado Álvaro Velho, casou com Margarida Álvares, de que houve estes filhos, sc., Gaspar Velho, Baltazar Velho, Sebastião Velho, João Cabral, Violante Velha e Maria Fernandes. O segundo filho, chamado Rui Velho, foi casado com Guiomar de Teves, filha de Pero de Teves, da Calheta, e de Catarina de Meza, filha de um homem a que não soube o nome, da casa de el-Rei de Castela, donde veio fugido a esta ilha no tempo das comunidades ([34]), e casou aqui com Isabel ou Guiomar Franca; e houve o dito Rui Velho, de sua mulher Guiomar de Teves, os filhos seguintes: o primeiro, chamado Pero

Velho, que casou com Lianor Pereira, de que houve quatro filhos e uma filha, ainda de pouca idade. Houve mais Rui Velho uma filha, por nome Violante Velha, que casou com Gomes Gonçalves Morgade, de que houve três filhos e uma filha: um deles, chamado João Velho, casou com uma filha de Manuel Afonso, de que tem um filho e uma filha.

Outro filho de Rui Velho e Guiomar de Teves, chamado Amador Velho, casou em Portugal com Isabel da Costa, de que não tem filhos. Outro filho, chamado Rui Velho, como seu pai, casou com Ana de Aguiar, de quem tem dois filhos de pouca idade. Outro filho de Rui Velho, por nome Sebastião Velho, casou com Briolanja Afonso, filha de Pero Afonso Pereira e de Guiomar Fernandes, da qual tem três filhas e um filho.

Outro filho houve João Álvares do Olho de sua mulher Violante Velha, chamado André Travassos, que casou com Isabel Roiz, de que houve um filho, chamado João Travassos, e uma filha, por nome Violante Velha. O quarto filho de João Álvares do Olho e de Violante Velha, chamado Pero Velho, foi casado com Breatiz Pais, filha de João Pais, cidadão da cidade do Porto, e de sua mulher Clara Gonçalves, o qual Pero Velho houve estes filhos: o primeiro, Salvador Pais, que casou em Portugal; o segundo, Afonso Pais, que faleceu menino; o terceiro, João Pais, ainda solteiro; o quarto, Sebastião Velho, que casou em Gran Canária; o quinto, António Pais, que foi para as Índias de Castela; o sexto, Pero Velho, meirinho das execuções nesta ilha de S. Miguel, que foi preso na cidade de Angra, por ser da parte de el-Rei Filipe, o qual por isso lhe fez mercê do hábito de Santiago, com vinte mil reis de tença. Houve mais Pero Velho, de sua mulher Breatiz Pais, uma filha, chamada, como sua mãe, Breatiz Pais, que casou com Cristovão de Oliveira, filho de Manuel de Oliveira, escudeiro, morador na Ribeirinha, termo da vila da Ribeira Grande, de que não tem filhos.

A mulher de João Afonso Córcos, filha de Pero Velho, chamada Lianor Velha, teve estes filhos, sc., Adão Travassos, que casou com uma mulher da casa de Gaspar de Betancor, por nome Genebra de Sequeira. Teve mais o Córcos duas filhas, sc., a mulher de Gaspar Perdomo, chamada Breatiz Velha, e a de Lourenço Mendes de Vasconcelos, chamada Margarida Cabral, ambos fidalgos, e houveram muitos filhos e filhas. Gaspar Perdomo houve de sua mulher Breatiz Velha estas filhas, sc., D. Francisca, que não casou, e D. Simôa, que casou em Portugal com D. João Pereira, bisneto do conde da Feira. Houve também Gaspar Perdomo três filhos, sc., Ibonel de Betancor, Baltazar de Betancor e Belchior de Betancor, os quais casaram nesta ilha com muito honradas e virtuosas mulheres. Lourenço Mendes teve filhos: Francisco Mendes e Jordão de Vasconcelos, e filhas: D. Francisca e D. Beatriz, que não casaram.

João Velho Cabral, filho de uma filha ([35]) de Pero Velho de Travassos, que fez a ermida de Nossa Senhora dos Remédios, teve de sua mulher D. Isabel Ferreira estes filhos, sc., o licenciado Sebastião Velho Cabral, que foi juiz de fora em Almôdovar, uma vila de Portugal, no campo de Ourique, e depois faleceu no Cabo Verde com sua mulher Maria de Paiva, de que ficaram um filho e duas filhas, a mais velha, chamada Helena Cabral, casou com Gonçalo Bezerra, filho do mestre João e de Grismonda Tavares, na vila da Ribeira Grande, e a outra, Francisca Cabral, está solteira; e o filho se chama Manuel Cabral, que, como mancebo de bons espritos ([36]), se foi desta ilha a buscar alguma ventura. Teve mais o dito João Velho Cabral, da dita sua mulher, outros dois filhos, chamados João Velho Cabral e Lopo Cabral, discretos e esforçados cavaleiros, que faleceram na Índia em serviço de el-Rei. Teve também João Velho Cabral duas filhas, uma chamada Branca Velha, que casou com Duarte de Mendonça, homem fidalgo e alferes da bandeira da cidade da Ponta Delgada, de que não houve filhos, senão uma filha, que faleceu menina. E casou o dito Duarte de Mendonça segunda vez com Maria de Medeiros, neta de Rafael de Medeiros e de sua mulher D. Maria. Dizem que casou João Velho Cabral, segunda vez, com Breatiz Álvares, filha de João Álvares do Olho e de sua segunda mulher, também chamada Breatiz Alvares, de que houve um filho, chamado Nuno Cabral, que faleceu solteiro e foi morto por franceses na caravela de Francisco de Mares ([37]) e duas filhas, uma por nome Brianda Cabral, que casou com um filho do licenciado António Tavares, chamado Jordão da Silva, alferes da bandeira do capitão, seu irmão, Gonçalo Tavares, na mesma cidade, de que tem muitos filhos e filhas, e outra, ainda solteira, chamada Francisca Cabral.

Lopo Cabral de Melo, filho de Gonçalo Velho, casou com uma filha de Diogo Vaz, cavaleiro, e de sua mulher, Constança Afonso, filha de Afonseãnes, da Maia, de que houve filhos: Fr. Jerónimo de Melo, da ordem de S. Domingos, que por sua muita virtude e letras foi prior, primeiro em Coimbra e depois em Aveiro e Elvas, e depois em Benfica, e foi em capítulos

gerais, três ou quatro vezes, um dos definidores; e, uma vez, se afirma que o quiseram fazer ou geral ou provincial, e ele se escusou por querer antes estar recolhido e quieto em sua cela; e outro, Diogo Cabral de Melo, que é nas Índias de Castela; e Manuel Cabral que casou com Maria da Costa, filha de João Roiz Camelo; e Teodósio Cabral, que casou com Catarina de Vasconcelos, filha de Gonçalo Mourato e de Catarina de Oliveira. E houve o dito Lopo Cabral de Melo, também da primeira mulher, uma filha, chamada Isabel Cabral, que casou com Manuel Lopes de Sousa, filho de Sebastião Afonso de Sousa, capitão duma bandeira daquela banda da Bretanha, e de sua mulher Isabel de Oliveira; e outra filha, religiosa, chamada Roqueza Cabral, e agora Roqueza das Chagas, que é freira no mosteiro de Jesus na vila da Ribeira Grande. Depois casou Lopo Cabral de Melo com D. Filipa de Melo, filha de Manuel de Melo e de Antónia de Bulhão, natural de Alcácer do Sal, irmã de João de Melo, genro de Francisco d'Arruda da Costa, da qual tem filhos: Manuel de Melo, que casou na vila da Ribeira Grande com Ana da Ponte, filha de André Lopes e de Margarida da Ponte, e Jerónimo de Melo, e Cristovão de Melo, e uma filha que faleceu.

Tinha mais Gonçalo Velho, pai de Lopo Cabral de Melo, de sua mulher Catarina Alvres de Benevides, um filho por nome Nuno Velho, que casou no Algarve, em Alvor, com Inez de Oliveira, filha de Rui de Oliveira, cavaleiro do hábito de Santiago e de Maria Vaz, sua mulher, o qual Nuno Velho teve um filho, chamado Amador Travassos, que é clérigo e prior do Sovoral (sic), termo da vila de Mortágoa. Teve Nuno Velho mais uma filha, chamada Catarina Cabral de Melo, que casou no Algarve com António Portela, moço da câmara de el-Rei, de que teve filhos e filhas. Houve Nuno Velho, de sua mulher Inez de Oliveira, outra filha por nome Margarida Cabral, que faleceu solteira e foi dama da Condessa, mulher do conde de Lyra, sobrinho de el-Rei. Teve mais Gonçalo Velho, pai de Lopo Cabral de Melo, uma filha, chamada Breatiz Velha, que foi casada com Afonseãnes Colombreiro, de que houve uma filha, chamada Breatiz Velha, como a mãe; era meia irmã do padre João Soares da Costa; a qual casou com Fernão Pires Quental, de que houve uma filha, do nome de sua mãe.

O segundo filho de Diogo Gonçalves de Travassos e de D. Violante Cabral, sobrinho de Gonçalo Velho, primeiro Capitão destas ilhas de Santa Maria e de S. Miguel, chamado Nuno Velho de Travassos, casou aqui a primeira vez com Isabel Afonso, de que houve um filho, chamado Diogo Velho, que casou no lugar da Relva, avô de Manuel da Fonseca Falcão; e Isabel Nunes Velha, mulher de Fernão Vaz Pacheco, e Guiomar Nunes Velha, mulher de André Lopes Lobo, da casa do duque de Bragança, os quais moraram todos nesta ilha de S. Miguel. Casou o dito Nuno Velho, segunda vez, na ilha de Santa Maria, com Africañes, viúva, mulher que fora de Jorge Velho, da qual houve o primeiro filho, chamado Duarte Nunes Velho, cavaleiro do hábito de Santiago, que morou, em Malbusca, da dita ilha, e Grimaneza Afonso de Melo que casou com Lourenço Anes, da Ilha Terceira, nobre e poderoso, do qual houve um filho, chamado Sebastião Nunes Velho, pai de Inês Nunes Velha, mãe de D. Luís de Figueiredo de Lemos, dantes dayão da Sé de Angra e agora benemérito bispo do Funchal, como tenho dito, quando tratei da ilha de Santa Maria; e outros filhos ([38]).

Outros dizem que primeiro houve Nuno Velho estes filhos de Africañes, já viúva, e depois casou nesta ilha de S. Miguel o dito Nuno Velho e houve os filhos acima ditos; e de sua mulher que, ou antes ou depois foi casada, ou casou com Antão Pacheco de que houve um filho, chamado Antão Pacheco, pai de Pero Pacheco, genro de Jorge Nunes Botelho. E esta mulher de Nuno Velho e de Antão Pacheco, ou de algum destes dois maridos, ou de outro terceiro marido, se foi casada terceira vez, houve uma filha, mulher que foi de Afonso Roiz Cabea, que teve as rendas destas ilhas alguns anos ([39]). Mas o mais certo é que ([40]) este Nuno Velho casou primeira vez nesta ilha com Isabel Afonso, mulher nobre, não sei cuja filha, da qual houve duas filhas, a primeira Guiomar Nunes Velha, que casou com André Lopes Lobo, da casa do duque de Bragança, pai de Aires Lobo. A segunda filha de Nuno Velho e de Isabel Afonso, chamada Isabel Nunes Velha, casou com Fernão Vaz Pacheco, do qual houve quatro filhas e um filho. A primeira filha, Guiomar Pacheca, casou com Heitor Barbosa da Silva, filho de Sebastião Barbosa da Silva, da qual houve três filhos e duas filhas: o primeiro Nuno Barbosa, o segundo Pero Barbosa, o terceiro Henrique Barbosa, o Valente, que faleceu na Índia; a primeira filha Filipa da Silva, a segunda Maria Pacheca, que ambas faleceram solteiras. A segunda filha de Fernão Vaz Pacheco e de Isabel Nunes Velha, chamada Maria Pacheca, casou com Estevão Álvares de Rezende, filho de Pedralvres das Cortes, da Fajã, de que houve filhos e filhas, como já disse. A terceira filha de Fernão Vaz Pacheco e de Isabel Nunes Velha, chamada Briolanja Cabral, casou com Melchior Dias, morador na Ribeira Chã, junto de Água de Pau, de que houve filhos e filhas. A quarta filha de Fernão Vaz Pacheco e de Isabel Nunes

Velha, chamada Catarina Velha, casou com Jorge Furtado, de que houve um filho, Leonardo de Sousa, e uma filha, Maria de Crasto (sic), freira no mosteiro de Santo André, de Vila Franca. Casou Jorge Furtado, a segunda vez, com D. Guiomar Camela, filha de Gaspar Camelo Pereira e de D. Breatiz Jorge, filha de Pero Jorge, de que houve dois filhos: Martim de Sousa, grande cavaleiro, e Jorge Furtado de Sousa, cónego da Sé da cidade do Funchal, da ilha da Madeira, ainda solteiros ([41]), ambos discretos como seu pai, e de grandes espíritos; e duas filhas: D. Ana e D. Isabel. D. Ana casou com Braz Neto Darès ([42]), filho do licenciado Gonçalo Nunes Darès (sic), contador e juiz do mar que foi na cidade de Ponta Delgada; e D. Isabel é ainda solteira ([43]), como direi na geração dos Furtados.

Duarte Nunes Velho, filho primeiro de Nuno Velho de Travassos e de Africañes, casou a primeira vez em Portugal com uma nobre mulher ([44]), chamada Isabel Fernandes, de que houve filhos: João Nunes Velho, que casou na vila da Ribeira Grande, desta ilha de S. Miguel com Maria da Câmara, irmã de Guiomar da Câmara, filhas ambas de Antão Roiz da Câmara, de que houve filhos: João Nunes Velho, que foi vigário e ouvidor na ilha de Santa Maria, e Tomé da Câmara, cavaleiro fidalgo da casa de el-Rei, e Manuel da Câmara, mestre em artes e bacharel formado em teologia, que agora é prior de S. Pedro de Alenquer, e outros filhos que faleceram na Índia, em serviço de el-Rei; e uma filha, chamada D. Dorotéa, que agora é Capitoa da ilha de Santa Maria, casada com Brás Soares de Sousa, quinto Capitão dela. Houve mais Duarte Nunes Velho de sua mulher o segundo filho, chamado Jordão Nunes Velho, que foi casado e morador na dita ilha de Santa Maria, e Nuno Fernandes Velho, de muita nobreza e virtude, que agora mora na fazenda de Malbusca, que herdou com o morgado de seu pai e tem uma filha, chamada D. Maria, que foi Capitoa da dita ilha, mulher do Capitão João Soares, terceiro do nome, e outros filhos que já disse, quando tratei da mesma ilha. Teve Duarte Nunes Velho outros filhos, filhas e netos, muito nobres e honrados.

O segundo filho de Nuno Velho de Travassos, chamado Diogo Velho, foi casado com Maria Falcôa, de nobre geração, de que houve duas filhas, uma chamada Francisca Velha, que casou com Pero Gonçalves Ferreira, de que houve filhos, um por nome João Velho, que faleceu na ilha de Santiago, do Cabo-Verde, e outro, Manuel Ferreira, que faleceu e está enterrado na igreja de Nossa Senhora das Neves, do lugar da Relva, e Diogo Velho, que casou com uma filha de Sebastião Gonçalves, e Lianor Velha que casou com Diogo Gonçalves. A segunda filha de Diogo Velho e da dita Maria Falcôa, chamada Constança Falcôa, casou com Francisco da Fonseca, filho de António Lopes, do lugar da Relva, segundo marido de Maria Falcôa, de que houve um filho por nome Manuel da Fonseca Falcão, escrivão da cidade da Ponta Delgada, que casou com Maria de Paiva, filha de Belchior de Paiva, da qual não houve filhos, e depois com uma filha de Miguel Serrão. Teve mais Francisco Lopes da Fonseca, de sua mulher Constança Falcôa, outro filho, chamado António Lopes da Fonseca, que casou com Briolanja Ferreira, filha de Gonçalo Pires e Briolanja Gil, de que tem filhos; e outro filho, por nome Rui da Fonseca, casado com Guiomar Ferreira, filha de António Afonso, cavaleiro, e de sua mulher Antónia Ferreira, de que tem filhos; houve mais a dita Constança Falcôa, de seu marido Francisco da Fonseca, duas filhas casadas, uma chamada Lianor Velha, com João Gonçalves, o Cavaleiro, morador no lugar da Relva, de que tem filhos e filhas, e outra, por nome Maria Falcôa, casou em Vila Franca com Vicente Fernandes, de que tem filhos e filhas. E casou Maria Falcôa segunda vez com o dito António Lopes Rebelo, primo segundo de Simão Roiz Rebelo, de que houve estes filhos: o primeiro, chamado Rui Lopes Rebelo, que faleceu solteiro na cidade de Lisboa; o segundo, Manuel Lopes Rebelo, que casou em Vila Franca com Clara da Fonseca, filha de Jorge da Mota e de sua mulher Bartoleza da Costa, de que houve um filho, por nome Manuel Botelho, que casou na vila da Ribeira Grande com Maria Correia, filha de Sebastião Jorge Formigo e de Joana Tavares, de que tem filhos e filhas; houve mais Manuel Lopes uma filha, chamada Maria de São Bento, freira no mosteiro de Santo André em Vila Franca. Outra filha de António Lopes, chamada D. Isabel Fernandes, casou primeira vez com Manuel Deloguarde Varajão, escrivão que foi na mesma cidade, e segunda vez com Gaspar de Betancor de Sá e de nenhum houve filhos.

Teve também Nuno Velho de Travassos a primeira filha, chamada Isabel Nunes Velha, casada (como atrás tenho dito) com Fernão Vaz Pacheco, de que houve quatro filhas e um filho: a primeira filha, chamada Guiomar Pacheca, foi casada com Heitor Barbosa da Silva, filho de Sebastião Barbosa da Silva, morador na Fajã, perto da cidade, de que houve filhos: Nuno Barbosa, Pero Barbosa e Henrique Barbosa, esforçado cavaleiro na Índia, de quem adiante direi, na geração dos Barbosas. Teve também Isabel Nunes Velha, filha de Nuno Velho, de seu marido Fernão Vaz, outra filha, chamada Maria Pacheca, que casou com Estevão Álvares de

Rezende, do qual houve estes filhos: sc., Fernão Dalvres Cabral, que se foi fora desta ilha e não se sabe dele; outro filho, chamado Manuel Pacheco, que foi à Índia de Castela, sem mais virem dele novas; o terceiro filho, Pedralvres Cabral, que casou com Isabel Bicuda, filha de Vicente Anes Bicudo, e mora na Ribeira Grande, homem de nobre condição e grandes espíritos, que agora é capitão de uma companhia na mesma vila da Ribeira Grande, de que tem alguns filhos. Teve mais a dita Maria Pacheca, de seu marido Estevão Alvres de Rezende, três filhas: a primeira, chamada Lianor de Rezende, que casou com Rafael Coelho, irmão de Gabriel Coelho, de que houve filhos e filhas; a segunda filha é casada com Gonçalo Tavares, filho do licenciado António Tavares, de que tem filhos e filhas; a terceira filha foi casada com Diogo Ferreira, cidadão e natural da cidade do Porto, que mora agora na cidade da Ponta Delgada, de que tem filhos e filhas. Houve mais Isabel Nunes, filha de Nuno Velho *e neta de Álvaro Velho* ([45]) e mulher de Fernão Vaz Pacheco, do dito seu marido, um filho e duas filhas, além das duas já ditas: o filho se chamava Manuel Pacheco, homem de muito preço e boas partes, que morreu na Índia em serviço de el-Rei, e uma filha, chamada Catarina Velha, que foi casada com Jorge Furtado, de que houve um filho, chamado Leonardo de Sousa (como já disse) e uma, freira no mosteiro de Vila Franca, chamada Maria de Cristo; e outra filha se chamava Briolanja Cabral, que foi casada com Belchior Dias, morador que foi em Porto Formoso, do qual houve os filhos seguintes: o primeiro, chamado Fernão Vaz Cabral, casado com uma filha de António Furtado, chamada Maria ou Breatiz ([46]) de Medeiros, de que tem filhos; o segundo, chamado Jerónimo Pacheco de Melo, meio cónego da Sé de Angra. Das filhas, a primeira, chamada Mécia ([47]) Cabral, casou com o licenciado Sebastião Pimentel, homem de muitas letras e virtudes, de que tem filhos; a segunda, chamada Maria Pacheca, casou com Manuel Freitas, filho de Pero de Freitas, morador em Vila Franca, de que teve um filho.

Outra filha segunda de Nuno Velho de Travassos, chamada Guiomar Nunes Velha, foi casada com André Lopes Lobo, fidalgo da casa do Duque de Bragança, o da treição, por cujo respeito veio ter a esta ilha, envergonhado de aparecer no Reino, pelo que seu senhor fizera, e morou nos Fenais da Maia, de que houve filhos: Aires Lobo, pai de Francisco Lobo, escrivão na cidade da Ponta Delgada, que casou com uma filha de Lucas de Sequeira, chamada Bárbara de Sequeira, de que tem um filho, chamado Manuel Lobo, que casou com a filha de João Roiz Cernando, de Rabo de Peixe, e de sua mulher; tem, afora este casado, duas filhas e um filho, a que não sei o nome; e uma filha, Isabel Loba, ainda solteira. E outra filha do dito Aires Lobo, chamada Guiomar Nunes, casou com Jerónimo Luís, homem de muita nobreza, virtude e prudência, e muito rico, de que tem um filho, chamado Sebastião Luís, como seu avô, e uma filha, chamada Isabel Nunes. Outro filho teve Aires Lobo, chamado Manuel Lobo, esforçado cavaleiro que faleceu na Índia, servindo a el-Rei. Houve mais André Lopes Lobo estes filhos: António Lobo, vigairo que foi no lugar da Relva, e Cristovão Lobo e uma filha, chamada Bárbara Loba.

André Lopes Lobo, pai de Aires Lobo e avô de Francisco Lobo, era filho de Rui Lopes Lobo e neto de Mem Roiz Lobo de Monsaraz e (como tenho dito) por morte de D. Fernando, duque de Bragança, que el-Rei D. João segundo do nome mandou degolar, se passou a Castela, em companhia do Marquês de Monte-Mor, irmão do Duque, e daí a Arzila, onde esteve fronteiro três anos; donde se passou a esta ilha e não tornou a Alentejo, por ele e alguns seus parentes darem um ponto na boca, com um cabo de sapateiro, a um homem fidalgo, pessoa notável, em uma sua quintã, por dizer na praça de Vila Viçosa: — “ainda não enforcaram estes tredos?”. Pelo que ficando seus irmãos em Castela, na companhia do Marquês, irmão do Duque, se desnaturou o dito André Lopes Lobo de Portugal a Castela e de Castela a Arzila e de Arzila a esta ilha, onde casou com Guiomar Nunes Velha Cabral. E a seus descendentes, além das armas dos Velhos, pertencem as dos Lobos e Cabrais, como têm em seu brasão, que são o escudo esquartelado, ao primeiro, dos Lobos, que trazem o campo de prata e cinco lobos pretos em aspa, armados de vermelho; e ao segundo, dos Cabrais, que são o campo de prata e duas cabras de preto, com cabelo; e assim os contrários; elmo de prata aberto, guarnido (sic) de ouro, paquife de prata e vermelho e prata e preto, e por timbre um dos lobos das armas; e por diferença uma muleta de azul e nela uma estrela de ouro.

Sebastião Velho Cabral, filho legítimo de Gonçalo Velho e de Margarida Afonso, e neto de Álvaro Velho, irmão que foi de outro Gonçalo Velho, Capitão desta ilha de S. Miguel e Santa Maria e comendador de Almourol, e bisneto de Fernão Velho e de Maria Álvares Cabral, e sobrinho de Rui Velho, comendador do dito castelo de Almourol, foi casado com Francisca Fernandes, filha de Maria Gonçalves, a Ama; houve de sua mulher a João Cabral e a Gaspar

Cabral e outro filho que se foi fora da ilha, e duas filhas, Maria Cabral e Ana Cabral. O João Cabral casou com Margarida Alvres, filha de João Alvres do Olho, de que houve um filho, chamado Jerónimo Cabral, que mora na Ribeira Grande, e é agora alcaide nela, casou em Portugal com Escota de Moura, mulher nobre, sobrinha de Mem da Mota, Capitão que foi da Mina e na Índia muitos anos, o que estava por Capitão na torre de Setúvel ([48]), quando veio o Duque de Alva (sic) sobre ela. Gaspar Cabral casou com Ana Luís, em Portugal, de que não teve filhos. A primeira filha de Sebastião Velho Cabral, chamada Maria Cabral, casou com Baltazar Tavares, grande cavaleiro, de que houve um filho, chamado João Cabral, que casou na Ribeira Grande com Catarina Jorge, filha de Jorge Gonçalves, cavaleiro, onde vive. A segunda filha de Sebastião Velho, Ana Cabral, não casou. Houve também Baltasar Tavares, de sua mulher Maria Cabral, duas filhas: a primeira, Isabel Tavares, casou com João do Monte, de que tem muitos filhos e filhas; a segunda, Leonor Cabral, casou com Simão de Paiva, filho de Álvaro Dorta, de que não tem filhos.

Maria Gonçalves, mulher nobre, chamada Ama, porque criou o Capitão Manuel da Câmara, veio a esta terra, em que teve dadas e herdades e trouxe primeiro as silvas à Ponta Delgada; foi casada com Fernão Gonçalves, o Amo, homem nobre, irmão de João Gonçalves, da Várzea dos Fenais, termo da cidade, de que houve três filhos, Gaspar Galvão e João Galvão e Luís Galvão e três filhas, sc., Francisca Fernandes, que casou com Sebastião Velho Cabral, acima dito, e outra chamada Brázia Galvoa, que casou com Mendo de Vasconcelos, de que houve filhos, Francisco de Mendonça e Duarte de Mendonça, os quais na Índia morreram em uma batalha contra os imigos, defendendo um ao outro, e outros filhos que por todos eram dezanove. E outra filha houve Fernão Gonçalves, Bartolesa Galvoa, que casou com Afonso de Matos, Francisco de Mendonça casou nas Feiteiras com D. Breatiz Camela, filha de Pero Afonso Colombreiro, de que houve uma filha, chamada D. Lianor, casada com António Pereira, filho de Diogo Pereira, que foi ouvidor nesta ilha. Duarte de Mendonça casou a primeira vez com Branca Velha, filha de João Velho Cabral, de que não houve filhos, e segunda vez com D. Catarina de Medeiros, filha de António Camelo e de Maria de Medeiros, sua mulher, e neta de Rafael de Medeiros e de D. Maria, sua mulher, de que tem uma filha, chamada D. Ana; e casou terceira vez com D. Guiomar, filha de Simão de Teves, filho de Pero de Teves, e de Breatiz Gil, mulher do dito Simão de Teves.

Martim Vaz de Bulhão, generoso homem, nobre, prudente, e grandioso, foi criado de el-Rei, do hábito de Cristo e vedor e contador da fazenda do mesmo Rei, em todas as Ilhas dos Açores, servindo estes cargos mais de cinquenta anos. Casou em Portugal, dentro, no castelo de Almourol, com Isabel Botelha, sobrinha de Rui Velho, comendador de Almourol, de quem houve um filho, chamado Manuel de Melo, que teve nesta ilha, no lugar da Relva, termo da cidade da Ponta Delgada, fazenda que lhe rendia, em cada um ano, passante de cem moios de trigo, o qual casou em Alcácer do Sal, com Antónia de Bulhão, filha dum fidalgo a que não soube o nome, da qual houve uma filha, por nome Filipa de Melo, segunda mulher de Lopo Cabral de Melo, e outra filha, chamada Isabel de Melo, que morreu solteira, e um filho, chamado João de Melo, fidalgo de muita prudência e virtude, do hábito de Cristo, que casou com Maria d’Arruda da Costa, filha de Francisco d’Arruda da Costa e de sua mulher Francisca de Viveiros, e outros que faleceram meninos. Teve mais Martim Vaz, contador, de Isabel Botelha, sua mulher, uma filha chamada Joana Botelha, que foi casada com Simão Roiz Rebelo, criado de el-Rei, fidalgo de sua casa, de que tem brasão, dos Rebelos, que são fidalgos de cota de armas, porque era filho legítimo de Luís Roiz, cavaleiro da casa de el-Rei D. João, e de Breatiz Rebela, que foi neta de João Roiz Rebelo, que foi do tronco desta geração e fidalgo honrado, cujas armas são um escudo com o campo azul e três faixas de ouro, e, em cada uma, uma flor de liz vermelha, postas em banda, e por diferença uma brica de prata; elmo de prata aberto, guarnido de ouro, paquife de ouro e de azul, e por timbre duas flores de liz de vermelho. Da qual Isabel ([49]) Botelha, sua mulher, houve estes filhos: o primeiro, Luís Rebelo, grande latino e poeta, que casou com Marqueza Gonçalves Pimentel, filha de Domingos Afonso Pimentel, do lugar do Rosto de Cão, e de sua mulher Breatiz Cabeceiras, filha de Gonçalo Vaz Carreiro e de Isabel Cabeceiras, de que houve um filho, chamado Manuel Rebelo, clérigo de grande habilidade, e uma filha Maria de S. Francisco, freira professa no mosteiro de Santo André da cidade da Ponta Delgada. Casou o dito Luís Rebelo, segunda vez, com Isabel Castanha, filha de João Fernandes, de Santa Clara, e de sua mulher Maria Roiz Badilha, filha de João Roiz Badilha e de Catarina Pires, de que tem alguns filhos. Teve mais Simão Roiz Rebelo um filho, chamado António Rebelo que, estando ordenado de ordens sacras, faleceu em Lisboa. Procedem os Rebelos de França, porque um grande cavaleiro francês, fazendo

uma grande sorte, disseram dele uns fidalgos: — “Belo é o francês!”, respondeu el-Rei: — “Belo e Rebelo!”, o que lhe ficou o apelido.

Houve também Martim Vaz Bulhão, contador, de sua mulher Isabel Botelha, uma filha, por nome Filipa de Melo, que casou com Bartolomeu Godinho Machado, criado de el-Rei, cavaleiro, fidalgo de sua casa, de que tinha seu brasão de seu filhamento; de quem houve um filho, chamado Francisco de Melo, que casou com Breatiz da Costa filha de Manuel do Porto e de Breatiz da Costa, sua mulher, de que houve uma filha, que faleceu menina. Houve mais Bartolomeu Godinho uma filha, por nome Isabel Botelha, que casou com João Lopes, filho de João Lopes, dos Mosteiros, que foi meirinho do Capitão muitos anos, nesta ilha de S. Miguel, de que houve um filho que faleceu menino; e outro chamado Bartolomeu Botelho, que casou com Catarina de Nabais (sic) ([50]), filha de João Serrão e de sua mulher Lianor Lopes, de que houve filhos e filhas.

Teve também o dito Martim Vaz, contador, uma filha, chamada Maria Travassos, que casou com Garcia Roiz Camelo, viúvo, sobrinho de Fernão Camelo, pai de Pero Camelo e de Henrique Camelo e de Manuel Camelo, que todos foram fidalgos, escritos nos livros de el-Rei; de quem houve estes filhos, sc., Isabel Botelha, que casou com Rui Gago da Câmara, fidalgo, parente dos Capitães desta ilha, de que houve filhos e filhas, que direi quando tratar da progénia dos Gagos; e outra filha, chamada Jerónima de Melo, que casou com Roque Gonçalves Caiado, filho de Francisco Dias Caiado, dos nobres e principais desta ilha, e de sua mulher Marqueza Gonçalves, de que houve um filho, que se chama Francisco de Melo, casado com uma filha de João Fernandes e de sua mulher Catarina de Crasto; e outro filho, chamado Brás de Melo, que casou com Breatiz da Silva; e outros filhos e filhas, ainda moços. Teve Garcia Roiz Camelo um filho, chamado João Botelho de Melo, que casou com Inês de Oliveira, filha de Fernão d’Afonso, tabelião na cidade, e de sua mulher Caterina Manuel, de que houve uma filha, freira no mosteiro de Santo André, da mesma cidade, chamada Breatiz do Espírito Santo, e duas solteiras. Teve Garcia Roiz outro filho, chamado Francisco de Melo, solteiro, que se foi desta ilha à guerra de Granada e daí para as Índias de Castela. Houve também outra filha, chamada Maria de Melo, freira no mosteiro de Jesus, da vila da Ribeira Grande, onde reside, e dantes abadessa no mosteiro de Santo André, da cidade, que agora se chama Maria da Trindade; e outros filhos e filhas, que faleceram moços. Da primeira mulher de Garcia Roiz Camelo, e dos filhos que teve dela, direi quando disser da geração dos Camelos. Casou terceira vez Garcia Roiz Camelo com Margarida Gil, filha de Gil Afonso, da vila da Lagoa, de que não houve filhos.

Desta maneira sobredita, não somente são os Velhos, principalmente Lopo Cabral e a mulher de Jorge Nunes Botelho, e seus irmãos e descendentes, parentes do Capitão da ilha de Santa Maria, mas também liados com os Lobos e Rezendes, segundo tenho dito, e com os Botelhos, como em parte já disse e adiante direi, e com os Pereiras, porque um sobrinho de seu bisavô, por nome Fernão Roiz Pereira, foi veador (sic) da Duqueza de Bragança, cuja neta era D. Caterina, cujos foram os paços da Ribeirinha, da vila da Ribeira Grande, desta ilha de S. Miguel, mãe de Rui Pereira, o qual tinha de moradia, cada mês, três mil e vinte reis, e teve nesta ilha, no termo da dita vila, cento e vinte moios de renda em cada um ano, do morgado que lhe ficou de seu pai. São também parentes dos Silveiras, pois Manuel da Silveira, senhor da Terena, e Diogo da Silveira, seu irmão, que foi capitão-mor do mar na Índia, são seus sobrinhos, filhos de D. Caterina, sua prima, segunda mulher de Martim Silveira, pai dos sobreditos; e com os Cunhas, já que outra sua prima foi casada com Nuno da Cunha, que foi viso-Rei da Índia. Têm também liança com os Mirandas do Reino, pois Pero de Miranda, dayão da Sé de Évora, e seu irmão Diogo de Miranda, são seus sobrinhos no mesmo grau dos acima ditos, por serem filhos de D. Cecília, sua prima, mulher que foi de Francisco de Miranda, fidalgo dos principais destes Reinos. Têm também liança com os Figueiredos, pois João Soares de Albergaria, segundo Capitão da ilha de Santa Maria e sobrinho de Gonçalo Velho, primeiro Capitão destas ilhas, descendia dos Figueiredos, como tenho dito, quando tratei de seu princípio deles, falando na ilha de Santa Maria. Além dos mais apelidos que têm e lhe pertencem de Velhos, Soares, Travassos, Cabrais e Melos. E todos os de Portugal e desta ilha são de grandes espíritos e viveram e vivem sempre à lei da nobreza, abastados com cavalos de estado, e criados e escravos de seu serviço. Têm os Velhos seu brasão autêntico de sua nobreza e fidalguia da cota de armas e solar conhecido, e por armas um escudo de campo vermelho e cinco vieiras de ouro em aspa, sc., uma no meio, as outras nos cantos, e algumas têm uma estrela branca em um quadrado preto por divisa; e outros têm outras divisas diferentes; não tem elmo, nem paquife, nem timbre, de que não pude saber a razão, se não se

é por naquele tempo antigo não se costumar pôr nas armas, que no escudo com sua insígnia se punham, prezando-se trazer as outras nos ombros, antes que nos brasões; e depois pelo tempo em diante se costumaram pôr neles os mais sinais de honra, como em outros seus brasões achei, que tem elmo de prata aberto, guarnido de ouro, paquife de ouro e vermelho, e prata e púrpura, e por timbre um chapéu pardo com uma vieira de ouro na borda da volta ([51]).

Dizem alguns que mandando Gonçalo Velho, comendador de Almourol, vir três sobrinhos — Pero Velho, Nuno Velho e Lopo Velho — para estas ilhas, de que era Capitão, foram os três sobrinhos com tormenta ter à ilha da Madeira; sendo Lopo Velho pela terra dentro e alevantando-se o navio, em que vieram à ilha de Santa Maria o Pero Velho e Nuno Velho, ficou ele na ilha da Madeira; e, vendo-se sem despesa, foi ajudar a trabalhar em um engenho de açúcar, no qual soltando-se um espeque deu com ele em uma parede e lhe quebrou os braços e pernas e ficou maltratado da cabeça, pelo que, depois de curado na casa de Misericórdia da dita ilha da Madeira, e ficando aleijado, se casou aí. E depois o mandou Pero Velho, seu irmão, primo ou parente em outro grau, ou, como outros afirmam, irmão, filho natural do pai do dito Pero Velho, vir de lá com sua mulher, e o teve em sua casa, junto de Nossa Senhora dos Remédios onde vivia, e daí o aposentou na vila da Ribeira Grande, na rua das Pedras, onde teve muitas moradas de casas suas, e alguns filhos, sc., João Lopes, e Afonso Lopes e Gião Lopes, e filhas Caterina Lopes e outras, a que não soube o nome. João Lopes houve de sua mulher um filho, chamado António Lopes Travassos, que casou na vila da Ribeira Grande com Simoa Gonçalves, filha de Gonçalo Pires e de Margarida Gonçalves, de que tem filhos e filhas. Caterina Lopes, irmã de João Lopes e tia de António Lopes Travassos, casou com Pero Dias, da Achada, homem muito rico e honrado, de que teve muitos filhos e filhas; um deles, chamado Miguel Dias, é bom sacerdote e beneficiado na freguesia de Nossa Senhora de Estrela, da vila da Ribeira Grande; e uma filha, irmã de Miguel Dias, chamada Catarina Dias, foi casada com Sebastião Pires Paiva, homem nobre, rico e abastado, da governança da dita vila, de que teve alguns filhos e filhas.

CAPÍTULO IV

DA GERAÇÃO E DESCENDENTES DE GONÇALO VAZ BOTELHO, CHAMADO O GRANDE, MAIS VELHO DOS PRIMEIROS E ANTIGOS POVOADORES DA ILHA DE S. MIGUEL

Como a casa do infante D. Henrique, que mandou descobrir estas ilhas (segundo diz o docto João de Barros), era quase uma religião observante de limpeza e virtudes, e uma escola de virtuosa nobreza, onde a maior parte da fidalguia do Reino se criou, por ele ser curador e zelador da criação dos fidalgos, para os doutrinar em bons costumes, deixando àparte os Velhos, que atrás disse virem de sua mesma casa, sendo também criados nela, como tais e generosos, Gonçalo Vaz Botelho, chamado o Grande, Afonso Anes, Rodrigo Afonso e Pedro Afonso Colombreiros. Gonçalo de Teves, almoxarife primeiro desta ilha, e Pero Cordeiro, seu irmão, escrivão do almoxarifado, Afonso Anes do Penedo, Vasco Pereira, João Pires, João Afonso d'Abelheira, e, segundo alguns afirmam, vindo também nesta companhia Jorge Velho, que casou depois com Africañes, Pero de S. Miguel e sua mulher Aldonça Roiz, João de Rodes e João de Arraiolos, que outros dizem de Araújo, todos naturais de África, criados do infante D. Henrique, e outras pessoas nobres; os mandou como primeiro seminário, ou nova colónia, o dito infante povoar esta ilha de S. Miguel, sendo Capitão dela Frei Gonçalo Velho, Comendador de Almourol, que ao tempo da chegada deles não pude saber se vinha no mesmo navio, se ficava no Reino, ou se porventura residia na ilha de Santa Maria, que então era mais povoada, por ser primeiro descoberta. Pelo que direi em a progénia de alguns deles e de outros que a povoaram o que pude alcançar, começando na de Gonçalo Vaz Botelho, que era mais velho que todos os primeiros e de muita autoridade entre eles.

Gonçalo Vaz Botelho, filho de Pero Botelho, Comendador-mor de Cristo, no Reino de Portugal, por ser tão abalisado fidalgo e muito favorecido antre outros fidalgos na casa do infante D. Henrique, que mandou descobrir estas Ilhas dos Açores, foi enviado por ele a povoar esta de S. Miguel de sua nobre geração, donde se chamou Gonçalo Vaz, o Grande, assim por ele o ser no corpo e condição, como por respeito de um seu filho, chamado Gonçalo Vaz, o Moço; o qual Gonçalo Vaz, o Grande, vindo a esta terra dez anos (como alguns dizem e, segundo outros, menos tempo) depois do seu descobrimento, trouxe consigo sua mulher, a que não soube o nome, da qual houve cinco filhos: Nuno Gonçalves, Antão Gonçalves, Gonçalo Vaz, o Moço, chamado Andrinho, João Gonçalves e Francisco Gonçalves. Nuno Gonçalves, primeiro filho de Gonçalo Vaz, o Grande, foi o primeiro homem que nasceu nesta ilha, de que sua mãe vinha prenhe; casou com Catarina Roiz, mulher muito nobre, e viveu no princípio em Vila Franca e depois no lugar de Rosto de Cão, pelo que se chamou Nuno Gonçalves de Rosto de Cão, por ter ali a melhor parte de sua fazenda. Teve de sua mulher dois filhos e três filhas, todos muito honrados e ricos, graves e grandiosos.

O primeiro, Jorge Nunes Botelho, foi casado com Margarida Travassos, filha de Gonçalo Velho Cabral, da geração dos Velhos, atrás ditos, da qual houve o primeiro filho, Nuno Gonçalves Botelho, que foi juiz dos Resíduos nesta ilha muitos anos, e casou com dispensação com Isabel de Macedo, sua prima segunda, de quem houve os filhos seguintes, todos valentes homens e para muito: o primeiro, Jorge Botelho, casou com Isabel de Sousa, filha de Joanne Anes, de que houve filhos e filhas; o segundo, André Botelho, que agora é morgado, e anda na Índia de Castela em serviço de el-Rei; o terceiro, Fernão de Macedo, chamado o Esquerdo, homem de bons espíritos e grandes forças e muito valente de sua pessoa, como tem mostrado na Índia, onde esteve, e nesta ilha e em outras muitas partes, o qual casou com uma fidalga ([52]), por parte da qual espera de herdar um rico morgado, sobre que traz demanda; o quarto, Manuel Cabral, casou com Inês Ferreira, filha de Baltazar Ferreira, de que tem filhos e filhas; o quinto, Pero Botelho, está casado com Leonor Vaz, que tem muitos e nobres parentes na vila da Praia da ilha Terceira; o sexto, Jerónimo Botelho, que casou na ilha de Santa Maria. Teve

também Nuno Gonçalves Botelho uma filha, por nome Guiomar Botelha, casada com João Mendes, irmão de António Mendes Pereira, de que houve dois filhos: André Botelho e Manuel Botelho, e duas filhas: Isabel Macedo e outra, freira no mosteiro de Vila Franca.

Houve mais Jorge Nunes Botelho, de sua mulher, outro filho, chamado Manuel Botelho Cabral, que, depois de ser alguns anos contador nesta ilha, se foi para a Índia, onde casou rico e está servindo a el-Rei, e é homem para muito, grandioso, muito discreto, de grandes espíritos e generosa condição, muito privado do viso-Rei da Índia, D. Luís de Ataíde; partiu de Lisboa em sua companhia a seis de Abril da era de mil e quinhentos e sessenta e oito, o qual, entrando na nau, mandou que todos obedecessem ao dito Manuel Botelho, como a sua própria pessoa, e assim se fez em toda a viagem; e chegando lá a dez de Outubro do dito ano, em uma de duas embarcações que vieram de terra, o mandou o dito viso-Rei com recado ao outro, que em terra estava, fazendo-lhe a saber de sua chegada; na qual honra foi invejado de muitos, por ser havido por mais apto para esta embaixada que outros muitos fidalgos, que na companhia iam; e é tão prudente e discreto e grave, que soube bem representar o negócio a gosto do mesmo viso-Rei e seu, e de todos os que o viram e foram presentes, de que o acompanharam mais de trezentos homens de cavalo até a pousada de António Botelho, seu parente, onde se foi agasalhar; e não somente é servido dos da terra, mas do viso-Rei, que o levou a ela, recebia cada dia muitas honras e mercês. Tem muitos cargos de que tira muitos proveitos, e um só serve, importante e de honra, com larga jurdição ([53]) e alçada e que dá dinheiro a quem o souber guardar, se não caíra nas suas mãos, que teve sempre abertas e liberais, pelo que não pode poupar muito, com os grandes gastos que se lhe oferecem cada dia e principalmente muito mais excessivos no ano de mil e quinhentos e setenta e um, por razão da grande guerra que houve na cidade e ilha de Goa, pela ter de cerco o Hidalcão, poderoso Rei vizinho, (a cujos avós foi tomada) nove meses, com cento e cinquenta mil homens de peleja, em que entravam trinta e seis mil de cavalo, e setecentos elefantes, armados os mais deles, que é uma das maiores forças que os Reis lá têm na guerra, e outra tanta gente e poder lhe ficava guardando suas terras e fortalezas. Com o qual cerco deu muito trabalho aos portugueses e houve com ele muitos recontros e perdas de parte a parte, até que o alevantou, com deixar perto de quinze mil homens mortos no campo e muitos elefantes e cavalos, e dos nossos morreriam duzentos. No qual tempo houve outro cerco em uma cidade, sessenta léguas de Goa, que se chama Chaúl, onde foi também em pessoa o Issa-Maluco, poderoso Rei, confederado em o mesmo tempo com o dito Hidalcão, com outra tanta gente e elefantes, que também se alevantou no cabo dos noves meses, que se acabaram no Agosto de setenta e um anos, indo desbaratado, com perda de trinta mil homens dos seus; e dos nossos, quatrocentos morreram, de mil e quinhentos que eram somente na defensão da cidade, sem muros. Neste conflito e cerco de Goa gastou Manuel Botelho Cabral tanto dinheiro (com gente que teve na sua estância, em todo o tempo que durou, a que deu de comer à sua custa, e com dois cavalos que sempre sustentou na guerra, estando a Índia muito cara, e valendo o moio de trigo a sessenta e dois mil reis, o fardo de arroz, que terá três alqueires, a doze e a quinze pardaus, de meia guerra por diante, que faltaram os mantimentos, uma galinha dois pardaus, um ovo um vintém e havendo outras semelhantes carestias de todas as outras coisas de comer, tirando o pescado que não comiam de nojo, porque era comer os próprios mouros e a eles sabia, nem comia o peixe outra coisa, tantos deles eram no rio mortos), que ficou na espinha. O que teve por bem empregado, pelo gosto que recebia em o fazer, e pelas honras que ganhava em assaltos, combates e batalhas, em que se achou como muito esforçado e prudente capitão, ganhando a todos, assim nas mesas e iguarias que dava, como nas dianteiras na guerra. O cargo que agora tem na Índia, de grande autoridade e jurdição, tem o nome antigo de escrivão da matrícula; porém, em si, é provedor dela, porque tem jurdição, e julga, e manda prender e soltar e tem muitos oficiais d'ante si, tendo cada um de ordenado cento e quarenta mil reis por ano, afora os percalços, que valem outro tanto e são quatro contínuos; e quando há paga dos soldados, que na mesa se faz, são seis, afora um feitor de el-Rei, que lhe dá o dinheiro, e um meirinho com doze peães (sic) ([54]) para afastar a gente, que é mesa onde vai o viso-Rei em pessoa, posto em armas, acompanhado dos capitães, fidalgos e soldados, a receberem seu soldo. E quando isto acontece, como já em seu tempo havia acontecido algumas vezes, lhe largava Manuel Botelho a sua cadeira, por lhe fazer bom gasalhado, e ficava em uma rasa, e não há outras na casa, por mais monarcas que nela estêm e, do viso-Rei abaixo, todo género de homem vivo e os que lá requerem pelos mortos, a ela vão e tomam dele, Manuel Botelho, o gasalhado que lhe quere fazer na honra do assento. O despacho das naus do Reino pende da mesma mesa um grande pedaço, que outro pertence ao vedor da fazenda, que faz a carga. Todo homem, que se vai com licença, nesta mesa se

despacha e com certidão por ele assinada se apresenta para ser admitido em seus requerimentos no Reino, e se dali a não leva, não tem despacho. O dinheiro dos mortos da mesma mesa se manda por um caderno, para saber quanto é e cujo, para Sua Majestade o mandar pagar a seus herdeiros. E, além destas coisas, tem outras muitas que acreditam e engrandecem o cargo.

Outro filho tem Jorge Nunes Botelho, que chamam André Botelho Cabral, ainda solteiro, de magnífica, macia e grandiosa condição e muita prudência, esforçado cavaleiro e valente soldado, digno de grandes cargos, sem os quais não estivera, se saíra desta ilha a outras partes do Reino ou fora dele; e mora na cidade da Ponta Delgada, nas suas formosas e graves pousadas de seu pai, o qual pelas obras que fez e esforço que mostrou contra os franceses, na defensão desta ilha, lhe deu Sua Majestade o hábito de Cristo, com boa tença. Houve mais Jorge Nunes uma filha, por nome Guiomar Nunes, que foi casada com Pero Pacheco, homem principal e fidalgo, como direi na progénia dos Pachecos, filho de Antão Pacheco, que foi ouvidor do Capitão nesta ilha, em Vila Franca, antes do dilúvio, e nele faleceu. O qual Pero Pacheco tem duas filhas, uma que se chama D. Filipa, que foi casada com Marcos Fernandes, homem nobre, que veio muito rico da Índia de Portugal, onde serviu a el-Rei, da qual houve filhos: Miguel Pacheco, que casou com Susana Pereira, neta de João Tavares, filha do bacharel Miguel Pereira e de Caterina Tavares; e houve Marcos Fernandes, da dita D. Filipa, outro filho, que chamam João Pacheco, muito valente homem, que casou com D. Breatiz, filha de Belchior de Betancor; teve mais Marcos Fernandes, de sua mulher, outro filho, chamado Antão Pacheco, de boas partes e grandes espíritos, ainda solteiro ([55]). Houve mais o dito Marcos Fernandes uma filha, chamada Guiomar Nunes, beata de raras virtudes. E por falecimento de Marcos Fernandes, casou D. Filipa com António de Sá de Betancor, fidalgo do hábito de Cristo, filho de Simão de Betancor e de D. Margarida Gaga, filha de Luís Gago, morador que foi na Ribeira Grande; e casou com dispensação com ela, por serem parentes ambos no terceiro grau, do qual houve duas filhas, sc., D. Maria Pacheca, que casou com Simão Lopes de Andrade, e D. Breatiz com Manuel de Andrade, ambos ricos e cidadãos do Porto, irmãos de rara habilidade ([56]). A outra filha de Pero Pacheco, que chamam D. Margarida, casou com Jorge Camelo da Costa, fidalgo, filho de Pedro Afonso Colombreiro, de que não houve filhos, e mora na sua quinta e fazenda das Feiteiras e é homem de boa renda e de muito mais virtudes, muito liberal, devoto e prudente, e fez uma rica ermida, junto de suas casas, em que gastou mais de três mil cruzados de sua fazenda.

Outra filha de Jorge Nunes Botelho casou com Fernão Correia de Sousa, fidalgo dos Correias e Furtados e Sousas, da ilha da Madeira (que têm este apelido por eles sustentarem uma torre, comendo correias dos couros, que deitavam de molho, sem a querer entregar aos contrários), primo do dito Pero Pacheco, da qual teve uma filha, que se chamava Maria da Madre de Deus, freira que fez profissão no mosteiro de Jesus da Ribeira Grande, em vida de seu pai, antes do incêndio, sendo abadessa Maria de Cristo, de grande virtude e prudência, irmã de seu pai, e no dito mosteiro faleceu. Este Fernão Correia veio da ilha da Madeira e trouxe consigo duas irmãs, sc., Catarina de Sousa, que casou com Duarte Ferreira, escrivão da cidade, sobrinho de Jorge Nunes Botelho, e Maria de Cristo, que meteu freira em Vila Franca, e daí veio para abadessa da Ribeira Grande e depois do mosteiro de Santo André da cidade, onde agora está. Teve Jorge Nunes Botelho outra filha, que casou com António Fernandes Bicudo, filho de Fernão de Anes, de Leça do Porto, que estava na vila da Ribeira Grande com trato mui grosso, e houve muita fazenda, que tem agora o doctor Francisco Bicudo; e morreu sem haver filhos de sua mulher. Outra filha teve Jorge Nunes, chamada D. Roqueza, que casou com Francisco do Rego de Sá, filho de Gaspar do Rego Baldaia e de D. Margarida de Sá, de que não tem filhos, e casaram com dispensação, por serem parentes.

Outro filho teve Nuno Gonçalves, filho de Gonçalo Vaz, o Grande, que chamavam Diogo Nunes Botelho, que foi contador nestas ilhas todas dos Açores, e no primeiro ano que serviu o dito ofício, que era seu próprio, faleceu na sua quinta em Rosto de Cão, onde morava e tinha sua fazenda. Era cavaleiro do hábito de Cristo; foi casado com Isabel Tavares, filha de Rui Tavares, morador na Ribeira Grande, homem fidalgo, dos Tavares de Portugal, muito rico e principal; o qual tem de sua mulher estes filhos: o primeiro, Simão Nunes, que casou com uma sobrinha de Mestre Gaspar, o Velho ([57]), de que houve uma filha, que é freira professa em Vila Franca; o segundo filho de Diogo Nunes, que se chamava Manuel Nunes Botelho, foi casado com Hilária de Lemos, mulher fidalga, da qual houve uma filha, que casou com Gaspar do Rego, filho de João do Rego Beliago. Teve Diogo Nunes outro filho, que chamam Jorge Nunes Botelho, homem de muita nobreza, prudência e saber, que casou com uma filha de Adão

Lopes, de Rabo de Peixe, dos principais e ricos da terra, da qual houve, afora outros, um filho chamado Rui Tavares que, estudando leis, faleceu em Coimbra e imitava bem a seu pai na prudência e saber; afora outras duas filhas, que tem no mosteiro de Vila Franca, e outra, chamada Isabel Tavares, que casou com Pero de Faria, da geração dos Farias, fidalgos deste apelido, sobrinho de António Lopes de Faria, da vila da Alagoa; e um filho de grandes esperanças, que faleceu de pouca idade, e outra filha, menina ([58]).

Vive este Jorge Nunes com grande concerto em sua casa, mais que muitos dos moradores da ilha, conservando e acrescentando, e não diminuindo (como outros fazem) tudo o que de seu pai lhe ficou. Em sua fazenda tem um rico pomar, que somente de laranjeiras tem cento e sete, afora outras muitas fruteiras, como adiante direi.

Teve mais Diogo Nunes quatro filhas, freiras professas no mosteiro de Vila Franca, Maria de S. João, Maria de Assunção e Isabel da Madre de Deus, vivas, e outra que faleceu.

Houve mais o dito Nuno Gonçalves, filho de Gonçalo Vaz, o Grande, uma filha, chamada Isabel Nunes Botelha, que casou com Sebastião Barbosa da Silva, fidalgo mui discreto e generoso e grande dizedor, que morava na sua quinta da Fajã, termo da cidade da Ponta Delgada, onde tinha sua fazenda, e ali faleceu, sendo muito velho; e teve os filhos que direi na progénia dos Barbosas. Houve mais Nuno Gonçalves uma filha, que casou com Gonçalo Pedroso, cidadão do Porto e lá foi morar, de quem houve alguns filhos, um dos quais se chamava Pedro Borges, que era grande letrado e esteve por corregedor em Santarém e em outras partes do Reino, e faleceu na Índia, tendo lá um cargo honroso. Teve mais Nuno Gonçalves, filho de Gonçalo Vaz, o Grande, uma filha, chamada Margarida Nunes, que foi casada com um Henrique Ferreira, homem honrado, cavaleiro da guarda de el-Rei, de que houve um filho, chamado Duarte Ferreira, que foi escrivão na cidade da Ponta Delgada; e uma filha que casou em Portugal com um criado de el-Rei.

Teve Nuno Gonçalves Botelho grossa fazenda no lugar de Rosto de Cão, que partia da ermida de Santa Maria Madalena e chegava às portas do Biscoutal Grande, que será meia légua todo de terras de pão e vinhas, e cingindo a ilha pelo meio, começando do mar do sul, fenecia da outra parte do norte, até emparelhar com o lugar de Rabo de Peixe, em pouco menos largura, águas vertentes de ambas as partes, que agora possui o grão capitão Francisco do Rego de Sá; afora outras grandes fazendas que têm seus herdeiros na Povoação Velha e em outras partes desta ilha, como pessoas nobres, ricas e poderosas que eles sempre foram.

Teve mais Gonçalo Vaz Botelho, o Grande, um filho, por nome Antão Gonçalves Botelho, que foi o segundo homem que nasceu nesta ilha, o qual casou e houve uma filha, chamada Breatiz Gonçalves Botelha, que casou com Pero de Novais, avô dos Serrãos (sic), de que houve os filhos que direi na geração dos Serrãos (sic), Novais e Quentais.

O terceiro filho de Gonçalo Vaz, o Grande, chamado Gonçalo Vaz, o Moço, e também Gonçalo Vaz Andrinho ([59]) foi casado com uma filha de Pero Cordeiro, tabalião das notas de Vila Franca e de toda a ilha, um dos primeiros homens que veio a ela, da qual houve estes filhos: o primeiro deles se chamou Gaspar Gonçalves, ao qual matou um touro, sendo solteiro; o segundo, André Gonçalves de Sampaio, o mais rico homem que houve nesta terra em seu tempo, e por isso lhe chamavam o Congro, que dizem ser o maior peixe do mar, dos que se comem, o qual casou com Guiomar de Teives, filha de João de Teives, almoxarife desta ilha, que morava em Vila Franca, irmão de Pero de Teives, da Calheta, e irmão do licenciado João de Teives, que foi corregedor em Castelo Branco e morreu em serviço de el-Rei, da qual não teve filhos. Teve o dito Gonçalo Vaz, o Moço, outro filho, que chamavam Sebastião Gonçalves, que casou com Margarida Pires ([60]), filha de Aires Pires Cabral, da primeira mulher, marido que foi depois de Margarida Mendes, a qual Margarida Mendes era irmã da mulher de João de Arruda da Costa; e a este Sebastião Gonçalves mataram os filhos de Rui Lopes Barbosa, sc., Sebastião Barbosa e Brás Barbosa, por uma afronta que tinha feito a seu pai. O qual Sebastião Gonçalves teve de sua mulher Margarida Pires uma filha, chamada também Margarida Pires, que casou com Gaspar do Rego Baldaia, da qual houve o dito Gaspar do Rego os filhos que direi na geração dos Regos. Teve mais Gonçalo Vaz Andrinho, o Moço, outra filha ([61]) que casou com Fernão de Macedo, homem fidalgo, irmão do Capitão do Faial, do qual houve os filhos seguintes: Jerónimo Teixeira, que foi casado com Margarida Barbosa, filha de Rui Lopes Barbosa, que morou na cidade, na Calheta de Pero de Teives, de que não houve filhos; teve mais Fernão de Macedo outro filho, chamado Manuel de Macedo, que casou a furto na Maia,

termo da Vila-Franca, com uma mulher nobre, de que teve poucos filhos e todos faleceram; o qual Manuel de Macedo mataram na cidade à besta, sendo valentíssimo homem. Teve mais o dito Fernão de Macedo uma filha, chamada Isabel de Macedo, que casou com Nuno Gonçalves Botelho, filho de Jorge Nunes, de que houve os filhos já ditos na geração de Nuno Gonçalves, filho de Gonçalo Vaz, o Grande. Teve mais o dito Fernão Vaz (sic) de Macedo outra filha ([62]) que casou com Gaspar Homem da Costa, fidalgo, morador em Vila Franca do Campo, de que houve muitos filhos. Além destas duas filhas casadas, teve Gonçalo Vaz Andrinho, o Moço, filho de Gonçalo Vaz, o Grande, quatro filhas, a que não soube o nome ([63]); algumas das quais casaram, uma com um Luiseanes, cuja foi a fazenda de Cristovão Soares na Atalhada da Vila da Alagoa, outra com outro homem, a que não soube o nome, e de nenhuma delas há posteridade viva.

João Gonçalves, quarto filho de Gonçalo Vaz, o Grande, foi casado; não pude saber o nome de sua mulher ([64]), de que houve os filhos seguintes, sc., João de Arruda da Costa, morador em Vila Franca, homem muito principal e rico, nesta ilha, o qual casou com Catarina Favela, natural da ilha da Madeira, irmã de Margarida Mendes, da cidade da Ponta Delgada, que foi mulher de Aires Pires Cabral, de que houve os filhos que direi na geração dos Costas. De João Gonçalves, quarto filho de Gonçalo Vaz, o Grande, e de sua mulher, a que não soube o nome, nasceu outro filho, chamado Pero da Costa, que se deitou ao mar para sustentar Arzila; o qual Pero da Costa foi casado com uma irmã de Lopo Barriga, viúva, que fora mulher de D. João de Meneses, da qual houve um filho, chamado Henrique da Costa, o qual Henrique da Costa indo em o campo correndo contra os mouros, lhe deu um junco em um olho, de que ficou cego de ambos, e até ali se achou ser sempre um cavaleiro muito esforçado, enquanto teve vista, pelo que el-Rei lhe fazia muitas mercês. Recebeu por mulher, à hora de sua morte, uma Caterina Romeira, de que lhe ficou uma filha ([65]), que casou com João de Robles, castelhano nobre, de que não tem filhos. Teve mais João Gonçalves uma filha, por nome Maria Roiz, a qual casou com Rui Martins Furtado, de que houve dois filhos, António Furtado e Jorge Furtado, grandes de corpo, muito valentes, discretos, músicos e bons cavaleiros, de que tratarei adiante na geração de Martim Anes Furtado, pai do dito Rui Martins; o qual falecido, casou ela segunda vez com o bacharel João Gonçalves, morador no lugar de Rosto de Cão, do qual não houve filhos, e, falecendo ela primeiro, ficaram os filhos do primeiro marido ricos, com trinta moios de renda cada um, afora casas e muito móvel de gado, escravos e outra fazenda. E ficando o bacharel viúvo, casou com Francisca de Medeiros, filha de Lopo Anes de Araújo, morador em Vila Franca, como direi quando tratar dele.

Teve mais Gonçalo Vaz, o Grande, o quinto filho, chamado Francisco Gonçalves, que faleceu sem ter filhos. Se Gonçalo Vaz, o Grande, teve algumas filhas, não o pude saber, por serem coisas mui antigas. As suas armas, dos Botelhos e dos seus descendentes, de que têm seu brasão, são as seguintes: um escudo com o campo de ouro e quatro bandas de vermelho; elmo de prata aberto, guarnecido de ouro; paquife de ouro e de vermelho; e por timbre um meio leão de ouro, banda de vermelho, e alguns têm por diferença uma merleta de prata. Os quais primeiros descendentes foram homens poderosos, ricos e abastados, e tiveram grandes casas, vivendo à lei de nobreza, com cavalos, criados e escravos, e grande família.

CAPÍTULO V

DOS COSTAS, ARRUDAS, FAVELAS, MOTAS E PORTOS, LIADOS COM OS BOTELHOS

Segundo dizem, a nobre progénia dos Favilas (sic) procede do conde de Favilha e do conde D. Pelayo, asturianos, que ajudaram a ganhar a Espanha perdida, em tempo de el-Rei D. Rodrigo; por terem perto de Olivença, no extremo de Castela e Portugal, onde moravam, grandes diferenças com alguns seus imigos, se vieram viver a este Reino, entre os quais veio um João Favela, que el-Rei D. Afonso, o quinto, casou com Breatiz Coelha, dama de sua casa, sobrinha ou filha de um irmão do Coelho, a que tiraram o coração pelas costas, por ser leal a este Reino ([66]), e o Príncipe, depois de seu pai morto, o matou com este género de morte, por se vingar dele. Houve João Favela desta Breatiz Coelha estes filhos: o primeiro, Fernão Favela, que casou na ilha da Madeira, onde estava seu tio Nuno de Atouguia, provedor da Fazenda de el-Rei na dita ilha; o segundo, João Favela, homem nobre e de grande fama, também casou na mesma ilha; o terceiro, Bertolameu ([67]) Favela, o qual teve uma filha que casou com Diogo Mascarenhas, fidalgo muito parente do conde de Castelhar e sobrinho de D. Pedro Mascarenhas, que nestes Reinos eram fidalgos marcados.

Houve mais João Favela, de sua mulher Breatiz Coelha, um filha, chamada Catarina Favela, com a qual casou João de Arruda da Costa, filho de João Gonçalves Botelho e de Isabel Dias da Costa, sua mulher, e neto de Gonçalo Vaz Botelho, o Grande, que veio povoar esta ilha, como já disse. De João de Arruda da Costa e de sua mulher Catarina Favela nasceram os filhos seguintes: Amador da Costa, Pero da Costa, Francisco de Arruda da Costa, Manuel da Costa, Isabel Dias da Costa, que depois se chamou Isabel do Espírito Santo, e Maria da Trindade, freiras professas de muita virtude e algumas vezes abadessas no mosteiro de Santo André de Vila Franca (o qual fez João de Arruda da Costa e outros nobres para suas filhas e netas) e Bartoleza da Costa e Breatiz da Costa.

Amador da Costa casou com Bárbara Lopes, filha de Álvaro Lopes do Vulcão, homem muito honrado e rico, de que houve filhos: Manuel da Costa e António da Costa, que foi para as Índias de Castela, e Álvaro da Costa, todos solteiros, homens para muito; e filhas: Isabel Dias, mulher que foi de António Borges de Gamboa, filho de Baltezar Rebelo, morador à Calheta de Pero de Teves, e de Guiomar Borges; e outras seis filhas, freiras no mosteiro de Vila Franca, muito boas religiosas, que às vezes são abadessas e vigairas. Deixou Margarida Mendes um rico morgado a Amador da Costa, que ficou a seu filho Manuel da Costa, sobrinho de Margarida Mendes, sua tia, meia irmã de sua avó Caterina Favela; a qual Margarida Mendes era filha de Rui Pires, irmão de Vasco Pires, os quais eram dois cavaleiros, os mais afamados, que havia em tempo de el-Rei D. Afonso; e por serem tais lhe queria el-Rei tanto, que, quando estavam à sua mesa, estavam assentados e, por não haver confusão nos outros, tomava el-Rei por causa que por terem os pés pequenos o fazia. E depois de morto Rui Pires, que era casado com Breatiz Coelha, pai e mãe de Margarida Mendes, ficou no paço de el-Rei D. Afonso a dita Breatiz Coelha viúva, e veio João Favela do extremo de Castela, por certa causa já dita, e como era fidalgo, andando no paço, tendo el-Rei conhecimento dele, o casou com Breatiz Coelha, mulher que foi do dito Rui Pires, pai e mãe da dita Margarida Mendes; a qual nasceu em Évora, onde teve e tem muitos parentes, muitos honrados e fidalgos, dos Mendes.

E depois que João Favela casou com Breatiz Coelha, trouxe consigo para esta terra a Margarida Mendes, por ser filha de sua mulher; e aqui houve João Favela os três filhos já ditos, e a filha, chamada Caterina Favela, a qual foi casada com João de Arruda da Costa, nesta ilha de S. Miguel, e era meia irmã de Margarida Mendes, por ser filha de Rui Pires e Caterina Favela ser filha de João Favela; e por ser Margarida Mendes, meia irmã de Caterina Favela, e Amador da Costa seu sobrinho, lhe deixou o morgado no qual soccedeu a Manuel da Costa, filho de Amador da Costa e neto da dita Caterina Favela; o qual morgado começa da praça da

cidade da Ponta Delgada, começando do mar da banda do sul, até ver o mar da banda do norte desta ilha.

Os três filhos de João Favela e de Breatiz Coelha se criaram na ilha da Madeira, depois da morte de seu pai, em casa do provedor Nuno de Atouguia, seu tio; viveram muito ricos e honrados, à lei de fidalgos, como eles eram, e assim vivem os filhos, netos e bisnetos do dito João de Arruda e Caterina Favela, sobrinhos da dita Margarida Mendes, nesta ilha de S. Miguel, e por esta causa (como está dito) herdou Manuel da Costa dela o dito morgado da praça ([68]), afora outro que tem de seu bisavô João Gonçalves Botelho, em Rosto de Cão, termo da cidade.

Nuno de Atouguia, tio de Caterina Favela e dos três irmãos, foi na ilha da Madeira o mais próspero fidalgo que em seu tempo nela havia, e como tal o fez el-Rei provedor e veador de sua fazenda, que era o melhor cargo que nela houve; e de el-Rei era muito conhecido, tendo diante dele grande nome, e era da geração dos Favelas. O qual casou uma filha com João Esmeraldo, que foi outro segundo o sogro e mais, e também provedor, fidalgo tão rico e poderoso que o Capitão lhe não pôde nunca fazer avesso nem direito em nada, e deixou um morgado de mais de dois contos e meio de renda.

Da progénie dos Favelas, há Fernão Favela de Vasconcelos, neto de Fernão Favela e filho de António Favela, que é rico morgado e vive à lei de fidalgo, como foram seus avós.

O segundo filho de João de Arruda da Costa, chamado Pero da Costa, homem muito principal, rico de fazenda e de virtudes, cidadão, morador em Vila Franca, casou com uma filha de João Álvares do Olho ([69]), da cidade da Ponta Delgada, de que houve dois ou três filhos que faleceram com sua mãe. E depois casou, segunda vez, com uma filha de Rui Tavares ([70]), morador na vila da Ribeira Grande, da qual houve os filhos seguintes: o primeiro, João de Arruda, que casou com D. Guiomar da Cunha, filha de Heitor Gonçalves Minhoto, e neta de João Soares, Capitão da ilha de Santa Maria, de que houve três ou quatro filhos; o segundo, Rui Tavares, que é casado com uma filha de Gabriel Coelho, de que teve duas filhas, que morreram com a mãe. Depois casou com Maria de Sousa ([71]), mulher de grande virtude e prudência, filha de Pero Roiz Cordeiro, cidadão de Vila Franca, de que não tem filhos. Houve mais Pero da Costa, de sua segunda mulher, algumas filhas, duas das quais, Catarina de São Miguel e Caterina de Santiago, são freiras professas e boas religiosas, no mosteiro de Vila Franca. E outra filha, por nome Isabel Tavares, que faleceu em casa de seu pai, mulher de meia idade, a qual, sendo dantes muito galante e fermosa, quando pretendia casar virou as costas ao mundo, saindo-lhe muitos e ricos casamentos; e fazia vida santa e abstinente, dando os ricos vestidos às igrejas e pobres, com quem repartia largas esmolas, e, andando vestida como beata, acabou bemaventuradamente; cuja morte foi sentida de todos e muito mais dos pobres, a quem ela dava vida. E deixou por seu falecimento muitas esmolas, fazendo-se os ofícios de seu enterramento, a que se acharam presentes muitos religiosos e cleresia e muita gente nobre de toda a ilha, com grande choro e sentimento de todos que foram convidados aquele dia em casa de seu pai, que comeu com eles à mesa no convite, por lho a filha deixar encomendado e ser ele tão prudente, que com todo seu sentimento e nojo da absência de tal filha, quis celebrar as exéquias de sua morte com sumptuoso banquete, como se fora o dia que a casara, sabendo certo que a casava com Deus, verdadeiro esposo de sua alma.

O terceiro filho de João de Arruda da Costa, chamam Francisco de Arruda da Costa; é homem de grandes espíritos, prudente, discreto, de muito liberal condição, a quem se encomendam nesta ilha todos os cargos de importância, assim de el-Rei, como do povo, de que ele dá a conta que de sua prudência e pessoa se espera. Serviu já de juiz do mar e contador, e de capitão-mor das ordenanças, e de provedor da Misericórdia muitas vezes e de outros cargos semelhantes, digno de muitos maiores e de vida perpétua para amparar a Pátria, como pai que é dela. Ao qual deu Sua Majestade o hábito de Cristo, com boa tença, e outras mercês de grandes favores. E casou com Francisca de Viveiros de Sousa, filha de Gaspar de Viveiros, homem de muita nobreza e riqueza, de que houve os filhos seguintes: o primeiro, Amador da Costa, que casou com Isabel Pereira, filha de Pedro Afonso Pereira, de que tem alguns filhos; o segundo, Damião da Costa, que está servindo a el-Rei na Índia, onde casou com Maria Salema, mulher de muita qualidade e grandemente rica; o terceiro, Sebastião da Costa, que casou com Maria Sens, filha de Pero de Maeda, de nação biscainho, mestre das obras e fortificações de El-Rei, nesta ilha, de que tem alguns filhos. Tem mais Francisco de Arruda uma filha, chamada D. Maria de Arruda, casada com João de Melo, nobre fidalgo, filho de Manuel de Melo e neto do contador Martim Vaz Bulhão, o qual por ser quem é, pessoa de

muita prudência e virtude, sendo vreador ([72]), foi pela cidade da Ponta Delgada dar a obediência ao mui alto, poderoso e católico Rei Filipe, que lhe deitou o hábito de Cristo, com boa tença; tem de sua mulher um filho, chamado como seu pai João de Melo. Tem mais Francisco de Arruda três filhas, freiras professas, e uma solteira, chamada Cosma da Costa, de grande merecimento e virtude, e outras que faleceram.

Houve mais João de Arruda da Costa, de sua mulher Catarina Favela, estas filhas: a primeira, Bartoleza da Costa, que casou com Jorge da Mota, viúvo, cavaleiro do hábito de Aviz, da geração dos Motas e Osouros (sic) ([73]), que são fidalgos neste Reino, de que houve os filhos seguintes: o primeiro, João da Mota, que casou, a primeira vez, com uma filha de João Roiz, dos Fenais da Maia, de quem houve um filho, chamado Manuel da Mota, do hábito de Cristo, casado primeiro com uma filha de Belchior Gonçalves, e depois com Paula da Maeda. E casou João da Mota, segundariamente (sic), com Breatiz de Medeiros, filha de Lopeanes de Araújo, de que tem alguns filhos. O segundo filho de Jorge da Mota, Manuel Favela, casou com Violante Mendes, filha de António Mendes Pereira, de quem tem alguns filhos; mora na Vila Franca, na quinta que foi de seu pai, imitando-o tanto na discrição e virtude, como na riqueza e nobre condição. O terceiro filho de Jorge da Mota, chamado Francisco da Mota, faleceu solteiro. Teve mais o dito Jorge da Mota, da segunda mulher, cinco filhas: Guiomar da Cruz, Maria de Santa Clara, Catarina de São João, Ana de São Miguel, Úrsula de Jesus, todas freiras professas, de grande religião e virtude, no convento de Santo André de Vila Franca, onde serviram e servem os melhores cargos; e Guiomar da Cruz foi também abadessa no mosteiro de Santo André, da cidade da Ponta Delgada. Houve mais Jorge da Mota, de sua mulher Bartoleza da Costa, uma filha chamada Clara da Fonseca, que casou primeiro com Manuel Lopes Falcão, filho de António Lopes, da Relva, de quem houve um filho, por nome Manuel Botelho, agora casado na Ribeira Grande com Maria Correia, filha de Sebastião Jorge Formigo e de Joana Tavares; e uma filha, freira professa no mosteiro de Vila Franca, chamada Maria de São Bento. E, falecido Manuel Lopes, casou Clara da Fonseca com António Pacheco, fidalgo, cidadão de Vila Franca, filho de Mateus Vaz Pacheco, de Porto Formoso, de que houve alguns filhos.

Houve mais João de Arruda da Costa duas filhas, freiras professas no mosteiro de Vila Franca, chamadas Isabel do Espírito Santo e Maria da Trindade, de muita virtude e grande exemplo na religião, pelo que serviram de abadessas e vigairas muitas vezes. Teve também João de Arruda da Costa uma filha, chamada Breatiz da Costa, que casou com Manuel do Porto, cidadão da cidade do Porto, homem muito honrado, prudente, discreto e rico, da qual houve estes filhos: o primeiro João de Arruda da Costa, que casou com Maria Mendes, filha de António Mendes Pereira, dos Mendes e Pereiras do Reino, de que tem muitos filhos e filhas, uma das quais, chamada Catarina Favela, casou com Cristovão Paym, fidalgo dos Payns, da Vila da Praia da ilha Terceira ([74]), o segundo, Manuel da Costa, letrado em Cânones, bom sacerdote e religioso na Companhia de Jesus. O terceiro, chamado Bertolameu Favela, que casou na ilha Terceira com Justa Neta, filha de João Álvares Neto, fidalgo e grande cavaleiro, que andou muitos anos em África, quando lá estava Vasque Annes Cortereal, e foi muito tempo provedor-mor das armadas e das naus da Índia, Mina e Guiné, da dita ilha, arrecadando, sendo almoxarife, todos os rendimentos dela para Sua Alteza, e foi homem de muita valia antre todos os que, em seu tempo, foram naquela terra. Houve Bertolameu Favela, de sua mulher, um filho que faleceu moço; o qual Bertolameu Favela, neto de João de Arruda da Costa e bisneto de João Gonçalves Botelho e trisneto (sic) de Pero Botelho, comendador-mor que foi de Cristo, no Reino de Portugal, como descendente de tais pessoas, por serviço de Deus e de el-Rei, e por satisfazer à obrigação de sua nobreza, andando pelejando a armada de el-Rei de Portugal, de que era capitão Pero Correia de Lacerda, fidalgo de sua casa, contra três navios ingreses ([75]) de cossairos ([76]), que andavam entre São Jorge e a ilha Terceira, se ajuntou de seu próprio moto João Betencor de Vasconcelos e Aires Jácome Correia, fidalgos da casa de el-Rei, e tomando um batel de pescar, muito pequeno, em que não cabiam mais que os remadores e eles, com um Gaspar Estácio, cidadão e nobre da Terceira, se foram todos quatro acudir à dita armada, por saberem não ter gente para se defender, como era necessário; e por serem dos primeiros que chegassem, partiram assim em barco tão pequeno, no qual, por ser o mar tão grosso, correram risco de se perderem por mais que de terra eram chamados por muita gente de cavalo que se tornassem por não perecerem: e eles, estimando mais sua honra que sua vida, sem querer tornar atrás, seguiram seu caminho adiante, onde quase milagrosamente foram ter com a armada, sem a verem, nem aos imigos que contra ela eram, porque havia tanta briga e guerra antre eles que não enxergavam navio algum com a grande fumaça das

muitas bombardas, que uns aos outros atiravam. Os quais, por antre estes perigos e obscuridade, foram ter com o capitão-mor, passando muito risco do mar e da artelharia, e chegando às dez horas do dia entraram no galeão, onde se ofereceram todos quatro ao capitão para serviço de seu Deus e de seu Rei, começando logo a ajudar e pelejar com seus arcabuzes, ajudando a assestar a artelharia, animando aos soldados, dizendo-lhe que de terra vinham muitos arcabuzeiros em seu favor. Passado aquele dia, em que pelejaram varonilmente até noite, chegaram em anoitecendo vinte arcabuzeiros de terra e com eles dentro guerrearam continuamente com os imigos três dias e três noites, sem nunca descansarem; e por trazerem mais atormentados os contrários, deixavam a artelharia atacada de dia, para de noite a disparar neles; no dia que chegaram, mataram dos cossairos vinte seis ou vinte sete homens e depois lhe tomaram um dos navios, com muita artelharia e alguma mercadoria. Os quais contrários se não tomaram todos por falta de pólvora na armada, que se gastou toda naqueles três dias e três noites, em que lhe atiraram quase quinhentos pelouros. E não foram abalroados os ditos imigos, por o galeão de Portugal ser só e eles três, que as duas caravelas de el-Rei não quiseram abalroar, pelo qual foram bem castigados no Regno; e se não foram os ditos Bertolameu Favela, João de Betencor, Aires Jácome Correia e Gaspar Estácio, muito risco correra a armada de el-Rei. E muitas vezes, sucedendo fazer-se a armada na ilha Terceira e nesta de S. Miguel contra cossairos, que sempre a elas vêm, vão nelas o dito Bertolameu Favela da Costa e os outros acima ditos que, por se pôrem a este perigo e a outros muitos, escreveu el-Rei a cada um deles duas cartas de muitos agradecimentos e honras, em que lhe prometeu fazer-lhe muitas mercês e encomendando-lhe sempre o seu serviço em tais sucessos.

Houve também Manuel do Porto o quarto filho, chamado Francisco da Costa, que casou com Caterina Ferros, dos Ferreiras, de que não houve filhos, e faleceu vindo do Cabo Verde.

Teve mais Manuel do Porto, de sua mulher Breatiz da Costa, duas filhas, Margarida da Costa e Maria de S. Pedro, freiras no mosteiro de Vila Franca; e outra filha, chamada Breatiz da Costa, mulher que foi de Francisco de Melo Machado, fidalgo muito honrado, filho de Bertolameu Godinho Machado e de Filipa de Melo, fidalgos, e não tiveram mais que uma filha, que faleceu. E, falecendo Francisco de Melo, casou ela com João Lopes Moniz, filho de Adão Lopes e neto de João Moniz, e faleceu sem haver dela filhos.

Jorge da Mota, genro de João de Arruda da Costa, foi primeiro casado com outra mulher, de que houve alguns filhos, como direi na geração dos Cordeiros.

As armas dos Costas são um escudo com um campo de vermelho, com seis costas de prata em faixa, em duas palas, e algumas têm por diferença uma flor de liz de ouro; elmo de prata aberto, guarnecido de ouro, paquife de prata e vermelho, e timbre duas costas em aspa.

CAPÍTULO VI

DOS COGOMBREIROS, QUE AGORA COM VOCÁBULO CORRUPTO SE CHAMAM COLOMBREIROS, QUE PRIMEIRAMENTE VIERAM POVOAR A ILHA DE S. MIGUEL

Havia no Algarve um homem nobre e rico, da casa do Infante D. Henrique, que mandou descobrir estas ilhas dos Açores, chamado ou Joanne Ãnes da Costa, ou Rodrigue Annes, ou Afonse Annes da Costa, morador na Raposeira, onde tinha um seu jardim e horta, que dava em seu tempo muitos cogombros, o qual tinha muitos filhos e filhas e netos e grande família, em cuja casa, dizem alguns, que pousava o dito Infante, quando ia por aquelas partes, e vendo a grande multiplicação de sua geração e horta, também com os cogombros, lhe disse: — "vós hão vos de chamar Cogombreiros". Outros dizem que, por ver tão multiplicada sua progénia, disse: — "vós dai-vos aqui como cogombros", porque é hortaliça que dá muita fruta. De qualquer destas duas maneiras que seja, daqui tomou este nome Cogombreiro, beijando a mão ao Infante pela mercê que lhe fazia deste apelido; e os da sua progénia se chamaram Cogombreiros, que depois, pelo discurso do tempo, corrompendo-se o vocábulo, se disseram Colombreiros. E alguns seus descendentes foram dali para a ilha da Madeira e de lá vieram para esta ilha, alguns no princípio de sua povoação, quando veio Gonçalo Vaz Botelho, chamado o Grande, como foram Afonso Anes, Rodrigo Afonso, e Pedro Afonso e Diogo Afonso, segundo cuido, todos três irmãos Colombreiros, filhos de Afonso Anes, filho de Rodrigo Anes Colombreiro, que são também da geração dos Costas, como se vê claramente no brasão de Jorge Camelo da Costa, morador no lugar das Feiteiras, desta ilha: da progénia dos quais direi alguma pouca coisa que pude saber com pouca ordem, por não achar antigos que ma soubessem dizer.

O primeiro Afonso Anes da Costa dizem que morou na Ponta da Garça, termo da Vila Franca; foi casado com uma fuã Carneira, nobre mulher, natural do Porto, de que houve estes filhos: o primeiro, Vicente Afonso, o segundo, João Afonso, o terceiro Gabriel Afonso, o quarto, Afonso Anes, de alcunha Mouro Velho, o quinto, Diogo Afonso, o sexto, Pedro Afonso, pai de Jorge Camelo, o sétimo, Rodrigo Afonso, o octavo, Jordão, que faleceu moço. Vicente Afonso dizem que casou em Vila Franca.

João Afonso casou com uma irmã de Marcos Lopes, de Água do Pau, de que houve uma filha e dois filhos, que faleceram sem geração.

Gabriel Afonso foi casado com Gília Soares, filha de João Velho, primo cõ-irmão (sic) de João Soares, Capitão da Ilha de Santa Maria, primeiro, e desta ilha de S. Miguel, o qual Gabriel Afonso houve de sua mulher um filho, chamado João Soares, que morou no lugar dos Mosteiros e casou com Mór Gil, filha de Gil Vaz, do dito lugar, e de Maria Anes, filha de João Moreno, da Ponta Delgada, irmão da mulher de Afonso Ledo. Houve João Soares de sua mulher um filho, chamado Francisco Soares, e uma filha por nome Catarina Velha, que casou com Gaspar Dias, morador na ilha do Corvo, filho de João Dias, lutador, da ilha Terceira; teve mais João Soares outra filha, chamada Isabel da Costa, que casou com João Roiz, filho de João Fernandes, de Santa Clara, e de Maria Roiz Castanha, moradores na freguesia de Santa Clara, da cidade; o quarto filho, chamado como seu pai Afonso Anes, casou com Inês Martins, filha de Martim Anes Furtado, e irmã da mãe de Pero Pacheco, que houve estes filhos: Simão, que faleceu moço e Ana Afonso, casada com Diogo Fernandes Gasalhado, de que não houve filhos, e Solanda Lopes, que casou com Afonso de Oliveira, de que houve muitos filhos. E este mesmo Afonso Anes, quarto filho de Afonso Anes da Costa, casou segunda vez com Breatiz Velha, filha de Gonçalo Velho, sogro de Jorge Nunes Botelho, de que houve uma filha, chamada Breatiz Velha, que casou com Fernão Pires do Quental, de que tem uma filha; e o dito Afonso Anes casou terceira vez com Joana Soares, filha de Francisco Soares, tio de Cristovão Soares, da Atalhada, da vila da Lagoa, de que houve um filho, chamado João Soares

da Costa, sacerdote e beneficiado que foi na freguesia de S. Sebastião da cidade da Ponta Delgada. Faleceu este Afonso Anes, de alcunha o Mouro Velho, no dilúvio de Vila Franca.

O quinto filho de Afonseanes, chamado Diogo Afonso Cogombreiro, homem rico e poderoso, viveu primeiro em Vila Franca, e depois na Ponta Delgada, junto aonde agora está a ermida da Madre de Deus, que ele ordenava fazer em sua vida, e tendo já engalgadas as paredes, estando para a armar de obra de madeira, se desaveio no preço com Diogo Dias, carpinteiro, pelo que cessou a obra, até que sua mulher, depois do falecimento de seu marido, a fez acabar, fazendo-lhe Nicolau Fernandes (que fez a igreja de S. Sebastião da cidade) a capela de abóbada, como agora está. Foi casado o dito Diogo Afonso com Branca Roiz Medeiros, filha de Rui Vaz Medeiros, da vila da Lagoa, de que houve estes filhos: o primeiro, Gaspar Carneiro, que casou com uma filha de João do Porto, chamada Catarina Dias, natural da ilha da Madeira, de que houve estes filhos: o primeiro, que faleceu solteiro nas Índias de Castela, o segundo, Diogo Afonso, que casou com Bartoleza Pais, filha de João de Teves, o terceiro, Pero Furtado, que casou com Maria Soares, filha de Gaspar do Monte, o Moço, e neta de Gaspar do Monte, o Velho, o quarto, Gaspar Carneiro, que faleceu frade de S. Domingos, em Coimbra.

Houve mais Gaspar Carneiro quatro filhas: a primeira, Guiomar Roiz, que casou com Vicente Anes, da casta dos Giraldos, gente honrada, que vieram do Algarve, de que houve muitos filhos e filhas; a segunda, Antónia Carneira, casou com João Esteves, viúvo, de que houve dois filhos e uma filha, um chamado Pedro Carneiro, casou com uma filha de João Jorge, o Moço, da vila de Água do Pau; o outro, chamado Manuel Carneiro, casou na cidade da Ponta Delgada com uma neta de Bertolameu Afonso Cadimo; outra, a que não soube o nome, casou com Bertolameu Afonso Giraldo, morador nos Mosteiros, de que tem duas filhas e um filho; e Branca Roiz, quarta filha de Gaspar Carneiro, casou com Álvaro Roiz, viúvo, de que houve filhos e filhas.

O quarto filho de Diogo Afonso, chamado Sebastião Afonso, casou com uma filha de André Manuel Pavão, da vila de Água do Pau, de que houve quatro filhas: as três faleceram solteiras e estão enterradas na ermida da Madre de Deus, que ordenou fazer seu avô Diogo Afonso da Costa; a outra casou com Sebastião Barbosa, filho de Estevão Nogueira e neto de Sebastião Barbosa da Silva, o Velho; outro filho de Sebastião Afonso casou com Maria de Froes, filha de Manuel de Froes, escrivão de Vila Franca; outro filho, chamado Aleixos Furtado de Mendonça, está na Mina. Este Sebastião Afonso, sendo, depois de muito velho, eremitão nas Furnas, teve um galo que pelejava cruamente com os homens que lhe cantavam como galo, ferindo-os com o bico e esporões, com tanta braveza, que não se podendo com um pau, uma vez, defender dele um homem, chamou “aque (sic) Delrei” sobre ele, arrancando a espada, com que ainda se não pudera valer, se outros os não apartaram, acudindo ao arruído. Teve também Diogo Afonso, quinto filho de Afonso Anes Cogombreiro, duas filhas: a primeira, D. Maria Medeiros, que foi casada com Francisco de Betancor, morgado, de que houve os filhos que direi na geração dos Betancores; a segunda, Isabel Carneira, que não casou.

O sexto filho de Afonso Anes, chamado Pedro Afonso da Costa, casou com D. Lianor Camela, filha de Fernão Camelo Pereira, fidalgo, e de D. Breatiz, sua mulher, de que houve três filhos: Sebastião de Sousa Pereira, que casou com D. Isabel, filha do Doctor Francisco Toscano, corregedor que foi com alçada nesta ilha, de que houve alguns filhos; Jorge Camelo Pereira, que casou com D. Margarida, filha de Pero Pacheco, de que não houve filhos; e uma filha, chamada D. Breatiz que casou com Francisco de Mendonça, filho de Mendo de Vasconcelos, fidalgo.

O sétimo filho de Afonso Anes, chamado Rodrigo Afonso, faleceu sem casar; o oitavo, por nome Jordão, (como já disse) faleceu moço.

Teve mais Afonseanes da Costa, três filhas: a primeira, chamada Branca Afonso, casou nesta ilha com Luís Gago, da vila da Ribeira Grande, de que houve os filhos que direi na geração dos Gagos; a segunda, Breatiz Afonso, casou com Hector Alvres Homem, fidalgo, morador na Agualva, termo da Vila da Praia, da ilha Terceira, do qual houve estes filhos: Diogo Homem, João Homem, Pedro Homem da Costa, e dois que morreram no mar, e uma filha, chamada Breatiz Homem, que casou com António Lopes, homem fidalgo.

Dizem também ter Afonso Anes da Costa outra filha, que casou com Félix Fernandes, fidalgo, que veio da ilha da Madeira, do qual teve três filhos, o primeiro, Hércules Fernandes, que foi para a Índia, o segundo, Diogo de Andrade, o terceiro, a que não soube o nome, que se

foram fora desta terra e lá faleceram. Teve também três filhas: a primeira, Catarina de Rezende, que foi casada com João Mourato, a segunda, Iria de Rezende, casou com Rodrigo Anes, alcaide que foi na vila da Ribeira Grande, de que houve filhas: Ana Roiz, Iria Roiz, Maria de Andrade e um filho por nome António Roiz.

O que eu tenho por mais certo desta geração dos Colombreiros, conforme ao brasão que tem Jorge Camelo Pereira, filho de Pedro Afonso da Costa Cogombreiro, e neto de Rodrigo Anes da Costa Cogombreiro, é que o dito Rodrigo Anes Cogombreiro da Costa foi fidalgo muito honrado do tronco desta linhagem dos Costas, que dizem trazer sua origem da Torre de Moncorvo, donde se passaram ao Algarve, onde o dito Rodrigo Anes da Costa foi morador na Raposeira, e era da casa do Infante D. Henrique, que descobriu estas ilhas; e hoje em dia está ali na Raposeira uma torre que ele fez para agasalhar o Infante e Príncipes, quando lá iam. O qual Rodrigo Anes não veio a esta ilha, mas foram seus filhos morar à ilha da Madeira, no lugar que se chama o Caniço, e depois vieram de lá a povoar esta ilha, e moraram primeiro na Ponta da Garça, três irmãos, filhos do dito Rodrigo Anes da Costa: o mais velho, chamado Afonso Anes que, como disse foi casado com uma fuan Carneira, filha dum cidadão da cidade do Porto, de que houve filhos e filhas já ditos, ainda que outros somente dizem serem seis: Diogo Afonso da Costa, Vicente Afonso, Pedro Afonso, pai de Jorge Camelo, Afonso Anes, Mouro Velho, Rodrigo Afonso e Gabriel Afonso, e as filhas já ditas. O segundo, Joanne Annes da Costa; o terceiro, Pedro Anes da Costa. Joãne Ãnes veio casado com Isabel Borges, mulher nobre, da qual houve estes filhos: Afonso Rafael, que casou com uma filha de João Afonso, homem principal da Grota Funda, de que houve alguns filhos; o segundo, que casou com Maior da Ponte, filha de Ervira Alvres, e de seu pai não soube o nome, a qual Maior da Ponte era mãe de Pero da Ponte, o Velho; o terceiro filho de Joanne Annes Colombreiro se chamava Gonçalo Borges, dos principais de Vila Franca, que casou com Isabel de Povos, de Água do Pau. Teve mais este Joanne Annes Colombreiro seis filhas: a primeira, chamada Catarina Borges, que casou com Simão de Teves, letrado em leis, como direi na geração de João de Teves; a segunda se chamava Constança Rafael, que também casou honradamente com Francisco Anes de Araújo, de quem não houve filhos; a terceira se chamava Guiomar Borges, que foi casada com Gonçalo Anes Bulcão, do hábito de Santiago, bom cavaleiro, morador em Rabo de Peixe, da governança da vila da Ribeira Grande, de quem não houve filhos; a quarta se chamava Maria Borges, que também foi casada honradamente com Marcos Dias, cidadão da cidade de Vila Franca (sic), viúvo, pai do padre Frei Gaspar Marques, confessor que foi das freiras do Mosteiro de Jesus, da vila da Ribeira Grande, de que houve muitos filhos, já defuntos; e outra Maria Borges, casada com Manuel Curvelo, da ilha de Santa Maria, de que não houve muitos filhos e filhas; a quinta se chamava Clara Anes, que não se casou; a sexta se chama Inês Borges, que não pude saber se foi casada.

Pero Anes Colombreiro, irmão de Joanne Annes Colombreiro, também morava na Ponta Garça. Casou e não sei o nome de sua mulher, de que houve os filhos seguintes: Joãne Anes que morou na Achada, e casou na vila da Ribeira Grande com Catarina Fernandes, filha de Fernão Dafonso, o Ruivo, de que houve três filhos: Gaspar Pires, e Baltazar Jaques e Fernão de Anes. Teve mais Joanne Ãnes, filho de Pedreanes, estas filhas: uma chamada Branca Jaques, que casou com um fuão Bastos ([77]), morador na Achada. Teve Joanne Annes outra filha, chamada Breatiz Delgada, que casou com Francisco Fernandes, da Achada, e depois de viúva casou segunda vez com Lopo Dias Homem, cavaleiro do hábito de Santiago, morador na Ribeira Grande, de que não houve filhos e aí faleceu. Têm os Colombreiros as armas dos Costas, que são um escudo com o campo vermelho e seis costas de prata em faixa, em duas palas, e alguns têm por diferença um trifólio de ouro, elmo de prata aberto, guarnecido de ouro, paquife de prata e vermelho, e por timbre duas costas de armas em aspa. Foram todos nesta terra mui valorosos, ricos e abastados, e sustentaram suas casas com cavalos, criados e escravos e grande família.

CAPÍTULO VII

DOS TEVES E DOS CORDEIROS, ANTIGOS POVOADORES DESTA ILHA DE S. MIGUEL, E DE ALGUNS MOTAS

Em companhia de Gonçalo Vaz Botelho, chamado o Grande, veio a esta ilha, por mandado de el-Rei e do Infante, Gonçalo de Teve Paym, francês, natural de Paris, filho de Gonçalo Dornelas Paim, capitão de el-Rei de França, que em umas guerras que o Rei teve (segundo dizem) com italianos, guardou e defendeu com grande esforço uma porta dos muros da dita cidade de Paris, sendo cometida dos imigos, com que não entraram nela; pelo que, aparecendo diante de El-Rei, que o mandou chamar depois desta vitória, lhe perguntou como se chamava; respondendo ele que seu nome era o capitão Gonçalo Dornelas Paym, lhe disse el-Rei: "chamo-vos eu Gonçalo de Teve, pois tivestes com tanto esforço as portas da minha cidade de Paris, por onde me defendestes de não entrarem meus imigos nela". E daqui lhe ficou este apelido de Teve, a ele e a seus descendentes.

Gonçalo de Teve Paym, filho deste Gonçalo Dornelas Paim, vindo a esta ilha por mandado do Infante, de cuja casa, era, com grandes poderes para repartir e dar terras, e com cargo de almoxarife, foi o primeiro nela; onde o Capitão e ele, em nome do Rei, faziam as dadas das terras e a repartição delas. Teve dois filhos, sc., Pero de Teve e João de Teve, que por ser mais velho foi o segundo almoxarife, depois do falecimento de seu pai. O qual João de Teve casou com Isabel Manuel, filha de Manuel Afonso Pavão, o Velho, morador na vila de Água do Pau, da qual houve estes filhos: o primeiro, João de Teve, doctor e desembargador, de que não ficaram filhos; houve mais João de Teve, segundo almoxarife, uma filha chamada Guiomar de Teve, que foi mulher de André Gonçalves de Sampaio, de que não ficaram filhos; teve mais o dito João de Teve um filho, chamado Simão de Teve, que houve de sua mulher um só filho.

Houve Gonçalo de Teve, primeiro almoxarife, de sua mulher, a que não soube o nome, o segundo filho, chamado Pero de Teve, e irmão do dito João de Teve, ambos (segundo alguns dizem) primos com-irmãos ou parentes muito chegados de António de Teve, tesoureiro-mor que foi no regno de Portugal, o qual Pero de Teve, segundo filho de Gonçalo de Teve, e que viveu na cidade, junto da Calheta, que tomou dele o nome, casou com Francisca de Mesas, da geração dos Mesas e Francos, irmãos da mulher de João Afonso, Cadimo de alcunha, que morou nos Biscoitos, junto de André Gonçalves de Sampaio, e irmão ([78]) da mulher de Aires Lobo, filhas todas de Isabel Franca de Mesas; da qual houve o dito Pero de Teve estes filhos: o primeiro, Amador de Teve, que casou com Breatiz Roiz, filha de Pedro Álvares Benavides, de que houve um filho, chamado Gaspar de Teve, que por ser homem de grandes espíritos e muita discrição, foi capitão da companhia da guarda da fortaleza da cidade da Ponta Delgada, e agora é capitão de uma companhia, o qual casou com uma filha de Manuel Machado e de Lianor Ferreira, filha de Gaspar Ferreira, de quem tem alguns filhos.

O segundo filho de Pero de Teve se chamou Simão de Teve, que casou com uma filha de Gil Vaz, morador na Bretanha; o terceiro, Sebastião de Teve, casou com uma filha de Álvaro Pires, procurador do número, morador nos Biscoitos da Fajã, pai da mulher de Sebastião Luís, pai de Hierónimo Luís; o quarto Hierónimo de Teve, que faleceu solteiro. Teve mais Pero de Teve uma filha, chamada Francisca de Teve, mulher de António da Mota; outra, Isabel de Teve, freira no mosteiro da Esperança, da cidade da Ponta Delgada; e Ana de Teve, mulher de Sebastião Gonçalves, filho de Francisco Dias Caiado; e Guiomar de Teve, que casou com Rui Velho, filho de João Alvres do Olho, de que tem os filhos que disse na geração dos Velhos.

Além destes filhos, teve Gonçalo de Teve outro filho, chamado Simão de Teve, que casou com Catarina Borges, filha de Joanne Annes Colombreiro, morador em Vila Franca, onde morreram no dilúvio.

Veio também com o dito Gonçalo de Teve, primeiro almoxarife, por mandado de el-Rei e do Infante, a esta ilha de S. Miguel, por primeiro escrivão do almoxarifado, um seu irmão (segundo afirmava Pero Soares, Capitão da ilha de Santa Maria), chamado Pero Cordeiro, que morou em Vila Franca com sua mulher, da qual tinha quatro filhas muito formosas e virtuosas: uma casou com Gonçalo Vaz Andrinho, o Moço, filho de Gonçalo Vaz Botelho, da qual houve estes filhos: André Gonçalves de Sampaio, o Congro por alcunha, e a mulher de João de Betancor de Sá, fidalgo, e a mulher de Fernão de Macedo, também fidalgo, irmão do Capitão do Faial, como disse na geração de Gonçalo Vaz, o Grande. A segunda filha de Pero Cordeiro, chamada Lianor Cordeira, casou com Fernão Camelo, pai de Gaspar Camelo, fidalgo, e de Pero Camelo, e de Jorge Camelo e de Henrique Camelo, como direi na geração dos Camelos. A terceira filha de Pero Cordeiro, que se chamava Catarina Cordeira, casou com Vicente de Abreu, homem fidalgo, de Portugal, da qual houve um filho chamado Pero de Abreu, que por casar com uma irmã de Francisco Afonso, de Vila Franca, contra vontade de seu pai, o mandou caminho de Portugal, logo em casando, e lá faleceu. A quarta filha de Pero Cordeiro, chamada Maria Cordeira, casou com João Roiz, recebedor de el-Rei, que naquele tempo chamavam recebedores aos feitores; este era criado de el-Rei, homem de muita sorte; da qual houve um filho e duas filhas: o filho, Pero Roiz Cordeiro, casou com Catarina Correa, sexta filha de Martim Anes Furtado, de que teve os filhos que direi na geração dos Furtados. A primeira filha do feitor João Roiz casou com Sebastião Roiz Panchina, irmão de Pedreannes, Bernaldeannes, Johanne Annes e Jorge Vaz Panchinas, o qual Sebastião Roiz morou além da Calheta de Pero de Teve, na quintã onde agora mora seu sobrinho António Ledo, filho de Joanne Annes Panchina, casado com uma filha de João Roiz dos Alqueires, de que tem filhos e filhas, e irmão de Manuel de Crasto, solteiro, e de Leonel João, que casou com Catarina Anes, filha de Luís Galvão, de que tem duas filhas; irmão também de Simoa de Crasto, que casou com Miguel Martins, filho de João Álvares, o Examinado, da Lagoa, e de Catarina Martins, sua mulher, de que houve um filho, chamado Miguel Martins, clérigo bem entendido e bom cantor, que foi cura na cidade, e duas filhas, Lianor Leda, casada com um sobrinho de Baltazar de Armenteiros, castelhano, chamado Gaspar de Armenteiros, e a outra, Catarina Miguel, casada com Cristovão Cordeiro, filho de Cristovão Cordeiro, escrivão que foi da alfândega.

Houve Sebastião Roiz Panchina, de sua mulher, estes filhos: Sebastião Roiz, vigairo que foi dos Fenais e depois da Relva, termos da cidade, e uma filha, chamada Maria Cordeira, que casou com Roque Lopes, escrivão da correição, de que não houve filhos, e depois casou segunda vez com Nuno Barbosa da Silva, filho de Hector Barbosa da Silva, de que também não teve filhos. Houve Sebastião Roiz Panchina, de sua mulher, outro filho, chamado Cristovão Cordeiro, que foi escrivão da alfândega nesta ilha de S. Miguel e casou com Solanda Rodrigues de Benavides, de que houve estes filhos: o primeiro, João Roiz Cordeiro, que foi alcaide na cidade da Ponta Delgada e casou com Maria Luís, filha de Luís Martins e de Margarida Gonçalves, de que tem filhos e filhas; o segundo, Manuel Cordeiro de Sampaio, do hábito de Cristo, com trinta mil reis de tença, que agora é juiz do mar, homem de muita discrição e prudência e de altos espíritos, digno de grandes cargos, que casou com Mécia Nunes, filha do licenciado Gonçalo Nunes de Arês e de sua mulher, filha dum almoxarife da cidade de Angra, da ilha Terceira, dos principais dela. O terceiro filho de Cristovão Cordeiro, chamado como seu pai, é casado com Catarina Miguel, como atrás disse. O quarto, Pedro Alvres de Benavides, que foi para as Índias de Castela. O quinto, chamado André Cordeiro, casado com Maria de Matos, filha de Baltazar Gonçalves Ramires e de Margarida de Matos, filha de Hierónimo do Quental. O sexto, António de Benevides, letrado em leis, de grande habilidade, o qual, pelejando por defensão da pátria, foi morto na batalha naval que houve entre as armadas de el-Rei Filipe e dos cossairos, que vieram da Terceira ([79]) ao porto da cidade da Ponta Delgada. O sétimo, chamado Mateus Cordeiro, é ainda solteiro; todos homens de grandes espíritos, e outros que faleceram.

Houve mais João Roiz, feitor, de sua mulher Maria Cordeira, outra filha que casou com Jordão Jácome Raposo, de que houve os filhos que direi na geração de Rui Vaz do Tracto Raposo (sic).

Por falecimento do dito feitor João Roiz, ficou sua mulher, Maria Cordeira, viúva, e casou segunda vez com Jorge da Mota, filho de Fernão da Mota, honrado e rico, natural e cidadão do Porto, parente de D. Jerónimo Dosouro (sic), bispo do Algarve, o qual se aposentou em Vila Franca e tinha dois filhos: Jorge da Mota e Pero da Mota, os quais estando ambos com seu pai

rico, casou Jorge da Mota com a dita Maria Cordeira, desgostando seu pai disso, só por ser ela viúva; pelo que se tornou com o filho Pero da Mota para o Porto.

Jorge da Mota, que cá ficou, foi um homem muito honrado, virtuoso e discreto, e era cavaleiro do hábito de Aviz; o qual houve da dita Maria Cordeira, sua mulher, três filhos e uma filha: o primeiro, António da Mota, casou na cidade da Ponta Delgada com Francisca de Teive, filha de Pero de Teive, de que houve os filhos que se dirão em outra parte; o segundo filho de Jorge da Mota e de Maria Cordeira, chamado Simão da Mota, casou com Isabel Afonso, filha de João Afonso da Costa, pai de Jorge Afonso Quoqualegres, do Nordeste, de que houve alguns filhos. Depois casou segunda vez com uma filha de João Roiz, dos Fenais da Maia, filho de Fernão Roiz, da Lagoa, de que houve dois filhos: Frei Jorge da Mota e Frei Manuel, que foram bons religiosos, pregadores da ordem de S. Domingos, e tiveram alguns cargos honrosos na dita ordem. Depois casou a terceira vez com Caterina Ferros, viúva, que fora mulher de Francisco da Costa, filho de Manuel do Porto, da cidade da Ponta Delgada, da qual não sei se houve alguns filhos.

Outro filho, terceiro, houve Jorge da Mota, chamado Cristovão da Mota, clérigo e beneficiado em Vila Franca, que com sua liberal condição sustentou sempre, enquanto viveu, uma casa de muitos hóspedes.

A filha do dito Jorge da Mota, chamada Maria de Jesus, foi a primeira freira que houve nesta ilha de S. Miguel e em todas as ilhas dos Açores, que depois do dilúvio de Vila Franca se foi meter em uma ermida de Nossa Senhora de Vale de Cabaços, da vila de Água do Pau, levando consigo algumas suas meias irmãs, que seu pai depois teve de outra mulher com quem casou, onde estiveram guardando a regra da religião inteiramente e fazendo penitência em um pequeno mosteiro que ali se fez; e daí se mudaram para outro que lhe fizeram em Vila Franca, onde ela acabou santamente, como a seu tempo direi; e foi em seu tempo a mais discreta mulher que houve nesta ilha, acompanhada de muitas virtudes.

Depois de falecida Maria Cordeira, casou Jorge da Mota com Bertoleza da Costa, filha de João de Arruda da Costa, da qual houve os filhos e filhas que tenho dito na geração de João Gonçalves Botelho, filho de Gonçalo Vaz, o Grande.

João Roiz Cordeiro, pai de Pero Roiz Cordeiro, seu nome próprio era João Roiz de Sousa, e foi postiço este nome por certos inconvenientes que não fazem a caso para nossa história; porém devia ser parente dos Cordeiros. Os quais Cordeiros têm por armas cinco cordeiros de prata em campo verde e uma águia por timbre.

CAPÍTULO VIII

DE JORGE VELHO, ANTIGO POVOADOR DA ILHA DE S. MIGUEL, E DOS JORGES SEUS DESCENDENTES

Segundo afirmam antigos, estando o Infante D. Henrique no cabo de S. Vicente, tratando do descobrimento destas ilhas dos Açores, veio ali ter com ele, não sei por que causa, um sobrinho de el-Rei de Fez, bem acompanhado, ao qual o Infante recebendo honradamente, com seu exemplo e doutrina persuadiu que se tornasse cristão e, baptisando-se, foi seu padrinho Gonçalo Velho, comendador de Almourol, do qual tomou o sobrenome, chamando-se Jorge Velho; o qual casou depois com Áfricanes que alguns dizem ser filha de um Manuel Afonso, que a trouxera de África, onde estivera por fronteiro e por isso lhe pusera por nome África, ainda que outros dizem não ser este o seu nome da pia. E outros dizem outas coisas, que direi aqui todas, para que cada um julgue o que melhor lhe parecer. ([80])

Como tenho dito, quando tratei da ilha de Santa Maria, com o primeiro capitão Gonçalo Velho, comendador de Almourol, no princípio logo quando esta ilha de S. Miguel foi achada, antre os primeiros que a povoaram, veio ter a ela, desembarcando na Povoação Velha, um Jorge Velho, bom cavaleiro de África, da casa do Infante D. Henrique, por seu mandado a deitar gado nela e outros dizem que então veio também Gonçalo Vaz, o Grande, e à ilha de Santa Maria um Gonçalo Anes, de Semandessa, de Portugal, homem de nobre geração, donde dizem que se absentou por (como homem poderoso que lá era) afrontar um prelado, e trouxe consigo uma filha muito formosa, discreta e grave, de pouca idade, chamada Áfricannes, porque, morrendo-lhe todos os filhos que havia o dito Gonçaloeannes lhe disseram que, ao primeiro que lhe nascesse, pusesse nome estranho, que ninguém lhe tivesse, e nascendo-lhe esta filha lhe pôs nome África, que depois se chamou Áfricannes tomando o sobrenome do pai. O qual, ou por falecer, ou por se absentar por um desastre da morte de um homem, deixou a dita sua filha encarregada ao Capitão Frei Gonçalo Velho, seu grande amigo, em cuja companhia viera do Regno, o qual Capitão a casou com Jorge Velho, acima dito, que também com ele havia vindo, do qual houve uma filha, chamada Inês Afonso, que viveu na ilha de Santa Maria e casou com Jorge da Fonte, bom cavaleiro, de que houve os filhos Álvaro da Fonte, e João da Fonte ([81]), que gastou toda sua fazenda no descobrimento da Ilha Nova, sem a poder achar, e Adão da Fonte e outros filhos cavaleiros, deles da ordem de Cristo e deles da ordem de Santiago, todos muito nobres e honrados. E da ilha de Santa Maria trouxe a esta de S. Miguel, onde tinha sua fazenda, o dito Jorge Velho sua mulher Áfricannes, de que houve três filhos: João Jorge, Pero Jorge e Fernão Jorge.

O primeiro filho, João Jorge, foi morador na Água do Pau, e casou a primeira vez na mesma vila de Água do Pau com Catarina Martins, natural de Beja, da qual houve estes filhos, sc., Bartolomeu Jorge, que foi a África e lá se armou cavaleiro à custa de seu pai, com armas e cavalo, e em uma saída, que fizeram aos mouros, de cansado do trabalho das armas, se lhe alvoraçou o sangue e abafou, e foi enterrado em uma igreja de Jesus, acompanhado do capitão e de todos os fidalgos cavaleiros.

Teve mais João Jorge o segundo filho, chamado Fernão Jorge, que casou na vila de Água do Pau com Isabel Vieira, filha de Pedro Vieira, de que houve quatro filhos: Bertolameu Jorge, que morreu na Índia, e Sebastião Vieira, que mora na Água do Pau, e Manuel e Amador, defuntos solteiros; e uma filha, chamada Catarina Vieira, que foi casada com Domingos Nunes, de que ficaram alguns filhos.

Teve mais João Jorge desta primeira mulher Catarina Martins, três filhas: a primeira, Inês Jorge, que foi casada com Fernão Gil Jaques, fidalgo, natural de Lagos, do qual houve um filho por nome Gil Jaques, que casou com uma filha de Soeiro da Costa, de Lagos, tio de Rui Gago da Câmara, primo co-irmão de sua avó, chamada Branca Afonso.

A segunda filha de João Jorge se chamava Violante Jorge, que casou com Rui Vaz Baleato, morador na cidade da Ponta Delgada, do qual houve um filho, por nome Amador Roiz, que casou com uma fuã Paes, irmã da mulher de Pero Velho, filho de João Álvares do Olho; houve mais Rui Vaz de sua mulher três filhas: a primeira, chamada Isabel Roiz, que foi casada com André Travassos, filho de João Álvares do Olho, de que houve um filho chamado João Travassos, que casou nos Mosteiros, e uma filha, chamada Violante Velha, também casada nos Mosteiros; a segunda filha de Rui Vaz, a que não soube o nome, casou com Bartolomeu Afonso Cadimo, filho de João Afonso Cadimo, morador na cidade da Ponta Delgada, na Calheta; a terceira filha de Rui Vaz, chamada Francisca, faleceu solteira, de peste, na dita cidade da Ponta Delgada.

A terceira filha de João Jorge se chamava Isabel Jorge e casou com Vasco Vicente Raposo, natural da Raposeira, do Algarve, do qual houve seis filhos e quatro filhas. O primeiro filho, chamado Adão Vaz, foi clérigo de missa, dos primeiros que cantaram missa nesta ilha, e beneficiado na vila de Água do Pau. O segundo, Roque Vaz, que casou na mesma vila com Helena Fernandes, filha de Álvaro Fernandes, da qual houve um filho, chamado Francisco Vaz, e duas filhas, uma por nome Maria Roques, que faleceu casada e deixou filhos e filhas; e a outra, segunda filha, faleceu criança. O terceiro filho de Vasco Vicente e de Isabel Jorge se chamava Vicente Vaz, que casou com Antónia Gonçalves, na vila da Lagoa, de que houve dois filhos, Gaspar e António, que foram para as Índias de Castela. O quarto filho de Vasco Vicente e de Isabel Jorge, por nome Sebastião Vaz, casou com Margarida Coelho, na vila de Água do Pau, de que houve quatro filhos e três filhas. O quinto filho de Vasco Vicente e de sua mulher Isabel Jorge se chamava Manuel Vaz, clérigo e beneficiado na vila da Ribeira Grande. O sexto, por nome Joanne, faleceu moço. A primeira filha de Vasco Vicente e de Isabel Jorge se chamava Eva Vaz, que faleceu no tempo do dilúvio da Vila Franca, na vila de Água do Pau, sendo ainda solteira, porque com o terramoto caiu o quadrado de uma casa e a cortou cerce pelo meio. A segunda filha se chama Caterina Vaz, que casou com João Cabral, dos Remédios, filho de Estevão Travassos e de Violante Gonçalves, do qual houve cinco filhos: António Cabral, casado com uma filha de Rodrigo Álvares, da Bretanha, e tem filhos e filhas; Adão Vaz, que faleceu solteiro; e Francisco Travassos, que casou com uma filha de Tomé Lopes, de que tem filhos e filhas; João Cabral e Manuel Velho, solteiros. Houve mais João Cabral, de sua mulher Caterina Vaz, cinco filhas: a primeira, Simoa Cabral, casou com Belchior Tavares, no lugar de Rabo de Peixe, filho de João Tavares, de que tem filhos e filhas, e uma filha casada com Manuel de Puga, primo do Licenciado Bertolameu de Frias; a segunda filha, por nome Roqueza Cabral, casou com Lucas Afonso, filho de Braz Afonso da Praia, e de Branca do Monte, de que tem filhos e filhas; a terceira, chamada Briolanja Cabral, casou com Manuel de Viveiros, filho de Custódio Afonso e de sua mulher, moradores em Rosto de Cão, de que tem um filho e uma filha; a quarta e quinta filhas estão ainda solteiras.

A terceira filha de Vasco Vicente e de Isabel Jorge, chamada Maria Vaz, foi casada com Braz Gonçalves, na Lagoa, de que houve três filhos e uma filha, casados todos na vila da Lagoa; eles e ela têm filhos e filhas. A sexta (sic) ([82]) filha de Vasco Vicente é casada com Manuel Martins, escrivão dos cativos em toda esta ilha, do qual houve dois filhos e quatro filhas, e tem um casado e outro solteiro; e duas filhas casadas e duas por casar.

Casou o dito João Jorge, a segunda vez, com Breatiz Vicente, natural do Algarve, da qual houve três filhos: Roque Jorge, que casou com Maria Afonso, filha de Pedro Anes Preto, de que houve um filho, por nome Roque; o segundo, chamado João Jorge, que casou com Mor de Sequeira, filha de Afonso Fernandes de Sequeira e de sua mulher, de que houve dois filhos, António e Cosme, que faleceram, e uma filha, chamada Caterina de Sequeira, que casou com Salvador Dias, morador na vila da Lagoa. O terceiro filho de João Jorge e de Breatiz Vicente, sua mulher, se chama João Jorge, o Moço, que casou com Iseu da Costa, de que tem dois filhos casados e duas filhas casadas, e uma filha freira no mosteiro de Santo André, na cidade da Ponta Delgada. Houve mais João Jorge, da segunda mulher Breatiz Vicente, quatro filhas: a primeira, por nome Margarida Jorge, foi casada com Francisco Soares, amo do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, pai de Manuel da Câmara, da qual teve um filho, chamado Diogo Soares, que se foi desta ilha, sem mais se saber dele.

A segunda filha de João Jorge e de Breatiz Vicente, chamada Maria Jorge, foi casada com Gaspar Pires, cavaleiro, filho de Pedro Anes Preto, fidalgo, e de Caterina Luís, sua mulher; houve dela dois filhos: Manuel e Francisco, que faleceram moços, e três filhas, uma, chamada Margarida Henriques, casada com Amador Coelho, de que houve uma filha, que faleceu moça,

e um filho, bom clérigo, chamado Manuel Coelho, beneficiado na vila de Água do Pau, e outros três filhos, Pero Coelho e Rui Coelho, casados, e João Coelho, solteiro. A segunda filha de Gaspar Pires e de sua mulher Maria Jorge se chama Catarina Luís, que casou com Miguel Lopes de Araújo, filho de Lopeanes e de sua mulher Guiomar Roiz de Medeiros, do qual houve três filhos e duas filhas; um deles, chamado António de Araújo, que é agora vigairo na vila de Água do Pau; e outro solteiro, chamado Manuel de Medeiros; e outro filho, Francisco de Araújo, que casou em Portugal, que ora é escrivão da Câmara e do público e judicial, em Vila Franca, e duas filhas, uma chamada Ana de Medeiros, que casou com Gaspar Dias, honrado e muito rico mercador ([83]), de que tem três filhos e uma filha; a outra filha, chamada Maria de Medeiros, casou com Manuel Rebelo, filho de Baltazar Rebelo e de sua mulher Guiomar Borges. A terceira filha de Gaspar Pires se chama Hierónima Luís, que casou com António Darja (sic) ([84]), natural da ilha da Madeira, filho de Simão Darja, do qual tem filhos e filhas.

Houve mais João Jorge, de sua mulher Breatiz Vicente, a terceira filha, por nome Francisca Jorge, que casou com Mateus Dias, homem mui honrado e rico, do qual houve um filho, chamado Manuel Dias, que foi casado com uma filha de António Fernandes Furtado, do Faial, de que houve filhos e filhas; e outro filho segundo, chamado João Dias, que foi casado primeira vez com uma filha de Belchior Vaz Fagundes, de que houve filhos e filhas, e agora é casado segunda vez na Maia.

A quarta filha de João Jorge e de Breatiz Vicente, sua mulher, se chamava Joana Jorge, que foi casada com Francisco Corrêa de Sousa, escrivão da Câmara que foi na vila da Lagoa, da qual houve três filhos: Henrique Corrêa, e Jorge Corrêa e Francisco Corrêa, todos casados na Alagoa e uma filha, chamada Maria Corrêa de Sousa, casada na Água do Pau, com Rui Gonçalves, filho de Hierónimo Gonçalves e de sua mulher, moradores que foram na Vila Franca, de que tem filhos e filhas.

O segundo irmão de João Jorge se chamava Pero Jorge. Casou na cidade da Ponta Delgada com uma filha de Gonçalo Anes e de Caterina Afonso, naturais da cidade do Porto, irmão de João Roiz, o Velho ([85]), pai de Belchior Roiz, escrivão da Câmara que foi na cidade, e irmão da mulher de João Fernandes Alcalá, de que houve dois filhos: o primeiro, chamado Gaspar Jorge, faleceu solteiro em Portugal; o segundo, por nome Hierónimo Jorge, que casou com Breatiz de Viveiros, filha de Gaspar Viveiros e de sua mulher, da qual houve quatro filhos: o primeiro, Pero Jorge que faleceu em Lisboa; Frei Hierónimo, da ordem de São Domingos, religioso de muita virtude, bom letrado e pregador; e o terceiro, chamado Gaspar de Viveiros, casado com Maria Baldaia, filha de Belchior Baldaia, que tem agora o morgado de seu avô Pero Jorge e é administrador de sua capela; o quarto, António Jorge que casou em Portugal e faleceu sem filho nem filha. Houve mais Hierónimo Jorge, de sua mulher Breatiz de Viveiros, cinco filhas: a primeira, chamada Maria Hierónima, que foi casada com Manuel do Rego, de que houve dois filhos, Gonçalo do Rego, que casou primeira vez no Nordeste, e a segunda vez com uma filha de João Roiz dos Alqueires, de que tem alguns filhos; e o segundo filho de Manuel do Rego, que casou com Hierónima de Sousa, filha de Nuno de Sousa e de sua primeira mulher Caterina de Moura, de que tem filhos; houve mais Manuel do Rego quatro filhas, freiras no mosteiro da Esperança da cidade da Ponta Delgada, e outra casou com Luís de Chaves, de que tem filhos e filhas.

Houve mais Herónimo Jorge de sua mulher Breatiz de Viveiros, a segunda filha, chamada D. Luzia, que casou com Rui Gonçalves da Câmara, fidalgo, filho de Henrique de Betancor e de D. Simoa, sua mulher, de que tem filhos e filhas, algumas freiras no mosteiro de Jesus da vila da Ribeira Grande. Houve mais Herónimo Jorge, da dita sua mulher, três filhas, que duas são solteiras e uma casada com António da Costa, filho de João Vaz, da Achada.

Houve também Pero Jorge, de sua mulher, duas filhas, uma chamada Caterina Jorge, que casou com Pero Gonçalves Carreiro, de que houve um filho chamado Diogo Vaz Carreiro, que casou com Beatriz Rodrigues, filha de Garcia Roiz Camelo e de sua mulher Leonor Soeira, de que não teve filhos, e fez o mosteiro de Santo André da cidade da Ponta Delgada, para ele recolher suas parentes pobres, com doação de setenta moios, dele e de sua mulher, de renda cada ano, de que agora é padroeiro o licenciado António de Frias, seu sobrinho.

A segunda filha de Pero Jorge e de sua mulher se chama Breatiz Jorge, que foi casada com Gaspar Camelo Pereira, filho de Fernão Camelo, morador que foi nas Feiteiras, de que houve Pero Camelo, juiz dos órfãos na cidade da Ponta Delgada, casado com D. Iria, e Leonor Camela, mulher de Álvaro Martins, memposteiro-mor dos cativos, e outras que adiante direi na

geração dos Camelos. E D. Jerónima ([86]), mulher de Jorge Furtado, do hábito de Cristo, com vinte mil reis de tença, que agora tem seu filho Martim de Sousa.

O terceiro irmão de João Jorge e de Pero Jorge se chamava Fernão Jorge, mui esforçado cavaleiro, o qual foi desta ilha ao Regno com um navio carregado de cevada para seus gastos e trouxe de Lisboa o alvará de vila ao lugar da Ponta Delgada, e depois tractava em Cabo Verde, e faleceu solteiro, estando em Lisboa muito rico, tendo em vida sua principal morada na ilha da Madeira, na cidade do Funchal, donde vinha algumas vezes a esta ilha a ver seus parentes e irmãos, João Jorge que morava na vila da Lagoa, e Pero Jorge na cidade da Ponta Delgada, que eram as vilas onde tinham grossas fazendas e viviam todos ricos e poderosos, pelo que foram servir a el-Rei em África, com outros seus parentes, à sua própria custa. Donde tornaram todos armados cavaleiros, senão um Bertolameu Jorge, filho de João Jorge, homem grande, bem disposto, valente e tão extremado cavaleiro que, correndo à carreira, apanhava as laranjas do chão, o qual lá mataram os mouros em um recontro, que com eles teve em África.

CAPÍTULO IX

DA PROGÉNIA DOS BETENCORES, QUE VIERAM DA ILHA DA MADEIRA A POVOAR ESTA ILHA DE S. MIGUEL, NO TEMPO DE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, TERCEIRO CAPITÃO E PRIMEIRO DO NOME

Como atrás tenho contado, quando tratei das ilhas Canárias (segundo o que escreve Estevão de Guaribay, universal cronista de Espanha), governando o Regno de Castela a Rainha D. Catarina, mulher que foi de el-Rei D. Henrique, terceiro do nome, pelo príncipe, seu filho D. João, que foi o segundo Rei do nome, como governadora dos Regnos, um Mossem Rubem, ou (segundo outros Rubim de Brancamonte, almirante de França, lhe pediu a conquista das ilhas Canárias, com título de Rei, para um fidalgo francês, seu parente, chamado Mossem ou Mossior João Betencurt, a que outros chamam Betencor, outros Betancor; e que a Rainha lhas dera e o ajudara. E partindo com boa armada de Sevilha o novo Rei, e chegando às ilhas de Canária, ganhou três delas: Lançarote, Forteventura e a do Ferro, sem poder conquistar a Grã Canária, pela resistência que achou nela; mas das outras mandava mercadorias a Espanha, em que fazia proveito. E estando nesta conquista, ou o mataram ao novo Rei Mossem João Betancor ou, (como outros dizem), se foi a França refazer de novo para a conquista e deixara ali um sobrinho, chamado Mossem Menante, ou Mossem Maciot de Betancor; o qual, não tornando seu tio de França, por não poder sustentar a guerra, vendera as Canárias ao Infante D. Henrique, por certa coisa que lhe dera na ilha da Madeira, que adiante direi, quando tratar de Rui Gonçalves, Capitão terceiro desta ilha e primeiro do nome, e de sua mulher D. Maria de Betancor, que veio das Canárias com seu pai Mossem Maciot de Betancor para a ilha da Madeira, onde casou com este Capitão, e daí veio com ele para esta ilha de S. Miguel, de que era Capitão, e por estar aqui sem parentes mandou vir depois da dita ilha a um seu sobrinho, chamado Gaspar de Betencor, filho de Mici Maciot, ao qual encabeçou em um morgado, que fez por não ter filhos de seu marido, como adiante direi.

Este Gaspar de Betencor, sobrinho da primeira Capitoa D. Maria de Betancor e parente muito chegado de Mossem Rubem, ou Rubim de Brancamonte, almirante de França e descendentes de Mossem ou Mossior João de Betencor, Rei das ilhas Canárias, se foi desta ilha solteiro dar a el-Rei e casar em Portugal, como casou, com D. Guiomar de Sá, dama do Paço, filha de Henrique de Sá, do Porto, que os mouros mataram, estando servindo a el-Rei em Cepta ([87]); e por ser costume naquele tempo não casarem dentro no Paço, consertando o casamento, se desposaram em casa de D. Violante, sua prima cõ-irmã, mulher do Conde da Castanheira. E não deixarei de dizer o que na verdade aconteceu antes dos desposouros e foi assim que, andando a dita D. Guiomar de Sá no Paço, fazendo certa devoção de São João, ou outra de outro Santo, em que esperava, no derradeiro dia dela, que o primeiro homem que ouvisse nomear do mesmo nome havia de ser o marido que com ela casasse, e se havia de ser português ou não; como é costume de mulheres, ou supersticiosas, ou demasiadamente desejosas de saber o que lhe há-de socceder, às quais o demónio responde por sucessos, permitindo Deus que sejam enganadas dele, ou às vezes certificadas, pois em lugar de Deus o vão buscar no que pretendem; sucedeu ser o tempo e dia que Gaspar de Betancor foi beijar a mão a el-Rei, vestido de verdoso, e o mesmo dia, antes que o visse, contava a mesma D. Guiomar ir ter um som a seus ouvidos que o marido que com ela houvesse de casar havia de ser francês, e a primeira vez que o visse, viria vestido de verdoso, como veio. Com estes sucessos engana muitas vezes o demónio a muitas mulheres, que façam semelhantes superstições, como esta. Depois de casados em Portugal, como tenho dito, se vieram para esta ilha e viveram ambos em Vila Franca, antes dela subvertida, algum tempo, e nesta ilha houveram os filhos seguintes: o primeiro filho legítimo, chamado Henrique de Betancor, andou no Paço com boas moradias, servindo a el-Rei D. Manuel, ao qual o mesmo Rei fez mercê das saboarias destas ilhas; casou com D. Maria de Azevedo, filha de Manuel de Oliveira, estribeiro-

mor do Cardeal, e teve uma filha que casou com D. Álvaro de Luna, filho de D. Pedro de Gusmão, castelhano, que foi um dos cabeças das comunidades, e faleceu ela sem haver dentre eles mais filhos.

O segundo filho, João de Betancor de Sá, foi o melhor cavalgador das ilhas e apanhava muitas laranjas do chão na carreira, indo correndo à espora fita, e corria também a cavalo, indo em pé sobre a sela, e fazia outras muitas destrezas de extremado cavaleiro; casou com Guiomar Gonçalves, filha de Gonçalo Vaz, o Moço, chamado Andrinho, e neta de Gonçalo Vaz Botelho, o Grande, da qual houve os filhos seguintes:

O primeiro, Francisco de Betancor de Sá, que lhe soccedeu no morgado, e teve também as saboarias da ilha da Madeira, o qual foi casado com D. Maria de Medeiros, filha de Diogo Afonso Colombreiro, homem fidalgo, muito principal e rico nesta terra, de que houve um filho, chamado André de Betancor, que ficou só e herdou o morgado, e outros que faleceram. O qual André de Betancor casou na ilha da Madeira, com Dona Isabel de Aguiar ([88]), filha de Rui Dias de Aguiar e de sua mulher Francisca de Abreu, mulher que foi de João Dornelas de Sayavedras, que vivia na capitania de Machico, que é do senhor Tristão Vaz da Veiga, que foi capitão de Malaca e agora capitão de Machico, e capitão-mor da guerra em toda a ilha da Madeira e alcaide-mor da fortaleza, e tio de D. Isabel, filha de seu primo com-irmão, e sobrinha dos Capitães da ilha e sobrinha do Marechal e de D. Diogo de Sousa, que foi viso-Rei da Índia. Seus filhos, o mais velho, se chama Francisco de Betancor de Sá; o segundo, Rui Dias de Aguiar; o terceiro, Gaspar de Betancor de Sá; o quarto, Mice Maceote de Betencor; e uma filha, por nome D. Guiomar de Sá. Valerá sua fazenda cento e cinquenta mil cruzados. Tem de morgado mil e quinhentos cruzados de renda.

Outro filho teve João de Betencor, chamado Simão de Betancor, que casou na vila da Ribeira Grande com D. Margarida Gaga, filha de Luís Gago, de que houve os filhos seguintes: João de Betancor, que faleceu clérigo de Evangelho, e António de Sá, de que já disse, cavaleiro do hábito de Cristo com boa tença, que casou com D. Filipa Pacheca, filha de Pero Pacheco, de que houve os filhos atrás ditos na geração de Gonçalo Vaz Botelho, chamado o Grande. Houve Simão de Betancor, de sua mulher D. Margarida Gaga, outro filho, que foi religioso, chamado Frei Pedro, frade de missa, observante da ordem de S. Francisco; e quatro filhas, freiras no mosteiro de Jesus da Vila da Ribeira Grande, sc., Guiomar de Jesus, que foi muitos anos abadessa, Beatriz da Madre de Deus e Francisca dos Anjos e Maria de Santa Clara, professas e perfeitas religiosas e de muita virtude.

Teve João de Betencor outro filho, chamado Gaspar de Betencor, que casou com D. Breatiz de Melo, filha do capitão da Graciosa, de que não houve filhos, e depois casou com D. Isabel Fernandes, filha de António Lopes, que morou na Relva, homem muito honrado, da governança da cidade, e rico, e de Maria Falcoa, de que também não houve filhos.

Teve também João de Betencor de Sá outro filho, chamado António de Sá, muito bem posto e gentil homem e valente de sua pessoa, que serviu a el-Rei em África e faleceu solteiro. Estando em cabo de Gué, cercada esta vila e não tendo língua, ele saindo dela achou um mouro de resgate, e jogando às lançadas com ele o prendeu e levou dentro dos muros às costas; do qual souberam o que se passava entre os Mouros. ([89])

Teve também João de Betencor outro filho, chamado Rui de Sá, que casou com D. Maria Cabeceiras, filha de Bartolomeu Roiz da Serra, homem principal e rico, morador nos Fenais, termo da cidade, da qual houve muitos filhos.

Teve o dito João de Betencor outro filho, chamado João de Betencor, muito discreto e prudente, sacerdote e beneficiado na igreja principal de S. Sebastião da cidade da Ponta Delgada.

Teve mais o dito João de Betencor uma filha, por nome D. Margarida de Sá, que casou com Gaspar do Rego Baldaya, de que houve um filho, chamado Francisco do Rego, muito rico, a quem ficou muita fazenda por morte de seu pai e gastou muita dela na corte e em armadas que fez à sua custa, para guardar o mar de entre estas ilhas, por servir a el-Rei nisso, e em outros serviços que lhe fez, do qual direi na geração dos Regos.

Teve mais João de Betencor de Sá outra filha, chamada D. Isabel, que depois de ser freira professa no mosteiro de Jesus da vila da Ribeira Grande, onde está boa religiosa, se chamou Isabel da Madre de Deus.

Houve também Gaspar de Betencor, de sua mulher D. Guiomar de Sá, algumas filhas: a primeira, D. Breatiz de Sá, que foi dama do Paço, em tempo de el-Rei D. Manuel, o qual lhe deu seis moios de trigo cada ano de tença, nos próprios da fazenda de Martim Vaz, contador, e depois por sua morte, dela, trespassou esta mercê a D. Isabel, irmã da dita D. Breatiz. A qual D. Breatiz se criou com el-Rei D. João, terceiro do nome, e foi para Castela com a Princesa de Portugal, quando casou com o Imperador Carlos Quinto e no caminho, sendo muito privada da princesa, D. Pedro de Lasso da Veiga, que fora nas comunidades de Castela com D. Pedro Girão e D. João da Padilha, andando fora da graça do dito imperador, que por este caso lhe tinha tomado sua fazenda e alcaidarias, e todo seu senhorio, vendo que pela privança de D. Beatriz poderia ser restaurado, teve inteligência de casar com ela, o que se efectuou. E por ela lhe foram tornadas as vilas dos Arcos, Bactles e Corquos, e outras de que dantes era senhor. Estando casada com ele, adquiriu a si e por sua privança a sua irmã D. Isabel, segunda filha de Gaspar de Betencor, por dama da Imperatriz, que desta ilha foi chamada para isso. E morrendo D. Beatriz sem ter filhos de D. Pedro Lasso, teve tal estrela sua irmã D. Isabel, que veio a ser camareira-mor da imperatriz e aia dos príncipes, e em tanta conta era tida que nos anos últimos de sua privança, estando já fora do Paço, quando el-Rei Filipe falava nela, não a nomeava senão por D. Isabel, mi madre; tendo toda esta privança e estrela por si com os príncipes castelhanos, fez uma coisa que se lhe estranhou muito, que foi casar-se com D. Pedro Lasso, seu cunhado, marido que fora de sua irmã D. Beatriz; e assim andou encobertamente dois ou três anos, sem ser de todo manifesto o desposouro ([90]), ainda que se murmurava disso, até que a Imperatriz, adoecendo de uma grave enfermidade, a chamou e lhe disse que casasse com D. Pedro Lasso, se tinha alguma obrigação de casar com ele, ainda que ela levara desprazer por razão do que se dizia amigo reconciliado; e com esta licença da Imperatriz e com dispensação do papa se receberam. E também de entre ambos não houveram filhos.

Outra filha teve Gaspar de Betencor de sua mulher, chamada D. Guiomar de Sá, como sua mãe, que casou com António Juzarte de Melo, fidalgo, natural de Évora, a que deu em casamento quinhentos mil reis, que naquele tempo era muito dinheiro, pelo pouco que havia. Perdeu-se António Juzarte de Melo em uma armada que fez o marquês de Ayamonte ao Rio da Prata, por naquele tempo viver no dito lugar de Ayamonte e andar fora do Reino de Portugal, por razão de um corregedor que matou quase na face do Rei, que dele lhe tinha dado seguro real. Houve D. Guiomar do dito António Juzarte de Melo quatro filhas, as quais todas foram para o Reino de Castela a servir a Imperatriz de suas damas, por razão da valia de sua tia D. Isabel, irmã de sua mãe, de que já fica dito que as adquiriu lá e lhe deu os dotes, e casou algumas: uma, chamada D. Breatiz está em Toledo, freira professa da ordem de Santiago, e prioresa muitas vezes; outra, chamada D. Maria, foi casada com D. Francisco de Cisneiros, padroeiro dos estudos de Alcalá, os quais fundou o arcebispo de Toledo, seu tio, e senhor de catorze mil cruzados de renda, do qual houve a dita D. Maria, que é já falecida, três filhos e duas filhas, damas do paço, hoje em dia. Outra, chamada D. Guiomar, casou com Luís Vanhegas, aposentador-mor de el-Rei Filipe, que veio por embaixador a este Reino de Portugal e foi estribeiro-mor da Rainha, última mulher do mesmo Rei, por ser enviado a Boémia a tratar este casamento e trazer, como trouxe, a Rainha a Castela do mesmo Reino de Boémia, onde comeu com o Imperador por razão da embaixada que levava; do qual tem D. Guiomar cinco filhos, entre machos e fêmeas, eles com boas e ricas comendas de Santiago. Outra filha de António Juzarte de Melo e de D. Guiomar de Sá, chamada D. Isabel, por não terem nesta ilha tanta renda, a queriam casar aqui com Rui Gago da Câmara, e ele não quis pelo pouco dote que tinha; e Deus que faz de pobres ricos, e de pequenos grandes, e sabe com quem reparte seus dons, e quem melhor os merece, ordenou como fosse levada a Castela, e por ser a dita D. Isabel muito grave e formosa, e de grande virtude, casou lá com D. João Colomo, viso-Rei da ilha Cerdenha que agora é conde de Lhoas, em Valença, e tem nove contos de renda; do qual tem catorze filhos e filhas. De modo que por todos tem agora D. Guiomar de Sá, mulher de António Juzarte de Melo, destas ditas três filhas, vinte e oito netos em Castela. A qual D. Guiomar de Sá, falecido António Juzarte de Melo, casou com D. Fernando de Crasto, de que não houve filhos, e faleceu nesta ilha e está enterrada na capela-mor do mosteiro de S. Francisco da cidade da Ponta Delgada, onde deixou sua capela e um moio de trigo, para sempre, de renda cada ano aos Lázaros desta ilha. Era seu administrador António de Sá seu sobrinho.

Outra filha teve Gaspar de Betencor, de sua mulher D. Guiomar de Sá, chamada D. Margarida de Betencor, que casou com Pedro Roiz da Câmara, filho natural de João Roiz da

Câmara (sic) ([91]) quarto capitão desta ilha, único do nome, ao qual deu em casamento duzentos e cinquenta mil reis, que naquele tempo era como dar agora muitos mil cruzados, da qual houve estes filhos: João Roiz da Câmara, Manuel da Câmara, Simão da Câmara, Rui Gonçalves da Câmara, António de Sá, Henrique de Betencor, todos fidalgos com moradias nas casas dos Reis de Portugal, e alguns comendadores da ordem de Cristo; e D. Francisca, mulher de D. António de Sousa, e D. Maria, dos quais direi particularmente, quando adiante tratar dos capitães desta ilha, da geração dos Câmaras.

Faleceu Gaspar de Betencor no ano de mil e quinhentos e vinte e dois, antes do dilúvio de Vila Franca; foi enterrado na capela-mor de el-Rei da igreja antiga do mártir S. Sebastião, da cidade da Ponta Delgada, por alvará que teve de mercê do Rei da sepultura para ele, mulher e filhos, em que também lhe concedia que pudesse ter sobre ela suas armas dependuradas com bandeira de seda, como teve alguns anos, até que se desfez a igreja, para se acrescentar como agora está; e depois não houve filho, nem neto, a quem lembrasse uma mercê tão grande, que a nenhuma pessoa dos Infantes abaixo se concede. D. Guiomar de Sá, sua mulher, que faleceu no ano de mil e quinhentos e quarenta e sete, também está com ele enterrada. Fez na cidade doação de quinze alqueires de terra aos padres de S. Francisco, onde pudessem fazer casas e oficinas, para nelas servirem a Deus, como depois fizeram um sumptuoso mosteiro, com encargo de uma missa rezada cada semana, e missas rezadas por Natal e Páscoa e Espírito Santo.

Sua filha D. Isabel, mulher de D. Pedro Lasso, de que atrás fica dito, morrendo em Castela no ano de mil e quinhentos e setenta e quatro, deixou toda a herança, que nesta ilha tinha de seu pai, em capelas, e por administradores o provedor e irmãos da casa da Misericórdia da cidade da Ponta Delgada, e por capelães parentes da sua linha; fez também esmola dos chãos em que se fez a igreja do Corpo Santo, na mesma cidade, para os mareantes dela.

Deixou também Gaspar de Betencor um filho natural, que houve de Maria Dias, moça solteira, e legitimou-o depois, por nome Gaspar Perdomo ([92]), o qual, como já disse na geração dos Velhos, casou com Breatiz Velha, filha de João Afonso Corquós e de Lianor Velha, filha de Pero Velho, da qual houve os filhos e filhas já ditos na geração dos Velhos, sc., Ibonel de Betencor, que casou primeiro com uma filha de João do Porto, irmão de Manuel do Porto, e depois com D. Isabel, irmã de Belchior Roiz, escrivão da Câmara da cidade, e de nenhuma houve filhos; e Baltazar de Betancor, que casou e não houve filhos; e Belchior Betancor que casou e teve filhos e filhas.

Houve mais Gaspar Perdomo duas filhas, a primeira, D. Francisca, que não casou; a segunda, D. Simoa, que casou em Portugal com D. João Pereira, bisneto do conde da Feira, de que houve uma filha, chamada D. Breatiz que casou com João Frias, filho do licenciado Bertolameu de Frias, da qual tem alguns filhos.

Teve mais Gaspar de Betencor outro filho natural, homem baço, chamado Rafael de Betancor, que faleceu sem ter filhos.

São os Betancores fidalgos de solar conhecido, dos principais deste Regno e dizem que descendem dos doze pares de França, e dos Reis das Canárias, como tenho dito, que eles de França vieram a conquistar, como pessoas nobres e poderosas antigamente. E têm por insígnias de suas armas as sete ilhas de Canária, e sete coroas entremetidas em seu escudo ao redor de um leão, que está, de uma parte, no meio dele com uma coroa na cabeça, e da outra parte um castelo com sete bandeiras, e em cima do escudo uma águia partida com duas cabeças, e uma coroa como a teve o que de sua progénia foi Rei das mesmas ilhas de Canária, e sobre ela uma flor de lis, que é das armas de França: o qual título de Rei lhe concedeu a Rainha de Castela D. Caterina, por seus antecessores terem ajudado a el-Rei de Castela em certas guerras.

CAPÍTULO X

DA PROGÉNIA DOS PACHECOS, QUE VIERAM A ESTA ILHA DE S. MIGUEL NO TEMPO DE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, TERCEIRO CAPITÃO DELA E PRIMEIRO DO NOME

Os Pachecos são cavaleiros de antiga e notável fidalguia de Castela, dos Pachecos de Minhaya, que é um lugar na Mancha de Aragão, perto de Madril (sic) e são senhores de vassalos, e antigamente serviram a el-Rei, arumados (sic) e aparentados à casa d'Alva, em todas as guerras que se ofereciam; pelo que o duque d'Alva, grande e afamado capitão, fez sempre grande caso deles por serem seus parentes e sua feitura; e o cardeal Pacheco, arcebispo de Burgos, irmão do Marquês de Senalvo, que tem sua casa em Cidade Rodrigo, é desta progénia dos Pachecos e tem as mesmas armas, que têm os da casa d'Alva. Vieram alguns deles de Castela para Portugal no tempo das comunidades, por serem culpados nelas, e de Portugal se passaram alguns a estas ilhas, e a esta de S. Miguel no tempo que a governava Rui Gonçalves da Câmara, terceiro capitão dela, e primeiro do nome, como foi um Antão Pacheco, que casou em Vila Franca com Filipa Martins, filha de Martinhanes Furtado (e era ouvidor do capitão, quando foi subvertida Vila Franca do Campo), da qual teve um só filho, chamado Pero Pacheco, grande cavaleiro, genro de Jorge Nunes Botelho, de cuja filha houve os filhos e filhas, que já contei na geração de Gonçalo Vaz Botelho, chamado o Grande.

Antes da subversão de Vila Franca, houve um Tomé Vaz Pacheco, desta progénia dos Pachecos, homem rico e de muita autoridade, morador entre o lugar do Porto Formoso e a Maia, termos da Vila Franca, o qual, mandando lavrar suas terras, que ali tinha, um dos bois, que lavrava, lançou a língua fora com a arreigada, e logo acabando de dar dois ou três regos, acabou de morrer; e vendo este acontecimento, por a todos ser coisa nova, o dito Tomé Vaz, em um alto outeiro ali pegado, mandou edificar uma ermida à honra de S. Braz, que foi depois de muita romagem, por se fazerem nela muitos milagres, onde ainda vão devotos doentes da garganta e de tosse, e se acham sãos. Este Tomé Vaz Pacheco teve um filho chamado Manuel Vaz Pacheco, genro que foi de Jácome Dias Correia, como direi na geração de Rui Vaz do Trato. Era este Tomé Vaz Pacheco, filho de Pero Vaz Pacheco, que veio casado de Portugal e morou em Vila Franca do Campo, onde teve quatro filhos. O primeiro, este Tomé Vaz, que tenho dito, o qual foi casado com uma filha de Afonso Lourenço, pai de Domingos Afonso, de Rosto de Cão, e de João Lourenço Tição, e morreu no dilúvio de Vila Franca com sua mulher e filhos, por morar então lá, ainda que tinha sua fazenda em Porto Formoso. O segundo filho de Pero Vaz se chamou Pero Vaz; casou com uma irmã de Estêvão Álvares de Resende, da cidade da Ponta Delgada, viveu muito rico e abastado, e era sua toda a ponta da terra do Porto Formoso, que agora é de António de Brum da Silveira. Este Pero Vaz Pacheco mandava sempre cada ano um navio carregado de trigo ao Algarve, em que ganhava muito, por ter lá um grande amigo, seu respondente, que foi causa delle se ir morar a Lagos, do dito Algarve, onde morou com mulher e filhos, até que faleceu; e por isso, e também por lhe roubarem franceses por vezes alguns navios, que mandava carregados, recebendo muita perda, vendeu a dita da Ponta ao dito António de Brum, e por fim morreu pobre. O terceiro filho de Pero Vaz Pacheco, chamado Fernão Vaz Pacheco, casou com Isabel Nunes Velha, irmã da mulher de André Lopes Lobo, pai de Aires Lobo e de Cristóvão Lobo e de António Lobo, vigairo que foi do lugar da Relva. Este Fernão Vaz teve quatro filhas: uma casou com Estevão Alvres de Resende, outra com Heitor Barbosa da Silva, outra com Jorge Furtado, outra com Belchior Dias, da Ribeira Chã, sogro do licenciado Sebastião Pimentel. Como tenho dito, foi Fernão Vaz homem rico e morador em Porto Formoso, onde tinha sua fazenda. O quarto filho de Pero Vaz Pacheco, chamado Mateus Vaz Pacheco, casou com Susana Afonso, irmã de Domingos Afonso, de Rosto de Cão, de que houve estes filhos: o primeiro, Gaspar Pacheco, muito valente, ao qual, estando dormindo em Castela, matou um castelhano, que ele tinha injuriado; o segundo, Tomé Vaz Pacheco, beneficiado que foi na Vila do Nordeste, onde depois faleceu;

o terceiro, António Pacheco, casou com Clara da Fonseca, filha de Jorge da Mota, de Vila Franca; o quarto, Custódio Pacheco, genro de António Furtado, que mataram os mouros em África, na infelice batalha de el-Rei D. Sebastião, que haja glória; o quinto, Paulo Pacheco, genro de Jácome das Póvoas. Teve mais Mateus Vaz Pacheco uma filha, que casou com Belchior da Costa, de que não teve filhos, e depois casou a segunda vez com Pero da Ponte, filho de André da Ponte, de Vila Franca, e teve filhos e uma filha, chamada Susana Pacheca, que casou com Manuel de Paiva, filho de Pero de Paiva, da vila da Ribeira Grande. E por desgostos que tiveram o dito Pero da Ponte e seu cunhado Custódio Pacheco, soccedeu o dito Custódio Pacheco ferir ao cunhado Pero da Ponte, que faleceu das feridas no dito lugar do Porto Formoso, onde se dizem algumas capelas obrigatórias, que Mateus Vaz e Tomé Vaz e seus irmãos deixaram.

A nobreza dos Pachecos é mui antiga e dizem ser das quatro mais antigas de Portugal, e segundo parece de um papel impresso que anda das armas das gerações de Portugal, já do tempo de César era esta gente nobre, porque em uma das trovas diz:

> "Pachecos de tal ventura
>
> Em soster, e ter segura
>
> Sua nobreza, e crescendo,
>
> Que em tempo de César sendo,
>
> Ainda lhe agora dura".

Desta ilustre gente houve em Portugal João Fernandes Pacheco, que foi senhor de Ferreira e mordomo-mor do Infante D. Pedro, a quem o Papa Pio terceiro, em Avinhão, deu uma rosa de ouro, que benzeu o quarto domingo da Coresma ([93]), que se chama da Rosa, a qual não costuma dar senão a pessoa muito ilustre; e esta rosa, pôs o dito João Fernandes Pacheco na Sé de Lisboa, onde está. E foi casado com D. Maria Sanches, filha de D. Rui Gil de Vilha Lobos e de D. Tareja Sanches, filha de el-Rei Sancho, de Castela. Ele e sua mulher fizeram a capela dos Cosmos, que está na crasta detrás da capela-mor da Sé da cidade de Lisboa, e deixaram missa perpétua até ao fim do mundo. Depois os sucessores e parentes destes mandaram levar a sua ossada para Castela; somente estão em Lisboa na dita capela os seus moimentos, ele à banda direita, tirado ao natural de vulto, e ela à esquerda, da mesma maneira, com coroa de rainha na cabeça.

Houve mais desta geração dos Pachecos, Diogo Lopes Pacheco, que descendia da geração de D. Hieremias ([94]) (como diz a Crónica de Portugal) e este foi o que ajudou a matar D. Inez de Crasto, em Coimbra. E depois de ido para Castela, por este caso, soccederam as guerras de Portugal, e pelo que nisso fez o honrou el-Rei de Castela muito. E foi depois seu filho D. João Pacheco, mestre de Santiago e duque de Escalona e marquês de Vilhena, como mais claro se vê da Crónica de El-Rei D. João, o segundo, de Castela, e do princípio que teve a dita ordem de cavalaria em Castela, onde diz quem foram os mestres que eram filhos de Reis; e depois foram dois destes Pachecos mestres, pai e filho.

Houve outro João Fernandes Pacheco, por quem Mem Rodrigues de Vasconcelos disse a el-Rei de Portugal que não lhe faltavam a ele os cavaleiros da Távola Redonda, porque aí os tinha, e nomeando-os, o segundo que nomeou (como se verá na Crónica do dito Rei) foi este João Fernandes Pacheco, dizendo: — "aí está João Fernandes Pacheco, que é tão bom como Dom Queas (sic)".

Houve também agora em nossos tempos aquele invicto capitão Duarte Pacheco, da Índia, de quem aquele grande poeta Luís de Camões, nas suas Lusíadas, tanto trata, e os mais livros da Índia também celebram. Este é pai de João Fernandes Pacheco, que ainda hoje vive. A este Duarte Pacheco, vindo da Índia a Portugal, o foi buscar el-Rei D. Manuel, e o levou consigo debaixo do pálio a S. Domingos, e ia duma banda o Infante D. Luís e da outra este Duarte Pacheco. Pregou-se dele ali e em todos os Reinos de Portugal. E despediu el-Rei embaixadores ao Santo Padre e mais Reis cristãos, contando-lhe das grandes maravilhas deste homem, que em suas armas tem um rei atravessado.

Desta geração (como tenho dito) vieram a estas ilhas muitos homens nobres, que todos serviram os Reis passados, nesta ilha de S. Miguel os que tenho dito. E na ilha Terceira houve o primeiro João Pacheco que teve dois filhos, que serviram em África muito honradamente; o mais velho se chamava Gomes Pacheco de Lima, por sua mãe ser da dita geração, filha de Gomes Fernandes de Lima, prima com-irmã de D. Fernando da Lima, o Velho; o qual Gomes Pacheco mandou el-Rei D. João e o Infante D. Luís por capitão-mor de uma grossa armada a fazer o despejo das ilhas de Buão, na costa de Guiné, onde o mataram em campo. Outro irmão se chamava Manuel Pacheco, que foi o que descobriu o Reino de Angola, e foi por embaixador de el-Rei D. João, o terceiro, ao Rei do Congo, e lá morreu. Estes tiveram um sobrinho que se chamou Manuel Pacheco, como seu tio, o qual foi contador das ilhas todas, de baixo, pessoa de muito respeito e autoridade; e no Faial há um neto destes, a que chamam Gomes Pacheco de Lima, como seu avô, de que direi quando tratar daquela ilha.

Também houve um primo com-irmão destes, que foi vigairo geral e visitador em toda a Índia e foi o primeiro dayão, que houve nestas ilhas, que se chamou João Pacheco.

As armas dos Pachecos são um escudo com o campo de ouro; porque quando alguém é já nobre e faz coisas sinaladas nas armas, dão-lhe o campo de ouro por mais nobreza das armas. Tem duas caldeiras em pala, uma acima da outra, que se deram por armas a esta gente, porque a derradeira coisa que fica no despojo do campo são as caldeiras; têm nelas, nas asas, em cada uma quatro cabeças de serpe, porque um destes, de quem vem esta progénie, venceu em campo quatro capitães gerais, como coronéis; e tem o paquife de preto e vermelho, em sinal de dó e tristeza, por serem as guerras entre cristãos e parentes, como as guerras de Portugal e Castela; tem o elmo de prata, e por timbre duas cabeças de serpe. E neste escudo traz Duarte Pacheco o rei atravessado com uma espada, que lhe deu por armas el-Rei de Cochim.

CAPÍTULO XI ([95])

DOS BARBOSAS E SILVAS, QUE VIERAM A ESTA ILHA DE SÃO MIGUEL

Dizem os antigos que a origem dos Barbosas procedeu de uma honrada e valorosa mulher, a qual, estando dois homens fidalgos pelejando na sua rua, onde ela morava, não havendo quem os apartasse, saindo de sua casa com um montante os apartou, como se fora algum esforçado cavaleiro ou valentíssimo soldado, o que, sabendo el-Rei, disse "bravosa ou barbosa mulher foi esta"; e sendo-lhe pedido lhe deu este apelido, que porventura anda corrupto o vocábulo, dizendo por Bravosa, Barbosa, donde procedem os Barbosas; e procedeu um Rui Esteves Barbosa, criado de el-Rei, morador entre Douro e Minho, homem tão valoroso e poderoso que, quando ia à corte, pousava em casa do Regedor por amizade que tinha com ele. Tinha o Regedor uma irmã, chamada Filipa da Silva, da qual o dito Rui Esteves Barbosa se namorou, e ela dele, de maneira que se casaram a furto. Sabendo isto o Regedor e determinando de o matar, acolheu-se ele a Galiza, onde dizem que andava sobre um valente macho, com um montante nas mãos, acompanhado de seis galegos, seus criados, com suas bestas armadas, sempre vivendo com resguardo e receio, sendo muito valente, rico e honrado. Ficando sua mulher Filipa da Silva prenhe dele, o Regedor a meteu em um mosteiro, onde pariu um filho, que enviou logo a seu pai, o qual ele mandou criar de Trás dos Montes e se chamou Rui Lopes, o Cavaleiro, pelo ser extremado, e andando na corte se casou com uma viúva rica, que fora mulher de um Beliago, segurador das naus das Índias, chamada Branca Gil de Miranda, e uma filha, por nome Maria Dias, que de Beliago, seu marido, lhe ficou, foi casada nesta ilha com Diogo de Estorga Coutinho, de que não houve filhos, donde procedeu o morgado que agora tem Nuno Barbosa no Morro da Vila da Ribeira Grande, por ela o deixar a Sebastião Barbosa, seu avô, que era seu meio irmão.

Este Rui Lopes, o Cavaleiro, veio de Portugal a esta ilha com grande casa, no tempo de Rui Gonçalves, terceiro Capitão e primeiro do nome. De sua mulher Branca Gil de Miranda teve filhos: Rui Lopes Barbosa e Henrique Barbosa e Sebastião Barbosa, e uma filha, chamada Filipa da Silva, que nunca casou.

Rui Lopes Barbosa, que se conjectura haver vindo a esta ilha no tempo do terceiro Capitão Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome, morou à Calheta de Pero de Teves, muito rico; foi casado com Guiomar Fernandes Tavares, filha de Fernão de Anes Tavares, e dela teve quatro filhos: o primeiro, Sebastião Barbosa que foi casado com uma honrada mulher, dos principais de Água de Pau, irmã de Gaspar Pires, o Velho, sogro de Miguel Lopes de Araújo, de que teve três filhos e uma filha, todos já defuntos; um deles, chamado Rui Barbosa, foi escrivão na cidade da Ponta Delgada, homem de grandes espíritos, casado com uma irmã de Ginebra Anes, mulher que foi de Diogo de Vasconcelos, letrado em leis, que foi ouvidor do Capitão nesta ilha, da qual teve alguns filhos que faleceram.

O segundo, Braz Barbosa, do hábito de Cristo, nobre e muito gentil homem, esteve em África muitos anos, servindo a el-Rei, onde casou em Alcácer-Ceguer com uma mulher muito honrada, onde morou muito tempo; depois de viúvo, vindo de África, foi veador do ilustríssimo e grandioso bispo de Miranda, D. Julião d'Alva, e depois foi guarda-mor das Damas, sendo muito velho; teve duas filhas, uma freira professa, e outra muito virtuosa, que faleceu solteira.

O terceiro filho de Rui Lopes Barbosa, chamado Francisco Barbosa, discreto, gracioso, de delicados ditos, e muito bom judicial, casou com uma mulher da geração de João Álvares do Pico, de que houve alguns filhos que faleceram. E casando segunda vez com Isabel de Miranda, da ilha de Santa Maria, houve dela Hércules Barbosa, lealdador-mor dos pastéis nesta ilha por el-Rei, com boa renda, que casou na cidade da Ponta Delgada, onde mora, com Isabel Ferreira, neta de Gaspar Ferreira, filha de Fernão Lourenço e de Lianor Ferreira, de que tem filhos e filhas; e outro filho solteiro, chamado Duarte Barbosa; e quatro filhas, uma por

nome Isabel Barbosa, casada com o licenciado Henriques Nunes, que mora na cidade do Porto, de quem tem filhos, alguns bons letrados, e algumas filhas; a segunda, chamada Filipa da Silva, que foi casada com Francisco Vaz, que foi escrivão na cidade da Ponta Delgada, e outra, por nome Ana Tavares, casada com António Vaz, seu irmão, e outra, chamada Guiomar Fernandes, mulher de Gaspar Roiz, filho de João Roiz Cernande (sic), de Rabo de Peixe.

Houve Rui Lopes Barbosa, de sua mulher Guiomar Fernandes Tavares, três filhas. A primeira, Isabel Barbosa, que casou com António Borges de Sousa ([96]), fidalgo da casa de el-Rei e seu feitor, que foi nesta ilha, da qual houve estes filhos: o primeiro, Duarte Borges de Gamboa ([97]), que veio a estas ilhas por provedor da fazenda de el-Rei, bom fidalgo, de muita prudência e virtude ([98]), tesoureiro-mor do Reino e tem ([99]) o hábito de Cristo, com boa tença, e está casado muito rico em Portugal, com uma fidalga, de que houve dois filhos, que foram cativos na guerra de África onde iam com el-Rei, e outro clérigo; ([100]) o mais velho, chamado António Borges, cativo dum arrenegado, que se chama Sambanha Veneziano, que esteve este tempo em Constantinopla e Argel, por Rei, donde o Grão Turco o mandou a Tripoli com o mesmo cargo de Rei, e porque os mouros da comarca se alevantaram, foi dar neles, e por a cidade de Tripoli ficar desapercebida, os seus cativos se levantaram, e por terem manhado, foram sentidos e mortos muitos pelos turcos. Acudindo a este rebate el-Rei Sambanha, fez nos que ficaram grandes cruezas; a uns esfolou vivos, a outros espedaçou e deu a comer aos vivos os pedaços; e posto que o dito António Borges se não achou neste negócio, contudo mandou vir de si um castelhano, seu companheiro, e o fez atenazar; e há se de entender que o atenazar daquelas partes não é conforme ao que faz a justiça em terra de cristãos, senão é com umas tenazes tão agudas e amoladas, que onde apegam tiram de maneira que ficam os homens nos ossos, tais quais ficou este castelhano; mandou também buscar a António Borges, para lhe fazer outro tanto, e diz uma carta, que escreveu Sua Majestade ao sereníssimo Cardeal Alberto, que o dito António Borges lhe respondeu de maneira que não tão somente lhe deixou de fazer mal, mas antes lhe mandou dar sessenta dobras, e cessou de fazer nos cativos mais mortes, nem cruezas. O que fugiu se chamava Vasco da Fonseca Coutinho, e outro clérigo Francisco Borges de Sousa, inquisidor, foi para a Índia, dos três da mesa grande, e todos três irmãos; ([101]) fugiu o mais moço do cativeiro, por tão gentil arte, que chegando ao Reino lhe deitou el-Rei D. Henrique o hábito, com boa tença. Teve também António Borges outros dois filhos, Pero Borges e Jerónimo Borges, valentes homens, que faleceram na Índia solteiros, em serviço de el-Rei, e duas filhas: a primeira, Clara Borges, que casou no Regno três vezes, com três fidalgos ricos, que tiveram alguns honrosos cargos e serviram a el-Rei no Regno e fora dele; é já falecida, da qual ficaram filhos de muito nome e esforço, na Índia e no Regno. A segunda filha de António Borges e de sua mulher Isabel Barbosa, chamada Guiomar Borges, foi casada com Baltazar Rebelo, fidalgo dos Rebelos do Reino, que foi almoxarife de el-Rei e lealdador-mor dos pastéis nesta ilha, homem prudente e poderoso, morador à Calheta de Pero de Teves, na cidade da Ponta Delgada, de que houve o primeiro filho, António Borges, que casou primeira vez com Isabel Dias, filha de Amador da Costa, e segunda vez com Beatriz Castanha, filha de Pero Castanho, já defunto. O segundo filho, Manuel Rebelo, casou com Maria de Medeiros, filha de Miguel Lopes, da vila de Água do Pau; e Pero Borges, solteiro. Os Borges são de Bragança; têm por armas no meio do escudo um leão de ouro em campo vermelho, e ao redor dez flores de liz de ouro sobre azul. Os Rebelos têm, segundo alguns dizem, por armas um escudo com oito barras: a primeira azul, a segunda de ouro com uma flor de liz, a terceira azul, a quarta de ouro com uma flor de liz, a quinta azul, a sexta de ouro com uma flor de liz, a sétima azul, a oitava de ouro, e todas as flores de liz de ouro; mas, segundo outros afirmam, têm as armas já ditas na geração dos Velhos.

A segunda filha de Rui Lopes Barbosa, por nome Guiomar Barbosa, foi casada com Baltazar Martins Caiado, nobre e rico, de que não teve filhos.

A terceira filha, chamada Margarida Barbosa, casou com Jerónimo Teixeira, fidalgo, filho de Fernão de Macedo, irmão do Capitão da ilha do Faial, de que não houve filhos, como disse na geração de Gonçalo Vaz Andrinho, o Moço, filho de Gonçalo Vaz Botelho, o Grande.

Henrique Barbosa, segundo filho de Rui Lopes, o Cavaleiro, foi casado nesta ilha, em Vila Franca do Campo, com Maria Correia, filha de Martinhanes Furtado e de Solanda Lopes, sua mulher, de que houve uma filha por nome Filipa da Silva, tão formosa mulher como sua mãe, que foi a mais formosa que houve, em seu tempo, nesta ilha, da banda do sul, e ambas faleceram no tempo do dilúvio de Vila Franca, estando Henrique Barbosa na corte servindo a

el-Rei, e depois, tendo uma comenda em Aveiro, se foi morar a Santarém sem nunca mais casar.

O terceiro filho de Rui Lopes, o Cavaleiro, chamado Sebastião Barbosa da Silva, morador na Fajã de cidade, muito rico e abastado, bom cavaleiro, discreto de bons ditos e respostas de repente, muito grave e gracioso, foi casado com Isabel Nunes Botelha, filha de Nuno Gonçalves, de Rosto de Cão, e neta de Gonçalo Vaz, o Grande de alcunha, como tenho dito; de que houve Nuno Barbosa, criado de el-Rei, cavaleiro fidalgo de sua casa, que faleceu solteiro, cursado muitos anos na guerra e tão bom cavaleiro que algumas vezes, quando el-Rei ia fora e correndo alguns senhores e fidalgos a carreira diante dele, mandava o mesmo Rei dar a lança a Nuno Barbosa e como corria dizia: — "para que é ver mais correr?", de que entre fidalgos havia grande inveja; e Hércules Barbosa, também cavaleiro fidalgo, que sendo solteiro faleceu em África antre os mouros; estando na guerra, vindo pedir um cavalo, por ter o seu morto, lhe mandou o capitão, com algumas penas, que se recolhesse à bandeira, ao que ele respondeu: — "não sou eu homem que mandam recolher, aonde morrem tantos homens meus amigos, irei a pé"; e assim se foi, e fez muitas avantages (sic), na batalha, como grande e esforçado cavaleiro que era, onde morreu à vista do capitão, que isto contava dele, como palavra de escândalo. O terceiro filho de Sebastião Barbosa, chamado Hector Barbosa, também cavaleiro fidalgo da casa de el-Rei, foi casado com Guiomar Pacheca, filha de Fernão Vaz Pacheco e de sua mulher Isabel Nunes Cabral, de que houve muitos filhos, que faleceram sendo moços, como disse atrás; e tem agora vivos três, muito nobres e esforçados; o primeiro, Nuno Barbosa, que tem o morgado de Diogo de Estorga, no Morro da Ribeira Grande, e foi casado com Francisca Cordeira, viúva, mulher que foi de Roque Lopes, escrivão da correição, filha de Sebastião Roiz Panchina, avô de Manuel Cordeiro de San Payo, juiz do mar em toda esta ilha de S. Miguel, de que não houve filhos. A segunda vez casou com Ana Jácome, filha de Jordão Jácome Raposo, cidadão de Vila Franca, e de Margarida da Ponte, de que tem dois filhos e uma filha. O segundo filho de Hector Barbosa, chamado Pero Barbosa, morador nos Fenais da Maia, casou com Maria de Medeiros, filha de Álvaro Lopes de Medeiros e de Ana Fernandes, sua mulher, de que tem quatro filhas e um filho; e agora é casado, segunda vez, com........ (sic) Silveira ([102]), filha de Gomes Fernandes, do Faial, viúva, mulher que foi de Jorge Correia, filho de Pero Roiz Cordeiro e de Catarina Correia, moradores que foram em Vila Franca; e tem dela dois filhos e duas filhas. O terceiro filho de Hector Barbosa, chamado Henrique Barbosa da Silva, se foi desta ilha, sendo de idade de vinte anos, para a Índia de Portugal, onde casou e tem feitos muitos serviços a el-Rei, como adiante contarei, na vida do conde D. Rui Gonçalves da Câmara, sétimo Capitão desta ilha de S. Miguel, em cujo tempo vieram ter a ela os instrumentos públicos, bem provados e autênticos de seus heróicos feitos.

Teve mais Sebastião Barbosa da Silva, de sua mulher Isabel Nunes Botelha, três filhas, uma chamada Paulina Barbosa, que foi casada com Estevão Nogueira, pai de Bartolomeu Nogueira, homem rico e principal, que teve muito tempo as rendas de el-Rei nesta ilha, de que houve uma filha, que casou com o licenciado Manuel de Oliveira, chamada Isabel Nogueira, e dois filhos — Sebastião Barbosa e Ambrósio Nogueira. A outra filha de Sebastião Barbosa, chamada Guiomar Barbosa, foi casada com Jorge Ferraz, homem honrado e principal do Porto, de que houve um filho, chamado Jorge Barbosa Ferraz, homem de muita discrição, e grandes habilidades, morador na Vila Franca. Teve mais Sebastião Barbosa, o Velho, outra filha que havia nome Branca da Silva, que casou com o licenciado António Tavares, filho de Gonçalo Tavares, da Ribeira Grande, do qual teve dois filhos, sc., — Gonçalo Tavares, criado de el-Rei e capitão de uma bandeira das ordenanças na cidade da Ponta Delgada, e casou com Isabel Cabral, filha de Estevão Álvares de Resende e de Maria Pacheca, de que houve muitos filhos e filhas. E houve também o dito licenciado António Tavares outro filho, por nome Jordão da Silva alferes da bandeira da capitania de seu irmão, e é casado com Brianda Cabral, filha de João Velho Cabral, homem principal da cidade, de que tem muitos filhos e filhas.

As armas dos Silvas, que têm os Barbosas, são dentro em uma roda de silvas verdes, que parece uma formosa capela, um escudo que tem o campo branco, com uma banda ou cinta azul que atravessa o escudo da esquina de cima da mão esquerda, a quem o vê, até a outra parte de baixo, da mão direita, com cinco meias luas brancas, na mesma cinta azul, com as pontas para baixo, para a mesma mão direita; a qual cinta sai de uma parte de uma boca aberta de uma cabeça de serpente, com seus dentes e língua vermelha, e acaba e se vai meter em outra boca de outra cabeça de semelhante serpente; e da parte direita desta cinta um leão como que vai subindo, com duas estrelas vermelhas diante do rosto, e da outra parte,

debaixo da mesma cinta, outro semelhante leão, com uma estrela vermelha antre os pés. Não lhe achei nestas armas elmo, nem paquife, nem timbre.

CAPÍTULO XII

DOS GAGOS, BOCARROS E RAPOSOS, QUE VIERAM POVOAR ESTA ILHA NO TEMPO DE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, TERCEIRO CAPITÃO DELA, E PRIMEIRO DO NOME

Os Gagos e Bocarros são da cidade de Beja, donde veio Luís Gago, a esta ilha, por ter nela seu tio Rui Vaz Gago, chamado do Trato, quando também veio André Lopes Lobo e se aposentou na vila da Ribeira Grande; era filho de Estevão Roiz Gago. Tinha estes parentes em Beja, sc., Lourenceanes Gago, que era pai de Rui Vaz do Trato, que aqui viveu nesta ilha muito rico, como logo direi, quando falar nele, e Rui Gago, morador em Alcácer, e Estevão Gago, ouvidor que foi das terras da Infanta, e André Gago, e João Gago, e Pero Botelho, todos fidalgos e parentes no segundo, terceiro, e quarto grau, e da feitura e criação de el-Rei D. João, segundo do nome, e D. Manuel; tinha também em um lugar, que chamam Frielas, termo de Lisboa, um parente, chamado Pero da Costa, homem muito principal e fidalgo, de que se chamam também Costas. E em Viana d'Alvito tinha uma nobre parenta, chamada Isabel Cardosa, sobrinha de Breatiz Roiz, mulher que foi de Afonseanes Colombreiro, morador na Ribeira Seca, termo da Vila da Ribeira Grande, avô do vigário Pero Gago, filha de um seu irmão, por nome Rodrigueanes, mulher que foi de um Manuel Fernandes.

Rui Vaz Gago, natural de Beja de Alentejo, chamado do Trato, por ser homem rico e poderoso, e tratar com el-Rei na Mina, Cabo Verde, e outras partes, onde mandava seus navios, chamado também Raposo, por ser casado com Catarina Gomes Raposa, veio a esta ilha, aonde teve grande casa e família, e foi o mais rico homem dela; porque trazendo muito dinheiro, além das dadas que lhe deu o Capitão Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome, em cujo tempo comprou muitas terras, com que veio a ter perto de mil e trezentos moios de renda, todos de propriedade ou raiz. Morou primeiro em Vila Franca e depois se mudou para os Fenais, onde viveu alguns anos; era casado com Catarina Gomes Raposa, mulher muito nobre de que houve três filhas, que depois de seu falecimento lhe casou Luís Gago, seu sobrinho, uma com Estevão Nunes de Atouguia, fidalgo de Portugal, e a outra com outro fidalgo chamado Sebastião ([103]) Alvres de Abreu, e outra se casou com Jácome Dias Correia, da geração dos Correias, cidadão da cidade do Porto, todos bem dotados e ricos. Houve também Rui Vaz do Trato, de sua mulher Catarina Gomes Raposa, dois filhos, Diogo Roiz Raposo e Pero Roiz Raposo, que faleceram solteiros em África, servindo a el-Rei. De Estevão Nunes de Atouguia e sua mulher ficou um filho, chamado Nuno de Atouguia, e uma filha por nome D. Catarina, mulher que ora é de D. Diogo de Sousa, pagem que foi da lança de el-Rei D. João, terceiro do nome, e capitão de Sofala na Índia e capitão-mor do mar de toda a armada de mil navios, quando el-Rei D. Sebastião passou a África e do seu conselho, e possui o morgado que por sua morte deixou e instituiu Nuno de Atouguia, nesta ilha de S. Miguel, de perto de cem moios de renda, o qual não casou e o deixava por sucessão a D. Martinho, filho de D. Diogo, que morreu na guerra de África, e seu pai D. Diogo o possui agora, como tenho dito; e valeu tanto no Regno que esteve despachado por Viso-Rei para a Índia, e não quis ir, por depois os do Conselho ordenarem dois governadores da Índia, um de Goa e outro de Malaca, e vendo ele que dividiam o governo da Índia, não quis aceitar o cargo de Viso-Rei que dantes lhe estava oferecido e concedido, dizendo que não podiam governar bem duas cabeças. Também dizem que foi no Algarve Viso-Rei alguns anos.

Teve também Nuno de Atouguia, cunhado de D. Diogo de Sousa, um filho natural, chamado Nuno de Atouguia, a que deixou trinta e três ou trinta e quatro moios de renda, junto do lugar de Rabo de Peixe, que tem ao presente o capitão Alexandre, por troca em alguns anos da tença que lhe deu o católico Rei Filipe no Regno, onde a manda arrecadar e logra o dito Nuno de Atouguia. Sebastião Alvres de Abreu houve de sua mulher alguns filhos, alguns dos quais andam no serviço de el-Rei, e os mais deles são defuntos.

Jácome Dias Correia, afora os defuntos, teve de sua mulher, Breatiz Roiz Raposa, estes filhos: Jordão Jácome, Barão Jácome, D. Isabel, mulher de João da Silva do Canto, da ilha Terceira, e Catarina Gomes Raposa, mulher que foi de Manuel Vaz Pacheco, e Aldonça Jácome, mais velha, mulher que foi de Agostinho Imperial.

Jordão Jácome Raposo, primeiro filho de Jácome Dias, casou segunda vez com Margarida da Ponte, filha de Pero da Ponte, o Velho, de Vila Franca, e de Ana Martins, filha de Martim Anes de Sousa, da qual houve cinco filhas e três filhos; duas são freiras professas no mosteiro de Vila Franca; outra, chamada Clara de Sousa, casou com Belchior Fernandes Mesquita, homem honrado e rico, que tem cinquenta moios de renda e outra muita fazenda que herdou de seu pai Francisco Fernandes de Caminha, rico mercador, que foi, na cidade; outra filha, Ana Jácome, casou com Nuno Barbosa da Silva, fidalgo, morador na Ribeira Seca, termo da Vila da Ribeira Grande, como já disse na geração dos Barbosas; outra, chamada Breatiz de Sousa, de grande virtude, sem querer casar, está em sua casa com dois irmãos, que tem solteiros, sc., Martinhanes Raposo e Apolinário de Sousa. Outro filho de Jordão Jácome, chamado Rui Vaz Correia, perdeu-se no mar em um navio, onde ele faleceu. E outro filho natural teve Jordão Jácome, chamado António Jácome Correia, homem de muita virtude e prudência, ainda solteiro. Jordão Jácome Raposo, filho de Jácome Dias Correia, foi casado primeira vez com Francisca Roiz Cordeira, filha de João Roiz, feitor de el-Rei nesta ilha, que naquele tempo antigo se chamava recebedor das rendas de el-Rei, e seu feitor, como disse atrás, irmão ([104]) de Pero Roiz Cordeiro; desta mulher houve estes filhos: Manuel Raposo, Sebastião Jácome Correia, André Jácome Correia, Barão Raposo Correia, e duas filhas que foram freiras. O primeiro filho, Manuel Raposo, casou com Margarida Luís, de que houve três filhos e duas filhas: o primeiro filho, Barão Raposo, faleceu solteiro, o segundo Miguel Raposo, também faleceu solteiro, o terceiro, Manuel Raposo, casou com uma filha de Francisco Mendes e de Estácia de Sousa. A primeira filha de Manuel Raposo casou com Aires Pires do Rego, de que não houve filhos; a segunda, Francisca Cordeira, casou com João da Costa, filho de Pero Afonso Barriga, do Nordeste. O segundo filho de Jordão Jácome, chamado Sebastião Jácome Correia, casou com Inês da Ponte, filha de Pero da Ponte, o Velho, e de Ana Martins, e teve dela dois filhos. O primeiro, Bartolomeu Jácome Raposo, que casou com Constança Afonso, filha de João Afonso, o Moço, do Faial, e dos Fagundes de vila de Água do Pau, de que não tem filhos. Este é mais velho, pelo que por morte de seu pai, Sebastião Jácome, lhe ficou uma administração e morgado, que rende mais de setenta e cinco moios de trigo, cada ano, os quais possuía D. Gilianes da Costa, o Velho, com o qual trouxe Jordão Jácome Raposo uma tão comprida demanda sobre o dito morgado que durou mais de vinte anos, e sem embargo de muita valia que tinha no Regno o dito D. Gilianes, tão poderoso e privado, houve final sentença contra ele Jordão Jácome, por ter clara justiça; porque dizia o testamento da mulher de João d'Outeiro, que foi primeiro mulher de Rui Vaz do Trato, avô de Jordão Jácome, que por seu falecimento ficasse este morgado e administração a sua filha D. Maria, mulher de D. Gilianes, que era filha única de João d'Outeiro, e assim corresse a linha do dito João d'Outeiro até se acabar, e acabando-se, tornasse à linha de Rui Vaz do Trato, primeiro marido. E porque se acabou em uma neta de D. Gilianes, ficando ele herdeiro da sua fazenda, o queria também ser da dita administração, dizendo que era de bens partíveis, e que a neta o nomeava no testamento por herdeiro da dita administração. Porém como não era direito nomear ela pessoa alguma, mas cumprir-se a vontade da mulher de João d'Outeiro, Jordão Jácome, como filho primeiro da filha mais velha de Rui Vaz Gago do Trato, fez esta demanda, que vencedor vencido, sem lograr a renda do morgado mais que um ano, porque não se lhe pagou coisa alguma de quanto gastou; e depois possuiu Sebastião Jácome, marido da dita Inês da Ponte, estes setenta e cinco moios de renda seis anos, e por sua morte seu filho mais velho Bartolomeu Jácome, que agora a possui, morador na vila da Ribeira Grande, e não tem filhos que herdem.

Teve também Sebastião Jácome, de sua mulher, o segundo filho, chamado Pero da Ponte, que casou com outra filha de João Afonso, o Moço, do Faial, chamada Lianor Fagunda, de que tem uma filha de pouca idade. Teve mais Sebastião Jácome Correia, de sua mulher Inês da Ponte, quatro filhas; três delas, sc., Francisca Raposa, Ana Jácome e Margarida da Ponte casaram com três netos de João Afonso, o Velho, do Faial, cidadão de Vila Franca do Campo, sc., Francisca Raposa com Belchior Pimentel, filho de Gaspar Manuel, cidadão de Vila Franca; e Ana Jácome com Gaspar Manuel, filho do próprio Gaspar Manuel; e Margarida da Ponte com Nuno Gonçalves Pimentel, filho de Nuno Gonçalves Madruga, que é falecida. A outra filha de Sebastião Jácome, chamada Isabel Raposo, é ainda solteira.

O segundo ([105]) filho de Jordão Jácome, chamado André Jácome, morador no Nordeste, casou com Apolónia da Costa, filha de Pero Afonso da Costa Barriga, cidadão de Vila Franca, de que tem filhos e filhas, e é falecido. O quarto filho, Barão Raposo, faleceu sendo de ordens de Evangelho. Teve mais Jordão Jácome, de Francisca Roiz Cordeira, sua primeira mulher, duas filhas que foram freiras professas no mosteiro de Santo André de Vila Franca do Campo, já falecidas.

O segundo filho de Jácome Dias Correia, chamado Barão Jácome, foi homem grandioso em tudo, de grande casa, como seu pai, e de muitas e grossas esmolas. Casou com Catarina Simoa, filha de Martim Simão, morador na Terceira, no lugar dos Altares, de que houve, afora os defuntos, um filho chamado Aires Jácome Correia, que foi casado com Maria do Couto, filha de Fernão Braz do Couto, morador na cidade de Angra, da qual houve, afora os defuntos, um filho e três filhas, ainda solteiros.

A primeira filha de Jácome Dias, chamada Aldonça Jácome, casou com Agostinho Imperial, genoês (sic), de que, afora os defuntos, houve estes filhos e filhas: o primeiro filho, Alexandre Imperial, casado em Génoa (sic), onde um ano teve o cetro e depois veio por embaixador a Madril, o ano de mil e quinhentos e oitenta e três; e foi homem rico, poderoso e de muito nome e faleceu então na corte. A filha mais velha de Agostinho Imperial, chamada Maria Imperial, casou em Génoa com um morgado muito rico e senhor de título.

A segunda filha de Jácome Dias, chamada D. Isabel, casou com João da Silva do Canto, da ilha Terceira, do conselho de el-Rei, homem nomeado e conhecido quase em todo o mundo, príncipe na condição, na virtude e nas obras, e de muito grandes esmolas, grandioso em tudo; do qual houve uma filha, chamada D. Violante da Silva, de grande virtude, bem imitadora nas grandes esmolas de seus pais e avós, de que direi adiante. Houve João da Silva do Canto um filho natural, chamado Francisco da Silva do Canto, que casou em Ceita, e vive pobre por não ter favor de seu pai, enquanto viveu.

A terceira filha de Jácome Dias, chamada Catarina Gomes Raposa, casou com Manuel Vaz Pacheco, fidalgo, cidadão de Vila Franca, de que houve estes filhos e filhas. O primeiro filho, Tomé Vaz Pacheco, casou com Paulina Dornelas de que não tem filhos; o segundo filho, Braz Raposo, agora capitão de uma companhia na cidade, casou com Catarina de Frias, filha de Fernão de Anes, pai do licenciado Bertolameu de Frias, de que houve, afora os defuntos, duas filhas gémeas, a primeira, Maria Jácome, ([106]) que casou com Manuel Martins, rico mercador, homem de grande prudência e saber, de que tem alguns filhos e filhas. A segunda filha de Braz Raposo, chamada Ana da Madre de Deus, é freira no mosteiro de Santo André da cidade da Ponta Delgada. O terceiro filho de Manuel Vaz Pacheco, Francisco Pacheco, casou com uma filha de Manuel Lopes, escrivão em Vila Franca, de que tem filhos e filhas. O quarto filho de Manuel Vaz, Bertolameu Pacheco, casou com uma filha de João Lopes, mercador, e de sua mulher Francisca Cabea, de que tem filhos e filhas. O quinto filho, Jordão Pacheco, de grandes espíritos, casou na Ribeira Grande com Maria Tavares, filha de Luís Tavares e de sua mulher Isabel Vaz, de que tem filhos e filhas. A primeira filha do dito Manuel Vaz Pacheco, Maria Jácome, casou com Lopo Anes Furtado, cidadão de Vila Franca, filho de António Furtado e de Maria d'Araújo, de que não tem filhos, e é falecida.

Teve mais Jácome Dias Correia, um filho natural chamado Cristóvão Dias Correia, imitador da nobreza e condição de seu pai, o qual casou duas vezes; da primeira mulher houve quatro filhos, sc., — Jácome Dias, morador na vila da Praia, da ilha Terceira, casado lá com uma nobre mulher, onde foi escrivão público do judicial; outro filho, Gaspar Dias, é casado na mesma vila da Praia, feitor do capitão da dita vila; outro, Baltazar Dias, casado e morador em Castela; o quarto filho, Belchior da Costa Ledesmo, que casou na vila do Nordeste com Ana Afonso, irmã de Jorge Afonso, da Ponta da Garça, e foi escrivão de Vila Franca, de que não houve filhos. Casou Cristovão Dias, segunda vez, com uma nobre mulher ([107]), da qual houve cinco filhos: o primeiro, Jorge Dias, que casou, e de sua mulher ([108]), houve a Sebastião Correia, o qual anda por alferes de uma galé de el-Rei Filipe. O segundo filho de Cristóvão Dias, Antão Correia, que é cego, mas não do entendimento, e casou três vezes com nobres mulheres, de que não houve filhos ([109]). O terceiro filho de Cristovão Dias Correia, chamado primeiro Jordão Jácome Correia e depois o capitão Alexandre, por lhe pôr este nome o Senhor D. João d'Áustria, por valentias que fez no tempo da guerra naval que teve com o turco, ao qual, além do hábito de Santiago com boa tença, el-Rei Filipe, por seus serviços, fez mercê de duzentos mil reis de renda, pagos aos quartéis cada ano na alfândega desta ilha de S. Miguel, onde casou com Catarina Mendes, filha de António Mendes Pereira e de Isabel Fernandes,

com a qual lhe deram em dote seis mil cruzados de raiz, e dela não tem filhos. Das valentias e feitos heróicos do qual capitão Alexandre direi adiante mais largamente em seu lugar. O quarto filho de Cristóvão Dias Correia, chamado como seu pai Cristóvão Dias Correia, e o quinto, Manuel Correia faleceram ambos solteiros na ilha Terceira, em casa de João da Silva do Canto. Houve mais Cristóvão Dias, de sua mulher, duas filhas: a primeira, Aldonça Jácome, casou com Salvador de Araújo, de alcunha o Farto, morador em Vila Franca, de que houve um filho, chamado Cristóvão Dias, ainda solteiro. A segunda filha de Cristóvão Dias Correia, o Velho, faleceu solteira.

Vieram depois a esta terra Gabriel Coelho e Rafael Coelho, irmãos, e António Jorge Correia, homens nobres, parentes muito chegados de Jácome Dias Correia, sobrinhos, filhos de seu irmão ([110]). Gabriel Coelho teve grande trato e perdeu muito em uma companhia que teve com António de Pesqueira Burgalês e com António de Brum; casou com uma neta de Afonseanes dos Mosteiros, rico e nobre, de que teve alguns filhos e filhas. Rafael Coelho casou com uma filha de Estevão Alvres de Resende. António Jorge casou com Margarida de Chaves, também neta de Afonseanes, dos Mosteiros, da qual houve alguns filhos; os vivos são: Manuel Correia, letrado em leis, e Gonçalo Correia de Sousa, canonista, e uma filha, chamada Maria Correia, que agora está no mosteiro de Santo André, da cidade, todos de muita virtude e bom exemplo, imitadores de sua mãe, que depois de viúva se deu tanto a Deus e à oração, que se tem e é julgada por santa, como direi adiante.

Dizem alguns que este apelido dos Correias, gente nobre, teve princípio em uns que guardando uma torre sem se querer entregar aos contrários, estiveram tanto tempo cercados que, faltando-lhe o mantimento, faziam em tiras e correias os couros das caixas encouradas e outros, e deitando-os de molho os comiam depois brandos. E outros dizem que por um deles em uma batalha vencer um poderoso imigo, e o atar com umas correias, trazendo-o cativo, lhe ficou este apelido de Correias, e por isso têm as suas armas a figura de um homem atado pelas mãos com umas correias.

Tinha Rui Vaz do Trato, afora suas rendas, muito gado e muitas criações nesta ilha, em Vila Franca, nas Furnas, nas Sete Cidades, no pico dos Ginetes, em Rabo de Peixe e na Ribeira Grande, as quais ia visitar em pessoa algumas vezes cada ano. E vindo um dia da criação das Sete Cidades a cavalo, lhe anoiteceu junto do lugar de Rabo de Peixe, que ainda estava despovoado, e ermo, sem haver nele mais que duas cafuas em que dormiam os vaqueiros e roçadores dos matos, e chegando de noite a uns biscoitos, que estão além de Rabo de Peixe, da banda da Vila da Ribeira Grande, onde ele ia para sua casa, que estava no Morro, abaixo do arrebentão, da parte do mar, onde então morava, que depois mudou João d'Outeiro, seu sucessor, para junto da Ribeira Seca, abaixo da ermida de S. Pedro, e aí fez outras casas e granéis de telha, desfazendo as em que morava, pelas não achar de seu gosto, por serem desviadas da povoação; e chegando de noite Rui Vaz ao dito biscoito, quase na saída dele, onde está uma cruz em um pequeno outeiro de pedra, lhe saiu ao caminho um fantasma como touro, e arremeteu a ele; o qual, cuidando que era touro, andou com ele às lançadas, levando tanto trabalho nisso, e o cavalo o mesmo, que quando chegou a sua casa ia já todo pisado, sem dizer a sua mulher, nem a outra pessoa alguma, o que lhe acontecera, deitando-se na cama, sem comer, muito cansado. E ao outro dia, antes que amanhecesse, foi ver se achava o touro naquele lugar, e não achou rasto, nem mostra alguma por onde se pudesse crer que andasse ali touro, nem outra alimária, nem pessoa, porque tudo por ali era coberto de ervas frescas, antre as quais ia uma vereda por onde se caminhava, nem se podia fazer coisa alguma que não mostrasse rasto do que se fizera. Vendo ele isto, e entendendo que era algum demónio, ou coisa má, o que ali lhe aparecera, se tornou turbado para casa, e o contou a sua mulher, que dificultosamente o pôde já entender, por ele quase não poder falar, e logo faleceu deste assombramento. E depois de viúva, se casaram as três filhas, como já tenho dito, indo Luís Gago dar conta a el-Rei por seu tio Rui Vaz Gago, que nada ficou devendo. Casou cá a dita Catarina Gomes Raposa com João d'Outeiro, mercador, que procurava pelas coisas de seu marido, e era seu feitor, do qual houve uma filha, que conforme ao costume daquele tempo desposou com Jorge Nunes, irmão do capitão Rui Gonçalves, pai do Capitão Manuel da Câmara, o qual mataram os mouros, andando em África, à custa do sogro, no tempo dos desposouros ([111]); e depois a tornou a casar João d'Outeiro com D. Gilianes da Costa, filho de D. Alvarinho, como direi quando tratar de seu morgado e das diferenças que houve sobre ele.

Luís Gago, primo com-irmão de Rui Vaz do Trato, ainda que lhe chamava tio por ser Rui Vaz o mais velho, e o ter em sua casa, que por sua causa veio a esta ilha, morou na Ribeira

Seca, termo da vila da Ribeira Grande, e era, como tenho dito, filho de Estevão Roiz Gago, fidalgo que fez muitos serviços a el-Rei nas guerras de Castela, onde foi muito ferido, principalmente de uma lançada, que em se recolhendo os portugueses lhe deram os castelhanos de arremesso por baixo das couraças, nos lombos, de que lhe ficou um nó grande, por sinal. Era também primo com-irmão do Doutor Rui Gago, juiz dos feitos de el-Rei; foi homem latino, discreto e de boas partes; não bebia vinho, mas sempre tinha pipas dele em sua casa, para agasalhar muitos hóspedes e religiosos, que a ela iam; era muito amigo dos pobres e viúvas, que amparava. Viveu mui honradamente e abastado, com cavalos e mulas na estrebaria, que tinha bem pensados, por ser bom cavaleiro, e muitos escravos e escravas, criados e criadas e grande família. Foi casado com Branca Afonso da Costa, fidalga dos Colombreiros, atrás ditos, da qual houve os filhos seguintes:

O primeiro filho se chamou Pero Gago, que foi estudar a Salamanca e depois foi vigairo da igreja de S. Sebastião da cidade da Ponta Delgada muitos anos, onde faleceu, e daí o levaram a enterrar à vila da Ribeira Grande, em uma capela de seu pai Luís Gago; o qual teve um filho natural, licenciado em cânones, chamado Pero Gago Bocarro, de grande virtude.

O segundo filho de Luís Gago, por nome Paulo Gago, que morou na Ribeirinha, termo da Ribeira Grande, onde tinha sua fazenda, casou nesta ilha de S. Miguel com Guiomar da Câmara, filha de Antão Roiz da Câmara, fidalgo, filho de João Roiz da Câmara ([112]), capitão que foi desta ilha; o qual Paulo Gago era discreto, latino e bom cavaleiro, um dos dois melhores que havia na ilha, e nunca lhe levava avantagem de bem posto e consertado e muito airoso a cavalo. Houve de sua mulher os filhos seguintes: o primeiro, Rui Gago da Câmara, que falecendo dois filhos e uma filha, por ficar só em casa, o criou seu pai com muita doctrina, fazendo-o aprender latim e bons costumes, além de o fazer bom cavaleiro, com ter sempre de contínuo, na estrebaria, dois cavalos e mula e quartão, afora outros de empréstimo, com muitos escravos e escravas, criadas e criados, e grande família; vivendo em uma rica quinta que tinha na Ribeirinha, termo da vila da Ribeira Grande, onde tinha a cabeça de seu morgado, pelo que era havido pelo mais rico homem da dita vila. Casou o dito Rui Gago da Câmara na cidade da Ponta Delgada com Isabel Botelha, filha de Garcia Roiz Camelo e de sua mulher Maria Travassos, filha do contador Martim Vaz, da geração dos Camelos, Cabrais e Botelhos. É homem mui temente a Deus, registado nas coisas da consciência, humilde, macio e bem acondiçoado. Foi dezoito anos capitão de uma bandeira de duzentos e cinquenta homens, na dita vila da Ribeira Grande; tinha por cabos de esquadra os melhores da terra; e servindo este tempo de capitão, soccedeu mandar fazer el-Rei novo regimento nesta ilha, que nos lugares onde houvesse mais de uma bandeira se fizessem capitães-mores, o que foi ordenado pelo Capitão Manuel da Câmara, na era de mil e quinhentos e sessenta e dois ou sessenta e três. Na qual eleição ele foi eleito pelo povo por geral de quatro bandeiras, cada uma de duzentos e cinquenta homens de armas, três delas dentro na vila, e uma no lugar de Rabo de Peixe, seu termo, que em todas juntas há mil homens de peleja; e depois se fez outra bandeira. Com o qual cargo, em todo o tempo que o teve e tem, assim quando foi capitão menor, como mor, é de tal condição e tão nobre, que nunca agravou soldado seu, nem usou de condenação, e prendendo-os e tratando-os com muito amor, como filhos e assim é pai de todos e da mesma vila, acudindo primeiro que ninguém a todas as pressas e necessidades dela, e fora dela, com sua pessoa e fazenda. O qual houve de sua mulher, Isabel Botelha, os filhos seguintes, bem conformes nos costumes a tão bom pai e mãe que os geraram. O primeiro, Paulo Gago, morgado, que parece um anjo na condição e virtude, o qual casou com Isabel de Medeiros, filha de Hierónimo de Araújo, fidalgo, cidadão de Vila Franca, como já tenho dito. O segundo filho, Rui Gago, muito cortesão e discreto. O terceiro, Pero Gago. O quarto, André da Câmara. Tem também duas filhas, a primeira D. Maria, casou com Manuel da Câmara, fidalgo, filho de Henrique de Betencor, com dispensação por serem parentes. A segunda Isabel da Câmara, casada com Manuel Moniz, filho de Adão Lopes e de Maria Moniz; afora outros que faleceram, e três deles, continuamente a cavalo. E pelas festas, quando há folgares, vêm com eles em cavalos bem ajaezados e lustrosos.

O terceiro filho de Luís Gago, chamado Sebastião Gago, criado de el-Rei, morreu em seu serviço na Índia, com outros soldados, sendo capitão de um navio de alto bordo, pregado um braço com as frechas ao bordo dele.

O quarto filho, chamado André Gago, faleceu no dilúvio de Vila Franca desta ilha, estando já no estudo, aprendendo para clérigo, sendo muito músico, bom cantor e tangedor.

O quinto, por nome Jácome Gago, gentil homem, discreto e grande cavaleiro, faleceu solteiro na ilha Terceira.

O sexto filho de Luís Gago, chamado Estevão Gago, morador na Ribeira Seca, casou com uma filha de João do Monte, o Velho, da qual houve três filhos. O primeiro Luís Gago, de grandes espíritos, que foi daqui solteiro ter às Canárias, onde se chamou Luís de Betancor, e daí se mudou para outra parte, e não se sabe dele. O segundo, Sebastião Gago e o terceiro, Pero Gago, que também se foi desta ilha, onde não se sabe se são vivos. Teve mais o dito Estevão Gago uma filha, que chamam Senhoresa da Costa, casada com Gaspar Martins, do Morro, onde ao presente mora, de que tem alguns filhos, o mais velho dos quais se chama Luís Gago, casado com uma filha de Bartolomeu Pacheco e de Inês Tavares, de Vila Franca, cujo avô Estevão Gago se foi desta terra para o Cabo Verde e lá faleceu.

Teve mais Luís Gago três filhas. A primeira, D. Alda Gaga, casou com Henrique Camelo Pereira, fidalgo, filho de Fernão Camelo Pereira, da qual houve dois filhos, de grandes partes, como direi na geração dos Camelos.

A segunda, D. Margarida Gaga, casou com Simão de Betancor de Sá, fidalgo, filho de João de Betancor, de que houve os filhos e filhas que disse na geração dos Betancores.

A terceira, Breatiz Roiz da Costa, casou com Fernão Correa de Sousa, viúvo, fidalgo da geração dos Correas de Portugal, que veio da ilha da Madeira, de que houve uma filha, chamada Branca Correa, que faleceu solteira; o qual Fernão Correa se foi desta ilha em um navio muito grande, que aqui fez no lugar de Porto Formoso, e se perdeu na ilha da Madeira, com o qual desgosto se foi para as Índias de Castela, e nunca mais houve novas dele. Era gentil homem, grande de corpo, magnífico nas obras e muito discreto, do qual já disse na geração de Nuno Gonçalves, filho de Gonçalo Vaz, o Grande.

E a cada uma destas filhas deu Luís Gago, em casamento, vinte moios de renda em propriedades, que agora valem o dobro.

Têm os Gagos por armas um escudo de campo vermelho, com uma aspa e três luas de prata nos três vãos de baixo da aspa, e uma estrela de ouro no quarto vão de cima, e nele mesmo, por diferença, um cardo de ouro florido; e o elmo azul, guarnecido de ouro com sua folhagem, da parte direita a quem a vê, de ouro e vermelho, e da parte esquerda, de prata e vermelho; e paquife de prata e vermelho; e por timbre um leão de prata, com uma estrela de ouro na testa.

CAPÍTULO XIII

DA VIDA E ESTADO DE DOM GILIANES DA COSTA, O VELHO, FILHO DE DOM ALVARINHO, QUE POR CASAR NESTA ILHA COM UMA FILHA DE JOÃO D'OUTEIRO E DA MULHER QUE FOI DE RUI VAZ GAGO DO TRATO, HERDOU MUITA FAZENDA, QUE NELA TÊM SEUS FILHOS E HERDEIROS

D. Gilianes da Costa, filho de D. Alvarinho, sendo fidalgo, como era, andando na corte, lhe cometeram um casamento nesta ilha, com grande soma de dinheiro e fazenda, que lhe deu João d'Outeiro, com D. Maria, sua filha, que houve de Catarina Gomes Raposa, sua mulher e mulher que fora de Rui Vaz do Trato, antre o qual dote lhe deram na vila da Ribeira Grande e seu termo, e na cidade e em Vila Franca, quatrocentos moios de trigo de renda, que rendiam naquele tempo, e agora rendem muito mais. Deram-lhe também na dita ilha, de renda, duzentos cruzados em dinheiro e em foros de casas.

Viveu D. Gilianes com esta primeira mulher dois anos, pouco mais ou menos, porque morreu ela, e ficou ele viúvo, onde esteve um ano sem casar. Depois, andando no paço, muito favorecido do Rei, o casaram com D. Joana da Silva, prima do Regedor, e muito parenta do Governador, muito fidalga e discreta com a qual lhe deram dote que chegou a quarenta mil cruzados em dinheiro e fazenda. Tiveram quatro filhos e quatro filhas, de cada um dos quais tratarei adiante. Vivendo ambos na corte, vieram a multiplicar tanto com sua fazenda e ter tanto crédito com o Rei, que o mandou por embaixador a França, onde esteve por espaço de três anos, muito favorecido de el-Rei D. João, terceiro do nome, o qual, depois de sua vinda, gostou tanto de seu serviço que o tornou a mandar por embaixador para Roma e Alemanha, nas quais partes tratou os ditos cargos muito a gosto de quem lhos encarregou. Depois de sua tornada, estando na corte com grande crédito, e fazendo-lhe el-Rei muitas mercês, lhe mandou que fosse veador de sua fazenda, do qual cargo ele se escusava por muitas vezes, porque o não queria servir, sem el-Rei lhe receber escusa, ao que ele lhe disse, que pois os fidalgos da corte tinham inveja dele e de sua privança, lhe pedia que primeiro que começasse de servir o dito ofício, Sua Alteza lhe mandasse fazer inventario de sua fazenda, porque havendo algum tempo algum mexeriqueiro, se soubesse quanto dantes tinha; respondeu-lhe el-Rei que não havia necessidade de lhe fazer inventário pois confiava dele; mas, não contente D. Gilianes, chamou certos escrivães e contadores, com que fez resenha de sua fazenda, mostrando-lhe os títulos que tinha dela, a qual feita, montou a de móvel e de raiz, que tinha assim nesta ilha, como no Reino, entrando um conto e duzentos mil reis que lhe pagava el-Rei de juro cada um ano, uma e outra veio a somar duzentos mil cruzados, naquele tempo do inventário, somente, afora o que depois multiplicou, e outras mercês grandes que lhe el-Rei fez, que à hora de sua morte podia ser toda trezentos mil cruzados. Serviu de veador muito tempo a contentamento de el-Rei, servindo-se magnificamente, acompanhado de todos os fidalgos, e muitos deles ricos.

Houve D. Giliãnes, de sua mulher D. Joana da Silva, primeiramente um filho, que chamam D. Álvaro da Costa da Silva, o qual sendo menino muito mimoso de seu pai e mãe, por ser o primeiro, lhe aconteceu um grande desastre; porque tendo alguns barris de pólvora em sua casa, que lhe ficou de quando veio a esta ilha visitar sua fazenda, em uma nau armada, que lhe el-Rei deu para vir em sua guarda, mandando deitar pólvora ao sol a secar em uns guadamecis, D. Álvaro com outros meninos pages ([113]), quiseram fazer foguetes e trouxeram lume, donde se veio a pegar na pólvora, e alcançando-os o fogo matou dois deles, e outros ficaram aleijados, como ficou D. Álvaro, que lhe queimou todos os peitos e o rosto, donde ficou cego de um olho, muito disforme das costuras do fogo, e as mãos e dedos muito aleijados, como são hoje em dia; e sem embargo disso é muito bom escrivão. Vendo seu pai e mãe esta desgraça, foram muito anojados por ser o primeiro filho morgado. Depois quis-lhe Nosso Senhor dar outro filho logo após ele, D. António da Costa da Silva, moço muito discreto, como eles eram todos; determinou o pai e mãe com o Cardeal fazê-lo sacerdote para que o segundo

fosse herdeiro no morgado, como de feito o fizeram clérigo; e o dito D. Álvaro depois que o entendeu e se viu que não podia herdar o morgado, ficou muito triste, e apartando-se logo de seu pai, sem nunca mais serem amigos, se foi para o estudo de Coimbra, onde lhe mandava dar o pai mil cruzados de renda, cada ano; estudou alguns anos em que tomou grau; e com isto se foi para Roma sem o pai o saber, e quando o soube, contente com isso, o mandou prover lá de todo o necessário com muito dinheiro. E como D. Giliãnes era muito conhecido em Roma, de quando fora por embaixador, era lá favorecido de todos os cardeais e senhores, e tratava-se como grande senhor; e desta vez privou tanto, que trouxe cinco benefícios muito bons, vindo-se para Coimbra sem ir a casa de seu pai, e ali tornou a estudar até que se pôs em grau de doutor, como é; comendo as rendas de suas igrejas, que lhe podiam, naquele tempo, render dois mil cruzados, com mais mil que lhe dava seu pai. E indo algumas vezes à corte se tratava com quinze, dezasseis pages, todos vestidos de seda, com gorras de veludo e com quatro ou cinco homens de pé e outros de cavalo, de modo que na corte não havia quem lhe fizesse avantage. Depois não contente com isto se tornou a Roma; esteve lá três anos, donde trouxe, desta segunda vez, nove benefícios, afora o Dayadego ([114]) da Guarda, que é uma grave e proveitosa dignidade, que lhe rende cada um ano seiscentos e cinquenta mil reis, que serve um criado por ele, em seu nome como coadjutor; que eram já quinze benefícios. Depois tornou outra vez a Roma a trazer três, que são dezoito; tem dados a dois criados dois, ficam-lhe dezasseis. Também alcançou com o Papa, por seu favor e de seu pai, que lhe deu os benefícios das igrejas em transferende e diz no transferende logo desta maneira: que o dito D. Álvaro poderá dar e renunciar as ditas igrejas nas pessoas em quem ele mais quiser, contanto que tenham ordens menores e não sejam parentes no quarto grau; e esta dada será valiosa sem mais autoridade do Papa, nem Bispo; e será renunciado vinte e quatro horas antes de sua morte para que esteja em seu siso; e logo diz que, se àquele tempo não estiver tão prestes notairo ([115]) ou escrivão, para fazer a tal renunciação, que renuncie perante duas testemunhas, e que seja válido, e depois de renunciado será confirmado pelo Bispo do bispado, aonde estiver o benefício. De maneira que lhe renderão os benefícios, em cada um ano, dois contos, forros para si. Além destes benefícios, tem de património, de herança de seu pai, trezentos e setenta mil reis de juro, que lhe paga el-Rei em cada um ano no almoxarifado de Santarém. Tem mais nestas ilhas a sua parte, que lhe rende cada um ano cem moios de trigo, pouco mais ou menos; rendem-lhe mais em dinheiro os foros que aqui tem, trinta mil reis; e tem quintas, propriedades, moinhos, e marinhas e casas, que lhe rendem, em cada um ano, mais de dois mil e quinhentos cruzados. Não tem casa certa; tem uma casa em Lisboa, outra em Coimbra, outra no Porto, outra na Guarda, e outras onde tem as igrejas; e estando quinze, vinte dias em uma parte, vai estar outros tantos em outra. Não quer estar na corte, nem ser bispo, nem ter outra dignidade; desta maneira passa a vida quietamente. Depois D. António herdou o morgado, que lhe poderá render perto de quatro contos cada um ano, onde entra uma rua que fez D. Giliãnes, em seu tempo, ao Pelourinho Velho, nas casas que foram dos Contos, que é a melhor coisa que há em Lisboa, que lhe rendem cada um ano, os alugueres das casas, três mil cruzados. E tem três filhas e nenhum filho. Foi com el-Rei para África; dizem que lhe deram quatro lançadas de que morreu ([116]).

O terceiro filho, D. João da Costa, é muito rico: casou já duas vezes e de ambas lhe deram grossos dotes, além do património que lhe deu seu pai, que passa de dois contos de renda, onde não entra o destas ilhas, cento e quarenta moios de trigo, afora os foros de dinheiro.

O quarto filho, D. Gilianes da Costa, mancebo já casado, é o mais novo; deixar-lhe-ia seu pai um conto e meio de renda, que come; onde não entram cem moios de trigo, que tem cada ano nesta ilha, afora os foros de dinheiro; é homem de raro engenho, músico, latino e bem entendido na língua italiana; tem grande habilidade na arte da poesia, e na oratória; tem escrito muitas coisas, e a Jornada de el-Rei D. Sebastião, com grave estilo. De moço começou a andar nas galés que andavam de armada, e ainda de pouca idade fugiu de casa de seu pai para Tânger, onde residiu quatro anos, e é agora capitão de Ceuta ([117]).

Uma das filhas, D. Filipa, casou com D. Fernando Mascarenhas, fidalgo muito principal e grande capitão que foi em Tânger muitos anos, e muito querido de el-Rei; tão esforçado e manhoso, que fazia muitas avantages de cavalarias diante do Rei, e tão apessoado que tinha feição de gigante na grandura e nas forças; e está sabido que na coutada de Almeirim, indo com el-Rei correndo no cavalo, debaixo do arvoredo, se apegava em cima das árvores e apertando as pernas alevantava do chão o cavalo com elas. O qual os mouros mataram com el-Rei Dom Sebastião, tendo ele primeiro mortos (sic) muitos. Outra filha de D. Giliãnes casou

com D. Tomaz de Noronha, grande fidalgo, dos principais do Reino, rico, devoto, tão amigo de Deus que não faz outra coisa senão sempre rezar e estar na igreja.

Tem outras duas filhas freiras no mosteiro de Almostér ([118]) junto de Santarém, a que deu grossos dotes. E todos são vivos; somente D. António, morgado, com quatro contos de renda, ao qual, tendo quatro filhas de sua mulher, sem filho barão ([119]), levou el-Rei D. Sebastião consigo na jornada de África, e aos dois irmãos D. João e D. Giliãnes, e na batalha se diz que mataram os mouros o dito morgado. Outros dizem que foi visto cativo em Constantinopla. Os dois irmãos ficaram cativos em Berbéria, e saíram por resgate: D. João dizem que custou sete mil e quinhentos cruzados, D. Giliãnes cinco mil e quinhentos cruzados. E porque ao dito D. António não ficou filho barão, fica o morgado, segundo se diz, a D. João, por ser irmão segundo de D. António; porquanto o pai o instituiu com condição que sempre andasse por via masculina. De modo que ao filho a que menos deixou D. Giliãnes da Costa, foi um conto e meio de renda. A qual fazenda manou do princípio que teve nesta ilha com o grande dote que lhe deram em casamento com a filha de João d'Outeiro e da mulher que foi de Rui Vaz Gago do Trato, donde toda procede. E nesta era de mil e quinhentos e oitenta e sete se acha nesta ilha de S. Miguel render a fazenda, que ficou do dito Rui Vaz Gago do Trato, mil e trezentos moios de trigo cada ano, de raiz ou propriedade, pouco mais ou menos; a qual renda está nas mãos dos filhos de D. Giliãnes da Costa, como tenho dito, e em Aires Jácome Correia, e em D. Violante da Silva, e em D. Diogo de Sousa, e em D. Francisco Manuel, e em Hierónimo d'Araújo e Ana d'Abreu, viúva, mulher que foi de Pero d'Azurar e filha de Sebastião Alvres d'Abreu, e em Nuno d'Atouguia, e em Tomé Vaz Pacheco, e Braz Raposo e Jordão Pacheco, seus irmãos, e nos herdeiros de Jordão Jácome, e morgado que possui agora Bertolameu Jácome Raposo, nesta ilha.

CAPÍTULO XIV

DOS CAMELOS E PEREIRAS, FIDALGOS QUE DE PORTUGAL VIERAM A ESTA ILHA, SENDO TERCEIRO CAPITÃO DELA RUI GONÇALVES DA CÂMARA, PRIMEIRO DO NOME

Dos primeiros que a esta ilha vieram, no tempo de Rui Gonçalves da Câmara, terceiro Capitão dele, primeiro do nome, veio a ela, de Castelo Branco um Fernão Camelo Pereira, fidalgo dos Camelos de Portugal, com grande fausto e cavalos e escravos, e aqui casou com Breatiz Cordeira ([120]), filha de Pero Cordeiro, dos primeiros povoadores que houve, morador em Vila Franca, de que teve estes filhos: Jorge Camelo, Manuel Camelo, Pero Camelo, Gaspar Camelo e Anrique Camelo, todos com apelido de Pereiras; e duas filhas, Leanor Camela e D. Breatiz Camela; os quais cinco filhos levou Fernão Camelo daqui a Portugal, e os deu a el-Rei por moços fidalgos. E o primeiro, Jorge Camelo, depois de o servir, andando na corte alguns anos, morreu no serviço de el-Rei, sendo capitão de uma nau da Índia, sem casar e sem filhos.

O segundo, Manuel Camelo Pereira, indo por capitão de outra nau da Índia passaram além dela, e com os trabalhos da comprida viagem, ainda que ele e seis ou sete companheiros seus, somente escaparam no mar, saindo e desembarcando em terra, morreram logo todos. Foi casado, a primeira vez, com uma filha de Luís Vaz Maldonado, memposteiro-mor dos cativos em todas estas ilhas, e a segunda vez com uma Fuã Tavares, sem ter filhos dela.

O terceiro filho, Pero Camelo Pereira, casou em Lisboa com D. Maria d’Alpoem, de que não houve filhos; e servindo a el-Rei em uma armada, tendo briga com uns franceses, havendo tiros de parte a parte, com a pólvora e fogo ficou cego; pelo que lhe fez el-Rei mercê das pensões de todas estas ilhas dos Açores e da saboaria da ilha de S. Miguel. E casou segunda vez com D. Maria, de que não houve filhos, a qual depois da morte dele casou com o licenciado Luís da Rocha, de Viana, ouvidor que foi do Capitão desta ilha, e depois provedor da Fazenda de el-Rei na comarca de Bragança, onde faleceu.

O quarto filho, Gaspar Camelo Pereira, casou com Breatiz Jorge, filha de Pero Jorge, de que houve filhos: Pero Camelo Pereira, que agora é juiz dos órfãos na cidade da Ponta Delgada, e casou em Portugal com D. Iria ([121]), fidalga muito principal, de que tem um filho, chamado Nicolau Pereira, e uma filha por nome D. Vitoria. Teve Gaspar Camelo Pereira três filhas: casou uma ([122]) com o bacharel Gonçalo do Rego, de que houve um filho, Gaspar Camelo, que casou na Praia, da ilha Terceira, com uma filha de Álvaro Cardoso; o qual Álvaro Cardoso, por falecimento de Gonçalo do Rego, casou com D. Breatiz. A segunda filha ([123]) de Gaspar Camelo casou com Álvaro Martins, memposteiro-mor dos cativos nesta ilha de S. Miguel, de que houve dois filhos: um se chama Pero de Sousa, que foi escrivão da câmara do elegantíssimo e grande pregador D. António Pinheiro, primeiro benemérito bispo de Miranda e depois de Leiria, cronista-mor de Portugal, tão expediente em todo o género de negócios e de tanto saber e prudência, que bem pudera governar o mundo todo. E outro que foi para a Índia de Portugal. E uma filha, por nome Isabel de Jesus, freira professa no mosteiro de Santo André, da cidade da Ponta Delgada. E outra filha, chamada D. Breatiz Camela, que casou com Rui Vaz Medeiros, capitão dos aventureiros na cidade da Ponta Delgada, por ser muito valente de sua pessoa e homem de grandes espíritos, pelo que Sua Majestade lhe deu o hábito de Cristo, com boa tença. A terceira filha de Gaspar Camelo, chamada D. Guiomar Camela, casou com Jorge Furtado, como direi na geração dos Furtados.

O quinto filho de Fernão Camelo Pereira, chamado Henrique Camelo Pereira, foi casado, primeira vez, com uma filha de Luís Gago, da Ribeira Grande, chamada D. Alda Gaga, de que houve dois filhos, Jorge de Sousa Pereira e Pero de Sousa de Castelo Branco, ambos os quais eram muito discretos, músicos e valentes de suas pessoas, e foram para a Índia em serviço de el-Rei. Jorge de Sousa, o mais velho, foi capitão de Cochim, e daí foi com uma armada sobre as ilhas de Maldiva, que estavam alevantadas contra o seu Rei, que ficava em Cochim, onde

viera pedir favor a D. Constantino, que era então Viso-Rei, o qual mandou Jorge de Sousa, por capitão desta armada, a este socorro; e tendo já tomado e sujeitado duas das ilhas, entrando na terceira, morreu com toda a gente em uma cilada que os imigos lhe armaram; e conta-se que pelo dano que tinha feito neles, o amarraram a um pau e mataram às canaveadas (sic). O segundo filho de Henrique Camelo Pereira, chamado Pero de Sousa de Castelo Branco, serviu de capitão-mor na costa de Melinde, em tempo que Francisco Barreto foi ao descobrimento do Rio do Ouro de Menopotapa, e acabando seu tempo de capitão na dita costa de Melinde, casou em Moçambique com uma viúva e aí vive até hoje. Casou Henrique Camelo a segunda vez, com uma nobre mulher a que não soube o nome, nem sei se teve dela filhos.

Das duas filhas de Fernão Camelo Pereira, uma chamada D. Lianor Camela, casou com Pedro Afonso da Costa Cogombreiro (sic), morador na freguesia de Santa Luzia, no lugar das Feiteiras, de quem houve estes filhos: Sebastião de Sousa, que casou com D. Isabel, filha do doutor Francisco Toscano, quando estava por corregedor nesta ilha de S. Miguel, de que houve filhos e filhas muito virtuosas e honradas; Francisco Toscano e Fr. Pedro, religioso e pregador, prior que agora é do mosteiro de Nossa Senhora da Graça, da cidade de Angra, e D. Lianor, de grande saber e virtude, e outras que faleceram. Houve mais Pedro Afonso da Costa Colombreiro, de sua mulher D. Lianor Camela, um filho chamado Jorge Camelo da Costa, homem de grande virtude, muito bom cavaleiro, magnífico e grandioso, e tão liberal que gasta quanto tem de sua renda, com agasalhar hóspedes e pobres, tanto que parece sua casa o hospital de uma vila. E fez no lugar das Feiteiras, onde mora, nas casas que foram de seu pai, uma sumptuosa igreja, em que gastou mais de três mil cruzados; e casou com D. Margarida, filha de Pero Pacheco, de que não houve filhos, como disse na geração de Nuno Gonçalves, filho de Gonçalo Vaz, o Grande, e na geração dos Cogombreiros (sic).

Houve mais Pedro Afonso Cogombreiro, de sua mulher, uma filha, chamada D. Breatiz, que casou com Francisco de Mendonça, fidalgo, filho de Mendo de Vasconcelos, de que houve uma filha chamada D. Lianor, que casou com António Pereira, filho do bacharel Diogo Pereira, de quem tem alguns filhos: D. Margarida, Diogo Pereira, Marcos Pereira e outros de pouca idade.

A segunda filha de Fernão Camelo, chamada D. Breatiz, casou com Pedro Homem da Costa, fidalgo, morador na Praia, da ilha Terceira, de que não houve filhos.

Veio depois de Portugal Garcia Roiz Camelo, sobrinho de Fernão Camelo, o qual Garcia Roiz Camelo tem e teve da primeira mulher, chamada D. Lianor Soeira, tia do licenciado Diogo Dias Soeiro, uma filha chamada Breatiz Roiz, que casou com Diogo Vaz Carreiro, de que houve um filho, que faleceu menino. Outra filha de Garcia Roiz Camelo, chamada Leonor Soeira, casou com Manuel Afonso Pavão, filho de Manuel Afonso Pavão, da vila de Água do Pau, de muita nobreza, de que houve os filhos seguintes: o primeiro, João Roiz Pavão, o segundo, Garcia Roiz, que ambos moram no lugar da Candelária, o terceiro, Pero Manuel, o quarto, António Afonso, o quinto, Simão Roiz, vigário que foi de S. Roque, o sexto, Manuel Pavão, o sétimo, Rui Vaz, o octavo, Mateus Camelo, e outros que faleceram. E das filhas, a primeira, Lianor Soeira, casou com Pero de Teves, filho de António da Mota, de Vila Franca; a segunda, Breatiz Roiz, casou com o licenciado António de Frias, filho do Licenciado Bertolameu de Frias.

Houve mais Garcia Roiz um filho, chamado João Roiz Camelo, grande e esforçado cavaleiro, que casou a primeira vez com uma nobre mulher, de que houve o licenciado António Camelo, tão bom cavaleiro como letrado, que casou com Leonor Dias, filha de António Afonso, morador na vila do Nordeste, e de sua mulher Mónica Dias. Teve também João Roiz Camelo, da primeira mulher, uma filha, chamada Maria da Costa, que casou primeira vez, com um Manuel Homem, de que houve um filho, que chamam Manuel Homem, o Ante-Cristo, por ser de grandes espritos e tão extremado cavaleiro que indo correndo dois, salta ele do seu cavalo no do outro, e do outro no seu; e segunda vez com Manuel Cabral de Melo, fidalgo, filho de Lopo Cabral de Melo e de sua mulher Isabel Dias, de que tem uma filha, que chamam Isabel Cabral. Casou João Roiz, segunda vez, com uma mulher da Terceira, chamada Maria Badilha, de que não teve filhos; e a terceira vez casou João Roiz, em Vila Franca, com Caterina Correia, filha de Gaspar de Gouvea e de Solanda Cordeira, de que houve uma filha, chamada primeiro Breatiz Roiz e agora Breatiz de Cristo, por ser freira no mosteiro de Santo André, na cidade da Ponta Delgada, e dois filhos pequenos.

Depois casou Garcia Roiz, segunda vez, com Maria Travassos, filha de Martim Vaz, contador, de que houve os filhos já ditos na geração dos Velhos; e faleceu rico e abastado, deixando seus filhos e genros bem herdados. Terceira vez casou Garcia Roiz com Margarida Gil, viúva, de que não houve filhos.

Também Gaspar Pereira Camelo, morador na vila da Lagoa, é filho legítimo de Fernão Camelo, fidalgo, e de Maria Roiz de Azevedo, sua segunda mulher, e os irmãos e dois filhos deste Fernão Camelo serviram a el-Rei de moços fidalgos e estão assentados em seus livros, de que têm seus instrumentos autênticos.

João Camelo foi um homem fidalgo, da casa de el-Rei D. Manuel, morador em a vila de Alfesirão, e capitão-mor de todos os coutos de Alcobaça; e este teve três filhos, um dos quais, por nome António Camelo, veio moço de doze anos ter a esta ilha, ao lugar das Feiteiras, a casa do dito Fernão Camelo, seu tio, onde se criou até idade de vinte anos, em que se casou com Isabel Velosa, filha de João Esteves Veloso, o Velho, homem principal, que então servia de almoxarife de el-Rei, e com ela viveu muitos anos na cidade da Ponta Delgada e no governo dela; e sendo já de idade de cinquenta anos, sabendo que seu pai, João Camelo, era falecido, se foi desta ilha a Portugal, e trazendo demanda sobre um morgado que de seu pai lhe ficava, com outro seu irmão, que o possuía por se ter ser morto, faleceu e foi enterrado em a igreja de Alfesirão, na cova de seu pai.

Deste António Camelo ficaram dois filhos e três filhas, que todos foram criados na cidade da Ponta Delgada, como filhos de quem eram, e um deles, chamado, como seu pai, António Camelo, sendo de idade de vinte anos, se casou com Maria de Medeiros, filha do afamado Rafael de Medeiros, com a qual viveu na cidade da Ponta Delgada doze anos, no fim dos quais se foi a Portugal a acabar a demanda que seu pai havia começado; e por seu tio ser homem rico e poderoso a não acabou, e se foi para a Índia, onde faleceu no naufrágio da nau S. Paulo.

Deste António Camelo, que faleceu na Índia, ficaram um filho e uma filha, chamada D. Caterina, a qual casou com Duarte de Mendonça, fidalgo, e faleceu deixando uma filha que agora vive. O filho do dito António Camelo, que faleceu na Índia, chamado Gaspar Camelo, é casado com uma filha de Manuel Álvares Pinheiro. Depois de casado, foi acabar a demanda, que seu avô e pai tinham começada, como pessoa a quem pertencia, e cobrou o morgado que lá possui e se tornou para esta ilha, onde agora vive rico e abastado na cidade da Ponta Delgada, e tem um filho, por nome João Camelo, e uma filha de pouca idade.

Outro filho do primeiro António Camelo, filho de João Camelo, chamado Braz Camelo, se foi desta ilha para o reino de Castela e lá andou alguns anos sendo mancebo, e tornando se meteu na ordem de S. Francisco, onde cantou missa e viveu vinte anos no cabo dos quais se foi a Roma e passou a outra ordem, de Santo Agostinho, isento, e vindo a esta ilha viveu em uma ermida de Vale de Cabaços, junto da vila da Água do Pau, doze anos, onde fez muito fruto de doctrina, que ensinava a grandes e pequenos; e por fim se tornou a meter na primeira ordem de S. Francisco. E sucedendo um interdito que pôs o Bispo D. Gaspar de Faria no mosteiro das freiras da Esperança, na cidade, foi sobre isso enviado o dito frei Braz Camelo ao Regno, onde alcançou que logo se alevantasse o interdito, e, procedendo na causa destas dúvidas, levou tudo ao cabo em favor das religiosas, para o que mandou o Cardeal Infante D. Henrique vir a esta ilha o muito religioso e reverendo padre Luís de Vasconcelos, rector do Colégio da Companhia de Jesus, da cidade de Angra, que com sua grande prudência e virtude compôs e apagou estas diferenças.

Por Fr. Braz Camelo ser pessoa para fazer qualquer negócio importante, foi em Lisboa eleito por comissário da corte, que serviu dois anos, no fim dos quais, em capítulo, o fizeram guardião da casa de S. Francisco, de Angra, da ilha Terceira; e acertou de ser no tempo do avantamento dela, donde ele ficou culpado, de modo que vindo escondido para esta ilha, foi preso pelo Conde Rui Gonçalves da Câmara, e mandado a Lisboa e daí para Castela, por morador para a casa de S. Francisco de Guadelajara, onde está.

Das filhas de António Camelo, filho de João Camelo, uma, chamada Maria Camela, casou com Paulo de Moura, que a levou para Portugal, onde faleceu, ficando-lhe duas filhas, uma por nome D. Maria e outra que a rainha D. Catarina meteu freira, e um filho que foi para a Índia.

Outra filha do dito António Camelo, chamada Guiomar Camela, casou com um Álvaro Dias, natural do Algarve, homem rico; viveu nesta ilha, no lugar das Feiteiras, tem dois filhos: Gaspar

Camelo e Jorge Camelo, e uma filha que faleceu, depois de professa no mosteiro da Esperança, da cidade da Ponta Delgada.

A terceira filha de António Camelo, filho de João Camelo, chamada Margarida Camela, casou com Sebastião de Macedo, filho de Gonçalo Braz, de Santo António.

Dizem que teve mais o dito António Camelo outra filha, chamada Lianor Camela, que casou com Francisqueanes, e Breatiz Camela, que casou com Simão de Teves.

A Jorge Camelo, morador no lugar das Feiteiras, pertencem as armas dos Costas e as dos Camelos; as dos Costas são no campo do escudo vermelho seis costas de prata em faixa, em duas palas e por diferença um trifólio de ouro; elmo de prata aberto, guarnecido de ouro; paquife de prata e vermelho e por timbre duas costas das armas em aspa. As armas dos Camelos são um escudo com o campo de prata e três vieiras de azul, riscadas de ouro em triângulo, e por diferença uma merleta preta, e elmo de prata aberto, paquife de prata e azul; e por timbre um pescoço de camelo, com cabeça de sua cor; e de ambas estas armas tem seus brasões mui autorizados.

CAPÍTULO XV

DA PROGÉNIA DOS TAVARES, NOBRES FIDALGOS QUE VIERAM A POVOAR ESTA ILHA QUASE NO PRINCÍPIO DE SEU DESCOBRIMENTO

No princípio da povoação desta ilha, sendo terceiro Capitão dela Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome e filho segundo do primeiro Capitão da ilha da Madeira João Gonçalves Zargo, veio dela um Fernão de Ãnes Tavares, que era primo-irmão de Simão de Sousa Tavares, filhos de dois irmãos, naturais de Portalegre. Este Simão de Sousa Tavares foi alcaide-mor de Aveiro, homem muito discreto, de que por suas boas partes el-Rei D. Manuel e D. João, terceiro do nome, faziam muita conta; o qual depois de viúvo se fez frade capucho, deixando o mundo e largando o morgado a um filho que tinha, por nome D. Francisco Tavares de Sousa, e a alcaidaria-mor, que o dito D. Francisco serviu e não sei se ainda agora serve, mas sendo de mediana idade foi à Índia, onde fez famosas e heróicas obras, servindo de capitão; e depois de velho se veio aposentar em Aveiro, muito rico e nobre fidalgo. Duas filhas que tinha Simão de Sousa Tavares, foram freiras professas e virtuosas religiosas no mosteiro de Santa Clara em Coimbra, onde as vinha ele visitar depois de frade, muito velho e santo, vestido em um hábito de pobre e baixo burel, que andando no mundo se não contentava com ricos vestidos de fina seda; e quando vinha à corte, por el-Rei D. Manuel saber dele quem era e como deixara o mundo, lhe fazia muitas mercês e honras e lhe beijava o hábito. E desta maneira viveu com muita virtude e exemplo de vida, até que se acabaram seus dias no mosteiro dos Capuchos.

Quando começou a reinar D. João, terceiro do nome, tinha Fernão Tavares, pai de Fernão de Ãnes Tavares, dois irmãos, chamados um e outro João Tavares; e, sendo criados do Infante D. Fernando, moços fidalgos de sua casa, os chamava o dito Infante para falar com eles, o que lhe relevava, e às vezes mandando chamar a um, vinha o outro, por serem ambos de um nome; pelo que disse ao mais velho: — já que vos chamais João Tavares, como vosso irmão, para que conheça qual de vós outros mando chamar, vos dou cargo da copa e vos faço meu copeiro-mor. E daí por diante dizia: — chamem cá o João Tavares da Copa, que lhe ficou por apelido. E os filhos e netos dele que chamavam Tavares da Copa, eram nobres fidalgos em Aveiro, alguns dos quais foram ao descobrimento da Índia e lá morreram com muita honra e bom nome em serviço de el-Rei.

Houve em Portalegre grandes diferenças e bandos antre duas gerações, Tavares e outra a que não soube o nome, sobre uma mulher fidalga e muito rica, da geração dos Tavares, que foi tirada falsamente de casa de seu pai e contra vontade de todos seus parentes; e por força a fizeram casar com um filho do fidalgo que a tirou, que era muito pobre e de menos valia que o pai da moça; onde se mataram sete ou oito pessoas e feriram mais de trinta. E porque o dito Fernão de Ãnes Tavares era irmão do pai da moça, foi culpado na morte destes homens, que também eram pessoas de muita qualidade e muito aparentados, e se absentou como outros parentes para diversas partes. Ele foi para a ilha da Madeira, onde casou com Isabel Gonçalves de Morais, mulher nobre, natural da dita ilha, das principais dela; com que sabendo quem ele era, lhe deram bom dote; e daí veio ter com o dito Capitão Rui Gonçalves da Câmara, que comprou esta ilha, para ela, com grande família, que o servia; onde, pelo não conhecerem que era Tavares, se chamou Fernão de Ãnes, somente, por serem os Tavares buscados e mandados por el-Rei prender; e achando alguns destes, que sabiam haver fugido de Portalegre, faziam justiça neles, porque traziam seus contrários solícitos requerimentos na corte; e pela mesma razão foi Fernão de Ãnes Tavares morar à Ribeira Seca, termo da Ribeira Grande, que ainda não era vila, por ser sertão apartado do porto do mar, por não ser conhecido, onde teve suas fazendas e casas, que agora possuem seus descendentes. O qual houve de sua mulher quatro filhos: João Tavares, Rui Tavares, Anrique Tavares e Gonçalo Tavares; e três filhas: Guiomar Fernandes Tavares, Filipa Tavares e Ana Tavares. E como era

generoso, não curava de adquirir tanto para guardar, quanto para gastar, que segundo era aceito ao Capitão, por saber secretamente quem ele era e ver nele partes para isso, seus descendentes foram os mais ricos de toda a ilha; mas ele não procurava muito para si, nem descobria a ninguém quem era, ainda que suas obras mostravam sua nobreza e fidalguia.

João Tavares, primeiro filho de Fernão de Ãnes Tavares, faleceu em África, mancebo solteiro, sendo discreto e bom cavaleiro, a quem o Capitão queria muito.

O segundo filho, Rui Tavares, mandou também seu pai a África servir el-Rei em Arzila e Tânger, donde veio feito cavaleiro por estromento ([124]) e alvará do mesmo Rei; grande cavaleiro e judicial; e casou nesta ilha com Lianor Afonso, filha de Francisqueanes, muito rico, contra vontade de seu pai, que era mulher muito de esmolas, de nobre condição, pelo que, para o contentar, foi necessário dar-lhe muita fazenda e com o grande dote viveu sempre muito rico na vila da Ribeira Grande, com muita família de escravos e criados, onde faleceu; e houve de sua mulher sete filhos e quatro filhas. O primeiro, chamado João Tavares, casou com Luzia Gonçalves, filha de João Gonçalves, da Várzea, de que houve cinco filhos e duas filhas: o primeiro, o licenciado Rui Tavares que casou na cidade do Porto com Mécia Borges, filha de um cidadão dela, de que houve alguns filhos, e viuvando dela, casou em Viana com Violante Lopes, nobre mulher, parenta de Diogo de Morim, e viveu em Ponte de Lima, onde serviu de corregedor e lá faleceu, vivendo sempre com bom nome, honradamente. O segundo filho de João Tavares, chamado Gaspar Tavares, casou com uma filha de Duarte Fernandes e de Catarina Simões, morador em Rabo de Peixe e teve muitos filhos. O terceiro filho de João Tavares, chamado Manuel Tavares, casou a furto com uma filha de Afonso Roiz, de Rabo de Peixe, de que houve filhos e filhas; o qual foi extremado caçador e de grandes forças e habilidades. O quarto filho de João Tavares, por nome Baltazar Tavares, casou com Catarina de Figueiredo, filha de Lopo Dias Homem, cavaleiro do hábito de Santiago, e de Guiomar Alvres, de que tem dois filhos: Leonel Tavares e Baltazar Tavares, mancebos de grande virtude. E o dito Baltazar Tavares é também grande caçador de aves e tem o morgado que foi de seu avô Rui Tavares. O quinto filho, Belchior Tavares, casou com uma filha de João Cabral, de Vulcão, da qual tem muitos filhos e filhas, uma das quais casou com Manuel de Puga, sobrinho do licenciado Bertolameu de Frias. A primeira filha de João Tavares, Caterina Tavares, foi casada com o licenciado Miguel Pereira, fidalgo dos principais de Viana, da qual houve um filho que faleceu solteiro, e duas filhas: a primeira, Isabel Pereira, que casou com António Machado, da cidade da Ponta Delgada, de que tem filhos, um dos quais, por nome Diogo Machado Pereira, pelejou contra os imigos que vieram cometer a armada de Filipe, que estava surta no porto da cidade da Ponta Delgada, aos vinte e três dias de Maio de mil e quinhentos e oitenta e dois anos, onde matou cinco dos imigos e feriu muitos; foi por feitor de Goa, e capitão por três anos, com grande tença de Sua Majestade. A segunda filha de Caterina Tavares e de Miguel Pereira, que chamam Susana Pereira, casou com Miguel Pacheco, nobre fidalgo, que mora além de Santo António, na fazenda que lhe ficou de seu avô Pero Pacheco, como morgado, filho de Marcos Fernandes e de D. Filipa, filha de Pero Pacheco e de Guiomar Nunes; de que tem filhos e filhas ainda de pouca idade. A segunda filha de João Tavares, chamada Maria Tavares, foi casada com Ciprião da Ponte, dos nobres Pontes de Vila Franca, da qual houve uma filha, freira no mosteiro de Jesus da Vila da Ribeira Grande, onde ele é morador.

O segundo filho de Rui Tavares, Baltezar Tavares, foi tão grande cavaleiro, que quando ia correr e escaramuçar fora dos muros de Sevilha, onde então estava, o saíam a ver todos os cavaleiros e grande parte do povo, dizendo: vamos ver ao português; de cuja destreza se espantavam. Este casou com Maria Cabral, filha de Sebastião Velho Cabral, fidalgo da progénia dos Velhos, morador na cidade da Ponta Delgada, de que houve um filho, chamado João Cabral, que casou na vila da Ribeira Grande com Caterina Jorge, filha de Jorge Gonçalves Formigo, cavaleiro do hábito de Santiago, de que tem filhos ainda meninos; o qual tem a administração da fazenda da terça que ficou de Lianor Afonso, mulher que foi de Rui Tavares, seu avô, que é como morgado. Teve mais Baltezar Tavares duas filhas: a primeira Isabel Tavares, casada com João do Monte, morador na Lomba, filho de Gaspar do Monte, nobre e rico e abastado, de que tem muitos filhos e filhas, como direi na progénia dos Montes. A segunda filha de Baltezar Tavares, chamada Lianor Cabral, casou com Simão de Paiva, filho de Álvaro d'Orta e de Leonor de Paiva, da vila da Ribeira Grande, onde vive, de que não tem filhos.

O terceiro filho de Rui Tavares, por nome João Roiz Tavares, foi criado de el-Rei e bom cavaleiro, músico, discreto e gentil homem, e faleceu na Índia em seu serviço. O quarto, Gaspar Tavares, grande cavaleiro, que fez muitas sortes. O quinto, Garcia Tavares, grande cavaleiro, que também faleceu na Índia onde ele e seu irmão fizeram grandes coisas em serviço de el-Rei, até morrerem em uma batalha. O sexto, Fr. Paulo Tavares, religioso da ordem de S. Domingos, pregador de muita virtude e exemplo. O sétimo, Pero Tavares, também bom cavaleiro, casou na vila da Ribeira Grande com Maria de Paiva, filha de João Fernandes de Paiva e de Francisca Pires, de que não houve filhos. E todos estes irmãos foram dos melhores genetairos ([125]) que houve nesta ilha. E teve também Rui Tavares um filho natural, chamado Agostinho Tavares, bom sacerdote, discreto e virtuoso.

A primeira filha de Rui Tavares, Guiomar Tavares, casou, contra vontade de seu pai, com António Correia, natural de Vila do Conde, enjeitando muitos e grandes casamentos, que lhe cometiam. Depois casou, segunda vez, com Mendo de Vasconcelos, nobre fidalgo, morador na cidade da Ponta Delgada, e de nenhum teve filhos.

A segunda filha, Isabel Tavares, casou com Diogo Nunes Botelho, contador que foi de todas estas ilhas, morador na freguesia de S. Roque, do lugar de Rosto de Cão, onde tem sua quinta, de que houve os filhos já ditos na geração de Nuno Gonçalves Botelho, filho de Gonçalo Vaz Botelho, chamado o Grande.

A terceira filha, Francisca Tavares, foi casada com Alexandre Barradas, de gente honrada, dos principais da ilha da Madeira, de que houve cinco filhos, já defuntos, e uma filha, chamada Maria Barradas, que casou com João Fernandes, dos nobres da vila de Alagoa, irmão de João Álvares Examinado, de que houve dois filhos e duas filhas; o primeiro filho, António Barradas, um dos melhores cavaleiros desta ilha, tão destro que parecia que nasceu sobre um cavalo, em que fazia muitas coisas notáveis, antre as quais foi subir a cavalo por quinze íngremes degraus, que sobem para a casa da audiência da vila da Ribeira Grande, onde era morador, e virando o cavalo em um estreito recebimento tornava a descer por eles; discreto e nobre fidalgo, casou com Catarina de Figueiredo, filha de Miguel de Figueiredo, fidalgo, morador na ilha de Santa Maria, e irmã do ilustríssimo senhor licenciado D. Luís de Figueiredo de Lemos, primeiro dayão da Sé de Angra, e vigairo geral e governador em todo o bispado, e agora benemérito Bispo do Funchal; o qual António Barradas faleceu sem ter filhos. O segundo filho, chamado Sebastião Barradas, é de pouca idade, como a segunda filha, Francisca Tavares. E a primeira, chamada Paulina Tavares, casou com Duarte Pires Furtado, também grande cavaleiro, morador primeiro no Telhal da Ribeira Seca, onde tem grande parte de sua fazenda, e agora na vila da Ribeira Grande.

A quarta filha de Rui Tavares, Maria Tavares, casou com Pero da Costa, filho de João d'Arruda da Costa, cidadão de Vila Franca, de que houve os filhos já ditos na geração dos Costas.

O terceiro filho de Fernão de Ãnes Tavares, chamado Henrique Tavares, bom cavalgador e benfeitor na República e feito cavaleiro em África, andando lá servindo a el-Rei, casou na vila da Ribeira Grande com Isabel do Monte, filha de João de Piamonte e de Leonor Dias, donde procedem os Montes, nobres cavaleiros de África, onde estiveram servindo a el-Rei; da qual teve oito filhos e três filhas. O primeiro filho de Anrique Tavares, chamaram Fernão Tavares, grande cavalgador, que foi casado com Ervira (sic) Marques, filha de Marcos Afonso, rico mercador na vila da Ribeira Grande, da qual houve um filho que faleceu na Índia e uma filha, chamada Isabel dos Arcanjos, boa religiosa no mosteiro de Jesus da dita vila.

O segundo filho de Henrique Tavares, chamado Simão, faleceu solteiro na ilha da Madeira. O terceiro, Tomaz Tavares, faleceu em Sevilha, onde vivia honradamente, casado sem ter filhos. O quarto, Luís Tavares, muito nobre fidalgo e bom cavaleiro, casou com Isabel Vaz, filha de Pero Vaz, lealdador dos pastéis nesta ilha, de nobre geração, e de Helena Fernandes, filha de Fernando Afonso de Paiva, da qual tem estes filhos e filhas: o primeiro, Henrique Tavares, que casou em Santarém com Lianor de Paz, de que tem filhos de pouca idade; o segundo filho, Pero Vaz Tavares, casou com Isabel de Braga, de que tem filhos ainda meninos e é falecido; o terceiro, Fernão Tavares, casou com Margarida Dias, filha de Pero Fernandes e de Caterina Dias. O quarto, Francisco Tavares, casou em Vila Franca com uma filha de Pero de Freitas, cidadão da dita vila, de que tem filhos; o quinto, Simão Tavares, clérigo de missa, entendido e virtuoso. A primeira filha de Luís Tavares, chamada Maria Tavares, casou com Jordão Pacheco, filho de Manuel Vaz Pacheco, fidalgo, e de Caterina Gomes Raposa, de que tem

filhos e filhas. A segunda, Apolónia Tavares, casou com um mancebo de boa geração, filho dos principais do Nordeste.

O quinto filho de Henrique Tavares, chamado Miguel Tavares, casou com Isabel Lopes, de que não houve filhos.

O sexto filho de Henrique Tavares é Francisco Tavares, grandioso de condição, discreto e bom cavaleiro; casou primeira vez, com Ana de Paiva, filha de João Lopes e de Maria de Paiva, filha de Álvaro d'Orta e de Lianor de Paiva, de que não houve filhos; e a segunda vez casou com Antónia Dias, filha de António Dias e neta de Pero Dias, da Chada (sic) ([126]) nobre e rico, da qual houve seis filhas e três filhos, todos ainda solteiros e o maior deles dá de si grandes esperanças.

O sétimo filho de Henrique Tavares, chamado João Tavares, esteve nas Índias de Castela, muito rico, casado e é já falecido. O octavo, Manuel Nunes Tavares, que faleceu solteiro.

A primeira filha de Henrique Tavares, Ana Tavares casou com Francisco Pires da Rocha, filho de Duarte Pires, da Lomba, e de Ana Fernandes, de que tem filhos e filhas, que direi na sua progénia.

A segunda filha, Maria Tavares, casou com Gaspar Privado, filho de Diogo Martins, o Marquês, e irmão de Duarte Privado, sargento-mor na vila da Ribeira Grande, de que não tem filhos.

A terceira filha, Grismonda Tavares, foi casada com mestre João, cirurgião, natural de Viana, de que tem dois filhos: o primeiro, Gonçalo Bezerra Tavares, casou com Helena Cabral, filha do licenciado Sebastião Velho Cabral e de Maria de Paiva, de que tem filhos ainda pequenos; o segundo Adrião Bezerra Tavares, que dizem ser casado em Granada.

O quarto filho de Fernão de Ãnes Tavares, chamado Gonçalo Tavares, muito discreto, e bom cavalgador, amigo de concertos, e de muita virtude, foi servir el-Rei à África, à sua custa, no ano de mil e quinhentos e oito, com seus irmãos, Rui Tavares, e Henrique Tavares e outros homens nobres desta ilha, em companhia de Rui Gonçalves da Câmara, quinto Capitão desta ilha, segundo do nome, onde foram armados cavaleiros, e antre eles o dito Gonçalo Tavares, que no dito ano de mil e quinhentos e oito, aos nove do mês de Março, saiu de Arzila com o conde D. Vasco Coutinho, capitão e governador da dita vila de Arzila, em uma entrada que fez ao campo de Benacultate, em que se tomaram vinte e cinco mouros e mouras e muitos bois e vacas e outro muito despojo; e pelas coisas que fez em armas o dito Gonçalo Tavares, o fez então cavaleiro o dito conde; além de se achar também Gonçalo Tavares em outras cavalgadas e entradas, antre as quais foi uma nas aldeias d'Antemud, em que se tomaram cento e oito mouros e mouras, e muito outro despojo.

Casou o dito Gonçalo Tavares, nesta ilha, em Vila Franca do Campo, com Isabel Correia, filha de Martinhanes Furtado de Sousa e de Solanda Lopes, da qual, afora os falecidos, houve oito filhos e duas filhas:

O primeiro, Miguel Tavares, que faleceu moço.

O segundo filho, o licenciado António Tavares, mui bom letrado, discreto e gentil homem, foi casado com Branca da Silva, filha de Sebastião Barbosa da Silva, nobre fidalgo; e indo a Portugal, por procurador desta ilha, lá o fizeram juiz de fora da cidade de Tavira do Algarve, da qual vindo buscar sua mulher, nunca mais apareceu, pelo que se suspeita que se perdeu o navio em que vinha. Houve de sua mulher dois filhos: o primeiro, Gonçalo Tavares da Silva, criado de el-Rei, que é agora capitão de uma bandeira na cidade da Ponta Delgada, discreto e músico, o qual casou com Isabel Cabral, filha de Estevão Alvres de Resende e de Maria Pacheca, de que tem filhos e filhas, todos solteiros. O segundo filho, Jordão da Silva Tavares, alferes da bandeira de seu irmão, de discretos supitos, e músico, casou com Brianda Cabral, filha de João Velho Cabral, de que tem filhos e filhas, como já tenho dito.

O terceiro filho de Gonçalo Tavares, Simão Correia, clérigo discreto, bom latino e bem entendido, foi primeiro beneficiado na vila da Ribeira Grande e depois prior de Rapa e de Mangoal, tendo de renda com estas igrejas oitenta mil reis cada ano, e lá faleceu em Rapa.

O quarto filho, Fr. Braz Tavares, de graciosos e discretos ditos, religioso da ordem de S. Francisco, sacerdote de missa, faleceu no mosteiro de Santo Espírito, de Gouveia.

O quinto filho, Manuel Tavares Furtado, bom sacerdote, virtuoso, latino e bem entendido, e tem um benefício na igreja Matriz de Nossa Senhora da Estrela, da Ribeira Grande, aonde reside.

O sexto, Duarte Tavares, andando em casa do Conde de Portalegre, mordomo-mor, que o tinha já dado a el-Rei, e houvera de montar muito na corte pelas boas partes que tinha, deixou tudo, sendo mancebo, gentil homem e discreto, e se fez religioso em S. Vicente de Fora, de Lisboa; o qual, sabido pelo Conde e Condessa, que não queriam que ele fosse frade sem primeiro o fazerem a saber a seu pai Gonçalo Tavares, que nesta ilha fazia pelas coisas de sua fazenda e era de sua criação, o mandaram chamar do mosteiro e rogar ao seu guardião que o não consentisse nele, e trazendo-o com o hábito diante deles, zombando dele os criados do Conde, seus companheiros, os desenganou, que, por mais que fizessem e dissessem, não se havia de apartar de sua tenção; e logo escreveu a seu pai uma carta a esta ilha, em que dizia que ele queria servir a outro Senhor maior que el-Rei, de que ele maior galardão e maior honra esperava, pelo que se despedia dele, esperando de se não verem senão na glória. E d'aí desapareceu e sendo passados alguns anos, sem se saber dele mais que estava na Cartuxa, ou em Santa Cruz de Coimbra; até que Agostinho Imperial escreveu de Génoa a seu pai Gonçalo Tavares, seu compadre e amigo, que ao hospital de Génoa foram ter dois apóstolos, ambos mancebos, pregadores, muito católicos, portugueses, um dos quais se chamava Duarte Tavares, de S. Miguel, cujo companheiro morrera no dito hospital, e dissera que em outro hospital aí perto, no caminho, falecera o dito Duarte Tavares, de S. Miguel, os quais tinham por santos; e não é muito, porque quando ele contra sua vontade foi para casa do Conde, já bom latino, dizia muitas vezes que esperava de acabar no serviço de Deus. O sétimo, Jerónimo Tavares, nasceu mudo e surdo, mas é tão discreto que lhe não faltava senão a fala, que supre com sinais e acenos que faz, entendendo os que lhe fazem, com que alcança as coisas de nossa santa fé, tão inteiramente como qualquer pessoa discreta que souber falar e ouvir; e os mistérios da Encarnação, Nascimento, Morte e Paixão e Ressureição e Ascensão do Filho de Deus, e a vinda do Espírito Santo, e que há Deus trino em pessoas e um em essência. O que vendo o Bispo D. Jorge de Santiago, e o modo e sinais com que mostrava ter esta notícia, lhe mandou dar o Santíssimo Sacramento d'ali por diante, negando-lhe d'antes os seus vigários; e com os mesmos acenos, se confessa muito bem, as vezes que quer, e pelas quaresmas, em que faz sua penitência; e sabe os dias santos, que vêm em diversos tempos, e as prerrogativas deles, dizendo por claros sinais que S. Sebastião é advogado da peste, Santa Luzia dos olhos, Santo Antão do gado e alimárias, S. Braz da garganta, Santo Amaro das pernas. S. João da cabeça e todas as coisas semelhantes. Se dele estão falando, sem olharem para ele, entende que nele falam, sabe conhecer e contratar com prudência, e o merecimento das pessoas e suas gerações e condições. Governa as coisas da lavrança e searas, como qualquer pessoa que fala; entende e joga a bola, e lavra os riscos também, como o melhor jogador do jogo, nem pessoa alguma o pode enganar; em partidos cumpre sua palavra a quem deve, pagando ao tempo que promete, e se não pode, dá sua escusa e pede espera. É muito loução de vontade e finge ser namorado; e é também agastado e colérico, mas dura-lhe pouco.

O oitavo filho de Gonçalo Tavares, chamado Sebastião Tavares, faleceu moço de nove anos.

Teve também o dito Gonçalo Tavares, de sua mulher Isabel Correia, duas filhas, a primeira chamada Guiomar Tavares casou por cartas, tratando o casamento um Simão Lopes d'Almeida, fidalgo, grande amigo de Gonçalo Tavares, que desta ilha fora, com um nobre homem do Cabo Verde, que chamavam António Fernandes, o Rico, e de lá a veio receber a esta ilha, donde a tornou a levar para a ilha do Fogo, onde ele estava por logotente ([127]) do capitão dela, tendo este cargo muitos anos, até que faleceu no mar, ou se perdeu, indo de Lisboa para lá, levando muita fazenda e indo com a serventia da dita capitania. E depois faleceu ela na dita ilha do Fogo, ficando-lhe do seu marido estes filhos: João Fernandes Tavares, Pero Correia Tavares, Gonçalo Tavares, e uma filha, chamada Isabel Correia, que agora é casada com Luís Fernandes d'Ase, criado de el-Rei, de gente nobre de Évora, juiz dos órfãos na dita ilha, onde muitas vezes serviu de capitão, e é muito rico, sem ter filhos.

O primeiro filho, João Fernandes Tavares, casou com Isabel de Resende, filha do bacharel João de Resende, de que houve duas filhas, uma das quais casou com um rico homem da mesma ilha do Fogo, e a outra é ainda solteira. O segundo, Pero Correia, casou lá honradamente, também rico, e é grande cavaleiro. O terceiro, Gonçalo Vaz Tavares, faleceu solteiro.

A segunda filha de Gonçalo Tavares, chamada Joana Tavares, foi casada com Sebastião Jorge Formigo, criado de el-Rei, gentil homem, discreto, filho de Jorge Gonçalves Formigo, cavaleiro do hábito de Santiago, natural de Santarém, de que houve três filhos e três filhas. O primeiro filho, Tomé Jorge Formigo, muito manso, prudente e discreto, casou com Briolanja de Braga, filha de Diogo Fernandes, mercador, e de Catarina de Braga, moradores na vila da Ribeira Grande, de que tem filhos e filhas; e segunda vez casou com Catarina Meirinha, de que tem um filho de tenra idade. O segundo, António Tavares, que casou com Maria Lopes, filha de André Lopes, de que tem filhos e filhas. O terceiro, Duarte Tavares, muito discreto e gentil homem, casou com Lianor de Paiva, filha de Duarte Privado, juiz dos órfãos, na vila da Ribeira Grande, e de Margarida de Paiva, de que tem dois filhos e uma filha; são todos da governança da dita vila. A primeira e segunda filhas de Sebastião Jorge Formigo e de Joana Tavares faleceram de pouca idade. A terceira, chamada Maria Correia, casou com Manuel Botelho da Fonseca, fidalgo, filho de Manuel Lopes Falcão, cidadão de Vila Franca, e de Clara da Fonseca, de que tem dois filhos e uma filha.

A primeira octava de uma festa de Natal, na vila da Ribeira Grande, onde o dito Gonçalo Tavares morava, se revestiram no altar três filhos seus, sacerdotes: Simão Correia Tavares, prior de Rapa, o mais velho, cantou missa; Fr. Braz Tavares, após ele na idade, disse o Evangelho; Manuel Tavares, mais moço que eles, disse a Epístola; sendo seu pai e mãe presentes, o que acontecerá no mundo poucas vezes.

A primeira filha de Fernão de Ãnes Tavares, chamada Guiomar Fernandes Tavares, casou com Rui Lopes Barbosa, homem fidalgo, e dele houve os filhos ditos na geração dos Barbosas e Silvas.

A segunda filha do dito Fernão de Ãnes, por nome Filipa Tavares, foi casada com Luís Pires Cabêa, homem muito honrado, e houve dele três filhos: Afonso Roiz Tavares, João Roiz e Lucas Tavares; os dois mais velhos faleceram solteiros em Roma, sendo um criado do Papa e outro de um cardeal, ambos gentis homens e esforçados; e o mais moço foi em uma armada para o Brasil, onde casou e lhe ficaram filhos ricos, que lá moram. Teve mais a dita Filipa Tavares, filha de Fernão de Ãnes Tavares, de seu marido Luís Pires Cabêa, quatro filhas: a primeira, Breatiz Cabêa, foi casada com Fernão Vaz, mercador rico, morador na cidade da Ponta Delgada, de que houve três filhos e duas filhas: o primeiro, Simão Cabêa, provedor da fazenda de el-Rei em S. Tomé, e provedor dos defuntos, muito rico; os outros dois filhos, Pero Cabêa, e Jorge Tavares, em S. Tomé faleceram sem ter filhos; a primeira filha foi casada com João Gonçalves Perdigão, irmão do padre Hierónimo Perdigão, de que tem uma filha freira no mosteiro de Santo André de Vila Franca. A segunda filha de Fernão Vaz e Breatiz Cabêa, chamada Maria Tavares, casou com Francisco Vaz Maciel, natural de Viana, cidadão de Vila Franca e grande rico, de que tem muitos filhos e filhas. E a eles e a sua mãe ficaram, por morte do dito Francisco Vaz Maciel, quinze mil cruzados. O irmão da dita Maria Tavares, chamado Simão Cabêa, casando com uma filha do piloto-mor da carreira de S. Tomé, viuvou sem ter filhos, pelo que deixou a esta sua irmã, em sua vida, um morgado de cem mil cruzados, e por sua morte a seu filho Pero Cabêa.

A segunda filha de Luís Pires Cabêa e de Filipa Tavares, chamada Inês Tavares, casou com Diogo Dias Brandão, cidadão de Vila Franca, morador na Ponta Garça, onde tinha sua fazenda, da qual não houve filhos.

A terceira, Catarina Cabêa, foi casada com Belchior Gonçalves, chançarel ([128]) em todas estas ilhas dos Açores, de que houve três filhos e duas filhas: o primeiro, Gaspar Gonçalves, ainda solteiro; o segundo, Belchior Cabêa, que faleceu solteiro em S. Tomé; o terceiro, João Tavares, benemérito cónego da Sé de Angra, homem de muita virtude e bom saber, merecedor de coisas maiores. Das duas filhas do dito chançarel uma é freira professa e a outra solteira, chamada Guiomar Cabêa, de muita perfeição e virtude.

A quarta filha de Luís Pires Cabêa e de Filipa Tavares, por nome Francisca Cabêa, foi casada com o bacharel Francisco Marques, de que houve um filho, que faleceu solteiro, e uma filha, chamada Marqueza do Espírito Santo, freira professa no mosteiro da cidade da Ponta Delgada, e daí foi para outro da cidade de Angra, onde esteve por vigaira, e agora é abadessa no mosteiro da ilha do Faial. Falecido o bacharel Francisco Marques, casou Francisca Cabêa, segunda vez, com João Lopes, rico e nobre mercador, natural de Tavira do Algarve, de que houve dois filhos e três filhas. O primeiro faleceu solteiro. O segundo está rico em S. Tomé; uma das filhas, chamada Inês Tavares, casou com Bertolameu Pacheco, filho de Manuel Vaz

Pacheco, de que tem filhos. Outra foi casada com um filho de Jácome das Póvoas, de que não houve filhos; e outra faleceu solteira.

A terceira filha de Fernão de Ãnes Tavares, chamada Ana Tavares, foi em seu tempo a mais formosa mulher que da banda do norte nasceu, pelo que em sua mocidade lhe chamavam todos Estrela do Norte, a qual casou com António Carneiro, cidadão da cidade do Porto, primo com-irmão do secretário António Carneiro, pai de Pero d'Alcáçova, também secretário de el-Rei. Era este António Carneiro, marido de Ana Tavares, muito honrado, latino e discreto, e tinha menos um olho, que lhe quebraram em um jogo de canas; teve de sua mulher cinco filhos e duas filhas. O primeiro, Vicente Carneiro, foi vigário no lugar da Maia. O segundo, Manuel Carneiro, virtuoso, discreto e poeta, faleceu solteiro. O terceiro, Fr. António Carneiro, foi frade de S. Francisco, músico, tangedor e de muita virtude, o qual, sendo já de todo cego, cantava nos ofícios da Semana Santa as Paixões de cor, tendo o livro aberto e virando as folhas como homem que via, e somente disse duas missas, sendo já cego, com dispensação do Papa. O quarto, Fr. João Carneiro, também religioso da ordem de S. Francisco e pregador. O quinto, Miguel Tavares, o qual sendo cego se fez doctor em medicina por ter grande habilidade; casou em Galiza com uma mulher fidalga, viúva, de que não teve filhos. E é para notar que todos os filhos machos nasceram mal vistos e vieram depois a cegar de todo; e as filhas, que eram duas, ambas nasceram e viveram com sua vista perfeita, sem nunca a perderem. A filha mais velha, Simoa Tavares casou com um João Lopes, filho de Álvaro Lopes, cavaleiro, de que houve uma filha, chamada Francisca Carneira casada com Bertolameu do Amaral, de que tem filhos de pouca idade. A segunda filha, Francisca Carneira, foi casada com António Fogaça, nobre e rico, natural do Porto, de que não teve filhos.

Estes três irmãos, Rui Tavares, Henrique Tavares e Gonçalo Tavares, tiraram seus brasões, que têm dos Tavares de Portalegre, de bons fidalgos, por serem filhos legítimos de Fernão de Ãnes Tavares, e netos de Fernão Tavares, de Portalegre, que foi do tronco da geração dos Tavares; cujas armas são estas: um escudo com o campo de ouro com cinco estrelas de vermelho em aspa e por diferença têm alguns uma flor de liz azul e outros outras divisas; elmo de prata aberto, guarnecido de ouro; paquife de ouro e de vermelho e por timbre um pescoço de cavalo vermelho, com a brida e guarnição de ouro, com falsas redes (sic).

CAPÍTULO XVI

DOS FURTADOS E CORREIAS, NOBRES FIDALGOS, TAMBÉM POVOADORES ANTIGOS DESTA ILHA DE S. MIGUEL

No princípio do descobrimento desta ilha de S. Miguel, no tempo de Rui Gonçalves, terceiro Capitão e primeiro do nome, veio a ela, da ilha da Madeira, Martinhanes Furtado de Sousa, com sua mulher Solanda Lopes, e se aposentaram em Vila Franca; o qual era homem fidalgo, rico e honrado, dos principais da Ilha da Madeira, da geração dos Furtados, Correias e Sousas, que se mudaram para a Graciosa, uma destas ilhas dos Açores; e sua mulher Solanda Lopes procedia da geração de flamengos honrados, que moraram antigamente na dita ilha da Madeira; e tiveram dantre ambos um filho e seis filhas, que irei dizendo por sua ordem, começando nos mais velhos.

Filipa Martins, mais velha, casou com Antão Pacheco, terceiro ouvidor do Capitão que foi nesta ilha, morador em Vila Franca, onde faleceu no tempo do dilúvio, ficando-lhe um filho, por nome Pero Pacheco, que casou na cidade da Ponta Delgada com Guiomar Nunes, filha de Jorge Nunes Botelho, como fica dito na geração de Nuno Gonçalves, filho de Gonçalo Vaz, o Grande. O qual Pero Pacheco teve de sua mulher duas filhas: a primeira, D. Filipa, foi casada com Marcos Fernandes, homem rico e honrado, que veio da Índia, de cujos filhos fica dito na geração de Gonçalo Vaz, o Grande; falecido Marcos Fernandes, casou ela, segunda vez, com António de Sá, fidalgo, de que houve os filhos já ditos na geração dos Betancores. Outra, chamada D. Margarida casou com Jorge Camelo da Costa, fidalgo, que já contei na geração dos Cogombreiros e Camelos.

A segunda filha de Martinhanes, Maria Correia, foi casada com Henrique Barbosa da Silva, fidalgo, criado de el-Rei, irmão de Sebastião Barbosa da Silva e de Rui Lopes Barbosa e da mulher de Diogo d'Estorga; o qual, estando na corte, servindo a el-Rei, no tempo do terramoto de Vila Franca, na mesma noite se afogou com a terra que correu Maria Correia, sua mulher, e Filipa da Silva, sua filha, de quem já disse na geração dos Barbosas.

A terceira filha, Inês Martins, foi casada com Afonseanes Cogombreiro, de alcunha o Mouro Velho, fidalgo e rico, de que houve duas filhas: Filipa Martins, que casou com Diogo Fernandes, escrivão do eclesiástico, morador que foi na Ribeira Grande, com que esteve pouco tempo casada, sem haver dele filhos. A outra filha, Solanda Lopes, casou com Afonso d'Oliveira, honrado e rico, que tinha uma fazenda grossa, no lugar dos Mosteiros, termo da cidade da Ponta Delgada, onde fez uma ermida de S. Lázaro, por enfermar da enfermidade que este Santo teve e quantos filhos e filhas tinha, sem nunca sua mulher se querer apartar deles, ficando sempre sã, como viveu antre os doentes, em sua fazenda, apartados todos da conversação da gente. Falecendo a dita Inês Martins, casou seu marido Afonseanes com Joana Soares, mulher honrada, de casa da Capitoa D. Filipa, de que houve um filho, chamado João Soares da Costa, bom sacerdote, beneficiado que foi na igreja de S. Sebastião da cidade da Ponta Delgada ([129]); e, falecido ele, casou ela, segunda vez, de que houve Fr. Braz Soares, da ordem de Santo Agostinho, muito virtuoso e bom religioso ([130]).

A quarta filha de Martinhanes Furtado, Isabel Correia, casou com Gonçalo Tavares, cavaleiro e fidalgo, natural da vila da Ribeira Grande, de cujos filhos e filhas tenho dito atrás, na geração dos Tavares.

O filho de Martinhanes Furtado, chamado Rui Martins, foi homem de grandes espritos, muito rico e abastado, gentil homem, esforçado, bom cavalgador, grande músico e tangedor de viola; morava em uma rica quinta que tinha em sua fazenda, no lugar de Rosto de Cão; foi casado com Maria Roiz, filha de João Gonçalves, e neta de Gonçalo Vaz, o Grande, e irmã de João

d'Arruda da Costa, dos primeiros que principiaram a povoação desta ilha; da qual houve dois filhos: António Furtado e Jorge Furtado, ambos mui esforçados cavaleiros.

António Furtado casou com Maria d'Araújo, filha de Lopo Anes d'Araújo, cidadão de Vila Franca da qual houve sete filhos, quatro machos e três fêmeas; o primeiro, Rui Martins Furtado, bom clérigo, que foi cura na freguesia de Santa Clara, da cidade da Ponta Delgada, já falecido; o segundo, Lopo Anes Furtado, muito esforçado cavaleiro, casou com uma filha de Gaspar Correa Rodovalho, juiz que foi dos órfãos, na dita cidade, sendo primeiro casado com uma filha de Manuel Vaz Pacheco, de que não houve filhos; o terceiro, Manuel Furtado, faleceu solteiro; o quarto, Fuão Botelho, chamado o Branco, porque era alvo e barroso, foi casado com uma filha de João Gonçalves, da Ponta da Garça, pai do padre Hierónimo Perdigão, nobre e rico. Das filhas, a mais velha, chamada Jordoa Botelha, foi casada com Custódio Pacheco, de Porto Formoso, filho de Mateus Vaz Pacheco, que faleceu na guerra de África, servindo a seu Rei, de que ficaram alguns filhos. A segunda filha, casou com Fernão Vaz Pacheco, filho de Belchior Dias, da Ribeira Chã, e de Briolanja Cabral. A terceira casou com um filho de Pero de Freitas, cidadão dos antigos de Vila Franca; e outros filhos e filhas lhe faleceram moços. Casou segunda vez com uma Fuã Pereira, filha de Duarte Lopes Pereira, filho de Simão Lopes Pereira, do lugar da Maia, de que tem alguns filhos.

O segundo filho de Rui Martins, chamado Jorge Furtado, do hábito de Cristo, na discrição e magnífica condição como seu irmão, ambos como seu pai liberais, graciosos, de bons ditos, cavalgadores, músicos e tangedores e de outras boas partes, foi casado com Catarina Nunes Velha, da geração dos Velhos, a quarta filha de Fernão Vaz Pacheco e de Isabel Nunes Velha, filha de Nuno Velho, irmão de Pero Velho, que fez a ermida de Nossa Senhora dos Remédios, nesta ilha, ambos sobrinhos de Gonçalo Velho, comendador de Almourol, e primeiro Capitão que foi destas ilhas de Santa Maria e S. Miguel; de que houve afora os defuntos, um filho e uma filha, freira professa no mosteiro de Santo André em Vila Franca do Campo, chamada Maria de Cristo; o filho, Leonardo de Sousa, casou na mesma vila com Breatiz Perdigoa, filha de Belchior Gonçalves, nobre e rico cidadão de Vila Franca, e de Margarida Álvares, de que houve, afora os defuntos, dois filhos, chamados Jorge Furtado e Francisco Furtado, e uma filha Maria de Sousa, todos ainda de pouca idade. Casou Jorge Furtado, segunda vez, com D. Guiomar Camela, filha de Gaspar Camelo e de Breatiz Jorge, de que, afora os defuntos, houve dois filhos e duas filhas: o primeiro se chama Martim de Sousa, bom cavaleiro e grandioso como seu pai; o segundo, Jorge Furtado ([131]), que agora é cónego da Sé do Funchal. Das duas filhas, que são mais velhas que os filhos, a primeira se chama D. Ana, a qual casou com Braz Neto d'Arez, feitor de el-Rei na ilha do Faial, do qual tem três filhos de pouca idade. A segunda, D. Isabel, é casada com Baltazar Martins de Crasto como tenho dito na geração dos Velhos. ([132])

Tem Jorge Furtado e seus herdeiros casas ricas e sumptuosas em Vila Franca e na cidade e no lugar de S. Roque, ora vivendo em uma parte, ora em outra. Destes dois irmãos disse já na geração de João Gonçalves, filho de Gonçalo Vaz, o Grande. E Jorge Furtado, do hábito de Cristo, com boa tença, faleceu há pouco tempo ([133]), do qual hábito fez Sua Majestade mercê a seu filho Martim de Sousa, que é casado com D. Leonor, neta do doutor Francisco Toscano.

A quinta filha de Martim Anes Furtado, chamada Ana Martins, foi casada com Pero da Ponte, o Velho, homem nobre e rico, cidadão de Vila Franca, de que houve três filhos e duas filhas. O primeiro, André da Ponte de Sousa, também cidadão de Vila Franca, e rico, casou com Isabel do Quintal (sic), filha de Fernão do Quintal, ouvidor que foi nesta ilha, morador na Ponta Delgada, de que teve seis filhos e duas filhas: o primeiro, Pero da Ponte, foi casado em Porto Formoso com Maria Pacheca, filha de Mateus Vaz Pacheco, viúva, mulher que fora de Belchior da Costa, sem lhe ficar dele filho; o segundo, Martim Anes de Sousa, que, solteiro, grangeia a fazenda da mãe, muito valente homem de sua pessoa, como mostrou quando pelejou na armada de Portugal contra os corsários, junto desta ilha; o terceiro, António de Matos, casou com Hierónima Lopes, filha de João Lopes, escrivão na cidade da Ponta Delgada; o quarto, Filipe do Quintal, casou com uma filha de Simão da Mota, de Água de Alto; o quinto, Paulo da Ponte, latino, muito discreto, macio e afável, e tão honroso, que andando em Lisboa, não pediu, por satisfação de seus serviços a Sua Majestade, senão a soltura de seu irmão, preso nas galés, por ter a voz do Sr. D. António, pelo que lhe soltaram o irmão e o fizeram contador desta ilha de S. Miguel, cargo que agora tem, e pode ser terá perpétuo; o sexto, Fernão de Quintal, solteiro. E das filhas do dito André da Ponte, Margarida de Matos é solteira e não quere casar, tendo bom dote. Sua irmã, Isabel do Quintal, mais moça, casou com

Sebastião Cardoso, gentil homem, rico, criado de el-Rei com tença, filho de João Lopes, escrivão na cidade.

O segundo filho de Pero da Ponte e de Ana Martins, chamado Manuel da Ponte, faleceu solteiro. O terceiro, Simão da Ponte casou no Nordeste com uma filha de Gaspar Manuel, filho de João Afonso, do Faial, de que teve alguns filhos, o mais velho dos quais, chamado Manuel da Ponte, casou com uma filha de João Serrão de Novais. Simão da Ponte se afogou no mar, de noite, em um batel em que ia de Vila Franca para a cidade da Ponta Delgada, que revirou à Ponta da Galé, e escaparam os outros que nele iam.

A primeira filha de Pero da Ponte, o Velho, e de Ana Martins, chamada Margarida da Ponte, casou com Jordão Jácome Raposo, de que houve cinco filhas e três filhos, como já tenho dito.

A sexta filha de Martinhanes Furtado, chamada Caterina Correa, foi mulher de Pero Roiz Cordeiro, filho de João Roiz, feitor de el-Rei, e de Maria Cordeira, primeiro escrivão das notas nesta ilha, cidadão de Vila Franca, de que teve três filhos e duas filhas. O primeiro, João Roiz Cordeiro, foi casado com Simoa Manuel, filha de João Afonso, do Faial, de que houve duas filhas; ambas são casadas, a mais moça ([134]) casou com Miguel Botelho, filho de João da Mota e de Breatiz de Medeiros, e a mais velha ([135]) casou contra vontade de seu pai e mãe, e está bem casada. Depois de viúvo João Rodrigues casou na cidade com Águeda Afonso Leda, da geração dos Ledos, de Santo António, termo da cidade da Ponta Delgada, mulher honrada, já de dias, e rica, da qual não houve filhos.

O segundo filho de Pero Roiz Cordeiro, chamado Pero de Sampaio, casou com Isabel Morena, filha de João Moreno, cidadão de Vila Franca, de que tem alguns filhos.

O terceiro, Jorge Correia, casou com uma filha de Gomes Fernandes, do Faial, de que houve uma filha, ainda solteira ([136]). E falecendo ele, casou ela segunda vez com Pero Barbosa da Silva, fidalgo, morador nos Fenais da Maia, termo de Vila Franca.

A filha mais velha de Pero Roiz Cordeiro, chamada Solanda Cordeira, casou com Gaspar de Gouveia, natural de Lamego, fidalgo e discreto, que veio ter a esta ilha, de Guiné, rico; de que houve um filho, bom clérigo, chamado João de Gouveia, e outro, António de Gouveia, que está na Índia, solteiro. Teve mais duas filhas: a primeira, Caterina Correa, casou com João Roiz Camelo, fidalgo, discreto e bom cavaleiro, sendo viúvo, de que houve dois filhos e uma filha; a segunda filha de Solanda Cordeira, Isabel de Jesus, é freira no mosteiro de Vila Franca.

A segunda filha de Pero Roiz Cordeiro e de Caterina Correa, chamada Maria de Sousa, de grande virtude, casou com Rui Tavares da Costa, viúvo, discreto e de grandes espritos, filho de Pero da Costa, de que não tem filhos, tendo da primeira mulher, filha de Gabriel Coelho, duas filhas que faleceram.

Teve Martinhanes Furtado, na ilha da Madeira, um irmão por nome Afonso Correa de Sousa, pessoa nobre e bom fidalgo, casado na mesma ilha com uma mulher muito honrada ([137]), da progénia dos Cogombreiros, de que tinha um filho, chamado Fernão Correa de Sousa, gentil homem, discreto e grandioso, e duas filhas, que para esta ilha vieram todos. O qual Fernão Correa, pousando com Pero Pacheco, seu sobrinho, genro de Jorge Nunes Botelho, na cidade da Ponta Delgada, o dito Pero Pacheco o casou com sua cunhada, filha do dito Jorge Nunes, da qual houve uma filha, Maria da Madre de Deus, que foi freira professa no mosteiro de Jesus da Vila da Ribeira Grande, e no tempo do segundo terramoto desta ilha se foi com as mais religiosas para a cidade da Ponta Delgada, onde estiveram nas casas de seu avô Jorge Nunes, por serem grandes e amuradas com uma grande cerca; e depois que foi acabado o mosteiro de Santo André, que fez Diogo Vaz Carreiro, se mudaram para ele, onde faleceu Maria da Madre de Deus. E falecendo a mulher de Fernão Correa casou ele, segunda vez, com Breatiz Roiz, filha de Luís Gago e de Branca Afonso da Costa, morador na vila da Ribeira Grande, da qual houve uma filha, chamada Branca Correa, que faleceu solteira, como já disse na geração dos Gagos.

Este Fernão Correa de Sousa fez um grande navio latino, dos maiores que se fizeram nesta ilha, em Porto Formoso, o qual foi lançado ao mar com muita festa e grandes banquetes, como ele costumava fazer com sua liberal condição; e com este gosto fez a primeira viagem para Lisboa e de lá para a ilha da Madeira, donde ele era natural. Saindo em terra, foi recebido com muita honra de seus parentes e amigos, com os quais estando jantando, alevantou-se uma grande tormenta, que deu com o navio à costa e o fez em pedaços, sem nada se salvar; em

que ele perdeu quanto tinha. E vendo-se assim desbaratado e pobre, se foi para as Índias de Castela, sem se saber mais nova dele; dizem que é falecido.

A primeira filha de Afonso Correa, por nome Caterina de Sousa, casou também nesta ilha com Duarte Ferreira, tabalião na cidade da Ponta Delgada, filho de Henrique Ferreira, cavaleiro da guarda de el-Rei, e Margarida Nunes Botelha, irmã de Jorge Nunes Botelho, da qual houve três filhos, dois dos quais faleceram na Índia em serviço de el-Rei, e outro em casa do Capitão Manuel da Câmara, que lhe queria muito, por ser discreto mancebo, gentil homem e valente de sua pessoa, chamado Jorge Correa, como eram seus irmãos Henrique Ferreira e Afonso Correa, e todos faleceram solteiros. A filha de Duarte Ferreira, chamada Margarida Botelha, como sua avó, casou em Vila Franca com Sebastião Gonçalves, cidadão, filho de Hierónimo Gonçalves e de Guiomar Dias, da qual houve filhos, alguns dos quais faleceram e outros são vivos, todos solteiros.

A segunda filha de Afonso Correa, chamada Maria de Cristo, é freira professa; e logo como veio da ilha da Madeira, entrou no mosteiro de Santo André de Vila Franca, onde esteve muitos anos servindo sempre os principais cargos, por ser religiosa muito discreta e de grande virtude e bem entendida; e por ser tal a levaram para o mosteiro de Jesus, que se fez novamente na vila da Ribeira Grande, por reformação dele, onde esteve muitos anos, servindo sempre de abadessa, até que (como disse) se mudaram para a cidade no tempo do segundo incêndio, onde serviu de abadessa até acabar de cegar, e nunca deixara o cargo de prelada se não cegara, porque era tão bem aceita a todos e tinha tão grandes espritos, prudência e discrição que nenhuma lhe precedia no mosteiro que fez Diogo Vaz Carreiro, onde agora está, tendo-lhe todas as religiosas muito respeito, como a pessoa aposentada e jubilada.

Teve também Matinhanes Furtado, na ilha da Madeira, um irmão, chamado (segundo cuido) Henrique Vaz Correia, ou irmã, que tinha um filho e duas filhas, os quais vieram para esta ilha; o filho, chamado Francisco Correia, escrivão da Câmara e do público, na vila de Alagoa, onde casou e houve os filhos seguintes: o primeiro, Henrique Correia, casou três vezes, a primeira com Branca Dias, filha de Fernão d'Álvares, boticairo de que houve alguns filhos. A segunda mulher, chamada Constança Roiz Ferreira, filha de Afonso Gonçalves Ferreira, escrivão na Ponta Delgada, a qual fora mulher de Sebastião Fernandes, de que não teve filhos. A terceira mulher, filha de António Afonso e de Marquesa de Sousa, e neta de Domingos Afonso, do lugar de Rosto de Cão. O segundo filho de Francisco Correia, Jorge Correia, casou na vila de Alagoa. O terceiro filho, chamado Francisco Correia, como seu pai, casou na cidade da Ponta Delgada, com Guiomar de Paz, filha de Luís Roiz, mercador, de que tem filhos. Uma filha de Francisco Correa ([138]), escrivão da Câmara de Alagoa, casou com Rui Gonçalves ([139]), filho de Hierónimo Gonçalves, cidadão de Vila Franca e mora na vila de Água do Pau, por ter ali sua fazenda, de que tem filhos e filhas de pouca idade.

A primeira filha do irmão ou irmã de Martim Anes, chamada Ginebra Henriques, veio a esta ilha com seu irmão Francisco Correa, e tinha dois filhos: o primeiro, António Correa de Sousa, casou com Simoa Quaresma, da casa da Capitoa D. Filipa Coutinha, mulher do Capitão Rui Gonçalves, a qual era natural de Vila Franca, filha de Branca de Paiva, de que houve alguns filhos, que faleceram na Índia; e casou segunda vez com uma filha de Amador Travassos, de que teve alguns filhos. O segundo filho de Ginebra Henriques foi frade de S. Francisco e faleceu cativo em Cabo de Gué, quando cativaram o Capitão Manuel da Câmara, em cuja companhia ele estava.

A segunda filha do irmão ou irmã de Martinhanes, chamada Isabel de Sousa, casou em Vila Franca com Miguel Vaz, filho de Rafael Vaz e de Lianor Afonso Ireza, que procedia de Irlanda, mulher grande de corpo, das maiores desta ilha, como seu marido também é grande e tão bom cavaleiro que antes de ser velho sempre era chamado para os jogos de canas e escaramuças e outras festas, que se faziam nesta ilha; homem honrado e rico, morador nos Fenais da Maia, termo de Vila Franca, em sua fazenda, do qual sua mulher Isabel de Sousa houve uma filha por nome Breatiz Correia, que casou duas vezes: a primeira com Manuel Homem, filho de João Homem, do qual houve alguns filhos que faleceram, ficando um só vivo, chamado Manuel Correa, que casou nos Fenais da Maia com uma filha de António Roiz, de que tem filhos. Casou a dita Breatiz Correa, segunda vez, com Cristóvão de Vasconcelos, fidalgo, morador na vila da Ribeira Grande, de que não houve filhos.

Este apelido dos Correas se diz que alcançaram uns nobres homens, que lhe deram princípio, por estarem cercados dos imigos em uma torre que guardavam com tanto aperto de

combates e fome, sem a quererem entregar, que lhe foi necessário deitar alguns couros de molho, feitos em correas, para com eles se sustentarem, como já disse atrás.

CAPÍTULO XVII

DOS CAIADOS, LIADOS COM OS ALBERNAZES; E DOS MESAS E FRANCOS, LIADOS COM OS TEVES, CAMELOS, VELHOS E LOBOS

Um João Gonçalves, natural de Biscaia, a que nesta ilha mudaram o apelido, chamando-lhe Tangedor, por ser grande músico e tanger bem viola, por diferença de outros, que havia na terra, do mesmo nome, foi criado do marquês de Vila Real e o acompanhou muitos anos em África, à sua custa, com armas e cavalo e criados, que seu pai lhe mandou de Biscaia, onde fez muitas sortes, como bom cavaleiro. Depois de casado, o mandou o marquês a esta ilha com sua mulher e seus escravos e criados, onde foi o primeiro vereador na cidade da Ponta Delgada, sendo vila, e sempre serviu nos cargos da governança dela, até sua morte. Houve de sua mulher dois filhos e duas filhas. O primeiro filho, Gaspar Gonçalves, frade pregador da ordem de S. Domingos. E Belchior Gonçalves, chançarel ([140]) em todas estas ilhas dos Açores, o qual casou com Guiomar Cabêa, na vila da Ribeira Grande, dos nobres Cabêas, de que teve três filhos e duas filhas freiras; um filho, João Tavares Cabêa, é cónego na Sé de Angra, de bom exemplo, e muita virtude; outro está solteiro; e outro foi servir el-Rei à Índia, todos três imitadores da mansidão e bondade de seu pai.

O segundo filho de João Gonçalves Tangedor, chamado Belchior Gonçalves, faleceu solteiro (sic). A primeira filha do dito João Gonçalves, chamada Marquesa Gonçalves, casou com Baltazar Roiz, homem nobre, de que não houve filhos. A segunda filha, Tareja Gonçalves, casou com Francisco Dias Caiado, cidadão da cidade do Porto, que serviu de juiz e vereador na cidade da Ponta Delgada, sendo vila, até que faleceu na era de mil e quinhentos e quarenta e três anos; o qual houve de sua mulher onze filhos e filhas, dos quais casou três e uma filha, sc., o primeiro, Amador Francisco, do hábito de Santiago, casou com uma filha de Lourençaires Rodovalho ([141]), juiz dos órfãos, que foi na cidade da Ponta Delgada. O segundo, Sebastião Gonçalves, casou com uma filha de Pero de Teve. O terceiro, Roque Gonçalves, bom cavaleiro, casou com uma filha de Garcia Roiz Camelo ([142]). O quarto, Fr. Manuel, que foi frade da ordem de S. Francisco; e os mais filhos todos foram da governança da terra, um dos quais, chamado Braz Dias Caiado, faleceu na Índia, em serviço de el-Rei, e os mais faleceram. Uma das filhas de Francisco Dias Caiado e de Tareja Gonçalves ([143]), casou com João Sipimão, fidalgo ingrês ([144]), de que houve um filho, chamado Tomaz Sipimão, e uma filha, Margarida Sipimoa, que está casada com Luís Dolfos Bormão, flamengo muito honrado e rico, que também é da governança da terra.

Faleceu o dito João Gonçalves Albernaz, ou Tangedor, na era de mil e quinhentos e dezasseis; deixou uma capela de Nossa Senhora do Rosário, na igreja do mártir S. Sebastião, da cidade, às terças-feiras, cantada e ornada com vestimentas de damasco, declarando em seu testamento que as cantassem os vigairos presentes e futuros, e lhe deixou vinte e três alqueires de terra que rendem, uns anos por outros, dezoito até vinte mil reis.

Quando na cidade da Ponta Delgada ainda eram as casas de pau pique, veio a esta ilha um Fernão de Mesa, castelhano, criado de el-Rei D. Afonso de Castela (sic) ([145]), casado com sua mulher Isabel Franca, de que tinha um filho e três filhas.

O filho chamado João de Mesa, foi escrivão na vila da Lagoa; casou e houve filhos e filhas.

A primeira filha de Fernão de Mesa, chamada Francisca de Mesa ([146]), casou com Pero de Teive, de que, como está dito, houve o primeiro filho Simão de Teive, que casou com uma filha de Gil Vaz, da Bretanha, de que houve muitos filhos. O segundo filho, chamado Sebastião de Teive, foi casado com uma filha de Álvaro Pires, irmã da mulher de Sebastião Luís, pai de Hierónimo Luís, de que teve filhos. O terceiro filho, Amador de Teive, casou com uma filha de Pedralvres Benavides, de que houve Gaspar de Teive, que agora é capitão de uma companhia

na cidade da Ponta Delgada. O quarto filho de Pero de Teive e de sua mulher Francisca de Mesa, chamado Hierónimo de Teive, faleceu solteiro.

Teve mais Pero de Teive quatro filhas. A primeira, Guiomar de Teive, que casou com Rui Velho, de que houve muitos filhos e filhas.

A segunda, Francisca de Teive casou com António da Mota, de que teve o primeiro filho, Pero de Teive, que casou com Guiomar Soeira, filha de Manuel Afonso Pavão, de que tem filhos e filhas; o segundo, Manuel da Fonseca, casou com uma filha de Rui Pires ([147]), de que tem filhos, e ambos estes irmãos grandes cavaleiros. O terceiro, João de Teive, bom sacerdote; e Jorge da Mota, que casou com uma irmã de Francisco d'Aguiar, vigário da Povoação, o qual mataram na cidade da Ponta Delgada, e lhe ficou um filho, chamado como seu pai, Jorge da Mota, grande tangedor de tecla e muito músico e destro no canto. Teve mais António da Mota uma filha ([148]) que casou com João Roiz, rico e nobre mercador; e outra ([149]) casada com um filho deste João Roiz. A terceira filha de Pero de Teive, chamada Joana de Teive, que casou com Sebastião Gonçalves, filho de Francisco Dias Caiado, de que tem filhos e filhas.

A quarta filha de Pero de Teive e de Francisca de Mesa, por nome Isabel da Trindade, mulher de grande prudência e virtude, foi religiosa e muitas vezes abadessa no mosteiro da Esperança da cidade da Ponta Delgada.

A segunda filha de Fernão de Mesa, Leonor de Mesa, casou com João Afonso Cadimo, de Montemor-o-Velho, de que teve filhos: o primeiro, Roque Afonso, casou com uma parenta dos Colombreiros, de que houve filhos. O segundo, Bertolameu Afonso, casou com a filha de Rui Vaz Balea ([150]), de que tem filhos e filhas. O terceiro, Hierónimo de Mesa, casou com uma filha de Diogo Afonso, da Bretanha, da geração dos Albernazes, de que houve filhos. O quarto filho, Custódio Afonso, foi casado com Helena de Viveiros, filha de Simão de Viveiros, irmão de Gaspar de Viveiros, sogro de Francisco d'Arruda da Costa, de que houve muitos filhos e filhas.

Teve mais João Afonso Cadimo, de sua mulher Lianor de Mesa, a Isabel Franca, que casou com Bertolameu Esteves, de que houve alguns filhos. A segunda filha, Helena Cadima, casou com João Dias, filho de João Dias Nego, da Candelária, de que teve filhos.

Isabel Franca, terceira filha de Fernão de Mesa, casou com Aires Lobo, filho de Fernão Lobo, da casa do duque de Bragança, de que houve um filho, chamado Francisco Lobo, de muita prudência e virtude, casado com Bárbara de Sequeira, filha de Lucas de Sequeira, aio do Capitão-Conde, de que houve filhos e filhas. E uma filha que casou com Hierónimo Luís, homem de grande virtude e prudência.

CAPÍTULO XVIII

DOS SERRÃOS, NOVAIS E QUENTAIS, QUE COM VOCÁBULO CORRUPTO SE CHAMAM NABAIS E QUINTAIS

Miguel Serrão, Manuel Serrão, Catarina de Novaes e Isabel Serrã, todos irmãos, filhos de João Serrão de Novaes, e seu primo com-irmão, filho de Margarida de Novaes, irmão (sic) de João Serrão, morador em Vila Franca do Campo, nesta ilha de S. Miguel, casado com Maria Jorge, filha de Jorge Afonso, das Grotas Fundas, natural da vila do Nordeste, são bisnetos de uma D. Maria de Novaes, a qual procedeu da ilustre geração e fidalguia do Regno de França, donde vieram ter a Espanha, ao Regno de Castela. Da qual progénia procedeu um Francisco Botelho de Novaes, que foi pai da dita D. Maria de Novaes, avó dos sobreditos Serrãos, e seu trisavô Francisco Botelho de Novaes era um fidalgo de muita marca e de grande nome e renda e senhor de morgado; e residindo ele na corte de el-Rei de Castela, aconteceu que indo a Rainha de Nápoles em uma romaria, veio ter ao mesmo Regno de Nápoles uma grossa armada de turcos ou mouros, os quais saindo em terra a tomaram e saquearam e cativaram a dita rainha e se apoderaram do seu Regno; o que vindo à notícia de el-Rei de Castela, muito depressa lhe mandou socorro de muita gente de armas, de cavalo e infanteria, por capitão-mor da qual ia o dito trisavô dos Serrãos acima ditos, que ao tal tempo se chamava somente Francisco Botelho, da progénia dos Botelhos, atrás ditos, e de Gonçalo Vaz Botelho, chamado o Grande, que foi um dos principais povoadores desta ilha de S. Miguel.

Indo Francisco Botelho com sua ordem e gente de guerra em socorro desta Rainha de Nápoles, no caminho viu que lhe era necessário uma provisão de el-Rei de Castela, e deixando o exército em ordem, se tornou aforrado à corte, e entrando no paço, afrontado do caminho, porque nenhuma detença fazia, espantado el-Rei de o assim ver tornar, lhe perguntou, dizendo: — que és esso, no vaes? — respondeu-lhe: — si, vou, mas é-me necessário tal provisão, — a qual logo no paço lhe foi feita e assinada pelo Rei, e com ela se foi no socorro ao Reino de Nápoles, onde houve vitória em uma batalha que teve com os mouros ou turcos, vencendo-os e desbaratando-os e tirando de cativeiro a dita Rainha de Nápoles e restituindo-a a seu Reino. E tornando com esta tão gloriosa vitória, el-Rei de Castela lhe fez muitas mercês e lhe acrescentou em suas armas, no escudo, dois leões e duas águias e duas setas e duas barras, porque as mais armas são as da geração dos Botelhos, seus parentes, de que eles todos gozam. E daí por diante o dito trisavô dos Serrãos, por causa desta vitória, se chamou Francisco Botelho de Novaes, pelo que el-Rei lhe disse, quando veio do caminho pedir-lhe a provisão, e assim se intitulou sempre ele e seus descendentes.

Mas, como os invejosos emagrecem com a gordura de seus próximos, não faltando na corte murmuradores que praguejassem de tantas mercês, quantas do Rei recebia, deram motivo para que lhe fizesse outras maiores; porque vindo isto à notícia do mesmo Rei, diante de alguns deles veio a pôr em prática, dizendo um dia que bem sabia que murmuravam dos favores que ele fazia a Francisco Botelho Novaes, que não se espantassem disso, porque quem tal fizera, e tão bem o tinha servido, tudo e mais merecia. Pelo que, daí por diante, o dito Francisco Botelho tomou por alcunha e apelidos de honra Novaes e Quental, de que seus sucessores e os de sua geração hoje em dia se honram, nomeiam e intitulam nestes Regnos de Portugal, e nesta ilha, onde há muitos Novaes e Quentaes.

Este Francisco Botelho Novaes tinha um irmão mais moço, chamado Lopo Afonso Novaes Coutinho, do qual e de sua mulher, nasceram Rui Lopes e D. Filipa Coutinha, mulher de Rui Gonçalves da Câmara, segundo do nome e quinto Capitão desta ilha.

Teve também Francisco Botelho Novaes, dantre ele e sua legítima mulher, uma filha, D. Maria Novaes, acima dita, avó dos Serrãos, a qual, ficando por morte de seu pai muito menina, foi trazida à corte destes Reinos de Portugal, não sei por que causa, por seu tio Lopo Afonso

de Novaes, e foi dama da Rainha D. Lianor, mulher de el-Rei D. João, segundo do nome, ou da Rainha, mulher de el-Rei D. Afonso, pai deste mesmo Rei, por ser prima com-irmã do dito Rui Lopes Coutinho e de D. Inês Serrã, filho e filha do dito Lopo Afonso de Novaes e de sua legítima mulher, a que não soube o nome; e sobrinha de Lopo Afonso de Novaes, pai do mesmo Rui Lopes Coutinho que foi pai (sic) da Capitoa D. Filipa Coutinha, mãe de Manuel da Câmara, sexto Capitão desta ilha; o qual parentesco está provado por estromentos autênticos. E esta D. Maria de Novaes veio a casar com um grande fidalgo, como agora direi.

Havia em casa do Infante D. Anrique, que descobriu estas ilhas, um fidalgo de sua mesma casa, chamado Pedro Alvres Homem, o qual foi enviado por ele à ilha da Madeira com grandes cargos e por veador de sua fazenda; e estando com estes cargos casou na mesma ilha com Margarida Mendes de Vasconcelos, irmã, (segundo dizem), do capitão que ao tal tempo era da capitania de Machico, por vontade e contentamento do dito Infante, que para isso lhe deu licença, e muito a gosto de todos os que eram partes e parentes; e houveram um filho, por nome Ambrósio Álvares de Vasconcelos, que foi servir ao Infante, como fidalgo que era de sua casa, e andando no paço veio a casar a furto com a dita D. Maria de Novaes. Divulgado o casamento na corte, pela grande pena que tinha e têm os que tais delitos cometem no paço, mandou el-Rei D. Afonso a seu filho D. João o segundo prender a ele no Castelo, e recolher a D. Maria de Novaes em um mosteiro de freiras. Estando nas prisões em termos para se fazer justiça deles, veio el-Rei a casar uma filha (sic) ([151]) com o Imperador de Alemanha, e querendo-lha mandar por terra, antes que partisse, a Princesa pediu a el-Rei, seu Pai (sic) ([152]) lhe desse para levar consigo os ditos Ambrósio Álvares Homem de Vasconcelos e D. Maria de Novaes; concedendo-lho el-Rei, os mandou logo soltar, e foram para Alemanha em companhia da Princesa. E, indo seu caminho, passado o Regno de França e entrando por Itália, veio a enfermar a Princesa e caminhando para o esposo da Terra, foi gozar do esposo do Céu ([153]).

Falecendo ela, ele Ambrósio Álvares Homem de Vasconcelos e sua mulher D. Maria de Novaes se tornaram para o Regno de Portugal, com outros fidalgos que iam na mesma companhia, aos quais querendo el-Rei galardoar e fazer mercês, depois de passados os dias de seu nojo, os aposentou com rendas, e caiu a sorte ao dito Ambrósio Álvares Homem e a sua mulher D. Maria aposentá-los na ilha Terceira, com lhes fazer mercê de lhes dar a fazenda e terra dos próprios que na dita ilha tinha, e lá foram morar; fazendo-lhe el-Rei mercê também de o fazer memposteiro-mor dos cativos em todas estas ilhas dos Açores, o qual me parece ser o primeiro que houve nelas, e serviu este cargo por espaço de anos, como há pessoas vivas que isto afirmam e sabem.

Ambrósio Álvares Homem de Vasconcelos e D. Maria de Novaes houveram estes filhos: Pero de Novaes, avô dos Serrãos, e Fernão de Quental, avô dos Quentaes, Fr. Simão de Novaes, frade, e Lourenço do Quental, e uma filha, por nome D. Violante Novaes, que da ilha Terceira foi para o paço e estando no Regno, na corte, por dama da Rainha, faleceu da vida presente sem casar.

Ambrósio Álvares Homem de Vasconcelos e sua mulher D. Maria, enfadados das ilhas e desejando viver na corte, onde foram criados, vieram a vender a fazenda que tinham na ilha Terceira, dos próprios, de que el-Rei lhe tinha feito mercê, que agora dizem ser dos Cortes Reaes, em cuja progénia andava a capitania da ilha Terceira, e se foram para o paço. E seus filhos, Pero de Novaes, avô dos Serrãos, e Fernão do Quental, avô dos Quentaes, se vieram para esta ilha de S. Miguel, indo Fernão do Quental primeiro à ilha da Madeira e depois vindo pela ilha de Santa Maria ter a esta, onde casaram e tiveram filhos. Pero de Novaes casou com Breatiz Gonçalves Botelha, filha legítima de Antão Gonçalves Botelho, filho de Gonçalo Vaz Botelho, chamado o Grande, que, segundo alguns, foi o primeiro homem que com outros veio povoar esta ilha de S. Miguel e era filho de Pero Botelho, comendador-mor da ordem de Cristo, que foi nestes Reinos de Portugal, e fidalgo de marca; pelo que claramente se vê o estreito parentesco que têm entre si os Botelhos, Novaes e Quentaes, Serrões, Homens, Vasconcelos, e todos estes apelidos e armas deles lhe pertencem pelas gerações donde procedem.

Pero de Novaes houve de sua mulher, Breatiz Gonçalves Botelha, os filhos seguintes: o primeiro, André Novaes, que desta ilha se foi na era de mil e quinhentos e quarenta anos, no princípio da guerra que o Imperador Carlos quinto teve com el-Rei de França; e tanto que o dito André Novaes chegou a Itália, logo foi reconhecido por homem fidalgo e parente dos Novaes de Castela, como era; e em companhia de André Dória, o Velho, o fizeram capitão de cinco galés, e na guerra onde andava, muito abalizado e favorecido, acabou seus dias em serviço do dito Imperador, pois dele até agora não há mais novas.

Tiveram Pero de Novaes e sua mulher, Breatiz Gonçalves Botelha, outro filho que chamavam Francisco de Novaes, que casou na ilha da Madeira com Joana Ferreira de Drumond, da Casta Grande, que procede de Dona Bela, mulher de el-Rei de Escócia; foi uma pessoa muito principal da cidade do Funchal e da governança da dita ilha; de que procederam filhos, alguns dos quais andam na Índia, em serviço de el-Rei.

Houve mais Pero de Novaes, de sua mulher Breatiz Gonçalves Botelha, outro filho chamado João Serrão de Novaes, nobre fidalgo, de muito liberal e macia condição; o qual casou com Breatiz Lopes, filha de Lopo Dias, da Praia, dos nobres da terra, e de Isabel Vaz, sua mulher, filha de Duarte Vaz, Marinheiro de alcunha, porque mandara fazer à sua custa muitas naus e navios; da qual houve filhos, da sua condição generosa: Miguel Serrão, Manuel Serrão; e filhas: Catarina de Novaes e Isabel Serrã e outros que faleceram. Miguel Serrão casou com Isabel Nunes, filha de Manuel Galvão e de Catarina Nunes, de que tem filhos e filhas, uma casada com Manuel da Fonseca, fidalgo. Manuel Serrão, bom latino, curioso e discreto e de outras boas partes, está casado com Isabel Gonçalves, filha de Silvestre Gonçalves e de Isabel Gonçalves, de que tem filhos e filhas. Caterina de Novaes casou com Bartolomeu Botelho, fidalgo, filho de João Lopes, meirinho que foi do Capitão muitos anos, filho de João Lopes, dos Mosteiros, de que houve filhos e filhas. A segunda filha de João Serrão e de sua mulher Breatiz Lopes, chamada Isabel Serrã, casou com Manuel da Ponte, em Vila Franca.

Teve Pero de Novaes, de Breatiz Gonçalves Botelha, sua mulher, outro filho, chamado Bernardo de Novaes, que se foi desta ilha seguir aventuras do mundo, indo para o Brasil, onde faleceu.

Houveram mais outro filho, que se chamava António do Quental, que casou em Lisboa com Isabel Cardosa, fidalga, e viveu nesta ilha com ela.

Houve mais o dito Pero de Novaes de sua mulher Breatiz Gonçalves quatro filhas: Maria de Novaes, Isabel de Novaes, Margarida de Novaes e Catarina de Novaes, que foram casadas com pessoas muito honradas e dos principais da terra, das quais quatro irmãs não há filhos nem filhas, ao presente vivos; senão um filho de Margarida de Novaes, chamado João de Novaes, morador em Vila Franca, de muita prudência e virtude, casado (como tenho contado), com Maria Jorge, filha de Jorge Afonso, das Grotas Fundas, da vila do Nordeste, da qual tem filhos e filhas.

João da Castanheira, homem fidalgo, cujo foi um pico que está acima da cidade da Ponta Delgada, que se chama pico de João da Castanheira, veio de Portugal, primeiro à ilha de Santa Maria, e depois a esta, e teve uma filha chamada Margarida de Matos, que casou com Fernão do Quental, irmão de Pero de Novaes, filhos ambos de Ambrósio ([154]) Álvares Homem de Vasconcelos, de que houve estes filhos: Afonso de Matos, que casou, a primeira vez, com uma filha de Fernão Gonçalves, o Amo do Capitão, e de Maria Gonçalves, sua mulher, chamada Guiomar Galvoa; da qual Guiomar Galvoa houve Afonso de Matos estes filhos: o primeiro, Sebastião de Matos, e outros. Segunda vez casou com Breatiz Cabeceiras, filha de Bertalomeu Roiz da Serra, de que houve filhos e filhas ([155]).

Teve mais Fernão do Quental, de sua mulher, outro filho, por nome Manuel de Matos, que casou com Isabel Nunes, de Portugal, de que houve um filho, chamado António de Matos, que primeiro foi casado com Maria Cabeceiras, mulher depois de Rui de Sá, de que teve uma filha, que é freira no mosteiro da Esperança; a qual Isabel Nunes, depois de viúva, casou com Baltazar do Amaral, de que não houve filhos.

Teve mais Fernão do Quental, de sua mulher, outro filho, chamado Jerónimo do Quental, que casou, a primeira vez, com uma filha ([156]) de Pero Jorge e de sua mulher, da qual houve um filho, chamado António do Quental, que faleceu solteiro, e uma filha, chamada Maria do Quental, que casou com Baltasar Gonçalves, filho de Gonçalo Anes Ramires, de que houve filhos e filhas. Teve também Jerónimo do Quental outra filha, chamada Isabel do Quental, que casou com Salvador Gonçalves, filho do dito Gonçalo Anes Ramires. E casou segunda vez Hierónimo do Quental com a mulher ([157]) que foi de Jorge Afonso, de que não teve filhos.

Teve mais Fernão do Quental outro filho, chamado Henrique do Quental, que casou com Maria de Rezende, filha de Pedro Álvares das Côrtes e de Lianor Alvres de Benavides, sua mulher, de que houve dois filhos, que foram para o Brasil, e outros que faleceram.

Houve Fernão do Quental outro filho, chamado Braz do Quental, que faleceu solteiro.

Teve mais Fernão do Quental uma filha, chamada Isabel do Quental ([158]), que casou em Vila Franca com André da Ponte de Sousa, de que houve filhos e filhas.

Estes dois irmãos, Pero de Novaes e Fernão do Quental, foram dos principais homens que antigamente povoaram esta ilha e a governaram, ministrando justiça com verdade, enquanto viveram. E Pero de Novaes serviu no princípio da povoação desta ilha de logo-tenente, em nome do Capitão dela, por provisão de el-Rei. E em nome de el-Rei, e como Capitão, deu a muitos muitas terras de dadas de sesmaria. E seu irmão Fernão do Quental serviu nela por vezes de ouvidor, em nome do Capitão Rui Gonçalves, pai do Capitão Manuel da Câmara. E a causa de virem ter a esta ilha foi o parentesco e razão que tinham com a Capitoa Filipa Coutinha.

Fr. Simão de Novaes, frade da ordem de S. Francisco, irmão dos sobreditos Pero de Novaes e Fernão do Quental, também veio a esta ilha e fez edificar o mosteiro da Praia da ilha Terceira, e nele foi guardião e faleceu santamente. E antes que falecesse (segundo alguns dizem) sendo-lhe revelado que seus dias eram poucos, se veio a esta ilha despedir de seus irmãos, e tornando durou pouco; de cuja morte se conta, que estando rezando vésperas, bem disposto, disse que lhe pusessem uma pedra na igreja para pôr a cabeça nela, que queria repousar, porque era esta sua cama em sua cela, onde não dormia senão no chão, com uma pedra por cabeceira. Estando depois de véspera ali repousando, adormeceu de tal maneira que daquele sono passou da vida presente, no mesmo mosteiro da Praia, que ele fizera. E afirma-se que a terra da sua sepultura tinha virtude para curas de algumas enfermidades.

Lourenço do Quental, irmão dos ditos, e filhos todos de Ambrósio Álvares Homem de Vasconcelos e de D. Maria de Novaes, também se aposentou no Regno de Portugal, donde procederam filhos e netos, que agora se nomeiam destes apelidos dos Nabais e Quintaes, que, como tenho dito, andam corruptos estes nomes, havendo de dizer, segundo a origem deles, Novaes e Quentaes; dos quais procede Simão do Quental, capitão do número, que foi sargento-mor nesta ilha de S. Miguel, e foi ao socorro da ilha de Santa Maria, como já tenho contado, quando dela tratei.

Falecendo na corte o pai destes fidalgos, Ambrósio Álvares Homem de Vasconcelos, de que procederam também os Homens da Vila da Praia, da ilha Terceira, e ficando viúva sua mulher D. Maria de Novaes, logo, como ao tal tempo se acostumava, tirou o Dom, chamando-se singelamente Maria de Novaes, sem mais fausto de nome, nem criados, servindo-se somente de dois homens honrados, que a acompanhavam, um dos quais foi Álvaro Lourenço, tabalião público e do judicial geral em toda esta ilha; e por assim se costumar antre as matronas fidalgas, não usou mais a dita Maria de Novaes de vestidos leigaes, vestindo-se como freira, de hábito e manto pardo, muito comprido e de autoridade, nos quais trajos acabou nesta ilha seus dias, para onde havia tornado do Regno, por ter nela seus filhos; e foi sepultada na capela-mor do mosteiro de S. Francisco, que havia antes da subversão de Vila Franca, no ano de mil e quinhentos e vinte e dois.

Do dito, se vê claramente o estreito parentesco que antre si têm os Botelhos, Novaes, Quentaes, Serrãos, Homens e Vasconcelos, e como todos estes apelidos e armas deles lhe pertencem pelas nobres gerações donde procedem.

CAPÍTULO XIX

DOS MEDEIROS QUE TIVERAM SEU PRINCIPAL ASSENTO NA VILA DA LAGOA

Rui Vaz de Medeiros, de nobre geração, veio no princípio da povoação desta ilha, em tempo do Capitão Rui Gonçalves, primeiro do nome, de Ponte de Lima, ou de Guimarães, fugindo a seu pai, indo ter primeiro à ilha da Madeira, onde casou honradamente, como quem era, com uma filha de um nobre cidadão, chamado Jorge de Mendonça, de que tem muitos parentes hoje em dia deste apelido dos Mendonças e Furtados. Teve na dita ilha muita amizade com Rui Gonçalves da Câmara, irmão do Capitão dela, que depois o foi desta, em cujo tempo veio a ela, porque, conhecendo-o lá, vendo sua riqueza e nobreza, como se tratava com cavalos na estrebaria, criados e escravos em casa, que o dito Rui Vaz tinha, juntamente com sua boa condição, o trouxe a esta ilha, onde lhe deu muitas dadas de terras, de sesmaria, no termo da vila da Lagoa, de que foi muito abastado. E houve de sua mulher, chamada Ana Gonçalves, os filhos seguintes.

O primeiro, Vasco de Medeiros, foi um dos primeiros que nesta ilha casaram; casou com uma filha de Fernão Roiz, dos nobres da Lagoa, e houve em dote quinhentos cruzados em propriedades que valem hoje em dia, em diversas partes onde estão, mais de vinte mil cruzados; foi este o melhor dote que naquele tempo se deu. O qual por ter muitos cavalos e escravos e gado, foi servir a el-Rei a África, com dois filhos, todos três com seus cavalos, armas e criados, onde foram cativos na guerra que fizeram e parece que morreram mártires no cativeiro (segundo alguns dizem) no tempo do capitão Luís de Loureiro, com um irmão de António Correia de Sousa.

Teve Vasco de Medeiros, de sua mulher Caterina da Ponte, os filhos seguintes: o primeiro, Amador de Medeiros que casou com uma nobre mulher, a que não soube o nome ([159]), de que houve filhos e filhas, cujos nomes também não pude saber. O segundo filho de Vasco de Medeiros, chamado Rui Vaz de Medeiros, faleceu solteiro. O terceiro, Fernão Roiz de Medeiros, casou com uma filha de Pero Manuel ([160]), da Vila de Água do Pau, de que teve alguns filhos. O quarto, Simão de Medeiros, faleceu solteiro. O quinto, Marcos da Ponte, casou com uma filha de António Camelo, das Feiteiras, da qual houve filhos que faleceram.

Houve mais Rui Vaz de Medeiros, o Velho, o segundo filho, Rafael de Medeiros, que sendo mancebo, o trazia seu pai ordenado para o fazer clérigo e ele por certa amizade que teve com um mancebo de sua idade, da ilha de Santa Maria, se embarcou com ele para ela, e lá casou com uma filha de Antão Roiz Carneiro, que naquele tempo governava a dita ilha, sendo logotente ([161]) do Capitão João Soares, que era menino. Com sua mulher chamada Antónia da Costa viveu Rafael de Medeiros nesta ilha de S. Miguel e teve duas filhas, uma das quais por nome Lianor de Medeiros, casou em Lisboa com um homem alemão, com o qual se foi para a Índia, e falecido este, se casou com outro, com que esteve no governo da ilha Moçambique muitos anos e teve dele um filho, homem que agora é de muito preço no serviço de el-Rei. A outra filha, chamada Maria de Medeiros, casou nesta ilha com António Camelo Pereira, filho de António Camelo, com o qual viveu muitos anos e se foi para a Índia, onde faleceu, e ficaram um filho e uma filha: o filho, por nome Gaspar Camelo, discreto e gentil homem, é casado na cidade da Ponta Delgada com uma filha de Manuel Alvres Pinheiro, chamada Guiomar Alvres, e tem um filho e uma filha. A filha da dita Maria de Medeiros, por nome D. Catarina, casou com Duarte de Mendonça, homem fidalgo; faleceu e ficou-lhe uma filha que ora vive, como tenho dito na geração dos Camelos.

E depois de se casar a furto Rafael de Medeiros, contra vontade de seu pai, fez tantas travessuras, brigas e homízios, tirando muitos presos da cadeia e outras pessoas das mãos da justiça, tudo por sua espada e muita valentia, que mandou el-Rei D. João a esta ilha corregedores para o prenderem, sem nunca o poderem pôr em efeito, por sua muita

desenvoltura; e quando andava homiziado embarcou-se para a Índia, e tendo no mar diferença com o capitão da nau em que ia, vieram a palavras, de maneira que sentindo-se afrontado delas, o desafiou para quando chegassem a terra; e em desembarcando, arrancando com o capitão, lhe cortou uma perna. Dali a três dias se tornou a embarcar para Portugal em outra nau. Depois que veio da Índia, andando homiziado por cortar varas à Justiça e soltar presos de suas mãos e das cadeias, desejando muito os corregedores de o prenderem com espias que traziam para esse efeito, zombava ele tanto deles, que sabendo este desejo do corregedor Francisco Toscano, como era grande músico e de gentil voz, lhe foi dar à sua porta uma música muito concertada de clavicórdio e outros instrumentos que para isso levou, cantando tão suavemente ao som deles, que encantou o corregedor de tal maneira que se perdia por ele e lhe mandou rogar que se desse à prisão, prometendo-lhe de o livrar, como de feito livrou. E, sendo livre, depois de falecida sua mulher, se fez clérigo. Além de ser grande músico, tinha outras muitas boas partes e teve medianamente fazenda que gastou quase toda no homízio, afora a que lhe ficou, que hoje em dia têm seus netos, que valerá como quinze moios de renda. Sendo clérigo de missa, se foi ao Algarve ver muitos parentes que lá têm os Medeiros, onde faleceu, dia de endoenças.

O terceiro filho de Rui Vaz Medeiros, João Vaz Medeiros, morador na Atalhada da Lagoa, foi casado com Isabel de Frias, filha de Rui de Frias, de que houve um filho, chamado Rui Vaz de Medeiros, morador na Atalhada, e uma filha ([162]) que casou com Gonçalo Vaz, filho de Domingos Afonso, do lugar de Rosto de Cão.

Houve Rui Vaz de Medeiros o quarto filho, chamado Jordão Vaz de Medeiros, o qual sendo moço veio a cegar de bexigas; contudo casou em Vila Franca com uma filha de Branca de Paiva e de Francisco Afonso, pai de Leonor Coresma que foi mulher de António Correia de Sousa, e de Breatiz Çapata, que faleceu em Vila Franca. O qual Jordão Vaz houve de sua mulher um filho, chamado Rui Vaz de Medeiros, homem mui esforçado, discreto e de grandes espritos, que foi capitão dos aventureiros na cidade da Ponta Delgada e agora é de uma bandeira das ordenanças da milícia. O qual casou a primeira vez com uma filha de Manuel Alvres, chamada Ana Alvres. E a segunda com D. Breatiz, filha de Álvaro Martins, memposteiro-mor que foi dos cativos nesta ilha, e neta de Gaspar Camelo, das Feiteiras, de que tem filhos. Teve mais o dito Jordão Vaz de Medeiros uma filha que casou com Manuel de Roi, escrivão em Vila Franca. O quinto filho de Rui Vaz de Medeiros faleceu, por um desastre, afogado.

Houve também Rui Vaz de Medeiros a primeira filha ([163]), que casou com Diogo Afonso Cogombreiro, como disse na geração dos Cogombreiros.

A segunda filha de Rui Vaz de Medeiros, por nome Guiomar Roiz de Medeiros, casou com Lopo Anes d’Araújo, de que houve os filhos já ditos na geração dos Araújos. ([164])

A terceira filha, Maria de Medeiros, casou primeiro com Rodrigo Alvres, filho de Álvaro Lopes, dos Remédios, de que teve filhos: Rodrigo Alvres, que casou com Breatiz Nunes, filha de Sebastião d’Albernaz; e o segundo filho, Álvaro Lopes Furtado, morador nos Fanais (sic), termo de Vila Franca, casou com Ana Fernandes, filha de Cristóvão Martins, de Rabo de Peixe, de que houve os filhos seguintes: o primeiro casou com uma filha do vigário João Nunes da Câmara ([165]); o segundo, Braz Furtado, casou com uma filha de João de Sousa e de Inês Antunes ([166]); o terceiro casou com Inês d’Oliveira, filha de Sebastião Afonso, da Bretanha, e de sua mulher Guiomar d’Oliveira. Houve o dito Álvaro Lopes duas filhas: a primeira, chamada Maria de Medeiros, casou com Pero Barbosa da Silva; a segunda, chamada Isabel Moniz, está casada com António de Faria, discreto e de grandes espíritos, sobrinho de António Lopes de Faria, da Lagoa. Houve mais a dita Maria de Medeiros, de seu marido Rodrigo Álvares, uma filha por nome Margarida Luís, que casou com Manuel Raposo, filho de Jordão Jácome Raposo, de que teve filhos e filhas, ditos na geração dos Raposos.

Casou a dita Maria de Medeiros, filha de Rui Vaz de Medeiros, a terceira vez, com Cristóvão Soares, de que não houve filhos; e o dito Cristóvão Soares casou depois, com dispensação, com uma parenta desta Maria de Medeiros, de que tem muitos filhos e filhas, uma das quais está casada com Fernão Gomes, na vila da Lagoa, e outra casou com Francisco Tomaz, mercador, morador na cidade da Ponta Delgada.

Rui Vaz de Medeiros deu a Lopo Anes d’Araújo, em dote, fazenda que valerá cinquenta moios de renda, e a Rodrigo Alvres pai de Álvaro Lopes Furtado e de Margarida Luís, sogra de Aires Pires do Rego, propriedades que renderão hoje em dia, cada ano, mais de sessenta

moios de trigo; e à outra filha que casou com Diogo Afonso Cogombreiro, que teve muitos filhos e filhas, todos ricos, mais de oitenta moios de renda; afora o que deu a outra filha que faleceu freira; e a outra filha ([167]) que casou com Duarte Vaz Delgado, irmão de Pero Gonçalves Delgado, deu em dote fazenda que hoje vale perto de trinta moios de renda. E depois de ter todos casados e agasalhados, faleceu a mulher do dito Rui Vaz de Medeiros e se mandou sepultar em uma capela que mandaram fazer na igreja paroquial de Santa Cruz da vila da Lagoa, onde estão ambos enterrados.

O velho Rui Vaz de Medeiros, tanto que se viu só, deixou a Jordão Vaz de Medeiros, seu filho mais moço, o cargo de seu administrador e vendeu muito gado, escravos e algumas coisas do mais móvel que tinha, de que fez dois mil cruzados, com que se partiu em romaria para a Casa Santa, onde determinava morrer, servindo a Deus. E seguindo sua jornada soube em Veneza que o Turco tinha quebrado o salvo conduto dos romeiros, de maneira que não havia embarcação, o que foi causa de não ir avante. E tornando-se de Veneza veio ter a Nossa Senhora de Guadalupe, onde esteve por espaço de dois anos, e daí se veio a esta ilha, onde faleceu e jaz enterrado na sua capela. E o dinheiro que levou repartiu com muitos pobres e órfãos que casou. Trouxe muitas relíquias sagradas e um jubileu dos que passavam, naquele tempo, de tarde em tarde. Viveu depois que veio na Ponta da Garça, junto a Nossa Senhora da Esperança, que mandou também fazer à sua custa na sua fazenda, e depois a deu ao povo para freguesia, porque era tão rico em sua vida, que além da renda que tinha, fazia grandes searas de que havia muito trigo, naquele tempo tão barato, que vendeu uma vez sessenta moios por sessenta cruzados. Tinha também tanto gado vacum, que cada ano lhe pariam passante de cem vacas e muitas porcas e ovelhas, afora a grande família que tinha de criados e escravos.

CAPÍTULO XX

DOS MONIZES QUE VIERAM A ESTA ILHA NO TEMPO DE JOÃO RODRIGUES DA CÂMARA, QUARTO CAPITÃO DELA E ÚNICO DO NOME

Gonçalo Moniz Barreto, natural das Astúrias, procedeu de Egas Moniz Barreto, asturiano, que foi aio do primeiro Rei que alevantaram em Portugal, a que apareceram as chagas de Cristo, nosso Redentor; e tinham no brasão por armas a espada na mão e a outra mão batendo no peito, porque, quando lhe apareceram as chagas, ficaram atónitos, com as espadas na mão, como pasmados, batendo com a outra nos peitos, dizendo el-Rei: "não a mim, Senhor, que vos conheço e creio firmemente em Vós, senão aos mouros". Nas quais armas está Egas Moniz vestido em uma alva, como ia a padecer e entregar-se a el-Rei de Castela, por el-Rei de Portugal não querer cumprir o que ele por ele lhe prometeu, quando o tinha em cerco.

Este Gonçalo Moniz veio das Astúrias a Sevilha, onde casou com Maria Fernandes Sanches, e, como alguns dizem, por morte de um homem, e segundo outros afirmam, porque vindo de Córdova para Sevilha foi roubado de ladrões e esbulhado de muito dinheiro e fazenda. Veio de Sevilha à ilha da Madeira, pela fama desta ilha, e achou nela a João Roiz da Câmara, quarto Capitão que foi desta ilha de S. Miguel, o qual, vendo a pessoa de Gonçalo Moniz e o aparato de servos, criados e ricos vestidos que trazia, lhe rogou que viesse com ele para esta ilha de S. Miguel, onde lhe faria grandes favores e daria largas dadas de terras. E na mesma ilha da Madeira, pariu a mulher de Gonçalo Moniz uma filha, que se chamou Caterina Moniz, de que foi compadre o dito Capitão João Roiz da Câmara, que o trouxe para esta sua ilha e o aposentou na Alagoa, dando-lhe aquela largueza de terras que estão logo saindo da dita Alagoa, partindo com as do Capitão, correndo para Água do Pau, do mar à serra, as quais depois vendeu. E entrou nesta ilha com duas filhas, Isabel Moniz, que trouxe de Castela, de idade de doze anos, e Caterina Moniz, nascida na ilha da Madeira, afilhada do Capitão João Roiz (como tenho dito) que então criava, ficando-lhe em Castela outra filha, Joana Moniz, que deixou casada em Sevilha, muito rica. Pariu a mulher, estando nesta ilha, dois filhos, João Moniz e Afonso Moniz, e outras duas filhas, Águeda Moniz e Maria Moniz. Isabel Moniz, primeira filha, casou com Cristóvão Martins, natural da cidade de Xares (sic) ([168]), em Castela, o qual veio a esta ilha, porque, indo a caçar de noite, de candeio, acendeu-se o lume na semente da grã, fazendo grande perda, de que tinha pena de morte e pela fugir se absentou.

Teve Antão (sic) Martins, João Martins e Gonçalo Moniz; e três filhas, Joana Martins, mulher de João Roiz, da Lomba da Ribeira Grande, e Águeda Moniz, mulher de Sebastião Gonçalves, e Ana Fernandes, mulher de Álvaro Lopes Furtado, morador nos Fanais da Maia.

Caterina Moniz, segunda filha de Gonçalo Moniz, casou com Estevão Fernandes, cavaleiro de África, de que não houve filhos.

Águeda Moniz, terceira filha, casou com Duarte Vaz, da casa do pai de Gaspar de Betancor, que se chamava Mecit Maciot (sic). Teve filhas, Margarida Vaz, casada com João Roiz, pai de Manuel Roiz, vigairo dos Fanais da Maia; e Bárbara Moniz, mulher de Francisco Fernandes Furtado, de que teve filhos: Fernão Gil e Manuel Furtado; e filhas Catarina Moniz, Maria Moniz e Bárbara Moniz.

Maria Moniz, quarta filha de Gonçalo Moniz, casou com Bartolomeu Roiz, cavaleiro da ordem de Santiago, de que teve filhos: André Roiz e Pero Roiz, e muitos descendentes que vivem no lugar de Rabo de Peixe.

João Moniz, filho de Gonçalo Moniz, casou com Catarina Roiz Furtada, filha de Rodrigo Afonso, cavaleiro de África no tempo de el-Rei D. Afonso, natural de Faro, de que teve filhas: Maria Moniz, casada com Adão Lopes, e Mécia Moniz, casada com Diogo Gonçalves, escrivão

dos contos, de que não houve filhos, e Maria Fernandes, que casou com Manuel Roiz, que depois de viúvo foi clérigo de missa em Vila Franca.

Adão Lopes, filho de Álvaro Lopes, houve de sua mulher Maria Moniz os filhos seguintes: João Lopes que casou com Catarina da Costa, filha de Manuel do Porto, de que não houve filhos; o segundo, Francisco Lopes, morador na Lagoa, casou com Catarina Luís, filha de João Lopes, escrivão na cidade da P. Delgada e de sua mulher Cecília Luís, de que teve alguns filhos. O terceiro, o licenciado Cristovão Moniz, sacerdote de grande virtude e humildade, o qual tinha grande devoção e eficácia nas pregações que fazia com grande zelo da salvação das almas, desapegado de todos os cargos, honras e interesses do mundo, enjeitando tudo por puro amor de Deus. Do Bispo D. Pedro de Castilho aceitou a vigairaria da vila de S. Sebastião da ilha Terceira, e depois faleceu, sendo já arcediago do Funchal. O quarto, Manuel Moniz, casou com Isabel da Câmara, filha de Rui Gago da Câmara, e tem as forças, habilidades e condição de seu avô João Moniz e, como ele, nem zombando, nem fora de zombaria, diz mentira; e no cavalgar e amansar cavalos desenfreados tem a mesma arte de seu avô. E ordinariamente todos os desta geração são bons e virtuosos, e de boa e sincera condição. O quinto, Álvaro Lopes Moniz, doutor em leis, opositor de cátedras, que pretendeu na Universidade de Coimbra, por ter grande habilidade, e agora já é catedrático de Estatuta e colegial do Colégio Real de S. Paulo ([169]). A primeira filha de Adão Lopes e de Maria Moniz ([170]) casou com Francisco Cabreira, natural da cidade de Córdova, de que teve nove filhos e duas filhas, um frade de S. Domingos e outro de S. Jerónimo, ambos pregadores. A segunda filha, Hierónima Lopes, casou com Jorge Nunes Botelho, morador no lugar de S. Roque, de que tem filhos: Rui Tavares, que faleceu sendo estudante em cânones em Coimbra, imitando e tendo o assento e prudência de seu pai, e Bartolomeu Botelho; filhas: Isabel Tavares, solteira, e Maria de S. João e Francisca de Cristo, freiras no mosteiro de Vila Franca, e outra ([171]) que casou com Pero de Faria, como tenho dito na geração dos Botelhos, e D. Catarina Botelha ([172]), mulher de Jácome Leite de Vasconcelos, de que houve sete filhos. A terceira filha de Adão Lopes e de Maria Moniz, Andreza Lopes, casou com Gaspar de Braga, filho de Pero de Braga, cidadão da cidade do Porto, de que tem um filho por nome Pero de Braga, como seu avô, de pouca idade e de grandes esperanças pela virtude e boa habilidade que tem. A quarta filha, Catarina Moniz, casou com Manuel da Costa Rodovalho; tem um filho, chamado Manuel da Costa; filhas: Maria da Esperança, freira no mosteiro da Esperança da cidade de Angra, Clara da Costa, Ana da Costa, também freiras, e Beatriz da Costa e Caterina Moniz, ainda solteiras. A quinta filha, Francisca de Cristo, freira no mosteiro da Esperança da cidade da Ponta Delgada, que por ser boa religiosa foi por abadessa para o mosteiro da Esperança da cidade de Angra.

Rodrigo Afonso, sogro do dito João Moniz, teve de dada quinze moios de terra em Rabo de Peixe; era casado com Mécia Gonçalves, de que teve filhos: Afonso Roiz, Pero Roiz Furtado, Rui Gonçalves, Sebastião Roiz; e filhas, Catarina Roiz, mulher de João Moniz, como tenho dito, e Isabel Roiz Furtada, Branca Roiz Furtada, Breatiz Gonçalves Furtada, Mécia Roiz Furtada. Afonso Roiz não casou; Pero Roiz foi para Guiné; Rui Gonçalves e Sebastião Roiz mataram um homem, pelos querer lançar forçosamente da sua dada, e fugiram para África, onde morreram. Isabel Roiz Furtada foi casada com Fernão Gil; houve filhos, Francisco Fernandes Furtado, morador que foi na Ponta Garça, e Inês Fernandes Furtada, mulher de Jorge Afonso. Branca Roiz casou com Fernão Lopes de Frielas; teve filhas: Guiomar de Frielas, que casou com Rui Pires, rico, morador na vila da Lagoa, que é mãe do Padre Pero de Frielas e de Leonel de Frielas; Francisca de Frielas, que casou com Pero Roiz, morador na Água do Pau, de que teve filhos que governam a vila. E Breatiz Gonçalves que casou com Jorge Gonçalves, de alcunha o Mau Clérigo, de que teve filhos, Margarida de Mendonça, Isabel Furtada e Gaspar Furtado.

Mécia Roiz Furtada casou com Nuno Gonçalves, da Graciosa, de que teve um filho por nome Mateus Nunes, casado com Isabel Dornelas, que serviu muito tempo de ouvidor na dita ilha, mui virtuoso, de que tem um filho chamado Sixto Dornelas, e uma filha por nome Antónia Dornelas, que casou com Feliciano de Quadros, de que tem filhos. Teve mais Mécia Roiz, de seu marido Nuno Gonçalves, uma filha por nome Mécia Nunes, que casou com Vicente Anes Bicudo, escrivão na Vila da Ribeira Grande, de que teve um filho Matias Bicudo, e Francisco Bicudo, defunto, e Nuno Bicudo, da casa de D. Diogo de Sousa, que o deu a el-Rei por seu moço fidalgo; e filhas, Isabel Bicuda, casada com Pedralvres Cabral, nobre fidalgo, de que tem muitos filhos de pouca idade; e Hierónima Nunes foi casada com Pedro Afonso Caldeira, de que tem um filho, Jorge Nunes, e uma filha, Isabel Caldeira, que casou com Francisco Taveira,

cavaleiro fidalgo da casa de el-Rei. Teve mais Vicente Anes outro filho, chamado Manuel Bicudo, que faleceu solteiro, e outra filha chamada Guiomar Nunes, que faleceu de pouca idade. Teve mais Mécia Nunes, de seu marido Vicente Anes, uma filha, chamada Breatiz da Conceição, que faleceu moça.

Casou Mécia Roiz, a segunda vez, com Diogo Anes, nesta ilha de S. Miguel, onde veio ter muito rico, depois de viúva, da ilha Graciosa, de que houve estes filhos: Pedro Anes Furtado, clérigo, beneficiado na vila da Ribeira Grande; Manuel Roiz Furtado, que casou com Breatiz Marques, filha de Marcos Afonso e de Inês de Xarez, natural de Xarez da Fronteira, de que houve filhos: Marcos e André, que faleceram meninos e o licenciado Pero Roiz Furtado, casado na cidade de Angra com Gracia Vaz de Sousa, de que não tem filhos, e Mateus Nunes, sacerdote e cura na dita vila, e António Furtado, casado com Breatiz do Canto, filha de Francisco Xodré (sic) ([173]) e de Mécia de Paiva, da governança da Ribeira Grande, de que tem alguns filhos; e Matias Furtado, religioso no mosteiro de Enxobregas, onde faleceu no tempo da peste, e Manuel Roiz Furtado, clérigo de missa. Teve mais a dita Mécia Roiz Furtada, de seu marido Diogo Anes, outro filho chamado João Roiz Furtado, licenciado em leis, que faleceu na cidade de Angra, da ilha Terceira.

Antão Martins, filho de Cristóvão Martins e de Isabel Moniz, casou com Maria Jorge, filha de João Jorge, de Água do Pau, de que houve filhos: André Martins e Cristóvão Martins, e filhas, Isabel Moniz, Catarina Moniz e Margarida Martins, todas beatas, muito virtuosas, que moram na Lagoa, junto das casas de António Lopes de Faria. Outro filho de Cristóvão Martins e de Isabel Moniz, filha de Gonçalo Moniz e de Maria Fernandes Sanches, chamado João Martins, casou com Elvira Marques, viúva ([174]), filha de Marcos Afonso, de que houve um filho e duas filhas, Caterina Moniz, casada com Braz Martins, e Águeda Moniz, casada com Álvaro Lopes da Costa, filho de João Lopes Carneiro.

João Moniz, filho de Gonçalo Moniz e de Maria Fernandes, viveu setenta e três anos sem ser demandado, nem demandar a outrem; foi lavrador de duzentos e cinquenta moios de trigo cada ano, que debulhava com cobra de éguas ferradas, com os feixes alevantados, cada três dias um calcadouro; e semeava andando em cima de uma égua, trazendo um homem que lhe fazia as belgas. E recolhia também cada ano cinquenta moios de cevada, negociando tudo com seus escravos de casa e oito criados, homens de bem, a cada um dos quais dava quatro e cinco moios de trigo, de soldada, e todos vieram a ser honrados e abastados. Era grande domador de cavalos e tinha tão boa mão, que vindo um dia um cão após as suas ovelhas, sabendo-o ele, sendo já de sessenta anos, subiu sobre um ginete, com um arremeção na mão, e correu após o cão, saltando quatro ou cinco paredes, por uns biscoitos, até o alcançar e matar; e quando quis tornar, por ser já muito velho e o cavalo inquieto e alvoroçado, se desceu dele, trazendo-o pelas redes (sic) e abrindo os portais das paredes que tinha saltado. E, como bom cavaleiro, sempre teve dois cavalos na estrebaria, e se havia algum desenfreado nesta ilha, dando-lhe a ele, logo o amansava. Corria em um cavalo, metendo-o pela porta da casa e, pondo a mão na verga da porta, tanta força tinha, que o fazia pôr as ancas no chão. Não sabia ler, nem escrever, e nunca foi testemunha, nem citado, nem demandado, como tenho dito. Era homem tão verdadeiro, que se afirma dele nunca dizer mentira, e como ele falava, ou dizia alguma coisa, a tinham por verdade, dizendo todos: verdade é, que João Moniz o disse. Era tão cru para os escravos que tinha ruins, que indo um escravo seu buscar uma mulher casada, levando de casa um temeroso cão, com que se defendeu do marido dela e de outras pessoas que vinham em sua ajuda, por ser também valente e ferir alguns daqueles que o perseguiam, fazendo este queixume a seu senhor, João Moniz, o tomou e enfreiou com o freio do cavalo, cavalgando sobre ele com as esporas calçadas, ferindo-o pelas ilhargas e dizendo: “ah! besta, como besta te hei-de tratar, pois fizeste obras de besta”; porque como era bom, aborrecia muito as maldades e nunca falava à vontade a seus amigos, senão repreendendo-os àsperamente das taxas e faltas que sentia neles. Contra um, com que às vezes jogava o trunfo, de que ele soube uma falta grave, encontrando-o em casa, tomou um pau e foi após ele, dizendo: ainda vós entrais aqui, que fizestes coisa tão mal feita? E assim o foi enxotando e o outro fugindo dele.

Sua filha, deste João Moniz, que foi casada com Diogo Gonçalves, escrivão dos contos, estando em sua casa com seu sobrinho Cristóvão Moniz, ainda moço pequeno, na cidade da Ponta Delgada, subiu um homem mancebo pela escada, bem tratado, com sua espada e adaga, por uma informação falsa que lhe deram, e disse à dita Mécia Moniz, que tinha em sua casa uma besta sua, para levarem ao moinho, e respondendo ela com muita humildade que

fora mal informado, disse ele, com soberba, que nas lójeas a tinham escondida, e pois lha não queriam dar, se havia de ir a queixar à justiça. Ouvindo ela isto, tomou uma vara de medir, grossa, e deu-lhe na cabeça com ela tal pancada que quebrou a vara pelo meio, e arremetendo logo aos cavides ([175]), tomando deles uma partezana nas mãos, lha pôs nos peitos, dizendo se ele falasse alguma coisa, que ali o havia de espetar, como frangão: "ora ide e ensinar-vos-ão como haveis de falar em semelhantes lugares e com semelhantes pessoas, que vos estou dizendo que não está essa besta em minha casa e vós não me quereis crer e dizeis o contrário".

Álvaro Lopes de Vulcão, ou dos Remédios, por morar junto da ermida de Nossa Senhora dos Remédios, veio a esta terra em tempo de João Roiz, quarto Capitão dela, trazendo da ilha da Madeira um navio carregado de vinhos, por ter muito dinheiro e quando se quis vir, perguntou em que o traria empregado, não sendo mercador; respondendo-lhe que em vinhos, que nesta terra sempre tiveram valia, e empregou neles. Chegado aqui, pediu terras ao Capitão João Roiz da Câmara, que lhe deu todo o Vulcão e terra até ao mar, que se descobrem da casa de Nossa Senhora dos Remédios, onde viveu solteiro, quatro ou cinco anos, com muita prosperidade e serviço de escravos e escravas, e depois casou com Mécia Afonso, filha de Francisqueanes, da Praia de Vila Franca, homem muito rico e honrado e tão devoto, que dizem dele que todas as vezes que entrava no seu granel fazia reverência ao trigo, dizendo aos que lhe perguntavam a razão disso, que sem aquele se não podia celebrar. Teve filhos, Rodrigo Alvres, João Alvres, João Lopes e Adão Lopes; filhas, Eva Lopes, Inês Alvres, Bárbara Lopes, Maria Alvres e outras que faleceram moças.

Rodrigo Álvares casou com Maria de Medeiros, filha de Rui Vaz de Medeiros; teve filhos, Álvaro Lopes, dos Fanais da Maia, Rodrigo Álvares, André de Medeiros.

João Alvres casou com Breatiz da Costa; teve filhos, António da Costa e Maria da Costa, mulher de António Lopes de Faria.

João Lopes casou com Margarida Gil; houve filhos, Braz Afonso, Manuel Lopes, António Lopes e Maria Alvres.

Adão Lopes casou com Maria Moniz; teve os filhos que atrás tenho dito.

Eva Lopes casou com Fernão Vieira; teve filhos, Manuel Vieira, Pero Vieira, António Vieira, e filhas, Luzia Vieira, casada com António Gonçalves dos Poços, Maria Vieira, casada com João Rebelo, Catarina Vieira, casada com Gonçalo Moniz.

Inês Alvres casou com João Roiz; tem filhos: Manuel Roiz, clérigo, vigairo que foi dos Fanais da Maia e António Roiz, Catarina da Ponte, Maria Alvres e Mécia Afonso.

Bárbara Lopes casou com Amador da Costa d'Arruda; tem filhos: Manuel da Costa e Álvaro da Costa, que, sendo ricos, não quiseram casar, e António da Costa que se foi desta terra; e filhas, Catarina de Cristo, Breatiz da Concepção e Francisca dos Anjos, muito boas religiosas no mosteiro de Vila Franca, e Isabel Dias, que casou com António Borges, filho de Baltazar Rebelo e de Guiomar Borges, como disse na geração dos Arrudas.

Álvaro Lopes casou com Ana Fernandes; houve filhos, Manuel de Medeiros, António Moniz, Braz Furtado, Sebastião de Medeiros, Rui Vaz de Medeiros; e filhas, Maria de Medeiros, que foi casada com Pero Barbosa da Silva, Isabel Moniz, casada com António de Faria, discreto e nobre fidalgo, sobrinho de António Lopes de Faria, morador na vila da Lagoa, como já tenho dito.

Quando veio Fr. Afonso de Toledo, grande pregador, de Castela a esta ilha, conhecendo João Moniz ser parente de Egas Moniz, lhe disse que mandasse buscar o seu brasão, mas ele não curou disso por sua humildade.

CAPÍTULO XXI

DOS CARREIROS, FIDALGOS QUE VIERAM A ESTA ILHA, NO TEMPO DO CAPITÃO JOÃO ROIZ DA CÂMARA

No tempo de João Roiz da Câmara, quarto Capitão desta ilha de S. Miguel e único deste nome, veio de Lisboa ao Algarve e do Algarve a ela um Gonçalo Vaz Carreiro, filho de um fidalgo dos Carreiros de Portugal, a que não soube o nome, que no tempo das guerras de Castela guardava muitos soldados, de que tinha cargo, uma porta de Lisboa, e era tão aceito ao Duque de Bragança, que o mesmo Duque ia muitas vezes a sua casa, e seu filho Gonçalo Vaz Carreiro era tão bom cavaleiro, que o Duque lhe mandava os poldros para lhos ensinar, e depois de ensinados lhos tornava; e algumas vezes tomava seus filhos, em cada perna um, e corria a cavalo com eles para lhe tirar o medo, parando o cavalo com os dentes. E sendo solteiro correu uma carreira, onde corriam os cavalos, por ante el-Rei D. João, segundo do nome, estando presentes muitos senhores de título, com tanta graça e desenvoltura que el-Rei pôs os olhos nele, dizendo-lhe: “Gentil-homem, alevantai o gibão”, porque levava o cabeção dele dobrado para baixo. E descavalgando ele muito presto, lhe foi beijar o pé e tornou a cavalgar sem pôr o pé no estribo. Sendo mancebo, fugiu a seu pai em um navio, em que foi roubado dos franceses, e muito maltratado e ferido o deitaram em Tavira do Algarve, onde o agasalhou e curou em sua casa o almoxarife daquela terra, e curado o casou com sua filha Breatiz ([176]) Cabeceiras e depois o mandou a esta ilha por capitão de um navio. Chamava-se nesta ilha, este Gonçalo Vaz Carreiro, Gonçalo Vaz Delgado, não por ser seu apelido, senão por razão de ser homem comprido e seco e haver outros deste nome, como Gonçalo Vaz, o Grande, que era muito grosso, e outro Gonçalo Vaz Andrinho; e o Capitão João Roiz da Câmara lhe mudou primeiro este nome de Carreiro a Delgado, por diferença dos outros que aqui havia. Casou no Algarve (como tenho dito) com uma moça tão fermosa, que se falou em sua fermosura à mesa de el-Rei D. João, e por se casar contra vontade do pai, fidalgo e rico, se veio com conselho do sogro a esta ilha, com um seu navio armado à sua custa; e sendo o Capitão Roiz da Câmara muito satisfeito dele, lhe rogou que quisesse viver aqui, pelo que foi buscar sua mulher, chamada Isabel Cabeceiras, filha de Duarte Cabeceiras, homem principal, dizem que natural de Lagos e almoxarife em Tavira. E trouxe consigo alguns homens honrados, um dos quais foi João do Penedo. E por ser muito aceito ao dito Capitão João Roiz, recebeu dele muitas dadas de terras e tantas que se afirma que renderiam cada ano, neste tempo de agora, mais de dois mil moios de trigo; e se o Capitão lhe dava quanto ele pedia, também ele tornava logo a dar quanto lhe pediam, porque era tão fidalgo e liberal, que até a capa dava, e achando na cadeia algum preso por dívidas, o fazia soltar, pagando por ele. Indo um dia para Vila Franca, encontrou no caminho um pobre que lhe pediu por amor de Deus que trocassem os vestidos, pois era poderoso para tornar a fazer outro, o que ele logo fez de boa vontade; de modo que não tinha coisa própria e liberalmente dava tudo, assim por sua boa condição, como por não fazer caso de viver nesta ilha, senão de se tornar para seu natural; pelo que sendo tão rico e tão liberal nesta terra, faleceu pobre, a respeito do muito que dantes possuía. Um irmão e uma irmã que tinha em Lisboa lhe mandaram pedir os filhos, para lá os dar a el-Rei, e ele, pela muita abundância desta ilha, os não mandou, fazendo pouco caso da privança e da corte, tendo cá tanta valia com o Capitão João Roiz, que muitas vezes jantava e ceava com ele, e o Capitão Rui Gonçalves da Câmara lhe queria também muito, o qual amor lhe fez esquecer o da pátria, donde lhe vinham muitos presentes de seus parentes, ricos, fidalgos e criados de el-Rei, que lá tinha. E hoje em dia há em Lagos alguns, como são os filhos de um Gomes Carreiro, que foi em Lisboa memposteiro-mor dos cativos.

Houve Gonçalo Vaz Carreiro, de sua mulher Isabel Cabeceiras, sete filhos e três filhas. O primeiro filho, Pero Gonçalves, casou com Caterina Jorge, filha de Pero Jorge, da qual houve um só filho, chamado Diogo Vaz Carreiro, discreto e bom cavaleiro, que casou com Breatiz

Roiz Camela, filha de Garcia Rodrigues Camelo, de que houve um filho que faleceu menino; e por não ter herdeiros, fez o mosteiro de Santo André, na cidade da Ponta Delgada, para nele se recolherem suas parentas pobres, com grossa renda que para isso aplicou. Este Pero Gonçalves, filho de Gonçalo Vaz, viveu cento e catorze anos; foi homem muito rico e são, e nunca sentiu trabalho que lhe viesse; não foi sangrado, nem purgado, não entrou em batel, nem em mar; nunca foi a Vila Franca, que é cinco léguas da cidade da Ponta Delgada, onde morava, nem passou da vila da Ribeira Grande para a Maia, Chada ([177]), nem Furnas; não sabia que coisa era autor, nem réu. Fez seus ofícios funerais todos antes que morresse e esteve presente a eles, estando por espaço de tempo na cama sem lhe doer nada, até que expirou. Morreu com todos seus dentes, menos um, e com perfeito juízo, e o que é mais para espantar, sendo de idade de cinquenta anos mudou dois dentes, os quais lhe tiraram e nasceram-lhe logo outros, e depois tinha menos um dente, e dizia que não lhe lembrava quando lhe caíra, e sendo tão velho roía um osso como mancebo. E também mudou os cabelos dos braços, de pretos em brancos, e depois lhe caíram os brancos e nasceram outros pretos, que lhe duraram assim até ao fim de sua vida; sendo sempre muito são e descansado do espírito, grosso na velhice, e muito delgado e ligeiro, sendo mancebo, e desenvolto monteiro e grande fragueiro, de que se presavam os homens, quando esta terra era coberta de mato, pelo que também lhe chamaram Delgado.

O segundo filho de Gonçalo Vaz Carreiro, chamado Gonçalo Vaz, como seu pai, também foi casado com Caterina d'Almeida, filha de Pero Teixeira, meio irmão de Simão Lopes d'Almeida, e viveu outro tanto como seu irmão, ainda que faleceu quase dois anos depois dele.

O terceiro, Duarte Vaz, casado com uma irmã de Vasco de Medeiros e Rafael de Medeiros.

O quarto, Bartolomeu Vaz, pai de Lourenço Vaz casado com Margarida Furtada, filha de Gaspar Rois Ribeiro, da cidade da Ponta Delgada.

O quinto, Diogo Vaz, da Fajã, casado com uma irmã do padre Diogo Fernandes, capelão da Capitoa D. Filipa.

O sexto, Anrique Vaz. O sétimo, João Cabeceiras, que faleceu de setenta anos, menos idade que todos seus irmãos. E tiveram filhos e filhas, que faleceram.

A primeira das três filhas de Gonçalo Vaz Carreiro, chamada Maria Vaz, casou com Álvaro Martins, amo do Capitão Manuel da Câmara, por sua mulher o criar a seu peito. Dela houve três filhas e um filho. À primeira e à segunda chamavam Isabel Cabeceiras e Breatiz Alvres; à terceira não soube o nome, mais que ser chamada a Colaça, que foi muito formosa e faleceu sem casar. O filho, chamado Miguel Martins, por um desgosto que teve do Capitão Rui Gonçalves, pai de Manuel da Câmara, o quisera uma noite matar, estando falando com seu pai Álvaro Martins, e entrando em casa para isso, seu pai apagou as candeias e ficaram às escuras, pelo que se tornou sem fazer o que queria, e se embarcou para as Canárias e lá faleceu.

A segunda filha de Gonçalo Vaz, Breatiz Cabeceiras, casou com Domingos Afonso Pimentel, da freguesia de S. Roque, que foi almoxarife nesta ilha. Dela houve cinco filhos e seis filhas. O primeiro, Gonçalo Vaz; o segundo, Nuno Gonçalves, pai do licenciado Sebastião Pimentel; o terceiro, Manuel Vaz, que faleceu no Cabo Verde; o quarto, António Afonso; o quinto, Lucas de Resendes; todos casados e honrados. A primeira filha de Domingos Afonso, chamada Isabel Cabeceiras, casou com Manuel Dias, filho de Pero Dias Caridade; a segunda, Jordoa de Rezende, casou com o licenciado Bartolomeu de Frias. A terceira, Maria Gonçalves, com Baltazar de Betancor. A quarta, Simoa de Rezende, com o licenciado Luís Leite. A quinta, Marquesa Gonçalves, foi casada com Luís Rebelo.

A terceira filha de Gonçalo Vaz, Isabel Cabeceiras, casou com Bartolomeu Roiz, da Serra, dito assim por nela fazer seu assento, vindo de Viseu a esta terra, em que viveu muito rico, de que houve alguns filhos. O primeiro, Francisco Damora (sic) que casou com Brázia Jácome, filha de Jorge Gonçalves, o Cavaleiro, de que houve filhos e filhas; o segundo, João Roiz Carreiro, casou com Joana Ferreira, filha de António de Braga e de Francisca Feia, de que tem filhos e filhas, e outro filho que faleceu. Teve também oito filhas. A primeira, Maria Cabeceiras, casou com Baltazar Roiz, de Santa Clara, cavaleiro do hábito de Santiago, homem de grande força e valentia. A segunda, Joana Gonçalves, casou com Jorge Gonçalves, cavaleiro também do mesmo hábito e feitor de D. Gilianes da Costa, nesta ilha. A terceira, Maria Roiz, casou com Manuel Vaz, da Ribeirinha, homem honrado e rico, que por cair em pobreza com fianças, se foi

para o Brasil com cinco filhos e três filhas, e dizem que faleceram todos, antes que lá chegassem. A quarta, Antónia Roiz, casou com Afonso de Matos, filho de Fernão do Quental, tão bom judicial que dizem nunca sentença sua se revogar no desembargo. A quinta, Simoa Roiz, casou com Gonçalo Pires, meirinho da Serra. A sexta, Francisca Roiz, casou com Álvaro Lourenço, da Maia. A sétima, Maria Cabeceiras, casou com Fernão do Quental, o Moço, neto de Fernão do Quental, o Velho, e filho de Manuel de Matos e de Isabel Nunes, mulher que foi depois de Baltazar do Amaral, e casou a dita Maria Cabeceiras, segunda vez, com Rui de Sá. A octava, Marta Roiz, ainda que lhe saíam muitos e honrados casamentos, nunca quis casar, vivendo sempre com muito recolhimento e virtude. Esta Isabel Cabeceiras, mulher de Bartolomeu Roiz, da Serra, faleceu de cem anos.

Gonçalo Vaz Carreiro e seus descendentes são da progénia dos Carreiros, do regno de Portugal, fidalgos de cota de armas e têm, em seu brasão, o escudo com o campo de vermelho e uma banda azul e nela um leão de ouro antre dois pinheiros verdes, com as raízes de prata na banda; elmo de prata aberto, guarnido de ouro; paquife de ouro e de vermelho; e por timbre um meio leão de ouro. A razão, dizem ser, porque o pai ou avô do dito Gonçalo Vaz, indo por uma estrada, com seu cavalo e armas, lhe anoiteceu em uma serra, entre uns pinheiros, sobre um dos quais se acolheu, vendo um leão perto, o qual de cima matou às lançadas, vindo-o cometer, depois de lhe matar o cavalo, pelo que el-Rei lhe fez mercê das ditas armas.

CAPÍTULO XXII

DOS REGOS QUE VIERAM DA CIDADE DO PORTO A ESTA ILHA DE S. MIGUEL EM TEMPO DO CAPITÃO JOÃO ROIZ DA CÂMARA, E DOS RODOVALHOS COM QUE SE LIARAM

Os Regos são nobres fidalgos; tiveram sua morada e princípio na cidade do Porto e seu termo, onde pouco tempo há que faleceu uma Isabel do Rego, na terra da Feira, em um lugar seu, que chamam Antai, já muito velha e muito mais honrada. Dois filhos seus andavam na Índia em serviço de el-Rei e duas filhas tinha em casa, uma chamada Lucrécia da Cunha e a outra Isabel da Cunha, cujo marido também andava na Índia. O pai desta Isabel do Rego, senhora de Antai, foi Diogo Fernandes Homem, irmão de Nuno Fernandes Homem, que era avô de D. Rodrigo de Covilhã, filhos de Fernão Homem, casado com uma filha do mestre D. Vasco de Sequeira, que chamavam D. Sancha de Sequeira. Houve também outra fidalga, Leonor do Rego, neta de João do Rego, casada, de cujo marido não soube o nome, mas é certo que os Regos são fidalgos de muito nome. E o conde da Feira é uma das testemunhas na justificação do brasão de sua nobreza.

Gonçalo do Rego, filho de João Vaz do Rego, do tronco desta geração dos Regos, natural e cidadão da cidade do Porto, fidalgo da casa de el-Rei D. Fernando, foi casado, na mesma cidade do Porto, com uma mulher fidalga, chamada Maria Baldaia, da qual houve quatro filhos e duas filhas. Deixando as filhas no Regno, e depois de viúvo, se veio com seus filhos, todos cavaleiros, ricos e abastados, a esta ilha, em tempo que era Capitão dela João Roiz da Câmara, onde casou, segunda vez, com Isabel Pires, viúva, mulher que fora primeiro de Sebastião Gonçalves, filho de Gonçalo Vaz, o Grande. E o primeiro filho do dito Gonçalo do Rego, chamado Gaspar do Rego Baldaia, casou primeira vez com Margarida Pires, filha do dito Sebastião Gonçalves, já defunto, e de Isabel Pires, sua madrasta, da qual houve um filho chamado João do Rego Beliago, que faleceu solteiro na corte, servindo el-Rei, sem ter mais que um filho natural, por nome Gaspar do Rego, que casou com uma filha de Manuel Nunes Botelho, neta de Diogo Nunes Botelho, do lugar de Rosto de Cão, que foi contador nestas ilhas. Lianor Baldaia, uma das duas filhas de Gaspar do Rego e de Margarida Pires, foi casada com Amador d'Alpoem ([178]), do qual se livrou por ser dantes casada a furto com João Roiz Tavares, filho de Rui Tavares, da Ribeira Grande, que faleceu na Índia, em serviço de el-Rei. E a outra, Maria Baldaia, casou com um capitão, chamado António d'Olaia, que veio a esta ilha do Perú, muito rico, e tornando-se para lá a levou consigo, onde faleceu, deixando uma filha, Hierónima d'Olaia, que casou com D. Fernando de Monção que dizem ter a capitania de seu sogro, e rende-lhe sua fazenda, cada ano, doze ou treze mil pesos de ouro.

Casou Gaspar do Rego, filho de Gonçalo do Rego, segunda vez, nesta mesma ilha de S. Miguel, com D. Margarida de Sá, filha de João de Betencor e de sua mulher Guiomar Gonçalves, da qual houve só um filho, chamado Francisco do Rego de Sá, o Grão Capitão, que casou com D. Roquesa, filha de Jorge Nunes Botelho e de Margarida Travassos, da qual não tem filhos. Tem este apelido de Grão Capitão, pelo que agora direi. Em tempo de el-Rei D. Sebastião, por seu mandado, armou o mesmo Francisco do Rego de Sá, para guardar estas ilhas dos corsários, à sua custa, três navios, sc., uma nau vianesa e uma caravela e uma mexeriqueira, com a qual armada tomou uma nau ingresa, que andou com ele às bombardadas; e depois de andar com a dita armada se recolheu, já meado de Junho, por ser chegada a armada de Sua Alteza, para guarda das armadas, e assim andou a armada, que do Reino veio, entre as ilhas de baixo, perto de um mês, no qual ajuntou a maior parte das armadas e quatro naus da Índia, com as quais se partiu para o Regno. E por não faltar mais que uma nau da Índia, deixou o capitão-mor D. Pedro d'Almeida para guarda dela e dos mais navios que viessem de S. Tomé, Brasil e Cabo Verde, dois galeões, S. Lourenço e S. António e duas zabras, a Pompeia e Santa Bárbara. E porque o cargo de Capitão-mor ficava a Cristóvão

Juzarte, fidalgo, natural da Índia e mestiço, se mostraram agravados os outros capitães, não lhe querendo obedecer, e o capitão do galeão S. António se foi logo nas costas da armada para o Regno, ficando os outros três navios, antre os capitães dos quais houve sempre muito desgosto, e assim não acompanhavam os navios, o que foi causa que vindo o dito ano a estas ilhas um navio armado, de cossairos, de França, que saqueou e roubou a ilha de Santa Maria, por ser navio tão grande, que no porto parecia de quatrocentas toneladas, muito alteroso e todo cercado de varanda, quanto dizia à alcáçova, porque defronte do masto ([179]) grande para a proa, todo em redondo, tinha varanda; o qual, encontrando-se com o galeão S. Lourenço, o tomou, por andar só e mal apercebido. Estando o galeão tomado, vieram ter a esta ilha os vianeses que o mesmo ano em Viana fizeram três navios de armada, dos quais não vieram aqui mais que a capitânia e uma zabra, porque a sota capitânia ficara na ilha da Madeira; e porque Francisco do Rego de Sá se queria ir para o Regno, a requerer alguns negócios na corte, fazendo aqui na terra grande gasalhado e recebimento ao capitão-mor dos vianeses, que se chamava Álvaro Roiz de Távora, determinou ir-se em sua companhia na nau que tinha tomada aos ingleses; e indo juntos para a Terceira, em busca da armada que lá ficara, para que todos de companhia se fossem para o Reino, acharam lá o galeão tomado; e por não haver vista da nau, nem do galeão, tomando bem informação da terra e ajuntando-se com as duas zabras que estavam no porto, determinaram de os ir buscar. E porque os vianeses iam de por (sic) si, como armada que era de pessoas particulares, determinaram os capitães dos outros três navios, sc., zabras e a nau de Francisco do Rego de Sá, fazer Capitão-mor, para que outros acudissem a ele; para o que rogaram a Francisco do Rego de Sá o aceitasse, o que ele forçado aceitou e desta maneira partiram todos os cinco navios do porto da Terceira, na volta das ilhas de Baixo, onde andaram quatro ou cinco dias, e no Faial tomaram um navio pequeno, francês, carregado de açúcares; e tornando na volta da Terceira, houveram vista da nau e galeão tomado, os quais andavam no canal que está antre a ilha de S. Jorge e a mesma Terceira, aos quais logo desferiram; e porque o imigo trazia alguma gente no galeão, em que ainda iam cinquenta ou sessenta portugueses, não tendo gente para sustentar tantos navios, mandou passar os franceses do galeão para a nau e uma lancha que trazia, e mandou que a gente portuguesa, que ficava nele, fosse na sua esteira, e a nau fosse logo na volta do mar, com a proa no sul. E por o navio de Francisco do Rego de Sá, que vinha mais ao mar, lhe seguir logo o alcance, com toda a diligência possível, metendo todo o pano e indo-se já chegando ao imigo, ele alijava muitas pipas, quartos, caixas e outras muitas coisas, para que com aquilo se detivesse Francisco do Rego, mas ele não fazendo caso de coisa alguma, mais que segui-lo, chegou a ele e começou tirar alguns tiros de bombardada, para ver se o podia deter até chegarem ou outros navios, por o seu não ser para com ele poder abalroar, por ser muito pequeno; e ainda assim o foi entrando tanto, que de parte a parte houve duas ou três surriadas de arcabuzaria, com que os seus correram muito risco, por estarem debaixo do contrairo e ficarem descobertos. E porque até então o galeão francês não tinha tirado artilharia, sabendo que com alguns tiros de Francisco do Rego lhe tinham feito algum dano, vendo o navio atravessado lhe atirou com um tiro da popa, de quatro que trazia em duas fieiras, com o qual dando-lhe no lume de água, lhe fez um grande rombo, o que foi causa de não poder seguir mais o alcance, pela muita água que fazia. Neste tempo, vendo os do galeão S. Lourenço como o ladrão ia fugindo, e não fazia caso dele, virando as velas, se foram direitos ao porto de Angra, onde surgiram e assim escaparam. Francisco do Rego, vendo que por causa da bombardada não podia seguir o que determinava, arrebentando de cólera e dor, mandou que se tomasse a água o melhor que se pudesse e não deixassem de seguir o alcance, o que se pôs por obra, mas todo aquele dia o não pôde alcançar. Já neste tempo, a zabra Pompeia e a nau dos vianeses iam chegando e vendo o que sucedera a Francisco do Rego de Sá, se apitaram para saber se houvera algum perigo; e tendo tomada a água, como melhor e conforme ao tempo puderam, por ser já sol posto, houveram conselho que em toda a noite o seguissem, porque era isto no mês de Agosto, em que toda lhe fazia luar, e que pela manhã se achassem juntos ao ladrão, de maneira que o abalroassem, a nau vianesa de uma banda e a zabra Pompeia da outra, na qual zabra ia por capitão um criado de el-Rei, por nome Gaspar Pereira, e que os outros navios se chegariam para favorecer, se fosse necessário. Indo com esta determinação, amanhecendo, ficou a zabra Pompeia tão longe do imigo, e tão a gilavento que não puderam fazer o que determinaram; o que vendo o capitão vianês e Francisco do Rego de Sá se meteram às bombardadas com o francês, o qual não curava de mais que de velejar e alongar-se deles. Assim lhe foram todo o dia no alcance, sem a zabra chegar a eles senão de noite; e porque o navio de Francisco do Rego fazia ainda muita água e o ladrão se lhe perdeu de vista naquela noite, estando ao través de S. Miguel, determinaram ir

a terra para consertar o rombo do navio, o que assim foi feito. Estando ele aqui em S. Miguel, chegou a nau S. Lourenço, da Índia, na qual vinha por capitão D. Luís d'Almeida, irmão do Arcebispo de Lisboa, com muita falta de gente, e a que trazia tão doente que sós trinta homens vinham sãos; e porque o provedor João da Silva foi disto avisado, mandou a uma caravela de Sanagá e outra do Cabo Verde, que estavam no porto, que acompanhassem a nau até vir a armada, que cada hora esperavam, a qual também mandou prover de alguma gente da terra. Andando assim a nau, houveram vista da terra do francês que na noite que desapareceu da armada tornou na volta da Terceira buscar o galeão, do que logo foi avisado o provedor João da Silva, o qual, indo-se ao porto com toda a pressa, mandou alevantar todos os navios que estavam surtos, e da terra mandou embarcar muita gente que em barcas socorresse a nau da Índia; o que não pôde ser com tanta brevidade que o ladrão primeiro não chegasse junto da nau, mas como o capitão que nela vinha era muito esforçado, e ela muito grande, não ousou acometê-la. Logo que o corsário foi visto, despachou o provedor um barco ligeiro para esta ilha de S. Miguel, crendo que os navios da armada estariam cá, com uma carta ao capitão-mor Francisco do Rego de Sá, em que lhe contava a necessidade em que ficava posta a nau da Índia, requerendo-lhe da parte de Sua Alteza que, com a brevidade possível, acudisse, pois tanto importava a seu serviço. O ladrão, ainda que não cometeu a nau, andou todo aquele dia sempre em bordos ao redor dela, tão perto que bem pudera embombardear, e neste espaço se proveu a nau de gente, de modo que o não temia; o qual na noite seguinte desapareceu dali, sem mais o verem, ainda que depois, por dez ou doze dias, andaram ali a nau e os navios da armada, que, logo como viram o recado, estando já o navio de Francisco do Rego consertado, se foram acompanhar a nau da Índia, indo também o capitão Álvaro Roiz de Távora com os seus navios. E para a nau se prover, e por o tempo ser contrairo, se detiveram os dias que digo, nos quais o capitão-mor Francisco do Rego de Sá, visitou o capitão da nau, e dando-lhe conta de tudo o que lhe tinha sucedido acerca do galeão S. Lourenço e das brigas que antre os capitães houvera e de sua tomada; pelo que determinava levá-los presos ao Regno para que Sua Alteza, conforme ao debito (sic), os castigasse; o capitão D. Luís d'Almeida lhe disse que nisso faria o que devia ao serviço de el-Rei que lhe parecia bem não o dilatar, por que não fizessem eles outra coisa; o que ele, vindo-se da nau, logo pôs por obra, vindo pelas zabras com algumas pessoas de confiança que trazia no seu barco. Entrando nelas, chamando aos oficiais, convém a saber, mestres, pilotos e escrivães, lhe disse o que determinava, e pondo logo na zabra Santa Bárbara por capitão a Bartolomeu Nogueira, que em sua companhia ia também para o Reino, lhe entregou o capitão Diogo da Silveira, fazendo de sua prisão e entrega os papéis necessários; e mandando aos oficiais que sob pena de serem tredos à Coroa obedecessem ao capitão que lhe dava, o que eles prometeram e aceitaram. O mesmo fez em a Pompeia, pondo por capitão a um criado de el-Rei que nela vinha, cujo nome não soube, entregando-lhe também o capitão, da maneira do outro. E depois de tudo isto feito, provendo da terra o galeão S. Lourenço de mantimentos, indo nele por capitão um Fuão de Távora, morador na Terceira, se foram via do Reino, com tempo sempre contrário, o que foi causa de ser a viagem muito enfadonha e comprida. Indo, pois, em meia travessa, havendo seis dias que eram partidos da Terceira, houveram vista de uma vela grande, a qual vinha na mesma esteira que eles levavam, e depois de serem recebidos com muita festa de artilharia e arcabuzaria, se salvaram uns aos outros, que todos eram conhecidos, que era o galeão S. Francisco, cujo capitão era Miguel de Menezes, o qual vinha para recolher as armadas como capitão-mor, por ser já lá o galeão Santo António, e porque ele vinha falto de mantimentos, por haver já alguns meses que se apartara da armada da costa, da qual fora capitão-mor D. Francisco de Menezes, e por este respeito quis chegar às ilhas, para se prover e recolher alguns navios que ainda faltavam. O Capitão Francisco do Rego de Sá mandou deitar barco fora e se foi ver com ele, onde lhe requereu da parte de Sua Alteza não desacompanhasse a nau da Índia, pois tudo o que aquele ano ficava por recolher das armadas não era alguma coisa em respeito dela, dando-lhe também conta do que tinha feito com os capitães das zavras, entregando-lhe todos os papéis, como a capitão-mor de toda armada; e que, quanto ora a vir mal provida de mantimentos, ele lhe faria serviço de o prover dos que levava, que por ir de sua casa ia muito provido; também da nau da Índia se poderia prover de alguns fardos de arroz para a gente, o que ao capitão D. Miguel de Menezes pareceu bem. E acerca da prisão que fizera o louvou muito, não querendo mudar nada do que ele tinha feito; e os mantimentos que lhe oferecia lhe agradeceu em extremo; e logo lhe mandou uma caixa grande nova, como as costumam fazer nesta ilha, cheia de biscoito branco, muito formoso e muito diferente e avantajado do que se costuma nas tais armadas; mais lhe mandou um cofre de coisas doces e algumas galinhas e queijos de Frandes ([180]) e Alentejo, de que ia bem provido, como sempre

trouxe a sua armada. E desta maneira fizeram sua viagem, que pelos ventos lhe foi muito contrastada. E por a nau da Índia ser muito ruim de vela, descaía tanto com o vento, que era muito escasso, que cada dia amanhecia quatro até cinco léguas através da armada, o que foi causa de porem ainda mais de vinte dias dali a terra; a qual do navio de Francisco do Rego de Sá foi vista, por ir diante, um dia rompendo alva, e logo mandou tirar um tiro, ao que os outros navios em sinal de festa também atiraram, mas como o dia foi crescendo, vieram alguns nevoeiros com que se não viu a terra e o vento era sul. Já neste tempo os navios todos iam faltos de mantimentos e por conselho do capitão-mor, não pretendiam mais que cada um buscar a terra e qualquer porto que tomassem, e porque já iam escorrendo o cabo de S. Vicente, pela costa do Algarve, e o vento ia crescendo, não ousavam cometer a terra; assim andaram ali dois dias, nos quais, indo sempre o vento em crescimento, estando a través das Areias Gordas, havendo muita chuva e nevoeiros grandes, não havia senão dar a través; e os pilotos, por ser o lugar tão perigoso, indo com o prumo na mão sondando, mandando sempre ter ao mar, não podiam tanto com a braveza do vento, que não mostrassem a desconfiança que tinham de se poderem salvar, porque muitas vezes deram em dez, doze braças. E estando o tempo tão obscuro que não viam a terra, era tanto o clamor da gente e chamar por Nosso Senhor e pela Virgem, sua Mãe, que só esse era o remédio que lhe ficava e lhe valeu; e assim, acabados os dois dias da tormenta, se acharam sobre as portas de Calez ([181]), na qual baía entraram, onde se proveram de mantimentos do porto de Santa Maria, de um feitor de Sua Alteza que aí residia, donde depois de estarem ali vinte e dois dias, esperando por tempo, tendo-o bom, partiram para Lisboa. Mas, durou-lhe pouco a bonança, porque vindo através do Algarve, se lhe mudou o vento, sem poder fazer viagem; e porque já nos dias da tormenta, a nau da Índia que ficara atrás e a nau dos vianeses não foi mais vista da armada e conforme ao tempo criam que seria já em Lisboa, por Francisco do Rego de Sá ir enfadado do mar, determinou entrar em Vila Nova de Portimão, e, deixando aí a nau, se foi por terra com algumas pessoas dela, que de sua obrigação e companhia levava, para o que tomou as cavalgaduras necessárias até Alcácer do Sal e dali se foi pelo rio a Setúvel, onde achou os navios da armada, sc., S. Francisco e as zavras (sic); e, perguntando pelos capitães, soube como em chegando os navios, viera ter ali um corregedor de Lisboa, o qual levara presos aos dois capitães das zavras, e isto se fez com tanta brevidade, porque como a nau da Índia e a dos vianeses chegassem primeiro a Lisboa, contou o capitão Álvaro Roiz de Távora a el-Rei o que Francisco do Rego de Sá, por seu serviço, fizera, o que el-Rei lhe agradeceu muito e lho aceitou muito em grande serviço; o que bem mostrou, porque indo depois o mesmo Francisco do Rego de Sá visitá-lo, lhe disse: Sejais muito bem vindo, Francisco do Rego, sois Grão Capitão, pelo qual apelido ele lhe beijou a mão, e depois em todas as provisões de el-Rei lhe punham o mesmo. E os capitães das zavras, depois de estarem presos por alguns dias, publicamente foram condenados, sc., Diogo da Silveira com dez anos de degredo para a ilha do Príncipe, trazido primeiro com uma roca, com pregão, pela Rua Nova, e Gaspar Pereira, capitão de Pompeia, foi degolado no pelourinho da Ribeira de Lisboa. Esta é a causa e origem deste apelido de Grão Capitão de Francisco do Rego de Sá, por lho chamar assim el-Rei D. Sebastião, pelos serviços que naquele tempo lhe fizera.

O segundo filho de Gonçalo do Rego e de Maria Baldaia, chamado Belchior Baldaia, de grandes partes, como adiante direi, casou nesta ilha com Isabel Alvres, filha de João Alvres do Olho, de que houve um filho, João Baldaia e duas filhas, Isabel Baldaia, que casou com Baltazar Raposo, filho de João Fernandes Raposo, e Maria Baldaia que casou com Gaspar de Viveiros, filho de Jerónimo Jorge, que tem agora o morgado de seu pai. Segunda vez casou Belchior Baldaia com Isabel Raposa, de que tem dois filhos, Gaspar Baldaia e Manuel do Rego. O terceiro filho, Jorge do Rego, que faleceu solteiro.

O quarto filho de Gonçalo do Rego e de Maria Baldaia, chamado Gonçalo do Rego, letrado em leis, casou nesta ilha com D. Breatiz, filha de Gaspar Camelo e de Breatiz Jorge, de que houve um filho, Gaspar Camelo, e uma filha, D. Maria.

Houve também Gonçalo do Rego, o Velho, de Isabel Pires, sua segunda mulher, nesta ilha, dois filhos, grandes cavaleiros, e uma filha. O primeiro filho, Manuel do Rego, casou com Maria Herónima, filha de Hierónimo Jorge e de Breatiz de Viveiros, de que, afora seis filhas, houve dois filhos, Gonçalo do Rego e Braz do Rego. Gonçalo do Rego casou, a primeira vez, com Briolanja Manuel, filha de Gonçalo Manuel, e a segunda vez com Isabel de Faria. Braz do Rego casou com Hierónima de Sousa, filha de Nuno de Sousa, da Ribeira Grande.

O segundo filho de Gonçalo do Rego, chamado Aires Pires, casou, a primeira vez, com Breatiz de Sousa, filha de Baltazar Vaz de Sousa e de Leonor Manuel, da Ribeira Grande, de que houve quatro filhos e uma filha: o primeiro, Manuel do Rego, faleceu na Índia em serviço de el-Rei, pelejando; o segundo, Gaspar do Rego de Sousa, homem discreto e de grandes espritos, muito valente de sua pessoa e tão destro nas armas que estando no mês de Julho de mil e quinhentos e setenta e quatro em Lisboa, entrando um dia na escola de esgrima do mestre João de Bovadilha um alemão muito alto de corpo e gentil homem, desafiando toda a escola de espada e adaga, e ferindo a três ou quatro que lhe saíram a esgrimir com ele, de modo que ficou o mestre afrontado, e dando conta disso ao dito Gaspar do Rego de Sousa, dizendo-lhe que o alemão havia de tornar à escola o domingo seguinte, por desafrontar o mestre, o esperou aquele dia Gaspar do Rego de Sousa na escola, e indo a ela o alemão, levando consigo seis ou sete e um moço que era sua língua, para o verem jogar as armas, e entrando, pôs-se no campo a espada e adaga, à qual ele logo arremeteu, e tomando Gaspar do Rego outra espada e adaga, e estando já avisado que o alemão jogava muito rijo e não guardava nenhuma cortesia no jogo, começaram a batalha; atirando-lhe o alemão um altibaixo rijo, Gaspar do Rego se meteu debaixo e amparando-se com a espada lhe deu uma adagada debaixo de um braço, e tornando em outro tempo, lhe deu com a maçã da adaga outra detrás da orelha, de que saiu muito sangue, depois outra na garganta e por fim, outra acima da sobrancelha, fazendo-lhe outra grande ferida de que saiu muito sangue; o que vendo seus companheiros, tomaram espadas brancas e Gaspar do Rego tomou também a sua, já todos alvoraçados para brigarem, mas os que estavam na escola apartaram a briga, maravilhados todos da desenvoltura do dito Gaspar do Rego de Sousa. O qual casou nesta ilha com Catarina Ferreira, filha de Gaspar Ferreira, de que houve uma filha, chamada Breatiz de Santiago, freira professa no mosteiro de Jesus, da vila da Ribeira Grande.

Casou Aires Pires do Rego, segunda vez, com Maria de Medeiros, filha de Manuel Raposo e de Margarida Luís, de que não houve filhos.

A filha de Gonçalo do Rego e de sua segunda mulher Isabel Pires, chamada Ana do Rego, de grande virtude e nobreza, casou com Manuel Pires d'Almada, cavaleiro fidalgo da casa de el-Rei e foi tençada (?) por el-Rei D. João terceiro do nome, do qual teve dezassete filhos, entre machos e fêmeas; oito são mortos e nove vivos, dos quais dois estudaram teologia e dois leis e um cânones; e todos são moços da Câmara de el-Rei, sc., bons letrados, prudentes, discretos e virtuosos, imitando bem a virtude do pai e da mãe. O primeiro filho, chamado Gonçalo do Rego, foi religioso de grande doctrina e muito aprovada virtude e bom pregador na Companhia de Jesus; muitos que o conheceram e sabem de sua vida a exemplo, o têm por santo. E, deixando os mais filhos defuntos, o segundo, Baltazar do Rego Sanches, cavaleiro fidalgo de casa de el-Rei, letrado em leis, foi juiz de fora em Mértola, onde deu boa conta de si em negócios de importância, que lhe aconteceram, tendo o dito cargo; em o tempo da peste de Évora, foi corregedor em Alenquer ([182]). Agora é provedor da fazenda em todo o reino do Algarve, como adiante direi.

O terceiro, Manuel Sanches d'Almada, moço de câmara e capelão de Sua Majestade, é grande letrado e pregador, licenciado em teologia e mestre em artes, e agora vigairo e pregador da igreja de S. Pedro, da cidade da Ponta Delgada. O quarto, Gaspar do Rego Sanches, cavaleiro fidalgo da casa de el-Rei e letrado em leis, juiz em Monção ([183]) donde com muita gente de pé e de cavalo foi o primeiro que de Portugal foi em socorro a Bayona, quando o Draque desembarcou nela.

O quinto, António do Rego d'Almada, letrado em cânones, de muita virtude. O sexto, Hierónimo do Rego, ainda de pouca idade, mas de grandes esperanças.

As filhas, afora as defuntas, Ana do Rego e Maria d'Almada, ainda solteiras, e Isabel da Madre de Deus e Cizília da Encarnação, freiras professas no mosteiro da Esperança da cidade da Ponta Delgada.

Liaram-se os Regos com os Rodovalhos da maneira seguinte: o avô de Lourençaires Rodovalho era natural de França, nobre e rico, o qual vindo em uma nau sua ter a um porto de Portugal, dali foi a Viana, muito mal disposto, onde desembarcando, em Alentejo, foi recolhido em casa de um homem dos principais da vila; e sendo a doença prolongada mandou ir a nau para França, e depois que convalesceu, casou com uma filha do hóspede, em conhecimento do agasalhado recebido; o qual houve de sua mulher uma filha e um filho. A filha, chamada Breatiz Pires, faleceu de noventa anos, sem casar, vivendo sempre muito abastada e com

muita virtude e tanta autoridade, que punha em paz naquela vila a todos os que tinham dúvidas ou discórdias. O filho, Aires Pires Rodovalho, foi de Viana com trato para Guiné e, tornando rico, veio ter muito doente a esta ilha de S. Miguel, onde pousou em casa de um criado de el-Rei, que aqui estava então por almoxarife, que lhe fez muitas honras e mimos, até se achar bem; o qual, sendo casado, tinha em companhia de sua mulher uma moça, muito dama, por nome Guiomar Roiz, a qual foi enjeitada à Rainha D. Leonor, mulher que foi de el-Rei D. Manuel, que ela mandou criar, e depois de criada a trouxe este almoxarife para esta ilha, por ser coisa sua, e a casou com este Aires Pires Rodovalho, depois de convalescido de sua enfermidade, o qual a aceitou por mulher, pelos benefícios recebidos, e viveu nesta ilha muito rico e abastado; possuiu a rua de Valverde até à de Belchior Roiz, escrivão da Câmara, do mar à Serra, e foi homem de grandes espritos e bom judicial. Teve de sua mulher um filho e uma filha ([184]); o filho, chamado Lourençaires Rodovalho, serviu a el-Rei em África, onde foi armado cavaleiro e foi na vila da Ponta Delgada juiz dos órfãos, e muitas vezes do judicial e vreador; cuja mulher era natural do Algarve, chamada Inês Correia, de que houve dois filhos e cinco filhas; o primeiro filho, Aires Pires, faleceu sacerdote de missa; o segundo, Gaspar Correia Rodovalho, que foi depois de seu pai juiz dos órfãos na cidade da Ponta Delgada, e casou a primeira vez com Bertoleza Fernandes, filha de João Lopes, dos Mosteiros ([185]), de que houve filhos e filhas: a mais velha, Inês Correia, casou com Lopo Anes Furtado, filho de António Furtado, e um filho, chamado Gaspar Correia, casou com uma filha de Belchior da Costa, alcaide do mar nesta ilha.

A primeira filha, Ana Lourenço, foi mulher de Rui da Costa, da Fajã, cavaleiro do hábito de Santiago, de que houve estes filhos: Lourençaires, bom cavaleiro, que casou com Branca Roiz, filha de João Roiz Cernando, morador em Rabo de Peixe, e Barão da Costa, que casou com Breatiz Roiz, filha de Pero Dias, da Fajã, e Inês Correia que casou com Bertolameu Roiz de Sousa, filho de Bertolameu Roiz, do Pico da Pedra, e Bartoleza dos Anjos, freira professa no mosteiro de Jesus, da vila da Ribeira Grande, e Manuel da Costa que casou com Catarina Moniz, filha de Adão Lopes e de Maria Moniz, e Clara da Costa, casada com Pero Gonçalves, filho de Francisco Alvres, morador nas Feiteiras, e Gaspar Correia, que casou a primeira vez com Caterina Garcia, e Catarina da Costa e António da Costa, ambos solteiros, afora os falecidos. A segunda filha, Guiomar Roiz, casou com Fernão Gonçalves Bulcão, de que houve filhos e filhas.

A terceira filha de Lourenço Aires Rodovalho, Helena Lourenço, casou com Amador Francisco, cavaleiro do hábito de Santiago, filho de Francisco Dias Caiado e de Tareja (sic) Gonçalves, de que tem filhos e filhas, uma das quais, chamada Maria Caiada, casou com Sebastião Vaz, filho de João Lopes, dos Mosteiros.

A quarta, Isabel Correia, casou com Pero Vaz de Alpoem (sic), filho de Estevão Roiz d'Alpoem de que tem filhos e filhas.

A quinta filha de Lourenço Aires Rodovalho, chamada Maria Rodovalha, casou, primeira vez, com Bartolomeu Nunes, cavaleiro de África, de que houve alguns filhos que faleceram. E segunda vez, com João Álvares de que tem dois filhos, um dos quais casou com uma filha de João Lopes, e outro com a de Nuno de Sousa. A filha, chamada Isabel Pires, casou, primeiro, com Sebastião Gonçalves ([186]), filho de Gonçalo Vaz, o Grande, de que houve uma filha, por nome Margarida Pires, que casou depois com Gaspar do Rego, seu enteado. E segunda vez casou Isabel Pires com Gonçalo do Rego, viúvo, pai do dito Gaspar do Rego e de Manuel do Rego, e de Aires Pires e de Ana do Rego, como atrás tenho dito. Deste modo ficaram liados em parentesco os Regos e Rodovalhos. Desta progénia de Viana procedem também os Barradas.

Casou depois Aires Pires Rodovalho, pai de Lourençaires Rodovalho, com Margarida Mendes, filha de Rui Pires, grande cavaleiro, e de sua mulher Breatiz Coelha, a qual depois de viúva casou depois el-Rei D. Afonso com João Favela, quando veio do extremo de Castela. E este João Favela, vindo a esta ilha com sua mulher Breatiz Coelha trouxe consigo a dita Margarida Mendes, sua enteada, que casou com o dito Aires Pires Rodovalho, sendo viúvo, de que não houve filhos; e falecendo, deixou a ela a maior parte da fazenda que possuía, com as casas da Praça e rua de Mestre Gaspar e a Nova de Santo André, da cidade da Ponta Delgada, e casal e terra junto das casas de Manuel Alvres, e muitos escravos e escravas, o que tudo a dita Margarida Mendes deixou em morgado a Amador da Costa de Arruda, que agora possui seu filho mais velho Manuel da Costa, irmão de Álvaro da Costa, como mais

claramente tenho contado, quando tratei da progénia dos Costas, Arrudas, Favelas, Motas e Portos.

As armas do brasão dos Regos são um escudo com o campo verde e uma banda de prata, e nela três vieiras de ouro perfiladas de azul; elmo de prata aberto, guarnecido de ouro; paquife de ouro e verde, e por diferença uma muleta de ouro; por timbre uma vieira de ouro antre dois penachos verdes.

CAPÍTULO XXIII

DOS HERÓICOS FEITOS E GRANDES SERVIÇOS QUE FEZ À COROA O GRANDE CAPITÃO FRANCISCO DO REGO DE SÁ

Por não dilatar isto para diante, continuarei logo contando os heróicos feitos e grandes serviços que fez à Coroa o Grande Capitão Francisco do Rego de Sá, o qual, sendo mancebo, foi servir a el-Rei no cerco da ilha da Madeira, em companhia do capitão-mor Sebastião de Sá, e por ele capitão-mor lhe requerer na dita ilha que cumpria a serviço de Sua Alteza ir por capitão do galeão S. Dinis, em que fora por capitão D. Francisco de Almeida, por se passar ao galeão S. João, de que fora por capitão Pantaleão de Sá, que ficou na dita ilha, por Sua Alteza o haver assi por seu serviço, ele, Francisco do Rego, vendo quanto importava ao serviço de el-Rei ir no dito galeão, o aceitou. E por partir da dita ilha, que estava roubada e falta de mantimentos, lhe custou três vezes mais do que lhe custara se partira do Reino, e logo se fez prestes em dois dias, com muitos soldados e mantimento, tudo à sua custa, e foi por capitão do dito galeão às ilhas das Canárias e a Cabo Verde até tornar ao Reino. E no caminho lhe faleceu muita gente com os (sic) féberes do Cabo Verde; ele veio muito mal tratado dos ditos (sic) febres, sem receber de Sua Alteza nenhum ordenado, nem mercê.

No ano de sessenta e nove, Sua Alteza houve por seu serviço que ele fosse em companhia do capitão-mor Jorge de Lima, quando veio às ilhas a buscar as naus da Índia, por capitão da nau Nossa Senhora da Guia, para o qual ele se fez prestes de mantimentos e soldados, para o ir servir. E estando para partir, o barão de Alvito, veador da fazenda, lhe disse e escreveu uma carta que mandava Sua Alteza que ficasse para ir a correr a costa, por ter novas de cossairos e se passasse logo para o galeão S. Paulo, que tinha já mantimentos; ao qual se passou, por a dita nau ir para a Malagueta. Na passagem, gastou muito por fazer duas despesas, e depois Sua Alteza lhe mandou outra provisão para que fosse correr a costa por capitão do navio Misericórdia, onde se tornou a passar. E por neste tempo morrerem em Lisboa de peste, Lisuarte Peres de Andrade, provedor dos almazens ([187]), lhe mandou da parte de Sua Alteza desistisse da dita viagem, por a gente fugir do dito mal e nas naus morrerem; e por ele estar ainda esperando o que dele mandava Sua Alteza, D. Martinho Pereira, veador da fazenda, lhe mandou da parte de el-Rei que se podia ir para onde quisesse, pois o tempo não dava lugar para o ir servir e haver três meses que estava esperando mandado de Sua Alteza, em tempo de tanto perigo, e sustentar os soldados que tinha para o servir, tudo à sua custa, no que gastou muito de sua fazenda e se foi para sua casa.

Estando ele nesta ilha de S. Miguel, onde é morador, na força da peste, por lhe parecer que do Reino não podia vir armada às ilhas, por a muita peste que havia em Lisboa e haver falta de gente e Sua Alteza estar longe para socorrer estas necessidades, com o zelo que tinha de o servir, vendo que era chegada uma nau da Índia e nas ilhas não andava armada, ele se foi oferecer à ilha Terceira, trinta léguas, onde morava João da Silva do Canto, que servia de provedor das armadas nas ditas ilhas, com um navio armado à sua custa de mantimentos e artilharia, com oitenta soldados e marinheiros de sobresalente (sic), e comprimento para a dita nau se prover do que houvesse mister. E o dito provedor mandou logo após ele um recado que a seguisse e acompanhasse, dando-lhe regimento do que havia de fazer na derrota, o que ele fez com brevidade e diligência. Chegando à costa, logo escreveu a Sua Alteza e a D. Martinho Pereira da vinda da dita nau e que visse o que mais mandava dele. E Sua Alteza lhe escreveu que logo fosse em busca de D. Francisco de Menezes, capitão-mor, e o acompanhasse e fizesse o que lhe ele mandasse, o que ele fez, e tudo à sua custa, sem receber nada da fazenda de Sua Alteza. E o encontrou e com ele arribou à barra de Lisboa, com tempos contrairos. E estando no rio com a armada, veio nova ao dito capitão-mor que vinham duas naus da Índia de arribada e ele capitão-mor se meteu na caravela de Francisco do Rego e as foram buscar, as quais acharam quinze léguas ao mar e as levaram ao porto; e na vigia que

Francisco do Rego teve na guarda das ditas naus, tomou muito cravo e canela, que se delas tirou escondido, que todo foi entregue a Simão Cabral, em que deu à fazenda muito proveito.

Sua Alteza lhe mandou por uma sua carta que tornasse às ilhas, com mais duas caravelas da armada, e fizesse o que lhe mandasse o dito João da Silva do Canto; e por lhe a ele parecer ser mais serviço de Sua Alteza ir com sua gente embarcada com o dito capitão-mor, por lhe faltar gente, se embarcou com ele com setenta pessoas, sem nenhum soldo, nem mantimentos de Sua Alteza, tudo à sua própria custa.

E porque a dita armada veio ter a esta ilha de S. Miguel, o dito capitão-mor lhe deu licença que ficasse em sua casa, por vir muito mal disposto, onde ficou. E por neste tempo virem novas da ilha da Madeira ao dito capitão-mor de como Jacques Soria, cossairo de França, com sua armada, tinha tomado muitos navios sobre a dita ilha, esperando a armada do governador do Brasil, D. Luís, para com ele pelejar, e ter mais por novas de outros cossairos da Rochela andarem pelo mar roubando e dizerem que havia de ir ter com ele, lhe escreveu uma carta, em que lhe pedia que, com a mais brevidade que pudesse, fizesse prestes um navio armado e a melhor e mais gente que pudesse, porque cumpria assi muito a serviço de Sua Alteza, por as novas que tinha; o que ele logo fez, e em três dias, com muita diligência, se aviou e foi para o dito capitão-mor com um navio de cento e vinte tonéis, com oitenta homens e muitos parentes seus, e o acompanhou até o porto de Lisboa, levando a nau capitânia da Índia. E tudo fez à sua custa, em que gastou muito do seu, porque não tão somente gastou nas ditas viagens, mas também gastou muito na cidade de Lisboa com a gente que tinha, a que dava de comer e todo o necessário para consigo os ter, esperando assi alguns meses, por mandado de el-Rei, com um galeão e um patacho seus, em que o havia de ir servir.

Sua Alteza lhe mandou que se não fosse de Lisboa, que se queria servir dele, pelo que lhe foi necessário mandar uma nau sua às ilhas a buscar-lhe mantimentos e provimento. E estando carregada a dita nau, com o temporal que sucedeu, se fez em pedaços na costa e importava a perda mais de três mil cruzados.

Seu pai, Gaspar do Rego Baldaia, vendo isto, lhe fez logo prestes uma caravela, fornecendo-a de mantimentos, artilharia e muitos soldados, e lha mandou ao Reino, para com ela servir a el-Rei, e, chegando a dita caravela a Nossa Senhora da Guia, na entrada da barra de Lisboa, encontrou um ladrão com que pelejou, e o ladrão a tomou e lhe matou o capitão com vinte e cinco homens; em a qual ia o provedor da fazenda Francisco de Mares ([188]). E Sua Alteza mandou visitar a Francisco do Rego por D. Martinho Pereira, pela dita perda.

No ano de setenta e um, o mandou el-Rei de armada às ilhas, em companhia de João de Mendonça (sic), capitão-mor, e Bernaldim Ribeiro, dizendo-lhe por uma carta fizesse o dito serviço com o seu galeão, à sua custa; e ele o fez e levou as naus da Índia, daquele ano.

No dito ano, lhe tornou Sua Alteza a mandar que fosse com o dito galeão, à sua custa, com Bernaldim Ribeiro Pacheco, a correr a costa do Reino, o que ele fez, e achando-se apartado da armada, com tempo que lhe deu, tomou duas naus ingresas que levou a Lisboa, e foram presos no Limoeiro e entregues a Simão Cabral, por mandado de el-Rei, que lho agradeceu.

O ano de setenta e quatro, vindo Francisco Nobre, por capitão-mor da armada, ter a esta ilha de S. Miguel, a justiça da terra lhe requereu da parte de Sua Alteza fosse tomar umas três naus de cossairos, em que entrava a nau Príncipe, que estavam surtos (sic) daí cinco léguas, fazendo aguada; ao que respondeu que iria, mas com condição que havia Francisco do Rego de fazer uma nau e ir em sua companhia pelejar com os ditos cossairos, porque estava com um galeão muito pequeno e não tinha mais que uma caravela e zabra, em sua companhia. Vendo Francisco do Rego de Sá o que ele, capitão-mor, e a terra lhe pedia, armou logo uma nau à sua custa e gente, e acompanhou ao dito capitão-mor, e todos juntos foram buscar aos cossairos com os quais pelejaram e lhes mataram muita gente.

No ano de setenta e cinco, estando ele, Grão Capitão, nesta ilha de S. Miguel, veio ter aqui Vasco Lourenço Carracão, capitão de uma nau da Índia e pediu ao feitor da dita ilha a provesse de mantimentos e artilharia e gente, porque não pudera tomar a cidade de Angra, sendo a armada de Sua Alteza ida para o Reino, de que era capitão-mor Pero Correia de Lacerda; e por lhe o feitor não dar os homens e artilharia e pólvora e munições, que lhe pedia, ele, Grão Capitão, por entender ser serviço de el-Rei e ver o perigo em que a dita nau estava, por andar só, lhe deu muita gente feita a soldo e parentes seus, à sua custa, com também fazer uma caravela de armada, com que acompanhou a dita nau da Índia até o Reino. E deu à

nau munições, artilharia e pólvora e toda a gente necessária, sem o feitor da dita ilha a nada disto acudir, o que fez com muito gasto e despesa e risco de sua pessoa.

No ano de setenta e seis, estando ele nesta ilha de S. Miguel, el-Rei escreveu uma carta ao doctor Diogo Alvres Cardoso, corregedor da correição destas ilhas, e outra carta a ele, Grão Capitão, que lhe mandou o corregedor a esta ilha de S. Miguel, trinta léguas duma ilha à outra, em a qual lhe mandava se fosse logo ver com o dito corregedor e fizesse tudo o que lhe mandasse da sua parte; e isto com todo segredo e que não o soubesse pessoa nenhuma, e de assi o ele fazer lho agradeceria muito, por cumprir muito a seu serviço, o que vendo ele, fretou logo uma caravela, dizendo que ia em romaria a Nossa Senhora de Guadalupe, à Terceira, e em vindo da romaria se foi ver com o corregedor, a quem deu a carta de el-Rei, e lhe ficou na mão, por Sua Alteza assi o mandar.

O corregedor lhe mostrou outra carta do mesmo Rei, escrita a ele corregedor, em que lhe mandava a lesse a ele, Grão Capitão, e lhe dissesse da sua parte que armasse dois navios para guarda da costa de todalas ilhas, assi dos navios que a elas vêm, como dos que delas partem. E que todos os navios que achasse, franceses e ingreses, parecendo-lhe serem de mau título, metesse no fundo e não desse vida a nenhum, e das fazendas lhe fazia mercê, para ele e sua soldadesca, dizendo mais que desta fazenda não pagasse direitos nas alfândegas; e que se fosse descoberto este segredo por ele, lhe mandaria cortar a cabeça e que não houvesse medo se em algum tempo o mandasse prender nos seus castelos e fortalezas, porque seria parte de o fazer dos grandes homens do seu Regno.

O corregedor assentou com ele, Grão Capitão, vendo os muitos cossairos que andavam nas ilhas, que armasse logo. E tomando uma fermosa caravela que estava no porto de Angra se vieram a esta ilha de S. Miguel, onde logo puseram em ordem a dita armação.

O corregedor lhe mandou dar uma nau que no porto estava, vianesa, foi à fortaleza de que era Capitão D. Rui Gonçalves da Câmara, para lhe dar a artilharia necessária e munições e pólvora, por Sua Alteza assi o mandar, e que disso não houvesse autos púbricos (sic), senão entre eles, corregedor e Grão Capitão, o praticassem e assentassem. O ouvidor do Capitão lhe defendia a artilharia, e lha não queria dar, pelo que o corregedor se ajuntou em Câmara e com os da governança assentaram darem-lhe a artilharia e munições, e pondo bandeira na porta da alfândega da feitoria, a modo de almazém, com muito dinheiro, e tambores tocados pela cidade, com pregões que diziam: quem quiser assentar-se em soldado nesta armada que faz Francisco do Rego de Sá, paga mil reis por mês, vá-se assentar à porta da alfândega, onde está a bandeira e muito dinheiro.

Armados os ditos navios e matalotados e postos em ordem de guerra, se embarcou o corregedor com ele para o pôr na Terceira, donde partiu e se foi na volta do mar, correndo as ilhas todas e fazendo seu ofício de capitão-mor o melhor que sabia e podia; onde andou quatro meses de armada e se encontrou com muitos cossairos com que pelejou, e lhe aconteceram bons sucessos e com uma nau que trazia dezoito remos por banda, de cujo sucesso escreveu a Sua Alteza.

Em todo o tempo que andou de armada, que foi até chegar D. Pedro de Almeida, se não tomou navio, nem roubou, nem fez agravo, porque os amparava com sua armada, trazendo-os aos portos das ilhas, para onde vinham; e como D. Pedro de Almeida, capitão-mor, chegou às ilhas Terceiras, com a sua armada, que eram duas naus e duas caravelas, as que trazia, se foi a ele, oferecendo-lhas para o que fosse necessário ao serviço de el-Rei.

E por o capitão-mor lhe dizer que trazia a armada convalescente e por saber que havia quatro meses que ele, Grão Capitão, andava de armada, em que trazia trezentos homens à sua custa, com os gastos e fretes das naus, lhe pedia se fosse desarmar, o que ele fez.

Estando já desarmado nesta ilha, lhe veio uma carta de el-Rei, em que lhe mandava que se ajuntasse com D. Pedro de Almeida, capitão-mor, com a sua armada, e andasse debaixo de sua bandeira todo o tempo que ele cá andasse, e tirasse a bandeira que trazia e assi fosse ao Reino com sua armada.

E por estar desarmado e a artilharia entregue à fortaleza, a tornou a pedir ao Capitão da dita ilha, a qual lhe não quis dar, de que tirou um estromento (sic), de agravo e se fez prestes em uma nau ingresa que trazia tomada, e com gente e convalescente artilharia da mesma nau se foi à Terceira, com o capitão de Viana que encontrou, onde o corregedor, o doutor Diogo Alvres Cardoso, veio a seu bordo e lhe deu conta como D. Pedro de Almeida era partido e os capitães

que deixara andavam divisos com o seu capitão-mor, e que fora para os prender e os não pudera acolher em termos para isso, e lhe pedia acudisse a isto, porquanto andavam antre as ilhas diferentes.

Ao que ele foi, com o capitão de Viana em sua companhia, e achou as duas zabras, de que era capitão Gaspar Pereira e Diogo da Silveira; para que os mandou vir a seu bordo e lhes perguntou por seu capitão-mor, e eles responderam que não tinham capitão-mor, nem o conheciam; a que ele respondeu: Nem a mim conhecereis por capitão-mor, pois rejeitais a Cristóvão Juzarte Tição, tão bom fidalgo: de ambos de dois vêde qual quereis que seja capitão-mor? Porque eu vos obedecerei, até encontrarmos o nosso capitão-mor. E eles elegeram a ele, Grão Capitão, e o foi.

E com vento sudoeste rijo que lhe deu, foram ter sobre Angra, onde em amanhecendo encontrou o galeão francês Príncipe do Mar, de quinhentas toneladas, com o galeão S. Lourenço, de el-Rei, e uma caravela do Cabo Verde e outra de Sanaguá, o que tudo o cossairo trazia tomado. E as zavras de el-Rei amanheceram dele, Grão Capitão, três léguas detrás da ponta dos Altares, e ele, só, foi após o ladrão, o qual lhe foi largando o galeão de el-Rei, que trazia tomado com as mais caravelas, às quais não tinham ainda feito dano algum; e dando-lhe caça todo o dia, ia alijando o ladrão muitos cofres encourados, pipas, quartos, rumas de balaios, e os batéis e fogão, mas, ele ao ladrão e ambos, andaram às bombardadas toda a tarde daquele dia, matando-lhe o Grão Capitão muita gente e assi à sua lancha, a vista da ilha Terceira; e dando-lhe o ladrão muitas bombardadas, antre elas lhe deu com uma espera ao poio da verga, que se ia a nau ao fundo e dando com ela à banda, lhe botou um coiro, com que piedosamente se sustinha a nau sobre a água e os seus mantimentos e pipas andavam a nado dentro na nau. E assim andou todo dia pelejando, e com uma hora da noite chegou o vianês e as zavras a ele, e todos foram à nau francesa até o outro dia, que amanheceu uma zavra para o sul, outra para o norte, sem o capitão de Viana, nem os mais, fazerem nada; e por se a sua nau ir ao fundo, atirou um tiro de recolher e se virou na volta desta ilha de S. Miguel, por ser a mais perto terra e favorável ao vento, onde botou os rombos das bombardadas e tábuas necessárias à sua nau, por estar mui desroçada.

Nisto lhe vieram cartas do provedor da ilha Terceira, como era chegada a nau da Índia, derradeira, de que era capitão D. Luís de Almeida, que fosse para a acompanhar até o Reino, como fez, e de caminho, por entender ser serviço de el-Rei, prendeu os capitães das zavras e os entregou presos, aos quais Sua Alteza mandou punir, como já tenho contado, e a ele prometeu de fazer grandes mercês.

No ano de setenta e sete, o mandou el-Rei a estas ilhas por capitão do galeão S. Lourenço, em companhia de D. Jorge de Menezes, seu capitão-mor, o qual o mandou ao Reino com duas naus da Índia: em os quais serviços tem gastado mais de quarenta mil cruzados, com muitos trabalhos e riscos de sua pessoa, gastando sua fazenda e mocidade.

Este Grão Capitão Francisco do Rego de Sá, havia tomado a voz de D. António, nesta ilha, o ano de oitenta; em a qual ilha teve provisões para ser governador dela, e depois de proceder nisto, lhe escreveu o dito D. António que o fosse buscar a Aveiro, onde o esperava, o qual fez uma caravela de armada e nela embarcou muitos mantimentos para ir onde lhe mandava e levou em sua companhia cento e vinte espingardeiros, todos homens e a mor parte parentes, levando sua ordem de desembarcação sc., capitão, alferes, sargentos, cabos de esquadra. E foram ter sobre a barra de Buarcos, donde fez seu sinal, como lhe era mandado pelo dito senhor. E por de terra lhe não responderem conforme ao sinal que levava, andou um dia e uma noite esperando se lhe respondiam de terra com o sinal esperado. E por lhe suceder tempo travessia, se foi na volta do mar sobre a barra de Aveiro; tornou ao outro dia, e por se lhe sarrar a barra foi ter sobre os Cavalos do Porto, onde esteve perdido e o mestre e marinheiros despidos, sem camisa, para se botarem ao mar; o que vendo ele, Grão Capitão, mandou fazer fogão e que assassem e comessem todos, que o tempo era próspero, sendo travessia, e mandou ao seu piloto, José Gonçalves, que fosse na volta do mar, o que foram; e ao outro dia, em amanhecendo, se acharam sem vista de terra, como quinze léguas, e mandou governar na volta dela ao nordeste, por o piloto dizer que estava areado, na qual volta vieram tomar o rio de Âncora, que é em Caminha, e já metidos tanto à terra, se acharam em um rio, que é o de Caminha, correndo do rio de Âncora para Caminha aquela costa, onde tiveram grã tormenta, porque contínuo a há nela, mormente aos que nunca por ali passaram, porque nem ele, nem piloto, nem soldado, não se acharam por aquelas partes, onde houveram vista da Însua, que é Galiza, que estava já a este tempo por Sua Majestade, e os soldados castelhanos lhes

capeavam com as capas para a banda onde haviam de lançar o leme, com os quais sinais governavam; dando tão grandes mares no navio que lhes lançava o pedaço do bordo fora, os livrou Deus, até que se puseram antre a Însua e a terra, e logo vieram ao seu navio muitos barcos carregados de gente castelhana, que estava ali de presídio, na dita Însua; e entraram no navio que estava já despejado de cartas e papéis que lhe podiam fazer nojo, e botado ao mar a bandeira, tambor e todo o que podia fazer dano de obrigação de os prenderem. Tinha o Grão Capitão dito a João Roiz, que depois foi escrivão dos órfãos em Vila Franca, que se fizesse mercador do navio, por respeito de vinte moios de trigo que ele levava e de muitas carnes, assi de porco, como de vaca, e dissesse que aquela gente toda eram estudantes que iam para os estudos e outros iam com apelações para o Regno; e que agasalhasse a dita gente castelhana e lhe desse de todo o melhor que havia no navio a comer; e chamasse por ele, Grão Capitão, que andava em trajos de marinheiro, em diferente nome, como que fosse marinheiro, e o mandasse a terra buscar pão fresco, o que fez. E o dito Grão Capitão foi no barco com este nome, com quatro homens; e chegando a terra, que estava com grande concurso de gente em Caminha, esperando para saberem novas, e os sobreditos, tratando de buscar escápula, lhe diziam que era navio que vinha das ilhas carregado de trigo e que os levassem a uma casa de estalagem para remediarem a vida e comerem uns bocados, o que foram levados; e à meia-noite disse ele, Grão Capitão, ao estalajadeiro que lhe buscasse quatro azémalas (sic) que os levassem a Viana, três léguas dali; buscadas, partiram para lá e foram ter com Álvaro Roiz de Távora, capitão que foi da armada vianesa, a tomar língua e conselho do que devia fazer, o qual lhe foi mostrar a casa do Marquês de Sarria, Conde de Lemos, que estava presidente por Sua Majestade naquela parte; e foi ele, Grão Capitão, levado ante ele, em uma manhã bem fria e velosa, mal vestido, pelo que lhe relevava em tal tempo, e pelo dito Conde de Lemos lhe foi perguntado quem era, com pouca ou nenhuma cortesia, parecendo-lhe ser marinheiro, ao que, cheio de cólera, o Grão Capitão lançou mão a uma cadeira de espalda e chegando-a para junto do Conde, lhe foi respondendo: A mim, me chamam o Grão Capitão Francisco do Rego de Sá, sou fidalgo nestes Reinos de Portugal e as coisas do coração de el-Rei D. Sebastião, que Deus tem em glória, e de seu gosto, por mim as mandava fazer. Servi até agora de governador da ilha de S. Miguel por el-Rei D. António, e por entender que não procedia bem e conhecer a Sua Majestade por Rei, direito sucessor dos Reinos de Portugal, e que não podia escapulir ao dito povo e ilha, senão com lhes dizer que queria ir buscar ao dito senhor D. António para saber só dele a verdade, e sabida tornar à ilha a dar-lhes a razão da certa verdade que seria por mim sabida, pedindo-lhes me fizessem prestes uma caravela à custa de minha fazenda, o fizeram debaixo deste juizo; mas o respeito por que o fizera em este modo fôra para vir dar menagem a Sua Majestade e para salvar-me e remediar-me a não perder vida e fazenda; e o que mais estimava e tinha em mor contia eram os muitos serviços que tinha feito à coroa deste Reino. Não foi isto parte para deixar o Conde de Lemos de mandar um juiz comissairo (sic) à caravela, três léguas de distância, a tomar informação do conteúdo; mas enfim lhe foi tomado todo o que foi achado na dita caravela ser seu, sem até hoje lhe ser tornado. E a ele, Grão Capitão, foi mandado pelo Conde de Lemos, sob pena de forca, que não saísse de Viana.

Por culpas que Sua Majestade teve do Conde de Lemos, foi mandado a D. Diogo Anriques, nobre castelhano, que fosse às ditas partes por governador e que o dito Conde de Lemos fosse desposto ([189]) e recolhido a suas terras a Galiza.

O qual D. Diogo Anriques, falando com ele, Grão Capitão, como o ouviu nomear por Sá, lhe perguntou que parentesco tinha com a condessa Délada, D. Isabel de Sá; e por lhe dizer o Grão Capitão que era sua tia, prima com-irmã de sua mãe D. Margarida de Sá, lhe fez muitas honras e lhe deu a ordem para sair daquele trabalho em que estava, com lhe dar cartas para Sua Majestade e para seus secretários de favor, e pela ordem que lhe dera o dito governador, D. Diogo Anriques, comprou um macho e um asno, com que caminhou por arrieiro deles até Coimbra.

Depois de chegado, mandou um homem seu a Tomar, onde estava Sua Majestade, com as cartas que levava de D. Diogo Anriques encaminhando-as ao Conde, camareiro-mor, seu parente, para que as desse a Sua Majestade e a seus secretários a quem iam; e logo lhe foi respondido por D. Cristóvão de Moura e Gabriel de Sayas e D. Diogo de Córdova, estribeiro-mor, por cada um sua carta, em que lhe diziam que fosse seguro e sem temor nenhum, porque Sua Majestade o desejava ver e conhecer. Com o qual recado se foi a Tomar, já limpo e deixados os trajos vis, com que até ali chegara de arrieiro. E D. Diogo de Córdova com o dito conde o levaram a Sua Majestade e ele disse: Senhor, a mim me chamam o Grão Capitão

Francisco do Rego de Sá, que há mais de vinte anos que sirvo à coroa deste Reino, de capitão de galeões e de capitão-mor, trazendo as naus da Índia a Portugal, debaixo de minha bandeira; e fui governador da ilha de S. Miguel, em nome de D. António ([190]) e o alevantei por Rei com uma bandeira na mão; e por entender que Vossa Majestade era o direito sucessor destes Reinos de Portugal e por eu ter um pedaço de fazenda e os meus serviços, que tenho feito, valerem mais que todo, disse ao povo da dita ilha que queria vir em busca do D. António ([191]), por sabermos onde estava com verdade; mas era tudo isto para me poder vir da mesma ilha de S. Miguel, donde era governador eleito, porque se com este engano não viera, não me deixaram vir. Eu também humanamente tinha feito contra o serviço de Vossa Majestade tanto quanto pudera fazer; mas o coração, que tive para servir aos Reis passados e ao senhor D. António, tenho para servir a Vossa Majestade no que me mandar.

Foi-lhe respondido por Sua Majestade: “Doi-vos muchas gracias por ello, y hizistes-lo como mui buen cavallero”. Falai com D. Cristóvão de Moura, que ele vos dirá o que eu quero. Beijou-lhe então as roupas.

Foi ter com D. Cristóvão de Moura e contando-lhe o que tinha passado com Sua Majestade, respondeu-lhe: Vêdes que bom Rei temos, que merecendo-lhe Vossa Mercê cem mil forcas e cuitelos, lhe perdoa suas culpas; sabei conhecer e servir tal Rei; i-vos agasalhar. E tiveram-no quatro anos, sem o deixar vir a sua casa.

Depois de chegado Sua Majestade a Lisboa, lhe mandou fazer mercê por D. Cristóvão de Moura de 200 cruzados, para ajuda de custo, na mão do tesoureiro-mor do Reino, que lhos deu. E por o prenderem, por respeito de ingreses, por certas naus que lhes tomara no mar por mandado de el-Rei D. Sebastião, que está em glória, e por ele se não poder valer nem ajudar das provisões do dito Rei, por respeito de Sua Majestade as mandar pôr em segredo na mão do doutor António da Gama, desembargador, e requererem os ingreses agravados que o prendessem na cadeia, lhe foi necessário fugir da prisão e menagem em que estava em sua pousada, e se foi a Madril, setenta e tantas léguas de Lisboa, a Sua Majestade, a fazer-lhe querela de suas culpas, e contando-lhe como quebrara a menagem, lhe fez mercê de lhe perdoar, o quebrantamento dela, e de cinquenta mil reis de tença, com o hábito de Cristo, que ele já tinha recebido de el-Rei D. Sebastião, até o prover duma comenda de 150$ (?) reis e mil cruzados em um alvitre para a Índia e licença para se servir para esta ilha, onde chegou no ano de oitenta e quatro.

E estando aqui, lhe chegou a cinco do mês de Fevereiro de oitenta e sete um treslado de uma portaria que Sua Majestade mandou passar por Francisco Sarrão, secretairo do Estado de Sua Majestade que assi dizia:

El-Rei, Nosso Senhor, havendo respeito aos serviços que Francisco do Rego de Sá, fidalgo de sua casa e morador na ilha de S. Miguel, tem feitos nas armadas, e gastos que nelas fez, servindo sempre de capitão de naus e navios seus, com gente à sua custa, e no ano de setenta e cinco socorrer com artilharia e soldados a nau S. Mateus que vinha da Índia e a pelejar com uma nau francesa, há por bem de lhe fazer mercê de cinquenta mil reis de tença cada ano, com o hábito de Cristo que já tem; os quais cinquenta mil reis de tença lhe serão pagos no almoxarifado da ilha de S. Miguel, e os haverá até ser provido nas ordens de uma comenda de cento e cinquenta mil reis, estando hábil para ela. E sendo provido da dita comenda, largará os ditos cinquenta mil reis de tença, que começará de vencer de dezasseis de Abril do ano de mil e quinhentos e oitenta e quatro, em que Sua Majestade lhe fez esta mercê, da qual lhe mandou passar esta portaria, havendo outro si respeito à informação que houve de como ele foi à dita ilha, donde não tornou por achar sua fazenda desbaratada e estar pagando suas dívidas e estar muito prestes para o serviço de Sua Majestade. Em Lisboa, aos dez de Dezembro de mil e quinhentos e oitenta e seis.

CAPÍTULO XXIV

DOS SOUSAS QUE VIERAM POVOAR ESTA ILHA NO TEMPO DO CAPITÃO JOÃO RODRIGUES DA CÂMARA

Houve em Portugal um fidalgo, cujo nome não soube, que casou no Paço com Iresa de Sousa, dama da Rainha D. Lianor, natural de Irlanda, donde veio com outra dama da mesma Rainha, de que procedem os filhos de Cristovão Cordeiro e Pedro Alvres Benavides, que foi muitos anos alcaide na cidade da Ponta Delgada; e sucedendo a este fidalgo, marido de Iresa de Sousa, matar um corregedor, estando fazendo audiência, se desterrou do Reino, de Souzel onde morava, para esta ilha, onde primeiro viveu com sua mulher em Vila Franca, depois no Telhal da Lomba da Ribeira Grande, muito rico e abastado. Houveram dois filhos, João de Sousa e Gaspar Vaz de Sousa, os quais mandou seu pai às partes de além, sustentando-os lá muito tempo à sua custa, em serviço de el-Rei; e lá foram armados cavaleiros, em uma entrada que fizeram em um lugar chamado Benahame, onde mataram e cativaram muitos mouros, reinando em Portugal el-Rei D. Manuel.

Gaspar Vaz de Sousa, filho de Iresa de Sousa, a Rainha D. Lianor o mandou levar desta ilha, sendo ainda menino de sete ou oito anos. Criou-se no Paço, até idade de dezoito, e daí foi para Itália, onde andou catorze no exército do Imperador D. Carlos quinto, por seu mestre de campo, ajudando-lhe a haver muitas vitórias de imigos cristãos e mouros, de que mandou a esta ilha três bandeiras para honra de seus parentes, as quais foram entregues a Gaspar de Viveiros, sogro que foi de Francisco de Arruda da Costa, como sabem muitos antigos da cidade da Ponta Delgada. E depois se veio Gaspar Vaz e trouxe ao Reino de Portugal, onde foi criado, a ordem da milícia da guerra, onde dali por diante se começaram a fazer soíças que dantes se não costumavam e ele foi o primeiro que as fez, pelo que el-Rei o fez coronel-mor e neste cargo morreu.

Este Gaspar Vaz de Sousa, e seu irmão João de Sousa, dizem que eram primos, filhos de irmãos, de Martim Afonso de Sousa e de Diogo Lopes de Sousa, abalizados cavaleiros e fidalgos, e a estes pertencem as armas dos Sousas. João de Sousa, irmão deste Gaspar Vaz de Sousa e filho de Iresa de Sousa, casou com Isabel Alvres, mulher nobre, de que houve três filhos, chamados Baltazar de Sousa, Diogo de Sousa e Pero de Sousa, e deixando aparte o mais velho, Baltazar Vaz e Sousa, de que logo direi, seu irmão gémeo, Diogo de Sousa, casou na vila da Ribeira Grande com uma filha de Pedro Afonso ([192]) e irmã de Duarte Pires, o Velho, e de Álvaro Pires, de que houve alguns filhos.

O terceiro filho de João de Sousa, chamado Pero de Sousa, casou na Maia com Violante Lopes, irmã de Simão Lopes, de que houve alguns filhos.

Teve mais João de Sousa de sua mulher Isabel Alvres cinco filhas: — a primeira, Isabel de Sousa, casou com Pedreanes, cavaleiro, antecessor de João Roiz Galego, que morou em Rabo de Peixe, de que teve um filho, chamado Baltazar Vaz, que faleceu no dilúvio de Vila Franca. A segunda casou com Simão de Santarém, escrivão em Vila Franca, em cujo dilúvio também faleceu com os filhos que tinham. A terceira, Catarina de Sousa, casou com Pero Lourenço, o Velho, que viveu na Ribeira Grande, de que houve alguns filhos. A quarta, Violante de Sousa, casou com Gonçalo Anes, que foi alcaide em Vila Franca e faleceu no dilúvio dela. A quinta, Guiomar de Sousa, acabou solteira no mesmo dilúvio.

Baltasar Vaz de Sousa, filho mais velho de João de Sousa e Isabel Alvres, sua mulher, e irmão dos ditos Diogo de Sousa e Pero de Sousa, foi homem de grandes forças, como direi, quando tratar de alguns forçosos que houve nesta ilha; e casou com Lianor Manuel, filha de Manuel Domingues, irmão de Catarina Manuel, mulher de João Afonso, do Faial, e de Simoa Manuel, mulher de António de Freitas, que foi escrivão em Vila Franca, da qual houve três

filhos e seis filhas: — O primeiro filho, chamado João de Sousa, casou com Inês Antunes, filha de António Gonçalves e de Guiomar Francisca, de que houve alguns filhos. O segundo, Gaspar Vaz de Sousa, homem de grande ânimo e força, casou com Margarida Pais, de que não tem filhos.

O terceiro filho de Baltazar Vaz de Sousa, chamado Nuno de Sousa, discreto e esforçado cavaleiro, casou a primeira vez com Caterina de Moura, irmã do padre António de Moura, da Ponta Delgada, de que houve duas filhas: uma chamada Hierónima de Sousa, que casou com Braz do Rego, filho de Manuel do Rego, de que tem alguns filhos. E a outra, Breatiz de Sousa, casada com Baltesar do Monte, filho de João do Monte. Casou Nuno de Sousa, segunda vez, com Francisca de Paiva, filha de Pero de Paiva e de Francisca Ferreira, de que tem alguns filhos e filhas, uma das quais casou com um filho de João Alvres Rodovalho.

Das filhas de Baltazar Vaz de Sousa, a primeira, Isabel Vaz de Sousa, casou com Jordão da Ponte, homem fidalgo, da ilha da Madeira, dos Tavares. A segunda, Breatiz de Sousa, foi casada com Aires Pires do Rego, de que houve um filho, chamado Gaspar do Rego ([193]), de que já disse; e outro, mais velho, muito esforçado, que morreu na Índia, depois de ter conquistado uns povos de gentios, e outro mais moço, chamado Rui de Sousa, grande cavaleiro, que faleceu solteiro; e uma filha, Jerónima do Rego, casada com Bento Dias, bom soldado, do hábito de Santiago. A terceira, D. Simoa, casou com Henrique de Betancor da Câmara, fidalgo, de que houve os filhos que direi quando tratar dos Capitães desta ilha, de que ele é muito chegado parente. Outras três filhas de Baltasar Vaz de Sousa foram freiras professas.

Em Setembro do ano de mil e quatrocentos e noventa e nove chegou Vasco da Gama da Índia a Portugal e pelo novo descobrimento daquelas partes, que ele fez, acrescentou el-Rei D. Manuel a seus títulos outros muito famosos, como são — Senhor da Conquista, Navegação e Comércio de Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia.

Vendo este Rei a grande mercê que Deus lhe fizera em descobrir a Índia, para assentar nela feitoria e pregação da Lei Evangélica e reformação dos cristãos que lá houvesse, e para trazer em conhecimento dela os gentios, mandou todo o necessário em uma grossa armada e dez naus e três navios redondos, de que ia por capitão-mor um fidalgo, chamado Pedralvres Cabral. E partindo de Belém a nove dias do mês de Março de mil e quinhentos, aos catorze de Março houve vista das Canárias e aos vinte e dois passou pela ilha de Santiago, e aos vinte e quatro de Abril, que foi derradeira octava de Páscoa, foi vista terra que era costa oposta à de África e demorava a loeste; e reconhecida pelo mestre da capitânia que lá foi, mandou Pedralvres surgir em um porto que por ser bom lhe pôs nome Porto Seguro, e viram os portugueses que era aquela terra muito viçosa de arvoredo e fresca, com muitas águas e abastada de muitos mantimentos e de muito algodão. Pedralvres meteu ali um padrão de pedra com uma cruz e por isso lhe pôs nome Terra de Santa Cruz e depois se perdeu este nome e lhe ficou o do Brasil, por razão do pau brasil. Desta terra, mandou Pedralvres logo cartas a el-Rei, por um Gaspar de Lemos, em uma sua caravela, como se conta no primeiro livro da Índia, que fez Fernão Lopes de Castanheda, no capítulo trinta e um.

El-Rei D. João, de Boa Memória, terceiro do nome, depois de dar na costa do Brasil a Jorge de Figueiredo uma capitania de cinquenta léguas de terra, fez mercê de juro de outras tantas léguas a Pero do Campo Tourinho. E mandando el-Rei a Baltazar Vaz de Sousa, desta ilha de S. Miguel, que o fosse servir na terra do Brasil, se foi ter à capitania deste capitão Pero do Campo, com outras pessoas desta terra. E um dia, estando ele e um João Fernandes Lordelo, também daqui natural, e outras cinco ou seis pessoas, em Porto Seguro, que é da dita capitania de Pero do Campo, e vendo o Lordelo que estavam ao longo da praia quinze ou dezasseis brasis, quietos, sem fazerem mal a ninguém, disse a Baltazar Vaz: — estes perros me têm mexericado com o Capitão, que eu ando dizendo que lhe hei-de pôr fogo à casa; agora mo hão-de pagar. Respondeu-lhe Baltazar Vaz, como era valente homem: — tendes razão de o sentir muito; enxotemo-los daqui. E logo o Lordelo lhe fez um tiro com uma besta, que passou um brasil de banda a banda. Vendo eles isto, deram um grande grito por sua língua, a que acudiram trezentos brasis e fizeram tiro, e como eram muitos e os portugueses sete ou oito, fugiram todos; e Baltazar Vaz, com uma adarga e uma lança na mão, fez o campo a alguns; porém era tudo nada para com eles, porque ali foram tantas as frechas sobre ele, passando-o de parte a parte, que caiu morto, encostado a elas; e um seu parente, que era muito valente homem, vendo-o morto, lhe resistiu tanto com tiros de besta e lança, que feriu dois ou três, e matando um, morreu também ele, todo frechado; e o Lordelo foi ferido em uma

perna. E como ele não estava benquisto na terra e tinha dito que havia de pôr o fogo à casa do capitão, sucedeu assim, que se acendeu em a casa do dito capitão, onde se perdeu muita fazenda, sem se saber donde se causara. Entenderam que por o que tinha dito o Lordelo, ele o pusera; o qual, sabendo que punham boca nele, se acolheu para a Baía de Todos os Santos e lá foi preso e esquartejado por mandado do capitão, por se provar mandar pôr o fogo a sua casa. E desta maneira acabaram estes dois naturais desta terra, na do Brasil e tão longe da sua. Suas armas são as dos Sousas do Regno.

CAPÍTULO XXV

DOS ROCHAS, MACHADOS E PAIVAS, QUE VIERAM A ESTA ILHA NO TEMPO DO CAPITÃO JOÃO RODRIGUES DA CÂMARA

Pero Esteves Rocha e Machado, natural de Viana, não a de Alvito, pai de Afonso Anes Rocha, veio ter à ilha da Madeira e dali a esta ilha, por fazer lá um certo homízio de morte. Fez seu assento na Praia, junto de Vila Franca, onde tinha duas Lombas suas, que houve de dadas, em que fez muita fazenda com que viveu rico e abastado, e teve grande casa e muita família.

Do dito Pero Esteves Machado e Rocha nasceu Afonso Anes Rocha e outro que foi para a ilha Terceira, pai de Gaspar Gonçalves, o grande Machado, que era avô de Frei Manuel Cardoso, guardião que foi muitas vezes nestas ilhas, e de Gaspar Gonçalves Dutra e Machado, e outros homens de sorte e nome na Vila da Praia e S. Sebastião, na ilha Terceira. Do dito Pero Esteves Rocha descendeu outro filho que foi para a ilha de Santa Maria, donde são os Fontes e a mulher do Capitão Velho, a derradeira neta da Maia; por onde D. Luís de Figueiredo de Lemos, agora Bispo do Funchal, também tem parentesco com os Rochas Machados, na ilha de Santa Maria.

E nesta ilha, de Pero Esteves Machado e Rocha descendem a mulher de Jorge Furtado, e a mãe de Diogo Vaz Carreiro, e a mulher de Gaspar Pires, de Água do Pau, sogro de Miguel Lopes e de Amador Coelho, e a mãe de Manuel Vaz e Adão Vaz, clérigos, e a mãe dos Quentaes, da cidade da Ponta Delgada.

Afonseanes Rocha e Machado teve muitos netos: — Duarte Pires, e Álvaro Pires, e Adão Lopes, pai de Cristóvão Moniz, e a mulher de Amador da Costa, e João Alvres, sogro de António Lopes de Faria, e a mãe de Manuel Roiz, vigairo dos Reis Magos, e a mulher de Gaspar do Monte, e a de Manuel da Costa e de Diogo de Sousa, e a de João Gonçalves Caldeira (como logo direi) e Brás Afonso da Praia, e André Afonso, pai que foi das duas abadessas que foram no mosteiro da Esperança, da cidade da Ponta Delgada. E desta geração procedeu a família dos da Praia e outras muitas.

Afonseanes Rocha Machado, filho de Pero Esteves Machado e Rocha, teve um filho chamado Pedro Afonso Rocha, o qual casou com Margarida Afonso, de que houve dois filhos e quatro filhas. O mais velho dos filhos, chamado Duarte Pires da Rocha, casou com Ana Fernandes, filha de Fernãdafonso de Paiva, de que houve filhos: Francisco Pires da Rocha, homem antigo, curioso e muito prudente, que serviu de juiz e vreador muitas vezes, na vila da Ribeira Grande, casado com Ana Tavares, filha de Henrique Tavares, de que tem nobres filhos e filhas; vive à lei de nobreza e tem grande família; um seu filho, António da Rocha e outro, Manuel da Rocha, estão em casa, ambos solteiros; tem duas filhas, Apolónia Tavares, casada com Gabriel Pinheiro, nobre e rico mercador, e Ana Fernandes, por casar. O segundo filho de Duarte Pires, chamado Sebastião Pires de Paiva, é falecido, de que ficaram nobres filhos, de duas ou três mulheres com que casou. E o mesmo tem Estevão Pires da Rocha, seu irmão, de duas mulheres com que foi casado. Teve mais Duarte Pires a Simão Pires, mui valente homem e bom judicial, que casou com Breatiz Furtada, da Graciosa. Casou Duarte Pires da Rocha, segunda vez, com uma nobre mulher ([194]), de que houve a Duarte Pires Furtado, bom cavaleiro e valente homem, casado com Paulina Tavares, filha de João Fernandes e de Maria Barradas, e a mulher de Manuel Garcia ([195]).

O segundo filho de Pedro Afonso se chamou Álvaro Pires, teve filhos, João Roiz e Manuel Roiz da Rocha, que viveu na Lomba da Ribeira Seca, e uma filha que casou com João Roiz, do Pico da Pedra, chamada Inês Alvres de que tem filhos e filhas.

Das filhas de Pero Afonso, a mais velha se chamou Maria Afonso, casou com Diogo de Sousa, irmão de Baltasar Vaz. Teve filhos, Gaspar de Sousa, bom cavaleiro, músico e discreto, pai de Simão de Sousa e Amador de Monte; e uma filha, chamada Guiomar de Sousa, muito discreta, que foi casada com Manuel Vaz, da Ribeirinha; outra ([196]) com Cristovão Pires. A segunda filha de Pero Afonso se chamou Breatiz Pires; foi casada com João Gonçalves Caldeira, natural da cidade do Porto, homem honrado, e houveram filhos, Belchior Gonçalves, que foi casado com Maria Mendes, irmã dos Amaraes, e a Pero Afonso Caldeira, casado com uma filha de Vicente Anes Bicudo ([197]); e filhas, Maria Gonçalves, mulher de Belchior do Amaral. A terceira filha de Pero Afonso se chamou Isabel Pires, mulher que foi de Gaspar do Monte e teve estes filhos: Gaspar do Monte, falecido; e João do Monte que casou com Isabel Tavares, filha de Baltesar Tavares; e filhas: Isabel do Monte, mulher de Martim de Albernaz, de que teve filhos e filhas; e Suzana do Monte, sogra de Adão da Silva e de Baltesar do Amaral; o marido se chamou Pedreãnes, rico mercador, foi juiz e vreador na vila da Ribeira Grande muitas vezes. E teve outros filhos machos e outra filha que foi casada com Diogo de Morim, de que não teve filhos; e outra casada com Francisco Soares, tabelião, de que tem nobres filhos. E também houveram Baltesar do Monte, vigairo que foi no lugar de Santo António e agora na Fajã, termo da cidade da Ponta Delgada.

A derradeira filha se chamou Ana Afonso, mulher que foi de Manuel da Costa, já defunto.

Fernão Dafonso de Paiva, cujo nome verdadeiro foi Fernão de Paiva, era natural da Bouzela, termo de Viseu. Veio a esta ilha no tempo do Capitão João Roiz da Câmara; tinha em sua terra um irmão, chamado Pero de Paiva, em cuja casa estava, por ser mancebo e órfão de pai e mãe, e seu irmão Pero de Paiva ser rico e honrado. Um fidalgo de nome, seu vizinho, ia muitas vezes à caça ao campo e depois de se enfadar, ia-se a tomar cabritos ou cordeiros, por muitas vezes, do gado de Pero de Paiva, cujo irmão, Fernão Dafonso de Paiva, tinha já com ele passado palavras sobre isso; e vendo que o fidalgo não deixava seu uso de rapina, cavalgando um dia em um cavalo do irmão, foi ter entre as cabras e ovelhas com o fidalgo, e vindo a brigar ambos, lhe atirou Fernão de Paiva, do cavalo, com uma azagaia, ferindo-o tão mal, que daí a três dias faleceu; então se passou à ilha da Madeira, bem provido do necessário, aonde lhe mandou o irmão, Pero de Paiva, mais provimento de dinheiro; e na ilha da Madeira casou com Breatiz Pires Delgada, irmã de Pero Delgado, parenta dos Delgados da Ponta do Sol e do Caniço. E por respeito da morte do fidalgo, mudou Fernão de Paiva o nome, chamando-se Fernão Dafonso somente, sendo dos Paivas; e seu irmão, Pero de Paiva, está sepultado na cidade de Viseu. Estando assim Fernão Dafonso casado na ilha da Madeira, por causa de um criado que trouxe consigo e tornou a mandar a sua terra, que deu novas aonde ele ficava, foi sentido e perseguido pelos parentes do morto, que de lá mandaram as culpas que tinha, e então se passou a esta ilha e se veio morar no lugar da Ribeira Grande, por não vir ter a ele navegação e ser aldeia e sertão e estar nele mais encoberto; onde houve uma dada pegada com o dito lugar, cuja largura começava donde está a casa do Espírito Santo, indo para cima até às casas de Henrique de Betancor, endireitando à Ribeira Grande, e daí, indo pelos chãos de Lopo Dias Homem, correndo por junto do pé do Monte de Trigo, e chegava ao assento de Rui Gago da Câmara, onde vivia Manuel Vaz, e daí descia para o mar e ia ter ao assento de Pero Dias, da Chada ([198]), pelo que eram muitos moios de terra; e no Morro, além donde vive Francisco Tavares , teve nove moios de terra, que mercou com dinheiro que trouxe, os quais vendeu depois e comprou outra fazenda, além do lugar de Santo António, onde agora têm ainda alguns herdeiros sua parte.

Teve este Fernão Dafonso quatro filhos e seis filhas. O primeiro filho, chamado João Fernandes Paiva, morou na vila da Ribeira Grande, onde foi escrivão; casou com Caterina do Monte, de que houve uma filha, chamada Breatiz do Monte, que casou com Gaspar de Sousa, filho de Diogo de Sousa, de que houve três filhos: Simão de Sousa, Manuel de Sousa, e Amador do Monte. Havia então uma Francisca Pires, viúva, que fora casada com Gaspar Lopes, de que houve um filho, por nome Lopo Dias Homem, cavaleiro do hábito de Santiago, que casou com Leonor Carvalha, colaça do Conde de Vila Franca. E era esta Francisca Pires natural de Viseu, irmã ou parenta mui chegada, (segundo alguns dizem) daquele grande e afamado cavaleiro João Homem. Com ela casou, depois de viúva, João Fernandes, de que houve cinco filhos e três filhas. O primeiro, Pero de Paiva, escrivão na mesma vila e muito bom cavaleiro, que casou duas vezes e tem nobres filhos e filhas; da primeira mulher, chamada Francisca Ferreira, filha de João de Braga, irmã de Pero de Braga, pai de Gaspar de Braga, houve Manuel de Paiva que casou com Suzana Pacheca, e dois que andam na Índia em serviço de el-Rei, Custódio de Paiva e Ascêncio de Paiva; e outro filho, chamado Fr. Salvador,

bom religioso e letrado no convento de Tomar, e três filhas, a primeira, chamada Francisca de Paiva, casou com Nuno de Sousa, um dos capitães das ordenanças da vila da Ribeira Grande, a segunda, Maria Ferreira, casou com Ciprião da Ponte, alferes que foi da bandeira de seu sogro, Pero de Paiva, a outra é ainda de pouca idade. Casou segunda vez Pero de Paiva com Antónia Fernandes, da cidade da Ponta Delgada, de que tem algumas filhas meninas. O segundo filho de João Fernandes, Manuel Fernandes, casou com Isabel Brandoa, filha de Diogo Martins Marques. O terceiro, Gaspar Fernandes, casou com uma filha de João Lopes Passo-largo. O quarto, Baltesar de Paiva, dantes vigairo na ilha de Santa Maria e agora na vila do Nordeste. O quinto, Belchior Homem, que anda na Índia de Castela, onde está casado e rico. A primeira filha, Maria de Paiva, foi casada com Pero Tavares, filho de Rui Tavares, por cujo falecimento casou com o licenciado Sebastião Velho Cabral. A segunda Margarida de Paiva, casou com Duarte Privado, sargento-mor da milícia e juiz dos órfãos na vila da Ribeira Grande, de que tem cinco filhos nobres e discretos, criados do Conde de Vila Franca, D. Rui Gonçalves da Câmara, Capitão desta ilha, dois casados e três solteiros, e duas filhas, uma chamada Lianor de Paiva, que casou com Duarte Tavares, e outra, Maria de Paiva, casada com António Ribeiro, filho de Lourenço Vaz, da cidade. A terceira filha de João Fernandes de Paiva, chamada Catarina de Paiva, faleceu moça; e as mais que disse têm nobres filhos e filhas.

Outro filho de Fernão Dafonso de Paiva, chamado Diogo Fernandes, foi escrivão da Igreja e casou com Mécia Cansada, de que houve filhos: Gaspar Cansado, sacerdote, beneficiado que foi na igreja de S. Pedro da cidade, e agora cura de Santa Clara. E António Cansado, genro de André Travassos. E Miguel de Paiva que casou na Água de Alto. E outros dois filhos que faleceram na Índia de Portugal. E filhas: Caterina Cansada, que casou com António da Costa, filho de Sebastião de Albernaz, fidalgo; e outra filha, chamada Lianor de Paiva, mulher que foi de Pedro Afonso da Costa, muito nobre e discreto, que foi morador no Nordeste. Os outros dois filhos de Fernão Dafonso de Paiva não houveram filhos, por não casarem.

Das seis filhas, a mais velha se chamou Guiomar Fernandes e casou duas vezes, a primeira com Vultão Vaz, irmão de Pero Vaz, lealdador-mor primero dos pastéis que foi nesta ilha, do qual houve Manuel Vaz, que viveu na Ribeirinha, e uma filha, por nome Breatiz Vultoa. E do segundo marido, chamado João de Albernaz, fidalgo, natural da ilha do Faial, parente de Pero Roiz da Câmara, houve a Martim de Albernaz, que casou com Isabel do Monte. E outras que faleceram, uma das quais, chamada Aldonça de Albernaz, foi casada com um irmão de João Ledo, de Santo António.

Outra filha se chamou Caterina Fernandes, mulher que foi de Joanne Anes Colombreiro, primo com-irmão da mulher de Luís Gago; houve filhos, Baltesar Jaques, Gaspar Pires e Fernão de Anes. E filhas, uma que casou com João Lourenço, de Nordeste, e outra, chamada Breatiz Delgada, que foi casada com Lopo Dias Homem e faleceu sem filhos.

A terceira se chamou Helena Fernandes, foi casada com Pero Vaz, lealdador; teve filhos: Belchior Vaz, clérigo, e Pero Vaz, sogro de António de Aveiro; filhas, Maria Vaz que casou com Gonçalo Velho, e vive em Almada, e Isabel Vaz, mulher de Luís Tavares.

A quarta filha se chamou Margarida Fernandes e casou com Vasco Afonso, de que houve um filho, chamado João Gonçalves, pai de Nicolau de Paiva, e uma filha, Mécia de Paiva, mulher que foi de Francisco Sodré.

A quinta filha se chamou Ana Fernandes, casou com Duarte Pires da Rocha, de que houve os filhos que já disse, que todos têm nobres filhos.

A derradeira filha, chamada Francisca Fernandes, casou com João Ferreira, do qual houve filhos: Gaspar Ferreira, que mataram os mouros em Arzila, sendo atalaia. E outra filha, que casou com João Ferreira, de que houve um filho chamado Sebastião Ferreira, que agora é benemérito vigairo da igreja principal de S. Sebastião, da cidade da Ponta Delgada, cujo pai, depois que lhe faleceu a mulher, residiu em Arzila, em serviço de el-Rei. Têm estas progénias as armas dos Rochas, Machados e Paivas, do Regno.

CAPÍTULO XXVI

DOS COSTAS DESTA ILHA DE S. MIGUEL QUE POVOARAM NA MAIA E BANDA DO NORTE

Houve em Portugal (dizem que em Viseu) um fidalgo, chamado João Fernandes da Costa, irmão de D. João da Costa, Bispo de Lamego e prior de Coimbra, o qual João Fernandes da Costa teve um filho, Diogo Fernandes Homem, que foi casado com Filipa Nunes Homem, filha de Nuno Gonçalves que foi senhor da Lageosa e de Paços e de Sergueiros. Em tempo do quarto Capitão João Roiz da Câmara, veio a esta ilha Luís Fernandes da Costa, seu neto, natural do bispado de Viseu, e primeiro foi ter à ilha da Madeira, onde casou com Isabel Dias, natural da mesma ilha, mulher honrada e principal da terra; e dela veio para a Vila da Praia da ilha Terceira, onde serviu alguns anos de ouvidor do Capitão, e pelo conhecimento que tinha dele, que era homem fidalgo e ali achou parentes, também fidalgos, como eram Pedro Homem da Costa e outros, por cujo respeito foi aí ter, donde se veio depois, com sua mulher, para esta ilha de S. Miguel e o Capitão lhe deu uma grossa fazenda na Maia, que chamam as Lombas dos Costas, por eles morarem nelas e serem suas. Houve Luís Fernandes da Costa, de sua mulher Isabel Dias, os filhos seguintes: o primeiro, Diogo Fernandes Homem, que casou com Inês de Albernaz, fidalga, filha de João de Albernaz, da qual houve um filho, chamado Diogo Fernandes Homem, que casou duas vezes, uma com uma filha de Simão Lopes ([199]), da Maia, da qual houve alguns filhos; e outra vez com uma filha de Gonçalo Dias ([200]), de Porto Formoso, de que também houve alguns filhos.

Teve mais o dito Luís Fernandes da Costa, de sua mulher Isabel Dias, o segundo filho, chamado Luís Fernandes da Costa, que casou com Isabel Furtada, fidalga, filha de João de Albernaz, irmão de Inês de Albernaz, mulher de Diogo Fernandes, natural da Graciosa, da qual houve três filhos: o primeiro, chamado João Homem da Costa, que casou na vila do Nordeste com uma filha de Pero Afonso Barriga ([201]), de que houve alguns filhos; e o segundo, Amador Furtado, que foi primeiro vigairo do Faial, termo de Vila Franca, e depois vigairo da Maia, onde faleceu. O terceiro filho de Luís Fernandes da Costa, por nome Clemente Furtado, casou nos Fanais da Maia com uma filha de Manuel Vieira, e depois, segunda vez, com uma filha de Belchior Vaz Fagundo ([202]), de Água do Pau; e depois casou a terceira vez com Guiomar Alvres, filha de André Martins e de Ana Pires, da Ribeirinha. Teve mais Luís Fernandes da Costa, filho de Luís Fernandes da Costa, duas filhas, uma chamada Maria da Costa, que casou com Estevão Pires, filho de Duarte Pires, da Lomba, termo da vila da Ribeira Grande, de que houve alguns filhos; e outra, chamada Catarina da Costa, que casou com João de Medeiros, filho de João da Mota, de Vila Franca, e de Breatiz de Medeiros, filha de Lopo Anes de Araújo, de que houve muitos filhos. Teve mais o dito Luís Fernandes, filho de Luís Fernandes, uma filha freira, que faleceu no mosteiro da Esperança da cidade da Ponta Delgada.

Teve também Luís Fernandes da Costa, pai de Luís Fernandes da Costa, o terceiro filho, por nome Manuel da Costa, que fez a ermida da Madre de Deus, junto de sua casa, morador na Lomba, termo da Ribeira Grande, e casou com Ana Afonso, filha de Pedro Afonso, da Lomba, irmão de Duarte Pires, o Velho, e de Álvaro Pires, de que houve um filho, chamado António da Costa, que casou muito rico em Sevilha com uma filha do capitão Cardoso, que tinha uma capitania no Perú, e de sua mulher, da geração dos Covilhãos e Almeidas, da qual houve António da Costa alguns filhos, sc., um que agora está no Perú e sucedeu na capitania de seu avô, e teve mais o dito António da Costa uma filha, chamada Ana da Costa, que casou nesta ilha com Diogo Lopes de Espinhosa, feitor que foi de el-Rei, fidalgo muito discreto e virtuoso, cavaleiro do hábito de Cristo, com tença de Sua Majestade, de que tem alguns filhos.

O quarto filho de Luís Fernandes da Costa, o Velho, se chama Gaspar Homem, o qual casou com Breatiz de Macedo, filha de Fernão de Macedo, de que houve estes filhos e filhas: o

primeiro, Jorge Homem da Costa, casou em Vila Franca do Campo com Marquesa de Magalhães, de que houve filhos e filhas; o segundo filho, António de Macedo, casou com uma moça órfã ([203]); o terceiro, João Homem da Costa, se foi desta ilha e não se soube mais dele; o quarto, Francisco Homem de Macedo, absente; o quinto, Manuel de Macedo, absente; o sexto filho, Brás de Macedo Homem, bom sacerdote e virtuoso. A primeira filha, chamada Isabel de Macedo, faleceu moça; a segunda, Breatiz de Macedo, casou na vila da Ribeira Grande com Cristóvão Martins, homem nobre; a terceira, Ana de Macedo, casou na vila da Lagoa com Cristóvão de Faria, homem fidalgo, primo com-irmão de António Lopes de Faria, já defunto, que era naquela vila como pai de todos seus moradores.

O quinto filho de Luís Fernandes da Costa, o Velho, chamado Baltesar da Costa, foi casado com Caterina da Ponte, filha de João Roiz, dos Fenais da Maia, e irmã de Manuel Roiz, vigairo do mesmo lugar, de que houve os filhos e filhas seguintes; sc., Sebastião da Costa, que faleceu em S. Lázaro e foi casado com Maria Pereira, filha de Duarte Lopes, da Maia, e de uma filha de Diogo Vaz, da Chada, e depois casou a dita Maria Pereira, mulher de Sebastião da Costa, segunda vez, com António Furtado, cidadão de Vila Franca, de que houve alguns filhos. Teve mais Baltesar da Costa duas filhas, freiras professas no mosteiro da Esperança da cidade da Ponta Delgada.

O sexto filho do dito Luís Fernandes, o Velho, chamavam Belchior da Costa e casou, a primeira vez, com uma filha de Rui Vaz da Mão, de Vila Franca, de que não teve filhos; e depois casou com Maria Pacheca, filha de Mateus Vaz Pacheco, de que também não houve filhos, a qual, falecido ele, casou com Pero da Ponte, o Moço, do qual segundo marido teve alguns filhos e agora está viúva.

O sétimo filho de Luís Fernandes, o Velho, chamado Francisco da Costa, nunca casou, faleceu solteiro e já de dias. Teve também o dito Luís Fernandes da Costa, o Velho, as filhas seguintes: a primeira, chamada Filipa da Costa, que casou com Francisco de Albernaz, homem fidalgo e parente de Sebastião de Albernaz e de João de Albernaz, de que houve um filho clérigo e beneficiado em Vila Franca, por nome Manuel da Costa; e teve Filipa da Costa outro filho, que chamavam Luís da Costa, que casou na ilha do Faial e houve filhos e filhas. Teve mais Filipa da Costa duas filhas, uma chamada Breatiz da Costa, que foi casada com João Lopes, filho de Álvaro Lopes, de Santo António, de que houve alguns filhos; a outra que casou com Roque Roiz, escrivão da Câmara da vila da Ribeira Grande, filho de Rui Garcia, o Velho, chamam Francisca da Costa, da qual houve um filho que faleceu no Brasil, e três filhas: uma chamada Branca da Costa, que casou com Jorge Mendes, filho de Afonsalvres do Amaral, outra ([204]) casada com Belchior Manuel, e outra solteira.

A segunda filha de Luís Fernandes, o Velho chamavam Branca da Costa, casou com Álvaro Lopes, de Santo António, do qual houve dois filhos, um chamado António da Costa, que casou com Isabel Castanha ([205]), filha de João Fernandes Orelhudo e de Isabel Castanha, de que houve filhos e filhas. Outro filho de Álvaro Lopes e de Branca da Costa se chamava Manuel da Costa, que foi casado com uma filha de João Alvres do Olho, de que houve alguns filhos.

A terceira filha de Luís Fernandes da Costa, o Velho, chamada Isabel Dias, casou com Sebastião de Albernaz, fidalgo, que morou na Lomba da Maia, de que houve um filho, chamado António da Costa, que casou na vila da Ribeira Grande com Caterina Cansada, filha de Diogo Fernandes e de Maria Cansada ([206]), de que houve um filho chamado Manuel da Costa, que foi page do conde D. Rui Gonçalves da Câmara, e outros, o qual António da Costa faleceu na Índia. Teve mais Isabel Dias da Costa, de seu marido Sebastião de Albernaz, cinco filhas, sc., Breatiz Nunes, que casou com Rodrigalvres, filho de Rodrigalvres, e neto de Álvaro Lopes, de Bulcão, do qual houve uma filha que casou com João Cassela, homem fidalgo e criado de el-Rei, natural da cidade de Elvas; e outra com André Dias, filho de Marcos Dias, de Vila Franca do Campo; e outra que casou com António da Ponte, da mesma Vila Franca. E depois de viúva, esta Breatiz Nunes casou segunda vez na cidade da Ponta Delgada com António Pires, irmão de Rui Pires, da ilha da Madeira, de que houve alguns filhos. A segunda filha de Isabel Dias da Costa e de Sebastião de Albernaz se chama Ginebra da Costa, que casou com João Vaz, da Chada, de que tem alguns filhos. A terceira filha de Sebastião de Albernaz e de Isabel Dias, chamada Isabel de Albernaz, faleceu sem casar; e outras duas, chamadas Maria da Costa e Ana da Costa, estão ainda solteiras.

A quarta filha de Luís Fernandes da Costa, o Velho, se chamava Breatiz da Costa e casou com João Alvres, dos Fanais da Maia, filho de Álvaro Lopes de Bulcão (sic), de que houve um

filho que faleceu solteiro, e uma filha chamada Maria da Costa, de grande virtude, que casou na vila da Alagoa, rica, com António Lopes de Faria, fidalgo e cavaleiro do hábito de Santiago e memposteiro-mor dos cativos, onde agora mora viúva, de que não teve filhos.

As armas dos Costas são um escudo quarteado de vermelho e azul, em cada quarto dos vermelhos tem seis costas brancas, e em cada um dos azuis seis luas de ouro, com seu elmo cerrado e paquife de prata e vermelho, e por timbre um leão de azul com uma partazana na mão direita.

CAPÍTULO XXVII

DOS BENAVIDES LIADOS COM OS CORDEIROS, TEIVES E COM OS VELHOS E PEREIRAS E COM OUTROS APELIDOS; E DOS REZENDES E ALMEIDAS

Veio a esta ilha, no tempo do Capitão João Roiz da Câmara, um Álvaro Roiz, a que outros chamam Afonso Alvres de Benavides, cavaleiro de África, que procedia dos Benavides, fidalgos de Castela, descendentes da casa e progénia dos marqueses de Fromista em Castela, de que ele tinha seus brasões; e de Castela vieram ter ao Algarve seu pai e avô; e de Aljezur do Algarve se veio ele morar a esta ilha de S. Miguel, já casado, com sua mulher Breatiz Amada, dos quais descenderam estes filhos e filhas. O primeiro foi Pedralvres, o Velho, cavaleiro de África, chamado o Velho, a respeito de seu irmão, que também se chamou Pedralvres, o Moço; porque sendo o Velho absente desta ilha e tido por morto, puseram o mesmo nome ao outro seu irmão que então nasceu. O qual Pedralvres, o Velho, foi casado com Isabel Nunes, do Algarve, filha de um homem natural de Lagos, chamado Foão do Rego, de que houve uma filha, chamada Antónia de Benavides, das mais fermosas e discretas mulheres desta ilha, que foi casada com o licenciado Manuel Mergulhão, filho de Mestre Luís, de que não houve filhos.

O segundo filho foi também chamado Pedralvres de Benavides, cavaleiro de África, onde serviu a el-Rei com dois cavalos, sendo homem de muitas forças e bondade, que foi, por rogos do Capitão, alcaide trinta e três anos na cidade da Ponta Delgada e em toda a ilha, e da governança dela; e casou com Isabel Castanha, filha de João Roiz Badilha, cavaleiro de África, e de sua mulher Caterina Pires, filha de Pero Vaz, por alcunha o Marinheiro, da qual houve um filho, Gaspar Roiz de Benavides, que faleceu solteiro, e uma filha, chamada Breatiz Roiz Benavides, que casou com Amador de Teive ([207]), filho de Pero de Teive, de que teve filhos, Gaspar de Teive, que é capitão de uma bandeira da cidade da Ponta Delgada, e casou com uma filha de Manuel Machado e de Lianor Ferreira, chamada Francisca Ferreira; e houve Pedralvres de sua mulher Isabel Castanha outra filha, por nome Solanda Roiz de Benavides que foi casada com Cristóvão Cordeiro, escrivão da alfândega, filho de Sebastião Roiz Panchina e de Violante Roiz. Era Cristóvão Cordeiro homem muito grave e de grandes espritos do qual e de sua mulher Solanda Roiz nasceram os filhos e filhas já ditos na geração dos Cordeiros.

Teve também o dito Álvaro Roiz de Benavides as filhas seguintes: a primeira, chamada Catarina Alvres de Benavides, que casou com Gonçalo Velho Cabral, filho de Pero Velho, irmão de Nuno Velho, já ditos e os filhos que houveram, um dos quais foi Lopo Cabral de Melo.

Outra filha de Álvaro Roiz e de sua mulher Breatiz Amada se chamou Inês Alvres de Benavides, mulher que foi de Afonseães Pereira, que diziam ser filho natural do Conde da Feira, que foi pai de D. Diogo, que sucedeu no mesmo condado; o qual D. Diogo era irmão de D. Jorge Pereira, que nesta ilha casou. Do qual Afonseães e Inês Alvres nasceu Fr. Manuel Pereira, capelão de el-Rei, vigairo que foi na vila da Ribeira Grande, e ouvidor e visitador, muitas vezes, nesta ilha de S. Miguel e ilha Terceira. Teve mais uma filha, chamada Isabel Pereira, que casou com Sebastião Teixeira, de que não houve filhos; e do primeiro marido, Gonçaleañes, que veio de Portugal, houve uma filha, chamada Inês Pereira, e agora Inês do Espírito Santo, freira no mosteiro de Jesus da vila da Ribeira Grande.

Teve Álvaro Roiz, de sua mulher Breatiz Amada, outra filha por nome Margarida Alvres de Benavides, que foi casada com João Dias, morador junto de Nossa Senhora da Piedade, cuja ermida ele fez, que era homem rico e dos principais e da governança da cidade, de que houve filhos: Pero Dias Carvalho, que casou com Ana Roiz, de que houve filhos, Roque Dias Carvalho e João Roiz Carvalho e Braz Dias Carvalho. E filhas, Margarida Alvres Carvalha, que

não casou, e outra que casou com Salvador Daniel, filho de Daniel Fernandes, de Água do Pau, que foi escrivão na cidade da Ponta Delgada.

Teve Álvaro Roiz de Benavides, de sua mulher Breatiz Amada, outra filha, chamada Guiomar Alvres de Benavides, que foi casada com Bertolameu Roiz, pai de Baltesar Roiz, de Santa Clara. Houve a dita Guiomar Alvres, sua segunda mulher, um filho chamado Duarte Roiz que casou com Margarida de Alpoem, filha de Estevão Roiz de Alpoem, de que houve um filho, chamado Gaspar Roiz, que casou segunda vez com uma filha do licenciado Francisco Gavião. Teve mais Guiomar Alvres, de seu marido, outro filho, chamado Heitor Roiz, que não foi casado, e outro, chamado Estevão Roiz, que se foi desta terra, e uma filha, por nome Estácia Roiz, que faleceu solteira.

Teve mais Álvaro Rodrigues de sua mulher uma filha chamada Isabel Alvres, que foi casada com Estevão Fernandes Salgueiro, cavaleiro de África, de que teve filhos: Diogo Salgueiro, Manuel Salgueiro, Pero Salgueiro e Isabel Salgueira e outros que faleceram. O Diogo Salgueiro casou com uma filha de Joanne Anes Panchina ([208]), irmão de Sebastião Roiz Panchina, de que houve uma filha chamada Isabel dos Santos, freira no mosteiro de Jesus da vila da Ribeira Grande; e os mais filhos de Estevão Fernandes faleceram sem filhos.

Teve mais Álvaro Roiz, de sua mulher, outra filha chamada Violante de Benavides, que foi casada com Pero Roiz de Sousa, que morou na Relva, irmão inteiro de Baltasar Roiz, de Santa Clara, e de Isabel Castanha, mulher de Gaspar de Viveiros, o Velho, sogro de Francisco de Arruda; de que houve o dito Pero Roiz, da Relva, um filho, por nome Manuel Roiz de Sousa, clérigo que se foi para o Brasil, e uma filha chamada Guiomar Roiz de Sousa, que casou com João Gonçalves, de alcunha o Cerne, de que houve dois filhos, Gaspar Roiz de Sousa e António de Benavides, homens de grandes espritos e de honra, e uma filha ([209]) que casou com Gaspar Alvres, e outros filhos e filhas.

Teve mais Álvaro Roiz, de sua mulher Breatiz Amada, outra filha por nome Caterina Alvres de Benavides, que foi casada com Gonçalo Velho Cabral, pai de Lopo Cabral de Melo e dos mais irmãos, já ditos atrás na progénia dos Velhos.

Teve mais Álvaro Roiz outra filha, chamada Breatiz Alvres que não casou.

Teve também Álvaro Roiz, ou, como outros dizem, Afonso Alvres de Benavides, outra filha, chamada Lianor Alvres de Benavides, que casou com Pedralvres das Côrtes, do hábito de Santiago, morador na Fajã, junto de Nossa Senhora dos Anjos, onde tinha sua fazenda, e também na cidade da Ponta Delgada, onde tinha suas casas; a qual Lianor Alvres de Benavides, sua mulher, era irmã de Caterina Alvres de Benavides, mulher que foi de Gonçalo Velho, pai de Lopo Cabral de Melo, e dos mais irmãos já ditos. Da qual Lianor Alvres houve o dito Pedralvres das Côrtes os filhos seguintes:

O primeiro filho, Rodrigo Alvres de Rezende, que por morte de um homem se foi desta ilha e casou em Alvor, do Algarve, com Inês Dias, de que não houve filhos; o qual não vinha a esta ilha, senão com licença de el-Rei.

O segundo filho de Pedralvres das Côrtes e de Lianor Alvres foi Estevão Alvres de Rezende, que casou com Maria Pacheca, filha de Fernão Vaz Pacheco, morador em Porto Fermoso, e de Isabel Nunes Cabral, filha de Nuno Velho, irmão de Pero Velho, morador que foi na vila da Alagoa (sic), pai de Gonçalo Velho Cabral e avô de Lopo Cabral de Melo e dos mais irmãos sobreditos. Cujo filho é Pedralvres Cabral, morador na vila da Ribeira Grande, e outros que tenho ditos na geração dos Velhos, e pai de Fernão Dalvres Cabral, tão bom cavaleiro, que indo em Roma por uma rua a cavalo, vendo estar um Cardeal a uma janela, folgou a cavalo diante dele, e tão bem lhe pareceu, que dali por diante lhe fez muitas honras.

Teve também Pedralvres das Côrtes uma filha, por nome Ana de Rezende, que casou com Pero Vaz Pacheco, que se foi para o Algarve e faleceu no mar, irmão de Fernão Vaz, acima dito, de que houve filhos: Diogo Pacheco e Simão Pacheco e Fernão Vaz Pacheco, sacerdote, vigairo que foi em um lugar do Algarve, e Pero Pacheco, que foi à Índia e vindo o fez el-Rei capitão de uma armada da costa.

Teve Pedralvres das Côrtes outra filha, chamada Lucrécia de Rezende, que casou com Jácome das Póvoas, de que houve um filho, chamado António das Póvoas, escrivão na cidade da Ponta Delgada, e outro filho, por nome Jácome das Póvoas, que casou com Maria da

Ponte, irmã de Cipriāo da Ponte, e uma filha, chamada Aldonça de Rezende, que casou com Paulo Pacheco, filho de Mateus Vaz Pacheco, de Porto Fermoso.

Teve Pedralvres das Côrtes outra filha, chamada Maria de Rezende, que foi casada com Henrique do Quental, filho de Fernão do Quental, de que teve dois filhos que foram para o Brasil, porque mataram um mulato que matou seu pai.

Teve mais Pedralvres das Côrtes outra filha, chamada Guiomar de Rezende, que casou com Simão de Viveiros, filho de Simão de Viveiros, irmão de Gaspar de Viveiros, sogro de Francisco d'Arruda, que vieram da ilha da Madeira, donde eram naturais, e dizem alguns que eram da casa do Capitão da dita ilha.

Este Pedralvres das Côrtes era irmão de Lopo das Côrtes, pai de Simão Lopes de Almeida, morador que foi na vila da Ribeira Grande, e faleceu na ilha do Fogo, sendo Capitão dela, homem de grandes espritos, muito parente do conde de Penela, e tem seu brasão e armas, que não pude saber.

Havia em Óbidos de Portugal dois irmãos, fidalgos, da progénia dos Almeidas e Mascarenhas, chamados Pedralvres das Côrtes, de que já disse, e Lopo das Côrtes; o qual Lopo das Côrtes foi casado com Isabel Mascarenhas, filha de Álvaro Carvalho e de Ginebra de Almeida, moradores que foram na vila de Linhares; a qual Ginebra de Almeida era filha de Fernão Vaz de Almeida, cavaleiro fidalgo, morador que foi no lugar da Carapachena, que é junto de Linhares; o qual Fernão Vaz era irmão de Pero Vaz d'Almeida, veador que foi do Infante D. Fernando, pai de el-Rei D. Manuel. Este Pero Vaz teve um filho, chamado Pero Vaz de Almeida, como seu pai, e uma filha, chamada Marta de Cristo, abadessa do mosteiro de Tomar; e outro filho, por nome Mosem Vasco, alcaide-mor de Linhares; e outra filha, Maria de Almeida, criada da Infanta; e o dito Fernão Vaz de Almeida procederam a dita Ginebra de Almeida, sua filha, e Diogo de Almeida e Tristão de Almeida e Fernão Vaz de Almeida, todos fidalgos da casa de el-Rei e dos Infantes, primos segundos de Isabel Mascarenhas e primos com-irmãos de João de Almeida, conde que foi de Abrantes, pai de D. Jorge de Almeida, Bispo de Coimbra, e do prior do Crato, D. Diogo de Almeida, e de Francisco de Almeida, que foi por viso-rei à Índia, que é o verdadeiro tronco e casa dos Almeidas.

Este Lopo das Côrtes ([210]), desta progénia dos Almeidas, casado com Isabel Mascarenhas, houve da dita sua mulher dois filhos, Bertolameu Lopes de Almeida e Simão Lopes de Almeida, que vieram a esta ilha e moraram na vila da Ribeira Grande.

Bertolameu Lopes de Almeida, da governança da dita vila, casou com uma nobre mulher, a que não soube o nome, de que houve estes filhos: o primeiro, Adão Lopes, que casou com Maria Ferreira, de que não teve filhos; o segundo, Gaspar Lopes, casou com Hilária Calva, de que não houve filhos; o terceiro, Baltesar Lopes, faleceu solteiro.

Simão Lopes de Almeida, cavaleiro do hábito de Cristo, casou com Margarida Luís, filha de Amadis da Gama, de Porto Fermoso, da qual teve dois filhos, Pero de Almeida e Salvador de Almeida, que tomou el-Rei D. João, segundo do nome, por seus, e a ambos deu cargos honrosos.

Lopo das Côrtes, pai destes dois irmãos, Bertolameu Lopes de Almeida e Simão Lopes de Almeida, era irmão do avô de Simão de Almeida, filho de João Gonçalves de Leça e de Breatiz Jorge, que agora mora na vila da Ribeira Grande casado com Breatiz Jorge (sic), filha de Custódio Afonso e de Helena de Viveiros, de que tem uma filha chamada Breatiz de Almeida, e vive à lei da nobreza. Têm estes fidalgos as armas dos Almeidas do Regno.

Os Benavides são naturais de Baeça, onde têm bando contra outra geração dos Carvajales e dura hoje em dia a competência deles. Houve um Benavides que fez uma grande cavalgada; quando os Reinos de Castela eram de muitos Reis, indo a Rainha de um destes Reinos com certas damas a folgar, as cativou um Rei mouro, e um destes Benavides a ganhou a força de armas e trouxe a el-Rei, o qual Rei, querendo-lhe dar satisfação, perguntou com que se haveria por pago. Ele respondeu que com um quartel das suas armas. Arrancou então el-Rei de um terçado e cortou (sic) do pendão e acrescentou-o nas suas, e por timbre uma touca de rei mouro fogueada, porque as armas que dantes tinham eram umas caldeiras com umas barras atravessadas e agora têm um leão rompente em campo vermelho, só neste quartel, e em outro quartel umas barras de prata com caldeiras em circunferência. Reprovou a el-Rei um conde dar-lhe das suas armas, sobre o qual caso o desafiou o Benavides e o matou em campo; donde dizem procederam os bandos antre as duas gerações. Não sei se foi este o Rei de

Navarra, se o de Leão, ou que Rei fosse; ainda que parece ser o de Leão, pois lhe deu das suas armas o leão rompente. Naquele tempo, o de que Sua Majestade agora se intitula e possui, era de mais de vinte Reis.

António de Benavides de Sousa, filho de João Gonçalves Cerne, e de Guiomar Roiz de Sousa, moradores no lugar da Relva, termo da cidade da Ponta Delgada, desta ilha de S. Miguel, tirou em Castela o seu brasão de linhagem e cota de armas dos Benavides e Rochas que lhe pertenciam; onde diz que os da geração dos Rochas são dos nobres que ganharam a Cárceres (sic), que têm por armas um escudo esquartelado e no primeiro e derradeiro, em prata, em cada um, um leão morado e os outros dois quartéis em ouro, em cada um, quatro barras ou bandas vermelhas atravessadas. E que vêm os desta linhagem de um cavaleiro, senhor da Rochela, de França. O fundamento da geração dos Sousas é em Portugal, onde se chama Sousa, que são grandes homens no Reino e há deles também na cidade e Reino de Toledo. Trazem por armas um escudo de ouro, feito barras vermelhas. Diz mais que os Benavides são mui antigos fidalgos em Andaluzia e linhagem mui honrada; os quais trazem por armas um escudo de ouro e nele um leão vermelho com barras laqueladas de azul e branco; uns põem assim o leão só, e outros da mesma geração põem o leão e mais, em campo de ouro, cinco flores de liz, escacadas de branco e vermelho. Têm também no mesmo escudo, em um quarto dele, de campo verde, dois tiros de campo, encavalgados; tem o elmo de prata guarnecido de ouro; paquife de ouro, prata, azul e vermelho, e por timbre três penachos, um azul, outro verde, outro vermelho.

António de Benavides de Sousa, primo de Manuel Cordeiro de Sampayo Benevides, juiz do mar nesta ilha de S. Miguel, foi à ilha de Santa Maria em socorro, quando ela era tomada dos franceses, de que dizem ser capitão um francês, chamado Sansão; pelo que Sua Majestade lhe fez mercê de o filhar em foro de cavaleiro fidalgo, com quinze mil reis de tença cada ano, pagos na alfândega da cidade da Ponta Delgada; e a seus irmãos, Manuel de Sousa Benavides e João de Sousa Benavides, todos filhos legítimos de João Gonçalves da Rocha, chamado o Cerne, e de Guiomar Roiz de Sousa, por moços da Câmara.

Ao dito António de Benavides de Sousa, mataram de uma bombardada, na defensão do galeão Ascensão, de que era capitão Jorge Aires de Arberto, defendendo-se a duas naus ingresas, defronte da cidade da Ponta Delgada, a que ele socorreu com outra gente da terra, como em seu lugar contarei.

Falecendo ele, seu irmão, Manuel de Sousa Benavides, solteiro, que com ele se achou na dita batalha naval, muito cruel e temerosa por ser de noite, foi ao Reino requerer satisfação de seus serviços e fez-lhe Sua Majestade mercê de o acrescentar a cavaleiro fidalgo, com quinze mil reis de tença, pagos na alfândega da cidade da Ponta Delgada, como tinha seu irmão António de Benavides, defunto. Ao qual despacho não houve, por satisfação de seu serviço, a mercê que lhe foi feita, mas antes replicou, para a todo o tempo requerer justiça.

CAPÍTULO XXVIII

DA GERAÇÃO DOS ARAÚJOS QUE POVOARAM PRIMEIRO EM VILA FRANCA DO CAMPO E DEPOIS EM OUTRAS PARTES; E VIERAM A ESTA ILHA NO TEMPO DE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, QUINTO CAPITÃO DELA E SEGUNDO DO NOME

No tempo do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, segundo do nome, veio a esta ilha de S. Miguel Lope Anes de Araújo, de Viana, na era de mil e quinhentos e seis anos, pouco mais ou menos, rico e abastado e dos principais de Viana, donde era natural, e o mesmo foi nesta ilha. Casou com Guiomar Roiz, filha de Rui Vaz Medeiros e de sua mulher Mécia Gonçalves. Teve filhas: Maria de Araújo, Inês Gonçalves, Lianor do Paraíso, Ana da Madre de Deus, Guiomar de Santiago, freiras no mosteiro de Santo André, de Vila Franca, e Breatiz de Medeiros; filhos: Matias Lopes, Miguel Lopes, Hierónimo de Araújo.

Maria de Araújo Pereira, filha de Lopeanes, o Velho, casou com António Furtado, cidadão de Vila Franca, filho de Rui Martins e de Maria Roiz; teve filhos: Rui Martins, clérigo, já defunto, Lopeanes Furtado, também cidadão de Vila Franca; Manuel Furtado, que faleceu solteiro; filhas: Lianor de Medeiros, Jordoa Botelha, Maria de Araújo e duas falecidas no mosteiro da dita vila. Lopeanes Furtado, filho de António Furtado, casou a primeira vez com Maria Jácome, filha de Manuel Vaz; faleceu ela sem ter filhos. Casou segunda vez com Inês Correia, filha de Gaspar Correia, juiz dos órfãos que foi na cidade da Ponta Delgada; tem dois filhos e uma filha. Lianor de Medeiros casou com Fernão Vaz Pacheco, filho de Belchior Dias, de Porto Fermoso, de que tem filhos e filhas. Jordoa Botelha casou com Custódio Pacheco, de que tem filhos e filhas. Maria de Araújo, filha de António Furtado, casou com Pero de Freitas, filho de Pero de Freitas e de Briolanja Manuel; tem filhos e filhas.

Inês Gonçalves, segunda filha de Lopeanes de Araújo, o Velho, casou com Gaspar Pires, o Preto; não teve filhos.

Breatiz de Medeiros, terceira filha de Lopeanes, o Velho, casou com João da Mota, cidadão de Vila Franca, filho de Jorge da Mota; teve filhos, João de Medeiros, Miguel Botelho, António da Costa, Jorge da Mota, Hierónimo de Araújo, clérigo, Matias da Mota, falecidos três. João de Medeiros, primeiro filho de João da Mota e de Breatiz de Medeiros, casou com Caterina da Costa, filha de Luís Fernandes da Costa; teve duas filhas. Miguel Botelho, segundo filho de João da Mota, casou com Solanda Cordeira, filha de João Roiz Cordeiro.

Matias Lopes de Araújo, primeiro filho macho de Lopeanes de Araújo, o Velho, casou com Eva Francisca, filha de Francisco Fernandes, de que não houve filhos; foi homem magnífico de condição, muito abastado e de grande casa, de muitos hóspedes e grande cavaleiro.

Miguel Lopes de Araújo casou com Catarina Luís, filha de Gaspar Pires, o Velho. Teve filhos: António de Araújo, discreto e bom sacerdote, vigairo na vila da Água do Pau, Manuel de Medeiros, solteiro, e Francisco de Araújo, casado em Lisboa; filhas: Ana de Medeiros e Maria de Medeiros. Ana de Medeiros casou com Gaspar Dias, nobre e rico mercador ([211]), filho de Manuel Dias ([212]), tem filhos e filhas; e Gaspar Dias serviu os nobres carregos desta ilha ([213]). Maria de Medeiros casou com Manuel Rebelo, filho de Baltesar Rebelo; tem uma filha.

Hierónimo de Araújo, homem de grandes espritos, casou com Ana Pacheca, filha de Manuel Vaz Pacheco. Teve filhas: Isabel de Medeiros, casada com Paulo Gago da Câmara, filho de Rui Gago da Câmara; filhos, Francisco de Araújo, António de Araújo, e Gaspar de Araújo, ainda solteiros. Todos estes filhos e descendentes de Lopeanes são valentes de suas pessoas e homens de grandes espritos. E as filhas são de muita prudência e virtude.

Teve Lope Anes, o Velho, outra filha, chamada Francisca de Medeiros, que casou com João Gonçalves, o Bacharel, homem de muitas letras e conselho, de que teve um filho, chamado

Hierónimo Gonçalves de Araújo ([214]), que casou com uma filha de Francisco Ramalho, sobrinho do dito Bacharel, que vieram a esta ilha da serra de Amarão, onde está o mosteiro e casa de S. Gonçalo de Amarante, de grande romagem.

Foi este Lope Anes de Araújo, de grandiosa condição, teve grande casa, muito abastada e de muita lavrança, discreto, prudente, conversável, amigo dos nobres, entre os quais tinha tanta autoridade que o Capitão Rui Gonçalves da Câmara, terceiro do nome, o mandou a Portugal a fazer conta do que devia ao mosteiro, onde seu irmão Rui de Melo fora frade professo. E Barão Jácome Correia, por ele ser tanto seu amigo e homem tão grave, lhe rogou que fosse à ilha Terceira a receber a mulher em seu nome, o que ele fez, como se dele esperava, porque com sua pessoa autorizava as coisas e acudia a fazer amizades e concórdias em quaisquer discórdias que antre partes havia na terra, e tudo acabava e punha em paz, com muita discrição que tinha e com a gravidade e autoridade de sua pessoa; e por ser homem de quem se tinha grande confiança e fazer tudo bem feito, como foram as coisas do Capitão, em Portugal, e quando tornou, recebeu dele muitas honras e boas obras e sempre o teve em muita estima, porque era ele para isso, como foram depois e são seus filhos e netos. E o mesmo Lope Anes se diz que foi casar a Pero Soares, Capitão da ilha de Santa Maria, à ilha da Madeira.

Têm estes fidalgos desta progénia dos Lopos ou Lobos as armas dos Araújos e Lobos.

CAPÍTULO XXIX

DOS PAVÕES, POVOADORES NA VILA DA ÁGUA DO PAU ([215])

Manuel Pavão veio casado de Portugal a esta ilha no tempo de Rui Gonçalves da Câmara, quinto Capitão dela e segundo do nome, e habitou primeiramente na vila da Água do Pau e houve de sua mulher três filhos: — o primeiro, Manuel Pavão ([216]), que foi casado com Guiomar Viana e houve dela três filhos, sc., Gaspar Manuel, André Manuel e Manuel Afonso Pavão.

Gaspar Manuel casou com Violante de Vasconcelos, filha de Diogo de Oliveira, e houve dela três filhos: — Manuel de Oliveira, Pero Manuel e Pedro, que faleceu moço. O Manuel de Oliveira casou com uma filha de Manuel de Crasto, de que não teve filhos; o Pero Manuel casou em Lisboa e não teve filhos.

Teve mais Gaspar Manuel uma filha chamada Marquesa Manuel, que casou a primeira vez com Sebastião Vicente, de que teve um filho que agora está casado na vila de Água do Pau.

André Manuel, segundo filho de Pero Manuel Pavão e de sua mulher, Guiomar Viana, casou com uma filha de João Gonçalves, da ilha da Madeira, de que houve dois filhos: um chamado Gaspar Manuel, que casou em as Sete Cidades, e outro, Manuel Afonso, que faleceu solteiro.

Manuel Afonso Pavão, filho de Pero Manuel e de Guiomar Viana, sua mulher, casou com Lianor Soeira, filha de Garcia Roiz Camelo, da cidade da Ponta Delgada, de que houve estes filhos, sc., Pero Manuel Pavão, que casou duas vezes ([217]) e outro, chamado João Roiz Pavão, que casou primeira vez com Maria Pimentel, filha de João Lourenço Tição e de Maria Martins Pimentel, de que tem uma filha, por nome Maria de São João, freira professa no mosteiro de Santo André, da cidade; e segunda vez nas Sete Cidades ([218]). E outro, por nome Simão Rodrigues Pavão, sacerdote que foi e vigairo da freguesia de S. Roque, no lugar de Rosto de Cão.

Houve mais Manuel Afonso Pavão, filho de Pero Manuel, duas filhas, uma chamada Breatiz Roiz, que casou com o licenciado António de Frias, cavaleiro do hábito de Cristo, padroeiro do mosteiro de Santo André, da cidade da Ponta Delgada; e outra, Guiomar Soeira, que casou com Pero de Teves, filho de António da Mota, morador em Rosto de Cão, de que tem filhos e filhas.

O segundo filho de Manuel Afonso Pavão, o Velho, se chamava João Manuel Pavão, que casou com Inês de Oliveira, filha de Diogo de Oliveira e de sua mulher; houve dela dois filhos: Diogo Manuel que casou com uma filha de Daniel Fernandes, de que houve dois filhos e duas filhas; o segundo filho, chamado Manuel Afonso Pavão, casou com Margarida Anes, filha de João Gonçalves, da ilha da Madeira, e de Branca Alvres sua mulher, de que houve filhos e filhas. Houve mais João Manuel, de sua mulher Inês de Oliveira, quatro filhas: a primeira casou com Sebastião Gonçalves dos Poços, de que houve muitos filhos e filhas; a segunda filha, Isabel Manuel, casou também e não sei se teve filhos; a terceira filha, Maria Manuel, casou com Braz Dias Caridade, de que tem algumas filhas; a quarta filha de João Manuel e de Inês de Oliveira, chamada Guiomar de Oliveira, casou com Sebastião Afonso de Sousa ([219]), dos nobres Sousas, capitão na Bretanha, de que houve muitos filhos e filhas, um dos quais é bom letrado, e todos homens para muito ([220]).

O terceiro filho de Manuel Afonso Pavão, o Velho, chamado Pero Manuel, foi casado com Inês Pinheira, filha de Pero Luís, o Velho, e de Violante de Sousa, sua mulher, de que houve algumas filhas que casaram honradamente, uma das quais, chamada Maria Manuel, casou com Fernão Roiz Medeiros, da vila da Alagoa, filho de Vasco de Medeiros e de Luzia da Ponte, sua mulher.

Houve mais Manuel Afonso Pavão, de sua mulher, quatro filhas, sc., Inês Manuel que casou com Estêvão de Oliveira, de que houve quatro filhos e quatro filhas. O primeiro filho Diogo de Oliveira, casou com Lianor Afonso, filha de Gonçalo Afonso Giraldo, morador na Água do Pau, de que houve um filho, chamado Estêvão de Oliveira, que casou com uma filha de Gonçalo Pires Leão, de que tem filhos e filhas, e um filho clérigo. O segundo filho de Estêvão de Oliveira e de sua mulher Inês Manuel, chamado Sebastião de Oliveira, casou com Joana Fernandes, filha de Mateus Dias e de Francisca Jorge, sua mulher, de que houve muitos filhos e filhas. O terceiro filho de Estêvão de Oliveira e de Inês Manuel, se chama Manuel de Oliveira, licenciado em leis, bom letrado e de muita experiência, que casou com Isabel Nogueira, filha de Estêvão Nogueira, de que tem um filho, chamado Manuel de Oliveira ([221]), mui esforçado e grande cavaleiro, e duas filhas, sc., D. Isabel, casada com Francisco de Arruda da Cunha, bisneto de João Soares de Sousa, Capitão da ilha de Santa Maria, que foi casado com uma neta do primeiro Capitão que foi desta ilha de S. Miguel, e outra filha, chamada Francisca de Oliveira, casada com Miguel Lopes de Araújo, filho de Gaspar Dias. O quarto filho de Estêvão de Oliveira, chamado Rui de Oliveira, casou com uma filha de mestre Gaspar, na cidade da Ponta Delgada.

Das quatro filhas de Estêvão de Oliveira e de sua mulher Inês Manuel, a primeira, chamada Catarina de Oliveira, casou com Sebastião Lopes, filho de Guterres Lopes, de que houve muitos filhos e filhas. A segunda filha, Isabel de Oliveira, faleceu solteira. A terceira, Maria de Oliveira casou com Gaspar Fernandes, do Cabouco, de que houve muitos filhos e filhas. A quarta, Hierónima de Oliveira, casou com Lucas de Rezende, filho de Domingos Afonso, do lugar de Rosto de Cão, e de sua mulher, de que tem muitos filhos e filhas.

A segunda filha de Manuel Afonso, o Velho, se chamava Guiomar Manuel e casou com Guterres Lopes, cavaleiro e homem muito honrado e valente, de que houve quatro filhos, sc., João Lopes, Diogo Lopes, Pero Guterres e Domingos Guterres, que todos se foram para fora desta ilha, para as Índias de Castela e para o Brasil e Canárias. E uma filha, que casou com Salvador Daniel, de que tem um filho chamado Francisco Daniel, casado com uma filha de Sebastião Pires Paiva, na Ribeira Grande.

A terceira filha de Manuel Afonso, o Velho, chamada Ana Manuel, foi casada, primeira vez, com Rodrigualvres, de que houve três filhos, sc., Pero Roiz, Lourenço Roiz e Roque Rodrigues, todos homens honrados. Pero Roiz casou com Francisca de Frielas, filha de Fernão Lopes de Frielas, de que houve um filho, chamado Manuel Roiz, que foi para as Índias de Castela e lá faleceu; e outro, chamado Pero Roiz, que casou com uma filha que teve Salvador Daniel, da primeira mulher, neta de Baltasar Roiz, de Santa Clara. Lourenço Roiz casou primeira vez com uma filha de Pero Esteves, chamada Caterina Vaz, de que houve um filho, chamado Miguel Roiz, e duas filhas que casaram na vila de Água do Pau ([222]). Casou Lourenço Roiz, a segunda vez, com uma filha de Brás de Almeida e de Isabel de Sequeira, de que tem filhos e filhas. Roque Roiz, terceiro filho de Rodrigalvres e de Ana Manuel, sua mulher, foi casado com Isabel de Oliveira, a primeira vez, de que houve um filho que faleceu; e segunda vez casou com Madalena Delgada, filha de Gonçalo Vaz Delgado, de que não houve filhos, e faleceu no Cabo Verde.

A quarta filha de Manuel Afonso, o Velho, foi casada com Rui de Oliveira, de que houve um filho.

Teve mais Luís (sic) de Oliveira duas filhas, uma chamada Maria de Oliveira, que foi casada com Vicente Pires, e outra com João Dias, filho de João Bastião.

Outros afirmam, por mais certo, que veio a esta ilha logo no princípio do descobrimento dela um Afonso Roiz Pavão, alemão, com sua mulher, natural de Aragão, a que não soube o nome.

Teve quatro filhos e três filhas: uma chamada Mécia Afonso, bisavó dos filhos de Amador da Costa; outra (dizem que) Africanes, a qual casou na ilha de Santa Maria; outra, de que nasceram Álvaro Pires, da Lomba, Duarte Pires e outros.

O primeiro filho de Afonso Roiz Pavão, chamado Manuel Afonso Pavão, teve estes filhos, sc., Pero Manuel, o Velho; João Manuel; Pero Manuel, o Moço; e seis filhas: uma delas casou com Guterres Lopes; outra, Ana Manuel, mãe de Lourenço Roiz, de Água do Pau; outra, mulher de Estêvão de Oliveira, pai do licenciado Manuel de Oliveira, grande jurisconsulto.

Teve Pero Manuel, o Velho, filho de Manuel Afonso Pavão, estes filhos: André Manuel, Gaspar Manuel e Manuel Afonso Pavão, o qual Manuel Afonso teve doze filhos: o primeiro

João Roiz; o segundo Pero Manuel; o terceiro Garcia Roiz; o quarto Diogo Vaz, que faleceu de vinte e cinco anos; o quinto Guiomar Soeira, mulher de Pero de Teive; o sexto António Afonso; o sétimo Simão Rodrigues Camelo, bom sacerdote, vigairo de S. Roque; o oitavo Manuel Pavão; o nono Breatiz, que faleceu moça; o décimo Rui Vaz; o undécimo Matias Camelo; o duodécimo Breatiz Roiz, mulher do licenciado António de Frias.

Um Rui Vaz Camelo, do Castelo da Feira, teve nove filhos, homens, no tempo de el-Rei D. João, de boa memória, e com todos o serviu na guerra. Dizem que tendo uma dúvida com um Bispo, indo visitar sobre o assento de sua mulher, lhe deu com uma cana na cabeça, pelo que lhe mandou el-Rei semear a casa de sal. Nesta dispersão se veio a esta ilha um seu filho, chamado Garcia Roiz Camelo, com Fernão Camelo, seu primo com-irmão, e casou nesta terra com Guiomar Soeira; teve dela quatro filhos, sc., João Roiz Camelo, pai do licenciado António Camelo, grande cavaleiro e letrado; Breatiz Rodrigues, mulher de Diogo Vaz Carreiro, que fez e dotou o mosteiro de Santo André, da cidade da Ponta Delgada; outro filho, chamado Henrique, faleceu moço, e outra filha, Lianor Soeira, casou (como tenho dito) com Manuel Afonso Pavão, filho ([223]) de Manuel Afonso Pavão, o Velho, de que houve os doze filhos que disse, um dos quais foi Simão Roiz Camelo, vigairo de S. Roque, nesta ilha de S. Miguel.

Falecida Guiomar Soeira, casou Garcia Roiz Camelo segunda vez com Maria Travassos, filha do contador Martim Vaz Bulhão, de que teve sete filhos: João Botelho; Isabel Botelha, mulher de Rui Gago da Câmara; Hierónima de Melo, mulher de Roque Gonçalves Caiado; e Francisco de Melo, que se foi desta terra; António Botelho, já defunto; Francisca da Trindade, também defunta; Maria da Trindade, freira e boa religiosa no mosteiro da Ribeira Grande, a qual no mosteiro de Santo André, da cidade da Ponta Delgada, foi alguns anos abadessa.

CAPÍTULO XXX

DOS NOBRES OLIVEIRAS E DE PEDRO ANES PRETO E JOÃO ALVRES CAVALEIRO, QUE FIZERAM SEU ASSENTO NA VILA DE ÁGUA DO PAU

A geração dos Vasconcelos dizem proceder do senhor de Gasconha, que alguns chamam Vasconha, grande senhor em França, donde procedeu Rui Mendes de Vasconcelos que teve um filho chamado Martim de Oliveira de Vasconcelos, casado com Tareja Velha, irmã de Gonçalo Velho, comendador de Almourol e Cardiga e senhor da Bezelga e Capitão destas ilhas de S. Miguel e Santa Maria. O qual Martim de Oliveira, sendo da casa dos Infantes D. Anrique e D. Fernando, de quem estas ilhas eram, veio a esta ilha com sua mulher e filhos; e não querendo viver nela, se tornou para o Reino, deixando aqui a seu filho ([224]), Diogo de Oliveira de Vasconcelos, homem nobre que veio com seu pai de Portugal, dizem que de Beja de Alentejo, casado com Maria Esteves, filha de Afonso Velho, homem poderoso, da geração dos Velhos ([225]), de que houve seis filhos: Diogo de Vasconcelos, Estêvão de Oliveira, Rui de Oliveira, Martim de Oliveira, João de Oliveira e Afonso de Oliveira; e duas filhas, Isabel de Vasconcelos e Violante de Vasconcelos.

O primeiro filho de Diogo de Oliveira, chamado Diogo de Vasconcelos, foi licenciado em leis e ouvidor do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, pai de Manuel da Câmara, nesta ilha muitos anos, e juiz dos Resíduos; foi casado com Genebra Anes, filha de Diogo Vaz, morador na vila da Alagoa, irmão de Pero Vaz Marinheiro, de que houve muitos filhos e filhas. E um se chamava Manuel Vaz, que foi casado com uma filha ([226]) de Domingos Afonso, do lugar de Rosto de Cão, de que houve um filho chamado Jordão de Vasconcelos, homem de grandes espíritos e grandiosa condição, que está solteiro. Houve mais, entre outros filhos e filhas, o licenciado Diogo de Vasconcelos, outro filho chamado Diogo de Vasconcelos, como seu pai, que foi a melhor contrabaixa que houve nestas ilhas dos Açores.

O segundo filho de Diogo de Oliveira, chamado Estevão de Oliveira, foi casado com Inês Manuel, filha de Manuel Afonso Pavão, o Velho, de que houve filhos e filhas, como disse na geração dos Pavões.

O terceiro filho de Diogo de Oliveira, chamado Rui de Oliveira, casou com a quarta filha de Manuel Afonso Pavão, o Velho, de que houve os filhos que disse na geração dos Pavões.

O quarto filho de Diogo de Oliveira, chamado Martim de Oliveira, casou com uma filha de João Gonçalves, da ilha da Madeira, a primeira vez, de que houve filhos e filhas. E casou segunda vez com uma filha de Domingos Afonso, do lugar de Rosto de Cão, de que houve filhos e filhas.

O quinto filho de Diogo de Oliveira, por nome João de Oliveira, casou com uma filha de Gonçalo Vaz e de Guiomar Fernandes, naturais de Água do Pau, de que houve muitos filhos e filhas que estão casados.

O sexto filho de Diogo de Oliveira, chamado Afonso de Oliveira, foi casado com Solanda Lopes, filha de Afonseanes, de alcunha Mouro Velho, Colombreiro, de que houve alguns filhos.

Teve mais Diogo de Oliveira duas filhas: a primeira, Isabel de Vasconcelos, casou com João Pires, filho de Pedreanes Preto, natural de Água do Pau, que foi escrivão na cidade da Ponta Delgada, de que houve três filhos e uma filha: o primeiro filho, chamado Amador de Vasconcelos, foi estribeiro do Infante D. Afonso, que foi Arcebispo de Évora e Cardeal, e lá casou e faleceu; o segundo filho, chamado Pero de Oliveira, aprendia para clérigo, músico, tangedor, de boas partes e gentil homem, faleceu moço, andando aprendendo; o terceiro filho, chamado Diogo de Oliveira, casou na cidade da Ponta Delgada com uma parenta de Aires de Oliveira e é falecido. Teve mais João Pires uma filha de Isabel de Vasconcelos, sua mulher,

chamada Catarina de Oliveira, que foi casada com Gonçalo Mourato, escrivão que foi dos Resíduos, de que teve filhos e filhas, e um filho sacerdote, já defunto. A segunda filha de Diogo de Oliveira, chamada Violante de Vasconcelos, casou com Gaspar Manuel Pavão, de que houve filhos e filhas, como disse na geração dos Pavões.

Pedreanes Preto, homem principal, veio de fora e aposentou-se em a vila de Água do Pau, já casado com Catarina Alvres ([227]), de que houve três filhos e uma filha. O primeiro filho, João Pires, casou com Isabel de Vasconcelos, filha de Diogo de Oliveira e de Maria Esteves, sua mulher, da qual houve os filhos que disse na geração de Diogo de Oliveira. O segundo, Gaspar Pires, cavaleiro de África, casou com Maria Jorge, de que já disse na geração dos Jorges e dos filhos que teve. O terceiro filho, Sebastião Pires Carvalho, foi casado, a primeira vez, com uma filha de João Alvres, o Moço, e de Margarida Afonso, sua mulher, de que houve filhos e filhas, dos quais estão alguns casados na vila de Água do Pau, e casou segunda vez com Tareja Lopes, filha de Lopo Esteves Lajo, de que houve muitos filhos e filhas.

Teve mais Pedreanes Preto de sua mulher Catarina Luís, duas filhas, uma chamada Ágada Pires, que foi casada com Sebastião Barbosa, o Moço, que foi à África, filho de Rui Lopes Barbosa, de que houve dois filhos: o segundo, Rui Barbosa da Silva, que foi escrivão na cidade da Ponta Delgada e casou com uma filha de Diogo de Paiva, da Alagoa, de que houve alguns filhos e uma filha, chamada Lucrécia Barbosa.

João Alvres, cavaleiro de África, homem muito honrado, veio de Portugal e casou na Água do Pau com Leonor Afonso, filha de Lourenço Afonso, homem dos principais, de que houve quatro filhos, sc., Vicente de Almeida, Simão Roiz, Brás de Almeida e Francisco de Almeida e uma filha.

O primeiro filho, chamado Vicente de Almeida, casou com Ana Manuel, viúva, mãe de Pero Roiz, de Lourenço Roiz e de Roque Roiz, de que já disse na geração dos Manuéis; de que não houve filhos. Foi homem honrado, de boas partes e da governança.

O segundo filho, Simão Roiz, foi casado na ilha da Madeira, a primeira vez, e não houve filhos. Casou segunda vez no Topo, da ilha de S. Jorge, com uma mulher honrada e fidalga, de que também não houve filhos.

O terceiro filho, Brás de Almeida, casou com Isabel de Sequeira, filha de Afonso de Sequeira, pai de Lucas de Sequeira, sogro de Francisco Lobo, de que houve um filho e duas filhas. O filho faleceu em Lisboa, criado do Capitão Manuel da Câmara, e as filhas casaram na vila de Água do Pau, uma com Amador Coelho, de que não houve filhos ([228]).

O quarto filho, chamado Francisco de Almeida, homem honrado e de boas partes, aprendia para clérigo e veio a casar-se com Maria Camela, filha de Francisco Camacho e de Maria da Silva, sua mulher, de que houve três filhas, que casaram, uma com Manuel Lopes, filho de Sebastião Lopes e de Guiomar de Oliveira, sua mulher, de que tem um filho clérigo, chamado Francisco Lopes, e outros filhos. As outras também estão casadas com homens honrados.

A filha de João Alvres Cavaleiro, por nome Ciprioa de Almeida, foi casada com Fernão Cardoso, homem fidalgo, do Topo, de S. Jorge, de que não teve filhos. E casou ela, a segunda vez, com Lourençayres, juiz dos órfãos na cidade da Ponta Delgada, de que houve alguns filhos.

CAPÍTULO XXXI

DE PERO VAZ MARINHEIRO E DOS FILHOS QUE TEVE

Pero Vaz Marinheiro, homem nobre e poderoso, chamado assim porque mandou fazer naus e navios nesta ilha, e morava junto da Praça da cidade da Ponta Delgada, defronte da cadeia. Teve estes filhos, Diogo Vaz, Duarte Vaz, João Vaz, Vultão Vaz. E filhas, Violante Pires, Catarina Pires e Grimaneza Pires. Diogo Vaz casou com Constança Afonso, irmã de Domingos Afonso, cavaleiro da ordem de Santiago, de que teve estes filhos: Breatiz Calva, Sebastião Vaz, Eva Vaz, Isabel Dias, mulher que foi de Lopo Cabral de Melo, e Isabel Vaz. Breatiz Calva casou com Gonçalo Castanho, homem nobre, natural de Viseu, escrivão na cidade da Ponta Delgada, sendo ainda vila, de que houve um filho, chamado Pero Castanho, homem valente, de grandes espritos, que casou com Briolanja Cabral, filha de Amador Travassos, da qual, afora os defuntos, houve estes filhos, sc., uma filha, chamada Francisca Cabral, que casou com o doutor Cristóvão de Mariz, que foi provedor dos Resíduos nesta ilha e depois corregedor em Ponte de Lima, e um filho, chamado Amador Travassos, estudante legista em Coimbra; e uma filha, chamada Breatiz Castanha, que casou com António Borges, filho de Baltesar Rebelo e de Guiomar Borges.

Vultão Vaz houve filhos e filhas, que se chamaram as Vultoas. Outro filho de Pero Vaz Marinheiro, chamado Pero Vaz, como seu pai, foi lealdador-mor dos pastéis, muito tempo, nesta ilha; casou com uma irmã de João Fernandes Paiva, de que houve os filhos ditos na geração dos Paivas. Outro filho, João Vaz, casou com Margarida Pires, do Algarve, de que houve filhos e filhas. Do outro, Duarte Vaz, direi adiante, e de Isabel Vaz, filha de Diogo Vaz.

João Alvres do Olho, homem nobre, que veio de Portugal, de sua primeira mulher, Violante Velha, filha de Pero Velho, teve os filhos que já disse na geração dos Velhos, sc., Álvaro Velho, Rui Velho, André Travassos e Pero Velho, e uma filha que casou com Pero da Costa. Casou este João Alvres do Olho, segunda vez, com Breatiz Alvres, filha de Pero Vaz Marinheiro, de que houve estes filhos: o primeiro, Manuel Alvres; a segunda, Breatiz Alvres; a terceira, Isabel Alvres, mulher que foi de Belchior Baldaia; a quarta, Caterina Alvres; a quinta, Bartolesa Fernandes; o sexto, Duarte Vaz.

O primeiro filho, chamado Manuel Alvres, casou com Constança Gonçalves, de que houve a João Alvres, bom sacerdote, que primeiro foi beneficiado na igreja de S. Sebastião, da cidade da Ponta Delgada e agora é cura no lugar dos Fenais. Houve mais Manuel Alvres a Maria Alvres, que casou com Rui Vaz Medeiros. E Rui Gonçalves, casado com Juliana Roiz, filha de Mestre Pedro.

Breatiz Alvres, filha de João Alvres do Olho, faleceu solteira. Catarina Alvres casou com um Fuão Ferreira. Bartolesa Fernandes casou com um filho de Lourençaires. E Duarte Vaz é ainda solteiro; dos quais logo tornarei a dizer outras particularidades que dizem.

Estêvão Travassos, filho de Pero Velho, que fez a ermida dos Remédios, e irmão de Gonçalo Velho, sogro de Jorge Nunes Botelho, casou com Catarina Gonçalves, filha de Gonçaleanes e de Catarina Afonso, naturais da cidade do Porto, o qual Gonçalo Anes e Catarina Afonso, tiveram filhos: a escrivoa velha, mulher de João Roiz, que foi escrivão da Câmara da cidade da Ponta Delgada, pai de Belchior Roiz, também escrivão da Câmara nela; e a mulher que foi de Pero Jorge, pai de Hierónimo Jorge, chamada Caterina Jorge; e outra filha que foi casada com Fernão da Costa. Teve mais o dito Gonçaleanes e Catarina Afonso um filho chamado Pero da Ponte, pai de Ciprião da Ponte, que casou na Ribeira Grande, primeira vez, com Maria Tavares, filha de João Tavares, de que houve uma filha, freira no mosteiro da dita vila; e casou segunda vez com Maria Ferreira, filha de Pero de Paiva e de Francisca Ferreira, de que tem filhos.

Duarte Vaz, de que atrás disse que diria, filho de Pero Vaz Marinheiro, casou com Maria Fernandes, framenga, de que houve três filhos sc., Breatiz Alvres, Margarida Alvres e Isabel Vaz. Breatiz Alvres casou com João Alvres, viúvo, chamado do Olho, por ter um olho com um jeito ou belida (sic), de que houve filhos: Manuel Alvres, pai de João Alvres, cura dos Fenais; e João Alvres, que faleceu solteiro; e Duarte Vaz; e filhas: Margarida Alvres, que casou com João Cabral, que morava a Santa Clara, de que houve um filho, chamado Hierónimo Cabral, que agora é alcaide na vila da Ribeira Grande. E casou segunda vez com Bento Mendes, de que houve uma filha, ainda solteira. A segunda filha de João Alvres do Olho e de Breatiz Alvres, sua mulher, se chamou Maria Alvres e foi casada com Pero da Costa, de que houve uma filha, que é freira no mosteiro de Vila Franca. A terceira filha de João Alvres do Olho se chamava Isabel Alvres que casou com Belchior Baldaia, de que houve um filho, chamado João Baldaia, e duas filhas, sc., Isabel Baldaia, que casou com Baltesar Raposo, filho de João Fernandes, alcaide, e outra, chamada Maria Baldaia, que casou com Gaspar de Viveiros, morgado, filho de Hierónimo Jorge, de que teve filhas. A quarta filha de João Alvres do Olho, chamada Caterina Alvres casou com Manuel da Costa, de Santo António, de que houve filhos, e depois casou segunda vez com um filho de Diogo Afonso, como já contei na geração dos Velhos, dos quais houve alguns filhos e filhas.

A segunda (sic) ([229]) filha de João Alvres do Olho, chamada Bartoleza Fernandes, casou com Gaspar Correia, filho de Lourençayres Rodovalho, juiz dos órfãos na cidade da Ponta Delgada, de que não houve filhos.

A segunda filha de Pero Vaz Marinheiro ([230]), chamada Margarida Alvres, casou com Álvaro Velho, de que houve filhos, Gaspar Velho, Baltesar Velho, Sebastião Velho, João Cabral; e filhas, Violante Velha e Maria Fernandes. Gaspar Velho casou com Maria Pais, filha de João Paes, almoxarife nesta ilha, de que houve filhos e filhas. Baltesar Velho e Sebastião Velho não casaram.

João Cabral casou com uma filha de João Roiz, dos Mosteiros. Violante Velha, filha de Álvaro Velho, casou com João Fernandes, filho de Duarte Fernandes, do lugar de Rabo de Peixe, de que houve um filho e duas filhas. Maria Fernandes, filha de Álvaro Velho, casou com Sebastião Gonçalves, feitor, morador na Relva, de que não tem filhos.

Isabel Vaz, terceira filha de Duarte Vaz, filho de Pero Vaz Marinheiro, casou com Lopo Dias, filho de Lopo Dias, da Praia, e de Maria Dias, de que houve filhos, Belchior Dias e Lopo Dias, solteiros, e outros que faleceram; e filhas, Breatiz Lopes, Maria Dias, Lianor Dias e outra que faleceu. A primeira filha de Lopo Dias e de Isabel Vaz, sua mulher, chamada Breatiz Lopes, casou com João Serrão, de que houve filhos, Miguel Serrão, Manuel Serrão, e filhas Catarina de Nabais, Isabel Serrã, e outros que faleceram, os quais foram casados e tiveram filhos e filhas, como já tenho contado na geração dos Novaes e Quentaes. Maria Dias, filha de Lopo Dias e de Isabel Vaz, casou com Frutuoso Dias, viúvo, de que houve filhos, João Dias e Manuel Dias, solteiros; e uma filha, chamada Maria Dias, que casou com Gaspar Fernandes, filho de António Fernandes, da Relva, e de Ana Esteves, de que tem filhos e filhas. Lianor Dias, terceira filha de Lopo Dias e de Isabel Vaz, casou com António Jorge, escrivão dos Resíduos, filho de um adaíl que foi em África e de Breatiz Gonçalves, de que houve filhos e filhas.

Violante Pires, primeira filha de Pero Vaz Marinheiro, casou com Bartolomeu Afonso Pereira, de alcunha o Rato, de que teve filhos, Duarte Afonso, Belchior Afonso e Baltesar Afonso, além de outros catorze, todos machos, que faleceram. Duarte Afonso casou com Maria Roiz, cujos filhos faleceram. Pedro Afonso Pereira, filho de Bertolameu Afonso, foi casado com Guiomar Fernandes, de que houve um filho, chamado Bertolameu Afonso, casado com Ana Velha, filha de Diogo Velho, e um filho que está na Índia, e outros que faleceram, e uma filha, chamada Isabel Pires, que casou com Amador da Costa, filho de Francisco de Arruda da Costa e de Francisca de Viveiros, de que tem filhos e filhas, duas delas freiras no mosteiro de Santo André, em Vila Franca. E outra filha de Pedro Afonso, chamada Briolanja Afonso, casou com Sebastião Velho, filho de Rui Velho e de Guiomar de Teves, de que tem filhos.

Catarina Pires, segunda filha de Pero Vaz Marinheiro, foi casada com João Roiz Badilha, de que teve filhos, Ambrósio Castanho, Francisco Roiz, João Roiz; e filhas, Isabel Castanha, Maria Roiz, Lianor Dias, e Breatiz Castanha, que faleceu solteira. Casou Ambrósio Castanho com Breatiz Ferreira, filha de Álvaro Pires e de Lianor Dias, de que houve filhos e filhas. Pero Roiz (sic) casou com uma Fuã Dornelas. João Fernandes (sic) casou com uma sobrinha de mestre Gaspar, chamada Ginebra da Costa. Isabel Castanha casou com Pedralvres

Benavides, alcaide, de que houve um filho que faleceu solteiro, chamado Gaspar Roiz, e duas filhas, Breatiz Roiz e Solanda Roiz. A Breatiz Roiz casou com Amador de Teves, filho de Pero de Teve e de Fuã de Mezas, de que houve filhos, Gaspar de Teves que casou com uma filha de Manuel Machado e de Lianor Ferreira, de que tem filhos e filhas. A segunda filha de Pedralvres Benavides, alcaide, se chama Solanda Roiz, casou com Cristóvão Cordeiro, filho de Sebastião Rodrigues Panchina e de sua mulher, da qual houve filhos e filhas, que disse na geração dos Cordeiros.

Maria Roiz, segunda filha de João Roiz Badilha, casou com João Fernandes Orelhudo, de Santa Clara, de que houve filhos e filhas. O primeiro, Manuel Fernandes, casou com uma Travassos ([231]), de que tem um filho. O segundo filho de João Fernandes, chamado João Roiz, casou com uma filha ([232]) de João Soares, o Velho, dos Mosteiros, de que tem filhos e filhas. E outro filho sacerdote, que faleceu. A primeira filha de João Fernandes e de Maria Roiz Castanha se chama Maria Castanha, casou com António da Costa, de Santo António, de que tem filhos e filhas, uma das quais ([233]) foi casada com Domingos Fernandes Cafatim. A segunda filha de João Fernandes e de Maria Roiz, chamada Isabel Castanha, casou com Luís Rebelo, filho de Simão Roiz Rebelo e de Joana Botelha, de que tem filhos e filhas. Tem mais João Fernandes outra filha, solteira, chamada Lianor Fernandes.

Lianor Dias, terceira filha de João Roiz Badilha, casou com Francisco Preto, de que houve dois filhos que faleceram.

Grimaneza Pires, terceira filha de Pero Vaz Marinheiro, casou com Estêvão Roiz de Alpoem, escrivão dos órfãos na cidade da Ponta Delgada, de que houve filhos, Rui de Alpoem e Margarida de Alpoem, afora outros que faleceram. Rui de Alpoem casou com Isabel Lopes, de que tem filhos e filhas. Margarida de Alpoem casou com Hector Roiz ([234]), filho de Guiomar Alvres, irmã de Pedralvres, alcaide e não pude saber o nome de seu marido: de que teve um filho, chamado Gaspar de Alpoem, que casou com uma filha do licenciado Francisco Gavião.

Outra filha teve Diogo Vaz, filho de Pero Vaz Marinheiro, chamada Isabel Vaz, atrás nomeada, que casou com Miguel Martins, muito valente homem, natural da ilha da Madeira, de que houve estes filhos: João Martins, Miguel Martins, Francisco Martins, Joana Martins e Caterina Martins, mulher que foi de João Alvres Examinado, morador na vila da Alagoa, e Maria Martins, mulher que foi de João Lourenço, chamado Tição, escrivão dos Resíduos nesta ilha; e todos tiveram filhos e filhas e descendentes muito honrados.

CAPÍTULO XXXII

DOS FRIAS, FIDALGOS NATURAIS DE CASTELA; E DOS FEIOS, QUE VIERAM A ESTA ILHA DE S. MIGUEL, NO TEMPO DE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, QUINTO CAPITÃO DELA E SEGUNDO DO NOME

Veio solteiro a esta ilha de S. Miguel, no tempo de Rui Gonçalves da Câmara, quinto Capitão dela e segundo do nome, um Rui de Frias, da geração dos Frias de Castela, castelhano, homem fidalgo, de muita qualidade, muito honrado e assim o parecia em sua pessoa e casou aqui com Lianor Pires, filha de Ginebra Anes e de seu segundo marido, João Vaz Feio, das Virtudes, da qual teve o dito Rui de Frias os filhos seguintes: o primeiro, Gregório de Frias, que casou na vila da Alagoa com Caterina Correia, mãe de Simão Correia, da qual houve uma filha por nome Ana de Frias, que faleceu solteira; o segundo filho, chamado Bertolameu de Frias, sendo pagem do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, segundo do nome, faleceu em casa, solteiro, no tempo do dilúvio de Vila Franca.

Teve mais Rui de Frias três filhas; a primeira, Ana de Frias, faleceu também no mesmo terramoto, em casa do dito Capitão; a segunda filha, chamada Ginebra de Frias, foi casada com um filho ([235]) de João Gonçalves Botelho e neto de Gonçalo Vaz Botelho, o Grande, do qual ficaram duas filhas, que faleceram solteiras no dito dilúvio de Vila Franca. O qual primeiro marido da dita Ginebra de Frias mataram em Rabo de Peixe uns irmãos da mulher de Diogueanes, da Ribeira Grande, sobre umas extremas de terras que ele tinha no mesmo lugar. E depois casou Ginebra de Frias, segunda vez, com Fernão de Anes de Puga, irmão de Vasqueanes, abade de Moreira, ouvidor que foi do Eclesiástico nesta terra, o qual Fernão de Anes veio a esta ilha muito rico, com grande casa, como homem muito nobre que era; do qual houve estes filhos: o primeiro, António de Frias, que faleceu moço.

O segundo, o licenciado Bertolameu de Frias, grande jurisconsulto, homem muito grave, discreto, letrado de grandes e certos conselhos, e pai da pátria, o qual casou com Jordoa de Rezende, segunda filha de Domingos Afonso, do lugar de S. Roque, homem nobre, rico e poderoso, almoxarife que foi nesta ilha, da qual houve estes filhos: o primeiro, António de Frias, licenciado em leis, bom letrado e cavaleiro do hábito de Cristo, com boa tença, o qual casou com Breatiz Roiz e é agora padroeiro do insigne mosteiro de Santo André da cidade da Ponta Delgada, de religiosas de Santa Clara, à obediência do Bispo destas ilhas dos Açores. O segundo, João de Frias, que casou com D. Breatiz, filha de D. João Pereira, bisneto ou sobrinho do Conde da Feira, e de sua mulher D. Simoa, filha de Gaspar Perdomo e neta de Gaspar de Betencor, sobrinho da Capitoa D. Maria de Betencor, mulher de Rui Gonçalves da Câmara, terceiro Capitão desta ilha de S. Miguel. O terceiro, Manuel de Frias, licenciado em teologia, que faleceu estudante em Coimbra. O quarto, Domingos de Frias, morreu nas Índias de Castela. O quinto, André de Frias, letrado em leis. O sexto, Sebastião de Frias, faleceu em Coimbra, estudante, quase no cabo de seu estudo de cânones, sendo um dos mais raros engenhos e habilidades de seu tempo.

Teve mais o licenciado Bertolameu de Frias duas filhas, uma, chamada Maria de Frias, casada com António Brum da Silveira, e outra, Isabel de Frias, ainda solteira.

Os montanheses, em Castela, todos são fidalgos e têm suas enxecutorias (sic) que é a mais afinada fidalguia, e quando lá querem encarecer um de muito fidalgo, dizem: é montanhês e mui montanhês; e assim, não pagam alcavala, nem outras coisas, a que chamam *pecho,* que a outra gente paga.

Os vizinhos da cidade de Frias são destes fidalgos montanheses, da qual é duque o condestable de Castela, e destes montanheses vieram alguns a Viana e dela veio a esta terra Rui de Frias, que se aposentou e casou na vila da Alagoa, com cuja filha casou Fernão de

Anes, pai do licenciado Bertolameu de Frias; e já agora seus filhos e descendentes, pela sua parte, são fidalgos dos montanheses, e por parte de sua mulher, são fidalgos dos Carreiros, e assim têm ambos os brasões que pertencem a estas duas progénias.

O segundo filho de Fernão de Anes e de sua mulher Ginebra de Frias, chamado Pero de Frias, letrado em leis, casou em Lisboa com uma mulher muito honrada que trouxe a esta ilha, e morou em Vila Franca, servindo muito tempo de juiz dos órfãos e na governança da dita vila, donde se tornou a Lisboa, onde foi também juiz dos órfãos e lá faleceu.

O terceiro, chamado Brás de Frias, faleceu solteiro.

Teve mais, Fernão de Anes, de sua mulher Ginebra de Frias três filhas: uma faleceu solteira; outra ([236]) casou com Rui Pires, rico mercador, da ilha da Madeira; a terceira, chamada Catarina de Frias, casou com Brás Raposo, na cidade capitão de uma companhia, filho de Manuel Vaz Pacheco, de que tem filhos, e uma filha, chamada Maria Jácome, que casou com Manuel Martins, rico e grosso mercador e homem de delicado entendimento. Teve mais outra filha, chamada Clara de Frias e depois Clara de Jesus, por ser freira em S. João. ([237])

A terceira filha de Rui de Frias e de Lianor Pires, chamada Isabel de Frias, foi casada com João Vaz Medeiros, filho de Rui Vaz Medeiros, da Atalhada, de que teve alguns filhos que faleceram, e um chamado Rui Vaz Medeiros, capitão dos aventureiros na cidade da Ponta Delgada, cavaleiro do hábito de Cristo com quinze mil reis de tença, que casou duas vezes, como tenho dito na geração dos Medeiros. Teve também uma filha, chamada Ana de Frias, que casou com Gonçalo Vaz, filho de Domingos Afonso, do lugar de Rosto de Cão, que faleceu, como seus irmãos.

Para maior declaração do sobredito, digo que Rui de Frias, avô do licenciado Bertolameu de Frias, e Romão de Frias, seu irmão, eram naturais das montanhas de Castela; e sendo Espanha dos mouros, dois irmãos, de sua geração, capitães de um exército, conquistaram a cidade de Frias, que é uma das principais cidades das Montanhas, e tendo ganhado a ponte e um castelo que nela estava, muito forte, acometeram a cidade e a tomaram. El-Rei lhe fez mercê, pela vitória, de lhes dar o castelo com título de alcaide-mor, donde tomaram o apelido de Frias, com as armas de que el-Rei lhe fez mercê, que são uma ponte, com um castelo sobre a ponte e rio, em campo vermelho, e a outra parte uma enzina com um lobo atado a ela, em campo amarelo. Correndo o tempo, houve o condestable de Castela de el-Rei ser duque da dita cidade de Frias e cometeu ao possuidor da alcaidaria lha largasse, e lhe satisfaria com outra coisa igual, o que não quis aceitar, sobre o que houve grandes bandos, onde se matou uma pessoa principal da casa do Condestable, que foi causa dos ditos Rui de Frias, avô do dito licenciado Bertolameu de Frias, e seu irmão Romão de Frias se absentarem de sua pátria e virem a esta ilha, onde Rui de Frias viveu muitos anos, na vila da Lagoa e sempre foi conhecido por homem fidalgo e como tal a governou, de juiz e vereador, que são os ofícios principais e honrados; e casou suas filhas com os mais honrados da terra e aqui faleceu. E seu irmão, Romão de Frias, casou na ilha da Madeira, na cidade do Funchal com uma mulher das principais, e viveu muitos anos e ficaram dele filhos e filhas, que casaram com os principais da terra; e ele foi tido sempre por fidalgo, e nessa conta estão agora os que dele procedem.

Fernão de Anes de Puga era natural de Ponte de Lima e procedia da geração dos Pugas, da cidade Dorens ([238]) de Galiza, os quais desta geração são dos principais fidalgos da Galiza e Antre Douro e Minho; e a casa desta progénia dos Pugas tem soga e cuchilho, e por ser tal, indo Rui Vaz Medeiros (que foi um dos principais homens desta ilha e tinha casado um seu filho com uma filha de Rui de Frias) a Portugal, foi ter a Ponte de Lima e, estando aí alguns dias, teve amizade com Fernão de Anes de Puga, e por estar informado de quem era, o cometeu com o casamento de Ginebra de Frias, filha de Rui de Frias, a qual foi primeiro casada com um irmão de João de Arruda e estava viúva, e por ter muita fazenda e Rui Vaz certificar a Fernão de Anes de Puga da honra de Rui de Frias, avô do licenciado Bertolameu de Frias, e de sua filha Ginebra de Frias, e da muita fazenda que tinha, assentou o casamento; e por essa causa veio a esta terra e aqui viveu muitos anos e sustentou sua casa com muitos criados e escravos, como quem era; e como tal era conhecido e andou sempre no regimento da vila da Ribeira Grande, em cujo termo era morador e pôs seus filhos no estado que está notório e no mais que tenho dito; e aqui o veio ver seu irmão, o abade de Moreira, que foi um dos principais homens de Antre Douro e Minho, em honra e renda, e como tal se tratou nesta ilha, com dois e três cavalos na estrebaria, os melhores que nela havia e acompanhado de muitos criados; e todos os principais desta terra lhe tinham muito acatamento e o

acompanhavam; e foi ouvidor do eclesiástico alguns anos, e deixou nesta ilha um seu neto, por nome Manuel de Puga, homem de grandes espritos, e muita prudência e virtude, em casa do licenciado Bertolameu de Frias, seu sobrinho e tio do dito Manuel de Puga; o qual seu tio o casou com Luzia Cabral, filha de Belchior Tavares e de Simoa Cabral, sua mulher, e neta de João Tavares, filho de Rui Tavares, e neta de João Cabral, da vila da Alagoa, da geração dos Velhos e Cabrais, fidalgos e muito parentes de Gonçalo Velho, comendador de Almourol e senhor de Bezelga e das Pias, que foi o primeiro que por mandado do Infante D. Henrique descobriu estas ilhas de Santa Maria e de S. Miguel, e foi feito, pelo dito Infante, Capitão delas ambas.

Veio da Covilhã, de Portugal, a esta ilha, um homem muito honrado que chamavam João Vaz Feo, das Virtudes, porque curava por virtude, o qual, sendo menino muito pequeno, passando pelo caminho um fidalgo de Lisboa, que vinha de uma sua quinta e não tinha filho nenhum, como viu o menino tão bonito, perguntou-lhe se queria ir com ele; respondendo-lhe que sim, o levou nas ancas do cavalo e criou como filho, com o qual a mulher do fidalgo folgou muito. Era dotado de muitas virtudes e muito devoto e bem inclinado. Sendo já mancebo, teve uma dúvida com um homem e por se temer o fidalgo que falecesse o ferido, o mandou, muito encomendado, ao Capitão da ilha da Madeira, que era parente do mesmo fidalgo, encomendando-lhe tivesse em seu poder aquele mancebo que ele tinha como filho. O Capitão o estimava muito e, estando em sua casa, se casou, contra sua vontade, com uma sua vizinha, chamada Estevainha Vicente, da geração dos Colombreiros, mulher muito honrada; e por o fidalgo o desfavorecer, depois que soube que era casado, porque o mandava ir outra vez para Lisboa, para lhe fazer muito bem e perfilhá-lo, se veio descontente para a ilha de Santa Maria e trouxe consigo sua mulher; e sem embargo do desgosto que teve o fidalgo, por se casar, lhe houve dadas na ilha de Santa Maria, que havia pouco que se achara, que eram cinco moios de terra que alguns dizem lhe dar el-Rei pelo curar, e ali se aposentou com sua mulher, não tendo ainda filhos dela, e fazia muitas curas. Da qual Estevainha Vicente houve os filhos seguintes, sc., João Vaz Feo, que casou na ilha com uma filha de um rico mercador; o segundo, Vicente Vaz, casou com uma filha de um homem principal; o terceiro, chamavam........... ([239]) que casou com uma filha de outro mercador; o quarto, Fernão Vaz, foi casado com uma Rezende, parenta de Domingos Afonso, sogro do licenciado Bertalomeu de Frias, e este Fernão Vaz teve uma filha que casou com o Capitão João Soares, chamada D. Jordoa, de que teve os filhos ditos na geração dos Capitães da ilha de Santa Maria. E outra filha de Fernão Vaz, chamada Filipa Faleira, casou com Francisco Curvelo, homem dos principais da ilha, que casou uma filha, por nome Camilha de Rezende, com um filho do almoxarife velho, que chamam João Tomé Velho; outra filha de Fernão Vaz, Ana de Rezende, casou também com outro filho do almoxarife velho.

Teve mais João Vaz, das Virtudes, um filho que chamavam Pero Vaz, mestre, que também curava por virtude e estancava, por devotas palavras, o sangue das feridas ([240]), o qual veio a esta ilha e casou na vila da Lagoa com Guiomar Alvres, filha de Pedralvres e de Inês Moura, colaça de D. Inês, mulher que foi de João Roiz, Capitão, que o casou com a dita Guiomar Alvres e lhe deu quatro moios de terra no Morro da Ribeira Grande, para ajuda de seu casamento. Teve mais João Vaz, das Virtudes, três filhas, sc., Bárbara Vaz que casou na ilha de Santa Maria com Álvaro Pires de Arvelos, que veio de Portugal, homem fidalgo, de que teve alguns filhos. A terceira filha de João Vaz chamavam Marquesa Vaz, casou com João da Fonte, homem mui honrado, que viveu rico e gastou sua fazenda em buscar uma ilha nova, que nunca se pôde achar.

CAPÍTULO XXXIII

DOS GREGÓRIOS E TEIXEIRAS DA RIBEIRA GRANDE

Antes do dilúvio de Vila Franca, poucos anos, em tempo do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, pai de Manuel da Câmara, veio a esta ilha de S. Miguel um Gregório Roiz Teixeira, com sua mulher Isabel Afonso, homem honrado, dos Teixeiras da Ilha da Madeira, parente dos Capitães de Machico, e aposentou-se na vila da Ribeira Grande, da parte do norte, o qual houve de sua mulher os filhos seguintes:

O primeiro, chamado Gregório, faleceu solteiro; o segundo, Duarte Gregório, casou com Catarina Martins, filha de Estêvão Martins, morador na mesma vila da Ribeira Grande, da casta dos Martins, o qual Duarte Gregório foi muito tempo escrivão na dita vila, e teve filhos, Gregório Roiz Teixeira, homem honrado, da governança e virtuoso, que casou com Simoa de Moraes, filha de Gonçalo Afonso, morador que foi na Ribeira Seca, honrado e abastado, e não houve filhos.

O segundo filho de Duarte Gregório, por nome Belchior Rodrigues Teixeira, discreto e aprazível e de grandiosa condição, dos principais da governança, casou com Maria Gonçalves, filha de mestre João, da qual não teve filhos e faleceu em Lisboa.

O terceiro filho de Duarte Gregório chamam Baltazar Roiz Teixeira, dos principais e da governança e virtuoso como seus irmãos, casou com Guiomar Alvres, filha de Lopo Dias Homem e de Guiomar Alvres, sua mulher, da qual tem alguns filhos.

Teve mais o dito Duarte Gregório uma filha chamada Catarina Gregória que foi casada com João Gonçalves, filho de Vasco Afonso, da qual houve alguns filhos, Nicolau de Paiva e outros.

A segunda filha de Duarte Gregório chamam Brázia Gregório, que foi casada com Amador de Sousa, que faleceu em Rabo de Peixe, onde morava, filho de Diogo de Sousa, homem honrado, da governança, da qual teve alguns filhos.

A terceira filha de Duarte Gregório, chamam Ginebra Gregória, que foi casada com Gabriel Coelho, filho de André Afonso, da Praia, de que não houve filhos.

O terceiro filho de Gregório Roiz Teixeira chamam João Gregório que foi da governança na vila da Ribeira Grande, casado com Maria Pires, da ilha de São Jorge, de que houve alguns filhos, e um, por nome Manuel Roiz, mora na vila do Nordeste, onde casou honradamente, e é lá dos principais da terra e da governança d'ela.

Teve mais o dito Gregório Roiz uma filha, que trouxe consigo da ilha da Madeira, casada com João Fernandes Lordelo, valente homem que faleceu no Brasil com Baltazar Vaz, sendo capitão Pero do Campo, e teve alguns filhos.

A segunda filha de Gregório Roiz Teixeira chamavam Clara Gregória, também casada da ilha da Madeira, quando veio seu pai, com Luiz Mendes Potas, que era homem fidalgo e foi da governança da vila da Ribeira Grande, de que teve alguns filhos, um dos quais, por nome Baltasar Mendes, foi beneficiado em Vila Franca do Campo e bom clérigo, e outro casado, Gaspar Mendes, casado (sic) com Magdalena Delgada, filha de Gonçalo Vaz Delgado, morador na Ribeira Grande — irmão de Pero Gonçalves Delgado da cidade da Ponta Delgada —, e de Catarina d'Almeida, filha de Pero Teixeira.

Teve mais Luiz Mendes Potas outra filha que casou com Pero Lourenço de Sousa, morador na Ribeira Seca, termo da Ribeira Grande, cavaleiro de África, e da governança da mesma vila, de que não tem filhos.

Outra filha foi casada com Gaspar Dias, da Ribeira Chã, termo da Vila Franca, de que teve alguns filhos, dois dos quais foram para as Índias de Castela, e uma filha, chamada Crisóstoma de Lordelo, que casou com Gonçalo Coelho, filho de Gabriel Coelho.

A terceira filha de Gregório Roiz Teixeira se chamava Brázia Gregória, e casou no Nordeste com Cristóvão Fernandes, homem honrado, da governança, da qual houve alguns filhos, um dos quais, chamado Diogo Fernandes, é sacerdote, beneficiado na mesma vila do Nordeste.

A quarta filha de Gregório Roiz Teixeira, por nome Catarina Gregória, casou com Pero Vaz, o Mestre, que curava por virtude e veio a esta ilha da de Santa Maria, e lá teve irmãos e parentes, gente honrada; o qual Pero Vaz foi primeiro casado com Guiomar Alvres, irmã de Catarina Correia, da Alagoa, mãe de Simão Correia, da qual primeira mulher não houve filhos machos.

Teve Pero Vaz, mestre, da dita Guiomar Alvres, primeira mulher, uma filha, chamada Guiomar Alvres, que foi casada com Lopo Dias Homem, do hábito de Santiago, de que houve um filho que faleceu mancebo, e três filhas, uma chamada Francisca de Figueiredo, casada com Baltazar Tavares, filho de João Tavares, morgado de seu avô Rui Tavares, de que tem filhos, Leonel Tavares, Baltasar Tavares; a outra, chamada Margarida de Figueiredo, é casada com Jorge Roiz, de que tem filhos; a outra, chamada Guiomar Alvres, casou com Baltasar Roiz Teixeira, como atrás fica dito.

Houve também o dito Pero Vaz, da primeira mulher, uma filha, chamada Ana Pires, que casou com André Martins, homem honrado, da casta dos Martins, morador no termo da Ribeira Grande, a qual, falecido ele, esteve depois muitos anos entrevada, de que teve oito filhos muito virtuosos, sc., duas filhas que casaram, uma com Clemente Furtado, e outra com António da Costa, filho de João Lopes, uma que faleceu, e duas ainda solteiras, e três honrados filhos, sc., Manuel Vaz, que casou na ilha de Santa Maria, e João Feio e António Martins, solteiros.

Depois de viúvo Pero Vaz, o Mestre, casou segunda vez com Catarina Gregória, de que houve um filho, chamado João Roiz, Panelas de Pólvora, muito valente homem, que na Índia, em serviço d'el-Rei, ganhou este apelido, como adiante direi.

Houve mais Pero Vaz, da segunda mulher, uma filha, chamada Francisca Feia, que casou com António de Braga, irmão de Pero de Braga, cidadão do Porto, pai de Gaspar de Braga, da Ribeira Grande, da qual houve dois filhos, sc., João Ferreira de Braga, que casou na Índia, muito rico, homem de que os governadores fazem muita conta e vai agora por capitão, por três anos, do navio do trato para Sofala; e outro chamado Pero de Braga, que também casou na Índia, onde andam em serviço d'El-Rei, homens de muito preço que imitaram bem seu tio, João Roiz Panelas de Pólvora. Houve mais Francisca Feia, de seu marido António de Braga, duas filhas, uma chamada Joana Ferreira, que casou com João Roiz Carreiro, muito nobre, filho de Bertolameu Roiz, da Serra, de que houve muitos filhos, um dos quais, chamado António de Braga, é frade capucho na Índia, onde faz santa vida; e a outra filha de Francisca Feia se chama Petronilha de Braga, mulher de muita virtude, casou com Manuel Vieira, dos Fenais da Maia, nobre e rico e abastado.

Outra filha teve Pero Vaz, da segunda mulher, casada com Gaspar Pires, da Achada, de que teve alguns filhos.

A quinta filha de Gregório Roiz Teixeira, chamada Branca Afonso, foi casada com Gaspar Martins, home da governança, da qual houve uma filha que casou com João Roiz Cernando, de que teve filhos: um, Gaspar Roiz, casou na cidade com uma filha de Francisco Barbosa; outro casou na ilha da Madeira, na Calheta; e outro solteiro; e três filhas, uma casada com Lourençaires, filho de Rui da Costa, morador na cidade da Ponta Delgada, de que houve filhos; e outra casou com Francisco Pires Paiva, filho de Sebastião Pires, da Ribeira Grande, de que tem filhos; e outra casou com um filho de Francisco Lobo, da cidade.

Teve mais Gaspar Martins outra filha de Branca Afonso, sua mulher, chamada Simoa Martins, que foi casada com António Alvres, escrivão na Ribeira Grande, de que houve muitos filhos e um deles, por nome Amador Alvres, serve o ofício do pai, na mesma vila.

Teve mais Gaspar Martins, de sua mulher Branca Afonso, um filho chamado Simão Roiz, que casou com Concórdia Afonso, enteada de Pero Teixeira, filha de João Afonso, que foi escrivão na vila da Alagoa.

Teve Gaspar Martins outro filho, clérigo, que está na ilha da Madeira, e outro chamado João Roiz, que casou na vila d'Água do Pau.

CAPÍTULO XXXIV

DOS FERREIRAS, NOBRES FIDALGOS, QUE VIERAM DA ILHA DA MADEIRA A ESTA ILHA DE SÃO MIGUEL, EM TEMPO DO CAPITÃO RUI GONÇALVES DA CÂMARA, SEGUNDO DO NOME ([241])

Branca Afonso de Drumondo, filha de D. João de Drumondo, senhor de Escubal, em Escórcia, era mãe de Gonçalaires Ferreira, o Velho, da Casta Grande, da ilha da Madeira, e irmã de Gonçalo Aires Ferreira, que foi companheiro de João Gonçalves Zargo, seu parente, primeiro Capitão da ilha da Madeira, no descobrimento d'ela; e este Gonçalo Aires Ferreira era tio de Gonçalaires Ferreira, da Casta Grande, da dita ilha; o qual Gonçalaires Ferreira, filho de Branca Afonso, é sobrinho de Gonçalaires Ferreira de Drumondo que descobriu com o primeiro Capitão a ilha da Madeira, foi o que em nome da ilha da Madeira foi assentar o partido dos quintos da dita ilha com el-Rei D. Manuel, que está em glória. E este mesmo Gonçalo Aires, filho de Branca Afonso de Drumondo, foi pai de Diogo Rodrigues, o Cavaleiro, também morador na ilha da Madeira e teve mais três filhas, duas legítimas e uma bastarda; das legítimas, uma d'elas se chamava Joana de Frias Escórcia e a outra, Helena Ferreira; e a bastarda, Ana Ferreira, a qual filha bastarda foi casada com o licenciado Lopo Dias, na ilha da Madeira; e do dito Diogo Roiz, cavaleiro, filho do dito Gonçalaires, nasceu d'entre ele e Catarina Alvres, sua mulher, o bacharel Gonçalaires, que ora reside na vila da Ribeira Grande, desta ilha de São Miguel, por mestre de gramática, com provisão d'el-Rei. O qual Gonçalo Aires Ferreira, filho da dita Branca Afonso, sendo possuidor de muita fazenda, rico e abastado na ilha da Madeira, onde se chama a ribeira de Gonçalo Aires, antre Santiago e Nossa Senhora das Neves, da banda de levante, indo pela cumieira da serra até Nossa Senhora do Monte, onde se chama Corujeira, para o norte, parece por se criarem ali muitas corujas, correndo para onde se chama a ponta do Pargo, n'esta fama e estado faleceu, de idade de cinquenta anos, pouco mais ou menos; e antes de seu falecimento (se é verdade o que se diz), estando o dito Gonçalo Aires na Corujeira, detrás de Nossa Senhora do Monte, no Verão, dormindo à sombra de uma árvore, que se chama cornozaleiro que dá fruta à maneira de ferrobo, e a árvore é semelhante à ameixieira, dizem que ouviu uma voz, sem ver pessoa nenhuma, que lhe dissera: — Gonçalo Aires, alevanta-te e vai para casa e faze testamento. O que ele fez e d'ali a trinta dias (segundo o que dizem que ele disse) falecera; e estando doente, por o povo da ilha da Madeira conhecer dele ser tal, tão nobre e virtuoso como ele era, determinaram pedir a Deus com procissões, sendo seu serviço, lhe desse vida para remédio e sustentação da dita ilha, como ele até ali tinha feito; mas Deus, como sabedor de todas as coisas, o levou para si, para lhe dar mais prestes os prémios de seus merecimentos.

Este Gonçalo Aires teve três irmãos que na dita ilha habitaram com ele, todos homens de muito nome e estimados na conta de suas pessoas. Um deles havia nome Manuel Afonso Ferreira de Drumondo, outro Belchior Gonçalves Escórcia e outro Baltasar Gonçalves Escórcia Ferreira, dos quais foi povoada a ilha da Madeira e se intitularam em nome da Casta Grande, por descenderem de tão nobre casta e alta progénia, como foi de Ana Bela, Rainha de Escórcia, como o vi por brasão passado pelos Reis de Portugal e aprovado, descenderem da dita casa de Drumondo, em Escórcia. Estes ditos irmãos eram sobrinhos do primeiro Gonçalaires, companheiro de João Gonçalves Zargo, primeiro Capitão que foi na ilha da Madeira e todos eram parentes.

De Belchior Gonçalves Escórcio, um d'estes quatro irmãos que vieram de Escórcia à ilha da Madeira, descendeu João Gonçalves Ferreira que n'esta ilha de São Miguel se chamou da Serra d'Água, o qual veio da ilha da Madeira a esta de São Miguel, no tempo de uma grande peste que deu na dita ilha da Madeira, em uma casa d'esta Casta Grande dos Ferreiras, onde uma irmã de João Gonçalves Ferreira (que depois se chamou da Serra d'Água, como adiante direi) vivendo na ilha da Madeira, muito rica, em uma sua quinta com grande casa, onde tinham

tantos escravos, que lhe não sabiam o nome, mandando-lhe uma pedra de linho fino, a mandou guardar com outro, e daí a algum tempo, fazendo-a tirar por uma escrava, d'antre o outro, em o tirando e descobrindo, deu mal de peste na escrava que o tirara e daí em os mais da casa; e depois se ateou no porto da cidade do Funchal e por toda a ilha da Madeira, que foi causa de se despovoar quase toda a terra, e esta foi a razão porque os mais dos grandes e principais homens se desterraram da ilha da Madeira e se foram, uns para as Canárias, e outros para outras partes, antre os quais, o dito João Gonçalves Ferreira, da Casta Grande, se veio a esta ilha de São Miguel com sua mulher Catarina Afonso e toda sua família, e com muitos escravos e escravas, vacas e muita fazenda de dinheiro, baixela de prata e muita tapeçaria, e se aposentou na vila da Ribeira Grande, perto, fora da vila, onde comprou terras em que mandava fazer sua lavoura. Aconteceu um domingo ir à igreja com sua mulher e filhos e escravos, de que andava bem acompanhado, e estando ouvindo missa se alevantou o fogo em sua casa e lhe queimou toda sua fazenda, de tal sorte que quando acudiu era tudo ardido, e acharam, depois do fogo apagado, as pranchas de prata da baixela, e outras peças que se fundiram; pelo que se veio morar abaixo à vila, em umas boas casas que comprou sobre a ribeira, junto da ponte, onde mandou fazer um engenho de serra d'água, como os da ilha da Madeira, com seus escravos e um João Lourenço, seu criado, que era mestre do dito engenho e endereçava os escravos.

Este João Gonçalves Ferreira, da Casta Grande, da Casa de Drumonde e da progénia dos Reis de Escórcia, teve de sua mulher Catarina Afonso três filhos legítimos e três filhas. O primeiro se chamou Afonso Gonçalves Ferreira, viveu na cidade da Ponta Delgada, sempre rico, com escravos e escravas e senhor de bons ginetes, que levava alguns à destra, quando saía em jogos de canas, com suas mochilhas de veludo e seus ricos arreios; casou com Grimaneza Luiz, filha de João Roiz, escrivão, homem mui principal e de nobre progénia, da qual houve três filhos e três filhas. O primeiro filho, Manuel Ferreira, faleceu solteiro; o segundo, João Roiz Ferreira, que agora é capitão de uma bandeira, casou com Maria Lopes, filha de João Lopes, de que tem filhos e filhas; o terceiro faleceu moço. A primeira filha, chamada Isabel Ferreira, casou com Diogo Gonçalves Correia, fidalgo, sobrinho do bisconde (sic) de Ponte de Lima e do bacharel Diogo Pereira, fidalgo, que foi desta ilha de São Miguel, ouvidor do Capitão muitos anos, dos Correias do Regno, que têm este apelido pelas razões ditas, quando tratei de Jácome Dias Correia, na progénia dos Gagos; da qual Isabel Ferreira e Diogo Gonçalves Correia nasceram dez filhos, faleceram seis, e os vivos são estes, sc., a primeira, chamada Grimaneza Ferreira d'Escórcia, que casou com Afonso de Goes, mestre da capela da cidade da Ponta Delgada, extremado não somente no canto e voz e engenho, mas em todas suas coisas, natural de Campo Maior, de Alentejo, filho de Gil Fernandes Caiola e de Joana Dias Mexia, dos de Castela, prima de Afonso Mexia ([242]) veador que foi na Índia da fazenda e escrivão d'ela em Portugal, que está sepultado em São Domingos, em Lisboa, em uma rica capela à qual avinculou um morgado de mais de duzentos moios de renda; e o dito seu pai, natural da cidade de Elvas, foi casado três vezes: a primeira com uma irmã de Pero Lopes da Silva, feitor que foi de Frandes e embaixador de Castela; e a segunda, com outra nobre mulher; a terceira, com a dita Joana Dias Mexia, das quais todas houve vinte e tantos filhos e filhas; por cuja causa se veio o dito Afonso de Goes para esta ilha, com Francisco de Mesquita, casado com D. Francisca, filha de João Sotil, prima do mesmo Afonso de Goes, que tem seus brasões de muita nobreza, assim de uma, como da outra parte; o qual tem cinco filhas e um filho, afora três filhas e dois filhos que lhe faleceram, da dita Grimaneza Ferreira; e o dito Gil Fernandes Caiola, seu pai, foi por muitas vezes juiz e vreador da dita cidade de Elvas, que tem quatro mil vizinhos, e em Campo Maior, que tem mil e quatrocentos. A segunda filha de Diogo Gonçalves Correia e de Isabel Ferreira, chamada Maria Correia de Drumonde, casou com o doctor Gaspar Gonçalves, de tanto nome e fama na medicina (além de outras muitas graças e perfeições de que Deus o dotou), que quando o chamam para curar algum enfermo, se diz comummente que chamam a saúde; de que não tem filhos.

Outro filho de Diogo Gonçalves Correia e de Isabel Ferreira se chama Miguel Correia de Drumonde, o qual logo em moço mostrou nesta ilha o que havia de ser em homem, porque cometeu coisas grandes que os mais valentes, de madura idade, não ousam cometer; e sendo de quinze anos se foi para a Índia de Portugal com D. Henrique Gonçalves de Miranda, sobrinho do Cardeal, filho de D. Violante, que ia por capitão do Malabar, quando foi para lá, por Viso-rei, D. Luiz de Taíde (sic), da primeira vez; do qual Viso-rei foi desejado e pedido ao dito capitão do Malabar, o qual lhe respondeu que o não levava por pagem, senão por filho, prezando-se muito dele, e tanto que quando os seus lhe queriam pedir alguma mercê, por sua

intercessão a alcançavam. Chegado o dito Miguel Correia de Drumonde à Índia, a primeira cousa em que se achou foi na guerra e cerco que o Hidalcão pôs a Goa, onde se deu um combate que durou três dias, e não se via no campo senão sangue e fogo; ali fez o dito Miguel Correia muitas avantagens, indo diante do Viso-rei, que tomou por sua guarda a ele e outro de seu seio; ia Miguel Correia com uma rodela de aço em um braço e a espada na mão, cometendo os imigos, e por o verem os mouros bom soldado se inclinaram muito a ele, acometendo-o com maior fúria, antre os quais veio um alto de corpo e lhe tirou com uma escopeta, cujo pelouro lhe deu na rodela e saltando no nariz lhe caiu aos pés, sem lhe fazer nojo, e ele com muito ânimo e ligeireza arremeteu ao mouro e lhe tirou a vida, e por ser o mouro grande o levou pelas coxas e, revirando-o, o acabou. No qual fragante soltaram os mouros um touro afim de matar o Viso-rei, e Miguel Correia, dando um salto d'entre os outros, fez tal sorte que matou o touro, o que vendo o Viso-rei, o levou nos braços, dizendo: — hei por bem de vos alevantar por cavaleiro, com toda a solenidade que se deve a tais cavaleiros, porque nos maiores encontros sempre fizestes sortes de cavaleiro extremado, e el-Rei vos está devendo mercês.

A segunda cousa notável, antre outras muitas que não conto, em que se achou Miguel Correia de Drumonde, foi desta maneira. Mandando o Viso-rei D. Luiz de Tayde uma galé tomar outra de mouros, em a qual o capitão português pôs outros capitães em suas estâncias, e porque o capitão de uma estância da dita galé tardou ao embarcar, o capitão da galé, vendo que não vinha, perguntou se estava dentro na galé Miguel Correia; dizendo-lhe que sim, o fez capitão da estância que o não tinha, não tardando muito espaço de vir o capitão daquele lugar, e vendo que o tinha o dito Miguel Correia, lhe disse: — senhor, sois muito moço para esse lugar; ao que respondeu Miguel Correia: — se quereis saber se sou moço, chegai para cá e sabe-lo-eis, porque sou tão bom fidalgo como vós. Ao que acudiu o capitão da galé e os pôs em paz, ficando o Miguel Correia no lugar, por capitão daquela estância; e chegando a galé dos mouros, pelejou varonilmente, e da sua estância, com um montante nas mãos, saltou na galé dos contrairos e fez grande estrago neles, até os acabar de vencer; mas d'ali o trouxeram quase todo atassalhado de feridas, com as armas metidas pelo corpo, de tal maneira que na primeira cura que lhe fizeram, se gastou grande parte de um toucinho em mechas. Além de outras coisas notáveis que fez na Índia, como foi um desafio que teve com um valente soldado e o venceu nele, e rendeu outra vez em um caminho, a dois arrenegados e os levou presos a uma fortaleza. Agora dizem alguns que está casado, muito rico, na China; outros que em outra parte da Índia.

O segundo filho é Gabriel Ferreira, de tanto ânimo que, se acertara de ser são, fora dos melhores soldados de muitas partes.

A segunda filha de Afonso Gonçalves Ferreira se chamou Constança Roiz Ferreira, que casou primeira vez com Sebastião Fernandes, neto de Afonso Anes, dos Mosteiros, que tinha seu morgado; a segunda vez, com Francisco Correia, e de nenhum houve filhos.

A terceira filha faleceu moça.

O segundo filho de João Gonçalves Ferreira, da Serra d'Água, se chamou Pero Gonçalves Ferreira, o qual casou com Francisca Velha Falcoa, de que teve uma filha e dois filhos.

O terceiro filho, chamado Baltasar Gonçalves Ferreira, foi sacerdote de missa e faleceu na ilha da Madeira.

A primeira filha de João Gonçalves Ferreira, da Serra d'Água, se chamou Catarina Escórcia, a qual casou na Ribeira Grande com Francisco Afonso das Côrtes, de que houve dois filhos e duas filhas, sc., Manuel Ferreira e o licenciado Simão Pimentel, pregador, que teve o púlpito da cidade e depois o de Vila Franca, por provisão d'el-Rei, muitos anos; a primeira filha se chamou Isabel Ferreira, que faleceu solteira, e a outra Ana Escórcia, que foi casada com Diogo Dias Brandão ([243]), que morou na Ponta da Garça.

A segunda filha de João Gonçalves Ferreira, da Serra d'Água, se chamou Inês Ferreira, que casou com André Martins, do Morro da Ribeira Grande, de que houve um filho, chamado Domingos Ferreira, que na Índia de Portugal é capitão do mar, e outros filhos.

A terceira filha de João Gonçalves Ferreira, da Serra d'Água, se chamou Lianor Escórcia, a qual não foi casada.

O avô de Isabel Ferreira e pai de Grimaneza Luiz, mãe de Isabel Ferreira, sogra do doctor Gaspar Gonçalves, se chamava João Roiz Cavão, escrivão da Câmara, o qual era parente do avô dos filhos de João Fernandes Raposo, que morou acima do mosteiro de Santo André.

Teve João Roiz Cavão, de sua mulher Isabel Gonçalves, muitos filhos e filhas: o primeiro filho foi Belchior Roiz, escrivão que foi da Câmara, muitos anos, na cidade da Ponta Delgada, e pai do doctor João Roiz, pregador do Cardeal e seu visitador, e depois visitador do Arcebispo de Lisboa.

O segundo filho se chamou Bartolomeu Roiz que faleceu solteiro.

A primeira filha, Margarida Roiz, casou com Diogo Vaz Carreiro, irmão de Pero Gonçalves Delgado, de que houve filhos e filhas.

A segunda filha de João Roiz Cavão, chamada Guiomar Roiz, casou com um homem nobre, de que teve filhos e filhas.

A terceira filha se chamou Grimaneza Luiz, que casou com Afonso Gonçalves Ferreira, como já tenho dito. A quarta filha, Ágada Roiz, casou com Rui Vaz Badilha, de que houve um filho que faleceu menino. A quinta filha, Constança Roiz, que casou com um homem que a levou para Portugal, de que tem um filho bom pregador.

A sexta filha, Maria Roiz, casou com António Gonçalves, dos Poços, de que houve um filho e uma filha que estão casados e moram nos mesmos Poços.

A sétima filha, D. Isabel, casou primeiro com Diogo Fernandes, e a segunda vez com Ibonel de Betencor, filho de Gaspar Perdomo, e de nenhum dos maridos teve filhos.

Teve este João Ferreira um filho natural que trouxe da ilha da Madeira, chamado Gaspar Gonçalves, que faleceu no mandado de Deus, sendo casado com uma irmã de Francisco Afonso das Côrtes, de que teve dois filhos.

Teve mais João Gonçalves Ferreira uma filha natural, que trouxe da ilha da Madeira, chamada Branca Gonçalves, que foi casada com Afonso Delgado, e faleceu na vila da Ribeira Grande, sem ter dele filhos e dantes foi casada com Bartolomeu Fernandes, filho de Fernão d'Afonso de Paiva, irmão de João Fernandes, escrivão do eclesiástico, de que houve uma filha, que casou com Baltasar Dias de Mendonça, natural do lugar de Santo António.

Têm os Ferreiras, no escudo de suas armas, o campo d'ouro e três faixas ondadas de vermelho, e por diferença uma brica azul e n'ela um M de prata; elmo de prata, aberto, guarnecido de ouro, e paquife de ouro e de vermelho; e por timbre meio libréu de vermelho com sua coleira de ouro.

Veio também a esta ilha, de Portugal um Gaspar Ferreira, homem nobre e discreto que teve aqui as rendas d'el-Rei e fez as nobres casas que agora são do grão capitão Francisco do Rego de Sá e de sua mãe D. Margarida de Betencor. O qual Gaspar Ferreira não sei se era parente destes outros Ferreiras acima ditos, porquanto têm diferença nas armas de seus brasões. Teve este Gaspar Ferreira, de sua mulher Isabel de Braga, uma filha que trouxe de Portugal e um filho natural, chamado Baltasar Ferreira, muito valente homem e o mais forte cavaleiro sobre um cavalo, que quantos houve nesta ilha, o qual casou com Isabel Furtada, filha de João Luiz e de Francisca Furtada, de que houve os filhos seguintes: o primeiro, Gaspar Ferreira, que casou com uma filha de Manuel Martins, escrivão dos cativos; o segundo filho, chamado Baltasar Ferreira, valente homem, ainda solteiro; o terceiro, Belchior Furtado, bom sacerdote e grande cantor, músico e discreto, capelão da Rainha D. Catarina. Teve também Baltasar Ferreira, de sua mulher Isabel Furtada, duas filhas: a primeira, Francisca Furtada, casou com um irmão de Hércules Barbosa; a segunda, Inês Ferreira, casou com Manuel Cabral, filho de Nuno Gonçalves Botelho e neto de Jorge Nunes Botelho, de que tem muitos filhos.

Teve Gaspar Ferreira uma filha natural, chamada Leanor Ferreira, que casou, primeira vez, com Fernão Lourenço, de que houve filhos, Cristóvão Ferreira, beneficiado que foi na vila da Ribeira Grande, e Fernão Lourenço que casou com Leonor da Fonseca, e uma filha, chamada Breatiz Ferreira que casou com Manuel Pires, de que tem muitos filhos.

E outra, por nome Isabel Ferreira, que casou com Hércules Barbosa, lealdador-mor dos pastéis, de que tem muitos filhos. E casou segunda vez com Manuel Machado, mestre das obras d'el-Rei, de que teve uma filha, chamada Margarida Machada, que casou com Gaspar de

Viveiros, morgado; outra, por nome Francisca Ferreira que casou com Gaspar de Teve, homem de grandes espíritos, capitão de uma companhia na cidade da Ponta Delgada.

Teve mais Gaspar Ferreira, de sua mulher Isabel de Braga, uma filha que disse atrás vir de Portugal, chamada Catarina Ferreira, que casou primeira vez com António Furtado, de que não teve filhos; e a segunda vez com Gaspar do Rego, filho de Aires Pires do Rego, de que houve uma filha, chamada Breatiz de Santiago, freira professa no mosteiro de Jesus, da vila da Ribeira Grande.

Casou Gaspar Ferreira, segunda vez, com Francisca Furtada, de que não houve filhos. Tinha em seu brasão um escudo com o campo de vermelho e quatro faixas de ouro, e por diferença uma brica azul e nela um anel de prata, elmo de prata, aberto, guarnecido de ouro, paquife de ouro e de vermelho, e por timbre uma ema com uma ferradura de ouro no bico.

CAPÍTULO XXXV

DOS AMARAES, QUE TAMBÉM SÃO DOS MENDES E VASCONCELOS, QUE VIERAM À ILHA DE SÃO MIGUEL, EM TEMPO DO CAPITÃO RUI GONÇALVES DA CÂMARA, SEGUNDO DO NOME

Veio a esta ilha, de Portugal, da cidade de Viseu, Afonsalvres do Amaral, e casou na vila da Ribeira Grande com Isabel Fernandes Correia, filha de Vasco Fernandes e de Caterina Correia, homem abastado que serviu aqui de meirinho do eclesiástico, muitos anos. Era homem grande de corpo, grave, discreto, muito gracioso e apodador, que viveu sempre rico, e teve grande curral de gado vacum, com seu pastor que o pastorava na vila da Ribeira Grande. E, segundo se mostra por um estromento autêntico, era fidalgo da geração dos Mendes, Amaraes e Vasconcelos, porque era filho legítimo de Jorge Mendes de Vasconcelos, morador que foi no Couto de Baixo, o qual era filho de Lopo Pais Cardoso, que foi homem fidalgo da casa d'el-Rei, muito rico, que sempre viveu à lei de fidalgo, trazendo consigo continuamente três a quatro homens a cavalo, e por ser da dita qualidade, foi casado com Ginebra Mendes de Vasconcelos, filha legítima de João Mendes de Vasconcelos, comendador de Langoiva, e neta de D. Mem Roiz de Vasconcelos, mestre que foi de Santiago e bisneta de Gonçalo Mendes de Vasconcelos, alcaide-mor de Coimbra e senhor de muitas terras; o qual Gonçalo Mendes foi casado com D. Tareja, neta d'el-Rei D. James d'Aragão, e d'antre ambos nasceram três filhos, sc., Rui Mendes de Vasconcelos, morgado de Figueiró dos Vinhos e Pedregão, e o dito D. Mem Roiz de Vasconcelos, mestre de Santiago, e o dito João Mendes de Vasconcelos, comendador de Langoiva, pai da dita Ginebra Mendes, d'onde descende o conde de Penela e D. Diogo de Sousa, Arcebispo que foi de Braga, e D. Guiomar Coutinha, condessa de Cantanhede; e por linha direita o dito Jorge Mendes de Vasconcelos, do Couto, que de sua mulher Branca Soares d'Andrade houve dois filhos, o primeiro Afonso Alvres do Amaral, o segundo, Manuel de Vasconcelos, o qual ficou em Portugal, onde vive à lei de fidalgo; e (como disse) seu irmão Afonso Alvres do Amaral se veio da cidade de Viseu a esta ilha, em tempo do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, segundo do nome.

Teve Afonsalvres do Amaral, de sua mulher Isabel Fernandes Correia, quatro filhos e uma filha. O primeiro Baltasar do Amaral, serviu também de meirinho do eclesiástico nesta ilha e de almoxarife; casou duas vezes, a primeira com Isabel Nunes, viúva, e não teve filhos; casou segunda vez com Breatiz do Monte, filha de Pedro Anes, mercador, e de Suzana do Monte, moradores na Ribeira Grande, de que não tem filhos. O segundo filho de Afonsalvres do Amaral, chamam Belchior do Amaral, casou com Maria Gonçalves, filha de João Gonçalves Caldeira e de Breatiz Pires, moradores na Lomba da dita vila, não tem filhos nenhuns, vive honradamente e é homem discreto e bom cavaleiro. O terceiro filho de Afonsalvres, chamam Cristóvão de Vasconcelos, bom cavaleiro e de grandes espíritos, casou com Breatiz Correia, filha de Miguel Vaz e de Isabel de Sousa, de que não houve filhos; casou segunda vez com Susana Afonso, filha de Jorge Afonso e de Inês Rois, da Ponta da Garça, de que não teve filhos, nem ainda os tem da terceira mulher com que casou, chamada Maria Vieira, filha de Manuel Vieira, morador no lugar dos Fenais da Maia. O quarto filho de Afonsalvres, chamado Jorge Mendes, casou com Branca da Costa, filha de Roque Roiz, escrivão que foi da Câmara da Ribeira Grande, e de Francisca da Costa; tem três filhas, duas solteiras e a mais velha, chamada Ana da Costa, casada com Rui Privado, filho de Duarte Privado, juiz que foi dos órfãos na dita vila, e de Margarida de Paiva, de que tem filhos de pouca idade.

A filha de Afonsalvres do Amaral, por nome Maria Mendes, casou duas vezes, a primeira com Pero Vaz, mercador, que faleceu em Itália, sem ter filhos; a segunda, com Belchior Gonçalves Caldeira, filho de João Gonçalves Caldeira e de Breatiz Pires, de que houve muitos filhos e filhas, dos quais são vivos dois filhos e uma filha; dos filhos, o primeiro, Bartolomeu do Amaral, casou com Francisca Carneira, filha de João Lopes e de Simoa Tavares, da qual tem

um filho e uma filha; o segundo filho de Maria Mendes foi para as Índias de Castela, solteiro; uma filha que faleceu, chamada Isabel Correia, casou com Francisco Fauste, castelhano, que veio à vila da Ribeira Grande no tempo que se fazia a pedra hume, por mandado d'el-Rei, por mestre d'ela, e indo com o provedor Francisco de Mares para Lisboa, o mataram os franceses em um navio com o dito Francisco de Mares e com outros, e lhe ficou um filho, pequeno; a outra filha de Maria Mendes, chamam Breatiz de Vasconcelos, casou com Fernão d'Afonso, morador na Chada Pequena, de que houve alguns filhos; todos vivem ricos e abastados, com cavalos na estrebaria e escravos, à lei de nobreza, e são bons cavaleiros e dos da governança da terra. E por parte dos Mendes de Vasconcelos, têm também as suas armas, que são um escudo preto com três faixas barradas e contrabarradas de preto e de vermelho, com sua diferença.

Houve nesta ilha um afamado pregador e grande letrado, da ordem de São Hierónimo, parente dos Amarais, chamado Frei António do Amaral, que com provisão d'el-Rei e bom ordenado pregou muitos anos nesta terra e principalmente na cidade da Ponta Delgada, onde residia o mais do tempo; era homem de muitas letras e virtudes, de grande gravidade, com que (como pai da Pátria) curou muitas almas e fez muitas pazes e amizades entre ânimos diferentes, e edificou a muitos com sua doutrina e bom exemplo; homem que todos temiam nesta terra, porque não era aceitador de pessoas. Todos têm as armas dos Amarais do Regno, afora as dos Mendes e Vasconcelos, que tenho já ditas.

CAPÍTULO XXXVI

DOS ALBERNAZES E DOS MONTES, PEREIRAS E MENDES, E DE OUTROS APELIDOS DE GENTE NOBRE QUE VEIO A ESTA ILHA, NO TEMPO ANTIGO, E DE SEUS SUCESSORES QUE AGORA MORAM NELA

João d'Albernaz, fidalgo, veio da ilha do Faial, viúvo, com dois filhos e duas filhas: o primeiro filho, chamado, como seu pai, João d'Albernaz, faleceu no Cabo Verde, solteiro; o segundo, Sebastião Albernaz, casou nesta ilha com uma filha de Rodrigo Anes, o Bago, de Santo António, de que não teve filhos. A primeira filha de João d'Albernaz, chamada Inês d'Albernaz, casou primeiro com Diogo Fernandes da Costa, de que houve um filho, chamado, como seu pai, Diogo Fernandes da Costa, o qual tem doze filhos, cinco machos e sete fêmeas: o primeiro, António da Costa, casou nos Fenais com uma filha de Diogo Afonso Serpa; os outros ainda solteiros; uma das filhas, chamada Inês da Costa, é casada com Manuel Vaz, filho de Domingos Vaz, da Maia; outra, Helena Pereira, casou com Sebastião da Costa, filho de Pero Barriga, da vila d'Água do Pau; as outras são ainda solteiras. Inês d'Albernaz, que viuvou de Diogo Fernandes da Costa, tornou a casar com Duarte Pires, da Lomba da Ribeira Grande, de que houve um filho chamado Duarte Pires Furtado, bom cavaleiro, que casou com Paulina Tavares, filha de João Fernandes e de Maria Barradas, e uma filha que casou com Manuel Garcia, chamada Isabel Furtada, e que tem sete filhos.

Outra filha de João d'Albernaz, chamada Isabel Furtada, casou com Luiz Fernandes da Costa, de que houve filhos, afora os falecidos, um, chamado João Homem da Costa, que casou no Nordeste com uma filha de Pero Manuel e tem três filhos de pouca idade e quatro filhas; outro filho de Isabel Furtada, chamado Clemente Furtado, casou três vezes: a primeira, com uma filha de Manuel Vieira, dos Fenais da Maia, de que tem um filho chamado Manuel Furtado; a segunda, com uma filha de Sebastião Barriga, d'Água do Pau; a terceira vez, casou com uma filha de André Martins, da Ribeira Grande, sem haver filhos d'estas duas, como já disse na geração dos Costas. Outro filho de Isabel Furtada, chamado Sebastião da Costa, é casado com uma filha de João Luiz, da Maia, de que tem três filhos e duas filhas.

Tem mais esta Isabel Furtada, filha de João d'Albernaz e mulher de Luiz Fernandes da Costa, duas filhas, Maria da Costa, casada com Estêvão Pires, filho de Duarte Pires, da Lomba, de que tem dois filhos, António da Costa e Inês Fernandes da Costa; a outra filha de Isabel Furtada, chamada Catarina da Costa, casou com João de Medeiros, em Vila Franca, de que tem uma filha, chamada Maria da Costa.

João d'Albernaz, depois que veio viúvo do Faial, casou na vila da Ribeira Grande com Guiomar Fernandes, mulher que fora de Vultão Vaz, e dela houve a Martim d'Albernaz, que casou com Isabel do Monte, de que teve sete filhos: alguns faleceram e dos vivos, um, chamado Francisco Albernaz, casou com uma filha de Fernão Carneiro e de Ana Fernandes, moradores nos Mosteiros; outro, Antão d'Albernaz, casou com Maria Gonçalves, filha de Pedro Afonso; e duas filhas, uma que faleceu solteira, chamada Hierónima Albernaz, e outra, Inês d'Albernaz, que casou com mestre António, de que tem um filho.

Houve mais Guiomar Fernandes, de João d'Albernaz, quatro filhas, três que faleceram solteiras, e a outra, chamada Aldonça d'Albernaz que casou com Amador de Sousa, de que houve uma filha, por nome Aldonça d'Albernaz.

Têm os Albernazes em seu brasão um escudo partido em quatro partes: a primeira azul e uma árvore de sete pontas de prata, e a outra parte de prata, a árvore azul, assim de sete pontas; e isso mesmo os outros cambados, com sua diferença, com um quadrângulo preto na ponta de cima do escudo, da banda esquerda a quem o vê.

João de Piamonte veio a esta ilha mercador, com mercadoria, com sua mulher Lianor Dias, natural do Algarve, de gente honrada, de que houve filhos: João do Monte, Gaspar do Monte, Amador do Monte, Ambrósio do Monte e Bonifácio do Monte, todos homens esforçados, e muito cavaleiros, e foram à África; e o Amador do Monte, mais que todos, porque fez lá muitas sortes e na Índia, e faleceu solteiro. João do Monte casou na Lagoa com uma mulher nobre, de que houve Simão do Monte e outro, Sebastião de Oliveira, e filhas que faleceram. Gaspar do Monte casou com uma irmã de Duarte Pires, da Lomba, de que houve filhos: Gaspar do Monte, Baltasar do Monte, vigairo que foi de Santo António e depois da Fajã, termo da cidade, e João do Monte, e quatro filhas, sc., Isabel do Monte, mulher de Martim d'Albernaz, e Susana do Monte que foi casada com Pedro Anes, e Breatiz do Monte, casada com Diogo de Morim, e Guiomar do Monte, casada com Francisco Soares, de que tem alguns filhos — Belchior Soares que casou com Guiomar Correia, filha de Sebastião Alvres e de sua mulher Joana Martins, filha de João d'Aveiro, escrivão dos órfãos na vila da Ribeira Grande, e outros filhos e filhas solteiros; João do Monte casou com Isabel Tavares, de que tem muitos filhos: o mais velho, Gaspar do Monte, casou com Inês Fogaça, e uma filha, chamada Francisca Tavares, casou com Gaspar Leão, filho de Manuel Gonçalves Leão, da vila d'Água do Pau, como disse na progénia dos Rochas e Machados.

Vieram a esta ilha dois irmãos, de Guimarães, António Mendes Pereira e João Mendes Pereira, filhos de Fernão Mendes, netos de Afonso Mendes, da casa do Infante, arcebispo de Braga, irmão d'el-Rei; o qual Afonso Mendes serviu a el-Rei nas guerras de Castela, muito bem, pelo que lhe fez mercê de juiz dos órfãos de Unhão, de Guimarães. Seu neto, António Mendes, veio a esta ilha no ano de mil e quinhentos e dezoito, onde casou com Isabel Fernandes, filha de Francisco Fernandes, castelhano, de que houve dez filhos. O primeiro, João Mendes, letrado agraduado, primeiro em leis e depois em cânones e em teologia, que faleceu em Salamanca, homem de grande virtude, o qual, sendo dantes muito lustroso no mundo, deu tal volta, enjeitando tudo, que foi depois mais humilde de quantos eu tenho visto e exemplo de todas as virtudes; e, sendo sacerdote de missa, faleceu dia de Natal, antes de a dizer, o mesmo dia que tinha determinado de a cantar. O segundo, Pero Mendes, bom sacerdote e cantor, o mais velho beneficiado na igreja de S. Sebastião, da cidade da Ponta Delgada. O terceiro, Francisco Mendes Pereira, criado d'el-Rei, cavaleiro fidalgo nos seus livros, e contador que foi de Sua Majestade nesta ilha de S. Miguel e Santa Maria, homem discreto e prudente e de magnífica condição, o qual casou com Isabel da Gama, moça da câmara da Rainha D. Catarina, da geração dos Gamas ([244]) e dos Velhos, de Portugal. Os Gamas são naturais de Olivença e procedem da geração do conde da Feira. O primeiro chefe deles era um homem principal de Olivença, o qual sonhando uma noite que achava um tesouro em Castela, na ponte de Badajoz, e um castelhano, de Castela, sonhava que achava uma gama, que é uma pedra de mó de moer azeitonas, cheia de grande tesouro; indo o português a buscar o seu a Castela, se encontrou na ponte de Badajoz com o castelhano e praticando ambos, descobrindo cada um seu sonho, dizendo o castelhano que sonhara que em Olivença achava uma gama cheia de tesouro, lhe respondeu o português: — não creiaes em sonhos que são abusão, que também eu sonhei que achava outro tesouro em vossa terra; e tornando-se cada um para onde moravam, o português buscou a gama em sua terra e a trouxe pouco a pouco em tombos, de noite, com um mouro, seu escravo, a sua casa; e abrindo-a, achou tão grande tesouro de ouro e prata e pedras preciosas, que ficando-lhe a maior parte e fazendo serviço da menor a el-Rei, o fez fidalgo de sua casa e foi o princípio dos Gamas que no Reino têm grande nome e grandes cargos. E desta progénia, e primo de Isabel da Gama, é o doctor António da Gama, grande jurisconsulto, afamado por suas obras e escritos, que agora é desembargador do paço. E não tem filhos.

O quarto filho de António Mendes, chamado António Mendes Pereira, casou com Breatiz Cabeceiras, neta de João Afonso, do Faial, e de Domingos Afonso. O quinto, Fernão Mendes Pereira, que casou com Hierónima Fernandes, filha de Pedro Anes Freire, de que tem alguns filhos. O sexto, Hierónimo Mendes Pereira, ainda solteiro.

Teve mais António Mendes Pereira três filhas: a primeira, Maria Mendes, casou com João d'Arruda da Costa, de que tem filhos e filhas; a segunda, Violante Mendes, casou com Manuel Favela da Costa, de que tem filhos e filhas; a terceira, Catarina Mendes, casada com o Capitão Alexandre, de que não tem filhos.

João Mendes Pereira, irmão de António Mendes Pereira, casou com Guiomar Botelha de Macedo, bisneta do Capitão do Faial, de que houve os filhos já ditos na geração de Gonçalo

Vaz, o Grande. Têm os Mendes Pereiras por armas, em seu brasão, um escudo com campo vermelho e uma cruz de prata florida e vazia; elmo de prata, guarnecido de ouro; paquife de prata e vermelho; por timbre duas asas de anjos, de ouro, e entre elas uma cruz vermelha, e por diferença, um cardo de ouro, florido de azul.

Houve na vila do Nordeste um João Soares, nobre e rico, de grande casa. Foi casado com D. Filipa, natural do Reino, e segunda vez com D. Joana Galvoa, também do Reino, do qual não ficaram filhos; ficou sua fazenda e um morgado, que agora tem Francisco da Costa Homem.

Estevão Chainho, nobre e rico, foi dos primeiros que regeram a vila do Nordeste; de quem ficou Gaspar Chainho e agora António Chainho e Estêvão Chainho, seus netos, e outros deste apelido.

João Gonçalves, da Ponta, chamado assim por ter sua morada junto de uma ponta que está sobre o porto da vila do Nordeste, veio do Reino e foi dos nobres e regedores da dita vila; de quem ficou Francisco Gonçalves, seu filho, e Brás Gonçalves, seu neto, e João Gonçalves, seu bisneto.

João Afonso, antigo e rico, foi dos primeiros que povoaram e regeram a vila do Nordeste; de quem ficaram filhos, Pedro Afonso Gordo, Jorge Afonso, António Afonso, cavaleiro do hábito de Santiago, todos cidadãos de Vila Franca, e destes ficaram filhos que agora regem e governam, onde quer que vivem, como são João da Costa, Pedro Afonso da Costa, e Belchior Manuel, filho de Pedro Afonso Gordo; de António Afonso, ficaram João Afonso Correia, Manuel Dias Brandão, António Afonso Correia, que têm este apelido da mãe, filha de Diogo Dias Brandão, cavaleiro do hábito de Cristo; e outros netos.

Diogo Fernandes Salgueiro foi rico e nobre, de que ficaram filhos na mesma vila, Tristão Fernandes, Pedro Homem e João d'Arruda e alguns netos.

João Lourenço, o Velho, foi nobre e rico, na mesma vila, de que ficaram filhos e netos, João Lourenço, Domingos Lourenço, Jorge Lourenço e Pero Carvalho.

Houve na mesma vila Bernaldim Calvo, homem nobre, de quem ficou Pero Calvo, que ora é cidadão em Vila Franca.

Salvador Afonso, cavaleiro do hábito de Santiago, viveu na mesma vila e foi juiz dos órfãos, de ametade d'esta ilha; ficaram seus filhos, Manuel Afonso, Roque Afonso e alguns netos, cidadãos de Vila Franca.

Houve na mesma vila do Nordeste um João Pires, muito nobre e rico; teve filhos, Roque Pires e Gaspar Pires, e netos, Amador do Monte e Manuel do Monte.

Houve em Vila Franca Afonso Anes do Penedo, pai de João do Penedo, que depois viveu e faleceu na vila da Ribeira Grande; eram fidalgos; e este João do Penedo foi tio de Antão Pacheco, porque era irmão de sua mãe; o qual Antão Pacheco foi ouvidor do Capitão nesta ilha, e no tempo do dilúvio de Vila Franca, tendo o dito cargo, faleceu nela.

Diogo Preto, homem nobre, morou em Vila Franca e era escrivão de toda esta ilha; foi casado com Catarina de Olivença, fidalga, irmã de D. Filipa, mulher de João Soares, fidalgo, atrás dito. Este João Soares tinha uma irmã fidalga, chamada Maria da Costa, que foi mulher de Jorge Fernandes, e teve grande casa no Nordeste, onde pousou o Bispo D. Agostinho e pousava toda a gente honrada. Uma filha de Diogo Preto, chamada Maria Falcoa, foi casada com Diogo Coelho ([245]), irmão de Antão Pacheco e depois de viúva casou com António Lopes, da Relva, d'onde procede Manuel Botelho, genro de Joana Tavares, da Ribeira Grande.

Viveu em Vila Franca António de Freitas, escrivão de toda esta ilha, casado com uma filha de Manuel Domingues, de que teve um filho, chamado Gaspar de Freitas, que foi escrivão na Ponta Delgada.

Morava também na Vila Franca Afonso Rodrigues Cabêa, casado com Catarina Fernandes, irmã de António Pacheco; trouxe grande casa de Portugal e assim a teve nesta ilha seu irmão, Luiz Pires Cabêa, que casou na Ribeira Grande, com Filipa Tavares, filha de Fernão de Anes Tavares. Este Afonso Roiz Cabêa casou uma filha com Pero Rodrigues Raposo, irmão de Jácome Dias Correia.

No tempo do Capitão João Rodrigues, veio ter e morar na vila da Lagoa um homem nobre, castelhano, com sua mulher, a que não soube o nome, de que teve estes filhos, sc., Antão Rodrigues, Bartolomeu Rodrigues, do Pico da Pedra, cavaleiro da ordem de Santiago, Francisco Rodrigues Pajoulas, e filhas, a mulher que foi de Gil Afonso Faneca, morador na Lagoa (que foi o que, pelo rasto, buscou um homiziado que se lhe escondeu, vindo do Nordeste e meteu a nado em um ilhéu que está entre a Ribeira Grande e Porto Formoso), e Filipa Rodrigues, mãe de João Alvres Examinado, homem principal, discreto e rico, morador na Alagoa (de que procedem os Examinados), e Catarina Rodrigues, que não casou.

Martim Gomes, morador na Alagoa, homem principal e rico, veio no mesmo tempo do Capitão João Roiz e D. Inês; teve de sua mulher estes filhos: o primeiro, Álvaro Martins, que foi amo do Capitão Rui Gonçalves, filho de João Rodrigues da Câmara, e uma filha chamada Inês Martins, que casou com Fernão Rodrigues, homem principal e rico, morador na vila da Alagoa, de que houve estes filhos, sc., Baltasar Rodrigues, Gaspar Rodrigues, João Rodrigues, Pero Rodrigues e Sebastião Rodrigues, e uma filha, que foi casada com Vasco de Medeiros, filho de Rui Vaz Medeiros, que fez uma capela na Ponta Garça, e outra na vila da Alagoa.

Viveu na Ribeira Grande Rui Garcia, homem honrado e rico, que veio do Landroal, junto de Vila Viçosa. Foi à África e lá se fez cavaleiro, quando foram os Tavares; teve muitos filhos e filhas, muito honrados, de sua mulher Catarina Dias, que veio de Portugal e deixou perto de um moio de terra no Morro ao Esprital da dita vila, que lhe rende, cada ano, cinco moios de trigo.

Viveu na mesma vila Pero Teixeira, muito nobre e rico, casado com Isabel Mascarenhas, fidalga; e Antão Teixeira, seu irmão, casado com uma mulher da casta dos Fanecas, e morta ela, casou com Branca Afonso, irmã de Brás Afonso, da Praia.

Morava também na vila da Ribeira Grande Luís Mendes Potas, homem principal, casado com uma filha de Gregório Rodrigues, chamada Clara Gregória, que veio da ilha da Madeira, gente honrada e que tem brasão.

Morou também na Ribeira Grande João d'Orta que veio de Besteiros, de Tondela, e teve um filho que chamavam Álvaro d'Orta, de que se chama a rua d'Álvaro d'Orta, por ele ser pessoa principal que morava nela; foi casado com Lianor de Paiva que veio do Porto com ele casada, de que tem um filho, chamado António de Paiva, beneficiado na vila do Nordeste, e outro chamado Simão de Paiva, casado com Lianor Cabral, filha de Baltasar Tavares, homem fidalgo.

O pai de Domingos Afonso, do lugar de Rosto de Cão, chamado João Lourenço, ou Pero Lourenço, veio de Portugal a esta ilha. Teve quatro filhos: o primeiro, Salvador Afonso, morador no Nordeste; o segundo, Domingos Afonso, morador no lugar de S. Roque e na cidade da Ponta Delgada, que foi almoxarife; o terceiro, João Lourenço, morador na cidade da Ponta Delgada; o quarto, Francisco Afonso, morador em Vila Franca; todos homens honrados e ricos e bem entendidos.

Afonso Ledo veio de Aljezur, do Algarve, que é arriba de Lagos, e dele procederam os Ledos: um que morreu, por cair de um cavalo, chamado Afonso Ledo, que foi pai de Sebastião Afonso Ledo, morador na Bretanha; o segundo filho de Afonso Ledo, o Velho, se chama João Ledo, morador em Santo António, onde morou seu pai. Teve mais Afonso Ledo, o Velho, algumas filhas, uma delas se chama Hierónima Leda, que casou com Martim Alvres, e outra que casou com Joanne Anes Panchina.

Estêvão Nogueira foi natural da ilha da Madeira, o qual era filho de João Senogueira, valenciano, natural da cidade de Segóvia, do Reino de Aragão, onde estão hoje em dia casados Senogueiras, por ser casa de morgado; e por um homízio que houve, por ajudar a matar o secretairo d'el-Rei D. Pedro, se veio ter à ilha da Madeira e aí se casou.

Estevão Nogueira, seu filho, casou em Lisboa com Guiomar Rodrigues de Montarroio, filha de Vasco Rodrigues de Montarroio, criado da Rainha D. Lianor e muito seu privado, de que houve um filho de grandes espíritos, chamado Bartolomeu Nogueira, que nasceu em Lisboa, com outro que nasceu primeiro na era de mil e quinhentos e vinte; foi baptizado na Sé. Seu pai era cavaleiro da casa d'el-Rei D. João III e ele é cavaleiro fidalgo da casa d'el-Rei D. Henrique e foi capitão de uma bandeira de infanteria na cidade da Ponta Delgada, dezanove anos, e andou por capitão de uma nau de el-Rei D. Sebastião, no ano de setenta e seis; passa de sessenta anos e não tem filho nem filha; tem os dentes todos sãos e tãos bons que corta um alfinete com eles, cada vez que quer, sem nenhum trabalho.

Veio Estêvão Nogueira, depois de viúvo, a esta ilha, onde morou primeiro em Vila Franca e depois se passou a Ponta Delgada, trazendo consigo este seu filho, Bartolomeu Nogueira, homem grave, discreto e prudente, e como tal foi eleito por procurador dos povos desta terra. Partiu desta ilha aos negócios dela aos vinte de Março do ano de 1579, e aos vinte e oito do dito mês, às oito horas da manhã, estavam ancorados em Belém. Ao domingo, trinta do dito mês, às quatro horas, acabando el-Rei D. Henrique de cear nas casas de Manuel Soares, que estão acima dos Moinhos do Vento, em Lisboa, em alevantando a mesa, se assentou em giolhos e beijando-lhe a mão lhe disse: — Senhor, a mim me chamam Bartolomeu Nogueira e venho a Vossa Alteza, enviado pelas Câmaras e povos da ilha de S. Miguel, a coisas do serviço de Deus e de Vossa Alteza e bem dos povos da ilha. Ao que logo respondeu: — Mas antes estou informado que não vindes senão muito contra meu serviço e i-vos ([246]). Vendo ele que o não queria el-Rei ouvir, com muito silêncio tirou uma carta do peito, onde a levava, e beijando-a disse: — Senhor, esta carta me deu o corregedor da comarca que a desse na mão a Vossa Alteza, por ser de coisas que são do serviço de Deus e de Vossa Alteza. Respondeu-lhe ([247]): — Dai-a ao escrivão da comarca. Tornou a beijar a carta e metendo-a no peito se alevantou, fazendo duas mesuras de vagar com o giolho no chão e dizendo: — Senhor, o tempo descobrirá se venho em serviço de Vossa Alteza ou não; e saber-se-á a verdade da falsa informação que a Vossa Alteza foi dada. E saiu-se fora para a sala, onde lhe disse o meirinho do paço: — Ora viestes cá em forte hora. Ao que ele respondeu: — Foi ela forte pelas informações falsas de que Sua Alteza está cheia, mas o tempo descobrirá a verdade. E como ele disse isto algum tanto agastado, lhe tornou o meirinho em reposta (sic) que ele lhe não dissera o tal, senão por estar disso muito pesaroso e que assim o eram todos os que estavam presentes. E com isto se pôs a cavalo e se foi para casa, ficando todos louvando seu ânimo ([248]).

Ao primeiro dia de Abril, logo foi falar com D. Leão, padre da Companhia de Jesus e confessor de el-Rei, e com Jorge Serrão, também padre da Companhia e doctor na sagrada teologia, aos quais ambos deu conta do que passara com Sua Alteza e lhe mostrou os apontamentos que das Câmaras levava para requerer, e outras coisas particulares, relevantes e necessárias ao bem comum desta ilha, que lhes eles ouviram muito bem e louvaram todas, e o consolaram, prometendo-lhe que el-Rei o ouviria e mandaria fazer justiça.

Depois o ouviu el-Rei e mandou ter muita conta com ele, em maneira que alcançou justiça em os mais dos negócios que pôde tratar e requerer, no tempo que nisso gastou em Lisboa, desde treze de Março até vinte e quatro d'Octubro, que se foram as casas e el-Rei para Almeirim, onde também andou nos requerimentos desde vinte e seis d'Octubro de mil e quinhentos e setenta e nove até o derradeiro de Maio de mil e quinhentos e oitenta. Foi casado primeiro com Maria Manuel, filha de Pedro Afonso Barriga, da vila do Nordeste; depois casou com Margarida de Matos, filha de André da Ponte de Sousa, de Vila Franca, e de Isabel do Quental, filha de Fernão do Quental; e de nenhuma tem filhos.

Casou Estevão Nogueira segunda vez com uma mulher da geração dos Barbosas ([249]) de que houve filhos, como já tenho dito.

Veio a esta ilha Jácome das Póvoas Privado, de nobre progénia, pai de António das Póvoas Privado, moradores na cidade da Ponta Delgada.

De João Privado nasceu Aldonça Rodrigues Privada e de Aldonça Rodrigues e Fernando Anes das Póvoas, moradores que foram na sua quinta de Real, termo de Barcelos, nasceu Rui das Póvoas, morador que foi na cidade do Porto, e dele nasceu Jácome das Póvoas Privado, pai de António das Póvoas Privado, casado na cidade da Ponta Delgada, que vive à lei da nobreza e tem as armas dos Privados que são as seguintes, de que tem seu brasão: — o escudo de ouro, com quatro barras vermelhas, lançantes, e uma flor de liz azul em cima, antre as pontas das duas barras vermelhas, que de cima começam; elmo de prata, guarnido de ouro; paquife de ouro e vermelho; e por timbre um grifo de vermelho, com o bico, asas e unhas de ouro.

Também veio a esta terra e viveu na vila da Ribeira Grande, Diogo Privado, filho de Violante Brandoa, filha de João Brandão e de Ana d'Armim, da geração dos Privados, Brandões e Coutinhos. E por vir de Vila Real (onde era da casa do marquês da dita Vila Real) por um homízio, mudou aqui o sobrenome, chamando-se Diogo Martins; teve muitos filhos nobres, moradores todos na vila da Ribeira Grande, como Duarte Privado, agora juiz dos órfãos na dita vila, e outros que sempre se trataram à lei da nobreza e têm as mesmas dos Privados.

CAPÍTULO XXXVII ([250])

DA FIGURA, QUE SE IMAGINA TER A ILHA DE SÃO MIGUEL, DO GIGANTE ALMOUROL, QUE ALGUNS FINGIRAM SER GUARDA DE UMA DONZELA, CHAMADA MIRAGUARDA, NAQUELE CASTELO, ASSIM CHAMADO ALMOUROL DO SEU NOME QUE DIZIAM SER SEU; EM QUE SE DESCREVE TODA A SUA COSTA MARÍTIMA E A FIGURA DELA, A MODO DESTE GIGANTE, DEITADO ALI NO MAR, COM AS POVOAÇÕES, CABOS E ENSEADAS QUE AO LONGO DELA CORREM COMO MEMBROS E PARTE DE SEU CORPO.

Já que Frei Gonçalo Velho, comendador de Almourol que outros dizem de Almourel, foi o primeiro Capitão (como tenho dito) destas duas ilhas de São Miguel e de Santa Maria, e os primeiros povoadores foram africanos, e alguns disseram haver antigamente um gigante mourisco, chamado Almourol, senhor daquele castelo que tomou o nome dele, ou ele o do castelo, que está junto do grande rio Tejo, acima da vila de Tancos, onde foi guarda de uma formosíssima donzela, chamada Miraguarda, esta ilha de São Miguel (Senhora) se vos pode pintar e fingir como este grande gigante Almourol mourisco, fingido, que está aqui neste espaçoso mar deitado e com perpétuo sono dormindo; porque (como alguns mais antigos escreveram, ou, por melhor dizer, fingiram) este Almourol foi um horrendo e espantoso gigante, de grande e espaçosa estatura que, sendo guarda da formosa Miraguarda, no belicoso Regno da afamada Lusitânia, no seu castelo de Almourol, que dele, por ser sua comenda, tomou o nome, depois que a fada Atropos lhe cortou o fio da vida e por seus antigos anos acabou de cumprir a lei universal da morte, de todos os viventes temida, mas de nenhum escusada, dizem que o enterraram ao longo do rio Tejo, junto do seu castelo, porque por sua excessiva grandura dentro nele estendido, não cabia; e que estando ali quieto, na sua doce pátria e rica comenda sepultado, lhe aconteceu um desastre depois de morto, como a seu filho Taco vivo (ainda vivendo ele) em outro tempo acontecido havia, quando por sua altíssima estatura, passando além por aquele lugar, no largo e fundo Tejo se afogou, sendo mancebo, intempestivamente, nele deixando pelo acontecimento de sua intempestiva morte, por herança, o seu nome a uma vizinha vila sua que ali junto estava, que depois, andando o tempo, pelo erro da pronunciação e corrupção ou conversão das letras de Taco, que dantes se chamava, se chamou Tancos. Isto dizem que aconteceu ao filho Taco, sendo ainda seu pai Almourol vivo; mas, depois de morto, do mesmo pai contam que estando seu comprido e grosso corpo na sepultura que dito tenho, veio um dia, no tempo antigo, pelo Tejo, tão crescida enchente que, escarvando a terra de sua recente sepultura, trouxe por suas apressuradas correntes abaixo seu corpo inteiro, o qual, se vivo fora que pudera usar de seus sentidos, de vagar, pelo quase imóvel peso de seu corpo, ou às vezes com alguma pressa, pela que traziam as águas daquele grande e crescido rio quase fora da madre, viera sobre elas, vendo as amenas e saudosas serras, as terras verdes e frescas, os campos cheios de cores e deleitosos prados, as quintas alvíssimas e formosas e aquelas populosas vilas e ricos lugares que de ambas as partes o acompanham. Despedindo-se primeiramente com imensas saudades do seu castelo e antiga morada e daquele mosteiro da Esperança, da Província de Santo António, que fez Álvaro Coutinho, ali seu vizinho, e da vila de Tancos de aquém Tejo e de Tanquinhos de além Tejo, filho de Taco e neto do grande Almourol, de que vou falando, o qual logo buscara dali a meia légua a sua querida mulher Cardiga, em seus paços, que lhe mandou fazer aquele grande Fr. António de Tomar, reformador deste convento e parente dos Monizes de Portugal, que com grandes custos fez ali defronte sair o rio da madre para o lançar ao longo desta quinta e deitar um braço pelo pescoço ao redor das casas, já que a amiga não achava, onde podem desembarcar, como abraçando com brando braço de água, nesta triste despedida, o aposento antigo de sua amada; cujos familiares, vendo-o despedir pelo rio abaixo, com lembrança de como este Almourol fora seu senhor, casado com a Cardiga, sua senhora, já morta, deram então grandes gritos, lamentando (quando o conheceram) seu apartamento tão saudoso e seu desastre. E logo dali e meia légua,

passando entre as vendas do Bugalho e de Malã, à vista do mosteiro de Santo Ionofre (sic) de frades franciscanos, e das duas quintas, que dali a quatro tiros de besta estão de aquém e de além Tejo, uma de António de Sousa, cunhado de Álvaro da Costa, além de uma alagôa grande que faz o rio quando enche, entre outra quinta sua, do mesmo Álvaro da Costa, e a deste seu cunhado, e outra de Francisco Pereira, que está além do Tejo, junto de um mosteiro de capuchos da Província de Santo António, que chamam o Pinheiro, na capela-mor do qual jaz sepultado. D. Aleixo, aio do animosíssimo Rei D. Sebastião, de coração invencível, mais animoso que ditoso. Logo mais além, meia légua, vira da parte de além Tejo, a vila da Chamusca, morgado do grande Rui Gomes da Silva, que foi marquês em Castela e o mais privado do grande Filipe, que é agora o maior Rei da terra; e depois a vila Ulme, e de aquém Tejo a vila Golegã, meia légua do rio para dentro da terra, em meio da qual está um poço que dizem parecer-se com o da Samaritana donde bebe a vila, que ao longo do rio tem a formosa quinta dos Zuzartes Tições; e além viera vendo uma légua de formosíssimo campo, esmaltado com muitas quintas brancas e vermelhas, até chegar à vila de Azinhaga e aos ricos e sumptuosos paços que à beira do rio estão, que primeiro foram do Infante D. Fernando e depois do Infante D. Luís, de grande nome, e depois do Senhor D. António, seu filho; cuja igreja principal está debaixo dos paços, com a capela no Tejo, e a vila fica correndo pelo sertão dentro; e umas vendas junto da água, ficando atrás antes de chegar à vila, um rio de muito pescado, que vem de Torres Novas, onde estão alguns moinhos a que lançam alçapões, quando o Tejo enche, que fazem represar suas águas, por não alagar o fértil campo.

E logo três tiros de besta para baixo, a quinta de André Teles, e além, uma légua e meia de campo até às Barrocas da Rainha, apartadas meia légua do Tejo, em que entra correndo por junto delas um rio pequeno, que se passa em uma barca de grande rendimento, cujo barqueiro tem seu prémio cada novidade de cada um dos lavradores do campo, e a barca certa moeda de real e meio, de cada pessoa que nela passa. E detrás das Barrocas, em que está a venda, vira um mosteiro da Província de S. José, de religiosos capuchos; e logo mais adiante, uma légua e meia de fertilíssimos campos e vinhas até Santarém, mais ilustre vila de Portugal, que cobrou este nome, quando a seu porto aportou o corpo de Santa Eirea, e corrompendo-se pelo longo tempo o nome de Santa Eirea, em Santarém, perdeu o de Scalabis e Cabelicastro que dantes tinha, que se parte em três lugares, o principal, no alto, Marvila, e o primeiro dos dois baixos, chamado a Ribeira e o derradeiro Alfanja, com que fica como uma águia, com o bico na água do rio e duas asas no azeite dos Olivais e o rabo no vinho das vinhas, ou, como outros pintam, com o corpo no pão, os pés no azeite, as asas na carne, o bico no vinho e a água, e o rabo no pescado; porque de tudo isto está rodeada esta vila e muito abastada, onde pudera ver o santo milagre do sacratíssimo e verdadeiro sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, encerrado em uma âmbula, e a igreja dos Apóstolos em que está o crucifixo inclinado e com uma mão despregada da cruz, que fez para prova de uma verdade de que ele somente fora tomado por testemunha; que para mais lustrar, tem defronte, da outra parte do Tejo, as altas torres de Almeirim, de saudosas saídas e coutadas de veados, porcos monteses e todas as caças; e o convento de Nossa Senhora da Serra, da ordem de São Domingos, metido em um ermo, pela terra dentro, uma légua de Almeirim, naquela charneca, onde está o grande Frei Luís de Granada, como descansando do muito trabalho que passou, cavando na vinha de Deus, que é sua igreja, com santo exemplo e copiosa doctrina, por voz fervente e viva, e docta e devota escritura. Ficando de Santarém e da sua parte, duas léguas pelo sertão dentro, a vila do Cartaxo, estende-se o rico campo de Santarém légua e meia, povoada de vinhas e pão, até Porto de Mugem e suas vendas, ao longo do Tejo, e da outra banda, Mugem, lugar outro tanto apartado de Almeirim. Vira mais, meia légua do Porto de Mugem, uma igreja de Nossa Senhora de Alvalada, freguesia ao longo do Tejo, onde no verão é escala dos barcos por causa dos secos do rio, até o qual lugar chega a maré, que são dezasseis léguas de sua foz e boca, onde tem a torre de São Gião; e nestas partes, pelo sertão dentro, até Povos, se lhe mostrara, ao gigante Almourol, em um braço do mesmo Tejo, por onde vão barcos, um mosteiro de frades de São Francisco, da invocação de Nossa Senhora das Virtudes, onde por dia de Nossa Senhora de Setembro se faz uma feira mui custosa. E a vila da Azambuja e Vila Nova da Rainha, e mais abaixo também no sertão, meia légua do rio, a vila da Castanheira; e defronte da Vila Nova da Rainha, da outra banda do Tejo, ao longo dele, a ermida de Nossa Senhora da Esperança, que fez um Fuão Quental, deixando uma sua quinta, ali pegada, a el-Rei D. João, terceiro do nome; e logo Benavente, pelo sertão dentro, e mais abaixo Salvaterra, aonde estão os paços do afamado Infante D. Luís que tudo depois foi do Senhor D. António, seu filho; e pegado com Salvaterra, um mosteiro de Arrábida, de capuchos da Província de S. José, que chamam Jericó, o qual sendo alvo e lustroso na vida do esclarecido Infante D. Luís, falecendo

ele, lhe fizeram os frades com barro as paredes pretas, como vestindo-o de obscuro dó, pela morte de tal senhor, de tanto nome e fama. Da freguesia da Valada, a seis léguas pelo Tejo abaixo, vira a vila de Povos, da banda de aquém Tejo, que antes de chegar a ela faz uma volta a que chamam o Cabo de Alfim Mar, onde por causa do muito vento que sempre ali venta se alagam muitos barcos; e meia légua abaixo de Povos, Vila-Franca da Rainha, uma das boas comendas de Cristo; entre as quais vilas vira o horrendo gigante uma horrenda quinta que, pelas diabólicas coisas que nela soem acontecer, se chama Quinta dos Diabos; e légua e meia de Vila-Franca a vila de Alhandra, de que é sempre senhor o Arcebispo de Lisboa, e a vila Alverca, pela terra dentro, meia légua do rio onde foi enterrado o Infante D. Pedro, morto na batalha de Alfarrobeira, e a vila da Póvoa, de D. Martinho de Castelo Branco uma légua da Alhandra. E, além Tejo, a vila do Seixal, onde há os melhores vinhos do Regno; e logo abaixo uma formosa quinta que foi de D. Manuel de Menezes , Bispo de Coimbra, e a vila de Alcouchete , quase defronte da Póvoa, onde estão os fornos de vidro e um mosteiro de capuchos; e de aquém Tejo o lugar de São João da Talha e a perigosa boca de Sacavém, dentro do qual braço do Tejo se perdem muitos barcos pequenos e se concertam muitos navios e as grandes naus da Índia; e de além Tejo, duas léguas de Alcouchete, Montijo, boca de um braço, que faz muitos, junto do primeiro dos quais vira a vila da Aldeia Galega, desejado embarcadouro para quem vai de Lisboa para Alentejo; e desta duas léguas pela terra dentro, a soberba torre de Palmela, ao sudoeste de Lisboa; e logo a Lançada e Sarilhos, e outro Sarilhos pequeno; a quinta de Martim Afonso e o lugar da Moita; e dali meia légua e outro tanto de Montijo, a vila de Alhos Vedros que foram dantes verdes; e mais adiante meia légua o Lavradio, freguesia, e a vila do Barreiro, e as freguesias Telhaes e Palhaes, e os moinhos e fornos de el-Rei, coisa rica; Verderena e a vila de Coina, e perto a rica quinta dos religiosos de Belém; o Seixal chamado também Arentela, onde se dão muito bons vinhos de carregação para a Índia, em cuja enseada invernam muitos navios; logo Amora, freguesia; em Corroios outra, em outro braço do rio, e Motela, termo de Almada, onde estão os moinhos e lavadouro de Lisboa; e logo junto Cacilhas, donde começa o vale de Mourelos, de compridão de uma légua, que vai até Caparica; e Azeitão, onde está a famosa quinta de Afonso de Albuquerque, filho do grande Afonso de Albuquerque, e outra quinta dos frades de São Domingos, e outras muitas quintas de boas vinhas e de todas as árvores; e logo a afamada vila de Almada, da qual até Aldeia Galega, que atrás fica, há seis léguas, em que haverá perto de sessenta moendas que moem de maré, e há bons vinhos e muita lenha de pinho, de rama e tronco, que em barcas levam para Lisboa, que está passado o vale de Cavalinhos, onde querem dizer que as bruxas têm seu diabólico comércio. Defronte de Almada e de lá parece o que é, a mais soberba e populosa cidade do universo, que começa em S. Bento, convento de Loios, e quase acaba em Belém e depois de S. Bento, Enxobregas, lugar onde está um convento do Seráfico S. Francisco e os paços da Rainha e o mosteiro da Madre de Deus, de freiras capuchas, Santa Clara, Cais da Madeira, Cais do Carvão, o Castelo e a casaria, tão apinhoada que parece ferverem ali as casas e a gente, até muito além do mosteiro da Esperança; onde, se vivo fora Almourol, o borborinho e bafo dela o detivera e muito curta lhe parecera a idade para desejar de gastar em tal cidade a vida toda. E passando mais abaixo, para defronte da torre velha, chamada São Sebastião, por ser renovada pelo Rei deste nome, de que foi capitão Cristóvão de Távora, vindo por entre o bravo e espesso mato, de muitas antenas, enxárcias e mastos arvorados, se tivera ainda sentido para sentir e vista para ver, não escapara de ficar preso dos doces amores daquela tão forte e guerreira, como formosa e bem assombrada dama, a alta e galharda torre de Belém, se já naquele tempo o grande Rei D. Manuel a tivera fabricada, e ali quisera ser perpétua guarda dos sumptuosíssimos sepulcros dos invictíssimos Reis de Lusitânia, seus senhores, naquele formoso, rico e custoso mosteiro de Belém que para suas sepulturas escolheram. E uma légua afastada da Torre Velha, pela terra dentro, vira a quinta dos Padres da Companhia, chamada Val de Rosal, onde se recolhem em tempo de peste, ou de algum aperto, da cidade de Lisboa, ou se vão ali recreiar pelo tempo das vacações ou de suas enfermidades. Vendo-o assim sobre as águas os frades capuchos da Arrábida, do mosteiro de São José, e os de Santa Catarina de Ribamar se puseram em fervente oração, pedindo a Deus que os livrasse de um tal monstro nunca visto; e os que estavam na Trafaria, da outra banda, areal grande, em degredo que ali aceitam os povos peregrinos e naturais que vêm de fora, degradaram a si mesmos daquele lugar com medo; e as serranas de Oeiras, logo abaixo dos mosteiros, fugindo da praia, deixando juncada de seus cestinhos e despojos que para remédio de sua vida e refeição da natureza enfastiada ou faminta da populosa cidade traziam, metendo-se pela terra dentro, correndo com trémulo temor, se absconderam; e por isso dizem que está a povoação de Oeiras hoje em dia abscondida, sem se poder ver do rio,

por causa daquela fugida. Mas as ninfas Tágides (as quais com olhos de lince da remotíssima India Oriental lá do Gange viu cá primeiro que ninguém, no ocidental Tejo, o engenhosíssimo e graníssimo Poeta Luís de Camões) como costumadas a ver monstros marinhos, não temendo tanto, todavia com algum temor, vendo vir pelo Tejo o grande vulto do corpo do gigante, se mergulharam nas águas e levantando de quando em quando suas formosas e alvas cabeças, entre os brancos e densos marulhos, com os quais se pareciam, estavam como espreitando e olhando o horrendo monstro que passava, com diferentes opiniões dele, dizendo umas, deve ser isto monstro marinho, outras, não é senão o pai das naus da India, ou dos jungos que lá navegam, ou das grandes urcas de Frandes. Mas outras mais antigas afirmavam que não era senão uma grande serra que, com crescida enchente, as doces águas ao salgado mar, com sua apressurada corrente, levavam. Escondendo então Apolo seu dourado rosto para se ir banhar todo nas ocidentais águas, se a estas ninfas se acabou seu pouco medo, às sentinelas da inexpunhável Torre de São Gião (se já fora feita) começara o seu, muito grande, porque assombradas do estranho vulto, sem mais divisar nada, logo entenderam, arrepiando-se os cabelos, ser coisa passada que ao mar passava e não armada viva que dele a barra e terra cometesse, e por esta razão não acordaram os companheiros nem assestaram nele a fera artilharia, e ainda que isto fizeram, nada aproveitaram, pois tudo fora ferir uma sombra morta e a mouro morto matál-o. Os cachopos mais antigos que as torres e fortalezas (ainda que têm nome de Moços, pelas mocidades e travessuras que fazem, lutando continuamente com as ondas e às vezes com navios que quebram, pelo que são chamados Cachopos, infestos perigos dos mal afortunados navegantes) com sua vista o enxergaram e, como eram moços e medrosos, não ousaram ir a braços com ele, antes com o retorno das bravas ondas que neles davam, o afastavam de si quanto podiam; sendo uns penedos que correm ao comprido da barra, da banda de São Gião, em baixa-mar e o maior deles defronte da Torre da outra banda, que é de mais perigo, e não sofrem estar de fora nenhum navio grosso; e na Cabeça Seca, da banda dos Cachopos, areal onde morrem muitos peixes espadas, mortos eles de medo do gigante, não ousaram de cometer seu corpo, com seus penetrantes bicos, ainda que por grande baleia o julgaram, de que são tão contrairos e, posto que o cometeram, só puderam romper sua roupa roçagante que sobre as armas levava, e não armas de prova com que armado o enterraram, mas o temor de coisa nunca no mar vista, lhes fez embainhar suas espadas.

Passando assim o canal de São Gião e escapando destes perigos, se veio engolfando no grande mar oceano, para esta ocidental parte, este como morto deste gigante Almourol, que foi mouro, mas já cristão tornado, e era muito para ver como diante dele e seu mando, com grandes respingos e couces, lhe iam fugindo as ondas, como poldras, no grande e espaçoso vale, ou Vale das Éguas, até vir encalhar no braço e baixo das Formigas, que entre estas ilhas correm, e, como era corpo de excessiva grandura e pesado, neste lugar fez assento e aqui se ficou nestas oceanas e salgadas águas o morto sepultado para sempre, tornando-se o corpo terra, nesta terra. Querem dizer alguns que, já dantes alguns anos, vindo outra enchente do mesmo Tejo, de monte a monte, trouxera a estas partes morta a giganta Cardiga, a que depois puseram nome ilha de Santa Maria, que está da banda do sul, perto e ao longo desta, como dito tenho; e por destino de algum fado, depois viera nadando (como agora acabei de dizer), este gigante, seu marido, a se encostar, como em sepulcro, nas Formigas, baixos braços de sua amada, até depois de morto preso de seus amores; e assim ambos escolheram aqui os seus jazigos, porque na verdade qualquer ilha destas, neste tão comprido e largo mar oceano, não é outra coisa senão uma prisão algum tanto espaçosa, e até, de coisas pequenas, quanto mais das grandes, uma muito estreita e muito mais curta sepultura.

A cabeça deste gigante, que da parte do oriente está encostada, é o morro do Nordeste, e Água Retorta uma orelha que tem para cima, porque, como está como encostado, a outra não aparece; da freguesia de São Pedro, da parte do norte, e do Faial, da do sul, começa o pescoço que se vai estendendo até à Povoação, ficando da outra banda encolhido. A comprida e reverenda barba é Achada Grande estendida até Achada Pequena, que é o cabo dela, que se tornou cã e calva pouco tempo há, quando no segundo terramoto se cobriu de pedra pomes e cinzeiro; os Fenais da Maia, da parte do septentrião, e a Ponta da Garça, da banda do sul, são seus ombros. A Maia e Vila-Franca, os cotovelos de seus braços, e neste esquerdo tem o ilhéu de Vila-Franca, como seu escudo, embaraçado; além dos cotovelos, Porto Formoso e o lugar de S. Lázaro são suas ulnas ou seus braços, cujo fim, encolhido para dentro, são os portos de Santa Iria e de Vale de Cabaços, onde saem para fora suas forçosas mãos, a ponta do pico de Santa Iria com sua Ribeira Grande, da banda do norte, e Água do Pau com sua

ponta da Galé, da outra parte do sul. Logo está a delicada cintura cingida com um rico cinto, de Rabo de Peixe até à Alagoa, por onde a ilha é mais estreita. A faldra de sua malha é os Fanais e lugar de Rosto de Cão, ambos termos da cidade, onde o cinto, com que se cinge, acaba de chegar, dando um nó cego da forca, como artificial, com uma figura de rosto de cão, no cabo assentado, com o focinho para o mar e o rabo para a terra, na ponta de guarnição com que filha, prende, açoita e castiga os malfeitores. Do lugar de Santo António até à Bretanha, coxa do pé direito, da banda do norte, e da outra parte do sul, a cidade da Ponta Delgada, Relva e Feiteiras, polpa grossa e forte coxa do seu esquerdo. A ponta da Bretanha e o lugar de Candelária. seus giolhos, e a grota de João Bom e o lugar de São Sebastião, suas pernas; o pé esquerdo, dizem os antigos que era um sítio que agora chamam as Sete-Cidades, que antigamente tinha muito alevantado no ar, mas com o grande peso, dando um grande coice, sacudindo-o, se sumira e estendera pelo mar, tomando posse dele, fazendo a fajã do lugar que se chama Mosteiros, aparecendo-lhe ainda agora as pontas dos dedos daquele pé, feitas ilhéus e penedos, sobre as águas do mar que ali está pisando; o pé direito é o Pico das Camarinhas, que também tinha mui alevantado e depois abaixou e estendendo-o pelo mar e mostrando-o armado com armas de fortes penedos e duro ferro que ali forjou Vulcano, pelo que o povo, de então para cá, chama àquele lugar Pico das Ferrarias; e no meio destes feros e horrendos pés se estende o comprido rabo da opa roçagante que tem vestida sobre as armas, abotoada em algumas partes, do pescoço até aos pés, com botões de altos e grandes montes. Mas por haver andado longos caminhos d'antes e dado muitos passeios, está o rabo desta vestidura tão safado que não tem lustros, nem verdura, sendo ela toda verde, pelo que esta parte desta opa. que é o cabo ocidental desta ilha, de todos é chamada comummente, por ser safada e calva, os Escalvados.

CAPÍTULO XXXVIII

EM QUE SE COMEÇA A DESCRIÇÃO PARTICULAR DA ILHA DE SÃO MIGUEL COMEÇANDO DA VILA E MORRO DO NORDESTE, ATÉ AO LUGAR DA POVOAÇÃO VELHA

Esta ilha de São Miguel em que, Senhora, estamos é montuosa e regada de ribeiras, e era logo, quando se achou, coberta de arvoredo, graciosa em sua situação e, por ser húmida com as águas das chuvas e ribeiras e quente do sol, criou tantos e tão espessos arvoredos que com sua sombra conservavam nela esta humidade sempre fresca e durável, com que ela ficou e estava no princípio tão fumosa de tão grossos vapores, sem ter o sol força para os gastar nem penetrar com seus raios, nem os ventos livre entrada para os lançar daqueles lugares sombrios da espessura do arvoredo, que sendo a ilha de Santa Maria achada e descoberta doze anos primeiro que ela, não podia ser vista dos moradores dela, tendo-a tão perto e sendo tão chegada vizinha, como defronte de sua porta. Mas, o que em longíssimos e antiquíssimos anos foi criado, em tão poucos se queimou, roçou e consumiu quase tudo depois de achada que estando ao presente a maior parte de toda a terra escalvada, tomaram os ventos tanta posse dela e é tão lavada deles que levam-na em pó ao mar, e escalvando e ensuando os frutos da terra, a deitaram a perder quase de todo, fazendo mais dano nela que nenhum dos outros elementos; porque ainda que o fogo por baixo fez algum, isto foi por vezes limitadas, quando de anos em anos, por longos intervalos arrebentaram os montes e cobriram de pedra, terra e cinzeiro, algumas partes dela; mas os ventos (como os rapazes de Eliseu) a perseguiram tanto, depois que a viram calva do espesso arvoredo que lhe servia de cabelos, com que se ornava e enfeitava, que quase continuamente, e todolos anos, com sua vexação contínua, em um só dia ou em uma só hora, são importuna destruição de quanto ela pelo tempo vai criando, com que fica menos fértil e formosa; sendo, d'antes que escalvada fosse, um riquíssimo e fresco jardim e deleitoso vergel, como um terreal paraíso. Pelo que, o que agora direi dela será muito diferente da pintura que d'antes tinha, e a minha rude linguagem a fará mais feia do que ainda agora parece, mas, por obedecer a vossos rogos e mandado, direi o que dela souber, como a vejo e acho neste presente estado.

Já tenho dito que a ilha de Santa Maria está em trinta e sete graus de altura do polo ártico, e esta de São Miguel (terra alta e estreita que é maior que todas as dos Açores e de mais rendimento que todas elas, muito povoada, nobrecida e rica, com uma populosa cidade e cinco nobres vilas e vinte e dois lugares ou aldeias, que por todas fazem trinta freguesias, e com estas freguesias tem noventa e seis igrejas, por todas ou noventa e sete, com a ermida de António de Sá; e afora os religiosos, tem cento e quatro sacerdotes de ordens de missa, dos quais são trinta vigairos e quarenta e dois beneficiados e nove curas, e os mais extravagantes, entrando nesta conta dois mosteiros de religiosos de São Francisco, e quatro de religiosas de Santa Clara, e quarenta e uma ermidas, e o Sprital da Ribeira Grande) lhe fica da banda do norte, em trinta e oito graus norte e sul com ela, ficando a de Santa Maria norte e sul da Povoação, e com Vila-Franca noroeste sueste doze léguas da Povoação, de terra a terra; e está leste oeste com a terra de Setúvel, por linha recta do morro dela, que é chamado o morro do Nordeste; e demora a terra de Setúvel a leste duzentas e cinquenta léguas, que é costa de Portugal, que corre norte a sul o cabo de Espichel com o cabo de São Vicente. Da banda do sul lhe fica a ilha de Santa Maria, desta mesma comarca e governação das ilhas dos Açores, cuja cabeça e governo tem assento na ilha Terceira, onde está a Sé, e cabido, e ela também está estendida no mesmo rumo de leste oeste, ainda que uma ponta da parte do levante tem lançada para o nordeste e a outra da parte do ponente está para o noroeste; é de comprido de dezoito léguas e de largura duas e meia, a partes, e em algumas, uma, que é no meio dela, onde a fazem mais estreita duas baías grandes que tem, uma da parte do sul, de uma ponta que se chama da Galé até à ponta de Santa Clara, da cidade da Ponta Delgada, e outra, da

parte do norte, da ponta da Bretanha até à dos Fenais da Maia; em torno, ao redor, tem trinta e seis léguas, pouco mais ou menos. Assim fica o lançamento desta sua compridão leste oeste e a ponta da parte do oriente pende ao nordeste, e a outra do ocidente demora ao noroeste; cuja altura da parte do norte é trinta e oito graus, e ainda que junto da terra, em torno, seja mui cheia de baixos, uma légua ou menos afastado da costa é mui limpa; em todo o seu circuito tem alguns portos e estâncias em que muitos navios podem seguramente ancorar, mas não invernar. Tem esta ilha baixo, onde se fazem grandes pescarias, que está nordeste sudoeste com o porto da vila do Nordeste, afastado da terra por espaço de três léguas; do qual baixo (que está norte e sul com os baixos que chamam Formigas), até às mesmas Formigas, há distância de oito léguas; e o porto do Nordeste está com as Formigas nor-noroeste e su-sueste e haverá dez léguas entre o dito porto e elas; as quais (como tenho dito), com a ponta de Álvaro Pires, que é a ponta de leste da ilha de Santa Maria, estão nordeste e sudoeste afastadas sete léguas da mesma ponta, ficando da mesma ilha de Santa Maria quase ao nor-nordeste. Também na era de 1577, quarenta léguas ao norte da mesma vila do Nordeste, vindo um navio novo da pescaria, dando à bomba, tocou como em terra, de modo que abriu todo, cuidando os marinheiros que dera em alguma baleia, e deitando o barco fora com toda a gente, por verem que era um penedo, foram no barco ter à Galiza e depois a Aveiro, sua terra; dali a dois anos ou três, veio a dar no mesmo penedo uma nau de franceses ou ingleses e perdeu-se nele à vista de outra nau sua companheira, a qual tornando para sua terra, deu notícia daquele baixo que, de então, se começou a pôr em algumas cartas de marear, no dito rumo de quarenta léguas ao norte da vila do Nordeste desta ilha de São Miguel, e se chama a Baleia, por cuidarem os primeiros que o viram ser baleia; outros lhe chamam Sirte ou Scopulo.

Começa a compridão desta ilha da ponta do porto da vila do Nordeste, assim chamada por ter o rosto a este vento, e de modo que o seu contrairo vento, desta ponta, e o nordeste, junto do morro alto que, de vinte e trinta léguas ao mar, primeiro se vê dos navegantes que vêm do oriente, situada no Lombo Gordo, em uma lomba que se chama de Salvador Afonso, em um lugar não mui chão, mas de boas casas e devotas igrejas, lugar alegre, de frescos pomares, com claras ribeiras, mas estéril de vinho. O qual lugar do Nordeste fez vila el-Rei D. Manuel, de gloriosa memória, e o separou da jurisdição de Vila-Franca, como conta o docto cronista Damião de Goes, na quarta parte de sua Crónica, no último capítulo, e, como mais claro e particularmente parece pela carta de mercê, passada de motu próprio, estando el-Rei em Lisboa, feita aos dezoito dias de julho do ano de mil e quinhentos e quatorze, por o lugar do Nordeste estar sete léguas da dita Vila-Franca, no que os moradores do dito limite recebiam detrimento, em irem a ela pelas coisas de justiça, por caso dos maus caminhos e ribeiras que havia do dito lugar à dita Vila, e havendo respeito ao gasto e despesa que entre si fizeram nos ditos caminhos e terras que aproveitaram, e a como o dito lugar ia em mor crescimento do que soía ser, dando-lhe por termo aquela terra que ela dantes tinha por limite. Não se sabe quem fossem nela os primeiros oficiais da Câmara, porque o livro dos oficiais do primeiro ano, que foi (segundo parece) o ano de mil e quinhentos e quinze, não se acha; somente um só oficial se sabe que parece que fazendo em Câmara, o ano de quinze, a um Diogo Preto almotacé, ele não quis servir, e o ano de dezasseis saiu por juiz este Diogo Preto, e pedindo confirmação, para os oficiais servirem, ao corregedor, que era Hierónimo Luís, não quis ele confirmar o Diogo Preto, dizendo que refutara servir de almotacé o ano d'antes, e mandou expressamente que dessem juramento a Francisco Afonso, que o ano passado servira de vereador, o dito primeiro ano de quinze, como se vê pela carta de confirmação; pelo que no segundo ano de mil e quinhentos e dezasseis, depois de ser o Nordeste vila, saíram no pelouro por juízes, este Francisco Afonso e João Pires, e por vereadores, Lopo Vaz e Henrique Afonso, e um Pero Gonçalves por procurador do concelho. Da qual vila, até uma ponta que se chama os Escalvados, que está ao noroeste, junto do lugar dos Mosteiros, é a compridão desta ilha, como dito tenho. Tem a vila do Nordeste uma freguesia do bemaventurado São Jorge, em que há cento e oitenta e dois fogos, e almas de confissão quinhentas e oitenta e quatro, das quais são de comunhão quatrocentas e quarenta e quatro, povoada de nobre gente, Costas, Afonsos, Manuéis, Correias, Carvalhos e outros nobres apelidos; cujo primeiro vigairo, sendo lugar, foi um Fernão d'Alvres, que caindo no mar, de um penedo junto da vila, das mais seguras pedras de pesqueiros que há naquela costa, por este desastre lhe deu o nome que agora tem, Penedo do Clérigo, o qual em seu tempo serviu sem ter beneficiados.

O segundo vigairo, depois de feita vila, foi Aires Carvalho, sendo seu beneficiado João Luís, que também serviu de tesoureiro; ao qual Aires Carvalho, indo-se para Portugal, sucedeu por serventia um Álvaro Anes; o terceiro vigairo foi Pedreanes, irmão de Lopo Anes de Araújo, e

teve por seus beneficiados o mesmo João Luís e Alvareanes; falecido Pedreanes, sucedeu por espaço de tempo Diogueanes, até que faleceu, caindo de uma ladeira da ribeira de Guilherme, tendo em sua vida por beneficiados os mesmos João Luís e Alvareanes e um Simão Vaz que com ele veio da cidade do Porto e para lá tornou depois, onde dizem ser cónego; em cujo lugar ficou Manuel Gonçalves, de Vila-Franca; e ido este, sucedeu Manuel Garcia, natural da mesma vila; e falecido João Luís, teve o benefício outro natural, Domingos Afonso, e neste tempo serviu Amador Furtado; em seus lugares sucederam Tomé Vaz, de Porto Formoso, e Vicente Pinheiro; e depois da morte de Tomé Vaz, Frutuoso Coelho; e falecido Alvareanes, António de Paiva, da Ribeira Grande; e em lugar de Vicente Pinheiro, o padre Diogo Fernandes, natural da mesma vila do Nordeste, e logo Baltasar de Paiva; e no de Frutuoso Coelho, Manuel Fernandes, da Ponta Delgada; e depois serviu um benefício novo, um Cristóvão Francisco, da mesma cidade, que agora está tresladado para ela, na igreja de São Pedro, da Calheta de Pero de Teves. Falecido Diogueanes, vigairo, houve a vigairaria Frei Francisco Diniz de Sousa, que serviu muitos anos, ao qual sucedeu Baltazar de Paiva, que era vigairo da igreja Matriz da Vila do Porto, da ilha de Santa Maria, depois de passado Francisco Diniz para o lugar de Santo António; assim que somente tem ao presente esta vila do Nordeste, vigairo e três beneficiados, tendo d'antes quatro. Foi primeiro cura nesta vila Manuel Fernandes e depois Manuel Roiz.

O primeiro capitão da ordenança de guerra foi Gaspar Manuel, que ainda é vivo e morador agora em Vila- Franca do Campo, feito pelo Capitão Manuel da Câmara; em cujo lugar sucedeu Jorge Fernandes que, por ser velho, foi depois feito por eleição terceiro capitão Baltasar Manuel. O primeiro alferes foi João Lourenço, o Moço por alcunha, por haver outro João Lourenço, mais velho, no tempo de Gaspar Manuel em que não havia sargento. E vindo a ser capitão Baltasar Manuel, saiu também na eleição, por sargento primeiro, João Afonso Correia, e por alferes segundo Pero Carvalho, que é filho do alferes passado João Lourenço; em cuja capitania, na dita vila e seu termo, pode haver cento e setenta homens de armas e já teve mais gente, porque antes do segundo terremoto que aconteceu nesta ilha, tinha ela e seu termo duzentos e vinte vizinhos.

É terra de pão e algumas criações, e mato de boa madeira, principalmente de cedros, em que alguns de seus moradores têm boa granjearia. As peles do gado cabrum são ali mais estreitas que de toda a ilha, por causa das ladeiras e grotas em que as cabras pastam e comem os ramos de alto dependuradas, alevantando sempre a cabeça para as partes altas onde os acham, principalmente agora, depois que pelo segundo terremoto se cobriram os pastos de pedra pomes, não comem senão rama. Com o incêndio do segundo terremoto que disse, se cobriu toda aquela comarca de cinza e pedra pomes, em muita altura, que como o vento, quando abriu a terra, era ponente, foi causa desta pedra pomes, que do centro saiu e se alevantou no ar, com a força do fogo, correr mais para aquela banda e fazer ali mais dano caindo sobre ela; mas os moradores e senhores das fazendas tiraram logo muitas ribeiras de água, com as quais, não com pequeno trabalho, as limparam, de tal maneira, que agora se recolhe, cada um ano nesta vila e seus termos, até seiscentos moios de pão, e cada vez ao diante se irão recolhendo mais. Era terra muito delgada, mas com a invenção do tremoço com que a outonam, engrossou já tanto que é tida em muita conta; não tem outras mais granjearias que as ditas, para sustentar seus moradores, e, se se faz algum pastel, é pouco. Serve-se de toda a ilha por batéis e barcos e carregam de trigo alguns navios no verão e outros tempos do ano. Tem da banda do sul porto limpo para ancorar, mas muito trabalhosa serventia para batéis e carros, por uma ladeira de um comprido lombo íngreme e defensável de imigos e cossairos, que só por ele podem subir, por ser aquela parte desta ilha, por todalas bandas do mar, de altas e talhadas rochas bem cercada; e da parte da terra, de ásperas e umbrosas serras e sarrados matos, donde as sobreditas águas continuamente estão correndo; mas, se por causa das serras e porto, a vila está segura, não está o mar daquela costa, por andarem muitas vezes cossairos espreitando e esperando os navios que vão para fora e doutras partes vêm para esta ilha, por todos irem demandar o alto morro que está perto dela, que é, como disse, a primeira coisa que se vê, quando vêm do oriente.

Tem esta vila somente um termo, que é o lugar da freguesia de São Pedro, pela costa do norte, como direi quando dela falar adiante. O porto desta vila está distante dela quase um quarto de légua, para a banda do sul e, pela volta que a terra vai fazendo, fica fronteiro ao leste. Dali vai correndo a costa de alta rocha ao su-sudoeste, por espaço de um tiro de espingarda, até uma ponta, pouco metida no mar, chamada de uma mulher que ali morou a Ponta da Marquesa, ficando atrás em uma lomba uma ermida de Nossa Senhora de Nazaré e uma lomba de Gaspar Soares, porque foi de um homem assim chamado, por onde corre uma

ribeira, chamada a ribeira da Ponta, por ter uma, ou por morar ali um Diogo da Ponte, da qual vai descendo até ao mesmo porto da vila do Nordeste. Da Ponta da Marquesa corre a costa tanto como meia légua ao sudoeste, passando pela lomba de Rui Garcia e pela lomba do Meio, donde corre uma ribeira, do Trosquiado, um homem assim chamado, porque se trosquiava sempre e não deixava crescer o cabelo, que chamam Lomba do Meio, por estar entre a de Rui Garcia e a lomba e ribeira dos Cambos; entre a ponta da Marquesa e a dos Cambos faz ali a terra uma grande baía de meia légua, que tem uma praia de areia, a que chamam as Prainhas, onde se acolhem os navios das tormentas e ventos su-sudoeste, sudoeste, oeste e noroeste; e para todos estes ventos e quase todos os outros, tirando o norte e sul, é este muito bom porto e limpo e seguro abrigo; onde também está uma fajã de terra de pão, de António Afonso, senhor do Lombo Largo, sogro do licenciado António Camelo; e logo adiante uma ponta, que se chama o Lombo Gordo, onde é o topo da ilha, como um cunhal dela, que se chama Topo ou Morro do Nordeste, que estará de Água Retorta um quarto de légua. Na rocha da ponta do Lombo Gordo nasceu uma árvore tão grande como uma romeira, que nunca se pôde saber que árvore era, nem de que espécie, a qual tinha as folhas como de pau branco e de cor de ouro, e dava umas maçãs de pau, como bugalhos, que regoavam; por cuja causa chamavam dantes àquela ponta ali a Árvore Formosa, que durou naquela parte muitos anos e já é consumida. Logo adiante, corre uma ribeira, que se chama dos Cambos, chamada assim porque não se podendo descer um homem que ia por ali perdido, fez uns cambos de pau, com que desceu ao calhau pela rocha abaixo. Mais adiante está uma ponta ao mar, pequena, onde está uma fajã de Francisco Fernandes, sogro que foi de Matias Lopes de Araújo, da vila de Água do Pau; da qual fajã até à ponta de João da Costa será uma légua, ao pé da qual (que é muito alta) está outra fajã de moio e meio de terra de pão, do mesmo João da Costa, filho de João Afonso.

Dela para trás vai virando a terra para o nordeste, tudo em rocha mui alta, onde não há mais que duas descidas abaixo ao calhau, onde se chama a Água Retorta, e duas ribeiras, uma chamada do Arco, porque furou a terra para ir para o mar e ficou um arco nela, e outra se chama a ribeira de Água Retorta, porque se vai retorcendo em voltas. Ali na terra, em cima daquelas altas rochas, está um ajuntamento de moradores, até dez casais, da freguesia do Faial, onde entre eles tem sua fazenda João Roiz Cordeiro, cidadão de Vila Franca do Campo. Daí para o sul, que será mais de quarto de légua, corre a costa ao noroeste, fazendo uma enseada ou baía de mais de meia légua, antre a ponta de João da Costa e outra que está logo além do Faial; estando depois da ponta de João da Costa uma altíssima rocha, direita ao prumo e talhada, que dizem ser a mais alta de toda a ilha, que se chama o Bode, por cair algum dela abaixo, donde caem também pedras (por ser mui íngreme), que mataram ali um moço e feriram dois, que por baixo passavam; e, para contar isto melhor, somente ao longo da costa, digo que da vila do Nordeste, correndo rocha alta, ao porto da dita vila, que é desembarcadouro em penedia brava, e uma calheta em que somente cabe um barco, há mais de dois tiros de escopeta, e do dito porto pela costa adiante, até chegar à costa do sul, tem muitos e bons surgidouros.

Do porto há, outro tanto espaço de rocha alta, uma grande e alta ponta, chamada da Marquesa; da Ponta da Marquesa vai fazendo a rocha uma enseada, de compridão de uma légua, até ao Morro, que é uma alta rocha, como cunhal da ilha, testa do Lombo Gordo, dentro da qual enseada, toda cercada de penedia, ao lível do mar, meia légua, quase no meio dela, vai beber no mar uma ribeira, que somente corre no inverno, chamada dos Cambos; além da qual ribeira, contíguo com ela, está um pequeno areal, de areia miúda e preta; e logo vão umas fajãs pequenas, que dão trigo e pastel, até entestar com o Morro já dito.

Este Morro é uma soberba serra que se chama o Lombo Gordo, que vai morrer e acabar em uma rocha muito alta, da banda do levante, chamada dos mareantes o Morro ou Topo, em que bate o mar uma légua da vila do Nordeste; e o mesmo Morro vai pela terra dentro, e crescendo cada vez mais, e alevantando-se até ao Pico da Vara, que é o mais alto monte da ilha, que por outro nome se chama toda aquela serra alta dos Graminhais, ao pé dos quais está a Lomba de São Pedro e a Algarvia, da banda do norte, e o Faial, e a Povoação Velha, da banda do sul.

Do qual Morro para diante, vai voltando a costa, de alta rocha e calhau grosso e miúdo, a lugares ao lível do mar, onde quando o mar se embravece chega ao pé da dita rocha meia légua até ao passo que se diz da Gorda, por passarem por cima de uma ponta de pedra, alando-se por uma corda de uma banda para outra. Junto do qual passo, quase apegados com ele, estão dois penedos altos, de modo de pedra queimada, que chamam os Ilheusinhos, onde há um bom surgidouro, o melhor que há por aquela banda do norte, dali até à Maia.

Dos Ilheusinhos, correndo a rocha alta e calhau ao longo do mar, pela mesma maneira dita atrás. até espaço de meia légua para o sul, está uma boa fajã de Simão da Ponte, com caminho de pé e de bestas, pela rocha arriba, que dá bom pão e pastel; junto da qual fajã, um tiro de besta, dobrando já a costa para a parte do sul, está uma grota chamada a Grota Funda; e apegado com ela, um tiro de pedra, está uma fonte de tão grossa água como a coxa de um homem, que nasce em meia rocha, ao pé de uma fajã pequena; acima da qual fajã e da outra atrás dita está uma povoação de gente, de até dez ou doze casais, que se chama Água Retorta, por respeito da fonte que pela rocha cai em voltas, e são da freguesia do Faial.

D'Água Retorta, que parte com o Lombo Gordo na banda do ponente, se começa o termo de Vila-Franca, porque ali fenece o do Nordeste; e dali para o ponente vai começando a costa do sul, correndo a rocha direita e mui alta, e tão íngreme que em muita parte dela não poderão andar cabras, ao lível com o mar, de calhau miúdo; ao pé da qual rocha, além meia légua, está uma fajã grande de Baltasar Manuel, de até dois moios de terra, muita parte da qual semeia de pão e a mais ocupada de mato, urze, murta e faia; e correndo a mesma rocha para loeste, a modo de enseada pouco curva, por espaço de um tiro de espingarda, está na mesma rocha uma veia de pedra branca da largura de oito côvados, desde o pé da rocha até o meio, que será altura de tiro de um bom berço, que se chama o Risco do Bode, que outros chamam Risco do Manaia, pelo ele ver, vindo do Reino para esta ilha, em tempo de cerração, sem ter vista a ilha, e pela brancura do Risco, julgar ser a ilha; e indo a descobri-la junto da costa, donde depois dizia o mesmo Manaia, vindo do Regno:— levo pela proa o Risco do Faial; e tão bom piloto era nesta travessa, que assim o fazia como dizia.

Ao pé do qual Risco, ou vieiro de pedra, nasce uma fonte pequena, de boa água doce; deste Risco branco caem muitas vezes pedras em tempo de chuva, com que correm muito perigo os que por ali caminham pelo pé daquela rocha; do qual Risco até às Formigas que estão ao su-sueste, há dez léguas, demorando-lhe o Risco a elas ao nor-noroeste. Deste Risco branco corre a rocha direita ao noroeste, assim altíssima por espaço de um tiro e meio de escopeta até ao Faial, com uma baía que ali faz antre as duas pontas já ditas, no meio da qual está o dito lugar do Faial, situado em uma aberta, antre uma grande ribeira, da banda do oriente do lugar, logo passada a Rocha do Bode, ao pé dela, e uma levada que dela sai da parte do ocidente, com que moe um moinho, de que se servem os moradores do mesmo lugar do Faial, assim chamado por ser antigamente aquele vale coberto de muitas faias e altas, com raras sombras de brandos vimes, e outras espessas de verdes árvores, regadas não somente com a ribeira e levada, mas com muitas deleitosas e claras fontes que das ladeiras daquela montosa terra se vêm meter nelas até se misturarem suas doces águas com as salgadas do mar vizinho, em um bom porto que tem, pelo qual sobe muito pescado pelas correntes da ribeira acima, além da grande quantidade de eirós, que ela em si cria, das quais coisas todas está o lugar tão bastecido, como das muitas faias de que tomou o nome, o qual já é termo de Vila-Franca do Campo, de quem ela elege, a seus tempos, homens que a governam. Tem uma igreja, da invocação de Nossa Senhora da Graça, cuja festa principalmente se celebra a oito dias de Setembro; terá toda a freguesia trinta e sete fogos e almas de confissão cento e catorze, das quais são de sacramento oitenta e oito, e já teve mais; cujo primeiro vigairo foi um Rodrigo Anes Barabam, alcunha imposta porque, quando dizia a Paixão, só este vocábulo lhe entendiam; o segundo, um frade francês, da Ordem de S. Domingos, a que não soube o nome; o terceiro João Afonso, que depois foi vigairo da Fajã; o quarto, Jorge Fernandes, o Damão; o quinto, Belchior Manuel; o sexto, Amador Travassos; o sétimo, Amador Furtado; o octavo, Roque Coelho de Medeiros; o nono, Manuel de Magalhães; o décimo, Hierónimo de Brum, bom sacerdote que agora serve. Além do que tem de renda, possue também um rico pomar de muitas fruteiras, principalmente de árvores de espinho, de muitas laranjas, cidras, limas e limões de talhada e de sumo, que têm pelos melhores da ilha; o qual lhe deixaram os antigos e nobres moradores, de que descendem os do presente tempo. Dista do Nordeste três léguas, e alguns moradores deste caminho são desta freguesia; e ainda que o porto é mais que de serventia de batéis, poucas vezes surgem nele navios, por não servir para abrigo, nem ter carregação alguma. Os vizinhos dele, que são nobres e ricos, lavram pão e algum pastel; e tudo é muito bom, mas abasta para pouco mais que para seus moradores; tem madeira, que alguns granjeiam e mandam vender a caixeiros, a Vila-Franca e à cidade.

Está este lugar assentado (como digo) em um campo de oito até dez moios de terra, cercado de montes, quase de meia légua de altura de todas as partes, senão do sul, donde fica o mar, o qual campo parece que em algum tempo foi mar e com enchentes se atupiu de terra. No monte, da parte do oriente, está a roça de Pero de Freitas, onde roçam mato para

semearem pastel e trigo; descendo dela para a banda do sul, está uma grota que se chama o Campo dos Alhos, porque havia ali muitos bravos, a qual grota, em tempo de inverno, toma muita água e toda corre para o Faial, com que dá muito trabalho aos moradores dele; e apegado com a grota, da banda do mar, fica o Pico Alto do Bode, que já disse, de criações de gado, e rocha mui alta de pedra vermelha, queimada, como coisa que em outros tempos ardeu; e dela caiem as pedras que disse, no caminho que vai do Nordeste e Água Retorta, ao longo do mar, e da fajã de João da Costa, que será de moio e meio de terra, e dá trigo, pastel e cevada, e criam-se nela muitos coelhos.

No Faial, vem da serra pela banda do nascente a grande e formosa ribeira que cria muitos eirós, pela qual com o mar bonança entra muito pescado e já por ela entraram batéis até um poço que teve vinte e cinco palmos de comprido e outros tantos de largo e está tão longe do mar como um jogo de barreira, e pelo meio do campo vai a outra ribeira da mesma serra, de muito boa água; e antre uma ribeira e outra está a igreja e alguns casais e benfeitorias de pomares, hortas e latadas, e o mesmo está bem ao pé da serra onde nascem as ribeiras, as quais saem com suas bocas ao mar e quando crescem com as invernadas e força das águas, enche tanto a do Campo dos Alhos, que se ajunta com a outra e dá tanto trabalho ao povo que quase alaga todo o lugar; e o campo por algumas partes, dá bom pastel e trigo.

Indo para o ponente pela terra, se sobe uma grande ladeira, quase de meia légua de subida, até chegar a uma roça que se chama o Saragaço, por criar n'algum tempo esta erva, ou porque é fria por ser muito alta e os ventos estragarem ali tudo e só servir para criação de gado. Subindo mais acima está um pico, que se chama o Pico da Cruz, onde está uma, arvorada, por onde partem os limites da Povoação e Faial, do cume do qual se descobre muita parte do mar e da terra e dali descem para a Povoação Velha, que está do Faial meia légua.

Todas as serras por cima daquelas rochas, de uma e doutra parte deste lugar, são criações de gado vacum e cabrum onde também há porcos monteses; e poucos tempos há que por ali se deixavam tomar pombos torquazes com laços que lhe lançavam nos pescoços, sem eles fugirem da gente, como se tomavam no tempo antigo, logo quando esta ilha foi achada. Tomavam também muitos com laços que lhe armavam nos carreiros dos carros em que se tira o trigo para as eiras, do restolho; donde se fazem algumas searas por entre aqueles matos que são ventoreiros e se tornam muito algumas vezes das muitas névoas que ali caem.

Os primeiros habitadores do lugar do Faial foram João Afonso, o Velho que das Grotas Fundas, junto da Ponta da Garça, onde seu pai povoou primeiro, foi ter ali com outros seus irmãos, Sebastião Afonso, e Diogo Afonso, o Moço; e os filhos dele e seus genros, todos, gente principal e nobre, fizeram nobre aquele povo. O filho mais velho de João Afonso se chama Gaspar Manuel e outro Baltasar Manuel. O Gaspar Manuel casou com Clara Afonso, filha de Salvador Afonso, da vila do Nordeste, de que houve três filhos, que estão casados, dois ([251]) em Vila-Franca com duas filhas ([252]) de Sebastião Jácome, morgado que foi de seu pai, e outro ainda solteiro; o Baltasar Manuel casou com Breatís Vaz, filha de Martim Vaz, homem rico, principal do Nordeste, de que houve dois filhos, que estão casados na vila de Água de Pau. O Sebastião Afonso, irmão de João Afonso, o Velho, casou, em Vila-Franca com Constança Rafael, de que houve três filhos e duas filhas, todos ali casados, no Faial. E Diogo Afonso, outro irmão de João Afonso, o Velho, casou no mesmo Faial com Breatís Gonçalves, de que tem uma filha, por nome Francisca Jorge, casada com Pero Cordeiro. E João Afonso, o Moço, terceiro irmão ([253]), de João Afonso, o Velho, casou na vila de Água de Pau com Brázia, Vaz da geração dos Fagundos, de que houve onze filhos, entre machos e fêmeas; os mais deles são moradores no Faial, um dos quais é Baltasar Fagundo, vigairo de S. Lázaro, termo de Vila-Franca; e sua filha é também Constança Afonso, mulher de Bartolomeu Jácome, morador na vila da Ribeira Grande, que sucedeu no morgado a seu pai, Sebastião Jácome. Afora Gomes Fernandes e outras pessoas nobres que povoaram e povoam o dito lugar do Faial.

Este lugar do Faial, como disse, está em uma aberta ou vale, antre dois picos, sc. o pico que está da parte do oriente, por onde vão do lugar para a rocha do Bode, e o Pico da Caldeira, por ter no meio uma alagoa de água, como caldeira, que já secou, depois que para fazerem sementeiras foram roçando aquelas terras os donos delas. Acima da qual rocha do Bode estão umas terras, que se chama, uma parte Atalhada e outra, o Perú; delas de pão, e algumas de criações, são dos herdeiros do dito João Afonso e outros, sc. o Pico Grande e o Labaçal, de Sebastião Afonso e seus herdeiros; e outras, de Diogo Afonso, chamadas as Lombinhas e o Poço, apegadas ao Sargaço, que os vizinhos dali chamam Sarragaço, que é um

pasto de erva comprida e verde, que está arriba do Pico da Caldeira, dentro pela terra, partidas desta maneira.

De Água Retorta, donde agora mora João Roiz, pessoa nobre, até o Faial, pela terra dentro, estão estas fazendas:—junto de Água Retorta, está o Lombo dos Bardos e o Juncal e Roça Grande, em cima da rocha, e a Fajã do Calhau, ao pé da rocha, junto do mar, e a Fajã do Louro no meio da rocha, que dá muito pastel, e a Rocinha que está sobre o lugar do Faial, dependurada em cima da rocha, e outra fazenda, que se chama a Lapa, terra que também dá trigo, e outra chamada o Guindaste, dependurada sobre a ribeira que corre ao lugar; e arriba dela a Couvinha, que dá também novidade e tem criações, e outra que se chama, as Quebradas, acima da Couvinha, ao longo da mesma ribeira, onde há muitas comedias de gados e muitas frescas fontes; e outra fazenda, terra chã, mais acima, que dá pão, chamada os Moios das Quebradas; e logo acima outra terra de comedia de gado, que por ser mais alta se chama a Cumieira. Todas as quais fazendas, que serão uma légua de terra, partindo com Francisco Fernandes, sogro de Matias Lopes, até o lugar do Faial, foram de João Afonso, o Velho, e agora são de mais de vinte e cinco seus herdeiros, que partem pela banda do norte com os herdeiros de Domingos Afonso, sogro do licenciado Bartolomeu de Frias.

Passado o lugar do Faial, por riba, pela serra, vão continuando as terras de criações do dito Domingos Afonso, de Rosto de Cão, que são Cú de Judas, por ser lugar remoto; e outra lomba, chamada a Lomba da Erva e o Espigão do Caminho, ao pé do Pico Verde, donde nasce a ribeira principal do Faial e outros ribeiros, como é o Labaçal; e outra do Espigão, de Francisqueanes, e outra do Cerrado da Feiteira, e outras que vão dar nela.

Logo partindo com Domingos Afonso estão para a parte do ponente as terras de criações de Pero Roiz Cordeiro, de Vila-Franca, e de seus herdeiros; cuja fazenda é o Cerrado do Labaçal, que é pelas Lombinhas e logo parte com ele João Afonso, o Moço, onde tem o Pico das Cabras e o Pico Longo, até sobre a cumieira da Povoação; e após esta ribeira do Sargaço, parte Nuno Gonçalves, filho de Domingos Afonso e tem ali terras, que chama Perú. E logo além, parte com Nuno Gonçalves, outro herdeiro, que se chama António Fernandes, cujas terras chamam Atalhada e o Cerrado dos Cortiços; e com António Fernandes, da parte do sul, Sebastião Afonso, terras que se chamam o Pico Grande e o Cerrado das Silvas, e outra lomba, chamada o Touril; e mais chegado para o mar, perto do Sarragaço, tem Diogo Afonso a Lomba do Paço, que vai partindo com o Pico da Caldeira, acima do qual está o Sarragaço. Assim que está o lugar do Faial antre os dois picos altos, o da banda de leste não dá pão, mas é terra de criações, e o da parte do ponente dá muito trigo e algum vinho nas ladeiras; e com isto e com o pomar muito grande que está em cima do lugar, pela terra dentro, no cabo da fajã, de muitas árvores e frutos de espinho, que os antigos moradores (como já disse) deixaram para os vigairos do lugar, que pelo tempo fossem, está este lugar muito fresco.

Logo com Diogo Afonso e Sebastião Afonso, do Faial, subindo para o Pico da Caldeira, é aquela subida de Mateus Dias, da geração dos Jorges, que descenderam de Jorge Velho, dos primeiros povoadores desta ilha. E descendo do mesmo Pico da Caldeira, donde se chama a Lomba do Alcaide, está a fazenda de João de Arruda da Costa e de seus herdeiros, que é muito grande, da ribeira de Santa Bárbara, com todo o lugar do mar à serra, onde agora prantam muitas vinhas. Além da lomba do Pumar, e abaixo do Pico do Louro, em outra lomba, chamada do Cavaleiro, sobre a Lapa; as quais lombas todas são na Povoação Velha, da fazenda de João de Arruda, que descendeu dè Gonçalo Vaz, o Grande, e de seus herdeiros, que agora as aproveitam melhor que os antigos, prantando nelas pumares e muitas vinhas que dão o melhor vinho da ilha. As partilhas das quais terras não conto, nem contarei mais outras em particular, por evitar prolixidade. E entendei, Senhora, que pela ordem que contei as ditas, estão mais por dizer em toda a ilha, que são de diversos donos e têm diversos nomes, assim os picos e as terras, como os senhores delas. Só em soma irei apontando alguma vez alguma coisa destas, brevemente. O caminho por esta parte será uma légua do Faial à Povoação Velha; é espaço fragoso e trabalhoso. Mas, tornando ao que ia contando, pela costa, ao longo do mar, onde, fazendo uma grande baía, corre a costa ao noroeste, dali se torna a correr ao sudoeste, até uma pequena ponta que se chama a Cagarra, por se haver visto ali alguma destas aves. Naquela ponta está uma fajã, de até doze alqueires de terra, que dá muito bom pão; e dali torna a correr ao noroeste até à ribeira da Povoação. E logo saindo do Faial tem a terra uma ponta que sai pouco ao mar e antes de a dobrar está um passo, onde bate o mar na rocha, que é causa de se não poder passar por ali mais adiante. E todo o mais caminho é de calhau, até junto da Povoação, em que está um areal tão grande, como uma boa carreira de

cavalo; com que fica também o caminho de uma légua, ao longo do mar, se o passo, que tenho dito, desse lugar para caminhar por ele, ao pé daquela rocha tão alta.

CAPÍTULO XXXIX

EM QUE SE CONTINUA A DESCRIÇÃO DA ILHA PELA COSTA DA PARTE DO SUL, DO LUGAR DA POVOAÇÃO VELHA, ATÉ CHEGAR À RIBEIRA SECA, JÁ PERTO DE VILA-FRANCA

O antigo lugar da Povoação Velha, assim chamado a respeito das outras povoações de toda a ilha que depois dela se fizeram, se a fortuna a favorecera, por sua antiguidade pudera pretender maior e melhor lugar antre todas elas; mas, os acontecimentos das coisas são assim, que às vezes o derradeiro é primeiro e o primeiro vem a ser o derradeiro; ainda que o não é esta aldeia em tudo, porque está situada e bem assentada em uma muito fresca fajã de até doze moios de terra, que dá trigo e cevada, pastel e todos os legumes, e deu já, no tempo dos açúcares, quando logo se começaram a fazer nesta ilha, grande canavial de canas dele; além de ser a comarca dela que deu as primícias de todos os frutos e foi a pedra de toque em que se tocaram os quilates do ouro e preço de toda a ilha, respondendo com grande fertilidade e muito mais do que o desejo do avaro lavrador cuidava, nem esperava, sendo todos os frutos os melhores desta ilha e das ilhas, como já atrás tenho relatado. Está cercada esta fajã e aldeia de altas rochas e ladeiras, todas cobertas de fresco arvoredo, vinhas e pomares de árvores de espinho e outras fruteiras de diversas pomagens, parecendo uma grande e formosa praça, armada ao redor toda de panos de verduras e diversas cores e de rica tapeçaria, não faltando ali a verde hera, abraçada com os antigos troncos de alto arvoredo, e pelos altos rochedos os medrosos coelhos por antre eles, nem os solitários e seguros passarinhos com suas cantilenas, com que fazem saudoso aquele deleitoso bosque, nem os pombos torquazes, quase soberbos e briosos com este nome, que alcançaram do nome Torques em latim, que em linguagem quer dizer colar, e eles são como azuis, que tiram a cinzentos e têm um colar branco pelo pescoço, antre as penas douradas, e por serem assim acalorados se chamam torquazes, por terem o torques ou colar ao pescoço; pelo que, com seu brio, estes azuis são piores de tomar e têm mais resguardo em si que os pombos pretos que, como tolos, com laços que à mão tente Ihe deitam no pescoço, se deixam tomar facilmente. E para selo da frescura ser mais fresca, pelas ladeiras e rochas caem quatro grandes ribeiras e nove frescas fontes, algumas, com que podem moer azenhas, que correm todo o ano e antes de chegar ao mar se ajuntam todas, assim ribeiras, como fontes, em uma só ribeira, em que está um moinho, chamada a Ribeira Maior, a respeito de outra que corre de outra banda do lugar, ao ponente, antre as quais está assentado e quase nadando como o peixe na água. Da banda de leste, da outra parte da grande ribeira, que sai ao mar, está uma ermida de Santa Bárbara, que foi a primeira igreja que se fez no mesmo lugar da Povoação, onde se celebrou a primeira missa que na ilha se disse: e às vezes enche tanto esta ribeira, com as muitas águas que nela se ajuntam, que se faz tão grande como o rio Mondego, que passa por Coimbra, ou como outro de Portugal ainda que maior seja, e leva do mato muita madeira e penedia com que vai fazendo tão grande arruído e estrondo que faz alevantar todos os moradores de noite, com temor dela; pela qual entram do mar muitas tainhas, além dos infinitos eirós que em si cria, e na boca dela entram sargos e outras sortes de pescados, que, com tresmalhos e tarrafas, tomam ali nela os vizinhos daquele povo. E, segundo conjectura e parecer dos antigos, e por sinais evidentes que se acham debaixo da terra, como é cascalho e areia, foi esta fajã no tempo antigo mar, como a dos Mosteiros e outras desta ilha, e depois se fez fajã de terra, com a que correu pelas ribeiras que nela caem e a ela vão ter, com as enchentes das grandes chuvas do inverno. E, no tempo de um João Loução, fez ele uma caravela junto de sua casa, por chegar ali o mar, que agora está afastado dela dois tiros de besta. Há nestas ribeiras e fontes muitas rabaças e agriões e aipo, e todas as fontes criam eirós, como as mesmas ribeiras. Os figos brejaçotes e toda a mais fruta. assim de espinho como de outras fruteiras, é a melhor de toda a ilha, como também os vinhos são os melhores de quantos ela produz. É finalmente toda a comarca deste lugar terra que logo no descobrimento desta ilha se enjeitou como estéril e pouco proveitosa, por ser

muito forte; e agora, depois que a gente cresceu, a tornou a experimentar como terra nova, semeando trigo e prantando muitas vinhas em terra, como em Portugal, porque não tem biscoutos, com propósito de as terem por granjearia. Os herdeiros de João de Arruda da Costa têm nesta freguesia muita ou quase toda sua fazenda, procedida de seus avós, e fazem agora muita destas propriedades, pela razão já dita. O primeiro deles, que agora novamente fez ali casal e pumar, é Rui Tavares, filho de Pero da Costa, capitão- mor das ordenanças em Vila-Franca do Campo, de que este lugar e o Faial são sufragâneos. É terra de boas e grandes criações e muitos matos até às Furnas, uma légua dela pela terra dentro para o norte, que dá grossa granjearia de madeira aos outros moradores dela, e para todos eles dá trigo em abastança e dará daqui adiante mais, porque já se dão a ele.

Este foi o primeiro porto a que aportaram e em que desembarcaram os primeiros e antigos descobridores desta ilha, e aqui (como já fica dito) se disse a primeira missa em uma ermida de Santa Bárbara, que mandou fazer um Mateus Dias, homem honrado. Aqui fez o primeiro assento aquele antigo Gonçalo Vaz, o Grande, em tudo grande, na progénia de grandes e nobres descendentes e nas obras de virtude, no exemplo e na fazenda, que não somente neste lugar, mas em outros da ilha, deixou a seus herdeiros.

A terra deste lugar da Povoação tem três camadas sobre a terra boa, que era dantes. A primeira sobre a mesma terra boa é de cinza dois palmos em alto; a segunda, em cima desta, é pedra pomes que tem perto de três palmos de alto; e a terceira camada, que está de riba, é cinza da altura de dois palmos; e tudo isto desta maneira se conjectura que caiu sobre a superfície da terra, quando arrebentaram as Furnas, dali duas léguas, ou o pico delas ou outros ali chegados. Esta terra, pela folhagem das ervas ou folhada do mato que pelo tempo cresceu, com que estava estercada, depois que a roçavam, dava muito pão ao princípio, com aquele esterco, e por isso está ali uma lomba, chamada a Lomba do Pão, por o dar naquele tempo muito; e depois, por se gastar o esterco, ficou menos fértil e não deu pão muitos anos, mas já agora a começam a cultivar e dá algum fruto.

Aqui está o lugar onde estava a faia, ou ginja, ou zimbro, ou qualquer outra árvore que fosse, em que se fez a primeira justiça nesta ilha, quer fosse mandada fazer por Jorge Velho, quer por Gonçalo Vaz, o Grande, ou pelo Capitão Frei Gonçalo Velho, em um alto de uma baixa rocha, junto da ribeira, que fica do lugar para a parte do ponente, em que enforcaram o homem que veio da ilha de Santa Maria e primeiro pôs os pés nesta terra, para tão prestes lhos alevantarem dela.

Antre as duas ribeiras, tem uma igreja que mandou fazer João de Arruda e seus filhos, da advocação de Nossa Senhora dos Anjos, cuja festa principal se celebra aos quinze dias do mês de Agosto; mas, por andarem neste tempo ocupados os fregueses em recolher suas searas e em outros trabalhos, celebram agora esta por dia da Natividade de Nossa Senhora, a oito de Setembro. É freguesia de cento e três fogos e duzentas e trinta e oito almas de confissão, das quais são de sacramento cento e quarenta e oito. O primeiro vigairo foi Baltasar Pires, por alcunha o Malícia; o segundo, Fernando Rodrigues; o terceiro, Baltasar de Sousa; o quarto, Francisco de Aguiar que agora serve.

Da Povoação para a parte de loeste, corre um pouco espaço de costa de pedra e calhau roliço, e da parte da terra, uma alta rocha até uma pequena ponta, da qual até à outra, que se chama do Garajau, por ali se ver algum, que está além de uma ribeira mediana e fresca, chamada dos Agriões, pelos criar muitos, acompanhada, de uma parte e outra, de graciosos arvoredos, que será meia légua da Povoação até à dita Ponta do Garajau, se faz uma enseada, dentro da qual, defronte da dita ribeira dos Agriões, está uma baixa, rasa, do tamanho de um alqueire de terra, que se chama a ilha de Mateus Dias, porque saindo ele a folgar, pescar e mariscar nela, mandou o batel a Vila-Franca, para da tornada o tornar a tomar, e alevantou-se o tempo de tal maneira que, tornando o batel para o recolher não pôde chegar à baixa senão com muito trabalho e com grande risco de perderem todos as vidas, estando já a baixa quase coberta de água. Da ribeira pequena, que disse, corre do mar uma ponta de pedra alta, onde ela é alcantilada, que se chama, como tenho dito, Ponta do Garajau, por aparecer ali algum muitas vezes, ou porque pegada com ela, onde se chama a Escada na Rocha, está uma pedra, feita pela natureza, por onde descem abaixo, ao longo do mar, em que estava um buraco que passava a terra da outra banda, por onde se via o ar branco e alvo que de longe parecia garajau, e agora está já atupido; com a qual faz uma grande enseada, abrigada dos ventos ponentes. Passada a Ponta do Garajau, dela até à Ponta de Simão Figueira (por razão de um penedo que defronte dela está, quase pegado com ela dentro no mar, em espaço que

passam batéis entre ele e a terra, que por ser redondo se parecia com um homem, chamado assim Simão Figueira, que era anão) antre estas duas pontas, está uma enseada de areia, tanto como um tiro de arcabuz, e logo adiante da Ponta de Simão Figueira, em uma baía de compridão de um tiro de berço, que se faz antre seu penedo e antre outra ponta chamada o Rosto Branco, por ser a mesma ponta de terra branca, onde estão fajãs que terão cinco moios de terra, que têm vinhas e dão pão e pastel, está a Ribeira Quente, de muito boa e copiosa água, por causa que se ajuntam nela as três ribeiras das Furnas, sc. a Quente e a outra que corre pela fábrica da pedra hume, que se chama a Ribeira que Ferve, e a outra chamada Ribeira Fria e alguns outros regatos pequenos, deles, das mesmas Furnas, e outros doutras partes; na qual ribeira entra muito pescado, onde com não pequeno gosto e grande passatempo, fazem os principais da terra e alguns sacerdotes e religiosos e alguns nobres estrangeiros, no Verão, grandes e ricas pescarias.

Da parte do Rosto Branco, a dois tiros de espingarda, antes de chegar ao direito, onde demanda a ribeira de Diogo Preto, está o Forninho, chamado assim por uma figura que a natureza fez ali naquelas pedras, da feição de um forno, onde está um recife, ainda que pequeno, todavia muito proveitoso aos barcos de pescar e a outros que navegam nesta costa, onde se acolhem, tomando-os nesta paragem algumas tormentas; e direito do Forninho para o mar, tanto como um tiro de pedra, está uma baixa grande, que terá vinte varas de medir pano, de comprido, e três de largo, antre a qual e o Forninho, saem no mesmo mar três olhos de água doce, como três canos, com uns borbulhões e olheiros dela na superfície da água, como em triângulo, tão afastados um do doutro como dez palmos, pouco mais ou menos. Um deles que está mais ao pego, é tão grosso como a coxa de um homem; os dois são iguais, tão grossos como a haste de uma lança; todos três tão apartados da terra como um tiro de pedra, saindo com tanta fúria, que dizem alguns que algumas vezes sobre a água do mar a tomam para beber naquela fervura. Mas, o mais certo e comum é que se toma ali água doce dentro na água salgada do mar, onde ela toda está misturada no fundo dele, mas não na superfície, com uma invenção, de que dizem ser inventor um Fernão Roiz, vigairo que foi da Povoação Velha e beneficiado depois em Vila-Franca, sendo muito velho, metendo um pichel com a boca cerrada, atado pela asa com um atilho e com outro pela tapadoira cerrada, levando um peso que o leve ao fundo (o qual é ali pouco mais de duas braças de alto) e sendo em baixo, lhe tiram pelo atilho da tapadoira e, aberto o pichel, recebe aquela água doce, e enchendo-se dela e tornando a afrouxar o cordel e deixar cair a tapadoira, ficando ele cerrado, o tiram de baixo, do fundo, pelo outro cordel da asa, e assim vem cheio daquela água doce, como se fora tomada em uma fonte cá da terra, porque trazem tanta força aqueles olhos de água, que afastam de si água salgada do mar e vem doce quase até à superfície dele. Uns suspeitam que vem esta água destes três olhos, da lagoa das Furnas, que está dali uma légua pela terra dentro, para o norte; mas, a mais certa conjectura é nascerem da ribeira de Diogo Preto, que dali quase uma légua, naquele mesmo direito, se consome dentro na terra, na lagoa Clara (de que adiante direi, quando fizer relação das Furnas) onde entra a ribeira sem crescer a alagoa e se consume ali em areia branca e parece sem falta vai por debaixo da terra aquele espaço, perto de uma légua, e entrando no mar torna a sair com os três olhos ditos, antre a baixa e o Forninho, que já disse. E não é muito ser assim, pois da mesma maneira (como tenho contado) se sume na terra, na ilha de Santa Maria, não longe do Castelete, para a parte do sul, uma fonte grande e vai sair, por debaixo da rocha e de umas fajãs, ao lível do mar, que não aparece senão com a maré vazia; e outras coisas maiores, desta sorte, há no mundo; para o que se há-de notar que vindo aquele espaço por onde a água vai ou for acanalada, ou como por canal, ou reçumada, se chama rio sobterranho do mar, como vai o rio Alfeo, por debaixo do mar Jónio, do boqueirão em que se sume e funde na Moreia, que é em Grécia, até que arrebenta a cabo de mais de cem léguas que há corrido por debaixo do mar em a Fonte Arethusa, perto da cidade de Çaragoça ([254]) de Sicília, o que mostra a experiência, pois tudo o que se deita onde este rio se funde sai na Fonte Arethusa em Sicília; como se conta que, quanto deitam em Grécia, junto do monte Olimpo (sc. capelas, flores e outras coisas dos jogos e festas que nele se fazem) no rio Alfeo, tudo vai por debaixo do mar e sai em Sicília, nesta fonte chamada Arethusa, e por isso o grande poeta Virgílio, na décima e última égloga que fez em nome do pastor Menalcas, que começa: — Extremum hunc Arethusa mihi concede laborem — falando com a principal musa das sicilianas, a que atribui o nome desta Fonte Arethusa, a qual os antigos fingiram que, fugindo de Alfeo, mancebo que a seguia, muito suada de correr, se tornou em fonte, porque, como tenho dito, o rio Alfeo que nasce no Peloponeso, em Grécia, sumindo-se na terra, vai sair na cidade de Çaragoça, da ilha de Sicília e faz esta fonte chamada Arethusa, de que diz Ovídio no livro de suas Transformações, no lugar onde diz: — Arethusa in fontem — que Arethusa era

uma ninfa que do muito suor que suou, fugindo de Alfeo, caçador que a perseguia na montanha, até lhe fugir, além do mar, à Sicília, lá se tornou com seu suor em fonte e o Alfeo, em o Peloponeso, em o rio Alfeo: de que faz mui doces versos Virgílio, falando com a musa, que chama Arethusa, como a mesma fonte, pedindo-lhe o poeta que o favoreça naquele derradeiro trabalho, que queria tomar, de compor aquela final égloga, em louvor do poeta Galo, grande seu amigo, lhe diz, antre outros, estes dois versos:

Sic tibi cum fluctus subter labore sicanos

Doris amara suam non intermisceat undam.

como se dissera: — Musa, chamada Arethusa, como a fonte de Sicília, favorecei-me, neste derradeiro trabalho; assim Doris (filha de Thetis, deusa do mar, que casou com seu irmão Nero (sic) que é a água) não misture a ti sua água salgada, com a água do rio Alfeo, de que tu nasces, quando suas correntes passam por baixo das ondas sicilianas, ou fluctos sicanos.

E desta mesma maneira se pode crer que vão muitos rios debaixo do mar pelos caminhos sobterranhos que têm feitos, como também o rio de Manicongo, um dos grandes que no mundo sabe de água doce, que é de largo duas léguas e de alto, em toda a boca e muito dentro, sessenta braças, dizem que entra pelo sertão trezentas léguas e que traz tanta força que pelo mar faz corrente ao longo da costa cinquenta léguas; o qual rio, terra de Congo, é Portugal mil e setecentas léguas. Como também em França, o rio Ródano vai e leva sua corrente por meio do lago Remano (sic) sem misturar suas águas com as do lago, e sai tão grande como entrou, ainda que o lago Remano seja de dezassete léguas em comprido; e o rio Guadiana que tomou o nome de Guadal, nome mourisco que significa água, e de Suano, sétimo Rei dos antigos de Espanha, é um rio notável, cujo primeiro nascimento é em umas alagoas em terra de Alhambra, perto de quatro léguas da vila de Montiel, e depois de correr obra de oito léguas pelas entranhas da terra, torna a nascer, junto da vila de Daimiel, em outra alagoa, a que chamam os Olhos de Guadiana, perdendo o nome primeiro de Rodeira, e é rio que (como diz Plínio no capítulo primeiro do Livro terceiro) folga de nascer muitas vezes e sem estes o faz outras vezes, sumindo-se em outras partes debaixo da terra e tornando a nascer; como no mapa de Espanha se vê, que em Castela, não muito longe da povoação de Puebla de Alcácer, se sume na terra e indo por debaixo dela, dali a dez léguas, perto de Vila Nova torna a sair e vai por Mérida, pelo que se soe a perguntar: — qual é a ponte que no estio sustenta sobre si e cabem nela quatrocentas mil cabeças de gado? e responde-se: — que é este espaço de dez léguas de terra, por debaixo do qual vai o rio Guadiana, que com sua humidade tem ali erva fresca na força do estio, quando falta em outras partes, e pastam nestas dez léguas as quatrocentas mil cabeças de gado, ou quarenta mil, como outros dizem. Em Itália, o rio Pado, que também por outro nome se chama Eridano, onde caiu Phaeton, filho do Sol, de que fala Lucano, no segundo Livro, sai com sete bocas ao mar, a maior das quais chamam o Pó, que quer dizer Pado; diz dele Virgílio: — Suumque in mare alveum servat, porque corre longe pelo mar, até se encontrar com o rio Istro da outra parte, e os que por ali passam tomam dele água doce: como destes olhos de água doce da ribeira de Diogo Preto, que vão sair dentro no mar, matam sua sede os barqueiros e passageiros que com mar bonança por aquele lugar fazem sua viagem. O rio Eufrates se sume também pelas areias e depois torna a sair e dizem que é o rio Nilo, como conta Virgílio, e Cícero na quinta Verrina. E como desta maneira vão muitos rios por debaixo do mar, pelos caminhos sobterranhos que têm feitos, assim parece claro a quem vê a ribeira de Diogo Preto sumir-se na lagoa Clara, que em baixo tem areia branca e que dali vai, por debaixo da terra e do mar, sair no mesmo mar, no direito dela, com estes olhos de água que dela nele nascem, como tenho contado.

Direito do Forno ou Forninho (porque ambos estes nomes têm) saem três fontes juntas da rocha, duas de água doce e a do meio como vinagre. Do Forno à Ponta da Lobeira, para o mar, haverá um tiro de arcabuz; a qual Lobeira é uma baixa metida no mar tanto espaço que passam navios por antre ela e a terra, e há nela muitas cracas e mariscos. Chama-se a Lobeira por se ver nela um lobo marinho. Da Ponta da Lobeira até à outra ponta adiante, chamada Tufo, por ser pedra mole, haverá um tiro de escopeta e antre elas fica a ribeira do Leitão, que cobrou este nome, por um bravo, que ali se tomou e comeu. Logo adiante, também um tiro de arcabuz, sai ao mar uma ribeira que se chama da Amora, por haver muitas amoras ao longo dela, defronte da qual, metido no mar, está um cais de pedra, como espigão feito pela

natureza, agudo para o mesmo mar, de vinte varas de comprido e uma de largo, antre o qual e a terra haverá um tiro de pedra. Tudo isto está na enseada que faz antre a Ponta da Lobeira e a Ponta da Garça, que está para o ponente, e será de uma à outra uma grande légua, e da Povoação à Lobeira, outra. Grande parte da costa, atrás dita, da Povoação, e no mesmo lugar pela ribeira acima, é de pedra preta, que serve de cantaria; da banda da terra, do Forninho, já dito, por diante para loeste, é tudo rocha alta, e em algumas partes há também, ao longo do mar, algumas fajãs, que até este tempo presente não haviam sido cultivadas, mas cobertas de mui gracioso arvoredo, e agora semeiam nelas muito pastel e trigo e hortas de muitos melões e abóboras e outros legumes. Vai desta maneira correndo esta costa bem assombrada, acompanhada de frescas fontes e ribeiras e alto arvoredo, mais graciosa para ver do mar que para caminhar por terra, por ser em si por cima, pela mesma terra e ao longo do mar, em grande maneira fragosa; e é tudo serra tão áspera para caminhar, como deleitosa e graciosa para ver e, como dizia um negro, bom para olho, mas mau para pé. E vai assim deste modo até onde chamam as Grotas Fundas, por elas o serem, que estão antes de chegar à Ponta da Garça, tanto como a terça parte de meia légua. Daí começam as terras que semeiam, e ao longo do mar todavia vão rochas mui altas, ainda que não tanto como as atrás ditas, nem tão frescas, em que também há algumas fontes; e os caminhos pela terra são muito fragosos, por antre espessos e sombrios bosques e por meio de altas, fundas e frescas ribeiras. Está logo uma ponta, distante da Povoação Velha duas léguas, a que chamaram os antigos descobridores Ponta da Garça, por lhe parecer de longe garça ou vulto o ar que lhe aparecia, da outra parte, branco como ela, por um buraco ou vão que a mesma ponta tem na rocha. Da qual para o mar um tiro de pedra está uma baixa, que com maré vazia se descobre uma cabeça de pedra, da feição de um escopro, pelo parecer que tem dele, ou porventura com o vocábulo corrupto, que se chama em latim scopulus.

Nesta Ponta da Garça está um lugar do mesmo nome, que tornou dela, freguesia de Nossa Senhora da Piedade, que é a festa da sua Apresentação, que se celebra a vinte e um de Novembro, a qual igreja fez Lopo Anes de Araújo, na fazenda que agora é de seus herdeiros; tem oitenta e nove fogos e almas de confissão trezentas e trinta e duas, das quais são de sacramento duzentas e quarenta e oito. O primeiro vigairo foi João Afonso Salgado; o segundo, Afonso Anes; o terceiro, Fernão Rodrigues; o quarto Manuel Roiz.

É também, como o Faial e Povoação, termo de Vila-Franca, e todos têm juízes pedâneos, que julgam até um tostão e às vezes até trezentos reis, e o escrivão e alcaide senão a Ponta da Garça. Tem granjearia e lavoura de trigo, do melhor da ilha, e pastel, por ter muitas e grossas terras, em que os moradores estão espalhados e não muito juntos. É lugar situado à beira do mar, junto de altas rochas que tem por muro da parte do sul; pouco viçoso de frutas e menos regado de águas; onde há nobres fregueses e tem sua morada, principalmente no Verão, João de Arruda, filho de Pero da Costa, casado com D. Guiomar, filha de Hector Gonçalves Minhoto, neta do Capitão João Soares, segundo do nome, da ilha de Santa Maria.

Antes de chegar à Ponta da Garça, está o Cavouco, que é uma ressaca pequena e encolhimento da terra para dentro, onde há uma pequena ribeira que corre somente de Inverno, em tempo de enchentes e cai de salto. Está nesta fajã, chamada o Cavouco (por tirarem ali cavouqueiros pedra, ou a ter em si para se poder tirar dele) uma vinha e pomar. Daqui, passando pela Ponta da Garça, já dita, até à ribeira da Abelheira, para o ponente, que será espaço de pouco mais de quarto de légua, caem da rocha, por antre ervas verdes, rabaças e agriões, e entre canas e outras ervas, muitas e frescas fontes, umas que deitam grossa água, como a coxa de um homem, outras menores e outras mais pequenas, onde, dizem alguns, que todas elas se chamam as Onze Águas, por serem onze fontes; mas a certeza disso é que são quinze ou dezasseis, algumas espalhadas e longe umas das outras, ainda que em um lugar onde estão seis ou sete juntas, no meio de uma alta rocha, passada a Ponta da Garça, pouco espaço além dela, como um tiro de falcão, dizem alguns que ali é propriamente as Onze Águas e parece que em algum tempo foram onze e por isso lhe puseram, àquele lugar, onde as havia juntas na rocha, este nome; onde Jordão Jácome Raposo, com outras pessoas, tinham determinado fazer um engenho de açúcar, para o qual tinha já começado o caminho pela rocha e muita pedra de cal junta, por terem na mesma comarca prantadas muitas canas de açúquere o mesmo Jordão Jácome e Marcos Dias e Jorge Afonso, as quais se perderam juntamente com as da Vila-Franca, com um furacão que sobreveio, como adiante direi. E no mesmo lugar já esteve um moinho, em baixo, ao lível do mar, e ajuntaram estas águas todas com que ele moeu, no tempo do segundo terremoto desta ilha, por se perderem os moinhos da Praia, com as grandes enchentes que então foram, as

quais não somente levaram os moinhos, mas também uma ponte que na ribeira deles estava, muito forte e bem feita, e outra que estava como um quarto de légua de Vila-Franca, na Ribeira das Tainhas, a qual havia pouco tempo que era acabada. Ou aquelas fontes se ajuntaram, ou algumas secaram, porque agora não são mais que seis juntas (como tenho dito), onde comummente chamam Onze Águas: ainda que algumas pessoas dizem que toda esta comarca e espaço do Cavouco, até à ribeira da Abelheira, já dita, tem este nome de Onze Águas, dizendo que há nela estas onze fontes, sendo elas ao presente tempo quinze ou dezasseis. Pode ser que de princípio seriam onze somente e por isso lhe chamariam as Onze Águas, e depois nasceram e arrebentaram e brotaram as outras, e fizeram dezasseis por todas, ficando-lhe o nome antigo de Onze. Dizem também alguns que algumas destas fontes não correm no Inverno e secam de todo, e quando vem o Verão tornam a arrebentar e correr como dantes. Sendo assim, a razão disso será por se taparem no Inverno os poros da terra e assim ficarem tão cerrados e tapados os canos destas fontes, sem então correrem; mas, abrem-se e corre por eles sua água, vindo o Verão com sua quentura, com que abre os poros da terra, como acontece em outras partes, em muitas outras fontes, e como se vê no corpo humano que não sua no Inverno, por se lhe taparem então os poros do coiro e da carne com o frio dele, mas vindo a quentura do Verão, que os abre, sua logo e estila de si água por suores, como fonte ou como algumas fontes; ou também porque nem todas as fontes nascem do mar, do qual nascem aquelas que acham meatos, cavernas e caminhos pela terra e vêm sair ou em rochas ou em vales, ora em outeiros, ora em altos montes, porque o mar é mais alto que toda a terra, pois seu próprio e natural lugar é estar sobre o globo dela. Mas, outras fontes e águas se geram e criam em algumas cavernas e lugares da terra, do ar que nelas (entrando pelos meatos dela) está encerrado e se vai de novo encerrando, que lá se congela e converte em água, ainda que em menos quantidade, porque assim como de um punhado de água se converte e torna em dez de ar, assim de dez de ar se converte em um de água; e esta água feita de ar congelado nas cavernas da terra e em algumas partes dela, reçume pelos poros dela e corre em fontes, que às vezes são perenes e perpétuas, porque acabada de se congelar uma quantidade de ar, entra pelos poros da terra outra quantidade que se torna a congelar, fazendo-se água, e após aquela quantidade, outra e outra; assim como vai o ar cevando a concavidade onde encerrado se vai congelando e tornando água continuamente, com que continua a corrente da fonte feita dele e não do mar. Pelo que é perigoso cavar muito estas fontes que nascem e se geram de ar congelado, porque se lhe abre com o muito cavar grande boca, fica o ar contínuo com o de fora e não se congela, por não estar encerrado, e não se congelando, e tornando água, seca a fonte que cavaram; e pode ser que algumas destas fontes das Onze Águas seriam geradas desta maneira sobredita, de ar convertido em água e quebraria algum pedaço da rocha, no lugar por onde elas dantes saíam e fazendo grande boca ficou o ar continuo com o de fora, sem se congelar e tornar água, por não estar encerrado, e desta maneira secarem-se algumas daquelas onze fontes juntas com a rocha, ali quebrada, e não ficarem onze fontes, como de antes eram, senão seis ou sete que agora são, ainda que sempre lhe ficasse aquele lugar este nome de Onze Águas. Antes das Onze Águas, está a Grota Funda, pelo ela ser, onde junto do mar se criam muitas pombas no topo dela, como em um ilhéu; e das Onze Águas para Vila-Franca, que é uma légua, vão algumas fontes e ribeiras que não correm senão de Inverno, como a Ribeira Grande, e além a ribeira da Abelheira, por se achar ali alguma, e adiante a Ribeira das Tainhas, pelas haver nela, e depois a Ribeira Seca, a qual, ainda que em respeito doutras menores tenha esse nome, corre de Inverno e Verão, e está antes de chegar à Vila-Franca tanto como a quarta parte de meia légua, onde há um rico engenho de açúquere que foi de Lopo Anes de Araújo, depois de Gabriel Coelho e dos nobres irmãos e ricos Crastos, e por falecimento de um, o possuiu o outro, chamado Manuel de Crasto, mais rico de saber e prudência que de fazenda, e agora o possui sua mãe e Diogo Leite, seu genro. Está Vila-Franca, da Ponta da Garça, uma légua e da Povoação Velha três léguas.

CAPÍTULO XL

EM QUE SE VAI CONTINUANDO A DESCRIÇÃO DA ILHA DE S. MIGUEL PELA COSTA DO SUL, DA RIBEIRA SECA DE VILA-FRANCA DO CAMPO ATÉ O PORTO DA VILA DE ÁGUA DO PAU

A Ribeira Seca que se chama assim pela razão já dita e porque alguns anos não chega no Verão a água dela ao mar, ainda que entra nela outra ribeira que chamam Ribeira Nova, salvo agora que há pouco tempo que em cima na serra lhe meteram a Ribeira das Tainhas, por causa do engenho do açúquere que ali fez Lopo Anes de Araújo, o qual se desaparelhou com um espantoso furacão que desfez e queimou todos os canaviais, prantados não somente em Vila-Franca, mas nas vilas de Água do Pau e da Ribeira Grande, onde também os havia mui prósperos; e não só se perderam as canas que estavam prantadas, mas dali por diante nas que se prantaram houve tanto bicho que para o tirar era necessário arrancar todas as canas, pelo que os lavradores, que as faziam, as largaram e se deitaram delas, tirando alguns que perseveram, como foram os filhos de Sebastião de Crasto ([255]) que houveram o engenho de Gabriel Coelho, que se vendeu em pregão por parte de el-Rei, e agora o tem Diogo Leite, por falecimento de Manuel de Crasto e António de Crasto, seus cunhados, assim desaparelhado que foi de Lopo Anes de Araújo, e faz nele tanto proveito que lhe rende cada ano muitas arrobas de açúquere, além do que nele moe de sua lavoura, com que está enobrecendo muito aquela Vila-Franca, onde residiu algum tempo e com outra grossa fazenda que granjeia, de que é bem merecedor, por sua muita prudência e virtude, pois a sabe repartir a seus tempos devidos e valer a muitos com ela, como seus predecessores faziam.

Quase desta ribeira e engenho se começa a antiga e nobre Vila-Franca do Campo e seus ricos pomares de muitas frutas, de que está rodeada, chamada Franca porque, segundo dizem, logo no princípio, tirando os dízimos que somente se pagam a el-Rei, era franca de todas as mais coisas e direitos, para melhor ser povoada esta ilha, e chamou-se do Campo por ser situada em um formoso campo, terra mais rasa com o mar que as outras partes de altas rochas, que ali os antigos descobridores descoberto haviam. Pelo que, parecendo-lhe aquela terra mais bem assombrada e assentada que todas as outras atrás, fazendo nela sua colónia, assentaram e edificaram naquele lugar esta primeira vila, que com a fertilidade da terra nova cresceu em pouco tempo, tanto em edifícios e comércio, que parecia uma pequena corte, ordenada com seus ilustres Capitães e fidalguia de muita gente nobre, que nela tinha suas ricas moradas e dela iam e mandavam cultivar as terras que por sorte e repartição couberam em toda a ilha, tornando-se sempre a recolher nela, a seus tempos devidos, com seus frutos que dali carregavam para fora, de modo que esta vila era toda a ilha e dela, como de colmeia cheia, e nobre e antigo tronco, saíram os enxames depois e se cortaram os generosos garfos dos moradores das outras vilas e lugares que nesta terra se fizeram e povoaram, antre todos os quais, Vila-Franca, como seu seminário, origem, cabeça, mãe e primeiro princípio, pode com sobeja razão pretender e ter mor lugar em toda a parte, como o tem nos ajuntamentos das Câmaras das vilas todas, onde fala primeiro, e, por ser amparo de toda a ilha, não somente tinha muita gente da terra, mas também forasteira e estrangeira, e muitos nobres e ricos mercadores, que a enobreciam com seus ricos tratos de trigo e pastel, que então tinham por sua principal granjearia, e agora é mais acrescentada com açúcares que nela se fazem, como adiante direi. Viveram e vivem nesta vila sempre homens de estima e bons spritos, prezando- se de suas honras, e governaram e governam sua república com prudência e bom zelo. As fazendas são pela maior parte dos moradores dela, com que são poderosos para prosseguir o que começam e pretendem, e, por serem suas e viverem com o seu, se tratam sempre à lei da nobreza. Há moradores que têm cinquenta, sessenta moios de renda e outros de doze, quinze mil, e outros seis, sete mil cruzados, afora muitos bem afazendados, com que o povo vive honrado e abastado. Tiveram uma rica igreja de naves, da advocação do Arcanjo

S. Miguel, padroeiro de toda a ilha. Caída esta e destruída a vila (como a seu tempo direi) edificaram outra, do mesmo Orago e não menos sumptuoso edifício, e outra vila, não menos nobre, da outra parte da ribeira, para a parte do ponente, no arrabalde que dantes era, com acrescentados privilégios dos cidadãos da cidade do Porto, para todos os nobres dela. Tem agora esta freguesia de S. Miguel quinhentos e dezanove fogos, e mil e novecentas e trinta e uma almas de confissão, das quais são de sacramentos mil e trezentas e sessenta e uma. O primeiro vigairo, antes da sua subversão, foi um padre da ordem do Convento de Tomar, porque vieram juntamente dois, um por vigairo de Vila-Franca e outro para vigairo da Vila da Praia, da ilha Terceira, a que não soube os nomes; o segundo, Frei Estêvão; o terceiro, Frei Simão Godinho, que morreu no mesmo terramoto; e depois dele, o quarto, Marcos de Sampaio; o quinto, Frei Melchior Homem, que, sendo vigairo na ilha de Santa Maria, trocou com Frei Marcos de Sampaio, todos homens para muito e que em seu tempo foram ouvidores do eclesiástico em toda a ilha; sexto, o licenciado António de Lira, letrado nos sacros cânones que agora reside na mesma igreja, que teve estes beneficiados, o primeiro, Bartolomeu Fernandes; o segundo, João Afonso; o terceiro, Álvaro Anes; o quarto, Roque Prégo; o quinto, Gaspar Mendes, filho do Potas; o sexto, Cristóvão Roiz; o sétimo, Simão Gonçalves; o oitavo, Cristóvão da Mota; o nono, Afonso Anes, que depois foi vigairo da Ponta da Garça; o décimo, João Folgado que trocou com Afonso Anes; o undécimo, Hierónimo Perdigão; o duodécimo, Frutuoso Coelho; o décimo tércio, Pero de Brum; o décimo quarto, João de Teve; o décimo quinto, Miguel do Quental, transferido do lugar da Maia; o décimo sexto, Fernão de Bastos, transferido do lugar da Bretanha; o décimo sétimo, António da Mota, no benefício de Cristóvão da Mota; o décimo octavo, Pero de Araújo, no benefício de Fernão Roiz, e outros, de modo que tem ao presente oito beneficiados e um cura, o primeiro dos quais foi Francisco da Ponte; o segundo, Sebastião de Faria, filho de Álvaro Dias; o terceiro, António Gonçalves, que agora serve.

Tem esta vila, sobmetidas à sua jurdição nove aldeias, sc., da banda do norte, cinco, Achada Grande, Achadinha, Fenais da Maia ([256]), Porto Formoso; da banda do sul, quatro, sc., Faial, Povoação Velha, Ponta da Garça, São Lázaro; quase todas com seus juízes pedâneos, de jurdição de cento até trezentos reis, e com seus escrivães e alcaides. Além dos dois mosteiros de religiosos e religiosas, e do Sprital e Casa de Misericórdia, que tem muito lustrosa, junto da igreja paroquial, tem seis devotas e bem ornadas ermidas, a primeira de S. João Batista, na quinta de Jorge da Mota, a segunda, de Santa Catarina, a terceira, de Nossa Senhora do Desterro, no pomar de João da Grãa, a quarta, do Corpo Santo, a quinta, de São Pedro, a sexta, de Santo Amaro, na Relva, à porta de Miguel da Grãa, filho de João da Grãa, em sua fazenda. Há em Vila-Franca três bandeiras de duzentos homens cada uma; os capitães foram: o primeiro, Pero da Costa, e seu alferes Jorge Furtado; o segundo, Pero Rodrigues Cordeiro e seu alferes Gaspar de Gouveia, seu genro; o terceiro, Diogo Dias Brandão, na Ponta da Garça, que morava nas Grotas Fundas, que é no cabo da freguesia da Ponta da Garça, e seu alferes António Furtado, que depois foi na mesma companhia capitão, e seu alferes Hierónimo de Araújo, e na mesma companhia sucedeu por capitão o mesmo Hierónimo de Araújo, e seu alferes Francisco Pacheco; e por morte de Francisco Pacheco, foi seu alferes António de Matos, que agora é capitão da mesma companhia, e seu alferes Filipe do Quental, seu irmão.

Na capitania de Pero da Costa, sucedeu por capitão Jorge Furtado, e seu alferes, João Roiz Cordeiro; e depois sucedeu a Jorge Furtado, Pero de Freitas (quando fizeram Pero da Costa capitão-mor), e seu alferes Lopo Anes Furtado, o qual foi capitão na mesma companhia e seu alferes Leonardo de Sousa, que ao presente é capitão na mesma companhia e seu alferes Apolinário Raposo, que agora servem os ditos cargos.

A Pero Rodrigues Cordeiro sucedeu por capitão Gaspar de Gouveia, seu genro, e seu alferes Jorge Correia, seu cunhado; esta companhia cessou então por dez anos, porque se fizeram, de toda esta gente, somente duas companhias, e fizeram então capitão-mor a Pero da Costa e depois dele feito, duraram estas duas companhias como cinco anos; depois se tornou a reformar a companhia de Gaspar de Gouveia, e sucedeu-lhe por capitão Manuel Favela da Costa e seu alferes Manuel da Mota e por um certo respeito lhe tiraram a bandeira e a deram a Cosme de Brum, que agora tem este cargo.

Manuel Favela da Costa foi feito, pelo Conde D. Rui Gonçalves da Câmara, capitão no ano de mil e quinhentos e setenta e cinco e juntamente e no mesmo dia Lopo Anes Furtado capitão porque Hierónimo de Araújo o era dantes; e no mesmo dia e ano de mil e quinhentos e setenta

e cinco se fizeram os três alferes, sc., Manuel da Mota, para a bandeira de Manuel Favela e Leonardo de Sousa, para a bandeira de Lopo Anes, e António de Matos, para a bandeira de Hierónimo de Araújo, por seu alferes ser falecido.

O segundo capitão-mor, por se escusar Pero da Costa por sua muita idade, foi o capitão Alexandre; o terceiro capitão-mor é João de Arruda, filho de Pero da Costa que dantes era capitão da gente de cavalo, afora a qual há em Vila-Franca e Ponta da Garça seiscentos homens de peleja nas três bandeiras; e na dita Vila, de presídio, pôs o Marquês de Santa Cruz, depois da vitória que houve dos franceses, setecentos e tantos soldados castelhanos, de guarnição em cinco bandeiras. Da Ribeira Seca a um tiro de berço, estava antes do segundo terremoto um recife de areal, pequeno, cercado de rocha e penedia, onde havia dentro na água do mar, perto da terra, dois ilhéus pequenos, pelo que se chamava aquele lugar os Ilheusinhos, que agora estão entulhados de areia, como está todo este lugar até ao porto de Afonso Vaz que está perto, que é um porto de areia, de que agora se serve a vila e nele embarcam e desembarcam, o qual dantes do incêndio segundo, não servia, por terem outro melhor porto dentro na vila, e este fica desviado fora dela. Pegado com este porto, para a parte da vila, está uma ponta de pedra, que dantes era grande e agora mais curta, por estar entulhada da praia e areia; a qual ponta se chama de D. Breatiz, por ter ali dantes e agora suas casas, que escaparam do primeiro terremoto. Esta D. Breatiz foi mulher de Francisco da Cunha e filha natural do Capitão Rui Gonçalves, primeiro do nome. Desta ponta, um bom tiro de besta, vai a ribeira da vila entrar no mar, que vem de riba da serra, junto do nascimento da qual houve um pomar e bosque mui fresco, de que ainda agora há algumas mostras, onde se iam e vão recreiar muitas pessoas da vila; e abaixo, antes de chegar à vila, na entrada dela, havia um rico mosteiro de São Francisco e um fresco pomar, pelo meio do qual entrava esta ribeira, que lhe acrescentava a frescura. Teve esta ribeira, antes do primeiro mistério, algumas pontes e passadiços, que então se perderam; agora tem uma ponte que se arruinou pelo segundo incêndio e está novamente repairada. Onde esta ribeira entra no mar soía a ser o porto da vila antes do primeiro dilúvio, e, por se danificar com a terra que correu, o passaram adiante, onde agora está a ermida do Corpo Santo, o qual tinha um bom recife onde se serviam de cárregas e descárregas e embarcações com facilidade, o qual serviu de porto até ao segundo incêndio que o danou e entulhou de areia, e cobriu toda uma ponta de pedra que entrava no mar, a que chamavam a Ponta do Peneireiro, parece que por ali perigar um, que nada agora aparece dela, e tudo é areal; como também entulhou outras pontas e calhetas e recifes mais pequenos, que havia perto da costa e a faziam muito fresca, deixando tudo feito um seco areal e sem nenhuma graça, como ao presente se vê. Está esta vila, de pouco tempo para cá (depois que com medo dos cossairos estão estas ilhas todas como em fronteira), fortificada da banda do mar com muitas cavas em seus lugares necessários, onde não havia rocha; a porta da parte de leste está no porto de Afonso Vaz, para por ela se servirem para ele; daí pela terra dentro a cerca um ribeiro que no Inverno traz alguma água quando chove e, por ser alto como cava, fica a vila daquela parte guardada e defensável até outra porta à entrada da ribeira no mar, onde está o porto velho, pegado com as nobres casas de Jorge Furtado, que ficaram do primeiro terremoto meias arruinadas, e foram de João do Outeiro, rico e poderoso; outra porta está pegada com a ermida do Corpo Santo, onde antes do segundo incêndio era o porto ordinário da vila na entrada da rua que vai ter ao terreiro da Casa da Misericórdia, que é uma sumptuosa casa de edifícios, onde se curam os pobres da vila e de fora; no mesmo terreiro, defronte da porta da Misericórdia, está uma fresca fonte de três copiosos canos de boa água; daí vai também um cano dela sair ao mar, para os mareantes se proverem dela facilmente, no tempo que ali estava o porto que, por se entulhar, está agora um pouco mais acima, à porta da vila, junto da ermida do Corpo Santo. Arriba da fonte está a sumptuosa e fresca igreja do Arcanjo São Miguel, padroeiro de toda a ilha; e ainda que as mais das casas desta vila são de alvenaria e fortes, grande parte delas são, como em algumas partes, de taipa, também mui fortes, por ser ali bom o barro de que se fazem, sem haver outras desta sorte em toda esta ilha. Da parte de leste desta igreja além da ribeira, onde antes do primeiro terremoto estava a vila, está agora um mosteiro da advocação de Santo André, o primeiro que houve nestas ilhas de religiosas da ordem de Santa Clara, ainda que grande e sumptuoso, mais rico em todo género de virtudes que em edifícios e oficinas, onde ao presente servem a Deus com bom exemplo e vida mais de cinquenta religiosas, antre professas e noviças, e com trinta servidores da mesma casa, com que são oitenta pessoas que comem da renda do mesmo mosteiro, que não é pequena, afora muita vizinhança pobre e muitos forasteiros. E da parte de loeste, no outro cabo da vila, está outro rico mosteiro de religiosos da ordem de São Francisco, da advocação de Nossa Senhora do Rosairo, onde haverá ordinariamente dez ou doze religiosos de muita virtude e quase

sempre há pregador, que tem o púlpito da vila por provisão de Sua Alteza, em que parece estar esta vila segura dos perigos e castigos, com que dantes foi tão castigada, pois está fortificada e como cercada daquém e dalém da ribeira, não com muros, nem cavas, nem rochas, como tem ao longo do mar, mas com fortíssimos corações religiosos e virtuosos, e com vigias e sentinelas que de dia e de noite a estão vigiando, olhando e guardando, fazendo frequentes sacrifícios e orações a Deus por seus moradores. Junto do mar, pouco desviado da ermida do Corpo Santo, tem um forte com boa artilharia, do qual forte, por espaço de mais de um tiro de berço, para a banda de leste, está uma ponta de pedra e terra, pouco saída ao mar, chamada a Ponta de São Pedro, por razão de uma ermida deste glorioso santo, que dantes do primeiro terremoto havia somente daquela parte da ribeira, no arrabalde em que agora está edificada a vila, no rocio, onde a fonte corre, e a ermida passada mais além para a banda do mosteiro de São Francisco, pelo que os que naquele tempo moravam na vila chamavam àquela ponta de terra Ponta de São Pedro, por estar dali daquela parte a sua ermida; na qual ponta está desde o princípio da ilha a forca e casa feita para ladrões e malfeitores, ainda que poucas vezes deles habitada; e chamam corruptamente algumas pessoas àquele lugar São Pedro o Velho, por ser antiga aquela casa de justiça, que parece uma ermida, a qual ponta servia e serve de embarcação de muita gente, pública e secreta.

Defronte desta Ponta de São Pedro, pouco mais de um tiro de besta ou de berço, dentro do mar, está o mais formoso ilhéu que há nas ilhas, assim pelo que parece de fora a quem o vê, como por ter dentro em si como uma alagoa de água do mar, que entra nele por concavidades e fendas e por um boqueirão que lhe foi feito ao picão, para poderem entrar, como entram, barcos e navios de sessenta toneladas para baixo, pouco mais ou menos, para passarem ali seguros o tempo das tormentas e do Inverno. Terá este ilhéu três moios de terra e tem (como tenho dito) um porto por onde entram navios de cento e cinquenta moios de pão, em uma alagoa que tem dentro, de espaço de dez alqueires de terra, se fora terra a água dela, onde podem caber vinte navios, mas não tem altura para nadarem mais de quatro; tem fendas por onde entra a água mui furiosa e por elas se sorvem algumas coisas de navios que ali se perdem; tinha um boqueirão pela banda de sueste, pelo qual com tormenta entrava muito o mar nele e fazia perigar e perder os navios, que ali estavam acolhidos, o qual já está tapado; tem da parte do sul dois furulhões ([257]) um muito alto e outro mais baixo; cabe batel entre o mar e eles. Da banda do sudoeste tem uma lapa, com uma casa, onde pode caber fato ou carga de seis barcos e muita gente. Ao redor deste ilhéu, principalmente antre ele e a terra, é lugar onde os navios têm bom ancoradoiro. Havia neste ilhéu muitos coelhos que não há já agora, porque os ratos os desinçaram e achavam os láparos comidos deles pelas cabeças; houve nele também muitas cracas, mas já acabaram, com as muitas mogangas que nele se faziam; tem agora outro muito marisco de cranguejos, lapas, búzios e muito pescado miúdo, principalmente em tempo de tormenta, que ali se recolhe, pelo que se fazem nele grandes pescarias com caniços e tarrafas. Foi este ilhéu de João da Grãa, cavaleiro do hábito de Aviz, pelo pedir ao Capitão Rui Gonçalves, segundo do nome, por ser de sua casa e haver sido seu ouvidor nesta ilha. Agora está ornado com um forte muro que lhe defende por ali a entrada do mar e tem a boca preparada para nele poderem entrar galés. É povoada Vila-Franca dos Costas, Arrudas, Motas, Colombreiros, Borges, Araújos que são os filhos de Lopo Anes, da parte do pai e Medeiros da parte da mãe, Furtados, Cordeiros, Pontes, Grãas, Correias, Pachecos, Jácomes, Raposos, Freitas, Afonsos, da Praia, Crastos, do Porto, e outra gente nobre, rica e poderosa que com ela, Vila-Franca, por sua nobreza e antiguidade e pelas razões já ditas, pode com muita razão pretender, como pretende, mor lugar e primeira voz, como tem em toda a parte.

Da Ponta de São Pedro corre uma rocha baixa, onde há muitos pessegueiros, por espaço de uma octava parte de uma légua, até à ribeira de Água de Alto, que se chama assim por cair a sua água de um lugar alto; naquela ribeira estiveram quatro engenhos de açúcar, no tempo que as canas dele floresciam, um de Baltasar Pardo, da ilha da Madeira, com companhia de Sebastião Gonçalves, natural da mesma Vila, o qual foi o primeiro engenho de água que houve nesta ilha, porque o primeiro sem água foi de mó de engenho; e acima dele outro de António Fernandes, o Gramático, que fez com companhia de Baltasar de Armenteiros e doutros; mais acima, outro de Gabriel Coelho, em companhia de António de Pesqueira, burgalês, e de Simão da Mota e doutros; estes todos estão desfeitos de tudo, sem haver sinal deles, depois que o bicho das canas prevaleceu; está outro, que foi de Pero da Costa e outros companheiros, e agora é parte dos Crastos, que está desaparelhado e não se usa dele, ainda que as oficinas estão inteiras, em uma fajã mui alegre, cercada de uma rocha baixa, onde houve muitas árvores de figueiras e pereiras e de deleitosas sombras, de que ainda hoje ficou algum sinal e

sombra, e um areal pequeno ao longo do mar com um fresca fonte que nasce no pé da rocha. Por esta ribeira houve muitos e frescos pomares, principalmente um que foi de Jorge Nunes Botelho, em que havia muita fruta de toda sorte e de espinho muito melhor e em mais abundância.

Por esta mesma ribeira acima, como um bom tiro de berço, está a Casa de São Lázaro, de boas oficinas e alguma renda e boas esmolas de toda a ilha, onde de toda ela estão bem tratados e agasalhados continuamente dez e quinze, até vinte enfermos; é agora nova freguesia de trinta fogos e cento e oitenta almas de confissão, das quais são de sacramento sessenta; cujo vigairo é Baltasar Fagundo, bom sacerdote, que foi o primeiro, sem ainda haver outro; cujos fregueses têm trigo e pastel por granjearia.

Vindo da vila, pelo caminho comum por dentro da terra, antes de chegar a São Lázaro, está a grota do Sanguinho, por ter ou haver tido ali algum, perto do mesmo caminho.

Desta ribeira de Água de Alto, onde também há moinho e um pisão, correndo a costa com areal e alguma penedia, no cabo ao longo do mar e de uma baixa rocha para loeste, mais de tiro de berço, está outra pequena ribeira, que se chama a Grota do Barro, pelo ter ali bom e alguma cré, que faz a água dela branca, antre fresco e espesso arvoredo de faias, urzes, louros e algumas figueiras brancas, onde antigamente se achava e sentia uma fantasma que parecia tanger um tamboril, pelo que também se chamava a Grota do Tamborileiro, de cujo tanger alguns caminhantes se assombravam. Logo adiante está uma pequena enseada de areal, que chamam a Pedreira, por ter uma pedra preta donde se tem tirado quase toda a cantaria deste metal, das igrejas, casas, edifícios da maior parte do sul de toda a ilha. Na qual baía está uma fajã, em que agora se tem feito um pomar e vinha, muito fresco.

Saindo desta baia está a Ponta Ruiva, de alta rocha de pedra e terra da mesma cor, donde lhe ficou o nome; ao pé da qual, junto do mar, se agasalham dois grandes corvos marinhos, de pouco tempo a esta parte, o que não se havia visto até agora nesta ilha.

Desta ponta se vai fazendo uma enseada de compridão de mais de um tiro de falcão, até à Grota de Três Voltas, toda de areia e terra que no segundo terremoto correu pelas ribeiras que ali saem ao mar de que tomou tanta posse que, onde soía ser mar, é agora terra, onde se vão fazendo lavradas e benfeitorias em repartimentos, aforados por parte do concelho de Vila-Franca; na entrada do qual areal, depois da Ponta Ruiva, vem entrar no mar a grande ribeira da Praia, que dantes foi muito fresca, com uma fajã que estava ao longo dela, de uma e doutra parte, onde havia muita fruta de figos e uvas, do concelho, para quem quer que as queria; onde havia uma povoação de até sete ou oito casais de nobres e abastados moradores, chamados os Afonsos, da Praia. Por esta ribeira arriba um tiro de berço, estava uma antiga e forte ponte, por onde dantes era o caminho do concelho, que enchentes que houve depois do segundo terremoto levaram, como fizeram a todas as pontes desta ilha, sc., a da Ribeira das Tainhas, a de Vila-Franca e esta da Praia, e duas na vila da Ribeira Grande. Arriba do lugar onde esta ponte esteve nesta ribeira, há duas casas de moinhos que com ela moem, de duas pedras cada um, que servem de moendas a Vila-Franca; e da outra banda dos moinhos, que é da parte de leste, está um fresco pomar que é dos herdeiros de Brás Afonso, de toda a fruta, e mais acima outro pomar antigo, em que ainda agora está um alto castanheiro.

Desta ribeira da Praia, que está em uma funda grota, a um tiro de berço, pouco mais, está a Grota da Fontainha, por uma fresca fonte que está nela, onde também antigamente se sentiam fantasmas nocturnas, mais temido lugar por isso dos caminhantes, que todos os que havia naquele caminho. Caminhando mais adiante, ou pela praia junto do mar, pouco mais de um tiro de besta, ou por terra, mais de um tiro de falcão, sai ao mar uma grande ribeira pela Grota de Três Voltas, porque as tem assim chamada, toda coberta de arvoredo de faias, folhados, urzes, louros e outras árvores e ervas verdes, com que ainda que trabalhosa de descer e subir, é mui aprazível aos caminhantes e parece estar aquele caminho armado de rica tapeçaria de verdura.

Da Grota de Três Voltas para diante, espaço de um tiro de arcabuz, se faz outra pequena praia de enseada, que também antigamente foi mar, no cabo da qual sai ao mar por uma fresca grota, ornada de fresco arvoredo, a ribeira chamada Chã e das Lajens, por correr por uma lages rasas, de melhor e mais fresca água que todas as ribeiras desta grande praia, ajudada de muitas e frescas fontes que, das grotas por onde vêm, caem nela.

Pouco antes desta ribeira, começa a subir pela rocha o caminho, onde se faz um grande entulho de grande custo, até sair da ribeira do Pisão ao caminho antigo, junto da Cruz de Água do Pau, que será espaço de um quarto de légua; o qual caminho se abriu pela rocha, por onde antes ia um estreito atalho para gente de pé, e agora, caminho novamente feito pela rocha, se vai continuando com a grande praia, que dantes era mar, para a qual também se fez descida novamente, vindo de Vila-Franca para a vila de Água do Pau.

Da ribeira Chá ou das Lajes um tiro de falcão, fazendo o caminho pela rocha algumas voltas, está a ribeira do Pisão, por estar ali um nela, que antigamente se chamava de Pero Vieira, que arriba do Pisão morava, antre fresco arvoredo. Da ribeira do Pisão até ao porto de Val de Cabaços, corre a rocha mui alta, fazendo um cotovelo por espaço de um tiro de falcão, junto do porto de Val de Cabaços, do qual até a Vila-Franca, atrás dita, são duas léguas.

CAPÍTULO XLI

EM QUE SE VAI CONTINUANDO A DESCRIÇÃO DA ILHA DE SÃO MIGUEL PELA COSTA DO SUL, DESDE O PORTO DA VILA DE ÁGUA DO PAU ATÉ À VILA DA ALAGOA

O porto da Vila de Água do Pau, que distará dela por espaço de um tiro de berço, pouco mais ou menos, por outro nome se chama porto de Val de Cabaços, por estar no princípio daquele vale e fajã de terra chã e rasa com o mar, cercada de rocha e ladeiras de muitos moios de terra e biscouto de pedra, que toda, em outro tempo, antes de achada a ilha, correu de alguns montes que antigamente arrebentaram com força de fogo, e do que tem ali perto entre ele e a vila, com que fez biscoutos que serviam para vinhas, que tem, e terra feita para searas que nela agora se fazem de trigo e pastel. Tem em si montes pequenos e outeiros, onde há tantos coelhos que destruem as novidades e vinhas, que os antigos, quando iam por ali descobrindo a costa, viram coberta de umas flores grandes e brancas, de uma erva que se chama legação, de que ainda hoje em dia está bem bastecida, que pareciam flores de cabaças e por isso lhe chamaram Val de Cabaços. Dista de Vila-Franca duas léguas; é muito bom porto e já fortificado com seu baluarte e cavas, até quebrarem os moradores de Água do Pau uma ponte de pedra de biscoito que ali estava, por onde se podia entrar a terra, com que agora fica amurada, além de um forte, mais defensável que forte, que fizeram em cima na rocha, donde um só homem, com pedras que dela deixe cair, pode tolher a desembarcação aos contrairos sem deles poder ser ofendido. Tem também um poço de água salobra junto do mesmo porto, e bom desembarcadouro e varadouro para os barcos de pescar e de cárrega, pegado com o qual, está uma ermida de Nossa Senhora da Concepção, que é a primeira que houve nesta terra desta advocação, onde foi o primeiro mosteiro de freiras de toda esta ilha e de todalas ilhas dos Açores, como a seu tempo contarei.

Logo pouco além do porto, haverá mais de sessenta anos, que na mesma rocha que corre por cima dele—e alguns dizem que só em um certo buraco que está no meio da dita rocha, não muito longe do porto, outros que também em outros buracos que estão no meio da mesma rocha, não muito apartados deste para a parte do ponente—se ouve um tom, que umas vezes, parece o tom que faz um picão quando o pedreiro lavra com ele alguma pedra, e outras vezes parece pessoa que tosse, pela qual razão lhe chamam os vizinhos deste vale o Tussidor; ouve-se este tom todolos anos desde o começo do mês de Maio até fim de Agosto, e daqui por diante cessa, sem mais ser ouvido em todos os outros meses do ano, e ordinariamente se ouve de noite, e alguns dizem que algumas vezes de dia. Logo no princípio algumas pessoas haviam medo, mas perderam-no depois pelo costume de o ouvirem, principalmente vendo que não recebiam disso nenhum dano; tosse ou dá este gemido, a espaços, tossindo um pouco e cessando outro pouco, como uma pessoa que tosse, que não está sempre tossindo, senão de quando em quando. Dão disto testemunho Gaspar Pires, Sebastião Pires e seus filhos, Sebastião Lourenço e outros moradores de Val de Cabaços, por serem ali tão vizinhos; e o lugar onde mais se sente é na rocha defronte do porto, onde não somente os moradores daquele vale, mas outras muitas pessoas o têm ouvido, que de propósito vão ouvil-o; pelo que parece ser resfolgadouro ou respiradouro de uma talisca ou fenda de pedra que está naquela rocha, posto que pareça ser ouvido em partes diversas naquela concavidade de Val de Cabaços, onde soa como eco, respirando somente em uma que está na dita rocha, ou pode ser outra coisa semelhante, como se conta que se achou antre Douro e Minho, na freguesia de Santa Maria de Adaúfe, termo da cidade de Braga, no ano de mil e quinhentos e cinquenta e cinco, no mês de Julho, quando a terra está ocupada e adornada com diversidade de searas e árvores; quase não havia em toda ela lugar desocupado e vazio mais que aquele por onde os vizinhos e caminhantes frequentavam seus caminhos; andando toda a gente daquele termo neste tempo, solícita em seus trabalhos e serviço, segando os pães de dia e de noite, pela lua, com cantigas e festas, para alivio do cansaço, ouviram um desacostumado eco ou brado, como

um grande gemido, que dizia: — Huu. E sendo deste soído as orelhas cheias de uns poucos de homens que andavam segando, começaram uns para os outros a perguntar se ouviam tão espantoso sinal, e respondendo todos que sim, estando quedos, sem bulirem com as espigas do pão, um pouco a escutar, calados, tornou a uivar com um só brado aquele eco dizendo: — Huu. Tanto que os lavradores o tornaram a ouvir, com muito medo e espanto se foram logo apelidar a terra e a manifestal-o a muitos que pelos casais e campos estavam, dizendo-lhe que andava um monstro naquela parte, o qual deitava de si uma voz espantosa de maneira que, indo uns e outros a ver e a ouvir, eram os campos cheios de gente, uns por um cabo, outros pelo outro, a buscar por antre os pães o que aquilo pudesse ser, sem ver nada, somente ouviram de quando em quando aquela voz; e para a parte onde a ouviram, arremetiam em quadrilhas com dardos, foices, espadas, lanças e bestas; e quando cuidavam por sua estimativa que estava isto antre seus pés, o tornavam a ouvir uivar, distância de um tiro de besta deles; tornando a correr para aquela parte, diziam uns aos outros:—aqui está, porque aqui ouvimos a voz; e tornando a escutar e a estar quedos, diziam uns contra os outros que aquilo era algum sinal, e nisto tornava a repetir aquele gemido mui sentido, claramente, desviada distância donde eles cuidavam, porque ora se ouvia em uma parte, ora em outra, e a gente sempre seguindo este animal, sem o verem. De maneira que todos em quadrilhas, espantados e desacoraçoados de medo e temor, andavam com meninos e mulheres que choravam, pelos campos, deixando seus serviços e dizendo que cedo havia de ser a fim; outros que seria algum demónio. Assim que uns de uma maneira, outros de outra, com diversos pareceres e opiniões, andaram atrás disto o dia, até que se cerrou a noite, e recolhendo-se todos; quando veio ao outro dia, se foram aos campos, onde depois das oitas horas por diante, o tornaram a ouvir, mas foi distância de meia légua do lugar passado; pelo que não havia homem que não acudisse daí a duas, três léguas, pela fama desta coisa e por estar a terra apelidada; tanto que não faltou logo quem fosse dar rebate ao Arcebispo de Braga Frei Bartolomeu dos Mártires, que é tido por santo em nossos tempos, antre os que sabem de sua vida e doutrina, e como tal renunciou a prelazia, o qual como prudente, não quis ao tal dar ouvidos; mas contudo, quando viu que com sobejas importunações o inquietavam os lavradores, informou-se de alguns, a quem se podia dar mais crédito. Concedeu então, mais pelos comprazer que pelo tal crer, dizendo que fossem lá dois ou três homens de sua casa, em que entrava um padre; partiram a cavalo e à volta deles algumas pessoas da cidade, mais para verem a novidade da coisa que por crerem que podia ser tamanha carantonha e tão feia, qual os lavradores a pintavam; saíram fora da cidade com alguns moços, que levavam armas e cães, e indo no meio do caminho, contra donde isto era, achavam alguns homens que vinham muito esbaforidos com a fugida, mui depressa, a contar o mesmo caso ao dito Arcebispo, mas, como já ia recado dele, voltaram atrás e quando chegaram perto donde andava aquele espectáculo, mais se espantaram os criados do dito Arcebispo da turba multa da gente, que atrás disto andava, que do que podiam ouvir nem ver. Assim que com grande tropel chegaram, perguntando se andava ainda o tal monstro no lugar passado, responderam muitas lavradores aos homens que de Braga foram:— Senhores, descansem das cavalgaduras e escutem, porque para aqui junto de nós, antre este pouco de trigo que está por segar, o hão-de ouvir; e ainda as palavras não eram ditas quando a alimária deu um grande urro, muito afastado donde eles cuidavam, porque já neste tempo andava seguida e medrosa do tropel da gente. Tanto que eles ouviram ser desviado donde dantes tinham demarcado com o juízo, começaram-se a benzer e a botar a cabeça sobre o ombro. Nisto, os principais que ali estavam se chegaram mais para onde ouviram o brado, com tenção de o escutarem de mais perto, antre os quais ia o cura da igreja daquela freguesia com cruz e água benta, para esconjurarem isto que quer que era, e pondo-se em ordem para o fazer, tornou o eco a dar a voz acostumada, espantosamente; e em a ouvindo um homem, que com os padres fora, respondeu, rindo- se: — Senhores, que fazeis? onde vimos? tornemo-nos para casa, que vergonha é andarmos tamanho exército de homens com armas atrás de um pássaro, dos quais há muitos em Itália que fazem o mesmo, e por sinal se chama este pássaro que ouvis Torcicol, que é pouco maior que uma codorniz e tem assim aquele brado, e tão raros são nesta comarca como ave Fenix; e isto podeis crer em certo e, se lhe armardes com redes, o tomareis antre estas searas. Dito isto, ficaram os do exército com as bocas abertas, corridos, e cada um foi onde lhe cumpria, salvo alguns que com cães e redes lhe armaram; e sobre tudo se viu no ar longe. Possível será que seja este tossidor deste porto de Val de Cabaços esta ave Torcicol, que virá de alguma terra nova aqui perto, no sobredito tempo de Verão e tornará no fim dele, todos estes anos em que se ouve, como atrás disse; se não for (como se crê e eu conjecturo), que é respiração de algum espírito ou vento por aquela boca ou abertura da terra, que naquela rocha se acha, onde

mais principalmente se ouve o seu brado, a que porventura algum discreto homem de Portugal que conhecia a ave Torcicol, vindo a esta terra e ouvindo-o em Val de Cabaços, diria que era a ave chamada Torcicol e, depois pelo tempo em adiante, os da terra esquecidos deste nome o corromperam e por dizer Torcicol, disseram Tossidor, tomando ocasião do seu canto ou pranto, que é como de homem que tosse.

Do porto pela terra dentro, para o ponente, espaço dum tiro de berço, está um pico grande, que em algum tempo dantes ardeu e arrebentou, de que correu grande parte daquela fajã de Val de Cabaços de pedra e terra, o que se mostra bem claro, pois tem o mesmo pico uma concavidade muito grande e no meio dela esteve antigamente uma figueira cotia, pelo que lhe chamavam o pico da Figueira, e ao pé vinhas de um Diogo Fernandes Lixaria, que acabou mal na mesma figueira. Da outra banda do pé do pico para a parte do norte, está uma alagoa ou paúl de água, onde vai ter uma ribeira sem saída, mais que um sumidouro, que dizem ir por debaixo do pico ter ao mar; e logo para o ponente está situada a antiga vila de Água do Pau, chamada assim porque (segundo alguns), indo por ali os antigos descobrindo a costa do mar, acharam uma ribeira que caía de um alto e não sabiam determinar se era pau, se água, mas chegando mais perto viram ser água que corria por um pau que ali estava derribado. Mas, segundo outros mais certos, vendo os primeiros descobridores da ilha cair pela rocha a água desta ribeira, curva e arcada, para o mar, lhe parecia pau por onde a água corria, e uns apostavam com os outros que era pau, outros que era água, até que chegando mais perto viram ser ribeira, e pela diferença que tiveram sobre ela, se era pau ou água, ainda que por pau não corria, lhe chamaram Água do Pau; o qual nome ficou a esta vila, que depois edificaram pela terra dentro, menos de um quarto de légua ao longo da mesma ribeira, que a corta pelo meio, de que herdou o nome; a qual ribeira se chama também a ribeira do Campo, por causa de um campo que está arriba da vila, ao longo dela, onde antigamente jogavam a choca; afora a ribeira do Paúl que lhe fica da parte do oriente, e a ribeira Seca, que corre no Inverno da banda do ocidente; com que está em um vale assentada e regada, parecendo uma rica quinta e um deleitoso vergel, com seus pomares de muita fruta, abrigada do vento do mar com aquele pico que lhe tolhe a vista dele, e do da terra, com a grande e altíssima serra chamada Vulcão, que ali se mete no mar do sul. E o porto dela, por onde se servem, a que chamam (como disse) Val de Cabaços, fica com o rosto na ribeira do mar, da parte do oriente, e no meio dele e dela aquela grande fajã que parece querer fazer ali por si uma ilha rasa, com seus outeiros, e desapegar-se do espinhaço da serra grande que corre do interior do sertão (como é certo que correu em outro tempo) onde fez a natureza, ou algum incêndio e terremoto, a alta e soberba serra tão humilhada e afilada e aguda até o andar do mar, que se espraia este esteiro ou terra corrida por aquela planície, que é à semelhança de manga, o fim da qual é quase como várzea; de maneira que contra o mar, da banda da vila, fica o pico Alto, de que parece claro que nalgum tempo arrebentou e correu aquela fajã e biscouto de viva pedra, fazendo aquela ponta delgada ao mar, que chamam de Galé, por parecer de longe desta figura e feição. Do sob pé do qual pico, da banda do norte, a vila está situada, e toda aquela chapa de serra, que jaz na vista do mar e de muitas partes da ilha, até o seu cume, é uma aprazível pintura, a mais dela obra da natureza e o menos da indústria dos homens, e antre a verdura dos alhos agrestes, que chamam bravos, grande parte dourada no mês de Maio com pampilhos, que eles já mais poderão desinçar dela; e, segundo a opinião dos mesmos moradores, não é a terra tão má que de si mesma tal criasse, antes afirmam vir a amargosa semente deles de fora, a qual trouxe do Algarve um Afonso Lourenço antre uma pouca de linhaça, como também dizem serem prantadas as primeiras parreiras em baixo, naquela fajã junto da ermida já dita (que depois foi mosteiro de freiras), por um antigo ermitão chamado Joane Anes.

E, como é abastada de águas e moendas, não lhe falta lenha de que é bem provida, principalmente de faias e urzes que tornam a arrebentar depois de cortadas, arriba da vila, em um salão (sic) como o da ilha de Santa Maria, de que se aproveitam os moradores; e se foram aquelas, grandes terras, nunca naquela vila faltara lenha, pois as poucas árvores tornam a arrebentar com tanta abundância. Tem esta vila um boa igreja de naves, da advocação de Nossa Senhora dos Anjos, da festa da Assunção; é freguesia de duzentos e cinquenta e três fogos e almas de confissão oitocentas e setenta, das quais são de sacramento seiscentas e sessenta e sete. O primeiro vigairo foi um Frei João e o segundo, Frei Pedro, ambos da ordem de Cristo; o terceiro, Fernão de Alvres; o quarto, Duarte Fernandes, natural de Guimarães; o quinto, António de Araújo, dos nobres da terra—todos três sacerdotes da ordem de São Pedro. O primeiro beneficiado na mesma vila foi Simão Pires; o segundo, Manuel de Crasto; o terceiro,

Adão Vaz; o quarto, João Pires; o quinto, Baltasar de Sousa; o sexto, António de Araújo, que agora é vigairo; o sétimo, Manuel Coelho; por falecimento de Manuel de Crasto, sucedeu no seu benefício António da Rocha, e por sua renunciação foi provido nele António da Mota, e renunciando-o, o houve Jerónimo de Brum, filho de Diogo Salgueiro e de Helena de Brum; e agora criou novamente o Bispo D. Pedro de Castilho um benefício novo, que serve Álvaro Gonçalves, com que há neste tempo na dita freguesia, quatro beneficiados e um tesoureiro. O primeiro cura foi Francisco da Ponte; o segundo, Crisóstomo de Oliveira de Vasconcelos. Há nesta vila uma ermida da Trindade que fez uma virtuosa beata, chamada Margarida Afonso; e outra ermida de Nossa Senhora do Rosairo; e outra de São Pedro, junto da Ribeira Seca, que lhe fica da parte do ponente.

Sendo lugar esta vila de Água do Pau, a petição de seus moradores, na era de mil e quinhentos e quinze anos, aos vinte e oito dias do mês de Julho do dito ano, estando el-Rei D. Manuel em Lisboa, o desmembrou de Vila-Franca e o fez vila com meia légua de termo ao redor; e António Paes fez o alvará de el-Rei, por onde foi feita vila, o qual alvará, com o livro da Câmara em que se fez a primeira eleição dos primeiros oficiais da Câmara na vila, levou a ribeira em uma enchente que veio por dia de São Miguel, pela manhã (não pude saber em que era), quando também levou as ameias do meio, quando alcançava o arco da ponte da vila da Ribeira Grande, onde veio a ribeira pela praça, trazendo paus brancos e cedros e outra lenha e eirós, que se tomaram e apanharam na mesma praça da Ribeira Grande. E o alvará da vila de Água do Pau não se perdeu, somente se molhou, mas o livro da primeira eleição se não pôde achar, por a ribeira que vai pelo meio da vila, com a cheia, o levar juntamente com a casa do concelho; pelo que não pude saber quais foram os primeiros vereadores, nem o primeiro procurador do concelho na dita vila; ainda que alcancei serem os primeiros juízes ordinários João Alvares e João Afonso, cavaleiros, sendo no mesmo ano ouvidor do eclesiástico em toda a ilha Frei João, vigairo da dita vila de Água do Pau, que naquele tempo se chamava capelão perpétuo ou confirmado, como os outros vigairos das outras igrejas da dita ilha, em que também, no mesmo ano de mil quinhentos e quinze, por mandado de D. Diogo Pinheiro, Bispo do Funchal, era visitador um Vasco Afonso; e no ano de mil quinhentos e vinte e cinco, em os dez dias do mês de Novembro, foi arrematada a igreja Matriz de Nossa Senhora dos Anjos, da dita vila, assim de obra de cantaria, como de carpintaria, juntamente, a um João Fernandes, carpinteiro, morador no lugar da Alagoa, por cento e vinte mil reis, por outra que dantes tinha ser caída no tempo da subversão de Vila-Franca. Há nesta vila de Água de Pau uma bandeira de duzentos e cinquenta homens de armas. O primeiro capitão que houve foi Gaspar Pires, o Velho, e seu alferes, Amador Coelho e sargento, Salvador Daniel; o segundo capitão, Matias Lopes de Araújo; o terceiro, Miguel Lopes de Araújo, e sargento, Gaspar Afonso Fagundo; e, por falecimento de Miguel Lopes, foi eleito quarto capitão Roque Jorge, que agora tem o cargo; depois se fez uma companhia de que é capitão Salvador Daniel. Morou sempre nesta vila gente nobre e poderosa: Araújos, Pavões, Oliveiras, Pretos e Manuéis, afora alguns moradores de Vila-Franca, que são em tudo mais antigos. Muitos filhos dos homens nobres de Água do Pau foram dos primeiros desta ilha servir a el-Rei em África, à sua custa e de seus pais, os quais alcancei serem Pedro Anes Preto, pai de Gaspar Pires, de Água do Pau, e de João Pires, escrivão que foi na cidade, da mesma vila, e de Sebastião Pires, de Água do Pau; e de Gaspar Pires, seu filho, sogro de Miguel Lopes de Araújo; e Manuel Afonso Pavão com três filhos seus, sc., Pero Manuel e João Manuel e Pero Manuel, o Moço; e Gaspar Manuel e André Manuel, filhos de Pero Manuel, o Velho; e Estêvão de Oliveira e Guterres Lopes, genros de Manuel Afonso Pavão; e João Jorge e um seu filho, Bartolomeu Jorge, que lá faleceu em África. Levaram seus mantimentos, para eles e para seus cavalos, com cevada e palha e carnes e vinho, com seus criados e moços de serviço; os quais foram em África armados cavaleiros em diversas saídas que fizeram contra mouros, principalmente quando tomaram um lugar deles, que está não muito longe de Arzila, chamado Benahamed; e no ano de mil quinhentos e vinte e um, antes do dilúvio de Vila-Franca, vieram ter a Água do Pau armados cavaleiros e foram recebidos com muita festa. Dali a poucos dias, em dia de Nossa Senhora da Assunção, a quinze de Agosto, que é a advocação da freguesia da mesma vila, repicando os sinos em louvor da mesma festa, se alvoroçaram tanto os cavalos, que de África trouxeram, na estrebaria em que estavam, com o costume que de África traziam, que não havia soltas nem cadeias que pudessem com eles, parecendo-lhe que era ou havia de haver escaramuça, como em África se costumava haver quando tangiam os sinos, em algum rebate de mouros. Da mesma vila de Água do Pau saíram os primeiros dois letrados legistas que a terra deu: o primeiro, Diogo de Vasconcelos, homem fidalgo, que nesta ilha foi ouvidor do Capitão muitos anos; o segundo, João de Teve, que teve cargos honrosos de judicatura no Reino. E ainda que

o padre Pero Gago, natural da vila da Ribeira Grande, que depois foi vigairo na cidade de Ponta Delgada muitos anos, fosse o primeiro que desta ilha cantou missa fora dela, em Salamanca, depois dele cantaram também as primeiras missas novas, nesta vila de Água do Pau, três naturais dela: o primeiro, o padre Manuel de Castro; o segundo, Adão Vaz; o terceiro, João Pires. Pelo que parece que, se não em todas as coisas, ao menos nestas tão honrosas, colheram os moradores desta nobre vila de Água de Pau as primeiras primícias, e sarou a Água do Pau os males da preguiça e descuido que os antigos moradores de toda esta ilha tinham com grande viço e mimo dela. Tem a dita vila juízes e vereadores e almotacés da terra e dois escrivães; e os moradores têm agora medianamente de comer, por ser terra de pouca lavrança e o mais de pastel, que se leva a granar à cidade da Ponta Delgada; pode carregar e deitar fora de si, cada ano, de boas novidades, até cento e cinquenta moios de trigo, que se pode carregar em navios, em seu porto de Val de Cabaços que por não haver nela muitas carregações não se aproveitam dele, senão em batéis, para serviço da dita vila.

Do porto de Val de Cabaços até à Ponta da Galé será um quarto de légua. Passando a ermida de Nossa Senhora, correndo pela costa, um tiro de besta, está uma furna com a boca aberta, que o mar lava por baixo, em cima da qual se dá feno; e por toda aquela costa, que é rasa com o mar, até à Ponta da Galé, são terras de pão, moledos e biscoutais de vinhas. Antes de chegar à Ponta da Galé, quase junto dela, está uma vasa, onde entra o mar pela terra, pouco espaço, até chegar quase às vinhas, onde com tempo de maresia e antrelunhos entra muito pescado de toda a sorte e fica em certos currais, que ali têm feitos de parede, em os quais se diz que vai ter a água da ribeira do Paúl, que se sume na alagoa do mesmo Paúl que está detrás da igreja principal da vila de Água do Pau, e parece ser assim, porque naqueles currais se cria muita minhoca, com que pescam ao peixe, e muitos cranguejos; onde acode muito peixe por razão da água doce que ali parece arrebentar, como arriba de Diogo Preto, nas Fontes, junto do Forninho, que atrás tenho dito, e tanto se toma que às vezes carregam carros com sebes cheias de peixe de toda a sorte. Dali um tiro de besta, se estende pelo mar a ponta que se chama da Galé, por ter feição de galé e aparecer de longe uma baixa que está a par da terra, espaço de um tiro de besta, da banda do nascente da ponta, onde passam batéis por antre ela e a terra e é uma ponta notável muito metida no mar. Da Ponta da Galé pouco espaço sai ao mar uma pequena ponta que chamam Ponta Gorda e Ponta de Alta Serra, por se começar nela uma grossa e alta. Correndo assim a costa, faz volta a terra para o norte até à vila da Alagoa, que está norte e sul com a dita ponta, começando uma grande baía, até à Ponta de Santa Clara, além da cidade, com muitos pesqueiros, onde morre muito pescado, por espaço de um quarto de meia légua, até chegar a um lugar de biscouto miúdo e áspero de pedra seca, que se chama o Jubileu, por irem lá poucas vezes, onde esta uma fajã, de quantidade de um alqueire de terra, com um figueiral de muitos figos bacorinhos, longares, brancos e pretos; e para a parte do norte muitas e boas vinhas e terras de pão, por derredor, que tudo foi de Manuel Afonso Pavão e agora é de seus herdeiros. Dentro no mar, defronte dele, quantidade de um jogo de mancal, está um ilhéu de pedra, de altura de duas lanças, de meio alqueire de terra em cima, no qual estão prantados alguns pés de parreiras e há feno e se criam pombos e garajaus nele, em que se não pode entrar senão com maré vazia. Dele para diante, há muitos pesqueiros e vinhas e terras de pão, por espaço de um tiro de besta, até chegar ao porto que se diz de Manuel Afonso, de cujo dono foram todas estas terras, as quais estão agora aforadas, por obrigações de capelas por sua alma. No qual porto podem entrar batéis e embarcar e desembarcar seguramente e nele entram as ribeiras que vêm de riba da vila de Água do Pau, que são duas e ali se ajuntam em uma à saída ou entrada no mar, sobre que os antigos tiveram a diferença já dita, se era pau ou água, de que a vila tomou o nome de Água do Pau, como atrás tenho dito.

Dali para diante corre um areal grande, com algum calhau, por espaço de meia légua, até chegar à Ponta Gorda, chamada assim por ser romba e ficar a rocha alta da banda da terra. Da Ponta Gorda corre a rocha alta, de vieiros de terra e pedra, um quarto de meia légua, até chegar à Grota Funda que tem este nome por ela o ser. Dali por diante começam as rochas da Quinta do Conde, chamadas assim, não por serem ou por haverem sido de algum conde, senão por os segadores (como têm de costume chamarem a um melhor segador, dantre eles, conde e lhe darem o principal lugar do eito da segada) andando ali segando e chamarem, por este respeito, àquela terra a Quinta do Conde, por o segador escolhido e avantajado entre todos dizer aos outros que era ali a sua quinta, donde lhe ficou o nome Quinta do Conde, sem ele o ser, senão postiço entre segadores. Outros afirmam que havia em Vila-Franca do Campo um homem abastado e que se prezava muito de si, pelo que lhe chamavam conde, o qual, não

sendo pescador, tinha um barco seu em que pescavam alguns, pagando-lhe a sua parte, no qual ia ele algumas vezes, no Verão, com sua mulher, e três filhas formosas, de Vila-Franca à fajã do Faial, que está nesta costa, a gozar da sombra das faias e das águas das frescas fontes que por ali há; e quando ia e tornava perguntado, respondia que ia para a sua quinta ou vinha dela, pelo que ficou a este lugar, abaixo desta terra e rocha, o nome de Quinta do Conde.

Correm por estas rochas, em distância de meia légua, muitas fontes de muito boas águas e se criam nelas muitas rabaças e agriões e aipo. A primeira, que tem muita quantidade de água, se chama a fonte de Maria Esteves, por estar na terra de uma mulher de Diogo de Oliveira, assim chamada; logo daí, quantidade de um tiro de besta, outra fonte muito fresca de grande cópia de água, que também nasce em meia rocha, acompanhada de agriões, aipo, rabaças e outras ervas, onde pascem os gados; e daí um tiro de pedra, está a fajã que chamam o Faial, por ter antigamente mato de faias, de que naquele tempo se proviam de lenha os mareantes, estando ancorados no porto dos Carneiros da vila da Alagoa. Desta fajã para loeste, estão duas fontes, ornadas com rabaças, agriões, junça e outra verdura, que se chamam fontes de João Jorge, por serem aquelas terras, no tempo passado, de João Jorge e de outros seus herdeiros. Daí a um tiro de besta, está uma rocha brava, com uma ponta que se mete no mar quantidade de um tiro de pedra, onde se chama, pela razão já dita, o pesqueiro de João Jorge, avô do Padre Manuel Vaz, beneficiado que foi na Ribeira Grande; e nesta ponta vai beber uma grota, chamada do Limite, por se partir por ela o termo dantre as duas vilas vizinhas, Água do Pau e Alagoa. Dali por diante, espaço de um tiro de besta, corre uma praia de areia e calhau, ao longo de uma alta rocha de terra maninha, até uma ribeira seca, que não corre, nem leva água, chamada a ribeira de João Jorge, pela razão já dita. Dali por diante, haverá quantidade de meia légua, pouco mais ou menos, de rocha mais alta, sem fontes, nem criações de gado, até à vila da Alagoa; no meio da qual rocha, em cima, nas terras feitas, está um pico não muito alto, à maneira de lomba, em que está a forca, instrumento de justiça da mesma vila, mal edificada, com seus três paus sem baraço, e peor povoada, sem ladrões, que quase em nenhum tempo se enforcaram nem enforcam nela; e logo a vila da Alagoa, que está légua e meia da vila de Água do Pau, que atrás fica.

CAPÍTULO XLII

EM QUE SE CONTINUA A DESCRIÇÃO DA COSTA DO SUL DA ILHA DE S. MIGUEL, DA VILA DA ALAGOA ATÉ À ENTRADA DA CIDADE DA PONTA DELGADA

Por mar e por terra, uma légua e meia da vila de Água do Pau e da Ponta da Galé, quase norte e sul com a mesma ponta, está a vila da Alagoa, chamada assim por uma que teve de água nadível, defronte da porta da igreja principal acima de um recife e porto onde podiam entrar batéis; na qual antigamente se tomou já muito pescado, por entrar às vezes o mar nela, e bebia o gado e nadavam por passatempo algumas pessoas, e onde já se afogou um moço, soltando o rabo de um boi a que ia pegado, nadando. Agora, com terra e polme (que no tempo das enchentes tem corrido) está atupida e é terra que dá pastel e outras novidades e rende para o concelho; onde António Lopes de Faria teve ali perto dela um fresco pomar, acompanhado e ornado com muitas faias. Foi este lugar feito vila por el-Rei D. João, terceiro do nome, na era de mil e quinhentos e vinte e dois, a onze dias do mês de Abril, no qual tempo estava o dito Rei em Lisboa, e lhe deu de termo, da banda do oriente, assim como parte com Água do Pau e da banda do norte, da maneira que parte o seu limite com o termo da vila da Ribeira Grande, e da parte do ponente, partindo pelos biscoutos, meia légua e não mais. Os primeiros juízes foram Estêvão Travassos e João Gonçalves; dos mais oficiais da Câmara, do mesmo ano, não pude saber o nome, mas logo o ano seguinte de mil e quinhentos e vinte e três (sendo juntos os juízes do ano atrás, na casa do concelho) saíram por juízes João Gonçalves e Fernão Vieira, e por vereadores, João Roiz, genro de Álvaro Lopes, e João Rodrigues, de Água (sic), e por procurador do concelho, Pero Gonçalves. Tem esta vila uma bem assombrada igreja Matriz, de naves, da advocação da Santa Cruz, cuia festa se celebra duas vezes no ano, uma dia da Invenção, outra, da Exaltação da mesma Cruz, quando as celebra a Igreja, em seus tempos. Há dentro na vila três ermidas: uma de S. Sebastião, outra de Nossa Senhora do Rosairo e outra do Sprito Santo; e acima da vila, um quarto de légua, a célebre ermida de Nossa Senhora dos Remédios, ao pé do monte que chamam Vulcão, de muita romage de toda a ilha, que se vê na terra de muitas partes e do mar também, a quem pedem na ilha, e de quem também recebem algumas vezes os mareantes seu remédio. Tem esta freguesia de Santa Cruz duzentos e oitenta e um fogos, e almas de confissão mil e seiscentas e cinco, das quais são de comunhão setecentas e oitenta. O primeiro vigairo foi um João de Évora, clérigo da Ordem de S. Pedro; o segundo, Sebastião Fernandes que teve a vigairaria muitos anos; o terceiro, Diogo Ferreira, irmão de Gaspar Ferreira; o quarto, Baltasar Fernandes; o quinto, Pedro Anes Mago, que agora está nela. O primeiro beneficiado foi Luiseañes; o segundo, Simão Gato; o terceiro, Gabriel Lourenço; o quarto, Amador Travassos; o quinto, Pero Dias; o sexto, Amador Martins; o sétimo, João Lourenço, que também era tesoureiro; o oitavo, Gaspar Martins; o nono, João Marinho; o décimo, Jácome Gonçalves; o undécimo, Manuel Roiz; o duodécimo, Sebastião Gonçalves. Tem agora quatro beneficiados. O primeiro cura foi Crisóstomo de Oliveira; o segundo, Manuel Rebelo; o terceiro, Hierónimo Gonçalves de Valasco, que agora serve.

Houve nesta vila duas capitanias das ordenanças: de uma bandeira foi o primeiro capitão, Cristóvão Soares, e o primeiro seu alferes foi Pero Velho Travassos, o segundo, António de Oliveira; o terceiro, Afonso de Oliveira; o primeiro sargento foi João Cabral; o segundo, António Pereira. O segundo capitão foi António Lopes de Faria; seu alferes foi seu sobrinho António de Faria; e sargento Fernão Gomes. Haveria então mais de trezentos homens de peleja. Agora há duas bandeiras: de uma é capitão Francisco Lopes Moniz; alferes, Jorge Correia de Sousa; e sargento, Leão Soares; o outro capitão é António de Faria; seu alferes, Paulo Soares; e sargento, Manuel Pereira. Tem cada uma cento e sessenta homens, quase todos arcabuzeiros.

Do porto da Alagoa (que está defronte da porta da igreja Matriz e de que já se não serve a vila) por espaço de um tiro de escopeta para o ocidente, corre a vila até o porto que tem, de

boa serventia, chamado Porto dos Carneiros, porque (segundo dizem alguns) depois dos antigos povoadores estarem na Povoação Velha dez meses, não lhe contentando aquele sítio de terras, se passaram para este porto dos Carneiros, onde fizeram sua habitação, até à tornada do navio que os trouxera, que tornou dali a dez meses do Regno, para onde tornara depois que na Povoação Velha os deitou em terra; e, quando tornou a esta ilha, depois dos ditos dez meses, não os achando na Povoação, discorrendo pela costa para o ocidente, os foi achar neste porto dos Carneiros, que se chamou assim por acharem ali tantos carneiros que, para fazer matança neles e tomar alguns para comerem, faziam dois bardos de paus e de madeira, de uma banda e da outra, por antre os quais os vinham recolhendo e ajuntando, até que do monte e manada tomavam os que queriam. Mas, a certeza da razão desse nome é que, quando o Infante D. Henrique descobriu estas ilhas, com licença de el-Rei D. Afonso, quinto do nome, mandou deitar gado nelas na era de mil e quatrocentos e quarenta e nove por Frei Gonçalo Velho, comendador de Almourol, e começando ele a deixar algum na Povoação e outras partes desta costa do sul, vindo a este porto, deixou nele alguns carneiros, pelo que lhe ficou este nome de Porto dos Carneiros, que então lançaram nele e multiplicaram tanto em poucos anos com o bom pasto que por ali tinham, sem se trasmontarem mais longe para outras partes, que quando tornaram dali a pouco tempo os acharam quase juntos, em manadas, e então os tomavam da sobredita maneira.

É, este dos Carneiros, bom porto, principalmente de Verão, de que se serve a vila para suas pescarias e necessidades e carregação, e nele se carrega todo o pão que vai da banda do norte, como da vila da Ribeira Grande e seu termo, com obrigação que têm ali de guardar, sem contradição, os despachos que pelos oficiais da Câmara dela vão assinados, porque assim o tem a vila da Ribeira Grande por sentença, em um litígio que sobre isso tiveram.

Tem por granjearia esta vila trigo e pastel e vinhos, que são muitos e, depois dos da Povoação Velha, comummente, os melhores de toda a ilha, de que se recolhem, uns anos por outros, mais de seiscentas pipas, em cada um ano. Digo comummente, porque em algumas partes, e principalmente nas vinhas do termo da cidade, os fazem algumas pessoas curiosas, de vantagem. Havia nesta vila, antigamente, muitos homens nobres, ricos e poderosos; agora são poucos. Aqui morou, como pai de toda a vila, o nobre António Lopes de Faria, freire do hábito de Santiago, mamposteiro-mor que foi dos cativos em toda a ilha, que tinha em muitas partes dela muitas rendas e propriedades, como currais de gado vacum e de toda outra sorte, e granjeava muito pão e pastel, de sua lavoura, e outras coisas: pelo que valia sua fazenda mais de sessenta mil cruzados, com que ele e sua nobre e virtuosa e mui caritativa mulher valiam aos moradores e pobres da vila e doutras partes, fazendo muitos benefícios e largas esmolas, a seus tempos devidos. Moram também ali ao presente os nobres Pedro de Faria e António de Faria, irmãos grandiosos e poderosos; e o virtuoso Francisco Lopes Moniz, que terá cinquenta moios de renda, cada ano, de seu próprio património, com o qual e com granjearia de lavoura de trigo e pastel se governa; além doutras nobres pessoas que não são tão ricas. Tem a vila uma fonte de água que custou muito a trazê-la onde está abaixo dos sumptuosos paços, ainda que já velhos, que o Capitão Rui Gonçalves, segundo do nome, ali edificou depois do dilúvio de Vila-Franca, com grandes e fortíssimos esteios dentro das paredes, provendo-se com isso para os terremotos futuros; antes da fábrica dos quais, fez prantar um riquíssimo pomar de diversas árvores de esquisitas pomages, que mandou trazer de Portugal e da ilha da Madeira e de outras partes, acima da vila, para o norte, menos de um quarto de légua, da outra banda do pico que chamam de Lamego, por haver sido porventura de algum homem desta terra assim chamado, em um deleitoso vale, ornado com uma pequena fonte, onde chamam o Cavouco, por ali, nos biscoutos dele, cavoucarem e tirarem pedra os cavouqueiros para seus muros e casas. Não faltavam ali as cerejas e ginjas, nem as peras e peros, maçãs, romãs, nozes e castanhas, nem a fruta de espinho de toda sorte, com que era aquela riquíssima quinta celebrada em toda a ilha, que com sua fruta provia. Mas, parece que acabou tudo com seu dono, como acabaram nesta terra muitos pomares com seus primeiros prantadores, que deles se presavam, presando- se depois seus descendentes de dissipadores, por lhe faltar a diligência e curiosidade de seus avós e pais curiosos. Logo, saindo do Porto dos Carneiros, está uma ponta pequena de pedra de biscouto, que se chama o Punhete, porque pegado, além dela, tem um porto para a banda de loeste que, por ser pequeno em comparação do porto grande dos Carneiros, como manga, se chama Punhete, em que muitas mulheres antigamente lavavam a roupa, a cuja enseada se acolhem os batéis com tormentas; e também por ser crespo, pelo biscoutal, ou como outros dizem, por ser pequeno e estar no cabo do outro grande

dos Carneiros como em um braço, se chamou Punhete, como manga de camisa do mesmo braço.

Do Punhete a dois tiros de besta, está uma ponta que entra pouco no mar, chamada a Ponta Longa, e dela a outro tanto espaço está o calhau onde entesta a terra de Cristóvão Soares; no qual lugar desembarcaram os franceses (quando se entrou esta ilha e saqueou parte dela) em dez barcos, a gente de um dos quais se perdeu, tomando água pela popa, com o peso das armas, sem nenhum escapar, e sete deles enxoraram em terra, onde ficaram e os desfez depois a gente da ilha, aproveitando-se de sua madeira; e, dos dois que foram mais para loeste, saíram os soldados sem nenhum perigo, alargando-se logo ao mar, sem serem vistos, os que desembarcaram, dos da terra que estavam guardando o Porto dos Carneiros.

Deste lugar donde saíram os franceses a dois tiros de besta, correndo a costa direita, está uma pequena ponta que por ser alta se chama o Muimento, onde há muito perrexil; e do Muimento a quase um quarto de légua, está o marco que divide os termos da vila da Lagoa e da cidade da Ponta Delgada; e entre o Muimento e o termo, fica no meio o Poço d'Atalhada, onde bebem os gados daquelas partes. Chama-se o Poço d'Atalhada porque, pela terra dentro, lhe fica para o norte um biscoutal que vai beber na água salgada do mar, onde havia um mato de altas e direitas árvores que antigamente cortavam ou talhavam para mastos de navios, pelo que lhe ficou o nome Atalhada dos Mastos, onde tem sua quinta e morada o nobre Cristóvão Soares da Costa, com suas terras de lavoura, pomar e vinhas; tão valente por sua pessoa, quanto discreto em suas palavras, já homem antigo e grande amigo de Deus, mais rico de discrição e condição que de fazenda; já falecido.

Indo dali para loeste, está o biscoutal grande, em comparação dos outros pequenos, seus vizinhos, que terá légua de comprido por aquela costa, toda de pedra de biscouto seco e raso, com o mar, sem rocha nenhuma alta, onde se acha muito perrexil, agradável e apetitoso manjar para enjoados e famintos no mar, e fartos e enfastiados na terra; e pela banda da terra, vinhas e pomares ornados com quintas e casas alvas, antre sua fresca verdura, com que fica todo aquele sítio muito aprazível à vista de quem o vê e muito mais deleitoso a quem o goza. E assim vai continuando com o mar salgado esta doçura, sem haver fontes mais que uma no cabo, muito pequena, por todo este espaço, repartido em foros pelos herdeiros de Domingos Afonso, cuja foi a maior parte, até chegar ao fim do biscouto, acima do qual, pela terra dentro, está a cruz no caminho, que chamam do Crongo (sic.) ([258]) e logo mais para o norte a sua quinta, de André Gonçalves de Sampaio, chamado o Crongo, por em seu tempo ser o mais rico homem da terra, como dizem ser o crongo, entre os peixes que se comem, o maior peixe do mar. Abaixo do biscoutal grande, ao longo da costa, está um meio pico que se chama o Pico de Guiné, porque no tempo antigo faziam ali cevadouros para tomar algumas das muitas galinhas de Guiné que nele andavam; este pico é agora dos herdeiros de Amador da Costa e do bacharel João Gonçalves. No cabo do biscoutal grande está o porto de Jorge Furtado, fidalgo de grande corpo e grandes partes, na condição, discrição e conversação, que ele mandava fazer para mandar recolher e varar nele um barco que ali tinha, para seus passatempos, por ter acima da estrada, para a banda do norte, sua quinta e fazenda, junto do bacharel João Gonçalves, grande e antigo jurisconsulto. Neste biscoutal se dá aos mais perigosos forasteiros impedidos, às vezes, degredo; que assim eles, como os moradores daquela freguesia de S. Roque, se provêm de água boa, quase doce de um poço que ali descobriu um negro, mudo, escravo de Gaspar Ferreira, bradando e mostrando com acenos haver naquela parte água.

Do porto de Jorge Furtado e deste poço se começa um areal que pelo ser em respeito doutro adiante mais pequeno, lhe chamam o grande, que será de comprido como de um tiro de escopeta. No meio dele, da banda da terra, está outro meio pico, chamado o Pico da Areia, por estar ali junto e meio coberto dela e agora o Pico das Canas, por prantarem nele muitas; o qual foi de Jorge Nunes Botelho e logo de Pero Pacheco, seu genro, e depois dos herdeiros de Jorge Nunes, que o venderam aos herdeiros do bacharel João Gonçalves e a Francisco Ramalho, seu sobrinho. Vai-se estendendo o areal grande até dar em outro biscoutal e rocha baixa de pedra, acima do qual estão as moradas dos dois nobres irmãos Manuel da Costa e Álvaro da Costa, filhos de Amador da Costa, de tanta virtude que, depois do falecimento de seu pai, nunca quiseram casar; e logo a quinta de Diogo Martins, seu cunhado; e depois a do grande capitão Francisco do Rego de Sá, que houve de Jorge Nunes Botelho, seu sogro, com sua mulher D. Roqueza, cuja fazenda (além de outra em outras partes) se ajunta e vai continuando pela terra dentro, até chegar à outra costa, da banda do norte, junto do lugar de Rabo de Peixe, sem se entremeter com ela outra, senão dois cerrados alheios.

Logo junto está a igreja de S. Roque, freguesia de cento e vinte e seis fogos e almas de confissão quatrocentas e quarenta e cinco, das quais são de comunhão trezentas e dez, que é sofraganha à cidade; cujo primeiro vigairo foi Pero Cão ([259]), que serviu mais de quarenta anos neste lugar chamado Rosto de Cão e freguesia de S. Roque, em cuja história se lê que um cão lhe lambia as chagas; o segundo, Amador Travassos; o terceiro, Simão Roiz Pavão; o quarto, o licenciado Beraldo Leite; o quinto, o licenciado Ascêncio Gonçalves, que agora é ouvidor do eclesiástico, e tem o primeiro cura, Francisco Rangel. Acima da igreja, estão as moradas de Domingos Afonso Pimentel, homem nobre, prudente e rico em seu tempo, que deixou ricos seus herdeiros. Logo, por uma pedreira queimada (sinal claro que arrebentou ali algum pico e quanto dele saiu, se sumiu no mar, tão vizinho da porta) vai uma pequena descida de S. Roque para o outro areal, pequeno em respeito do grande atrás dito, onde está um poço de água, mais salobra que a do poço do areal grande, de que bebem os gados e serve de lavagem de roupa, defronte das casas de Jorge Nunes Botelho, do hábito de Cristo, com vinte mil reis de tença, filho de Diogo Nunes Botelho, contador que foi em todas estas ilhas dos Açores, bem imitador, na fidalguia e prudência, de seu pai já defunto; onde está conservando e acrescentando, e não diminuindo (como alguns filhos fazem) aqueles ricos aposentos, fresco pomar e boa fazenda que herdou dele, com o mais concerto que nenhum que eu haja visto nesta ilha, porque tem um rico e grande pomar, com cento e sete grandes laranjeiras, todas arruadas por boa ordem, e um pinheiro de grande sombra e muitos limoeiros, limeiras, cidreiras e outras muitas fruteiras, de toda sorte de boa pomage, e diversas enxertias novamente feitas, pereiros, albricoqueiros, macieiras, marmeleiros, figueiras e amoreiras, tanta cópia que, do sobejo e podado, sustenta quase todo o ano a sua grande casa de lenha; grande vinha com seu lagar e casa; batatal, horta de toda a hortaliça, onde se criam muitos galipavos, patos e galinhas, em grande número; com outra serventia desviada para a casa do pumereiro (sic) onde vão os de fora comprar a fruta, em que se faz muito dinheiro, sem lhe devassar nem inquietar sua casa e família; até na flor de laranjeira, de que se estila, se faz muita água de flor, de que se dá, vende e gasta em muita quantidade; de modo que quase provê de fruta, principalmente de espinho, toda a cidade, de que para ela levam às vezes carros com sebes cheias, carregados de laranjas, com que finalmente parece aquele pomar riquíssima quinta da mesma cidade. Defronte das ricas casas mandou fazer um grande e espaçoso granel, com dois engenhos de pastel debaixo na lógea, sem andar fazendo engenho cada ano, como alguns lavradores fazem, antes aqueles lhe servem de guarda de toda a abegoaria, que neles fica fechada no Inverno e neles podem agasalhar e se agasalham, muitas vezes, seis e sete cavalos de hóspedes e parentes. Nas paredes do granel estão feitos muitos agulheiros, onde criam pombas; e logo junto um grande lago ou tanque, que leva mil e quinhentos e mais molhos de linho, juntamente com seus estendedoiros ao redor; e acabando de alagar o seu linho e dos vizinhos, tiram a buxa do boeiro e vasam e lavam o tanque sem o abrir, caindo a água dele em um baixo, junto do areal; o qual tanque levará setenta pipas de água, em que se podem tomar muitas pombas bravas e pássaros que vêm a beber nele. Para ir coada a água das chuvas ao tanque, tem na entrada uma cova, à maneira de arca, onde fica assentada a areia e terra, e vai somente a nata da água entrar no tanque, limpa. Logo abaixo das casas, dentro da mesma cerca delas, tem seus repartimentos de casas de gente e duas estrebarias de cavalos e outra casa de repartimento de porcos de monte per si, e outro de bácoros e outro de palheiro. Ao longo do engenho, para a banda do sul, tem em um campo chão perto de cem caniços, para enxugar o pastel, e logo abaixo as tulhas, com uma janela, para recolher por ela os bolos enxutos, e as portas das tulhas, para a banda do sul e da areia, por onde tem a saída. Tem também no mesmo campo dos caniços um jogo de bola, com sua entrada e porta, para os que a ele vêm de fora, e outra, subindo por um pau, sem derribar parede, para lá irem os de casa; junto da qual tem um grande quintal e figueiral, quase comum aos vizinhos, à sombra do qual manda massar seu linho de dentro de umas covas onde estão as massadeiras, detrás da casa, subindo e descendo também por umas mossas de um pau, sem derribar paredes, com que tudo está amurado e guardado. Tem logo a eira como dentro de casa e a relva para o gado, com dois paus grandes, com seus galhos, em partes diversas, em que os bois se possam coçar, nos troncos o corpo e nos galhos o pescoço. Logo vão suas terras continuando para o norte, até ao Pico da Cruz, quase no meio da largura da ilha, do qual até às ditas moradas e mar do sul ficam águas vertentes, tendo tudo cercado e bem murado e junto das portas a dentro em que todos os seus podem trabalhar sem serem vistos de fora e ele, como sobre-rolda vigiando, acudir a mandar e ordenar todos os que trabalham, com suas serventias postas em tanta ordem e concerto que até os boeiros nas paredes e currais são de maneira que por onde entra o bácoro não pode entrar o porco, e outros boeiros por que entram as patas

e galinhas a seus lugares deputados, ordenando os mantimentos e lugares destas coisas, sc., cevada, junça, linho, abóbaras, melões, pepinos e horta, cada coisa ao redor da casa, em cerrados per si, cercados de paredes de oito e nove palmos de alto, onde tem também cercada sua eira que nada se perde, e tudo a seus tempos convenientes, aproveitando não somente os lugares e cerrados, campos, relvas, pomar e horta, mas também os tempos que parece que as coisas e os serviços suavemente se estão fazendo; e com o poço que se chama de Diogo Nunes, seu pai, e mar à porta. E, se nas coisas de casa tem este concerto, não lhe ficam as de fora sem ele, pois um moio de terra e cerrados de comedia, que tem no termo da vila da Alagoa, que somente lhe rendia cada ano seis moios de trigo, arrendando os cerrados per si, com a renda deles manda negociar a terra de que recolhe, cada ano, quinze e às vezes vinte moios de trigo. Também tinha uma vinha, que dava de meias a um homem, com horta e criação de galinhas, e fazendo suas contas, agasalhando-o primeiro com terra de biscouto que lhe deu de foro, em que fizesse casa onde morasse e prantasse outra vinha, pôs outro homem casado, por soldado, na primeira, da qual recolhe agora não a metade, senão todo o fruto, que serão vinte pipas de vinho, que a vinha dá, e toda a criação das aves; o que é notoriamente mais proveitoso, além de andar mais aproveitada a dita vinha, porque se a arrendara, como outros fazem, não lhe renderia mais que cinco mil reis, e os rendeiros a deitaram a perder, com a cansarem, deixando-lhe muitas varas, para dar muito vinho no tempo do seu arrendamento, sem olhar ao diante, como coisa que não é sua própria, de que pouco se doem. Também mete o trigo no granel por medida e medido o manda tirar, pelo que, faltando, vem a saber quem lho leva e quanto lhe levam; e por medida se dá a cevada ao cavalo, com tanta conta, peso e concerto como eu quisera que tiveram todos os homens desta ilha e o tomaram nesta parte por espelho, para se verem e viverem mais ricos e abastados do que são, por não quererem guardar ordem nas coisas, que é todo o ser e acrescentamento e conservação delas. Até os vestidos e alfaias de sua casa manda vir de fora, mandando pastel a Frandes, Inglaterra e a Sevilha, donde lhe vem tudo escolhido, rico e mais barato, vendendo lá o pastel mais caro e custando as mercadorias mais baratas. Com a qual ordem (além de duzentos e cinquenta até trezentos quintais de pastel, que há de sua granjearia) tendo somente até trinta moios de renda cada ano, os faz chegar a sessenta e setenta, e com esta fazenda não ser muita, mantém grande casa e família e agasalha muitos parentes honrados e sustenta um filho no estudo, tendo já duas filhas freiras no mosteiro de Santo André de Vila-Franca do Campo e casou outra com Pero de Faria, da vila da Lagoa, a que deu em casamento cinco mil cruzados. E por seu pai Diogo Nunes Botelho ter comprado o ofício de contador destas ilhas por quatrocentos mil reis que deu por ele, e o lograr só um ano, pretende havê-lo com sobeja razão e justiça, e sobretudo ele e sua mulher Hierónima Lopes Moniz, filha de Adão Lopes e de Maria Moniz, ambos de muita virtude e amigos de Deus, o que é bastante prova para se crer o grande concerto de sua casa, pois o têm maior em suas almas.

Adiante, passadas poucas casas, está um portal e muro no caminho, com suas seteiras, como forte para resistência e defensão de imigos, se por aquelas partes desembarcarem; e, logo pegada uma ermida de Santa Maria Madalena, com seu virtuoso eremitão, de que se pode dizer muito, porque tem muita virtude; igreja de muita romagem, onde vêm em romaria, por dia de sua festa, quase todos os moradores da cidade e de sua comarca.

Pouco mais adiante, indo para loeste, passada uma pequena ponta de pedra de biscouto, está outro meio pico, que também parece que arrebentou com o fogo em algum tempo e se sumiu no mar a meia parte dele que falta; e no cume do que ficou está a forca, instrumento de justiça da jurdição da cidade da Ponta Delgada, caiada e bem lavrada, com suas ameias, que parece ali um castelo, do mar e da terra, ainda que o mais do tempo sem gente de guarnição, por se haver nesta ilha muita piedade dos soldados que o deviam povoar e pareceram bem nele, que por estar de contínuo tão ermo, parece que ou não há justiça na terra ou são justos e santos todos os vizinhos dela, o que, pelos furtos e insultos que vejo fazer, não sei como possa ser sempre.

Pegado com este castelo, sai um ilhéu ao mar, com alta proa, continuando com a terra, de compridão de mais de um tiro e meio de besta, e no cabo tem uma fenda larga até baixo, por onde o mar entra e sai; e fica, da banda do sul, uma parte dele pequena em que se criam muitas pombas bravas, onde um Domingos Gil que foi carcereiro na cidade da Ponta Delgada, levando uma grossa e comprida vara e atravessando-a no cume deste ilhéu, sobre a fenda, passava da outra parte por ela, a buscar pombinhos, dos quais tomava muitos e os trazia no seio, sem lhe fugirem, mais seguros e guardados que os presos que ele não pôde bem guardar e sem asas voaram. Na outra parte deste ilhéu, da banda do norte, estão algumas quatro ou

cinco covas, algumas já desfeitas e quebradas, estreitas nas bocas e tão grandes dentro como jarras ou tinagens sevilhanas, cavadas no tufo, que no tempo antigo fez ali um João Prestes, cavouqueiro, para encovar e guardar, como em granel, seu trigo nelas, como na ilha Terceira e em outras ilhas costumam fazer debaixo da terra para este efeito. Junto com a terra, quase tudo é uma pedreira de tufo, de que se tira boa pedra para as chaminés da cidade e de toda aquela comarca, em que caldeia melhor a cal que em todo o outro tufo que há pela ilha. Parece este ilhéu um cão, ali assentado com o rabo baixo para a terra, e a ponta dele alta para o mar, que semelha focinho de cão, com os pés ao longo da água, pelo que os antigos lhe chamaram Rosto de Cão, o qual nome ficou a todo aquele lugar e comarca. Da costa da qual freguesia, começando de casa de Jorge Nunes Botelho, até este ilhéu, entrando pela terra dentro para o norte, estão terras de pedra de biscouto, que correu como ribeira em outro tempo, todas prantadas de ricas vinhas e pomares, com formosas e curiosas quintas, assim dos moradores dela, como dos da cidade, antre as quais tem o principado a de Francisco Mendes Pereira, contador que foi nesta ilha, filho de António Mendes Pereira, casado com Isabel da Gama, dos Gamas de Portugal e da ilha da Madeira, moça da câmara da Rainha D. Catarina; das quais vinhas se recolhem mais de mil pipas de vinho, mas não tão bom, comummente, como o da vila da Alagoa, ainda que já agora, de quinze anos a esta parte, o fazem muitos melhor e, pelo fazerem, por ele vieram a valer as vinhas (sendo biscoutos perdidos) muito mais que terras feitas e lavradas. Dantes soía valer uma pipa de vinho dois cruzados, mil reis e mil e duzentos; agora três e quatro mil reis e são tidas as vinhas por boas fazendas porque, além dos vinhos delas, se aproveitam muito das frutas, no Verão em seus passatempos, e melhor da lenha em suas necessidades que, por valer já tão cara, a têm em muita estima. Pela terra dentro, para o norte, um quarto de légua da cidade, antre as vinhas, está uma freguesia do lugar da Fajã, cuja igreja é da advocação de Nossa Senhora dos Anjos, ali mudada por a outra antiga se mandar derribar, por estar erma e longe. Tem trinta e seis fogos e almas de confissão cento e oitenta e duas, das quais são de comunhão cento e quarenta e uma; tem anexa uma ermida da Encarnação, perto. O primeiro vigairo foi Jorge Fernandes; o segundo, João Afonso; o terceiro, António de Bastos; o quarto, Roque Coelho; o quinto, Baltasar do Monte. Houve e há, nesta freguesia de S. Roque, homens nobres e ricos que, afora as ricas vinhas, têm suas fazendas e terras de que recolhem muito pastel e trigo. Além do ilhéu, está logo a ponta chamada de João Delgado, porque mora quase nela; e adiante uma ponta de biscouto ao mar, entre a qual e a de João Delgado se faz uma baía de pedra e calhau, onde às vezes varam barcos; e logo outra baía, da mesma maneira, antre outra ponta de biscouto, defronte da casa de António Ledo Panchina, filho de Joane Anes Panchina, na qual ponta se dá degredo, muitas vezes, a muitos forasteiros impedidos, além da qual começa a entrada da cidade da Ponta Delgada, que está (como disse) da Alagoa légua e meia, e da freguesia de S. Roque meia légua.

CAPÍTULO XLIII

DA DESCRIÇÃO E GRANDEZA DA NOBRE E POPULOSA CIDADE DA PONTA DELGADA

A nobre e populosa cidade da Ponta Delgada, tão célebre com generosos e poderosos moradores; tão rica, provida e abastada com diversos comércios e grossos tratos de mercadores riquíssimos; tão fortificada com fortaleza, baluartes e cubelos; tão acrescentada com custosos edifícios e casaria; tão religiosa com sumptuosos templos e mosteiros; tão visitada e acompanhada dos naturais da terra; quase sempre tão frequentada de navios e infinita gente forasteira, em todo o tempo — primeiro foi solitário ermo, saudoso lugar e pobre aldeia, e depois pequena vila, a que agora é grande, rica, forte e tão afamada cidade, quase furtando a bênção a Vila-Franca primaz e por ocultos juízos da Divina Providência (como Jacob o de Esaú) herdando o seu morgado; e a que dantes era sujeita e sufraganha a outra vila é ao presente quase feita senhora, a que vão obedecer todas as vilas e lugares de toda esta ilha. Assim são as vezes das coisas, que o discípulo vem a saber mais que seu mestre, e o criado vem a ser melhor que seu amo, o capitão senhor e o inferior superior; e quem antes obedecia vem a ser obedecido daquele que primeiro o mandava e temido de quem dantes o suprimia, como os irmãos de José no Egipto, porque Egipto e desterro é este mundo em que vivemos; egiptanos e vagabundos somos os filhos dos homens nele; hoje são uns Reis, amanhã se vêem vassalos: um dia são privados, outro logo desterrados; um tempo, empinados, venerados e estimados, outro tempo abatidos, anihilados e desprezados. Bom exemplo temos disto no que, Senhora, desta cidade irei contando.

Alguns anos depois do descobrimento e povoação desta ilha, era vila somente Vila–Franca do Campo e a cabeça de toda ela, sem haver outra, senão alguns lugares, como suas aldeias, em que havia juízes pedâneos e alcaides, e seus moradores eram obrigados a ir a ela todos os dias de festa principais, em que havia procissões solenes. E, como no lugar da Ponta Delgada moravam homens nobres e poderosos, onde tinham grossas fazendas e herdades de boas terras, que os Capitães desta ilha lhes deram, sendo ricos e prósperos. não estavam muito contentes por os obrigarem a ir a Vila Franca muitas vezes, em diversos sucessos; alguns dos quais, a que pude saber os nomes, eram Nuno Gonçalves Botelho, pai de Jorge Nunes e Diogo Nunes Botelho; Fernão Gonçalves, o Matoso; Rui Lopes da Silva; Pero de Teves; Fernão do Quental; Francisco Dias Caiado; João da Castanheira; Pero Jorge; João Gonçalves, o Tangedor; Álvaro Pires, procurador; João Alvres do Olho; Fernão de Lima e outros muitos; — todos os quais, indo a Vila Franca pelas festas em que eram obrigados, foram uma (dizem ser dia do Corpo de Deus) em que deram uma tocha, para levar na procissão, a Pero Jorge, pai de Hierónimo Jorge, e pondo-se um Antão Pacheco, pai de Pero Pacheco, de Vila Franca, detrás dele com outra tocha, com ela, ou por descuido ou por malícia ou zombando, lhe pingou um tabardo novo, que ele levava vestido, como então se costumava, (outros dizem que era um capuz cerrado, de punho preto fino); e olhando o Pero Jorge para trás, vendo-se pingado, levando o capuz por cima da cabeça, arrancou logo sua espada contra quem lho pingara, com que se armou um grande arruído, ajuntando-se, como em bandos de parte a parte, muita gente, onde houve alguns feridos e se desordenou a procissão. Pero Jorge e os da Ponta Delgada que eram da sua parte, por carregarem todos os de Vila Franca sobre eles, tiveram trabalho, indo-se recolhendo até ao porto, onde se recolheram em três barcos em que haviam ido; e chegados neles à sua freguesia se amotinaram e ajuntaram todos os moradores do lugar da Ponta Delgada, e se ajustaram antre si de não obedecer a Vila Franca e procurar fazer a Ponta Delgada vila, para o qual, fazendo sua petição, mandaram logo ao Reino, secretamente, a Fernão Jorge, ainda solteiro, irmão de Pero Jorge, ambos filhos de Jorge Velho e de Africanes, uns dizem que por via da Terceira, onde foi buscar embarcação, outros afirmam que desta ilha direito ao Regno, em uma caravela carregada de cevada, com pretexto de a ir

vender a Lisboa. De qualquer modo que seja, ele foi dissimuladamente, sem se saber ao que ia, por terem jurado todos os deste acordo de o terem em segredo até serem providos, porque, além dos de Vila-Franca serem contra isso, também o era um corregedor, chamado o Maracote ([260]) que então nesta ilha residia com alçada. Mas, soando- se e suspeitando- se este negócio, perguntou uma pessoa a Pero Jorge se era verdade o que se suspeitava, que já era partido um homem para o Regno; respondeu, assoprando na mão somente, como se dissera: — eu tenho juramento e não posso dizer que é ido; mas dava a entender, com o sopro na mão, que já o vento o levava pelo mar para esse feito que houve efeito, porque dali a um mês tornou o dito Fernão Jorge com a petição despachada a requerimento de tantos homens honrados e provisão de el-Rei, em que veio provido por vila o lugar da Ponta Delgada, mercê concedida por el-Rei D. Manuel na era de mil e quatrocentos e noventa e nove. E logo como chegou Fernão Jorge com este alvará, com grande segredo e pressa, foi chamado da Ribeira Grande, donde morava, Pero Roiz da Câmara, que então era logo-tenente do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, seu irmão ([261]), que ao tal tempo era no Regno; e fez eleição e pelouros de oficiais da Câmara. Saíram no primeiro pelouro, por primeiros juízes, Nuno Gonçalves Botelho e João da Castanheira, sogro de Fernão do Quental, e por primeiro vereador, João Gonçalves, o Tangedor, assim chamado porque tangia bem viola, o qual era pai de Tareja Gonçalves, mulher de Francisco Dias Caiado; e por segundo vereador, Pedro Afonso Castelhano, sogro de Gaspar de Viveiros, chamado castelhano por ser casado com uma mulher castelhana; e por procurador do concelho, João Dias Caridade, pai de Pero Dias Caridade. O primeiro assento desta primeira eleição fez Pero de Teves, sem ser escrivão, senão por ser homem hábil e dos mais principais da terra. O que sabido pelos moradores da Vila-Franca, com muita pressa puseram embargos a ser Ponta Delgada vila, diante de Pero Roiz da Câmara, o qual lhes respondeu não sabia que lhes fizesse, porque os da Ponta Delgada andavam com suas varas alevantadas e já lhes não podia valer. Dali por diante, sempre tiveram diferenças os da Ponta Delgada com os de Vila- Franca, como os da Alagoa com Água do Pau, em tanta maneira que uma vez foram os da Ponta Delgada pôr uma bandeira junto de Vila-Franca, com armas, tambor e mantimento; até os moços de ambas estas vilas antre si, quando se encontravam, tinham crua guerra. Rompendo-se depois o primeiro alvará de vila, que trouxe Fernão Jorge, por ser passado em papel, mandou o mesmo Rei D. Manuel passar outro em pergaminho, feito na vila de Abrantes, onde então estava, aos vinte e oito dias de Maio da era de mil e quinhentos e sete, com uma légua de termo ao redor, com que alargou e fez seu limite além da Relva, Feiteiras, Mosteiros, Santo António e Fanais, e depois se acrescentou a Candelária, S. Sebastião e Bretanha, os quais lugares pelo tempo em diante se fizeram e são sufraganhos à mesma vila da Ponta Delgada, que el-Rei D. João III, do nome, fez cidade, de seu motu próprio, a dois dias do mês de Abril da era de mil e quinhentos e quarenta e seis, estando em Almeirim e Gaspar do Rego Baldaia na corte, que por esta mercê lhe foi beijar a mão e de lá mandou o alvará no ano em que caíram a festa de Corpus Christi e a de S. João ambas em um dia.

Com a qual nova começaram os moradores da cidade negociar dali por diante a cavalo, em que pareciam bem pelas ruas e praças, e se fizeram muitas festas, agradecendo a el-Rei a mercê que lhes fizera.

Esta cidade da Ponta Delgada é assim chamada por estar situada junto de uma ponta de pedra de biscouto, delgada e não grossa como outras da ilha, quase rasa com o mar, que depois, por se edificar mais perto dela uma ermida de Santa Clara, se chamou ponta de Santa Clara; antre a qual ponta e a da Galé se faz uma grande enseada, já dita, de compridão de três léguas. Tem um quarto de légua de comprido, e de largo, no meio do corpo dela, um bom tiro de escopeta; começa sua compridão na casa dos herdeiros do magnífico Baltasar Rebelo, da parte do oriente, e acaba em casa do esforçado e forçoso que foi Baltasar Roiz, de Santa Clara, ou ainda além, da banda do ponente; e, posto que no princípio e fim tenha só uma rua, pelo meio tem três, quatro, cinco e seis, atravessadas de norte a sul, em sua largura, com mais de dezasseis notáveis ruas, afora muitas azinhagas e becos e outras ruas menos principais e cursadas. Quase em todas elas há casas sumptuosas e ricas, sobradadas e muito altas, mas poucas de dois sobrados, e há paços, de fidalgos e homens poderosos, bem lavrados, afora os que agora começa o senhor Conde, quase no meio dela, e todas as casas tão fortes e edificadas com a melhor alvenaria que se pode achar em muitas partes, caiadas por dentro e por fora, que parecem fortalezas. Muitas das quais são tão notáveis e lustrosas que fora razão (sic) passar por elas, nem por seus donos, com silêncio; mas, por não causar fastio, com tantas particularidades, deixo as mais delas, somente fazendo menção das coisas mais notáveis que

enobrecem esta cidade, na qual, afora duzentos e oitenta soldados da Fortaleza, há mil e quinhentos e sessenta e quatro fogos e cinco mil e quatrocentas e setenta e cinco almas de confissão, das quais são de comunhão quatro mil e duzentas e trinta e seis, em três igrejas paroquiais, que há nela. A primeira da parte do oriente, é a do Príncipe dos Apóstolos, S. Pedro, que tem trezentos e trinta fogos e mil e cento e trinta almas de confissão, das quais são de comunhão oitocentas e oitenta e uma, cujo primeiro vigairo foi Estêvão Alvres Tenreiro; o segundo, Hector Tenreiro; o terceiro, João de Contreiras; o quarto, o ilustríssimo senhor licenciado Luís de Figueiredo, agora Bispo do Funchal; o quinto, Manuel Sanches, mestre em artes e bacharel formado em teologia; e beneficiados: o primeiro, Hector Tenreiro; o segundo, Pedro Anes; o terceiro, António Tenreiro; o quarto, Diogo Fernandes, capelão; o quinto, Fernão Gonçalves; o sexto, Francisco Fernandes; o sétimo, António Dias; o octavo, Gaspar Cansado; o nono, João de Bastos; o décimo, Francisco Rodrigues, transferido do Porto Formoso; o undécimo, Manuel Teixeira, transferido dos Fanais; o duodécimo, Cristóvão Francisco, transferido do Nordeste; o décimo tércio, Francisco Lopes; o décimo quarto, Lucas Gonçalves; o décimo quinto, Bartolomeu Cardoso; o décimo sexto, Pero de Matos; o décimo sétimo, Francisco da Cunha; e tem agora oito beneficiados. Lucas Gonçalves foi o primeiro cura nela; o segundo, António Gonçalves; o terceiro, o dito Lucas Gonçalves; o quarto, Diogo Domingues; o quinto Francisco Lopes, que também é beneficiado proprietário.

Está esta freguesia em um alto, junto do mar, onde se estão vendo da sua porta principal os navios ancorados e os que vêm à vela, e quase toda a cidade diante de si; com que é mui aprazível e muito mais será a nova que agora se ordena melhor, de naves, no mesmo lugar, cuja capela-mor se acabará cedo. Há nesta freguesia três ornadas ermidas: uma da Madre de Deus, que mandou fazer Diogo Afonso Columbreiro e fizeram fazer sua mulher Branca Roiz e sua filha Isabel Carneira, em um monte, de que descobre grande parte do mar e da terra; outra, pouco para o norte, de S. Gonçalo, ambas de muita romagem, e outra, de Nossa Senhora da Natividade, onde os pretos da cidade têm sua confraria. Pouco espaço adiante, para a parte do ocidente da sua Matriz, está a segunda freguesia em ordem, e primeira e mais principal em fábrica e edifícios e número de fregueses. É a igreja à advocação do mártir S. Sebastião, na praça da mesma cidade, defronte da casa da Câmara, junto do porto e alfândega, pelo que sempre é acompanhada e frequentada de muita gente, e poucas igrejas haverá em tão bom lugar situadas; é de bom grandor de naves e muito alta, com uma alta e graciosa torre do relógio, junto da capela-mor, da banda do norte, e outra fortíssima, ainda não acabada, para os sinos, pegada com a fronteira da porta principal, da parte do sul; com ricas capelas de uma e outra parte, antre as quais, no cruzeiro, da banda do mar, está ricamente feita e ornada a capela do Santíssimo Sacramento, com uma riquíssima confraria de ricos, devotos e curiosos confrades, que a têm provida de bons ornamentos e das mais ricas peças de toda a ilha; além das outras, que há na mesma igreja, todas bem providas e servidas. Sendo vereadores nesta cidade, quando era vila, Sebastião Barbosa da Silva e Gaspar de Viveiros, foi arrematada a obra de pedraria da dita igreja de S. Sebastião em um conto e trezentos e cinquenta mil reis, a um mestre Lupedo, que veio de Portugal, o qual recebeu logo cem mil reis a esta conta e foi buscar sua mulher ao Regno; e não querendo ela vir com ele, mandou de lá muita pedraria de mármore para os portais e peares, com um Afonso Fernandes, para trabalharem por ele, até tornar do Regno; mas, não podendo vir, por lhe acontecer um desastre, na era de mil e quinhentos e trinta e três anos, a treze dias de Janeiro, sendo vereadores na dita vila da Ponta Delgada Álvaro Lopes, o Cavaleiro, morador em Santo António, e Manuel de Matos, filho de Fernão do Quental, e juízes ordinários, Amador da Costa e Gaspar Camelo Pereira, e procurador do concelho, Fernão Vaz Cabêa, e procuradores dos misteres, Afonseanes e Álvaro de Miranda, se tornou a abrir o lanço e fez-se arrematação a Estêvão da Ponte e a Afonso Machado, pelo sobredito preço. E Nicolau Fernandes, que era extremado oficial, e seu irmão André Fernandes lavraram a obra dos portais e peares; a obra de alvenaria, fizeram, Estêvão da Ponte e Brás da Ponte, seu irmão; e da carpintaria Diogo Dias e Pero Fernandes, da cidade, e Diogalvres, de Água do Pau, a que foi arrematada.

Um poço de água salobra que estava no adro da igreja pequena, que se fez junto da porta travessa da banda do norte, de que dantes, quando não tinham fonte, bebiam os moradores da Ponta Delgada, fazendo-se depois maior a igreja, como agora está, ficou dentro nela; de cuja água se servem para a regarem no Verão e para outras necessidades. A obra de madeira do retábulo da dita igreja, deu o provedor da fazenda de el-Rei, Duarte Borges de Gamboa, a fazer ao imaginário Francisco Teixeira, e a obra de pincel e de ouro ao pintor Fernão de Matos.

Há na dita freguesia de S. Sebastião mil e vinte e quatro fogos e almas de confissão três mil e quinhentas e setenta e nove, das quais são de comunhão duas mil e setecentas e quarenta.

O primeiro vigairo foi Diogueanes, que viveu muitos anos; o segundo foi Columbreiro, chamado Rodrigueanes Soeiro, pai de João Dias Soeiro e avô do licenciado Diogo Dias Soeiro; o terceiro, Pero Gago Bocarro também Columbreiro, filho de Luiz Gago, o qual teve a igreja muitos anos; o quarto, Sebastião Ferreira, bom sacerdote e grande cantor, que agora tem o dito cargo. Dos beneficiados nela, foi o primeiro, Rui Fernandes que faleceu de cem anos; o segundo, João Roiz, que também foi tesoureiro; o terceiro, Gaspar Roiz, mestre do padre Aleixo Roiz, da melhor voz contralta que houve nas ilhas; o quarto, João da Rua, irmão de João Dabelas, feitor; o quinto, Gomes Pires, natural de Guimarães; o sexto, António Lobo; o sétimo, Diogo de Paiva; o oitavo, Sebastião Ferreira; o nono, Simão Gonçalves; o décimo, João Roiz Machado; o undécimo, Pero Mendes Pereira; o duodécimo, Pedreanes Mago; o decimo tércio, João Soares da Costa; o décimo quarto, João Cordeiro; o décimo quinto, Manuel Gonçalves; o décimo sexto, Afonso da Senra; o décimo sétimo, Francisco Dias Caiado; o décimo octavo, Gaspar Carvalho; o décimo nono, Alvareanes Freire; o vigésimo, João de Betancor de Sá; o vigésimo primo, João Alvres; o vigésimo segundo, Miguel Dias Morim; o vigésimo tércio, Pero Roiz Sarmento; o vigésimo quarto, Manuel Pires de Lima; o vigésimo quinto, Roque Coelho Medeiros; o vigésimo sexto, Pero de Araújo, o Velho; o vigésimo sétimo, o licenciado Beraldo Leite de Sequeira, que foi ouvidor do eclesiástico em toda esta ilha; o vigésimo octavo, Bertolameu Cardoso; o vigésimo nono, Belchior Furtado, capelão de el-Rei e da Fortaleza; o trigésimo, André Barbosa. Tem ao presente dez beneficiados ordinários e um tesoureiro; agora o é o padre Manuel Fernandes, que sucedeu a outros. O primeiro cura foi João Soares da Costa, como coadjutor do vigairo, com a quarta parte das ofertas; o segundo, António Gonçalves, também coadjutor; o terceiro, Gaspar Marreiro, coadjutor; o quarto, Baltasar de Paiva, já primeiro cura, com ordenado de quinze mil reis; o quinto, Nicolau Domingues; o sexto, Manuel Teixeira; o sétimo, Alvareanes Freire; o oitavo, Luiz Cabral; o nono, Miguel Martins; o décimo, Manuel Pires de Lima; o undécimo, Francisco Dias Caiado; o duodécimo, Gaspar Manuel; o décimo tércio, Manuel Fernandes Pepino; o décimo quarto, Francisco de Araújo; e o décimo quinto, João de Gouveia, que ambos juntamente agora têm este cargo. O primeiro mestre da capela, com ordenado de el-Rei, foi Sebastião Ferreira; o segundo, Afonso de Goes, que agora tem este cargo, com tão boa capela, como se pode achar em uma sé de grosíssima renda.

Há nesta freguesia quatro ermidas anexas; a primeira de S. Brás, mudada de junto da fortaleza, a par da fonte; a segunda, das Chagas; a terceira, do Corpo Santo, dos mareantes, bem fabricada e provida; a quarta, da Trindade ([262]) que o generoso fidalgo António de Sá mandou fazer, como oratório, dentro do circuito de suas casas.

A terceira freguesia, novamente feita, de Santa Clara, antes de ser acrescentada, tinha sessenta e dois fogos e almas de confissão duzentas e noventa e sete, das quais eram de comunhão duzentas e três. O primeiro vigairo foi o bacharel Ascêncio Gonçalves; o segundo, Francisco Fernandes, a quem o ilustríssimo Bispo D. Pedro de Castilho acrescentou os fregueses, que tirou de S. Sebastião, partindo a freguesia pela rua da Cruz; e tem agora duzentos e dez fogos e setecentas e sessenta e seis almas de confissão (afora duzentos e oitenta soldados que estão na Fortaleza) das quais são de sacramento seiscentas e quinze.

Teve o primeiro cura Rui Martins Furtado; o segundo, Gaspar Cansado, que ora serve em que tem anexa e apartada bom espaço uma ermida de Nossa Senhora da Piedade, que junto da sua quinta mandou antigamente edificar João Dias Caridade.

Há também nesta cidade (com que está mais honrada e doutrinada) um rico mosteiro da advocação de Nossa Senhora da Concepção, de boas oficinas e religiosos de boa vida e exemplo, da ordem de S. Francisco, onde ordinariamente residem quinze religiosos professos, dos quais são onze sacerdotes de missa, quatro leigos e seis noviços e dois serventes seculares.

Entre os quais sempre há alguns pregadores que têm o púlpito da cidade, por especial provisão dos Reis deste Regno, que além de com sua santa doctrina serem mestres das almas, com o seu conselho, favor e presença, foram sempre e são como pais da Pátria, e à porta do mosteiro dão cada dia suas esmolas a pobres. A qual também se enobrece e favorece com dois insignes mosteiros de religiosas de Santa Clara, todas mulheres de aprovada virtude, um da advocação de Nossa Senhora da Esperança, onde estão vinte e cinco religiosas de véu

preto e cinco noviças, à obediência dos mesmos religiosos, o qual mandou fazer a Capitôa D. Filipa Coutinha, mulher do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, segundo do nome, onde ambos têm sua sepultura ([263]), outro, da advocação de Santo André, à obediência do Bispo, que à sua custa mandou fazer e dotou Diogo Vaz Carreiro, e sua mulher Breatiz Camela, principalmente para suas parentas pobres, que sempre fossem vinte, e faltando uma se recebesse em seu lugar outra, qual seus administradores ordenassem, de que ao presente é padroeiro o licenciado António de Frias, casado com uma sobrinha da dita, Breatiz Roiz, onde agora residem vinte e seis freiras professas e cinco noviças.

Se estes mosteiros, no espiritual, ajudam muito as almas, com seus sacrifícios, orações, doctrina, conselho e exemplo, não menos é enobrecida e ajudada, no temporal, esta nobre cidade, com um Sprital e Casa de Misericórdia que junta tem, para que juntamente os irmãos da Casa remem ambos os remos, e ajudem e sirvam aos enfermos e sãos.

A Rainha D. Lianor, mulher que foi de el-Rei D. João, segundo do nome, e irmã de el-Rei D Manuel, foi uma muita virtuosa e católica cristã e não se contentando fazer, como fazia em sua vida, muitas e grandes esmolas a pobres, ordenou como também, depois de sua morte, fossem muitos pobres providos em suas necessidades, e para isso instituiu a insigne confraria da Misericórdia nestes Reinos, sendo ela Regente d'eles, no tempo que el-Rei D. Manuel, seu irmão, era ido a Castela com a Rainha, princesa D. Isabel, sua mulher, a fazerem- se jurar por Príncipes d'aqueles Reinos; para a qual confraria el- Rei D. Manuel deu de juro, cada ano, de esmola, um conto de reis para sustentação de órfãos, e quinhentos mil reis para outras obras-pias. Dali por diante, à imitação desta confraria, se instituíram outras e fundaram Casas de Misericórdia em muitas partes de Portugal e nestas ilhas, não havendo tais confrarias em nenhuma parte do mundo, nem em Castela, senão as que em Portugal então, de novo, se fundaram; e ainda que na cidade de Angra depois disto se fundou uma Casa de Misericórdia, onde se curam muitos enfermos e fazem muitas obras-pias, nesta cidade da Ponta Delgada está fundada esta Casa da Misericórdia, não tão rica de edifícios mortos, mas riquíssima de corações vivos e acesos em muita caridade, com que se servem e curam os enfermos, e agasalham e provêm os pobres nela, pelos irmãos da Casa, com tanta diligência, amor, fervor e cuidado, e sobretudo com grande despesa e gasto de suas próprias fazendas, que não duvido, senão que os bens que nela se fazem defendem esta terra dos graves castigos, que porventura por seus pecados merecem seus habitadores. E esta Casa de Misericórdia é bóia que sustenta em peso toda esta ilha, para que se não vá ao fundo; ainda que não tivesse outra coisa mais que esta Casa, esta é a maior nobreza das nobrezas e maior grandeza das grandezas, que enobrece esta nobre cidade da Ponta Delgada, e por ela fica enobrecida e engrandecida toda a ilha; e para ser mais nobre, agora se vai edificando uma sumptuosa e custosa igreja da advocação do Spirito Santo, por outra que tem, com uma capela de S. João Batista, ser muito pequena. Por os moradores desta cidade gastarem tão largo nesta Casa e, sendo senhores, se fazerem criados e escravos dos pobres dela, lhe acrescem com esta misericórdia e humildade todos os bens a montes, e parece que Deus, agradecendo-lhe o que fazem, os está servindo a eles pelos proveitos que lhe dá em suas novidades, granjearias e comércios, porque, além de lhe frutificar bem a terra, a tem defensável com uma inexpugnável fortaleza, provida de mui grossa e furiosa artilharia, e de muitas munições de guerra, e dentro (afora um poço para serviço da gente) uma cisterna que leva mil e duzentas pipas, e ordinariamente tem mais de oitocentas de água boa e sã, por ser mui batida do ordinário que com um caldeirão cada dia tiram dela. Está situada esta Fortaleza sobre o porto principal, com outro porto e forte cais ao pé dela. Tem porto e alfândega, junto dele, que se mudou para ela depois de passada a subversão de Vila-Franca do Campo, onde então estava, em que há despacho das saídas das mercadorias da terra e das entradas das que vêm de fora; juiz do mar e contador; e residem os feitores e oficiais de el-Rei, e todas as justiças nela fazem seu principal assento, como são govenadores, corregedores, juízes de fora e ouvidores do Capitão; além de ser lustrosa e enobrecida com a presença dos Capitães da ilha, quando estão na terra.

O porto dela é de boa ancoragem e sempre frequentado de muitos navios, principalmente no Verão, que trazem muitas mercadorias de vários Regnos de fora e levam as da terra, além de outros que de diversas partes passam por ele, de caminho; e muito bom, com dois custosos e fortes cais, que servem de muro, e um deles de despejos de mercadorias com que se reparte em dois; e, para servir melhor, se quebrou debaixo de água uma pedra de rocha, que estava no meio dele, com que dantes perigavam os navios, ao entrar; vendo fazer isto, com gatos e grandes torquezes e tesouras de ferro, e com jangadas de pipas e madeira, disse um castelhano — que lhe valesse Deus, pois até as pedras, debaixo do mar, não estavam

seguras. E muito menos seguros se acham os ladrões, quando se vêem atados e justiçados no pelourinho, que está sobre o cais, defronte dele. Tem bom e espaçoso carregadouro, e ainda que é a costa brava, e não rio, não correm os navios perigo, se não se descuidam, porque, quando faz vento que para estar nele lhes é contrário, com se fazerem à vela se asseguram. Pela boca deste porto da cidade entram todas as mercadorias, de diversas partes de fora, para a alfândega, e dali correm e se repartem para todos os mais lugares; da qual, como de estômago, se provê todo o corpo da ilha. Saem, cada ano, por pelouros, três vereadores e um procurador do concelho que a governam com quatro procuradores dos misteres, para ajudarem a requerer as coisas que pertencem ao povo, e dois almotacés, cada três meses. O juiz de fora e o ouvidor servem por provisão, de três em três anos; têm escrivão e meirinho perpétuos, que agora são Pedro Homem e Vasco Caldeira, que de aução nova demandam perante seu ouvidor e se tratam seus casos e auções, ante ele, também de agravo. O juiz tem seu alcaide e serve de juiz dos resíduos em toda a ilha, em absência dos corregedores, e de corregedor na de Santa Maria. Havia juízes ordinários da terra, antes que os de fora viessem.

Há nesta cidade, na Relva, Fajã, Rosto de Cão e seus termos mais chegados, mil homens de armas, debaixo de quatro bandeiras. Os primeiros capitães das ordenanças foram João Velho Cabral, Pero Pacheco e Pedralvres Benevides; mas outros dizem que os primeiros foram Jorge Nunes Botelho, Mendo de Vasconcelos, Gaspar do Rego e Rui Velho; e depois foram Francisco de Arruda da Costa, João Roiz Camelo, Manuel Alvres, Bartolomeu Nogueira, Pero Castanho; Nuno Barbosa, João de Melo, João de Arruda da Costa, Gaspar de Teve Benevides e Gonçalo Tavares. E no lugar de Rosto de Cão é capitão Manuel da Costa, filho de Amador da Costa, e no lugar da Relva, João Roiz Ferreira.

Das quatro bandeiras que havia na cidade, cada uma de duzentos e cinquenta homens, fez o governador Ambrósio de Aguiar uma para a Fortaleza, de cem homens, de que era capitão Rui Vaz de Medeiros, e estas cinco bandeiras dividiu o governador Martim Afonso de Melo em sete, de que foram capitães os seguintes:

João de Melo, capitão, teve duzentos homens; alferes, Francisco de Melo; e sargento, seu irmão Brás de Melo, ambos filhos de Roque Gonçalves Caiado.

Gaspar de Teves, capitão de duzentos homens; alferes, António Afonso; sargento, João Rebelo.

João de Arruda da Costa, capitão de cento e cinquenta homens; alferes, Manuel Pavão; e sargento, João Velho Cabral, neto de Rui Velho.

João Roiz Ferreira, capitão de cento e vinte homens; alferes, António Lopes Falcão; sargento, Afonso Gonçalves Ferreira, filho do dito capitão.

Brás Raposo, capitão de duzentos homens; alferes, Afonso de Goes; e sargento, Gaspar Camelo.

Gonçalo Tavares, capitão de cento e cinquenta homens; alferes, Ambrósio Nogueira; sargento, Pedro Furtado.

Rui Vaz de Medeiros, capitão de cem homens; alferes, Bento Dias; sargento, António Carvalho; segundo alferes, Manuel Serrão; e sargento, Fernão do Quental. O primeiro sargento-mor foi João Fernandes de Grades, que veio com o Capitão Manuel da Câmara, quando trouxe a artilharia a esta ilha; o segundo, Francisco de Osouro da Fonseca; o terceiro, Manuel Serrão, que serviu em sua absência; o quarto, Simão do Quental; o quinto, Manuel Correia, que agora tem este cargo. Aos alferes antigos não pude saber os nomes; depois direi os dos capitães, alferes e sargentos que ao presente há, assim na cidade, como em toda a ilha.

Há aí também, nesta cidade, um conselheiro, capitão do número, como mestre de campo, que veio a esta ilha com o Conde Capitão Rui Gonçalves da Câmara, por mandado e provisão de el-Rei, com seu ordenado, que pagam, como ao sargento-mor, as imposições da cidade e vilas, chamado Cristóvão de Crasto, homem de grande curiosidade e engenho, que agora reside na dita cidade.

Vivem nesta cidade muitos homens fidalgos, honrados e poderosos, de boas rendas de quarenta moios para baixo, muitos para cima, até chegar a trezentos moios, cada ano. Teve Gaspar do Rego Baldaia trezentos e sessenta e seis moios de renda, tantos moios quantos dias o ano tem, afora muita renda de foros e dinheiro; seu filho, o grão capitão Francisco do

Rego de Sá teve o mesmo, mas pretendeu servir a el-Rei e tem condição larga, com que gastou muito em coisas que sucederam no mar, andando por capitão; fez os sessenta e seis moios pouco mais ou menos de foro sobre sua fazenda, e ainda lhe ficam foros a ele e a sua mãe, D. Margarida de Sá, trezentos moios. Mas, como ele é largo de condição, não lhe abasta todo o mundo. Muitos têm muitas rendas, além das granjearias de suas lavranças, de muito trigo e pastel, e foros e outras inteligências que têm alguns com mercadores, que passo agora com silêncio, porque de todos eles e dos da ilha toda farei adiante particular relação. Há nesta cidade uma fonte da melhor água de toda a ilha, e por tal julgada, ainda que nela se acham fontes e ribeiras de frescas águas, bebendo dantes água salobra de um poço que depois ficou dentro na igreja Matriz de S. Sebastião. Dantes se servia com algumas atafonas que antigamente o Capitão Rui Gonçalves, segundo do nome, mandou fazer, e outras que consentiam na mesma cidade; agora tem a serventia das moendas, trabalhosa e quase insofrível dos compridos caminhos até à Ribeira Grande e Água do Pau, onde estão os moinhos; mas é tão populosa cidade e de gente tão rica que com tudo pode, ainda que muito lhe custa, e a tem cercada ao redor de muitas quintas e pomares, afora os frescos jardins que dentro em si tem. Nela há poucas carnes para tanta gente, pelo que a mais dela se mantém a maior parte do tempo com pescado, de que há, com muitos batéis de pescaria, grande abundância.

Tornando à costa dela (que toda aquela parte, por ser de terra baixa sem rocha e penedia rasa com o mar, é bem assombrada e alegre) adiante da entrada da cidade, depois da casa de Baltasar Rebelo, passadas algumas ruas, que vão da principal dar no mar, está um pequeno porto de cascalho (chamado a Calheta de Pero de Teve, do nome de um homem honrado que ali morava, onde têm hoje seus herdeiros suas custosas casas), em o qual se lava roupa e se cortem (sic) carros novos, depois de ferrados; e junto está o poço de Duarte Borges de Gamboa que, sendo provedor da fazenda de el-Rei, ali mandou fazer, para se granar o pastel com água dele. Adiante está um torno de água, tão grosso como um braço, que se descobre com a maré vazia, e se suspeita ser fonte ou parte de alguma ribeira. Logo está uma ponta pequena ao mar, de penedia, à maneira de cais, abaixo da igreja paroquial de São Pedro, onde embarcam e desembarcam algumas pessoas para irem a outras partes da ilha e fora dela. Mais adiante estão outras baías e calhetas pequenas, em que com maré vazia lavam roupa; e logo o porto da cidade (como disse), com dois cais de cantaria e suas escadas de serventia; e por um estar no meio do porto, faz de um dois, no de leste entram os navios, e no de loeste entram e vão batéis, e está o Pelourinho que disse; e para ambos entram por uma barra. Sobre o cais, da banda do levante está a alfândega com muitas oficinas e ameias, e, da banda da terra, está um peitoril, com sua porta, como muro, com suas bombardeiras, que aparta a praça da cidade de ambos os portos ou do porto dela; no primeiro dos quais, onde entram os navios, parece correr uma ribeira de água quase doce que ali com a salgada se mistura, ainda que por mais certo se tem ser água do mar que com a enchente se sume pela terra e com a vasante torna a sair dela, já menos salgada; e no segundo estava um chafariz grande como tanque, onde tomavam água os mareantes e lavavam roupa, procedido de outro que com a frescura das muitas bicas está ornando a Praça, o qual mandou fazer um Micer Bernardo.

Além está uma ponta de penedia rasa e delgada, de que tomou a cidade este nome; e logo a ermida do Corpo Santo, em que os mareantes têm sua rica confraria, e em outra ponta, defronte dos paços de António de Sá que foram de D. Fernando, antre ela e a Fortaleza, está outro porto de areia, que se fez com grandes gastos, e um cais de tão grande penedia de pedra ensossa, que quase cada uma custou, posta nele, como pedra preciosa, cinco, seis cruzados, fazendo um porto para por ele se servir a mesma Fortaleza, começando da porta direito a leste; no pé da qual esteve uma ermida do mártir São Brás, que já agora está mudada a outra parte, junto da Fonte; e dentro na Fortaleza, que está bem provida de furiosa e temerosa artilharia, está um grande poço de água salobra e uma cistema, que já disse, muito custosa, formosa e boa, e de muito artifício, que dentro ordenou fazer-se o insigne mestre de campo Agostinho Inhiguez, que nesta ilha governou a gente de guerra, que nela ficou para a conquista da ilha Terceira, que leva as mil e duzentas pipas de água, já ditas, que se toma dos telhados das casas que dentro tem; e fora dela outro poço. Além, pouco espaço da Fortaleza para loeste, está uma ponta que se chama a Ponta dos Algares, porque saem ali dois com suas bocas, por dentro dos quais se caminha grande caminho por baixo da terra, por cujo vão parece que correu ribeira de pedra de biscouto, em outro tempo, não sabido, nem visto. Defronte da qual ponta está um baixo, antre o qual e a terra passam barcos, e logo está uma pequena baía de areia, defronte das casas do generoso e em tudo grandioso Francisco de

Arruda da Costa, merecedor de grandes coisas, toda por sua indústria e com grande custo seu cercada de muro e cubelos, com sua porta para o mar, tudo muito defensável, e pegado com a porta, chamada de Santa Clara, por estar ali a igreja paroquial desta Santa, onde se acaba a principal costa da cidade, que ainda chega à outra ponta de Baltasar Roiz. Antre a qual ponta e a da Galé (como já disse), fica a grande baía de três léguas de comprido; e pelo não ser mais que isto e não fazer um longo processo, deixo de contar as mais particularidades e grandezas que há nesta cidade. Finalmente nela está o corpo dos negócios, riquezas, habitações e comunicações de todo o trato e contratos de toda a ilha; e residem os mercadores mais ricos de mil, dois mil, três, até cento e duzentos mil cruzados de fazenda (como adiante direi), que têm comércio em Portugal, Castela, ilha da Madeira, Canárias, Frandes e outras partidas; e se negoceiam os negócios desta ilha por um modo tão bom, chão e verdadeiro, que segundo nas partes estrangeiras não há nenhuma que de seu igual lhe faça avantage.

CAPÍTULO XLIV

DA DESCRIÇÃO DA COSTA DA BANDA DO SUL, DESDE A PONTA DE SANTA CLARA, QUASE CABO DA CIDADE, ATÉ OS ESCALVADOS, FIM DA COMPRIDÃO DA ILHA

Da ponta de Santa Clara começa correr a costa com rocha baixa para o noroeste, até uma pequena ponta ao mar, que se chama a Ponta de Baltasar Roiz (porque morou ali um homem principal, deste nome), em que se acaba a compridão da cidade. Vai logo além alevantando a rocha mui alta, e fazendo urna baía, na qual está o lugar da Relva, meia légua da cidade, ao longo da rocha, como no outro caminho que há pela terra dentro até o mesmo lugar estão feitas as quintas de Francisco Ramalho, de seu sogro Afonso Anes, de João de Arruda da Costa e de João Roiz Ferreira, e casas de outros moradores, como de Lisboa até Belém, que quase tudo é a mesma cidade. Tanto vão em crescimento as gentes nesta terra, que tudo pode sustentar, ainda que alguns com algum trabalho, como em todas as outras acontece.

No caminho, pela terra dentro, que digo haver da cidade até o lugar da Relva, está, saindo da cidade, a fazenda que foi do licenciado Manuel Garcia, letrado em leis, homem de grandes espíritos, assim nas letras, como no governo da terra, fazendo o que entendia ser proveito dela, sem temer nem dever. Logo adiante está a quinta de Francisco Ramalho, toda cercada de alto muro, dentro da qual tem seus ricos aposentos e todas as coisas com grande ordem, seu pombal e tanque, para beberem os bois e cavalos e mais bestas de serviço, de que tiram água para lavar roupa quase todo o ano, ao qual vem água de fora do caminho e dele vai também para um fresco pomar, em que aproveita toda. Entrando por umas varandas na sala, dela vão ter à cozinha, da qual saindo a um páteo, vão subindo por uns degraus, até entrar em uma câmara de hóspedes, a qual está ladrilhada de tijolo, sobre uma tão grande cisterna que levará cem pipas de água limpa, de que bebem os de casa e muitos de fora e, quando falta no tanque, que leva mais de cem pipas de água, também dela se tira água para granar muita soma de pastel, na tulha que ali tem pegada; a água da qual cistema se colhe por canos dos telhados das casas, e detrás da torre dos hóspedes está um chafariz, que da cisterna corre, para os criados de casa tomarem água para beberem, sem irem por diante devassar as casas; e em um canto dos granéis, para a banda do levante, tem outra cisterna que leva oitenta pipas de água. Tem também três engenhos, com seu campo de caniços e sua tulha muito grande, em que grana o seu pastel, de que fará mil quintais cada um ano, e dois grandes granéis, um para trigo e outro para cevada e centeio, na lójea dos quais tem dois engenhos e guarda neles toda a fábrica da abegoaria de seu serviço. Tem casa de galinhas e outra de porcos. Fecha-se todo este circuito por dentro, como uma fortaleza; até os seus criados e escravos, que dormem na lójea da sala, fecha de cima do sobrado, com uma régua de pau que vai calando pelo meio da parede abaixo até dar em um dos couces da tranca, de tal maneira que de nenhum modo se pode abrir, senão se quebrarem a tranca com machados; e de cima fica fechada aquela régua dentro em um almário que ele pela manhã abre ou manda abrir para os criados saírem ao serviço. Debaixo de toda a cozinha tem um vão em que recolhem os carros e sebes, para que não apodreçam com as chuvas do Inverno, nem fendam com as calmas do Verão; porque a mais abegoaria de todas as casas se lança e ajunta em um lugar onde apodrece, que depois vale muito para as terras, onde manda deitar perto de cem carradas dele.

Perto, da outra parte do caminho para o norte, está a quinta de Afonso Anes, seu sogro, que agora é de herdeiros. Mais adiante, em um alto, está a quinta de João de Arruda da Costa, de grande casaria e oficinas, com um fresco pomar, em que se aconteceu criar um passarinho que iam muitos ver por maravilha, porque, estando no ninho com os filhos, não se alevantava ainda que passassem junto dele e, se alguém Ihe chegava o dedo, o mordia com o bico, sem se bolir do ninho; tanto pode o amor maternal, — arriscava sua vida pela de seus filhos. É este João de Arruda grande cavaleiro e amigo de Deus e da virtude. Mais além, junto do lugar da Relva, está

a quinta e fazenda de João Roiz Ferreira, da progénie dos Reis de Escórcia, da grande casa de Drumond, bom cavaleiro e homem de grandes forças e valentia.

O lugar da Relva cobrou este nome, porque no tempo antigo havia por ali boa erva, e onde a costuma haver chamam todos nesta terra, comummente relva; e os moradores da cidade mandavam deitar para aquela parte, naquele campo, seus gados, por se achar nele boa comedia para eles, dizendo aos moços e pastores que levassem os bois à relva, onde os mantinham e criavam; e como dantes era sua relva, agora é seu termo. E, depois que se edificou o lugar e deixou de ser relva, lhe ficou este nome que dantes tinha. É freguesia da advocação de Nossa Senhora das Neves, cuja festa se celebra a cinco dias de Agosto. Tem cento e trinta e sete fogos e almas de confissão quatrocentas e quarenta e sete, das quais são de comunhão trezentas e trinta e uma. O primeiro vigairo nela foi Álvaro Anes; o segundo, Simão Gonçalves; o terceiro, Hector Tenreiro; o quarto, António Lobo; o quinto, João de Contreiras; o sexto, António Neto; o sétimo, Sebastião Roiz Panchina; o octavo, o licenciado Francisco Leal, que agora serve. Há neste lugar poucos homens que lavrem herdades suas e todos se governam de lavoura, por serem boas terras, mas já não tanto como são as da cidade. Nele reside, o tempo do Verão, o muito nobre fidalgo João de Melo, cavaleiro do hábito de Cristo, genro de Francisco de Arruda da Costa, casado com sua filha Maria de Arruda da Costa, que foi ao Reino, pela cidade, em nome de toda esta ilha, dar obediência ao muito alto, poderoso e católico Rei D. Filipe. Tem este lugar, em baixo, na rocha, uma fonte de água doce de que bebe o povo, que se chama a Fonte do Contador, porque Martim Vaz, que teve este cargo em todas estas ilhas, vivendo ali, lhe deu lustro com o mandar concertá-la em baixo, quase ao lível do mar, onde corre ou nasce, e o caminho que pela alta rocha a ele descemos. Indo da Relva, para o ponente, espaço de dois tiros de arcabuz, está uma pequena ponta ao mar, chamada do Feno, pelo haver nela. Adiante, meia légua, está a Rocha Quebrada, que pouco há quebrou, com que se fez uma enseada e entrada ao mar na terra, não muito grande; antes dela, estão na rocha algumas fajãs que são ou foram de Gaspar do Rego Baldaia e têm algumas vinhas. Dali a um quarto de légua está a grota que se chama da Figueira, por haver tido em si uma; e logo junto está a ponta Aguda, assim dita pelo ser a rocha que faz; desta ponta Aguda a um quarto de légua está a Cruz de Monte Gordo, que é uma terra grossa, onde de muito tempo a esta parte está uma cruz arvorada, fazendo ali a rocha uma ponta ao mar, que se chama a ponta da Cruz, defronte da qual estão no mar uns baixos. Adiante está outra ponta, que chamam das Feiteiras, por haver nela muitos feitos, que tem uns ilhéus ao mar, muito pequenos, antre os quais e a ponta passam barcos; onde estão as terras que foram de D. Fernando e de D. Guiomar de Sá, sua mulher. Dali a mais de um quarto de légua está um porto em que saem batéis, por cuja razão se chama o porto dos Batéis, no qual já se fez antigamente uma nau muito grande; e arriba, na terra, está o lugar das Feiteiras que cobrou este nome por haver nele muitos feitos, em uma terra mais baixa e rasa, muito bem assombrada que se quer parecer nesta parte com a da ilha da Madeira, cuja freguesia é da invocação de Santa Luzia; tem noventa e dois fogos e almas de confissão quatrocentas e duas, das quais são de comunhão duzentas e oitenta, a cujo primeiro vigairo não soube o nome; o segundo foi André Fernandes; o terceiro, Domingos Afonso, que agora tem este cargo. Os fregueses vivem por lavouras de trigo e pastel. Mora ali alguma gente nobre, principalmente o generoso fidalgo Jorge Camelo da Costa Cogumbreiro, casado com D. Margarida, filha de Pero Pacheco, e, ainda que não tem filhos com que gastar o seu, é tão grandioso e liberal que setenta moios de trigo que terá de renda cada ano, assim ali, como no lugar dos Mosteiros, afora os muitos que recolhe de suas searas, de que alguns anos paga ao dízimo doze, catorze moios, quase todos gasta em sustentar parentes e parentas honradas e com muitos hóspedes que nunca lhe faltam e em muitas esmolas que ele e sua mulher fazem a pobres. Fez no mesmo lugar uma igreja da advocação de Nossa Senhora de Guadelupe, tão alta e rica e sumptuosa, com uma capela de abóbada tão bem lavrada e ornada, que bem se parece obra dela com quem a mandou fazer, em que gastou mais de três mil cruzados, com que está honrado e amparado e dando lustro àquele lugar, enriquecendo-o com suas obras pias, suprindo todas as faltas, enobrecendo-o com sua presença, ajudando-o com seu favor, sendo pai de todos sem ter filhos e finalmente não poupando nada do seu por valer e enriquecer a todos; pelo que é sua casa um rico hospital de pobres, um farto gasalhado de ricos, um refúgio de caminhantes, uma pousada geral para hóspedes.

Tem este lugar uma pequena ribeira de boa água, com que de presa ou tanque já moeu e pode moer uma azenha, que corre pelo meio dele e sai ao mar junto ao porto dos Batéis.

Das Feiteiras a três quartos de légua para loeste, sai ao mar uma pequena ribeira, ao longo da qual, pela terra dentro, dois tiros de espingarda, está a freguesia que o povo chama de Nossa Senhora da Candelária ou das Candeias, que é da advocação da Purificação; junto da qual ribeira, para a banda do ponente, está uma ponta ao mar, que chamam a ponta do Camelo, do nome de um homem assim chamado, que ali morava. Tem este lugar quarenta e um fogos e almas de confissão cento e dezanove, das quais são de comunhão cinquenta e sete; cujo primeiro vigairo foi Brás Pires, pai de João Loução; o segundo, Francisco Fernandes; o terceiro, Manuel Dias Barroso; o quarto, Domingos de Crasto, que agora serve. Os moradores vivem por lavoura de trigo e pastel e alguns se aproveitam da lenha que trazem dali perto, da concavidade das Sete-Cidades. Adiante, meia légua, está a fresca e bem acabada ermida de Nossa Senhora do Socorro, que fez um Diogo Gonçalves; dali a um quarto de légua, está a ponta chamada de Pero de Moura, por haver morado ali um homem deste nome. Mais adiante, outro quarto de légua, está a nova freguesia de S. Sebastião, cujo primeiro vigairo é Gaspar Carvalho. Tem setenta e oito fogos e almas de confissão trezentas e vinte e quatro, das quais são de comunhão duzentas e dezanove; todos vivem de lavoura de trigo e pastel, pelo modo que os passados. Está esta freguesia em uma formosa, fresca e bem assombrada várzea, amparada dos ventos da banda do mar com o pico dos Genetes, chamado assim ou por ele ter uma selada no meio, como sela e diante por ser levantado como arção de sela e detrás outro; e por ser assim selado no meio, como genete, se chama pico dos Genetes, mais que (como outros dizem) por nele se criarem genetes. Da banda da serra, com o mato de frescas faias e outras árvores, é o pico dos Genetes de Aires Jácome, e achando-se nele uns olheiros donde, metendo-lhe um braço dentro, sai deles um ar e bafo quente. Antre este pico e o das Ferrarias, estão duas pontas ao mar, que alguns chamam pontas do Mendo, por antigamente morar ali um fidalgo chamado Mendo de Vasconcelos, onde se mata muito pescado de toda sorte e podem chegar ao longo delas navios e batéis, que ali fazem ricas pescarias com que abastam de peixe muito bom a cidade da Ponta Delgada e outras partes da ilha.

Da Várzea ou freguesia de S. Sebastião a quatro tiros de besta para loeste, está o pico de Marcos Lopes Anriques, que chamam das Camarinhas, por ter árvores desta fruta no seu cume; chama- se também pico das Ferrarias, porque no tempo passado, antes de ser descoberta esta ilha, sendo tão alto junto com o mar que o fazia alcantilado, arrebentou (como parece claramente a quem agora o vê) e lançou de si para a parte do mar uma ribeira de fogo, que se meteu tanto pelo mesmo mar, que ocupou dele grande espaço, ficando onde dantes era mar um espaçoso e largo cais de biscoutos, ao longo da costa, tanto como três tiros de besta, que tem de largura, e dois de compridão, entrando na água salgada; ficando esta ponta de pedra baixa e rasa. Ao pé deste pico junto do dito cais, para a banda de leste, sai uma formosa ribeira, de água tão quente que nela se pelam leitões, coze peixe e escascam lapas, que ali se criam nas pedras; a qual ribeira se cobre com a maré cheia, mas com ela vazia mostra bem sua grandeza, doçura e quentura; é tão grande que pode com ela moer uma azenha e suspeitam alguns que vai das Sete-Cidades, dali meia légua; e ainda que as alagoas que há na concavidade das Sete-Cidades sejam de água fria, por debaixo da terra, em alguns vieiros de enxofre ou salitre, parece que se vai aquentando e cobra fogo, e por isso ao longo do mar sai quente. Os biscoutos de pedra que deste pico correram são tanto mais pesados que outros que há em muitas partes desta ilha, que no peso e forma parecem as escórias do ferro que nas ferrarias se acham, pela qual razão puseram a este lugar, e ao cais de biscouto de pedra que dele correu, este nome de Ferrarias. Donde parece que, além de haver naquele alto pico muitas veias de enxofre, marquesita e pedra hume, por ventura algum salitre, há também veia de ferro e outros líquidos metais, como se pode ver no biscouto que ali correu e na diferença que tem no peso de todos os outros biscoutos da ilha, os quais parecem ter todos alguma mistura dos ditos metais, principalmente de marquesita e ferro, de que este biscouto das Ferrarias tem maior parte; e no mar defronte destas Ferrarias se fazem as melhores pescarias da ilha, onde se tomam meros, chernes, crongos e muitas maneiras de pescados.

Antre o pico das Ferrarias e os Mosteiros, estão no calhau, junto do mar, duas fontes pequenas, uma na grota de Rui Vaz e outra no pé da rocha das Ferrarias. Para loeste, dois tiros de besta, estão os Escalvados, que são uma pequena ponta escalvada por cima, sem criar em si erva, pelo que se chamam aqueles lugares dela os Escalvados, onde é fim e topo da ilha, da parte de loeste, ainda que fica voltando já do sul para o noroeste; e este é o rabo da opa roçagante do grande gigante Almourol, ficando o pico das Ferrarias, que é o seu pé esquerdo, armado de ferro, porque dos Mosteiros (que estão junto aos Escalvados, que são o

pé direito, que tem dentro no mar) direi depois quando tratar da costa da banda do norte, como logo contar quero, tornando-me ao Nordeste, que é a cabeça donde pela parte do sul comecei a contar a figura de seu corpo ([264]).

CAPÍTULO XLV

EM QUE CONTA A VERDADE A DESCRIÇÃO DA ILHA DE S. MIGUEL, PELA COSTA DA BANDA DO NORTE, COMEÇANDO DA VILA DO NORDESTE ATÉ À DA RIBEIRA GRANDE

Quando, Senhora, comecei a contar a descrição desta ilha pela costa do sul, disse o que sabia da vila do Nordeste; agora, começando dela por diante, irei dizendo a costa do norte, por cuja parte não há porto nenhum de que se use para carregação alguma. Os portos que tem são somente para batéis e, com bons tempos, para pescar, mais que para outra serventia, porque por terra, com carros e bestas se serve toda a banda do norte para a do sul, de uma parte para a outra, pelo meio dela, por ser terra mais chã e assentada; a mais por uma banda e outra, por ser mais fragosa, se serve de longe e leva tudo por batéis, mais pela banda do sul, que tem o mar mais brando e navegável que pela do norte, onde poucas vezes e com poucos tempos se navega, por a costa ser brava.

Segundo tenho dito, do Topo (que é ponta grossa e alta como cunhal que ali tem esta ilha da parte do oriente, chamado do Nordeste) a meia légua, correndo a costa ao mesmo vento nordeste ou norte, está a vila do Nordeste; a qual ponta ou topo se chama Topo do Nordeste porque os que vêm do oriente para esta ilha, a primeira coisa que dela vêem e topam com a vista é esta ponta dela, que é mui alta terra e rocha, e por isso se chama Topo. Nesta costa, afastado da vila um tiro de espingarda, sai ao mar uma grande ribeira chamada do Guilhelme, porque antigamente morou ali um framengo deste nome; nela estão os moinhos desta ribeira, e daí por diante leva todo o rosto ao norte. Logo, correndo a costa da banda do norte para loeste, está um baixo de pedra no mar, pouco apartado da terra, que se chama a ponta da Moreia, porque é ali calhau e há nele muitas moreias. Logo mais adiante, meia légua, está a ponta ou lomba dita de S. Pedro, que é uma igreja deste glorioso Príncipe dos Apóstolos, freguesia de quarenta e um fogos e cento e oitenta e uma almas de confissão, das quais são de comunhão sessenta; cujo primeiro vigairo foi Marcos Fernandes, e o segundo Francisco Vaz, que ora serve; onde sai uma ribeira ao mar, nesta ponta de S. Pedro, que se chama ribeira das Lájeas, por correr por elas. E adiante, meia légua dela, corre outra, por uma muito alta e cavada rocha, chamada — Dispe-te que suas, porque quem a acaba de passar de uma parte a outra, vai já tão encalmado e suado com descer e subir por suas íngremes ladeiras, que é necessário despir-se para desafrontar, desencalmar e tomar ar, descansando; e da ribeira do Guilhelme até esta, é a freguesia de S. Pedro, em que os moradores fazem suas lavouras costumadas de trigo e pastel, ainda que pouco.

Desta ribeira e grota de — Dispe-te que suas, que está duas léguas do Nordeste, onde acaba seu termo, adiante logo, meia légua para loeste, está outra grande ribeira, chamada da Mulher, porque (segundo dizem alguns) deitaram ali fora de um navio (onde ela sai ao mar) uma mulher que vinha doente para parir, e no mesmo lugar pariu; outros dizem que a deitaram com um moço pequeno, em sua companhia, por ela vir enferma e rogar muito que a deitassem em terra, que se não atrevia ir mais pelo mar, onde a acharam depois uns vaqueiros que por ali perto andavam com seus gados, na Algarvia: outros dizem que aparecia ali uma mulher de noite, como fantasma, que espantava os caminhantes. Mas outros (como já tenho contado) contam por mais certo que esta era a mulher que fugiu da ilha de Santa Maria com seu amigo e um companheiro, um dos quais morto pelo outro, e depois, enforcado na Povoação Velha, por isso e por furtar o fato de três em três dias e queimar as casas de palha e feno que os primeiros povoadores ali faziam, vendo-se a mulher desamparada de um e de outro, fugiu pelo pico da Caldeira, que está antre a Povoação e o Faial e dali pela encumeada, atravessando a serra direita ao norte, foi ter ao pico da Vara, onde nasce esta ribeira, que corre para a banda do norte, chamada da Mulher, pela acharem depois nela uns dos primeiros descobridores da ilha, indo também descobrindo a serra pelo mesmo caminho, que estava escalvado e coberto de cinzeiro e pedra pomes, que parecia haver caído quando arrebentaram as Furnas; e pela

acharem naquela ribeira, lhe puseram nome ribeira da Mulher, o que dizem ser mais verdadeiro. Sai esta ribeira da Mulher no meio de uma enseada pequena. Antre esta ribeira da Mulher e a de — Dispe-te que suas, que atrás fica, e pela terra dentro, corre uma lomba, que se chama Algarvia, antre a freguesia de S. Pedro, que se chama o Nordeste Pequeno, e a Chada Grande que foi de Antão Roiz da Câmara, e tem este nome Algaravia, porque a possuiu um algaravio, o qual, falecendo sem filhos, deixou a sua mulher (que também era do Algarve) por sua universal herdeira, e viúva viveu nela muitos anos, por cuja causa, em sua vida e depois de sua morte, se chamou e chama aquela sua fazenda a Algarvia. Por seu falecimento, veio ter a lomba a poder de Antão Roiz da Câmara, e agora a possuem seus herdeiros e alguma parte dela os que a eles a compraram.

Meia légua da ribeira da Mulher sai ao mar a ribeira do Folhado, por nela se cortar uma árvore deste nome, a maior, mais comprida e grossa que se achou da banda do norte; e logo está o topo de Pero Roiz da Câmara (do qual até à ponta dos Fenais da Maia se faz uma grande enseada) e nele um guindaste, onde se carregava e carrega algum trigo; e perto dele a ribeira do Machado, de muita água e grandes ladeiras, em que houve antigamente uma serra de água, com que se fazia muita madeira para navios e outras coisas; e por um fragueiro esconder junto dela um machado, sem mais o poder achar nem atinar com ele, lhe ficou este nome. Da qual ribeira do Machado até à de — Dispe-te que suas, que atrás fica está o lugar da Chada ([265]) Grande, que se chamou assim porque é uma lomba grande e muito chã, onde agora tem uma freguesia da advocação de Nossa Senhora da Graça, cuja festa principal se celebra a vinte e cinco dias do mês de Março, em dia da Anunciação de Nossa Senhora. Tem trinta e dois fogos e almas de confissão cento e trinta e duas, das quais são de comunhão noventa e duas, cujo primeiro vigairo foi Martim Roiz; o segundo, Simão Pires; o terceiro, Gaspar de Crasto Baldeiras, que agora serve a dita vigairaria. Atrás desta ribeira do Machado, pela terra dentro, está a Feiteira que é uma grande quantidade de terra dos herdeiros de Henrique de Betancor de Sá, que viveu na vila da Ribeira Grande. Tudo por aqui, junto com a Algarvia, foram terra de pão e depois cobertas de pedra pomes e cinzeiro no tempo do segundo terramoto desta ilha, e já descobertas com levadas de água o tornam a ser. Chama-se Feiteira, por ser terra de muitos feitos. Dali a dois tiros de arcabuz, está a ribeira do Cachaço e dela a um tiro de escopeta a ribeira da Aventura, a razão de cujos nomes é esta: na ribeira do Cachaço se criou e andava um grande e formoso cachaço, o qual sendo por muitas vezes monteado, de todos escapava, fazendo antre os monteiros campo como leão, pela qual fama, ajuntando-se de propósito certos homens, bons fragueiros e ligeiros, com cães e meias lanças, deram nela com o cachaço, o qual, vendo-se muito seguido deles, saiu da sua ribeira, fugindo ele, e eles após ele, o foram tomar e matar na ribeira da Aventura, e por ser a sorte tal, lhe puseram nome ribeira da Ventura, pela que tiveram da vitória do cachaço que pôs nome à outra donde o lançaram fora. Outros dizem por outra razão chamar-se ribeira da Ventura porque, indo ela com enchente, saltando um homem um salto grande por ela, lhe disseram outros: — muito vos aventurastes; ventura foi passardes. Antre estas duas ribeiras está uma lomba, chamada de Martim Gomes, porque foi deste homem, da vila da Alagoa. Da ribeira da Ventura a dois tiros de arcabuz para loeste, está outra que se chama a ribeira da Salga, muito grande e comprida, chamada assim (segundo alguns) por um navio deitar ali fora uma quantidade de sal para os moradores daquela banda, e (segundo outros) mais certo tem este nome porque os antigos moradores destas partes iam ali fazer matança de porcos monteses, por haver naquela ribeira muitos e lá os matavam e salgavam; e nela está um moinho.

Desta ribeira da Salga até à do Machado, que atrás fica, é a terra também muito chã e mais pequena que a Chada Grande; pela qual razão quem primeiro foi a ela e a achou lhe pôs nome Achadinha ou Achada Pequena, em respeito da outra Grande, onde está uma freguesia da advocação de Nossa Senhora do Rosário, cuia festa principal se celebra a oito dias de Setembro, em que há quarenta e três fogos e almas de confissão cento e vinte e três, das quais são de comunhão sessenta e uma; cujo primeiro vigairo é Pero Vieira, que ainda agora serve o cargo. Também os moradores deste lugar vivem de suas lavouras.

Da ribeira da Salga, a um tiro de escopeta, está a ribeira Seca, assim chamada porque no Verão se seca e nenhuma água tem, mas no Inverno leva muita. Da parte do oriente, está um guindaste do Capitão, pegado com a mesma ribeira, e logo uma ponta muito grande que entra pelo mar, direito ao norte, quantidade de seis moios de terra, chamada ponta dos Fenais da Maia, por diferença doutros Fenais da cidade, porque nela em baixo havia muito feno e ainda agora o há, mas não tanto; e ali do caminho para cima está o lugar que chamam os Fenais da Maia, termo de Vila Franca. No princípio, antes de ser freguesia, iam os seus moradores ouvir

missa à Maia. Tem o lugar destes Fenais uma freguesia dos Reis Magos, paróquia, em que havia muitos e nobres fregueses. Agora têm setenta e dois fogos e almas de confissão duzentas e setenta e cinco, das quais são de comunhão cento e oitenta e três. O primeiro vigairo foi Bernardo de Froes; o segundo, João Nunes da Câmara; o terceiro, Manuel Roiz Machado; o quarto, é agora Manuel Fernandes. Há nesta freguesia gente nobre e rica, e tem a mesma granjearia que os outros lugares, seus vizinhos.

Desta ponta dos Fenais a dois tiros de arcabuz, corre uma pequena ribeira que se chama da Doida, por morar ali uma mulher de pouco siso; e dela a meia légua, está o pesqueiro, chamado de Lopo Gomes, porque morou ali este rico homem. Logo um tiro de escopeta mais além, sai ao mar a ribeira Funda, que cobrou este nome por ter grande altura de ambas as partes, pelo que também se chama grota Funda, da qual até à ribeira da Salga (que atrás fica dita) se estende a freguesia dos Fenais da Maia, de que agora disse.

Adiante três tiros de besta, está outra ribeira pequena, que chamam a grota do Preto, por morar nela um homem não muito branco, e agora se chama a ribeira de Luiz Fernandes da Costa, que morou ao longo dela, em cima da rocha; da outra banda dela estão os moinhos da Maia, além a ribeira dos Vimes, por prantarem ali os primeiros no princípio da povoação desta ilha, que agora se chama também ribeira do Salto, por ter um, muito grande, donde cai. Junto está a ponta dos Moinhos, que sai pouco ao mar e tomou o nome destes seus vizinhos; da qual, a dois tiros de arcabuz, corre outra ribeira que se chama de João de Viana, por morar ao longo um homem, assim chamado; depois outra grande ribeira, chamada de Lopo Dias Homem porque morava ali um deste nome, avô de Lopo Dias Homem, da vila da Ribeira Grande. Além está o lugar da Maia, que se chama assim porque o principiou e começou e primeiramente morou nele uma mulher, chamada Inês Maia. Defronte de seu porto, tem um baixo grande de pedra, ao longo do qual varam batéis, em um bem assombrado porto, de mediana baía, acompanhado atrás pela rocha, ao lível do mar, de muito marisco e frescas fontes de água doce, como as há também no caminho por cima da terra.

A Maia é um lugar bem assombrado, situado todo em uma ponta de terra chã como fajã, com suas bem compassadas e começadas ruas de casas telhadas, por se fazer nela telha. Tem uma igreja, paróquia da advocação do Espírito Santo; haverá nesta freguesia setenta e oito fogos e almas de confissão trezentas e sete, das quais são de comunhão duzentas e vinte, cujo primeiro vigairo foi João Garcia, irmão de Pero Garcia, dos Fenais da cidade; o segundo, Belchior Homem; o terceiro, Vicente Carneiro; o quarto, Afonso da Senra; o quinto, Amador Furtado da Costa; o sexto, Aleixo Francisco; o sétimo, Francisco de Magalhães, que agora serve. O primeiro beneficiado foi Sebastião Gonçalves; o segundo, Miguel do Quental, que mudou o Bispo Dom Pedro de Castilho para Vila Franca do Campo, da qual, por este lugar estar longe, muitas vezes procurou ser vila e para isso repetia, porque moraram e moram nele homens muito honrados; era necessário ter jurdição por si, pelo muito trabalho que passavam e passam os seus moradores em atravessar a serra, indo às audiências a Vila Franca. Mas não houve o efeito (que parece houvera), se não fora o incêndio segundo, com que empobreceu a terra, que não tem agora outra granjearia senão lavouras em terras de rendas e madeira e telha, e as terras de pão não dão o que soíam, por se atupirem, sem poder ter modo para as poderem alimpar e granjear, pelo pouco poder dos vizinhos. É abastado de alguma fruta e pescado. Há nesta freguesia cinco ermidas: Nossa Senhora do Rosairo; S. Sebastião; S. Pedro; Santa Catarina; e outra, também de Nossa Senhora do Rosairo, na Lomba Grande, perto das casas de Clemente Furtado, que tem cargo dela.

Além do porto do lugar da Maia se faz logo uma ponta longa ao mar, ponteira ao noroeste, em que está um comprido pesqueiro, chamada por isso a ponta do Pesqueiro Longo; e, tornando a voltar à terra, dela para o sul espaço de um tiro de arcabuz, está uma pequena ribeira, chamada das Canas, porque tem um canavial ao longo da rocha a qual se chamou do Godinho, quando junto dela morava um António Godinho, e agora se chama também ribeira das Lajes, porque tem muito lajedo descoberto; da qual a um tiro de escopeta está a grande ribeira, dita a Gorriana, porque no princípio morou ali um homem que de alcunha chamavam o Gorriana, da qual até à Grota Funda, atrás dita, é a freguesia do Espírito Santo do lugar da Maia; e perto sai ao mar uma ponta, chamada de São Brás, por estar ali em um alto outeiro uma ermida deste Santo; e defronte, no mar, tem esta ponta três pontinhas de baixo, que se chamam o pesqueiro do Demo, por ser naquela parte a costa brava e temerosa, com que vai aquela rocha fazendo curta enseada, onde sai uma pequena ribeira, chamada de Tomé Vaz, que ali morava e mandou fazer a ermida de São Brás, atrás nomeada. Adiante faz uma ponta,

chamada de Amadis da Gama, que ali morava e tinha sua fazenda, da qual ponta até outra adiante, de António de Brum, se faz uma formosa enseada de praia de areia e no meio dela está o lugar do Porto Formoso, pelo que nele tem, que era limpo e o melhor que havia da banda do norte, onde se fizeram já e vararam alguns navios e carregaram muitos trigo, mas agora, depois do segundo terremoto desta ilha, está atupido de terra, que correu e tomou posse do mar, onde já pasta gado. Tem este lugar uma igreja paróquia da advocação de Nossa Senhora da Graça, cuja festa principal se celebra por dia da Purificação de Nossa Senhora, a dois dias de Fevereiro. É freguesia de quarenta e seis fogos e almas de confissão cento e setenta e cinco, das quais são de comunhão cento e vinte e cinco. O primeiro vigairo foi Duarte Lopes; o segundo, Pero Coelho; o terceiro, Baltasar Dias Cachafares; o quarto, Gabriel Lourenço; o quinto, Rui Lopes Pereira; o sexto, António da Mota; o sétimo, João de Teve, que agora serve. O primeiro beneficiado foi Francisco Gomes; o segundo, Miguel Dias; o terceiro, Jorge Fernandes Damão; o quarto, Francisco Roiz, que o bispo D. Pedro de Castilho mandou para São Pedro, da cidade. Moram neste lugar os Pachecos, nobre e antiga geração nesta terra; granjeiam os seus vizinhos lavrança em terras de renda e em alguma madeira do mato, que tem não muito longe. Adiante está a ponta do Porto Formoso ou de Pero Vaz, que ali morou, onde António de Brum tem algumas terras, com que se acaba de fazer a baía, atrás dita, do dito porto que era o melhor de toda a ilha. Logo em espaço de um tiro de mosquete, está uma ribeira seca, que foi de um homem chamado Mateus Vaz; e, um tiro de arcabuz mais avante, está um ilhéu pequeno, em que (sendo dantes cercado de mar) esteve escondido um homem homiziado, por morte doutro, alguns meses, e um Gil Afonso, que rastejava os homens pelo faro, o foi buscar à vila do Nordeste. Fugindo-lhe o homiziado dela, se escondeu neste ilhéu; e tornando o Gil Afonso pelo faro até ali, o perdeu, sem atinar mais com ele, não suspeitando que lhe ficasse no ilhéu, em que o outro se meteu a nado, por estar cercado de água. Mas agora, com areia que depois correu, está em seco e já tem entrada pela banda da terra, fazendo-se adiante uma grande ponta ao mar, com três ilhéus pequenos no cabo, que por isso se chama a ponta dos Ilhéus ou dos Ilhéus da Ladeira da Velha, ali perto, que foram de Mateus Vaz; e quase nela está a ribeira do Limo, dita assim por criar nas suas águas muitos limos, onde há um moinho em que moem os moradores do lugar de Porto Formoso. Estava abaixo do caminho uma fonte, que parecia de vinagre temperado com água, a qual se cobriu com terra que quebrou e correu da serra no tempo do segundo terremoto que aconteceu nesta ilha. Logo perto está uma grota e ribeira pequena, chamada a grota do Mel, por quebrar nela um quarto de mel, em um carro em que ia; e desta ribeira do Mel até a Gorriana, que atrás fica dita, é a freguesia do lugar de Porto Formoso, termo de Vila Franca do Campo; da qual ribeira para o ponente se começa o termo da vila da Ribeira Grande e vai subindo para cima a grande Ladeira da Velha, chamada assim (segundo alguns) porque é tão comprida e íngreme que, se alguma velha a subia ou descia, fazia muitos pousos. Mas outros afirmam ter este nome, porque no tempo antigo morou ali uma velha, viúva, a qual vendeu depois aquela fazenda, ficando à velha o nome dela sem a propriedade. Logo está uma pequena ponta, chamada de Santiago, e a grota do Sombreiro, porque o vento levou um dia um sombreiro da cabeça a uma mulher que por ali passava, ou porque faz um salto junto do mar, como sombreiro; pegado com esta grota, está a fajã do Bulhão, que dá muito trigo e algum pastel, chamada do Bulhão por ser de um homem deste nome; e vai continuando uma baía com a fajã de Mateus Vaz, em que estão as fresquíssimas, claras e doces fontes do calhau do Ferreiro, em que se fazem ricas pescarias.

Adiante, sai ao mar uma ponta de terra, sobre a qual tinha um homem, chamado o Picão, sua eira, pelo que se chama a eira do Picão, que também foi do Bulhão, e ao longo da água está um ilhéu e bom pesqueiro, em que pescam de cana. Logo se seguem as prainhas de areia, de um tiro de mosquete de comprido ao longo da água do mar, com que se vai misturar alguma doce das fontinhas da alta rocha; depois a ribeira do Salto, que tem um na rocha, donde a água de alto cai, junto do qual salto está uma pedreira donde tiram muita e boa pedra de cantaria, quase branca, que serve para edifícios. No cabo desta ribeira, ao longo do mar, está um topo de terra, alto, onde está uma tufeira de que tiram muito tufo para chiminés (sic) e outras coisas; adiante, dois tiros de besta, a ponta do Esguicho, assim dita por ter feição de esguicho, e, quatro tiros de arcabuz mais avante, o porto de que se serve a vila da Ribeira Grande, chamado o porto de Santa Eiria, que tem dentro em si um pequeno ilhéu, em o qual um homem muito honrado e rico, chamado João do Outeiro, e seu enteado Pero Roiz Raposo, que tinham ali parte de suas fazendas, andavam determinados e mui afervorados de fazer uma ermida da dita Santa, porque então se entrava nele a pé enxuto, ainda que agora se não possa lá ir senão a nado; e depois resfriaram deste propósito, mas, pelo que queriam fazer e era

notório a todos, ficou este nome de porto de Santa Eiria ao porto e ao pico pegado com ele e a uma ponta que ali faz a terra ao mar, a que também absolutamente chamam a Ponta de Santa Eiria, porque da Bretanha até ela não há outra maior; outros dizem que um homem de fora quisera fazer neste pico uma ermida de Santa Eiria e por isso tinha este nome, posto que depois se fosse daqui sem a fazer; porque para este porto se descia pela rocha deste pico, por um caminho estreito, fragoso e perigoso. Aos vinte do mês de Maio de mil e quinhentos e vinte e cinco, sendo juntos na casa do concelho da vila da Ribeira Grande, o licenciado António de Macedo, corregedor nesta ilha, António Carneiro, Diogo de Sousa, juízes ordinários, e Fernando Anes e Álvaro de Orta, vereadores, e Álvaro Gonçalves, procurador do concelho, e João de Abrantes e Álvaro Afonso, procuradores dos misteres, e muitos homens da governança da dita vila, praticando neste caso, antre todos foi acordado de se fazer o caminho deste porto de Santa Eiria, cortando o pico da fajã de cima direito ao dito porto e varadouro dos batéis, para se poder carregar trigo e outras coisas nele, pois não se sofria a descida pela rocha e caminho de pé; logo foi arrematado a um Fernandalvres, o Grande, chamado Gram Pele, dito assim por diferença de outro, do mesmo nome, que tomou a partido a ponte da dita vila, ambos moradores na Ribeirinha, em cento e vinte mil réis; mas depois chegou a mais de duzentos mil, porque para se fazer se ajuntou a ribeira do Salto com a Ribeirinha e elas juntas levaram a terra ao mar, que os homens iam cavando, com que se abriu um alto pico pelo meio e se fez o caminho de carro que agora tem, obra que parece de Romanos. De princípio se chamava o porto do Macedo, por respeito do corregedor António de Macedo que procurou que se fizesse. Depois se chamou porto de Santa Eiria, pelas razões já ditas, como a nobre e populosa vila de Santarém se chamou primeiro Scalabis e Cabilicastro, e por vir ter a seu fundo pego de nadadores o corpo de Santa Eiria, se chamou Santa Eiria, mas depois, corrupto o vocábulo por discurso do tempo que tudo muda, foi chamada como agora, Santarém. Para a parte do sul do porto, pela terra dentro pouco espaço, perto deste porto e pico de Santa Eiria, está uma ermida de S. Salvador, junto das casas de D. Catarina Ferreira, mulher que foi de Antão Roiz da Câmara, chamadas assim porque esteve nelas muito tempo viúva, depois da morte de seu marido; e para o ponente o pico do Ermo tem o nome como ele é, e o arco da Regueira, porque vai por ali um grotelhão de água, quando chove. E daí a três tiros de arcabuz a Pedrinha, que é um ilhéu pequeno dentro na água, donde pescam de cana; e, dele a outro tanto espaço, a Ribeirinha, de boas e frescas águas, bem avizinhada de gente, ao longo da qual tem sua rica quinta Rui Gago da Câmara, parente do Conde, Capitão desta ilha; chamada assim, com nome diminutivo por ser mais pequena que a Ribeira Grande, sua vizinha, que está além dela, para a parte do ponente, um quarto de légua. Mas, antes que diga desta vila e da lomba da Ribeira Seca, que dantes era uma só freguesia, quero dizer as lombas que do Nordeste até ela estão pelas faldras da terra, antre a serra e o mar, em que se dá muito trigo e pastel e todo o género de ligumes (sic).

Afora as lombas que atrás ficam, no termo do Nordeste, além e aquém da freguesia de S. Pedro, termo da dita vila do Nordeste, indo para o ponente, pela banda do norte, estão estas. A lomba da Algaravia, do termo do Nordeste, que parte do nascente com a ribeira de — Dispe-te que suas e do ponente com a ribeira da Mulher. A lomba da Feiteira parte da ribeira da Mulher até à ribeira do Folhado. A lomba dos Chadãos parte com a ribeira do Folhado e com a ribeira do Moinho. A lomba da Chada Grande parte com a ribeira do Moinho e com a ribeira do Machado. A lomba de el-Rei, que foi sua e agora é dos herdeiros de Manuel Alvres, corregedor que foi da Corte, parte com a ribeira do Machado e com a ribeira da Fonte, donde bebe a Achadinha. A lomba da Chadinha, que foi de Fernão Dafonso, parte com a ribeira da Fonte e com a ribeira do Cachaço. A lomba da Terça da Capitoa D. Filipa parte com a ribeira do Cachaço e com a ribeira da Aventura e com a grota dos Lagos. A lomba da Salga parte com a grota dos Lagos e com a ribeira da Salga. O espigão de Fernão Vieira, parte com a ribeira da Salga e com a grotinha de Manuel Vieira. A lomba Grande parte com esta grotinha e com a grotinha de Álvaro Lopes. A lomba de Álvaro Lopes parte com esta grotinha e com a ribeira Seca. A lomba do lugar dos Fenaes parte com a Ribeira Seca e com a grotinha do lugar. A lomba de João Lourenço, que é agora dos herdeiros de António Lopes de Faria, parte com a grotinha do lugar e com a grotinha do Furão; chamou-se Furão este homem por um dia ir à caça com o vigairo dos Fenaes da Maia, por nome Bernardo de Froes, que lhe deu o furão na mão, enquanto armou a rede à boca da cova, dizendo-lhe que tivesse mão, que lhe não fugisse, ele o apertou tanto que quando lho pediu, para o meter na cova, lho deu morto, pelo que tomou este nome daquele homem que aí morava. A lomba de Cristóvão Lobo parte com a grotinha do Furão e com a grotinha de Estêvão Alvres de Rezende. A lomba de Estêvão Alvres e Hector Barbosa parte com esta grotinha e com a grotinha da Criação. A lomba de Lopo Dias

parte da banda do nascente com a grota dos Vimes e do ponente com a ribeira de Filipe. Outra lomba de Lopo Dias parte da banda do nascente com a ribeira de Filipe e da banda do ponente com a grotinha da Fonte da Maia. A lomba da Maia parte da banda do nascente com a grotinha da Fonte e da banda do ponente com a grota da Cruz. A lomba de António de Brum parte da banda do nascente com a grota da Cruz e da banda do ponente com a ribeira da Gorriana. A lomba da Terça parte do nascente com a Gorriana e do ponente com a ribeira das Lajes. A lomba dos Pachecos parte do nascente com a ribeira das Lajes e do ponente com a ribeira de Tomé Vaz. A lomba de Pero Dias parte do nascente com a ribeira de Tomé Vaz e do ponente com a ribeira de Belchior Dias. A lomba do Porto parte do nascente com a ribeira de Belchior Dias e do ponente com a ribeira Seca. A lomba de António Pacheco parte do nascente com a ribeira Seca e do ponente com a ribeira do Limo, onde estão os moinhos do Porto Formoso. A lomba da Ladeira da Velha parte do nascente com a ribeira do Limo e do ponente com a grota do Sombreiro, da qual até a lomba da Ribeira Seca, termo da vila da Ribeira Grande que já disse, pela banda do norte, vão muitas lombas pela serra de que não faço menção, por não fazer longo processo, e da Ribeira Seca, por diante, não há mais lombas.

CAPÍTULO XLVI

DA DESCRIÇÃO DA VILA DA RIBEIRA GRANDE E COISAS DELA

A vila da Ribeira Grande, nobre com seus moradores, rica em suas terras, bem assombrada com seus campos e fértil com seus frutos, está situada de aquém e de além de uma grande ribeira, de que ela tomou o nome, quase no meio da ilha, em uma grande baía da banda do norte, ao pé de uma serra muito fresca (que, por estar perto da sua planície, está uma coisa realçando a outra, fazendo-a juntamente mais graciosa que outras muitas vilas): e a ribeira corta a vila em duas partes, de pouco tempo a esta parte, porque até ao ano de mil e quinhentos e quinze não havia da ponte para a parte do ponente mais de duas casas somente. Mas, veio depois em tanto crescimento, que é agora a maior vila, mais rica e de mais gente que há em todo este Bispado de Angra. Dantes era lugar sufragâneo a Vila Franca do Campo, até que el- Rei Dom Manuel, quatrozeno Rei de Portugal e primeiro deste nome, estando em Abrantes, aos quatro dias do mês de Agosto da era de mil e quinhentos e sete, o fez vila, com uma légua de termo ao redor, contada do Pelourinho dele para todas as partes em redondo. Um Lopo de Ares ([266]) escudeiro, criado do Marquês de Vila Real, D. Pedro, o primeiro, porque fora ao Regno com procuração dos moradores do lugar da Ribeira Grande, a este requerimento, pedir a el-Rei Dom Manuel que o fizesse vila, depois de o ter alcançado, veio na era de mil e quinhentos e oito, no mês de Marco, e trouxe a carta de vila, que apresentou aos principais moradores dela e a todo o povo; e no mesmo ano de mil e quinhentos e oito, aos três dias do mês de Abril, estando Rui Gonçalves da Câmara, fidalgo da casa de el-Rei, Capitão e governador da justiça pelo dito Rei nesta ilha, na casa do concelho, sendo para isso requerido por António Carneiro e Rui Tavares, por parte de todo o povo, que com pregão e campa tangida foi junto e chamado, estando presentes o dito Lopo de Ares, escrivão da Câmara, e Tomé Vaz, tabelião público e judicial, ambos de Vila Franca, e João de Aveiro, do dito lugar da Ribeira Grande, deu juramento o dito Capitão a Jorge da Mota, juiz ordinário em Vila Franca e a João do Penedo e António Carneiro, homens nobres, moradores na Ribeira Grande, que escolhessem doze moradores da dita vila, os mais suficientes que em suas consciências achassem ser, para governar e andar na Câmara dela, segundo costume das outras vilas da mesma ilha; elegeram Pero Roiz da Câmara, fidalgo da casa de el-Rei, João do Penedo, Félix Fernandes, António Carneiro, Rui Tavares, Luiz Gago, Pero Teixeira, João Fernandes, Henrique da Mota, Joane Anes Columbreiro, Afonso Jorge e João de Orta; e, dando o Capitão juramento a estes doze, juraram de reger e governar bem a república. Com as mais vozes do povo, saíram por eleitos Félix Fernandes, João do Penedo, António Carneiro, Luiz Gago, Afonso Jorge e Pero Teixeira, os quais seis eleitos elegeram os juízes, vereadores e procuradores do concelho, que o Capitão sorteou, fazendo seus pelouros, como era costume nas outras vilas. E, metidos em três sacos com suas pautas, do Capitão e eleitos, sc., um saco dos juízes; outro dos vereadores e outro dos procuradores do concelho, tirou um minino um pelouro, em que saíram por juízes primeiros, Félix Fernandes e Rui Tavares; e em outro pelouro, vereadores, Pero Teixeira e João Fernandes, uns dizem o Escudeiro, e outros um genro de Preamonte (sic) ([267]) e em outro pelouro, João de Orta, por procurador do concelho; os quais cargos serviram estes primeiros oficiais da Câmara até dia de São João de mil e quinhentos e nove, em que, segundo seu regimento, se tiraram outros para servirem o ano seguinte. E dali a dez anos, na era de mil e quinhentos e vinte, aos quatro dias do mês de Julho, se fez a escritura em que se obrigou Fernão de Alvres, pedreiro, fazer a ponte de pedra junto da praça da dita vila da Ribeira Grande (onde estava uma de pau), tão alta que viesse com a praça o andar dela, e o arco de doze côvados de largo em vão e de altura do assento da dita ponte, até ao lume do arco, em vão de doze côvados, e a ponte de largura em vão por dentro de vinte e dois palmos, com seus poiaes e peitoris, e o arco da melhor cantaria que se achasse no termo da vila, e bem lavrado; todo o qual se obrigou a fazer o dito Fernão de Alvres por cinquenta mil reis, que se tinha naquele tempo, em que havia pouco dinheiro, por grande

preço. Mas, depois se chamou por algumas vezes ao engano e veio chegar o que custou a ponte (segundo alguns dizem) a mais de quatrocentos mil réis, em que o Fernão de Alvres perdeu muito de sua fazenda, ficando a ilha toda bem servida, com boa serventia e a vila da Ribeira Grande muito enobrecida com esta e com outra ponte que se fez abaixo, para a banda do mar, primeiro de pau e depois de pedra, mais pequena, com suas casas altas de sobrado, e seus jardins e pomares de diversas árvores fruteiras, e moinhos ao longo da ribeira, que faziam a vila mui fresca e bem servida. E para ser mais nobre, fizeram os moradores uma sumptuosa igreja Matriz, da advocação da Purificação de Nossa Senhora, que vulgarmente se chama Nossa Senhora da Estrela, por estar nesta ilha da parte da estrela do norte. No ano de mil e quinhentos e sete, fizeram concerto com João de la Peña, mestre de obras, biscainho, Pedro Roiz da Câmara, António Carneiro, Luiz Gago, Rui Garcia, Pero Teixeira. Estêvão Martins João de Orta e Lopo Gonçalves, todos moradores na Ribeira Grande, que ainda então era termo de Vila Franca, mas pretendia e esperava cedo ser vila, aos quatro dias do mês de Junho do dito ano, que havia de fazer o dito João de la Peña a obra de pedraria da dita igreja de Nossa Senhora da Estrela, da feição e grandura da igreja de São Miguel de Vila Franca, por cento e quarenta mil réis e obrigaram-se mandar-lhe acarretar toda a pedra e lenha necessária para cozer cal, com declaração que haviam de ser as paredes da nave do meio de trinta e seis palmos em alto, as quais, achando-se serem baixas, — de pedras — defeitas, Pero Roiz da Câmara (como era fidalgo grandioso e liberal) mandou acrescentar nelas duas fiadas à sua custa; e o lajeamento da dita igreja foi arrematado na era de mil e quinhentos e vinte e oito a Fernão de Alvres, pedreiro, com obrigação de fazer e lajear os poiais ao redor, dentro na mesma igreja, tudo por preço de cinquenta mil réis e mais oitocentos réis de alças. A qual era uma só freguesia de setecentos e noventa e quatro fogos e duas mil e oitocentas e treze almas de confissão, das quais eram de comunhão duas mil e cento e quarenta e seis, na era de mil e quinhentos e setenta e seis; mas, depois que o Bispo D. Gaspar de Faria, no seguinte de setenta e sete, criou nova freguesia de São Pedro na Ribeira Seca, seu arrabalde, ficou esta de Nossa Senhora separada por si, e tem setecentos e trinta e quatro fogos e duas mil e quinhentas e oitenta e três almas de confissão, das quais são de comunhão mil e novecentas e quinze. O primeiro vigairo desta vila e freguesia foi Rodrigo Anes, que depois foi vigairo de São Sebastião na Ponta Delgada; o segundo, Frei Amante, que deixou umas casas para os vigairos que lhe sucedessem, com obrigação de um ofício de três lições por sua alma em cada um ano; o terceiro, Frei Diogo Gusmão, castelhano, que dizem ser frade disfarçado em hábito de clérigo; o quarto, Manuel de Contreiras; o quinto, Frei Vicente; o sexto, Frei Manuel Pereira, que foi muitas vezes visitador e ouvidor do eclesiástico muitos anos e pregador na mesma vila; o sétimo, o Dr. Gaspar Frutuoso, que ora serve os mesmos cargos de vigairo e pregador. O primeiro beneficiado e tesoureiro, na mesma freguesia de Nossa Senhora, foi Inácio Dias; o segundo, António Lopes, e somente estes dois houve no princípio. Depois de acrescentarem outros dois, sc., Francisco Alvres e Vicente Anes, o Bispo D. Rodrigo Pinheiro acrescentou o quinto beneficiado, João Folgado, natural de Vila Franca; e por falecimento de Inácio Dias , primeiro beneficiado, sucedeu o sexto em ordem, Simão Correia Tavares, que depois foi na Beira prior de Rapa e Mangual; o sétimo, Pedro Anes, que sucedeu no benefício de António Lopes; o oitavo, Belchior Manuel, que depois foi vigairo do Faial; o nono, Jorge Fernandes, o Damão, que depois foi beneficiado em Porto Formoso; o décimo, Luiz Anes, que depois, trocando com João Nunes Velho da Câmara, foi vigairo e ouvidor na ilha do Corvo; o undécimo, Miguel Dias que, sendo beneficiado em Porto Formoso, trocou com Jorge Fernandes Damão; o duodécimo, Manuel Tavares Furtado que sucedeu a seu irmão Simão Correia Tavares, prior de Rapa; o décimo terceiro, Manoel Vaz; o décimo quarto, o bacharel Ascêncio Gonçalves, que sucedeu no benefício de Vicente Anes; o décimo quinto, Gaspar Alvres, o Velho, que o Bispo D. Jorge de Santiago acrescentou de novo; o décimo sexto, Ascêncio Gonçalves, o Velho, que sucedeu a Francisco Alvres; o décimo sétimo, Salvador Roiz, que sucedeu no benefício de Gaspar Alvres, o Velho; o décimo octavo, Cristóvão Ferreira, que sucedeu ao bacharel Ascêncio Gonçalves, que fizeram vigairo de Santa Clara, na cidade da Ponta Delgada e depois de São Pedro da Ribeira Seca; o décimo nono, Gaspar Alvres, o Moço, que do lugar de Rabo de Peixe mudou o Bispo Dom Pedro de Castilho para a dita vila da Ribeira Grande; o vigésimo, Baltasar Gonçalves, que sucedeu no benefício de Cristóvão Ferreira; o vigésimo primo, António Roiz, que o Bispo D. Pedro de Castilho acrescentou de novo; o vigésimo segundo, Duarte Lopes, que sucedeu no benefício de Manoel Vaz, defunto; pelo que ao presente tem esta freguesia oito beneficiados. O primeiro cura nela foi Gaspar Alvres, o Moço; o segundo, António Roiz; o terceiro, Mateus Nunes, que agora serve. E o primeiro tesoureiro foi Inácio Dias, primeiro beneficiado; o segundo, Manoel Dias

Barroso; o terceiro, Baltazar Gonçalves; o quarto, Agostinho Tavares, que agora serve com muita limpeza e cuidado. E, além dos padres que servem na igreja, o mais do tempo havia nesta vila seis, sete extravagantes. A igreja é de naves e tão grande que depois de feita diziam alguns que era grande pombal para tão poucas pombas, por ser então a gente pouca, mas já agora não cabe nela. Da sua porta principal (por estar situada em um alto) se vê a maior parte da vila, que tem defronte, e muito grandes e formosos campos de terras lavradias e fertiles e altas terras, montes e vales, e se descobre o mar, com que fica muito alegre, graciosa e bem assombrada, e poucas igrejas se acharão de tão boa vista, nem tão ricas de ornamentos, por ter um pontifical de brocado que os moradores compraram com suas esmolas e mandaram consertar com grande custo, tão rico que em poucas partes dos Regnos de Portugal e Castela se há- de achar seu igual. Tem esta freguesia de Nossa Senhora da Estrela sufragâneo o lugar de Rabo de Peixe e anexas cinco ermidas, sc., de Nossa Senhora do Rosairo, Santa Luzia, Santo André, São Sebastião, Nossa Senhora da Concepção, afora a do Espírito Santo, que é um sprital para pobres e doentes, situado junto da praça, e afora um sumptuoso mosteiro da advocação de Jesus, acima do sprital, não tão rico em edifícios, como em virtudes de nobres e virtuosas religiosas, o qual fez em suas próprias casas Pero Roiz da Câmara. E na era de mil e quinhentos e quarenta e cinco, ele e sua mulher, D. Margarida de Betancor, fizeram partido com Manuel Machado, mestre de obras, filho de Afonso Machado, de lhe fazer uma capela de abóbada, com seu coruchéu alto e um portal da igreja do Bom Jesus do dito mosteiro, por oitenta e cinco mil réis, aos dezasseis dias do mês de Março do dito ano, e obrigou-se o dito Pero Roiz dar toda a pedra e cal e as mais coisas necessárias para a dita obra. Depois de caído com o tremor da terra, tornou a refazer grande parte dele seu filho, Henrique de Betancor de Sá; em que há quinze religiosas de véu preto e dez noviças. O qual parece que, estando antre a vila e a serra, que a está ameaçando com fogo e fumo, estão suas religiosas com sua religião e virtudes detendo os montes que não corram sobre ela. Teve este mosteiro boas rendas de que perdeu muita parte por se cobrirem suas terras de pedra pomes no segundo incêndio, que contarei a seu tempo. São da ordem de Santa Clara observantes e dão obediência aos frades de São Francisco.

A freguesia de São Pedro da Ribeira Seca (chamada assim por não ter água senão de enchente no Inverno) que se desmembrou da vila da Ribeira Grande e distará dela um tiro de mosquete para a parte do ocidente, com uma ermida da Madre de Deus, que fez Manoel da Costa, junto da sua quinta, tem cento e noventa e um fogos, e seiscentas e oitenta e três almas de confissão, das quais são de comunhão quatrocentas e noventa. O primeiro vigairo foi Luís Cabral; o segundo, o bacharel Ascêncio Gonçalves, que agora tem o dito cargo. Há nela muitos homens honrados e boas terras que se chamam do Morro, por um alto que está junto do mar, assim chamado, e outras duas lombas em que têm as mesmas granjearias que os da Ribeira Grande, com que uns e outros fazem soma ao presente de novecentos e vinte e cinco fogos, e três mil e duzentas e sessenta e seis almas de confissão, das quais são de comunhão duas mil e quatrocentas e cinco. Nestas duas freguesias (em que se compreende a vila e lugar de Rabo de Peixe, seu termo) há muita gente de armas; primeiro houve quatro bandeiras de duzentos e cinquenta homens em cada uma, sc., três na vila e uma em Rabo de Peixe, cujos capitães foram: o primeiro, Rui Gago da Câmara, e seu alferes António de Sá, seu primo, e sargento, Pero Lourenço; o segundo, João Tavares, e seu alferes, o primeiro, Gaspar de Braga, o segundo, Ciprião da Ponte, o terceiro, Baltasar Tavares, que depois foi capitão da mesma bandeira, o quarto alferes dela, Sebastião Jorge Formigo; o terceiro, Gaspar do Monte, e seu alferes, Diogo de Morim, seu genro. Em Rabo de Peixe, foi capitão Fernão de Anes e alferes, Brás Raposo, seu genro. Por falecimento de Gaspar do Monte sucedeu em seu lugar João do Monte, seu filho, e por falecer Diogo de Morim ficou por alferes Nuno de Sousa, da Ribeira Seca. Na segunda eleição que mandou el-Rei fazer foi o Capitão Manoel da Câmara à casa do concelho da Ribeira Grande e elegeu outros capitães a vozes, em que foi eleito por capitão-mor Rui Gago da Câmara, e Lopo Dias Homem, por capitão; da segunda bandeira, Pero de Paiva, seu alferes, Simão de Sousa, sobrinho, sargento, António Cansado; Nuno de Sousa, capitão da gente da Ribeira Seca, seu alferes Ciprião da Ponte, sargento, Estêvão Pires; e em Rabo de Peixe, por capitão de outra bandeira, João Roiz, do Pico da Pedra, e seu alferes Bertolameu Roiz, seu irmão, e sargento, Amador de Sousa; e foi eleito por sargento-mor, Duarte Privado. Dos que agora servem direi adiante. Também poucas vilas haverá de tão boa serventia de água e moendas, porque tem dentro em si seis moinhos, cada um de duas pedras, melhores e que melhor moem que todos os da ilha e Portugal, nos quais o Capitão tem de renda perto de trezentos moios de trigo cada ano, em que vão fazer os da cidade suas farinhas; e é abastada de pão, carnes, pastel, linho e legumes, tem criações de gados, ainda

que depois do incêndio segundo falta de lenha. Chega o dizimadouro dela (que contêm as duas freguesias da Purificação de Nossa Senhora e de São Pedro), uns anos por outros, a render três contos para el-Rei, pouco mais ou menos, e o dízimo do linho a quarenta mil molhos. Nela se davam os melhores melões de toda a ilha ou iguais com os da fajã dos Mosteiros, o que se perdeu com a alforra que caiu depois do segundo terremoto desta ilha. E muito mais nobre e rica fora, se os senhorios das suas terras viveram nela. Os moradores não são tão ricos como honrados e nobres, por perderem muito de suas fazendas com fianças e invenções de canas de açúquere que o bicho comeu, como a hera de Jonas. O porto de Santa Eiria (que tenho dito) pela costa ser brava, não presta a esta vila para navios, nada se carrega nele e só serve de batéis; e para saída de seus frutos e carregação de seu trigo se serve do porto da vila da Alagoa, que lhe está julgado por sentença do Regno.

Esta vila, tão bem situada antes do dilúvio segundo, com trazer depois a ribeira nos Invernos muitas águas de enxurro, com pedra e madeira do mato, atupiu a sua foz e levou ao mar a maior parte e acravou a menor, derribando e assolando duas ruas principais e uma menos principal, em que levou ao mar perto de duzentas casas, as mais delas sobradadas, e o melhor da vila, com que ficou sem lustro e com uma só ponte de madeira que depois fizeram, e já a tornou a levar a ribeira quatro ou cinco vezes, e com grande custo se tornava a reedificar cada uma vez destas; mas se a ribeira assolou as casas e pontes, não caiu tanto cinzeiro por esta parte que deitasse a perder as terras. Contudo os homens honrados, não podendo reedificar suas casas, nem sanear estas quebras e perdas, como cada um melhor pôde, se arredaram os mais para fora da vila, perto das suas lavranças, em que granjeiam de tal modo que com todo o trabalho passado vivem à lei da nobreza, com seus cavalos na estrebaria e suas casas abastadas. E ainda esta vila é a mais bem servida, abastada e farta de toda a ilha e tem muita granjearia para homens trabalhadores e pobres porque, além de seus jornais e empreitadas, em diversas maneiras de serviço, recolhem-se nela em cada um ano cinco mil pedras de linho, que eles lavram e granjeiam, das quais se vendem as três mil para fora (sic) e por os da cidade da Ponta Delgada mandarem moer aos moinhos dela há na dita vila mais de cinquenta homens que os servem neste trabalho, com duas bestas cada um, levando por cada um alqueire meio vintém, que em cem carregas somam cada dia seis mil réis, que ao cabo do ano valem seis mil cruzados que, com quatro mil do linho, vêm a montar dez mil cruzados. Mais colhem também quatrocentos e, pelo menos, trezentos moios de favas, das quais vendem mais de duzentos, e muita junça, em que mandam engordar porcos de toda a ilha; além do que ganham em carretos de lenha para a vila e de carros da cidade para a dita vila, e dela para a cidade, em pastel que acarretam e outras coisas; com que está averiguado valerem os serviços destes homens, uns e outros, em sua granjearia, mais de vinte mil cruzados cada um ano, e tudo isto de homens pobres e nenhuma coisa dos que governam a terra, porque se não prezam disso. Pelo que parece que em nenhuma terra do mundo se acharão homens mais isentos que os pobres dela que, como têm quatro sacos de trigo, duzentas abóboras, dez alqueires de favas e algumas cebolas, com dois cabos de alhos e um porco à porta, e cada um tem sua casinha, ou própria ou de foro, sem sentir necessidade alguma, têm-se por mais fortes e ricos que todo mundo. Mas, a gente honrada e da governança é mais macia, porque não são arreigados em raiz e suas lavouras não lhe abastam tanto conforme ao estado de suas pessoas. Além das águas que tem esta vila, da ribeira e levadas dela, que somente servem para a lavagem de roupa, e outras muito longe de que bebem os que moram ao longo delas (porque não querem tomar trabalho de mandar buscar outra melhor), há algumas fontes que estão perto, acima da vila. A fonte de que se tirou a água do chafariz ou fonte da vila, que nela se bebe, sai perto de umas pedras brancas (que é uma veia de pedra que está ao pé da serra); era muito boa água até ao terremoto e incêndio que aconteceu nesta ilha o ano de mil e quinhentos e sessenta e três, porque devia de ter seu nascimento em alguma concavidade limpa; achavam-se nela as condições que se requerem a uma boa água, quase nascia com o rosto ao sol, era delgada e fria, sem nenhum sabor, e assim satisfazia com sua bondade a quem a bebia, porque se bebia dela o que a vontade pedia e nada embaraçava o estômago nem impedia as mais obras da natureza. Mas, com o terremoto que disse, que teve a força toda perto da mesma fonte, detrás da serra de Vulcão, arruinou-se a terra, abrindo-se em muitas partes e rebentou o biscouto de pedra fervida para a mesma parte da fonte, muito perto, e parece claro que para a dita fonte e concavidade do monte se abriram comissuras e veias de pedra hume e enxofre, que inficionaram e corromperam a dita água, que agora é grossa e cheira a lodo, e muitos anos depois do terremoto fedia a enxofre e se sentia nela fedor de pedra hume. Desta mesma água se deu um cano para a freguesia da Ribeira Seca, de que

bebem os seus moradores *(e não é boa)* ([268]) porque com a quentura do enxofre vem como cozida.

Acima desta vila está perto (como padrasto) um pico, que se chama Monte de Trigo, por o parecer posto na eira; logo mais para a parte da serra, o lugar onde esteve uma sumptuosa fábrica em que se fazia pedra hume, como adiante direi; e mais pela terra dentro, quase ao pé da mesma serra, perto de meia légua da vila, antre a dita Ribeira Grande e a Ribeirinha, estão aparecendo na terra umas furnas pequenas, chamadas por isso Caldeiras, de que adiante direi. Sobre a Ribeira Seca, da banda da serra, está um pico chamado do Sapateiro, porque foi dum oficial deste ofício, de que correram duas ribeiras de fogo no tempo do segundo terremoto, de que depois contarei, uma delas pela Ribeira Seca, que tem este nome por não chegar a água que por ela desce abaixo ao mar e secar de todo no Verão, ainda que algumas vezes traga enchente no Inverno.

CAPÍTULO XLVII

EM QUE SE VAI CONTINUANDO A DESCRIÇÃO DA COSTA DA ILHA DE SÃO MIGUEL PELA BANDA DO NORTE, DA VILA DA RIBEIRA GRANDE, ATÉ AOS ESCALVADOS, EM QUE SE ACABA TODA A SUA COMPRIDÃO

Nesta parte do norte, até à vila da Ribeira Grande, há nas rochas ao longo do mar e pelas grotas e na serra muitas e frescas fontes que correm em todo o ano; e algumas que no Verão secam tornam a abrir e correr, como dantes, com as trovoadas do Inverno. Mas, da Ribeira Grande para o ponente, é costa mais seca e sem tantas águas, começando a ser seca na Ribeira Seca, a qual já disse que estava apartada da vila da Ribeira Grande para o ocidente como um tiro de mosquete, e porque no tempo do segundo terremoto correram por ambas estas ribeiras muitas pedras e areia que tomaram por grande espaço posse do mar e o afastaram da vila, com que a fizeram mais tristonha e melanconisada (sic) sendo dantes, com o mesmo mar (que quase batia nas casas), mais bem assombrada e alegre; com que se fez um areial tão comprido que, começando da dita vila, vai passando pela Ribeira Seca e correndo ao longo do mar um terço de légua, até se acabar no Morro, que se chamou de João de Outeiro, por ser seu, que é uma ponta pequena, mas grossa, de terra alta, pouco metida no mar, defronte da qual está um baixo de pedra, dentro na água, um tiro de arcabuz apartado da terra, no qual arrebenta muitas vezes o mar e algumas pescam os pescadores de batel, em cima dele. Na rocha talhada e alto do Morro, que está defronte deste baixo, estão umas furnas, em as quais, entrando o mar com o vento noroeste, faz uns grandes roncos e espantosos estrondos, cuidando o povo que se causa isto no baixo e não nas bocas e furnas que digo. Além do Morro, está um biscoutal de pedras, parte dele estéril e outra prantada de boas vinhas, até chegar ao lugar de Rabo de Peixe, que distará da Ribeira Grande meia légua, chamado assim por estar situado em uma ponta de terra e penedia, que sai ao mar, parecendo rabo de peixe, de que o lugar tomou o nome; ou, como outros, porque se achou ali no princípio, junto do mar, um peixe muito grande, sem se poder saber que peixe fosse, se era baleia ou de outro nome, e pelos mouros, que naquele tempo ali guardavam gado, foi dependurado o rabo dele em um pau e dali a dias perguntando a um de donde vinha, respondeu que do rabo de peixe. Tem este lugar uma igreja de Bom Jesus, cuja festa principal se celebra o primeiro dia de Janeiro; freguesia de duzentos e vinte e quatro fogos e almas de confissão setecentas e vinte e uma, das quais são de sacramento quinhentas e cinquenta e uma, cujo primeiro vigairo foi Afonso Gonçalves, que chamavam pai dos mulatos, por ter muitos escravos em casa; o segundo, João Luiz; o terceiro, Francisco Alvres; o quarto, António Gonçalves; o quinto, Amador Fernandes, que agora tem este cargo. Dos beneficiados, o primeiro foi Roque Esteves; o segundo, Baltasar do Monte; o terceiro, Herculiano Cabral, o quarto, Gaspar Alvres, que o Bispo Dom Pedro de Castilho passou para a vila da Ribeira Grande, como mudou outros beneficiados de outros lugares, por justos respeitos. Tem esta freguesia duas ermidas: uma de Nossa Senhora, que dantes era a paróquia até que fizeram a que é agora matriz, abaixo, abrigada e acompanhada antre as casas; e outra de São Sebastião, no cabo do lugar, para o ponente. Há neste lugar boas terras de pão, de que tem bom dizimadouro; também fazem pastel os moradores, os mais dos quais lavram em terras alheias, tirando os Monizes e sua família e João Roiz, do Pico da Pedra, e poucas pessoas outras. Tem uma formosa baía, da qual até à vila da Alagoa, que está da banda do sul, há uma légua, onde é mais estreita esta ilha e tem o gigante (que disse) sua delicada cintura. Tem um poço de água salobra, de que todos bebem por não haver outra fonte; é abastado lugar de peixe, de codornizes e de coelhos, em seus tempos. De Rabo de Peixe a um terço de légua, estão umas Calhetas em umas pontas e arrecifes de pedra, em que se toma muito peixe de tarrafa e se fazem boas pescarias, onde mora Belchior Tavares, sogro de Manoel de Puga, e outros alguns moradores; antes das quais Calhetas, pouco espaço, esta a fazenda e quinta do grão capitão Francisco do Rego, com uma ermida nela de que (como já disse) corta e cinge a ilha, como talabarte em que se

dependura a espada do gigante Almourol apegada ao cinto, dali, da banda do norte, com uma ponta nas barrocas do mar, até tornar no mesmo cinto, na parte do sul, na freguesia de Rosto de Cão, junto de São Roque, onde tem outra quinta, que houve em casamento com D. Roqueza, sua mulher, de seu sogro Jorge Nunes Botelho; e somente se antremetem no meio dois cerrados alheios, sendo o mais tudo seu, cingindo a terra de mar a mar, com que fica da serra para ambas as bandas águas vertentes. Até às Calhetas chega a freguesia de Rabo de Peixe e termo da Ribeira Grande; delas a outro terço de légua de rocha, de calhau e biscouto, que todo se corre, (onde pescam também de tarrafa e de cana), sai pouco ao mar uma ponta de terra, mais grossa que a outra chã, que se chama o Morro de Jácome Dias Raposo, por ser seu, onde está uma ermida de São Pedro, que ali mandou fazer o mesmo Jácome Dias, homem nobre e poderoso, cujas eram aquelas terras, em que tinha sua quinta e moradas, tão ricas que elas sós pareciam um grande lugar povoado, com uma ermida, muito devota, da advocação de Nossa Senhora das Candeias. Foi esta casa tão rica e abastada e de tantos criados e criadas, escravos e escravas, de tantos hóspedes ricos e pobres visitada, que nela sempre acharam bom gasalhado, enquanto Jácome Dias viveu, e depois seu filho, Barão Jácome Raposo, e seu neto, Aires Jácome Raposo nela residiam, que parecia uma corte frequentada de gente de toda sorte, onde se davam muitos jantares e ceias, e faziam grandes e sumptuosos banquetes, sendo amparo de forasteiros e dos vizinhos do lugar dos Fenais, que está perto dela, cujos senhores fizeram em seu muitas grandezas, com seus generosos e liberais ânimos, e movidos com grande caridade e piedade deram grossas esmolas a pobres e despenderam grande parte da sua fazenda em obras-pias; e foi uma das mais ricas e abastadas casas que houve nesta ilha e ainda o pode tornar a ser, se seu senhor, Aires Jácome Correia, tornar à ilha.

O lugar dos Fenais, termo da cidade da Ponta Delgada, dito assim, com letra mudada e corrupta, por haver ali muito feno ou muitos fenais, tem uma igreja da advocação de Nossa Senhora da Luz, cuja festa principal se celebra por dia da Purificação de Nossa Senhora, de Fevereiro; é freguesia de duzentos e vinte e quatro fogos, e almas de confissão setecentas e cinquenta e três das quais são de comunhão quinhentas e cinquenta e três. O primeiro vigairo foi Pero Garcia; o segundo, Sebastião Roiz Panchina; o terceiro, António Neto; o quarto, Francisco Fernandes; o quinto, Luís Cabral, que agora tem o cargo. O primeiro beneficiado foi Pero Fernandes; o segundo, Manoel Teixeira, agora transferido para a freguesia de S. Pedro, da cidade. O primeiro cura é o padre João Alvres, que ora serve. Tem também este lugar bom dizimadouro de trigo e pastel, que granjeiam os moradores; bebem água salobra de um poço e é provido de carne e caça de coelhos e codornizes, a seus tempos; e há nesta parte muitas perdizes, que ainda os caçadores não sabem caçar. Há tanto pescado que muitas vezes provê a cidade dele, quando lá falta, e por costume ou privilégio isento de imposição. Além dos Fenaes, meia légua, toda de biscouto de pedra ao longo da costa e terra chã, estão os Poços, assim chamados por estarem ali uns, onde tem um varadouro de calhau bravo, em que varam batéis; no qual lugar se fizeram já dois navios que botaram e vararam ao mar, e onde o capitão Diogo Lopes de Espinhosa mandou fazer um forte muro de pedra ensossa, para dele se poder seguramente defender a desembarcação aos imigos. Estão ali poucas casas e famílias de homens nobres e ricos, fregueses do lugar dos Fenais, que compreende daqui até às Calhetas, que atrás ficam. Dos Poços para o ponente, vai correndo a costa, baixa e quase rasa, de biscouto raso, bravo e mato baixo e vinhas, por espaço de um quarto de légua até o Morro, que é um pico com uma alta ponta que vai beber ao mar e se chama de Martim Vaz, por haver sido de um homem principal deste nome, que é uma terra grossa, de pão, de mais quantidade de dois moios, pouco mais ou menos, metida no mar e fechada com uma cancela. Logo pegado com ele, para a parte da serra, se chama aquela terra as Capelas, da razão do qual nome há muitas opiniões. São estas Capelas biscoutos, e terras de pão poucas, carecidas de águas, mas abastadas de mato de murtaes, tamujos, louros e árvores de outra sorte; há nelas algumas benfeitorias de pomares e vinhas. Dizem alguns que se chamam Capelas, não porque tenham naquela parte feitas algumas igrejas nem capelas, senão porque um dia de São João fizeram uns homens ali umas capelas, deixando- as por esquecimento dependuradas em uma árvore; quando depois nomeavam aquele lugar, lhe chamavam as Capelas, pelas que nele deixaram. Outros dizem com mais verdade chamarem estas terras Capelas, porque antigamente eram criações de gado vacum e miúdo; os gados, que algumas vezes nelas pastavam, fugiam outras vezes para elas e lá os mandavam também seus donos, depois de ter feito seu serviço com eles; antre o qual gado iam lá muitas vezes e mandavam seus donos (a que não soube o nome) duas vacas toucadas ou printadas de branco pela cabeça, à maneira de capelas, pelo que lhe chamavam as capelas por assim parecerem com aquela malha

branca que na cabeça tinham, denominando, pela beta branca da parte, o todo, como chamamos ao negro, que é todo preto, João Branco, só por os dentes alvos. E, mandando-as seu dono buscar, dizia ao criado: — traze daquela serra as capelas; vamos pelas capelas; pelo que, pelo tempo em diante, dos nomes das vacas tão celebrado antre eles, ficou ao sítio, onde andavam, Capelas por nome. O Morro de Martim Vaz, que está para a banda do mar, mais para o ponente, ainda que por cima é terra lavradia, que dá bom trigo e pastel, seu âmago é pedra, como claramente se vê nele, porque na alta rocha (como disse) que tem da banda do oriente uma grossa ponta, que ele faz ao mar, se criam bilhafres e muitas pombas bravas; a qual ponta é furada por baixo, fazendo uma abóboda de pedra, de altura de duas lanças e de compridão mais de três, e tão larga que passa por ela um batel emasteado, com um remo de uma parte e uma vara da outra, por não caberem na largura ambos os remos; e da banda do ponente, saindo pela boca dele, está à mão direita um ilhéu maior que uma grande casa sobradada, de altura de três lanças que tem em cima feno, em que se criam grande número de garajaus e se acham muitos ovos deles; onde está antre ele e a terra um grande espaço de mar, com uma espaçosa alagoa, que tem dois canais por onde sai ao pego, um por uma parte do ilhéu e outro pela outra. Ali, naquele grande poço do ilhéu para dentro, se fazem grandes pescarias de batel e de cana, pelos que descem àquele lugar pela rocha, e se tomam muitos cranguejos e apanha marisco naquela pequena enseada; e logo passada uma ponta de terra e rocha mui alta, está uma grande baía em que se acolhem os batéis dos Fenaes, em tempo de tormenta. Possue agora este Morro (que foi de Martim Vaz) Jordão de Vasconcelos e Jorge de Lucena e seu cunhado Manoel de Sousa, e Martim Vaz, a terça que ficou de seu avô deste nome. Assim corre a rocha alta, espaço de meia légua, até o lugar de Santo António, da qual rocha dois tiros de arcabuz. antes de chegar ao dito lugar, defronte das casas de Sebastião Luiz, defunto, e de seu filho, Hierónimo Luís (pessoas ricas e nobres e de grande prudência e virtude) — da rocha quase o lível com o mar, saem algumas fontes de água doce, que dizem ser da ribeira das Lajes, que naquele direito se sume na serra; e logo sai uma ponta pequena ao mar, onde está o lugar de Santo António, assim chamado por ter a igreja paroquial do mesmo Santo. No cabo da ponta, está uma ermida de Nossa Senhora do Rosairo, que mandou fazer Álvaro Lopes da Costa, homem nobre e poderoso, cuja foi aquela terra; outra ermida está no princípio do lugar, da advocação da Madre de Deus, a qual mandou fazer um nobre antigo, cujo administrador é Gaspar de Oliveira, neto ou bisneto do mesmo. Tem esta freguesia de Santo António cento e cinquenta e dois fogos e almas de confissão quinhentas e cinquenta e quatro, das quais são de comunhão trezentas e oitenta e duas, cujo primeiro vigairo foi Afonso de S. Pedro, que era frade dos Loios; o segundo, João Roiz; o terceiro, João Soares da Costa; o quarto, Baltasar do Monte; o quinto, Francisco Diniz de Sousa, que agora serve. O primeiro beneficiado foi António de Bastos; o segundo, Manoel Roiz, filho do Bilhafre; o terceiro, Domingos de Crasto. Vivem os moradores deste lugar, que é termo da cidade, por lavrança de trigo e pastel. Dele aos Fenaes haverá légua e meia. Além do lugar de Santo António, pouco espaço na testada da fazenda de Álvaro Lopes da Costa, têm os seus moradores, em meia rocha, uma pequena fonte de água doce de que bebem; e tanto como um tiro de berço mais adiante, na testada da fazenda, que foi de Martim Alvres e que comprou a Rodrigueanes, o Bago, nasce antre o mar na rocha uma ribeira com que moem dois moinhos pequenos como azenhas. Além está a quinta e fazenda que foi do grão Pero Pacheco, fidalgo generoso e liberal, grandioso inventor de todas as festas graves que em seu tempo se fizeram nesta ilha antre os cavaleiros dela, e agora é de Simão Lopes de Andrade, casado com D. Maria, sua neta. Adiante estão as fazendas dos herdeiros de António Alvres e as de Domingos Fernandes Cafatim, que comprou a alguns deles; e logo estão as casas e fazenda de Aires de Oliveira, homem nobre e rico, que deixou à Casa da Misericórdia da cidade da Ponta Delgada; e além a fazenda de Aires Jácome Corrêa, e outra do genro de Aires de Oliveira, e a fazenda de Manoel Vaz que possui agora o Carvalho; e além as terras de Barão Jácome Raposo, que ficaram com outras muitas em outras partes a seu filho Aires Jácome Corrêa. Da freguesia de Santo António até uma grota que está além das casas de Aires de Oliveira, atrás ditas, é rocha alta por espaço de meia légua; sobre a mesma grota está uma ermida de Santa Bárbara, de muita romagem; pouco espaço, pela terra dentro, de Santa Bárbara, é a freguesia de Santo António. Logo corre alta rocha por espaço de uma légua até o lugar da Bretanha, também termo da cidade, situado em uma ponta grossa e romba de terra, que faz a enseada atrás dita; defronte da qual está um baixo grande, dentro no mar, apartado da terra um tiro de arcabuz, que quando o mar é manso aparece de longe preto, e quando é bravo, parece branco e navio que vai à vela, por causa do mar que arrebenta por cima dele. Chama-se este lugar da Bretanha (segundo alguns) porque é terra alta e grossa, a que chamavam os antigos alta Bretanha;

outros dizem que por morar ali antiguamente e ter suas terras e fazenda um bretão. Tem uma igreja da advocação de Nossa Senhora da Ajuda, cuja festa principal se celebra aos oito dias do mês de Setembro. Há nesta freguesia oitenta e dois fogos e almas de confissão trezentas e doze, das quais são de comunhão duzentas e vinte e seis, cujo primeiro vigairo foi João Alvres; o segundo, Nicolau Domingues; o terceiro, Manoel Curvêlo. Têm os seus moradores a mesma granjearia que os de Santo António, de bom trigo e pastel. Além do lugar da Bretanha está o pico de João Alvres, onde mora Braz Alvres, seu herdeiro, e, deste pico a dois tiros de arcabuz, está a grota de João Bom, que ali vivia e tinha suas terras; além da qual grota, logo pegado com ela, está o pico de Mafra, acima do qual pela terra dentro vai a encumeada das Sete-Cidades; da grota de João Bom a meia légua toda de alta rocha, está o lugar dos Mosteiros, passando primeiro que a ele cheguem (como disse) pelo pico de Mafra, dito assim por haver nele antiguamente algum homem deste lugar de Portugal, assim chamado, ou por outra razão não sabida, uma faldra do qual chega à grota do João Bom, para a parte do levante, a respeito dos Mosteiros; e abaixo deste pico de Mafra, mais ao longo do mar, está a ponta de Estêvão Dias, homem antigo e honrado do Algarve, e o lombo da Pedra Queimada, e o vale de Afonso Vaz, pegado com a fajã dos Mosteiros, que é uma terra corrida do pico das Sete-Cidades que antiguamente arrebentou, descendo pela rocha, fez abaixo dela (tomando posse do mar) esta grande fajã de até dez moios de terra boa, que dá o melhor trigo da ilha, e faz pão sem tufo, como o de Portugal, e bom pastel e melões; onde se fez a povoação e freguesia de Nossa Senhora da Concepção, que tem setenta fogos e almas de confissão duzentas e quarenta e seis, das quais são de comunhão cento e oitenta e duas, cujo primeiro vigairo foi Fernão de Anes, o segundo, Pero Anes; o terceiro, Fernão Gonçalves; o quarto, Francisco de Rovoredo; o quinto, Álvaro Garcia, que agora serve. Segundo alguns dizem, também arrebentaram do pico das Sete-Cidades, ou (o que parece mais verdade) porventura quebrariam da rocha, quatro ilhéus que estão no mar, apartados da terra um tiro de besta, e passam navios por antre eles e a terra; o mesmo espaço distará um do outro, três dos quais, chegados à terra ou fajã, são maiores, e dois deles como dois cubelos, e o mais distante é só muito maior que os outros três juntos, à feição de igreja ou mosteiro, e por isso (segundo alguns dizem) se chamou dele ou de todos eles (que parecem mosteiros postos e edificados no mar) àquele lugar e freguesia, feita na fajã ao longo deles, Mosteiros. Nestes ilhéus, que todos são de tufo, principalmente no maior, de Abril até todo Agosto, todos os anos, criam muitos garajaus, e dali por diante se vão e não aparecem. Antre os quais ilhéus e uma ponta que está para a parte do norte, que se chama do Matos, homem deste nome, está um porto em que varam os batéis, e mais além da ponta Ruiva, defronte da rocha, uma baixa grande, ao mar. Antre o ilhéu grande e a ponta Ruiva, pela rocha, até à ponta dos Escalvados, estão umas grandes concavidades e furnas bem feitas, a modo de igreja ou mosteiros, e daqui ou dos ilhéus que parecem mosteiros, ou de ambas estas coisas, chamam os antigos povoadores àquele lugar os Mosteiros, situado na fajã que tenho dito haver corrido do pico das Sete Cidades (como direi adiante, quando tratar dele). Tudo o que aqui se dá, dizem os moradores que é o melhor ou ao menos igual com o melhor que a ilha de si produz. Nesta baía e antre estes ilhéus, à sombra da rocha e terra alta, se abrigam os navios de todos os ventos do sueste, até o sul e leste. Este é o pé direito, que eu dizia do gigante Almourol, que tem dentro no mar alevantado, por estarem alevantados nele estes ilhéus, que parecem dedos de seu pé, que, por parecerem igrejas, lhe deram o nome de religião, chamando-lhe Mosteiros.

Deste lugar dos Mosteiros, a três tiros de besta, está a ponta Ruiva, chamada assim por ser desta cor a terra daquela rocha, e dela aos Escalvados, ou pico dos Escalvados, há um tiro de arcabuz; os quais Escalvados são o fim da ilha, que está ao noroeste, da parte do ocidente, e o rabo da vestidura roçagante do gigante Almourol, como já tenho dito. Logo para a parte do sul, distante dois tiros de besta, está o pé esquerdo do mesmo gigante, armado de ferro, que é (como já disse) o pico das Ferrarias. Por toda a costa da ilha, em torno, há muitos e bons pesqueiros, em que comummente se toma muito pescado de diversas espécies e maneiras, porque, como há muita penedia de biscoutos ao redor de toda ela, seguramente, como se estivessem os homens em suas casas, estão assentados nos penedos pescando e, com muita facilidade e passatempo e pouco trabalho, tomam quase sempre muito peixe; e em algumas partes da costa, onde há moledos, que é uma pedra mole como tufo, há infinitas cracas, que chamam em latim *umbilicus marinu*s, e assim o parece a quem as vê, e no gosto e em todo o mais fazem avantagem às ostras e ameijas (sic) e a qualquer outro marisco, e são o melhor marisco de todos os mariscos; há também muitos cranguejos de toda sorte, e uns melhores que todos, mais delicados e limpos que os de Portugal, criados não em lodo, mas em lisos e lavados penedos, a que chamam mouriscos, por serem como uns ginetes de África, mais

delicados e ligeiros; e muitas lapas e búzios, e sobretudo (como as há em todas estas ilhas dos Açores) as melhores lagostas que se podem achar em todo mundo; e em muitas partes das rochas, assim da banda do norte, como da banda do sul, há infinidade de pombas bravas que nelas criam muitas, das quais tomam os caçadores pombeiros em cevadouros e dá (sic) negaça, com que toda a ilha é delas bem provida.

CAPÍTULO XLVIII

DA DESCRIÇÃO DA ILHA DE SÃO MIGUEL PELO MEIO DA TERRA, COMEÇANDO DO MORRO DO NORDESTE ATÉ ÀS FURNAS EM QUE SE TRATA DOS PASTOS QUE HÁ NELA

Esta ilha de São Miguel, pela sua compridão de dezoito léguas (cuja costa toda em torno é limpa para a navegação, tirando os baixos que tenho dito) dentro em si é muito fértil e cria toda a maneira de prantas, e pelas duas enseadas, que tem da parte do sul, e outra da banda do norte e pelos seus altos montes, a quem a vê de ambas estas partes atravessada, e melhor da banda do norte que do sul, está parecendo às vezes duas ilhas, porque, pelas duas enseadas que a fazem estreita no meio, a largura é uma légua, que é da vila da Alagoa, da banda do sul cortando ao norte, até o lugar de Rabo de Peixe, por não haver neste caminho muitos altos montes, parece que se corta e divide em duas, aparecendo o mar de parte a parte, sem se ver a terra baixa do meio, porque, na cintura dela, pelas faldras é baixa, ainda que montuosa em toda a sua compridão. E, quando se achou, era toda cheia de arvoredo, de que agora já está quase calva por muitas partes dela, ainda que por outras, em algumas serras, tem muita lenha seca e verde e muitas árvores de diversas maneiras, como são cedros, sanguinhos, faias, louros (de cuja baga se faz todos os anos que a há muito azeite que, ainda que não presta para comer, serve de alumiar e de mezinhas na terra e fora dela, onde se leva), ginjas e azevinhos, urzes, tamujos, uveiras, pau branco, cernes e alguns teixos, que já se vão acabando por serem muito prezados e buscados para deles fazerem ricas mesas e bordas delas, cadeiras e fasquias para ricos escritórios, que com eles se guarnecem e já agora se ajudam com outros teixos trazidos da ilha do Pico, onde há muitos, e sem eles suprindo em seu lugar, para as bordas e fasquias, o sanguinho que é também singular pau para isso. Às vezes parece esta ilha três ilhas, porque a altura do Morro do Nordeste, com seu lombo, parece uma e o Vulcão alto que está sobre a Alagoa e Água de Pau, figura outra, e a alta encumeada das Sete-Cidades parece outra. Pelo meio dela toda (ao modo de espinhaço) corre uma corda de serranias, em algumas partes de picos altos e fragosos que demandam as nuvens, e em outras, montes baixos e outeiros; e, quando cursam os ventos do norte, sul, nordeste, e alguns outros com fúria, fazem nela grandes perdas, principalmente nas árvores, frutas e searas, que se não foram tormentas destruidoras dos frutos que ela abundosamente produz, parecera e fora deleitoso horto terreal. Mas, por estar muito descoberta a estes e a outros ventos, é mui escaldada, posto que por antre as serras tem alguns vales e baixos de grotas abrigados, e nas faldras das serras, algumas ladeiras e terras chãs, onde os moradores fazem suas sementeiras, principalmente de trigo pelado, centeio, cevada e pastel; e nos altos pastam seus gados em bons pastos, que havia dantes e há em toda ela, porque no lugar a que não chegou a pedra pomes e cinzeiro que caiu no tempo do segundo terremoto, ainda os pastos são como sempre foram de muita erva milhã, pé de galinha, balanco, azevém, sargaço, que outros chamam saragaço, trevo e trevina, para os porcos, alfacinha, feito, dentabrum e cabelinho, que serve como lã para colchões e o pé para comer, como palmitos e outras muitas sortes de diferentes ervas, musgo e grama, que é erva pequena, baixa e rasa com o chão E onde alcançou e cobriu cinzeiro e pedra pomes, já agora cria uma erva que se chama solda, que se quer parecer com erva ussa, mas cresce mais alta e comprida, e é sempre verde, proveitoso pasto para o gado, além de o ser também a rama das árvores do mato, de pau branco e de outras, especialmente a do azevinho que é mais prestadia, a qual por ser alta lha cortam os pastores, e outra rama de louro, que alcança o gado ao dente, por ser mais baixa, de que há maior quantidade e abundância; mas, a rama da ginja, de Março por diante, na serra e em terra de mato sombria, o faz ourinar sangue. Há feito molar, que é também no Verão bom pasto para o gado, com os quais pastos, há dele grande criação, cuja carne é mais gostosa, a que se cria em pastos escalvados e descobertos ao sol, que a dos lugares sombrios antre matos e arvoredos; e toda, uma e outra, melhor e de mais gosto que a da ilha de Santa Maria e

Portugal, e as reses têm mais força e sofrem mais trabalho. As árvores, que aqui tornam a arrebentar, são faias, se lhe não tiram a casca, uveiras, urzes, louros, tamujos, murtas e ginjas, cortando o tronco, que do pé lançam muitas e muito altas vergônteas, que são árvores agrestes, que dão um fruto tão grande e vermelho como ginjas, mas ao gosto são azedas, e o sanguinho dá outro fruto como cerejas, muito doce, que embebeda. Na ilha de Santa Maria, que parece um torrão de terra da que em Alentejo serve de criar gado, são os carneiros melhores e mais gostosos por causa do pasto, que é de massapez muito seco, e de natureza do carneiro é ser húmido, pelo que, comendo pasto seco, se tempera uma coisa com outra e faz a carne muito boa; o que não tem a carne de cabra que é mais somenos e desgotosa, por ser o pasto seco e a cabra de sua natureza seca. Isto mesmo se acha no Regno de Portugal e Castela, onde os carneiros têm os pastos secos, são bons e de extremado gosto, e os chibarros não tais; o que não se vê nesta ilha de São Miguel, onde os pastos são mui verdes e a carne do carneiro não tem tão bom gosto, nem é tão boa, e os cordeiros também não muito bons, mas os cabritos mui gostosos e de bom sabor, e a carne de cabra nova, muito boa, pelo que se usa aqui da carne dos chibarros, cortando-se nos açougues, parte do mês de Abril e todo o mês de Maio e o de Junho. A carne de vaca da ilha de Santa Maria é mui seca e desgostosa e, muito gorda, toda é acompanhada de cevo em lugar de gordura, por causa do pasto seco; e nesta ilha de São Miguel é muito boa por os pastos serem verdes e frescos. Dizem alguns que aqui os cabritos, criados com as mães, em lugares solitários, de tal modo que uma cabra não ande em companhia de outra, se fazem muito mais gordos e melhores, por ser a cabra, de sua natureza agreste e solitária, afeiçoada só, o que não tem a ovelha que, andando só, cria mal o cordeiro, por ser de natureza saudosa, o que parece ter alguma razão; mas eu cuido ser também causa de se criar melhor a cabra por comer mais à sua vontade, andando sem companhia que a ajude, pois estando acompanhada lhe cabe menor parte do mantimento, principalmente sendo muitas juntas; por esta razão não criam tão bem as que andam em manada, como as que estão apartadas, pois claro se vê que, a que anda só, está de posse de todo o pasto e come à vontade, e a grande manada junta, em pouco tempo despovoa a comida de largos campos e, se as não mudassem dali, se perderiam à fome. Por isso dizem os pastores que mais criam cem cabeças de cabras em mediana e honesta criação que sendo cento e cinquenta, porque sendo muitas comem o pasto umas às outras, e não podem criar os cabritos nem a si mesmas, e os que criam são muito magros e morrinhosos e morrem muitos deles, mas sendo poucos, logram-se muito bem os cabritos e elas. Muitos homens procuram ter esta criação de cabras nesta ilha, por haver muitas silvas nela, que é seu mais principal pasto, e também pela necessidade que há das peles para calçado; e no tempo antigo se costumava matarem-se os chibarros nesta terra capados, por ser a carne deles assim melhor para comer. Chamavam-se crestões por serem castrados, mas depois vieram a entender que não era a coirama tão boa dos capados como dos outros por capar, por serem as peles delgadas como de cabra. Haverá quarenta anos, pouco mais ou menos, que já os não matam capados, por antes quererem melhor o coiro que a carne, pela muita necessidade que há de calçado, com o costume que corre nela de trazerem todos botas; pelo que se vê a grande criação que há deste gado nesta ilha, pois, não havendo nenhum homem que não traga botas, se pode quem quer espantar de poder a terra criar tanto para prover a tantos.

Acerca do qual gado e de sua criação, ainda que nos animais que têm unto, não tenha este segredo que agora direi, o tem nos que têm cevo; pelo que é de notar que, desde a ribeira de Dispe-te que suas — até o lugar de Rabo de Peixe, tanto pelo meio da terra, como pela faldra dos montes, da banda do norte, todo fato de gado, ou cada rez, que por tempo não é mudada no ano duas vezes, ou ao menos uma, do pasto em que anda para outro da banda do sul, corre muito risco de morrer, porque adoecem de disenteria (sic) ou corrença e vêm-se a desfazer tanto das carnes que morrem; e do lugar de Rabo de Peixe, cortando ao sul ao lugar de Rosto de Cão, para diante até aos Mosteiros, com todo o termo da cidade da Ponta Delgada, nenhuma doença sentem e nenhum dano recebem, nem os mudam por respeito disto. Também no Nordeste até à ribeira de — Dispe-te que suas — é da mesma maneira, nem têm doença, nem morrem os ditos gados, nem há necessidade os mudar; assim que nos cabos desta ilha, que é no nascente e no ponente, está sabida esta experiência e tem os pastos ou terra esta virtude de não se tomarem os gados deste mal nem morrerem, como no meio da terra, da ribeira de — Dispe-te que suas — até Rabo de Peixe em toda esta compridão e largura da ilha e espaço do meio. E da banda do sul, começando de Água Retorta, até partir com o termo da Ponta Delgada, que é até os biscoutos que estão além da casa de Cristóvão Soares, contra o lugar de Rosto de Cão, se tomam também os gados deste mal e morrem, se os não mudam, o que não faz aos bois e vacas que correm nas terras feitas, que estes

adoecem poucas vezes, e os do mato muitas. No princípio da povoação desta ilha se tomavam mais gados e adoeciam de corrença e criavam na língua muitos sapos que são umas empolas pequenas como grãos ou chícharos, quando mais gorda estava a rez. Logo quando se começaram a criar gados nesta ilha, um Fernão d'Afonso de Paiva, avô de Francisco Pires da Rocha e de Pero de Paiva, homens principais, moradores na vila da Ribeira Grande, teve no Morro da dita vila onze moios de terra de mato, como então toda era, e criando na dita terra do Morro, lhe morria a maior parte do gado, sem ele alcançar a causa disso; mas vendo que no lugar de Santo António e nas Capelas e Bretanha, como mais para o ponente, da parte do sul, se criavam gados sem receberem o tal dano, se tirou da terra do Morro, vendendo-a e houve muita criação em Santo António, onde criou seu gado, sem receber nele dano nem perda, ainda que seus herdeiros a receberam muito grande em ele se tirar dos onze moios de terra do Morro, que agora são como um condado de grande rendimento, da qual terra ele não entendeu então o proveito a que podia montar e montou depois. Mas já agora, do segundo terremoto para cá, não se tomam os gados de mal nenhum, ainda que não se mudem como soía; dizem e parece ser a causa disso a muita pedra pomes que cobriu os pastos, sobre a qual o gado anda e se deita, e assim anda são, porque é quente e amiga da natureza. Dantes andava em lameiros e poças de água que havia entre o arvoredo muito alto, porque logo depois do segundo terramoto, em que caiu a pedra pomes sobre os pastos da erva, não comia o gado senão rama que lhe cortavam das árvores altas, por ainda não arrebentarem seus troncos, encravados na pedra e cinzeiro, com a rama nova; e tão acostumadas estavam as reses ao cortar dos ramos que, perdendo um homem um novilho, buscando-o sem o poder achar no mato, lhe disse um pastor que logo o faria vir ali, ainda que não o via nem sabia dele parte; e subindo-se sobre uma alta árvore, porque não tinha machado nem instrumento com que cortar rama, começou a dar nela porradas com um pau, como quem a cortava, ao qual tom acudiu logo muito gado, como tinha de costume acudir à rama que lhe cortavam os pastores, sem então lha cortarem, e antre o outro, veio o novilho que o homem não achava, que cobrou pelo ardil e engano proveitoso do discreto pastor, com que achou e restituiu o perdido a seu dono.

Está no princípio da ilha, da parte do oriente declinando para o norte, um grande e alto pico chamado da Algaravia, porque (como tenho dito) foi de uma mulher deste nome, natural do Algarve, que ali morou com seu marido alguns anos, e depois deles viveram outros muitos; e para a banda do sul, outro monte, muito alto e largo, que se chama o Lombo Gordo, que está sobre as ribeiras, uma de Trosquiado, mais junto da vila do Nordeste, e a ribeira dos Cambos, logo adiante, e a ribeira do Arco, que logo se segue, no Espigão Rachado, que todas nascem do dito pico. Na faldra do mesmo Lombo Gordo está situada a vila do Nordeste. Mais adiante está outro pico muito alto, chamado o pico de João Bartolomeu, por ser de um homem rico, deste nome. Logo adiante outro, dito pico do Morrão, porque tem um morro e quebrada grande, e pegado com ele, está outro pico, que se chama o Caldeirão, por ter uma cova de feição de caldeira, no meio. Mais adiante está o pico Verde, por maior parte do ano estar vestido desta cor e ter bom pasto de erva. E logo o altíssimo pico da Vara, da causa de cujo nome há diversas opiniões; uns dizem que passando um meirinho por ele e deitando-se a dormir, depois de acordar lhe esqueceu ali a vara, aonde depois a foi buscar, ou foi achada de outros, ficando ao pico em que se achou o nome de Pico da Vara; outros dizem que um homem chamado Estêvão Chainho, dos primeiros povoadores do Nordeste, indo caçar às pardelas ali, estando no alto dele, fincou no chão uma vara que levava como aguilhada; outros dizem que tem este pico três nomes: a parte dele que está sobre a vila do Nordeste se chama Pico da Vara por ser muito alto e comprido, como vara, e por estar junto do Topo do Nordeste, que é a sua faldra na ponta da ilha, da banda de leste, onde é mui alto e a primeira terra em que os mareantes, que vêm do levante, topam a vista, se chama Topo do Nordeste; e porque vai correndo pela encumeada, para a banda do ponente, ao lugar das Furnas, até o pico Redondo, onde descem à Povoação, se chama os Graminhais, porque até ali há sempre grama, erva baixa e rasa, com que está verde todo o ano; dali por diante não há grama; que é tão alto que de cima dele se descobre a ilha toda cercada de mar, vendo-se suas salgadas águas que a rodeiam em torno por todas as partes dela, do meio do qual nascem três grandes e formosas ribeiras: a primeira e a maior que há na ilha vai pela Povoação Velha entrar no mar do sul; a segunda, para o levante, chamada a ribeira do Guilhelme, declinando ao Nordeste; a terceira, da Mulher, para o norte; e por ser tão alto, é muito ventoso, pelo que (salvo melhor juízo) julgo eu que ainda que o não seja, a razão do seu nome devia ser esta: vara em língua dos chins é nome de um tempo ou vento que faz maravilhas, de Sila e Caribides, que estão antre o cabo de Comorim da terra firme da Índia e a ilha de Ceilão; e assim pode ser que algum, sabendo isto, pôs nome a este monte pico da Vara, como se dissera pico do vento, pelo grande vento e tormenta que no alto

dele faz em tempo do Inverno, e sobeja frescura no quente e seco, junto de uma fresca fonte em que os cansados caminhantes, no seu cume, temperam sua sede ardente Além dele para a parte do ponente, está um grande pico que se chama do Azevinho, por ter muitos azevinhos; e logo o pico do Tição, por haver sido de João Lourenço Tição, homem dos principais desta ilha; e junto dele, o pico do Pardino, nome de seu dono. Depois está o pico Redondo, pelo ele ser, e o pico da Salga, por salgarem nele os porcos monteses que por ali caçavam e monteavam; e o pico do Feno, que há nele; os Moles, terra deste nome, por ser húmida e de muitos lameiros; os Graminhais em que há grama, e a grande serra, chamada por antiperistasim (sic), Serreta, ou por se achar nela mais baixo mato, que cresceu, não de princípio da ilha, mas depois de arrebentarem as Furnas, por toda aquela comprida encumeada ao redor delas, donde os caminhantes vão vendo aquela sua espaçosa concavidade, como outro mundo inferior, mais perto do centro da terra, onde está o Inferno, que semelham parte dele, povoada de grandes alagoas, que estão parecendo mar, regada de muitas ribeiras frias e quentes, dantre as quais se alevantam grandes fumaças de umas bocas da terra, como de fúrias infernais, a que comummente chamam Furnas, de que mais particularmente agora direi, antes de passar além pelos montes, deixando as alturas da terra por estes vales dela, pois também é vale de lágrimas este em que agora vivo desterrada, em que todos vivemos, ou por melhor dizer, morremos.

CAPÍTULO XLIX

DAS FURNAS DA ILHA DE SÃO MIGUEL, A QUE ALGUNS CHAMAM BOCA DO INFERNO

Para tratar das Furnas desta ilha de São Miguel, se há de notar primeiro que a maior parte das faldras destas e doutras ilhas, que são as terras marítimas lançadas ao longo das cordas das serranias, que correm como lombo ou espinhaço alto, pelo meio de cada uma, e quase de todas elas, em alguns tempos passados, por diversas vezes correram arrebentadas, ou sacudidas dos picos das mesmas serras, ora em matéria e polme de pedra derretida (a que depois de resfriada ou coalhada chamam biscoutos, ou pedras de alvenaria ou de tufo, ou de cantaria, de pedra branca, cinzenta e preta e de outras cores) que do profundo procede e sai com a força do fogo que fazem acender os vieiros de enxofre, ou salitre, ou outras coisas naturais, e sobre a pedra correu e caiu depois cinzeiro e areia e pedra pomes e a mesma terra dos montes que arrebentaram; com que às vezes, donde cai nos altos, os faz mais altos e os baixos os arrasa com os outeiros, e as grotas com as terras junto delas, e outras vezes tomando posse do mar e estendendo as ilhargas com os mesmos biscoutos, que pelas águas salgadas se estendem como caes, e com areias e fajãs que, espraiando-se abaixo das rochas, fazem grandes entulhos, às vezes sobre o mesmo biscouto, e às vezes sobre as águas do mar, ao modo das lezírias, que fazem as invernadas e crescentes dos rios em terra firme, que aqui não são lezírias, por não serem alagadiças, mas são umas terras chãs e outras, fajãs ao pé das rochas, como é a do lugar dos Mosteiros e o que se acrescentou na Praia, no caminho de Vila Franca, e em outra praia na vila da Ribeira Grande, nesta ilha de S. Miguel, e outras semelhantes. E assim parece logo a quem as vê com consideração e atenção que estas terras são de uma terra sobreposta e quase nateiro, do interior do sertão da serra e picos dela, que caiu do alto, onde a alevantou o fogo, ou trouxeram as ribeiras do polme de pedra ou terra, em tempo que arrebentou algum pico, ou a força das águas quando chovia; mais que terra própria e nativa daquele lugar, a terra do cume daquelas serras ou das rochas, com que se alargou esta ilha e da mesma maneira outras muitas, fazendo-se maiores do que primeiro foram. E parece que Deus ou a Natureza a que ele manda obrar, no princípio da criação ou feitura destas ilhas, pôs aquele muro altíssimo de serranias, para amparo do ímpeto que trás o grande oceano no tempo de sua fúria; e depois pelos tempos em diante, correndo (como tenho dito) pedra e terra das mesmas serras, se estenderam; os sinais do qual se vêem ao pé de alguma serra, com algumas partes da planura das faldras dela, onde se acha muito cascalho e areia rebatida das ondas do mar, testemunho claro que já ali em outro tempo chegou e depois correu mais terra ou pedra, que tomou adiante mais posse dele, e alargou mais as ilhas, fazendo-as maiores do que dantes eram e do princípio foram, como se vê claramente nas baixas dos lugares da Povoação e Faial, que estão ao pé de altos montes onde o mar chegava, de que a terra corrida tomou posse, e sobre elas se fizeram as casas e se prantaram pomares; e na vila da Ribeira Grande desta ilha, no lugar onde esteve uma ermida de Nossa Senhora da Concepção, que estava em terra corrida em tempos passados, mais baixa já que a outra, e depois, abaixo dela, correu outra, misturada com areia, que atupiu o mar por grande espaço, pelo qual lugar está manifesto que foi a ilha acrescentada duas vezes, em sua largura; e assim foi por muitas vezes em muitas partes, assim na largura, como na grossura, com que de estreita se fez mais larga e de rasa se fez mais alta; do qual são boas testemunhas de vista todos ou quase todos os montes desta ilha, que se forem inquiridos desta verdade responderão como gente cortês, com os chapéus fora, que são seus picos, cumes ou coroas de riba, com covas em cada um e bocas abertas, que estão testemunhando e dizendo como sinal evidente que por elas saiu de suas entranhas e do centro da terra pedra de biscouto e outra pedra pomes, terra e cinzeiro, que aos seus lados se foi estendendo e correndo, até chegar ao mar e tomar posse dele; e outras vezes subindo pelas mesmas bocas, como pelouro por tiro de trabuco, com a força da pólvora e fogo, para o ar, e tornou a cair a mesma matéria de pedra

dura e pedra pomes, terra e cinza, sobre as terras a eles adjacentes e vizinhas; e às vezes mais longe, levadas pelos ventos que então cursavam, com que acravavam os matos do alto arvoredo e enchiam as grotas, ficando, na sumidade das mesmas árvores a superfície da terra, que com ela arrazava, tendo-a dantes igual e rasa com suas raízes, mas agora sua altura acravada, e assim tornada calva. Como se vê também nos escalvados que ficaram ao redor das Furnas, quando elas arrebentaram, em que não se achou arvoredo, por estar acravado o que dantes havia, ainda que em outras partes nasceu e cresceu depois tanto, que se tornaram a povoar de mato espesso e altíssimas árvores, de modo que parecem estar prantadas desde o princípio da ilha e começaram juntamente com ela, em sua criação ou feitura. E antre os montes que arrebentaram (como claro parece), a concavidade das Furnas foi dantes um grande e altíssimo pico, coberto de alto, grosso e basto arvoredo, nele antigamente nascido ou criado, que com a força das vieiras de enxofre ou salitre, que no centro de sua raiz havia, veio a arrebentar todo inteiro, antes da ilha ser achada muitos anos, e alçar-se para o ar, como pelouro de trabuco ou bombarda, ou todo inteiro ou em pedaços, desfazendo-se ou espalhando-se pelas partes a ele adjacentes e vizinhas, fazendo, como digo, os escalvados, que acravou com sua matéria e terra que de suas entranhas saiu, deixando feita uma profunda concavidade, que, da sua encumeada para dentro, pode ter cento e cinquenta moios de terra; e a descida para ela, pela parte do oriente, da banda do sul, será de uma légua, pela qual se vão vendo em muitas estâncias profundos vales e fresquíssimas e saudosas fajãs, de alto e sombrio arvoredo, de cedros, faias, louros, ginjas, pau branco, folhado, urzes, uveiras de serra e outras sortes de árvores, com a verde hera abraçada em alguns troncos delas, e em seus ramos muitas maneiras de pássaros, fazendo tanta e tão doce harmonia com seus cantos (não faltando ali o agudo tipre dos tentilhões, e claros tenores das toutinegras, e como contralta os saudosos brados dos melros, e a contrabaixa dos pombos torcazes, com o sauve contraponto dos canários) que quem desce por aqueles ásperos e solitários caminhos, não pode deixar de não parar, com os ouvidos a ouvi-los, e com os olhos a ver, e com o entendimento a considerar aqueles lugares sós, acompanhados de tanta soidade, que lhe arrebata o sentido e o vai alevantando tão alto em pensamentos e considerações de seu Criador, que de boa vontade se deixaria ali ficar naquele ermo, esquecendo-se dos povoados, se lhe desse lugar e o não estorvasse a humana fraqueza, invejosa destas saudosas saudades. Outra descida tem da banda do norte, mais íngreme, de espaço de meia légua, que se chama Pé de Porco, por dizerem que descendo-a ou subindo-a uns homens, no princípio do descobrimento da ilha, comeram ali um pé de porco que levavam cozido; outros dizem ter este nome, porque logo no princípio que começaram a andar por ali vaqueiros, e fazer currais de gado naquela rocha, acharam um pé de porco que nela deixaram uns ladrões, de um que ali mataram; a qual descida não é menos acompanhada de arvoredo, que a outra do oriente, e mais trabalhosa, ainda que não tão saudosa, afora outros caminhos ásperos, por onde descem ao campo baixo e raso, onde estão as Furnas, que se podem pintar como os poetas pintam os Campos Eliseos, porque é um campo chão, deleitoso, fresco e aprazível, dantes calvo em algumas partes e em outras de alto arvoredo; mas já agora está sua calva coberta de muitas faias e outro mato ainda baixo, que virá a ser mui alto, se o não impedir a avara, estragada e desperdiçada condição dos homens; e como as Furnas são chamadas nesta terra, pelo parecerem assim, Boca de Inferno, nestas descidas têm mais facilidade, que quando se tornam, os que desceram, a subir por elas; como diz Virgílio, fácil é a descida para o Inferno, mas tornar a subir e escapar para os ares superiores do alto, aqui está o cansaço e o trabalho. Se as descidas são deleitosas, mais o são os campos amenos, acompanhados em umas partes com espessos bosques de altíssimo arvoredo, e em outras, de outro mais baixo, raso e raro, que deixa passar aos hóspedes e romeiros por antre sua verdura, regados com algumas grandes ribeiras, umas de claras e frias, outras de turvas e quentes águas, antre os quais, quase no meio daqueles campos chãos, naquela grande e profunda concavidade, estão as Furnas tão nomeadas e celebradas, não somente nesta ilha, mas quase em toda a parte do Universo, onde se sabe o nome dela.

Para mais clareza, direi, Senhora, por ordem as coisas que há neste campo, começando da descida a ele, da parte do oriente, da encumeada que chamam os Graminhais, por haver por ali muita erva deste nome, chamada grama, caminhando para o ponente, quase ao noroeste, contando estas coisas brevemente, pois são mais para ver com os entendidos olhos e longas considerações, que para dizer, nem contar com compridas práticas, nem multiplicadas palavras.

Um clérigo, a que não pude saber o nome, veio com os primeiros povoadores, que vieram a esta ilha e saíram na Povoação Velha; dali a dias, desejando ver de perto e saber que coisa era uma grande língua de fogo que sobre o ar aparecia e saía da terra, partindo da Povoação, se foi um dia com um companheiro, metendo-se pelo espesso mato, fazendo caminho com uma foice roçadoura e deixando por ele balisas e sinais nas árvores, porque à tornada se não perdesse; chegou sobre as Furnas, a uma alta encumeada, de que elas da parte do oriente estão cercadas, da qual descobriu primeiro que ninguém o lugar donde o fogo delas saía; e não se atrevendo descer abaixo, pela aspereza da terra e espessura do arvoredo, se tornou para a nova Povoação, que agora se chama Velha, em respeito das outras que pelo tempo adiante se fizeram, para tornar mais devagar e com mais companhia de gente a descobri-las, como depois fez; e suspeita-se que desceu a elas pela descida e caminho da encumeada dos Graminhais, da banda do oriente, de que agora usam os que a elas vão da Povoação e daquelas partes. Este parece foi o que primeiramente descobriu as Furnas, que naquele tempo estavam mais altas e furiosas que agora, por então estar ainda junta maior matéria de fogo e mais fortes vieiros de enxofre, que as faziam ferver com maior fúria e mais espantosas; estavam em terra mais alta, que se foi abaixando e consumindo cada vez mais, e o seu furor também foi desfalecendo, porque já agora são muito menos do que foram.

Acabando de descer por aquele caminho do oriente, da alta encumeada dos Graminhais, ao plano e campo chão, onde as Furnas estão (que é uma rocha que ficou feita ao redor do mesmo campo, daquela banda do oriente, quando aquele pico arrebentou e espalhou pelas terras a ele chegadas quanto tinha sobre a terra e sua raiz, ficando aquela grande concavidade, com os olhos e buracos de fogo abertos, sinais evidentes do grande fogo que fez alevantar tão alto e tão grande pelouro, como era aquele monte) logo ao pé da rocha e descida de deleitosas faias, como tenho dito, da parte do oriente, está uma grande e larga ribeira de claras, frias e doces águas, em que os que acabam de descer a alta rocha, cansados e suados, se refrescam, lavam e bebem descansados; caminhando dali para o oriente, pouco espaço, está um pequeno ribeiro de água fria, que em partes é verde e em partes vermelha, doirada, ferrugenta e de outras diversas cores, segundo as têm os limos sobre que vai correndo, não porque a água as tenha, mas por causa do lastro da terra e limos, cuja cor transluz pela água que é clara, como no mar Roxo acontece. Andando mais adiante, virando para a parte do sul com uma pequena volta, se vêem os grandes fumos e se ouvem os temerosos estrondos que as furnas estão fazendo; e chegando-se a elas se vêem duas juntas, antre as quais vai um caminho muito estreito, como vereda, por um baixo espigão de terra e pedra, que entre ambas está; a primeira, que fica da parte do ocidente, está mais alta, de água clara, tão quente que pelam nela leitões, porcos, cabras e cabritos, metendo-os dentro e tirando-os logo, que também os podem cozer nela se os deixarem estar mais tempo; e do peixe que nela se mete não fica senão só a espinha; deita esta furna no meio um olho de água fervendo, dois côvados de alto e de grossura de duas pipas, mui furiosa; mas posto que ponha terror a sua fervura, não se teme tanto aquela estreita passagem ao longo dela, por ser de água clara, a qual corre desta primeira, por um pequeno canal que atravessa o estreito caminho e se mete em outras duas, correndo de uma em outras para a parte do norte, que também estão fervendo com muitos olhos alevantados, cuja água não é já tão clara, ainda que são mais largas que a primeira. Logo mais adiante, para a banda de leste, está um olho fundo, aberto na terra, fumegando e fazendo terror, com espesso fumo que dele está saindo; junto com ele está outra furna, como caldeira, com muitos olhos fervendo cinzento polme e faz uns círculos a modo de coroas grandes, ou cabeças calvas, donde o vulgo lhe veio a chamar a furna de Coroas de Frades. Logo mais adiante está uma cova mais funda, que com um grande e furioso olho, ou borbulhão de polme cinzento escuro, subindo para o ar três ou quatro côvados de alto, de grossura de três pipas juntas, está em contínuo movimento, um olho saindo, outro começando; e pela fúria com que sai, matinada que faz e cor que tem encarvoada, se chama a furna dos Ferreiros, que parece que aquela é a forja de Vulcano; e esta é a mais furiosa, temerosa e espantosa furna de todas.

Junto desta se abriu, pouco tempo há, outra mais pequena da mesma cor e polme, que ferve com três olhos menos furiosos e mais pequenos; em uma grota que corre ao longo delas, da parte do oriente, está um grande olho de água quente, de grossura de um quarto, que ferve para o ar em altura de um côvado; na qual grota se ajuntam as águas que correm destas furnas e fazem uma pequena ribeira de água quente, que se vai adiante para a banda do sul ajuntar com uma ribeira quente e outra ribeira fria, que passa pela fábrica de pedra hume e nasce acima dela e da rocha do Pé de Porco, (das quais direi adiante) e ambas juntas em um

corpo, a fria e quente, vão cercando e rodeando as furnas todas pela banda do sul; e no cabo das furnas se encorpora a ribeira da água delas com estas duas. Mais além se ajunta a outra grande ribeira também de água fria, de que contei primeiro, que corre da parte do oriente, com estas três; e todas quatro juntamente se fazem uma e vão sair ao mar do sul, com nome de uma só Ribeira Quente, que com outros olhos que se abrem, fervem e fumegam ao longo dela, se vai mais acrescentando e aquentando. Antes desta grota e água quente que sai por ela às furnas, antre ela e elas, está um outeiro pequeno de terra quente que quase todo é enxofre misturado com uma mole e branda pedra branca, principalmente na superfície, donde os que vão ver as Furnas tiram muito e levam para muitas partes, aproveitando-se dele alguns da mesma maneira que ali o acham, e outros o apuram somente com o ferverem ao fogo, e derretido, o dietarem em canudos de canas, com que fica perfeito e formoso, como qualquer outro, sem mais outra cerimónia; e por mais que se tire dele, da superfície daquele quente outeiro, nunca desfalece e logo se torna a achar outro no mesmo lugar, porque a mesma terra, que é vereiro (sic) ([269]) dele, com a grande quentura que tem, está vaporando e criando outro, sem nunca faltar naquele mesmo lugar grande cópia dele.

Junto da furna chamada das Coroas para a banda do sul estão na terra dois buracos pequenos, tão grande cada um como uma caldeira pequena, onde esta fervendo a água clara; e mais para o ponente, da banda do sul, junto da Ribeira Quente que vai correndo ao longo destas furnas, está outro olho de água fervendo, ao tamanho dos de cima, e com passar a ribeira que chamam Quente, está ali quase fria, por vir já junta com a ribeira fria da fábrica e se misturar com este olho de água que fervia, está fervendo quente e não se esfria. Antre ela e as furnas se tirou já muita pedra hume que se fez e rendeu muita quantidade de pedra hume, e a dá muito boa e de bom rendimento. Esta é a causa porque se conservam ali tanto tempo aquelas bocas fervendo, sem se consumirem e gastarem e afundarem todo aquele lugar, porque se fora terra o que está antre elas, já estivera consumida e gastada com o grande fervor das águas delas, e tiveram feitas muito maiores bocas e aberturas; mas saem estas furnas como fontes ou olhos de água que ali nasce e sai por antre aquela pedreira de pedra hume e os vieiros de enxofre, e de algum salitre, que pode haver naquele lugar, ou outra matéria de fogo, que aquenta aquela água e ferve com grande fúria, sem nunca faltar água daquelas fontes que ali nascem: uma clara, que faz a furna clara e outra misturada com a terra e cinza, que faz as furnas de polme cinzento e negro; sem faltar o vieiro de enxofre e matéria de fogo que as aquenta e faz ferver com contínuo movimento e fervura, porque é muito o enxofre que tem debaixo e há em todo aquele campo, de que é claro indício haver alevantado para o ar e desfeito o grande e alto monte que ali esteve, deixando feita a rocha ao redor e a espaçosa e alta encumeada que já disse, dentro da qual outros muitos olhos de água quente se alevantam com fervura e grande fumo, ao redor das mesmas furnas e pela Ribeira Quente abaixo, de que não faço particular menção por serem pequenos; antre aquela terra, que é toda como estéril, há uma mina de enxofre.

Das Furnas, para a parte de leste, declinando à banda do sul (afastada mais espaço que dois tiros de arcabuz) está uma furna pequena, que por fazer um som e matinada como tambor, se chama o Tambor, e ferve para cima com um olho furioso e fervura que faz com um polme ralo de cor cinzenta, junto de uma terra quebrada. Ao redor dela, está mais de um alqueire de terra escalvada em que se deitam os bois no tempo frio, porque a acham quente. Perto desta furna se ajuntam as três ribeiras principais que nascem dentro da grande concavidade, sc., a fria e a que ferve e a quente e a outra que nasce das furnas, que vão todas juntas em uma dali para baixo ter ao mar do sul; e lá tem o nome de Ribeira Quente, ainda que são quatro, duas quentes e duas frias, encorporadas em uma só. Por esta Ribeira Quente abaixo, meia légua das furnas, no cabo do Lombo Frio (que é uma lomba em uma rocha dele, que se chama a Felpelhuda, por ter muito musgo e erva) saem desta rocha três tornos de água, perto um do outro, como quantidade de dois côvados antre cada um; o torno do meio é quente, os outros dois frios. Dali para baixo é a Ribeira Quente tão chã até o mar, espaço de outra meia légua que vêm as tainhas por ela acima até o Lombo Frio; tem esta ribeira um salto pelo qual podem passar as tainhas mais acima.

Tão feias e furiosas são estas furnas e tanto horror põe a quem as vê e ouve o grande estrondo e arruído que fazem, trabalhando com contínuo movimento, que parece uma confusão e semelhança do inferno; das quais dizem os pastores, que por aquelas partes ao redor delas pastoram seu gado (por haver ali bons e abrigados pastos naquele lugar baixo) e o mesmo afirmam outros que o têm experimentado, que no tempo do Inverno (especialmente quando venta sul, sudoeste, sueste, leste ou nordeste) fervem com maior furor e fazem maior

fumaça, parecendo-lhe que andam nelas os demónios, dizendo que a razão disso é andar naquele tempo o mar mais bravo, que as faz ferver com maior braveza; mas ainda que isto pode ser alguma causa, a principal é por que naquele tempo, que é mais frio com os ares frios circunstantes, por antiparastasis se reconcentra a quentura e recolhe para dentro da terra, com se acender mais o fogo nos vieiros do enxofre que há nela, com que acescenta a fervura naquelas bocas abertas, aquentando- se mais a água e polme delas, e saltando para o ar, com mais espesso fumo e apressurado ímpeto e veemência, e mores estrondos que no Verão, em que tudo tem menos, por respirarem pelos poros da terra que estão então mais abertos. Mas também no Verão como no Inverno, ainda que mais no Inverno, se deve meditar no trabalho eterno que terão os danados, pelo que têm estas furnas perpétuo, sem nunca cessarem; e ainda que algumas delas cessaram já, outras se vão abrindo de novo, porque todo aquele campo é uma mina de enxofre. E quando cursam ventos nordestes, por serem (como alguns dizem) mais tormentosos, e tanto que revolvem as águas e areias, também elas andam com mais fúria e soam mais ao longe, deitando mais cópia de vapores e fumos, cuidando que o mar por debaixo da terra se comunica com estas bocas; mas, como outros com mais razão afirmam, por os nordestes serem secos e taparem os poros da terra, com que são causa dela tremer, por não ter o ar por onde respirar, assim, quando ventam, são causa de maiores estrondos nestas furnas.

Ainda que isto destas furnas é natural, parece coisa sobrenatural, e se perguntarem por que razão duram sem se gastarem, consumirem e acabarem (porque se o vieiro de enxofre as faz ferver e faz o seu fogo, esse fogo e esse enxofre, ardendo tanto tempo, já se houvera de acabar em tantos anos, e acabando, acabaram as furnas seu furor, e já as não houvera), responde-se a isso que ainda que se vai gastando o enxofre (que é a matéria de fogo que faz ferver as furnas e aquela água que ali nasce) a mesma qualidade de terra vai criando outro enxofre e outra matéria de fogo, de novo, e assim nunca falta; pelo que as furnas e seu fervor não cessam, porque (como dizem os filósofos) não é outra coisa enxofre senão uma grossura de terra, a que chamam pinguitudo, junta com a humidade, as quais, como sejam ambas matéria do mesmo enxofre, o que há naquelas partes em abundância, sempre a natureza está subministrando o dito enxofre, que nunca falta nestas furnas, do que é clara mostra e prova o lugar que atrás tenho dito, onde nunca falta por mais que dele tirem; pelo que é estéril a terra dantre as furnas, por ser toda uma mina de enxofre. Outra razão se pode dar e é que será tamanho e de tanta quantidade o vieiro de enxofre e matéria de fogo ali debaixo da terra, que pode durar e dura tantos anos, como tem durado e ainda durará até que se acabe de gastar e consumir pelo tempo adiante, e então acabarão de ferver as furnas, como já acabaram algumas e cessaram por se acabar a matéria do enxofre e água ou humidade que as cevava; e outras começarão novamente, por se começar novo enxofre e nova matéria de fogo na humidade que ali acham, ou se criou também nova humidade que ferve com novo fogo nascido de novo; e assim umas furnas vão secando, outras começando e abrindo novamente, por ser pedreira de pedra hume o espaço que está antre algumas, ou elas como fontes nascerem antre esta pedreira, não se desfaz nem gasta, como pudera ser gastado, se não fora pedra, como já tenho dito.

Um tiro de arcabuz das furnas para a parte do ocidente estão em um campo algumas pequenas bocas abertas, pouco fundas, e outras quase rasas com a superfície da terra; e ao redor das mesmas furnas, para a banda do mar e da terra, uns lugares, como covas, e outras rasas, em outros três ou quatro pedaços de terra, de alqueire cada um, em diversas partes, donde saem uns fumos e fedores tão prejudiciais e infestos a quaisquer aves do ar ou animais da terra (como são gado vacum, ovelhas, cabras, porcos e cães, que ali chegam, ou as aves que por cima voam ou pousam nas árvores) que caem e em breve espaço morrem, se logo os não tiram fora, escapando os cães com a vida, cortando-lhe as orelhas, por onde purgam aquela peçonha que pelos narizes receberam. Dizem alguns que ao longo da Ribeira Quente, por ela abaixo, estão outros campos desta mesma qualidade, até os quais somente sobe do mar pescado de diversas maneiras, sem passar mais acima, e todos, uns e outros, se chamam por esta razão os fumos ou fedores, sem em nenhuma parte deles receber dano nem mal alguma pessoa humana, se não se deixar estar ali por notável espaço de tempo, porque os que se detêm mais de uma hora, quando vão tirar dali o gado, também sentem movimento no corpo, como é vómito e outros acidentes. Além, pouco espaço ao ponente, corre uma grande e fresca ribeira de boas e claras águas, que nasce na rocha junto do Pé de Porco, onde está feita a fábrica de pedra hume, que ali mandou fazer João de Torres, mestre dela, depois que deixou de obrar a da vila da Ribeira Grande, de que adiante contarei; e com esta água desta ribeira

ser muito fria, está fervendo em muitas partes, com a respiração que faz a quentura dos vieiros de enxofre que está debaixo daquela terra, por onde vai correndo; pela qual razão se chama a Ribeira-que-Ferve, cuja água dizem ser a melhor de toda a ilha, se o não for a da cidade da Ponta Delgada, principalmente na fonte donde nasce, onde está mui fresca e fria, porque na donde sai, vai já muito amassada e encalmada, sem perder sua bondade, mas às vezes por isto e por causa das raízes que dentro nos alcatruzes crescem muito, sabe a terra e não se bebe tão fresca e fria, posto que a água que vem de longe por canos limpos é melhor (quanto mais comprido tem o curso) que na fonte donde nasce, por vir purificada de algumas escórias que da terra nascem. Defronte da fábrica, um pouco mais acima, está uma fonte, como um cano de água, que sabe a ferro e se mete na mesma ribeira, pelo que, quem quer boa água dela, a toma acima do lugar onde esta fonte de ferro se mete nela.

Desta ribeira fria que ferve, pouco espaço para o ponente, está uma ermida de Nossa Senhora da Consolação, de muita romagem, que agora com grande custo mandou consertar o magnífico e liberalíssimo Baltazar de Brum da Silveira, em condição Alexandre. Além dela, um tiro de besta, está a Ribeira Quente, que nasce perto da dita ermida, de dois grandes e apartados olhos de água turva e tão quente que se se não temperasse com outra fria de outras fontes que ao redor nascem não se poderia sofrer sua quentura; mas com esta mistura fica sua água temperada, sem ferver, como ferve a outra ribeira fria que atrás disse, ficando a ermida antre estas duas ribeiras, a fria e a quente; abaixo da cruz da ermida, mui perto, está uma fonte muito fria e amarela a metade dela, e a outra metade verde, não tão fria. Na qual Ribeira Quente se curam muitas pessoas de flegma, salsa e sarna e outras enfermidades, tomando nela banhos, sem mais outros suadouros; a que não faltam, se não oficinas e edifícios para se igualarem com as celebradas Caldas da Rainha, que estão em Portugal, junto de Óbidos, e as Caldas junto a vila da Bouzela e quaisquer outras.

Da ermida das Furnas, a mais de três tiros de besta para o ponente, está uma grande alagoa de água doce, que terá em circuito mais de uma légua; e da parte das Furnas, acima de um cerro e baixa encumeada, que está antre ela e as mesmas Furnas, tem outras quatro ou cinco furnas, fervendo e fumegando da mesma maneira que as já ditas, das quais dizem que procede a Ribeira Quente e os dois olhos que já disse que dela nasciam, em que se tomam os banhos; e quando a água cresce no Inverno, as cobre de água, como também se secam no Verão parte delas. E às vezes se vê esta alagoa vasar alguma coisa e tornar-se a encher, como maré, pelas bordas, de que parece ser causa o vento, que a faz ir para uma parte e tomar o seu lugar, quando a calma cursa ou vem da parte contrária, ou por causa da lua; pode ter esta alagoa (que é mais larga que as das Sete Cidades, mas não tão comprida) dez moios de terra, a qual deu el-Rei a um João Tavares, da vila da Ribeira Grande, que lha pediu com determinação de a vasar pela parte do Sanguinhal de Duarte Pires, e dali a levar ao mar pela Ribeira Quente, por se aproveitar da terra dela para semear pastel ou trigo, o que não houve efeito. Está claro que onde está esta alagoa grande foi outro alto pico que em outro tempo arrebentou e ficou ali aquela concavidade, dividida com o cerro que está antre ela e o campo das Furnas, em que se fez aquela grande alagoa, correndo para ela algumas ribeiras, regatos e grotas de chuvas e enchentes. Dizem que de toda a terra ao redor dela se pode fazer caparrosa, se se soubesse quantos dias há de estar a apodrecer, e houvesse mestre dela, como também de alguma terra dantre as furnas se faz já muito boa. Dali a pouco espaço, para a banda do sul, abaixo do caminho que vai das Furnas para Vila Franca, estão duas alagoas pequenas, de água doce, a respeito das quais, a outra atrás se chama a Alagoa Grande; e das duas menores, a que está da banda das Furnas é mais escura, em uma cova de um pico que em outro tempo arrebentou, cercada a água ao redor de altas árvores; outra, da banda do ponente, é mais clara, onde vai ter uma ribeira que se chama de Diogo Preto, nome de um homem principal que ali morou e tinha sua fazenda; na qual alagoa clara (que tem em baixo areia) se sume a dita ribeira de Diogo Preto, e vai por debaixo da terra, espaço de uma légua, a sair no mar, nas fontes que saem junto do Forninho, perto da baixa chamada Lobeira (como já tenho dito), o que tenho por mais certo, que o que outros dizem, serem aquelas fontes que nascem no mar, da Alagoa Grande, porque se dela saíram, fora minguando, o que não faz, pois está sempre em um mesmo ser, afora as mudanças que lhe faz fazer o vento, ou as enchentes que nela entram no Inverno, ou secura do Estio, ou a lua.

Das Furnas até à ribeira de Diogo Preto vão dois caminhos bem assombrados, em que espairecem e se desenfadam muito os caminhantes, um ao longo da Alagoa Grande, pela qual se estendem os olhos de água por suas águas, e outro por um lombo alto, acompanhado de altíssimo arvoredo de uma e outra banda; e da do sul se vão os olhos apascentando por altos

montes e baixos vales, povoados de espessas árvores, que fazem aqueles lugares e caminhos estranhamente alegres e saudosos; anda nela diversidade de aves em grande número, como são adens, mergulhões, maçaricos, galeirões, patas bravas e outras espécies delas; podia-se criar ali infinidade de peixes de água doce, se houvesse curiosidade para os trazer a ela, de fora.

A noite que amanheceu a sete de Outubro de mil e quinhentos e oitenta e oito, choveu por aquelas partes tanta água, que atupiu muitas destas furnas com suas enchentes e levou algumas casas com seus moradores ao mar, de que tomou bom espaço posse um pedaço de terra que quebrou do pico da Vara, mudando a Ribeira Quente de sua primeira madre, e em diversos lugares e partes desta ilha, fazendo muitas mudanças e espantosas novidades.

CAPÍTULO L

EM QUE SE VAI PROSSEGUINDO A DESCRIÇÃO DA TERRA PELO MEIO DELA; ONDE SE TRATA DAS CALDEIRAS QUE ESTÃO ACIMA DA VILA DA RIBEIRA GRANDE, JUNTO DA SERRA, E DA CONCAVIDADE A QUE CHAMA O POVO SETE CIDADES, ATÉ OS ESCALVADOS, FIM DA ILHA DA PARTE DO PONENTE

Além das Furnas, para a parte do ponente, está o pico chamado de el-Rei, por se tomar para ele, de um homem que lhe devia e não podia pagar, ou por aquelas terras serem de el-Rei; e o pico de Álvaro Pires, e os dois picos quebrados, ou esfolados de Luiz Fernandes da Costa; o pico do Barbosa; o pico da Senhora, porque foi de D. Inês, mãe do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, pai de Manuel da Câmara; o pico do Louro e dos Bodes, nomes alcançados das coisas que neles havia; o pico do Congro, ao pé do qual está a alagoa do Congro, sobre Vila Franca; depois o pico da Sanchoeira (nome porventura de alguma mulher, cujo ele era) acima dos engenhos de açúquere que por ali estiveram; e o pico de São Brás, da banda do norte, por mandar fazer nele uma ermida deste santo um homem principal e rico, chamado Mateus Vaz; e logo a alta serra do Monte Escuro, que tem no cume uma grande alagoa, ao redor da qual, antes do segundo terremoto, havia tão cerrado mato maninho, de altíssimo arvoredo de muitos cedros, folhados, faias, louros e ginjas, que ninguém podia lá passar, nem o gado que entrava podia mais sair e ali morria de velho, aproveitando somente os donos algum que, com grande dificuldade, se lhe tornava a vir por si mesmo, que eles não podiam lá entrar para o tirarem; e os que tinham gado cabrum, ainda que ouviam andar, não o podiam tomar, nem assinar do seu ferro, por causa da grande espessura do arvoredo daquele mato; e por aquela alagoa ser muito sombria e obscura com as muitas árvores que a cobriam, e o mesmo mato obscuro com a espessura delas, se chamou aquela serra e cumieira (que está direito de Vila Franca da parte do sul, e do Porto Formoso da do norte) Monte Obscuro. Do pé da qual serra nascem três ribeiras: a das Tainhas, que vai sair ao mar do sul, junto de Vila Franca, além de São João, para o nascente, e a ribeira do Salto, da outra parte da mesma Vila Franca, e a Ribeira Grande que pôs nome à vila, da banda do norte, e a corta pelo meio. Além do Monte Escuro está um pico que se chama o pico de Água de Alto, porque dele sai a ribeira deste nome, que cai da banda do sul. Adiante está o pico da Praia, do qual nasce a ribeira da Praia. Depois, a cumieira donde nasce a ribeira da Grota de Três Voltas. Além, um alto pico que se chama da Correia, nome da que o possuía; adiante, outro pico muito alto, sobre a vila de Água do Pau, que por ser em cima de terra chã, se chamou pico das Mesas, ao pé do qual estava uma alagoa de um Gonçalo Pires, que arrebentou no tempo do segundo terremoto que aconteceu nesta ilha (como direi adiante); e logo, outro alto monte, que se chama o pico Agudo, pelo ele ser no cume. Descendo dele, está a alta e comprida serra de Vulcão, que por ser altíssima, fragosa e crespa, com muitos montes de que está acompanhada ou composta, parece ser a morada que os antigos fingiam de Vulcano, donde cobrou este nome Vulcão que o vulgo chama Bulcão, corrompendo a letra, ou pela carranca grande que faz a quem o está olhando; ao pé do qual, quase junto do mar direito da ponta da Galé, está o pico de Água do Pau, sobre Val de Cabaços, a que chamam o Furado em toda a ilha, mas não naquela vila. Logo está o pico das Mós, por tirarem no tempo antigo ali as primeiras mós de engenho de pastel, por mandado de Dona Inês, mãe do Capitão Rui Gonçalves da Câmara e avó do Capitão Manuel da Câmara, já defuntos, o qual pico (que depois direi) está na Mediana, terra assim chamada por ser o meio da ilha. Mas da banda do norte estão primeiro: o pico da Murta, porque a tem; o pico do Azedo, por morar nele um homem deste nome; o pico de Santa Eiria, sobre o porto da vila da Ribeira Grande; o pico do Ermo; e o monte de Trigo, que parece assim (como já disse) ainda que é terra, e logo acima dele, quase ao pé da serra, a grande encumeada.

Além do lugar onde disse que estivera a fábrica da pedra hume, perto de meia légua da vila da Ribeira Grande, antre ela e a serra, está uma concavidade que terá cinco ou seis alqueires de terra, cercada de umas quebradas, onde já se tirou muita pedra hume, de pedreiras que ali há dela; e no tempo antigo, antes de tirar dali a pedra, estavam umas caldeiras ou furnas, como covas pequenas na mesma terra, que ferviam com olhos de água e polme; mas depois que se deixou de tirar a pedra hume, se abriram estas covas doutra maneira, mais em número e mais bravas e espantosas que dantes, de tal maneira que, tirando serem mais pequenas, quase são tão furiosas como as Furnas que estão à parte do oriente (das quais já contei atrás) mas estas estão por esta ordem: entrando nelas pelo caminho da parte do ponente, estava uma alagoa de quinze palmos de largo e vinte de comprido, de água clara e fria, que em algumas partes fervia, a qual já agora está seca; e dela para a parte do oriente, dez ou doze palmos, está um grande ribeiro de água fria que vai correndo e fervendo muito mais que a ribeira fria, que nas Furnas ferve; passado o ribeiro, se vê a primeira caldeira, rasa com a terra e muito grande, junto dele fervendo com muitos olhos, deles grandes como uma joeira, e deles menores e outros mais pequenos. Logo para o oriente, espaço de quinze palmos, está outra pegada com ela, mais profunda, que ferve como ondas de mar bravo, da mesma grandura da outra rasa, de quinze palmos de largo, trinta de comprido e vinte de alto, tão furiosa que parece ribeira quando trás enchente antre penedia e faz grande matinada, de cor e água cinzenta; mais ao oriente oito palmos, está outra caldeira rasa, quase do mesmo tamanho, de um polme cinzento e basto, o qual alevanta muitas empolas tão grandes delas como jarras de azeite, de três canadas e de canada e meia; pegado com esta, para a banda do nascente, estão quatro olheiros pequenos, de água clara os três deles e outro de água cinzenta, afora outros olheiros que já se secaram. Junto destes, para a banda da serra, está uma caldeira de dez palmos de comprido e outros tantos de largo e cinco de altura, que ferve com alguns olhos grandes e pequenos de polme cinzento e basto, mas com pouco estrondo. Junto deste caldeirão está outro mais pequeno, com seis olheiros abertos, fervendo polme cinzento; pegada com o qual, quantidade de uma braça para a parte do oriente, está uma caldeira grande de vinte palmos de comprido e quinze de largo, a qual sempre ferve com muitas fervuras contínuas e muitos olhos de um polme ralo.

Dali a sete braças de dez palmos cada uma, para a banda da serra, ou do sul, está um caldeirão pequeno e raso com a face da terra, de água clara de tanta quentura, que se não pode aguardar com a mão, senão metendo-a e tirando-a logo, que é da mesma quentura da furna da água clara das Furnas, e como nela, também neste caldeirão se podem pelar cabritos; pegado com ele estão muitos olheiros rasos de água clara, fervendo, uns de água quente, mas não tanto como a do caldeirão, outros estão fervendo, sendo a água doce e fria. Antre estas caldeiras estão muitos resfolgadouros por onde sai fumo e quentura, que em alguns lugares lhe não pode aguardar a mão, e podem neles assar ovos. A cor da terra (antre a qual estas caldeiras estão) é de pedra hume, como cal cinzenta, da mesma maneira da das Furnas, e o fumo que sai delas também cheira a enxofre, como o das Furnas; estão por antre elas algumas junqueiras e um campo coberto de cinzeiro, que parece cair em algum tempo atrás, que não dá senão silvas e feitos.

Um tiro de arcabuz delas para a vila da Ribeira Grande está um fojo ou cova que deita de si um ar tão peçonhento, que mata os pássaros ou coelhos que àquela parte vão ter e ali caem sobre ele, da mesma maneira como os fedores das Furnas, onde, se entra o gado, morre, e os cães também, se lhe não cortam logo as orelhas, como já disse quando tratei delas.

A terra e sítio, antre estas caldeiras, é pedreira mole de pedra hume, na superfície da terra, mas debaixo é pedreira dura, porque doutra maneira já abriram muito maiores bocas, se fora terra, e a consumiram, e da mesma maneira é nas Furnas.

Mais acima, já na faldra da serra. estão outras caldeiras, em que ferve polme da mesma maneira, e vai lavrando o fogo por debaixo da terra, que na superfície está quente, de que há muitos anos se vê continuamente sair muito fumo, que no tempo do Inverno, antre os ares frios dele, se vê mais grosso e espesso; pelo que se podem todas estas caldeiras chamar umas Furnas pequenas a respeito das grandes, de que já tratei atrás a razão e causa delas, que toda é uma.

Além das caldeiras, ao pé da encumeada, está o pico do Leitão, por ser de um homem deste sobrenome, e logo um pequeno monte que se chama o Pico-que-Arde, porque sempre ardia, saindo fumo dele, tendo uma cova no meio, por onde arrebentou em tempo antigo; e assim na cova, como em todo ele, tinha a terra mui quente, pelo que lhe puseram nome o Pico-

que-Arde; mas depois do segundo terremoto desta ilha já não arde, nem fumega como dantes soía. Além está o pico de Santa Maria, por ter a confraria de Nossa Senhora da Estrela da vila da Ribeira Grande nele alguma terra que rende para ela. Na mesma Mediana e meio da ilha, está o pico do Maranhão, homem assim chamado, e por outro nome o pico do Sapateiro, porque foi de um oficial deste ofício, o qual arrebentou no segundo terremoto e dele correram duas ribeiras de fogo, como adiante direi. Também o pico da Madeira, por estar ali perto da Ribeira Grande, nele, a derradeira madeira que se roçava e achava no tempo antigo, sendo todos os outros picos ao redor despovoados já dela; mais além de uns outeiros, o pico da Cova, por uma que tem, por onde em outro tempo arrebentou, o qual nome pode ser comum a quase todos os picos desta ilha e não só a este, pois quase todos têm covas e arrebentaram já em outros tempos não sabidos, nem vistos. Junto deste, está o pico de Rui Gago da Câmara cujo é; adiante, o pico da Areia, por todo estar coberto dela; e o de Álvaro Lopes, que deu em casamento, com outras terras, a António de Faria, seu genro, sobrinho de António Lopes de Faria, da Alagoa, que por ali teve outros picos, terras e criações. Além, o pico de João Ramos, tomando o nome de seu dono assim chamado, que ali morou antigamente no meio de uma estrada que vai da Ponta Delgada para a vila da Ribeira Grande; ao pé do qual estão dois padrões afastados do caminho por marcos e balisas, que dividem os termos da dita vila e da cidade; e logo o pico do Bezerro, por dizerem que se ouvia bradar nele um muitas vezes; e o pico de João Moniz, e o de Fernão Vieira, cujos eram. Adiante, o pico da Cruz, onde estava arvorada uma, no tempo antigo, o qual está sobre as cabeçadas do lugar de Rosto de Cão, para a banda do sul, que chamam do Congro, partindo da banda do levante com terras de Rosto de Cão, que foram de Diogo Nunes Botelho, contador destas ilhas dos Açores, e agora de Jorge Nunes Botelho, seu filho; e da banda do ponente, com terras da Fajã, que foram de Sebastião Barbosa da Silva, Rui da Costa e Francisco Anes, que poderão ser cem moios de biscouto, pouco mais ou menos, que natural ou violentamente correram por aqueles lugares mais baixos e cobriram naquele tempo as melhores terras, que ficaram depois tais e tidas em tão pouca estima, que a troco de quatro galinhas que davam ao Capitão que então era, não as dava ele por medida, senão quanta os homens lhe pediam, porque nem o mato, que ao tal tempo tinham, cuidavam de entrar. Mas proveu Nosso Senhor de maneira que são todas feitas vinhas, que valem mais que as melhores terras da ilha, pelo muito proveito que dão em vinho, vides, pêssegos, maçãs, peros, peras, albricoques, marmelos, figos e outras muitas frutas, afora muitos e ricos pomares que em fajãs antre eles se prantaram, que são de fruta estremada de espinho, em que fazem seus donos muito dinheiro, sem lhe semearem trigo de tostão o alqueire. Indo para o ponente, está um pico grande, antre dois caminhos que vão da cidade para os Fenais, que também se chama o pico da Cruz, porque teve no cume outra, e contém em si outros picos e serras ou outeiros pequenos e três concavidades que têm água contínua, onde bebem os gados de três freguesias. sc., Fajã, Fenaes e Rabo de Peixe. Adiante está o pico de Gaspar Ferreira e o pico de João da Castanheira, mais junto da cidade, sobre a qual, acima das terras de pão, está a Serra Gorda, que é um só pico tão grande como uma grande serra, e por isso lhe chama Gorda, que em outro tempo parecia longe aos moradores da cidade, mas agora lhe parece ficar perto, por causa dos pastéis e trigo pelado que semeiam até meia ladeira dele, o qual é tão grande que tem bem que fazer um homem bom andador, com o rodear em um quarto de dia; no cume dele estão três concavidades, as duas delas muito grandes, de grandura cada uma de dois moios de terra; à terceira, que está no topo, da banda da cidade, tem um charco contínuo onde bebem os gados que no dito pico se criam. Ao pé do qual pico, algum tanto afastado, abaixo da estrada que vai para o lugar de Santo António, está um charco, como alagoa de espaço de dez alqueires de terra, que sempre se chamou o Charco da Madeira, por razão da muita que dentro e fora dele em outro tempo houve, o qual é mui cursado dos gados e lavagem da roupa dos moradores da cidade e seu limite. Mais adiante, para o ponente, está uma alagoa que se chama das Canas por ter moitas de espadanas tão viçosas, que se parecem com elas. Além, para a banda da cidade, está outra alagoa que chamam da Prata, por ser muito clara, e antigamente, antes que fosse tirada a água da fonte da cidade, que nasce não muito longe, dela bebiam, e quando quebrava, enchiam muitos as pipas dela, e depois faltando a água da mesma cidade, meteram um cano dela nos alcatruzes, para ajudar a fazer mais cópia, mas não se sofreu, por já agora faltarem os matos e ser mui tratada de porcos e gados e outras alimárias.

Mais para o ocidente está uma alagoa que chamam dos Monteiros, onde se alaga quase todo o linho da cidade e seu limite, pelo que é chamada também o charco dos Linhos. Adiante está um pico, na fazenda que foi de Pero Gonçalves Delgado, chamado das Malhas, porque no Verão, em muitas partes dele, florescem umas ervas como rapassaes ou rabaças, que de

longe parecem bem e fazem as ditas malhas. Mais além, ao pé do pico das Éguas, está uma alagoa grande, que, por ter um estreito no meio, parece duas e corre uma para a outra, segundo faz o vento, ora para uma, ora para outra banda; e logo, o pico das Éguas, que por ser alto o vão buscar as éguas no Verão para seu refresco, donde cobrou o nome delas, ou (segundo outros dizem) porque o dito pico sempre foi e é ainda agora do concelho, comum a todos, pelo que por outro nome se chama a terra devassa, em que as éguas e mais gados, corridos dos outros sarrados, tem seu couto. Sobre o lugar da Relva está o Monte Gordo, porque assim o parece; acima do qual estão duas alagoas muito grandes, na cumieira da serra, uma das quais, por ser muito clara, tem também nome da Prata, e a outra, por as moças irem lavar nela roupa, lhe puseram nome, alagoa das Moças. Logo está o pico das Ovelhas, sobre uma grande serra que contém em si muitos picos mais pequenos, chamado das Ovelhas porque, sendo a ilha toda de mato, o dito pico sempre foi escalvado e de bom pasto para elas, pela qual razão, quem as tinha, as botava para lá e elas mesmas, por se sairem do mato, o iriam buscar, que isso têm por natureza; ao pé do qual pico, da banda do ponente, está uma alagoa quase rasa, de quantidade de quatro alqueires de terra, pouco mais ou menos, que se chama dos Canários, não por andarem ali pássaros deste nome, que depois vieram de fora, mas porque antigamente houve ali pastores de ovelhas e cabras, naturais das ilhas Canárias, à qual levavam a beber as ovelhas e mais gado que no pico das Ovelhas criavam.

Ficando no oriente este pico das Ovelhas, que está quase em direito pela terra dentro, arriba da cidade da Ponta Delgada, perto da fonte de água que vai dali a ela, de cuja frescura (segundo alguns) a melhor que há na ilha, bebem os moradores da cidade e das partes de redor dela, que custou muito levá-la por longos caminhos e alcatruzes, e não custa menos conservá-la. Além do pico das Ovelhas, para a parte do ocidente, está o pico da Cruz, pelo meio da terra ou da ilha, e da parte do sul, está o pico do Casal. Dali vão por uma encumeada até o Cerro do Camelo, que é uma descida para as Sete Cidades. Da parte do pico do Casal, fica para a banda do noroeste outra terra baixa e concavidade, de altura de meia légua de bom caminho de carro, novamente feito como obra de romanos, para tirar por ele a lenha daquela concavidade, cercada com a encumeada do pico do Casal, que tem dentro em si duas alagoas, uma que se chama alagoa do Santiago, que está muito sumida na terra, de tão negra e obscura cor, que é coisa medonha olhar para ela, cuja água terá de fundo trinta e sete braças e meia, que tomou por prumo um André Pires Cedro, grande fragueiro, no meio dela, de uma barca que nela fez, com que andava atoando e levando de uma a outra parte muita madeira de cedro que, nas quebradas e fajãs ao redor dela, cortou e deitou de cima dentro na água da dita alagoa, que será, lá em baixo, de uma légua em redondo, ainda que de cima, do alto, não parece tão grande, donde depois a tirou, arrastando os toros dos paus por caminho novo que fez, e a vendeu para a casaria da fortaleza da cidade da Ponta Delgada; e achou dentro na água uma certa maneira de peixe, quase da feição de camarões, e pegado em um pau, uma casca ou pelo de lagarto; tem esta alagoa, ao longo de água faias muito grossas de cinco, seis e sete palmos de testa, e de sessenta em comprido; onde há também pau branco, louros, folhados, azevinhos altíssimos, com que está toda cercada, até a sua cumieira, acompanhado todo aquele arvoredo de infinidade de mélroas, canários, tintilhões, petos, crespinas, estorninhos e outras sortes de passarinhos; no Verão, sobre os ramos e nas águas da alagoa, há muitas adens, marrecas e galeirões; ao redor da qual terra há um areal, espaço de um tiro de espingarda; cujas águas parecem ter resfolgadouro ou algum sumidouro no meio, ou em alguma parte delas, porque se vêem crescer e minguar palmo e meio e dois palmos; ainda que, com mais certa razão, parece ser a causa disto a lua, que faz impressão em todo ajuntamento e multidão de águas, onde não há corrente, como na alagoa Grande das Furnas, e nesta de que vou falando, está ao lível com as outras alagoas das Sete Cidades, que têm pouca altura de água, de sete até oito braças, em comparação da altura desta, de trinta e sete braças e meia, ainda que vista da alta encumeada, parece que deve de ser muito mais funda, pela sua obscuridão e põe medo a quem vê sua fundura e alta concavidade desta alagoa de Santiago; e por isso parece que lhe puseram este nome de Santiago, porque quando vemos uma coisa perigosa, dizemos logo —Santiago — como invocando este nome do padroeiro de Espanha os espanhoes, que nos livre Deus dela. E outra alagoa que chamam a de Água Rasa, em respeito da outra funda, que é mais pequena, porque está em terras mais altas e não recolhe tantas águas; perto destas, estão muitas fontes, com as quais já moeram em outro tempo azenhas; e para a parte do noroeste ficam as Sete Cidades que são uma grande concavidade repartida em duas, com um cerro ou cumieira que as divide, mas juntas fazem uma concavidade, que terá em circuito quatro léguas e de diâmetro por qualquer parte, uma, toda cercada de alta encumeada, feita das faldras do pico que não arrebentaram, e somente arrebentou, com a

força do fogo, o cume e ponta dele, que fez esta concavidade de quatro léguas em redondo, o que mostra bem a grandeza e altura que o alto pico podia ter, antes de arrebentar e se desfazer, como agora está desfeito.

Afora estas duas alagoas ditas, divididas com o cerro ou encumeada, que disse, antre si em uma parte da grande concavidade, está na outra fundura, da parte do norte, uma grande alagoa de légua e meia de roda, que é mais comprida que a das Furnas, mas não tão larga, que se chama alagoa Grande, em respeito das outras duas. Junto dela está uma praia grande, que terá até trinta moios de terra, ou por melhor dizer, estéril areia, que tudo era água no tempo antigo, por onde passava o gado antigamente, a pascer de uma parte à outra, em uma barca grande que mandou fazer Baltazar Vaz de Sousa, da vila da Ribeira Grande, que ali tinha grande criação dele; e logo, quase pegado com este areal branco, no meio, está ao pé do pico do Casal a alagoa que se chama Azul, por parecer a sua água desta cor; e além, para o ponente, está um cerro, como cumieira redonda, que terá de circuito dois moios de terra, alto e com mais de cento e cinquenta espigões, faz ruas que vão descendo dele, como ladeiras, para as partes derredor à maneira de grotas, antre espigão e espigão, povoadas de alto e fresco arvoredo, como cidade rodeada, que todas vão descendo do meio para baixo delas, de cento e cinquenta e outras de cem braças e menos de comprido, até dar em um campo chão, onde estão as alagoas, a Grande e a Azul, e se fazem umas ruas mui largas e chãs, na dita praia de areia, sem arvoredo, como espaçosas praças e ruas, que assim como dão muita graça ao espesso e fresco arvoredo, assim a recebem também dele, porque a espessura e altura do mato e calva das ruas, ambas estas coisas juntas realçam uma à outra. E por estas ruas e praças, puseram a este lugar nome de Sete Cidades, ou porque o parecem naquela concavidade, a quem a vê de cima, da alta encumeada delas, como outro mundo baixo e cidades ali abscondidas, segundo se diz de outras incógnitas de cristãos que estão ainda por descobrir. Todas estas coisas acima ditas estão cercadas (como dito tenho) com uma cumieira alta, em partes de meia légua e em outras partes menos, dentro do qual circuito tem as alagoas, águas, arvoredos, ervas, que disse, e rosais de João Gago, e uma fresca e clara fonte onde descansam e desencalmam os que vão ver estas cidades sem gente e ermas, e estes lugares tão sós e saudosos, com muitos pássaros que ali habitam em seus ninhos antre seus ramos, e fazem aquele lugar mui alegre e saudoso com seus cantos. Estão além dos Mosteiros, da parte do ocidente.

Este pico das Sete Cidades, como tenho dito, e segundo dele diziam os antigos, depois de achada a ilha, logo naquele primeiro ano tornando o navio ao Regno, os primeiros descobridores que nela ficaram, ouviram grande trovoada e estrondo, com grandes tremores de terra; e neste tempo, na Povoação Nova que depois se chamou Velha, o sentiram arrebentar com grande força de fogo, salitre e enxofre, e dele subiu pelo ar e tornou a cair por todas aquelas terras ao redor, que dantes eram mais rasas e as fez mui altas e dependuradas; e parte correu para a banda do noroeste e ocidente, até o mar, e descendo pela rocha, fez abaixo dela (tomando posse do mar) uma grande fajã de até onze moios de terra boa e dela misturada com pedra e areia, onde se fez depois uma povoação e freguesia da invocação de Nossa Senhora da Concepção, (como já tenho dito) que chamaram os Mosteiros. Sobre o qual lugar está seu vizinho o pico de Mafra, que de algum homem que ali morou de Mafra, lugar de Portugal, cobrou este nome, ou por ter alguma semelhança com a terra de Mafra, na altura ou no sítio; outros picos, muitos grandes e pequenos, há por todo o espaço da serra desta ilha, que não nomeio por não fazer um longo processo, nomeando somente os mais notáveis, com que está como com botões abotoada a roupa ou opa roçagante do gigante Almourol, pelo meio, do pescoço até o rabo dela, safado, que chamam os Escalvados, sem verdura sendo ela toda verde.

CAPÍTULO LI ([270])

DO QUE RENDE A ILHA DE SÃO MIGUEL, E DAS GROSSAS FAZENDAS DOS HOMENS NATURAIS QUE HÁ E HOUVE NELA

Estas ilhas dos Acores estão arrendadas, ao presente, por seis anos, que começaram de Janeiro de mil e quinhentos e oitenta e cinco, por setenta mil cruzados, cada ano, a Pero Borges de Sousa, do hábito de Cristo, da ilha da Madeira, excepto a do Corvo e ilha das Flores, que são de senhorio, e ilha de Santa Maria, que é comenda. É recebedor dos dízimos e direitos desta, em que estamos, Pero Lopes Peixoto.

Esta ilha de S. Miguel (com se não aproveitar dela mais que a terça parte, porque as outras duas são de altas serras e alguns biscoitos estériles de pedra, que sobre as terras chãs correu, feita escória derretida e inflamada em fogo) uns anos por outros rende cada ano para Sua Majestade, em dízimos e direitos de entradas e saídas, mais de cinquenta mil cruzados; e algumas vezes dá cada ano um conto e dois mil moios de trigo, de que vêm ao dízimo de Sua Majestade mil e duzentos moios, que valem perto de vinte mil cruzados.

Em ano fértil, dá quase cinco mil pipas de vinho, de que vêm ao dízimo quinhentas, que valem cinco mil cruzados.

Dá sessenta mil quintais de pastel, que valem cento e sessenta mil cruzados, de que vem aos direitos de entrada e saída mais da quarta parte, que são quarenta mil cruzados.

Os direitos das miunças e açúcar podem rendar mais de mil e quinhentos cruzados.

Podem importar as entradas das mercadorias cem mil cruzados, de que vêm aos direitos do dízimo dez mil cruzados.

Soma tudo o que rendem os direitos a el-Rei, assim de entradas de fora, como de direitos da terra, setenta e seis mil e quinhentos cruzados.

E isto é afora as rendas da ervagem e pescado e saboaria, que rende para o Conde, a quem Sua Majestade as tem dado, e afora a pedra hume, de que há muitas e grandes minas, que ao presente se não lavra.

Rende o pescado mil e duzentos e cinquenta cruzados; a saboaria cinquenta cruzados, e a ervagem duzentos e cinquenta cruzados; e soma isto seiscentos e vinte mil réis, que são mil e quinhentos e cinquenta cruzados.

As outras ilhas todas juntas dos Açores rendem outro tanto, como só esta de São Miguel, afora a ilha de Santa Maria, que é comenda de D. Hierónimo Coutinho, que foi o ano de oitenta e seis por capitão mor das naus da Índia.

Rende esta ilha de São Miguel ao Conde de Vila Franca, Capitão mor e governador dela e alcaide da fortaleza, trinta mil cruzados cada ano.

Rende a redízima dos setenta e seis mil e quinhentos cruzados, que rende esta ilha para Sua Majestade, (a qual é do Capitão) sete mil e setecentos e cinquenta cruzados.

O dízimo do pescado, ervagem e saboaria rende mil e quinhentos e cinquenta cruzados, como parece pelo atrás dito.

Rendem-lhe os moinhos e pensões de atafonas de toda a ilha e as rendas das terras, que tem de trigo, e dinheiro, mais de vinte mil cruzados, que é pouco mais ou menos a metade das rendas de terras e foros, e a outra ametade dos moinhos e pensões de atafonas; o que fazem soma de trinta mil cruzados.

Afora cinquenta mil réis que tem de alcaide-mor da fortaleza e oitenta e um mil réis que tem na ilha da Madeira, do morgado do segundo filho.

Rui Vaz Gago, chamado do Trato (como tenho dito), foi o mais rico desta ilha; a fazenda que ele possuiu veio a render mil e trezentos moios de trigo, cada ano, que estão agora repartidos pelas pessoas já ditas, que nela lhe sucederam.

Jácome Dias Correia (afora móvel, assim gado vacum como ovelhum e porcos e outros bens) teria até trezentos moios de renda, cada ano.

Barão Jácome Raposo teve, cada ano, duzentos moios de trigo, e com outras rendas de casas e gado podia ter por todo três mil cruzados de renda.

Seu filho, Aires Jácome Correia, que lhe sucedeu e hoje em dia está em posse de toda a fazenda, a tem acrescentada do que seu pai lhe deixou nesta ilha e além dela na ilha Terceira mais de seiscentos mil réis de renda que houve em dote com sua mulher, tem por tudo de renda cada ano quatrocentos moios de trigo e quinhentos cruzados em dinheiro e quinhentas galinhas.

Gaspar do Rego Baldaia chegou a ter trezentos e sessenta moios de renda e foros; muitos dizem que teve trezentos e sessenta e seis moios, tantos quantos dias há no ano, e outros afirmam que chegaram a quatrocentos moios.

Seu filho, o grão capitão Francisco do Rego de Sá, que lhe sucedeu nela, até agora esteve de posse de toda esta fazenda, em companhia de sua mãe, D. Margarida de Betencor, e com gastos que fez em serviço de el-Rei (como tenho dito atrás) não logra toda a fazenda de seu pai.

António de Brum, que ora vive nesta ilha, terá nela de renda como três mil cruzados; e além disto pode ter, em trato e negócio de pastel e de outras coisas, mais de trinta mil cruzados; terá também nas ilhas de baixo mais de dois mil cruzados de renda. E afora isto trazia uma demanda em Sevilha, que já venceu, a qual importava vinte e dois mil cruzados. Afirma-se que vale toda sua fazenda duzentos mil cruzados.

António de Brum da Silveira, seu filho, possui vinte moios de renda, que houve com sua mulher, filha do licenciado Bartolomeu de Frias, os quais juntos com granjearia que tem, valerá toda vinte mil cruzados. Seu irmão, Gaspar de Brum, quase terá outro tanto, segundo dizem.

O bacharel João Gonçalves, morador no lugar de Rosto de Cão, teve cem moios de renda, além de outra fazenda, que toda poderia valer vinte e cinco mil cruzados. Falecendo sua mulher, de que não teve filhos, fez partilha, sem ninguém os ouvir, com seus enteados António Furtado e Jorge Furtado; e coube a cada um oito mil cruzados. Teve Jorge Furtado trinta moios de renda.

Casou o bacharel João Gonçalves, segunda vez, com uma filha de Lopo Anes de Araújo, de Vila Franca, de que houve um filho e uma filha; e tornando-se a fazer inventairo de sua fazenda e partilha com estes dois filhos da segunda mulher, valeu sua fazenda outros vinte e cinco mil cruzados. E ficando Francisco Ramalho por curador dos dois órfãos, casou a filha com Jorge do Amaral, com dote de quinze mil cruzados, e o filho, chamado Hierónimo Gonçalves, homem de muita virtude, com uma sua filha, com dispensação de Roma. Vale agora sua fazenda vinte e cinco mil cruzados, tudo em propriedades.

Francisco Ramalho tem fazenda de raiz e traz em trato valia de vinte mil cruzados.

Pero Gonçalves Delgado viveu cento e catorze anos, tendo sempre boa disposição e juízo perfeito, e o mais são homem, que se viu nesta ilha. Sendo desta idade, subia e descia por uma escada, como homem mancebo. Viveu próspero e abastado, e, além do que havia de sua lavoura, teria até quarenta moios de renda. Seu filho, Diogo Vaz Carreiro, que lhe sucedeu em toda a herança, chegou a ter oitenta moios de renda. Fez o mosteiro de freiras, da invocação de Nossa Senhora, em uma ermida de Santo André na cidade da Ponta Delgada, para se nele meterem suas parentas pobres; tendo-o já quase acabado, faleceu deixando-lhe terras, que renderão como sessenta moios de trigo, cada um ano. Ficou por padroeiro do dito mosteiro seu sobrinho o licenciado António de Frias, cavaleiro do hábito de Cristo, com vinte mil réis de tença, que casou com uma sobrinha de sua mulher Beatriz Roiz Camela, com que lhe deram em dote trinta moios de renda.

Gonçalo Vaz, o Grande, teve duzentos moios de renda; e Gonçalo Vaz Botelho, seu filho, teve outros tantos. Repartiram-se estas rendas por seus filhos e herdeiros.

Afonso Roiz Cabea, morador em Vila Franca antes do dilúvio dela, homem fidalgo, natural de Portugal, de Povos, cujo parente é Melchior Gonçalves, chançarel que foi de todas estas ilhas, tinha quatrocentos moios de renda; foi rendeiro de el-Rei e levou-Ihos todos, com outra mais fazenda que Ihe ficou.

Gaspar de Betancor teria até oitenta moios de renda. Trazia na corte seu filho Henrique de Betancor, que lá casou, em Évora, e uma filha, por nome D. Beatriz (que dizem ser a mais formosa mulher que se achou em Portugal) era dama da Rainha, mulher de el-Rei D. Manuel; foi a Castela com a Imperatriz, onde casou com D. Pedro Lasso, e mandou ir desta ilha a D. Isabel, sua irmã, que foi aia da Princesa, que casou em Portugal, a qual D. Isabel casou depois com D. Pedro Lasso, marido que foi de sua irmã D. Beatriz, e mandou ir de cá a Castela seis sobrinhas suas, duas, filhas de um seu irmão, e quatro, de António Juzarte, grande fidalgo, e de D. Guiomar de Sá, que depois casou com D. Fernando ([271]), das quais sobrinhas casou quatro com quatro morgados, e uma com um seu enteado, que era morgado de seis contos de renda; outra não quis casar e foi freira.

O contador Martim Vaz Bulhão teve passante de cem moios de renda e era homem fidalgo de Portugal; repartiu sua fazenda por seus herdeiros, Manuel de Melo, a mulher de Garcia Roiz Camelo, a mulher de Simão Roiz Rebelo, almoxarife que foi nesta ilha, e a mulher de Simão Godinho, fidalgo.

Jorge Nunes Botelho foi dos mais graves e honrados homens que houve nesta ilha e como tal se tratou sempre; teve de seu passante de cinquenta moios de renda, afora outra fazenda, que tudo podia valer doze mil cruzados.

Jorge Nunes Botelho, filho de Diogo Nunes Botelho, que foi contador em todas estas ilhas, e sobrinho de Jorge Nunes Botelho, acima dito, vive em suas terras abastadamente, com o que herdou de seu pai e mãe e do que houve em dote com sua mulher e do que há com sua granjearia de pastel e trigo, que nelas faz; terá de seu até oito mil cruzados.

António Borges, do hábito de Cristo, com tença de vinte mil réis (pai de Duarte Borges, que ora reside no Regno com cargos honrosos de que é bem merecedor e de muito maiores) viveu mui abastado; foi sempre dado a coisas de honra. Mandou dois filhos seus à Índia, onde faleceram em serviço de el-Rei. Deixou aos vivos fazenda, que valeria doze mil cruzados.

Baltasar Rebelo, seu genro, que foi casado com sua filha Guiomar Borges, teve de renda oitenta moios de trigo, afora outra muita fazenda que deixou a seus filhos.

D. Fernando, que foi casado com D. Guiomar de Sá, viúva, teve fazenda e moios de renda, que por falecimento de ambos valeriam mais de seis mil cruzados.

Rui Velho possuiu boas terras que Ihe ficaram de seus antepassados, que foram dos primeiros que povoaram esta ilha; teve de seu mais de trinta moios de renda e outra fazenda, que toda podia valer dez mil cruzados, os quais ficaram por seu falecimento a seus filhos.

Pero de Teves foi muito rico; teria oitenta moios de renda e teve muitos filhos entre os quais se repartiram.

Álvaro Velho Cabral poderia fazer até setenta moios de renda, porque tinha boa fazenda, mas, com fianças e deitar em rendas de el-Rei, e em buscar uma ilha nova, a perdeu toda.

Pedro Afonso Colombreiro tinha cento e vinte moios de renda, que se repartiram por dois filhos e uma filha. Um filho chamado Sebastião de Sousa casou com D. Isabel, filha do doctor Francisco Toscano, corregedor que foi nesta ilha, de que houve uma filha, chamada D. Lianor, de grande virtude, que casou com Martim de Sousa, grande cavaleiro e do hábito de Cristo; o outro, Jorge Camelo da Costa, casado com D. Margarida, filha de Pero Pacheco, terá setenta moios de renda e granjearia de sua lavoura nas Feiteiras, onde vive, e nos Mosteiros, que valerão mais de quinze mil cruzados.

A filha de Pedro Afonso Colombreiro casou com Francisco de Mendonça, filho de Mendo de Vasconcelos, fidalgo; houve em casamento sessenta moios de renda.

Pero da Costa, de Vila Franca, terá trinta moios de renda e outra fazenda, que pode tudo valer oito mil cruzados.

Amador da Costa, seu irmão, quarenta moios e outra tanta fazenda, que deixou a seus filhos Manuel da Costa e Álvaro da Costa, que agora a possuem.

Francisco de Arruda da Costa, seu irmão, que se pode chamar com muita razão Pai da Pátria, terá em renda e fazenda e granjearia, que traz de pastel, doze mil cruzados.

Fernão Camelo tinha de renda sessenta moios. Trazia cinco filhos na Corte, sc., Pero Camelo, Jorge Camelo, Gaspar Camelo, Henrique Camelo e Manuel Camelo, e casou duas filhas, uma com Pedro Afonso Colombreiro, atrás dito, e outra, na ilha Terceira, com Pero Homem da Costa, fidalgo, morador que foi na Praia, e toda a renda se gastou com os filhos.

João Álvares do Olho foi muito rico; teria noventa moios de renda, que se partiu com seus filhos, que eram muitos.

Pero Jorge, pai de Hierónimo Jorge, também tinha boa fazenda em terras na cidade, em que faria sessenta moios de renda, de que deixou um morgado a seu filho, que agora possui seu neto.

Rui Lopes Barbosa foi muito rico; teria cem moios de renda; casou na Ribeira Grande com uma filha de Fernandeanes Tavares, que lhe deu muita parte dela. Casou uma filha com António Borges, feitor de el- Rei, homem de muita qualidade.

Domingos Afonso, do lugar de Rosto de Cão, natural desta ilha, teve cento e vinte moios de renda, com outra fazenda, que valeria toda dezasseis mil cruzados, ajuntada com sua indústria. Casou uma filha com o licenciado Bartolomeu de Frias, que terá agora trinta moios de renda, e outra fazenda, que valerá toda doze mil cruzados.

Hierónimo de Araújo teve trinta moios de renda, e outra fazenda, que pode toda valer oito mil cruzados.

Bartolomeu Jácome Raposo, filho de Sebastião Jácome Raposo, tem um morgado que houve por morte de seu pai e avô Jordão Jácome, que rende mais de setenta moios de trigo.

Gaspar Ferreira teria cinquenta moios de renda, e grande trato e muitas casas na cidade da Ponta Delgada, mas com rendas de el-Rei, e outros partidos, se perdeu quase toda.

Dos Farias, do Regno, (que têm este apelido, porque fazendo um deles uma grande façanha, que contada na Corte e perguntando el-Rei quem a fizera e dizendo-lhe o autor, replicou nomeando-o Fuão Faria) procedeu António Lopes de Faria, que viveu nesta ilha na vila da Alagoa, casado com Maria da Costa, de grande caridade e virtude, sem ter filhos. Teve cem moios de renda e muita fazenda, que granjeava, que toda poderia valer sessenta mil cruzados. A maior parte dela deixou a Pero de Faria, seu sobrinho mais velho e dizem que duzentos mil réis a António de Faria, sobrinho mais moço.

Afonseanes dos Mosteiros, natural de Portugal, teria cento e cinquenta moios de renda e lavoura e muito móvel e dinheiro, que se repartiu por seus herdeiros. E deixou um morgado, avinculado a um anal que se diz em uma capela de São João Baptista, que fez na Casa da Misericórdia do Esprital da cidade da Ponta Delgada.

Aires de Oliveira tinha cem moios de renda, sem ter mais que uma só filha, que faleceu antes dele, pelo que deixou a sua ametade à Casa do Esprital e Misericórdia da cidade da Ponta Delgada, e repartiu em outras obras pias.

Garcia Roiz Camelo teria até cinquenta moios de renda. Gaspar de Viveiros, quarenta, Aires Pires, marido de Margarida Mendes, outros tantos, que herdou Amador da Costa, do lugar de São Roque.

Pero Castanho tinha, entre moios de renda e granjearia, fazenda que podia valer mais de dez mil cruzados.

Veio de Portugal a esta ilha um Bartolomeu Roiz, chamado da Serra, porque morava nela, na freguesia dos Fenais, termo da cidade, onde comprou uma fazenda com muito dinheiro que trazia; e, por ser rico e discreto, casou com Isabel Cabeceiras, filha de Gonçalo Vaz Delgado, homem muito honrado, mas já então era pobre. O qual Bartolomeu Roiz tomou a Jácome Dias Correia de arrendamento um bom pedaço de terra, que tinha coberto de pampilho, sem se poder desinçar, que o dito Jácome Dias lhe deu por muitos anos e que nos três primeiros nada pagasse, mas dai por diante a tivesse por sua renda barata. E de tal modo a alimpou, que ficou estercada com o pampilho que se secou em montes, pondo o fogo nele, e ficou como terra

nova que dava cada moio trinta moios de trigo, donde ajuntou muito dinheiro. E, vindo a esta ilha uns egyptanos, em um dia de Natal lhe roubaram de uma caixa setecentos e cinquenta mil réis em ouro e tostões; e achando-se o cofre quebrado, junto da casa, sem dinheiro, querelou ele os egyptanos, dos quais prenderam sete ou oito, que estiveram na cadeia passante de um ano, em que foi o feito a Portugal; e, por não provar o furto, pagou todas as custas e injúria, que chegou tudo a cem mil réis. E logo se suspeitou que, sob capa dos egyptanos, o roubaram uns seus parentes. Teria este Bartolomeu Roiz de suas terras e lavoura trinta moios de renda. E tinha na serra, onde morava, e em seu pomar, perto de seiscentas colmeias, de que tirava cada ano mais de uma pipa e um quarto de mel. Tinha muitos filhos e filhas, a que deu seus casamentos, pela qual razão, quando faleceu, já não estava tão rico, nem o ficaram seus herdeiros.

Manuel do Rego, irmão de Gaspar do Rego Baldaia (de que atrás fiz menção) já defunto, foi bom cavaleiro, muito honrado, cortês e benquisto na terra; deixou nove ou dez filhos e filhas. Das fêmeas, que eram seis ou sete, quatro delas metidas em o mosteiro da Esperança da cidade, da ordem de Santa Clara; aos quais filhos ficariam até oito mil cruzados de fazenda.

Manuel Pires de Almada, cavaleiro fidalgo nos livros de el-Rei, curioso de aproveitar seus filhos, todos mandou aprender a Salamanca e Coimbra, e gastou com eles o principal de sua renda, que será como quarenta moios cada ano, e outra fazenda, que valerá tudo vinte e cinco mil cruzados. Seu primeiro filho, Gonçalo do Rego, foi professo na Companhia de Jesus, bom pregador e de grande conselho, tido por santo. Outro, chamado Baltasar do Rego Sanches, depois de acabar seu estudo e ser bacharel formado, foi despachado por juiz de fora de Mértola e juiz do verde montado e da alfândega e alcaide das saquas (sic) ([272]). Esteve com estes cargos dois anos, pouco mais ou menos, e depois de ter servido este tempo, sucedendo as alterações destes Reinos, não consentiu ele alevantar-se na vila de Mértola nenhum Rei, até não mandar a Lisboa, antes o defendeu às cutiladas, ele e outros amigos seus. O duque de Medina Sidónia, que combatia o Reino de Portugal por aquela parte do Campo de Ourique, lhe tinha mandado muitos recados que se entregasse, o que ele não fez até lhe não vir recado de Lisboa; e vindo, soube como estava todo o Reino entregue a el-Rei, nosso Senhor; entregou-se também ([273]) e fez muita festa ao estendarte (sic) de Sua Majestade, e o duque lho agradeceu muito, em nome de Sua Majestade. Foi despachado por juiz de fora da cidade de Faro, onde esteve oito meses; mandaram outro juiz de fora para a dita cidade, que antes dele estava despachado; veio-se ele para Lisboa, foi dar sua residência a Mértola. Despacharam-no por juiz da cidade de Silves, para onde ele não quis ir, pelo que esteve sem despacho um ano, como agravado. Deram-lhe depois disso a correição da comarca de Alenquer, onde serviu três anos de corregedor, e prendeu um homem que fazia moeda falsa, que foi queimado com outros três companheiros; e eram as moedas de sorte que os mesmos moedeiros e ourivres da prata não sabiam determinar-se se eram tais. Sobre isto traz seu requerimento. A um escrivão que foi com ele deram mil cruzados de mercê e outras mais. Acabando o tempo nesta comarca, foi despachado por provedor da fazenda de el-Rei, nosso Senhor ([274]).

Há nesta ilha, neste tempo de agora, e sempre houve, número de trinta até quarenta homens da terra, que todos negoceiam de três até vinte, trinta, quarenta mil cruzados de suas fazendas e pastel, e outras mercadorias, com muita qualidade (?) cumprindo a risco o que ficam (sic) e prometem, negociando uns com outros partidos de muita quantidade, sem escrituras, com suas palavras; e com quantos trabalhos há nestes tempos presentes, têm mão na verdade, folgando sempre de a tratar e conservar, e até agora, ainda que muitas perdas tiveram, estão restaurados em suas fazendas e inteiros em seu crédito. Os que agora vivem, são estes: Gaspar Dias, genro de Miguel Lopes de Araújo, cuja renda cada ano será duzentos moios de trigo e móvel mais de quinze mil cruzados, e toda valerá quarenta mil cruzados; Cristóvão Dias, seu irmão, cuja renda, trato e móvel valerá dez mil cruzados, o qual está casado com D. Margarida de Sá, filha de Henrique de Betancor de Sá, morador que foi na vila da Ribeira Grande.

António Mendes Pereira, valia sua fazenda dezanove mil cruzados. A do contador, que foi Francisco Mendes Pereira, seu filho, vale dez mil; e a de seu irmão António Mendes, que tem vinte moios de renda, vale mais de vinte mil cruzados.

Jorge Gonçalves de Figueiredo é dos Figueiredos; tem um filho doutor, em leis, que pretende cátedra em Coimbra; e uma filha freira; e outra, por nome Caterina de Figueiredo, casada com Paulo António, escrivão na cidade da Ponta Delgada, de muita virtude e verdade, filho de António Lourenço, que veio muito rico da Índia, e de Ambrósia Antunes, naturais de

Lisboa; e outra, chamada Maria de Figueiredo, que casou com Martinhanes de Sousa, filho de Jordão Jácome Raposo. Este Jorge Gonçalves tem mais de quinze mil cruzados. João Roiz, de S. Pedro, sogro de Hierónimo de Rego, terá outro tanto. André Gonçalves, o Ruivo, outro tanto. João Álvares Rodovalho vale o seu dez, até doze mil cruzados. Adão da Silva, quase o mesmo. Diogo Mendes, quatro mil cruzados. Lucas Dias, três, até quatro mil cruzados. Álvaro da Cunha o mesmo. Pero Fernandes Moreira, seu genro, que tudo é uma casa, cinco, até seis mil cruzados. Francisco Martins Barros, oito, até nove mil cruzados. Manuel Jorge da Cunha, outro tanto. Francisco Vaz de Andrade, quatro, até cinco mil cruzados. Manuel Martins Soares, de grande habilidade, genro de Brás Raposo, terá de seu quinze mil cruzados. João Fernandes Barros teve mais de três mil cruzados.

Negociavam os Crastos, do Porto, Sebastião de Crasto e seus filhos, Manuel de Crasto e António de Crasto, em mercadorias de açúcares de sua lavra em Vila Franca, fazenda que, por falecimento de Manuel de Crasto que faleceu derradeiro na era de mil e quinhentos e oitenta e quatro anos, valeria quarenta mil cruzados, ficando à mãe dele, a qual ela possui agora e Diogo Leite, seu genro, do hábito de Cristo, discreto e nobre fidalgo, casado com D. Helena, irmã dos ditos Crastos.

Veio a esta ilha, o ano de mil e quinhentos e trinta e dois, João Lopes Cardoso ([275]), com João de Belas, seu tio, feitor destas ilhas, e, estando nesta, o casou com Cecília Luís Maga, filha que foi de Pedreanes, o Cavaleiro, e de Caterina Luís Maga, sua mulher. Teve a dita Cecília Luís dois irmãos, um por nome Gaspar Vaz de Sousa, que foi genro do Congro e coronel do campo do Imperador, e morreu na subversão de Vila Franca do Campo; e outro, Baltasar Vaz de Sousa, foi capitão da infantaria em Mazagão. Deram em casamento a João Lopes, com sua mulher, duzentos mil réis, com os quais tratou três ou quatro anos, e no cabo deles comprou o ofício de escrivão, que tem, a um Gaspar de Freitas, seu antecessor, o qual ofício serve e serviu de quarenta e sete anos a esta parte, e neste meio tempo nunca foi suspenso, nem compreendido em erros dele.

E com o ganho de seu trato, que teve em princípio, e o ganho de seu ofício, algum pastel granjeava, lhe fez Nosso Senhor as mercês que agora direi.

O ano de mil e quinhentos e quarenta e nove foi a Portugal, à cidade de Beja, donde é natural, filho de Pero Martins Cardoso ([276]) e de sua mulher Isabel Lopes, já defuntos; e por ter uma irmã, chamada Lianor Lopes, solteira e órfã, a trouxe a esta ilha, para sua casa, e a casou na cidade da Ponta Delgada com Diogo de Melo, homem por geração mui honrado ([277]), e lhe dotou duzentos mil réis; mas o seu vale hoje doze mil cruzados, em propriedade e trato ([278]). Depois do qual casou duas criadas suas e vivem mui honradas.

Também casou uma filha, por nome Maria Lopes, com João Roiz Ferreira, homem fidalgo, ao qual dotou mil cruzados, de que tem seis filhos e filhas. Vale o seu quatro até cinco mil cruzados.

Casou outra filha, chamada Catarina Luís Maga, com Francisco Lopes Moniz, homem dos principais desta ilha, de que tem seis filhos e filhas. Valerá o seu oito mil cruzados ([279]).

Casou outra filha, por nome de Hierónima Lopes, com António de Matos de Sousa, dos principais da ilha, ao qual dotou quinhentos mil réis, de que tem uma só filha. Valerá o seu mil cruzados.

Daí a pouco tempo, casou outra filha, chamada Guiomar Lopes, com Bartolameu Nogueira, filho do licenciado Manuel de Oliveira, homem principal da terra; dotou-lhe seiscentos mil réis; e, andando para parir, faleceu, e daí a poucos dias mataram os franceses, que vieram com D. António, ao dito Bartolameu Nogueira.

Sustentou um filho na corte, chamado Pedreanes Mago, em casa do secretário de el-Rei D. Sebastião, que está em glória, com o qual gastou quinhentos cruzados; o qual foi para a Índia em foro de moço da câmara, e ia na casa do viso-rei D. Luís de Tayde ([280]); e em Moçambique, estando a nau para dar à vela, desandando com o cabrestante, o matou.

Tem outro filho, por nome João Lopes Cardoso, moço da câmara de Sua Majestade ([281]), canonista, bacharel formado em Coimbra, de grande erudição e virtude ([282]), com o qual tem gastado perto de mil cruzados.

Tem outro filho, chamado Belchior Luís Mago, que traz no estudo nesta ilha, e é bom latino.

E outro filho, por nome Francisco Cardoso de Espinosa ([283]), também moço da câmara de Sua Majestade, que anda no estudo. Os vivos são por todos oito, ainda que sua mulher pariu vinte vezes ([284]).

Tem mais um filho, por nome Sebastião Luís Cardoso, ao qual entregou há muitos anos sua fazenda, de que tem dado até agora boa conta, aumentando-a; e ainda que os franceses e perdas do mar e outros desastres que teve o estorvaram; contudo há recebido de Deus mui abalizadas mercês, aumentando-se a fazenda em muito crescimento e não menos honra. O qual foi, o ano de mil e quinhentos e oitenta e dois, a Portugal concluir certos negócios de sua mercancia e, entre outras coisas, requereu a Sua Majestade os serviços que lhe fizera nesta ilha, nas alterações que nela aconteceram e nas escaramuças que houve com os franceses que a ela vieram; e lhe fez Sua Majestade mercê de o tomar por cavaleiro fidalgo de sua casa e de trinta cruzados de tença, em cada um ano, pagos nesta ilha; e ([285]) assim mais lhe tomou dois filhos por moços da câmara. Tirou no Regno o brasão de seu pai, da progénia dos Cardosos. Tem por armas no escudo, com o campo vermelho, dois cardos verdes, postos em pala, com as raízes e floridos de prata, entre dois leões de ouro batalhantes, armados de preto; elmo de prata aberto, guarnido de ouro; paquife de ouro e vermelho e prata e verde; e por timbre uma cabeça de leão de ouro, que lhe sai pela boca um cardo verde, florido de prata, e por diferença uma frol ([286]) de liz, de prata.

Requerendo também o dito Sebastião Luís Cardoso a Sua Majestade os serviços que seu pai fizera, no dito tempo, nesta ilha, apresentando disso certidões e uma carta que Sua Majestade lhe escreveu, lhe fez mercê, ao dito João Lopes, de o tomar por cavaleiro fidalgo de sua casa, e lhe tomou dois filhos seus por moços da câmara. O qual João Lopes se tratou sempre muito bem, com escravos e escravas e homens de serviço, e cavalo e mula na estrebaria, vivendo sempre a lei de cavaleiro e é da governança da terra ([287]).

Valerá o seu hoje em propriedades e moios de foro, casas e vinhas, como três contos de réis; e, com o que têm seus genros e filhos, vale até dez contos de réis. E até hoje os três genros atrás ditos que tem vivos, todos servem de capitães da milícia nesta ilha, convém a saber: João Roiz Ferreira, no termo da Relva, onde vive: Francisco Lopes Moniz, na vila da Alagoa; António de Matos de Sousa, em Vila Franca, onde vive.

Casou depois do sobredito uma filha, por nome Isabel Cardosa, com Francisco Corrêa Rodavalho (sic) homem principal da ilha e de nobre geração, ao qual deu mais de dois mil cruzados em casamento; e vale o seu, hoje, cinco mil cruzados, e seu pai, João Álvares Rodavalho, tem fazenda que vale mais de doze mil cruzados.

Depois casou seu filho Sebastião Luís Cardoso, da governança da cidade da Ponta Delgada, com Isabel do Quental de Sousa, mulher principal, de muito nobre geração e dos primazes que há e houve na ilha; e vale hoje sua fazenda quatro mil cruzados.

E depois disto, trazendo o dito João Lopes um filho, por nome Belchior Luís Mago, no estudo, de idade de vinte anos, de seu moto próprio pediu a seu pai lhe mandasse fazer um hábito, e feito se embarcou com um parente seu, Fr. Pedro mestre, para a ilha Terceira, onde vestiu o hábito e tomou o jugo do Seráfico Padre S. Francisco ([288]), e agora se chama Fr. Agostinho da Madre de Deus, já de ordens de Evangelho. Tem já o dito João Lopes Cardoso quatro bisnetos e será de oitenta anos.

Baltasar de Sousa, filho de Pero Roiz de Sousa e sobrinho de Baltasar Roiz, de Santa Clara, foi às Antilhas e veio de lá casado; vive agora na cidade da Ponta Delgada. Vale o seu trinta mil cruzados em propriedades, dinheiro e trato.

Afora os ditos, de três mil cruzados abaixo, há muitos naturais e estrangeiros, que tratam com suas fazendas, com muita verdade, sem haver falta nela, e em trezentos mil cruzados, que cada ano negoceiam uns e outros, se não fazem antre eles dez escrituras públicas; abasta que pagam o que devem, sem os ouvir ninguém, e têm por abatido aquele com quem têm dúvida e, quando alguma se move, procuram conserto nela e na que se pode mover. Aqui negoceiam cada ano, ordinariamente, até vinte e cinco naus ingresas, e alguns anos mais; nunca se achou que ingrês se aqueixasse de mau trato, nem engano, que nesta terra lhe fizessem. E presume todo o mercador, que daqui passa letras, serem mui certas e de muito bons cumprimentos. De modo que em nenhuma parte há praça tão pequena e melhor que esta o dia de hoje, com quantos trabalhos há nela nestes tempos presentes. ([289]).

CAPÍTULO LII ([290])

DA GRANDE ABUNDÂNCIA DE TRIGO QUE HOUVE NA ILHA DE S. MIGUEL E DOS PREÇOS QUE TEVE ALGUNS ANOS

Estas ilhas dos Açores não são tão estériles como outras terras, em que há algumas de oito folhas e outras de sete, e daí para baixo até duas folhas, e nehuma de uma, porque não se semeiam cada ano, senão a melhor de dois em dois anos, um ano e outro não, e às vezes de três em três, e de quatro em quatro, até de oito em oito, o que se chama duas, três, quatro, até oito folhas em Alentejo, que é mãe do bom pão, e ainda estercadas, e a melhor delas de alqueive, lavrando a terra um ano, deixando-a apodrecer à chuva e à calma, e depois tornando-a a lavrar o outro ano seguinte, em que se há-de semear, e assim passa por dois invernos e verãos (sic), curtindo-se ao frio e sol, lavrada e beneficiada para dar fruto; que é o que diz Virgílio nas Geórgicas, nestes versos:

Illa seges demum votis respondet avari

Agricolae bis quae solem, bis frigora sensit.

Que querem dizer: — Aquela sementeira ou seara, finalmente responderá aos desejos do lavrador avaro, que sente duas vezes o sol, que são dois verãos, e duas vezes os frios, que são dois invernos; — com que se está curtindo, apodrecendo e preparando. Mas estas ilhas dos Açores, e particularmente esta de S. Miguel, que é maior de todas, de maravilha espera por folhas de um ano ao outro, nem se usa aqui de alqueive; antes quase todos os anos continuamente se semeiam as terras dela, que nisto parece serem incansáveis, e dão abundantíssimo fruto, maiormente no princípio do seu descobrimento, em que tinham todo seu vigor e força; ainda que já agora não respondem com tanta abundância como dantes, pelo que direi algumas coisas notáveis da fertilidade antiga, em que quase não havia preço no trigo que a terra dava, porque tão barato o davam os lavradores como quase de graça, e depois pelos anos adiante declararei os preços que teve cada ano até o tempo presente, segundo melhor na verdade alcançar pude.

Nesta ilha, tendo os homens, ou cada um deles, três ou quatro moios de terra, só um semeava, ficando os outros sem semear; mas aquele só semeando lhe dava tanto trigo, que lhe sobejava e se enfadava.

Um Pedreanes, sapateiro, morador no Nordeste, casado com Beatriz Lopes, estante agora na vila da Ribeira Grande, comprou um moio de trigo por uns sapatos de vaca, que naquele tempo valiam três vinténs; e saía a real o alqueire.

Havia naquele tempo muita rapa-saia, uma erva deste nome, entre o trigo; um Estêvão Chainho, rico morador na vila do Nordeste, tendo um moio de terra semeado, e coberto dela, a deixava para os porcos; o que vendo seus vizinhos, pediram-lhe que lho desse e eles o segariam, pois que o havia de dar aos porcos; e segando-o, ainda que estava perdido, apanharam eles nove moios de trigo.

O avô de Adão da Silva, vindo a esta terra, lhe deu o Capitão por repartição a lomba que se chama a Grota Funda, e por lha mercarem bem, ou ele não fazer caso de viver nesta ilha e se querer tornar, como tornou, para Portugal, a vendeu por quatro carneiros e uma viola; a qual lomba depois (antes que se cobrisse pelo segundo incêndio de pedra pomes) rendia cada ano mais de dez moios de trigo.

Na era de nove, um Pedreanes, do Pico, morador na Ribeirinha, comprou a Luís Gago, avô de Rui Gago da Câmara, oito moios de trigo por dezasseis quintais de pastel, que valia então o quintal a dois tostões somente. Este Pedreanes, do Pico, deu por uns sapatos brancos (que valiam naquele tempo trinta réis) para um seu criado seis alqueires de trigo.

Um Francisqueanes, sendo compreendido em pena de um tostão, devido ao alcaide, lhe deu um moio de trigo por isso.

Um padrasto de Pero Teixeira e de Antão Teixeira, morador em Vila Franca, vendeu uma terra (que parte da Ribeirinha, termo da Ribeira Grande, da ribeira do Salto até terras de D. Mécia ([291]), que rende agora passante de quarenta moios de trigo) por uma casinha de telha, terreira, em Vila Franca.

Em tempo do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome, que comprou a Capitania desta ilha de S. Miguel aos quatro dias de Agosto do ano de mil e quatrocentos e setenta e nove, um Fernando Afonso, pai da mãe de Francisco Pires Rocha, da governança da vila da Ribeira Grande, que hoje nela vive, comprou a um Pero Afonso, escudeiro, criado do conde de Monsanto, e a sua mulher Beatriz Rodrigues, cinco moios de terra, junto da ribeira, acima da dita vila, que inclui os assentos de Lopo Dias Homem e de Henrique de Betencor de Sá e o mosteiro das freiras e o assento do mesmo Francisco Pires Rocha, tudo por cinco mil réis, sendo, então, o real de cinco ceitis, e agora vale cada moio seiscentos mil réis, de seis ceitis o real. E, posto que alguns dizem que o estilo de escrever e falar antigo era grosseiro, o contrário se mostra na escritura que desta compra e venda fez Pero Cordeiro, escrivão do almoxarifado e tabelião público em todas estas ilhas dos Açores, que eu vi escrita em um pequeno pergaminho, mui breve e de poucas regras, em que está tudo rematado com palavras mui judiciais e discretas, muito diferente das que agora fazem compridas, de muita leitura desnecessária, com que mui poucas delas há que, pelas muitas palavras tabalioas com que são feitas, não sejam escuras e embaraçadas e não haja por isso depois dúvidas entre as partes ([292]).

Na era de mil e quinhentos, e daí por diante, alguns anos, valia nesta ilha o trigo a quatro réis o alqueire. Vendendo um Afonseanes, morador na Ribeira Grande, quatro moios a este preço, por o mercador não ter presente o dinheiro lhe deixou em penhor uma espada e sobre ela lhe deu Afonseanes o trigo, por lhe parecer que ficava seguro do preço dele com aquele penhor, e o mercador se foi, sem mais tornar a tirar a espada, cuidando cada um que o outro ficava enganado. E depois se vendeu a espada em um tostão, e assim lhe saiu vendido o moio de trigo a vinte e cinco réis. Os farelos naquele tempo não se aproveitavam e deitavam-se fora, nos monturos.

Davam a este Afonseanes o pico do Ermo, que pode ter três moios de terra, por dois mil réis e não o quis comprar. Também lhe davam dois moios de terra do Morro da vila da Ribeira Grande, que tem agora Nuno Barbosa da Silva, por cinco mil réis, e não os quis comprar, parecendo-lhe grande preço, e valem agora mais de três (ou seis?) ([293]) mil cruzados.

Um Gomes Fernandes, morador na Lomba, da Ribeira Grande, vendeu dois moios de terra por uma espadinha com meias bainhas. Este viveu mais de cem anos e sendo muito rico, parece que por lhe sobejar a vida, veio a ser pobre pedinte.

Na era de mil e quinhentos e sete valia o trigo a cinco réis o alqueire, e um mercador de Lagos, do Algarve, acabando de carregar um navio, sobejando-lhe dois moios de trigo em uma eira, junto do porto dos Carneiros da vila da Lagoa, os dava por uma galinha e dois frangos, com que passava um moço que lhos não quis dar, por não ter consentimento de seu pai; então deu o trigo de graça a Rui Martins, seu cunhado, morador na mesma vila.

Na era de mil e quinhentos e oito, um Fernão d'Alvres morador na ribeira do Salto, indo um dia da vila da Ribeira Grande para sua casa, disse a sua mulher que folgasse com as novas que levava, que já valia o moio de trigo a seis tostões, tendo aquele por grande preço, porque tinha muito que vender.

João Dias Caridade comprou por uns cintos dois moios de terra, junto da ermida de Nossa Senhora da Piedade, onde ele depois foi morar, porque vivia na vila da Ponta Delgada, que depois se fez cidade.

Na lomba grande da Ribeira Funda, de Luís Fernandes da Costa, se achou uma espiga de trigo que tinha ao pé dela sessenta filhos.

Em o quintal do Padre João Soares da Costa, beneficiado na igreja de S. Sebastião da cidade da Ponta Delgada, defronte de suas casas em que tinha semeado alguns grãos, se achou entre outros um pé deles que deu mil e trinta e três grãos; e dos outros pés, um tinha quinhentos, outro trezentos grãos, a que os castelhanos chamam gravanços.

Luís Gonçalves, sapateiro, morador na Ribeira Grande, pediu a um Gonçalo Pires meio moio de trigo por umas botas, que naquele tempo valiam oito, nove vinténs; e, por lho rogar muito um seu amigo, tomou outro meio moio de trigo por outras botas.

Vasqueanes vendeu certos moios de trigo a três tostões o moio, posto no porto dos Carneiros, que é o que agora quase vale o carreto dele. E ordinariamente se dava naquele tempo antigo um quarteiro de trigo por uns sapatos de vaca.

Já quando o trigo ia alevantando o preço, na vila da Ribeira Grande, uma mulher (como muitas fariam o mesmo) mandou comprar um alqueire de trigo das maquias, e disse à criada: — se o moleiro te não escolher maquia, e maquia do melhor trigo que vier ao moinho, não o tragas, porque não hei- de dar meio vintém por um alqueire de ruim trigo.

Mandaram os almotacés deitar pregão na vila da Ribeira Grande que as padeiras fizessem pão de meio real; porque, passando um homem de caminho, não havia de tomar, nem comprar pão de real.

Na era de mil e quinhentos e vinte, ninguém queria o trigo do morro da Ribeira Grande, porque era tão forte e tinha a casca tão grossa, que se tornava farelo e não rendia em pão, senão de Janeiro por diante; rendendo então a terra a quarenta moios por moio.

Daqui veio que procuravam muitos as terras da Ribeirinha, que eram fracas, mais que as do Morro, ainda que eram, então, terras grossas e fortes; mas, gastada já aquela fortidão, são agora melhores e de mais valia.

Um Lopo Gonçalves, morador na vila da Ribeira Grande, deixou vinte e seis alqueires de terra, no morro da mesma vila, à confraria de Nossa Senhora da Estrela, que lhe rende agora dois moios e quarenta alqueires de trigo cada ano. E então dava o Capitão Rui Gonçalves da Câmara, avô do conde Rui Gonçalves da Câmara, um moio de trigo a quem lhe trazia outro, do lugar de Porto Formoso à vila da Ribeira Grande. E um Fernão d'Álvares, da dita vila da Ribeira Grande, deu um moio de trigo e três couros de vaca, postos na Alagoa, por umas botas de cordavão (sic).

Fernão d'Álvares, o Grande, morador na vila da Ribeira Grande, avô do Padre Baltasar Gonçalves, beneficiado na dita vila, não quis dar um barrete vermelho, que trouxe de Portugal, por dois moios de trigo. ([294]).

Um Pero Vaz, morador na mesma vila, valendo os sapatos a dois vinténs, mandou por uns um vintém em dinheiro e quatro alqueires de trigo, por conta do outro vintém, a cinco réis o alqueire; e o sapateiro, chamado Luís Gonçalves, se aqueixava dele, porque não lhe mandava o dinheiro, e não (sic) ([295]) o trigo tão caro. E, no tempo de recolher a novidade, diziam as mulheres umas às outras:—comadre, deitastes vós já o vosso trigo no monturo?—porque costumavam naquele tempo deitar o trigo velho fora, sem o aproveitarem, e despejar os granéis para recolher o novo.

Na era de mil e quinhentos e sessenta e nove anos, um Manuel de Almeida, homem honrado, dos principais fregueses da freguesia dos Reis Magos, dos Fenais da Maia, nas terras da Ponta, junto de uma ermida de Nossa Senhora da Ajuda, na sua seara, achou um pé de trigo, que tinha cento e sete espigas, quatro delas de quatro ordens, e as outras de seis e de sete, de oito, de dez e doze; as raízes deste pé de trigo eram tão grossas como a barriga da perna de um homem, quase de grossura de dois punhos, e a rama em cima fazia soma de uma gavela. O qual pé de trigo dependurou o dito Manuel de Almeida na dita igreja da mesma freguesia, onde esteve muito tempo dependurado e o iam ver por façanha e coisa nova, até que espiga e espiga o levaram os que o viam. Também um Manuel Fernandes, enqueredor (sic) em Vila Franca do Campo, trouxe da ilha de Santa Maria uma espiga de catorze ordens, que era grande excesso e certo sinal da fertilidade da terra.

Um João Martins, de alcunha Calcafrades, morador nas Hortas, de Vila Franca do Campo, vendeu dez ou doze moios de terra de pasto, onde agora chamam Água Retorta, a João Afonso, do Faial, o Velho, por pano de Londres, azul, para um gabão, que agora dá muito trigo e pastel e é de João Roiz Cordeiro, filho de Pero Roiz Cordeiro.

João Calado, natural do Algarve, comprou um sombreiro nesta ilha por um moio de trigo, que então valia a trezentos réis o moio.

Um homem nobre comprou um capuz por nove moios de trigo e no fim de umas trovas, que sobre isso lhe fizeram, diziam: — o que traz os moios nove, no capuz até o chão.

Rui Tavares, morador na Ribeira Grande, não há muitos anos que semeou dezoito alqueires de trigo, ao longo da sua eira, que lhe deram vinte moios. E uma mulher deu um moio de trigo por uma bengala.

Dizia Rui Fernandes, primeiro beneficiado que foi na igreja principal de São Sebastião da cidade da Ponta Delgada, que se quisera, quando veio a esta ilha, comprara uma casa dentro na dita cidade, que então era vila, com um moio de terra, por menos de vinte mil réis; que agora valem mais de dois mil cruzados.

Está verificado por homens ainda ao presente vivos que na era de mil e quinhentos e oito, e daí por diante alguns anos, valeu o trigo a quinhentos e a seiscentos réis o moio e algumas vezes a cruzado; e em muitas casas somente comiam o olho da farinha, e em algumas estavam montes de rolão no granel, sem o aproveitarem. E vieram depois anos tão estériles que moíam os farelos duas e três vezes para fazerem pão que comessem.

Um Luís Gonçalves, sapateiro, morador na vila da Ribeira Grande, não quis dar uma botas de pele de cabra por um moio de trigo que lhe davam por elas, que valiam então trezentos réis porque havia pouco dinheiro nesta ilha. Um André Álvares, o Grande, morador na vila da Ribeira Grande, vindo de Portugal, não quis dar um barrete vermelho, que trouxe, por dois moios de trigo, que lhe davam por ele. E muitas vezes valeu o trigo a cinco réis o alqueire e, ainda com ser tão barato, não achavam quem o comprasse.

Bartolomeu Roiz da Serra e outras muitas pessoas que tinham muito trigo velho, quando vinha o tempo da aceifa, mandavam dizer a muitas pessoas que fossem por ele, e lho davam de graça.

Um Gonçalo Fernandes, da Ribeira Grande, vendeu alguns moios de trigo a trezentos réis o moio, posto no porto dos Carneiros. No mesmo ano, Rui Garcia, pai de Roque Roiz, que foi escrivão da Câmara da dita vila, tendo quarenta moios em um granel para carregar para a ilha da Madeira, da qual vindo então um navio que deu nova valer o trigo a quinhentos réis o moio, vendo que não tinha proveito se o carregasse, e por não ter granel para recolher o trigo novo, os mandou deitar fora do granel, na rua, onde se perderam. Davam então um quarteiro de trigo por uns sapatos de vaca e um moio por uns brozeguis (sic).

Na era de quatrocentos e noventa e oito até a de mil e quinhentos e seis, que por esta conta durou nove anos, era a fartura tanta que desejavam todos que viessem pobres a suas casas e eiras, para lhe darem esmolas, que não havia pobre na terra e estava o trigo em monte na eira, como em um granel; de um dos quais montes tirando um dia onze moios não fez mossa nele, ficando em vão como casa, porque com a chuva fazia côdea por cima, com que ficava como telhado que guardava o que em baixo deixavam. E não queriam comprar o trigo a cinco réis o alqueire, se não lho dessem joeirado.

Na era de dez, um Lopo Gonçalves, morador na vila da Ribeira Grande, que deixou vinte e cinco alqueires de terra do Morro à confraria de Nossa Senhora da Estrela, da mesma vila, houve tanto trigo que não teve onde o recolher. Depois de fazer um granel debaixo, e ter ambos cheios, perguntou a um escravo seu, por nome Francisco, se havia mais trigo na eira, e respondeu-lhe que ainda havia um calcadouro limpo; deu graças a Deus, por não ter onde o recolher, e rogou a Frei Afonso, que servia de vigairo na dita vila, que dissesse na estação que quem quisesse trigo fosse buscar quanto quisesse à sua eira, e lho daria por amor de Deus. E não se acharam mais que duas pessoas necessitadas, que lá foram, tão farta e abastada era a terra naquele tempo, em que valia o trigo a quatro réis o alqueire, e a duzentos e quarenta réis o moio.

Um mercador de fora, junto do verão, morador na Ribeira Grande, quando se havia de recolher a novidade, andava rogando a muitas pessoas que fossem buscar o trigo velho de graça ao seu granel, porque o queria despejar para recolher o novo; sendo o trigo velho bom e limpo e são.

Um João Moniz, morador em Rabo de Peixe, para recolher a novidade de um ano, além de carregar um navio de trigo e cevada, despejou o granel do trigo velho, que lhe ficava, e eram

nove moios que recolheu debaixo do mesmo granel, onde os comeram os porcos e galinhas e outras alimárias, pelos deitar ali como perdidos, por não ter onde recolher o trigo novo.

No Morro da vila da Ribeira Grande, e em outras muitas partes desta ilha, respondia a terra a sessenta moios por moio de trigo, e o mesmo de cevada; e tão basto e grado era o pão, que dois ceifões segavam trezentos feixes no dia, e cada feixe dava um alqueire de trigo; e os donos das searas não diziam que lho apanhassem nem aproveitassem bem, senão que o levassem por cima e segassem pouca palha. Por isso naquele tempo pequenos calcadouros respondiam com muito trigo. E houve uma eira de um Francisco Martins, no Morro da Ribeira Grande, que lhe deu vinte e cinco moios; mas agora tudo é pobreza. E o calcadouro que naquele tempo dava dez moios, não dá neste quatro, e é tanta a miséria que não há lavrador que queira ver perder uma espiga, perdendo-se tanto pão no campo naquele tempo antigo, em que um João Gonçalves, alfaiate, morador na Maia, bom ceifão, um ano ganhou a segar sete moios de trigo, com empreitadas que tomava. E ordinariamente no verão vinham ceifões do Algarve segar a esta ilha, pelo muito pão que se dava nela, e levavam para sua terra o que ganhavam.

Um Lourenceanes, serrador, vendeu por um barrete vermelho três moios de terra, arriba da Calheta de Pero de Teves junto da ermida de São Gonçalo, na cidade da Ponta Delgada.

Álvaro Lopes, que morava em Bulcão (sic), sobre a vila da Lagoa, perto da ermida de Nossa Senhora dos Remédios, tinha trigo de três anos no granel, melhor ao cabo deste tempo que o trigo novo, que então se recolhia, que se danava muitas vezes, ficando aquele seu velho fresco e inteiro; parece que era isto pela frieza da terra, por morar ele ali, junto da serra.

João Jorge, da vila de Água do Pau, tendo vendido algum trigo barato, depois do navio carregado, sobejando a um mercador um moio, lho comprou por três galinhas. Este João Jorge e Álvaro Lopes, dos Remédios, pai de Adão Lopes, eram dos mais ricos e abastados homens lavradores do seu tempo. João Jorge, o primeiro verão depois do dilúvio de Vila Franca, já na era de mil e quinhentos e vinte e três, vendeu trinta moios de trigo por sessenta mil réis, a dois mil réis o moio, que era grande preço naquele tempo, e ainda deu de arra trinta alqueires de trigo para biscoito. E na era de mil e quinhentos e vinte e um, nos Fenais da Maia, respondeu a terra a quarenta moios por moio.

Na Ponta da Garça, morava um bom lavrador, chamado João Fernandes; na era de mil e quinhentos e cinquenta e oito, e cinquenta e nove, determinando de se ir para Portugal lhe perguntaram porque vendia sua fazenda e se queria ir, pois estava rico e à sua vontade. Respondeu que se ia pelo que conhecia desta ilha, que tempo viria que não responderia a cinco moios por moio, porque o tinha experimentado nos anos atrás passados; que no princípio, quando ele fora à Ponta da Garça, lhe davam as terras à razão de cinquenta e sessenta moios por moio e havia trinta anos que ele começara a fazer seara, e já lhe não respondiam senão à razão de catorze moios; e, pois desta maneira faltou tanto em tão pouco tempo, que faria ao diante. E, se por isso não quis então deixar de se ir desta terra para a sua de Portugal, melhor se fora, se soubera deste nosso tempo, em que os senhorios levam cinco moios por moio, de renda, sem nenhuma piedade, vendo claramente que não dá, nem responde a terra tanto; e os pobres lavradores não podem, nem querem deixar os arrendamentos, ainda que se perdem neles, por não ter outra vida. São nisto como o pobre murganho, que não sabe mais que um só agulheiro ou buraco, em que se acolhe, pelo que prestes o tomam e morre. Mas, conquanto foi declinando a terra desta ilha de sua fertilidade, e no tempo antigo dando em alguns anos toda a ilha dezasseis mil moios e dezassete mil, e depois veio a dar oito mil, todavia o ano de mil e quinhentos e sessenta e nove deu doze mil, e o de mil e quinhentos e oitenta deu dezoito mil moios de pão, o que nunca se viu nela, porque parece que tornou então a seu princípio, e melhorado. E houve terra que respondeu a sessenta moios, e outras a trinta, e a razão de quarenta moios por moio; e muitos mais foram se não se perdera muito nas eiras, por falta de bom tempo para se poder recolher; que se vinha um dia bom, vinham logo outros chuvosos, por onde teve ruim colheita e estiveram muitos lavradores para cobrirem nas eiras o trigo, e os frescais com palha, como fazendo- lhe casas, em que o deixassem, para debulhar no mês de Maio do ano seguinte, por na era de oitenta não fazer tempo para isso, em que muito trigo nasceu nas eiras e ainda por todo o mês de Outubro não estava acabado de recolher todo, em toda a ilha. Valeu em todo o verão a três mil réis o moio, o menos; aos alqueires, o davam a dois vinténs o alqueire; e o ano de mil e quinhentos e oitenta e um, ainda que não renderam tanto as searas como dantes, deu tanto ou mais trigo que o ano de oitenta, por se semearem mais terras, porque se roçaram muitas de silvas, e

todas as que chamam as cabeçadas, e aos pés dos picos e pelas faldras deles foram semeadas, e qualquer homem pobre fez seara, por lhe não faltar trigo para semente do ano abundoso atrás passado. De centeio não se faz caso nesta terra, senão para alcacér, manjar de gado, e para se aproveitarem da palha dele nos enxergões.

É muito fértil esta ilha, não somente de trigo e cevada, mas de muitos legumes, como são favas, ervilhas, chícharos, lentilhas, tremoços e junça, em todo o tempo depois que foi descoberta até agora. E o trigo, a era de treze, quase não teve valia, mas daí por diante até este ano de mil e quinhentos e oitenta e oito, sendo o moio de sessenta alqueires, que é a medida que corre nestas ilhas, teve as valias seguintes, justificadas as mais antigas pela justiça no cartório de João Lopes, tabelião, que foi de Gaspar de Freitas, onde se há-de notar que, o ano que tinha dois preços, quem não pagava no verão, pagava depois na maior valia de todo o ano. E, ainda que nesta terra haja trigo de diversas maneiras, como é anafil, barbela, tremez, canôco e pelado, e o anafil só o primeiro ano que se semeia permaneça (sic) o seu ser, e semeado do segundo ano por diante se torna barbela, todo um e outro tem cada ano o mesmo preço ([296]).

CAPÍTULO LIII ([297])

DA VALIA DO TRIGO EM TEMPOS DIVERSOS DE 1513 ATÉ 1589

No ano de 1513, valeu o trigo, por todo o ano, a seiscentos réis o moio 600
No ano de 1514, valeu no verão, geralmente a mil e quatrocentos réis o moio 1.400
No ano de 1515, a oitocentos réis o moio 800
No ano de 1516, a mil réis 1.000
No ano de 1517, a mil réis 1.000
No ano de 1518, a mil e seiscentos réis 1.600
No ano de 1519, a mil e quinhentos réis 1.500
No ano de 1520, a dois mil réis 2.000
No ano de 1521, a dois mil réis 2.000
No ano de 1522 a dois mil e quinhentos 2.500
No ano de 1523 a mil réis 1.000
No ano de 1524, a três mil e cento 3.100
No ano de 1525, a mil réis o moio 1.000
No ano de 1526 a mil e oitocentos réis 1.800
No ano de 1527 a dois mil réis 2.000
No ano de 1528, a dois mil e duzentos 2.200
No ano de 1529, a três mil réis 3.000
No ano de 1530, a três mil e trezentos réis 3.300
No ano de 1531, a três mil e duzentos réis 3.200
No ano de 1532, a mil e seiscentos réis 1.600
No ano de 1533, a dois mil réis 2.000
No ano de 1534, a dois mil réis 2.000
No ano de 1535 a dois mil e duzentos 2.200
No ano de 1536 a dois mil réis 2.000
No ano de 1537, a mil e novecentos réis 1.900
No ano de 1538, no verão, a dois mil réis 2.000
e por todo o ano valeu a dois mil e setecentos réis 2.700
No ano de 1539, valeu no verão a três mil réis 3.000
e por todo o ano a três mil e novecentos réis 3.900
No ano de 1540, a três mil reis no verão 3.000
e por todo o ano a três mil e novecentos 3.900
No ano de 1541, a três mil e seiscentos réis 3.600

e por todo o ano, a quatro mil e duzentos 4.200
No ano de 1542, a dois mil e setecentos 2.700
No ano de 1543, a três mil e seiscentos 3.600
No ano de 1544, a dois mil e setecentos 2.700
No ano de 1545, a quatro mil e quinhentos 4.500
No ano de 1546, a quatro mil e duzentos 4.200
No ano de 1547, no verão, a dois mil e quatrocentos 2.400
e por todo o ano, a dois mil e setecentos 2.700
No ano de 1548, no verão, a dois mil e quatrocentos 2.400
e por todo o ano, a três mil e seiscentos 3.600
No ano de 1549, no verão, a dois mil e setecentos 2.700
e por todo o ano, a três mil e seiscentos 3.600
No ano de 1550, no verão, a dois mil e oitocentos réis 2.800
e por todo o ano, a três e seiscentos 3.600
No ano de 1551, no verão, a quatro mil e duzentos 4.200
e por todo o ano, a quatro mil e oitocentos 4.800
No ano de 1552, a três mil réis 3.000
No ano de 1553, a três mil réis 3.000
No ano de 1554, a três mil réis 3.000
No ano de 1555, a cinco mil e quatrocentos réis 5.400
No ano de 1556, a cinco mil e quatrocentos réis 5.400
No ano de 1557, a quatro mil e oitocentos, no verão 4.800
e por todo o ano, a seis mil réis 6.000
No ano de 1558, no verão a dois mil e quatro-centos réis 2.400
e por todo o ano, a quatro mil e duzentos 4.200
No ano de 1559 a três mil réis 3.000
No ano de 1560 a dois mil e quatrocentos réis, no verão 2.400
e por todo o ano, a três mil réis 3.000
No ano de 1561, no verão, a quatro mil e duzentos 4.200
e por todo o ano a seis mil réis 6.000
No ano de 1562, no verão, a quatro mil e oitocentos 4.800
e por todo o ano, a seis mil réis 6.000
No ano de 1563, a quatro mil e oitocentos, no verão 4.800
e por todo o ano, a seis mil réis 6.000
No ano de 1564, no verão, a três mil e quinhentos 3.500
e por todo o ano, a quatro mil e oitocentos 4.800
No ano de 1565, no verão, a três mil e seiscentos réis 3.600
e por todo o ano, a quatro mil e duzentos 4.200
No ano de 1566, no verão, a quatro mil e oitocentos 4.800
e por todo o ano, a seis mil réis 6.000

No ano de 1567, no verão, a quatro mil e oito-centos réis 4.800

e por todo o ano, seis mil réis 6.000

No ano de 1568, no verão, a três mil réis 3.000

e por todo o ano, a quatro mil e duzentos 4.200

No ano de 1569, no verão, a três mil e trezentos 3.300

e por todo o ano, a quatro mil e duzentos 4.200

No ano de 1570, no verão, a quatro mil e duzentos 4.200

e por todo o ano, a seis mil reis 6.000

No ano de 1571, no verão, a quatro mil e duzentos 4.200

e por todo o ano, a seis mil réis 6.000

No ano de 1572, no verão, a quatro mil e duzentos 4.200

e por todo o ano, a seis mil réis 6.000

No ano de 1573, no verão, a quatro mil e duzentos 4.200

e por todo o ano, a quatro mil e oitocentos 4.800

No ano de 1574, no verão, a quatro mil e duzentos 4.200

e por todo o ano, a seis mil réis 6.000

No ano de 1575, por todo o ano, a sete mil e quinhentos 7.500

e foi o ano de tanta esterilidade que algumas pessoas o venderam a duzentos e a trezentos réis o alqueire, que era a doze mil réis e a dezoito mil o moio.

No ano de 1576, a seis mil réis o moio 6.000

No ano de 1577 a seis mil réis 6.000

No ano de 1578 a seis mil réis 6.000

No ano de 1579, a seis mil réis 6.000

No ano de 1580, a três mil réis no verão; e quase todo o ano 3.000

No ano de 1581, no verão e quase todo o ano, a três mil réis 3.000

e no cabo do ano, antes de se recolher trigo novo, como havia muitos navios, valeu a quatro mil réis 4.000

O ano de 1582, no verão, pela taussa (sic), a seis mil réis 6.000

O ano de 1583, no verão a seis mil réis 6.000

e pelo mais tempo do ano, a sete mil e duzentos e a mais 7.200

O ano de 1584, a seis mil réis 6.000

O ano de 1585, a seis mil réis 6.000

O ano de 1586, também a seis mil réis 6.000

O ano de 1587, valeu a seis mil reis o moio 6.000

e, pelo tempo adiante, a muito mais, por diversos preços, até chegar a dez e doze mil réis.

O ano de 1588, valeu, logo em se recolhendo, a ([298]) seis mil 6.000

e pelo tempo adiante a mais, até chegar a nove mil. O ano de 1589, valeu no novo a seis mil réis 6.000

CAPÍTULO LIV

DA MULTIPLICAÇÃO DE GADO DE TODA A SORTE E DO MUITO PESCADO QUE HOUVE NA ILHA DE SÃO MIGUEL NOS PRIMEIROS ANOS DEPOIS DE SER DESCOBERTA

Ordinariamente, qualquer ilha nova em seus princípios depois de achada, parece um paraíso terreal e é fértil em tudo, quando dantes de povoada se deitam nela as sementes das coisas necessárias à vida humana, e lhe dão espaço em que se criem e cresçam e possam multiplicar para uso e mantimento dos povoadores vindouros. Assim foi esta ilha de São Miguel que, sendo achada na era de mil e quatrocentos e quarenta e quatro anos por Gonçalo Velho, comendador de Almourol, enviado pelo Infante D. Henrique, de gloriosa memória, a seu descobrimento, que depois foi Capitão dela, dali a cinco anos, que foi na era de mil e quatrocentos e quarenta e nove, com licença de el-Rei D. Afonso, quinto do nome, tornou a mandar deitar muito gado de toda a sorte e outras sementes nela que multiplicaram tanto, que quando dali a pouco tempo a vieram a povoar, faltava a fome a seus primeiros povoadores para tanto mantimento quanto nela achavam, principalmente de gado de toda a sorte e de pescado, como agora direi.

Em diversas partes desta ilha, foi deitado gado entre o espesso mato dela; em partes, deitaram carneiros e ovelhas, e em outras, bodes e cabras, em outras, porcos e porcas, e em outras, cavalos e éguas, asnos e burras. Tudo multiplicou tanto entre o basto arvoredo, com os bons pastos que havia de erva e rama, que quando vieram os primeiros povoadores, dali a alguns anos, achavam grandes manadas deste gado em toda ela, e muito mais nas partes onde o deitaram; pelo que havia tanta fartura nesta terra, que não se cortava naquele tempo carne nos açougues, nem os havia, mas cada um fazia açougue em sua casa, tomando os bois, carneiros e cabras, e mortos os dependuravam à porta em uma árvore, e dali partiam e comiam quanto queriam, até que começava a ter mau cheiro e então deitavam o que sobejava da rez fora, em alguma grota ou apartado de casa.

Na Lomba da Ribeira Seca, termo da Ribeira Grande, houve uns homens honrados e forçosos, chamados os Fanecas de alcunha, que eram João Gonçalves, Rui da Ponte, Pero da Ponte, João Velho e seu pai deles, os quais, perto de suas casas, matavam cada um sua vaca e a dependuravam à porta, e todos os que passavam e queriam cortar, levavam a que lhe contentava; e, como cheirava mal, não curavam de a salgar, mas cortando-a por riba, pelos pernis, a iam deitar por uma grota ou rocha abaixo, ou na ribeira aos cães.

Havia nesta ilha, logo no princípio de seu descobrimento, tão grandes malvas como árvores, nas quais dependuravam também os bois e vacas que tomavam, e dali repartiam a carne delas pela maneira sobredita, o que queriam e a quem a queria, e assim se proviam de carne sem haver mais açougue, senão o que cada um tinha à sua porta; de modo que não tinha preço a carne de toda a sorte, e de graça a comiam, e pouco era isto, se aproveitaram o que sobejava, mas deixavam apodrecer e perder muita por razão da grande multidão do gado, cuidando que nunca faltaria, e também por haver pouco sal na terra.

E outra se perdia no mato, onde matavam algum gado, para somente se aproveitarem das peles. Os mais dos homens, então, se prezavam de fragueiros e monteiros, e aqueles que eram mais valentes traziam do mato as reses que tomavam para si e para seus vizinhos. Depois, passados alguns anos, veio a valer a carne quase de graça, e mais além algum tempo se começou a cortar a quatro, seis e sete ceitis o arrátel e por discurso do tempo se foram alevantando os preços.

Afora o gado bravo que andava na serra, outras reses e bois já mansos se iam dos povoados, das casas de seus donos, metendo-se pelo mato, sem saberem tornar nem os

poderem achar, porque eram tão bastas as árvores que em muitas partes um cão não podia passar por entre elas, nem por debaixo delas; e muitas vezes se andava grande espaço de terra, sem porem os homens os pés no chão, senão por cima das árvores, que estavam verdes, deitadas e alastradas umas por cima das outras; não porque os ventos as tivessem derribadas, senão por se tecerem os ramos de través uns com os outros, com que ficavam liados e cobriam toda a terra, pelo que não havia caminho senão por cima delas, e alguns bois se perdiam e andavam a serra três e quatro anos.

E depois os machos das pernas deles cresciam tanto que faziam volta, e lhe vinham fincar nas canelas das pernas, da banda de detrás, fazendo com aqueles machos uns vãos entre os mesmos machos e as canelas, na volta que davam, por onde caberia um dedo da mão de um homem e por onde se poderiam prender como por um tornel ou argola de ferro, e em vez de crescerem aquelas unhas e machos para baixo, cresciam tanto que viravam para cima e se fincavam nas pernas e canelas.

Os touros bravos tomados com um laço e presos a um pau ou árvore, três ou quatro dias, sem lhe darem de comer, assim os amansavam, para se servirem deles, e depois sofriam a carrega (sic) esfaimados; e os que não podiam ter estes da terra mandavam comprar bois mansos à ilha de Santa Maria, para fazerem seu serviço e lavoura.

Os porcos do monte eram tantos e tão bravos que davam grande trabalho aos monteiros. Havia infinidade deles além da cidade da Ponta Delgada, para aquela banda de Santa Clara, até a casa de Francisco Ramalho, onde os iam montear os moradores de Vila Franca, levando mantimento em seus batéis para alguns dias, nos quais, fazendo salga neles, se tornavam com muitos para a mesma Vila. Mas, muito mais número deles havia na ribeira da Salga, da banda do norte, onde parece que deitaram alguns no princípio, e lá iam da vila da Ribeira Grande e de outras partes muitos homens a montear e, fazendo grande matança e salga neles, se tornavam para suas casas, providos para muitos dias.

Não se aproveitavam em muitos anos nesta terra cabeças e fressuras, nem tripas, nem miúdos alguns de qualquer outra rês, tanta era a fartura nela.

Também se achavam grande número de asnos bravos, principalmente na concavidade das Sete Cidades, onde se acolheram do lugar donde primeiramente os desembarcaram, com as unhas muito crescidas, tão ferozes que se enviavam à gente como bravos touros e mais dificultosos eram de tomar que eles; porque o touro, esperando-o em uma vereda por onde passava, lhe deitavam um laço ou lhe cortavam uma perna, e assim o tomavam e se aproveitavam dele. Mas os asnos, por entre as alagoas das Sete Cidades e ao redor delas e por entre o arvoredo espesso, se lhe cortassem as pernas, não aproveitariam para nada, pois lhe não podiam comer a carne, como a do touro que jarretavam; pelo que era tão dificultosa de tomar esta caça que não havia coisa tão forte de tomar como eles, porque mais facilmente se tomava um porco montês ou um touro. E, na verdade, muita experiência temos todos que os animais desta sorte, ainda que tenham outra figura, sempre foram duros e maus de domar, donde vem que ainda agora melhor se atreve um cão filhar um touro que um asno, porque o touro, se não acerta ferir com o corno (como muitas vezes acontece), não lhe faz mais mal, mas os asnos bravos mordiam muito com os dentes e magoavam muito mais com os coices. E desta maneira os pregadores que ladram com a palavra de Deus e doutrina do Evangelho mais asinha convertem e filham com ela um nobre e discreto que um baixo e rudo.

Já pelo tempo mais adiante, valeu o gado mais. Um Afonso Anes, da Ribeira Grande, tinha um vaqueiro, chamado Fernão Pousado, a que dava a guardar o gado de meias; o qual, querendo-se ir para Portugal, o partiu com seu amo e vendeu dele a Rui Garcia, pai de Roque Roiz, escrivão da Câmara da dita vila, vinte vacas prenhes e muito grandes, por vinte cruzados.

Um Gonçalo Fernandes, da Ribeira Grande, de quarenta porcas parideiras, de que havia muitos e grandes e gordos leitões, mandando vender à vila alguns a dez réis cada um, muitas vezes os tornavam a levar para casa, por não achar quem os comprasse. E porque a carne dos porcos do monte sabia a baga de louro e sanguinho, ainda que eram muito gordos, mandava cevar com trigo os que se haviam de comer em casa, sem lhe dar a comer outra coisa, e com isto os engordavam. Mas, os filhos e netos dos que levavam esta vida e tinham este viço são agora nesta terra como o filho pródigo fora da casa de seu pai, que muitas vezes desejam de se fartar de pão dos farelos que agora os porcos comem, quanto mais do trigo que então comiam.

João d'Outeiro, da Ribeira Grande, tinha um curral de gado nas Feiteiras, e era tanto o leite, que de contínuo tinham na cafua os pastores cinco e seis cestos grandes de leite escorrido, porque deitavam feitos debaixo dos cestos e o leite em cima a escorrer, o qual davam a comer aos porcos e às galinhas; e, para ordenhar às vezes as vacas em um dia, deitavam o leite dos outros dias fora.

Um vizinho de Jorge Afonso, da Relva, tendo um monte grande de cevada em sua eira, por não ter granel em que a ter, passados alguns dias, estava por cima toda nascida e verde, onde acharam nela um pequeno buraco e, olhando por ele o que estava dentro, saiu um porco de monte, e após ele outro e outros, até quatro, tantos eram naquele tempo, que se vinham às eiras; e atentando a concavidade donde saíram e comiam e dormiam, dentro acharam a cevada muito sã, que parecia ser àquela hora debulhada, senão só a que estava nascida na côdea de cima, a qual com as raízes e rama entrapou e fez coberta como de palha, com que defendia a água da chuva à que debaixo estava. E veio depois tempo em que um porco de dois e três anos, cevado, de chiqueiro, valeu por grande preço um cruzado, que agora valerá três e quatro mil réis.

As lavouras e debulhas, ordinariamente, se faziam nesta ilha com gado vacum, mas quem o não podia haver, lavrava, gradava e debulhava com os asnos, éguas e cavalos, de que também havia muito grande quantidade; dos quais se acharam mais principalmente no pico dos Ginetes, pela qual razão, afora as outras já ditas, parece que lhe ficou este nome.

Na era de mil e quinhentos e dezassete e dezoito valia o arrátel de carne de vaca a real e meio; e tanta era a fartura até ali em todos os moradores, que não havia quem comprasse coisa alguma, tudo quase tinham sem dinheiro. E carne de vaca e de porco, muitos de fartos a não comiam. E era tão gordo o gado que uma porca dava doze canadas de manteiga. Abasta que naqueles primeiros anos, quase todos, matando uma rês, a dependuravam e dela comiam, e como lhe sentiam bafio, a deitavam aos cães e tornavam ao mato buscar outra; desta maneira, e não nos açougues, se proviam de carne. Era tanta abundância na terra que, havendo na Ribeira Grande um carniceiro, chamado João Garcia, esfolava as reses e deitava fora as cabeças e mais miúdos para quem os queria levar, sem haver quem os levasse; e uma Inês Gonçalves, viúva, foi a primeira que nesta ilha aproveitou os pés dos bois, por causa da graxa, que saía das canas dos tutanos delas, para a candeia; e o mais se dava aos cães. Deitava o carniceiro então os miúdos fora, por valer a carne tão barata que dava a quatro ceitis o arrátel; agora muitos não têm miúdos para comprar os miúdos, quanto mais a carne.

Havendo aqui no tempo antigo pouca louça, coziam a carne em cabaças, e às vezes cozinhavam um carneiro e uma cabra, ou carne de vaca, cozendo-a e assando-a na pele, fazendo uma fogueira na terra, e depois de muito quente, faziam uma cova nela, e embrulhando a carne do gado que matavam na mesma pele, a metiam na cova, tornando-a a cobrir com a cinza e rescaldo da fogueira, e tornando a fazer outra fogueira em cima, assim se cozia.

O pescado de toda a sorte, chernes, peixe escolar, peixe galo, crongos, gatas, gorazes, pargos, garoupas, abróteas, sargos, salmonetes e outras sortes, lagostas, lagostins e cavacos, muito dele era tanto nesta terra, que do porto de Santa Eiria levavam seves (sic) cheias em carros carregados dele à vila da Ribeira Grande. E agora tudo é miséria, parece que até o mar, e não tão somente a terra, se fez estéril e nega o que soía a dar de si com grande abundância.

Depois de achada esta ilha. mais de cinco anos, não havia homem que tivesse hanzolo (sic). Costumavam fazer uma isca grande de carne, amarrando a uma linha e atando a linha a uma vara de ginja, por não haver ainda canas nesta terra; desta maneira pescavam, e era tanto o peixe que então matavam, e mais dele sem hanzolo, que agora com ele.

Um Lopo Gonçalves engordava os porcos com o pescado que lhe sobejava do muito que pescava na boca da ribeira da vila da Ribeira Grande, onde vivia.

Depois, era o pescado tanto e tão barato, que ninguém o queria comer salgado, do qual mandavam deitar fora as gamelas cheias, quando vinha outro fresco. Na era de mil e quinhentos e dezasseis, comprou um João Lourenço, na Maia, noventa gorazes por três vinténs, que agora vale cada um daquele tamanho, pelo menos, um vintém. Mas naquele tempo não havia dinheiro na terra.

Às vezes tomavam no princípio muito peixe de toda a sorte com pregos dobrados; e outras vezes sem pregos e sem hanzolos, senão somente com as mãos tomavam peixes que

andavam à borda de água. E tomou-se já tanta sardinha, na Ponta Delgada, sendo vila, que o bacio, que cada um dos que iam comprar levava, lho enchiam delas os pescadores por um real, e davam seis cavalas ao real; afora outras baratezas que seria longo processo de contar e, por não enfadar, as calo.

Um pargo grande e qualquer peixe gordo, só das ventrechas dele se aproveitavam, do mais não fazendo caso, como também o não faziam das miudezas de toda carne.

Veio tempo que já não queriam comer em muitas casas carne de vaca, porque a tinham por ruim e grosseira, enfastiados dela, como os filhos de Israel do maná, no deserto, e não comiam senão galinhas, cordeiros, pombos, mélroas, pardelas e outras aves que agora direi.

CAPÍTULO LV

DA INFINIDADE DE AVES DIVERSAS QUE HOUVE NA ILHA DE SÃO MIGUEL, NOS PRIMEIROS ANOS DE SUA POVOAÇÃO, ENTRE SEU ESPESSO ARVOREDO

Costumam dizer os ignorantes, ouvindo alguma coisa dos segredos de filosofia e efeitos da poderosa natureza, que lhe não cabe em seu entendimento: — ó grande mentira de filósofos; ao que eu não sei dar outra mais certa resposta, senão dizendo: — ó grande parvoíce de néscios, pois não alcançam que há muitas coisas sobre seu baixo entendimento que lhe ficam tão altas, que nem com altíssimas escadas, de ordenados e compassados degraus de razões e claras demonstrações, podem lá subir, para descobrir do alto, empinados, o que do chão, rasteiros, ver não alcançam. Donde se conhece o seguro descanso que é tratar e comunicar com sábios, e o grande trabalho que é conversar e falar com néscios; porque o sabedor entende a razão do que se diz e fica satisfeito, e o ignorante e tosco, sem nunca se satisfazer, reprende (sic) o que não entende e fica desta maneira o filósofo douto com o néscio atado ao pé, que (como se diz) é o maior trabalho que pode ter nesta vida. Digo isto para refrear as línguas de alguns que em algum tempo ouvirem algumas coisas que agora contar quero, que terão por impossíveis porque as não viram. Aos quais responderei que quem as viu era de tão boa consciência e tão verdadeiro como eles, e se não houvéssemos de crer senão o que se vê com os olhos, muito tempo há que fora já destruída a república humana. O que agora contarei das aves domésticas e bravas que houve nesta ilha entre os espessos arvoredos dela, ainda que parece impossível, são coisas vistas, tratadas e palpadas por pessoas graves e dignas de fé, como irei dizendo.

Estava esta ilha, logo quando se achou, muito cheia de alto, fresco e grosso arvoredo de cedros, louros, ginjas, sanguinho, faias, pau branco e outras sortes de árvores; e em alguns lugares estavam espaços de serra cobertos somente de cedros e outros de louros, outros de ginjas, outros de sanguinhos e alguns de teixos, outros de pau branco e outros de faias, como foi o Faial, que tomou este nome das faias de que estava povoado. Entre estas árvores, havia em alguns lugares malvais, de tão altas e grossas malvas, como qualquer das árvores suas vizinhas, em as quais dependuravam um boi ou uma vaca morta, e ali a esfolavam e partiam para comer; o mesmo faziam aos porcos e carneiros. E de algumas malvas menos grossas faziam temões, arados e cangas. Nem se deve ninguém espantar disto, pois maiores coisas há no mundo, como pudera contar muitas, mas só uma lembrarei: que em Maluco há canas de grande altura, cheias de excelente água, de grossura de três palmos, de que bebe o Rei e a gente, e são pelo pé cortadas, levadas a terras muito longe, por mar e por terra, e têm meia pipa de água cada uma, que se gasta canudo e canudo, sem água nunca minguar delas; que é maior coisa que haver malvas grandes nesta terra, como houve no tempo antigo. Um Pero Gonçalves Carreiro, fidalgo dos Carreiros de Portugal, dava testemunho que havia muitas e à sua porta tinha uma em que dependurava as reses que no mato tomava, o qual também afirmou que na praça de Ponta Delgada, antes de ser vila e cidade, junto do lugar onde esteve o pelourinho velho, defronte da cadeia dos presos, vira estar algum tempo uma malva tão alta como uma grande árvore, com tronco tão grosso como uma pipa; e era homem verdadeiro, como ainda hoje muitos vivos sabem dele.

Algumas aves havia nesta terra bravas, e outras vieram de fora, de muitas maneiras. Depois que trouxeram a ela galinhas domésticas, multiplicaram tanto, que enchiam os campos. Um Gonçalo Fernandes, morador na ribeira do Salto, junto da vila da Ribeira Grande, trazia tantas que não lhe sabia conta e eram tantos os ovos, frangos e frangas, que de serem muitos perdiam o valor, porque quando mandava vender alguns à vila, dando trinta ovos por meio vintém e a três e quatro réis cada frangão, muitas vezes os tornavam para casa, por não se achar quem os comprasse; e em sua casa se aconteceu achar-se uma tina cheia de ovos, que contados foram oitocentos e oitenta. Estes eram dos que se apanhavam por casa somente,

porque no campo, entre o arvoredo, se perdiam muitos, de que não faziam conta. E algumas vezes, por folgar, um seu filho, Pedro Gonçalves, com outros filhos de seus vizinhos, coziam caldeiradas deles, e esburgando-os depois de cozidos atiravam com eles uns contra os outros, em tão pouca estima os tinham, e tantos eram, que usavam então deste jogo com ovos muitas vezes, como em dia de entrudo usam neste tempo do jogo das laranjadas, sendo um só dia no ano. Porque então tanta era a fartura que todos os dias eram dias de entrudo; e depois veio a coresma ([299]) faminta, da fome que agora há, em que todos jejuam. Enchiam as suas galinhas aquele campo todo da ribeira do Salto até o pico da Murta, da parte da vila da banda do ponente, e da banda do oriente até a eira do Picão, e da banda do norte até as rochas do mar, porque era em si um mar de galinhas. E quando queriam tomar algumas, para irem vender, as iam ameijoando, até as agasalhar por feitais e murtas e pés de cepos, que queimaram nas roças já feitas, e sendo noite, depois de estarem ameijoadas, iam com uns grandes cestos de vimes, pondo-os em cima das moutas, e assim as tomavam debaixo e iam vender a dez réis cada uma, tão baratas que não sei qual era mais trabalho, se o ameijoá-las, se tomá-las nas moutas, se levá-las à vila, se torná-las a casa, quando assim tão baratas não achavam quem lhas comprasse, estando agora em tempo que nem muito caras e magras se pode achar quem as venda. Valia finalmente então mais o trabalho de as ameijoar e tomar, que o proveito e riqueza de as vender e lograr. Tudo foi então assim farto e tudo vai agora faminto, e muitos dos que gozaram daquela fartura provam agora desta fome e pobreza. Não lhe vejo consolação a sua miséria, se não se for a com que um João de Abrantes, barbeiro e pedinte pelas portas, se consolava, que havendo alcançado deste bem naquele tempo, pedindo depois esmola, dizia:— se agora sou pobre, já fui rico; se agora sou velho, já fui mancebo; se agora morro de fome, já fui farto. Conhecia o bem passado e o mal presente, e a volta da Fortuna já virada, e tinha peito forte e duro para estar no baixo e áspero, como o teve brando e mimoso para passar os mimos e regalos que prestes passam e desandam, pondo os altos nos baixos e os baixos nos altos, fazendo a mosca leão e o leão mosca, o cônsul plebeu e o plebeu pretor, a Bajazeto estribeiro e ao pastor Tarmolão (sic) ([300]) grão senhor.

Havia, como disse, sítios de terra, como esta, onde estas galinhas andavam, que tudo era loural, ginjal e outros faial e outras partes de cedros e muitas lombas de pau branco, outras tamujais e murtais, que se dividiram em dadas logo no princípio, algumas pelos primeiros Capitães Gonçalo Velho, comendador de Almourol, e João Soares de Albergaria, seu sobrinho; e, sendo ele absente, pelo primeiro almoxarife destas ilhas, Gonçalo de Teves, em tempo de Gonçalo Rois e de Pedro Anes de Alpoem, juízes ordinários em Vila Franca, por mandado e carta da Infanta D. Beatriz, mulher do Infante D. Fernando, comendador de Cristo destas ilhas e pai de D. Diogo, que depois foi Duque de Viseu, por ele então ser de pouca idade e o dito João Soares não ter ainda sua capitania confirmada, se deram outras dadas no lugar da Ponta Delgada e no de Água do Pau, estando presentes Gonçalo Roiz, juiz ordinário, e Nuno Gonçalves, seu genro, Vasco de Torres, Antão Fernandes e António Anes, e outros, aos dezasseis dias do mês de Abril de mil e quatrocentos e setenta e dois anos, delas de duzentas, delas de cento e trinta passadas de largura, direito para a serra, quanto os possuidores pudessem romper com condição que a cortassem até cinco anos, que chamam sesmaria por algumas razões, e desta palavra — semo — italiana, que quere dizer — dividir e desbastar — porque para isso davam as terras, deixando o caminho necessário para o concelho; e, da banda do mar, oitenta passadas, para canadas e pasto dos gados que se houvessem de criar.

Vestida estava esta ilha de diversas árvores de várias cores e cheiros, a cuja sombra se criavam as galinhas, e em cujos ramos pousavam muitas aves; e a cobiça dos homens foi tanta que o que Deus, mediante a natureza, lhe deu em tantos anos, em um dia de roça, ou em uma hora de fogo, tudo brevemente lhe despiram, esbulharam e desfizeram de tal modo que com razão se aqueixara com as palavras de David, como se fora homem, dizendo: — Vi o mau alevantado como os cedros do monte Líbano, em passando ou virando a cabeça e tornando a olhar, já não aparece fumo do que nalgum tempo era; tudo aqui foi e não é, pois foi quando ninguém se lograva dele e, depois que era e o viram, tão prestes desapareceu que era e não é, como se nunca fora. Secou-se a hera de Jonas e a era dos anos, que já foi e nunca virá, nem será, e,se vier a ser, será como empréstimo (como dizem) que quem empresta não cobra, e se cobra não sempre, e se sempre não todo, e se todo não tal e se tal inimigo mortal; pois, sobre estas tais courelas de terras e pequenas coisas, inventaram os homens entre si compridas demandas, litígios e brigas e forjam e tecem grandes e diabólicos ódios, urdidos pelo demónio.

Um João Afonso, morador na Relva, trazia ao redor de sua casa tantas galinhas que, quando se espantavam de alguma gente que viam, pareciam bando de estorninhos, e se

quisera buscar os ovos que punham em um pomar que tinha, se se puderam ensacar, enchera cada dia um saco.

Houve outra maneira de galinhas bravas nesta ilha, que se chamavam galinhas de Guiné. Parece-me que primeiro vieram de Guiné à ilha da Madeira, e de lá as mandou trazer a esta terra Rui Gonçalves da Câmara, quinto Capitão e segundo do nome; as quais multiplicaram tanto que por debaixo do arvoredo havia grandes bandos delas, que eram algum tanto mais pequenas que as domésticas e pintadas de preto, branco e cinzento, com as cristas mais pequenas, pelo que pareciam ter os pescoços e cabeças mais agudas, e eram mais perinaltas (sic) que as nossas e por isso corriam mais ligeiras, mas voavam pesadamente, como as outras caseiras; punham os ovos pardos, e, deitando-os às galinhas mansas, os tiravam e depois de saídos não queriam seguir a mãe que os tirava e morriam. Era tanta a multidão delas que entravam nos povoados e nas casas e se iam aos poleiros ajuntar e comer com as galinhas mansas e ali as matavam. Um Frei Estêvão, vigairo de Água do Pau, se ia às vezes com seus moços ao campo, onde a cosso as tomavam, pondo um moço em uma parte, outro em outra, e outro em outro cabo, alevantando-as, voavam elas, indo ter onde os outros estavam, já cansadas, e correndo após elas, como pousavam no chão, as tomavam. Especialmente, houve muitas na lomba da Correia, da parte de Vila Franca, e na ribeira da Praia, onde as iam montear com cães, pondo-se alguns da banda da ribeira e outros de outra, e enxotando-as de uma banda para a outra, tornando-as a cossar de cá para além, assim cansadas, não podendo voar se emboscavam por os ramos e ervas, onde com os cães tomavam muitas; até que vieram a perder-se de todo.

As derradeiras galinhas, destas de Guiné, que se tomaram nesta ilha, foi entre os Fenais e Rabo de Peixe, arriba das Calhetas, junto dos biscoitos de Jácome Dias Correia, as quais tomou um Manuel Tavares que foi um grande caçador e pescador de pesqueiros e o melhor besteiro que houve nesta terra; tomou-as, cevando-as primeiro alguns dias, e ali se acabaram, porque não havia mais que aquelas que ele então tomou, em toda a ilha, havendo dantes tantas que faziam grandes bandos como de estorninhos. Voavam pouco como as perdizes que no primeiro voo cansam logo, mas corriam muito.

Posto que muitas aves vieram aqui de fora a esta terra, nela se acharam algumas maneiras de pombos, como naturais dela, uns pretos que chamavam pombos da serra, que matavam às trochadas com paus e aguilhadas e com lanças, nos paus e nas árvores, tão tolos eram, pela pouca comunicação da gente, que tudo esperavam; estes eram da terra. Outros houve cinzentos, que chamavam torcazes, que eu cuido serem naturais, mas alguns dizem que vieram depois aqui de fora, porque dantes os não havia, e multiplicaram tanto que agora há aí muitos, nas Furnas e na serra sobre a Povoação Velha. E há tão grande número deles na Achada e Fenais da Maia, que cobrem as terras como entra Março, e às vezes fazem perda nas novidades de trigo e linho, derribando as paveias no campo. Estes sempre foram mais recatados e dificultosos de caçar e tomar; mas os pretos, indo-os a caçar, atirando-lhe do pé da árvore com a besta a um, derribando aquele, os outros que na árvore estavam, olhando abaixo para aquele que caía, se deixavam estar quedos e tornando a atirar a outros e a derribá-los mortos, os que ficavam em cima da árvore faziam o mesmo, deixando-se estar tolamente, até que o besteiro matava deles quantos queria.

Pero Gonçalves Carreiro, morador na cidade da Ponta Delgada, indo à serra, pondo uma capela de ramos verdes na cabeça, os pombos lhe vinham pousar nela, e ele tomava os que achava gordos e os magros soltava. 0 mesmo faziam outros muitos, onde estavam, à ermida de São Brás, junto da fortaleza da cidade da Ponta Delgada, antigamente, uns zimbros, em que pousavam muitos pombos; e algumas mulheres que por ali moravam os iam tomar com laços, escolhendo os mais gordos deles, e deixando os mais magros, como se foram escolher algumas galinhas do seu poleiro, e eles esperavam sem fugir e se deixavam tomar pelo pouco uso da comunicação da gente; pelo que chamavam os de Portugal aos homens das ilhas — pombos das ilhas — por serem confiados como eles, ainda que vissem e entendessem o laço dos maliciosos, se deixavam enganar, sem se querer apartar do engano que lhe faziam. Uma Beatriz Vaz, viúva, da vila da Ribeira Grande, tinha à sua porta um azevinho onde muitos pombos iam dormir como galinhas em poleiro, e de noite, ela e as filhas, com candeia, tomavam e matavam os gordos e deixavam os magros.

Um Lopo Gonçalves, que morava no Morro da Ribeira Grande, por ser dos primeiros que vieram a esta terra, pondo-se nu entre o mato com os braços estendidos, vinham os pombos a pousar nele e ali escolhia os que pareciam melhores e mais gordos, e os magros deixava. Tão

pouco uso tinham os pombos da gente, que nunca viram, que parece parecerem-lhe os homens árvores e por isso pousavam neles.

A mãe de Roque Roiz, escrivão da câmara da vila da Ribeira Grande, e outras mulheres ao redor de sua casa, que tudo era mato, punham um laço em uma cana com que tomavam facilmente os pombos pretos, que chamavam da serra, escolhendo os gordos e soltando os magros.

Por muitas vezes, um Gonçalo Fernandes, vizinho da Ribeira Grande, saía de sua casa, todo enramado e coberto de ramos e se metia em um loural e mato de outras árvores, e, deixando-se estar quedo e agachado, vinham os pombos e pousando ao redor dele, com as mãos os tomava, e, se via que eram gordos, metia-lhe os dentes na cabeça, deixando-os cair no chão, e soltava os magros, tornando para casa com trinta ou quarenta deles. Na vila de Água do Pau, um Manuel Álvares matou um dia outros tantos com a besta. As mulheres e moços, com laços postos em canas compridas, tomavam muitos, escolhendo os gordos e soltando os magros. E estando muitos em um pau ou ramo, tomando-se um deles, se chegava logo outro àquele lugar donde o outro caía. As pombas bravas também eram tantas nas rochas que não tinham conto nem preço, e quando se vendiam era quase de graça.

Também se acharam nesta ilha pardelas, estapagados e garajaus; os estapagados eram tão grandes como pombos torcazes ou frangas, brancos pela barriga e pretos pelas costas, tinham pouca coisa o bico retorto na ponta.

Eram tantas as pardelas e estapagados que em casa de um Manuel Fernandes, o Tosquiado de alcunha, uma véspera de Páscoa, tomaram setecentas, entre umas e outras, das quais vendeu seu pai a um Álvaro Dorta duzentas por duzentos réis, a real cada uma. E sua mãe mandava chamar as vizinhas que lhe viessem depenar as pardelas, com condição que lhe deixassem a pena e levassem a carne. O qual Manuel Fernandes, com outros, ao pico da Murta, ia fazer fogueiras, pondo-se o sol, atravessando um pau na ribeira e deitados outros de per alto postos em baixo, encostados ao pau que tinham atravessado, com que ficava feita uma grade onde as pardelas cegas com o fogo se tivessem, caindo ali, e não fossem pela ribeira abaixo; e os cães que levavam, indo pelo pau atravessado, tomavam as pardelas que na grade embarravam e uma e uma as deitavam fora da água, tão destros andavam neste ofício; trazia cada cão seu chocalho, para que os caçadores de noite fossem tomar a caça onde os ouvissem.

Têm as pardelas esta qualidade que ainda que caiam fora do fogo com que se encandeiam grande espaço, vendo a fogueira, vão direito a ela, e ali as tomavam. São pretas como corvos, mas têm o corpo pesado como patas, e têm o bico revolto como gavião; depois de depenadas, de feição de adem. Das novas se fazia mais azeite, não fazendo mais que depená-las e esfolá-las e da pele se fazia mais quantidade por ser tudo gordura e a carne não se aproveitava. Indo tomar as novas nas covas onde estavam, logo lhe iam com a mão ao pescoço e lho apertavam, para que não deitassem o azeite fora, porque se lho não apertavam elas o deitavam logo todo pela boca fora, que parece criá-lo dentro em si, além do que lhe tiravam da pele quando a derretiam. Estando os caçadores em casa e acertando de bolir com os chocalhos, logo os cães eram espertos e se alevantavam olhando para eles, parecendo-lhe que já queriam ir caçar às pardelas, como costumavam, e algumas vezes não podendo trazer tantas, com carros as iam buscar ao mato.

O mesmo Manuel Fernandes, com seu pai Estêvão Fernandes e um João Jorge, todos da Ribeira Grande, em uma noite, véspera da Ascensão, mataram sete mil e seiscentas, afora outras muitas que apanharam outros caçadores o dia seguinte, onde ficaram embrenhadas pelas moutas e buracos da terra, porque são aves que se não alevantam de dia, ainda que as deitam a voar e logo caem no chão, pelas cegar o ar claro. A pena delas é tão boa como a das patas, e ainda melhor. Não comem senão peixe. Sendo novas, não cria um casal senão outro; parece que criarão muitas vezes no ano, pois tanto multiplicam. Era tanta a gordura nelas que um Salvador Fernandes e seu cunhado Manuel Fernandes faziam delas, cada dia que iam ao mato caçá-las, uma jarra de três canadas de azeite, entre o que deitavam pela boca e da gordura da pele delas, que esfolavam. E um Bartolomeu Roiz Cariboino, morador no Telhal da Ribeira Grande, com Sebastião Vaz, mulato de Baltasar Vaz de Sousa, foram à caça delas uma noite na ribeira da Praia, com fogueiras, onde tomaram mil e setecentas.

Um João Gonçalves, o Grande, caçador de pardelas, pelo que se chamou João Gonçalves Pardela, e um seu filho que chamavam depois Gaspar Gonçalves, o Pardelinha, por herdar

este nome do pai, uma noite no pico da Murta, depois de ter a fogueira feita, choveu tanta água que lha apagou, e ele andou resguardando dois tições para a tornar a reformar, não fazendo senão assoprar e roçar um tição ao outro, por se lhe não apagarem; ali caíam as pardelas sobre ele e sobre os tições, com que tomou grande soma delas e pelas caçar sem fogueira, com os tições somente, se maravilhavam todos, dizendo: — assim tomou este tantas pardelas — e dali lhe ficou chamarem-lhe João Gonçalves Pardela. Cada dez pardelas, ordinariamente, davam uma canada de azeite e mais as caçavam por ele, que por elas.

Ainda que tomavam no tempo antigo tanto número de pardelas, e na ribeira da Praia, da banda de Vila Franca, matavam em uma noite dez mil estapagados, há anos que são desinçados, assim eles como as pardelas. Dizem que desapareceram depois que houve nesta ilha furões que as degolavam todas nas covas, como fazem às galinhas nos poleiros; e de maravilha se acha alguma em alguma rocha. E na verdade parece que as não matavam, mas elas mesmas se matavam a si, caindo nas fogueiras, principalmente em tempo de névoa, em que com a claridade e fumo do lume desciam mais número delas, e não podendo os cães tomar todas, ficavam muitas embrenhadas pelas tocas da terra, cuidando que ali estavam seguras; mas ao outro dia outros caçadores vinham carregados delas e em uma só cova achavam vinte, trinta ovos, não porque pusesse uma mais de dois, senão porque punham muitas no mesmo lugar e se encovavam em uma mesma cova, da qual tirando às vezes uma e tornando a meter a mão achavam outra, e aquela fora, tiravam outra, até vinte e trinta.

Na entrada de Fevereiro, vinham os estapagados do mar à terra a limpar suas covas, e dali se retinham os dias que não vinham e depois tornavam no mês de Março, em que pondo seus ovos, se deitavam em choco. E as pardelas vinham do mar a criar à terra da entrada de Maio. Uns e outros, dizem alguns, que não criavam mais de um pintão; outros afirmam que dois. Os estapagados, em chocar e criar, punham três meses, Março, Abril e Maio, e as pardelas punham cinco, Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro. Eram tão gordos os filhos que cada onze, doze, treze, davam uma canada de graxa, e às vezes, quando as traziam do monte, vinha correndo delas o azeite pelo caminho, ou pela boca ou porque arrebentavam de gordas, e enchiam os fatos dos caçadores, os quais pareciam lagareiros que andam em lagar de azeite; e por se lhe não vasar pela boca, às vezes lhe atavam os pescoços, e em caldeiras e panelas as derretiam, como uma banha de porco, e ficava no mato grande ruma de carne delas perdida, depois de tirarem o azeite dela. No tempo que estavam em choco, eram as velhas mais gordas que antes que chocassem matavam-nas na cova com cães de busca e eram tantas que ainda que fossem dez caçadores, uns após outros, pelo mesmo lugar, no mesmo dia e em muitos dias a reo (sic), nos dois meses que chocavam, Maio e Junho, e dentro nos outros dois meses depois de criadas, Agosto e Setembro, sempre achavam que tirar e cada um dos caçadores enchia seu saco, em que trazia setenta ou oitenta, noventa, cento.

É de notar que em Maio e Junho era a matança das velhas nas covas e fogueiras, para comer, e em Agosto e Setembro, para azeite. Estas aves, estapagados e pardelas, dizem que no inverno andam muitas em África, onde parece que se vão recolher naquele tempo, por ser terra quente, e no verão vêm criar a outras partes, e não em África, por ser lá a areia em que costumam criar tão quente que lhe gora os ovos de tal maneira que não criam pintãos, pela qual razão vêm cá criar em outras terras mais temperadas, onde a areia ou terra temperada lhe não gora os ovos.

Um Pero Gonçalves, da Ribeira Grande, ia muitas vezes a caçar pardelas e com quatro achas que acendia matava setecentas, oitocentas juntas; e eram tantas as que caíam que quase matavam o lume por se cegarem com ele, e tinha trabalho de ter mão nelas e tomá-las antes que se metessem na fogueira, as quais não sentiam cair senão quando as viam com a claridade do lume e os cães davam com elas, por cairem caladas. Mas os estapagados como vinham bradando logo eram sentidos. Valiam oito, nove, dez pardelas meio vintém, que eram do tamanho de grandes frangas.

Nas Prainhas, arriba da tufeira da ribeira do Salto, termo da Ribeira Grande, tinha Gonçalo Fernandes, pai do dito Pero Gonçalves, uma terra que lhe deram, da banda da dita vila, de mato maninho, com condição que a roçasse dentro em quatro anos, e começando-a de roçar não toda a reo, porque não podia tanto, mas a lugares, aqui um pouco, acolá outro pouco, vindo uma noite grande tormenta, derribou toda a madeira que estava erguida na roça; porque desta maneira costumavam todos roçar as terras, roçando primeiro um grande eito e, como naquele tempo começava de cair a madeira, ela mesma quebrava e derribava a outra que estava junto e diante de si, tão basta era; dali a certos dias lhe foi este Gonçalo Fernandes pôr

o fogo para a queimar e alimpar as terras da madeira derribada, e acertou aquela noite que ardeu a madeira fazer névoa e chuva; indo ele ao outro dia a ver se estava queimada, achou tantas pardelas que cobriam todo o campo da roça, das quais levou muitas para casa. Dando disto conta aos vizinhos, foram muitas pessoas da vila a buscá-las e tornaram carregadas delas.

De mélroas houve e há tanto número que davam trinta, quarenta por meio vintém, e poucos as compravam, por saberem a monte, como também pela mesma razão nestes tempos não fazem caso os moradores desta terra de muita diversidade de pássaros que há nela. As mélroas eram tantas que um dia antes do Natal, na era de mil e quinhentos e catorze, um João Lourenço, pedreiro, matou setecentas.

Antes da era de mil e quinhentos e dez, não havia aqui codornizes, pelo que parece que então as mandou trazer Rui Gonçalves da Câmara, quinto Capitão desta ilha e segundo do nome; e dali por diante multiplicaram tanto, que vieram a dar trinta, quarenta, ordinariamente, por meio vintém, e à quinta-feira, à tarde, davam mais. Depois do dilúvio de Vila Franca houve muito mais, porque com varas ia um homem armar ante-manhã, e em amanhecendo indo ver se andavam porcos nelas (porque havia muitos) achava, setenta, oitenta e noventa nos laços; e tomando-as, tornando a armar e dar logo vista às varas, achava todas cheias de codornizes, como aconteceu a um Jorge Afonso, da Relva, que por não se deter a tirá-las dos laços, arrancou as varas e se foi para casa com elas às costas, com as codornizes dependuradas, de que dava quarenta por meio vintém. Da mesma maneira tomava as mélroas e por o mesmo preço as vendia. Quase as mais das vezes que iam a caçar codornizes, com rede manta, tomavam tantas que, enfadando-se de as contar, as repartiam aos alqueires, enchendo um alqueire delas a um, e outro ao outro. E diziam no tempo antigo os caçadores de varas uns aos outros: — vamos caçar codornizes que já valem trinta por meio vintém -, tendo aquele por grande preço e ganho. Tomavam os caçadores cada noite quinhentas, seiscentas. Mas já agora tomam poucas, por não haver tantas.

O Capitão Manuel da Câmara mandou trazer perdizes a esta terra, que multiplicaram muito, porque as que seu pai Rui Gonçalves da Câmara tinha mandado trazer dantes morreram sem fruto; mas agora há tantas que arreceio que façam muita perda e venham a comer as searas, como já começam, pelo que, ainda que por uma parte sejam proveitosas, pela outra serão praga na terra. As daqui não são tão grandes como as de Portugal, nem tão boas; como não são acossadas e perseguidas com açores ou cães de rasto, e com fios ou telas, ou caçadas com boi, esperam muito com tiro de arcabuz e de besta, com que matam poucas, e também com rede manta, mas muitas mais em eixós e de noite com candeio.

Há nesta ilha infinidade de pássaros de diversas sortes, canários, toutinegras, tentilhões, algumas alvéloas e outros de várias sortes, que fazem o mato saudoso, pousando e cantando sobre o espesso arvoredo dele. Faltam aqui tordos, os quais por S. Miguel vêm a Portugal, e então se vão dele as andorinhas, não se sabe para onde, pois não se vêem em África; parece que se irão para algumas ilhas ou terras que estão por descobrir. E costumam dizer que, encontrando-se no caminho, as andorinhas dizem a eles: — donde vindes, loucos, que fostes muitos e vindes poucos? —, porque os caçaram lá onde eles foram, por serem bons para comer, o que as andorinhas não são, e por isso as não matam. E os tordos respondem: — donde vindes, putas, que fostes poucas e vindes muitas? —, porque levam já filhos que cá em Portugal no verão criaram.

Os pássaros também se vão, antes de S. Miguel, de Portugal não se sabe para onde, e ajuntam-se voando alto em uma só parte e parece que adivinham quando se acabam de ajuntar. Então se põem em esquadrão como uma lua contrária da que fazem os mouros quando pelejam, porque as dos mouros levam as pontas para diante e a lua das aves estorninhos e outras desta sorte levam as pontas para trás, e no meio do campo da lua vai um pássaro diante, como por guia e capitão, a que toda aquela lua deles vai seguindo; pelo que claro se vê que os pássaros passam o mar de umas terras a outras, como foi no princípio da povoação destas ilhas e antes de serem descobertas, que delas iriam os pássaros para outras e de outras viriam para elas.

Das aves boas para comer, como eram galinhas domésticas e de Guiné, pombos da serra e torcazes, codornizes, pardelas, estapagados e mélroas, havia tanta abundância que abastava para escusar e fazer esquecer a carne de vaca. Agora há tanta falta desta que sobeja para fazer mortais saudades da fartura das outras, que durou do descobrimento desta ilha até a era

de mil e quinhentos e vinte e dois em que, com os tremores grandes da terra e a parte dela que correu, se alagou a principal vila dela, chamada Vila Franca do Campo, com que ficou alagada e sepultada toda a fartura que tinha, com a mais nobre gente que dantes havia. E começou aqui novo mundo, assim nos moradores que ficaram vivos, como na carestia e preço de todas as coisas que ela dava e dá, e vem de fora e vinha, atentando ao passado, ainda que logo por alguns anos seguintes muito barato, a respeito do de outras terras e do que nesta mesma valem.

Há também aqui petos e uns pássaros muito mais pequenos que as carreiras de Portugal, de cor parda, verde e amarela, que têm uma estrelinha na testa mui amarela e são muito mansos; e há outros que chamam prioles, na serra, maiores que tentilhões, quase tão grandes como estorninhos e de cor parda; e outros de diversas maneiras, grandor e cores que se vêem a tempos, pelo que parece serem de outra terra, para onde vão quando desta desaparecem. Também se vêem aqui andorinhas, em alguns tempos, e vêm de fora falcões, açores, corvos, patas bravas e outras aves grandes e pequenas, não conhecidas, e rolas, afora as que mandou trazer o Conde D. Rui Gonçalves da Câmara, das quais já se acham e matam algumas junto das rochas.

CAPÍTULO LVI

DA GRANDE ABUNDÂNCIA E FARTURA DE VINHO, DE FORA E DA TERRA, E DE OUTRAS COISAS DIVERSAS E DE ALGUNS COSTUMES QUE HOUVE NA ILHA DE SÃO MIGUEL

Da muita abundância de vinho de fora e da terra, e de outras coisas diversas, e de alguns antigos costumes que houve nesta ilha, não me atrevo, Senhora, contar com ordem; sem ela, as irei dizendo, como me forem lembrando.

Ainda que em Portugal e Castela, e outras partes, se dá o vinho em terras lavradias, nesta ilha de São Miguel não costumam fazer vinhas senão sobre pedras que, no tempo passado, com terramotos e incêndios de enxofre e salitre, e outros materiais, brotaram de debaixo da terra e correram em ribeiras de fogo sobre a superfície dela, as quais, resfriadas da quentura com que corriam, ficaram feitas pedras e áspera penedia, sobre a qual pelo tempo em diante se criou e nasceu basto e altíssimo arvoredo, o qual roçando depois os moradores desta ilha, por aqueles biscoitais não prestarem para terra de pão nem de outros legumes, prantaram neles vinhas.

Na era de mil e quinhentos, pouco mais ou menos, aconteceu porem fogo a uns bardos dentro nos biscoitos do lugar de Rosto de Cão, o qual se ateou tanto que foi ardendo pelas raízes dos paus e queimando muita madeira, fazendo grande destruição; e por dito de um João Gonçalves, Fadigas por alcunha, homem antigo de mais de cem anos, que o veio dizer à Praça, bradando que se perdia um grande tesouro em deixarem arder aqueles biscoitos, acudiram a isto os oficiais da Câmara da vila da Ponta Delgada, e atalharam ao fogo, fazendo um valado grande, arrancando muita madeira para que não passasse adiante; e por dito deste João Gonçalves Fadigas se prantaram as primeiras vinhas naqueles biscoitais, que então arderam e nada valiam, que agora são um grande tesouro, que ele bradava que neles se perdia.

Foi tido em tão pouca conta o vinho da terra desta ilha, que Jorge Gonçalves Cavaleiro, morador na vila da Ribeira Grande, mandou com ele amassar cal para umas casas que fazia na mesma vila. E agora com o da ilha da Madeira amassam gesso, tanto é o que lhe deitam. Nem o vinho da terra se faz bom, senão a poder de gesso, ou com caldeiras do mesmo vinho cozido e deitado com o mais.

Deu esta ilha, em ano de boa novidade, perto de duas mil pipas de vinho, sc., setecentas na cidade, outras tantas na vila da Alagoa, quatrocentas na Ribeira Grande, e as mais no Nordeste e Povoação, e em toda a ilha. Agora, em bom ano, dá quase cinco mil pipas.

Valia o vinho da ilha da Madeira a oito réis a canada; depois a dez e a doze, e no ano de mil e quinhentos e quinze valeu a treze réis; depois foi subindo o preço até cinquenta, sessenta, setenta e oitenta réis, como valeu o ano de mil e quinhentos e oitenta e nove ([301]).

Na era de mil e quinhentos e setenta e quatro anos, sendo nesta ilha, na cidade da Ponta Delgada, juiz de fora o licenciado Gaspar Leitão, digno de grandes cargos, se achou por conta, pelo rendimento da imposição da dita cidade que, sem se arrendar, se mandou arrecadar pela Câmara, que saíram desta ilha para fora dela, de vinhos que vieram de outras partes, afora os que ela deu, que foram muitos, doze mil cruzados, convém a saber, seis mil para a ilha Terceira e outras ilhas de baixo, de vinhos que delas vieram, e cinco mil para a ilha da Madeira e mil para Portugal. Foi este ano em que os homens trabalhadores levavam de jornal por dia a dois tostões, dando-lhe a farinha feita, carne e pescado, pedindo um toucinho para cozer na carne, e outro vinho da ilha da Madeira, enjeitando o da terra, afora outras peitas; e, tendo prometido a muitos, iam trabalhar com o primeiro que os ia depois buscar, sem pejo nenhum de faltarem com os outros, tanta pressa havia no trabalho dos pastéis e de outras coisas. Mas

nem por isso ficaram mais ricos, porque tudo comiam e bebiam, seguindo ainda a fartura em que esta terra ficou costumada e aforada de seu primeiro princípio, tão abondoso ([302]), e farto.

Dizia Rui Fernandes, beneficiado da igreja Matriz de São Sebastião da cidade da Ponta Delgada, que no tempo antigo não se sentia nesta ilha necessidade alguma, e davam trinta codornizes por meio vintém e que, tornando da igreja pelo adro para sua casa, muitas vezes levava na sobrepeliz uma e duas dúzias de galinhas e adens, que entre a muita e crescida erva nele achava. E tanta era a abundância da terra que, no octavário dos Santos, muitas vezes deitavam fora e derramavam o vinho que na igreja ofertavam, da ilha da Madeira, o dia de antes, para recolherem nos potes o que novamente vinha. Era tanta a fartura de todos os moradores desta ilha que não havia quem comprasse coisa alguma, nem se achava pobre a que se pudesse dar uma esmola. Carne de vaca, nem de porco, muitos de fartos a não comiam; até das codornizes se tinha fastio, como os filhos de Israel do maná no deserto, porque dando-as a comer aos moços e criados de casa, choravam e se aqueixavam, dizendo: — sempre nos hão-de dar a comer codornizes. E agora choram, porque ainda os não fartam de cebolas ou abóbora.

Na era de mil e quinhentos e dez valia a canada de mel de canas, da ilha da Madeira, a dez réis, e do de abelhas a vinte.

Valendo o vinho da ilha da Madeira a oito réis a canada, o mercador que o vendia dava a canada do mel de canas a cinco réis, e a de mel de abelhas, que vinha então de Safim, valia a trinta réis.

Na era de mil e quinhentos e quinze, valia a real e meio o arrátel da carne de vaca; vinte codornizes por meio vintém, e outros tantos ovos pelo mesmo preço por que também davam cinco pombas, cinco pardelas e cinco estapagados, que sabiam a peixe, que é o pasto deles e das pardelas; o mel de abelhas a trinta réis a canada, o de canas a vinte e quatro; umas botas, oito vinténs, uns borzeguins lavrados com muita laçaria, cento e cinquenta réis; a carne de chibarro, a real o arrátel; três cavalas, um real; das candeias de cebo, tão grandes como círios, a real cada uma, porque valia uma arroba dele seis vinténs e menos.

Na era de dez e onze, davam um porco gordo da junça por dois tostões, que agora vale três ou quatro mil réis.

Dava esta terra, no princípio, muito linho mourisco e comprido, e não galego, como o de agora; mas as mulheres não faziam caso dele, nem fiavam, e vendo fiar alguma, ou tomar roca na mão, escarneciam dela. Era isto, ou porque o pano de linho, que traziam aqui a vender de Portugal, era muito e barato, ou por o linho da terra ser tão forte que por sua fortidão não tomava fêvara (sic), e por isso acendiam os fornos com ele. Mas, há tanto linho galego e tão bom da mesma terra, que dele e de pano que dele aqui se faz se provê esta terra e outras muitas terras; e está claro, por conta do dízimo que se paga ordinariamente, que só do termo da vila da Ribeira Grande se colhem quatrocentos mil molhos de linho cada ano, afora o mais que se dá em muitas partes da ilha.

Nesta terra não havia muito dinheiro, mas era muita a fartura e a despesa pouca, pelo que com pouco dinheiro era um homem muito rico; como se viu em dois ricos, um chamado Fernão Pires, dos Fenais, e outro Fernão de Anes, da cidade da Ponta Delgada, que, praticando ambos um dia, aqueixando-se o Fernão Pires que não tinha dinheiro, lhe respondeu Fernão de Anes: — calai-vos, compadre, que aqui tenho na bolsa três tostões para gastar este ano — não abastando agora aqueles para um só dia.

Tão moderados eram os homens do tempo antigo nesta ilha em seu vestir, que Jácome Dias Correia, muito nobre, liberal e rico, e de mui abastada casa, e em todas suas obras de magnífica condição, que seus descendentes herdaram juntamente com sua fazenda, querendo dar uma saia de cetim ou tafetá a uma de suas filhas, o consultou com seus filhos Jordão Jácome Raposo e Barão Jácome Raposo se era bom dar-lha e se murmurariam por isso dele, pois era coisa nova que naquele tempo se não costumava na terra, porque todos vestiam vestidos honestos, sem pompa, nem vaidade alguma, e muitos de pano de míscara (sic), que faziam da lã de suas ovelhas. E neste tempo consultam e julgam os pobres não serem quem são, se não se vestirem de seda, sendo seu tesouro de cobre, pelo que não é maravilha a grande pobreza, fome, miséria e necessidade que há neste tempo de agora nesta ilha, pois não vestem os homens como podem, nem podem como vestem.

Se não eram então os homens curiosos nos vestidos, a curiosidade que neles lhe faltava punham nos cabelos, porque costumavam trazer cabeleiras postiças, as quais pela semana tinham curadas, loiras, formosas, guardadas e imprensadas, para trazerem por festa aos domingos e pelas Festas.

Um Fernão d'Álvres, medidor das terras, que fez fazer a ponte da Ribeira Grande, por lhe ser encarregada por arrematação, faleceu de idade de cento e dez anos; era de catorze quando veio a esta terra e viveu nela noventa e seis anos sem nunca cortar o cabelo, mas com o mesmo com que nasceu o enterraram.

O primeiro homem que nesta ilha se trosquiou (sic) foi um Estêvão Fernandes, morador na vila da Ribeira Grande, e por isso lhe puseram nome o Trosquiado, donde ficou esta alcunha a seus filhos e netos e mais descendentes, porque naquele tempo e dantes todos traziam o cabelo comprido e as barbas rapadas; somente cortavam na testa, por desafrontar o rosto, o cabelo que lhe dava pelos ombros. O que o trazia mais comprido, esse se tinha por mais galante, e os que não tinham bom cabelo o compravam a outros e traziam cabeleiras postiças por galanteria e as levavam (como disse) por festa, aos domingos e dias santos, à igreja. A um Domingos Pires, sobrinho (sic), ([303]) de Estêvão Martins, da Ribeira Grande, davam um vestido pelo seu cabelo e não o quis dar por se prezar muito dele. Costumavam os homens curar os cabelos como as mulheres costumam, trazendo-os toda a semana metidos em coifas e copados dentro nelas, para no domingo sairem com eles loiros, copados e louçãos. Isto usavam também alguns homens nobres, porque António Carneiro e Sebastião Álvares de Abreu, fidalgos e discretos, tinham cabeleiras postiças, que eram então grande primor pelo costume da terra. Não se usavam sombreiros; somente costumavam os honrados trazer barretes de cantos e os outros do povo carapuças dos panos que vestiam quando iam os dias de guarda à igreja, porque pela semana traziam carapuças de linho, onde traziam os cabelos imprensados, e havia alguns que nem ao domingo os queriam tirar delas, pelo que, na vila da Ribeira Grande, um Afonso Pires, meirinho dos clérigos, quando alçavam a Deus, andava pela igreja apanhando-lhes das cabeças as coifas por perdidas, sem lhe dar outra pena.

Quando o Bispo D. Duarte dava ordens, o clérigo ou moço que tomava o cabelo aos que se prezavam mais dele, para lho cortar por cima e ficar danificado, se punha a grande perigo, porque houve homens tão tomados, corridos e agastados disso, que determinavam de se vingar depois do clérigo ou do moço que lho cortara tanto.

Assim como os homens no tempo antigo eram singelos no vestido e costume das cabeleiras (que não somente nesta ilha, mas também em Portugal se costumavam) assim o eram na verdade e justiça singela que usavam; porque ainda, nesta ilha, na era de mil e quinhentos e vinte, ambos os juízes que se costumam fazer em cada vila, estavam assentados na seda e juntamente faziam audiência, e aquele que ouvia as partes, mandando alguma coisa, perguntava ao parceiro que estava junto dele (tomando seu parecer) se mandava bem no que dizia, e dizendo-lhe de sim, respondia ele que fosse avante, que bem mandava. Como aconteceu na era de mil e quinhentos e vinte, na vila da Ribeira Grande, a um Gonçalo Anes Bulcão, morador no lugar de Rabo de Peixe, e a Pero Teixeira, que morava na dita vila, o qual teve treze ou catorze moios de terra lavradia de pão e outros tantos ou mais de criação, e, sem casar filho nem filha, veio depois a pedir pelas portas esmolas, sendo de 80 anos quando faleceu; em tão breve vida teve tão grande mudança que chegou de extremo de riqueza a extremo de pobreza, não gastando nada com os filhos, nem em demandas, senão em comer e beber e levar boa vida, procurando só o presente, sem lhe lembrar o porvir. Da mesma maneira, foram muitos muito ricos nesta terra, que deixaram seus filhos muito pobres.

Um Fernão do (sic) Afonso, natural da Serra da Estrela, deixando lá sua mulher com quatro filhos, veio a esta ilha, onde havendo uma dada do Capitão na Achadinha, da banda do norte, foi o primeiro homem que ali fez casa e prantou pomar e vinhas, por espaço de sete anos, os quais passados, foi buscar sua mulher que não queria vir com ele, dizendo que a queria trazer para as ínsuas do mar desterrada; mas, louvando-lhe ele a fertilidade desta terra, a persuadiu vir para ela, onde viveram muito abastados na sua dada, já dantes beneficiada por ele. E, não tendo naquele tempo potes, nem talhas, nem outra louça, se serviam de cabaças em seu lugar e de bacios e escudelas de pau, e o mais grave bacio que tinham era de pau de sanguinho, com um corte dentro no meio, como talho de carniceiro, em que cortavam a carne; e no mesmo punham muitas vezes de comer ao Capitão Rui Gonçalves, primeiro do nome, quando ia à Achada, servindo-se com cabaças, que se davam naquele tempo muito grandes. Se as mulheres ou filhas dele e dos outros lhe quebravam alguma, escondiam os pedaços dela pelos

não verem seus maridos, como neste tempo, quebrando uma rica porcelana da Índia, se abscondem os testos dela, para que se não soubesse a grande perda que se fazia em uma cabaça. E não somente serviam de água, mas de cozer nelas carne, cortados os colos, e postas um pouco debaixo da terra ou sobre ela, barradas ou cercadas de barro e pondo o fogo ao redor delas. Esta era a louça de que então se servia a mais da gente, porque traziam pouca de Portugal e escassamente vinha a esta ilha um navio de ano em ano. Faziam isto alguns por se enfadarem de comer came assada. Seria isto na era de 1501 e de 1502. Também então, com haver tanta madeira de cedro e de outras muitas árvores, por haver falta de oficiais, careciam de caixas e em muitas casas tinham (como em Portugal) o pão em um cesto dependurado.

Naquele tempo, não tinham os homens outro passatempo, nem exercício em que se desenfadar, senão em jogar os mancais de ferro, ou a pela, ou em correr as pedras, que se costumava muito nesta ilha, pondo certo número delas em um lugar e dali as havia um de passar a outro, uma e uma, enquanto o outro fosse e tornasse a uma parte ou lugar fora daquele em que a aposta se fazia; e se chegava primeiro, antes que aquele as acabasse de mudar, ganhava o prémio, e, se depois, perdia. Estando muita gente vendo aquele jogo, dizendo uns: — tendes aqui tantas pedras, bem as podeis mudar ante que o outro chegue, e ganhar-Ihe. Um Mateus Mendes, na vila da Ribeira Grande, com andar devagar, mas por aturar muito no andar mudando as pedras, ganhava muitas apostas destas. Este era o desenfadamento que então tinham, sem gastar o tempo em murmuração de vidas alheias, como alguns fazem, cuidando que para isso Ihe são dados os domingos e dias de festa.

Também se desenfadavam em ver pelejar touros na praça ou em algum campo tapado, onde os ia ver muita gente, fazendo seus donos aposta, com condição que nenhum falasse ao seu touro, ainda que o visse covardo, o que não podendo alguns deixar de fazer, se armavam às vezes grandes brigas e jogos de cutiladas.

Os coelhos pardos, que mandou trazer o Capitão Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome, e os pretos que fez vir a esta ilha Tomé Vaz Pacheco, morador que foi em Porto Formoso, multiplicaram tanto, que destruíram as searas; dos quais tomavam e tomam grande número os caçadores, com cães e furão, e com candeio e fios, pelo que valiam no princípio quase de graça e depois vieram a valer três por meio vintém, e pelo tempo adiante dois; e depois três por um vintém, até que chegaram a dez e a vinte réis cada um, e agora comummente os dão a este preço e a mais.

Não somente aproveitaram as vinhas para darem, como dão, muito vinho, o melhor do qual é o da Povoação Velha, mas aproveitam e servem agora as vides delas de lenha para os fornos; e entre elas, nos biscoitos, em fajã de terra, estão prantados muitos, grandes e riquíssimos pomares de toda sorte de fruta de espinho, extremada de boa, em grande quantidade, e de outras muitas frutas, maçãs, peros, peras, albricoques, damascos, fruta nova e várias enxertias, marmeleiros, pessegueiros, melocotões, amoreiras, figueiras de diversas sortes, e todas mui baratas. E depois do dilúvio de Vila Franca, na terra que sobre ela correu, se prantaram muitos e ricos pomares, de que se carregavam navios de maçãs, pêssegos e outras frutas para a ilha Terceira e outras ilhas de baixo; como também se levavam para lá, das riquíssimas hortas desta ilha, muitos e bons melões, os mais finos dos quais eram os da vila da Ribeira Grande.

Em toda a ilha há infinidade de abóboras, cebolas e alhos, e vária e extremada hortaliça, a melhor da qual é a do termo da cidade da Ponta Delgada, onde se dão nabos tão grandes, cada um como a cabeça de um homem, e iguais a jarras de quarta de arroba, que vêm de Sevilha com azeite, e alguns maiores. Um Bartolomeu Roiz da Serra achou em uma sua horta um rabão mais grosso que um homem e, colhendo-o, o achou oco por dentro, com um vão tão largo que bem podia passar um menino de três anos por ele; também achou em um seu pomar uma maçã tão grande que, ajuntando ambos os palmos das mãos arcados, tocando as pontas dos dedos umas com outras, enchia a maçã aquela concavidade delas; de que se espantou muito um António de Macedo, corregedor com alçada nesta ilha, a quem a ele deu, dizendo que estudara em Paris, Bolonha e Salamanca e correra muitas terras, e nunca vira nem tal cuidara ver, como aquele pomo. Pelo que foi esta ilha uma das mais frescas, fértiles, abastadas, baratas, fartas e viçosas terras que se podia achar no mundo todo. E ainda agora, como afirmam não somente os naturais, mas confessam os estrangeiros que nela moram, a sua esterilidade é mais fértil que a fertilidade de outras muitas terras.

Não cria esta ilha serpentes, cobras, lagartos nem lagartixas, nem animais peçonhentos, nem feros, nem raposas; e, os mais venenosos e feros que cria, são aranhas e formigas, pelo que pode cada um dormir descansado em qualquer lugar e caminhar seguro por qualquer parte.

Não havendo cágados nesta ilha, somente trouxeram a ela uns para um filho de Pedro Roiz da Câmara, que se fazia ético, o qual, indo para se curar em Portugal, foi tomar embarcação a Vila Franca e pousando em casa de João da Grã, lhe ficaram nela dois cágados que levava para comer, por conselho dos médicos, e lhe esqueceram ao embarcar, dos quais, um João Dias Mourisco, ali vizinho, comeu um pelo achar em uma horta sua que estava defronte; e o outro que ficou, mandou João da Grã deitar em um seu jardim que tinha na mesma Vila Franca, acima da cadeia, e cuidando que era morto por não aparecer, o achou seu filho, de João da Grã, a cabo de mais de quarenta e quatro anos que era ali lançado. Estes cágados se criariam bem nesta terra por esta experiência que se achou, como se criam doninhas e infinidade de ratos.

Na era de mil e quinhentos e dez, havia nesta ilha um Lopo das Cortes (de que já tenho dito que morava na vila da Ribeira Grande, às Covas de longo do mar, junto do porto de Santa Eria, onde havia muito mato de sanguinhal), o qual, querendo comer mel fresco de abelhas, mandava a um seu filho, chamado Bertholameu Lopes, pai de Adão Lopes, que morou depois dentro na dita vila, junto da bica velha, que derramasse o mel que tinha em casa em umas cabaças e fosse buscar outro fresco ao sanguinhal, nas tocas e buracos das árvores e sanguinhos, onde as abelhas criavam muito. Tanta fartura havia de tudo nesta ilha, sem indústria nem trabalho de seus moradores.

CAPÍTULO LVII

DO PASTEL QUE DÁ A ILHA DE SÃO MIGUEL

Esta ilha de São Miguel tem tão grossa e fértil terra, que pelo grande rendimento dela se pode chamar mina de ouro, principalmente pelo que rende em pastel que dá, cuja semente dizem que mandou trazer de Tolosa Rui Gonçalves da Câmara, terceiro Capitão, e outros dizem que o quinto. E os moradores desta ilha, que roçavam os matos e queimavam a madeira, além do trigo que semeavam nas roças, começaram também semear pastel, o que se dava muito forte e viçoso. Somente o trigo em alguns lugares com as névoas se tomava, e como correu a fama do muito trigo e pastel que dava esta terra, acudiu muita gente do Reino a morar nela e haverem dadas de terras, e também muitos castelhanos de Córdova e Sevilha e de outras partes de Castela, à fama do pastel que dantes não havia senão em Tolosa, de França, e traziam mercadorias de toda sorte, alguns dos quais ficaram na terra que agora têm seus netos e bisnetos. Vendo os moradores que se dava bem o pastel e que era grosso o trato, vieram fazer contrato com o Infante D. Henrique (segundo alguns dizem), o que parece não poder ser, antes parece mais certo fazerem o assento e contrato com o Rei, que então era, que lhes desse a semente do pastel e pedras dos engenhos para o moer, porque madeira não lhe faltava, por ser muita.

Outros dizem que o engenho feito e a costa segura de cossairos, e que lhe pagariam dízimo e vintena por lhes ter segura a costa e dar sementes e engenhos. O qual se paga, hoje em dia, que de cem quintais vêm dez ao dízimo e ficam noventa, e de noventa vem a vintena, que são quatro quintais e meio, e são assim, de cem quintais, catorze e meio, de que houve escrituras e forais, que depois dizem ser escondidos, porque nesta ilha não era como na ilha da Madeira, onde o açúcar alevantava e engrossava muito os homens, e aqui somente estavam viçosos. Por isso o Infante e el-Rei faziam favores aos moradores, que tinham foral, de lhe não pagarem dízimo de muitas coisas miúdas, para assim povoarem a terra e não sairem dela. Mas, pelo tempo em diante, desapareceu o foral e contrato antigo, e, por às vezes os oficiais de el-Rei darem mau aviamento de moendas de engenhos aos lavradores, veio cada um fazer em sua fazenda engenho particular à sua própria custa, pelo que cessaram os engenhos de el-Rei, mas o tributo do pastel ficou inteiro de dízimo e vintena para sempre sobre os cansados lavradores. E ainda que de tudo o que entra e sai nesta ilha, vindo de fora do Reino, ou indo para fora dele, se paga de dez um, dos pastéis se paga a el-Rei dízimo, vintena e saída, que vem a ser vinte e quatro por cento, sc., de cento e vinte e quatro se pagam os vinte e quatro e se carregam os cento, que é quase o que se paga a Sua Majestade a quinta parte; quando se carrega pastel, em que entram os direitos do lavrador e mercador, sc., o lavrador paga de sete um, a que chama dízimo e vintena, e o mercador, por saída de dez um. E além destes direitos se paga mais para a Fortaleza, de todo pastel e açúcar que se carrega, a dois por cento; como tudo (tirando os pastéis) se contém no foral, escrito no Livro do Tombo da alfândega da cidade da Ponta Delgada, concedido por el-Rei D. João, terceiro do nome, feito aos trinta de Julho de mil e quinhentos e vinte e seis anos, que é o mesmo foral da ilha da Madeira.

Pelo grande rendimento do pastel (como tenho dito), pode ter esta ilha nome de minas de ouro, porque as da prata muitos dizem que as têm, pela muita marquesita, que nela se acha, que é sinal de haver prata debaixo da terra, direito da tal escória, ainda que pode não haver prata, havendo marquesita, por não a fitarem bem direito os raios do sol ou da lua (que ela é a causa natural da prata, segundo alguns dizem, e o sol do ouro) nesta terra, para criar, fazer gerar e refinar nas entranhas dela a prata pura e ficarem só nos vieiros das minas a marquesita e escória por cozer e apurar, parecendo prata sem o ser; sendo o pastel mais fina prata ou ouro, sem o parecer, porque, segundo já tenho dito, que dizia João Lopes Henriques, magnífico, prudentíssimo e riquíssimo mercador, um moio de terra das mais fértiles desta ilha, semeada de trigo, dá ordinariamente quinze moios, de que el-Rei tem um moio e meio de

dízimo, que vale um ano por outro quinze cruzados, e esta mesma terra, semeada de pastel, faz muitos custos e despesas, e tendo os lavradores quem lho compre e lhes dê o necessário para o fazerem, soe a dar trezentos quintais de pastel, do qual el-Rei tem de direitos a quinta parte, que são noventa e tantos quintais, que valem mais de duzentos e cinquenta cruzados.

No princípio, nas terras mais fracas, se dava o pão e deitavam trigo velho fora, para recolher o novo, e as terras do Morro da Ribeira Grande, e algumas outras, todas eram pampilhal bravo e ervilhaca, almeirão, saramago e junça brava, as quais terras vieram a quebrar com fazerem pastelais nelas, dando cada alqueire de terra, cada colhedura, quatro carradas de folha, que passava de quintal cada carrada, tendo uma carrada quintal e meio, e quintal e arroba; o qual se moía na Ribeira Grande em dois engenhos de água que estavam dentro na vila e em outras partes, em engenhos de besta, aos quais levavam o pastel em sebes. E valia naquele tempo a cento e cinquenta e a nove vinténs o quintal, mas agora não dá um alqueire de terra do Morro, e de outras boas da ilha, mais que uma carrada cada colhedura, e o mais dele azouga e se perde e seca. E vale ao tempo presente o quintal em bolos a setecentos réis e a dois cruzados; o quintal granado, que valia a cruzado, comummente, vale agora a três e a quatro, que vêm os ingreses buscar, carregados de roupa e dinheiro, sendo tão caro; e quando valia barato lho levavam os mercadores desta ilha a Inglaterra, — tanta mudança faz o tempo nas coisas e preços e comércio delas. Como também vale agora um boi dez mil réis, que naquele tempo antigo valia mil réis e menos. E havendo tanta lenha, já agora queimam muitos bosta de boi, arestas, palha de tremoços, bestiagas e silvas. E vale a arroba do azeite, de mais pequena medida, a dois cruzados, valendo dantes e de mor medida a dois tostões e a menos. E um porco, que valia um cruzado, vale agora três mil réis e dez cruzados. A mesma carestia tem a carne, o vinho, o mel e as mais coisas, que por diversas eras e anos tiveram diversos preços, até se empinarem tanto que não há quem lá chegue. O pastel de soca que fica para o segundo ano, depois de semeado, é mais fino e melhor que o do primeiro ano e sobre todo é melhor o pastel de roças novas em terra de mato, novamente roçado e queimado, para se fazer de novo o primeiro pastel nela, e a todo dão quatro ou cinco colheduras, cortando a folha com toucinos (sic), para depois a moerem.

É o pastel um quarto género de alfaces, de que usam os tintureiros para dar cor azul, sobre a qual se dá melhor a cor preta; como diz dele Plínio: — *est quartum genus lactucarum glastum vocant, quo infectores lanarum utuntu*r; o qual, apanhado em folha, se moe nos engenhos que disse, e está em um tabuleiro a massa dele até o outro dia, escorrendo algum sumo, e então são obrigados os lavradores a o embolarem, fazendo uns bolos redondos, cada um quanto podem compreender ambas as mãos no meio, e, depois de embolado, se põe a enxugar em uns caniços ao sol e ao vento, e seco se guarda em casa até o mês de Janeiro, Fevereiro e Março, em os quais o pesam e recebem os mercadores e recolhem em suas tulhas ladrilhadas e retocadas, onde quebrando aqueles bolos, a cada dez quintais, pouco mais ou menos, botam uma pipa de água, com que o trazem trinta dias ganhando grande quentura e virando-o cada dia. Passados os trinta dias por algum espaço de tempo, o viram cada dois dias, e depois o vem a virar o granador, que o grana dois dias na semana até se enxugar, e depois o vendem os da terra aos de fora ou aos da mesma terra; se não vai bem enxuto lhe dão suas quebras. Dizem que o primeiro que fez pastel nesta ilha foi um Govarte Luís ([304]), estrangeiro, de nação framengo, que viveu em Vila Franca do Campo. As cabras são doidas por pastel e comendo-o endoidecem e morrem, e o pastel as mata; assim que o pastel que dá vida aos lavradores e mercadores, esse a tira às cabras, pois lhe causa sua morte. Adiante direi mais largo do princípio do pastel nestas ilhas.

CAPÍTULO LVIII

DO AÇÚQUERE E BETATAS ([305]) QUE HÁ NA ILHA DE SÃO MIGUEL

Também dá esta terra açúquere. O primeiro que o experimentou foi Lopeanes de Araújo, que mandou em sua casa pisar e espremer umas canas de casa de um Sebastião Pires, que foi o primeiro que prantou um alqueire de terra, ou dois, delas, e, cozendo o sumo e deitando-lhe senrada, acabado de alimpar e escumar, ficou o melado perfeito, o que vendo Lopo Anes disse: — açúquere temos. Então, que foi na era de mil e quinhentos e quarenta, moeu Sebastião Pires as outras canas que tinha, em um engenho como de pastel, com sua mó e alfarge com uma besta, e fez até obra de quinze pães de açúquere, que foram os primeiros que fizeram nesta ilha. E depois um Sebastião Gonçalves, filho de Hierónimo Gonçalves, morador também em Vila Franca, por ver que havia boa mostra do açúquere e esperança de se poder fazer bom, foi à ilha da Madeira e fez concerto com Baltazar Pardo, que veio com ele a esta ilha e morou nas casas de Marcos Dias, na Praça, trazendo consigo um Fernão Ligeiro, mestre de fazer engenhos de açúquere, o qual fez ao dito Sebastião Gonçalves o primeiro engenho na Água de Alto, arriba do caminho do concelho, em Vila Franca. E depois fez o segundo na mesma lomba da Água de Alto, de Gabriel Coelho, na fazenda de Simão da Mota, que também tinha parte nele. Feitos estes dois engenhos, se tornou Fernão Ligeiro para a ilha da Madeira e ficou um seu criado, chamado Afonso Pires, por alcunha o Pé de Chumbo a que depois chamaram Chumbo, também mestre de engenhos, e fez o terceiro engenho, de André Gonçalves de Sampaio, e de Diogo Gonçalves e de João Anes, mercadores, na Água de Alto, ao longo do mar. Depois, este mesmo mestre Chumbo fez o quarto engenho, de Lopo Anes de Araújo e de Rui Vaz, morador na cidade do Porto, na Ribeira Seca, na fazenda do dito Lopo Anes, junto do caminho que vai para a Maia.

E todos quatro estiveram moentes e correntes alguns anos, mas desfizeram-se como a hera de Jonas, depois que entrou o bicho nas canas, tirando o de André Gonçalves que ainda está em pé, mas não moe, e outro de Lopo Anes que custou seiscentos mil réis de fazer, e foi vendido a Sebastião de Crasto por sessenta mil réis, o qual somente moe agora e tiveram seus filhos António de Crasto e Manuel de Crasto, e depois sua mãe e Diogo Leite, seu cunhado, onde se faz muito açúquere, como nos outros se fazia, mas não tão bom como o da ilha da Madeira.

Naquele mesmo tempo se fez outro engenho do Capitão Manuel da Câmara, abaixo da vila de Água do Pau, o qual também moeu, mas também cessou e se desfez por causa do bicho das canas. Depois destes, se fizeram dois engenhos na vila da Ribeira Grande, um de Diogo de Morim e de Fernão Correia, que foi o primeiro, e outro de Jorge Gonçalves Cavaleiro e de outros companheiros, que também pela mesma causa se desfizeram.

Outros dizem que o açúquere nesta ilha de São Miguel começou desta maneira. Dando-lhe princípio o dito Sebastião Pires, natural de Guimarães, morador em Vila Franca do Campo, abaixo da ermida de Santa Catarina (o qual lugar agora serve de açougue dos misteres) onde tratava de mercador, e no primeiro terramoto perdeu quanto tinha e, vendo-se desbarratado (sic), fez-se serrador de madeira, e sua mulher, vendendo vinho, azeite, mel e outras mercadorias alheias, ganhava assim sua vida; e, vindo a ter alguma posse, ordenaram fazer algumas camas de roupas, dando pousadas a pessoas que as haviam mister, de maneira que era sua casa estalagem onde se recolhiam muitos estrangeiros que acudiam e iam ter àquela vila, pola (sic) alfândega que nela estava. Vindo da ilha da Madeira uns mercadores que se agasalharam em sua casa, deram a sua mulher algumas canas de açúquere que traziam, das quais ela, como coisa por demais ou por curiosidade, prantou em um quintal pequeno da casa uns pedaços, que em pouco tempo arrebentaram e cresceram. Vendo-as perfeitas e formosas, as colheu e foi prantar em um sarrado que tinha abaixo da Abegoaria, onde depois viveu muito

tempo e agora vive um seu filho, chamado Francisco Pires, e ali se deram muito melhores que as que havia trazido do quintal de sua casa. Dali se começaram de espalhar e repartir por muitas pessoas da dita vila, que prantavam quem uma dúzia de canas, quem mais, quem menos, como cada um as podia haver. Foram assim multiplicando tanto, que em pouco tempo o dito Sebastião Pires e outras pessoas, como Lopo Anes de Araújo, Cristóvão Dias, Manuel Lopes, Marcos Dias, vieram a ter uns alqueires de terra prantados delas, mui douradas e formosas, mas não serviam de mais, até então, que de as comerem, venderem e darem, e assim se gastavam e espalhavam pela ilha.

Mas, Lopo Anes de Araújo, parecendo-lhe que se poderia delas fazer açuquere, disse a Bastião (sic) Pires: — quereis, compadre, que façamos ensaio e experiência destas canas, se se fará açúquere delas? Disse Bastião Pires: — e quem saberá fazer isso? Respondeu Lopo Anes: — eu sei quem o fará. E logo fez ir da Ponta Delgada um Fernão Vaz, homem honrado, natural da ilha da Madeira, casado e morador na dita vila, que agora é cidade, o qual deu ordem como se fez um engenho de besta, como de pastel, mas o assento da mó diferente, porque era de uma pedra grande e mui cavada, a maneira de gamela e furada pelo fundo, por onde o sumo das canas, que dentro nela se moiam, ia por debaixo do chão, por uma calle (sic) ou bica, sair fora do andaimo da besta que moía, e assim fez fazer também um fuso e caixa para espremer o bagaço, e uma fornalha com uma caldeira em cima, a maior que então se achou, onde cozia aquela calda, e cozida a deitava em uma tacha e ao outro dia fazia o mesmo, até que fez cópia de melado para se poder fazer açúquere. Um Diogo Gomes, morador na Relva, da dita vila, se ofereceu a o temperar e purgar, por haver estado na ilha da Madeira, em casa de um seu tio, senhor de um engenho onde ele comunicava, ainda que não era oficial do mesmo engenho, e fez logo dois pães de açúquere muito fino; mas não moíam senão as meias das canas, que é o perfeito delas, pelo que parece que, com sua pouca ciência e menos experiência, saiu aquele açúquere assim tão bom e tão fino.

Neste meio tempo, veio a ter a Vila Franca um mancebo da ilha da Madeira, que lá servia de caldeireiro, que dali por diante temperava o assuquere (sic) que se fazia, até que acaso veio da Canária um castelhano, mestre de açúqueres, o qual fez no mesmo engenho (sem se fazer outro) algum açúquere. Logo depois deste, de Sebastião Pires, fez Cristóvão Roiz sete pães, já melhor que o de Sebastião Pires. Fez isto tanto alvoroço na gente e moradores da dita vila, vendo principalmente escusarem-se custos de água para regarem as canas, pois sem regadia se davam mui formosas, que mandou logo Lopo Anes de Araújo buscar à ilha da Madeira um navio de canas para prantar, e foi o primeiro que começou a entender nesta granjearia com alguma companhia; ao qual seguiram outros, como foi um Sebastião Gonçalves com companhia de um Baltazar Pardo, da ilha da Madeira, que fizeram engenho, e Lopo Anes outro. Mas, como viram o princípio não ser como se cuidou (porque os custos foram mui grandes e o proveito não tal) e por causa da lenha que importava muito e os açúqures baixos, não quiseram sustentar isto para diante; perderam tanto que se lançaram desta granjearia, e vendeu Lopo Anes seu engenho, dizem que a Gabriel Coelho, que nele tinha parte e aos Crastos. Francisco Vaz e Gabriel Coelho tinha (sic) outro com companhia de António de Pesqueira, burgalês, que nesta ilha residiu, onde também Simão da Mota tinha sua parte, o qual engenho se desbaratou e receberam seus autores muita perda. Pero da Costa fez outro com companhia de Sebastião Dias, de Água de Alto, que sustentaram algum tempo e também cessou pelo pouco proveito que nele acharam. E assim cessaram os outros todos, tirando o de Lopo Anes que houveram os Crastos, o qual sustentaram, por serem muito ricos, até a era de mil e quinhentos e oitenta e quatro anos, em que faleceu Manuel de Crasto, derradeiro herdeiro deste apelido, morador que foi na dita vila, e depois sua mãe e Diogo Leite, seu genro, casado com D. Helena, irmã dos ditos Crastos, cuja fazenda valeria quarenta mil cruzados. Os que vieram depois dele, quer herdeiros, quer compradores de sua fazenda, não sei o que farão, se serão curiosos de sustentarem esta doce e rica mercadoria na terra.

Depois dos ditos engenhos se fizeram outros (como tenho dito) e se carregaram alguns navios de assúqure (sic); mas, pela vaidade que entrava nos homens com esta riqueza, desfez Deus as canas com um bicho, como a hera de Jonas. E não havendo canas, cessaram os engenhos todos, excepto o dos Crastos, que até esta era de mil e quinhentos e oitenta e oito permanece.

Ultimamente, o senhor ([306]) Conde Rui Gonçalves da Câmara, de grande curiosidade, fazendo prantar muitas canas no sítio das Furnas, onde trazia muita gente trabalhando nelas,

também desistiu de fazer ali engenho e povoação como pretendia fazer, pelo pouco proveito e muito custo delas.

Também há nesta ilha muitas betatas (sic), que se criam debaixo da terra, em canteiros feitos à enxada, a modo de lavoura de camalhão, mas muito maiores, onde prantam a rama delas, que é delgada e tem o talo e folhas como de hera e deita raízes que vão engrossando e crescendo, e são as mesmas betatas; as quais tiveram princípio nesta ilha em casa do dito Sebastião Pires, pelo modo que começaram as canas de açúquere (sic) porque vindo à dita Vila Franca uma nau das Índias de Castela e recolhendo-se em sua casa alguns passageiros, deram a sua mulher umas betatas pequenas, delgadas e murchas, como são todas as que de lá vêm, as quais ela prantou no seu quintal, onde nasceram e se fizeram muito formosas. Dali começaram a levar algumas pessoas alguns raminhos que prantaram nos quintais, com que em pouco tempo se foram multiplicando. Depois de haver alguns betatais (sic) vieram a criar-se nelas (sic) uns bichos grandes, listrados de verde e amarelo, tão grossos como um grosso dedo, de mais de meio palmo de comprido, com a boca e cara carrancuda e rabo revitado ([307]), os quais se acham e criam também no orjavão e na pimenta redonda do Brasil, que não queima, e nas oliveiras; e, como nesta terra não havia outros senão os bichinhos das hortas, que se criam nas couves e outra hortaliça, tiveram estes por peçonhentos como na verdade o são, e assi aborrecidos e temerosos deles, dizem que largaram a granjearia das betatas e se vieram quase a perder. Mas, correndo tempo e não se achando algum dano que eles fizessem, se tornaram a aproveitar delas e fazerem searas desta fruta (que parece inhame e é melhor que ele) como de trigo, de que carregam navios para o Reino, e na mesma terra serve de mantimento à gente pobre e de gulodice à rica, comendo as betatas assadas ou cozidas, as quais já agora não criam tantos bichos, como dantes criavam.

CAPÍTULO LIX

DAS SILVAS QUE HÁ NA ILHA DE SÃO MIGUEL E DOS PRIMEIROS QUE AS TROUXERAM A ELA

Uma mulher do Amo, chamada Maria Gonçalves, trouxe as silvas, primeiramente, a esta ilha de São Miguel, para com elas fazer tapume nos pomares, hortas e campos, na vila da Ponta Delgada, onde morou. E depois o Capitão Rui Gonçalves da Câmara, segundo do nome, mandou trazer algumas para tapar o seu rico pomar que mandou prantar no Cavouco, junto da vila da Alagoa. E um Fernandafonso (sic) chamado da Horta, grande hortelão, por vender hortaliça, morador na vila da Ribeira Grande, junto da ermida de Santa Luzia, onde viveu Pedro Dias, da Achada, e Sebastião Pires Paiva com dois asnos bravos, que amansou e ensinou, lavrava e carreava, indo ao mato buscar lenha em carro, com eles, chamando a um Malícia e a outro Ruindade. Este, indo buscar sua mulher a Portugal e tornando com ela, foi o primeiro que trouxe as silvas à vila da Ribeira Grande, onde era morador, em um caixão de terra. Outros dizem que as trouxe da ilha Terceira, em uma corda esfregada e untada com a semente das silvas, e, enterrando a corda ao comprido estendida, nasceu um silvado. O primeiro lugar, onde as prantou, foi em um sarrado que tinha detrás de suas casas em que morava, perto da dita ermida de Santa Luzia, para se tapar com elas.

Tanto as guardavam e prezavam naquele tempo, que as não dava quem as tinha senão a grandes amigos e a pessoas a que tinha muita obrigação, estimando-se por grandes presentes os que de alguns ramos delas se faziam; e se lhas furtavam, armavam grandes arruídos e jogos de cutilados, sobre elas. Tanto as cobiçavam alguns, que se ajuntavam de noite e as iam furtar para as prantarem em suas fazendas e terras, que vieram a ficar tão iscadas delas, assim por pegarem bem, não somente com as raízes na terra, mas com qualquer ponta que toca no chão ou nas pedras e logo ali deitam raízes, como por os pássaros comerem das suas amoras e irem estercar a semente pelos campos. E assim multiplicaram tanto, que com elas está perdida uma grande parte da ilha; e, se a deixassem despovoada quatro anos, se tornaria um mato e silvado bravo, e acabaria de se perder toda com elas.

Este Fernando Afonso deu um raminho, com raiz desta pranta, a Baltasar Vaz de Sousa, donde encheu a ribeira do Telhal delas, e dali a ilha toda e cuido que as mais ilhas. Se não fossem as cabras, que as comem, já fora meia ilha coberta de silvado, ou quase toda.

Mas o que agora é sobejo e danoso, cuido que há-de ser minguado e proveitoso, que como vai faltando a lenha, ao menos para os fornos hão elas de ser grande remédio. E este há-de ser o mato de que mais se há-de usar nalgum tempo. E já neste de agora algumas pessoas as não querem deixar cortar nas suas terras e as defendem, porque a necessidade, boa mestra, lhes vai ensinando e mostrando que são boa lenha.

Toda a estima desta pranta era porque eram defensão das terras; por isso as prantavam como enxertos ou fruteiras de boa pomagem e davam pesentes para que repartissem delas com eles, como foi um João Fernandes, morador na freguesia da Fajã, ao Charco da Madeira, termo da cidade da Ponta Delgada, que levou um presente de capões e galinhas ao Capitão Rui Gonçalves da Câmara, segundo do nome, ao Cavouco, onde ele então morava, para que lhe desse umas prantas de silvas, poucas, que o dito Capitão mandara trazer de fora, para tapume daquele seu pomar. Havendo-as com presentes e rogos, e às vezes furtando-as, e semeando-as os pássaros que comiam a semente, onde os homens as não prantavam, se inçou (como disse) toda esta ilha delas, tanto que vieram a maior parte das terras a não aproveitarem mais que para comedias de cabras, sem darem outro fruto nem proveito.

Mas, andando o tempo que tudo muda, de maneira que as terras feitas, debaixo, não queriam já dar novidade, de cansadas, tanto que os pastéis, a que soíam dar quatro e cinco

colheduras, dando-lhe a primeira se secavam logo, que era grande perda dos lavradores, lhe foi forçado roçarem as silvas e cavarem as terras à enxada, com muito trabalho, para fazerem pastelais que, nas tais roças, com o esterco das ditas silvas que queimavam e roçavam, se dava muito bem, como em terras novas. Mas, correram alguns anos que não rompiam as terras senão para o dito pastel e não semeavam trigo nelas, porquanto a casta do trigo que na terra se semeava, chamado comummente barbela, se tomava e perdia, por serem terras altas e sujeitas aos ventos e às névoas; mas, proveu Nosso Senhor com uma espécie de trigo que se chama canoco ou, para melhor dizer, pelado, porquanto não tem pargana (sic), que veio de fora, e primeiramente da ilha da Madeira, enviado a João de Arruda da Costa, morador na sua quinta, junto da cidade da Ponta Delgada, com aviso que se dava melhor nas terras frias, de cima, junto da serra, que nas de baixo, perto da costa do mar, para ele semear nas suas campinas. De maneira que, quando no melhor ano de pão, o melhor moio de terra, das baixas junto do mar, que eram as melhores de todas, dava vinte moios, era espanto e o tinham e julgavam por grande rendimento.

Mas, agora as ditas roças das silvas dão comummente de trigo pelado, que não se toma tanto como o barbela, a razão de trinta e vinte e cinco e, ao menos, vinte moios, e muitas vezes chegam a razão de quarenta moios por moio e daí para cima. E antes que viesse à terra este trigo pelado, ainda que roçassem as silvas para na roça fazerem o dito pastel, não colhiam os lavradores mais que aquela novidade daquele só ano, e logo se tornavam a cobrir e encher as terras das mesmas silvas, com que tinham os homens grande trabalho e custo e pouco proveito. Mas, depois que veio à terra o trigo pelado, acabando de recolher a novidade do pastel, da terra de roças das silvas, logo o segundo ano e o terceiro seguinte, dá a dita roça duas novidades do mesmo trigo que lhe semeiam depois da novidade do pastel, e assim ficam três novidades em três anos contínuos, sc., no primeiro ano da roça a novidade do pastel, e nos dois seguintes as do trigo, por onde as ditas roças e terras ficam limpas de todo. E, com lhe semearem logo o quarto ano de tremoço, que foi outro dom de Deus, ficam capazes de darem outras duas novidades a reo (sic) ou contínuas e juntas, de trigo; e se lhe semearem a primeira de pastel, e a segunda de trigo, as dará muito melhor. E, se há algumas terras de silvas que não são capazes de darem novidades, por serem fragosas ou pedregosas, servem-se das silvas para os fornos, como em Portugal se servem dos tojos; e, se algumas pessoas as têm nas suas herdades, sem terem delas necessidade, pelas deixarem roçar para os ditos fornos, lhe dão dinheiro por elas. E outros silvados, que estão em lugares onde se podem prantar vinhas, arrancadas e queimadas as silvas, se prantam as vides em seu lugar e dão muito proveito, pelo que já se não agastam com elas. E, se as há tão longe que não possam usar delas para isto e para os fornos, criam-se com elas muitas cabras nas serras, onde as há, porque são para este gado cabrum o melhor pasto de todos.

Daqui se vê claramente que foram duas mercês grandes de Deus, que fez a esta terra, uma, a das silvas e outra a dos tremoços, de que logo tratarei; que foi tanto como achar-se outra ilha nova, tão grande como esta, ao longo dela. Doutra maneira não havendo estes dois remédios que Deus deu, se despovoara muita parte desta ilha, porque pouco tempo há que se despovoaram os lugares de alguns moradores, como Santo António, a Bretanha, o Nordeste e outros muitos, pela fraqueza das terras, antes do tremoço, e agora com ele dão mais pão do que dão as melhores terras da ilha, sem o dito tremoço. Porque, se houvessem de estercar um moio de terra com esterco, não bastaria a valia da mesma terra para ficar capaz de dar trigo, e com dois moios de tremoço, que custam dois mil réis e menos, semeados em um moio de terra, somente em cabelo, sem a lavrar nem fazer mais custos, fica tão estercada que muitas vezes o viço lhe faz mal, como agora direi.

CAPÍTULO LX

DOS TREMOÇOS COM QUE SE RESTAURARAM MUITAS TERRAS DA ILHA DE SÃO MIGUEL, QUE JÁ IAM ENFRAQUECENDO

De pequenas coisas faz Deus, muitas vezes, e costuma fazer, grandes remédios, para mostrar seu grande poder e saber, e usar com os homens de sua misericórdia, como de fracos e quebradiços óculos de vidro remedeia a fraca, cansada e quase perdida vista dos antigos velhos, e das baixas, rasas, pequeninas e humildes ervinhas do campo faz mezinhas e antídotos para grandes e arreigadas enfermidades, e de muito amargosas drogas ordena (como bom médico) purgas para dar ao enfermo a doce e desejada saúde. Assim de uma amargosa erva, mais baixa e grosseira das ervas, como é o tremoço, fez Deus mezinha para curar a envelhecida, fraca, cansada e estéril terra desta ilha, para poder com ela, como com óculos, ver a fertilidade que já dantes não via, e como com amargoso medicamento curar a debilidade e fraqueza de sua cansada e fraca natureza tão estéril, e tornar desta maneira a terra inútil muito fértil e frutuosa; porque, como Deus não deixa nada sem remédio e, quando falta o humano, acode logo com o divino, para que os homens entendam melhor que da sua mão nos vem e há-de vir todo o bem e socorro, havendo aqui, nesta ilha de São Miguel, terras fracas e cansadas, em que os lavradores se perdiam com o pouco rendimento delas, acudiu o Senhor com a sua costumada misericórdia e bondade, e descobriu o remédio de atremoçar as terras para as fazer fértiles e frutuosas, as quais com esta mezinha, como com purga amargosa, de doentes ficaram sãs, e de fracas fortes, e expirando reviveram.

Um Barão Fernandes, que morava à Grota de João Bom, entre os Mosteiros e a Bretanha, no ano de mil e quinhentos e cinquenta, pouco mais ou menos, foi o primeiro que inventou ou começou a tremoçar a terra, depois que enfraquecia, semeando os tremoços ao redor de sua seara de trigo, junto dos caminhos, em uma leira ou carreiro deles, como nesta ilha costumaram depois muitos; e depois semeou um alqueire de terra deles como agora semeiam um alqueire de chícharos para comer curtidos, sem saber o mais proveito que dali podia vir. Depois deste homem, veio um de Portugal, chamado Lopo Pessoa, o qual inventou os tremoços para proveito das terras, vendo que onde se semeavam um ano, para o ano seguinte lhe dava ali trigo forte e melhor; donde veio a tremoçar mais quantidade de terra por suspeitar que dos tremoços lhe vinha dar melhor novidade. E, achando melhoria nas novidades, daí veio a outonar com tremoços e semear as terras e relvas de um ano para o outro, primeiramente no lugar de Santo António, que parece que este Santo, na sua freguesia da banda do norte, descobriu, deparou e achou primeiro este remédio e mezinha para as terras que ali estavam já como perdidas; e depois o começaram usar em toda a ilha, de que se acharam muito bem os lavradores e com proveito. O mesmo efeito têm as favas e legumes todos e o linho que fazem a terra, onde os semeiam, ser depois mais frutífera, ainda que ela de si seja fraca e estéril para pão, como quase já eram as terras do dito lugar de Santo António, limite da cidade da Ponta Delgada, e outras muitas.

O outono dos tremoços, que se corta em verde, também dizem que esterca a terra com sua rama, que nela, logo lavrada apodrece, e assim estercada fica mais frutuosa. Outros dizem que, com a sombra que à terra fazem, cobrindo-a com sua rama, defendendo-a do frio e calma, que a não corte, tendo-a assim mimosa e macia, vem cobrar a terra fôlego, força e vigor para ao diante dar mais e melhor fruto. Todas estas razões podem ajudar a isso, mas ainda que nisto houve e há diversas opiniões e razões, a mais certa é que os tremoços são grosseiros e amargosos, e por se nutrirem e criarem dos mais grossos e piores humores da terra, chupam a salsugem e pior dela, como fazem também as favas e outros legumes, mas muito mais o tremoço, por ser o pior e mais grosseiro legume, e assim fica a terra defecada e como purgada e limpa dos humores mais grosseiros, e, com os melhores que lhe ficam, está, depois do tremoço de um ano ou do outono, criando e nutrindo o trigo melhor e com mais abundância que

dantes. Este foi um notável e singular remédio para as terras desta ilha, que já iam muito enfraquecendo, poderem dar melhores novidades de pão e de algumas outras coisas, como outonadas dão melhor linho.

É o tremoço uma erva de muita folha e de muitas hastes em um pé, de altura que dá a um homem pela cinta; cujo fruto, que dá em umas vaginhas, como de favas, deitado de molho na água doce ou salgada, e dando-lhe primeiro uma boa fervura ao fogo, de amargoso se torna doce e se deixa comer sem acabar de fartar a quem o come, apetitoso ao gosto, como são as ervilhas; e tanto que o semeiam e vem a ter rama e folha, tem tal qualidade que sempre traz a mesma folha e haste virada ao sol, sc., ao nascente do sol, pela manhã, está toda a ele inclinada, e assim como o sol se vai empinando, assim vai virando; quando vem ao meio dia, está direita; e tanto que desce o sol para o ponente, assim vão as folhas, flores e hastes do tremoço virando, de maneira que ao pôr do sol lhe ficam inclinadas e viradas daquela parte onde ele está e se põem; e pela manhã, que vem da noite seguinte, se tornam a virar ao nascente a receber o sol da parte donde ele nasce.

Depois de se inventar primeiramente o atremoçar as terras no lugar de Santo António, segundariamente se começou a usar no lugar das Feiteiras, e por verem o grande proveito e muito rendimento que têm as terras atremoçadas, se usa o mesmo já agora em toda a ilha geralmente.

E quem tem poder, o melhor dela é tremoço velho, de um ano para o outro, sc., atremoçando a terra um ano, que não dá mais novidade o mesmo ano que o próprio tremoço que lhe semeiam. O qual tem três proveitos: o primeiro, o tremoço que soe valer, os mais dos anos, a vinte e cinco, a trinta e quarenta réis o alqueire, de que se carrega algum para fora da ilha; o segundo proveito é a palha dele, depois de malhado, que é boa lenha para os fornos, e vale cada carrada, o menos, dois tostões; o terceiro proveito é que a terra daquele ano semeada de tremoço velho, está nela, para o outro, certa a novidade de trigo ou pastel, mais que de terra de relva ou alqueive, porque a terra que fica de relva não tem mais virtude que estar folgada e não ser lavrada aquele ano, nem dá mais novidade que a erva de pasto, que também dá bom rendimento ao dono dela, porque ordinariamente se arrenda a terra, que fica de relva, para pasto de gado, apastorado ou preso à corda, a dois ou três alqueires por alqueire, segundo é o pasto da terra. Mas, a que fica semeada de tremoço velho tem mais virtude, por ficar purgada dos maus humores com que ele se nutre, como já disse, e por causa da sombra que lhe faz a rama do mesmo tremoço, que é altura de ametade e, às vezes, de um homem, com que fica a terra mimosa e sombria, sem ser cortada das calmas; e também por causa da folhada do tremoço que cai na mesma terra que, depois de apodrecer nela, parece ingoento ([308]) com que se engrossa. E, assim, dizem os que a lavram que lhe parece andarem com os pés sobre algum ingoento, ou sobre veludo, tão macia e amorosa a acham, o que não tem a terra que fica de relva, a qual acham mais áspera. Costumam, sobre a terra de tremoço velho, semear pastel e o segundo ano trigo, e ambas estas novidades dá abastantemente, a qual melhor, da maneira que atrás tenho dito, quando tratei das silvas.

Há outro modo de atremoçar a terra, que se chama outonar, porque no outono, começando e acabando em o mês de Octubro, fazendo primeiro umas velgas (sic) ([309]) com o arado, e semeando o tremoço por elas, a lavram depois, com que fica o tremoço nela soterrado; e, nascendo e crescendo altura de três ou quatro palmos, no mês de Dezembro e Janeiro o decepam com espadas, para tornar a lavrar a mesma terra, onde apodrece aquela rama, com que fica a terra como estercada com ela às vezes dois anos, sem ter necessidade neles de mais outro benefício. E, se se faz seara deste outono, ou de tremoço velho, ao longo de outra que não tem tremoço, não tem necessidade de haver extrema entre elas, porque de longe, quanto mais de perto, se divisa e diferença uma seara de outra, pela grande vantagem que faz a do tremoço àquela terra que o não teve. E, como já disse, o mesmo proveito fazem as favas e alguns outros legumes, como são abóboras e melões que com sua folhada cobrem a terra que se não corte da calma. E, onde o tremoço está basto, nenhuma erva cresce debaixo dele que venha a ter semente, e por isso o semeiam desta maneira nas terras em que querem desinçar o saramago e as ruins sementes, com que ficam as searas do ano seguinte com menos monda; e alguns lavradores, que não podem atremoçar toda a sua terra, dão parte dela a outras pessoas que a semeiam de tremoço velho e levam o grão e palha dele, contentando-se com lhe ficar a terra purgada e limpa, para depois fazer nela sua sementeira de trigo ou pastel, como está dito.

Mas, agora já alguns se guardam de atremoçar a terra, porque dizem que um bicho branco e pequeno, que algumas vezes, em alguns anos, se acha dentro, acima do primeiro nó da palha do trigo, junto da raiz, que faz perder a espiga, o tremoço é causa dele; e alguns dizem que é também causa de alforra. E assim como as drogas e mezinhas, como estão muito tempo na botica, não somente perdem sua força, mas podem e vêm a fazer algum dano e trabalho ao que delas usa, assim já alguns não querem usar da mezinha dos tremoços em suas terras, por dizerem que são causa de nascerem dentro na palha do trigo, junto à raiz, sobre o primeiro nó (como nascem), uns bichinhos brancos e curtos, como bichos de carne, que logo tomam e murcham a espiga; e outros dizem que do muito atremoçar as terras nasceu a alforra de que adiante direi.

Dizem que o tremoço, que faz bem às terras desta ilha, faz mal às terras de Portugal. Parece a razão disto ser porque aqui as terras são salgadas e rociadas do mar, a qual salsugem lhe chupa o tremoço, que se cria do pior humor da terra, ou as favas e outros legumes com que ficam defecadas e purgadas, para dar melhor novidade. Mas, em Portugal, onde a terra não tem esta salsugem, chupam os tremoços o bom e doce humor dela, e assim fica estéril.

CAPÍTULO LXI

DAS FORÇAS DE ALGUMAS PESSOAS DA ILHA DE SÃO MIGUEL

Afora o gado que, por mandado de el-Rei e do Infante D. Henrique, foi deitado nesta ilha de São Miguel, logo no princípio de seu descobrimento, trouxeram a ela, da ilha de Santa Maria, sua vizinha, outro muito: porcos, de que se inçou; e antes de virem bois, lavravam com bestas asnais, como fazia um Luís Femandes da Costa, pai de Manuel da Costa, e outros muitos. E foi tanta a multiplicação do gado vacaril e porcos, que durou por tempos não poderem desinçar os touros e vacas e porcos bravos, carneiros e cabras, e eram tantos os porcos, que danavam os pastos ao gado vacum com seu fossar; pelo que os mais dos moradores eram fragueiros, forçosos e ligeiros, por causa do exercício que tinham de ir a montear e caçar este gado diverso, dos quais contarei alguns que alcancei saber.

Um Afonso Soeiro, irmão de Leonor Soeira, primeira mulher de Garcia Roiz, e Bertolameu Roiz, pai de Baltasar Roiz, que morava além de Santa Clara, da Ponta Delgada, e um Francisco Anes, Moreão de alcunha, e Bertolameu Afonso Pereira, de alcunha o Rato, indo à serra, dentro nas Sete Cidades, a montear e fazer carnes, com Baltasar Vaz de Sousa, porque no seu Telhal, que tinha acima da Ribeira Grande, gastava muitas carnes, lhe aconteceu que, andando eles dentro nas Sete Cidades, onde havia muito gado bravo e sem ferro, nem sinal, acharam um bravo touro e foram para o matar, o qual tomou a Baltasar Vaz nos cornos e entre eles o trouxe um grande espaço, abarcando-se ele tão fortemente com ele, pelo pescoço, que nunca o touro o pôde matar, nem ferir, somente o pisou e tratou muito mal em uma barreira, onde deu com ele. E Francisco Anes, de riba da rocha, quisera tirar ao touro com uma meia lança que levava, mas Baltasar Vaz de Sousa lhe disse que não atirasse, que o erraria e mataria a ele, e que o encomendasse a Deus e o deixasse, que não houvesse medo que o touro o matasse. Indo assim por uma grota abaixo o touro com ele nos cornos, lançou mão de um louro, que estava atravessado na grota, e ficou ali dependurado nele, e o touro passou adiante seu caminho. E ele ficou tão pisado e mal aviado que o tomaram os companheiros e o levaram à vila da Ribeira Grande onde morava, e o sangraram duas ou três vezes e o envolveram em um lançol (sic) molhado em vinho; e depois de são, ele e um mourisco que tinha, com um cão de filha (sic) e um cachorro de rodeio e outros cães, se tornou em busca do touro às Sete Cidades e o perseguiu tanto com os cães, que se acolheu o touro a uma alagoa grande que dentro está, chamada a alagoa Azul, por ser muito funda. Baltasar Vaz se deitou a nado, a ele, com um sedenho na mão, e se pôs em cima do pescoço do touro, escanchado, com as mãos pegadas nos cornos, e tanto andou sobre ele, que de cansado se lhe abriu o cesso e enchendo-se de água se afogou, que é propriedade ou qualidade das bestas, sc., cavalos e asnos e bois, afogarem-se por detrás, pelo cesso; como o porco com as unhas se degola nadando pela garganta, e o homem se afoga pela boca e ventas. Depois de afogado o touro, lhe deitou o sedenho nos cornos, atando-o com ele, e o chegou à borda de água; e então lhe acudiu o mouro e outra gente que andava dentro na serra, e lho ajudaram a esfolar e esquartejar, e o levou em bestas, caminho da Ribeira Grande, onde ele era morador.

O mesmo Baltasar Vaz e Vasco Fernandes, moradores no Telhal, da Ribeira Grande, tendo notícia que andava acima do Telhal, onde eles moravam, onde se chama o Cortado, um grande touro bravo, determinaram de o ir tomar e, indo à serra, o viram. Disse então Baltasar Vaz a Vasco Fernandes que se fosse pôr à passagem da pedreira, e que ele o acossaria e iria com ele e ali o deceпariam ou matariam com uma chuça que levava Vasco Fernandes; o qual Vasco Fernandes se foi pôr naquela passagem, indo Baltasar Vaz sempre após o touro, que não foi ter aonde estava Vasco Fernandes, mas a outra passagem do pico das Mós, seguindo-o sempre Baltasar Vaz, e ali escorregando o touro caiu, e Baltasar Vaz, quando o viu caído, se foi a ele e o socornou (sic) e afogou com terra que lhe achegava para a boca. Estando nisto, chegou Vasco Fernandes, que se veio do passo onde estava, por tardar o touro

e não ir ter com ele onde esperava, suspeitando que havia de ir ter à outra passagem, debaixo do pico das Mós; foi-se à dita passagem, onde achado o rasto do touro e de Baltasar Vaz que eram já passados, seguindo-os, viu o touro caído e Baltasar Vaz em cima dele, tendo-o socornado e afogando- o com terra, e disse-lhe que o não acabasse de afogar, sem que primeiro o sangrassem; e assim o fizeram e ali o acabaram de matar. Depois de esfolado, estando-o partindo, sentiram vir gente que vinham ao mato cortar e dar rama aos bois, e porque não soubesse o Capitão que eles andavam a monte, pelo ter defendido com penas de dinheiro e degredo, partiram o touro pelo meio, os quartos trazeiros a uma banda e os dianteiros a outra; tomou Baltasar Vaz às costas os trazeiros e o couro, e Vasco Fernandes os dianteiros, e assim o trouxeram de sobre o Cavouco, onde o mataram, até suas casas, que tinham no Telhal, perto de uma légua dali.

Também outro dia, indo ambos a monte, viram estar umas novilhas que determinaram matar; e fazendo Vasco Fernandes um tiro com uma chuça a uma delas, camarinha, pintada de branco e vermelho, fugiu a novilha e de caminho, indo após ela, decepou duas novilhas das que ficaram; e depois de haver buscado a camarinha, achando só a haste da chuça, que parece que passando ela entre umas árvores, embaraçando-se com ela nelas, a quebrou e deixou ali; e, passando adiante, nunca a puderam achar, nem morta, nem viva. Depois de muito buscada, voltando onde deixaram as outras duas novilhas, as esfolaram e trouxeram cada um a sua às costas, para casa, trazendo Baltasar Vaz mais os dois couros com a sua novilha, em que levava avantagem ao Vasco Fernandes. Tornando a montear no mesmo lugar, daí a um ano, foram dar com a própria novilha camarinha e, indo após ela, a mataram e acharam-lhe a costura soldada por onde lhe deram com a chuça no couro, e logo dentro outra costura no bucho, no meio do qual estava o ferro da chuça, amolado e luzente, como que se então saíra do escamel da mão do barbeiro.

Um Pero Ribeiro, natural do Nordeste, estando com um Fernandeanes, morador na ribeira do Salto, entrando um dia no curral, onde estava o gado vacum encurralado, uma vaca se enviou a ele e lhe deu uma encontrada grande na barriga, sem o fazer mover, nem mudar para parte nenhuma. Vendo ele isto, disse assim: dessa maneira sois vós; prometo-vos que vos hei-de ordenhar como cabra. Tomou-a então por uma perna e metendo-a na sua curva dele, ali a teve mão, sem ela mais bolir, e a esteve ordenhando como quem ordenha uma cabra. E a um touro que na ribeira do Salto, no pico Mocho, se vinha às novidades, sem ousar alguém aparecer diante, ele o tomou pelo rabo e lhe deu tanta pancada que nunca mais prestou.

Este mesmo Pero Ribeiro, indo o corregedor fazer correição ao Nordeste e achando-o culpado, o quisera prender. Indo ele fugindo à justiça, vendo estar por debaixo de um granel um buraco por onde entrava um porco, se meteu por ele e, saindo pela outra banda, acolheu-se a uma ermida de Nossa Senhora de Nazaré. Indo lá o corregedor, lhe perguntou como coubera por tão pequeno buraco, sendo homem tão grande, respondeu ele: se vossa mercê chegara mais cedo, vira o granel estar ainda tremendo, porque todo o levava eu às costas. Era grande de corpo e alevantava uma grande âncora até os peitos. Comia, só a um jantar ou ceia, uma cabra, por grande que fosse, e esfolando-a com os dentes, sem mais outra ferramenta.

Este Pero Ribeiro foi com o Capitão Manuel da Câmara a Cabo de Gué, e, quando tomaram a vila, tomou ele um montante nas mãos e matou tantos mouros que fez um bardo antre si e eles, tão grande que quase o não podiam passar e chegar a ele; e, vendo-se cansado, sem poder mais pelejar, disse aos contrairos: ora cães, comei-me agora e ali o mataram.

Houve nesta ilha um João Lopes dos Mosteiros, por morar no lugar deste nome, pai de João Lopes, que foi meirinho muitos anos, o qual teve tantas forças que, andando debulhando junto de uma rocha com uma cobra de gado e tirando-se o tamueiro do mourão, começaram as reses a cair pela rocha abaixo; arremeteu ele e pegou na que andava no mourão e fazendo finca-pé, teve todo o gado, estando já algumas penduradas na rocha, e se afogaram uma ou duas. Se um carro ia com dois bois, carregado, e por alguma subida cansava algum deles, o desapunha e no seu lugar com o outro subia o carro.

Tomava qualquer boi, e, pelo pé ou pelo corno, o fazia estar quedo.

Também seu filho, João Lopes, meirinho, e outro, Manuel Lopes, eram de grandes forças; e uma filha sua, chamada Maria Lopes, muito virtuosa e honrada, casada com Manuel de Oliveira, nobre e rico, é de tanta força, que uma mó que havia mister dois homens para a tirar e pôr na atafona, ela a tomava, metendo o braço pelo olho da mó e a tirava e tornava a pôr, sem

nenhuma ajuda, mui facilmente. Também tomava qualquer boi ou touro pelo corno ou perna e o fazia estar quedo.

E seu pai, João Lopes, no porto dos Mosteiros, tomou às costas um quarteiro de trigo, em dois sacos, e uma tarrafa cheia de peixe, e levou tudo para sua casa, caminho que passava de légua; e assim trazia qualquer boi ou vaca morta, da serra, como se fosse uma cabra. Tomava também um asno pelas mãos, com uma mão, e com outra, pelos pés, sem mais o atar, e, pondo-lhe a cabeça na barriga, o alevantava às costas e levava para onde queria; e alevantava outros mores pesos.

João do Monte, o Velho, filho de João de Piamonte, da vila da Ribeira Grande, tomava uma mó de engenho de pastel e a carregava só, sem ajuda de outrem, em cima de um carro.

Um Belchior Lucas, morador na vila da Alagoa, tem tanta força que, quando lhe cansa um boi, serve em seu lugar por ele.

Baltasar Roiz de Sousa, que morava a Santa Clara, junto da cidade da Ponta Delgada, tomando qualquer touro pelo corno e, com a outra mão, pelo queixo, o derribava. Este mesmo, vendo em uma rua da dita cidade arrancar dois homens, não levando ele espada, arremeteu a um cão que viu e tomando-o por uma perna, esgrimindo com ele entre os que pelejavam, os apartou logo com esta arma.

O mesmo Baltasar Roiz de Sousa, trazendo-lhe um homem honrado, seu amigo, a casa um seu mouro que lhe havia fugido, rogando-lhe que o não castigasse por aquela vez, por amor dele, prometeu que assim o faria, dizendo ao mouro que se mais fugia o havia de açoitar cruelmente. Resmungando o mouro, lhe mandou que se calasse, senão que o açoitaria. E dizendo o mouro: si, açoitar como afirmando que o não podia fazer, arremeteu a ele e tomando-o com as mãos pela barriga, o deitou no chão, dando-he alguns coices. Acudindo-lhe então os que com ele estavam jogando e folgando, viram correr muito sangue da barriga do mouro, que lhe acharam aberta, com as tripas fora, pelo lugar por onde o senhor o tomou com as mãos, com sua muita força.

Este mesmo, prendendo o ouvidor do Capitão, André Fernandes Fafes, a seu irmão Pero Roiz, que andava em um arruído na praça, fazendo com uma partezana (sic) grandes finezas, vendo preso seu irmão, com a capa e espada que trazia, fez tal caminho pela gente que andava no arruído, que chegou onde o ouvidor o tinha preso e lho tirou das mãos. E, sendo ambos somente, se defenderam mais de uma hora, até que Pero Roiz segunda vez se pôs nas mãos do ouvidor, obedecendo à justiça, e Baltasar Roiz o fez soltar outra vez; em a qual envolta, achando-se o ouvidor ferido no rosto, deu um brado, que da parte de el-Rei o prendessem, e toda a justiça, com mais de duzentos homens que ali se acharam, os não puderam prender e se foram para suas casas. O ouvidor o acusava que ele o ferira, e ele defendendo-se, entre outros artigos em sua defesa, fez um em que dizia ser homem de tanta força que, ainda que quisera dar pequeno golpe, não pudera, por onde se via claro que o mesmo ouvidor se ferira nas guardas da sua espada.

Vindo ele um dia de pescar e estando para jantar, lhe deram aviso que o ouvidor, com toda a justiça e muita gente, se faziam prestes para o prenderem; perguntando ele se iam já e dizendo-lhe que não, se pôs a jantar mui quieto, pondo todavia uma espia que lhe desse sinal. Estando comendo, avisado que já iam, se pôs a cavalo com muita desenvoltura, tomando uma lança em uma mão e adarga na outra; e em vez de acolher à serra, se foi passeando para a cidade e chegando uma carreira de cavalo de Santa Clara, chegava a justiça, com mais de cem pessoas, à mesma ermida. Enristou ele então a lança, batendo as pernas ao cavalo, com grande brado que se guardassem, e, arredando-se todos da grande fúria que levava, se acolheu à dita ermida.

Estando em sua casa, sendo ainda mancebo, foi ter com ele Lopo Cabral de Melo, grande cavaleiro, para ver um seu cavalo, bom ginete, mas desenfreado; e cavalgando nele em um sarrado (sic) detrás de suas casas, o botava a uma mão e à outra, com muito ar e desenvoltura; mas, correndo uma carreira, o não pôde parar, e vendo que o cavalo se ia meter entre as casas, se botou fora da sela, quase ficando como afrontado disso. Então cavalgou Baltasar Roiz e, correndo, fez o cavalo outro tanto com ele, e não ousando de tirar rijo pelo freio, receando de o quebrar, abaixando-se, o tomou pela barbela e tirou com tanta força, que pôs o rosto do cavalo na sua coxa e o fez estar quase de todo quedo.

Também em uns sarrados abaixo da Serra Gorda, tomou um poldro, que ia a quatro anos, muito bravo e furioso, e com uma corda o teve sem bulir pé, nem mão, o que muitos homens juntos não puderam fazer.

Apostando ele com um seu vizinho de cortar de um golpe um cão grande de filha (sic), pelo meio, o cortou pelo lombo, ficando quase em dois, pegado somente pelo couro da barriga. Cortava também, de um golpe, um porco grande, dependurado, pelo meio; e, uma vez, tomou um burro e o pôs além de uma parede, pela não derribar o almocreve que por ali passava. Também lhe viram quebrar com as mãos duas ferraduras juntas e alevantar pelos pentes uma pipa de vinho. E, abaixo de sua casa, estando cinco ou seis homens sem poder tirar uma égua de uma rilheira de carro, muito funda com as chuvas, onde caíra, junto da rocha, ele só, fazendo uma cova para afirmar os pés, a tomou pela cabeça e botou fora, chamando àqueles homens borrecas (sic) ([310]).

Indo o mesmo Baltasar Roiz ao lugar dos Mosteiros, sobre um cavalo, ao longo de um grotilhão, quebrou a terra com ele, e deitando-se fora da sela, caiu o cavalo em baixo, onde ele desceu; e, metendo-se debaixo dele, o alevantou e pôs fora do grotilhão, selado e enfreiado como estava. Teve um irmão chamado Pero Roiz (como já disse), mui valente e de grandes forças; como tem também dois filhos, Pero Roiz de Sousa e Brás Coelho, mui esforçados, forçosos e animosos. E seu pai, chamado Bartolomeu Roiz, também teve as mesmas forças e valentia, o qual, indo a montear à serra, tomava uma vaca e, matando-a, lhe tirava as tripas fora e levava só, às costas, grande espaço, até achar lugar limpo onde a pudesse esfolar e esquartejar.

Na freguesia da Bretanha, houve um mancebo, chamado o Casco, que levava às costas vinte alqueires de trigo.

Um João Teixeira, da vila da Ribeira Grande, foi de grandes forças; o qual, estando uma vez para tomar uma novilha de dois anos, muito brava, para debulhar, e não querendo ela ir à cobra, disse ele aos que ali estavam: — ora, deixai-me com ela, que eu vo-la trarei —. Foi-se a ela e tomando-a em peso nos braços, como se fora uma criança, a levou à eira, onde a meteu na cobra.

Seu filho, Bartolomeu Teixeira, também foi tão forçoso que, levando uma vez um carro de lenha e vendo um dos bois fraco, o tirou dos canzis, e tomando a canga nos braços, com o outro boi que ficou, tirou o carro por um arrebentão e ladeira acima. E saindo-se-lhe uma vez o eixo de um carro, carregado de lenha, dos coucões, ele só, alevantou o carro pelo arrecavem (sic), por detrás, e outro lhe tornou a meter o rodeiro nos coucões. Também era de tanta força que nos Biscoitos, de Rabo de Peixe, quebrava qualquer barra, por grande e grossa que fosse, metendo-a em rocha forte. Tendo um boi tachoso, que não queria ir à canga, como ele desejava, o tomou pelos cornos e de tal maneira lhe pôs as mãos, com tão grande força, que lhe desarreigou um corno. Correndo os touros na praça da Ribeira Grande, um dia de festa, saltou um touro o palanque, e indo fugindo pela ponte, por onde o Bartolomeu Teixeira vinha, vendo o touro junto de si, deixou cair a capa e desviando-se dele, lançou mão do rabo, e depois de uma perna, e ali o teve quedo, até que veio gente, que o tornaram a levar ao corro (sic). Este homem ao presente é vivo e, ainda que muito velho, não perdeu muita parte das forças.

Um Nuno Vaz, da Ribeira Grande, era de tanta força que, por grande que o touro fosse, se lhe lançava mão do corno, tinha mão nele e, tomando-o com a outra mão pela barba, o derribava. O mesmo fazia Manuel Roiz, o Potás.

Um Francisco Gonçalves, lavrador, da governança da vila do Nordeste, era tão forçoso que indo uma vez com um carro pelo espigão do porto da dita vila abaixo, que é muito íngreme e temeroso, por ter rocha mui alta de ambas as bandas, quebrando-lhe o canzil da canga a um boi e não tendo com que o remediar, se pôs em lugar do boi solto, ajudando ao outro, e assim levou o mesmo carro, carregado com um moio de trigo, abaixo ao porto — que não parecerá tanto a quem o ouvir, quanto a quem souber aquele dificultoso caminho

Aires Jácome Correia é homem de tão grandes forças e esforço que, acendendo-se o fogo no rio de Lisboa, em um galeão de el-Rei, que tinha duas naus da Índia, uma de uma parte e outra da outra banda, em que se houvera de apegar o mesmo fogo e arder tudo em cuja companhia ele fora da ilha Terceira, encarregado por João da Silva do Canto, acudiu ele em um batelão e, desamarrando o galeão, o apartou das naus da Índia e lhe valeu com lhe cortar

as varandas e obras mortas do castelo de avante, com que se salvou ele e as naus da Índia, e com pouco custo se tornou a consertar; ficando Aires Jácome escaldado pelos lombos, do alcatrão que derretido, de riba das obras mortas, lhe caiu pelo pescoço abaixo, de que ficou assinalado pelas costas, com uma malha branca na carne.

Cristóvão Luís, filho de Pero Luís, morador na vila de Água do Pau, foi extremado cavaleiro e teve tão grande força que atirava com um dardo, tanto como uma besta tira uma seta, ou mais.

CAPÍTULO LXII

DA VALENTIA, ESFORÇO, MANHAS E DESTREZAS DE ALGUMAS PESSOAS DA ILHA DE SÃO MIGUEL

Já que tratei das forças, direi também a valentia e esforço, manhas e destrezas de algumas pessoas desta ilha, porque de todas não pude saber.

Um Rui Dias se foi desta ilha, sendo muito mancebo, e se pôs com um senhor em Castela e, por ser bom cavalgador, o serviu de lhe amansar cavalos. Daí se passou para Arzila, onde lhe aconteceram muitas coisas com os mouros, e deles foi muitas vezes cativo; entre outras, lhe aconteceu uma mais notável, que agora direi.

Sendo capitão em Arzila D. Manuel Mascarenhas, em absência do conde do Redondo, D. João Coutinho, estavam na dita vila dois cavaleiros, naturais desta ilha, sc., Roque Afonso, do lugar de São Roque, e o dito Rui Dias, de Vila Franca, filho de Diogo Dias Brandão, morador nas Grotas Fundas, da Ponta da Garça, ao qual aconteceu o que ouvireis. Um dia, um mourisco já cristão, que era almocadém em Arzila (que assim se chama o que vai por capitão de alguma gente, quer muita, quer pouca), chamado António da Silveira, valoroso cavaleiro e muito estimado do capitão, determinou ir tomar um par de porcos, para o que escolheu certos mancebos, filhos de cavaleiros, a que não soube os nomes, e convidou para esta caça a Rui Dias, o qual não se podendo escusar, por serem muito amigos e compadres, foi com ele contra sua vontade; e como não iam mais que a caçar, por terem certeza que eram os alcaides por el-Rei a Fez chamados, não levavam mais armas que lanças de monte, sem adargas. Chegados ao lugar onde começaram a caça, viu o almocadém António da Silveira a trazeira duns almoguavres ([311]) mouros que se iam abscondendo para uma serra e, chamando a Rui Dias, se puseram em conselho sobre o que fariam, entendendo que eram já sentidos dos mouros, parecendo-lhes que lhes tinham dado na trilha. Não sendo assim, e vendo que não eram os mouros mais de treze, se determinaram escaramuçar com eles. Chamados os mancebos que andavam embaraçados na caça, os esforçou e animou a pelejar; e com muito esforço se descobriram e mostraram aos mouros. Indo marchando para eles, os mouros se iam desviando, parece que para reconhecerem se era alguma cilada. Perguntou então António da Silveira a Rui Dias se os conhecia, porque tinha conhecimento de muita gente daquela fronteira; disse-lhe que perguntasse quem era o seu almocadém, e respondendo-lhe com o nome dele, lhe tornou a dizer que, pois fora sempre cavaleiro, porque se mostrava então judeu, sendo treze contra sete, que virassem; os mouros o fizeram. E de tal maneira pelejaram cinco mancebos, com o favor do almocadém e de Rui Dias, que os desbarataram.

A Rui Dias aconteceu que, encontrando-o um mouro, lhe desviou com sua lança de monte o encontro, e vindo a braços, levando o mouro de uma gomia, lhe atravessou uma coxa a Rui Dias; o qual, tomando-lha da mão, o matou com ela. Nisto o encontrou outro, atravessando-o com a lança; e, caindo do cavalo, acertou de tomar a lança do mouro que tinha morto, e levantando-se enrestou (sic) com o mouro que o tinha ferido, o qual vinha já com outro golpe sobre ele, e, como o viu determinado, temeu, dando-lhe as costas; mas, por trazer já o cavalo tão cansado, se não pôde sair tão presto, que primeiro o alcançou Rui Dias por cima do arção e o derribou, atravessado na lança. Nisto caiu Rui Dias, arrevesando, esvaído do muito sangue, que lhe corria das feridas; onde veio ter com ele o almocadém, quase morto, porque estando já ferido de algumas feridas, acabando de matar um mouro, outro de través lhe deu uma lançada pela garganta, da qual dali a pouco morreu, porque depois de Rui Dias ser ferido, não teve quem o guardasse. A este tempo tinham já mortos, dos mouros, os dez; os três escaparam embrenhados e bem feridos, e os nossos quase todos feridos de morte. Mas, assim feridos, tomaram todos os treze cavalos e caminharam para Arzila, mui louvados, pelo

caminho, do seu almocadém António da Silveira que, chegando a uma légua de Arzila, lhe morreu, sendo um dos bons cavaleiros que então havia.

Rui Dias correu muito perigo e os mais dos outros estiveram à morte; mas muito mais perto dela Rui Dias, que todavia convalesceu e esteve por fronteiro em Arzila até que el-Rei a largou. Então tornou a esta ilha, seu natural, e daqui se foi para as Índias de Castela, donde mais não houve novas dele. Quiseram dizer que falecera em uma nau que vinha de lá e se perdeu na costa do norte desta ilha, defronte do lugar dos Fanais, termo da cidade da Ponta Delgada, mas não se sabe a certeza.

António de Sá, filho de João de Betencor e de D. Guiomar de Sá ([312]), moradores e naturais da cidade da Ponta Delgada, era homem comprido, alvo do rosto, formoso, bem posto e delgado do corpo, tão forçoso e valente que dizem que no cerco de Cabo de Gué (onde ele havia ido com o Capitão Manuel da Câmara, quando foi lá em favor do dito cerco), saiu um mouro, valente cavaleiro, desafiando aos portugueses, e querendo sair a ele este António de Sá, lho não consentiu o Capitão Manuel da Câmara. Ele, tomando a licença que lhe não queriam dar, dizem alguns que saltando pelo muro ou buscando maneira para sair por alguma porta ou postigo, foi ter com o mouro que o estava esperando dentro das tranqueiras, e tendo ali seu desafio, ambos a pé, arremeteu António de Sá ao mouro, e, como era homem grande e de grandes forças, o tomou às costas e levou ao Capitão, o qual ainda que se alegrou com tal vitória, para aviso de outros que se não desmandassem como ele, o mandou prender. Alguns dizem que esta prisão foi sobre palavras que António de Sá disse ao Capitão, por lhe querer tomar o mouro, sabendo que era pessoa de grande preço e estava certo por ele. Outros afirmam por mais certo que saiu António de Sá de noite, para tomar língua, e achando um mouro, bom cavaleiro, o venceu e trazendo-o às costas lhe fez o mouro uma grande ferida, mas nem por isso o deixou de trazer preso diante do seu Capitão.

Era este António de Sá tão forçoso que alevantava dois homens do chão, postos com os pés nas palmas das mãos. Também se punha em pé, dizendo que lhe dessem com uma tranca nas curvas das pernas quão grande porrada quisessem, que o não fariam acurvar; e assim o fazia.

Vindo a esta ilha um capitão de uma caravela de armada, que el-Rei mandou, buscar um cofre de dinheiro que aqui tinha, das rendas desta ilha, sendo um homem muito grande de corpo e valente, perguntou por este António de Sá, em Vila Franca, onde surgiu, por não o deixar o tempo tomar a vila da Ponta Delgada; e sabendo que havia pouco tempo que era falecido António de Sá, na mesma vila da Ponta Delgada, mostrou grande sentimento e tristeza de sua morte, por haverem sido ambos companheiros na guerra, e contava muitas coisas de sua valentia, dizendo que se António de Sá mostrara mais gravidade da que mostrava e se prezara das coisas sinaladas que fazia, sempre tivera grandes cargos, porque os merecia bem pelo valor e esforço de sua pessoa, os quais também não desmerecia por sua linhagem e sangue de que procedia.

Dizem também de um Gaspar Vaz (parente de Baltasar Vaz de Sousa, morador que foi e natural da vila da Ribeira Grande), que, andando nas guerras de Itália, mereceu por seu ânimo, valor e esforço, a capitania de uma companhia, e que, em um encontro que teve com os mouros, os venceu e lhe tomou as insígnias e bandeiras, uma das quais foi um mui formoso e grande estendarte (sic) de damasco cremezim (sic) em que estavam as armas e divisa dos imigos, e o mandou a esta ilha, a seu pai, ou a seu irmão; o qual estendarte andou muito tempo nesta ilha, até que se rompeu, por não o guardarem nem estimarem seus parentes, nem o saberem ter na conta que devera ser tido.

Também se conta de um parente deste Gaspar Vaz, chamado Rolão Vaz, natural desta ilha, que, havendo tido certas competências um seu tio, João de Sousa, homem já de dias, e ele bem mancebo, com André Gonçalves de Sampaio, chamado o Congro, mui aparentado e rico, sendo eles ambos, tio e sobrinho, idos às Furnas negociar sua fazenda, os foi o André Gonçalves esperar com dez ou doze parentes seus e criados à ribeira da Abelheira, aquém da Ponta da Garça. E, querendo eles partir das Furnas, disse o Rolão Vaz ao tio, arreceando já o que poderia ser, que fossem por outro caminho, que se chama do Sanguinheiro, que é pela serra, e não pela estrada comum, por não cair em algum encontro ou perigo, ao que lhe respondeu o tio, dizendo: ah, rapaz, já isso parece medo! E não querendo o tio senão vir pela estrada comum, vindo ambos até junto da mesma ribeira da Abelheira, havendo vista da gente que estava emboscada, disse ao sobrinho: saiamo-nos da estrada, subamos cá por riba. Ao

que respondeu o sobrinho: agora já não é tempo, como quem dizia: não quisestes isto quando eu vo-lo dizia que era tempo em que sem prejuízo da honra se pudera fazer; agora adiante havemos de ir, para saberdes se sou covarde ou não. Indo por diante, lhe saíram os contrairos ao encontro e mataram ao tio, e o sobrinho Rolão Vaz ficou mal ferido; mas eles ambos o fizeram tão valorosamente, que todos os contrairos foram feridos e deles muito maltratados. Então se foi André Gonçalves de Sampaio, chamado o Congro, desta ilha, e andou alguns anos absente dela, em África e outras partes, sem tornar a ela, até saber que era morto Rolão Vaz. E vindo se pôs em livramento.

Houve também nesta ilha dois homens fidalgos, mui valentes; um muito grande, chamado Rodrigo Afonso Colombreiro; outro mui pequeno, por nome Duarte Roiz Cabea, filho de Afonso Roiz Cabea. Desafiando-se ambos, na vila da Ponta Delgada, se encontraram uma noite e arrancaram, jogando mui valentemente as cutiladas grande espaço, sem os sentir ninguém, por eles não bradarem, e tendo o pequeno já ferido muito ao grande, se meteu tanto debaixo dele que o grande, com os terços da espada, lhe fendeu a cabeça, e morreu logo. Sendo depois, pelo corregedor Hierónimo Luís, espiado Rodrigo Afonso, saindo ele da igreja a um pardieiro, o meirinho Francisco Vaqueiro, remetendo a ele, o prendeu; e, antes que acudisse mais gente, tomou Rodrigo Afonso às costas o meirinho, como saco de trigo, e com ele foi correndo para a igreja, e sacudindo-o de si, ficou solto no adro.

Um Simão Lopes de Almeida (que depois foi capitão da ilha do Fogo, no Cabo Verde, onde casou com Maria Ferreira, da casa do conde de Portalegre), sendo morador nesta ilha de São Miguel, na vila da Ribeira Grande, e sendo nela juiz ordinário, tendo notícia que uns negros, escravos de Pero Roiz da Câmara, tinham furtado uns porcos a um João Gonçalves, tecelão, ele os foi buscar, e prendeu somente dois que achou, aos quais trazendo pela porta de seu senhor, saíram D. Margarida, sua mulher, e D. Catarina Ferreira, sua cunhada, com outros criados de sua casa, para lhos tomarem. Não os querendo ele largar, um Pero Gonçalves, palheiro, criado de Pero Roiz da Câmara, por detrás o feriu na cabeça; ele, não fazendo caso disso, não fez autos dele, senão delas somente, por serem fidalgas e mulheres, estimando muito a resistência que lhe fizeram. E logo deu uma sentença que no Reino, para onde apelou, se cumpriu em parte, e não em todo, sem condenar a Pero Gonçalves, palheiro, criado delas, por ser homem baixo.

Depois, andando o dito Simão Lopes jogando as canas um dia, na praça da vila da Ribeira Grande, lhe caiu o sombreiro da cabeça e aparecendo nela o sinal da ferida, disse o Pero Gonçalves que estava presente: assinado vai aquele galante do meu ferro. Sabendo isto Simão Lopes de Almeida, sentiu então mais a injúria daquelas palavras que a cutilada, quando a recebera; e determinou vingar-se, para o que se foi à serra da Maia, onde o outro andava, e com um seu próprio manchil, que o Pero Gonçalves trazia na cinta, lhe deu tanta cutilada pelo rosto e pelo corpo que se não pôde alevantar. Simão Lopes despiu sua camisa e, fazendo-a em pedaços, lhe apertou as maiores feridas, e, tomando-o às costas, como se fora seu grande amigo, o levou até sobre o lugar da Maia, em vista de sua casa, do ferido, perguntando-lhe se se atreveria ir dali para casa, senão que o levaria, porque queria ir à vila da Ribeira Grande buscar o mestre que o curasse. Pero Gonçalves se atreveu ir para sua casa. Simão Lopes foi com muita pressa, em cima do seu cavalo, e lhe mandou da Ribeira Grande o mestre Pero Vaz, o melhor cirurgião que então havia nesta ilha, que o curasse à custa dele mesmo, que o mandava; e assim o fez. E, depois dele curado, o foi visitar, como amigo, dizendo-lhe: quando outra vez fizerdes outra tal, não vos gaveis (sic) de tal homem como eu, porque, sendo eu juiz, vos pudera então bem castigar por justiça; mas, não estimando o que me fizestes, por serdes homem pobre, o não quis fazer, e vossas palavras depois me incitaram mais a ira, que vossas obras.

Mandando el- Rei D. Manuel três sinos grandes a esta ilha, um para Vila Franca, outro para a Ponta Delgada e outro para a Ribeira Grande, e sabendo os oficiais da Câmara da dita vila da Ribeira Grande que eram chegados a Vila Franca, receosos que lá escolhessem o melhor, ordenaram de ir buscar o seu e na escolha serem melhorados; para o que escolheram certos homens honrados, forçosos e valentes de suas pessoas, para qualquer sucesso, entre os quais foi um Pero Teixeira e Baltasar Vaz de Sousa e o dito Simão Lopes de Almeida, que levavam seus homens estribeiros, e carro posto no porto da vila da Alagoa, e batel por mar com alguns deles, e os de cavalo por terra. Foram todos a Vila Franca. Chegados lá, tiveram muita dúvida com os da Vila, que tinham escolhido o melhor sino, já apartado dos outros, em cima do qual se assentou Simão Lopes de Almeida, com a capa e espada feita, dizendo em alta voz que

quem o tirasse de cima dele, ali havia de acabar seus dias. Apelidando os da Vila gente, ergueu-se Simão Lopes e com os mais companheiros levaram o sino ao porto e, metendo-o no batel, remaram para a Alagoa, e os mais, à espora fita, para lá direitos por terra, onde chegando, puseram o sino no carro, e no mesmo dia, o levaram à sua vila da Ribeira Grande, onde ficou para sempre, sendo o melhor sino das ilhas; ainda que já é o pior, por haver poucos anos que quebrou e não serve.

Um Gaspar Homem da Costa, morador em Vila Franca, indo-o buscar uma noite dois homens, Gaspar Dias, vianês, e Simão Fernandes, o Namorado, algaravio (sic), para o espancar, ele só os feriu a ambos e depois curou a um deles, à sua custa, e o teve em sua casa, até que o embarcou; o qual ferido, quando se queria embarcar, foi com alguns algaravios para se vingar do dito Gaspar Homem, e ele só os saiu a receber, com a capa e espada, e lhe deu algumas galinhas e coisas para o mar, sem os outros ousarem de o acometer. E assim se foram embarcar, sem fazer nada.

Houve nesta ilha um Belchior Baldaia, filho de Gonçalo do Rego, grande cavaleiro, que jogava grandemente de bastão e de lança, de pé, fazendo muitas galantarias, muito para ver, com cada coisa destas. O qual, no tempo que o Imperador Carlos quinto veio a Espanha, ensinava lá os cavalos encobertados por mandado de Guterre Queixada ([313]), e das armas de pé e de cavalo, não achou quem lhe fizesse avantagem. E, muitas vezes, saltou dois cavalos de um salto, sem lhe pôr pé, pondo somente a mão no primeiro. De riba de um cavalo, a espora fita, lançava um bordo (que é uma vara de dez ou doze palmos com um cordão de linho no meio) tão longe como uma besta deita um virote, e às vezes mais. Dizem que pôs carta de desafio, na cidade de Évora, de todas as armas de pé e de cavalo, e que nenhum o venceu nelas. Foi tão grande jogador de pela, por riba da corda, que não achou em Espanha quem lhe fosse igual senão o Pranchas. Jogando a pela com o Infante D. Luís, acabado o jogo, com uma pequena corrida, saltou a corda por cima sem bulir o cascavel, o que vendo o Infante lhe mandou dar vinte mil réis. A mesma desenvoltura tinha no batalhar e dançar. O qual afirmava quando veio a esta ilha, vendo os cavaleiros e gente dela, que não vira outra, por onde andara, para mais, assim de forças, como de cavalgar a cavalo, onde ensinou a muitos algumas de suas habilidades, uma das quais era, correndo a cavalo, apanhar muitas vezes as laranjas pelo chão; e na carreira lançou uma cana, da cadeia das mulheres, na cidade da Ponta Delgada, até às casas de Gaspar Ferreira, atirando-a com tanta força que ficou nas ancas do cavalo e quase no meio da praça se acabou de pôr na sela. Muitas vezes quebrava com as mãos uma ferradura, por grossa que fosse; e tomava dois homens, cada um em sua palma da mão, pondo-lhe eles as mãos na cabeça, e assim os levava até vinte passos. Na praça da cidade, tomou um quarto cheio de água e, alevantando-o nas mãos sobre os peitos, bebeu pelo batoque. Punha mais a mão em uma parede e dois homens forçosos lhe punham um pau ou tranca na palma, sem lha poderem esmagar, antes ele os arredava para trás. Muitas vezes, no começo da carreira, dava uma palmada nas ancas do cavalo e botava a correr a pé, sem o cavalo o alcançar até o cabo dela. Uma vez, vendo em Évora um cavaleiro correr uma carreira em pé no cavalo, não podendo ele fazer outro tanto, correu outra carreira, com uma lança pelo conto, posta a mão no nariz; o que o outro cavaleiro não podendo fazer, lhe disse ele que fosse uma por outra.

Era também Belchior Baldaia tão grande lutador que, armando-se uma luta em um império que se fazia no lugar dos Mosteiros, derribou quatro homens, com o braço esquerdo atado na coxa, estando em calças e em gibão e descalço. Sendo já homem todo branco, e um Lucas de Resende, grande de corpo e muito forçoso, mancebo de até vinte e cinco anos, lutando com ele, tendo Belchior Baldaia a mão esquerda no cinto, andando grande espaço sem se poderem derribar, por fim caíram ambos, mas a queda foi de Lucas de Resende. O mesmo Belchior Baldaia, na cidade da Ponta Delgada, aguardou no corro um touro de seis ou sete anos, muito bravo, o qual arremetendo a ele, lhe furtou o corpo e deu um cutilada pela coxa, que quase lha decepou toda, e caiu logo em terra. Na mesma praça, com uma pequena corrida, dava duas passadas pela parede das casas que foram do bacharel João Gonçalves e entrava pela janela. Também a cavalo, corria com duas lanças nas mãos e o freio na boca, e saltava quarenta e cinco pés, de três saltos. E com uma barra de vinte e cinco arráteis, tirava quarenta e sete pés.

Houve nesta ilha, no lugar dos Fenais, termo da Ponta Delgada, um homem que chamavam o Lutador, tão famoso em forças e luta que todos o temiam. Logo após este, havia outro, chamado João da Uça, lutador do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, e este dava obediência ao dos Fenais. Vinham neste tempo a estas ilhas muitos algaravios buscar trigo, entre os quais

veio um marinheiro de muita força e manhoso, que em todo o Algarve era único lutador, o qual, perguntando se havia nesta ilha algum homem que tivesse fama de lutar, lhe disseram que nos Fenais o acharia; onde se foi o algaravio e perguntando por ele, lhe responderam que mais adiante estava armando uma casa com caibraria. Chegando a ele, perguntou aonde vivia o lutador, ao mesmo, que estava falquejando. Olhando o lutador para o marinheiro, conheceu logo que também era lutador e o vinha buscar, pelo que a resposta que lhe deu, foi tomar um mui grosso caibro pela ponta, com uma só mão, e apontou para a casa onde vivia, dizendo: ali vive esse homem por quem perguntais. Quando viu o marinheiro tal força que com uma só mão tinha um pau tão grande e pesado, alevantando-o pela ponta e com ele apontava a casa, como se fora com uma vara ou cana muito leve, ficou maravilhado e lhe contou ao que vinha, dizendo que com ele não queria desafio e se dava por vencido. Comeram então ambos, ficando grandes amigos. Era este lutador quase igual em forças a Marcos de Braga, da ilha da Madeira, e dele houve geração nesta ilha. Dizem que procedeu da primeira pessoa que nasceu na ilha de Santa Maria.

Na vila do Nordeste, houve dois irmãos, Baltasar Vaz e Pedro Anes, um dos quais, saindo a lutar, em um império que se fazia na festa do Espírito Santo, não ousou ninguém sair à luta; pelo que muitos homens honrados, que estavam presentes, acabaram com eles que lutassem ambos, o que fizeram com importunações e rogos. Andando muito espaço sem derribar um ao outro, enquanto lutavam, foi um parente dizê-lo à mãe deles, já casados, que não tinham pai. Ouvindo isto, a mãe tomou o manto e debaixo dele um pau que afeiçoou para isso; e chegando a eles que andavam apegados, largou o manto e com o pau lhe deu muitas pancadas, dizendo-lhes: para isso vos pari eu, para serdes um contra o outro; comigo tende a luta e desafio. Desapegaram-se então um do outro e fugiram da mãe, com que ficou a luta e a briga desfeita.

João de Aveiro, da vila da Ribeira Grande, corria a um cavalo a anca revolta, e também tão ligeiramente pelo areal, ao longo do mar, que lhe não achavam rasto, senão de meio pé para diante.

João Roiz Carreiro, filho de Bartolomeu Roiz, da Serra, corria a qualquer cavalo a anca revolta. E desafiando-o um Francisso Anes, criado de seu pai, dizendo que havia de correr mais que ele, lhe respondeu: se eu correr mais que vós, nenhuma honra ganho e, se correr menos, perco muito; por isso correrei convosco ou com as mãos atadas atrás, ou com uma barra nelas, e tomando uma barra de vinte e dois ou vinte e três arrates (sic) nas mãos, correu com ela mais que ele. O mesmo João Roiz pondo dois homens de boa estatura, cada um de sua parte, uma lança nos peitos, sem correr de longe, senão dando duas passadas, rijo, saltava por cima da lança.

Adão Lopes, da vila da Ribeira Grande, corria tão ligeiro que não achou quem corresse tanto como ele, senão só um, chamado Galvão.

Um Brás Dias, da Ribeira Grande, foi o melhor jogador de pela que houve em todas as ilhas dos Açores, porque jogando de ambas as mãos, tanto lhe dava jogar com uma, como com outra; e, logo após ele António Roiz e Fernão Martins, do lugar da Maia.

CAPÍTULO LXIII

DE COISAS DIVERSAS QUE ACONTECERAM NA ILHA DE SÃO MIGUEL E PESSOAS QUE NELA HOUVE DE GRANDE IDADE

Já que não posso bem saber a ordem dos tempos, sem a guardar contarei várias coisas que aconteceram nesta ilha.

No tempo que el-Rei D. Afonso trazia guerra com el-Rei D. Fernando de Castela e Aragão, vieram a estas ilhas duas naus de castelhanos com determinacão de roubarem e meterem a saco (sic) as povoações delas, e como Vila Franca do Campo era então a mais populosa e rica que em todas as ilhas havia, lançaram âncora em um ilhéu que está junto da dita vila, determinando de efectuarem seu desejo. Vendo os da vila as naus e temendo o que podia ser, se fortificaram, com valos e tranqueiras, o melhor que puderam, e não havendo bombardeiro, nem outra pessoa que atirasse com uma espera que tinham, um religioso de São Francisco, que ali se achou, a assestou às naus e lhe pôs fogo, e foi tão bem guiado o pelouro e o religioso fez tão bem o ofício de bombardeiro que derribou a uma nau o masto (sic) ([314]) do meio, matando-lhe muita gente.

Vendo os castelhanos tão grande destroço feito com um só pelouro, se alevantaram logo do dito ilhéu e foram para a ilha Terceira. Na dita vila não havia mais que aquela espera ([315]) e aquele só pelouro, nem mais pólvora, a qual espera se perdeu quando correu a terra sobre Vila Franca e está hoje em dia debaixo dela, sem a tirarem por não saberem lugar certo onde estará.

Chegando os castelhanos ao porto de Angra, desembarcaram nele e roubaram a vila que a este tempo era povoação mui pequena e não estava tão forte e guarnecida, como agora está, com muita artilharia e fortalezas que tem. Depois que os castelhanos se foram com as naus carregadas de presas que nesta ilha e outras fizeram, edificaram os moradores da vila de Angra um castelo, que agora está situado em um outeiro que cai sobre a cidade, que para o tempo em que se fez era assás forte, movidos a fazê-lo por arrecearem a tornada dos castelhanos.

Por esta causa também se edificou a vila de S. Sebastião em um grande vale, junto de uma serra mui alta, afastada de um bom porto que tem, tendo-se os moradores dela por mais seguros, vivendo afastados da costa do mar.

O castelo da cidade de Angra, com novas de cossairos e guerras que recresceram, foi depois bem fortalecido para se recolherem as mulheres nele, quando houver algum acometimento de contrairos; pois veio tempo que os moradores destas ilhas, dantes tão seguros e quietos, tenham muitas vezes sobressaltos e rebates de piratas, com que vivem como em fronteira de imigos, como fronteiros de África.

Um João Dorta, das partes de Besteiros, por ser homem de respeito, o fizeram ouvidor no concelho daquele lugar, o qual ofício servindo ele contra sua vontade, ouvindo dizer da fertilidade desta ilha, se foi à cadeia e fez pergunta a cada um dos presos da causa de sua prisão, a qual sabida soltou a todos, ainda que alguns tivessem graves crimes. Feito isto, se veio para esta ilha, onde teve na Ribeirinha, da vila da Ribeira Grande, algumas terras, e na dita vila parte da rua, que se chama de João Dorta. E desbaratou depois tudo para se tornar, como tornou, estando já esquecido o que fez. Depois de ser lá, se tornou a vir e morrer nesta ilha, onde tinha um filho honrado e cavaleiro, feito em África, chamado Álvaro Dorta.

No tempo que se foi desta ilha, havia nela alvará de el-Rei D. Manuel que toda pessoa, que desse fazenda ou mercadoria fiada, ficasse em vontade e querer do devedor pagar-lhe a dívida ou não. Sendo o alvará apregoado e vindo a notícia de todos, querendo-se embarcar o dito

João Dorta, mandou um porteiro apregoar que toda pessoa, a que ele devesse, viesse aquele dia à tarde à praça e ali lhe faria pagamento do que lhe devia. E vindo ele com um gaiteiro de gaita de fole, como então se costumava, mandou pôr mesa e cadeiras na praça e assentar e tanger o gaiteiro, onde vieram os accredores (sic), um dos quais era Pantaleão Fogaça, mercador portalês e rico, e o dito João D'Orta disse a todos que estava ali com sua pessoa e dinheiro para lhes pagar, com tal condição que cada um havia de bailar ao som da gaita. Aceitaram todos a condição, senão Pantaleão Fogaça, dizendo que pela vida o não faria, quanto mais por dinheiro. Mas, vendo a João Dorta fazer pagamento aos mais e não a ele, botou a capa fora dos ombros e pôs-se no terreiro a saltar e balhar, ainda que o sabia mal fazer, e com isto foi satisfeito e pago da dívida.

É esta ilha de São Miguel de tão bons ares e sadia, que vivem os moradores muito tempo nela, e muitos, assi homens, como mulheres, chegaram a cem anos e passaram, que por serem muitos não nomeio todos, por escusar prolixidade. Somente direi alguns, antre os quais foi uma Maria Anes, mulher de um João Moreno, bisavô do chançarel Belchior Gonçalves, que viveu cento e oito anos e tinha muitos filhos, netos, bisnetos e tresnetos (sic). Quando faleceu, se acharam à sua cabeceira trinta pessoas que procederam dela, a cada um dos quais deitou sua bênção, estando em todo seu siso, aconselhando-os a todos que fossem bons e acabando de deitar a benção ao derradeiro tresneto (sic), alevantou as mãos ao Céu e deu alma a Deus. Era velha muito virtuosa e devota, de muitas esmolas; nunca foi doente, mas de velhice morreu.

Também houve na vila da Ribeira Grande uma mulher que veio viúva do Algarve, chamada Inês Gonçalves, a qual trazia uma filha, por nome Catarina Gonçalves, que casou aqui com um Fernão d'Álvares, o Pequeno, medidor de terras, com o qual esteve sempre a velha Inês Gonçalves até falecer seu genro, e depois se passou a casa de Salvador Fernandes, seu neto. Quando morreu, era de cento e cinco anos; depois que entrou nos cento, tudo fazia como menina, chamando à filha mãe, e, não tendo dentes, não podia comer senão papas, dizendo: mãe, papa, papa, e engatinhava pela casa como uma criança, nem fazia mais soma que ela. Vê-la era ver uma coisa sem figura; tinha os olhos e boca metidos na caveira, que parecia a mesma morte. E Catarina Gonçalves, filha desta velha, também era perto de cem anos quando faleceu, estando ambas as velhas, mãe e filha, em casa do neto de uma e filho da outra, que era coisa de espanto vê-las ambas.

Na mesma vila, houve uma mulher, filha de um João Franco, chamada Bartoleza Franca, que viveu cento e dez anos na Ribeira Seca, a qual casou com João Gomes, de que ficou viúva com uma filha, por nome Constança Franca, que casou com Mem Lobo, da qual houve uma filha, chamada Hierónima de Matos, que casou com Jorge Nunes, das ilhas de baixo; do qual lhe ficou outra filha, a que não sei o nome, que houve, sendo moça, um filho e uma filha de um homem estranho. E todas cinco viúvas, mãe, filha, neta, bisneta e tresneta, andavam em demandas com pessoas poderosas sobre terras que João Franco, pai de Bartoleza Franca tinha vendidas baratas, andando quatro por seu pé e a tresneta de Bartoleza Franca no colo e pela mão, pedindo pelas portas para sustentarem as demandas. E Bartoleza Franca era muito rija e brava, de grandes spritos (sic), sem trazer bordão, sendo de cento e dez anos, com seu juízo inteiro, vista e dentes. A filha, Constança Franca, andava detrás de sua mãe, com bordão, parecendo mais velha. E porque saíram algumas sentenças contra elas, se foram todas cinco com apelação para Lisboa, onde acabaram seus dias. Andavam todas em corpo, e a mãe e a filha, que eram mais velhas, traziam sempre os braços encruzados um sobre o outro; vê-las todas juntas, da maneira que andavam, era coisa poucas vezes vista, como esta, ou nenhuma.

Uma Catarina Pires, mulher de Pero Dias Solteiro, morador na Ribeira Seca, termo da vila da Ribeira Grande, faleceu de cento e nove anos, de velhice, assentada em uma baixa cadeira de pau, sem dentes, com os olhos muito sumidos e encovados, parecendo um bugio ou monstro; chorava como menina, chamava à nora mãe e não comia senão papas.

Houve também na vila da Ribeira Grande um António Martins, chamado Malaca, por ter ido a esta cidade, que faleceu de mais de cem anos e era tão disforme e desfigurado, que por nova invenção o puseram à janela, passando a procissão, um dia de Corpus Christi.

Uma Catarina Lopes, mulher de Diogo Afonso, das Grotas Fundas, faleceu de cento e cinco anos, com todo seu siso.

Rui Tavares viveu na vila da Ribeira Grande, casado, com sua mulher, Leonor Afonso, sessenta e seis anos e faleceu muito velho. Outros tantos viveu casado João Tavares, seu

filho, com sua mulher Luzia Gonçalves, e faleceram, sendo ele de oitenta e oito anos e ela de noventa e dois, em uma mesma semana. Um preto, Adão Matoso, faleceu de cem anos. E um velho pombeiro, sendo de cem anos, ia da Grota de João Bom a Vila Franca em um dia, que pode ser caminho de oito léguas.

João Álvares, da vila da Lagoa, faleceu de noventa anos; sua mulher, Inês Anes, de cento e dez; e sua sogra, Beatriz Fernandes, de cento e vinte e dois.

Um Pedro Afonso, da Barba, porque a tinha muito comprida, faleceu de cento e vinte anos; e um chamado Lopo, de cem anos, segava ainda no verão; e um Fernão Roiz Culão, serrador, passava de cem anos e serrou o dia que faleceu, sendo tão velho; e um Gonçalo Afonso, Corpo-chão, porque ninguém o viu dormir em cama, serrador e morador em Porto Formoso, viveu perto de cem anos, o qual, serrando, fazia a cama nos farelos e ali dormia e pousava, porque não tinha outra casa. E uma Branca Roiz faleceu de mais de cem anos, na vila da Ribeira Grande.

Uma Maria Gonçalves, mulher que foi de Diogo Pires, o Feste, chamado assim porque quando veio de Portugal e queria matar porco em sua casa, chamava ao debulho feste, dizendo que havia de fazer um feste, teve do dito seu marido quatro filhas e um filho, das quais veio a tanta multiplicação que, quando faleceu, tinha de netos, bisnetos e trisnetos noventa e sete, todos vivos ao tempo de seu falecimento, e além destes eram já falecidos cinco ou seis; e depois dela falecida, a dois dias, lhe nasceu um trisneto. E faziam por todos, mortos e vivos, cento e dois; e era, quando faleceu, de noventa anos.

Maria Gonçalves, mulher de Fernão Gonçalves, o amo do Capitão Rui Gonçalves, pai de Manuel da Câmara, sogro de Sebastião Velho Cabral, que morava na cidade da Ponta Delgada, sendo ainda vila, tendo um filho seu, que se chamava Luís Galvão, em uma dúvida que teve, morto a um seu cunhado, o qual Luís Galvão morava um quarto de légua da cidade da Ponta Delgada, em uma quinta que ele tinha, pegada com as casas de Mendo de Vasconcelos, sentindo sua mãe Maria Gonçalves que a justiça o queria ir prender e movendo-se grande parte da vila em sua ajuda, não se fiando de ninguém para mandar aviso a seu filho, nem querendo que alguém se culpasse por ele, selou ela mesmo um cavalo, tomando uma lança e adarga; cavalgando nele, se foi detrás da justiça e com muita pressa, como viu geito para isso, pôs as pernas ao cavalo e chegando a casa do dito filho, deu uma contoada na porta, dizendo: alevantai-vos, filho, que vos vêm prender. O qual se alevantou logo em camisa, e como estava na cama, e cavalgando no cavalo em que a mãe ia, se pôs em salvo, dando-lhe a mãe a lança e adarga nas mãos. E, espantando-se o corregedor de quem lhe poderia dar aviso, lhe disse ela que não suspeitasse em ninguém, pois ela lho dera, porque, quando passou pela justiça, não entenderem que era mulher, cuidando que era algum cavaleiro; a qual faleceu de cem anos, parecendo que não falecia de velhice.

Uma nobre e virtuosa mulher, chamada Constança Barrosa, casada com um Manuel Velho Cabral, parente dos Capitães da ilha de Santa Maria, morador na vila da Alagoa, desta ilha de S. Miguel, e meirinho do eclesiástico nela, prendendo por um grave feito crime, ou dois, Fernão Gomes, vereador na mesma vila aquele ano, em nome do juiz, por ser o juiz absente, em uma noite, a um Marçal Barroso, filho único da dita Constança Barrosa, não estando seu pai Manuel Velho na vila, pediu ela o filho ao vereador por algum tempo, que ela o mandaria à cadeia, e dando-lhe ele, ela o entregou a um homem que o levasse; e levando-o, por conselho que lhe deram de fora, fugiu ao homem que o levava, cuidando que para isso o pediria sua mãe à justica, e se acolheu à igreja de Santa Cruz, parróquia (sic) da mesma vila. Sabendo isto sua mãe, Constança Barrosa, ainda que era longe de sua casa, cobrindo logo seu manto, se foi com dois vizinhos honrados à igreja onde o filho estava e, tomando-o pelo braço, o levou, com o homem a que ele fugiu, à cadeia, dizendo que o prendessem e amarrassem muito bem e que se ele fizera o mal, que ele o pagasse e não outrem por ele. Vindo o marido, vendo o que a mulher fez, disse que por aquilo que fizera lhe perdoara qualquer feito que ela lhe pudera fazer.

O mesmo Manuel Velho Cabral, indo da vila da Alagoa, a cavalo, para a cidade da Ponta Delgada, achou sete ou oito homens que levavam preso um Pedro Álvares, que fora carcereiro na mesma cidade, e lhe haviam fugido perto de cinquenta presos, muitos deles por casos de mortes de homens e feitos graves. Ele pediu o dito preso aos que o levavam; dando- lho, o pôs nas ancas do cavalo e passando por uma freguesia de S. Roque, onde estavam dizendo missa, a foram ambos ouvir. Acabada a missa, tornando a cavalgar, disse Pedro Álvares ao

dito Manuel Velho: pôsto o cepo de uma banda do pescoço e o cutelo da outra, corte por onde quiser e cumpra-se a palavra; e deixou-se levar à cadeia da Ponta Delgada, onde esteve preso por vinte e três meses, ao cabo dos quais se acabou de livrar. Não sei se foi maior o benefício e liberalidade de Manuel Velho, arriscando-se pelo preso, se o agradecimento do preso, cumprindo sua palavra.

Assim, em Lisboa, andando um tangendo a campainha pela cidade, se chegou um homem a ele e lhe perguntou quem era o que havia de padecer aquele dia; o que tangia a campainha lhe disse que um Fuão, que era o mesmo que perguntava, sem o outro o conhecer, porque andava solto com licença do carcereiro. Ouvindo isto, se foi logo meter na cadeia ou no Limoeiro. Parece que por esta fidelidade que guardou ao carcereiro o livrou Nosso Senhor, que lá teve modo com que, ainda que o levaram a enforcar, não morreu, porque não faltou quem lhe desse remédio de lhe pôrem o laço da corda por debaixo dos braços, com que ainda que parecia ficar enforcado, o não era pelo pescoço, senão pelos braços, e dali escapou com vida, por ser amigo de guardar sua palavra e verdade. Tanta força tem a verdade e a fidelidade, que pode livrar aos amigos dela de muitos e graves perigos, até da morte, como livrou a este.

Eram os homens tão ricos nesta terra, que não estimavam dar grossas esmolas do que Deus lhe dava. Na era de mil e quinhentos e quarenta, sendo elegido na Casa da Misericórdia da vila da Ponta Delgada um Gaspar Homem da Costa para tirar esmola de gado vacaril para a mesma Casa, tirou por rol cento e quinze reses em toda esta ilha. E dali a um ano as tornava (sic) arrecadar, ajuntar e ferrar; e achando mortas doze, trouxe para a casa cento e três, sc., cento e duas fêmeas e um macho. Buscando-lhe pastor vaqueiro que as guardasse, vieram aquele primeiro ano sessenta vacas paridas; depois, tendo os irmãos da Casa por melhor conselho ser mais proveito vendê-las e comprar renda para o Sprital, compraram com o dinheiro delas seis ou sete moios de renda.

Na era de mil e quinhentos e quarenta, ou no mês de Março de quarenta e um, vindo o corregedor Francisco Toscano da ilha de Santa Maria com toda sua alçada para esta ilha de S. Miguel, em uma barca de um João Bravo, veio ter às Prainhas, que estão no Morro desta ilha, da vila do Nordeste, por não poderem tomar porto em outra parte. E ali saiu em terra o dito corregedor, com toda a mais gente. E não ficando na barca mais que João Bravo, deu-lhe tanto vento oeste e es-noroeste, que se desamarrou, esgarrando tanto, que foi ter em onze dias a Safim, não levando dentro mais que o dito João Bravo, o qual comia abóboras e bebia água rosada, que traziam os que na dita barca vinham. E afirmava que, quando dormia, lhe navegavam e governavam a barca; a qual mandou o capitão de Safim, com aviso, ao feitor de el- Rei, que estava em Andaluzia. E depois foram desta ilha a Safim buscar o fato e dinheiro do corregedor e dos mais letrados e escrivães da sua correição.

Vindo do Reino António Juzarte de Melo, com sua mulher, D. Guiomar de Sá, em uma nau, com tormenta caiu um homem ao mar, o qual não puderam tomar, e vindo ter dali a certos dias a esta ilha, acharam já o dito homem vivo e descansado, porque, passando outro navio pela mesma esteira, o tomou e trouxe primeiro a terra.

Uma terça-feira, dezassete dias de Fevereiro do ano de mil e quinhentos e sessenta e oito, estando sobre amarra, no porto dos Carneiros, da vila da Alagoa desta ilha, uma caravela de um Brás Gonçalves, morador na Vila Franca do Campo, carregando de trigo para a ilha da Madeira, lhe deu um furacão de vento nor-nordeste tão grande, sendo três ou quatro horas de noite e tendo já dentro trinta moios de trigo, quatro homens e três moços, que quebrou as amarras e atravessou, ao qual tempo os homens e moços andavam debaixo da coberta arrumando caixas e fato para lhe o trigo não correr; e, como atravessou, sossobrou logo e o mar lançou debaixo fora, pelas escotilhas, os quatro homens e três moços, os que se acolheram sobre o costado da dita caravela, que o muito e tempestuoso vento que fazia ia levando para o pego; e, vindo um mar grande, levou de cima do costado um dos homens, sem os outros o verem mais, os quais ficaram assim até pela manhã, que lhes deu outro mar tamanho que os levou ao mar, onde se afogaram dois homens e os três moços, e o navio se virou sem os mastros, somente o grande ficou fora e atravessado sobre o convés, ficando só um homem vivo, que se acolheu a nado ao chapitéu do navio e nele se amarrou com uma das cordas da enxárcia da mezena e andou assim no dito navio oito dias, até dia de S. Matias, sem comer, nem beber, nem dormir, vindo nele alagado ter sobre o lugar da Relva, termo da cidade da Ponta Delgada, mais de duas léguas do porto onde sossobrou, e dali o foram dizer à cidade, dizendo alguns que era baleia e outros, por causa do mastro que aparecia, afirmando ser navio. Foram lá apenados três batéis e dali o desamarraram e levaram consigo em um dos

batéis; os quais apartados pouco espaço do navio, deu logo à costa, onde com grande estrondo se quebrou. O qual homem se chamava Gaspar Afonso, natural de Vila Franca do Campo desta ilha, e saiu tão esforçado em terra que a pé foi em romaria à ermida da Madre de Deus, onde deixou um pedaço de corda, com que vinha atado no dito navio.

Na era de mil e quinhentos e setenta e sete anos, em um domingo à tarde, um Jorge Luís e sua mulher Águeda Nunes, moradores na vila da Ribeira Grande, ambos faleceram em um mesmo dia e hora, de uma mesma doença de câmaras, e no mesmo dia que faleceram, foram ungidos e a ambos fizeram o ofício da agonia. E foram juntamente levados a enterrar no adro da igreja de Nossa Senhora da Estrela, onde eram fregueses, ele na tumba, diante, escudeirando morto a mulher morta, que ia detrás em um leito; e foram enterrados em duas covas, um junto do outro.

Uma mulher, criada de Constança Fernandes, parteira da cidade da Ponta Delgada, pariu de um ventre três filhos machos, que se baptizaram todos e viveram alguns meses.

Outra mulher honrada, de um móvito, moveu sete crianças, que todas se enxergavam de machos e fêmeas.

Outra mulher nobre moveu sete postas de carne, divididas, que eram ou houveram de ser sete crianças. Outras pariram, cada uma, três crianças vivas, que foram baptizadas.

CAPÍTULO LXIV

DE ALGUNS PEIXES QUE NESTA ILHA SAÍRAM À COSTA, E DE MONSTROS QUE NASCERAM NA TERRA

Saem à costa desta ilha, algumas vezes, baleias, mais da banda do norte que do sul, principalmente na costa do lugar de Rabo de Peixe, onde se acham muitas favas do mar, que dizem ser-lhe agradável ou natural manjar. E, posto que muitas saíssem somente se aproveita o azeite delas, sem nunca se achar ambre (sic).

Na era de mil e quinhentos e trinta e seis ou sete anos entre Porto Formoso e a Maia, na ponta de São Brás, no pesqueiro do Demo, chamado assim por ser ruim e trabalhoso, em uma angrada de calhau saiu um peixe que não era baleia, sem osso nem espinha, de quarenta e dois côvados em comprido e oito de largo, de quinze palmos de alto, e da ponta da boca até a da guelra tinha vinte e cinco palmos; o que vendo alguns homens disseram que, se abrira a boca, bem pudera caber e entrar por ela uma junta de bois com seu carro. Achando-se ali com a maré vazia, em tempo de grande tormenta, o ataram com cordas pelo rabo e cabeça, porque o mar o não levasse quando enchesse. Tinha da cabeça até ao rabo cintas pela banda de cima, por onde subiram os homens a ele, como sobem pelas cintas a um navio. No primeiro dia, andaram cem homens cortando nele com machados; no segundo, cento e cinquenta, e todos cortavam juntamente, uns de uma banda, outros da outra, e outros em cima, sem um estorvar a outro. O primeiro que meteu o machado nele foi um Afonso Pires, morador na Maia, o qual o arrombou pelo arcabouço, e deitou pela ilharga tanto azeite claro, que bem pudera encher duas ou três pipas, que logo se coalhou, entrando na água, donde depois o tiravam com cestos e joeiras, pelas quais escoando-se a água, ficava o azeite branco e coalhado como manteiga.

Cortando todos e derretendo em fogueiras que ali fizeram tiraram muito azeite, o qual, além de aproveitar para a candeia, aproveitou depois de mezinha para sarna e matadura de bestas e cangueira de bois, e para frialdade, untando-se com ele. Como disse, não tinha osso, senão um junto com o pescoço e outro perto da rabadilha, os quais não eram propriamente ossos, senão como cabos que todos se derretiam em azeite; e todo o mais dele era polpa sem osso e sem espinha. Os nervos eram de tal qualidade e tão rijos, que depois tiravam e arrastavam madeira na serra com eles, como com tamoeiros de arrastar, sem nunca quebrarem, e traziam bois e bestas presos nas relvas, como com ataferas do Algarve, e eram ainda mais seguros e fortes que elas. Enchendo depois a maré e embravecendo mais o mar, tanto o alevantou por vezes que quebraram as cordas e, partindo-se pelo meio, deitou no mar grande cópia de azeite. E ametade dele foi ter defronte da ribeira que se chama Gorreana, onde dele se aproveitaram uns mouriscos e outras pessoas. Não conhecia ninguém que peixe era; alguns dizem ser trebolha, afirmando-se todos não ser baleia. Um homem de fora, que ali se achou e já fora a Guiné, disse que era peixe espadarte, de que em Guiné havia muitos.

A dez de Junho de mil e quinhentos e oitenta anos se viu no mar, da banda do sul desta ilha de São Miguel, da Povoação Velha até a cidade uma mui travada batalha de três grandes peixes, por espaço de quatro ou cinco dias, no fim dos quais, andando dois barcos da Vila Franca pescando à vista um de outro, um Domingos Afonso, chamado Canejo, foi encontrar com um peixe morto de estranha grandura; e, capeando ao outro barco, que veio ter com ele, o fez ir a terra buscar barcos e aparelhos, ficando ele olhando pelo peixe e por marca dele, até que lhe foram batéis da terra, o qual levaram atoado até o porto de Afonso Vaz, onde o desfizeram cuidando ser baleia, de que se fizera muito proveito, se o fora, de ambre ou bálsamo, ou ao menos azeite, que se pudera fazer muito; mas, como era outro peixe seco, não se fez dele nenhum proveito, senão pouco mais de um quarto, por se gastar mais na lenha para o queimar, e fazer mais custo do que rendia e valia o azeite, que era melhor que o da

baleia, e mais claro alumiava, sem cheiro mau nenhum, quando ardia, e também por ser a carne dele mui dura de cortar. Seria de noventa palmos de comprido, dezoito de largo, e outros dezoito de alto, de cor preta, cuja cabeça era de quinze palmos, tão grande como um batel de pescar, e o rabo de outro tanto; e tinha de comprido duas cintas, como de navio, e em lugar de guelras, ao redor de toda a cabeça, umas barbatanas como tábuas de forro, com uns cabelos, como sedas, nas pontas. Disseram alguns que nas Índias de Castela (onde há muitos desta sorte) se chama peixe mulo; o qual parece que mataram os dois peixes espadas que com ele se viram andar pelejando, porque são grandes guerreiros e furiosos na peleja, de cujos golpes dizem que vinha aberto pela barriga. Foi muita gente a vê-lo, como coisa espantosa que era. Também antigamente saiu à costa um peixe de feição de baleia, tão grande como meio baleato, que chamam boto.

Aos vinte e sete dias do mês de Março do ano de mil e quinhentos e cinquenta e nove, no termo da cidade da Ponta Delgada, a Pedralvres Benavides nasceu um bezerro macho, com um corpo e duas cabeças pegadas uma na outra, e cada uma tinha dois olhos e sua boca, com seu focinho perfeito; não tinha mais que duas orelhas, uma em cada cabeça, e em cada uma seu gorgomilho. Morrendo, logo foi aberto e dentro lhe acharam dois buchos.

O primeiro dia do mês de Dezembro de mil e quinhentos e oitenta anos, uma porca ruiva, de ano e meio, do bacharel Gonçalo Aires Ferreira, mestre de gramática na vila da Ribeira Grande, pariu da segunda parição sete leitões, entre os quais nasceu um ruivo, como a mesma mãe, e trazia nas orelhas o sinal de que a mãe era assinada, sc., uma orelha forcada e outra levada da reigada até à ponta pela banda de diante, sem diferença nenhuma da mãe, que havia já um ano que era assinada.

No mês de Março do ano de mil e quinhentos e oitenta e um, entre o Nordeste e o Faial, na criação do licenciado Bartolomeu de Frias, nasceu já morto, de uma sua vaca, um bezerro com duas cabeças perfeitas cada uma.

Sobre o pico de el-Rei, na serra de Vila Franca do Campo, no mesmo ano, em quinta e sexta-feira de Endoenças, de duas vacas de António Pacheco nasceram dois bezerros cegos e logo morreram.

Uma galinha de uma Maria Manuel, vizinha de Vila Franca, lhe pôs um ovo, dentro do qual achou outro tão grande, como de codorniz, com casca, clara e gema.

Na freguesia de Nossa Senhora do Rosairo, do lugar da Achadinha, em casa de Francisco Lopes, nasceu um leitão com dois corpos e uma cabeça.

A seis de Agosto de mil e quinhentos e oitenta e um, em casa de um Pero Nunes, morador em Vila Franca do Campo, nasceu um pintão com oito pernas com seus dedos, como outra qualquer ave; duas delas, onde as têm as outras aves, e as outras, mais atrás; andava com as duas e as mais levava a rasto.

Uma terça-feira, véspera de S. Mateus, vinte de Setembro de mil e quinhentos e oitenta e três anos, na vila da Ribeira Grande, entre outros, tirou uma galinha de André Lopes e de Margarida da Ponte, sua mulher, moradores na mesma vila, um pintão que em saindo da casca, batendo primeiro as asas, cantou três vezes dentro em casa onde estava, tão alto que o podiam ouvir fora, na rua.

Por monstro, contarei de um homem, vizinho da vila de Água do Pau, chamado Francisco Londrino (sic), ([316]), ainda ao presente vivo, que amamenta a criança, enquanto sua mulher parida não tem leite depois de parir; o qual, indo ter ao lugar da Relva e achando uns homens trabalhadores comendo pão e alhos somente, lhe disse se queriam comer um pouco de leite que lho daria, e, respondendo-lhe eles que fosse ele comer do leite de quem o parira, tomou ele os seus úberes, que tem como mulher, e os borrifou com o leite deles e, deitando dele em um pedaço de pão, o comeu. Suspeitando eles por isto e dizendo se seria mulher, disse ele que sua barba e quatro fllhos que tinha diziam que era homem macho.

Um João Fernandes, morador na sua vinha, junto com o licenciado Bartolomeu de Frias, vivendo nas casas em que ora João Lourenço, barbeiro, na cidade vive, sendo térreas, matou um porco muito gordo e grande, o qual tinha atravessados os bofes com um ferro de lança e neles tão unido e pegado, que parecia parte da fressura, sem nunca saber quando foi ferido.

CAPÍTULO LXV

DE ALGUNS OFICIAIS DA JUSTIÇA ECLESIÁSTICA E SECULAR, E DE OUTROS CARGOS QUE HOUVE NA ILHA DE SÃO MIGUEL

Deixando aparte os corregedores que vieram a esta ilha com alçada, de que tratarei quando disser algumas coisas da ilha Terceira, cabeça do Bispado de Angra, onde eles principalmente residem, direi agora de alguns oficiais da justiça eclesiástica e secular e de outros cargos que houve nesta ilha de S. Miguel, segundo pude saber, ainda que não todos.

Antes do dilúvio de Vila Franca do Campo, na era de mil e quinhentos e seis, foi ouvidor do eclesiástico ([317]) em toda esta ilha de S. Miguel um Frei Bartolomeu; o segundo, Frei João, vigairo de Água do Pau, na era de quinze; depois foi ouvidor o vigairo de Vila Franca, Frei Simão Godinho, que no dito dilúvio faleceu na mesma vila. E não pude saber de outros alguns que dantes deles fossem. O quarto, Frei Marcos, vigairo e ouvidor na dita vila; o quinto, o abade de Moreira, irmão de Fernão de Anes, do lugar de Rabo de Peixe, pai do licenciado Bartolomeu de Frias; o sexto, Pero Garcia, vigairo dos Fenais, termo da cidade da Ponta Delgada; o sétimo, Frei Manuel Pereira, vigairo da vila da Ribeira Grande, o qual teve muitos anos este cargo e outros de visitador e ouvidor dos agravos; o oitavo, João de Contreiras, vigairo da igreja de S. Pedro da cidade da Ponta Delgada; o nono, o cónego Francisco Álvares; o décimo, o bacharel Ascêncio Gonçalves, vigairo que foi de Santa Clara da cidade da Ponta Delgada, e agora, de S. Pedro da Ribeira Seca, termo da vila da Ribeira Grande; o undécimo, o licenciado Luís de Figueiredo de Lemos, sendo vigairo de S. Pedro da cidade, e depois foi daião da Sé de Angra, vigairo geral e governador deste Bispado, e agora é Bispo do Funchal; o duodécimo, o licenciado Berardo Leite de Sequeira; o décimo tércio, o licenciado Timóteo Roiz Teixeira; o décimo quarto, o bacharel Ascêncio Gonçalves, acima dito.

O primeiro ouvidor do secular, por el-Rei e pelo Capitão desta ilha, foi Gonçalo Vaz, o Grande; o segundo, Gonçalo Álvares; o terceiro, Antão Pacheco, que faleceu no dilúvio de Vila Franca, e era pai de Pedro Pacheco; o quarto, Fernão do Quental; o quinto, o licenciado Diogo de Vasconcelos, natural desta ilha (doze anos) ([318]); o sexto, o licenciado João de Teve; o sétimo, Jorge Nunes Botelho; o octavo, João Pardo; e daqui por diante vieram letrados de fora: o nono, o licenciado André Fernandes; o décimo, o licenciado Manuel Nunes Ribeiro, o undécimo, o licenciado Jorge Correia Fafes; o duodécimo, o licenciado Luís da Rocha Portocarreiro; o décimo tércio, o licenciado Francisco Pires Picão; o décimo quarto, o licenciado Gonçalo Nunes Dares ([319]); o décimo quinto, o licenciado Diogo Salgado; o décimo sexto, em sua vagante, o licenciado Luís Leite; o décimo sétimo, o doutor Cristóvão de Almeida; o décimo octavo, o licenciado António Barreto Teixeira; o décimo nono, o licenciado Bartolomeu de Frias, natural desta ilha. O primeiro meirinho dos ouvidores foi Sebastião Cardoso; o segundo, João Lopes; o terceiro, Manuel de Medeiros; o quarto, Manuel Pavão; o quinto, Vasco Caldeira, cavaleiro, fidalgo, do hábito de Santiago, que agora tem o cargo.

O primeiro juiz de fora, que veio a esta ilha, foi o licenciado Lourenço Correia; o segundo, o licenciado Rodrigo Afonso Azinheiro; o terceiro, o licenciado João Usademar, que esteve nesta ilha perto de sete anos; o quarto, o licenciado Gaspar Leitão, que esteve nesta terra mais de cinco anos; o quinto, o licenciado Cristóvão Soares de Albergaria, que depois foi corregedor e agora tem o mesmo cargo na ilha Terceira e mais ilhas dos Açores; o sexto, o doctor Gil Eanes da Silveira; o sétimo, o licenciado Cristóvão da Costa Feio.

O primeiro juiz do mar e juntamente contador foi Diogo Nunes Botelho; o segundo, o licenciado Lourenço Correia, que também era juiz de fora; o terceiro, o licenciado Gonçalo Nunes Dares; o quarto, Francisco de Arruda da Costa; o quinto, Manuel Cordeiro de Sampaio, que agora tem o cargo.

Não falando nos corregedores que foram contadores, como foi o doctor Francisco Toscano, o primeiro contador que eu sei ser muitos anos nesta ilha e em todas as dos Açores foi Martim Vaz Bulhão; o segundo, António Borges de Gamboa; o terceiro, Diogo Nunes Botelho; o quarto, o licenciado Lourenço Correia, que serviu de juiz de fora e contador; o quinto, o licenciado Gonçalo Nunes de Arez, que serviu de juiz do mar e contador; o sexto, Francisco de Mares (sic) ([320]), que foi juiz do mar e contador; o sétimo, Manuel Botelho Cabral, filho de Jorge Nunes Botelho, que agora está servindo a el-Rei na Índia; o octavo, Francisco Mendes Pereira; o nono, Paulo da Ponte, da ilustre progénie dos Pontes de Vila Franca do Campo, de grande entendimento, rara discrição e prudência.

O primeiro juiz dos resíduos que houve nesta ilha, de que me acordo, foi o licenciado Diogo de Vasconcelos; o segundo, o bacharel Diogo Pereira; o terceiro, Gomes Freire, criado de el-Rei, que lhe fez mercê do ofício de chançarel-mor em todas estas ilhas, andando na correição com o corregedor António de Macedo, que então servia, com os que pelo tempo adiante fossem; ao qual Gomes Freire fez também el-Rei mercê do ofício de juiz dos resíduos e provedor dos órfãos, espritais e albergarias, segundo dantes o tinha e possuía o bacharel Diogo Pereira; o quarto, Estêvão de Oliveira; o quinto, André Gonçalves de Sampaio, chamado o Congro; o sexto, Nuno Gonçalves Botelho; o sétimo, o licenciado Francisco de Maris, e, dantes e depois, os corregedores da comarca e o licenciado Gaspar Leitão, juiz que foi de fora na cidade e o licenciado Cristóvão Soares de Albergaria, e o doutor Gil Eanes da Silveira, e o licenciado Cristóvão da Costa Feio, juiz de fora na cidade da Ponta Delgada. Escrivães: João Lourenço Tição, Gaspar Gonçalves, Gonçalo Mourato, António Jorge, Manuel Serrão, Miguel Serrão e Manuel Nunes.

O primeiro juiz dos órfãos de Vila Franca do Campo, e em toda esta ilha de S. Miguel, foi Lopo Anes de Araújo, desde a era de mil e quinhentos e vinte até à de mil e quinhentos e trinta e três, pouco mais ou menos. E então foi o segundo juiz, por mercê de el-Rei, Salvador Afonso Pimentel. Depois sucedeu seu filho, Manuel Afonso Caramazel, terceiro juiz. O quarto foi o licenciado António Monteiro.

O primeiro juiz dos órfãos na cidade da Ponta Delgada, sendo ainda vila, foi Gonçalo do Rego, cidadão da cidade do Porto, pai de Gaspar do Rego; o segundo Lourençayres Rodovalho, cidadão da cidade da Ponta Delgada; o terceiro, seu filho Gaspar Correia Rodovalho; o quarto, Pero Camelo, fidalgo, que agora tem o cargo.

O primeiro que me lembra ter o cargo de juiz dos órfãos na vila da Ribeira Grande foi Simão Lopes de Almeida, na era de mil e quinhentos e vinte e nove, sendo corregedor o licenciado Domingos Garcia, por cujo mandado se fez; o segundo, Bartolomeu Lopes de Almeida, seu irmão; o terceiro, Lopo Dias Homem; o quarto, Duarte Privado.

O primeiro memposteiro dos cativos, que houve nesta ilha foi um Luís Vaz Maldonado, pai da Tarfoza (sic), a Velha, que viveu na vila da Ponta Delgada, e teve o cargo o ano de quinze e o de dezasseis; o segundo, Gonçalo Vaz, pai de André Gonçalves de Sampaio, chamado o Congro, o qual serviu até o dia da subversão de Vila Franca do Campo; o terceiro, Pero Camelo Pereira; o quarto, seu irmão, Gaspar Camelo, que serviu na era de mil e quinhentos e trinta e dois e trinta e três, até que faleceu; o quinto, Belchior Vieira, da ilha de Santa Maria, que aqui proveu o corregedor e doctor Francisco Toscano; o sexto, André Gonçalves de Sampaio, chamado o Congro; o sétimo, João Roiz Camelo; o octavo, Mateus Vaz Pacheco, de Porto Formoso; o nono, Álvaro Martins; o décimo, António Lopes de Faria; o undécimo, Cristóvão Cordeiro; o duodécimo, o licenciado António de Frias, que agora tem o cargo. Os escrivães deste tempo foram; João Lourenço Tição, João de Aveiro e Manuel Martins, seu filho. A bula dos cativos foi concedida pelo Santo Padre no ano de mil e quinhentos e quinze.

O primeiro lealdador dos pastéis foi Govarte Luís, que faleceu no dilúvio de Vila Franca, onde morava; o segundo, Pero Vaz, o Ruivo, natural da vila da Ponta Delgada, e começou de servir na era de mil e quinhentos e vinte e dois, vivendo na vila da Ribeira Grande; o terceiro, Francisco Dozouro ([321]) que foi sargento-mor nesta ilha, o qual o renunciou em Baltasar Rebelo, que por sua renunciação foi o quarto lealdador; o quinto, Hércules Barbosa da Silva, filho de Francisco Barbosa da Silva.

Coudel-mor da cidade da Ponta Delgada é Jorge Camelo da Costa; de Vila Franca do Campo foi primeiro Jorge Furtado, e agora é Leonardo de Sousa, seu filho. E da vila da Ribeira Grande é Rui Gago da Câmara.

Nesta ilha, sempre houve almoxarifes, que recebiam e feitorizavam a fazenda de el-Rei. O primeiro dizem que foi Gonçalo de Teive, e logo um João Roiz, chamado recebedor, em lugar de feitor. Depois, foram muitos que tiveram este cargo do almoxarifado que, por não saber todos, não nomeio algum. Dos feitores direi os que me lembram: o primeiro foi João de Belas; o segundo, Pero Trigueiro; o terceiro, Francisco de Mares (sic) ([322]); o quarto, Simão Vieira; o quinto, Simão de Abreu; o sexto, Diogo Lopes de Espinhosa; o sétimo, Jorge Dias; o octavo, Manuel Mousinho de Vasconcelos, dos Mousinhos, fidalgos que no Reino tiveram grandes cargos, um dos quais, chamado Francisco Mousinho, andando por capitão do Rio do Aljôfre na Índia por ter feito muitos danos aos imigos, sendo deles espreitado, por traição o tomaram, e posto dentro em uma bombarda tiraram com ele a seu próprio arraial; o nono, António Ribeiro, do hábito de Aviz.

Luís Mendes Vitória foi alguns anos, nesta ilha, feitor de el-Rei de Castela, e arrecadava os dízimos da fazenda que se vendia aqui, vinda das Antilhas. E o mesmo cargo teve na ilha de Santa Maria, sem haver outro, antes dele nem depois, com este cargo, nestas duas ilhas, até o tempo presente, em que se foi desta terra e se ajuntaram os Reinos em uma só coroa.

CAPÍTULO LXVI

DA PROGÉNIE, VIDA E COSTUMES DO ILUSTRE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, TERCEIRO CAPITÃO DA ILHA DE SÃO MIGUEL, PRIMEIRO DO NOME, E DOS FILHOS QUE TEVE

Quando tratei da ilha da Madeira e de seus ilustres Capitães, disse como o primeiro Capitão dela, João Gonçalves Zargo, houvera de sua mulher, Constança Rodrigues de Almeida, com que casou no Reino, alguns filhos e filhas, o primeiro dos quais, João Gonçalves, herdara sua casa e foi o segundo Capitão da mesma ilha. E seu irmão, segundo filho do dito João Gonçalves Zargo, chamado Rui Gonçalves da Câmara, de que agora quero contar, foi depois terceiro Capitão desta ilha de S. Miguel porque, estando na ilha da Madeira muito rico, depois que o almirante de França (como tenho dito) alcançou da Rainha de Castela, D. Catarina (mulher que foi de el-Rei D. Henrique, terceiro do nome, governadora então dos regnos pelo Príncipe, seu filho, D. João, que foi o segundo Rei do nome) com título de Rei para um Mosem ou Mossior João de Betancurt ou Betancor ou Betencor, que ganhou três delas, Lançarote, Forte Ventura e a do Ferro, sem poder conquistar a Gran-Canária pela resistência que achou nela, e faltando-lhe a despesa e gente se tornou a França, deixando ali um sobrinho, chamado Mossem Menante ou Misser Maciote de Betancor, com o mesmo título de Rei, com propósito de, em chegando, lhe mandar gente de armas, ou tornar com ela; o qual depois de lá ser ocupado nas guerras do Rei ou da morte, não tornou nem mandou ao sobrinho algum socorro. Vendo-se o sobrinho falto de gente e apertado da terra, vendeu o direito que tinha naquelas ilhas, com consentimento de el-Rei de Castela, ao Infante D. Henrique, por certa fazenda e pelas saboarias da ilha da Madeira, para onde se passou o dito Misser Maciote de Betancor, e como era de tanto nome e fama, veio ser tão rico que casou Rui Gonçalves da Câmara, segundo filho do Capitão João Gonçalves Zargo, com uma sua filha, chamada D. Maria Betancor, com grande dote que, junto com o de seu património, se fez Rui Gonçalves da Câmara, muito mais rico.

E, vivendo assim prosperamente com sua mulher na ilha da Madeira (como tenho contado), foi ter a ela João Soares de Albergaria, segundo Capitão das ilhas de S. Miguel e de Santa Maria, com sua mulher, Beatriz Godiz, muito enferma, em cuja cura, fazendo muitos custos, lhe foi necessário vender uma das ditas ilhas; e tendo para isso procuração da Capitoa, sua mulher, lhe comprou Rui Gonçalves da Câmara esta ilha de S. Miguel, que então estava mais erma que a de Santa Maria, uns dizem que por seiscentos mil réis, outros que por setecentos mil e cem mil réis de socos; mas o certo é, segundo a informação da ilha da Madeira, que lha comprou por dois mil cruzados em dinheiro de contado e quatro mil arrobas de açúcar, que naquele tempo devia ser boa fazenda, pois por tanto se vendia uma ilha tão grande como é esta. A qual compra e venda foi depois confirmada em a cidade de Évora pela Infanta D. Beatriz, tutor e curador do Duque D. Diogo, seu filho, que ainda naquele tempo era de pouca idade, mestre da cavalaria da Ordem de Cristo, de cujo mestrado eram estas ilhas; feita a confirmação na era do Senhor de mil e quatrocentos e setenta e quatro anos, aos dez dias de Março.

Comprada esta ilha, ficou Rui Gonçalves da Câmara Capitão, o primeiro dela só e primeiro do nome, mas terceiro em número, por haverem precedido os dois Capitães de ambas elas, de Santa Maria e desta ilha de S. Miguel, Gonçalo Velho, Comendador de Almourol, e João Soares de Albergaria, seu sobrinho, que vendeu esta ao dito Rui Gonçalves da Câmara. O qual Rui Gonçalves foi um dos bons cavaleiros do seu tempo e fez muitos serviços a el-Rei, mas não os que se contam na relação dos Capitães da ilha da Madeira, em que se afirma ser ele o de que conta o cronista Damião de Goes, na Crónica de el-Rei D. Manuel, onde se diz que esteve em África na era de mil e quinhentos e dez, no segundo cerco de Arzila, com certa gente de cavalo e de pé à sua custa, sendo outro Rui Gonçalves, seu neto e quinto Capitão

desta ilha (como adiante direi, quando tratar dele) que na dita era foi Capitão, sendo este Rui Gonçalves, seu avô, já então falecido.

Veio este Rui Gonçalves da Câmara, terceiro Capitão, a povoar esta ilha de S. Miguel, e trouxe consigo sua mulher, D. Maria de Betancor, e muitos homens honrados, e três filhos naturais e uma filha também natural, porque da Capitoa, sua mulher, não teve filhos, nem filha, legítimos.

O primeiro filho natural foi João Roiz, que alguns chamam João Gonçalves da Câmara, que herdou a casa e ficou por Capitão, depois do falecimento de seu pai, como direi, quando tratar dele.

O segundo filho, Antão Roiz da Câmara, homem rico e abastado, muito cavaleiro e esforçado, e o que melhor se punha a cavalo nesta ilha, donde foi a África e lá serviu a ei-Rei alguns anos à sua própria custa, e fez coisas boas. E tornando de África, andando em requerimentos com el-Rei D. Manuel sobre seu despacho, estando el-Rei no Rocio de Lisboa com muitos fidalgos, ele na volta deles, aconteceu passar por ali um elefante com um índio que o trazia; sentindo os cavalos o faro dele se alvoroçaram, fugindo muitos deles com seus donos, caindo alguns da sela, alvoroçando-se também o cavalo de el-Rei e o de Antão Roiz da Câmara. Mas, como ele era homem de grandes espritos, extremado cavaleiro, tão consertador e sabedor para animar um cavalo que ninguém lhe fazia avantage, temperou o cavalo da rédea e esporas, até afitar com os olhos e conhecer o que era, e seguro o cavalo (porque esta é a ordem que se há-de ter quando um cavalo toma medo de outra qualquer besta) bateu-lhe as pernas tão arduamente para onde estava o elefante, que lhe fez pôr a barba sobre o costado dele e, arrancando de um terçado que levava, deu uma espaldeirada no elefante e tornou muito recolhido e manso para onde el-Rei estava, tirando-lhe o barrete, inclinando-se-lhe todo com grande acatamento, o que el-Rei folgou muito de ver e mostrou levar gosto; e do modo com que aquilo fez, lhe tiveram os fidalgos presentes grande inveja. Recolhido el-Rei, lhe mandava pelo estribeiro-mor comprar o cavalo, ao que respondeu Antão Roiz que ele e o cavalo eram de Sua Alteza e que para seu serviço aí estava. Não lho quiseram aceitar, senão que havia de ser vendido. Respondeu que não havia de vender o seu cavalo, senão fazer serviço dele a Sua Alteza. Não o querendo aceitar o estribeiro-mor, então o trouxe a esta ilha, donde o havia levado, quando foi para a África. Era ruço, rodado, muito formoso e, quando ouvia repicar os sinos, dificultosamente o podiam ter, se não estava cavalgado.

Sendo ainda solteiro, das terras que seu pai Rui Gonçalves da Câmara lhe deu na Ribeirinha, termo da vila da Ribeira Grande, e de outras que comprou, ajuntou muita fazenda de que depois fez um rico morgado, que rende agora cem moios de trigo cada ano. Houve duas filhas naturais: Guiomar da Câmara, mãe de Rui Gago da Câmara, e Maria da Câmara, mãe de João Nunes da Câmara, vigairo e ouvidor que foi na ilha de Santa Maria, irmão de D. Dorotea, Capitoa da dita ilha, mulher do ilustre Capitão Brás Soares de Sousa que agora a governa, como em seus lugares tenho contado.

Vindo de África, casou Antão Roiz da Câmara, na corte, com D. Catarina Ferreira, por ser muito fidalga e formosa, dama da Duquesa de Bragança, e a trouxe para esta ilha de S. Miguel, onde houve dela a Rui Pereira da Câmara e a D. Mécia Pereira. Adoeceu de uma grave enfermidade; indo-se curar dela ao Reino, faleceu em Viana de Caminha, onde está enterrado; o que sabendo sua mulher D. Catarina, se foi para a Corte com os dois filhos e dali a perto de quarenta anos faleceu em Lisboa, de idade de oitenta. Rui Pereira serviu a el-Rei em África muitos anos, em muitos cargos honrosos e fez lá muitas coisas notáveis, pelo que el-Rei o tinha em muita conta, e em satisfação de seus serviços lhe deu a Capitania de Sofala, sem nunca ter ido à Índia. Indo para lá, arribou em uma nau em que ia por capitão; chegando a Lisboa, faleceu, sendo ainda solteiro. Sucedeu no morgado sua irmã D. Mécia, que já a este tempo era casada com D. Gomes de Melo, filho de Diogo de Melo e de D. Maria Manuel; os quais houveram a D. Maria Manuel que foi para Castela por dama da Princesa, mãe de el-Rei D. Sebastião, e a D. Rodrigo de Melo, que casou com D. Antónia de Vilhana ([323]), filha de Pero de Toar (sic) ([324]) e de D. Beatriz da Silva. Este herdou o morgado, por ser filho mais velho, por falecimento de sua mãe, e passando a África com el-Rei D. Sebastião, indo também lá Manuel de Noronha, seu irmão, ambos faleceram na batalha, pelo que sucedeu no morgado seu irmão D. Francisco Manuel, que pouco há veio da Índia e casou com uma filha de Francisco Carneiro.

Houve mais Diogo de Melo, de sua mulher D. Maria Manuel, a D. Catarina de Noronha, que foi casada com Simão Ribeiro, comendador e alcaide-mor do Pombal, e a D. Ana Pereira e a D. Leonor Manuel, ambas ainda solteiras.

Tem Antão Roiz da Câmara as mesmas armas dos Câmaras, com mais dois puxavantes ao pé da torre, que são declaração de ele sempre ir avante com suas coisas, assim nas da paz, como nas da guerra.

Houve o dito Rui Gonçalves da Câmara, Capitão desta ilha de S. Miguel, o terceiro filho natural, dizem que de uma nobre mulher, de geração dos Albernazes, chamado Pedro Roiz da Câmara, o qual casou com D. Margarida de Betancor, filha de Gaspar de Betancor, da qual teve estes filhos: o primeiro, João Roiz da Câmara; o segundo, Manuel da Câmara; o terceiro, Simão da Câmara; o quarto, Anrique de Betancor; o quinto António de Sá; o sexto, Rui Gonçalves da Câmara; e teve uma filha, D. Francisca, que casou com D. António de Sousa, como logo direi.

O primeiro filho de Pedro Roiz da Câmara, chamado João Roiz da Câmara, casou a primeira vez com D. Helena, filha do contador Martim Vaz Bulhão, de que houve uma filha, chamada D. Joana, que faleceu solteira; e porque o Capitão Rui Gonçalves, segundo do nome, tinha casada a D. Helena com um filho de Sebastião Barbosa da Silva que, em a recebendo, se foi logo desta terra, houve diferenças, demandas e brigas sobre este casamento. Por esta razão, el-Rei tomou a fazenda de D. Helena e por também seu pai, o contador, lha dever, que é a terra dos própios (sic) ([325]), que está no lugar da Relva; pelo que também João Roiz da Câmara foi a África, onde em uma batalha com os mouros, em que ele e seu irmão Manuel da Câmara (que então estavam diferentes) se acharam, cativando os mouros ao dito Manuel da Câmara, indo-se recolhendo, pediu João Roiz ao Capitão lhe desse licença para ir livrar seu irmão, e dizendo-lhe o Capitão que não era tempo, ele saiu sem licença, arremetendo com o cavalo e a lança enristada aos mouros, e matando do encontro a um deles, tomou o irmão por um braço e, ajudando-o a subir nas ancas do cavalo, o livrou dos imigos. Depois de livre, dizendo-lhe Manuel da Câmara: — pois irmão, como ficamos?, respondeu ele: — como dantes ([326]). E, depois de vir de África, lhe deu el-Rei uma comenda de mais de cem mil réis na Beira, no lugar que se chama Os Trinta, no pé da Serra da Estrela, onde estando à hora, ou antes da hora, de sua morte, casou com D. Catarina, da qual houve estes filhos: o primeiro, Rui Gonçalves da Câmara, que faleceu solteiro na Índia em serviço de el-Rei, tendo vinte anos de serviço em que tinha feitas grandes sortes; e tendo-lhe el-Rei dado despacho para ser capitão de uma fortaleza, sem o ele saber, em uma batalha o mataram. O segundo, Bernardim da Câmara, muito esforçado cavaleiro e valente soldado, que casou na Vila do Nordeste. O terceiro, Apolinário da Câmara, também de grandes forças e valentia, que foi com el-Rei D. Sebastião à guerra de África, onde o cativaram e não se sabe se é falecido.

Teve mais João Roiz da Câmara três filhas: a primeira, D. Guiomar, que indo para Castela ter com sua tia, que a fazia dama da Imperatriz na Corte, faleceu no caminho. A segunda, D. Beatriz, que também foi para Castela, onde está casada com um grande e poderoso fidalgo, a que não soube o nome. A terceira, D. Margarida, que casou com Pedro Roiz de Sousa, filho de Baltasar Roiz, de Santa Clara, e faleceu sem ter filhos.

O segundo filho de Pedro Roiz, Manuel da Câmara, faleceu solteiro na Índia, ataúde de homens fidalgos e honrados, em serviço de el-Rei; teve um filho natural.

O terceiro, Simão da Câmara, andava na Corte, sendo tão grande sabedor e astrólogo, que estando para falecer o grande piloto e astrólogo Simão Fernandes, disse- lhe el-Rei: — se morrerdes, que nos ficará? Respondeu ele: — se Simão morre, Simão fica —; dizendo isto pelo Simão da Câmara, o qual faleceu na Corte, solteiro.

O quarto, Anrique de Betancor de Sá, morador que foi na vila da Ribeira Grande, que andou na Corte muito tempo e casou com D. Simoa, filha de Baltasar Vaz de Sousa e de Leonor Manuel, de que houve estes filhos: O primeiro, Rui Gonçalves da Câmara, que casou com D. Luzia, filha de Hierónimo Jorge e de Beatriz de Viveiros, de que tem um filho e quatro filhas, três delas já freiras noviças no mosteiro de Jesus, da vila da Ribeira Grande. É fidalgo de magnífica condição, com que agasalhava muitos hóspedes que quase nunca em sua casa faltam; manso e macio para todos. O segundo filho, Manuel da Câmara, casou com dispensação com D. Maria, filha de Rui Gago da Câmara, sua parente, e de Isabel Botelho, de quem tem um filho e uma filha. O terceiro, Francisco de Sá, faleceu solteiro. O quarto, Anrique da Câmara, ainda solteiro, de grandes forças, bom cavaleiro e valente soldado que, andando

na Índia em serviço de el-Rei, faleceu há pouco. Teve mais Anrique de Betancor de sua mulher D. Simoa sete filhas, três faleceram solteiras e uma sendo já professa; e tem agora duas freiras professas no mosteiro de Jesus, da vila da Ribeira Grande, chamadas Beatriz da Anunciação e Ângela do Paraíso, de muita virtude. E outra filha, chamada D. Margarida, que casou com Cristóvão Dias, nobre e rico, da cidade da Ponta Delgada.

O quinto filho de Pedro Roiz da Câmara, António de Sá, faleceu solteiro na vila da Ribeira Grande.

O sexto filho de Pedro Roiz da Câmara faleceu também solteiro na ilha da Madeira.

A filha de Pedro Roiz da Câmara e de D. Margarida de Betancor, sua mulher, chamada D. Francisca, casou com D. António de Sousa, viúvo, fidalgo, dos Sousas do Regno, que foi muitos anos vereador na cidade de Lisboa, homem de que el-Rei se servia em muitas coisas. Deu-lhe Pedro Roiz em casamento propriedade no Morro e no monte de Trigo, que está junto da vila da Ribeira Grande, que rendia cinquenta moios de trigo cada ano, que com o mais que lhe deram passava de dez mil cruzados.

Era D. António de Sousa irmão do Conde do Prado e de D. Maria de Távora, mulher de Pedro Álvares Carvalho, que foi capitão de Alcácer-Ceguer, que se largou aos mouros, do qual lhe ficaram filhos, sc., Álvaro de Carvalho, Bernardim de Carvalho e Rui de Sousa, grandes capitães de lugares de África. O primeiro filho de D. António de Sousa, que lhe ficou da primeira mulher, chamavam D. Martinho de Sousa, primeiro morgado: o segundo, D. Jorge de Sousa, os quais foram à Índia por capitães de naus, cada um, duas vezes. Teve o dito D. António de Sousa, da segunda mulher D. Francisca, filha de Pedro Roiz da Câmara, quatro filhos: o mais velho, D. Pedro de Sousa, comendador de Cristo, muito privado de el-Rei D. João, terceiro do nome; o segundo filho se chamava D. João, ambos bons cavaleiros e gentis-homens, que faleceram solteiros. O terceiro, D. Dinis de Sousa, que casou no Reino, e nele ficou encabeçada toda a fazenda que herdou do pai e da mãe aqui nesta ilha, que houveram de Pedro Roiz da Câmara e de D. Margarida de Betancor; o qual D. Dinis tem alguns filhos e fi!has, a que não soube o nome.

Teve Pedro Roiz da Câmara de sua mulher D. Margarida de Betancor de Sá outra filha, chamada D. Maria da Câmara, que faleceu solteira, caindo de uma janela de casa, por querer colher uma pera de uma pereira que junto dela estava, da qual queda se lhe causou a morte dali a poucos dias.

Era Pedro Roiz da Câmara bem apessoado, grave e gentil homem, e liberalíssimo de condição. Fez no assento e pomar de suas casas, na vila da Ribeira Grande, um mosteiro de freiras observantes, da invocacão de Jesus, onde estão muitas e virtuosas religiosas suas parentas, e nele está sepultado. Deixou-lhe dezoito moios de renda na sua fazenda da Achada, e trinta mil réis que lhe ficaram de seu pai, de juro, na ilha da Madeira. Deixou certa renda ao Esprital da vila da Ribeira Grande. Dando cada um do povo, a quem mais daria, para a igreja matriz de Nossa Senhora da Estrela da dita vila, para que se fazia finta, e, ficando baixa, ele lhe mandou acrescentar cinco palmos à sua custa e deu um cálice grande, dourado, com suas campainhas, e um pontifical de damasco rosado para a mesma igreja, e dizem que outro para a igreja da Maia. Foi logo — tente (sic) do Capitão Rui Gonçalves, seu sobrinho, e governou a Capitania sete anos, em sua absência, com muita paz e justiça, deixando de si bom exemplo e nome, distribuindo com grande liberalidade sua fazenda, que era muita, porque quando casou tinha, cada ano, cento e cinquenta moios de trigo de renda, afora outra muita que depois lhe cresceu; e sua mulher, D. Margarida de Betancor, filha de Gaspar de Betancor, vivendo com muita virtude, faleceu vinte anos depois dele.

Teve mais o primeiro Capitão Rui Gonçalves da Câmara uma filha natural, chamada D. Beatriz, que casou com um fidalgo que veio muito rico da Índia, chamado Francisco da Cunha, dos Cunhas do Regno, que dizem ter este apelido do primeiro, que sendo alferes de uma capitania, em uma batalha, e sendo maltratados os de sua parte dos contrairos, indo já quase vencidos, vendo este alferes o desbarato dos seus, meteu a bandeira em uma fenda de uma pedra, acunhando-a com outras, e foi pelejar com os imigos tão valorosamente que com sua ajuda alcançaram vitória. E acabada a batalha, vendo o capitão o seu alferes consigo, sem bandeira, lhe perguntou por ela; respondeu ele que bem acunhada a deixara; pelo que lhe fez el-Rei mercês e lhe deu este apelido de Cunhas, para si e seus sucessores. Este fidalgo Francisco da Cunha houve de sua mulher D. Beatriz uma filha, chamada D. Guiomar da Cunha, que casou com João Soares, terceiro Capitão da ilha de Santa Maria e segundo do

nome, que houve os filhos já ditos, quando tratei da dita ilha de Santa Maria, pelo que ficaram os Capitães destas duas ilhas liados com estreito parentesco.

Estando o Infante D. Henrique em Sagres favorecendo o descobrimento destas ilhas, como tenho dito, comprou a Misser Maciote de Betancor, Rei das Canárias, e lhe deu pelo que tinha delas subjugado e direito da empresa as saboarias da ilha da Madeira e vinte e cinco mil réis de juro na alfândega, e por dadas as Lombas dos Esmeraldos e a Ribeira de Água de Mel, sobre o Funchal. Com isto se passou o dito Maciote de Betancor à ilha da Madeira e casou sua filha, D. Maria de Betancor, com Rui Gonçalves da Câmara, segundo filho do primeiro Capitão dela, João Gonçalves Zargo; o qual Rui Gonçalves, comprando esta ilha a João Soares de Albergaria, segundo Capitão da ilha de Santa Maria, se passou a ela com sua mulher e como dentre eles não houve filhos legítimos, por razão de João Roiz da Câmara, filho natural mais velho do dito Rui Gonçalves da Câmara, ficar encabeçado na Capitania e jurdição, fizeram partilha em sua vida, ele e sua mulher, D. Maria de Betancor, que ela ficasse com cento e cinquenta mil réis de foro cada um ano, para sempre, nas Lombadas dos Esmeraldos, seus foreiros, por eles mesmos lhas aforarem, quando da ilha da Madeira se vieram com a compra desta ilha, com mais a Ribeira de Água do Mel e com trinta mil réis de renda de foros em Vila Franca do Campo desta mesma ilha, que tudo o que agora rende, esta parte de D. Maria de Betancor, importa dois mil cruzados cada ano, que ela fez em morgado, encabeçado em Gaspar de Betancor, seu sobrinho, filho de sua irmã, que mandou vir da ilha da Madeira para nesta lhe fazer companhia, por não ter aqui parente nenhum, em vida de seu marido Rui Gonçalves, e daí em seus descendentes, no filho mais velho. E seu marido Rui Gonçalves ficou com a Capitania, que então importava tão pouco que, para ficar igualado na partilha com sua mulher, ficou com mais o quarto da fazenda que se chama Ribeira de Água do Mel, sobre a cidade do Funchal, na ilha da Madeira.

Esta D. Maria de Betancor, francesa, nesta terra, ou por humildade, ou pelo muito que deixara das ilhas Canárias e isto ser pouco naquele tempo, ou por descender de geração dos Reis (como se afirma que foi seu pai, das Canárias) nunca se nomeou por Capitoa, nem ninguém lhe chamava senão D. Maria; era muito formosa e liberal. Deixou em Vila Franca, para o concelho da mesma vila, dois moios de terra que está arriba da vila e parte da banda do sul com os Pomares, e da banda de levante com uma grota que vai antre a fazenda de Rui Gago da Câmara e a própria terra do concelho, e da banda do ponente com terra foreira do mosteiro dos frades de Nossa Senhora, e do norte com terras que foram de João d'Outeiro, a qual terra deixou que rendesse para as coisas do concelho, com condição que os gados, que viessem de caminho, pudessem dormir ali uma noite e mais não, e nunca andassem éguas nem fêmeas nela. Mandou também fazer uma capela no Funchal, no mosteiro de S. Francisco, no cruzeiro à mão direita, onde disse que levassem sua ossada. Dizem alguns que depois faleceu, e outros que primeiro, que o Capitão seu marido, alguns anos; que foi enterrado (sic), segundo alguns dizem, na capela do mosteiro de S. Francisco; mas outros afirmam que na capela-mor da igreja matriz do Arcanjo S. Miguel, que havia antes da subversão de Vila Franca.

Tinha este Capitão Rui Gonçalves seu assento principal em Vila Franca do Campo, onde residia o mais do tempo, por ser então única vila nesta ilha. Era homem bem apessoado, grande e grosso, discreto e solícito em fazer cultivar e povoar a terra, visitando-a pessoalmente muitas vezes, só, a cavalo, vestido com uma peliça de martas e uma touca na cabeça, como naquele tempo se costumava, e com um cão grande detrás de si, chamado Temido, sem trazer outros pages consigo, e algumas vezes andava em uma mula, dando ordem à sua gente que roçavam as terras, que agora possuem os Capitães seus sucessores, que são a Salga e a Criação, chamada assim porque criava nela seu gado, perto dos Fenais da Chada, onde ele morava algum tempo, com sua mulher e família.

Este Capitão Rui Gonçalves da Câmara me parece que mandou vir de Guiné, ou da ilha da Madeira, as galinhas chamadas de Guiné, que nesta ilha multiplicaram muito e duraram pouco.

Repartiu a maior parte das dadas ou doações das terras desta ilha, de sesmaria, que é desta maneira: quando dava o Capitão dada ou fazia alguma repartição de terra nova, povoada de mato e espesso arvoredo, a alguma pessoa, de obrigação, na terra que lhe davam fazia curral e cafua, curral para gado e casa para morar, e tudo era para tomar posse do que recebia; e dentro em cinco anos eram obrigados, estes moradores e possuidores, a terem terra feita e roçada a maior e melhor parte daquela que lhe era dada e eles recebiam; e não o

fazendo assim, dentro no termo de cinco anos, ia outro pedir ou o Capitão podia dar a outrem aquela terra, e a dava, porque o primeiro não fazia benfeitoria nela.

Chamava-se terra de sesmaria, uns dizem que porque no sexto ano ficava livre do que a não aproveitara em cinco; de seis se chamava seismaria. Outros dão outras razões não tão boas. Pode ser que se diz terra dada de sesmaria, deste verbo ou desta palavra *scemo* em italiano, em que estas letras juntas só soam x e se há-de pronunciar *xem*o, que quere dizer dividido ou dividir, roçar, cortar, cultivar, porque a terra, dividida e repartida por muitos, para isso se dava, para se aproveitar, cortando- a, roçando-a e cultivando-a, que isto quere dizer *scem*o; e para fazer isto e os homens a quem se davam terem cuidado, era necessário pôr-lhe termo em que as beneficiassem, com pena de as perderem e ficarem devolutas e livres para as darem a outros colonos e lavradores, que as fizessem dar fruto. O mesmo quere dizer este vocábulo *scemat*o, dividido ou cortado. Também se pode com mais razão dizer que deste nome *scisma* (que quere dizer divisão de ânimos ou apartamento da obediência e congregação devida) se disse sesmaria, porque se dividem as terras por cada um, que dantes estavam juntamente devolutas e comuns a todos, em uma comunidade, porque *scisma* se diz deste verbo *scind*o, *scindi*s, que quere dizer cortar, e *scism*a, que quere dizer cortadura ou coisa cortada e parte dividida do todo, como se dividiu esta ilha no princípio, dando de scismaria (sic) e divisão ou partilha, a cada um dos que a vinham povoar, sua parte.

Fez seu testamento Rui Gonçalves da Câmara, filho do primeiro Capitão da ilha da Madeira, aos 21 dias do mês de Novembro da era de mil e quatrocentos e noventa e sete anos, em Vila Franca do Campo desta ilha de S. Miguel, estando enfermo em cama, da qual enfermidade faleceu, havendo bem governado a capitania vinte e um anos, pelo que parece que começou a governar na era de mil e quatrocentos e setenta e quatro anos, quando foi confirmada a compra e venda desta ilha por el-Rei D. Afonso, o quinto, e governando-a vinte e um anos, faleceu na era de mil e quatrocentos e noventa e sete ou oito, pouco mais ou menos. Deixou por herdeiro da Capitania a João Roiz da Câmara, seu filho, tendo-o já dantes nomeado também na sua legitimação, da maneira que era dada e confirmada pelos Infantes e Duques e Reis passados, e por el-Rei D. Manuel que então reinava, e depois por seus sucessores.

Toda outra fazenda e herança, que tinha em qualquer parte e lugar, tomou para se distribuir por sua alma e para pagar o que devesse.

Deixou por seu testemanteiro a João Roiz, seu filho.

Foi enterrado seu corpo dentro na capela-mor da igreja do Arcanjo S. Miguel, na sepultura onde jazia já sua mulher, a Capitoa D. Maria de Betancor, de que encarregou a seu filho que houvesse licença de el-Rei para se enterrar na capela-mor, que ele chamava capela dos grandes trabalhos, pelos que teve e pelas despesas grandes que fez em fazer povoar esta ilha.

Neste testamento deixou seis escravas, que tinha prometido em casamento, a seu genro Francisco da Cunha.

Deixou um anal de missa quotidiana na capela-mor onde seu corpo se enterrasse, e obrigou para isso o quarto da fazenda da Ribeira de Água do Mel, da ilha da Madeira, e as mais rendas que tinha; e o remanescente de sua terça se distribuísse cada ano por pobres, como se faz.

Era este Capitão Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome, mui temente a Deus e de boa consciência, e assim fez o seu testamento como muito amigo de Deus, segundo dele se pode bem coligir.

No dito testamento se vê que o dito Capitão Rui Gonçalves e Gaspar de Betancor ficaram por testamenteiros de D. Maria de Betancor, sua mulher, primeira Capitoa desta ilha, depois que se apartou a capitania da ilha de Santa Maria, mandando-lhe que o dito cargo de testamenteiro ficasse aos descendentes de Gaspar de Betancor, filho, neto, bisneto e mais descendentes; e assim nomeou o dito Rui Gonçalves, primeiro Capitão, por testamenteiro depois da morte de Gaspar de Betancor a seu filho João de Betancor, e depois seus filhos, netos e bisnetos, declarando que era melhor sê-lo uma só pessoa que duas, como mandava D. Maria, sua mulher, em seu testamento, que diz que fossem testamenteiros o dito seu marido e Gaspar de Betancor, e por falecimento de seu marido nomeasse uma pessoa que fosse com Gaspar de Betancor.

Estava esta quinta da Ribeira do Mel aforada por setenta mil réis cada ano; a qual teve Gaspar de Betancor e seus descendentes, que é como morgado, e agora rende muito mais.

O Capitão Manuel da Câmara, bisneto deste Capitão Rui Gonçalves, comprou depois um quinhão de vinte mil réis de renda que tinha Luís da Silva de Meneses, fidalgo, e D. Maria, sua mulher, na quinta de Água do Mel, da ilha da Madeira, os quais vinte mil réis herdam (sic) por morte de João Brandão, seu pai.

Nos derradeiros dias deste ilustre Capitão Rui Gonçalves da Câmara se fez alardo geral, por seu mandado, nesta ilha, das armas que nela havia, porquanto os andaluzes, naquele tempo das guerras de Castela com Portugal, vivendo el-Rei D. João, segundo do nome, soíam vir por estas ilhas, em armadas, a roubar e fazer entradas, principalmente e sendo avisado o dito Capitão de certa armada que vinha para entrar nesta ilha de S. Miguel; e se acharam nela cento e setenta lanças de costa, que tiveram em muito, e trinta e seis gibanetes que o mesmo Capitão, por seu dinheiro, mandou pedir ao Capitão da ilha da Madeira, seu irmão, e sobre isso escreveu uma carta a el-Rei, dando-lhe conta do ânimo dos moradores desta terra e da razão que havia para Sua Alteza fazer mercês e dar liberdades aos fidalgos, cavaleiros e homens honrados pelo muito esforço que neles achara, para defensão da terra e seu serviço.

CAPÍTULO LXVII

DA VIDA DO ILUSTRE JOÃO ROIZ DA CÂMARA, QUARTO CAPITÃO DA ILHA DE SÃO MIGUEL, ÚNICO DO NOME, E DOS FILHOS QUE TEVE

Por morte do ilustre Rui Gonçalves da Câmara, terceiro Capitão desta ilha de S. Miguel e primeiro do nome, lhe sucedeu na capitania seu filho João Roiz, que outros chamam João Gonçalves da Câmara, grande cavaleiro, muito discreto e benigno, tanto amigo de seus súbditos, tratando-os com amor, dádivas e cortesia, que convidava e afeiçoava muitos homens fidalgos do Reino para virem viver à sua boa sombra nesta ilha; como de feito vieram alguns, que já tenho atrás ditos, porque, além de ser naturalmente bem acondiçoado, humilde, liberal e grandioso, foi criado na Corte que artificiosamente realça a virtude e habilidade, engenho, discrição e bondade natural com que cada um nasce; como também, pelo contrário, acrescenta e refina a doidice, soberba condição e malícia do que nasceu mal ensinado, em cuja má inclinação a desenvoltura da Corte é como espada em mão de doido. Este Capitão, sendo mancebo, foi a África, onde esteve por fronteiro alguns anos em serviço de el-Rei. E na mesma Corte, onde andava, casou, em vida de seu pai, com D. Inês da Silveira, dama do Paço, a que el-Rei D. João, segundo do nome, tinha feito mercê de dezasseis mil réis de tença em sua vida dela, e pagos das suas rendas nesta ilha, para onde a trouxe seu marido, João Roiz da Câmara, em vida de seu pai, Rui Gonçalves, segundo parece.

Houve João Roiz da Câmara da dita D. Inês da Silveira, sua mulher, os filhos seguintes: o primeiro, Rui Gonçalves da Câmara, que herdou sua casa e lhe sucedeu na capitania, de que adiante direi.

O segundo filho, chamado João de Melo, foi frade professo da ordem de S. Bento, no mosteiro de S. Bernardo de Alcobaça, de que depois contarei alguns sucessos, e por um desastre que lhe aconteceu, se foi fora do Reino e dizem que faleceu no mar, indo em uma nau para Frandes; o qual, sendo mancebo, houve de uma Maria Dias um filho natural, chamado Rui de Melo, que casou na Índia e veio dela por capitão de uma nau de seu sogro, e tornando nela, se perdeu seiscentas léguas além da Índia, onde foi ter. De lá tornou para Goa, em uma barca que mandou fazer da madeira da nau.

O terceiro filho, por nome Diogo Nunes, foi esposado com D. Maria, filha de João d'Outeiro e de Guiomar Raposa ([327]), mulher que fora de Rui Vaz Gago do Trato, sendo moço de pouca idade, sem fazer vida maridável com ela; o qual, andando em Portugal, na Corte, se passou a África e lá o mataram os mouros em serviço de el-Rei.

Teve mais o Capitão João Roiz de sua mulher D. Inês da Silveira outro filho, chamado Garcia de Melo, e três filhas, D. Joana, D. Beatriz e D. Catarina, que faleceram solteiras, como logo direi.

Dizem alguns antigos que logo quando D. Inês veio a esta terra com seu marido João Roiz da Câmara, em vida do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome, seu sogro, por ela ser ainda muito moça e dama delicada, quando ouvia berrar os touros, que andavam muitos no mato junto das casas e povoados, perguntava a seu marido que era aquilo, e ele zombando lhe respondia que eram demónios, de que ela ficava muito espantada e cheia de medo; e achando-a uma vez o Capitão, seu sogro, chorando, lhe perguntou porque chorava, ao que ela respondeu: — Choro, senhor, porque me trouxeram a terra onde andam demónios, que João Roiz me disse que eles eram os que berravam. Ele lhe tirou o medo com brandas palavras e lhe provou o contrairo, com mandar ajuntar e trazer diante dela muitas vacas e touros, que com ciúmes berravam e pelejavam, dizendo-lhe: — Vedes aqui, filha senhora, os demónios que vosso marido disse. Com que ela ficou tão satisfeita e contente que, dali por diante, muitas vezes ia onde enfogueiravam (que era pôr fogo ao mato cortado ou alevantado

para fazer roça) a ver os touros pelejar e berrar, e também tomava por passatempo ajudar a enfogueirar. Ela e o Capitão, seu marido, fizeram muito tempo habitação na Ribeira Grande, desta ilha.

Este ilustre Capitão João Roiz da Câmara ainda deu muitas terras de sesmaria a alguns homens principais que em seu tempo vieram a esta ilha por seu respeito. E muitos adquirira e trouxera a si, como a pedra de cevar atrai o fino aço, se vivera muitos anos; mas viveu pouco, depois que teve a capitania, a qual governou com muita prudência, justiça, paz e bom exemplo. E, adoecendo de uma grave enfermidade, se foi curar ao Reino, onde lá faleceu na era de mil e quinhentos e dois ou três anos.

Depois de seu falecimento esteve sua mulher D. Inês nesta terra dois ou três anos, até que veio da Corte seu filho Rui Gonçalves da Câmara, com sua mulher, a tomar posse da capitania em que sucedeu a seu pai, João Roiz. Chegado ele, se partiu ela para Portugal, em uma caravela que se chamava a Jaca (por ser de um mestre e senhorio dela, por nome Pero Jaques, de Lagos do Algarve) levando consigo Garcia de Melo, seu filho, e as três filhas já ditas, D. Joana, D. Beatriz e D. Catarina, com tenção de as meter freiras em algum mosteiro no Reino, ou casá-las. E todas morreram no mar onde se perdeu o navio com tormenta (segundo dizem) na mesma noite que partiram, logo junto desta ilha, onde algumas pessoas afirmaram ouvir de noite gritos de gente. Outros dizem que se perdeu nas Formigas; outros no ilhéu de Vila Franca; outros que em Vale de Cabaços, onde se ouviu a grita. Mas parece que mais longe devia ser, pois não saiu à costa nenhum sinal deste naufrágio.

Este Capitão João Roiz da Câmara governou esta ilha com cargo de Capitão, por seu pai Rui Gonçalves da Câmara, algum tempo, sendo ele no Reino, com provisão do Duque, que assim dizia:

«Eu, Duque, vos faço a saber a vós, juízes e oficiais, fidalgos, cavaleiros e escudeiros e homens bons e povo da minha ilha de S. Miguel, que a mim disse Rui Gonçalves da Câmara, fidalgo de minha casa e do conselho de el-Rei meu Senhor e Capitão por mercê da dita ilha, como ele deixara ora lá em seu cargo de Capitão a João Roiz da Câmara, fidalgo de minha casa, seu filho; da qual coisa a mim me apraz, por sentir dele que é tal, que usará do dito cargo assim como pertence a serviço de el-Rei meu Senhor e meu, e bem da justiça; pelo qual vos rogo e encomendo e mando a todos em geral e a cada um em especial que obedeçais ao dito João Roiz em todas as coisas que ao cargo da dita capitania pertencerem, assim tão cumpridamente como fareis (sic) ao dito Rui Gonçalves, seu pai, se lá estivesse, e de direito sois obrigados fazer. O que de um e outro assim cumprirdes vo-lo agradecerei e terei em serviço. E do contrairo (o que eu de vós não espero) me desprazeria e tornaria a isso como fosse razão. E por este mando ao dito João Roiz que, no dar das terras, tenha esta maneira, sc., que as que forem dadas, não lhe dê espaço nem lhe bula com elas, nem dê terra de novo a homens que tiverem terras na dita ilha, e somente dará das terras maninhas àquelas pessoas que terras não tiverem, assim aos moradores da dita ilha, como àqueles que de novo a ela vierem viver. E qualquer coisa que ele acerca do que dito é fizer em contrairo, mando que não seja valiosa. Feito em Santarém aos vinte e cinco de Dezembro. — João Cordovil o fez, ano de mil e quatrocentos e oitenta e sete».

Dizem os antigos que, vindo a Vila Franca do Campo, desta ilha, armada castelhana no tempo das guerras entre Portugal e Castela, este ilustre Capitão João Roiz da Câmara, ou governando ele por seu pai, ou quando já era Capitão, por ver a pouca gente que havia na ilha, mandou pôr à vista, de longe, todas as mulheres e homens velhos e moços, com canas compridas arvoradas, de modo que parecessem lanças e gente armada, e os mais que podiam pelejar, junto do mar, quando os castelhanos quiseram cometer o porto, para os espantar e atemorizar. E cuidando eles que toda aquela mostra era de homens de armas, se foram, não ousando entrar na terra.

CAPÍTULO LXVIII

DA VIDA DO ILUSTRE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, QUINTO CAPITÃO DA ILHA DE SÃO MIGUEL, SEGUNDO DO NOME, E DOS FILHOS QUE TEVE

No tempo do falecimento do quarto Capitão João Roiz da Câmara, estava na Corte seu filho mais velho, Rui Gonçalves da Câmara, que lhe sucedeu na capitania e foi quinto Capitão desta ilha de São Miguel, segundo do nome. E por ficar de pouca idade, governou por ele seu tio, Pero Roiz da Câmara, até o ano de mil e quinhentos e quatro. Em vida de seu pai já era casado, no Reino, com D. Filipa Coutinha, filha de Lopo Afonso Coutinho, irmão do conde de Marialva, que casou uma filha com o Infante D. Fernando, irmão de el-Rei D. João, terceiro do nome, dos Coutinhos do Regno, que dizem terem este apelido, porque procederam de um alferes de uma bandeira, que andando em uma batalha, levavam os imigos aos seus de vencida, o que vendo ele, metendo-se na envolta também a pelejar, e apegando alguns contrairos com ele para lhe tomar a bandeira, ele aferrou nela de tal modo que, ainda que lhe cortaram ambas as mãos, lha não puderam tirar dos braços, e tornaram a ter vitória, a qual alcançada, quando o capitão o viu sem mãos e com a bandeira, lhe perguntou com que tivera mão nela, já que não tinha mãos; ele respondeu que com os cotinhos dos braços a tivera. Daqui veio ele e seus sucessores terem este apelido de Cotinhos, que outros dizem Coutinhos, fazendo-lhe el-Rei entre outras mais mercês esta dele.

Era esta Capitoa D. Filipa Coutinha dama da Excelente Senhora, e daí casou; foi recebida em casa de D. Gastão, seu tio, com o dito Capitão Rui Gonçalves da Câmara, que foi de mediana estatura, mas bem proporcionado; era gentil homem, de rosto bem assombrado e muito grave, no que bem representava o ser de sua pessoa e o cargo que tinha, e dotado de todas as boas partes, em especial muito largo de condição, amigo de seus criados e assim os teve muito honrados e ricos, porque o eram seus pais naquele tempo. O qual sabendo do falecimento do Capitão, seu pai, se veio na era de mil e quinhentos e quatro anos, pouco mais ou menos, com a dita D. Filipa Coutinha, sua mulher, para esta ilha, a tomar posse da capitania, onde a esteve governando alguns anos com muita prudência, paz e quietação.

Mas como a não há neste mundo (em que, segundo diz o Santo Job, a vida do homem é uma guerra sobre a terra) não faltaram invejosos ou agravados dele, que o inquietassem, porque (segundo se diz) o contador Martim Vaz Bulhão, com que teve dúvidas, e um Frei Bartolameu (sic), então ouvidor do Eclesiástico nesta terra, João d'Outeiro, cavaleiro do hábito de Cristo, sogro de D. Gilianes da Costa, Simão de Santarém, freire do hábito de Aviz, escrivão na mesma vila, Luiseanes, cavaleiro do hábito de Santiago, genro de Gonçalo Vaz, o Velho, Francisco da Cunha, fidalgo, marido de D. Beatriz, filha natural do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, primeiro do nome, todos moradores em Vila Franca, e João Fernandes Examinado, pai de João Álvares Examinado, da Alagoa, por diferenças de uma demanda que teve com ele, e outros que se ajuntaram na mesma consulta, fizeram a el-Rei capítulos dele. Uns dizem que por causa dumas escrituras que desapareceram, outros que por causa de mulheres, outros que por recolher homiziados em sua casa.

Tão importunado se viu el-Rei que o mandou ir emprazado à Corte, pelo que foi forçado ir-se desta ilha, da qual levou consigo muitos homens, fidalgos, nobres e honrados, dos principais da terra, seus amigos que, às suas próprias custas de cada um, o quiseram acompanhar naquela trabalhosa jornada, que dizem ser: Sebastião Barbosa, o Velho, grão dizedor, e seu filho Hector Barbosa, Jorge Nunes Botelho, Diogo Nunes Botelho, Pero de Teive, Rui Gonçalves e Gonçalo Vaz, filhos de João Gonçalves Botelho, do lugar de Rosto de Cão, Álvaro Lopes, o Velho, de Santo António, Pero Roiz Raposo e Diogo Roiz Raposo, filhos de Rui Vaz Gago do Trato, Estêvão Álvares de Rezende, João Álvares do Sal, João Roiz Badilha, Pedralvres Benavides, da Ponta Delgada, Diogo Dias Brandão e João da Grã, de Vila

Franca, Rui Tavares e Gonçalo Tavares, irmãos, Baltasar Vaz de Sousa e João do Penedo, da Ribeira Grande, Guterres Lopes, Pero Manuel, Estêvão de Oliveira, Gaspar Pires Carvalho, de Água do Pau, Vasco de Medeiros, Fernão Lopes de Frielas, João Roiz, da Alagoa, pai de Manuel Roiz, vigairo dos Fenais da Maia. E outros a que não soube os nomes partiram desta ilha na era de mil e quinhentos e dez, pouco mais ou menos.

E chegando à Corte foi despedido por el-Rei, com os que levava em sua companhia, caminho de África, aonde foi ter a Tânger, e estando ali alguns meses, sabendo el-Rei D. Manuel que el-Rei de Fez, movido das afrontas que lhe cada dia os fronteiros faziam, determinava de ir cercar outra vez a Arzila, com muita gente e munições de guerra (como foi e depois alevantou o cerco pola ter bem apercebida); entre outros fronteiros que nela então se acharam foi este ilustre Capitão Rui Gonçalves da Câmara que, de Tânger, donde estava por mandado de el-Rei, se foi a Arzila, por lho el-Rei assim mandar por uma carta, levando consigo quarenta de cavalo, desta gente nobre que tenho dito, e cinquenta besteiros e outros homens de pé, onde esteve alguns meses até se alevantar o cerco, como acima disse. E por todo o tempo esteve em África um ano, que foi o de mil e quinhentos e onze, pouco mais ou menos.

E o dito cronista Damião de Goes no capítulo terceiro da terceira parte da Crónica de el-Rei D. Manuel diz que estas e outras coisas aconteceram na era de mil e quinhentos e nove e mil e quinhentos e dez e mil e quinhentos e onze, pelo que não se pode entender que fosse este Capitão Rui Gonçalves o terceiro Capitão desta ilha, primeiro do nome, como se diz na relação dos Capitães da ilha da Madeira; pois esse e seu filho João Gonçalves ou João Roiz, que lhe sucedeu na capitania, já então eram ambos falecidos e já era, nestes anos sobreditos, este Rui Gonçalves da Câmara quinto Capitão desta ilha de S. Miguel, segundo do nome, neto do outro Rui Gonçalves da Câmara, a que alguns sem razão queriam atribuir o sobredito socorro.

E em África fizeram os naturais desta ilha muitas cavalgadas, no tempo que lá estiveram acompanhando seu Capitão, que foi um ano inteiro, onde todos foram armados cavaleiros.

Depois do Capitão fazer estes serviços um ano à Coroa, em África, se veio à Corte com sua gente, bem concertada e muito lustrosa, a beijar a mão a el-Rei D. Manuel, onde, pelos capítulos que dele haviam dado, saiu a sentença contra ele, por onde perdeu a jurdição e capitania, o que vendo ele se deixou andar na Corte seis anos em que veio criar estreita amizade com Jorge de Melo, monteiro-mor, com o qual se concertou que lhe daria seu filho, Manuel da Câmara, para casar com D. Joana de Mendonça, sua filha, e que Jorge de Melo lhe entregaria a jurdição e capitania perdida; o que cumpriu daí a pouco tempo, porque uns dizem que um dia ao jantar, outros que uma noite, véspera da festa de Natal, estando o Capitão Rui Gonçalves da Câmara jantando ou consoando, lhe mandou Jorge de Melo (como tinha impetrado de el-Rei, de que era muito privado) entre dois pratos, por dois criados, a sua jurdição, dizendo que aquela iguaria lhe mandava Jorge de Melo, com o que lhe acabou de confirmar também de sua parte a promessa feita, de casar seu filho com sua filha, sem a Capitoa D. Filipa ser sabedora, nem ser contente no tal casamento depois que o soube; mas isso não foi parte para deixar de haver efeito, como houve. E depois contarei, quando tratar do dito Manuel da Câmara, que sucedeu a seu pai Rui Gonçalves da Câmara, na casa e capitania.

Havida a jurdição pelo modo sobredito, tendo feito de custo, nestas idas de Portugal e de África e estada na Corte, perto de vinte mil cruzados, se veio, no ano de mil e quinhentos e dezassete, muito endividado, o dito Capitão Rui Gonçalves da Câmara para esta ilha, onde foi recebido no porto de Vila Franca, quando desembarcou, com muita festa e procissão solene e levado à igreja Matriz do Arcanjo S. Miguel, onde deu muitas graças a Deus, por o trazer livre de tantos trabalhos. Mas os que fizeram os capítulos, não se tendo por livres, cobraram carta de immizidade (sic) contra ele, para que não entendesse em seus casos, nem se antremetesse em coisas suas. E nos sete anos que esteve absente, seu tio, Pero Roiz da Câmara, governou a capitania por ele.

Teve este ilustre Capitão Rui Gonçalves da Câmara de sua mulher, D. Filipa Coutinha, três filhos, Simão Gonçalves da Câmara, Manuel da Câmara e João de Sousa, e duas filhas, D. Hierónima e D. Guiomar. Também teve um filho natural, chamado Miguel da Silveira. Simão Gonçalves da Câmara, o mais velho, morreu mancebo, antes do dilúvio de Vila Franca; todos os mais faleceram no mesmo dilúvio, tirando Manuel da Câmara que não se achou aquela noite na dita vila, como direi adiante.

Procurou este Capitão, em seu tempo, dar lustro a esta ilha, atraindo a si muitos homens honrados, fazendo-lhe todas as honras e favores possíveis. Alguns dizem que ele mandou vir a

semente de pastel, de Tolosa, de França, e muitas aves e árvores diversas. E assim mandou fazer o mais rico pomar de toda a ilha, na sua quinta do Cavouquo (sic) onde tinha uma fonte de água, além de muitas árvores de espinho de toda a sorte que nele havia; não faltavam grandes castanheiros e nogueiras que davam muitas nozes e castanhas, pereiros e pereiras, de que se colhiam em seu tempo infinidade de peros e outras frutas, e esquisitas árvores que com muita curiosidade mandava vir de remotas terras. Fez também, na vila de Alagoa, uns fortes e ricos paços de grão casaria, com compridos esteios de cerne por dentro das paredes, até o sobrado, para assim ficarem mais seguros contra os contínuos terramotos que nesta terra então havia; os quais paços, ainda que estão quase arruinados, mostram a magnificência e grandeza de quem os mandou fazer. Depois os fez consertar o conde D. Rui Gonçalves da Câmara, seu neto. Fez também a quinta do Cavouquo que, por honra de seu autor, deveram de acrescentar e conservar seus ilustres sucessores, já que pelo proveito e refresco, que destas coisas colheriam, o não fazem. Mas a causa disto é por nesta ilha, que é sua morada, serem hóspedes e lá no Reino terem seu principal assento, de que fazem mais cabedal. Mandou também fazer um formoso galeão e bem artilhado, com que se servia das coisas do Reino e de outras partes, quando lhe era necessário.

Mandou este Capitão em seu tempo fazer muitas atafonas na vila da Ponta Delgada, junto do mosteiro de S. Francisco e abaixo da igreja paroquial de S. Pedro, por aliviar a opressão que o povo padecia em mandar fazer as farinhas aos moinhos da vila da Ribeira Grande, que estavam longe. Mandou trazer de Portugal codornizes e coelhos, que multiplicaram muito. Também mandou trazer perdizes, que se perderam.

Porque (como tenho dito) João de Melo, irmão do dito Capitão, se foi desta ilha, sendo mancebo, fazer frade da ordem de S. Bento, no mosteiro de S. Bernardo em Portugal, e nunca fez partilha nem pediu sua parte ao dito Capitão, depois da morte de seu pai e mãe; falecendo o dito João de Melo, mandou o prelado daquele mosteiro onde ele professou arrecadar a fazenda que lhe cabia da sua herança, havendo-a por sentença julgada, a qual dizem que montaria mil cruzados, pouco mais ou menos. Veio o Capitão a pagar e entregar tudo, uns dizem que ao procurador do mosteiro, outros que, por João Pardo, homem nobre, veador de sua casa e seu ouvidor muitos anos, enviava os mil cruzados em dinheiro e juntamente muitas peças de ouro e prata e móvel rico de casa, como foram duas baixelas de prata branca e outra dourada, um cavalo muito formoso, três ou quatro pipas de cadeiras de estado com a guarnição de veludo e outras coisas a seu filho Manuel da Câmara que estava no Reino, e por isto e a contia da dívida fazerem muita soma, ou por ele o pagar de má vontade, que lhe deu trabalho a juntá-lo, pelo tomar em tempo que ainda não tinha acabado de sanear as feridas dos vinte mil cruzados que gastara em África e no Reino, recolhendo-se depois de jantar a descansar em seu leito, deu a alma a Deus que a criou, sem mais estrondo nem rumor da morte trabalhosa. E não faltou quem dissesse que morreu assim agastado de se lhe cobrir o coração pelo dinheiro que entregou. Mas o certo é que acabou como acabaremos todos. A Capitoa D. Filipa, vendo que era tarde, o foi acordar por não dormir tanto, e achando-o com o sono da morte, se tomou a casa, e a vila da Ponta Delgada (onde faleceu uma quarta-feira, vinte dias de Outubro da era de mil e quinhentos e trinta e cinco anos) e depois a ilha em redondo, toda um grito e pranto, pela perda de tal senhor.

Era de idade perto de sessenta anos, ao menos dos cinquenta e cinco para cima, dos quais governou a capitania (entrando os sete anos que, em sua absência, foi seu logotente seu tio Pero Roiz da Câmara) trinta e três anos.

Foi sepultado na capela-mor do mosteiro de S. Francisco. Tinha ele e a Capitoa D. Filipa feito juntamente um testamento em que mandaram fazer muitas obras pias (ficando um por testamenteiro do outro) aos vinte e nove de Janeiro de mil e quinhentos e vinte e quatro anos, em que nomearam por herdeiro a seu único filho Manuel da Câmara e o mesmo e seus descendentes deixaram também por testamenteiros. Mandou dar largas esmolas a pobres envergonhados e vestir logo doze, e dizer muitas missas, anais, capelas e trintairos (sic), e algumas cantadas, em cada um ano para sempre, e que do remanescente de sua terça (a que couberam novecentos e quarenta e um mil e dezasseis réis) o seu testamenteiro tirasse cada um ano dois cativos de terra de mouros, os mais desamparados e sem remédio que achasse.

A Capitoa D. Filipa foi sempre muito virtuosa e de muitas esmolas, e discreta em saber repartir. Afeiçoada a pessoas virtuosas e religiosas, folgava de falar com pessoas discretas, pela qual razão falava com poucas mulheres; era de grande autoridade na pessoa e na fala, muito caridosa com os enfermos de sua casa e de fora, de tal modo, que pelo mais pequeno

negrinho de sua família, gastara liberalmente toda sua fazenda para lhe dar saúde; havia de ver fazer as mezinhas que se ordenavam para os seus doentes. Não queria ouvir dizer mal de ninguém. Se no povo, ou entre oficiais de justiça, ou religiosos, havia discórdias, procurava pôr paz. Tinha cada dia, antes de comer, sua oração secreta diante de um retábulo onde estava um crucifixo, em que chorava muitas lágrimas. Todos os dias ouvia missa que mandava dizer em sua casa e sempre teve capelão até que faleceu. Quando era casada, mandava fazer muitos vestidos afim de os dar por amor de Deus, o que fazia secretamente.

Fez de sua terça a maior parte do mosteiro da Esperança, na vila da Ponta Delgada, em que recolheu as freiras de Vale de Cabaços, da vila de Água do Pau, em uma terra que Fernão do Quintal e sua mulher deram para se fazer o dito mosteiro; e depois fez umas casas encostadas a ele, em que morou viúva muitos anos, e por sua morte lhas deixou. Depois do mosteiro acabado, fez tresladar os ossos de seu marido para a capela dele. Recebeu os sacramentos necessários antes de seu falecimento (havendo trinta dias depois de um acidente que lhe deu) com dizer muitas palavras devotas e discretas, que em sua enfermidade sempre teve; faleceu de idade mais de oitenta anos, dia de Janeiro de madrugada, acabando o ano de mil e quinhentos e cinquenta e entrando o de cinquenta e um. Foi enterrado seu corpo, vestido no hábito de Santa Clara, na sepultura do Capitão seu marido, no mosteiro das Freiras da Esperança, onde mandam cantar dois anais. Mandou dizer muitas missas e trintairos, aprovando o que seu marido e ela mandaram em o testamento que ambos ordenaram. Fizeram-se solenes ofícios por sua alma. Deixou as casas em que vivia, junto do mosteiro da Esperança, e dois moios de terra no termo da vila da Alagoa ao mesmo mosteiro, por trinta e tantos moios de trigo que lhe tornou na Salga, da Achada dos Fanais da Maia, para dar a seu filho Manuel da Câmara, que ficou por administrador e testamenteiro, a qual terra rende para sempre dois moios de trigo cada ano. Foi sentida sua morte de todo o povo e muito mais de muitos pobres que ela com suas esmolas sustentava.

CAPÍTULO LXIX

DE ALGUMAS COISAS QUE PRECEDERAM O TREMOR DA TERRA, QUANDO SE SUBVERTEU VILA FRANCA DO CAMPO, QUE ACONTECEU NO TEMPO DE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, QUINTO CAPITÃO DA ILHA DE S. MIGUEL, SEGUNDO DO NOME

Certo sabemos que muitas coisas, primeiro que se viessem a efectuar, andaram muito tempo na boca das gentes, sem saber donde nasceu a tal opinião. Assim a destruição de Vila Franca do Campo que quero contar, primeiro se dizia que viesse, ora procedesse de revelação divina, posta na boca dos meninos para denunciarem o castigo que Deus queria dar àquela vila, ou de outra qualquer causa.

E poucas vezes manda Deus a execução de sua justiça, para castigar os pecadores, sem primeiro (para citação das partes) mandar pregoeiros e mensageiros que declarem o rigor da sentença que ele tem dada na sua mente divina, como as visões e sinais que se viram sobre Hierusalém ([328]), antes de ser destruída por Tito e Vespasiano, e outros muitos pronósticos (sic) de desolações futuras de lugares e povos, que antes de serem chegadas já eram sabidas e apregoadas, até pela boca de meninos, de que não faço particular menção por evitar prolixidade.

Assim, querendo Deus castigar Vila Franca do Campo, a mais populosa vila destas ilhas dos Açores, onde com a grande abundância e viço vicejaram muitos males naquele antigo tempo fertilíssimo, sem saber donde nascera o prognóstico, permitiu Deus que andassem os meninos inocentes alguns dias dantes de seu dilúvio (como alguns lhe chamam), apregoando pelas ruas que havia de vir cedo, e na sua véspera diziam claramente: amanhã havemos de morrer todos e se há-de alagar esta vila. Seus vizinhos diziam uns a outros: dizem que nos havemos de alagar esta noite; ceemos bem e morreremos fartos. E uns compadres diziam a outros: compadre, comamos hoje nossos capões, pois que havemos de morrer amanhã; tão cego andava todo aquele povo que em lugar de temer e tremer e fazer penitência, zombando se dava e entregava mais a deleites e manjares. Todavia, alguns temendo, fugiam para outras partes, outros, não o crendo, ficavam na vila, outros escaparam fora em suas quintas onde moravam, outros, por acudirem a seus negócios, se iam a suas granjearias fora dela, como aconteceu a alguns que irei dizendo.

Antes desta subversão e tremor da terra que quero contar, veio ter a esta ilha um padre pregador da ordem de S. Domingos, chamado Frei Afonso de Toledo, o qual, dizem, era irmão do arcebispo de Toledo e parente chegado do duque d'Alva. A causa de sua vinda a esta terra, dizem ser porque, no tempo das comunidades que houve em Castela, era ele um dos comuneiros, e dizem também ser o abade de Tentule (sic) que pretendia ser Bispo de Çamora, e o de Çamora arcebispo de Toledo. Este pregador, dizem alguns que naquele tempo pregara, aqui na vila da Ponta Delgada, que se havia de alagar uma vila ou ilha; outros dizem que não pregava senão que se emendassem todos nesta ilha e fizessem penitência, porque lhe arreceava vir sobre ela grande castigo, pelos males e pecados que via na gente dissoluta, com a grande abundância e fartura que então havia nesta ilha, onde todos viviam ricos e abastados, sem se achar um pobre a quem se pudesse dar esmola, para o que fazia fazer algumas procissões muito devotas, o que parece ser assim; porque, como outros antigos contam, foi chamado o dito pregador uma sexta-feira, seis dias antes da subversão, de mandado do ouvidor do eclesiástico; do qual perguntado deste caso, como sabia que se havia de alagar esta ilha, respondeu: *No digo io esso, sino que será lo que Dios quisier*e; dizendo que pregava contra os vícios que via, arreceando que viesse algum grande castigo por eles.

Véspera da subversão, o tornou a mandar chamar o ouvidor do eclesiástico da (sic) Ponta Delgada; e chegando à Vila Franca já tarde, chamando à porta do dito ouvidor para falar com

ele, lhe foi dito de sua parte por um pagem de casa que ao outro dia lhe falaria; ao que respondeu Frei Afonso: *Puede ser que mañana no me podra habla*r; a qual palavra o dito pregador confessou depois a algumas pessoas nobres que a dissera assim à ventura, sem adivinhar o que havia de ser. Também não passou assim o que outros contam dele, que acabando de dizer esta palavra, se foi além da ribeira, a uma pousada de um homem pescador, chamado o Gago, que servia de estalagem, onde estando recolhido em oração, mandou um seu moço fora, olhasse se via alguma coisa para a parte do mar, e tornando o moço dizendo que não via nada, o tornou a mandar com aquela sete vezes, e na derradeira lhe disse o moço que vira uma nuve (sic) pequena, como pegada de um homem, subir do mar, e que então dissera o dito pregador que era chegada a hora que se havia de destruir Vila Franca. A qual história, posto que ele estivesse então recolhido naquela estalagem onde soía pousar, não passou assim. Mas alguns, não certos relatores, lha aplicaram, sendo caso que aconteceu a Elias, profeta, no Monte Carmelo, como se pode ver no fim do décimo octavo capítulo do terceiro Livro dos Reis.

Gomes Fernandes, homem nobre, que depois viveu no lugar do Faial, oito dias antes do terramoto, se partiu de Vila Franca para a ilha da Madeira, e o dia que se subverteu a dita vila sentiram os marinheiros e passageiros tremer a nau no mar; e chegando à ilha da Madeira, acharam nova que era perdida esta ilha de S. Miguel, do que eles se riram e disseram que tal não era. Mas não tardou muito um navio que foi desta terra, com o qual se soube que era destruída Vila Franca.

Segunda-feira, dois dias antes do dito tremor, se foi Pero da Costa embarcar com duas suas irmãs, Isabel da Costa, que depois se chamou Isabel do Espírito Santo, e Maria da Costa, que depois, sendo freira, foi seu nome Maria da Trindade, que então eram moças solteiras, e partindo de Vila Franca, onde moravam, para a Povoação Velha, para governar a fazenda de seu pai, que lá tinha, ainda que então também era mancebo bem moço, ia para começar a lavrar e semear as terras, com as ditas irmãs, para ministrarem o mantimento à gente de casa. Deitado o batel ao mar para fazerem sua viagem e saídos do porto tanto como meia légua, sendo ante-manhã uma hora, não taparam a jaja do batel, pelo que fez tanta água que não lha podendo tomar, se tornaram ao porto donde haviam partido, e daí para casa, onde ficava seu pai e mãe e outros irmãos.

À terça-feira seguinte, de madrugada, querendo-se embarcar só no mesmo barco o dito Pero da Costa, oferecendo- se suas irmãs sobreditas a ir com ele, como dantes iam, lho quisera estorvar sua mãe; mas uma das irmãs, Isabel do Espírito Santo, que desejava ir, por ver ser assim necessário, ainda que a outra tinha pouca vontade e a mãe muito menos, posto que porfiava, já cessava sua ida; todavia, como Deus as tinha guardadas para serem suas servas, como tanto depois foram, veio Maria da Trindade conformar-se mais com a vontade da outra irmã, e partindo, chegaram com boa viagem à Povoação, terça-feira ao meio-dia. A horas de véspera, lhe pediu um vaqueiro de seu avô o barco, para nele vir a Vila Franca buscar coisas necessárias para o monte, e chegando com seus companheiros, varando o barco no porto da vila, donde havia partido, se recolheu a negociar e negociou para sempre, porque a madrugada seguinte foi espantoso tremor e coberta a vila de terra, onde ele e todos os demais ficaram sepultados.

Eis aqui como escapam muitas vezes vivos, pelos rodeios que Deus ordena, os que estavam no perigo, e vão buscar de perto a morte os que estavam fora e longe dela. Assim ficaram vivas as duas irmãs, como treslado (sic) da vida contemplativa que depois tiveram, com seu irmão, não menos servo de Deus na outra vida activa, em que, por muitos anos que viveu naquela vila, depois de reparada ou de novo feita, lhe fez muitos e notáveis serviços, dignos de celestial galardão e perpétua memória, ficando também sepultada toda a mais casa de João de Arruda, pai do dito Pero da Costa, na dita vila, convém a saber, sua mulher e duas filhas e um filho e um escravo e uma escrava. Mas João de Arruda por ter que fazer na Ponta Delgada, para onde também André Gonçalves de Sampaio, chamado Congro, estava de caminho, para se recolher a sua fazenda do lugar de Rosto de Cão, ordenaram de irem ambos em companhia, e estorvava-se a ida por faltar uma cilha para a besta em que havia de ir a mulher de André Gonçalves, pelo que cessava sua partida; mas tinha-lhe Deus dado vida, porque João de Arruda lhe ordenou de uma corda remédio, pelo que fizeram seu caminho e escaparam, ficando a mais gente de sua casa soterrada debaixo da terra, como todos os mais da vila ficaram. Donde se podem conjectura outros muitos acontecimentos semelhantes, que haveria então em um povo tão grande.

Também o Capitão Rui Gonçalves da Câmara, três ou quatro dias antes do tremor, se queria partir só, de Vila Franca onde morava, para uma sua quinta do Cavouquo (sic), que tinha acima da vila da Alagoa; mas por D. Filipa Coutinha, sua mulher, ter ciúmes dele, o quis acompanhar na jornada, deixando na dita vila filhos e filhas e toda a mais gente de sua casa. Alguns dizem que queriam levar consigo seu filho Manuel da Câmara, que era então de pouca idade, contra sua vontade, querendo ele antes ficar com suas irmãs, para o qual fim foi à estrebaria encravar a mula em que havia de ir, por ao tal tempo andar de amores na dita vila. Outros dizem que seu pai e mãe o deixavam ficar com os mais de casa, e partidos, ele como moço de pouca idade e muito mimoso, os vinha de trás seguindo e por mais que o Capitão o fazia tornar para a vila, não deixava ele de os seguir, até que por rogos dos cavaleiros que o iam acompanhando, o mandou tomar às ancas de um e levou consigo para o Cavouquo, com que escapou da morte, ficando morgado e herdeiro da casa de seu pai, por falecer em Vila Franca seu irmão mais velho, que o era, com toda a mais gente da dita casa.

A própria noite da subversão de Vila Franca, houve homem que ouviu um ronco muito grande vir da banda do noroeste e ir para oriente, e chegando o dito ronco como sobre a vila de Água do Pau, começou tremer a terra.

CAPÍTULO LXX

DO GRANDE E FURIOSO TREMOR OU TERRAMOTO DA TERRA QUE HOUVE NA ILHA DE S. MIGUEL, EM TEMPO DE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, QUINTO CAPITÃO DELA E SEGUNDO DO NOME, COM QUE SE SUBVERTEU VILA FRANCA DO CAMPO, A MAIS NOBRE E PRINCIPAL DAS VILAS QUE NELA HAVIA

Deus, que é causa primeira de que tudo depende, quando por seus justos e ocultos e às vezes manifestos juízos, quer castigar algumas das criaturas que ele criou, toma por instrumentos as causas segundas, que são os elementos; e às vezes, contra grandes e desaforados males, coisas pequenas e baixas, como são os bichinhos da terra, ou a mesma terra, como a tomou nesta ilha de S. Miguel para cobrir e assolar a mais populosa vila que nela e em todas as ilhas dos Açores naquele tempo havia, chamada Vila Franca do Campo, onde residiam os ministros da justiça eclesiástica e secular, e a mais nobre gente da ilha tinha suas moradas, e estava o porto principal, e escala, e alfândega, e ricos e grossos lavradores e mercadores; o que tudo veio a parar em dores, com vários e desastrados casos, que em sua subversão aconteceram, como agora direi, para com tal exemplo ser Deus engrandecido em seu poder e temido em seu juízo e castigo.

Em tempo que governava esta ilha de S. Miguel o muito ilustre Rui Gonçalves da Câmara, quinto Capitão dela e segundo do nome, servindo de seu ouvidor Antão Pacheco, e sendo ouvidor do eclesiástico Simão Godinho, na era de mil e quinhentos e vinte e dois anos e vinte e dois de Octubro da dita era, sendo quarto dia de lua, em uma quarta-feira, menos de duas horas antemanhã, não havendo sinais do céu, nem da terra, mais que a notícia confusa e voz e murmurinho do povo, que atrás tenho dito, estando o tempo sereníssimo, sem fazer bafo de vento que então era levante, estando o céu estrelado e claro, sem aparecer nuvem alguma, se sentiu em toda a ilha um grandíssimo e espantoso tremor de terra, que durou por espaço de um Credo, em que parecia que os elementos, fogo, ar e água, pelejavam no centro dela, fazendo-a dar grandes abalos, com roncos e movimentos horrendos, como ondas de mar furioso, parecendo a todos os moradores da ilha, que se virava o centro dela para cima e que o céu caía. E acabando o espaço do Credo, ou de um Pater-Noster e Avé Maria a todo mais, e ainda não foi tanto, tornou outra vez a tremer mais brandamente outro tanto; a horas de terça, no mesmo dia, tornou a tremer muito rijo por pouco espaço; ao meio dia tremeu outra vez, e à véspera, outra.

Do primeiro tremor antes que amanhecesse, arrebentou e quebrou grande quantidade de terra, correndo por muitos lugares, dos baixos para os altos, e de outras partes, dos altos para os baixos; principalmente sobre Vila Franca quebrou grande quantidade de faldra de um monte, do pé da serra, que está sobre ela; e alagando-a e cobrindo-a de terra, lodo e alguns grandes penedos, da banda do norte, totalmente a subverteram.

Em uma só triste noite foram acabadas muitas vidas e ficou tudo tão coberto, que nem nobres casas, nem altos edifícios, nem sumptuosos templos, nem nobres e vulgares pessoas pela manhã apareceram, ficando tudo raso e chão, sem sinal nem mostra onde vila estivesse, porque com o tremor caíram os mais dos edifícios primeiro e a casaria, que acolheu a mais da gente debaixo, depois, sobrevindo a terra correndo, arrasou tudo, como raio ligeiro que desbarata quanto acha mais forte e duro.

Da ribeira para a parte do oriente, onde estava a vila, tudo foi assolado e os moradores todos quase mortos. Somente na mesma ribeira, para o ponente, escaparam algumas casas, delas caídas, onde ficaram vivas até setenta pessoas, pouco mais ou menos, as quais todas começaram a dar grandes gritos, chamando uns por Deus, outros por Santa Maria, na qual aflição lhe foi grande consolação a presença e doctrina do padre Frei Afonso de Toledo, que com eles escapou no mesmo arrabalde, amoestando-os que se confessassem e pedissem a

Deus misericórdia, pondo por intercessora a Virgem Nossa Senhora, a que fez fazer uma casa de invocação do Rosairo, onde depois se fez mosteiro de frades franciscos, porque o que estava arriba da vila, quase ao pé da serra, foi o primeiro edifício que se cobriu de terra, onde morreram até vinte pessoas, entre sacerdotes e coristas e hortelão.

Dois homiziados que ali estavam, sentindo o tremor, fugiram por uma rua abaixo, bradando à gente que fugisse; um deles alcançou a terra e morreu; o outro, fugindo mais prestes, escapou; e sós três frades escaparam, que foram do mosteiro para a vila, não se sabe como, se por seu pé, se por os levar a terra sobre si, até junto onde está agora o mosteiro das freiras, e aí se tiveram em uns dragoeiros derrocados e caídos.

Pouco antes disto havia que eram vindos dois clérigos do bispado do Algarve, fugidos das asperezas do Bispo, que os tratava muito mal; um deles, homem de respeito e de idade de cinquenta anos arriba, e outro, mancebo, e se recolheram em uma casa sobre a ribeira, onde ambos pousavam e, como não ficaram muito cobertos de terra, os comeram os cães.

Uma menina, de idade de três ou quatro anos, que depois foi mulher de um Fernão Pires, escapou em cima de uma tábua, não se sabe como, mas o pai e mãe e toda mais gente de casa ficou soterrada e morta.

Um padre, chamado Álvareanes, beneficiado na dita vila tinha uma negra, a qual, ficando a casa de seu senhor coberta da terra e ele soterrado nela, foi sã e salva, estando na mesma casa, ao barco em que havia vindo o barqueiro atrás dito, da Povoação, o qual estando varado, parece que o ímpeto da terra o levou ao mar e pela manhã apareceu a negra dentro dele, onde se salvou.

Da banda do ponente da ribeira, onde estava a cadeia, foi também correndo a terra, encostando-se a ela, mas não a derribando, escaparam os presos, os quais logo foram soltos pela gente que acudiu. Abaixo da cadeia morava uma mulher viúva, a qual, alevantando-se da cama pelo tremor que ouvira, abrindo a porta, deu o entulho da terra ou barro nela, encostando-a a uma das ombreiras da porta, e ainda que a não cobriu de todo, ali apareceu, ao outro dia, entalada e morta. Dali foi correndo uma lista de terra ao longo da ribeira, onde havia mui formosa casaria, a qual também toda se destruiu e morreu toda a gente que nelas morava, salvo Estêvão Nunes de Atouguia e um negro seu, o qual, ouvindo o tremor, se saiu de uma câmara que estava da banda da ribeira, por onde ia a maior força da terra, para a sala, e ali escapou, ainda que da mesma sala ficou pouca parte em pé. Isto era às costas da ermida de Santa Catarina. Dali para o ponente, onde havia poucas casas, escaparam todas e os moradores delas, que seriam (como já disse) setenta almas.

O Capitão Rui Gonçalves da Câmara, que era ido, dois ou três ou mais dias havia, para uma sua quinta do Cavouquo com sua mulher D. Filipa e seu filho Manuel da Câmara, lá escaparam; mas suas casas, ainda que estavam desta mesma parte da ribeira, chegadas a ela, se perderam e nelas lhe morreram duas filhas, D. Hierónima e D. Guiomar, e seu filho morgado, e uma sua irmã, chamada D. Melícia, e um filho natural, com muita gente que ficou em casa.

Escapou também Augustinho (sic) Imperial, genoês, e sua mulher Aldonça Jácome, saindo da câmara para a sala, e quantos ficaram nas outras casas morreram.

Assim que correndo esta terra logo no princípio, assolou a vila toda em tão breve espaço que se não pôde ninguém salvar, e tomou grande posse do mar, entrando por ele.

Ficaram também outras duas casas em pé à borda dele, porque ia a terra cansada e não com tanta fúria: uma foi a de Rui Vaz da Mão, por cansar ali o entulho da terra que corria, cobrindo um dos dois sobrados que a dita casa tinha; a outra era de João d'Outeiro, um dos mais ricos homens desta ilha, que foi sogro de D. Gilianes da Costa; mas as câmaras e recâmaras ficaram mais danificadas.

Muitos se acolhiam dos lugares onde a terra que corria não chegou para a igreja de S. Miguel, principal, cuidando ter nela refúgio, e os afogou o lodo e polme, que já ali não corria com muita pressa e ligeireza, senão com algum vagar; quase como foi aqui o biscoito que correu na vila da Ribeira Grande e outros biscoitos que correram vagarosos; pelo que parece que se correra de dia, tomando a gente acordada, que vira por onde e para onde fugia, se salvaríam quase todos os que as casas caídas não mataram; mas como era de noite, no quarto da modorra, quando dorme quem de noite às vezes não pode dormir, alcançou tantos a morte

dormindo e amanheceu-lhe aquela noite na outra vida aos que, vigiando, pode ser que ficaram ainda vivos nesta. E não seria para eles grande mal amanhecer na outra vida, ou dormindo acordar lá, se não houvesse ali alguns dormentes em pecado mortal, que com culpas mortais amanhecessem na noite do inferno para sempre.

Está o monte donde arrebentou a terra, como sabão e pedra pomes tudo misturado, um quarto de légua da vila que cobriu; com o qual polme saíram grandes penedos pela concavidade da ribeira, por onde ia a maior quantidade e enchente dele, um dos quais ficou abaixo do mosteiro de S. Francisco que então havia, de cujas oficinas não ficou figura alguma, nem rasto. E outro penedo muito grande atravessou a vila toda, da serra ao mar, onde se foi assentar no porto antigo, que então servia, entrando pela água alguns quarenta passos e, chegando ao lugar onde está posto, e aparece parte dele sobre as águas, quase defronte da casa que foi de Jorge Furtado; parece que não podia trazer outro caminho senão pela igreja principal, que era um sumptuoso templo do Arcanjo S. Miguel, que havia pouco tempo que se acabara, mas em mais poucos acabou de desaparecer de todo.

Havia no porto então quatro ou cinco navios, abrigados ao ilhéu, para partirem para Portugal, o que foi causa de morrer mais gente ali, onde se ajuntava de toda a ilha para fazer aquela viagem.

Depois de coberta a vila da terra corrida, e sendo já dia claro, se ajuntavam algumas pessoas que viviam pelos montes e nas quintas e os que ficaram vivos no arrabalde, espantados todos dos grandes tremores e estrondos que ouviram, e vendo a vila no estado em que estava, pasmavam.

Foi um deles dar as tristes novas ao Capitão Rui Gonçalves e sua mulher D. Filipa Coutinha e a seu filho Manuel da Câmara (que estavam na sua quinta do Cavouquo, três léguas da dita vila assolada) que então seria de catorze anos, como alguns dizem; o qual Capitão, com grande tristeza e maior pressa, acudiu logo a ver o que era e chegando à grota do Barro, que está perto da vila, não pôde passar por estar arrasada de lodo; pelo que foi buscar outro passo mais arriba para a serra, por onde passou. Chegando à vila, não viu figura nem sinal dela, nem os soberbos paços de grande casaria, nem filhos e filhas, irmã, criados, criadas, escravos, escravas e a grande família que ali poucos dias antes tinha deixado. Tudo estava coberto de terra e campo raso que agora serve de lavoura e onde estão ricas hortas e muitos pomares.

Chegou neste tempo também à dita vila o contador Martim Vaz Bulhão e outra muita gente de toda a ilha, ajuntando-se com a que ali escapou, todos tão desconsolados e tristes, como tal perda a tal tempo requeria; e estando presente o pregador Frei Afonso de Toledo (que com suas pregações foi grande alívio e consolação para as relíquias do povo que escaparam) lhe fez fazer a ermida de Nossa Senhora do Rosairo, que tomaram por advogada, a qual brevemente fizeram em poucos dias e com muitas lágrimas e devaçam (sic), acarretando todos a pedra, madeira e achegos necessários, a seus próprios ombros, em a qual se recolhiam e foi sua paróquia alguns dias, servindo-lhe, dantes dela feita, de freguesia a ermida de Santa Catarina, que escapou sem cair.

Fez também o dito pregador fazer um voto a todos de irem a esta casa do Rosairo com procissão, todas as quartas-feiras, e dizerem uma missa, que ao seu dia dizem, e de que há confraria, em memória daquela quarta-feira, triste dia, indo ali procissões de noite ou de madrugada, o que se cumpriu sempre; mas de poucos anos a esta parte, por algumas justas e honestas razões, já cessaram, fazendo-as cada ano, de dia, em toda a ilha.

O Capitão Rui Gonçalves da Câmara, ainda que mui sentido com a mágoa de perder filhos e filhas, parentes e família, antes de acudir a sua casa, fez fazer uma procissão em que foi direito, com todo o povo, ao lugar em que estivera a igreja de S. Miguel, onde mandou cavar primeiro tanto, direito do altar da capela-mor, esforçando o povo, até que os que cavavam entenderam cavando que primeiro com o tremor fora derribada e depois correra a terra sobre ela e sobre a igreja, também caída, em pouca altura. E buscando no sacrário o Santíssimo Sacramento, o não acharam, senão somente um pequeno cofre em que estava dantes e costumava estar, já aberto e com uma lasca quebrada. E, não o achando dentro, começaram a dar grandes gritos e, com um grande coro, derramar muitas lágrimas, não sabendo se o levara o lodo para o mar, ou os anjos para o Céu, pedindo todos a Deus misericórdia e perdão de suas culpas, vendo tal maravilha, entendendo que seus pecados foram causa de seu Deus se absentar deles; e esta foi, para todos os que ali se acharam, a maior e mais triste de todas as mágoas.

Parece que nem a terra que correu levou o Santíssimo Sacramento, pois o cofre estava cerrado (ainda que a fechadura aberta e uma lasca pequena dele fora), nem os anjos o levaram para o Céu, ou ele mesmo subiu lá; mas ele se foi ou o levaram os anjos pelos ares a algum sacrário de alguma igreja mais perto da dita vila, como é a igreja da vila de Água do Pau, onde conjecturo que o puseram, por alguns sinais que algumas pessoas disto viram, como foi um Fernão Vanhegas, castelhano, e outras pessoas que então se acharam em Vila Franca; os quais estando no arrabalde, viram alevantar pelo ar, do lugar onde a igreja matriz estava, uma grande claridade e logo disseram todos que era o Santíssimo Sacramento que alguns anjos levariam para o pôr em algum sacrário de outra igreja, que devia ser, como tenho dito, a da vila de Água do Pau, que estava mais perto. Concorda com isto o que aconteceu a uma Constança Vicente, que foi casada duas vezes, a primeira com um João Pires, de que estava viúva no tempo da subversão de Vila Franca, a segunda com um João Pequeno, de que também viuvou; a qual, estando aquela noite na mesma Vila Franca, no sobrado de sua casa, fiando à roca, com o tom dela não sentiu o tremor, e ouvindo rumor de uma procissão e som de campainha, cuidou que levavam o Santo Sacramento a algum enfermo; cuidando nisto, com um bafo de vento se lhe apagou a candeia; indo então à cozinha para a acender, achou-a derribada com o tremor que ela não sentiu. Depois, por não acharem o Santo Sacramento no sacrário de Vila Franca, quando cavando o buscaram, se suspeitou que aquela procissão e rumor, que aquela mulher ouvira, seria de anjos que o levavam para o pôr em algum sacrário com outras hóstias sagradas, ou para onde Deus ordenaria. E posto que a igreja matriz da vila de Água do Pau caiu aquela noite, não houve lesão no sacrairo onde o Santissimo Sacramento estava, nem se achou menos.

Depois mandou cavar o dito Capitão em outras partes, e muitas pessoas de toda a ilha, que ali tinham suas casas, parentes, amigos e conhecidos, mandaram cada um cavar onde lhe doía, uns para tirar os corpos mortos, outros para ver se achavam dinheiro e alfaias que tinham em suas casas, outros para fazer o mesmo aos corpos e fazenda de seus parentes e conhecidos. E assim se cavava em muitas partes da vila juntamente cada dia, e a uns achavam mortos pelas ruas, outros em suas casas e leitos, entre os quais achavam alguns vivos, como foi um João Cordeiro, que depois foi beneficiado na freguesia de S. Sebastião na cidade de Ponta Delgada; e um moço, chamado Adão, se tirou debaixo de uma casa e viveu servindo na Casa da Misericórdia da dita cidade muitos anos.

Em outra casa escapou um Simão Lopes, que esteve dois dias debaixo da madeira da casa, ao longo de uma empena, coberto de terra, e indo um seu filho por cima dela chorando, ouvindo-o ele, chamou pelo filho a brados, dizendo: Domingos, Domingos; cavando então ali, o tiraram e viveu depois muitos anos.

Cavando e sem cavar achavam muitos homens e mulheres mortos e vestidos, uns com um braço alevantado, outros com as cabeças, outros com os pés, parecendo claramente que com o tremor fugiram dele e a terra os tomara assim fugindo e os envolvia em si ou consigo, da maneira e postura em que os achavam.

O pai de Nuno de Atouguia mandou a uns seus escravos, que levava consigo, que cavassem em um certo lugar, onde ele tinha sua casa e dantes morava, prometendo alforria ao que lhe achasse o cofre do seu dinheiro; e em poucas enchadadas deram com ele, o que mostra não ter muita altura a terra que correu naquela parte, ou que primeiro caíram algumas casas com o tremor, que alagadas depois com o lodo que sobreveio, ficava dele pouca grossura sobre elas e em cima das coisas, que com pouco cavar e menos trabalho se achavam (como se viu depois, dali a muitos anos, que cavando para fazer outra coisa no lugar onde esteve a igreja matriz, em mui pouca altura, quase à superficie da terra, se achou uma caixinha dos Fiéis de Deus, com alguns ceitis ferrugentos, que não havia então outra confraria na freguesia principal e acharam campas e outras coisas); o qual cofre de Nuno de Atouguia desacravaram, tendo bem que fazer seis homens em o levar, e por também estar a terra mole feita massapez, pela qual se não podia bem andar. E o escravo que primeiro deu com o cofre, vendo-o em salvo, pediu ao senhor que o forrasse como prometera; ao qual lhe respondeu que o dissera zombando, mas importunado do escravo lhe deu carta de alforria.

Com a pressa do correr da terra, uma mulher se apegou em uma tábua e a corrente a levou ao mar, aonde andando na tábua, foi ter a um penedo muito grande que a mesma terra levou, que está hoje em dia no mar, onde estava dantes o porto da dita vila; e pondo-se sobre ele, foi depois um batel de um navio, que no porto estava, a tomá-la, e assim se salvou e achou sobre as líquidas águas a vida que na massiça terra houvera de perder, se nela ficara.

Na mesma quarta-feira da subversão da vila, que foi de noite, em amanhecendo, entre outras coisas que se acharam, viram uma menina de dois até três anos, pouco mais ou menos, estar sobre umas tábuas, brincando com umas palhas, que parece serem as tábuas e as palhas da cama em que jazia quando o tremor veio; e pondo umas tábuas sobre o lodo, por elas a foram tirar das outras tábuas; a qual foi conhecida por filha de um homem principal e rico, e depois a deram a criar e casou na mesma vila, que se tornou a reedificar da outra parte da ribeira.

Em outra casa onde morava um negro, casado com uma negra, sentindo ele o tremor, se levantou da cama e fugindo, não apareceu mais, pelo encravar a corrente da terra. Mas a negra dormindo, por cima do lodo e polme que corria, foi ter junto do mar, na cama em que dormia, e ali acordou, quando com as mãos deu no lodo, espantando-se e cuidando que era água que chovera na sua cama, mas vendo o que era, se saiu de gatinhas fora, por cima do lodo, para onde ele não chegava, e assim escapou. E escapa quando Deus quer a que dormia e o que dorme; e morre o que vigia e foge, como morreu o marido desta, que vigiava; porque, como diz David, se o Senhor não guarda a cidade, em vão vigia o que a guarda.

Muitas pessoas se enterraram fora de suas casas, que iam fugindo, e depois achadas, as enterraram no adro, onde outras morreram por fugirem para a igreja. E muitos e mais foram os que desta maneira morreram, que os que ficaram debaixo das casas; nas quais se achou muito dinheiro daqueles defuntos e todo por mandado do Capitão se depositava na mão de um depositário, que se chamava João Loução, e de outras pessoas.

Poucos tempos há que um Sebastião Pires (que escapou daquele dilúvio, cortando a tranca da porta com um machado, que já com o lodo a não podia abrir, e fugiu atolando já pelo mesmo lodo até o joelho), achou, cavando, uma taça de prata e conhecendo cuja era, a deu a seus herdeiros.

Cavando em uma casa, acharam marido e mulher e filhos, todos deitados em uma cama, com uma trave atravessada por cima de seus pescoços, que todos os afogou. E porque cansavam muito os homens cavando, todo o fato e dinheiro que tiravam lhe davam de meias. Iam enterrar os corpos mortos onde estivera a igreja principal.

Estando a terra que correu sobre a vila, dali a muitos dias, como lêveda e bêbeda da água, pondo os pés em uma parte dela, tremia em outra dali a certo espaço, como faz o caramelo, e por isso andavam por cima de tábuas que punham sobre ela, enquanto esteve desta maneira brande e mole.

Outro Simão Lopes, homem solteiro, de fora desta ilha, ficou em uma casa em que morava, debaixo da terra que correu, onde agora chamam as Hortas e dali foi tirado vivo e viveu depois muitos anos.

Um Diogo Pinheiro, sacerdote, que depois foi capelão na Casa de Misericórdia da cidade, também escapou vivo. E um homem, por alcunha o Calcafrades, que morava arriba da vila, onde agora se chama a Abegoaria, ali lhe escapou a casa e curral com o gado, sem morrer ninguém dentro, nem pessoa, nem gado, porque cercou a terra a casa e curral por todas as partes sem a cobrir, estando no princípio da maior força da corrente da terra, por estar ao pé do pico que correu; o qual não correu todo, mas uma pequena parte, que seria como a vigésima, e não parece que saiu debaixo do centro aquela terra, senão uma quebrada da flor dela, só da superfície, que fez uma cava, a qual pelas bordas será em algumas partes de altura de uma lança.

Andando cavando dali uns dias (porque durou a cava mais de um ano) foram dar em uma casa, onde em um vão dela acharam uma mulher que estava de parto, e a parteira debaixo dela com a criança nas mãos, já nascida, todas mortas. E por não estarem afogadas com a terra, se conjectura que morreram à fome e à míngua de não cavarem ali mais prestes.

Uma negra por nome Luzia, cativa de Cristóvão de Braga, genro de Gonçalo Vaz Botelho, que era filho de Gonçalo Vaz, o Grande, e cativa de Helena Gonçalves, mulher do dito Cristóvão de Braga, indo a terra alagando a vila, foi a dita negra naquela volta sobre ela, apegada em uma figueira, ter ao mar, onde escapou com a vida. E disse muitas vezes que vira seu senhor andar no mar, vivo, embrulhado naquela terra, e da mesma maneira dois frades.

Por estar a terra feita lodo, depois de três dias por diante da subversão da vila, começou a gente que escapou a andar por cima dela, chorando seus pecados e a absência e saudade de seus pais e mães, parentes e fazenda.

Um filho de João Gonçalves, do lugar de Rosto de Cão, estando a cavalo, dentro na lógea de seu pai, aquela noite e hora da subversão da vila, com as esporas nos pés e um arremessão na mão, já cavalgado, querendo sair pela porta fora, caiu a casa e o atupiu a ele e ao cavalo, porque assim se julgou, pelos que o acharam sobre o cavalo da maneira sobredita.

Afirmam os antigos que ainda que toda aquela noite era mui serena e apareciam claras as estrelas, depois de correr a terra como ondas do mar, uma diante da outra, sendo já dia claro, cessando a terra de correr, choveu uma chuva miúda.

Da casa de António de Freitas, cavando, tiraram uma sua filha solteira, mulher moça, achando-a na cama deitada de ilharga, com a mão debaixo da face e os toucados de dormir na cabeça; e assim morreu. Parece que não sentiu o tremor e, estando dormindo, a tomou a terra que correu.

Como em Vila Franca estava o porto principal e alfândega, iam deferir a ela e nela moravam muitos mercadores de fora da terra, onde tinham muita fazenda e diversas mercadorias, que ali iam comprar os moradores de toda a ilha. Mandando o Capitão Rui Gonçalves ajuntar muita gente de todas as partes para cavarem e desacravarem os mortos e muita fazenda dos naturais e estrangeiros, dizem uns que andando cavando, outros que indo em uma procissão, cantando as ladainhas, ouviram tom e grita de gente, como chamando por misericórdia; o qual tom ouvindo o Capitão Rui Gonçalves, entendendo que era de gente que ali estava soterrada, mandou cavar no mesmo lugar a grande pressa (era isto já aos nove dias depois do tremor e subversão da vila, contando neste número o mesmo dia da subversão) e cavando não muito espaço, descobriram uma ponta de uma trave, que jazia encostada com outra a uma parede de uma casa de um ferreiro, sobradada, com as traves muito bastas, a qual caindo com o tremor e amassando- se o telhado sobre o sobrado, caiu a parede da banda donde estava a ponta da trave que descobriram, e caíram também todas as traves daquela banda, ficando as outras pontas encostadas à outra parede, que ficou em pé, e tiveram a madeira e pedraria que caiu e terra que correu sobre elas e o sobrado. Viviam naquela lógea (que tinha o sobrado no andar da rua) três homens naturais de Guimarães, convém a saber, dois irmãos, chamados Marcos Pires e Nicolau Pires, os quais, estando para partir para sua terra em um dos navios que no porto estavam de partida, pousavam ali com um seu natural, que estava com Lopo Anes de soldada, e morava naquela lógea, que tinha uma porta da outra banda para a ribeira, ainda que o sobrado no andar da outra rua se servia para ela. Vindo o terramoto e terra que correu, caíram (como tenho dito) as traves do sobrado, pondo as pontas no chão, da parte da ribeira, e ficaram eles ali debaixo das traves do sobrado coberto de terra. Quando cavaram, deram na ponta de uma trave daquelas caídas e fizeram um buraco para o vão, por onde logo os ditos três homens saíram, como viram a luz pelo buraco; e, alevantando as mãos, começaram a dar graças a Deus de joelhos, pasmados de ver gente, e a gente pasmada de ver a eles, amarelos, mirrados e quase sem figura, com que se alevantou então um grande grito e choro, bradando todos a Deus por misericórdia.

Tinha o Marcos Pires em um saquinho trinta mil réis em dinheiro, e tornando a entrar pelo buraco o foi tirar. Contam uns que o pai de Nuno de Atouguia o fizera tirar do navio, poucos dias antes de se alagar a vila, por uma dívida que lhe devia; o qual, vendo-se fora daquele obscuro cárcere, como desenterrado, vendo o pai de Nuno de Atouguia, se foi para ele indignado, dizendo: ó homem, tu me matavas, tu me matavas, e que o Capitão Rui Gonçalves o quisera mandar prender, pois, tirado da prisão de Deus, tinha indignação contra seu próximo; mas não o castigou então, senão com branda repreensão, porque todos os corações então andavam brandos. Até o Capitão, chamando-lhe algum: Senhor, respondia: — não me chameis Senhor, que só Deus o é.

Perguntados estes homens que pensamentos tinham ou com que se mantiveram debaixo da terra aqueles nove dias, responderam que cuidavam diversas coisas: ou que o mundo se acabara e fundira, ou que a só eles acontecera este desastre, e, finalmente, que não sabiam o que cuidassem, tão confusos estavam, sem saber o que acontecera; e que se mantiveram com biscoito, que tinham feito para a viagem do mar, e bebiam água que gotejava do lodo e recolhiam em uma panela, a qual misturavam com um pouco de vinho que tinham em uma pipa, quase já feito vinagre. Nem sabiam determinar as horas, nem a manhã do dia, senão pelo

cantar de um galo que consigo tinham. E a maior pena que sentiam era porque, das pessoas que no sobrado moravam, ficou um homem meio metido em um buraco dele e gritou tanto que eles o tiraram do buraco, e vivera com eles três ou quatro dias, acabados os quais faleceu, parece que de ir já ferido ou pisado, e entre si o tiveram os mais dias que ali estiveram, sofrendo com grande pena o seu fedor, o qual morto também tirou o povo logo e lhe deram sepultura.

De escaparem estes estrangeiros e morrerem os naturais, parece que para o contar eles mandou Deus este castigo e grande açoite, por espelho e exemplo para uns e outros se verem e todos juntamente temerem o juízo de Deus e se emendarem. Como então não havia nenhum dos que ali se acharam que não estivesse muito contrito, porque com grande contrição e dor de seus pecados partiram dali com aqueles homens desenterrados, e com devota procissão, pedindo a Deus misericórdia, até uma ermida de Santa Catarina, que no arrabalde ficou em pé e lhe servia então de paróquia, onde todos deram graças a Deus por escaparem, uns debaixo da terra e outros sobre ela. Estes homens, que saíram vivos daquela lógea, se foram depois para Portugal, dizendo que nunca cá tornariam, e logo dali a um ano tornaram. Tal esquecimento costuma trazer consigo o perigo passado.

Um João Lourenço Tição fugiu da cama nu para a banda do arrabalde, onde escapou vivo, como outros alguns escaparam, de que não soube os nomes.

Uma mulher, chamada Filipa Gonçalves, ficou debaixo duma casa soterrada; e, tirada dali, viveu 50 ou mais anos, perdida a fala sem mais a cobrar, somente dizia tudo o que queria com esta voz: tefas, tefas; também sabia dizer sim e não, sem mais poder pronunciar outra palavra. E ainda que perdeu a fala, não perdeu o juízo, nem o ouvir e outros sentidos.

Como tenho dito, por haver muitos mortos debaixo da terra e muitos seus parentes, que ficaram vivos em outras partes da ilha, que pretendiam herdar suas fazendas, durou a cava daquela mina todo um ano. E, andando cavando, acudiam ao mais necessário, principalmente onde os cães uivavam, sentindo os homens que bradavam debaixo da terra e alguns mortos.

Uma mulher, tirando de casa uma menina que criava e não era sua filha, ouvindo o tremor, a pôs sobre um carro que tinha à porta, e tornando dentro a buscar outras crianças, veio a terra e levou a casa e a ela, e ao marido e filhos, e escapou aquela menina ali sobre o carro.

O contador Martim Vaz Bulhão mandou cavar em uma casa, onde acharam uma moça pequena ainda viva, a qual não podendo comer, lhe deitaram leite de mama pela boca, e, não o podendo levar, faleceu dali a pouco espaço.

Muitos pobres cavaram então ali, que, pela cobiça que lhes cresceu, ficaram ricos do que escondiam, dinheiro, alfaias, roupa e vestidos que acharam. E algumas pessoas, logo depois de correr a terra sobre aquela vila, viam de noite andar muitas lanternas, candeias e luminárias acesas ao longo do mar de Vila Franca até Água de Alto, e não caindo na conta do que era, uns diziam que seriam os Fiéis de Deus que ali andavam (como supersticiosamente o povo ignorante costuma dizer) ou as almas dos que ali morreram. Mas, depois se soube que eram homens que naquela praia andavam buscando alguma fazenda, dinheiro ou peças, das que a terra levara, que o mar depois ia descobrindo. Desta maneira, ficaram alguns pobres ricos daquelas minas, que as ondas e mar, e não seus braços, cavaram. E outros muitos pobres das outras partes da ilha ficaram também ricos com as grossas fazendas que herdaram por morte de seus parentes ali mortos.

Assim ficou aquela populosa vila feita um campo raso, como onde Troia estivera, que depois serviu e serve de ricos pomares de frutas de diversa pomagem.

E a vila se tornou a povoar mui lustrosa, como agora é, da outra banda da ribeira, da parte do ponente, onde o arrabalde estava, e ficou o arrabalde vila e a vila arrabalde. E para animar os homens que a povoassem e não se apartassem daquele lugar com medo, el-Rei os dotou de muitos e mui largos privilégios e liberdades, iguais e maiores ainda que os da sua nobre cidade do Porto, em seu Reino; pela qual causa se acabou de reedificar e fazer mui prestes, mais sumptuosa que a primeira, que agora floresce habitada, povoada, regida e governada de muitos nobres e honrados cidadãos e luzido povo.

CAPÍTULO LXXI

DE OUTRAS PERDAS E DANOS QUE O MESMO TREMOR DA TERRA FEZ E CAUSOU EM OUTRAS PARTES DA ILHA DE SÃO MIGUEL

Não somente subverteu a terra, que correu, a Vila Franca, onde afogou todos os seus moradores e não escaparam vivos (que se saibam) senão os que atrás tenho dito, mas também quebrou terra (com ímpeto do Espírito que causou o dito tremor) em outras partes da ilha, onde matou a muitos, como foi na Ponta da Garça, uma légua de Vila Franca para o nascente, além da freguesia, onde se chama as Grotas Fundas; ali quebrou um grande pedaço de terra que levou casas e gado e quanto achou diante e morreram alguns moradores, entre os quais foi um João Afonso, muito rico e de condição com que ninguém podia; todavia pôde a terra com ele; foi este tremor a horas de terça, e, indo fugindo duas mulheres, não puderam escapar, porque as alcançou a corrente da terra, e assim em cima dela, (como quem vai em corção) à vista de muitos, as levou ao mar.

A quarta-feira do dilúvio de Vila Franca, a horas de almoço, tornou a tremer a terra muito, e na freguesia da Ponta da Garça, no lugar que se chama as Grotas Fundas, arrebentou outra faldra de outro pico, que se chama o pico da Velha, porque era de uma velha, viúva, mulher que foi de João Afonsinho, e levou a casa da mesma velha e a casa de Afonso Rafael e a casa de Pedro Afonso, em que morreram trinta pessoas, pouco mais ou menos. E Pedro Afonso, saindo-se, foi ter a uma casa, onde morava uma sua filha, e metendo-se dentro com a filha, dizendo: metamo-nos aqui e não vejamos a morte; correu a terra e rodeando a casa, ali ficaram ambos e escaparam vivos.

Neste terramoto, no mesmo lugar, uma filha de Afonso Rafael se viu ir em mangas de camisa, viva, sobre a terra até o mar e desapareceu assim, sem a mais verem.

Logo além das Grotas Fundas, onde se chama o Loural, correu também uma lomba e morreu um Simão de Santarém, rico lavrador que ali vivia, e toda sua família.

Na vila de Água do Pau, que está mais vizinha de Vila Franca, para a parte do ponente, caiu a igreja e muita casaria e morreram nela catorze pessoas. E na Ribeira Chã, entre Vila Franca e Água do Pau, em uma casa que caiu, quatro.

Na cidade da Ponta Delgada, que então era vila, caíram muitas casas e morreram algumas pessoas. O mesmo aconteceu na vila da Lagoa. Na vila da Ribeira Grande não caiu dentro nela senão um pedaço de uma casa; mas na Lomba, de uma banda e da outra, não ficou casa que não caísse, e só uma pessoa morreu no Telhal, que foi um filho de Baltasar Vaz de Sousa, ainda menino, que andava na escola, chamado Nuno.

Na vila do Nordeste, caiu a igreja Matriz de S. Jorge, e quase todas as igrejas desta ilha caíram, e muita casaria em todas as vilas, onde morreram muitas pessoas de que não soube o número. O mesmo estrago foi nos casais que estavam pelo campo e nos lugares ou aldeias, onde não houve casa em que não houvesse perdas e gemidos. E não houve grota nenhuma, assim da parte do sul como do nordeste, por onde não corressem ribeiras de lodo, que os homens nem as bestas podiam passar, porque atolavam nelas; mas deitando em cima paus e tábuas, passavam como por pontes, até que depois secou o lodo e fizeram caminhos.

Levou a terra que corria árvores muito grandes ao mar, paus, pedras, gados e casas, e matou muita gente em muitas partes, movendo-se a terra com grandes abalos, desfechando como trovão com grande ímpeto e fúria, ferindo fogo com tanta força, como pelouro de bombarda, corriam as pedras, matando e desbaratando quanto achavam diante.

Indo do Nordeste, que está ao nascente, para o ponente, está primeiro o pico de D. Inês, mulher que foi do Capitão João Roiz, e após ele, o pico do Barbosa, ambos no limite dos

Fenais da Maia. E logo outros dois picos de Luís Fernandes da Costa estão no limite da Maia, que é termo de Vila Franca, da banda do norte, um dos quais está ao levante, outro ao ponente, perto um do outro, sem haver entre eles mais que uma ribeira, que se chama a Ribeira Funda, por ser a mais alta que há da parte do norte; que, ainda que a ribeira da Salga seja também alta e funda, é mais larga, mas a Ribeira Funda é mais estreita, pelo que parece mais funda. Esborralharam-se estes picos e correram, cobriram e alagaram muitas terras de pão até ao mar, junto do qual quebraram muitas rochas que dantes tinham tamujais, azevinhos, urzes e outras árvores; e todas quebraram desde o Nordeste até a vila da Ribeira Grande, ficando as rochas limpas e esbrugadas (sic) de todo o arvoredo, como agora estão. Levou a terra, que correu, muito gado e currais ao mar, e os moinhos da Maia, onde estavam dois casais, em que podiam estar nos moinhos e casais até quarenta pessoas, porque dentro nos moinhos estavam somente vinte e duas e escaparam só dois homens, João Luís e Amador Martins, filho de Martim Lourenço. E com o tremor, caindo uma casa, colheu a parede debaixo uma mulher prenha, casada com um calafate, chamada Catarina Afonso, e lhe fez deitar a criança pelas ilhargas e, arrebentando assim, morreu logo.

Chamavam-se a estes picos, e chamam hoje em dia, picos Escalvados, como agora estão, pela terra que correu deles, e também picos dos Costas, por serem de Luís Fernandes da Costa. Estão no termo da Maia, como já disse, os quais abriram e deitaram de si terra como barro amassado, com a madeira que em si tinham, ficando escalvados; e cobriram quantidade de doze moios de terra ao redor, desde a cumieira da serra até o mar, correndo mais quantidade para a banda do norte e do levante que para o sul, e ainda hoje em dia estão escalvados, sem madeira, somente, com alguma erva, e não tem buraco nem cova alguma, mas correu a capa da terra de cima, como o pico do Rabaçal que correu sobre Vila Franca no mesmo tempo e dia. E na terra corrida nasceu algum mato miúdo, como uveiras, louros e tamujos, mas não nos picos, que ficaram sem o mato que dantes tinham e sem outro algum que depois nascesse.

Também outro pico de grande altura nos Fenais da Maia, chamado o pico do Barbosa, se abriu no cume dele, e correu terra por todas as bandas, não que abrisse boca alguma, senão ficou, ficando em cima somente um taboleiro de largura de dez palmos e de compridão de trinta, como dantes estava; todo o mais ficou esfolado. E correndo, cobriu quantidade de terra lavradia até seis moios, em tanta altura que, depois lavrando a terra, não aparecia a madeira.

Outro pico, chamado da Senhora, por ser de D. Inês, mulher do Capitão João Roiz da Câmara, correndo também, levou muita madeira e cobriu quantidade de dois moios de terra e mato, ficando esfolado da superfície de cima somente, sem ter boca alguma; pelo que se vê claramente que em todo aquele tremor, estes picos e o de Vila Franca não arrebentaram, mas com o tremor sacudiram de si a capa e solo de terra de cima, altura de uma lança, e ficaram naquelas partes que quebraram nus, esfolados e escalvados, como hoje aparecem, onde somente criam algum azevém e alfacinha e alguma erva curta, como trevina e outras ervas que o gado pasta, mas não madeira alguma, como dantes tinham.

Estando os filhos de Luís Fernandes da Costa, da Maia, ao longo da ribeira do Preto, que eram quatro: Luís Fernandes da Costa, Gaspar Homem da Costa, Baltasar da Costa e Francisco da Costa, e com eles um alfaiate, chamado Rabelo (estando seu pai em Vila Franca, onde faleceu o dia de sua subversão) jazendo todos em uma cama, dormindo em uma casa térrea, pegada com uma torre sobradada, com medo dos grandes tremores que três dias antes haviam botado fora uma madre, que estava posta por baixo das paredes, como seta ligeira, do solhado e traves da torre, com aquele grande tremor da noite da quarta-feira (em que se subverteu Vila Franca), caiu a torre sobre o sobrado, estando em cima dele um seu irmão, chamado Belchior da Costa, de idade de dezoito anos, e estando uma imagem de Nossa Senhora dependurada em uma parede da torre, no sobrado, quando a casa caiu em cima dele na cama onde jazia, se achou na rua com a imagem de Nossa Senhora na mão, e assim escapou, com uma ferida somente na maçã do rosto. E o alfaiate Rabelo, com o medo que teve, lhe deu tão grande tremor que lhe durou alguns dias, sem poder comer, nem beber, até que por fim faleceu. E os mais que estavam em toda a casa, homens e mulheres, escaparam sem perigo.

Defronte desta casa, da outra banda da ribeira do Preto, que está junto da Ribeira Funda, morava um Sebastião Roiz com Isabel Teixeira, sua mulher, naturais da vila de Guimarães, do Reino de Portugal; e, jazendo na cama, dormindo com dois filhos de pouca idade entre si, vindo aquele grande tremor com que arrebentou a terra em um monte ali perto, partiu a casa

pelo meio e caindo um tirante sobre o pai e mãe e filhos, os tomou pelas cabeças e ali os pisou e matou, passando a terra por cima deles; e assim os acharam deitados na cama mortos e a trave em cima. E toda a benfeitoria da casa foi na volta da terra, caminho do mar, ficando só um pedaço em pé, onde escaparam um seu genro e sobrinho, chamados Pedro Afonso e Manuel Martins, e também um filho do mesmo Sebastião Roiz, chamado Hierónimo. Pegado com a casa, ficou tamanho espaço como seis ou sete varas de medir terra, que se não cobriu da enchente, onde escaparam quatro bois sem perigo.

Na mesma noite, dentro no lugar da Maia (onde caíram algumas casas com o tremor) se pegou fogo em uma casa de um João Lopes, pescador de batel, onde estavam dois mil réis em tostões, atados em um pano, em um escaninho de uma caixa, que se acharam ao outro dia derretidos, feitos uma pasta. Este lugar da Maia está sujeito a três montes e alturas de terra muito grandes, convém a saber, ao pico do Barbeiro, e à lomba do Funchal, e a um monte a cujo pé nasce a fonte das Pombas, chamada assim por virem muitas de diversos lugares a beber nela, de que se serve o dito lugar. E nenhum deles correu, pela misericórdia de Deus. Mas outra terra arriba, muito longe deles, contra a serra, e muito chã, arrebentou e correu pela grota que vai ao longo do lugar até dar no mar, sem perigar casa, nem pessoa.

Foi tanto o lodo e terra branda e mole, como lama, que deste dilúvio correu, que não ficou caminho nem herdade por onde se pudessem servir, nem andar. Estava ali um curral, ao longo da ribeira de Lopo Dias, avô de Lopo Dias Homem, da vila da Ribeira Grande, onde estavam quarenta vacas paridas, com outro muito gado, para as ordenharem o dia seguinte; todas foram alagadas e afogadas da enchente da terra com todo o outro gado, sem mais aparecer alguma.

No tempo da desolação de Vila Franca, se alevantou na Chada Pequena um redemoinho de vento tão grande que se deitavam as pessoas no chão, por o vento as não levar; e levou duas mulheres, uma, filha de uma Branca Gonçalves, que chamavam Marqueza, e outra, de uma sua vizinha. E vendo-as muitos ir pelo ar, caíram no mar e nunca mais apareceram.

Uma mulher, mãe de uma Leonor de Proença, que morava na Maia, ficou debaixo da terra com um frade, seu filho, sacerdote de missa, alguns dizem que cinco dias, onde o filho confessou a mãe e esforçou, dizendo que o coração lhe dizia que haviam de sair dali, e assim foi, porque no fim dos cinco dias, cavando naquele lugar, os tiraram e viveram depois muitos anos.

Um Gaspar Homem da Costa, filho de Luís Fernandes da Costa, um dia de Reis, na era de mil e quinhentos e vinte e três anos, perto de quatro meses depois da subversão de Vila Franca, indo para casa, de ouvir missa no lugar da Maia, com seus criados, a buscar de jantar, acharam treze alimárias, entre bois e vacas, atoladas até o pescoço no lodo, e se ocuparam grande parte do dia em as desencravar e tirar, com dó de as verem perecer. E em outras muitas partes aconteceu naquele Inverno o mesmo. E nestas partes se alagaram e cobriram (afora as casas ditas) muitos pomares e colmeiais, que nunca mais apareceram.

Nas Furnas, estavam em uma cafua dezassete pessoas e estava por senhor da cafua (que era casa grande) um João Delgado, homem preto, de muita verdade e bom cristão, que fazia muito gasalhado a todas as pessoas que ali iam ter àquela criação de seu senhor, chamado Pedro Anes Mago, pai de Pedro Anes Mago, vigairo que agora é da vila da Lagoa; uns bardeavam, e outros eram pastores, outros iam para outras partes da ilha, e aquela noite acertaram de pousar ali, e com o tremor morreram todos, ficando só o preto João Delgado vivo, que escapou mui escalavrado, e sendo depois forro, faleceu no lugar de Rabo de Peixe e foi enterrado, por sua virtude, dentro na igreja de cima, que então servia de paróquia.

Na mesma noite da desolação de Vila Franca, arrebentou junto das mesmas Furnas (onde se chama a Lomba das Camarinhas) terra de compridão de um tiro de arcabuz, com tanta altura e concavidade que as árvores que nela estavam, nada se moveram nem arrancaram, mas sim, pela ordem em que estavam, correram por uma terra chã, passando duas ribeiras, a ribeira Quente e a Fria, e cobriram mais de vinte moios de terra; e ali cessou a corrente da terra, mais abaixo para a banda do mar, apartada do lugar onde dantes estava com as ditas árvores, que nela também dantes estavam prantadas, algumas das quais se cortaram depois, mas durou muitos anos uma grande faia, verde e fresca, junto da qual o negro João Delgado fez outra cafua, e na mesma faia, que correu sobre a dita terra, dependurava os cabritos e cabras, e carne, pão e miúdos das reses que matava; a qual faia, contam os antigos, que ia na dianteira da terra corrida, aquela noite do tremor.

Um canário, chamado Pedralvres, natural de Tenarife, que foi de João Álvares do Sal, morador na vila da Lagoa, achando-se aquela noite no sítio das Furnas, deitou quatrocentas cabras ao pé da rocha, que se chama Pé de Porco, da qual com o tremor quebrou e caiu um pedaço e soterrou as cabras, sem aparecer mais alguma.

Desta maneira fizeram outras quebradas da terra, em outras partes da ilha, grandes danos, matando gente e gado, pelo que se chama nesta ilha àquele dia do tal tremor Mandado de Deus. Outros lhe chamam Dilúvio, outros Mistério e outros nomes diversos e todos lhe quadram por diversas razões.

A Deus, que mandou este castigo, prometeram os povos desta ilha fazerem procissões no tal dia, cada ano, como sempre fazem. Dizem que morreriam em Vila Franca cinco mil almas debaixo da terra, o que não parece poder ser, nem haver então na vila tanta gente, pelo que dizem outros que entra neste número toda a mais gente que morreu em outras partes da ilha. Mas, o que a mim me parece mais certo, é que neste número de cinco mil almas entram também os que morreram na peste, que depois veio e começou no ano seguinte.

No mosteiro antigo de S. Francisco, de Vila Franca do Campo, estava uma imagem de Nossa Senhora, de grandura de uma menina de quatro ou cinco anos, a qual no dia da subversão da dita vila correu com a terra, ou sobre a terra, do altar onde estava até o mar. E daí a perto de um ano, ou menos, foi ter a Tenarife, uma das sete ilhas das Canárias, onde indo uns pescadores, naturais de Orotava, da banda do norte, em um barco pescar à banda do sul, no rio de Adeixe, que é uma freguesia, andando pescando viram ao longo da costa, em uma praia de areia branca (como algumas de Portugal), entre o sargaço que o mar deita fora na areia, um vulto com feição de cabeça de pessoa e, parecendo-lhe ser homem ou mulher, saiu do barco um dos companheiros fora, a ver o que era, e achou ser uma imagem de Nossa Senhora, e metendo-a no barco, sua tenção era levá-la a seu próprio lugar de Orotava, onde eles moravam. Indo para lá, foram ter a um arrecife, que é uma baía no porto de Garachico, outra freguesia também da banda do norte, como quatro léguas de uma à outra. Saindo ali e vendendo seu pescado, tomando refresco, sem falarem na imagem que levavam, quando foi à saída para fora de Garachico, por mais que remavam, não puderam sair; pelo que, suspeitando que a imagem que levavam era causa disso, se tornaram a terra e contaram ao povo de Garachico o que lhe havia sucedido; fazendo-o a saber aos sacerdotes e à justiça secular, veio todo o povo e, entendendo todos que era permissão e vontade de Deus ficar ali aquela imagem de Nossa Senhora naquele lugar, a levaram com procissão muito solene, do barco até a igreja maior que é da invocação de Sant'Ana; e ali puseram no altar-mor a imagem da Filha, com a pintura da Mãe, Santa Ana, onde agora está. Indo depois desta terra um homem (cujo nome não pude saber) ter a Tenarife àquele lugar de Garachico, e, vendo no altar-mor daquela igreja de Santa Ana aquela imagem de Nossa Senhora, a conheceu por um certo sinal que tinha que era a mesma que vira no mosteiro de S. Francisco, de Vila Franca do Campo, desta ilha de S. Miguel, antes do tremor da terra que a subvertera; e assim o disse a todo o povo de Garachico, donde começou a ser tida aquela imagem em mais veneração que dantes, por saberem que de tal tremor e de tão longe a levara Deus pelo mar àqueles partes, e se fora ([329]) desta terra, como se foi ([330]) o Santo Sacramento para outra parte, e levara pelas águas do mar a Filha, para a agasalhar e aposentar na casa de sua Mãe, Santa Ana.

CAPÍTULO LXXII

DA CAUSA DESTE TREMOR DE TERRA QUE SUBVERTEU VILA FRANCA E DE UM TERRAMOTO QUE ACONTECEU NO ANO DE MIL E QUINHENTOS E SESSENTA E TRÊS, NO TEMPO DO CAPITÃO MANUEL DA CÂMARA

Ver e olhar para esta ilha naqueles dias, como estava esfolada toda, assim a terra do pão, como a do mato, especialmente as das serras corridas em barreiras e quebradas, vermelhas e pardas, fazia muito espanto. E, ainda que alguns dizem que os picos Escalvados correram aquele dia sobre a Maia, todavia outros afirmam que já eram escalvados dantes e que no dia da desolação de Vila Franca, de uma boca que está meia légua à banda da serra, sobre o Loural da Maia, que terá em redondo quatro ou cinco alqueires de terra em campo chão, arrebentou a terra que correu e levou os dois moinhos da Maia e matou a gente atrás dita, levando e cobrindo muitos pomares e figueiras que por ali estavam. E no mesmo tempo correu a quebrada da terra nas Furnas entre a alagoa grande e as ditas Furnas, e levou um grande espaço da superfície sobre si, com as árvores que nela estavam prantadas, ficando todas na ordem que dantes tinham, sem se mudar alguma do seu lugar, como está dito.

O monte das Furnas parece que, quando arrebentou no tempo que se descobriu esta ilha, ou antes dela descoberta, caiu a terra e polme dele ao redor pelo mato, que se chama a Serreta, que nasceu depois sobre o acravado e sobre os montes junto de Vila Franca. O mesmo parece que foi outro monte, onde agora está a grande alagoa das Furnas, como mostram as quebradas e rochas ao redor dela; e daqui, destas partes ou de outras, em tempo de outros antiquíssimos terramotos ou tremores, antes de ser achada esta ilha, saiu a terra e polme que cobriu estes montes ao redor de Vila Franca, como terra adventícia e postiça sobre eles. E, com o tremor grande, que foi no tempo do dilúvio de Vila Franca, quebrou a terra do monte que está sobre ela e correndo sobre a vila, a cobriu toda. Na Ponta da Garça e na Maia (como tenho dito) fez o mesmo; onde é de notar que a terra que correu sobre Vila Franca era uma quebrada de um pico que está sobre ela, a qual não é o solo e torrão de uma terra natural do pico, mas é terra que parece que caiu sobre aquele pico e ao redor de Vila Franca, no tempo quando arrebentaram as Furnas, ou outros picos em tempo de outros terramotos que antigamente houve nesta ilha, antes de ela ser descoberta, nem povoada. O que claramente se vê, porque a terra que correu sobre Vila Franca foi quebrada da face do pico e não é a natural, mas lodo, como cinzeiro, misturado com pedra pomes, que em outro tempo choveu sobre aquele pico, donde ela quebrou. Quem vir a quebrada e a mossa que fez no pico, com a quantidade, espaço e altura que tem, logo julgará que abasta para cobrir a vila e fazer o dano que fez, sem sair outra do centro, pois não há aí nenhuma mostra nem buraco por onde de baixo saísse; e ainda que parece pouca a terra que correu do monte, assim parece pouca pedra a que tem uma casa feita, porque está toda arrumada nela, mas desfeita a casa, ou antes de se fazer, enche rua e ruas e não cabe nas praças.

Assim a terra estava ali arrumada naquele monte, e, espalhada dali, cobriu praças e ruas de toda a vila, e posto que parece estar a terra enxuta no lugar onde está, cavando-a, se acha húmida, e, espalhada, parece lodo, como foi a que correu sobre Vila Franca, sacudida com algum espírito ou vento que, não cabendo nas cavernas da terra, andava buscando lugar de um lado para outro, fazendo tremer a terra para os lados e não tendo tanta força para sair e fazer lugar e boca por onde saísse, fez sacudir a terra do monte que estava sobre Vila Franca, e o da Ponta da Garça e o das Furnas e o da Maia, e fazerem os danos que tenho dito; porque, como diz Aristóteles no segundo Livro dos Metheuros (sic), há duas maneiras de terramotos, uma que se chama tremor, quando se move a terra para os lados, com grande espírito ou vento que está debaixo das cavernas dela, o qual se chama tremor, o que acontece poucas vezes, porque poucas vezes se ajunta muito espírito ou vento que isto cause.

Outra maneira de tremor há de baixo para cima, porque se requere muito princípio e muita exalação congregada debaixo da segunda costa da terra, para que a faça arrebentar, como foi o segundo tremor da terra nesta ilha, no tempo do Capitão Manuel da Câmara (como a seu tempo direi), onde arrebentaram os montes e deitaram muita terra de si, como pelouro, o que propriamente se chama terramoto. Ainda que o arrebentar da terra, que então aconteceu, foi causado, não de exalações nem espírito ou vento, senão de minerais de salitre e enxofre que, crescendo muito debaixo da terra, se acendeu, pode ser que assoprada de algumas exalações e vento, e como fogo de bombarda deitou para cima toda a terra e arvoredo que sobre si em um monte tinha; como aconteceram desta maneira quase todos os terramotos desta ilha antes de ser achada, que foram tantos quantos são os picos dela, como eles estão dando testemunho com as bocas que têm abertas.

Mas, este terramoto de Vila Franca não foi causado por fogo, senão por ar encerrado nas concavidades da terra, que, buscando respiração por onde resfolegar, lidando e procurando ter porta sem a abrir, por não ser em muita quantidade, sacudiu a côdea da terra do monte que tenho dito, sobre Vila Franca, não correndo direita ao mar, senão de ponente (onde o monte está) para o oriente, um pouco espaço, passando uma ribeira, até se pôr sobre a vila, ao pé da serra e, alagando ali primeiro o mosteiro de S. Francisco, começou a descer direita ao mar e de caminho cobriu a vila.

Nem terá mais quantidade toda esta terra corrida que a que se vê faltar no monte; o que julgará quem bem o quiser considerar, e afirmará que nenhuma terra saiu do centro do dito monte, pois também não está feita nele boca alguma por onde saísse.

Bem podia ser este tremor causado por se converter alguma água ou humor nas concavidades e opacidades da terra, com proporção décupla em dez tanto de ar, e, não cabendo no mesmo lugar, fazer tremer a terra e dar grandes golpes para os lados, buscando parte para sair, e, sem a fazer, sacudiu a terra dos lados desta ilha, nos lugares que tenho contado.

A causa dos ventos e do tremor da terra declara maravilhosamente o Mestre Aleixo Vanhegas, no seu Livro Natural, aos trinta e dois capítulos, dizendo que, a maneira de animal, resfólega e arrota a terra, quero dizer que os espíritos que estavam encerrados nas concavidades na terra, como não puderam estar em pequeno lugar, buscaram saída, como a busca o arroto que não cabe no corpo do animal. Assim os ventos são uns arrotos que faz a terra, os quais sobem até a meia região do ar, que está mui fria, pelo qual não podem subir dali, e pelo conseguinte rebatem-se ali para os lados, como o fumo que topa no telhado e se quebra para os lados, umas vezes se acanala para um lado, e outras vezes se parte em duas partes contrairas, e outras vezes se redobra em círculo, derramado por todas as partes do circuito. Desta mesma maneira, a exalação ou vento que sobe da terra, se quebra no meio interstício, ou meia região; porque, pela densidade e espessura do frio, não a pode passar, pelo qual se rebate ali e se torna à terra e, tornando a ela, se vem pela parte do oriente, chama-se leste, e se vem pela parte do ponente, chama-se oeste, e se vem pela parte do setentrião chama-se norte, e se vem pela parte do meio dia, chama -se sul. E assim também cobra outros nomes vindo por entre estes quatro.

Algumas vezes, este arroto que faz a terra, está tão ensarrado (sic) nas cavernas da mesma terra, que não pode sair facilmente; e com a quentura do sol penetra alguma coisa do corpo da terra, resolve as humidades das concavidades e, como não cabem juntas com as exalações em um lugar, não saem remissamente como os ordinários espritos ou resfôlegos de que se fazem os ventos; mas, com o demasiado apressuramento, não se dão espaço nem vagar, e querem sair a tropel, da maneira que sai o espírito do corpo do homem. De maneira que podemos dizer que os ventos são os ordinários arrotos e o tremor o espirro que faz a terra.

Se enchemos uma alcanzia de água e a pomos ao fogo brando, pouco e pouco sai pela abertura o vapor; mas, se soldamos o agulheiro e a pomos a fogo rijo, antes que passe uma hora saltará e se fará pedaços, porque, à maneira do espirro, sairá subitamente o vapor que a quentura do fogo havia levantado da água; assim como diremos que também espirra o vapor da castanha que se deitou inteira no fogo, porque o humor da castanha, convertido em vapor, não cabe em tão pequeno lugar como é na casca. Também espirram os ovos que se põem a rijo lume quando não se lhe quebra um pouco a casca, para que pela abertura saia o vapor que não pode caber, em forma de vapor, em pequeno lugar. Desta mesma maneira, diremos que espirra a terra o demasiado vapor que o calor do sol gerou em suas concavidades; e assim

como o homem dá um e dois e três e quatro e mais espirros, assim a terra faz um e dois e três e quatro e mais tremores, quando espirra; mas, é de notar que, se estes espirros não saem direitamente para a face da terra, senão para os lados (porque muitas vezes andam de concavidade em concavidade os vapores espessos, das menores em as maiores) então se diz propriamente tremor da terra; mas, se não acharam concavidade aos lados para se estenderem e alargarem, senão direitamente saíram à face da terra, este tal espirro se diz terramoto, ou evulsão, ou empuxão, com que a terra se alça tão alta que se tira de uma parte e por grande espaço notavelmente vai pelo ar a vista de olhos, e se passa a outra; por onde acontece fazerem-se montes e vales onde não os havia, cerrarem-se umas fontes e abrirem-se outras, fundirem-se povos e quebrarem-se as rochas de pedra viva, e mudarem seus caminhos os rios e encolher-se por uma parte o mar e alargar-se por outra, e outras coisas semelhantes a estas.

Os tremores e terramotos soem acontecer quase ordinariamente às costas do mar e nas ilhas, pela abundância do humor que o calor do sol soe resolver em vapor. Nas partes secas que estão longe do mar, poucas vezes acontece tremer a terra; mas se precedessem três ou quatro anos de seca, que se quebrasse e fendesse a terra, e após eles sucedessem outros tantos de água, e após eles sucedessem grandes calmas, logo se seguiriam tremores e terramotos.

Estes perigos, com os raios, ventos e trovões, nos estão dando brados que velemos, que não sabemos o dia, nem hora em que nos hão-de chamar. Ainda com estes perigos e outros muitos que cercam ao homem, não falta quem se deite a dormir mui descuidado, como fizeram os de Vila Franca aquela noite do tremor. Que fizera, se não houvera perigo na vida e morreram todos os homens morte segura? Provavelmente se pode cuidar que amaram a Deus com amor mercenário e não foram bons de vontade, até os sinais antecedentes e preparações que às mortes naturais soem preceder. Mas, todavia, como quem estende um pouco o prazo, a imensa misericórdia de Deus ordenou que aos terramotos prece-dessem sinais que são: se o mar se alevanta sem vento, se as aves andam atordoadas por terra, se a água dos poços sai turva, e finalmente precede um estrondo e tom do ar, como no segundo terramoto que contarei, se ouviu dantes um estrondo pelo ar, como aves que vão voando e batendo as asas. E nos homens precede vágado de cabeça e debilitação dos membros, para que, sequer com estes sinais, se provejam e lhes pese do mal passado e emendem o porvir. De algumas perdas e mágoas que causou este tremor que contei, em Vila Franca do Campo e em toda a ilha, se fez, Senhora, o romance seguinte.

CAPÍTULO LXXIII

DE UM ROMANCE QUE SE FEZ DE ALGUMAS MÁGOAS E PERDAS QUE CAUSOU ESTE TREMOR EM VILA FRANCA DO CAMPO E EM TODA A ILHA

Em Vila Franca do Campo,
que de nobre precedia
Na ilha de S.Miguel
a quantas Vilas havia,
Era de mil e quinhentos
e vinte e dois que corria,
Vinte e dois dias de Octubro,
quatro (sic) de lua seria;
Era uma quarta-feira,
quarta-feira, triste dia,
Em a noite mais serena
que o céu fazer podia,
Inda que corre levante,
nada dele se sentia;
Não corre bafo de vento,
nem folha de árvore bulia;
Estrelado estava o céu,
nuve (sic) não o escurecia,
Ante manhã duas horas,
inda não amanhecia,
Começou tremer a terra
mais que outras vezes tremia,
E a dar fortes balanços,
parecendo maresia;
Não treme de baixo a cima,
mas para os lados tremia;
Nem abre boca nenhuma
o esprito que isto fazia;
Sacudiu somente a terra
dos lados em que feria;
Sacode a terra dos ombros,
com o peso que sentia,
O grão gigante Almourol
que deitado ali jazia.
Movem-se todas as coisas,
quando seu corpo movia,
Estrondos que faz a terra,
roncos são do que dormia;
Que de ser velho cansado
ronca, quando adormecia.
Correu a terra de um monte
que da alta serra pendia,
E com ímpeto furioso
sobre a vila se estendia.
Ali começa dar gritos
a gente que se afligia,
Deles chamavam por Deus,

deles por Santa Maria;
Quando chegou a manhã,
nenhum deles parecia,
Todos cobertos de terra
e de grande penedia,
Que correu daquela serra
que sobre a vila jazia.
Essa gente que escapara,
como pasmada morria,
Outra que viva ficava,
vivendo assim não vivia.
Aqui chega Frei Afonso,
e com a tocha que trazia,
Da ordem de S. Domingos
de Toledo, reluzia,
Esse padre glorioso
que da glória parecia;
Para consolar o povo,
assim falava e dizia:
Confessai-vos, irmãos meus,
enquanto nos dura o dia;
Rezai todos o rosairo
da Virgem Santa Maria;
Edificai-lhe uma casa,
indo a ela em romaria;
Tomai-a por valedora
que ela por vós rogaria;
Tende nela confiança,
que certo vos valeria.
Não acaba de falar,
quando a casa se fazia;
Uns acarretavam pedra,
outros madeira, a porfia;
Trabalham moços e velhos,
pessoas de grã valia;
Até as nobres mulheres
serviam sem fantesia (sic);
Trazem telha dos telhados
que no arrabalde havia;
Como formigas ligeiras,
andam a quem mais faria,
Tanto que em poucos dias
a ermida já servia;
Já celebram missas nela,
já lá vão em romaria.
O Capitão Rui Gonçalves,
que da Câmara se dizia,
Como soube em sua quinta
desta terra que corria,
Manda selar seu cavalo,
a espora fita corria,
Por socorrer a seu povo
que estava nesta agonia.
E, chegando a Vila Franca
do Campo, campo só via,
Campo em que esteve Troia,
que soberba ser soía.
De mui populosas casas
nem uma só parecia;
Seus paços postos por terra,

terra que neles cobria
Um seu filho e duas filhas
a que ele muito queria;
Também um filho bastardo,
que não tinha bastardia,
E uma sua irmã,
chamada D. Melícia.
Dissimula sua dor,
inda que muito a sentia,
Seus olhos se arrasam de água,
por mais que ele se encobria;
Com coração esforçado
de senhor de grã valia,
Esforça todo seu povo
que de pasmo falecia.
Manda logo cavar gente
onde antes estar soía
O Santíssimo Sacramento,
cuidando que se acharia;
Vendo quanto Deus nos ama,
quão grande bem nos queria,
Que, querendo dar castigo,
sobre si o tomaria,
Em todos nossos trabalhos
companhia nos faria,
Dos açoites que nos dava
também participaria,
Sendo uma vez sepultado,
outra se sepultaria,
Por estranhar nossas culpas
a si mesmo enterraria.
Mas, tão mal cheiravam elas
que Deus dali se desvia,
Pois que, cavando a grã pressa,
ali já não aparecia.
A arca acham no altar,
mas sem ele está vasia.
Não sabem se foi ao céu,
se na terra ficaria,
Nalgum sacrário metido,
para o qual se mudaria.
Alguns sinais viram disto
a gente que ali acudia,
Vendo daquele lugar
uma nuve que subia,
Ouvindo muitos cantares
de suave melodia,
Suspeitando ser dos Anjos
alguma grã companhia,
Que da terra para os céus
a Deus acompanharia,
Ou por mãos angelicais
noutra vila se poria.
Mas, quando não foi achado,
um grande grito se erguia,
Daquela grande companha
que misericórdia pedia;
Vendo uma tal maravilha,
com gritos ninguém se ouvia;
Daquele povo tão triste,

quem então não gritaria?
Batendo todos nos peitos,
quem peitos não quebraria,
Em tempo de tanta angústia,
pois deles seu Deus fugia,
Para lhe pedir remédio
naquela triste agonia;
Já não sentem perder nada,
só não ver Deus se sentia;
Este castigo mais choram,
este só mais lhe doía.
Vendo apartar-se Deus deles
quem não esmoreceria?
Depois cavam em outras partes
por ver se alguém viveria.
Acham mortos pelas ruas,
que a terra afogado havia.
Outros acham em seus leitos
sem temor do que viria,
Cuidando dormir de noite,
mas também dormem de dia
Sono de uma noite só
para sempre duraria.
Alguns vivos se acharam,
pouco número seria;
Mas quem quer que os vira vivos
por mortos os julgaria;
Tinham todos cor de terra,
que toda a vila cobria
Mas não cobre uma criança
que sós três anos havia,
A qual acharam folgando
sobre a tábua em que jazia.
Nove dias são passados
depois de morta a alegria
Quando com grã diligência
a gente cavando ia;
Coisa de grande temor
quem contar a ousaria?
Indo o povo em procissão
que com choro se fazia,
Ouvida foi uma voz
do outro mundo parecia;
Mui fraco vem o tom dela,
porque do centro saía;
Muitos ouvem o som confuso
mas ninguém o entendia;
Ali vem o Capitão
que a tudo sempre acudia;
Manda cavar a grã pressa
onde aquele tom se ouvia,
Entendendo que era gente
que soterrada gemia;
Depois de muito cavarem
uma trave descobria,
Com uma ponta para o chão,
que encostada assim jazia.
Fazem logo uma abertura
em um vão que ali havia,
Vão era, que fora lógea

onde sobrado caía;
Saem por ela três vivos,
mortos cada um parecia,
Com as mãos alevantadas,
como cada um saía,
Geolhos ([331]) postos no chão,
a seu Deus graças rendia,
Pelo livrar de tal morte,
que vivendo ali sofria,
Onde estavam mais confusos
não sabendo o que seria,
Se era toda a gente morta
ou se o mundo se fundia;
Não sabem quando amanhece,
se um galo lho não dizia,
Que cantava às horas certas
que sempre cantar soía;
Mantinham-se com biscoito
que para a viagem havia,
Que queriam navegar,
para onde o sol saía,
Onde tinham sua terra,
mas a terra lho impedia,
Que, correndo aquela noite,
ali todos os prendia.
Bebem água que do lodo
gota e gota lhe caía,
E também de uma fundagem
que vinagre se fazia;
Assaz de morte passava
quem escuro ali vivia.
Contavam isto chorando,
com choro o povo os ouvia;
Tantas lágrimas choravam
que a terra se humedecia.
Já não choram seus parentes
mortos, que a terra cobria;
Muito mais choram os vivos,
que mais morre o que vivia.
Não choram amigos mortos,
nada disto lhe doía,
Pois sabem que tarde ou cedo
qualquer dos vivos morria;
Choram não saber da morte
em que estado os tomaria,
E mais choram a si mesmos
pelo que inda se temia.
Choram seus próprios pecados
de que o castigo nascia,
Que quem pranta culpas graves
graves castigos colhia.
Era tudo ali um grito
que ao céu Empyrio (sic) subia,
Pedem misericórdia a Deus,
cada um assim dizia:
Senhor Deus, misericórdia,
que eu, meu Deus, não merecia.
Também tiraram um morto
que entre eles ali jazia,
Que faleceu às escuras,

entre a viva companhia,
A quem dava grão trabalho
pelo muito que fedia;
O qual depois de enterrado,
como a outros se fazia,
Vão todos em procissão
a uma ermida que havia,
Da Virgem Santa Catarina,
que de parróquia servia.
Dão todos graças a Deus,
como cada um podia,
Pelos livrar da prisão
da terra que os cobria.
Cinco mil foram os mortos
que em toda a ilha haveria,
Porque afirmam antigos
tantos morreram tal dia.
Outros contam nesta conta
os que a peste feria,
Logo nos anos seguintes
em que entre os vivos ardia;
O que parece mais certo
que então tantos não havia.
Alguns morrem nos lugares
debaixo de casaria,
Que com o tremor da terra
em todas partes caía.
Morreram religiosos,
morreu muita cleresia,
Morre muita gente nobre,
que em toda a ilha vivia.
Qualquer rico e poderoso
sem a riqueza partia,
Que por ventura ficava
a quem não lha agradecia.
Cuidando gozá-la muito,
no melhor se despedia;
Não a logrou muitos anos
nem jamais a lograria;
Se fez alguns bens com ela,
isto só lhe valeria.
Morreram altos e baixos,
sem lhe valer fidalguia;
Morrem grandes e pequenos,
todos a morte ofendia;
Mas, mais morrem em Vila Franca,
onde mais povo havia,
quase todos ali morrem,
senão algum que fugia;
Mas são poucos os que fogem
porque cada um dormia;
Poucos são os que escaparam
debaixo da terra fria;
E alguns no arrabalde,
além da água que corria;
Outros escapam nas quintas
porque Deus assim queria.
Cuidando ser acabado
o mal, que mais não seria,
As nove horas são passadas,

depois que já o sol saía,
Eis torna a tremer a terra
mais que dantes parecia;
Corre na Ponta da Garça,
e na Maia o mesmo dia,
Terra que matou a muitos
deste número e contia (sic),
Contando moços pequenos
de que contar não sabia.
Lembra-me das dores grandes,
das pequenas me esquecia.
Onde houve máguas sem conto,
quem contar as poderia?

CAPÍTULO LXXIV

DE UM JOGO DE CANAS QUE O CAPITÃO RUI GONÇALVES DA CÂMARA ORDENOU ENTRE OS MORADORES DA ILHA DE S. MIGUEL PARA OS ANIMAR E FAZER ESQUECER DOS TRABALHOS QUE O TREMOR CAUSOU NA DITA ILHA E NA DESTRUIÇÃO DE VILA FRANCA

Assolada Vila Franca e morta muita gente nela e em outras partes desta ilha de S. Miguel, assim como o bom Capitão Rui Gonçalves da Câmara acudiu nestes perigos e perdas, a consolar seu povo com sua presença, palavras, conselhos e fazenda, assim também, vendo os homens depois de passado aquele tempo do infortúnio tão debilitados e desmaiados, que quase todos se queriam ir para Portugal e deixar esta terra com o grande medo que conceberam do terribel (sic) castigo que sobre ela viram com seus olhos e de outros semelhantes que receavam, ordenou como prudentíssimo divertir no coração de seus súbditos semelhantes pensamentos com mandar fazer uma grande festa de jogo de canas na vila da Lagoa, onde tinha então seu principal assento, armando o desafio entre as duas vilas, da Ponta Delgada e da Lagoa, contra os da Ribeira Grande e Vila Franca e Água do Pau.

Foi este jogo de canas ao longo do mar, em um campo que fica em baixo na praia, e a gente de toda a ilha, com o dito Capitão, estavam em cima, vendo este notável folgar em um dia de Páscoa.

Da Ponta Delgada veio André Gonçalves de Sampaio, chamado o Congro, com dois cavalos, em um ia e outro a destro, e uma azémala (sic) carregada de canas, com chocalhos de prata e seu reposteiro, e vestido de cores, de seda; e Jorge Nunes Botelho, também consertado, levando por companheiro seu genro Pero Pacheco, que ia vestido de seda vermelha, com muitos golpes e botões de ouro; e Diogo Nunes Botelho vestido de sede branca; e Amador da Costa com dois cavalos bem ajaezados, um castanho, em que ele ia, tão gordo, que correndo uma carreira, se lhe fendeu a anca pelo meio e nunca mais foi são; Rui Martins Furtado também foi em um cavalo fouveiro, mui formoso, e levava vestido uma marlota de veludo verde com debruns brancos e botões de ouro; todos com seus moços de esporas, de ricas librés. O meirinho do corregedor, que era Gaspar Manuel, também ia em um cavalo mui formoso, vestido de roxo e azul.

Da vila da Alagoa ia Álvaro Lopes de Vulcão e Cristóvão Soares e outros, todos bem ornados e lustrosos, onde o dito Álvaro Lopes de Vulcão, ainda que era homem de dias, jogou mui valentemente as canas, e João Álvares, seu filho, e Vasco de Medeiros, Fernão Vieira, João Cabral, Pero Velho e João Álvares Examinado, em bons cavalos, vestidos de libré de sedas.

De Vila Franca foram em favor da Ribeira Grande e da Água do Pau alguns poucos, com vestidos honestos de preto e roxo porque traziam ainda muitos deles dó por seus parentes e amigos que morreram pouco havia na subversão da dita vila. Foi Lopo Anes de Araújo vestido de pano preto tosado, muito fino, com Matias Lopes, seu filho, vestido com um pelote de chamalote roxo, sem águas, e gibão de veludo preto, com três cavalos entre o pai e o filho. Foi João de Arruda com seu filho Pero da Costa vestidos de seda preta, e Pero da Costa com botões de ouro, e entre ambos três cavalos; foi António de Freitas de roxo, em um cavalo murzelo, mui formoso; e Hierónimo Gonçalves em outro cavalo pombo; Jorge da Mota e André da Ponte também em outros dois cavalos, vestidos de azul anilado, com gibões de veludo; e outros alguns. Da vila de Água do Pau foram Afonso de Oliveira e Estêvão de Oliveira, irmãos, com três cavalos, vestidos eles de cores e bem tratados, Gaspar Pires, o Velho, Gaspar Pires, o Moço, Amador Coelho, Manuel Afonso Pavão, o licenciado Diogo de Vasconcelos, Rui Vieira e outras pessoas; todos mui galantes e bem vestidos de panos finos e de seda e peças de ouro.

Da Ribeira Grande, foi o Abade de Moreira, que ali estava naquele tempo; levava dois cavalos bem ajaezados, com que jogou mui bem as canas, porque era bom cavaleiro, e teve desafio com Manuel da Câmara, filho do Capitão, que então era moço, sobre o jogo das canas, por lhe tirar o Abade uma cana e lhe dar na adarga, e tudo causou sua mãe D. Filipa Coutinha; mas o Capitão Rui Gonçalves da Câmara atalhou a isso, dizendo ao Abade que lhe atirasse outra cana, porque a Capitoa dizia que matassem ao Abade por atirar a seu filho e lhe dar na adarga, dizendo que lhe não havia de atirar, senão botar a cana por cima, como a el-Rei. O Abade vendo isto, como era homem muito valente e de grandes espritos, tomou um arremessão na mão, com sua adarga na outra, dizendo que o Abade não se matava sem ele primeiro matar cinco ou seis.

Foram mais da Ribeira Grande Rui Tavares e João Tavares e Baltasar Tavares, ambos seus filhos, com seis cavalos, os três em que iam e outros três a destro, mui bem ataviados e vestidos de ricas librés; ia Gonçalo Tavares e seu irmão Henrique Tavares, também com dois cavalos, muito adornados de vestidos ([332]); foram Paulo Gago e Jácome Gago, filhos de Rui Gago ([333]), bem vestidos e com mui formosos cavalos; foram Baltasar Vaz de Sousa, Simão Lopes de Almeida, Manuel da Costa, Gaspar de Sousa, Pero Teixeira, Adão Lopes, de Rabo de Peixe, e outras pessoas principais, todos bons cavaleiros e bem ordenados.

Com que se celebrou a festa mui solene, e fizeram uns e outros grandes avantagens, porque quase todos os homens nobres desta ilha de S. Miguel e seus filhos mancebos são tão grandes cavaleiros que parece que nasceram sobre seus cavalos, como se parece em outros folgares e jogos de canas que nesta terra em outros tempos se fizeram, principalmente um na cidade da Ponta Delgada, onde foi Rui Tavares a ele com sete filhos, grandes cavaleiros, João Tavares, Baltasar Tavares, João Roiz Tavares, Gaspar Tavares, Belchior Tavares, que depois foi frade de S. Domingos, bom pregador e mudando o nome chamava-se Frei Paulo, Garcia Tavares e Pero Tavares, que era moço pequeno de catorze até quinze anos, jogou as canas com uma adarga pequena que lhe mandou o pai fazer para isso, maravilhando-se todos de o ver tão atrevido e tão bom cavalgador; e saindo-lhe os Regos, convém a saber, cinco irmãos, Belchior Baldaia, Gaspar do Rego, Gonçalo do Rego, Manuel do Rego e Aires Pires e dois parentes seus, Lopo Cabral e Nuno Gonçalves Botelho, todos sete lindos cavalgadores, jogaram as canas uns contra os outros, os sete irmãos da Ribeira Grande contra os cinco irmãos e dois parentes da cidade, fazendo-o de uma parte e da outra tão bem e escaramuçando tão galantemente que não se desejavam aqui melhores africanos e por tais foram julgados do Capitão e de homens principais da terra e de fora, dando todos muito louvor aos Tavares que iam todos vestidos ricamente de sedas de muitas cores, levando entre si doze cavalos, o que tudo o pai sustentava, por ser muito rico e poderoso.

Gaspar Tavares fazia muitas avantagens, gentilezas e grandes sortes de bom cavaleiro e era o mais ligeiro homem que se viu; corria em pé em cima de um cavalo cada vez que queria, e, estando dois cavalos juntos, cavalgava de um em outro, sem pôr pé em estribo, e também da mesma maneira cavalgava do chão; por altos que dois homens fossem, saltava por cima de uma lança que eles tivessem atravessada com outra lança.

João Roiz Tavares, seu irmão, por ser esquerdo, se avezou a trazer a espada na mão direita e corria em um cavalo sempre com a lança na mão direita e às vezes com duas lanças e com ambas escaramuçava, trazendo a rédea do cavalo na boca.

João de Betencor, filho de Gaspar de Betencor, foi bom cavaleiro; correndo uma carreira, ou quando jogava as canas ou escaramuçava, apanhava as laranjas do chão.

Também João Roiz Camelo foi grande cavaleiro, afora os que tenho ditos quando tratei da progénie de cada um. Gaspar Tavares, filho de Rui Tavares, era tão bom cavalgador e tão afeito em riba de um cavalo, que o fazia subir por uma escada de pedra de muitos e estreitos degraus, que são dezanove, por que sobem em cima de um tabuleiro de pedra muito pequeno, para a casa da audiência da vila da Ribeira Grande, com seu peitoril de pedra, que o faz parecer mais estreito, onde se virava e tornava a descer. O mesmo fazia um seu sobrinho, por nome António Barradas, bisneto de Rui Tavares e filho de João Fernandes Barradas. Os dois irmãos Gaspar Tavares e João Roiz Tavares, fazendo muitas sortes na Índia, morreram lá em serviço de el-Rei ([334]).

CAPÍTULO LXXV

DA PESTE QUE HOUVE NA ILHA DE S. MIGUEL, NO TEMPO DE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, QUINTO CAPITÃO DELA, SEGUNDO DO NOME

Por mais que os homens inventem passatempos, como o do jogo das canas que tenho contado, se eles não são os que devem diante dos olhos de Deus, manda logo outro castigo do Céu, como foi a peste que veio a esta ilha de S. Miguel depois da subversão de Vila Franca e tremor de toda a ilha, que foi castigo da terra enviado pelo mesmo Deus; e assim, a peste, que sobreveio, comeu algum resíduo dos pecadores que ficaram do dito tremor e subversão, porque, como contam os antigos desta terra, no ano seguinte, logo depois dela, que foi o de mil e quinhentos e vinte e três, uma segunda-feira, andando um moço vaqueiro guardando gado na lomba chamada de João Soares, no termo da vila do Nordeste, em o lugar dela que está junto do mar, entre a dita vila e freguesia de S. Pedro, seu limite, lhe apareceu uma mulher vestida de branco, dentro em umas cortinas, alçada do chão dois ou três palmos, a qual vendo ele, a adorou, parecendo-lhe ser Nossa Senhora. E ela, chamando-o, lhe disse que fosse à vila do Nordeste e dissesse a quantos achasse que fossem ali ter à quarta-feira seguinte, onde se haviam de ajuntar sete cruzes, (como alguns antigos afirmam que se ajuntaram); disse-lhe mais (segundo ele dizia), que acharia uma bicha no caminho, que viria com a boca aberta a ele, mas que não houvesse medo, porque aquela era a bicha da peste que havia de vir à vila da Ponta Delgada, e se, estando esta gente junta, viesse alguma trovoada, cavassem daquela terra, em cima da qual ela tinha os pés, e a espalhassem por cima de todos e não houvessem medo; e que naquele lugar lhe fizessem uma casa, que se chamasse Nossa Senhora do Pranto, porque ela rogava a seu filho irado pelo povo todo. Contava mais que lhe mandara que trouxesse um cordão em que lhe faria uns nós, para que rezasse por eles o seu rosairo; e, trazendo ele uns do Nordeste, ela lhe dissera que não aqueles porque rezara por eles uma mulher pecadora; então, lhe pediu um cordão que traria cingido, em que lhe fez os nós por sua mão, dizendo-lhe que os desse a beijar a todas as pessoas. E tudo se cumpriu depois como ela disse. E foram juntas as sete cruzes de diversas partes, do Nordeste, da Maia, da Povoação Velha, da Chada Grande e de outras partes, com muita gente, que fizeram a igreja no mesmo lugar, da dita invocação de Nossa Senhora do Pranto, como ela mandou. A qual está hoje em dia ali e é de muita romagem, onde dizem que se fizeram já muitos milagres. E pelos tremores da terra que vieram depois, muito grandes, caindo outras muitas igrejas, ela sempre ficou em pé.

Logo no mesmo ano de mil e quinhentos e vinte e três, aos quatro dias do mês de Julho da dita era, deu a peste na vila da Ponta Delgada desta ilha de S. Miguel, em casa de um João Afonso Seco, de alcunha, que morava junto da igreja de S. Pedro, e dali se ateou na vila, onde durou oito anos, contando o tempo precisamente; mas, se contamos as eras, durou nove anos, tomando parte no ano de vinte e três, em que começou, e parte da era de trinta e um, em que cessou, que foi no mês de Maio, pouco mais ou menos.

E já na era de vinte e um se temia esta praga nesta ilha, por andar iscada em outras terras que tinham comércio com ela, principalmente na ilha da Madeira, donde se apegou aqui, de certa mercadoria que veio, dentro em uma caixa, ter a vila da Ponta Delgada, parece que na dita era de vinte e um, ficando seu dono da caixa na ilha da Madeira.

E vindo a esta ilha na era de vinte e três, no mês de Julho (como tenho dito) e abrindo a caixa, deu a peste na dita vila da Ponta Delgada, por mais guardas que tinham e posturas que faziam nas Câmaras das vilas, que não se recolhesse coisa impedida. Dando a peste na vila da Ponta Delgada, se acolheu muita gente dela para os lugares da Relva, Feiteiras, Fenais e outras partes de fora. E em toda esta ilha se guardavam da dita vila da Ponta Delgada e seus

termos, porque nela morreu muita gente; e algumas vezes cessava e outras tornava a picar, pelo que diziam: já se acabou a peste, já tornou a peste.

No cabo de três anos, que desta maneira durou na vila da Ponta Delgada e seus limites, deu na vila da Ribeira Grande, na era de mil e quinhentos e vinte e seis, levando-a um João Afonso, por alcunha o Cabreiro, que morava sobre uma alagoa funda que fazia a ribeira que corta a vila, chamada o Paraíso, da banda do ponente, a qual se disse que levara em uma manta que lhe deram em a vila da Ponta Delgada; e logo aquela noite deu o mal em uma negra sua que dormiu na manta, a qual enterrou ele sem ninguém o saber; e a noite seguinte do outro dia se foi a jogar com um Martim de Leão, correeiro, a casa de um João Gonçalves Fidalgo, por alcunha chamado da Serra de Água, porque tinha uma serra de água junto de sua casa. E logo na mesma noite deu a peste em dois filhos do dito João Gonçalves. Tornando Martim de Leão para sua casa, na mesma noite foram feridos de peste outros dois seus filhos, os quais todos quatro morreram daquele mal; pelo que os moradores foram queimar a casa de João Afonso Cabreiro. Dali se foi ateando tanto que dizem alguns que, de vinte do mês de Fevereiro até o mês de Março, morreram na dita vila cento e setenta pessoas. Outros dizem que foram feridas da peste noventa e quatro, das quais morreram sessenta e três e escaparam trinta e uma. Então despejaram a vila por mandado do Capitão Rui Gonçalves, e ficou Simão Lopes de Almeida, filho de Lopo das Cortes, por guarda-mor, o qual mandou destelhar todas as casas, por causa dos maus ares.

Esteve impedida a vila até vinte e oito de Julho de mil e quinhentos e vinte e sete, em que a desimpediu o licenciado Diogo de Vasconcelos, ouvidor do dito Capitão, indo a ela com os oficiais da Câmara e mais povo junto, mandando apregoar que se recolhesse toda a gente que estava espalhada na Ribeirinha e Ribeira do Salto e por outras partes. E não podendo entrar a gente nas casas, com o grande ervaçal, que se tinha criado nas ruas, de meloeiros, pepineiros, aboboreiras, malvas, milhãs, bredos e outras ervas, e também por causa dos ares maus, mandou o dito Simão Lopes de Almeida, guarda-mor, a todos os criadores que trouxessem os gados à vila para comerem, quebrarem e destruirem aquelas ervas tão crescidas, que o gado em muitos lugares andava com a barba no ar se não aparecia entre elas. Esta gente que se acolheu para a Ribeirinha fez um moinho na Ribeira do Salto; e os que se acolheram para a banda do ponente fizeram outro na Ribeira Seca, porque mandaram que não moessem os moinhos da vila, ainda que às escondidas moíam.

Passada a peste na vila da Ribeira Grande, não cessava na Ponta Delgada, pelo que o Capitão se mudou da vila da Lagoa, arreceando que se lhe pegasse este mal, de lugar tão vizinho, e se foi morar à dita vila da Ribeira Grande, por pouco espaço de tempo; no cabo do qual, tornando-se para a vila da Lagoa, a morar em seus paços, que já tinha feitos e acabados, por haver ainda peste na Ponta Delgada, mandou pôr uma bandeira no lugar de Rosto de Cão, ao poço, defronte das casas de Jorge Nunes Botelho, tendo dantes outra posta junto da vila da Lagoa, perto do biscoito que está junto do porto dos Carneiros, que era a bandeira geral que sempre ali estava. E, vendo os da governança da vila da Ponta Delgada que os apertavam tanto com duas bandeiras, Pero de Teves e Fernão do Quintal e Gaspar do Rego Baldaia, que era então mancebo e grande cavaleiro, que, andando nas partes de além em África, fora pagem do Conde de Linhares e trouxera lá o seu guião, ajuntaram-se com outros homens da governança e misteres, tomando conselho o que sobre este caso fariam, por não poderem sofrer tanta sujeição, e tomando assento do que haviam de fazer, o dito Pero de Teves e Fernão do Quintal e Gaspar do Rego, oficiais da Câmara e outros homens principais, com o mais povo, ajuntaram até trezentos homens, entre espingardeiros e besteiros e homens de lanças, espadas, rodelas e alabardas, afora os de cavalo, que seriam vinte, todos os mais escolhidos e esforçados que acharam; os quais, partindo da Ponta Delgada, passaram a bandeira do lugar de Rosto de Cão, indo pela via do pico de João Ramos, caminho desviado do direito, para a vila da Alagoa, onde estava o Capitão e seu ouvidor, o licenciado Diogo de Vasconcelos, segundo letrado natural desta ilha, porque o primeiro foi Diogo Pereira, da vila da Alagoa. Indo assim esta gente junta, foram ter à quinta do Capitão, que se chama o Cavouco, que está sobre a dita vila, sem serem sentidos por não irem pelo caminho ordinairo, senão quando, descendo do Cavouco por uns picos abaixo, descobriram a vila, onde vendo-os uns homens que andavam lavrando, foram correndo dar a nova ao Capitão, o qual, pondo-se com seu ouvidor e outra muita gente de cavalo e de pé, se foi ao encontro; e achando os da Ponta Delgada arriba das suas casas, onde se chama o Vale da Senhora, que foi de D. Inês, sua mãe, chegando a eles, perguntou que queriam. Fernão do Quintal lhe propôs a prática, dizendo que não era bem apertá-los e sogigá-los ([335]) com duas bandeiras e dizendo mais adiante

algumas razões. Acudiu Pero de Teves (que era homem pequeno de corpo, mas grande de esprito e muito inteiro em suas coisas), dizendo: sabeis o que se passa, sr. Capitão, nós não somos mouros para nos pordes duas bandeiras; mandai cortar vossas posturas, senão tomarei esta gente toda que vem nesta companhia e romperei esse lugar, porque a mais honrada vila que tendes na vossa ilha é a Ponta Delgada e não nos haveis de tratar dessa maneira, com duas bandeiras, pois nós trabalhamos tanto para a desimpedir, abasta só uma bandeira como dantes. Disse então o ouvidor ao Capitão: Senhor, quereis que o prenda? Respondeu o Capitão: Tá, não façais tal, que aquele homem é como doido e, assim como o diz, o fará. Vieram por fim assentar e concluir com boas palavras o que se podia e devia fazer, que era terem uma só bandeira, como dantes, junto do Porto dos Carneiros. Disse então Pero de Teves ao Capitão: — Senhor, isto é tarde e muito longe para nos tornarmos por onde viemos; mandai-nos abrir aqui caminho por cima destes sarrados ([336]) (que estão tapados de parede de seis ou sete palmos de alto), até a bandeira que está junto da vila, por fora dela. E assim o mandou fazer o Capitão, e por ali se foram e tornaram para a vila da Ponta Delgada, já tão tarde que quando chegaram à bandeira, fora da vila da Lagoa, era noite, e pelo escuro se recolheram para a Ponta Delgada, sendo isto no mês de Janeiro, estando as terras lavradas de camalhão para se semearem.

Neste tempo, havia nesta terra muitos mouros que trouxe o Capitão Rui Gonçalves da Câmara, quando veio de África, e os cavaleiros que com ele foram e vieram, e outros que trouxeram outras pessoas de Portugal. Valiam tão baratos por causa da fome que houve em África na era de mil e quinhentos e vinte e um anos, antes da subversão de Vila Franca, a treze de Dezembro (no qual ano faleceu el-Rei D. Manuel, de Boa- Memória), da qual fome morreu em África muita gente, muitos cavalos e muito gado; e, entre os mouros, os pais vendiam os filhos e davam cada um por duzentos réis, e muitos se vinham a Portugal a fazer cristãos por ter que comer, onde no Algarve davam um por uma ceira de figos ou por um alqueire de cevada; e não havia homem desta ilha que, indo lá, não comprasse um, dois, três, quatro, segundo a posse e fazenda que cada um para granjear e beneficiar tinha, por onde vieram a ser tantos nesta terra, por morrerem de fome nos campos, e nas praças e pelas ruas no campo da Duquela e em outras partes de África, principalmente no reino de Fez. E alguns vendiam mais barato do que tenho dito, porque se furtavam uns a outros, para se venderem. Os quais mouros, quando viram que no tempo do tremor passado morrera muita gente, assim em Vila Franca, como em toda a ilha, e vendo que também morriam muitas pessoas com a peste presente, dizem alguns que se amotinaram e determinaram juntos ir sobre a vila da Água do Pau e outras vilas, para matarem os moradores e ficarem em posse de tudo. E muitos andavam na Mediana, arriba da casa de um Fernão de Pinho (onde agora chamam a Trancoada, pela derradeira madeira que se alimpou naquele lugar, onde estava muita roçada), e matavam ali muito gado, e de noite e de dia com fogueiras cozinhavam, assando e cozendo algum dentro nas peles, postas em covas com o fogo ao redor, ou em cabaças, como atrás tenho contado que se usava nesta ilha, no tempo antigo. E estando ali, salteavam alguns que passavam, tomavam-lhe o pão, mantimentos e dinheiro que levavam. E, dali a alguns anos, correndo água e descarnando a terra em uma ribeira que está além de Nossa Senhora dos Remédios para a banda do oriente, se descobriu algum dinheiro em tostões e em outras moedas de prata, que diziam soterrarem ali os mouros no tempo que andavam amotinados.

E em outras partes da ilha salteavam os mouros os caminhantes, pelo que não ousavam os homens caminhar senão acompanhados e se guardavam e vigiavam nas vilas e lugares, de dia e de noite, com tão grande resguardo, que andando uma noite um asno em um canavial junto da vila da Água do Pau, ouvindo a gente a ramalhada das canas, acudiu ali com grande pressa, cuidando que eram mouros, e foi grande riso entre eles quando acharam o asno. Alguns dizem que porque um moço os viu estar comendo na serra, como é costume de mouros e pastores, com esta nova que levou ao povoado, se temeu o povo deles.

Mas outros afirmam que eles, com ocasião do terramoto e peste, fizeram entre si consulta de se alevantarem contra seus senhores, fazendo seu capitão um mouro do Capitão Rui Gonçalves, que chamavam Badaíl; pelo que o Capitão mandou que todo o que tivesse mouro lhe pusesse um ferro, peia ou grilhão no pé e que todos ferrolhassem e fechassem seus escravos cada dia, em anoitecendo, e, se algum se achasse sem isto, o pudessem matar; e a mesma licença deu com os que achassem desmandados.

Por esta razão, se ajuntaram alguns homens principais, bons cavaleiros desta ilha, como foram Antão Teixeira, que morava na Lomba da Ribeira Seca, Guterres Lopes, Lourenço

Teixeira, Cristóvão Luís e Manuel Pinheiro, da vila da Água do Pau, Vasco de Medeiros, da vila da Lagoa, e outros valentes cavaleiros, de outras partes; os quais, indo junto do Cavouco, acima da vila da Lagoa, achando um palheiro, não viram nele pessoa alguma, e, passando adiante, Vasco de Medeiros que atrás ficava, metendo a lança pela palha do palheiro, sentindo que bulia pessoa viva debaixo e ouvindo um gemido daquele que a lança tocava, carregou nela e matou o que gemia, e tirando-o fora, de debaixo da palha, conheceram ser o Badaíl, capitão dos mouros e, chegando-se alguns homens de pé, lhe cortaram a cabeça, a qual um João Gonçalves Xastre levou dependurada pelos cabelos e, chegando à vila da Lagoa, a dava a beijar aos mouros que achava, dizendo: — Mouro, vês aqui o teu capitão. Com a cabeça cortada, enfraqueceram os membros, e os moradores desta terra ficaram livres do grande sobressalto em que estavam todos e do muito enfadamento que tinham muitos.

Durou a peste pelos anos adiante, somente na vila da Ponta Delgada, ora cessando, ora tornando, até a era de mil e quinhentos e trinta e um.

Outros dizem que veio a peste a esta ilha da ilha da Madeira em uma caixa, a qual esteve fechada na vila da Ponta Delgada dois anos, em casa de um João Afonso Seco, pai de Bartolomeu Vaqueiro, e não se abriu porque ficava lá seu dono; o qual, vindo da ilha da Madeira na era de mil e quinhentos e vinte e três (onde durou a peste lá muitos anos), em abrindo a caixa, logo se apegou na dita vila e começaram a morrer em casa de Sebastião Barbosa da Silva, sendo juiz Agostinho Imperial, e se ateou até dar na vila da Ribeira Grande (como tenho dito) e somente nestas duas vilas, Ponta Delgada e Ribeira Grande, houve a peste e não em outra parte da ilha. Na vila da Ponta Delgada dava muitos rebates; ora morriam muitos, ora poucos, e uns se saíam da vila, outros entravam, e por isso não cessava a peste; mas, em uns tempos andava mais acesa e em outros menos, e posto que muitos despovoassem a vila da Ponta Delgada, sempre ficou gente nela.

Em casa de Bartolomeu Afonso Pereira, morador na dita vila da Ponta Delgada, faleceram da peste onze pessoas e um seu filho, chamado Pedro Afonso Pereira, foi ferido da mesma peste, mas não morreu dela.

Além da grota da Figueira, entre a Relva e as Feiteiras, estão mais de duzentos corpos enterrados, que morreram ali da peste, dentro no tempo que ela durou, porque os que se queriam desimpedir pediam degredo para aquela parte, onde estes, cuidando de escapar, morreram.

Alguns dizem que no tempo que durou a peste morreram dela na vila da Ponta Delgada duas mil pessoas; outros dizem mil, afora as que faleceram na Ribeira Grande. Mas, disto não há certeza; o mais certo é que, entre os que morreram no tempo do terramoto, ou tremor e subversão de Vila Franca, e no tempo da peste, seriam por todos cinco mil almas em toda esta ilha.

No ano de mil e quinhentos e trinta e um foi o Capitão Rui Gonçalves da Câmara com o seu ouvidor (que então dizem ser o licenciado João de Teve), da vila da Lagoa à da Ponta Delgada e a desimpediu no campo de Rui Lopes Barbosa da Silva, que é no cabo da vila, para o nascente, na casa de António Borges de Gamboa, para a freguesia de S. Roque. Ali mandou chamar as guardas e homens da governança da dita vila da Ponta Delgada e dando-lhe juramento com seus ditos a houve por desimpedida, por haver alguns meses que nela não morriam já de peste. Tomaram então na cidade por seu intercessor o Mártir S. Sebastião, cuja freguesia tinha, mas, por ter a igreja pequena, determinaram de a fazer muito grande e sumptuosa, como com muita brevidade fizeram. E nunca mais, daquele dia até agora, houve peste nesta ilha. Louvado seja o Senhor, que guarda seus povos por intercessão de seus Santos.

CAPÍTULO LXXVI

DAS PRIMEIRAS FREIRAS E PRIMEIRO MOSTEIRO DE RELIGIOSAS QUE HOUVE NA ILHA DE S. MIGUEL E EM TODAS AS ILHAS DOS AÇORES, NO TEMPO DE RUI GONÇALVES DA CÂMARA, QUINTO CAPITÃO DA DITA ILHA E SEGUNDO DO NOME

Quando um besteiro, entre uma manada de pombas, faz um tiro ou dois e mata uma ou duas delas, as outras espantadas se alevantam fugindo, voando pelos ares, pondo-se em lugar mais seguro. Assim Deus, atirando a seta de sua ira e castigo aos moradores desta ilha, com o tremor e peste dela (que tenho contado) feriu a Vila Franca do Campo com seu limite, e ao lugar da Maia e outras partes, subvertendo-as e matando muita gente delas; e com outra seta de peste feriu as vilas da Ponta Delgada e Ribeira Grande, com que também matou muita gente. E em lugar de se converterem e alevantarem, voando como pombas os pombos da ilha, que são a gente que ficou viva, e pôr-se em lugar seguro de penitência e emenda, não se sabe claramente que ninguém isto fizesse, senão só duas pombas, santas fêmeas e religiosas, que quiseram deixar a terra e quanto nela havia, e voar para o Céu e lugar seguro da religião como agora direi.

Passada a assolação de Vila Franca do Campo, andando a peste acesa na vila da Ponta Delgada, havia em Vila Franca um Jorge da Mota, nobre e virtuoso homem, cavaleiro do hábito de Aviz, que escapou em uma sua quinta, onde tinha uma ermida da invocação de S. João Baptista, junto das suas casas e pomar; o qual, entre outras, da primeira mulher com que fora casado tinha uma filha de muito grande virtude, discrição, prudência e saber, da qual todos julgavam que pretendia casar com filho de algum conde. Esta, a quem deu Deus este talento, não o soube mal empregar na terra, mas, granjeando com as graças que Deus lhe deu os tesouros do Céu, vendo quanta vaidade era tudo o do mundo (cujas testemunhas eram a subversão da Vila passada e a peste presente), virando as costas a tudo o que dantes pretendia, determinou fazer vida penitente. Havia, então, em casa de seu pai, uma virtuosa mulher, natural de Braga ou Ponte de Lima, filha de pais honestos, a qual, sentindo que seu pai a queria casar, se saiu de sua casa escondidamente, vindo para esta ilha de S. Miguel em companhia de um Rodrigo Afonso, homem muito virtuoso e honrado, que trazia para esta terra uma sua sobrinha para a casar, por ser aqui morador. Chegando a Vila Franca esta Isabel Afonso, com a sobrinha deste homem, teve notícia de Maria de Jesus, filha de Jorge da Mota, que tinha deixado o mundo em sua vontade e queria ser religiosa, pelo que a ia muitas vezes visitar a casa de seu pai. Esta Isabel Afonso (que depois se chamou Maria dos Anjos) era muito espiritual e amiga de Deus, achando a Petronilha da Mota (que depois se chamou Maria de Jesus) conforme a seu coração; tomou com ela muita amizade e tanto amor que quase todos os dias ia comunicar com ela, de modo que Jorge da Mota, pela ver tal e tão amiga de sua filha, e ambas em um modo de vida religiosa, a recolheu em casa para sua companhia. Sua conversação de ambas era rezar e jejuar o mais do tempo a pão e água, visitar as igrejas a seus tempos vestidas de burel e andar descalças. Suas práticas todas eram em Deus e coisas de Deus, em tudo mortas ao mundo, de maneira que era grande edificação a quem as via. O Rodrigo Afonso, que trouxe a Isabel Afonso, era tão honrado, amigo de Deus, e homem de tanta verdade que foi o primeiro síndico que o mosteiro de Santo André de Vila Franca do Campo teve, de cuja boca não era nomeada esta Isabel Afonso, ou Maria dos Anjos (como depois se chamou), senão por sua filha e nesse lugar a tinha.

Com este alto propósito e celestial pensamento, a dita Maria de Jesus, filha de Jorge da Mota, e sua companheira Maria dos Anjos determinaram ir fazer vida santa e recolher-se em uma ermida de Santa Clara que estava na vila da Ponta Delgada, e uma noite se saíram de casa de seu pai para sua ermida de S. João, levando consigo, a dita Maria de Jesus e sua companheira Maria dos Anjos, quatro meninas suas irmãs, a mais velha das quais era de idade de nove anos, e as outras daí para baixo, dizendo a seu pai que havia de fazer aquela noite

uma devação [337] e queria ter as meninas consigo, tendo já ordenado fazer o que tinha em propósito, que era fazer convento de religiosas e servir a Deus nele.

Estando elas na ermida, sem ser seu pai sabedor de mais do que ela lhe dizia, e não do que encobria, aquela mesma noite, dormindo ele e sua mulher em sua cama, sonharam ambos o seguinte. O pai chorou por sonhos, de modo que o espertou a mulher e perguntando-lhe que havia, disse: sonhava que me diziam — uma nuve [338] levou as freiras —, porque assim lhe chamavam já, pelo hábito que traziam e pelo propósito que tinham de o serem. Na mesma noite e hora que o marido acordou, tornou a mulher a dormir e, sonhando, chorou por sonhos da maneira que seu marido tinha feito; o qual, espertando-a e perguntando-lhe que havia, respondeu: sonhava que me diziam — as freiras fizeram como fez Santa Clara.

Maria de Jesus, na mesma noite, com sua companheira e quatro pequenas irmãs (pelo que já tinha ordenado fazer) se saiu da ermida de S. João, caminhando de noite, por muita chuva e tempestade, secretamente, sem pessoa alguma o saber, com companhia honesta, por fora da Vila e caminhos desviados, por não serem sentidas, com tenção de irem ter à dita ermida de Santa Clara, da vila da Ponta Delgada; mas, como Deus que as encaminhava, determinava outra coisa e pô-las em outro lugar, chegando elas e a mais companhia a Vale de Cabaços, em direito da ermida de Nossa Senhora da Concepção, lhe veio desejo a cada uma, em seu coração, de ficarem ali, sem nenhuma o saber da outra, nem o ousavam descobrir, esperando, se era obra de Deus, como foi, que cada uma o dissesse, porque uma dava obediência à outra nos tais casos, de maneira que queria uma que a outra fosse a primeira que falasse na sua ficada ali, porque a cada uma delas lhe parecia que na sua vontade dentro lhe diziam — aqui, aqui. Desceram então abaixo ao Vale já de madrugada e, entrando na Casa de Nossa Senhora, se acharam com todo o repouso, quietação, determinação e vontade de fazer ali sua habitação; e mandando chamar os oficiais da Câmara e Justiça da vila da Água do Pau, lhe deram relação do seu intento, o que eles lhe agradeceram, entendendo serem movidas da mão de Deus, e depois o fizeram a saber ao Capitão, que muito as favoreceu, como adiante direi.

Seu pai Jorge da Mota, com todos os mais parentes e amigos que nisso tinham razão, anojados pelo dia seguinte não achar suas filhas, por parte nenhuma onde as buscassem, cuidando serem idas para Lisboa, por ser partido aquela noite um navio do porto de Vila Franca, lhe foram novas como estavam naquela ermida. E indo logo lá com alguns homens honrados que o acompanharam, tomou as meninas e mandou-as para casa. Depois trabalhou muito com Maria de Jesus e Maria dos Anjos que se tornassem, o que por nenhuma via pôde acabar, nem por bem nem por mal, nem com rogos nem com ameaças.

Dali a poucos dias, soando isto por toda a ilha, foi outra vez seu pai Jorge da Mota e os filhos que eram para isso, com pessoas honradas de Vila Franca e alguns padres de S. Francisco, o Capitão Rui Gonçalves e o ouvidor do eclesiástico, com muitas pessoas nobres de algumas partes da ilha, a ver o que determinava Maria de Jesus e sua companheira. Mas, tanta foi a constância de seu propósito, que nem pai, nem irmãos, nem Capitão com sua justiça, nem o ouvidor da igreja, nem pessoas letradas, nem muita gente que naquele dia para isso se ajuntou, as puderam mover nem tirar do que tinham na vontade, e todas suas questões elas venciam, como quem tinha por mestre o Espírito Santo, que as ensinava, de modo que claro se viu ser obra do Mui Alto. E por fim de muita e grande porfia que com elas se teve, disse o Capitão a seu pai Jorge da Mota: — isto é obra de Deus; não trabalheis pola estorvar. Partiram-se então todos para seus lugares e casas, ficando elas ambas na igreja de Nossa Senhora com muita alegria, onde estiveram seis meses (não tendo mais recolhimento que umas cortinas armadas), com tanta clausura como se fora dentro em mosteiro muito encerrado e amurado. A Câmara e povo daquela vila da Água do Pau as visitavam com muito amor e caridade, e fizeram à sua custa uma casa pequena em que se elas ambas recolheram com as quatro meninas, suas irmãs, que Maria de Jesus depois mandou vir, para todas juntas entrarem nela.

Acabada esta casa pelos moradores da vila da Água do Pau, a qual não tinha mais oficinas que a casinha, que agora é sancristia (sic) daquele oratório, e outra cerca pequena e estreita de pedra ensossa, tão grande como a mesma sancristia, tendo determinado de entrar nela uma véspera de Páscoa (como depois entraram), escreveu Maria de Jesus a seu pai que lhe levasse as quatro irmãs, para todas juntas entrarem. Mas, seu pai, por ser já perto da Páscoa, as não queria levar, fazendo conta que passada a festa as levaria. Foi grande o requerimento de Maria de Jesus que as levasse, porque, como entrassem, se havia de fechar a parede que não tinha porta; ao que disse seu pai que, quando as levasse, mandaria derribar a parede e a

tornaria alevantar. Tornou outra vez Maria de Jesus a escrever que se não fossem as meninas não entrariam elas. Quando seu pai viu sua importunação, fez pergunta à mais pequena, que era de quatro anos, por nome Ana de São Miguel, pondo-lhe diante como sua irmã as mandava levar para entrarem naquela casa, e que estavam em véspera de Páscoa, se a queria ela antes ter em casa e comer folares e bolos, com outras palavras de meninos que lhe pôs diante, dizendo mais que o que ela dissesse, isso havia de fazer. Respondeu a menina, com muita alegria, que antes queria ir servir a Nosso Senhor com sua irmã que ter aqueles mimos em casa de seu pai, aquela festa. Vendo o pai sua resposta, pareceu-lhe que era ensinada pelo Espírito Santo e ser assim vontade de Deus, pelo que as levou véspera de Páscoa, em que foram amanhecer a Vale de Cabaços, e à tarde, em que se acabou de telhar a casinha, entraram todas nela. A mais velha destas meninas se chamava Guiomar da Cruz, e as outras Catarina de São João, Maria de Santa Clara e Ana de São Miguel, os quais nomes lhe tinham elas ambas já postos em casa de seu pai para quando fossem freiras, não havendo ainda determinação do que depois foi. Nestas coisas se exercitavam e as criavam, ensinando-lhes em casa do pai que quando fossem chamadas não respondessem senão por *Deo Gratia*s. E assim foram costumadas, nem falavam de outra maneira. Recolhidas estas seis religiosas em tão estreita casa, viviam ali em muita penitência. E os oficiais da Câmara da vila da Água do Pau tinham cuidado delas, tirando eles mesmos aos domingos esmolas pelas portas para seu mantimento, afora a provisão que também lhe mandava seu pai.

Daí a um mês, pouco mais ou menos, duas mulheres principais, ricas e honradas, filhas de João de Arruda da Costa, de Vila Franca do Campo, tendo prometido uma romaria à mesma ermida de Nossa Senhora da Concepção de Vale de Cabaços, tendo seu pai casada por cartas a mais velha em Portugal, com escritura feita, esperando pelo esposo cada dia, por horas e momentos, para a vir receber, chamada esta Isabel da Costa, que depois se chamou Isabel do Espírito Santo, e a outra sua irmã, Maria da Costa, que depois se chamou Maria da Trindade, determinando ambas cumprir a romaria e se tornarem logo para casa de seu pai, chegando à dita ermida de Nossa Senhora, antes que entrassem na igreja, disse Maria da Trindade a sua irmã, mulher segunda de Jorge da Mota: eu não me hei-de ir daqui por terra, nem por mar — não sabendo o que dizia, nem com pensamento de ficar, e, se soubera que havia de ficar, dali se tornaram sem cumprir a romaria. E, em pondo o primeiro pé dentro na igreja, lhe começou o coração a dar grandes abalos (coisa que nunca teve); entrando na capela, se pôs de geolhos para fazer oração, e nunca pôde rezar nem uma Avé-Maria, estando sempre suando de afrontada, não entendendo aquela diferença que achava em si, porfiando até quatro vezes, estando de geolhos, se podia dizer uma Avé-Maria, sem a poder dizer. E, estando o palratório junto com ela dentro na capela, mandou chamar três vezes a Petronilha da Mota, que já se chamava Maria de Jesus, e nunca foi, não desejando a dita Maria de Jesus senão fa!ar com ela, e uma com outra. Alevantou-se então Maria da Trindade e saindo-se fora da igreja para ver se achava algum lugar por onde a visse e lhe falasse.

Tinham elas na mesma casa onde estavam (como tenho dito) uma cerca pequena, de oito ou nove côvados ao redor e quatro varas de medir, em alto, as três varas de pedra e a outra de silvado sobre aquela pedra; a qual parede era muito cerrada, sem nenhum buraco, senão um só, o qual foi achar Maria da Trindade para sua conversão (sic) ([339]), logo pegado com a igreja, em que não cabia mais que um olho, por onde na pequena cerca via andar as quatro irmãs meninas brincando, que haviam entrado com Maria de Jesus. E, chamando por uma que fosse chamar a dita Maria de Jesus, que estava ela ali e lhe queria falar, três vezes a mandou chamar e de nenhuma veio, estando a dita Maria da Trindade sempre com o olho no buraco, esperando por ela; e tanto tardou que, de desconfiada dela vir, veio Maria de Jesus, não aonde ela estava, e pôs-se sobre o portal da porta da mesma casa que ia para a cerca, e Maria da Trindade sempre com o olho no buraco a ver o que ela fazia e dizia, a não querer vir aonde ela estava. Em se pondo Maria de Jesus espaço de abrir e cerrar uma mão, mudou Deus a vontade a Maria da Trindade com tanta força, dando-lhe o coração aquelas pancadas que dantes dava com grande suor e afrontamento, que chamou uma menina que lhe chamasse Petronilha da Mota, que era Maria de Jesus, que a fosse tomar por cima da cerquinha pela banda do mar, pois não tinha porta, e por ali subiu, sem ninguém lhe dar nenhuma ajuda de fora, nem de dentro. Quando Maria de Jesus a viu sobre a cerca, logo a foi receber. E vendo-a entrar, Isabel do Espírito Santo, sua irmã, fez o mesmo que ela, sem nunca querer obedecer a dez ou doze parentes, que foram e estavam com elas, dizendo a Isabel do Espírito Santo se estava casada, porque queria dar tão grande desgosto a seu pai.

Tornaram-se todos para a Vila Franca e, dando nova a seu pai, partiu ele daí a três dias para as tirar. Mas, porque aquela obra tinha Deus feito como Ele foi mais servido, vindo seu pai, lhe disseram que não haviam de sair donde Nosso Senhor as metera, e com tanta constância perseveraram, que palavras de rogo, nem ameaças, por bem nem mal, as puderam tirar de seu propósito; o que vendo eles, disseram que ficasse a mais moça, e a mais velha, Isabel do Espírito Santo, saísse, pois a tinham já casada e no primeiro navio esperavam vir do Reino seu esposo, como veio. Respondeu ela que já estava desposada com outro Senhor, a que mais queria que a homem da terra, e que se fossem embora, que não havia de ir com eles.

Aqui acabou esta batalha; daí por diante começou de se ajuntar convento, visitadas todas as que iam por Deus, a exemplo da vocação das primeiras.

Dali a pouco tempo o Capitão da terra, Rui Gonçalves da Câmara, movido por sua devação (sic) e bom zelo, tomou cargo daquela casa de novas religiosas e foi seu padroeiro, mandando a Roma por bula para que fosse convento e mosteiro com seus privilégios, e que ele e sua mulher fossem padroeiros dele; e logo se moveu com mulher e casa e se foi assentar junto da dita ermida de Vale de Cabaços. Mandou ali vir muitos oficiais a fazer muros e oficinas, porque não havia mais que aquela que agora é sancristia (sic) e ele movido com toda a devação e amor de pai, andava sempre presente nas obras. Nove ou dez anos que naquele lugar esteve o convento junto, eles o sustentaram e mantiveram com sua fazenda, de pão e todo o mais necessário para a vida humana, sem antrevir ([340]) pai nem outro parente nenhum delas.

Mas, por estar o mosteiro naquele lugar e sítio muito junto do mar, remoto de moradores e vizinhança, por causa e perigo dos franceses que ali podiam ir ter, requereram seus parentes as tirassem e mudassem daquele lugar. Partiu-se então o convento por meio e, sendo o Capitão falecido, a Capitoa D. Filipa levou para a vila da Ponta Delgada uma parte, e outra levaram primeiro seus pais e parentes para Vila Franca, onde eles fizeram mosteiro e está convento de religiosas da invocação de Santo André. E na cidade da Ponta Delgada está outro de Nossa Senhora da Esperança.

São todas as de Vila Franca da primeira regra de Santa Clara, pela qual causa, por não terem rendas, nem fazenda alguma em comum, nem em particular, e guardarem ao pé da letra a pobreza da regra, tomou o dito Capitão Rui Gonçalves da Câmara cargo delas e por sua devação (sic) as provia de todo o necessário. No qual modo de viver perseveraram vinte anos; e por a qualidade da terra o não sofrer e passarem muitas necessidades, por não haver na ilha quem pudesse suprir com sua fazenda o que o senhor dela podia, por ser muito rico e poderoso, enfermavam muitas e morriam, de modo que se temeu despovoar-se o mosteiro. Então, por conselho de letrados e homens prudentes, determinaram buscar dispensação em algumas coisas, como em poderem ter renda em comum, e em outras asperezas, com que, por serem mulheres fracas e debilitadas, já não podiam. Mandaram então seus pais e parentes impetrar dispensacão a Roma e desta maneira vivem há mais de quarenta anos depois da dispensação, guardando em o mais a primeira regra de Santa Clara. Com o exemplo deste convento, que foi o primeiro das ilhas dos Açores, se fundaram depois pelas outras ilhas alguns, todos da ordem de Santa Clara.

Quando se dividiu o convento de Vale de Cabaços, foram dele para Vila Franca as religiosas seguintes: Maria de Jesus, abadessa; Maria dos Anjos, sua companheira; Isabel do Espírito Santo, Maria da Trindade, Helena da Cruz, Catarina do Salvador, Maria de Cristo, Catarina da Madre de Deus, Cecília do Redentor, Guiomar da Cruz, Maria de São João, estas todas professas. E as mais, noviças, eram: Catarina de São João, Maria de São Pedro, Maria de Santa Clara, Francisca de Cristo, Maria de São Lourenço, Maria de São Boaventura, Ana de São Miguel e Úrsula de Jesus, ambas meninas.

Ficaram em Vale de Cabaços Maria do Espírito Santo, presidente, Maria da Madre de Deus, Isabel dos Arcanjos, Clara de Jesus, Maria de Santo António, Inês de Santa Iria, Catarina da Concepção, professas. As noviças eram: Hierónima de São Paulo e Isabel do Espírito Santo, filhas naturais do Capitão Manuel da Câmara, e Águeda de Cristo.

Depois se acrescentou este garfo, que ficou neste mosteiro, com outras religiosas que entraram nele: que dali a anos, na era de mil e quinhentos e quarenta ([341]) um domingo de Pascoela, vinte e três de Abril, pelo mesmo receio de franceses, deixaram o dito lugar e se passaram para o mosteiro da Esperança, que a Capitoa D. Filipa lhe tinha feito na vila da Ponta Delgada, onde, chegando aquele mesmo domingo à tarde, foram recebidas de todo o povo mui honrada-mente, com grande festa e solene procissão, e logo se recolheram em seu

convento ainda não de todo acabado, mas começado e feito um dormitório da banda do ponente e a crasta, e uma igreja de uma água, encostada à crasta da banda de dentro, que agora serve de cemitério, onde se enterram as religiosas que falecem.

As freiras professas que foram então e se mudaram de Vale de Cabaços, primeiras fundadoras do dito mosteiro da Esperança da vila da Ponta Delgada, foram: Maria do Espírito Santo, que era presidente no tal tempo (porque não tinham ainda abadessa formada), era filha de André Afonso da Praia e de sua mulher Violante Coelha; a segunda era Clara de Jesus, que antes se chamou Domingas Soares, filha de Francisco Soares, que muito tempo foi veador do Capitão Rui Gonçalves da Câmara e de D. Filipa, sua mulher, e com ele foi a África; a terceira, Inês de Santa Iria, muito virtuosa e de grande penitência, natural de Portugal, que se tomou por amor de Deus; a quarta, Maria da Madre de Deus; a quinta, Isabel dos Arcanjos, sua irmã, natural da vila de S. Sebastião da ilha Terceira, as quais agasalhou o Capitão Rui Gonçalves por amor de Deus, e por suas virtudes as fez fazer professas; a sexta, Maria de Santo António, mulher de grande virtude, filha do Abade de Moreira, irmão de Fernão de Anes, pai do licenciado Bartolomeu de Frias o qual foi ouvidor do eclesiástico nesta ilha; a sétima, Isabel de São Francisco, muito virtuosa, irmã de Maria Dias, mãe de Rui de Melo, a outra (sic) Catarina da Concepção, filha do ermitão de Vale de Cabaços, que perdeu o siso por muitos anos e à hora de sua morte o tornou a recuperar, confessando-se e comungando como se nunca o perdera.

As noviças, que em companhia destas foram e depois fizeram profissão na mesma casa da Esperança, eram quatro: a primeira, Águeda de Cristo, filha do licenciado Diogo de Vasconcelos e de Genebra Anes, sua mulher, irmã do melhor contrabaixa que houve nas ilhas dos Açores, chamado Diogo de Vasconcelos como seu pai, que foi muito tempo ouvidor do Capitão nesta ilha; a segunda, Isabel de Santiago; a terceira, Hierónima de São Paulo, ambas filhas naturais do Capitão Manuel da Câmara; a quarta, Maria de São João, filha de João Fernandes Raposo, por outro nome Alcalá. Também foi uma filha de Gaspar Ferreira, de extremada contralta, menina de dez anos, que faleceu moça, sem ser freira.

Tem ao presente o dito mosteiro de Santo André, da ordem de Santa Clara, de Vila Franca do Campo, quarenta e cinco freiras professas e oito noviças, e com as serventes e outras pessoas de serviço, serão oitenta pessoas.

CAPÍTULO LXXVII

DA VIDA E COSTUMES DO MUITO ILUSTRE MANUEL DA CÂMARA, SEXTO CAPITÃO DA ILHA DE S. MIGUEL, ÚNICO DO NOME, E DOS FILHOS QUE TEVE

Por falecimento do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, quinto em número e segundo do nome, herdou sua casa e Capitania seu filho, Manuel da Câmara, que só ficou vivo depois de sua morte, ainda que teve outros irmãos mais velhos que o precediam e faleceram (como tenho dito) no dilúvio de Vila Franca; o qual, sendo menino de seis anos, andando folgando defronte das suas casas da vila da Alagoa, com outro menino da sua idade, passou pela estrada um grande letrado que viera das Índias de Castela e ia para Vila Franca. Acaso vendo andar aqueles dois meninos, se pôs quedo a olhar para eles e vendo a Manuel da Câmara tão gentil homem e tão corado do rosto, perguntou a um criado de casa cujo filho era aquele menino que andava vestido de verde; foi-lhe dito que era filho do Capitão; perguntou se tinha mais filhos e se era aquele o morgado; responderam-lhe que não era morgado, mas que diante dele havia dois mais velhos que ele. Perguntando-lhe porque fizera aquela pergunta, respondeu que o fizera porque vira no menino sinais de ser muito rico e grande senhor de jurdição e que primeiro havia de ser cativo e passar um grande trabalho. E assim foi, que daí a poucos tempos morreram os dois irmãos mais velhos que ele e ficou único herdeiro da jurdição e Capitania, e depois de casado foi cativo em Cabo de Gué, como adiante direi.

Este ilustre Capitão Manuel da Câmara, sexto em número e único de nome, em vida de seu pai, quando morava nos paços da vila da Alagoa (alguns dizem que de descontente, outros que contente, ele e seu pai, do seu casamento com D. Joana de Gusmão, filha de Jorge de Melo, monteiro-mor, e só sua mãe D.Filipa Coutinha descontente) vendo ele o desgosto de sua mãe, que por esta razão o não queria deixar ir nem mandar à Corte, determinou de se ir desta terra por qualquer modo que pudesse. E tendo aqui seu pai feito um formoso galeão no porto dos Carneiros, bem artilhado e armado com munições de guerra, de modo que podia navegar sem medo de cossairos (sic) para com ele se servir no que lhe fosse necessário (uns dizem que tanto que foi lançado ao mar e outros afirmam que chegando de Cales bem preparado), como Manuel da Câmara o viu, determinou logo consigo de se ir nele por aí, sem levar propósito determinado de para onda ia, e concertando-se com o piloto, que se chamava António Anes, natural de Entre-Douro e Minho, ou, como outros dizem, de Viana, que era afamado em seu ofício; as pessoas a que deu conta de sua determinação e levou consigo foram Francisco de Arruda da Costa, de Vila Franca, filho de João d'Arruda da Costa, Rafael de Medeiros, da Alagoa, Amador Coelho, da Água do Pau, e Lucas de Sequeira, ainda moços, com quem se criava e conversava, e Adão da Costa, Áivaro Mendes, filho de João Álvares, o Velho, de Água do Pau, Francisco Daniel e outro que de alcunha se chamava Aguialhos, e Simão Álvares que depois foi criado de el-Rei e moço do monte. Levou também nove ou dez escravos, sem levar mais gente por não ser sentido. Aviando-se do mais que pôde, estando seu pai sangrado dezasseis vezes, sem saber ele nem a Capitoa parte disso, se embarcaram de noite no dito galeão secretamente, sem serem sentidos, ferrolhando-lhe primeiro as portas de fora.

E partindo do porto dos Carneiros, amanheceu o galeão duas léguas de terra e levando a rota de Portugal, o tempo os lançou na ilha da Madeira. O primeiro porto que tomaram foi o do Funchal, onde foram bem recebidos e agasalhados, por saberem quem era Manuel da Câmara. Estando aí alguns dias, lhe sucedeu uma briga sobre Rafael de Medeiros, que queria ficar em casa de um seu parente onde estava acolhido, o que sabendo Manuel da Câmara, determinou uma noite de o tirar forçosamente da casa onde estava; e o parente, com seus filhos, lho defenderam às lançadas de cima de um balcão, onde Manuel da Câmara houvera de ser morto, porque animosamente os acometia, e Álvaro Mendes foi muito ferido. Depois, tornando-se Rafael de Medeiros para Manuel da Câmara, o quis acompanhar, e não somente ele, mas outros da mesma ilha fizeram o mesmo, entre os quais foi um fidalgo Simão de

Miranda, pela conversação que teve com ele os dias que ali se deteve, que ao embarcar se meteu no galeão, dizendo-lhe que o não havia de deixar até que ele não tivesse quietação. E o mesmo fez um Afonso Vaz, mancebo nobre, natural da terra, e outros a que não soube o nome. Partidos da ilha da Madeira, foram ter a África, sobre Azamor e daí a Mazagão, onde o recolheu o capitão António Leite no castelo, e, porque o galeão fazia muita água e ia mal tratado, mandou dali Manuel da Câmara o piloto António Anes que o fosse espalmar no porto de Santa Maria. Como foi nova a Safim que era chegado Manuel da Câmara a Azamor, partiu um primo seu, chamado D. Afonso de Castelo-Branco, filho do conde de Vilanova, de Safim, onde estava, com setenta homens de cavalo, em busca dele. E dali se foram os parentes, ambos por terra, a Safim com cem homens de cavalo.

Estando em Safim, Rafael de Medeiros no soco espancou um cavaleiro, entre perto de vinte, com uma cana. Arrancando todos, se acolheu a casa de Manuel da Câmara, ao qual veio logo o capitão da cidade com muita gente, recontando-lhe o que passava, pedindo-lhe que lho mandasse dar para o prender. Esteve preso cinco ou seis dias e foi sentenciado que se fosse fora da cidade.

Neste tempo, estando o galeão posto em estaleiro para se espalmar no porto de Santa Maria (como atrás tenho dito), havia partido desta ilha, em busca de Manuel da Câmara, Cristóvão Soares, da casa do Capitão, seu pai. E, indo ter ao Algarve, dali se partiu para Sevilha, sem saber onde o galeão estava; e indo já pelo rio Guadalquivir acima, um dia de S. João (porque ia como por capitão da caravela em que partira desta ilha de S. Miguel), saindo em terra, teve umas palavras com uns pastores sobre lhe não quererem dar um queijo fresco por seu dinheiro, e as palavras eram sobre o Imperador e el-Rei de Portugal, como é costume lidarem e brigarem portugueses e castelhanos sobre seus Reis.

Chegando Cristóvão Soares a Sevilha, foi ter com ele João de Melo, por cartas que teve em Lisboa, onde estava, do Capitão Rui Gonçalves da Câmara, em que lhe mandava que fosse logo ter com Cristóvão Soares, para que ambos fossem em busca de seu filho Manuel da Câmara, onde quer que estivesse, e fizessem com ele que se tornasse para esta ilha. Acudindo em Sevilha um dia Cristóvão Soares a um arruído com um Francisco Cansado, seu companheiro, um dos pastores, que em dia de S. João tivera a briga com ele nas Forcadas, acertou de se achar naquele mesmo arruído e, vendo e conhecendo a Cristóvão Soares, se foi a um alguazil dos que ali andavam e lhe disse as palavras que do Imperador Cristóvão Soares falara, mostrando-lhe com o dedo. O alguazil os teve em olho e seguiu até a pousada, onde João de Melo e ele pousavam, e tanto que entrou pela porta do mesão, entrou também nas suas costas e pegou dele, pedindo-lhe a espada, mas ele, tendo mão nela, lhe dizia que lha não havia de dar. Dando Francisco Cansado aviso a João de Melo (que estava em cima, em umas varandas e pousada, esperando pelos companheiros) como prendiam a Cristóvão Soares, desceu como estava, em calças e em gibão, com a espada na mão e a capa no braço e, dando com a espada pela cabeça ao alguazil, o fez soltar a espada. Arrancando então Cristóvão Soares, feriu um beleguim, e acudindo muitos alguazis e oficiais da justiça se subiram às varandas todos três, João de Melo, Cristóvão Soares e Francisco Cansado, os quais arrancando os ladrilhos das varandas tiravam de riba com eles à justiça, de maneira que os não podiam prender, nem entrar, tão bravamente se defendiam; e por concerto se deram, prometendo as varas maiores, como cavaleiros que eram, de logo serem livres e soltos, que bem sabiam que eram estrangeiros.

Dando-se, levaram ao calabouço a João de Melo e a Cristóvão Soares (sem fazerem caso de Francisco Cansado, nem atentarem por ele) e lhe lançaram a cada um seu grilhão. Em anoitecendo veio um cavaleiro, por nome Garcia Telho (sic); pediu ao carcereiro a João de Melo e o levou nas ancas da mula até à pousada onde o dito João de Melo pousava, e assim ficou solto. Parece que fez isto por informação que se tomou como João de Melo era fidalgo e não fora com ele a briga, mas com Cristóvão Soares sim, que ficou preso sete semanas, e de Granada veio o seu livramento, que fosse solto e degradado (sic) fora de Sevilha e de seus senhorios para sempre, que era o que ele mesmo queria. Ali em Sevilha, tiveram novas João de Melo e Cristóvão Soares que Manuel da Câmara estava em Safim e o seu galeão no porto de Santa Maria espalmando, porque fazia água; e logo se foram em busca do galeão, e informados do piloto onde estava Manuel da Câmara (o qual piloto teve medo de ser morto por Cristóvão Soares e João de Melo, suspeitando que levariam recado do Capitão Rui Gonçalves para isso) despediram o piloto António Anes, o qual despedido se meteu em um barco e foi ter

a Safim com Manuel da Câmara, fazendo-lhe queixume que largara o galeão com medo de o matarem.

Partindo João de Melo e Cristóvão Soares no galeão, caminho de Safim, conhecendo-os o piloto de onde estava, os foi Manuel da Câmara esperar em um barco, uma légua de terra, levando consigo o mesmo piloto António Anes; e entrando dentro Manuel da Câmara, disse a António Anes que tomasse cargo do galeão e mandasse a via. Assim se foram ao porto de Safim. Dali a poucos dias, chegou um moço da estribeira de el-Rei, por sobrenome Godinho, que levava uma carta do mesmo Rei para Manuel da Câmara, em que o mandava chamar, dizendo que tanto que a visse se fosse ter com ele a Alcouchete.

O qual, vista a carta, se fez prestes e se foi embarcar logo com sua gente no seu galeão, em que foi ter a Vila Nova do Algarve, outros dizem que a Ayamonte, no qual lugar tiveram uma briga, em que houve muitos feridos e esteve Manuel da Câmara reteúdo com os seus alguns dias em um castelo, sem se querer entregar à justiça, até que os deixaram ir livremente, donde partiu para Alcouchete, aonde el-Rei estava.

Entrando no Paço, levando consigo catorze ou quinze homens de capa frisada (que naquele tempo se tinha por coisa grande) depois de ter beijada a mão a el-Rei, dizendo: — Vossa Alteza me mandou chamar a Safim; lhe disse el-Rei: — Manuel da Câmara, mandei-vos chamar para casardes com a filha de Jorge de Melo e dai cá a mão. Dando Manuel da Câmara a mão a el-Rei, lhe disse: — Senhor, eu não caso com a filha de Jorge de Melo, senão com Vossa Alteza, e a Vossa Alteza dou a mão. Com isto ficou o casamento celebrado.

Dali se foi logo embarcar em uma caravela que Jorge de Melo mandou ter prestes, bem consertada, em que foi a Lisboa acompanhado de homens fidalgos que o esperavam.

Foram desembarcar a casa de Jorge de Melo, onde o estava esperando com muita fidalguia dos principais do Reino, e ali logo o recebeu com sua filha, D. Joana de Mendonça.

Depois disto, veio el-Rei a Lisboa fazer-lhe as festas de noite, em serão, onde houve muitas invenções de fogo de pólvora pelo Terreiro do Paço e as damas todas a dançar pelas varandas com tochas acesas, e por fim dançou D. Joana de Mendonça com a Rainha D. Catarina.

Estando daí a dias el- Rei em Évora, levando um corregedor preso um mulato seu, lhe disse o dito Capitão que lho desse e, não lho querendo dar, foi para lho tomar. Disse o corregedor: — já que me quereis tomar o mulato, dai cá, senhor, a mão; dando-lha Manuel da Câmara, indo o corregedor para lha tomar, lhe deu com o pé nela. Mandou-o el-Rei então para Arraiolos, ao castelo, onde esteve preso dois ou três meses e daí, por ordem de Jorge de Melo, se veio para sua casa sem mais pena.

Depois, no ano de mil e quinhentos e quarenta e um, estando el-Rei D. João, terceiro do nome, na vila de Almeirim, lhe trouxeram recado que o Xerife tinha cercado a vila de Cabo de Gué e posto em muito aperto, pelo que se veio logo à cidade de Lisboa, para daí a mandar socorrer, e mandou muito depressa ao Capitão Manuel da Câmara com alguma gente, dizendo-lhe que nas suas costas lhe mandaria socorro; o que ele fez à sua própria custa e levou consigo muitos criados seus e de seu pai e de parentes, e se meteu na vila e a defendeu valorosamente quatro meses, com lhe matarem muita gente e tantos dos seus que de quantos levou consigo não escaparam mais de três criados. E depois da cava entupida e os muros batidos e postos por terra e o baluarte, onde estava a pólvora, ardido, com alguns duzentos homens o entraram os mouros e o tomaram sem nunca lhe ir socorro dentro nestes quatro meses.

Estando prestes na cidade de Lisboa o galeão São João com doze caravelas de armada e na ilha da Madeira Luís Gonçalves da Câmara com muita gente, e Manuel de Melo, monteiro-mor, seu cunhado, estando em Safim com a maior parte dos moradores dela, sem se poderem embarcar, se afogaram alguns. E quando todos estes socorros chegaram, havia três dias que eram tomados. Foi ali cativo Manuel da Câmara, e determinando de se encobrir, deitando grandes pregões por mandado do Xarife (sic) que lho descobrissem, o descobriu um bombardeiro, cuidando que lhe dessem a vida que temia lhe tirassem, pelo muito estrago que havia feito nos mouros com uns falcões pedreiros, que tinha numa estância por onde os mouros cometeram algumas vezes entrar e não puderam; mas, nem isso lhe valeu, porque como souberam que era o bombardeiro, o fizeram em postas por justiça.

Esteve Manuel da Câmara um ano e meio cativo, três meses metido numa masmorra por prometer pouco por si. Depois que se resgatou o trataram muito bem, mas nunca lhe tiraram uma braga que era pequena, jogando sempre com o Xarife e com seus filhos e indo à caça de falcão com eles, por ser mui inclinado a isso. Deu por si vinte mil cruzados, afora muitas peitas, porque, se isso não fora, muito mais custara. Além disto, deu mais dois mouros que estavam em Portugal, de resgate, e quando estes mouros disseram lá quem ele era e o que tinha, se quisera o Xarife arrepender do que tinha feito. O Xarife lhe deu uma alcatifa de felpa de seda da sua cama em que dormisse, que era muito grande, de mais de quatro varas de comprido e três de largo, a qual alcatifa trouxe um seu page (sic), quando se veio para casa do mesmo Capitão e a têm ainda agora seus herdeiros; mas contudo, nem por isso deixava de andar com ferros a bom recado, porque se temiam que fugisse, até que o vieram a pôr em resgate, para ajuda do qual lhe dava el-Rei seis mil cruzados, que ele não quis aceitar, pagando resgate e despesa, tudo de sua fazenda, pelo que a coroa destes Reinos ficou em grande obrigação à Capitania desta ilha. Em pago do qual el-Rei lhe fazia mercê de o fazer Conde da vila da Lagoa, que ele não aceitou. Então lhe fez mercê dos dízimos do pescado desta ilha e de sessenta moios de renda para sempre, nas terras dos próprios que Sua Alteza tem na Relva, termo da cidade, e assim dos ofícios da dita cidade, para que ele os pudesse dar a quem quisesse e por bem tivesse, sem mais confirmação, nem chancelaria, assim o do escrivão da Câmara como o dos órfãos, como todos os mais, tirando os da fazenda de Sua Alteza, coisa até hoje não vista neste nosso Reino em nenhum senhor que tenha chancelaria em sua casa para seus ofícios, sem mais confirmação de Sua Alteza. Também lhe fez mercê de pôr o morgado desta Capitania fora da lei mental, que é das grandes e particulares mercês que os Reis fazem a seus vassalos.

Pelo que se cumpriu bem o pronóstico (sic) do letrado que na vila da Lagoa disse deste senhor que havia de passar por um grande trabalho e ser senhor de grande jurdição.

O qual foi muito liberal e amigo de seus criados, principalmente daqueles que eram homens honrados e que faziam pelo ser. E tão confiado das pessoas de que se confiava, que o tesouro de Veneza era pouco para o fiar delas. É tanto isto verdade que teve muitos criados a quem mandou com fazenda sua a vender a diversas partes, sendo os tais criados mancebos e de pouca idade, e nunca lhe tomou conta do que em sua fazenda tinham feito. Basta que bem mostrava, assim no que representava, como nas obras, a magnificência de sua pessoa, em tanto que lhe ouviram dizer muitas vezes que pela honra de um seu criado honrado gastaria o seu morgado de tão boamente como por seu filho Rui Gonçalves da Câmara, tão pontual era nas coisas da honra. Assim teve muitos criados mui honrados, os quais ele não tomava sem os conhecer, ou seus parentes ou se eram de obrigação, porque de outra maneira os não aceitava, e pelo contrário, ainda que fossem de muita obrigação, se os tais criados não faziam o que deviam, lhe aborreciam de tal modo, que nem olhar para eles queria com bom rosto.

Foi este senhor de tal condição que se fora cobiçoso conforme a muita renda que nesta ilha de S. Miguel teve e ao muito que os moradores dela lhe deviam das rendas de seu morgado, não há dúvida, antes é mui notório, que se lançara mão das fazendas dos tais, com zelo de lhe ficarem, que toda a ilha fora sua. Mas muitos lhe ouviram dizer por muitas vezes aos devedores a que tinha suas fazendas arrematadas, por não haver outro lançador que nelas lançasse: — todas as vezes que me tornardes o meu dinheiro por que vossa fazenda me foi arrematada, eu vo-la darei ou, se achardes quem vos dê mais por ela, sem embargo de ser minha pola arrematação, eu vo-la largarei de boa vontade; fazendo isto facilmente, mais largamente do que o digo.

Por extremo era devoto do Seráfico Padre São Francisco em tanto que dizendo-lhe uma vez nesta ilha um religioso da mesma ordem contra outro frade: — senhor, bem pode Vossa Senhoria mandar embarcar Frei Fuão por tal desobediência ou descortesia que lhe fez, porque o mesmo fazem os Capitães dos lugares de África com os mandarem com uma carta a Sua Alteza da descortesia passada, porque desta maneira o há Sua Alteza por seu serviço. Respondeu a isto: — bem sei tudo isso, mas não permita Deus que com a religião de São Francisco, nem com seus súbditos, eu corra. Era tão grandioso em suas obras que começou a fazer uma capela no mosteiro de S. Francisco de Lisboa, tão sumptuosa e custosa quanto palavras não alcançam dizer, mas os olhos podem ver, que serão mais fiéis e verdadeiras testemunhas de sua magnificência e riqueza.

Este senhor foi casado pela maneira que dito tenho, do qual legítimo matrimónio teve cinco filhas e um filho, que é o conde Rui Gonçalves da Câmara, Capitão que ora é desta ilha.

Destas cinco filhas, a mais velha, D. Filipa de Mendonça, foi casada com D. Fernando de Castro, filho de D. Diogo de Castro, alcaide-mor de Évora e capitão-mor e senhor de Alegrete e conde que ora é de Basto, um dos grandes morgados de Portugal, que entre outros tem um filho morgado, chamado D. Diogo de Castro, que casou com uma filha de Lourenço Pires de Távora, pai de Cristóvão de Távora, o grande privado de el-Rei D. Sebastião, chamada D. Maria de Távora. A segunda filha do Capitão Manuel da Câmara, D. Hierónima de Mendonça, não quis casar e rejeitou grandes casamentos de pessoas de título que a pediram, só por ao tal tempo em que seu pai a determinou casar ser de quarenta anos e por esta razão o não quis fazer com propósito de acabar santa e religiosamente; que ainda que não professasse os três votos da religião, ela os cumpria inteiramente, rezando de contino (sic) o ofício divino com tanta devação (sic) e curiosidade, que não posso cuidar que mais haja na vida, além de outras obras suas de grande virtude e abstinência; a qual dizia por muitas vezes a suas irmãs freiras que queria ser freira rica para sustentar as pobres e ter cuidado delas; desta maneira viveu com grande exemplo de santidade até acabar santamente, como adiante direi. As outras três irmãs, convém a saber, a terceira, D. Margarida, é freira no mosteiro da Madre de Deus de Enxobregas; a quarta, D. Joana de Mendonça, freira em Santa Clara de Coimbra; a quinta, chamada soror Isabel, é freira do mosteiro de Jesus de Setúbal, religiões das mais honradas e de mais virtude e por que Deus faz muitos milagres.

Em especial, nestas senhoras se vê isto bem claro e a todos é notório sua muita virtude, que, podendo ser grandes senhoras, se meteram freiras contra vontade de seu pai, de maneira que com verdade posso afirmar que no Reino não se viu homem nem ouviu dizer que houvesse senhor de tanta renda com filhas tão virtuosas e tão fora do mundo e de suas vaidades, como foram estas irmãs, tendo pai tão rico, pelo que bem têm mostrado a fineza de sua virtude. É de maneira que a mais moça delas, soror Isabel, que está em Jesus de Setúvel, a viram muitas vezes fazer que não jejuava por amor de sua mãe que lho defendia, e indo à mesa de seu pai onde todos junto comiam, metia o bocado da carne e das sopas na boca com uma vontade que parecia que nunca comia e trazia o bocado tanto dentro na boca sem o gostar, até que com o guardanapo o tornava a tirar, fazendo que se alimpava e o botava aos gatos; e depois de dar graças se ia à casa onde pousavam as mulheres de sua mãe e lá comia uma sardinha com um pão, não muitas vezes alvo, mas de rala e somenos. Deste modo, lhe não passava jejum nenhum de Santo de obrigação, antes todos os mais que a não têm ela jejuava e os adventos do ano. Basta que a ordem que depois professou, antes muito tempo de a professar, a guardava; pelo que com muita razão se pode dizer que no Reino de Portugal se não pudera achar senhor tão ditoso com filhas, como este foi.

Depois que o Capitão Manuel da Câmara se foi desta ilha e casou no Reino (como está dito) em vida de seu pai, não tornou mais a ela senão depois de seu falecimento, dali a dois anos pouco mais ou menos, trazendo grande casa, acompanhado de muitos pagens, criados e escravos mui lustrosos. Esteve desta vez pouco tempo na terra, como que não vinha senão visitar a Capitoa, sua mãe, viúva, e tomar posse da jurdição e Capitania, tornando-se logo para o Reino, onde esteve alguns anos sem vir a esta ilha. E, como o coração do Rei está na mão de Deus, ainda que aos povos é coisa dura e mal recebida fazerem-se fortalezas à sua custa, sem atentarem seu perigo, inspirado de Deus, el-Rei D. João, terceiro do nome, ou vendo as coisas ao longe e temendo que os luteranos cossairos saqueassem esta ilha e outras, determinou mandar fazer nelas alguns fortes, querendo que os Capitães residissem em suas terras; para o que veio o Capitão Manuel da Câmara a esta ilha a segunda vez, por mandado do dito Rei, no fim de dezembro de mil e quinhentos e cinquenta e dois anos.

Desembarcou no lugar dos Mosteiros, onde o foi receber muita gente de cavalo, acompanhando-o dois dias que pôs no caminho até à vila da Ponta Delgada. Trazia em sua companhia ao doutor Manuel Álvares, que fora corregedor nesta ilha, com armas para a gente e com cárrego de fazer o primeiro lançamento de trinta e três mil cruzados, sendo avaliadas todas as fazendas e alfândega de Sua Alteza, para se pagar a artilharia que trazia e se começar uma fortaleza nesta ilha, cuja traça havia de dar um Isidoro de Almeida, discretíssimo, douto e curioso homem, que, então, andava compondo um livro *"De Condendis Arcibus*"; e vinha com o dito Capitão, ele e um seu irmão, Inácio de Gouveia, também de raro engenho e discrição. Trazia o doctor por escrivão do que fazia e almoxarife das armas, que o povo pagou, a Simão Cardoso, e para começar a fazer exercício de guerra, veio um João Fernandes de Grada, desta vez por sargento-mor.

Correndo o Capitão a ilha toda à roda, ordenou, por mandado de el-Rei, capitães e bandeiras com seus oficiais, dos mais nobres que achava em cada uma das vilas. Na cidade da Ponta Delgada fez quatro capitães: Jorge Nunes Botelho, Gaspar do Rego, Mendo de Vasconcelos e Álvaro Velho, com seus alferes e sargentos e mais oficiais. Em Vila Franca fez também os capitães que já tenho dito. E na vila da Ribeira Grande três bandeiras de duzentos e cinquenta homens, cada uma: o primeiro capitão, Rui Gago da Câmara, alferes, António de Sá Betencor, sargento, Pero Lourenço; o segundo capitão, João Tavares, alferes, Gaspar de Braga, a que sucedeu Ciprião da Ponte, logo Baltasar Tavares, que depois foi capitão da mesma bandeira; o terceiro capitão, Gaspar do Monte, alferes, Diogo de Morim, seu genro. E em Rabo de Peixe, termo da dita vila, fez capitão Fernão de Anes, pai do licenciado Bertolameu de Frias, com os oficiais necessários para o dito cargo. Feito isto no mês de Junho de mil e quinhentos e cinquenta e quatro, durou assim até o ano de mil e quinhentos e setenta e um, em que se mudaram os capitães e fizeram capitão-mor a Rui Gago da Câmara.

Neste meio tempo, foi o Capitão Manuel da Câmara ao Regno e se tornou por mandado de el-Rei para defensão da terra na era de mil e quinhentos e setenta e seis anos ([342]) (e um sargento-mor, chamado Francisco Dosouro (sic) ([343]) da Fonseca, que foi o segundo sargento-mor) trazendo consigo a seu filho D. Rui Gonçalves da Câmara e esta foi a primeira vez que o dito D. Rui Gonçalves veio a esta ilha já casado. E esteve então o capitão Manuel da Câmara perto de oito anos nesta terra, em que ajuntou grande tesouro porque tinha mil moios de pão cada ano, afora a redízima das entradas e saídas na Alfândega, que muitas vezes montavam quinhentos, seiscentos mil réis; e para carregar uma sua caixa de dinheiro em um carro, oito valentes e forçosos homens lhe não puderam dar vento, que levou para o Reino. E segundo alguns têm deitado conta, tinha e tem agora melhorados o Capitão desta ilha, cada mês, mil e quinhentos cruzados de renda e cada dia mil (sic) réis e cada hora oitocentos réis, mas segundo a experiência, que é mais certa conta, tem o que já tenho dito, que é muito mor contia.

Ao sargento-mor pagava el-Rei de um tributo que se pôs de dois por cento de saída; depois mandou que se pagasse das imposições das vilas, pondo-lhe outras obrigações e, a petição dos povos que tinham necessidade delas para as igrejas, pontes e fontes, médicos, aposentadorias, enjeitados e outras coisas urgentes, lhe concedeu el-Rei, também em tempo do dito Manuel da Câmara, as imposições, contanto que se fizesse outro lançamento, o qual fez Fernão Cabral, provedor de sua fazenda, de onze mil cruzados, pelos quais compraram os povos as imposições, por lhe ficarem livres para as coisas sobreditas, consentindo neste lançamento; e assim foi julgado no Reino que as provisões que depois houveram Simão de Quental, terceiro sargento-mor, e o conselheiro Cristóvão de Crasto, para lhe pagarem seu ordenado das imposições de toda esta ilha, prorata, não se cumprisse nesta parte, porquanto os povos tinham compradas as imposições pelos ditos onze mil cruzados. O terceiro lançamento se fez também em seu tempo pelo provedor Duarte Borges de Gamboa. Manuel Machado, natural desta ilha, foi o primeiro mestre das obras de el-Rei que começou a fazer a fortaleza. E depois prosseguiu na obra dela Pero de Machado ([344]) e outros mestres das obras de el-Rei. O Capitão e eles eram murmurados do povo, que não olha senão o presente. Mas o tempo lhe tem bem ensinado e desenganado quão necessária era a fortaleza na terra.

Foi curioso este Capitão de ver coisas novas na terra, pelo que mandou trazer de Londres, por Baltasar Tavares, extremado cavaleiro, alguns cirnes (sic) ([345]) que duraram algum tempo nela, e uma águia. Tinha também em sua casa falcões e açores. Fez vir de Portugal cinco casais de perdizes que na era de mil e quinhentos e sessenta e um, por seu mandado, o licenciado Francisco Pires Picão, seu ouvidor, e António Correia de Sousa e Pedro Homem, seu escrivão, deitaram acima da cidade da Ponta Delgada, na Fajã de Gaspar Ferreira. E depois mandou deitar outras na Atalhada, para a banda da vila da Lagoa, por João Lopes, seu meirinho, as quais multiplicaram tanto e há na terra tanta abundância delas que se arreceia fazerem perda nas novidades. E as que o Capitão Rui Gonçalves da Câmara, seu pai, mandara deitar antes, sem multiplicação morreram.

A Capitoa D. Joana de Mendonça foi mulher de grande virtude, mui senhora e grandiosa, pelo que nunca quis vir a esta ilha, além de outras razões que a isso a moviam, porque a qualquer pessoa é coisa dificultosa e cara mudar o lugar da criação e natureza, quanto mais a uma senhora da sua qualidade. Faleceu alguns anos antes do Capitão, seu marido, e foi enterrada na sua rica capela, que tem no mosteiro de S. Francisco de Lisboa.

Depois que o Capitão Manuel da Câmara se partiu desta ilha a última vez que tenho dito, levando consigo grande tesouro de dinheiro amoedado para o Reino, veio de lá D. Rui Gonçalves da Câmara, seu filho morgado, por mandado de el-Rei a governar a Capitania por seu pai; ao qual, em Lisboa, estando-se um domingo vestindo às nove horas do dia para ir à missa, lhe deu mal de parlesia (sic), a que o povo chama ar, com que logo perdeu a fala, aleijado da parte direita, com a boca a uma banda. Durou cinco dias, nos quais se confessou e recebeu os sacramentos da comunhão e unção, com que partiu para a outra vida, bem julgado do povo da sua freguesia das Martes (sic) ([346]) e de toda Lisboa. Tanto que enfermou, foi logo seu genro D. Fernando de Castro para casa, com sua mulher D. Filipa, e estando à quarta-feira já com a agonia da morte, dizem que se chegou à cabeceira uma pessoa de casa por algumas razões que tinha e cortou-lhe uma fita do pescoço com cinco chaves; feito isto, deu-lhe Deus ainda vida, com que tornando sobre si se reconciliou com Frei João Cordovil, da ordem de S. Francisco, ao qual disse: — padre, acabando eu, entregareis estas chaves a D. Joana, minha nora, porque são suas e toda esta casa. Indo o padre para lhe tirar as chaves, se não acharam, de que se muito agastou, e disse ainda: — grande atrevimento foi este, a muito se atreveu quem tal fez, muito mal feito é tomarem as chaves a meu filho e bulirem-lhe com os seus papéis. Com isto lidou tanto, que veio logo Manuel de Melo e D. João Telo, seus cunhados, com as chaves, tornando-lhas a pôr no pescoço; e ele disse: — não é esta a fita que elas traziam. Então as tomou o padre confessor para as dar a D. Joana; ela as não quis aceitar e se foi para cima, a seu aposento, agravada. D. Hierónima caiu em cama, muito doente de um vágado que lhe deu, recolhendo-se com D. Filipa, sua irmã.

Não faltou em casa quem vendo esta revolta o fosse fazer a saber ao conde do Redondo, irmão da Capitoa D. Joana, e ao comendador-mor, seu cunhado, avisando-os do que era passado, os quais logo foram presentes, aonde o comendador-mor e um irmão do conde, mancebo, e outro cunhado do mesmo conde, assistindo também o senhor D. Teotónio, arcebispo de Évora, filho do duque de Bragança, onde todos estiveram aquele dia todo sem comer nem beber, até as nove horas da noite, em que acabou de expirar o dito Capitão.

Depois de morto e amortalhado no hábito de S. Francisco, estendido sobre uma alcatifa, com muita cera acesa e sua cruz de prata à cabeceira e uma caldeirinha de água benta aos pés, entrou diante, onde assim estava, o dito arcebispo e o comendador-mor, logo D. Fernando e o conde detrás, aonde estavam os da casa fazendo seu pranto, e, depois que lhe deitaram água benta e rezaram por sua alma, chamaram o padre confessor. Estando o conde de una banda do escritório, o qual aberto, buscando pelas gavetas, achou-se nele em uma folha de papel um breve testamento, no qual deixava a seu filho D. Rui Gonçalves da Câmara por seu universal herdeiro e testamenteiro, tomando trezentos mil réis de sua terça para se gastarem por sua alma em três ofícios de presente, e aos oito dias e mês, deixando aos padres de S. Francisco de esmola por cada ofício cinquenta cruzados, com oferta de um moio de trigo e uma pipa de vinho; e outros três ofícios na sua freguesia, com dez mil réis de esmola por cada um. Dizia também que o levassem os religiosos sem pompa no ataúde, com um pano preto, e que não chamassem nenhuns fidalgos, senão os seus criados somente o acompanhassem, a quem pagassem muito bem seus serviços, o que tudo se fez como dizia.

Antes que o levassem a enterrar, se fez de vestir de dó para todos seus criados, e de seu genro e nora, em que foram quinze capuzes, afora pages e moços de esporas, que tinham cargo de espevitar as tochas. Os religiosos de S. Francisco, com todo o convento e os padres das Martes (sic), o levaram e a cada um se mandou dar círio de cinco arráteis de cera que levavam nas mãos, afora trezentas tochas que ardiam no mosteiro, enquanto se fizeram as exéquias e um solene ofício. Foi enterrado na sua rica capela, onde já dantes a Capitoa D. Joana de Mendonça, sua mulher, estava sepultada.

Nasceu este ilustre Capitão na era de mil e quinhentos e quatro e faleceu em Lisboa nas suas casas, que tinha na freguesia das Martes (sic), aos treze dias do mês de Março da era de mil e quinhentos e setenta e oito ([347]), sendo de idade de setenta e quatro anos, dos quais quarenta e três governou a Capitania, por si ou por seu filho D. Rui Gonçalves da Câmara, que então estava nesta ilha governando por ele. Foi muito humilde, afável para todos e para ninguém avaro da cortesia.

CAPÍTULO LXXVIII

DA VIDA, COSTUMES E FALECIMENTO DE D. HIERÓNYMA, FILHA DO CAPITÃO MANUEL DA CÂMARA

Depois da morte do Capitão Manuel da Câmara e de D. Joana de Mendonça, sua mulher, lhe não ficou filha solteira por dar estado de vida, senão D. Hierónyma de Mendonça, que era a segunda filha que tiveram, porque a primeira foi D. Filipa de Mendonça, que foi mulher de D. Fernando de Castro, capitão e alcaide-mor de Évora e conde que ora é de Basto; e logo atrás de D. Hierónyma de Mendonça, que foi a segunda filha, nasceu D. Rui Gonçalves da Câmara, morgado desta ilha, a quem el-Rei D. Filipe, nosso Senhor, fez conde de Vila Franca, o qual casou com a senhora D. Joana de Gusmão, filha do conde do Redondo, de que se atrás faz menção; depois do qual nasceu D. Margarida, que depois foi freira da Madre de Deus; e logo nasceu D. Joana de Mendonça, que foi a quinta (sic) filha, que depois foi freira no mosteiro de Santa Clara, de Coimbra; depois da qual nasceu D. Isabel, que foi a quinta filha, que depois foi freira no mosteiro de Jesus de Setúvel, a quem por outro nome chamaram soror Isabel do Espírito Santo; de cuja vida e costumes fica já dito atrás, de todas as religiosas.

Somente fica por dizer de D. Hierónyma de Mendonça, ou, por melhor dizer, das Chagas, que assim se mandava assentar pelos livros das confrarias de que era confrade ou irmã, fazendo que a escrevessem por Hierónyma das Chagas.

Esta senhora, sendo a segunda filha, ficou por cabeça de casal no falecimento de Manuel da Câmara, seu pai, por estar presente a seu falecimento, em absência do Conde, seu irmão, que ao tal tempo residia nesta sua Capitania, em lugar do dito seu pai, por mandado de el-Rei D. Sebastião que está em glória. A qual senhora, vendo primeiro a morte de sua mãe, viu daí a pouco mais de dois anos a de seu pai, e ela solteira, que não devia ser pequena dor; mas, como era em extremo religiosa e o fora sempre na vida e costumes, não aceitou casá-la seu pai e mãe, em sua vida, deles, por entender ser já um pouco fora de tempo de que seu pai ficou muito desgostoso (por lhe ser afeiçoado), quando ela se desenganou, havendo muitos senhores, assim de título, como morgados, que desejavam casar com ela. Entre muitas razões mui urgentes que, para desenganar ao Capitão Manuel da Câmara, seu pai, houve a que lhe não falasse em casar, foi dizer-lhe que já que suas irmãs eram todas freiras pobres, que queria ser freira rica para lhe acudir a suas necessidades. E na verdade tinha muita razão, porque quanto ao ser freira não há dúvida que em nenhuma coisa lhe podiam fazer diferença as religiosas professas, senão em não trazer véu preto, porque em todo o mais, jejuns, abstinências, disciplina, cilício, oração, confissões, comunhões, caridade e trajo, sempre mostrou perfeitamente cumprir com a obrigação de religiosa, rezando todos os dias o ofício divino; e todo o tempo que viveu depois da morte de sua mãe, como de seu pai, teve sempre muito particular cuidado de todas suas irmãs freiras, provendo-as do necessário.

Falecendo seu pai (que foi no ano de setenta e oito, na Coresma, quinta-feira antes do domingo de Ramos), ficou (como já disse) esta senhora em cabeça de casal até a chegada do Conde seu irmão, ao Reino, porque (como atrás fica dito) estava nesta ilha ao tempo que seu pai faleceu. Feitas as partilhas, ficou a dita senhora com quarenta mil cruzados de legítima, entrando outras coisas que ajudaram a fazer esta cópia, porque de tantos testou, como se poderá ver de seu testamento; e, estando de posse de sua legítima, viveu três anos e meio, pouco mais ou menos, depois da morte de seu pai, sendo nosso Senhor servido de a levar para si, como ela fosse muito enferma do fígado, que lhe causava muitas quenturas, por cujo respeito era costumada a ser sangrada muitas vezes. Estando uma vez muito doente, fez testamento com um frade de Nossa Senhora do Monte do Carmo, e demais de ser devota desta ordem, porque assim o era de todas as ordens. Foi este frade causa para naquele testamento deixar tudo o que tinha ao convento da dita ordem, com condição de a enterrarem na capela-mor do dito mosteiro, com uma obrigação pequena, sem se lembrar das obrigações

que tinha particulares a criadas suas e de seu pai e mãe. Mas, como Nosso Senhor seja verdadeiro juiz, lembrado de sua muita virtude, lhe deu saúde daquela doença e viveu depois disso pouco mais de um ano, no fim do qual tornou a adoecer e sendo necessário tomar uma sangria, foram chamar o barbeiro que havia em costume sangrá-la; mas, como os segredos de Deus sejam incógnitos aos homens, não bastou a este oficial ser único em seu ofício, e assim se deve entender que havia de ser, porque qualquer pessoa, de bem e honrada trabalha, quando tem necessidade para bem de sua saúde buscar o melhor médico, e daí para baixo todos os melhores mestres que para remédio de suas necessidades há. Pois, se isto é assim, claro fica qual este barbeiro podia ser e mais sendo o que sempre a costumava sangrar. Finalmente que este próprio, no pique que lhe deu, lhe cortou a artéria e de improviso lhe inchou o braço em demasia, sem lhe poder tomar o sangue, fazendo-lhe muitos remédios, sendo para isso juntos todos os médicos da cidade de Lisboa. Vendo quão pouco lhe aproveitavam os remédios humanos e desenganada deles, como pessoa prudente e amiga de seu Deus, acudiu ao mais necessário, que era a sua alma, como jóia mais principal, mandando logo chamar um frade de S. Francisco para a confessar. Sendo dado o recado, veio um teólogo, por nome frei Anjo, certo que tanto caso se pode fazer da vinda deste frade como do seu nome, porque na real verdade se pode afirmar por muito maior mercê de Deus a vinda deste, ornado de um tão formoso nome, em tal tempo, que não de Nosso Senhor livrar esta senhora de outro repique da morte, de que esteve tão abarbada dantes, como atrás fiz menção; porque sem nenhuma falta, se naquele tempo falecera, morria como mulher da sua qualidade, vida e costumes, por deixar o seu a carrega sarrada (sic), com um fumo de vaidade, ao mosteiro do Carmo de Lisboa, porque a enterrassem na capela-mor, coisa que não podia ser, por ser a dita capela do grande D. Nunalvres Pereira, deixando a capela de seu pai e mãe e sua sepultura, que está em a Igreja de S. Francisco em Lisboa, onde já estavam enterrados, sendo a capela (de mais da obrigação) de tanta estima e valor que do seu tamanho é uma das notáveis coisas de Portugal e Castela; demais, de se não lembrar em seu testamento das muitas obrigações de criados e criadas que serviram a ela e a seu pai e mãe; afora ter sobrinhos e sobrinhas, que como nem todos podem ser morgados, segundo quem são, por muito que tenham, não pode ser tanto que se possam sustentar conforme a qualidade de suas pessoas, por onde se podem ter por pobres. Demais, de haver outras muitas coisas desta sorte que afeiavam o outro primeiro testamento, não se esperando dela isso por sua muita virtude. Mas, como Nosso Senhor se lembra dos seus servos, movido de sua divina misericórdia, guardou esta senhora para esta hora, donde guiada por este Frei Anjo, da ordem do Seráfico Padre São Francisco, de quem ela sempre fora muito devota, foi confessada e lhe fez outro novo testamento, em que houve por quebrado o outro. E, fora ela de todo o primeiro proposto, ordenou que seu corpo fosse enterrado na capela de seu pai que estava no mosteiro de S. Francisco, de Lisboa, junta à capela-mor, à parte direita, e onde já seu pai e mãe estavam, e ela no hábito da dita ordem, como se costuma enterrar os religiosos dela. E que na dita capela de seu pai se dissessem cinco missas cada dia, enquanto o mundo durasse. E mandou que haveria cinco merceeiras que logo nomeou criadas suas, mulheres muito honradas, entre as quais meteu uma mulher fidalga, pobre, sua amiga, que fossem estar presentes às cinco missas que naquela capela se haviam de dizer cada dia e da mesma maneira iriam outra vez às horas de véspera e rezar pelas almas de seu pai e mãe e sua, de maneira que haviam de ir duas vezes cada dia, para o qual lhe deixava de ordenado a cada uma vinte e cinco mil réis, além de pagar a cada uma destas seus serviços, conforme a seus merecimentos, sem antrevir avareza nem o descuido que dantes tivera. O mesmo cuidado teve dos homens e moços que a serviram e a cada um mandou pagar seus serviços, com coisa logo limitada, conformando-se com o tempo e o merecimento das pessoas. Deixou a uma criada sua, donzela, filha de sua colaça, mil cruzados em dinheiro para seu casamento, além de muitas coisas do móvel de sua casa que valeriam duzentos cruzados, repartindo o mais como lhe pareceu por suas criadas. E para cumprimento destas coisas e das esmolas que assinalou para o convento de São Francisco pelos cinco anais que se lhe haviam de dizer, com os mais encarregos (sic) de seu testamento, instituiu por seu testamenteiro a casa da Santa Misericórdia de Lisboa, para a qual aplicou todo o remanescente de sua fazenda (que importou quarenta mil cruzados, o de que testou por sua morte) cumprindo primeiro os legados, o que ficasse para a dita Casa e que os provedores mandassem cumprir seus legados, e morrendo algumas das merceeiras, eles provessem as pessoas que lhe bem parecessem, com tal que fossem honradas e virtuosas, e que seus ordenados se lhe pagassem bem pagos, aos quartéis do ano. Feito isto, com outras contas mais particulares que em seu testamento se contêm, houve Nosso Senhor por seu serviço levá-la desta vida, conforme com a vontade de Deus; que certo foi a morte desta

senhora um vivo retrato e espelho para os que cá ficamos, pois tendo ao Conde, seu irmão, e tios, irmãos de sua mãe, e a seu cunhado, o conde de Basto, D. Fernando de Castro, que era muito seu amigo, pessoas cada uma delas para se poderem confiar deles todas as coisas desta qualidade, ela, sabendo bem esta verdade de todos estes senhores, não foi isso parte para deixar o certo pelo duvidoso, tomando a seu Deus por testamenteiro de sua alma, como esposo seu que era, e se não fôra assim não tivéramos que louvar a este Frei Anjo, autor de seu testamento, que bem fez nesta parte o ofício de Anjo, que é a coisa de que se deve fazer mais caso que de todo o mais, por ser obra para isso.

CAPÍTULO LXXIX

DE JOÃO ROIZ PANELAS DE PÓLVORA, NATURAL DA ILHA DE S. MIGUEL, E DAS COISAS QUE FEZ NA ÍNDIA EM SERVIÇO DE EL-REI, EM TEMPO DE MANUEL DA CÂMARA, SEXTO CAPITÃO DESTA ILHA, ÚNICO DO NOME

Não querendo D. Inês, mulher do Capitão João Roiz da Câmara, que outros chamam João Gonçalves, vir sem uma Caterina de Moura, sua ama, para esta ilha, veio com ela a dita Caterina de Moura por mandado de el- Rei, com uma sua filha, chamada Inês Moura, colaça da dita D. Inês, a qual casou o dito Capitão João Roiz com Pedralvres, e dele houve a Guiomar Alvres, que casou com Pero Vaz Feio, o Mestre, filho de João Vaz das Virtudes; o qual Pero Vaz houve dela dois filhos e duas filhas. O primeiro filho se chamou João Roiz Panelas de Pólvora, homem de muito nome na Índia, onde morreu e ganhou muita honra, fazendo muitos serviços a el-Rei, como logo direi. Outro se chamou Gaspar Roiz, que faleceu indo para a Índia. Das filhas, uma se chamou Simoa Vaz, que casou com Gaspar Pires Columbreiro. A outra, chamada Francisca Feia, casou com António de Braga, cidadão da cidade do Porto e faleceu na Índia em serviço de el-Rei, no reino de Bengala, do qual teve dois filhos: o primeiro, João Ferreira de Braga, que casou com Breatiz Mendes Raposa, irmã da mulher de João Roiz Panelas de Pólvora, e tem quarenta mil cruzados de seu; o segundo, Pero de Braga, que casou tão rico como seu irmão com uma neta de Micia (sic) Cansada. E ambos moram na cidade de Chaúl.

João Roiz Panelas de Pólvora teve um filho e duas filhas. O filho, chamado Martim Roiz, mora em Goa, onde é escrivão do resto dos contos, com mil cruzados de renda cada ano. A primeira filha, chamada Teodósia Raposa, casou com Francisco Peçanha, fidalgo, natural de Tavira, do Algarve. A segunda, Catarina de Figueiredo, casou com D. Leonardo de Noronha, neto do conde de Mira.

Estando João Roiz Panelas de Pólvora nesta ilha de S. Miguel, o chamaram um dia dois mancebos, filhos de Luiz Vas ([348]) de Lordelo, de alcunha o Potaz, para ir com eles a uma coisa que muito lhe importava, e o levaram a uma serra, arriba da vila de Água do Pau, onde esperaram grande espaço, até que chegou a eles um homem honrado desta terra, chamado Belchior Manuel, ao qual arremeteram os dois irmãos e andaram muito tempo a braços, por ser ele muito forçoso e valente. Estando João Roiz Panelas de Pólvora apartado um pouco deles e demudado com uma gualteira de rebuço, chamaram por ele, e, chegando a eles, lhe disse que, se soubera o para que o chamaram, não fora em sua companhia; mas, contudo, que ele o amarraria, para que o injuriassem e não matassem. Assim o amarrou só, e depois de bem atado lhe quiseram cortar as partes pudendas; ele os tolheu que tal não fizessem, que morreria disso, mas que o injuriassem, pois diziam que tanto os injuriara, contanto que ele não perigasse; então lhe cortaram as orelhas e, deixando-o amarrado, fugiram. Belchior Manuel, como era forçoso, desamarrando-se, foi chamando **aque d'el-Rei** a grandes brados, até a cidade da Ponta Delgada, donde foi o corregedor Francisco Toscano logo aquele dia à vila da Ribeira Grande para os prender. João Roiz, determinando de se ir para as partes de além, se embarcou um dia de Corpo de Deus na dita cidade, em trajos de marinheiro, e foi ter à cidade de Safim, onde fez tais coisas que Afonso Raposo, um dos principais cavaleiros que havia na dita cidade de Safim, onde tinha de el-Rei uma porta da cidade, que se chama a Medina, e a terça de todas as coisas que por ela entravam, o casou com sua filha. Dali se foi a Lisboa e alcançou de el-Rei um alvará de liberdade por seis meses, que nenhuma justiça entendesse com ele; com o qual veio a esta ilha e achando seu pai Pero Vaz falecido na vila da Ribeira Grande, onde morava, se tornou logo a embarcar para Lisboa, e daí para a Índia, onde fez grandes coisas de muito esforço e valentia em muitas partes. E no primeiro cerco de Diu fez o que agora direi.

Segundo se conta, no ano de mil e quinhentos e trinta e sete, tendo já o governo desta ilha o ilustre Capitão Manuel da Câmara, foi el-Rei D. João, terceiro do nome, avisado de uma armada que aparelhava o Grão-Turco para mandar sobre a Índia, a instância da mãe do sultão Badur, rei de Cambaia, que os portugueses mataram em Diu por treição (sic) que lhes queria fazer, tendo-se carteado com todos os reis da Índia, que cada um se alevantasse e matasse todos os cristãos que houvesse em seus reinos; e dizem que, ao tempo que esta treição se ordenava, tinha já mandado chamar ao governador Nuno da Cunha, determinando de o colher em uma horta sua, com todos os lascarins, onde estando muito confiados e descuidados os mataria com vinte e cinco mil lascarins que tinha escondidos na cidade, antre a nossa fortaleza e a horta, onde havia de ser o jantar e convite, porque daquela maneira não podia escapar homem vivo. Descoberta esta treição, o tomaram os nossos na barra de Diu, vindo ele a visitar o governador, para mais dissimulação, ao galeão onde o governador se fingiu doente, e ali lhe mostrou a carta. E, querendo ele fugir em um bargantim (sic) foi morto pelos portugueses; dos quais naquela envolta morreram catorze homens dos principais que havia na Índia.

Este sultão Badur tinha grande tesouro, o qual mandou a mãe todo ao Grão-Turco, que a quisesse vingar da morte de seu filho, o que ele pôs por obra com a mais presteza que pôde. E mandou um eunuco, chamado Soleimão Bassá, com setenta galés e quatro naus grossas, com muita artilharia de bronze, e doze mil turcos, afora vinte e seis mil soldados, que estavam em Cambaia para os ajudar. Tudo isto foi à Índia. Da qual preparação, sendo el-Rei de Portugal avisado, mandou aquele ano catorze naus, três de aviso e onze, que partiram em Março, e chegaram todos a um tempo, pouco mais ou menos, a Goa, a quatro de Setembro de mil e quinhentos e trinta e oito, e esse mesmo dia começaram a dar bataria à nossa fortaleza em Diu.

Nas três naus de aviso foram muitos homens destas ilhas dos Açores. Desta de S.Miguel, foi João Roiz, que depois se chamou Panelas de Pólvora, Sebastião Carneiro, Gaspar Roiz de Sousa, Belchior Mendes Potaz, um filho de Hierónimo Gonçalves, de Vila Franca, e outros a que não soube o nome. Da ilha Terceira, foram Gil Correia e Bartolomeu Correia, irmãos de frei Filipe que foi vigairo na vila da Praia, João Machado. Todos estes se acharam no primeiro cerco de Diu, sendo governador da Índia Nuno da Cunha e capitão da fortaleza de Diu, António da Silveira de Meneses, como tenho dito. E, indo a armada do Turco para tomar a Índia a instância de Coje Çofar, geral dos mouros, a fez surgir aí, dizendo a Soleimão Bassá, capitão do Turco, que tomasse aquela fortaleza primeiro, porque todo o mais da Índia era mui fácil de render. E ainda que de todos estes insulanos (que disse) se fala hoje em dia na Índia quão cavaleiros foram, porque não pude saber as coisas que fizeram, direi o que fez João Roiz, que chamam Panelas de Pólvora, e um Manuel Roiz, seu tio, os quais mandou então o capitão António da Silveira à banda de Gogolá em uma almadia a ver se podiam tomar algum mouro, para saberem os nossos onde estavam as galés que não fizeram mais que dar uma surriada à nossa fortaleza; e passaram para ilha dos Mortos, doze léguas de Diu, sem saber mais delas. Passados João Roiz e Manuel Roiz, seu tio, da banda de Gogolá, embrenharam-se e estando escondidos, esperando algum mouro ou pessoa que pudessem levar ao capitão, não vinha ninguém; mas, sendo muita parte da noite passada, acertou de vir um capitão com doze lascarins pelo passo onde estavam esperando o tio e o sobrinho, os quais, saindo da brenha, deram Santiago neles, de maneira que feriram e mataram muitos dos turcos, ficando somente quatro com eles, já cansados; arremetendo então João Roiz, tomou um turco debaixo do braço, recolhendo-se com ele e o tio. Levando o turco, que foi metido a tormento, diante da Capitão António da Silveira de Meneses, o qual, depois de informado do que passava, mandou meter o turco em uma bombarda e atirar com ele para a cidade onde estavam os mouros que tinham cercada a nossa fortaleza.

Neste primeiro cerco de Diu, em um tratado pequeno que dele fez Lopo de Sousa, fidalgo, que se achou presente na dita fortaleza, sendo ele capitão de um estância dela, conta que, continuando-se o cerco havia muitos dias, sendo morta muita gente e as munições e forças dos nossos quase gastadas, tendo os imigos um baluarte (de cujo capitão me não lembra o nome) foi um João Roiz das ilhas Terceiras (que é este desta ilha de S.Miguel, de que vou contando) a sua casa, e trouxe uma jarra de pólvora que, segundo a necessidade que tinham dela, a devia ter bem guardada. Subindo ao baluarte, disse: — dai-me lugar, senhores, que aqui trago o ataúde para mim e para nossos inimigos; e a arremessou com tanta força e fez tão bom emprego, queimando tantos dos mouros, que os fez largar tudo o que tinham tomado.

Fez este João Roiz, neste primeiro cerco de Diu (que foi um dos grandes e perigosos que na Índia se pôs), coisas de muito grande esforço e valentia, tanto que o governador trazia depois sempre os olhos nele; e ele e os capitães das fortalezas o estimavam muito. Estando Diu no dito cerco em grande perigo, puseram João Roiz em uma estância muito fraca, onde fez tais coisas com um montante, que dava muito esforço aos cristãos e temor aos mouros quase um dia todo, e sendo já tarde lhe trouxeram muitas panelas de pólvora e ele as botava com muita desenvoltura e força sobre os imigos, por ser mui braceiro; o que vendo o capitão, mandava aos soldados com muita pressa que lhas dessem. dizendo: — ali, ali a João Roiz, panelas de pólvora; donde lhe ficou o apelido que alcançou com muito grande perigo e honra, e el-Rei lho confirmou e lhas deu por armas.

Depois fez o mesmo João Roiz, na Índia, coisas mui grandes; em tanto que no segundo cerco de Diu, sendo capitão D. João Mascarenhas, que foi na era de mil e quinhentos e quarenta e seis, todos lhe obedeciam, como ao mesmo capitão, por o capitão assim o mandar. E não somente João Roiz, mas os naturais destas ilhas, lá por essas partes, são havidos por muito homens para a guerra e louvados de todos.

O sogro de João Roiz Panelas de Pólvora, cavaleiro dos principais de África (como tenho dito) veio de Safim a Lisboa requerer seus serviços, por el-Rei largar a dita cidade aos mouros; trouxe sua mulher, e filhos e filhas, e entre elas a mulher do dito João Roiz. El-Rei lhe deu um ofício de muita honra e proveito no Algarve, e estando para o ir servir, faleceu na Corte; pelo que sua mulher pediu a el-Rei que lhe mandasse vir seu genro, que havia anos que andava na Índia, e houve um alvará para que o viso-Rei o mandasse vir, o qual escreveu a Sua Alteza que João Roiz era muito necessário na Índia para o servir, por ser muito para isso, e que Sua Alteza lhe mandasse sua mulher com muita honra, como ele a merecia. Vendo el-Rei o que lhe escrevia o viso- Rei ou governador, lhe mandou à sua custa sua mulher e irmãs, que eram seis, e dois irmãos e sua sogra, dez pessoas por todos, chegando à Índia no tempo que João Roiz estava em Goa muito ferido e desbaratado do cerco de Diu. O governador e muitos senhores e fidalgos da Índia e muitos capitães de fortalezas lhe mandaram muitos pardaos e socorreram muito bem, como ele por seu esforço merecia. E, pelos muitos serviços que na Índia fez a el-Rei, lhe fez Sua Alteza muitas mercês, entre as quais foi fazê-lo veador da fazenda na cidade de Diu, donde uma vez, partindo para Goa, gastou na viagem com sua família e soldados duzentos mil réis, tão bem se tratava e estimava. E muito mais o estimavam todos. Faleceu na cidade de Goa de sua enfermídade e tinha o ofício de recebedor dos restos, com mil cruzados de renda cada ano.

CAPÍTULO LXXX

DOS HERÓICOS FEITOS DE HENRIQUE BARBOSA DA SILVA, FILHO DE HECTOR BARBOSA DA SILVA, NATURAL DA ILHA DE S. MIGUEL

Os vassalos de muitos serviços têm tantos merecimentos diante de seu Rei, como os virtuosos e santos diante de Deus. E nisto somente têm diferença às vezes: que a paga de Deus verdadeiro é certa e infalível, e o mundo enganoso a muitos falta com o prémio devido, pagando a uns com menos do que merecem, e a alguns com vãs e compridas esperanças, e a outros, que mais se desentranham e desvelam pelo servir, vem galardoar com a reposta (sic) do cruel e injusto provérbio, dizendo que quem melhor o serve peor galardão há-de haver. Não sei de que vem isto, ou os Reis da terra não vêem ou não crêem a fama certa dos famosos, ou os seus leais vassalos e bons servidores não têm homem que os leve à piscina, como o pobre e desamparado paralítico, ao qual se Deus, sem rogos, sem merecimentos nem aderência, curou e fez mercês, tendo-o ofendido, quanto melhor as fará a quem lhe fizer leais serviços? Pelo que, se a mínima parte do que fazemos ao mundo, fizéssemos a Deus, clara consequência é que seríamos santos e muito privados d’Ele, que sempre dá mais do que esperamos, nem desejamos. Digo isto pelo pouco galardão que teve dos Reis um Henrique Barbosa da Silva, natural desta ilha de S. Miguel, filho de Hector Barbosa da Silva, irmão de Nuno Barbosa e de Pero Barbosa da Silva, nobres fidalgos que nela vivem; o qual, no tempo do Capitão Manuel da Câmara, indo-se desta ilha, de idade de vinte anos, para a Índia de Portugal, nunca lá esteve ocioso no serviço de el-Rei, fazendo sempre nele heróicos feitos a todos notórios, imitando a seus avós Barbosas e Silvas, donde descende. Estando na Índia quando D. Antão de Noronha, viso-Rei que foi dela, tomou posse daquele Estado, serviu a el-Rei em todo o seu tempo, prestes a tudo o que sucedesse e o achou dando mesa seis meses a sessenta soldados na fortaleza de Honor, que estava de guerra, onde fez muitas entradas por mar e por terra no reino da rainha de Jarcopá, em que lhe cativou e matou muita gente, e queimou povoações com todos os mantimentos, em que recebeu muito dano. E, vindo-se para Goa, o mandou o dito viso-Rei à costa do Malabar, com D. Diogo de Meneses, por capitão de uma fusta, onde andou todo o verão, achando-se em todos os sucessos que se nele acometeram; e tornou a invernar a Goa e ali o acompanhou até Agosto de setenta e três, que o mandou à costa do norte por capitão de uma galeota, em companhia de Jorge de Moura, esperar as naus de Meca, que tinham por novas que haviam de entrar em Dabul, até se fazer o viso-Rei prestes para ir a Damão; na qual ida o acompanhou sempre, e no trabalho da fortificação das tranqueiras o achou mui aparelhado com os seus soldados em tudo aquilo que era serviço de Sua Alteza. E, querendo-se recolher para Goa, o deixou na cidade de Damão, dando mesa a cem soldados, com uma bandeira, onde fez muito serviço a el-Rei, indo ao campo muitas vezes pelejar com o rei de Sarzeta e com os Mogores, imigos nossos. Correndo assim na paz e na guerra com mesa dos soldados mui diferente dos outros capitães. E por faltar o dinheiro na terra, que tinha necessidade de soldados, alevantando-se as mesas, ele correu com a sua mui largarmente, até o provedor da fazenda lhe pedir que a alevantasse, por muitas razões que para isso lhe deu. E, alevantando-a, se recolheu com muitos soldados em sua casa, a que dava de comer à sua custa, e assim esteve até a entrada do verão, que o viso-Rei mandou Fernão Teles ao norte, e, por ver estar a terra segura, se veio para Goa com muito gasto e despesa. Indo o dito viso-Rei para Mangalor, se embarcou com ele e achando-se na tomada da cidade de Olalá, em todas as brigas e guerras que houve, enquanto se fez a fortaleza São Sebastião, onde o feriram de uma frechada que lhe atravessou uma perna, pelo que o dito viso-Rei afirmou ser Henrique Barbosa da Silva um dos homens que bem serviu a Sua Alteza e a quem devia fazer mercês pela levidão, gosto e gasto com que o servia.

Não somente o viso-Rei D. Antão de Noronha afirmava isto dele, mas também António Moniz Barreto, governador que foi da Índia, o qual, tomando posse do dito governo, achou nele

servindo a el-Rei Henrique Barbosa da Silva, vindo então de Damão, onde fora invernar e acabar de dar uma mesa a soldados. E em todo o tempo de sua governança esteve prestes para o que cumprisse. Mandou-o com D. Filipe de Crasto, capitão de Damão, a dar lá uma mesa, oferecendo-se ao governador para ir de socorro a Malaca e acompanhá-lo com uma galeota, quando fosse fora. Pelo que o tinham em tão boa conta que assim o viso-Rei, como os governadores, o encarregavam de muitas coisas honrosas, escrevendo-lhe cartas de muita cortesia, amor e honra.

No ano de mil e quinhentos e sessenta e seis, indo D. Jorge de Meneses Baroche por mandado do viso-Rei D. Antão de Noronha ao Estreito, por capitão-mor de uma armada, e que daí fosse invernar a Muscate, sendo-lhe necessário ir a Ormuz buscar provimento, foi na armada de remo e chegando lá teve por novas serem saídas galés de turcos, pelo que mandou logo trazer a armada para Ormuz; e, fazendo-se prestes para os ir buscar, por ter pouca armada, armou três galeotas que tomou aos chatins, e nove fustas, e deu uma a Henrique Barbosa da Silva, que consigo levava por mandado do viso-Rei, o qual se negociou como cumpria a serviço de el-Rei. Sabendo das espias como as galés não saíram, passando o inverno se recolheu a Goa e, indo doze léguas de Diu, lhe deu uma tormenta que durou vinte e quatro horas, em que lhe quebraram os mastos (sic) e perderam fustas de sua companhia; na qual tormenta, com sua diligência e bom esforço, foi grande parte para se o galeão não perder.

Estando (como acima disse) Jorge de Moura por capitão da fortaleza de Santa Catarina de Honor, pelo viso-Rei D. Luis de Tayde ([349]), além de dar nela o segundo ano mesa por seu mandado, o dito Henrique Barbosa da Silva, a uma companhia de sessenta soldados, tempo de dez meses (como já disse) por estar de guerra e cerco com o poder da rainha de Jarcopá e gente de Reis seus vizinhos, e estrangeiros que para bem da guerra mandou vir, cercando a fortaleza pela banda da terra com tranqueiras, bastiões e valos, donde fazia a guerra e pelejava, e cometendo uma ante-manhã, arvorando algumas escadas, essas e outras que para isso vinham lhe fez largar, pelejando com eles a mor parte do dia, estando na dianteira Henrique Barbosa da Silva. No qual combate, e outras saídas e guerras que pelo rio fez, lhe mataram mais de quatrocentas almas, afora muitas cativas, e recolheram à fortaleza noventa e tantos escudos e muitos feridos. E, indo pelo rio acima duas vezes pelejar, matou e feriu muitos negros, queimando muitos mantimentos, pagodes e mesquitas, e fazendo outros muitos danos. Em outra saída que se fez, o mandou o capitão recolher a gente por os imigos serem muitos e andarem muito trabalhados, o que fez bem e com muita presteza, donde saiu ferido duma frechada que lhe passou uma mão. Quando deu o capitão nos inimigos e lhe fez alevantar o arraial, foi Henrique Barbosa o primeiro homem que os seguiu, pondo sua bandeira mais ao longe, levando os imigos, pela parte e terço que lhe coube, mui apressados até largarem bem do campo. Nestas e outras saídas, rondas e vigias, cumpriu com sua obrigação, como devia.

Mandando João de Sousa, capitão da cidade de Damão e suas terras, requerer a Ramadarava, rei de Sarzeta, que quisesse cumprir o contrato das pazes que tinha feito, e não querendo ele, entrou por suas terras com mão armada e lhe mandou queimar as principais aldeias que tinha, em que recebeu muito dano de mantimento e gado, matando-lhe e cativando-lhe muita gente. E entrou pelas serras até à ribeira que está defronte da sua cidade nove léguas de Damão, no qual caminho foi recebido com muitas bombardas, espingardas e frechas, nos passos que lhe tinham tomados, em que lhe matou muita gente, até se pôr a vista da cidade chamada Nage, com tenção de passar a ela e a queimar e abrazar; e o deixou de fazer, por saber que era despejada da gente e parte dela queimada e descoberta da ola e palha com que lhe puseram fogo, e o Rei, com todo o povo, fugido e posto nos matos. Recolhendo-se então, com parecer dos capitães e fidalgos, achou no caminho o poder do dito rei com socorro que lhe era chegado de muita gente do Bregi e do rei dos Celes, repartida por todas as partes dos matos, que fizeram arremetida pela dianteira e lados, tirando muitas frechadas e espingardadas e bombas de fogo, e com muitos cavalos encobertados, onde lhe matou o dito capitão João de Sousa muita gente e outros se recolheram e fugiram pelos matos. E, oferecendo-lhes em alguns escampados batalha, nunca quiseram chegar a ela, andando ele no campo quarenta e quatro dias com muitos trabalhos, em os quais o acompanhou Henrique Barbosa, fazendo de sua pessoa, como dele se esperava, ajudando-o sempre valorosamente com suas armas.

No ano de sessenta e nove, foi em companhia de Francisco Botelho, capitão da fortaleza de Santa Luzia de Bracalor, que ia por capitão de uma bandeira, acompanhando o viso-Rei D. Luís de Taíde, quando foi à costa de Canará, e se achou com ele no cerco e tomada da

fortaleza de Honor sempre na sua estância, onde se deu bataria à dita fortaleza três dias e três noites, ajudando-os em todos os trabalhos necessários à dita bataria, assim na artilharia como nas vigias e no mais que naquele tempo sucedeu. Achando-se também com ele no cometimento e tomada do forte de Bracalor, pondo a proa com a sua embarcação defronte das barreiras, onde a força dos imigos estava, saltando ao mar com a água pelos peitos, saindo em terra, onde, pelejando muito esforçadamente, foi ferido.

Sendo Jorge de Moura capitão de Santa Catarina de Honor o primeiro ano de sua edificação, esteve nela Henrique Barbosa da Silva assistindo em todo o trabalho e serviço que na dita obra se fez, acarretando pedra e terra para os baluartes que nela se edificavam de novo e para danificar os aguieiros danificados vigiando todas as noites em um baluarte e lanço do muro com alguns soldados de que tinha carrego, por chuvas e tempestades pelejando e nas saídas que fazia contra os contrairos em que sempre lhe matava gente e feria.

Quando era João de Sousa capitão da cidade de Damão e suas terras, foi ter à fortaleza o dito Henrique Barbosa da Silva aos vinte e cinco de março de mil e quinhentos e sessenta e seis; e invernou nela, estando prestes para tudo o que sucedesse e cumprisse ao serviço de el-Rei.

Indo D. Filipe de Meneses, o ano de setenta e um, à costa do Malabar, por mandado do viso- Rei D. Antão de Noronha, a socorrer a fortaleza de Chale, foi o dito Henrique Barbosa da Silva por capitão de uma fusta, achando-se em todas as ocasiões daquela jornada com sua pessoa e soldados que a seu cargo levava, na tomada de alguns paraos, e da fortaleza de Sam Guiser, que então se tomou e escalou.

Entrando D. Filipe de Castro Guerra, aos vinte e tantos de maio da era de mil e quinhentos e setenta e cinco, por capitão na fortaleza de Damão, foi com ele, por mandado do governador António Moniz Barreto, o dito Henrique Barbosa da Silva, para o inverno dar mesa aos soldados, e fazendo o dito capitão armada de sete ou oito galeotas para a enviar à enseada de Cambaia, de que fez capitão Henrique Barbosa (como o governador lhe disse) e estando prestes, por certos respeitos que depois disto se moveram, e não se achar ser serviço de el-Rei, não houve efeito a ida da dita armada. E na entrada do verão indo-se todos os soldados que ali foram invernar, mandando as espias de Cambaia dizer que os Mogores se faziam prestes para ir correr as nossas terras, rogou o dito capitão a Henrique Barbosa que deixasse a ida de Goa, para onde estava de caminho, por cumprir assim ao serviço de el-Rei e ter assentado consigo apresentar batalha aos ditos Mogores, e lhe pediu para este efeito quisesse ir com a gente de pé e ele capitão com a de cavalo; o que Henrique Barbosa fez de boa vontade, oferecido para tudo o mais que cumprisse a serviço de seu Rei; do que tudo tem certidões autênticas dos ditos visos-Reis, governadores e capitães, justificadas pelo licenciado Henrique da Silva, do desembargo de el-Rei, e ouvidor geral com alçada nas partes da Índia.

Além destes serviços que a el-Rei fez, em que se vê o muito valor e esforço de sua pessoa, muito melhor o mostrou nisto que agora direi: porque, sabendo que o conde D. Luís de Taíde era chegado segunda vez ao Estado da Índia por viso-Rei dela, se fez prestes de Baçaím, donde estava, para o ir visitar e oferecer-se ao serviço de el-Rei; e logo se embarcou em um galeão pequeno, rasteiro, de D. Manuel de Almada, capitão do dito Baçaím, que dali partiu para Goa. E sendo tanto avante como defronte de Dabul, terras do Dialxa, dez léguas ao mar, lhe saíram dezoito embarcações e paraos de remo, entre galeotas e fustas e catures, em que pelo galeão ser muito pequeno se vieram chegando a ele, dizendo alguns passageiros a Henrique Barbosa que seria bom pôr a gente em ordem, e as outras coisas do navio. Respondeu ele que aí ia o capitão, ao que lhe replicaram que o capitão vinha para arrecadar os fretes, mas onde ele vinha e outros fidalgos com ele, naquele tempo, não havia outro capitão. Nisto o capitão do galeão o entregou ao dito Henrique Barbosa, que logo se armou e começou a dar aviamento às coisas do navio e pôr a gente em ordem. Vindo-se os imigos chegando ao galeão, tomando algumas embarcações mansas que vinham ao redor dele, depois de as tomarem, se puseram à bataria com o galeão, havendo vento calma (sic), pelejando sempre, da uma hora depois do meio-dia até noite; no qual tempo o abalroaram três vezes, com combates muito rijos por todas as partes, pondo muita concruzam (sic) ([350]) nisso, tomando o galeão fogo por duas vezes, onde houve mortos e queimados de parte a parte. E Henrique Barbosa mandava muito bem o que se havia de fazer, donde estava armado no lugar mais perigoso do perpau, com muita prudência e acordo, acudindo dali às partes mais fracas; ora pelejava na tolda, onde era a mor briga, com grande esforço, sendo a principal parte de os não entrarem. E, por não haver quem quisesse ir marear uma vela da gávea, deu cinco pardaos a um pangeli que lá foi, mandando

também, como experto nas coisas do mar, marear o galeão, a quem João Dias, piloto dele, em tudo obedecia, como todos os mais faziam, pelejando sempre até que a noite os apartou. E, além de todos afirmarem não serem tomados e escaparem pelo seu bom esforço, com que o defendeu dia de S. Francisco, viram que em oito dias que depois andaram no mar, com muita diligência e caridade fez curar os feridos e lhes dava de comer as galinhas que comprava no galeão à sua custa. Achando-se no dito galeão com oito soldados mortos, matando-lhe, segundo a informação que disso teve o conde viso-Rei, passante de trezentos mouros brancos, e muitos mais feridos; em que perdeu o dito Henrique Barbosa mais de quatro mil cruzados em três embarcações suas que os mouros lhe levaram, carregadas de mantimento, sem ser galardoado até hoje de el-Rei conforme a seu muito merecimento, tão notório na Índia que, estando na era de mil e quinhentos e setenta e cinco para se vir ao Reino requerer seus serviços, se casou com uma filha de um homem nobre muito rico, chamado António Vaz, que tinha o contrato da fortaleza e alfândegas, em que fazia muito serviço a el-Rei, o qual lhe deu em dote vinte mil cruzados e uma aldeia de nomeação, que valerá três mil, e o gasto de sua pessoa e dos seus, seis anos; dando-lhe homem sem Reino o galardão de seus serviços, que dos Reis tarde ou mal, ou pouco e poucas vezes, e às vezes nunca, se alcança. Pelo que eu digo, Senhora, que o que os Reis não satisfazem aos bons vassalos que contra infiéis por seu Deus e por seu Rei pelejam, galardoa-o mesmo Deus com grande e gloriosa fama, como vós sois na terra antre os homens, e com eterno prémio de glória na corte do Céu, antre os Anjos, onde se crê que ele, depois de falecido, está.

CAPÍTULO LXXXI

COMO VEIO TER A ESTA ILHA DESCONHECIDO D. JORGE PEREIRA, FILHO NATURAL DO CONDE DA FEIRA, NO TEMPO DO CAPITÃO MANUEL DA CÂMARA

No tempo do ilustre Capitão Manual da Câmara, único do nome, veio ter a esta ilha de S. Miguel D. Jorge Pereira, filho do conde da Feira, ainda moço, sem saber cujo filho era; cujo nascimento foi na cidade do Porto em uma rua que se chama a rua Chã; daí foi dado a criar a um ferreiro e a sua mulher, que moravam na rua dos Canos da dita cidade, o qual o criou com muito segredo, não sabendo quem fosse seu pai, senão que era filho de um senhor, por ser sua mãe dos principais da cidade do Porto e correr muito perigo, sabendo-se quem o parira. O ferreiro e sua mulher, depois de o criarem dois anos, se foram morar a Lisboa, onde o tiveram em seu poder até idade de onze anos, em que faleceu a mulher do ferreiro. Estando no artigo da morte, ouviu dizer D. Jorge, que então se chamava Jorge somente, a seu marido, chamando-o por seu nome: —encomendo-vos muito este menino, porque é filho de um senhor deste Reino e alguma hora quererá Deus que se descobrirá. O Jorge, quando isto ouviu, disse: — como não sou eu filho de vossa mercê?; e o ferreiro pelejou com ele, pelo que se calou, mas sempre trouxe aquilo no sentido. Daí a certo tempo, casou o ferreiro com outra mulher da sua terra, dez léguas acima do Porto, a qual lhe ficou em nome de madrasta. Sucedendo-lhe um desastre ao ferreiro, se tornou com a segunda mulher para sua terra e indo pela estrada para o Porto, junto do castelo da Feira, recolhendo-se de muita água que chovia, ao redor de um penedo, ouviu dizer Jorge ao ferreiro: — este moço que aqui trago é filho de um senhor desta terra, segundo me quizeram dizer, mas não o sei em certo. Tomou o moço aquelas palavras no sentido, mais do que dantes tinha. E chegando à cidade do Porto, pousando o ferreiro em casa de um seu primo sarralheiro (sic), lhe perguntou o dito sarralheiro se era aquele o moço que dali levara: respondendo-lhe que sim, lhe disse: — pois devieis-vos de dar a conhecer com seu pai e dar-lho. — Não ouso fazer isso. Depois apartaram-se e falaram ambos sós, sem Jorge os ouvir. Dali se foram caminho de Campelo, donde era natural o ferreiro. Lá esteve Jorge com ele, por espaço de dois anos e meio. Neste tempo, foi o ferreiro a Lisboa, deixando a Jorge em casa de dois irmãos, guardando-lhe ovelhas, cabras, vacas e porcos, por tempo de nove meses, no cabo dos quais chegou o ferreiro e o tornou a levar para sua casa, onde sua mulher o tratava mal de comida, pelo que o moço algumas vezes fazia por lhe furtar coisas de comer. E uma vez, estando-lhe tomando de uma arca umas poucas de castanhas, deu ela sobre ele, tomando-o no salto e lhe deu muito açoite com um cordão. Acudindo uma mulher de um cuteleiro, sua vizinha, lhe disse: — porque dais assim em Jorge?, não é ele vosso filho, ou como? — Respondeu: — não, nem é filho de Nicolau Gonçalves. — Respondeu-lhe: — pois cujo filho é? — Disse ela: — diz que o criou em sua casa e que é filho de uma Fuã de Macedo, da rua Chã, e de um fidalgo, mas não sabe qual. A vizinha, quando isto ouviu, foi-se aonde estava Jorge chorando e levando-o nos braços se pôs a chorar com ele, dizendo-lhe: — filho, tu és filho das Macedas da cidade do Porto com que eu me criei, e filho de um grande senhor. Então tomou o moço mais em sentido isto que dantes. E fugiu logo, indo-se à cidade do Porto, onde perguntou pelas Macedas da rua Chã, e dizendo-lhe onde moravam, foi lá. Querendo entrar pela porta e subir ao sobrado, não ousou, por não ter quem o ajudasse. Tornou a pôr-se em caminho para Lisboa, onde dantes se criara, e foi ter a casa de um relojoeiro aragoês (sic), de Valença de Aragão, que ali o ajudara a criar, por ser vizinho conhecido do ferreiro que o criara, quando morava na dita cidade de Lisboa. Esteve ali o moço com o relojoeiro espaço de três meses, no fim dos quais tendo necessidade de um homem para o ajudar, foi ter com um ferreiro de Ponte de Lima que fora desta ilha, e levando-o para sua casa por obreiro; vindo acaso um dia, perguntando-lhe as coisas destas ilhas e pelas Furnas, lhe disse que ele estivera nesta ilha de S. Miguel com um Jorge Gonçalves, ferreiro, morador na vila da Ponta Delgada, defronte da igreja de S. Sebastião, irmão de Nicolau Gonçalves, que o criara, os quais se carteavam, estando Nicolau Gonçalves em Lisboa pola (sic) qual notícia, lhe

perguntou o moço se conhecia a Jorge Gonçalves; dizendo-lhe que sim, porque era primo de sua mulher, naturais de Ponte de Lima, e que estava bem. Dizendo-lhe o moço que se queria ir para ele, porquanto era irmão do ferreiro Nicolau Gonçalves que o criara, e o tinha em nome de tio, respondeu que faria bem em ir ter com ele, porque lhe faria muitos bens. Tirou-se então o moço de casa do relojoeiro e buscando passagem, se veio com um sapateiro chamado João Marques, e com Baltasar Lopes, homem baço, tosador, que o trouxeram a casa do dito Jorge Gonçalves, que o agasalhou muito bem nesta ilha como sobrinho, dizendo todavia a algumas pessoas que aquele moço não era filho de seu irmão, mas que folgava muito com ele e o tinha em conta de sobrinho. Estando nesta casa o moço, a cabo de seis meses, vendo tanta pobreza e que tinha tantos filhos, lhe disse que o pusesse a aprender o ofício de ferreiro, e fosse com Francisco Pires Leal, por ser bom homem, e assim o fez; esteve com ele sete anos. E tendo acabado de aprender o ofício, querendo-se ir caminho do Reino para saber quem eram seu pai e mãe, se casou com uma filha de Gaspar Fernandes, mestre e senhorio de um navio, que agora se chama D. Guiomar, mulher de grande virtude. Sempre suspirando ele e dizendo antre si que havia de saber quem era. Vindo aqui o padre pregador Frei Manuel Marques, da ordem de S. Francisco, sabendo o dito D. Jorge que o padre era da cidade do Porto, se foi ter com ele e lhe deu conta como nascera na rua Chã e era filho de uma das Macedas, perguntando-lhe se sabia porventura alguma coisa, e que era também filho de um senhor do Reino, segundo lhe diziam pelas atoardas ditas atrás, contando-lhas todas assim como as ouvira. Ele chamou a Frei António, seu irmão, perguntando-lhe se alguma hora ouvira dizer a sua mãe, que era mulher muito velha, que as Macedas pariram de algum fidalgo; disse-lhe que nada ouvira. Tomando-lhe ele afeição e amor, de muitas vezes que o ia visitar, veio a suceder caso por onde o irmão Frei António se foi para o Reino, por um desgosto que teve com o padre Frei António Alarcão, e prometeu-lhe que lá saberia parte de tudo, de sua mãe e de outras pessoas antigas, o que cumpriu assim, praticando-o na cidade do Porto com o padre pregador Frei Gaspar do Porto, e ambos pediram licença ao guardião para irem à cidade saber parte disto, por via de sua mãe e mais pessoas; onde foram ter à rua Chã, a casa de uma tia do dito D. Jorge, irmã de sua mãe, à qual perguntando, conforme à informação que lhe davam, se pôs ela em negá-lo, todavia inquirindo o padre Frei Gaspar com mais instância, dizendo-lhe que o teria em muito segredo, pois era também parente, confessou ela ser verdade que uma sua irmã houvera um menino, chamado Jorge, da idade que eles diziam, do conde da Feira, D. Manuel Forjaz Pereira, e que folgava muito de ele ser vivo; o qual o conde, antes que falecesse, mandara buscar pela cidade do Porto e seu termo, e em Campelo, sem o poderem achar, porquanto neste tempo era fugido a esta ilha. E disse que por seu falecimento deixara o conde dito que se alguma hora achassem este menino e tivesse um sinal que ele punha a seus filhos que o recolhessem por seu filho. Vendo os padres isto, lhe escreveram que se fosse ver com ela. E assim o fez o dito D. Jorge Pereira, e tirou um estromento (sic) em que provou ser filho do dito conde. Tornando a esta ilha e achando ao padre Frei Manuel Marques de caminho para o Reino, lhe deu o estromento para o apresentar ao conde, seu irmão; o que o dito Frei Manuel fez com muito cuidado; praticando com o conde, mostrando-lhe juntamente o estromento, se pôs o conde em o negar, confessando todavia que o estromento estava bom e o nome e a idade assim era, mas que poderia ser morto e outrem tomar aquele nome. Replicando Frei Manuel que remédio se havia de ter, pois D. Jorge Pereira provava ser tal? Respondeu o conde: — padre, se ele não tiver um sinal que têm todos os filhos de meu pai, assim bastardos como legítimos, ele não é este. Perguntando-lhe Frei Manuel que sinal era, lho disse o conde. Então escreveu tudo o que passara com ele e respondeu D. Jorge Pereira a Frei Manuel que tinha o dito sinal. Sendo as cartas no Reino, neste meio tempo veio ter a esta ilha o licenciado Gaspar Leitão por juiz de fora da cidade da Ponta Delgada, e trouxe recado do conde que soubesse de D. Jorge se tinha o sinal e se era bom homem, que manhas tinha, se era casado e com quem, porque se era homem de pouca conta o não aceitaria por irmão, mas se tivesse boas partes e o sinal, que o faria, e que assim lho escrevesse. Sabendo D. Jorge que Gaspar Leitão perguntava por ele, por parte do conde, e que era de sua casa, se foi ver com ele uma noite. Perguntando-lhe que buscava, lhe respondeu: — eu sou Jorge Gonçalves Pereira. Ele não aguardou mais, senão deu muito depressa à cadeira e o levou nos braços, dizendo-lhe: — senhor, vós sois irmão do senhor conde da Feira, porque vos pareceis com ele, e haveis de ter um sinal. Respondeu D. Jorge: — sim, tenho; de que ele folgou muito. E lhe disse que fosse logo ter com o senhor conde D. Diogo Forjaz Pereira e levasse cartas suas. Assim se embarcou no primeiro navio e foi ter com o padre Frei Manuel Marques à cidade do Porto, que já tinha falado com sua tia, que lhe escrevera uma carta se fosse ver com ele (sic) e com o conde; a qual tia, com muito contentamento, mandou dizer logo a sua mãe, que estava em

Braga, que seu filho, que ela parira, era achado e que cada dia estava esperando por ele, o qual fora descoberto por uns padres de S. Francisco. Neste tempo, chegou D. Jorge Pereira ao Porto, donde foi caminho de Braga ver sua mãe por conselho de sua tia, dizendo-lhe que dissesse que era filho de outra sua tia, já falecida; e assim entrou por sobrinho, por amor de seu marido com quem estava casada.

Vendo-se com sua mãe, lhe disse ela a maneira de seu nascimento, e como o houvera do dito conde de idade de dezasseis anos, e andando prenhe fizera alguns remédios para mover dele, para não ser sentida, por amor de sua mãe e parentes, e fora parir a casa de um seu tio de que mais se confiou; o qual, depois dela parir, a casou em nome de viúva; dizendo-lhe mais que o não vira senão à hora que o pariu; e que tivera o conde tal diligência, que mandara saber àquele tempo do parto por três criados seus, armados, e tanto que ela parira o tomaram e levaram aquela noite a casa de uma mulher que morava à porta de cima de Vila, da cidade do Porto, onde lhe deu de mamar aquela noite e um dia; e dali ouvira dizer que o deram a um ferreiro, e que nunca mais souberam novas dele. Despediu-se de sua mãe, foi ter à cidade do Porto com o padre Frei Manuel Marques; e por saberem que o conde não estava na terra da Feira, se foram ambos caminho de Lisboa, onde o acharam. E o dito padre o apresentou ao conde, dizendo-lhe: — senhor, este é vosso irmão. O conde folgou muito com o ver e indo D. Jorge para lhe beijar a mão, ele lhe disse: — não, que sois muito meu irmão, porque vos pareceis muito com meu pai. E o levantou e tomou pela mão e assentou em uma cadeira a par de si, perguntando-lhe de sua vida que tal fora, dando muitos agradecimentos ao padre Manuel Marques por ser tanto seu amigo e chegá-lo a tal descobrimento. Tornando-lhe a perguntar de sua vida, respondeu: — senhor, não venho enganar a vossa senhoria, faça-me mercê, queira ver o sinal que me mandou dizer que eu havia de ter, e saberá por ele se sou seu irmão. E vendo-o, folgou muito, e o recolheu e acceptou por irmão. Tornando ao outro dia, tornando-lhe a perguntar o conde por sua vida, lhe respondeu D. Jorge que levara muitos trabalhos e que o ferreiro que o criara de oito anos o começara a fazer malhar pregos em cima de uma gamela, por ser pequeno, e dali lhe ficara o ofício de ferreiro, o qual sempre usara até aquele tempo presente, em que estava diante de sua senhoria. O qual lhe passou logo por sua letra uma certidão de quem era, assinada por ele, em que dizia ser verdade que, estando na cidade do Porto o conde seu pai, D. Manuel Pereira, já defunto, houvera de Florença de Macedo, filha de um cidadão da dita cidade, ao dito Jorge Gonçalves Pereira, que ora era morador na cidade da Ponta Delgada, da ilha de S. Miguel; e por lhe constar assim, por estromentos e certidões disso, como também por um sinal que somente os filhos de seu pai todos tinham, o qual o dito Jorge Gonçalves Pereira tinha, pelo qual lhe pertencia chamar-se dali em diante D. Jorge Pereira, como se chamavam os outros filhos bastardos do conde, seu pai, que Deus tem, e se ora chamam; portanto, ele e sua mulher, filhos e filhas tinham o dom, e se poderia chamar daí por diante assim, por lhe pertencer direitamente por seu sangue, e filho de seu pai, e irmão seu, o que certificava tudo ser assim, e pedia a todos os corregedores, juízes e justiças que lhe guardassem todas as preeminências, honras e liberdades que ele dito D. Jorge Pereira tinha e lhe pertenciam. E para sua guarda, por verdade, fizera a dita certidão de sua letra e sinal, na cidade de Lisboa, a vinte e quatro dias de Novembro de mil e quinhentos e setenta e três anos. Chegando o dito D. Jorge Pereira a esta ilha, já conhecido por quem era, o juiz de fora, o licenciado Gaspar Leitão, e os vreadores (sic) e muitos homens nobres e quase todo o povo o foram receber quando desembarcou no cais da cidade da Ponta Delgada, acompanhando-o para a igreja e daí até sua casa, e lhe fizeram a honra que ele merecia daí por diante; o que sabendo o conde, escreveu uma carta de agradecimentos aos oficiais da Câmara da cidade, em que dizia que em muita obrigação o puseram com o honrado gasalhado e recebimento que a seu irmão D. Jorge fizeram; que a honra não a dava senão quem a tinha, e por isso o que de sua casa e pessoa cumprisse à Câmara e em particular a cada um dela, faria ele com muito gosto; isso tivessem por muito certo todos, a quem pedia que o mesmo fizessem a seu irmão, porque à sua conta o tomava e a ele o faziam. Mandando el-Rei chamar a D. Leoniz, irmão do dito D. Jorge Pereira, que esteve na Índia por capitão de Malaca (em cujo cerco houve grandes vitórias dos imigos) para o mandar por capitão e governador de Cepta ([351]), onde estava o marquês de Vila Real, que el-Rei mandou vir, escreveu o dito D. Leoniz a D. Jorge Pereira que logo fosse ter a Cepta com ele, onde o esperava, e levasse um seu filho consigo, para estar ali com ele ganhando uma comenda. O que querendo fazer o dito D. Jorge, soube como lá era falecido seu irmão. Tem D. Jorge Pereira ([352]) quatro filhos e uma filha; o primeiro, chamado D. Pedro Pereira, foi com seu pai para o Reino na era de mil e quinhentos e setenta e nove. Dizem que el-Rei o filhou no foro de seu avô, o conde da Feira D. Manuel Forjaz, com quarenta e sete mil réis de moradia.

CAPÍTULO LXXXII

DO QUE ACONTECEU EM VILA FRANCA DO CAMPO NO SEGUNDO TERREMOTO QUE HOUVE NA ILHA DE SÃO MIGUEL, NO TEMPO DO CAPITÃO MANUEL DA CÂMARA

Nunca vem um mal só nesta vida, sem vir acompanhado de muitos, umas vezes juntos, como foi a subversão de Vila Franca e logo depois a peste; outras vezes, em vários tempos, para espertar Deus os pecadores que estão dormindo em suas culpas, como foi outro segundo terremoto que aconteceu nesta ilha na era de mil e quinhentos e sessenta e três anos, sendo sexto Capitão dela o muito ilustre Manuel da Câmara, único no nome, com o qual, ainda que não aconteceram mortes de pessoas, houve tão terribeis (sic) medos, que chegou a todos os moradores dela a par da morte. E ainda que as coisas fabulosas dos poetas sempre são menos do que eles dizem, estas deste segundo terremoto, por mais que delas se conte, muito mais e maiores foram do que, Senhora, delas vos contarei e contar posso. E, assim como de um arruído que se faz na praça, cada um que se achou nele conta várias coisas que viu e por diversos modos, falando todos verdade, assim deste segundo terremoto que foi um arruído antre os elementos, Terra, Água, Ar e Fogo, armado na praça de toda esta ilha, em que todos os moradores dela se acharam presentes, não é muito que cada um conte coisas diversas que particularmente viu e sentiu no lugar onde se achou, as quais, se houvesse de contar todas, faria um infinito processo, não contando a menor parte assim das que aconteceram, como das que se não viram, porque tão amedrontados andavam os homens que vendo não viam, e ouvindo não ouviam, e somente sabem dar fé de poucas coisas que antre muitas então aconteceram. Mas, por abreviar tantas, direi somente do acontecido em três vilas, Vila Franca do Campo, a vila do Nordeste e na da Ribeira Grande, em que o terremoto fez mais medos e danos, e na cidade da Ponta Delgada, onde fez menos, dizendo primeiro dos que causou na Vila Franca, mais propínqua ao monte principal, onde veio brotar o fogo do centro da terra.

Na era acima dita de mil e quinhentos e sessenta e três, a vinte e cinco dias de Junho, princípio do estio, quando quase já estavam chegadas à foice as searas doiradas, havendo nove dias que o sol havia entrado e tocado os limites do calidíssimo signo Cancro, tempo em que pela maior parte os delicados vapores e ares mui frios que no arripiado inverno, pelos poros e concavidades da terra, dentro dela naturalmente condensados, se encerraram e esconderam, aquecidos e feitos ralos e estendidos ou crescidos com a quentura ou reflexão dos raios do sol, que em tal tempo mais que nunca se esforça, como de natureza o ar quente seja mais ralo que o frio e de necessidade ocupe maior lugar, não cabendo portanto nos lugares e estreitos aposentos (onde quando frios estavam principalmente juntos com algum mineral de salitre ou enxofre que no centro da terra acha e com seu movimento e assopro acendem como então era) trabalham com grandíssima fúria proromper (sic) e sair pelas breves entradas e portas por onde entraram ou por outra qualquer parte, em que porta e saída podem achar ou violenta fazer, com o qual natural e forçadamente se causam grandes ímpetos e terremotos, impetuosos concursos, violentos abalos e tremores de terra. Pelo que no dia e era atrás ditos, sendo cinco dias de lua, em sexta-feira, uma hora depois de meia-noite, quando todos ou quase todos dormiam, começou em toda esta ilha a tremer subitamente a terra com horrendos e contínuos abalos, maiores do que nunca se viram, sentindo-se primeiro e mais o dito tremor de terra em Vila Franca do Campo, por ser terra alta e encumeada e mais chegada ao monte por onde depois arrebentou e respirou aquele furioso espírito e grande fogo, havendo-se dantes ouvido um estrondo pelo ar, como aves que vão voando e batendo as asas (pronóstico natural do que havia de suceder) com o qual tremor, acordados alguns do sono e temerosos acordaram os outros com o repicar dos sinos, que cuidavam ser chegada uma armada do cossairo Pé de Pau, que dias havia temiam. Desperta toda a vila e parte de seus arrabaldes e sabida a causa de tão grande sobressalto, com muita mais razão temeram a forte mão de Deus e seu castigo, que os pecados de cada um merecia, pelo que qualquer, como

interior juiz de sua consciência, concebia em si e tinha maior medo, não ousando olhar ao Senhor irado. Mas, contudo, não tendo para onde fugir (porque a terra tremia) fugiam de Deus irado para ele mesmo misericordioso, pedindo-lhe todos misericórdia com muitas lágrimas, gemidos e prantos presentes, cada um em especial e todos em geral, chorando suas culpas passadas. Junto o povo na igreja Matriz do Arcanjo S. Miguel com o vigairo e cleresia, e religiosos com seu guardião, o licenciado Frei Pedro Mestre, e o licenciado Simão Pimentel, pregador por el-Rei na dita vila, ordenaram e fizeram uma devota procissão à casa de Nossa Senhora do Rosairo, do mosteiro de São Francisco, e daí ao mosteiro de Santo André, das religiosas de Santa Clara, que já pela mesma causa tinham feito outra procissão por dentro de sua crasta. Daí tornando à igreja de São Miguel donde se saíram, sendo já manhã clara. No qual tempo, tremeu a terra mais de quarenta vezes, tremendo também o sábado, no qual sendo horas de Ave-Marias se eclipsou a lua com ser cheia, do qual eclipse nenhuma fé deram em algumas partes da ilha, e também alguns da mesma vila desatinados com o medo, pelo que à tarde fizeram outra procissão com muitos géneros de penitências, aos mesmos lugares de antes, com pregação do licenciado Simão Pimentel na igreja Matriz, que se acabou à meia-noite, da qual até pela manhã não se sentiu mais tremor. Vindo a manhã do domingo, muitos se confessaram e receberam o Santo Sacramento, cessando algum tanto o tremor até a tarde em que começou a tremer outra vez mui impetuosamente, pelo que se fez outra procissão aos sobreditos lugares, amostrando-se o Santíssimo Sacramento ao povo na igreja de Santo André, mosteiro das freiras, concluindo-se já de noite na igreja Matriz, onde o vigairo frei Belchior Homem esforçou o povo com santas palavras e católica doctrina; até o qual tempo havia a terra tremido muito e mui rijamente. Mas, daí até a segunda feira, horas de véspera, esteve quase sem tremer na dita vila. Da dita segunda-feira, que era véspera do apóstolo São Pedro e das ditas horas de véspera, começou a tremer a terra mais horrenda e espantosamente que até ali, dando a todos pouca esperança de vida. De São Pedro, onde estavam cantando as vésperas, fizeram outra procissão até o mosteiro das freiras, onde se mostrou outra vez o Santo Sacramento ao povo e pregou o licenciado frei Pedro Mestre, consolando e esforçando a todos, como em tal tempo convinha. Estando pregando, deu a terra maiores tremores que os passados e fugindo alguns para o ilhéu, ficando outros, se acabou a pregação e procissão até a igreja Matriz, onde foi mostrado o Santo Sacramento, sendo já horas de completa, em que começou outra vez a tremer a terramui a miude e rijamente, de tal sorte que cada vez tremia com maiores e mais impetuosos abalos, pelo que todos, tendo maior medo e menor confiança de suas vidas, faziam muitas e diversas penitências, fazendo-se amigos os inimigos, perdoando injúrias recebidas, chamando-se irmãos uns aos outros com entranhável caridade e profunda humildade, não curando as mulheres de pompas, fatos nem ricos vestidos, sem haver então diferença entre ricos e pobres, nem entre nobres e plebeus; todos a necessidade em que se viam, tinham tornado huns (sic), maiormente porque quando os terremotos se sentiam, era a pressa tal que cada um, como quer que em sua casa ou em outra qualquer parte acertava de estar, assim se acolhia, sem mais atavio, nem aparato, nem companhia, as filhas sem mães, as mães sem elas, nem o marido à mulher, nem a mulher muitas vezes o marido acompanhava, cada um de si somente e ainda não bem se lembrava.

Estando na dita igreja e ao redor dela muito povo, cresceram tanto os terremotos que, com grande medo dela cair, fugiam a grande pressa os que dentro estavam para fora, havendo com isso grande ruído e desassossego e às vezes se pisavam e maltratavam muitas mulheres, velhos e mininos e outras pessoas fracas, com o qual era tanta a grita e tão grandes os brados, assim dos pisados e maltratados, como dos que pelo Senhor e sua misericórdia chamavam, que parecia romperem o céu e toda a Máquina parece que desencasada e destruída se vinha abaixo, o que dobrava desconsolação e diminuía a todos a esperança de vida; mas, consolou-os o seu vigairo, dizendo antre outras coisas para que fugiam donde estava o Senhor por quem eles chamavam, com que se tornaram a recolher para dentro, fazendo muitos modos de penitência e orações. Sendo horas de Ave-Marias, com cruas penitências, ordenaram alguns fazer uma procissão a Nossa Senhora da Piedade, freguesia do lugar da Ponta da Garça, uma légua da vila, ficando nela o mais povo em tanta opressão que, temendo de se subverter a ilha, se embarcaram em barcos alguns e muitas pessoas se botavam a nado ao mar, não temendo esse perigo, por evitar o que na terra tinham, acolhendo-se aos barcos e navios ancorados e ao ilhéu onde já estava muita gente acolhida, e para a cidade. Alevantando-se os navios carregados de gente, andaram muitos dias com muito trabalho de tormenta e fome, até tornarem a tomar terra e deles com a tempestade foram ter à ilha da Madeira, indo em uns mulheres e filhos, em outros os maridos e pais, em outros os filhos sós, de modo que primeiro que se tornassem a juntar passaram muitos dias.

Os que na vila ficaram foram em procissão ao mosteiro de S. Francisco e ao das freiras, tornando à igreja Matriz com muitas luminárias acesas, levando o vigairo nas mãos o Santíssimo Sacramento, e o padre beneficiado Frutuoso Coelho um crucifixo e o licenciado Jorge Barbosa Ferraz a bandeira da Casa da Misericórdia. Estando no mosteiro de S. Francisco, sendo passada mais de uma hora da noite, além de tremer a terra quase continuamente, deu então certos abalos e golpes tão grandes, que todos se tiveram por subvertidos, ouvindo uns estouros e estrondos tão horrendos e tão maiores que os da forte artilharia e dos furiosos raios, que não parecia senão que o céu se fendia, que duraram meia hora, em que toda a gente esteve com grandíssima inquietação, até que cessaram.

Mas, logo encontinente (sic) se armou e fez uma nuve (sic), como de fumo, ao noroeste da vila, cada vez crescendo tão obscura e mal assombrada que, estando a noite algum tanto serena e clara, a tornou tão triste e desairosa que a todos dobrou a desconsolação e medo, dando de si tristes mostras e aparências mui espantosas, variando-se com sua feia obscuridão em diversas figuras e mui horrendas; tão alta que parecia estar eminente e pendurada sobre a dita vila, não parecendo nuve, mas coisa fabricada para destruição das gentes, e assim parecia, que para nenhuma outra parte se inclinava senão para contra a vila, ameaçando e prometendo, com sua horrível figura, espantoso e cruel castigo.

Saindo a procissão do mosteiro de S. Francisco, vendo todos coisa tão feia que não parecia nuve natural, senão coisa viva que estava prometendo destruir e assolar a ilha em toda a qual se viu também, à tal hora, o horrendo monstro e todos cuidavam que sobre si a tinham, o mesmo cuidavam os que iam na procissão a Nossa Senhora da Piedade, do lugar da Ponta da Garça; porque esta segunda-feira, véspera de S. Pedro, duas horas da noite, chegando a procissão a uma cruz que estava no meio do caminho, meia légua da vila, entre as Amoreiras e a Ribeira das Taínhas, viram vir uma nuve desapegada que seria de trinta côvados de comprido e quinze de largo e trazia três pontas na dianteira, como mangas ou bocas de serpe; a qual nuve vinha da serra, da parte do norte, direita ao sul, e chegando em cima da mais gente, antes que chegasse, deitou pelas bocas muitas fusiladas de lume, sem trovoada, e se pôs em cima da gente com as bocas ao nascente. Vendo-a, todos se puseram de giolhos (sic) diante da cruz, pedindo misericórdia. Estariam assim tanto espaço quanto se poderiam dizer quatro credos devagar, e em todo este tempo a nuve não descansou de botar de si fusilada por todo o corpo dela, sem estrondo, que parecia que se abria o céu com fogo. Chegando com a ladainha a dizer — **Santa Maria, ora pro nobi**s, se abalou a esta palavra a nuve de cima da gente e se tornou caminho do norte com as três bocas diante, porque deu uma volta sobre a gente, como um navio, e virou as bocas, como proa, caminho do norte; e, em saindo de cima do povo, botou sem trovoada três relâmpagos tão espantosos que muita gente caiu como cega em terra, e se tornou a nuve para a serra donde viera, parecendo isto coisa sobrenatural. Daí a dois tiros até três de arcabuz, indo com a procissão, viu o povo na serra um sopro grande, branco, sem trovoada, com a terra tremer muito, e logo naquele instante começou a chover cinza. Chegando à igreja da Ponta da Garça, se acharam todos cobertos dela, indo cada um como se achava, mal vestido e sem concerto, sem pundonor, nem fantesia (sic), nem ter lembrança os pais dos filhos, nem os filhos dos pais, com o grande tremor que cada um tinha. A gente que vinha da outra banda em procissão, vinham cobertos de terra, como mouros, de outra cor e desconhecidos, sem ninguém os conhecer, caindo pedras que não tinham conto, muitas tão grandes como quartos e pipas, jarras e bolas, e tão bastas como a chuva quando chove, e dando na gente não morreu pessoa alguma, somente se achavam algumas escaldadas, queimadas e escandalizadas daquela quentura, mas não foi coisa que lhe fosse necessário curar-se. Algum gado ficava escalavrado, mas nenhum morreu disso, senão depois, que morreu muito de escorregar pelo cinzeiro e as ribeiras os levarem com o ímpeto da terra que levavam solta, porque, por pouca água que chovesse, levava tanta terra consigo que fazia muito dano.

Tornando a procissão que do mosteiro de S. Francisco ia para a igreja Matriz, onde todos iam desmaiados com o que viam, e ninguém de si parte sabia, senão em seguir os estandartes das cruzes de Cristo, Redentor nosso, em que levavam postos os olhos, sem olhar para a nuve com medo, nem saber a causa dela, a qual era um ardentíssimo fogo que na serra da dita vila ardia, e aquela mesma noite, quando se ouviram os sobreditos estouros, havia arrebentado e feito grandíssimas bocas, por onde respirava e botava mui grandes fusiladas e pavorosos raios e ardentes línguas direitas ao céu, as quais iam a dar na nuve e toda por diversas partes a acendiam e mostrava grandes fusiladas e mais que nenhuns ardentes coriscos, nem rutilantes cometas. O qual fogo, quando assim da serra saía, pela grande cópia de negro fumo e

obscuridão que sobre a superfície da serra andava, se não via senão quando depois na nuve dava e inflamada por todas as partes a fazia cintilar mui espantosamente, mostrando aqueles contínuos raios e ardentíssimos fusis, que muitas vezes contra natura do fogo tornavam a cair em terra, feitos línguas de fogo; pelo que ninguém julgava ser fogo natural e da terra, senão elemental e do céu, que Deus para castigar as culpas dos homens enviava, com que esperavam ser cedo cruamente abrasados e queimada toda a ilha, que não somente ela, mas também a de Santa Maria, sua vizinha, com o mesmo medo, cuidando seus moradores que somente sobre cada um vinha aquela nuve e castigo, faziam procissões para aplacar ao Senhor que viam tão irado.

Chegando a procissão do mosteiro de S. Francisco à igreja Matriz de S. Miguel, deu ao redor dela (como sempre) muitas voltas, sem cessar o ardente fogo de fazer seu ofício, antes cada vez mais mostrava sua fúria, pelo que entraram todos na igreja, determinando fenecer ali seus dias, tendo cada um por averiguado consigo ser aquele o fim. Tudo então eram gritos, desatinos e desacordos, pelo que o vigairo, tornando a tomar o Santo Sacramento nas mãos e os companheiros suas insígnias, saíram outra vez em procissão ao redor da igreja, sem deixar de tremer a terra, nem de cintilar o fogo. Sendo pouco mais de meia-noite, começou a chover uma mui alva e delgada cinza, assim como se a estivessem peneirando, por espaço de uma hora, tão quente que mal se podia sofrer, se no rosto ou mãos caía; e logo obscureceu mais a trabalhosa noite e ouvindo-se de quando em quando os estouros e urros sobreditos, começou com um áspero soído e grandíssima rugida a chover mui rijamente um basto e espesso polme da mesma cinza, tão teso que magoava muito onde dava e tão frio que fazia tremer a todos de enregelados, sem acertar o que diziam, e muitos com desacordo andavam emudecidos. Durou esta chuva de polme meia hora, que meio ano pareceu, a qual chuva acabada, ficaram todos cobertos e barrados, como que em caldeiras de cinza delida foram metidos, e tornou logo a chover como dantes a cinza miúda, seca e desfeita, como peneirada, sem o povo deixar de andar ao redor da igreja com sua procissão, até duas horas ante-amanhã, em que se recolheram todos à dita igreja, por mandado do vigairo, onde, depois de rezar matinas, disse missa do Apóstolo S. Pedro, sendo quase manhã.

Esta noite atribulada foi geral em toda a ilha, ainda que não choveu cinza igualmente em toda ela. E houve pessoas que afirmaram então ver muitos milagres. Uns diziam que viram a Virgem Nossa Senhora; outros o Corpo Santo, outros um altar com o Santíssimo Sacramento e outros outras coisas. Na dita Vila Franca, diziam alguns ver uma pomba branca, dizendo ser o Espírito Santo; outros afirmaram também tangerem-se os sinos por si. Amanhecendo o dia seguinte, que era festa do bem-aventurado S. Pedro, se acrescentou a desconsolação de todos, vendo-se melhor uns aos outros, cobertos de barro e polme daquela molesta cinza, que ainda em pó estava continuamente chovendo, sem cessarem os tremores de terra, mais acrescentados que dantes. E levando o Santo Sacramento fora, ao mosteiro de S. Francisco, estando lá, chegou a outra procissão que aquela noite fora a Nossa Senhora da Piedade, da Ponta da Garça, em que vinham todos descalços e cobertos também de polme e cinza. Vendo-se uns a outros, deram inumeráveis gritos de ambas as partes, porque quase se não conheciam. E amostrado o Santo Sacramento pelo padre guardião, frei Pedro Mestre, se foram em procissão à casa do Apóstolo São Pedro, por ser seu dia, onde se solemnizou sua missa e comungaram muitos, sem deixar de tremer a terra e chover cinza. Indo dali em procissão pelas ermidas, se pôs uma obscura nuve em cima, no ar, que assombrou toda a vila, e começou, além da cinza e chuva, a chover outra terra negra, feita em grão, à maneira de pólvora grossa, em grande quantidade e mui tesa, por espaço de um quarto de hora, na dita vila, ainda que nas outras partes durou muito, fazendo tanto obscuro que parecia noite, pelo que se recolheram à igreja Matriz. E logo obscureceu e eclipsou o sol mais de meia hora, em que estiveram todos em trevas, tremendo a terra espantosamente, quase sem intervalo.

Tornando a sair em procissão, com o Santo Sacramento, ao redor da igreja (sendo horas de sexta) tornou outra vez a chover terra negra em grãos, como pimenta, algum tanto mais grada que a primeira, por breve espaço, e sobre isso cinza em grãos maiores que chícharos e dela tão grada como avelãs, tão basta, impetuosa, quente e rija, dois terços de hora, que onde quer que dava magoava muito; o que vendo o povo, se ajuntou de giolhos em caracol ao redor do Santíssimo Sacramento, dando, envoltos em muitas lágrimas, grandes gritos e suspiros, tendo então a morte por muito mais certa, e todos desacoroçoaram, por mais que os esforçassem o seu vigairo e pregadores, Simão Pimentel e frei Pedro, dizendo que, posto que aquela agonia era tão forte, maior era a misericórdia do Senhor que a mandava.

Passou aquele triste ímpeto, com o qual todos cuidaram haver de ser subvertidos, e ficou como dantes, chovendo a cinza miúda e quente que soía. Alguns se recolheram à igreja, outros se acolheram fora da vila, onde passaram tanta e mais tribulação que os que ficaram.

Logo daí o padre frei Pedro Mestre, e outras pessoas se foram ao mosteiro das freiras, as quais com a dita tribulação se haviam já saído de seus aposentos e acolhido na sua igreja, donde foram em procissão a Nossa Senhora do Rosairo, passando pela igreja Matriz, onde estava todo o povo. E em continente veio outra mais obscura e negra sarração (sic) que as passadas, a qual outra vez obscureceu e cobriu totalmente o sol, ficando noite, sem se enxergar nas ruas coisa alguma, nem deixar de tremer a terra, ouvindo-se também, de quando em quando, aqueles aspérrimos estouros e pavorosos urros, com que já não havia quem coração nem sentido tivesse para novo medo receber, caindo muitas mulheres desmaiadas e amortecidas. Durou esta obscuridão e noite espaço de uma hora, que foi ao meio-dia, e geral em toda a ilha, tirando na cidade e daí para o ponente, onde não chegou; a qual acabada, tornaram as religiosas com algum povo a prosseguir sua procissão a Nossa Senhora do Rosairo, onde estiveram três horas sem tremer a terra, mas logo deu tão continos (sic) e repentinos abalos, que parecia toda a ilha se fundir, armando-se outra espantosa nuvem maior e mais obscura que nenhuma das passadas, que fez o sol e a claridade do dia noite obscura, sem se ver nem sentir mais que aqueles horrendos estouros e perigosos urros. Durou esta obscuridão, maior e mais horrenda, mais de uma hora e, em algumas partes da ilha, duas e três; após isso, espaço mais de duas horas, esteve tudo quase em paz, sem se sentir tremer a terra, nem coisa que medo causasse, somente a continuação da cinza que chovia; mas logo deu a terra dois ou três abalos mui violentos e juntamente certos estouros, como soíam, e veio outra obscuridade não menos temerosa e feia que as passadas, por espaço de meia hora, e esta foi a derradeira. Dali até noite (que seriam mais de duas horas de sol) esteve tudo em sossego. Já quase noite, se fez outra procissão, como soíam. E aquela noite seguinte, pela misericórdia de Deus, não tremeu a terra senão muito poucas vezes, em que as religiosas estiveram na capela da igreja, diante do Santíssimo Sacramento, orando por si e pelo povo todo. Sendo duas horas ante-amanhã, estancou e deixou de chover a cinza na dita vila, mas em outras partes da ilha durou mais.

Tanto que foi manhã, a quarta-feira seguinte, o vigairo que na igreja de S. Miguel com muito povo havia ficado, se foi com ele em procissão à dita casa de Nossa Senhora do Rosairo, onde disse uma missa cantada e recebeu muita gente o Santíssimo Sacramento. E apareceu ao noroeste a grandíssima e espantosa nuvem sem obscuridão, mas dando a todos terror e medo; a qual era de cinza que saía das ardentes aberturas e bocas de fogo, com cuja violência e furioso ímpeto, e com ligeiro vento, foi levada tão alta que, quando foi buscar seu natural assento, mui pouco dela, daquela vez, caiu na terra; mas foi cair mui longe, dentro no mar, onde nenhum dano fez.

Esta nuvem, quando logo saía da boca e aberturas da terra, ia-se enovelando direita acima, de cor negra, depois algum tanto mais acima mudava a cor, parecendo roxa e algumas vezes cintilava e mostrava raios de fogo, mas não muitos, e indo já mais alta não aparecia nela fogo e mostrava e fazia de si muitas e várias figuras, mas não medrosas: primeiro parecia ser um deleitoso bosque, cheio de muitas árvores e frutas, por toda a ordem prantadas; dali a pouco espaço, quando já era mais em cima, movida do vento e dando-lhe o sol, tornava-se mui alva, parecendo fina e cardada lã ou grandes arméos de algodão; depois parecia desfazer-se com o vento, mas quando por cima se desfazia, tanto por baixo ia crescendo outra vez, empinando-se de modo que nunca faltava, permanecendo sempre em uma grandura e altura todo o dia contínuo, e, aparecendo o sol claro, apareceu ela desta maneira. A qual todos os dias passados assim havia de ser, mas pela grande obscuridão se não via. Então se entendeu na dita vila a causa de sua aflição e tribulação ser fogo que na mesma terra ardia e não do céu como se cuidava e temia, não deixando alguns de cuidar que, posto que na terra ardia, do céu, por seus pecados, haveria descido e teria por outras partes toda a ilha abrasada.

Aquele dia todo se não sentiram tremores; pelo que as religiosas se recolheram a seu mosteiro. Mas, às quatro horas da tarde, querendo-se um homem passar por terra para a cidade e não podendo com a grande quentura do fogo que descendo da serra o abrasava, se tornou à vila com grande pressa e com gritos, afirmando, com o medo que trazia, que toda a ilha era abrasada e por todas as partes ardia e que pela parte do ponente vinha tão perto pela frol ([353]) da terra, queimando tudo, que brevemente seria na vila, o que fez grande alvoroço no povo e acolheram-se muitos, uns para S. João, outros para Nossa Senhora da Piedade, para a

qual parte não aparecia fogo, e os mais para o mar onde estavam já alguns barcos dos que levaram a gente para o ilhéu, fugindo uns com suas trouxinhas, outros sem nada, porque, como não tinham esperança de vida, menos conta faziam da fazenda. Não ficou pessoa que não fugisse, senão o vigairo, com o padre Frutuoso Coelho e Jorge Barbosa Ferraz, que sempre o acompanharam, e o padre guardião com alguns dos seus religiosos. Aquele foi o maior desassossego e desacoroçoamento e com mais desatino que todos os passados. O padre guardião fez tirar as freiras do mosteiro e levá-las em carros e cavalgaduras para a igreja de Nossa Senhora da Piedade, da Ponta da Garça, onde se recolheram. E já de noite, estando aí muito povo dos termos da vila, que com a tribulação se havia despovoado (pelo que na dita igreja e ao redor dela estariam mais de duas mil pessoas) a horas de Ave-Marias, começou outra vez de tremer a terra mui rija e asperamente, ouvindo-se de quando em quando os acostumados urros e estouros, e a nuvem branca se fez negra, cintilando monstruosamente, parecendo que botava de si fortes fusis e raios maiores dos que até ali se tinham visto, ouvindo todos uns tristíssimos uivos e grandes aulidos, e aparecia um espantoso fogo na nuvem mui longe que, por ser tão alta, na ilha de Santa Maria aquela mesma noite padeceram grande tribulação com medo dela, parecendo a todos então mais ser fogo do Céu, que estava sobre eles.

O vigairo que ficou na vila com seus dois companheiros e alguma gente que não pôde fugir e se tornou do porto para a igreja, fizeram uma procissão em que levaram o Santíssimo Sacramento, visitando as igrejas costumadas em que andaram até depois da meia-noite. E, rezando-se as matinas, se cantou missa e receberam alguns o Santo Sacramento, até que amanheceu.

Foi esta noite mais estranha e em tudo monstruosa, que nenhuma das passadas, e a toda a ilha a mais geral de todas, cuidando todos que sem falta acabariam, ou subvertidos dos montes que correriam, ou queimados do fogo que então aparecia mais que nunca.

Na Ponta da Garça, onde as religiosas e os mais cuidaram ter repouso, houve mais agonia, porque aí e daí para o norte e levante tiveram maior tribulação, por ser o vento oeste e levar para as ditas partes todos os raios e fusiladas do ardente fogo que da parte do ponente lhe ficava, as quais com as fachas e línguas caíam em terra e houve disso pessoas com os rostos e mãos chamuscadas. O padre frei Pedro e o pregador Simão Pimentel e outros padres, consolando as religiosas, fizeram também aquela noite procissão ao redor da igreja, com muitos penitentes e penitências. Na vila do Nordeste e seu termo, choveu muita cinza e pedras de diversas maneiras e desceu do dito fogo (que ainda aí cuidavam ser do céu) um raio e língua mui grande, entrando assim solta em uma igreja onde estava muito povo, e visivelmente se tornou nos olhos de alguns em uma figura horrenda de um bravo leão de fogo, e a outros, outras diversas formas, que parecia queimar toda a igreja e quantos nela estavam, dando muitos brados e espantosos rugidos, e logo desapareceu com grande espírito. Na dita vila caíram a mesma noite muitas casas e algumas igrejas, e em outras partes da ilha, como tinha acontecido à véspera e dia de S. Pedro, principalmente na vila da Ribeira Grande, onde aquela noite começou a cair o mosteiro das freiras, e pela manhã acabou de cair quase todo, mas em Vila Franca, nem igreja nem casa caiu, nem pessoa pereceu.

A quinta-feira seguinte, se fez outra procissão pelas costumadas igrejas e os que estavam na freguesia de Nossa Senhora da Ponta da Garça se tornaram para a vila sem ordem e sem acordo, cada um como podia, filhos sem mães, mulheres sem os maridos e viúvas sem companhia, sem pompas nem arreios, sem presunção nem gravidade, cobertas de cinza e banhadas de lágrimas. Também as freiras se tornaram e recolheram em seu mosteiro, o qual achando perigoso e destroçado, temendo mais mal por vir, se tornaram a sair dele no mesmo dia e se recolheram em uma honesta casa na mesma vila, até que cessou aquela tormenta e mandou Deus tranquilidade; e então se recolheram a seu mosteiro. Aquele dia todo da quinta-feira, não tremeu a terra senão a horas de terça, dando dois ou três grandíssimos abalos e juntamente alguns estouros dos costumados mui grandes, mas por ali cessou de tremer e estourar. Nem dali avante se sentiu mais tremor algum em nenhuma parte da ilha. Somente o domingo seguinte (como direi) se sentiram dois tremores grandes, pelo que tomaram todos alento, sem cessarem de fazer procissões. À tarde do mesmo dia, se fez outra procissão pelas igrejas que soíam e acabando de noite ficou a gente (como costumavam) dormindo na igreja Matriz, porque das casas se não confiavam.

Logo à sexta-feira, dia da Visitação, se fez (como era costume) procissão da igreja Matriz à Casa da Misericórdia da mesma vila, onde se cantou missa e pregou o licenciado Simão

Pimentel, em que persuadiu a todos que dessem ao Senhor infinitas graças e contínuos louvores pela grande misericórdia que com eles havia usado. E estando ainda no púlpito chegou o cura de Nossa Senhora da Piedade em procissão com muito povo, seus fregueses e outra gente da vila, todos descalços, homens e mulheres, como sempre faziam enquanto durou a tribulação passada, com cuja vinda houve novas lágrimas, sem saber donde já podiam manar tantas, pois todo o tempo atrás eram seus olhos contínuas fontes delas. Depois fizeram a procissão da Visitação costumada, com ladainhas, sem os alegres cantares costumados em tal dia.

Ao sábado seguinte, pela manhã, se fez uma procissão pelas igrejas costumadas, com o colégio dos religiosos como sempre, e à tarde outra.

O domingo amanheceu sereno e claro, ainda que depois choveu, e muitos dias dali por diante fazia o mesmo, e se fez outra procissão sem se levar o Santo Sacramento nela, mas mostrando-o ao povo. Dita a missa, se recolheram a suas casas todos, como hóspedes de novo nelas, onde, ainda que muitas ficaram abertas, nada nelas menos achavam, sem com isso ninguém ter conta, nem lhe lembrava comer, mantendo-se em lágrimas de coração porque, assim como a grande alegria tolhe a vontade de comer, assim também a imoderada tristeza mata a fome e cada um destes efeitos passa por mantimento àqueles que de coração os tem. A outros mais fracos, ministrava Deus por onde andavam com que se sustentassem. Estando descansados e descuidados, a horas de meio-dia, subitamente, com grande ímpeto, deu a terra dois grandes e violentos abalos, espaço de um quarto de hora entre um e outro, que nunca de tal sorte, nem tão espantosamente, havia tremido. E com os tais tremores, àquela hora, caíram muitas casas em muitas partes da ilha. Principalmente na vila da Ribeira Grande ficaram daquela vez muito poucas em pé e estas ainda todas arruinadas e abaladas. Na cidade e daí para o ponente, nem então, nem nos dias atrás, caiu casa alguma. Em Vila Franca, se fez outra procissão mui devota, como as outras.

A segunda-feira, se fez outra procissão à casa do Apóstolo S. Pedro e daí à casa de Nossa Senhora do Rosairo e pelos mais costumados lugares. E, começando todo o povo a tomar algum refrigério do trabalho passado, veio outro de novo, não tendo trigo segado, nem o podendo segar, pelo tempo chuvoso que fazia, nem tendo moinhos para o moer, por a passada fortuna ter atupida a ribeira dos Moinhos e alguns quebrados, pelo que cuidou a gente morrer à fome. Foram moer algum pouco trigo que podiam haver à vila de Água de Pau e ao lugar do Faial. Muitos se substentavam (sic) com ervas e peixe e carne do gado que matavam, por não perecer à fome e sede, pois os pastos estavam cobertos de cinza e as ribeiras secas e atupidas.

À tarde do mesmo dia, se fez outra procissão. Indo nela já de noite, saiu a lua que aquele dia era cheia; depois de sair, foi logo vista eclipsada em parte, sendo a metade dela, para a banda do sul, mui negra, e a outra metade, da banda do norte, clara e perfeita; na parte clara, com uma cinta preta que a partia em duas, maior a debaixo que a outra, à maneira da figura seguinte:

— A qual durou espaço de três horas ou mais, até ir já a lua alta, e então se desfez o dito eclipse e ficou clara, o que deu a todos muito terror e medo, julgando ser algum pronóstico de algum infortúnio e de todos perecerem. Da meia-noite por diante, choveu tanta água que parecia que todas as fontes do abismo se rompiam, tanto que saíram todas as ribeiras de seus cursos, e a ribeira que corre pelo meio da vila começou a trazer consigo grandíssimos e pesados penedos e muitos paus e grandes madeiros, trastornando (sic) por fora de sua concavidade e canal, trazendo também muita lama de cinza e pedra pomes miúda, feita polme, com grande fedor de enxofre. E da mesma maneira corriam, todas as mais, fazendo tão grande estrondo e ruído que fazia tremer toda a vila, pelo que toda aquela noite andaram em procissão pelas naves da igreja Matriz, que quase, com a muita água que chovia, estava alagada.

Saindo da igreja a terça-feira seguinte os que nela estavam, viram como a ribeira tinha feito muitas perdas e danos e alagados alguns pomares, hortas, canaviais e outras coisas que ao longo dela estavam, deixando tudo raso e acravado de grande multidão de cinza e pedra pomes, e semeado de grandíssimos penedos e de outros pequenos. Levou também as cimalhas e ameias da ponte e algumas casas de pastel, meles e alcaçarias, sem perigar pessoa alguma. Quebrou esta cheia a água de que a vila bebia, pelo que se deram todos por perdidos à fome e à sede, por não haver outra de que bebessem e todas as ribeiras correrem polme de cinza; mas, logo no dito dia, tornaram a trazer ao chafariz água clara. No mesmo dia

pela manhã, se fez uma procissão pelas igrejas e ermidas costumadas. Ao dia seguinte, quarta-feira, se fez outra; à quinta-feira, o mesmo; à sexta-feira, outra à igreja de S. Lázaro, arrabalde da vila, espaço de um quarto de légua; ao sábado, outra a S. João Batista, e à tarde se fez outra, como dantes soíam.

Domingo seguinte, se fez outra semelhante e outra à tarde, em que o vigairo amoestou (sic) que dessem graças a Deus pelos livrar da morte que cada hora diante de si viam, e conservassem as novas amizades e reconciliações que, quando se viram na necessidade, fizeram, dizendo que dali em diante faria uma procissão cada domingo, já que até ali tinha feitas trinta e duas grandes, afora outras feitas ao redor da igreja, que por todas passavam de quarenta, para que nos dias de serviço pudessem recolher as novidades. E ordenou uma confraria de S. Pedro, em cujo dia todos haviam visto a morte presente, de que Nosso Senhor os livraria, na qual todos os sacerdotes entraram por confrades e outras pessoas devotas, para que, já que Deus por sua intercessão lhes deixara as vidas, lhes desse também graça para que as emendassem.

CAPÍTULO LXXXIII

DO QUE SE VIU E ACONTECEU NA VILA DO NORDESTE E SEU TERMO, NO TEMPO DO SEGUNDO TERRAMOTO

Na dita era de mil e quinhentos e sessenta e três anos, a vinte e dois dias do mês de Junho, se sentiu na vila do Nordeste começar a tremer esta ilha e foi tremendo mansamente até uma segunda-feira, véspera do Apóstolo S. Pedro, que foram vinte e oito do dito mês, em que tremeu tão fortemente e tanto que caíram a maior parte das casas na vila de Água do Pau e da vila da Ribeira Grande, onde caiu o mosteiro das freiras e uma igreja de S. Pedro e uma ermida da Madre de Deus e quase todas as casas da Ribeira Seca. Logo no mesmo dia, uma hora e meia da noite, começou a terra, em toda a ilha, da parte do norte e sul, a tremer e a fazer um tom a modo de urro de touro, muito espantoso, e após ele deu um mui temeroso trovão, de tal modo nunca ouvido. E logo da parte do norte, desde a ribeira do Salto até o morro do Nordeste, que são nove léguas ao longo da costa, começou a chover cinza tão branca e miúda que parecia peneirada, e depois muita pedra pomes, tão grossa como avelãs, e daí para cima, até serem, em muitas partes deste espaço e léguas, tamanhas pedras como pipas, que caíam pela serra daquela comarca; mas, a maior quantidade eram como avelãs e nozes, e maiores dos matos para baixo, chovendo-as toda a noite da véspera de S. Pedro, até que foi manhã, que tardou por se o sol eclipsar, e sendo vinda se tornou o dia a fazer noite, das oito horas até às onze, ainda que em alguma parte destas dez léguas se viu o sol. E o dia seguinte de S. Pedro, que era terça-feira, se tornou a fazer noite muito obscura até uma hora e meia de dia, que tornou a dar uma claridade à maneira de labareda de fogo, chovendo em todo este tempo cinza e pedra pomes.

Tornou a anoitecer com uma noite muito obscura, sendo já dez dias de lua, a qual nunca foi vista, nem planeta, nem estrela que desse claridade, somente a noite que começou com muitos e mui temerosos trovões e espessos fachos de fogo, que punham grande temor, por serem tantos e tão contínuos que estava sempre o céu ardendo da banda do sudoeste, aos que estavam da parte do norte, e aos da parte do sul ficava esta nuvem que ardia em fogo da parte do norte e do nor-noroeste. Toda esta noite de terça-feira choveu pela costa do norte a dita pedra e cinza misturada com enxofre e lama, de maneira que ora vinham os chuveiros com pedra, ora com cinza, ora com areia e enxofre, ora com lodo muito fedorento, mais que um peçonhento lamarão de maré, que não havia, pelo grande fedor que tinha, quem lhe tivesse o rosto direito.

Desta maneira esteve a noite até que amanheceu a quarta-feira, trinta de Junho, em que foi visto o sol alumiando com a claridade e lume esbranquido (sic) fora de sua natureza, porque qualquer pessoa olhava com os olhos direitos para ele, como lua cheia, e sendo horas de meio-dia, da nuvem que estava da parte do sudoeste (que chamavam a dos castelos pelos ela ter e fazer aparências de castelos e pinheiros, sendo sempre tão horrenda e espantosa que não havia quem para ela olhasse, que não visse o mesmo inferno) começaram a vir correndo para a banda do norte e nordeste umas nuvens muito obscuras e negras, de modo que tolheram a claridade ao sol e foi-se tornando o dia em noite, o qual parecia a mais triste e obscura que nascidos no mundo viram; as quais nuvens começaram a dar muitos e espantosos trovões, misturados com bastos fachos de fogo, que parecia arder toda a ilha, chovendo muita e grossa pedra e lama mui fedorenta. Estando assim nesta obscuridade e trevas até uma hora de sol, que tornou a ser claro, com uma claridade azulada e amarela, como fogo de enxofre, e pela mesma maneira fedia e punha grande temor e espanto, tornando a anoitecer, foi a noite muito mais espantosa e temerosa que nenhuma, assim de muito obscuro e de muitos e amiudados trovões, grandes e terribeis (sic), e infinda chuva de pedra, que em toda a noite nunca um momento deixou de chover. Amanheceu a quinta-feira, primeiro de Julho, uma manhã triste e mui obscura, por todo o céu e sua redondeza, estando a nuvem dos castelos

mais feia que dantes, chovendo muita cinza, pedra e lodo, e ventando muito e espantoso vento sudoeste, até o meio-dia, em que estiou e deixou de chover pedra, mas tornou a chover da véspera por diante muita e grossa água, a qual fez grande e forte taipa nas terras com a lama e pedra pomes, de maneira que não se podia andar por cima, polas pedras ficarem tão calçadas com a lama, que pareciam aguilhões e pontas de diamães (sic); também com a água, se fizeram pelas terras muitos e bastos grotilhões pela pedra pomes e lama, os quais chegavam até à nossa primeira e boa terra, com a qual água e corrente se acabaram de perder as novidades de pão e de toda a sorte, que estavam as melhores que nunca foram de quarenta anos até então; de modo que ficaram as terras da parte do norte todas alagadas e as novidades acravadas, por ficar a pedra e cinza chovida, o mais baixo, de altura de três palmos e daqui para cima, até quinze e vinte, e nos matos muito mais, pela qual pedra, pó e lodo, toda a dita terra; assim de criações e pastos de gados e terras de lavranças ficaram tão perdidas que, segundo o parecer então de todos, nunca mais dariam erva, nem fruto, senão permitindo-o Deus por sua misericórdia.

Dentro nestas nove léguas assim alagadas, estão sete freguesias e a vila do Morro do Nordeste, que darão cada ano, uns por outros, trezentos moios de trigo de dízimo, o melhor e mais limpo de toda a ilha, afora pastel, cevada, centeio, milho e outros legumes. Era terra de muitas e boas criações de todo o gado vacum, cabrum e ovelhum, e muitos porcos e bons cavalos, e as frutas que dava eram todas como de Portugal. Com este dilúvio, morreram todos os pássaros de toda a sorte, havendo tanto número deles que faziam perda nas novidades, principalmente canários, sachões, mélroas e codornizes, que se metiam pelas casas entre a gente, como que pediam socorro e refúgio de seu trabalho e morte, o que também os coelhos faziam, vindo a morrer nas casas, e pelos caminhos os acharam mortos. E os pombos tomavam às mãos, sem se quererem alevantar nem fugir, e o mesmo faziam os gados.

Também nestes dias foi tanta e tão grossa a madeira que andava no mar, que do ar caiu das nuvens, que não tinha conto, com infindos gados de toda a sorte, o que tudo foi achado quarenta léguas desta ilha pelos navios que para ela vinham, dentro nos dias deste terramoto, pelo que parece claro serem levados pelo ar e não das enchentes, polas não haver senão à terça-feira seguinte, seis dias do mês de Julho, em o qual dia a lua foi eclipsada quase toda e choveu na serra, da parte do norte, tanta água que encheram as ribeiras em tal maneira qual nunca até então foram vistas encher. Nos dias atrás da quinta-feira, primeiro de Julho, foram achados muitos bois, cabras e ovelhas, o mesmo espaço de quarenta léguas desta ilha, por alguns navios que vinham do Reino para ela e acharam tanta quantidade de pedra pomes na dita paragem que vieram a dar em oito palmos de alto da dita pedra, e quase ficaram enxorados (sic) em seco, vindo com tormenta de sudoeste que não podiam trazer mais de uma vela; tanto que se viram enxorados na restinga da pedra pomes, que dizem seria tão larga como um quarto de légua e tão comprida como uma vista, dando logo todas as velas se não podiam sair, por os navios se não poderem bulir entre a dita pedra, pelo que lhes foi forçado às varas com força se lançarem fora dela, o que lhes foi a todos grande pavor e medo, cuidando ser a ilha alagada e metida debaixo do mar. Eram estes navios uma caravela de Alfama e uma naveta de Viana, que vinha carregada de vinhos, os quais, com outros muitos que do Reino para esta ilha vinham, disseram achar muita quantidade de cinza que lhe chovera à quarta-feira, derradeiro de Junho, e à quinta, que foi o primeiro de Julho; e a muitos choveu tanta que às pás a lançavam fora do convés, por se não alagarem, afirmando os pilotos e toda a mais companhia que seriam no tal tempo oitenta até noventa léguas desta ilha, achando também muita e grossa madeira com toda sua frança, que lhe pareciam navios alagados, tanta e tamanha era e toda retorcida. Toda esta madeira, pedra pomes e lama traziam as nuvens de um pico, que estava na serra sobre a ribeira da Praia e sobre a vila de Água do Pau, o qual ardendo fez uma boca de uma légua e meia em redondo com grande concavidade, sobre o qual estava sempre a nuvem dos castelos, e ao longo deste pico, entre ele e outros, estava uma grande alagoa, donde se presume que nasciam duas ribeiras, a da Praia e a da vila da Ribeira Grande, a qual alagoa secou e as ribeiras também foram quase secas, levando tão pouca água que por algum tempo não moeram os moinhos, assim de uma como da outra. Deste pico lavrou o fogo por debaixo do chão e foi dar em outro, que chamam o pico do Sapateiro, que está sobre a Ribeira Grande, da parte do norte, o qual começando arder a terça-feira, começou depois a correr dele uma ribeira de fogo pela Ribeira Seca abaixo até chegar ao mar, correndo mansamente como metal derretido, por fazer fio como alféloa, sendo pedra que estava fervendo e fazendo grande estrondo quando entrou no mar, onde fez um grande cais ou ilhéu de penedia, ficando, ali, e por toda a ribeira acima um bravo biscoutal da

feição dos outros biscoutos desta ilha, que pela mesma maneira em outros tempos correram. Depois, correu outra ribeira de fogo do dito pico, que acabando de resfriar ficou tudo o que corria feito pedra de biscouto, fedendo muito a enxofre.

Na vila do Nordeste e seu termo foram nestes dias vistas grandes e espantosas visões, terrores e medos, e se fizeram excessivas penitências, principalmente uma moça que as fez maiores que todos. Tão desmaiados andavam, que achando-se aí então o licenciado Rodrigo Afonso Azinheiro, juiz de fora na cidade, lhe foi necessário subir na igreja Matriz ao púlpito e dali como pregador consolar, esforçar e animar o povo e buscar bocetas de marmelada para repartir com os doentes do desmaio, porque ali choveu muita cinza e pedras de diversas maneiras e granduras e desceu do fogo que cuidavam ser do céu (como tenho dito) um raio e língua mui grande, entrando assim solta na igreja onde estava muito povo e visivelmente se tornou em uma horrenda figura de um bravo leão, todo de fogo, que parecia queimar toda a igreja e quantos nela estavam, dando espantosos rugidos, e logo desapareceu com grandes estouros. E na mesma vila caíram de noite muitas casas e algumas igrejas.

Na freguesia de S. Pedro da Lomba, termo da vila do Nordeste, onde as primeiras coisas atrás ditas foram vistas, se achou também Bartolomeu Nogueira, homem nobre e de grandes espíritos e animou e esforçou a gente, andando com ela sempre em procissões com a ladainha, servindo nisso, pelo vigairo da dita freguesia enfraquecer, por ser velho, com o temor do tal trabalho. E, indo um dia dos acima ditos, com todo o povo em procissão, para uma ermida de Santo António, que está na mesma freguesia, da qual a ela se metem duas grandes ribeiras, chegando no cimo da primeira, indo com a ladainha e todo o povo, grandes e pequenos, respondendo — **ora pro nobis** —, desceu da serra pela grota abaixo uma nuvem negra, espessa, horrenda e feia, e tanto que chegou sobre toda a gente deu um mui grande e espantoso trovão, caindo dela muito brazido e fachos de fogo, os quais eram paus que vinham ardendo dentro na nuvem; e ao dito Bartolomeu Nogueira caiu uma faísca sobre a mão esquerda em que levava as Horas de Nossa Senhora com que ia dizendo a ladainha, a qual deu tanto medo ao povo que logo quiseram fazer volta e tornar-se a recolher para a igreja de S. Pedro, onde era sua colheita, o que Bartolomeu Nogueira lhe não consentiu, persuadindo-os que fossem avante, seguindo sua romaria, porque aquilo era obra do demónio para os estorvar de sua devação (sic) e bom propósito. Tornando a caminhar, como dantes em sua procissão, a mesma nuvem começou a correr ao mar pela ribeira abaixo, com tanta obscuridão e fealdade que metia pavor, ficando o ar por detrás dela algum tanto mais claro. Chegaram à ermida de Santo António, donde acabadas suas orações se tornaram para a igreja de S. Pedro que era o seu castelo, onde, quando chegaram, já não viam o caminho. Nesta igreja estiveram sempre recolhidos desde a véspera de S. Pedro, em que começou a chover a cinza e pedra até que se acabou toda a tribulação e tempestade.

Estando recolhidos na dita igreja a horas do meio-dia, que estava tão obscuro que se não enxergava nada, apareceu fora na rua um lume como de uma candeia, em altura de uma lança do chão, o qual parecia azul e amarelo. E, sendo chamado o dito Bartolomeu Nogueira para o ver, saiu fora da igreja, e vendo-o mandou sarrar (sic) as portas por lhe parecer que podia ser alguma lucerna reverberada do lume que dentro estava. Mas, antes de as sarrarem, a dita candeia entrou pela porta e foi correndo por cima da gente como um foguete, sobre cujas cabeças fez dois lumes, um para baixo, e outro para cima, e no meio deles ficou uma meia lua e sobre ela um vulto de grandura de dois palmos, com as vestiduras brancas e o manto preto, como de S. Domingos, o qual vendo todos mui claro, chamando uns que era Nossa Senhora do Pranto, e outros pelo Corpo Santo, mas afirmando-se mais que era Nossa Senhora do Pranto (cuja ermida está na dita freguesia, de que os moradores são muito devotos pelos milagres que muitas vezes lhes faz), chamavam a grandes brados por ela, que lhes valesse em tal aflição. Visto isto assim, pela maneira dita, logo o dito lume se tornou como entrou, em modo de foguete, a pôr no lugar onde aparecera e daí a um momento desapareceu; cuja vista deu boa esperança a todo o povo com as palavras de consolação e esforço que o dito Bartolomeu Nogueira lhe dizia, o qual, todos aqueles dias trabalhosos e obscuros, tinha cuidado de mandar subir gente acima do telhado da igreja de S. Pedro, com tábuas e algumas pás e com as telhas a descarregá-lo da cinza e pedra que de contínuo em cima lhe estava chovendo, o que, se não fizera com tanta diligência, sem dúvida caíra e matara a mor parte do povo que dentro sempre estava.

Seriam passados cinco ou seis dias deste tão trabalhoso dilúvio, quando o mesmo Bartolomeu Nogueira ordenou com todos (pelo que viram) que fossem em procissão a Nossa

Senhora do Pranto, cuja igreja acharam toda alagada, com a porta aberta por onde se alagou, e tinha cinco palmos de alto de pedra, lodo e água dentro, como nas paredes está bem matizado, em que se mostrou como um milagre para sua consolação, que foi ficar o altar todo enxuto pela dianteira e lados, sem chegar nenhuma água, lama nem pedra ao frontal, nem a parte alguma do altar, estando pelas paredes de toda a ermida, até por detrás dos lados do altar, um risco, como feito com régua, que mostrava a altura de água que nela tinha entrado, de que todos pasmaram e louvaram a Deus, por verem que a água não ousara de chegar ao altar da Senhora e lhe tivera reverência. Dali a três dias, a tornaram a despejar de toda a pedra, cinza e lama que dentro tinha, que era em muita quantidade. E a descarregaram de cima, maravilhando-se como não caíra com tanta carrega, que tirada de cima ficou o telhado igual da terra, pela muita que se despejou dele.

Outras muitas coisas foram vistas, por muitas pessoas, de prodígios, figuras e fantasmas, que seria longo processo contá-las.

Também indo sete homens da freguesia da Chada Grande, em romaria à dita casa de Nossa Senhora do Pranto, e tornando a horas de meio dia, se lhe fez o dia noite, muito obscuro, e indo em uma ribeira, que se chama da Mulher, chamando eles pela mesma Senhora donde vinham, por não verem por onde ir, de improviso se lhes pôs nos bordões a cada um uma claridade de candeia, com que se viram uns a outros e puderam caminhar, até se tornarem para sua freguesia.

No lugar da Chada Grande, estando o vigairo um dia, mais obscuro que a noite, dentro na igreja recolhido com todo o povo, com a porta principal sarrada e a travessa aberta, não se vendo nem conhecendo uns a outros, senão pela fala, fora da igreja e dentro nela, com a claridade dos círios e tochas, até vésperas em que, tornando já claro, viram todos pela porta travessa entrar uma coisa à maneira de nuvem grossa e negra, redemoinhando e foi até o cruzeiro da dita igreja; daí tornou para trás até meio dela, onde inchou como uma grande botija e arrebentou, dando tão grande estouro como uma bombarda, lançando fogo de si, a modo de labareda quando dispara algum tiro, de que a gente toda ficou pasmada e fora de si e uma mulher quase morta, dizendo depois que a força daquele fogo a derreara. E ao dito vigairo deu aquele ímpeto nos peitos. Nestes lugares da Chada Grande, Achadinha, Fenais da Maia, Maia e Porto Formoso se fizeram muitas procissões e penitências, e na Maia andavam os meninos em procissão, todos nus, no tempo desta angústia, pedindo a Deus misericórdia.

CAPÍTULO LXXXIV

DO QUE ACONTECEU NA VILA DA RIBEIRA GRANDE, NO TEMPO DO SEGUNDO TERRAMOTO

Não se podem perfeitamente contar em todos os terramotos estranhos e nunca vistos que aconteceram nesta ilha de S. Miguel na era de sessenta e três, atrás dita, havendo passado muitos, cada ano, por serem próprios e coisa natural a todas as terras marítimas, mormente a ilhas que estão cercadas de mar. E tampouco se pode dizer o incêndio que, com os mesmos terramotos, se seguiu nesta ilha de S. Miguel, nas partes já ditas e na vila da Ribeira Grande, de que agora direi, porque universalmente foi uma opinião de morte à ilha; pelas terribilidades que se viram, persuadiram-se todos que haviam de morrer e que tudo se acabava, porque, com menos mostras, havia quarenta e quatro anos, no de vinte e dois, atrás dito, que no mês de Octubro, na noite de S. Hilarião, abade, com um terramoto, arrebentou um monte sobre Vila Franca do Campo, principal povoação desta ilha, o qual, com a veemência do espírito e exalação que saiu, súbita e juntamente, pelos poros da terra, sem abrir boca alguma desde a concavidade onde estava, arrevessou, ou, por melhor dizer, sacudiu a faldra do dito monte tanto lodo, feito polme, que quase em um momento alagou a dita povoação, sendo a melhor, mais fresca e mais deleitosa de todas as ilhas, em que morreu toda a gente sem escaparem mais que os que atrás tenho dito. Naquele primeiro terramoto, o terror foi súbito e teve o medo subsequente e não precedente, como este segundo. No primeiro, sem Deus ameaçar, castigou e morreram quase todos; neste segundo, ameaçou a todos e não morreu nenhum. Mas, foi tão terríbel medo da ameaça, que o centro da ilha ardia, a terra tremia, o mar se embalançava e o ar roncava com o rumor desvairado do estrondo das pedras que a boca aberta lançava para riba, como furioso trabuco. Os ânimos dos homens e a palavra se lhe encolhia de horror; tudo lhe era uma semelhança do juízo final e assim o julgavam alguns doctos e quase todo o vulgo ignorante.

O medo foi comum em toda a ilha, como foram os terramotos e espectáculo de fogo que ameaçava a todos. Mas, particularmente em cada povoação, se sentiram e viram novidades que nas outras não passaram; e assim se não pode contar tudo.

No ano sobredito de sessenta e três, na vila e termo da Ribeira Grande, uma sexta-feira, vinte e cinco do mês de Junho, no princípio da noite, pouco mais de uma hora, se começaram a sentir tremores pequenos e amiudados (afirmam muitos que já os dias atrás os sentiam) e não fizeram tanto espanto pelo costume que têm de os sentirem quase todos os anos. Mas, na perseverança depois (porque antes de ser meia noite tremeu a terra mais de trinta vezes notavelmente) o povo, também confuso e com sobejo espanto, se alterou, mormente lembrando-lhe o terramoto e dilúvio de Vila Franca. Chamaram por Deus e acolheram-se aos templos a ordenar procissões, as quais frequentaram muitos dias, não ousando confiar-se das próprias casas, porque toda a mesma noite e o sábado seguinte não cessaram os terramotos, antes iam em crescimento, assim na frequência como na quantidade, e o que mais era de temer que, ainda que os terramotos tinham intervalo nos grandes abalos que faziam, a terra não deixava de cernir e tremer.

Chegada a tarde da segunda feira, que era véspera de S. Pedro, vinte e oito do mesmo mês, com duas ou três horas de sol, eram os terramotos tão grandes, crescendo cada vez mais, que se foram os sacerdotes à igreja Matriz e, fazendo tanger os sinos, se ajuntou todo o povo, sem ficar pessoa alguma nas casas e começaram a fazer uma solene procissão que, saindo pelo adro com grande pranto e medo de todos, se iam abraçando uns a outros, pedindo perdão de ódios de muitos anos. E assim chegaram ao mosteiro de Jesus (e sempre a terra tremendo, sem nenhum repouso) onde não acharam as freiras dentro, senão na segunda cerca, todas trespassadas de medo. Ali se começaram ouvir grandes urros e vozes a modo de

trovões, de tal maneira e tão temerosos que quase todos pasmavam de espanto e não parecia senão que o mundo se acabava. Tornando a procissão, se iam as mulheres com grandes lágrimas abraçando umas com as outras, e os homens o mesmo, uns com outros, pedindo perdão como dantes.

Passando a procissão pela ermida de Nossa Senhora da Concepção e chegando à de S. Sebastião, para consolar e animar o povo, pregou o doutor Francisco Bicudo, assentado em uma cadeira sustentada por dois homens, para não cair, por causa dos grandes abalos que com o tremor a terra dava; e, entre outras coisas, disse que se não espantassem de tremer a terra, pois era coisa que muitas vezes acontecia; que aquela noite passassem fora das casas, pelo perigo que havia estando dentro nelas; amoestando a todos que se confessassem e arrependessem de seus pecados, para assim aplacar melhor a ira de Deus.

Acabada a procissão, porque os terramotos iam crescendo, o povo não guardando ordem, nem sossego, se derramou por uma e outra parte e em magotes ordenaram suas procissões com cruzes que tomavam das ermidas, e sem mais **ora pro nobis** davam brados e gritos, levantando as palmas a Deus, somente dizendo: — Senhor Deus, Misericórdia, Jesus, Madre de Deus.

Se aquele dia atrás foi assás triste, a noite o foi muito mais, na qual, pelo perigo, tanto se fugia de entrarem nos templos, como dantes nas casas, ou mais. Logo do princípio da noite em diante, se sentiu diferença nos terramotos que, além de serem muito bravos, por baixo da terra sentiam correr coisa de muita quantidade e com desacostumados estrondos e veemência, porque parecia correr pelas concavidades da terra toda a artilharia do mundo e, como os grossos pelouros de bombardas vão ondeando pelo ar, assim se sentiam outros muito maiores ir ondeando por baixo da terra, do mar contra a serra da mesma vila. E o que se sentia claro era fazer a terra seus movimentos do sul para o norte e do norte para o sul, tão grandes e com tanta ligeireza que parecia uma leve barca sobre as águas que com mãos ligeiras se move e torna a recolher, tais eram os balanços que dava. Quando parecia que queria repousar (ainda que nunca repousava) fazia movimentos para os lados e, por serem contrários, faziam arruinar todas as casas, como de feito até a manhã se assolaram quase todas, e as que ficaram em pé, tão abertas que não era seguro entrar nem habitar nelas. Guardou Deus a igreja Matriz, que é de Nossa Senhora, mas ficou toda aberta. E a torre dos sinos, forte e de caracol, também abriu e ficou tão desbaratada que para se tornar a fazer é necessário derribar grande parte dela. Nem podia ser menos, pois os sinos que estavam nela por si davam repique aquela noite, tal era o movimento que padeciam.

Estando a cousa nestes termos, se sentiram grandes estampidos na serra e foram tais que por sua grandeza privaram o sentido a todos de não poderem discernir onde podia ser e julgavam Vila Franca ser subvertida, como já da outra vez fora. A este tempo estava muita gente da vila nos campos, ao redor dela, e outra mais quantidade alojada em magotes nos biscoutaes de Rabo de Peixe, seu termo.

Sendo já meia noite, se viu na serra de Vulcão uma nuvem mui espessa e negra, tão alta que parecia comunicar com o céu, e assim nos básis e pé dela, como no mais alto, e por toda se viram tantos cometas e com tantos e tão ligeiros discursos, que logo na primeira vista, assim os populares, como os que alguma coisa entendiam, cuidaram ser fogo do céu, para castigo universal de todos. Não vejo cousa que com isto se compare, dado que seja mui pequena a respeito do que se viu, senão os disbarates que os moços fazem de pólvora com papel complicado de muitas dobras, que com lhe darem fogo dão muitos estoiros e mui ligeiros saltos, mostrando muitos foguetes. Assim eram os que pareciam na nuvem, mas mais perspícuos e com tantos dilates que bem pareciam forjados de mão muito forte, nem se podem pintar aos ouvidos com palavras, porque foram muito dificultosos aos olhos de quem os viu.

Saiu esta nuvem da serra contra o vento, que era nor-noroeste, e tão súbita por sua ligeireza que ninguém a viu sair, mas daí a pouco espaço se entendeu claro que da serra saíra, pela fusilada e raios de fogo que viram sair do pé da nuvem e por muitas torres de fogo que viram levantar após isso; pelo que caíram logo na conta que a serra havia arrebentado e que os espíritos e exalações e fogo lhe faziam a guerra e tinham achado saída e evasão por ali. Em alguma maneira se confortou algum povo avisado disto. Mas assim como, com a força da matéria que subia, se ia ampliando a abertura, assim o fogo se mostrava mais e com maior estrondo e artilharia, de que nasceram novos tremores. Ajudava a isto que, quando havia de disparar debaixo algum grande penedo ou matéria muito grossa (os quais deitava muito

grossos, como se depois viram) e não podia caber facilmente pelo orifício e abertura, padecia o fogo e espíritos repulsão atrás para a vila e logo sentiam, após o estrondo, tremer e mugir a terra, e por baixo grande soltura e corrida, como de coisas que se arrancavam e faziam força para sair. E, sem dúvida, ainda que aquele fogo na serra se via por toda a ilha e com o mesmo espanto, e aquela nuvem, e os foguetes e fusilada que faziam, ameaçava a todos e por sua altura parecia que estava sobre todos, todavia o mal carregou para a vila da Ribeira Grande e nela sentiu mais. A prova disto é que, estando Vila Franca bem perto da mesma serra e padecendo lá iguais medos, não se sentiram nela os estrondos por baixo da terra, que digo, nem se arruinou alguma casa, ficando a vila da Ribeira Grande quase de todo assolada. Também, demorando a ilha Terceira desta ao noroeste trinta léguas, tremeu lá a terra então notavelmente, o que foi porque as cavernas e comissuras da terra, em que estava a matéria em que acendeu o fogo, carregava para a parte do norte e, assim como se foi despejando a matéria do fogo, assim afloxaram (sic) os terramotos algum tanto, dado que grandes e muito frequentes, que não parecia senão que o céu chovia fogo, água, ferro, sangue e morte. Com o terror dos trovões, como de artilharia, e com a fumaça e o fusilar do fogo e mistura da grita da gente, parecia um vivo inferno, sem uns e outros se poderem ouvir, por tudo ser uma confusão e obscuridão de fumaça, porque o fogo arrebentado, e subido o fumo e nuvem começou a fazer uma obra que dava semelhança de inferno. E de quando em quando, entre aquele grosso fumo, apareciam uns relâmpagos envoltos com a trovoada que procedia deles, tão temerosa aos ouvidos e espantosa à vista, que assombrava a gente; o que não parecia tudo aquilo sombra nem sinais do dia do juízo, senão o mesmo juízo presente, como muitos, até alguns letrados, creram e cuidaram. Representando pois tanto o dia do juízo, fusilando fogo, vaporando fumo e atroando os ares com estas cousas e com os enxames de árvores que andavam nos ares, andava a gente sem cor e sem sentido, como morta de medo. Tudo era uma confusão na vista e nos ouvidos de todos e se a terra com grandes abalos tremia, maiores tremores e abalos havia nos corações da gente. Finalmente, tudo era um grito e nas procissões pedir a Deus misericórdia, sem uns dos outros se acordarem, nem pai de filho, nem casado de sua mulher, nem mulher do marido, nem filhas de suas mães. Tão derramadas andavam as ovelhas sem pastor, que muitas nobres, formosas e virtuosas moças se trasmontaram para longe e algumas foram ter à cidade, indo em tal tempo mais seguras sós, que em outros acompanhadas. Tudo era enfim uma obscuridão e fumaça de morte, pelo qual a gente antes que fosse manhã e por verem a vila destruída, a despovoaram com pranto assás; o que as religiosas de Santa Clara da mesma maneira fizeram, como adiante direi, indo-se, como gado sem pastor, caminho da cidade, deixando seu mosteiro posto por terra, que para todos foi grande mágoa. E conquanto a noite foi de sobejíssima aflição e de tanto desatino que cada um perdia o cuidado de si sem conselho, quanto mais de outrem. E houve pessoas que falavam desatinos, como doidos; contudo, sabendo que as religiosas eram idas daquela maneira, choraram seu mal por maior.

Esta serra de Bulcão é a mais alta e está no meio de toda a ilha, pelo que dela se notam duas coisas: uma, que quis Deus pôr ali aquele espectáculo de fogo com que ameaçou a todos, para nossa emenda, porque em outra parte não pudera ser tão manifesto; a outra, que quem lhe pôs nome Bulcão, que quer dizer fogo, ou deus do fogo, na imposição de tal nome pronosticou o que havia de ser.

Também se podem notar outras muitas coisas e dar muitas graças a Nosso Senhor que, irando-se dos pecadores, juntamente há misericórdia deles. Uma é que, saindo a matéria da abertura com tanta cópia que cobriu a maior parte da ilha, assim de cinza como de pedra pomes e penedos, que a veemência do fogo lançava tão grandes como uma casa, uma e duas léguas apartados da boca por que saíram, com que pereceu muito gado e os matos ficaram cobertos e destruídos, todavia não pereceu alguma criatura humana.

Na mesma noite de S. Pedro, se viu levantado no pé da nuvem um globo de fogo que parecia na vila da Ribeira Grande, (que está légua e meia dele) tão grande como a maior mó que há de lagar de azeite, e, levantado tanto como duas lanças, o viram tornar para baixo; parece que, por ser grande peso, a força não pôde mais com ele e por sem dúvida se tem que era calhau de desproporcionada grandeza. A cinza que saiu, por ser mais leve, se levantou no ar, da qual como fumo se fazia aquela nuvem que disse, e depois se espalhou e encheu todas as terras que estavam derredor, duas e três léguas. Mas, a pedra pomes, por ser de mor quantidade, com a força caiu pela vila do Nordeste, que estava nove léguas e lá encheu todas as terras e as da parte do norte, de maneira que por alguns anos ficaram estériles, nem sofriam cultura, até que foram limpas a poder de homens com enxadas e águas. Perderam-se também

todas as searas daquela parte de Vila Franca, que naquele tempo estavam ricas e tão grandes que se não podiam ver mais formosas, louras e chegadas à foice. Cobriram-se também as terras, matos e comedias de gados, e do gado pereceu muito, e o que escapava, bramando, se vinha acolher à gente, por mais bravos que fossem, tão domésticos como cavalos.

Aquela noite, da mesma parte se viram mortos, assim da pedra pomes, que não entendiam donde vinha, cuidando que caía do céu, como de uma cinza e fumo que os afogava, e lhes fez o dia seguinte tanta obscuridade que podemos dizer que tiveram as trevas palpáveis de Egipto. Também caiu muito cinzeiro na vila da Ribeira Grande e houve trevas de dia, mas não duraram muito por causa do vento que as desviou. Subiu tão alta aquela nuvem de cinza e fumo, que caiu além de Braga parte dela. A pedra pomes foi em tanta quantidade que igualou a serra, sendo muito fragosa e de grandes quebradas. Muita caiu no mar, e alguns homens, vindos de Portugal, quarenta léguas desta ilha, acharam restingas dela tão grandes que lhe não podiam ver cabo em muitas horas, e tão grossa e alta que tinha oito palmos em montes, como areias gordas, onde se tiveram por perdidos.

Ao dia de S. Pedro, amanheceram na dita vila e pelos montes muitas casas caídas e as paredes dos caminhos até o chão, de uma banda e da outra, sem ter a gente por onde passar. Da igreja Matriz, caiu a cruz de pedra que estava no frontespício, que com os grandes tremores parecia que punha a ponta no chão. Caiu a ermida da Madre de Deus, sem ficar pedra sobre pedra, e toda a igreja de S. Pedro da Ribeira Seca ([354]), termo da dita vila, com quantas casas nele havia, sem deixar de tremer todo aquele dia e o fogo da serra fazer grande terramoto, e a nuvem no ar grande espanto, alumiando e dando claridade com seus raios e fusis, sem deixar de dar espantosos urros, com grandes e insofríveis fedores que saíam daquele fogo alevantado na serra, caindo infinita cinza e enxofre, que todo o mato e picos cobriu de tal sorte que não apareciam paus, nem rama. Também se alevantou muito vento que trazia nos ares aquela cinza, com que cobriu toda a vila, ruas, praça e telhados. E então se acabou de despejar a dita vila, sem ficar pessoa nela, porque todos fugiram para diversas partes, sem esperança de nunca mais a tornar a povoar. Era o vento sudoeste, que foi deitando a cinza e pedra pomes do mar até à serra, desde o lugar do Porto Formoso até à Lomba de S. Pedro, em altura de cinco, seis e mais palmos, e acravando todas as serras, pelo que os moradores daquelas cinco freguesias, Achada Grande, Achadinha, Fenais da Maia, Maia e Porto Formoso, que poderiam ser mil e quinhentos fogos e duas mil almas, vendo as casas acravadas, as searas perdidas, os gados mortos e perdido quanto tinham (havendo entre eles alguns tão prósperos e ricos que perdeu cada um mais de cinco mil cruzados, como foi Luís Fernandes da Costa e outros), deixaram seus assentos e terras, fugindo para a cidade da Ponta Delgada.

A quinta-feira, primeiro dia do mês de Julho do dito ano, depois de véspera, se alevantaram muito grandes terramotos e fusiladas, com grandes arruídos, e desceram pela ribeira do Salto abaixo contra o mar. Então tiveram todos para si que eram perdidos, por lhe parecer que viam os diabos naquelas nuvens, botando muitos fusis de fogo. Um Afonso Luís, homem velho, que morava na Ribeirinha, termo da Ribeira Grande, e um moço, filho de Sebastião Álvares, morador na dita vila, afirmaram que viram ir mais de quarenta mil demónios nas nuvens que iam muito baixas, vestidos de muitas cores, atirando com fogo uns aos outros, caminhando contra o mar, e que detrás deles ia um homem, grande de corpo, com vestiduras brancas, que levava na mão uns azorragues com que lhe ia dando, levando-os diante de si até os deitar no mar, com aqueles grandes arruídos e alaridos que iam fazendo, e, como chegaram ao mar, logo o fogo na serra deixou de dar os acostumados brados e a terra teve algum pequeno descanso, sem tremer tanto como dantes; pelo que creu o povo que aquele homem vestido de branco seria o Arcanjo S. Miguel, padroeiro da ilha, que em favor dela açoitaria e deitaria fora os ministros do inferno. Mas, o que mais com verdade se pode crer, é que começando-se a desfazer a grande e temerosa nuvem que a todos assombrava, na parte dela que o vento levava para o mar ia infinidade de árvores chamuscadas, que a força do fogo tinha alevantado do mato e deitado pela boca fora do lugar donde arrebentou, cujas raízes pareciam cabeças com cabelos e os troncos chamuscados, corpos negros e as ramas, pés e braços, sendo árvores e não demónios, como depois se acharam no mar infinidade delas. Mas a gente, com aquele falso entendimento, algum tanto descansou e perdeu o medo.

A sexta feira, dois de Julho, dia da Visitação de Santa Isabel, se tornaram alguns já mais quietos à vila da Ribeira Grande, e fizeram a procissão solene, costumada cada ano. Mas,

sendo já perto da noite, se tornaram a alvoroçar com medo, por um novo fogo que, com grandes terramotos e labaredas, se alevantou em um pico junto da dita vila, como agora direi.

CAPÍTULO LXXXV

COMO DA PARTE DO NORTE COM FORÇA DE FOGO ARREBENTOU OUTRO PICO, CHAMADO DO SAPATEIRO, PERTO DA VILA DA RIBEIRA GRANDE; ONDE SE DECLARA A ORIGEM DOS BISCOUTOS QUE HÁ NESTAS ILHAS E DA PEDRA POMES

A serra do Bulcão, onde ardia o fogo que tenho contado, estava quase tão perto da Ribeira Grande como da Vila Franca do Campo, e todas águas vertentes para a banda do norte, cujo cinzeiro e pedra pomes lhe cobriu, secou a atupiu as ribeiras e fontes, sem lhe ficar água que beber, e a grande, dos Moinhos, que corta a vila pelo meio, atupindo as moendas, o que deu grão trabalho de sede e principalmente de fome, não somente à mesma vila, mas também à cidade de Ponta Delgada, que outras moendas não tinha, sem lhe cair a pedra pomes, nem cinza grossa, no povoado nem terras feitas, senão muito pouca, que cobriu as ruas e telhados; e nenhum dano fez mais que, vendo um dia um Herculiano Cabral, sacerdote, beneficiado do lugar de Rabo de Peixe, seu termo, ir da dita serra um nevoeiro dela ao longo do chão sobre a dita vila, cuidou que corria terra sobre ela e que a subvertera, e assim o parecia. E levando esta nova à cidade houve nela grande alvoroço, tristeza e pranto em todos e muitos mais naqueles que tinham lá seus parentes e amigos, tendo para si que eram todos mortos. Mas não recebeu dano a dita vila, nem com esta nuvem de cinza, nem com a que sobre ela choveu miúda como peneirada, porque ficava ao noroeste do dito fogo e monte abrasado, e daí pela maior parte foi o vento, todos aqueles dias tristes.

Na dita vila da Ribeira Grande, apartado algum pouco dela para a banda do sudoeste, está um pico, chamado do Sapateiro, por em outro tempo ser dum oficial deste ofício, o qual pico, por ter junto de si e por baixo no seu centro os mesmos materiais de enxofre, caparosa, salitre, rosalgar e pedra hume, como ali perto dão mostras as Caldeiras, que acima da vila fervem, e os fumos que de outras furnas há muitos anos saem e das terras que por ali vão ardendo, pelo que se chamam os Fumos, e porventura também por se comunicar algum vieiro do outro pico das Berlengas (que ardeu e arrebentou) por algumas cavernas da terra, com este pico do Sapateiro, ardendo o das Berlengas primeiro e tremendo a terra com aqueles contínuos abalos e horrendos tremores que tenho dito, foi forçado que este pico do Sapateiro, seu vizinho, se acendesse e alterasse e buscando também violentamente porta e saída para resfolegar com a brava guerra que dentro em si tinha e o outro lhe incitava, começou a fazer maiores tremores e estrondos que todos os passados, que toda a ilha abalavam, mas na dita vila, como mais vizinha, mais se sentiam. A dita sexta feira, dia da Visitação de Santa Isabel, dois de Julho da dita era, em que começou a abrir o dito pico do Sapateiro, fazendo em si grandes gaivas e causando maiores medos, abrindo no seu cume uma furiosa boca por onde com grandíssimas e altíssimas labaredas de fogo (acompanhadas com tão furiosos estrondos que causavam agonia e espanto a toda a ilha) botava para o ar muitas pedras mui altas, algumas tão grandes como meias casas, outras tão compridas e quadrangulares como grandes caixas, outras como trouxas de muita roupa, outras como lavradas para cantaria de algum edifício, e outras, sem medida nem feição, ásperas e toscas. E todas moles, abrasadas em vivo fogo, que depois de arrefecidas se tornavam de várias cores. Mas não saíram dali nenhumas pedras pomes grandes nem pequenas. E, como este fogo se abriu, o primeiro começou a abrandar; foram as chamas em crescimento tão grande e saíam com tanto soído, tão altas, que bem parecia a veemência do esprito que as espertava.

Ardendo assim na mesma fúria, parecendo primeiro grandes faxas e línguas de fogo, o domingo seguinte à tarde deitou pela boca e abertura do cume, com estrépito terríbel, uma grandíssima bola abrasada e começou a correr de cima uma grande ribeira de fogo em uma matéria fundida que parecia vidro ou alcatrão derretido. E correu para o nascente por uma grota abaixo, que estava junto do mesmo pico, em grande cópia como um rio, até chegar ao mar, indo muito devagar e, por onde quer que passava, queimava e destruía quanto achava,

assim de silvas, matos, árvores mansas e bravas, canaviais e pomares que nela estavam, como qualquer outra matéria que achava disposta, e assim as lambia como estopas, lançando de si grandes fedores de enxofre. E nisto se deve louvar muito Deus, Nosso Senhor, que como misericordioso Pai se lembra dos pecadores, que não deixando este fogo coisa seca nem verde que não gastasse em um momento, por ser grande e como um ferro abrasado. Todavia, chegando aos pães que estavam mais duros e secos e mais dispostos para a fogueira que todo o mais, não os queimava e, se algum cobria, depois se achou inteiro, fresco e são; pelo que está manifesto suspender-lhe Deus a virtude nos pães. E, como ia pela grota abaixo ardendo, assim se ia por detrás coalhando e fazendo em pedra de biscouto, em altura da grota que era grande, até ficar rasa com as terras de pão. Alguns homens, vendo correr o dito fogo, chegando-se com sachos e enxadas, tiravam daquele licor para fora, o qual resfriando-se logo se tornava pedra de feição e parecer de escumalho de ferreiro. E, do dia que saiu do pico, e entrou na grota, por três dias e três noites, até que chegou ao mar, uma quarta feira, sete do dito mês de Julho, onde encontrando sua seca quentura com a água fria e húmida, fazia tão grandes estrondos, deitando aqueles fedores de enxofre, que causava maior espanto e medo. E, tomando posse do mar um curto e largo espaço, ficou ali uma larga quantidade sobre suas águas, feita um grande e espaçoso cais de áspera pedra e não lisa penedia, e, como ia resfriando a ribeira, começaram a passar todos por cima, ainda que o polme derretido por baixo corria.

Logo outro dia, não se sabe se foi o seguinte, se quantos eram adiante, andando o fogo no dito pico fazendo seus acostumados estrondos, ao pé dele tornou a fazer outra boca do mesmo modo que a primeira, com grandes labaredas e estrondos. E começou a correr para o norte, atravessando o caminho que vai da vila da Ribeira Grande para a da Alagoa; dali correu pelo sarrado do doutor Francisco Bicudo. E antes de chegar ao atalho que vai da dita vila da Ribeira Grande para a cidade da Ponta Delgada, ali se sumiu por debaixo da terra, deixando feito um pequeno algar e boca, e espraiada alguma pedra ao redor; logo mais adiante, para o pico da Madeira, pela terra que trazia um Jorge Vaz, tornou a arrebentar e botou fora da superfície, cobrindo quantidade de dois alqueires de terra, e então se tornou a meter debaixo da terra, atravessando o atalho que disse, e, correndo por baixo, a terra se abaixou e gretou notavelmente por onde o fogo ia, que foi grande espanto para todos. Dali foi sair sobre a terra, a cabo de espaço de três tiros de besta, espraiando ali e ocupando espaço de quarenta alqueires de terra aos Nateiros, que foram de Gonçalo Vaz Delgado, correndo ao longo do pico do Potasinho e do biscouto que vai para casa de Fernão de Azevedo, onde cobriu algum trigo do filho de Gonçalo Anes Piquete e do filho de Afonso Lopes. E chegando mais abaixo à vinha do Meleiro, se deteve sem correr mais pelas terras de pão, antes minou para dentro do biscoutal e por baixo dele ia comendo a terra e fazendo grande terramoto para contra o lugar de Rabo de Peixe, abrindo diante e gretando o biscouto, fazendo grotas até a terra de pão que trazia João Roiz, do dito lugar de Rabo de Peixe. Ambas estas ribeiras, resfriadas com o ar, se tornaram logo biscoutos ou biscoutaes de ásperas pedras, como outros muitos em muitas partes desta ilha semelhantes, e da mesma maneira já corridos muitos anos atrás, por muitas vezes, antes que esta ilha fosse habitada; os quais ninguém entendia, nem acabou de entender a origem e causa deles, senão depois que viram correr estas ribeiras de pedra derretida, que descobriram o segredo desta filosofia porque dantes havia diversas opiniões deles, como irei dizendo.

Há-se de notar que nesta ilha há muito enxofre, como se vê claramente em muitas partes dela, principalmente nas Furnas, onde se acha infinidade dele que, por mais que tirem e levem daquele lugar onde o acham, torna a crescer outro de novo e nunca falta. Também na Ladeira da Velha, no meio dela, onde se chama a Selada, por fazer ali a terra como maneira de sela, dali para a serra um bom espaço, se acha muito enxofre, onde João de Torres o mandou fazer e apurar algumas vezes. E nas Furnas se acha caparosa e se fez pedra hume, como na vila da Ribeira Grande, e em muitas partes da ilha se acham pedreiras dela, que também é mineral e isca de fogo. Há também em muitas partes da mesma ilha, principalmente na Ribeirinha, termo da vila da Ribeira Grande, do caminho para a serra, muita marquezita, pelo que se conjectura que também deve de haver outros minerais que sejam cevo (sic) do fogo, como é rosalgar e outros, pois o fedor de alguns mata cães, pássaros e gado, que se chegam aos lugares onde os tais materiais estão, como se vê claro no campo dos fedores das Furnas e junto das Caldeiras da vila da Ribeira Grande, de que já tenho contado. Também parece que deve de haver minas de prata, mas mui profundas e cobertas de pedra que correu e de cinza e de pedra pomes, que caiu por cima, ou, se não houver prata, pode ser que será por não

penetrarem os raios do sol ou da lua a terra, por serem oblíquos e não tão rectos e ponteiros que tenham força para criar minas de ouro ou prata nas entranhas desta terra, que é em extremo húmida, pelo que tudo nela cria bolor, mofo, e nas armas muita ferrugem.

Também se há-de notar outro pressuposto, que estes vieiros de enxofre e salitre e caparosa e outros materiais que estão debaixo da terra, vindo-se lá a acender ou por crescer a matéria deles, ou com o movimento de espíritos e exalações, como o natural do fogo é subir para cima para sua esfera, buscando por onde sair, vai principalmente buscar o mais alto lugar que são os montes, ou porventura por achar neles maiores meatos, cavidades e cavernas, e por ali respira. E por isso quase todos os montes e picos desta ilha estão arrebentados, que pelos anos atrás, antes de ela ser povoada, ora arrebentava um, ora outro, e deitaram de si uns terra, outros cinza, outros pedra pomes, outros pedra derretida feita polme, do parecer e cor de mel de canas, e resfriando-se tornava-se pedra de biscouto, que são os biscoutaes e pedras que agora vemos nesta ilha claramente, que em outro tempo correram ribeiras deste polme, dos quais biscoutos muitos estão agora prantados de vinhas.

Outros terramotos aconteceram, como o de Vila Franca, onde não correu biscouto, senão terra, e parece que não foi de fogo, senão de humidade e exalações que nas cavernas da terra se converteram cada pouco em dez tanto de água ou de ar ou de outro elemento superior mais seu vizinho e não podendo caber no estreito do lugar que antes ocupava, andou aquele espírito e ar movendo-se para os lados, buscando saída e sacudiu com a força com que se movia o pedaço da terra que correu do monte sobre Vila Franca, como feita polme, por ser terra húmida, alagando-a e matando aquela madrugada quase todos seus moradores.

Punha em muita confusão (antes de correrem estas ribeiras de pedra do pico do Sapateiro) aos moradores desta ilha verem a pedra destes biscoutos assim queimada, e havia muitas opiniões e juízos, não sabendo atinar como se fizeram e forjaram. Entre outras diziam que, quando os primeiros descobridores acharam esta ilha, antes de saírem em terra (como tenho contado) fizeram dizer no ilhéu de Vila Franca uma missa (que chamam seca, sem consagrar, como no mar em muito compridas e importunas viagens entre gente devota se costuma) e dizendo-a ouviram grande grita dos demónios na terra, que diziam: — não é vossa, não é vossa; nossa é, nossa é — como os gritos que se ouviram na ilha de deus Pan, quando disse uma voz aos que em uma nau por ali passavam: — dizei lá na terra para onde ides que é morto deus Pan; e acabada esta voz, ouviram os que iam na nau grandíssimos gritos e alaridos na terra, como que pranteavam a morte daquele deus fingido. Assim se dizia nesta ilha que, acabando os que estavam no ilhéu de ouvir estas vozes, os demónios se foram com grande alarido pela ilha e puseram fogo a toda ela, donde ficaram as pedras e biscoutos queimados, como escória de ouro e prata que se queimara. Mas, o tempo em nossos dias, com este segundo terramoto, descobriu a verdade disto, pois os biscoutos não são outra coisa senão umas ribeiras de fogo que de alguma matéria que do centro ou concavidade da terra, incendida com enxofre e salitre e outros materiais, saía derretida em diversos tempos e anos (como neste de sessenta e três) pelos pés e mais altos cumes dos montes, quase todos, como claramente suas bocas que neles se vêem abertas, dão testemunho verdadeiro.

Também pode ser que o fogo, acendendo-se em sua matéria, derrete pedra dura ou mole, que está lá debaixo do mar e da terra (como vemos derreter nos fornos de cal a mesma pedra preta ou tufo que está feito o forno e cair derretida como mel ou remel de canas, grosso e da mesma cor) e arrebenta derretida pelos montes, fazendo as ribeiras que vimos, que correram pela face da terra, e resfriado aquele licor se tornou outra vez pedra sobre a terra, como dantes era lá no centro ou caverna, e por ser assim cosida duas vezes e ser dura e áspera, lhe chamamos (como o biscouto, de que usamos, se cose e amassa duas vezes) biscoutos, que quer dizer duas vezes cosidos, uma debaixo da terra quando se coseu a matéria de que eles se fazem, ou na criação, ou na ereição das ilhas e terras que os têm, e outra, quando se derreteu com o fogo e saída fora da terra, com o frio circunstante se congelou e endureceu.

Também parece provavelmente que os biscoutos que correram são material de ferro e marquezita, tudo fervido com a força do salitre e dos vieiros de enxofre e fogo, com alguma mistura de terra, e de tudo se faz um polme como melado ou grosso remel quase preto de canas de açúcar, o qual correndo pela superfície da terra, indo-se resfriando com o ar frio, se vai congelando e tornando pedra, muita da qual é boa alvenaria para edificar e fazer casas; outra é mais leve e crespa e mais queimada, de cor quase vermelha, para fazer fornos e abóbadas, caldeadas com cal, por ser muito leve; outra crespa, tosca, preta e mais pesada que a vermelha, a que chamam biscoutos; outra cinzenta. Também, segundo diversos vieiros e

fundições e misturas debaixo da terra, outra pedra branca e outra preta, para obra de cantaria, portais e janelas, muito boa; outra de cor de boi, a que chamam tufo e serve para fazer chaminés e desta há uma pedreira no lugar de Rosto de Cão, melhor que as mais das outras partes, porque caldeia melhor a cal nela. A branca que parece cinzenta, tira, algum tanto a azul claro; desta, que é melhor, há na ribeira do Salto; a somenos no pico do Sapateiro e a medíocre no pico dos Ginetes. Da preta, há grande quantidade perto da Vila Franca, no caminho junto do mar, onde já tenho dito.

Assim como a matéria da pedra pomes é um material preto que se parece com azeviche, que dizem que se chama atabona, ainda que eu tenha a atabona por mais rija, pois dela se fazem navalhas e lancetas com que sangram, de que há grande cópia nas Canárias, assim a matéria mais principal dos biscoutos é a marquezita, de que há muita nesta ilha. E não parece haver prata porque falhou a influência do céu para a perfeiçoar, ou por ser esta terra húmida, ou por estar muito profunda no centro, e também não a fitarem os raios do sol e da lua tão direitos nela, ou por outras causas ignotas. E a prova mais certa de ser esta a matéria dos biscoutos é porque o doutor Gaspar Gonçalves e João de Torres, quando aqui fizeram experiência da prata, derretendo a marquezita para ver se a tinha, o que dela saiu era pedra de biscouto e não prata. Como também derretida a pedra preta, que alguns chamam atabona sem o ser, cresce muito no fogo como escuma e se torna pedra pomes, como se há visto por clara experiência.

Alguns dizem ser matéria dos biscoutos o acernefe que se acha nas Furnas, que é um material amarelo como pedra luzente, no qual pega o fogo mais que em enxofre e queimado se derrete e torna em escória, da maneira que são os biscoutos que correram nesta ilha, ou ambos juntos, acernefe e marquezita, são matéria deles.

Do acima dito parece claro que os biscoutos de pedra, que há nesta ilha e ilhas dos Açores, não são outra coisa senão escória de alguns metais e principalmente de acernefe ou de marquezita, de que nesta ilha há grande cópia. E se há algum metal fundido com os incêndios que se levantam debaixo da terra, de certos em certos anos, como coisa de mais substância e peso, vai abaixo e fica nas cavernas e cavidades da terra, e a escória como mais leve e vomitada com grande força do fogo e espíritos vai acima e corre pela terra, como se vêem nesta ilha os biscoutos, os quais se assentaram na terra mais chã e fértil e nos mais principais vales. E assim nestas ilhas o melhor delas está ocupado com estes biscoutos. Foi isto agora cousa nova para a gente desta ilha, que nunca tal viram, mas não é cousa nova à mesma ilha, porque muitas vezes e em diversos anos há acontecido o mesmo, o que parece claro, como tenho dito, pois pela encumeada da serra, começando da serra de Bulcão que disse, até os Mosteiros, onde está o derradeiro promontório que a mesma ilha faz ao ocidente, por intervalo de algumas nove ou dez léguas, quase não há monte que não tenha de si lançado um biscouto; e em cada um há uma boca de pedra queimada e vermelha, certo sinal de incêndio que precedeu. E uns estão mais frescos que os outros, pelo que se mostra que foram em diversos tempos. Além disso, há biscoutos nesta ilha, uns cobertos de mato antiquíssimo e de terra, e outros ainda tão frescos, descobertos e sem virtude de criar alguma erva ou árvore, que bem parece serem vomitados de pouco tempo, como este que correu do pico do Sapateiro, que os presentes viram nascer e crescer, que daqui a muito tempo não terá virtude de frutificar coisa alguma. Podem os homens deste tempo dizer que são tão velhos, ainda que mancebos, que viram nascer pedras e crescer e correr em tanta cópia que delas se podem edificar muitas e mui populosas cidades, o que não é para crer, sendo verdade. Mas menos para crer e muito mais para chorar, não com qualquer choro, senão com lágrimas de sangue; e para muito maravilhar e espantar é ver alguns que esta tão terríbel ameaça de Deus com seus olhos viram e com os espantosos temores e tremores e furioso fogo da terra, como estes biscoutos, se derreteram enternecidos e contrictos das demandas falsas que faziam, do ódio e rancor empedernido de seus próximos, da fama alheia com falsos testemunhos e murmurações e juizos temerários roubada, e do alheio mal levado, pediram públicos perdões uns a outros e depois do perigo passado, quase com esquecimento eterno dele, resfriados como os mesmos duros biscoutos, tornando a tragar o vomitado, tornaram a suas ilícitas demandas e ódios antigos e a ratificar seus falsos testemunhos e inventar outras detracções, injúrias e novas suspeitas e reter a fazenda alheia publicamente, feitos biscoutos recosidos e mais duras pedras que eles, sem temor de Deus, que os pode, não somente ameaçar, como então fez, mas asperamente castigar, e sem pejo de si mesmos contra o escrúpulo de sua consciência que forçadamente os há-de estar e está remordendo e tendo em má conta, julgando-os por tições do inferno; pelo que, Senhora, não é para me estranhar a grande saudade que tenho de

meu irmão Torme, desterrado do mundo e da minha irmã Nhervoga, já perdida dele, de todo absente, fugida e degradada. ([355])

CAPÍTULO LXXXVI

DA FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO DE JESUS, DA VILA DA RIBEIRA GRANDE, E COMO AS FREIRAS, COM O SEGUNDO TERRAMOTO, SE SAÍRAM DELE, E QUANDO TORNARAM PARA ELE

No tempo que governava esta ilha o ilustre Capitão Manuel da Câmara, na era de mil e quinhentos e trinta e seis, pouco mais ou menos, Pero Roiz da Câmara e sua mulher, D. Margarida de Betencor, fundaram o mosteiro de Jesus na vila da Ribeira Grande, no assento e casas onde eles mesmos moravam. E o dotaram por uma suplicação que fizeram ao Papa de dezoito moios de trigo e duzentos cruzados em cada um ano, para mulheres honradas e pobres, sem outra obrigação, sem sujeição alguma.

E, para a fundação do edifício espiritual, na mesma era, trouxeram duas religiosas de muita virtude e santidade e de não menos nobreza, filhas de um D. João de Noronha, da ilha da Madeira, professas, do convento da ordem de Santa Clara da mesma ilha e da obediência de S. Francisco, chamadas D. Joana da Cruz e D. Catarina de Jesus, as quais começaram a criação da dita casa em toda observância, como de tais servas de Deus se esperava. Mas, como elas foram principalmente tiradas de seu convento por uma letra do Sumo Pontífice, para a fundação e criação do mosteiro de Jesus da vila da Praia, da ilha Terceira, donde as trouxeram para esta ilha, foi necessário tornarem outra vez para a Praia, por certa razão de que se não puderam escusar, pela obrigação da letra. E por esta causa não estiveram no mosteiro da Ribeira Grande mais de quatro anos, pouco mais ou menos. E, como não se podia compadecer ficar gente tão nova sem quem as regesse, pediu então D. Margarida de Betencor, depois de elas idas, ao custódio frei António Taboado, que então residia com o selo nestas ilhas dos Açores, que por virtude da bula da fundação do dito convento lhe desse a madre Maria de Cristo para abadessa, a qual era filha do mosteiro de Vila Franca, do princípio de Val de Cabaços, natural da ilha da Madeira, filha de ilustres pais, Afonso Correia de Sousa e Helena Gonçalves da Costa. O custódio lha concedeu. E foi trazida para a dita casa com muita gravidade, acompanhada de muita gente honrada, de cavalo, e recebida na mesma vila da Ribeira Grande com repique de sinos e muita alegria do povo, onde sempre serviu de prelada na dita casa até a era de sessenta e três anos (que foi quando aconteceu o segundo terramoto) com muita paz e quietação e fez a muitas religiosas profissão. E foi em tanto crescimento pela fama de sua muita virtude, que havendo mosteiro na cidade da Ponta Delgada, algumas pessoas nobres levavam ali suas filhas e parentas a serem freiras no dito mosteiro, que, quando se dali foram pelo segundo terramoto, seriam trinta e uma religiosas, vinte e uma professas e dez noviças.

A razão por que as religiosas dali se passaram para a cidade foi a do incêndio e terramoto já dito, que aconteceu nesta ilha na era de sessenta e três, a vinte e oito dias do mês de Junho da dita era, véspera de S. Pedro, havendo já cinco dias que a terra tremia muito; e tanto que véspera de S. João, estando todas as religiosas recolhidas no dormitório, tremeu tão rijo e tantas vezes, que do grande medo que tiveram lhe foi necessário abrir as portas e recolherem-se às lógeas, parecendo-lhe que ali menos sentiriam os tremores, mas foi ao contrário, porque muito mais os sentiam que em cima no sobrado; pelo que se saíram das mesmas lógeas e toda a noite nunca se assentaram nem repousaram, mas até ao dia claro andaram em procissão; nem puderam entrar nas casas senão muito de corrida, agasalhando-se estes cinco dias na claustra, por lhe parecer que cada momento todos os edifícios se assolavam com os grandes abalos que por baixo do chão se sentiam, os quais indo em tanto crescimento, foram compelidas por algumas pessoas nobres da vila a se saírem para o seu pomar, por a claustra ser pequena, e caindo as casas corriam grande perigo. Estando dentro neste conflito, com muitas lágrimas e sentimento, algumas delas caíam desmaiadas pela dor que lhe causava apartar-se de sua clausura. Postas no pomar, onde lhe pareceram os tremores muito maiores,

como eram, lhe parecia ser aquele o dia de sua particular conta. E não satisfeitas com a comunhão e confissão que no dia antes tinham feita, chamaram o confessor e no campo se tornaram a confessar todas, tendo por certo que aquela era sua fim, no que gastaram muita parte da noite. E por a terra onde estavam estar cavada para horta, houve quem lhe dissesse para que se tirassem dela porque mais depressa se abriria. Com este temor, se passaram para o páteo que está diante da porta da igreja, onde com muitas orações de lágrimas estiveram até depois da meia noite, passando tão temerosos e terríveis tremores, que se não podiam ter de giolhos, mas caíam em terra muitas vezes; até os sinos se tangiam então por si, de que tinham outro temor particular principalmente não se achando com elas, neste conflito, outro parente nem amigo, nem da vila, nem da cidade (porque o dia dantes os tinham elas todos despedidos, fazendo-os ir para suas casas, por não levarem má vida, pois os não podiam agasalhar) senão somente António de Sá de Betencor, que não sentindo trabalho nem temor da morte, de que todos fugiam, por amor de suas irmãs, parentas e conhecidas, deixou sua mulher na cidade e as foi acompanhar, de que elas receberam muita consolação. Estando ele com elas a dita noite, véspera de S. Pedro, no páteo da igreja, chamando e pedindo misericórdia ao Senhor, viram ir passeando muito devagar um homem, ao longo da capela, como que se ia a meter na igreja. António de Sá, cuidando ser um servente da casa, se ergueu para o desviar do perigo em que se ia meter e começou a querer ir para onde aquilo se mostrava, chamando muito por ele que não entrasse na igreja; mas, o que quer que era nunca mudou sua tenção, e, vendo que não quis deixar seu caminho, teve temor, parecendo-lhe que daquela maneira o queria levar após si e, em virando as costas, para se tornar aonde estava, veio um tão espantoso tremor que parecia assolar o mundo e abriu a abóbada da capela pelo meio, derribando-a até o chão, com tão grande estrondo e ruído, como semelhante coisa faria. E já a este tempo as casas e dormitório era tudo derribado. Com isto acabariam todas de crer que ali havia de ser sua sepultura. E como quem o sentia de verdade, com muita aflição de alma e copiosas lágrimas, começaram com novos clamores a invocar e pedir socorro e misericórdia a Nossa Senhora (tendo diante de si um retábulo seu) com devação estranha que então lhe não faltava. Estando neste clamor, a maior parte delas afirmaram verem um vulto como de mulher na janela de grades do coro que deixaram fechada, muito claro e resplandescente, que toda a alumiava, como que se botava para fora da dita janela, o que todas entenderam ser sinal que se fossem daquele lugar.

Determinado por todas irem-se, se descalçaram, o que com desacordo até então não tinham feito, como do mais vestido fizeram, que só o hábito traziam. Desta maneira ordenaram sua procissão e foram pelo meio da vila, a qual estava desamparada de toda a gente que se acolhera com temor aquela noite, e encaminharam para uma ermida da Madre de Deus, que está fora da Ribeira Seca. Passando uma grota, que está antes de chegar à ermida, estando elas no mais baixo dela, deu tamanho abalo a terra que pareceu ajuntar-se a grota em cima delas e louvaram muito ao Senhor, quando se viram fora de tão grande perigo, de que lhe pareceu milagrosamente serem livres. Depois de entrarem na igreja e feita sua oração a Nossa Senhora, por ainda não estarem determinadas no que deviam de fazer, tornaram a caminhar para a vila (sendo já de dia) por uns sarrados e silvas que as trataram tão mal que a muitas ia correndo o sangue dos pés. E, em querendo chegar à ponte, onde desceram direitas daqueles sarrados, houve alguns homens que entendiam o em que havia de parar o fogo, que lhe requereram não entrassem na vila, porque haviam de correr ribeiras de fogo, como correram, com o qual conselho tornaram a virar, encaminhando para o lugar de Rabo de Peixe, onde diziam não tremer a terra tanto, todas como mortas, sem poderem dar passada, pelo muito trabalho da noite passada e dos dias atrás.

Nestes dias de antes, foi um servente das ditas religiosas à cidade dar recado ao prelado como aquela noite se saíram do mosteiro e onde as deixava e como, o qual o achou pregando e todos seus parentes, a quem levava o mesmo recado, ouvindo a pregação, os quais entendendo da maneira que elas ficavam, se puseram logo todos a cavalo, sem tomarem refeição alguma, nem se lembrarem senão de quem chegaria primeiro, seguindo-os muitas pessoas nobres da cidade. Deram-se tanta pressa que dentro de uma hora chegaram ao lugar de Rabo de Peixe, onde já algumas religiosas tinham chegado e outras não, por não poderem caminhar de muito fracas e feridas nos pés, que levavam descalços. Como todas foram juntas, caminharam para a cidade, umas em carros e outras em ancas, por serem enjoadas e não poderem ir neles. Houve cavalo naquele dia que levou uma religiosa nas ancas, coisa que nunca consentiu, e era tal que seu dono muitas vezes se não podia sustentar sobre ele por ser muito bravo e malicioso e algumas vezes correu perigo de morte; mas, neste dia, se fez tão

manso que até à cidade consentiu ancas, onde todos chegando acima de Santo André, perto do caminho para S. Gonçalo, as foram receber toda a gente da cidade e de outras partes da ilha, que nela estavam recolhidos, em uma muito triste e lastimosa procissão, em que iam todos os padres de S. Francisco com seis cruzes cobertas de negro e com a bandeira da Misericórdia, coisa que a todos acabou de fazer tristes, além da razão que tinham para o ser. Desta maneira levaram as religiosas para o mosteiro da Esperança, das freiras da mesma ordem de Santa Clara, onde delas foram recebidas com muito amor e sentimento, com aquele psalmo de David: — **Ad Dominum cum tribularer clamav**i, etc. Depois de todas dentro, se foram em procissão ao coro de cima oferecer ao Santíssimo Sacramento que ainda tinham dentro. Feita sua oração, louvando ao Senhor que de tamanho perigo as tinha guardado, dando cada uma de giolhos obediência à abadessa, as religiosas da casa as agasalharam com muita caridade, consolando-as com grande amor, como de tais pessoas se esperava. No qual mosteiro estiveram três dias em que, nem de dia nem de noite, nem umas nem outras entravam nas casas, por causa dos grandes tremores que ainda faziam, pelo que estiveram em condição umas e outras de saírem do mosteiro. E, como as casas eram pequenas e gente muita, por mandado do prelado, que então era frei António de Alarcão, e com parecer de muitos homens honrados, que nisso o podiam dar, passaram as freiras para umas casas de Margarida Travassos Cabral, dona viúva, mulher que foi de Jorge Nunes Botelho, parenta da maior parte delas, onde estiveram um ano e meio. E, porque estavam ali gastando suas pobres rendas, sem haver ordem de se fazer mosteiro e o da Ribeira Grande não estar ainda para se poder reedificar, pois não estava a terra quieta e segura, dada esta informação ao Cardeal D. Henrique, mandou ao prelado que pusesse as religiosas cada uma em casa de seu pai ou parentes, para se ajuntar renda com que se fizesse mosteiro na mesma cidade. E, porque havia algumas religiosas que não tinham ninguém que as pudesse recolher, Barão Jácome Correia deu trinta moios de trigo para gastarem e comerem em três anos, as quais se passaram para outras casas mais pequenas, onde estiveram dois anos e cinco meses. No qual tempo, ordenavam Barão Jácome, António de Sá, Pero Castanho e outras pessoas nobres a fazer-lhe na cidade mosteiro, começando a ajuntar esmolas dadas e prometidas, com o que bem se pudera fazer a casa, para a qual António de Sá já tinha letras de Roma. E o dito Barão Jácome, afora a esmola que para o mosteiro queria dar, fazia a capela à sua custa. Mas, como Nosso Senhor tinha ordenado tornarem-se para sua casa aonde fizeram profissão, desviou isto de maneira que sem nenhuma ordem se desordenou. Neste tempo começou Diogo Vaz Carreiro o seu mosteiro sem letras nem ordem mais que de sua vontade. E, como ele havia mister mulheres para edificação dele, houve muitos pareceres que melhor se recolheriam as religiosas da Ribeira Grande nele, que haver em uma terra tantos mosteiros. Satisfeito ele desta razão, pediu ao vigairo Pero Gago, que então era da igreja Matriz da cidade, que lhe desse a igreja de Santo André, porque queria fazer o seu mosteiro naquele sítio, para recolher as religiosas da Ribeira Grande e para suas parentas; o qual Pero Gago, por serviço de Deus e por razão de ter quatro sobrinhas, filhas de uma sua irmã e outras parentas suas, lha largou, onde o dito Diogo Vaz fez o seu mosteiro e depois de feito recolheu nele a maior parte delas, com condição que se haviam de transferir à obediência do ordinário, por essa ser sua vontade, o que para elas foi muita desconsolação por não quererem senão a obediência em que professaram e muito contra sua vontade consentiram nisso pela necessidade em que se viam, havendo quatro anos que andavam por casas de seculares com muita desconsolação sua. Recolhidas no mosteiro um dia de Nossa Senhora da Encarnação, não deixaram todavia de se sacramentarem com os religiosos de S. Francisco e ser visitadas pelos mesmos prelados. Mas contudo foi-lhe forçado dar a obediência ao ordinário. Depois, determinaram algumas tornar-se para o mosteiro da Ribeira Grande, onde professaram, se em algum tempo se tornasse a reedificar, como reedificou. E, como elas disso foram certificadas, fizeram petição ao Cardeal para se tornarem para sua casa, pois se recolheram também na de Diogo Vaz por uma provisão sua. Ele mandou ao inquisidor Marcos Teixeira se informasse se estava o recolhimento decente para se poderem agasalhar as ditas religiosas e, sabido dele estar para isso, lhes deu licença se tornassem as que quisessem. Com a licença se foram a nove dias de Maio da era de mil e quinhentos e setenta e seis (sic), sendo do povo e cleresia da Ribeira Grande recebidas com procissão e muita devação. Daí a dois meses e vinte dias, foram seis religiosas das que ficaram na cidade e da mesma maneira as recebeu o dito povo. De modo que de vinte e uma professas, que do seu mosteiro foram, e dez noviças, não tornaram mais que treze freiras. No convento de Santo André da cidade, ficaram quatro professas da dita companhia e as mais levou o Senhor para si, que foram de sua casa por causa do incêndio na era de sessenta e três. E tornaram na de setenta e sete. Estiveram quatro anos por fora e os

mais no mosteiro de Santo André da cidade, o qual deixaram já com quinze freiras, oito professas e sete noviças.

As religiosas que foram primeiro, a nove de Maio de mil e quinhentos e setenta e sete anos, são: Guiomar de Jesus, que foi muitos anos abadessa, Francisca dos Anjos, Beatriz da Madre de Deus, Maria de Santa Clara, todas quatro irmãs de António de Sá e filhas de Simão de Betancor; Ana da Concepção, filha de Pero Martins, da Ribeira Grande; e Isabel dos Santos, filha de Diogo Salgueiro; as quais, com Beatriz da Anunciação, que ficou sempre na vila da Ribeira Grande, em casa de seu pai, Henrique de Betencour de Sá, que depois foi abadessa, são sete.

As seis que foram a segunda vez, a vinte e nove de Julho da mesma era, são Isabel da Madre de Deus, filha de João de Betencor; Inês do Espírito Santo, sobrinha de frei Manuel Pereira; Isabel da Trindade; Isabel dos Arcanjos, filha de Fernão Tavares; Vitória da Cruz, filha de Fernão Corrêa; e Bartolesa dos Anjos, filha de Rui da Costa.

Depois destas, a dezassete de Abril da era de mil e quinhentos e oitenta e três, tornou para o dito mosteiro de Jesus, da vila da Ribeira Grande, a madre Maria da Trindade, que ficara no mosteiro de Santo André, da cidade de Ponta Delgada, alguns anos por abadessa.

Estão agora no dito mosteiro vinte e quatro religiosas professas e doze noviças.

CAPÍTULO LXXXVII

DO QUE ACONTECEU NA CIDADE DA PONTA DELGADA, NO TEMPO DO SEGUNDO TERRAMOTO

Na cidade da Ponta Delgada, como em algumas partes da ilha, em dia de S. João Baptista do dito ano de mil e quinhentos e sessenta e três, começou a tremer brandamente, duas vezes cada dia, até a segunda feira seguinte, que foram vinte e oito de Junho, véspera dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, que ao sol posto, na dita cidade, começou a tremer com maiores abalos e causar tanto espanto à gente que se não sabiam dar a conselho; e logo se ordenaram procissões, em que todos com grandes clamores pediam a Nosso Senhor misericórdia. Andando nas mesmas procissões, apareceu sobre as serras de Bulcão (sic) e as outras já ditas, subitamente, um espantoso incêndio de fogo, lançando tão bravas línguas de si para todas as partes, que não houve pessoa nenhuma que com grande desacordo não desamparasse a procissão, fugindo desatinadamente sem saber para onde, por terem por sem dúvida que o dito fogo procedia do céu, porque não aparecia senão mui alto e criam que era a fim do mundo chegada. O qual fogo saía de uma altíssima coluna negra e temerosa, e cada vez se ia tanto mais subindo e alargando que parecia que todo mundo assombrava. Foi tanto o pasmo na gente aquela noite, que nunca cuidaram chegar à manhã, a qual sendo chegada, por verem a coluna, onde o fogo de noite aparecia, saía da terra, ficaram algum tanto mais sossegados e com menos espanto; posto que o ímpeto e fúria com que aquela coisa saía, não era de menor admiração, por ser tão basta e ir fazendo, caminho dos ares, tais ondas e bravuras, enovelando-se o fumo e nuvem com tanta pressa que parecia que por ali toda a ilha se estava vasando, tremendo assim as paredes e telhados com tão furiosos e repentinos abalos, que mui miudamente sobrevinham, que nem das igrejas nem de suas casas se ousavam fiar. Uns andavam pelas ruas sem sentido; outros se deixavam estar parados e pasmados, olhando para a tenebrosa nuvem como vinha crescendo e assombrando o mundo. Diziam uns que se abria o céu; outros que era fogo da terra; outros que não podia ser senão infernal. Ouviam-se, de quando em quando, tão feros e impetuosos estrondos, que pareciam de muitos e diversíssimos tiros de artilharia.

Passada aquela espaçosa noite de tantos medos, de espantos, e chegada a manhã, que mui poucos (segundo o que nela passou) esperavam ver, bem se viu nos rostos de todos o que em seus desmaiados corações haviam sentido e sentiam, porque ninguém amanheceu que não tivesse cor de finado; todos mais amarelos que cera, representando bem o cumprimento da profecia do Evangelho, que diz: — Andarão os homens secos e mirrados, com o temor dos grandes sinais que verão antes do dia do Juízo. Baltazar Álvares, escrivão do Eclesiástico, que tinha visto dantes, da ilha Terceira, onde estivera, o incêndio da ilha do Pico, esforçava a sua gente e outras pessoas, dizendo que não tivessem medo, que aquele fogo que viam era como o que se abrira na ilha do Pico; mas, era tanto o espanto e temor de todos, que ninguém se aquietava com isso, nem caíam na conta.

Com a claridade do dia, deixou de aparecer o bravíssimo fusilar do fogo e em seu lugar se viu aquilo, que de noite parecia nuvem, ser uma cousa tão basta, negra e medonha, que subia com tanta fúria e violência da terra, ondeando e dando voltas com tal ímpeto que parecia que por aquela, como infernal, boca se estava evacuando em pó e cinza toda a ilha até os abismos; e, depois de ser no ar altíssimo, aquela matéria queimada se encapelava e encorporava, em maneira que figurava uma formosa árvore e, daquela grandura e com o resplandor (sic) do sol que lhe dava, parecia toda de volumes de branquíssima lã cardada, mui aprazível à vista, se não fora tão danoso o efeito; e, como se punha o sol, tornavam a aparecer as espantosas línguas de fogo, que rompiam por mil partes daquela polvorosa matéria que subia. O dia dos Apóstolos, chegou nova à cidade como o mosteiro das religiosas da vila da Ribeira Grande era caído com a maior parte da casaria da vila, pelo que logo partiram muitas pessoas principais,

com licença do custódio, para as levarem à cidade, onde no mesmo dia chegaram a horas de véspera, e saíram as cruzes das freguesias com a bandeira da Misericórdia, e toda a cleresia e frades de S. Francisco, a recebê-las, acima da ermida de Santo André, e com procissão ordenada de muita gente as levaram ao mosteiro da Esperança, onde já estava ordenado de as recolherem. Neste mesmo dia, pela manhã, pregou o padre custódio, frei António Alarcão, no adro da igreja de S. Sebastião, e não dentro dela, com arreceios dos grandes terramotos que não cessavam. Tratou mui substancialmente a matéria que em tal tempo convinha. Donde se seguiu haver muito perdão de ofensas, muita reconciliação de ódios e algumas restituições de encargos, e daí em diante muitas confissões, preparando-se todos para receber a morte, que viam mui presente ante seus olhos. Em maneira que, se Nosso Senhor se servira ([356]), segundo a gente no tempo daquela tribulação andava religiosa e convertida, se pudera crer que os tomava em bom estado.

Toda a noite da segunda feira ventou o vento oeste e oeste-sudoeste, que lançava todo aquele rescaldo para a banda do levante e do nordeste da ilha. E a noite da terça feira se mudou o vento ao nordeste e se começou o céu a toldar sobre a cidade, e se ordenou outra mui grande procissão de toda a cleresia e de muita gente, com grande cópia de foroes (sic) da Misericórdia e cera das confrarias e muitos penitentes, a qual foi à ermida de Nossa Senhora da Piedade, que está arriba da cidade menos espaço de meia légua. Quando veio a quarta feira, apareceu a terra sobresemeada de cinza muito miúda e de enxofre, com o cheiro tamanho que bem a pesar das pessoas se sofria. E, como Nosso Senhor em todas suas obras usa connosco de muita misericórdia, teve por bem de mudar outra vez o tempo ao ponente, porque se o contrário perseverara, ou o que ventou fora mais teso, não há dúvida senão que a perdição que aconteceu nas outras partes da ilha, acontecera também da banda da cidade e seu termo, por onde tudo se perdera de remate e fora forçado despejarem toda a ilha.

Em todo este meio tempo, continuaram os terramotos mui bravos e, quando vinha a noite, toda a gente se alojava pelos campos. E a furiosa boca, acrescentando cada vez mais em sua primeira fúria, não cessou de lançar e dispender sua pólvora até quinta feira, primeiro de Julho, até as nove horas do dia, pouco mais ou menos, que foi visto arrancar de raiz com terríveis e espantosos redemoinhos, fazendo pelos ares tantas e tais diabruras, que parecia que todas as quadrilhas infernais ali iam juntas, e se lançou para a banda norte da ilha, movendo pela terra e mar tão feras tempestades, que não há quem as saiba dizer, nem possa crer.

Em todos estes três dias, choveu infinita cópia de cinza na vila da Ribeira Grande, onde os terramotos foram tão excessivos, como tenho dito, que quase não ficou casa que não caísse, em parte ou em todo, porque, como a terra que se abriu estava muito a pique sobre a vila, participavam mais os moradores dela das terribilidades do fogo que pelos ares a todas as partes se estendiam, e dos grandes abalos da terra e dos medonhos estrondos que se sentiam, como de furiosos trovões, correr de cima da serra, por baixo da vila, até o mar.

Da Ribeira Grande até o lugar de Porto Formoso e Maia, caiu muita quantidade de cinza, em tanto que acravou todas as novidades e as cobriu em maneira que se perderam, sem delas se aproveitar senão mui poucas espigas. Da Maia para além, convém a saber, nas freguesias dos Reis Magos e em ambas Achadas, e na de S. Pedro da Lomba, e na vila do Nordeste até a Povoação e Furnas, além da muita cinza que também choveu, caiu tanta pedra pomes, misturada com algumas rachas de pedra brava, que não ficou coisa que não cobrisse, nem grota que não arrasasse, nem árvore que aparecesse, nem pessoa que não cuidasse senão que o mundo se acabava. Donde por toda aquela costa (que são bem nove léguas de terra, assim pelas terras feitas como pela serra, porque apenas se podia caminhar a pé, por ser muito fragosa e coberta de arvoredo) ficou tudo tão raso e desabafado, que não há lugar por onde mui à vontade carros não possam andar.

As pedras que caíam a lugares eram algumas delas de grandor de potes, e outras maiores e mais pequenas. E, quando davam no chão, nos telhados ou árvores, todas se esboroavam com muita facilidade. Mas deixaram a terra tão bravia, áspera e estéril, que não havia boi que a dois passos não se despeasse, nem erva que arrebentasse, nem esperança que jamais frutificasse. Foi nestes dias tanta a obscuridão daquelas bandas, que quase não se viam as pessoas umas às outras. E de quando em quando se sarrava tanto, que de nenhuma qualidade se podiam ver, senão às palpadelas.

Afirmam alguns que foram vistos os demónios alardear e soar espantosos estromentos, o que não se pode crer, posto que as bravuras foram em tanto excesso que parece não ser erro

de fé crer que traziam eles muitos ministros nisso ocupados. Mas, o certo é serem estas coisas e suas causas naturais. De Vila Franca do Campo se pode dizer que padeceu segundo dilúvio, na qual também choveu tanto cinzeiro, do mesmo que ia daquela furna semelhante a infernal, que cuidaram os moradores haverem de ser submergidos com ele, como seus antepassados foram com a rotura do monte que sobre eles correu. E (como tenho dito) desacoroçoados com medo do fogo que viam sobre si e a estranha chuva, e dos terramotos que os desatinavam e obscuridão que os assombrava, desampararam muitos a vila e procissões em que andavam e se acolheram a maior parte ao ilhéu, que está apartado da ilha dois tiros de besta, parecendo-lhe lugar mais seguro para poderem escapar de tanta tribulação. E, por verem (segundo seu parecer) serem ali combatidos de maiores tremores e de mais basto cinzeiro, desampararam a estância dele com mui atribulados sucessos, e tornaram a embarcar em alguns navios que aí se acharam ancorados. Alguns dos quais foram ter à ilha da Madeira, outros se tornaram para a terra e se acolheram em companhia das freiras, que também desampararam seu mosteiro, para a Ponta da Garça, uma légua da vila para o levante, onde acharam algum tanto mais refúgio. Porém, a maior parte da gente se acolheu para a cidade, como fizeram todos os moradores das vilas de Água de Pau e Alagoa, onde também aconteceram os mesmos espantos e caíram muitas casas, mas não tanta cinza que fizesse dano às novidades.

Era coisa muito para ter grande mágoa ver os caminhos cheios de gente, homens, mulheres, mininos, fugindo com tanta pressa e desacordo, e as famílias tão espalhadas e divisas, que uns não sabiam parte dos outros, e, se é lícito, pudera-se bem dizer por esta pressa: — **vae pregnantibus et nutrientibus in illis diebu**s, porque foi tanta a calamidade e trespassamento da gente, que se pode ter por mostra muito natural pintada daquele espantoso dia que esperamos.

Houve de toda aquela banda grande destruição de gados que se acravaram na terra e outros que, cegos e desatinados com a obscuridão da cinza e pedra pomes que caía, se lançaram pelas rochas ao mar; outros se crê que levaram os grandes redemoinhos pelos ares, como fizeram a árvores de mui grossos troncos, que foram depois achados por navios que vinham de fora, mui longe da ilha. Perderam-se todas as criações e pastos daquelas partes, que eram os mais e os melhores da ilha, onde apascentavam e criavam a maior parte dos gados dela; e depois não havia onde se pudesse repairar um coelho, de maneira que todos os moradores daquelas freguesias, em que havia homens de grossas fazendas, eles e os pobres trabalhadores ficaram iguais e todos se foram recolhendo para a cidade da Ponta Delgada e seus termos, perdendo a saudade a quanto dantes tinham e possuíam, por lá não terem que comer, nem que fazer. Padeceram todos naqueles dias comum miséria, porque, além dos trabalhos contados, tomaram a gente no fim dum ano mui apertado e entre foice e vencelho (como dizem), por não haver ainda trigo segado nem debulhado, nem o tempo dava para isso lugar.

Sumiram-se as duas ribeiras maiores e mais necessárias da ilha, que eram a da Ribeira Grande, onde o povo da cidade ia moer, e a da Praia, onde se puderam remediar em falta da outra, ambas as quais nasciam na dita serra que se abriu; uma delas corria para a banda do norte; outra para a do sul. E, por a cidade estar desapercebida de atafonas, pelo Capitão Manuel da Câmara alcançar sentença que se quebrassem e o povo fosse moer à Ribeira Grande, foi tanta a necessidade que causou a falta das ribeiras, que, se não fora por andar a gente tão fora de si como andava, não pudera menos ser senão morrerem muitas pessoas.

A sexta feira logo seguinte, dois de Julho (como já disse) se abriu o outro fogo junto do caminho que vai da cidade para a vila da Ribeira Grande, na coroa do pico que chamam do Sapateiro, distante da dita vila para o sudoeste obra de um terço de légua, no qual se abriram duas temerosas bocas e delas saía mui bravo fogo, lançando para o ar muitas pedras, algumas de grandura de bois, que, tornando a cair, se desfaziam em peças miúdas, de modo que cobriram grande parte do pico, e algumas terras derredor, de mui áspero e negro cascalho, as quais pedras saíam ardendo como derretidas e, tanto que endureciam com o ar que lhes dava, se esmoucavam (sic) ao cair.

Da quinta feira, às horas que arrancou e despediu de raiz a fúria do primeiro fogo, não tremeu mais a terra, até o domingo à tarde, que foram quatro do mês de Julho, que tornou a dar dois mui grandes abalos, de que ainda caíram muitas casas na vila da Ribeira Grande, e algumas nas vilas de Água do Pau e Alagoa; de que a gente toda da ilha, que estava já algum tanto quieta e sossegada, se começou a alvoroçar e a perder a esperança de tão cedo se

assegurarem. E logo se fez na cidade outra mui devota procissão (afora as que cada dia se faziam) na qual se tirou a imagem de Nossa Senhora da Concepção. Dali por diante, quis Nosso Senhor que cessaram os tremores. Mas sucedeu outra coisa de maior admiração, por nunca ser vista alguma semelhante nesta ilha, posto que, segundo agora mui claro parece, já nela por muitas vezes aconteceu o mesmo antes de ser descoberta; a qual é (como tenho dito) que de cada uma das bocas que se abriram no pico do Sapateiro, manou uma ribeira de fogo, correndo por tão estranho modo, que não havia pessoa que o pudesse compreender. Uma delas desceu pela Ribeira Seca até o mar, com um licor como de escumalho de ferro ardendo. E o de baixo ia entufando o de cima e espraiando pela terra em largura de oiro, dez e, a lugares, doze braças, e depois de resfriar ficava bravo biscoutal de uma pedra bravia e escabrosa, assim como outros muitos que há pela ilha que, antes dela ser descoberta, correram da mesma maneira, donde se verifica que a mais dela ardeu com fogo que se acendeu do modo deste, quando arrebentaram as montanhas que chamam das Sete Cidades, ou as das Furnas, e outros muitos picos que não há dúvida (pelo que agora se compreende) senão que com outra tal violência romperam e encheram a terra de biscoutal e da pedra pomes que por ela dantes estava espalhada. A outra ribeira, das duas do fogo, encaminhou mais para o noroeste, desviada da primeira contra o lugar que chamam de Rabo de Peixe, fazendo grandes e temerosas aperturas (sic) pela terra ao redor, donde corria, convertendo em si quanto diante achava, queimando e abrasando arvoredo, silvas e vinhas por junto donde corria, ocupando a mesma largura da outra, e sumindo-se a lugares por debaixo da terra, não fazendo mais dano nas novidades por onde passava senão somente o que delas ocupava, cousa milagrosa de ver e difícil de crer, que, sendo fogo tão furioso que a nenhuma cousa perdoava, se houvesse tão benignamente com os pães, que não fazia mais que chamuscar-lhe tamalavez a palha seca pendurada da pargana (sic) da espiga, resguardando o grão, e sem mais dano ia correndo sua via.

Outras muitas particularidades aconteceram neste incêndio, que querê-las contar todas seria largo e infinito processo, porque não se pode dizer tanto, que muito mais não seja verdade. Afirma-se que se perdeu, além das terras de comedia dos gados, a terça parte das terras de pão, que ao que então parecia não dariam novidade tão cedo. E se perdeu da novidade, que aquele ano se houvera de recolher, perto de três mil moios de pão. E o Capitão Manuel da Câmara perderia de renda (entre as terras que se lhe acravaram e cobriram, e na falta das ribeiras e na sua redízima) perto de trezentos moios de pão, em cada um ano.

A água da Ribeira Grande, depois de quinze dias que a dita serra se rompeu, tornou a correr tão basta de cinzeiro e pedra pomes, que tudo ia atupindo e por fim levava a maior parte das casas.

Depois disto acontecer, passaram trinta dias que o sol não deu sua claridade perfeita; e sempre a ilha andou toldada e coberta de grandes, obscuras e temerosas nuvens.

CAPÍTULO LXXXVIII

DOS PRIMEIROS MONTES QUE ARREBENTARAM COM O FOGO QUE CAUSOU O SEGUNDO TERRAMOTO E DE ALGUNS DANOS QUE FEZ NA ILHA

Ao nor-noroeste de Vila Franca do Campo, eminente sobre ela, está uma grande e alta serra, não sem mistério chamada Vulcão, que quer dizer fogo, ou deus do fogo, na qual está um mui alto pico sobre a vila de Água do Pau que por ser em cima da terra chã se chamou o pico das Mesas, onde estava uma alagoa de Gonçalo Pires em um pico chamado das Berlengas, por ser tão longe dos povoados, que os que lá iam se podiam perder e perdiam, como os navios nas Berlengas. E tudo ali junto arrebentou no tempo do segundo terramoto, que pôs tanto medo a todos os moradores desta ilha que cuidaram ter a morte e o dia do Juízo presente. Arrebentou também terra na dita serra em uns espigões que estavam sobre a ribeira do Limo que corre para a banda do norte e, correndo pela mesma grota e ribeira, levou muito gado e um moinho que nela estava, de maneira que não podiam passar senão por junto do mar, onde as suas ondas lavavam as pedras por onde passavam de pedra em pedra, até que aquele lodo se endureceu e cessou, porque dantes qualquer alimária, que se metia na terra que correu, atolava tanto, que não se podia tirar senão com muito trabalho, e a muitas cortavam as pernas para lhe aproveitarem os corpos. E atupidas e quebradas as águas das ribeiras, os bois quebravam as cordas donde estavam presos e os soltos buscando onde beber, caíam pelas rochas abaixo e grotas de água e polme que os levava ao mar e lá se afogavam nele e andavam mortos sobre suas ondas. Neste segundo terramoto, nenhuma terra correu que tolhesse serventia, senão esta sobre a dita ribeira do Limo, e não havia depois erva para os gados comerem, nem águas para beberem, pelo que houve muita destruição de muito gado.

Nas cavernas da terra, debaixo deste pico das Berlengas e alagoa de Gonçalo Pires e espigões sobre a ribeira do Limo, tudo povoado de grande arvoredo, havia abundância de muitos materiais, enxofre, salitre, caparosa e rosalgar, comum em todas estas ilhas, e outros. Os quais materiais, tremendo a terra a sobredita sexta feira, sábado e domingo, com alguns espíritos e vento que tinha dentro de suas concavidades, que pelejavam por buscar lugar por onde sair, com tantos e tão grandes abalos ganhou vento e ar frio em suas cavernas, mais principalmente na dita serra, e acendeu e atiçou os ditos minerais de fogo, que, estando quieto antes do dito terramoto, tinha menos vapor e por isso ocupava menor lugar onde dantes estava. Buscou respiráculo e saída por onde resfolegasse e saísse, de modo que, lidando e trabalhando com isso, foi tão brava a guerra dentro do dito pico e tão impetuosos abalos, que de uma parte para a outra dava dentro o dito fogo, instigado e assoprado do sobredito ar, que isso era o que causava e causou aqueles maiores e mais violentos terramotos atrás ditos, e fez violentamente porta e saída; pelo que, quando veio a segunda-feira, véspera do Apóstolo S. Pedro, logo em anoitecendo, arrebentou o dito pico e fez grandíssimas aperturas (sic) e espantosas bocas, por onde evaporou e respirou tão áspera e furiosamente que a não abrasar e fundir toda a ilha, em um instante, mercê grande foi que Deus quis fazer e misericórdia imensa que com os moradores dela usou.

Estas bocas e monstruosas aperturas se abriram no mesmo pico Grande, a maior delas na própria sumidade e coroa dele, que era o pico das Berlengas, onde estava a alagoa; e por esse mesmo lugar arrebentou, dando espantosíssimos estouros. E depois disso, como quando um grande ferro abrasado e acendido, metendo-o em água, naturalmente faz grandes rugidos, pelejando as qualidades ([357]) contrárias, assim topando o dito fogo em arrebentando com a água da dita alagoa (elemento contrário) não se pode contar a pavorosa guerra que então se ordenou, e uns e outros eram aqueles horrendos estouros e espantosos urros que ao tal dia e hora se ouviram ao redor e pelas faldras do mesmo pico, e por todo o sobredito sítio se abriram outras muitas bocas, também mui grandes, botando diante grande soma de fumo mui espesso

e negro, que se foi com o ímpeto junto direito a cima e fez no alto a espantosa nuvem que disse aparecer na tal hora, no dito dia em que causou tanta aflição a quem a via.

Esta nuvem saiu tão alta que, segundo o que parecia e distava donde foi vista, não se julgava estar senão na suprema região do ar, junto à Esfera do fogo elemental. E o fogo que naqueles materiais ardia nas cavernas da terra (como em mina ou contramina com pólvora escondida cevado) com o ar e vento inchado, deitou pelos ares quanto naquele sítio achou sobre a superfície da terra, muito mato de grossíssimas e várias árvores, pedras, paus, água e terra, e na imensa altura; e também a mesma côdea e face dela por espaço de mais de dois terços de légua em redondo, sem ficar cousa das que ali havia em que pôr olhos, ficando tudo escalvado, sem erva nem muito gado que ali dantes pascia. Porque, contra sua natureza, altíssima e furiosamente foi voando sem asas e caindo depois espalhado e semeado em diversas partes e lugares do mar e da terra.

Muita parte do qual, convém a saber, bois, vacas, e outro gado miúdo, muitos paus e muitas árvores grandíssimas, com suas folhas, ramos e raízes inteiras e outras meias queimadas, chamuscadas, e outras muitas cousas, caíram mui longe e muitas léguas pelo mar, onde depois se acharam. E o que por fim e com menos fúria e violência foi botado por espaço de quatro horas, pouco mais ou menos, até à meia noite, e que se ouvia ferir, e estrogir (sic) o ar (afora outros estrondos que duraram muito) caiu na mesma terra.

É de notar que nas cavernas da terra desta ilha há material quebradiço e estaladiço, que se pode quebrar com a mão, mui espesso e preto como azeviche, de que fazem imagens que trazem os romeiros nos sombreiros; alguns dizem que se chama atabona, como uma pedra preta que há nas Canárias, mas não é semelhante, pois esta matéria estala e quebra muito, e a atabona é tão forte pedra que dela fazem navalhas e lancetas. Este material preto que, Senhora, digo, de que há grande cópia nas cavernas e centro desta ilha (fazendo eu, como alchemista (sic), experiência dele) pondo-o no fogo, de preto se torna branco, e fervia tanto como fazendo-se todo em escuma que de pequena quantidade se tornava grande e de pouco muito, e resfriado ficava pedra pomes, como a que saiu pelas bocas que o fogo fez na serra. Pelo que claramente se vê e entende que, aquentando o fogo, que se acendeu debaixo da terra, este material que achou nela, de pouca e pequena quantidade fazendo muita e grande, por isso não podendo caber no estreito lugar onde dantes estava, buscou boca por onde sair ao espaçoso do ar, expelido com a força do mesmo fogo, causando os furiosos terramotos que disse, alevantando-se no ar, como pedra leve que é, juntamente com a cinza e terra, arvoredo e mato alevantado. Mas, caindo depois sobre a terra com outras pedras e cinzeiro da mesma frágua, do que dentro do pico e serra tinha queimado; e feita cinza misturada com enxofre e outros materiais peçonhentos (como o fedor deles mostrava) arrasaram e acravaram as terras. E todas as pedras que saíam daquelas bocas vinham abrasadas em fogo, em diversas aparências e cores de várias feições e figuras, umas alvas, outras negras, outras roxas e algumas mui grandes, outras mais pequenas e infinidade delas mui miúdas; umas quadradas, outras compridas e outras redondas; e todas eram pedras moles e algumas das grandes eram pomes, e quase todas, umas e outras, eram leves, entre as quais todavia se achavam outras pesadas; algumas das quais, que subiram mais altas, quando desciam, caíam no mar e outras na terra, apartadas grande espaço daquela frágua, e outras maiores. E no lugar de Porto Formoso se achou uma de trinta palmos de comprido e grossura de uma pipa, de forma mais quadrada que roliça, a qual hoje em dia se vê no caminho do concelho onde caiu, trazida pelo ar, sem mãos humanas que, da boca do fogo donde saiu, está mais de duas léguas ao nordeste.

Foi tanta a multidão das ditas pedras e cinza, que levaram todo o pico consigo ao ar e fez um algar mais profundo do que dantes tinha de altura. E esta é a cinza que, ajuntando-se com a água da alagoa que este pico tinha, se tornou em polme e choveu a véspera de S. Pedro de noite e causava os acidentais eclipses do sol e as negras obscuridades, quando do dia se fazia noite.

Deste lugar do incêndio que está ao noroeste de Vila Franca, cortando a ilha direito abaixo ao mar do sul, mais de uma légua, a dita cinza e pedra pomes acravou e fez rasas as grotas e concavidades que por ali havia. E cortando para o norte até o lugar do Porto Formoso, termo da dita vila, daquela banda do norte, do dito lugar do Porto Formoso até à vila do Nordeste da banda do oriente, arrasou tudo, tornando e fazendo iguais os altos outeiros e fundas grotas. E tão subvertido, acravado, coberto e arrasado ficou tudo, que sem nenhum trabalho nem perigo se andava e podia andar por cima das pontas e ramos das mui altas árvores que soíam ser

pousos dos ligeiros passarinhos, por tudo estar tão chão como um igual prado ou um raso areal feito da dita cinza; a qual, ao tempo que se isto experimentou, tinha criado uma côdea e dureza com a água que chovia, de maneira que consentia andar-se de tal modo assim por cima sem perigo, dado que por baixo estava falta e solta, e a lugares contudo apareciam algumas pequenas pontas das árvores, e nos montes e encumeadas mais altas se viam os paus e árvores até o meio, tudo tão esfolado, escalvado, chamuscado e seco, como de muito tempo cortadas, havendo tão pouco que estavam floridas e verdes. As ribeiras também daquela montanha nasciam, como é a do Limo e a da Praia e outras, que todas tinham grandes grotas e espaçosas concavidades por onde corriam, indo pelo meio a água mui funda, ficando-lhes de uma parte e de outra mui altas e íngremes rochas, de diversas árvores naturalmente prantadas. Tudo totalmente atupiu e acravou a dita cinza e algumas das ditas ribeiras secou; e na da Praia, da banda do sul, correu por ela tanta cinza, terra e pedra pomes que, tomando posse do mar além da rocha grande espaço, fez um grande areal e campo por onde agora vai o caminho comum, de maneira que por onde dantes podiam andar navios e as rochas onde dificultosamente andavam cabras pascendo e os cães caçando, podiam andar e correr depois a pé, e a cavalo e em carros se podia caminhar, porque a lugares, nas ditas grotas e concavidades, havia altura de mais de duzentos palmos, com a qual estavam atupidas até o meio e mais, tão iguais e direitas que pareciam umas ruas muito chãs. E as terras lavradias que, cheias de searas chegadas à foice, dentro no dito espaço acertaram ficar, também da mesma maneira foram acravadas e alagadas de cinza e pedra pomes, de altura, nas ladeiras e dependuradas, de três, quatro, cinco e de mais palmos, e, nas mais chãs delas, de altura de uma lança, e nos vales sem medida.

Cortando também a dita frágua em esquadria ao sudoeste da ilha até dar ao mar, em toda aquela parte dali para o oriente até o cabo dela, caiu tanta cinza misturada com pedra pomes, que sendo as mais profundas grotas e ribeiras e íngremes rochas e as maiores asperezas de toda a ilha, tudo na mesma altura atrás dita acravou e subverteu, arrasou e deixou muito chão, sem aparecer em partes paus nem árvores, e em partes muito pouca parte delas.

Acravaram-se também muitos povoados, como foram o lugar de Porto Formoso que mais perto daquele incêndio estava para o nordeste dele, onde com o terramoto caíram algumas casas e, com o peso da cinza e pedra pomes muitas, ficando cobertas e acravadas. No lugar da Maia, com o tremor, caíram muitas casas e com o peso da cinza e pedra pomes quase todas as que ficaram e algumas igrejas, em tanto que parecia que nunca ali estivera povoado, no qual caíram e se alagaram mais casas que em outro algum.

Em todas as outras povoações e aldeias, Fenais da Maia, as duas Achadas, grande e pequena, e S. Pedro, pelo mesmo modo poucas casas ficaram em pé, caindo algumas igrejas. E, na Achada Grande, estando o povo na igreja com as portas fechadas, quando de noite chovia pedra pomes, dava rijo nelas cuidando todos serem demónios que queriam entrar com eles os esconjurava o vigairo de dentro.

No cabo e topo da ilha, na vila do Nordeste e ao redor dela, caiu mais terra, cinza e pedra pomes, que nas outras partes, pelo que receberam mais dano, e caíram muitas casas. E mais caíram, se não andaram continuamente sobre elas e em cima das igrejas a botá-la fora com pás e enxadas, ficando depois as ruas cheias e atupidas de pedra pomes e cinza, em partes, iguais com os telhados, e para entrarem nas casas e acharem as portas faziam cavas e minas. E, se não fizeram a dita diligência, todas as casas caíram com o peso e toda a vila assolara.

Fazendo volta para o ocidente, ao longo do mar do sul, o lugar do Faial e o antigo da Povoação, que do fogo ficava ao sueste (cabo da dita subversão) receberam menos dano; onde choveu pouca cinza e pedra e somente com os tremores caíram algumas casas de pouca substância. Daí direito ao fogo até à Vila Franca, e nela mesma, e até chegarem além dela ao sobredito passo, que disse primeiro ser alagado, caiu tão pouca cinza que em comparação dos outros lugares se pode ter por nada, porque a maior altura que aí sobre a terra fez, ainda não foi de um palmo. E de pedras caíram mui poucas e, a lugares, nenhumas. O que mais se deve notar para louvar a Deus é que em todos os lugares e povoados sobreditos, nem entre gente não caiu pedra alguma grande que pudesse matar ou ferir. Toda a perda e dano que fez este cinzeiro e pedra pomes, nestas partes, foi nas searas que estavam para se recolher e colmeias que estavam para se crestar; nas terras lavradias e de criações e pastos, nos pomares de diversas frutas, porque tudo cobriu e acravou, sem se aproveitar cousa alguma.

Subverteu e matou também o dito cinzeiro e pedra pomes muitos cavalos e éguas, e outras bestas de serviço, e gado de toda a sorte, bois, vacas, carneiros, ovelhas, cabras e porcos, até os passarinhos, de tal modo que nenhum aparecia, ficando todas aquelas partes desamparadas de seus moradores, que para outras fugiram, e tão sós que era medo e horror andar por elas, onde não se via senão uma soidade estranha, e a saudade de uma grande riqueza que fora e já não era; até ficaram as casas acravadas com quanto dentro tinham, que depois mal acertavam e podiam tirar, atinando os cães com as ovelhas que desacravavam debaixo do cinzeiro, como se viam depois muitas covas nele, no campo onde se chama a Creação, entre os Fenais da Maia e a mesma Maia. Todos finalmente em geral e cada um em particular receberam muita perda, não somente em seus móveis, mas na raiz e propriedades, até ficarem sem vestido e sem remédio, com a cinza mui espessa de quatro, cinco palmos de altura sobre as terras lavradias, misturada com pedra pomes mui miúda e, em algumas partes, pedra, ou sem cinza ou muito pouca, sem alguma esperança de jamais frutificarem, vendo-se muitos feitos pobríssimos, como o pobre Job, se Deus lhe dera e souberam ter também a paciência deste Santo. Bem dizer: um dia teu, outro do teu vizinho. Desta maneira foram os destas partes castigados. Mas os de Vila Franca, como já o haviam sido na sua subversão passada, na era de 22, estando na de 63 mais perto do fogo, tiveram menos dano, porque somente chegou o dano da cinza pela banda de oeste até Água de Alto, sendo arrabalde, menos distância de um quarto de légua, onde subverteu algumas searas, canas, pomares, gado, casas e outras cousas, e essa foi a maior perda que recebeu. Daí por diante não chegou, chegando da banda do norte até a serra mais propínqua, sua vizinha, que está mui perto, sem passar daí para baixo. Da banda de leste, chegou à Povoação Velha, que tenho dito, onde ainda fez pouco dano. E daí avante não passou.

Caiu tanto cinzeiro da parte do norte, nos montes da vila da Ribeira Grande, donde nasceu aquele fogo do incêndio, por onde correu aquela ribeira, que, altos e baixos, todos ficaram rasos. Convém a saber, grotas e o vão da Ribeira Grande e doutros regatos que a ela vão ter, em tanta maneira que a dita ribeira deixou de correr algum mês, ou mês e meio, em o qual tempo faltaram as águas e não havia água que beber, nem os moinhos dela moíam. No cabo deste tempo, que era no verão, no mês de Junho, depois que entrou o Inverno, que choveram algumas águas, com a água que corria, a ribeira (que todo aquele tempo não chegava à vila porque fazia represa e detença no cinzeiro que do ar caiu nas serras, e se alguma corria era por debaixo dele, que a gente não via), com esta água de represa e com a outra que chovia, se viu por diversos dias sete ou oito vezes correr a água, cinzeiro e pedra pomes, tudo junto a maneira de uma grande onda até chegar ao mar; e então ficava a ribeira como seca, sem correr, e daí por espaço de dez, doze credos, tornava a vir outra onda de água, terra e pedra pomes, tudo misturado, tornando a correr pela mesma maneira, e dava consigo no mar, o que causava encher-se o vão da ribeira, com cada onda de polme que vinha, como com uma capa de círio, que se faz com uma camada de cera sobre outra, de tal modo que se acabou de encher e atupir toda a concavidade da ribeira, o que foi causa que veio a espraiar a água tanto pela vila, que, arruinando alguns alicerces de casas, as derribava, e outras, com a sua fúria e corrente, levava diante de si ao mar. Assim destruiu quase meia vila e levou mais de duzentas casas, as mais delas sobradadas e das melhores que havia, por estarem ao longo da ribeira, onde os mais dos homens folgavam de edificar e morar.

Também aconteceu algumas vezes vir tanta pedra pomes pela dita ribeira, que nalguns lugares estreitos dela ficava por cima de água tão basta e em tanta quantidade que algumas pessoas que queriam, passavam por ali, de uma parte a outra, a pé enxuto, como por cima de uma ponte, ou duro caramelo, sem se afundarem nem molharem. E tanta cinza, terra e pedra pomes correu pela dita ribeira Grande que corta a vila pelo meio, que tomando posse do mar, compridão de mais de dois tiros de besta, fez uma grande praia do dito polme, de maior quantidade que doze moios de terra. E trazendo depois a mesma ribeira com suas enchentes muita lenha, da que com as chuvas se ia desacravando do cinzeiro, que caído estava sobre os matos, se apanhava na vila e na nova praia, onde espraiava, com ganchos, por muitos dias, em um só dos quais se tiraram mais de mil carradas de lenha dela, que servia para madeira de casas e arcas, e outra mais torta para o fogo, afora muita que foi ter ao mar, levando também com ela algumas pessoas com sua fúria, das quais algumas se tiraram e escaparam, e outras morreram, sem nunca mais se saber delas. Com a mesma fúria, levou duas pontes grandes, lavradas de pedra de cantaria, que eram serventia da vila, deixando-a destruída, e seus arrabaldes e Lomba assolados e postos por terra, sem ficar casa em pé que não caísse com o tremor, ou em parte, ou em todo. Pelo que este segundo terramoto pôs a dita vila no estado em

que agora está com suas ruínas, parecendo pobre aldeia, que dantes era a mais povoada, rica e lustrosa vila deste Bispado. Não lhe fez também o dito terramoto pouca perda na lenha que lhe arrancou dos matos, dela deitada no mar, e outra acravada neles, pois agora lhe custa mui caro i-la buscar mui longe.

Tanta foi a quantidade e multidão de cinza e pedra pomes que da dita ardente frágua saiu, e tão alto botada que, quando desceu e caiu, não somente alagou e subverteu o que da ilha dito tenho, mas ainda caiu muitas léguas pelo mar, para a banda de leste muito mais, que parecia terra imóvel; porque sobre as suas águas se fez e pôs em bardos e bancos tão grandes e altos que nos espaços e intervalos de mar, que entre uns e outros ficavam, estavam os navegantes abrigados, porque alguns eram de largura mais de légua e outros menos, e de comprido tão grandes que com a vista alcançar se não podiam. O que foi visto e contado por pessoas dignas de crédito e mareantes que em aqueles dias, vindos do Regno, aportaram a esta ilha, afirmando que quando os ditos bardos viam a primeira face de longe, lhes pareciam terra, pela grande altura que assim, sem se moverem sobre o mar, traziam. E quando mais perto chegaram, vendo que eram cardumes e multidão de pedra pomes e terra (não sabendo ainda ser também cinza) tinham para si que era a ilha subvertida, pela altura em que estavam e rota e rumo em que vinham, trinta, quarenta, cinquenta léguas dela. Vindo assim por o não poderem escusar, nem lhes parecer que era cousa de tal sorte, envasaram em uma ponta dos ditos bancos, mui pequeno (sic) em comparação dos que apareciam, e raso, sem ter altura sobre a água. E vindo o navio com vento fresco e próspero, correndo com grande ligeireza, com todas suas velas estendidas, encalhou de tal maneira que parecia dar totalmente em seco e ficou quase imóvel. E metendo um marinheiro de proa um remo no dito cardume e bardo, sem embargo de ser raso e não ter para cima de água alguma altura, para baixo a tinha tanta, que afirmou meter o remo mais de dez palmos pela cinza abaixo (que então se viu o que era) sem chegar a água; o que lhes pôs grande espanto e medo e então tiveram por certeza que não podia ser outra cousa senão a ilha queimada, subvertida e alagada. E, não podendo assim andar nem romper por diante, viraram as velas e por outra parte, com assaz trabalho, fizeram seu caminho, guardando-se sempre dos mais semelhantes perigos e novos baixios, deles tão altos sobre a água que pareciam ilhéus, de altura de doze, quinze palmos, a lugares, de sua compridão e largura.

Um Vicente Anes Bicudo, homem nobre, honrado e discreto, dos principais da vila da Ribeira Grande, contou que vindo então do Reino, cinquenta léguas desta ilha, com tormenta fora dar o navio em um grande bardo de pedra pomes, onde viram um tabuleiro e algumas árvores, por onde julgaram ser a ilha subvertida. E dentro no bardo ficaram em bonança, mas pelo perigo se saíram fora, onde com a tormenta desejavam tornar à bonança do bardo da pedra pomes.

Outras pessoas de crédito, em outro navio que também vinha do Reino, afirmaram que em meia travessa, mais de cento e cinquenta léguas desta ilha, acharam grande cópia da dita cinza e pedras em cardumes, mas não tão bastas nem tão grandes; pelo que não se pode ninguém tanto espantar, pois mais longe da dita ilha, a quarta-feira logo depois do dia de S. Pedro, vindo outro navio, lhe choveu muita cinza e pedra miúda, e lhe fez muito medo. E a mesma quarta-feira foi a dita cinza tão alta em aquelas monstruosas nuvens que contei, que quando desceu foi muita dela cair em partes de Portugal, na cidade de Coimbra e seus termos e arrabaldes, e muito mais além, na cidade de Braga.

Acharam estes mareantes, uns e outros, no mar muitos bois e outro gado de toda a sorte, muitos mortos, e muitos e grandíssimos paus e árvores inteiras com seus ramos, folhas e raízes, e outras chamuscadas e muitas meias queimadas e torcidas, trinta, quarenta léguas da ilha, pelo que mais afirmaram e tiveram para si ser a ilha perdida; e vinham com grande receio e temor de em algumas relíquias dela se perderem.

Indo desta ilha um mareante para Lisboa, o Bretão, de alcunha, se achou com sua caravela em meia travessa o dito dia de S. Pedro, onde caiu também a dita cinza e choveu sobre eles de tal sorte que lhe deu grande trabalho. E depois os alcançaram as obscuridades que aconteceram no mesmo dia, em que foram em trevas como em obscura noite; e por muitos lós e bordos que faziam nunca se puderam livrar delas até outro dia, que viram a lux (sic); e até chegarem a Lisboa lhe choveu a dita cinza tanto, que lhe foi necessário às pás deitá-la fora, o que lhe deu grande tribulação e medo, sem poderem determinar a causa. E assim chegaram, levando ainda muita dela, que muitos de terra vinham ver e perguntar, desejando saber cousa

tão monstruosa, porque já tinham visto a que lá nos outros lugares havia caído, mas os do navio nenhuma razão lhe souberam dar disso.

Permitiu Deus, por sua grande misericórdia, que todos aqueles atribulados dias ventassem ventos da banda de ponente; pelo que se subverteu e acravou a parte da ilha que disse, porque se ventaram ventos de outra qualquer parte do levante, além de para a outra parte na mesma ilha se fazer outra tanta ou maior destruição, não há dúvida senão que as outras ilhas dos Açores para oeste desta, sem falta houveram de ser alagadas com aquela multidão de pedra e cinza que, para o leste, no mar caiu. Finalmente, alguns julgaram que faria este terramoto, de perda em toda a ilha, mais de duzentos mil cruzados. E outros afirmaram que a trezentos mil cruzados chegaria.

CAPÍTULO LXXXIX

DE COMO SE IA VER O LUGAR DO FOGO E INCÊNDIO DA SERRA, DEPOIS DE SE MITIGAR SUA FÚRIA, E DO QUE NISTO ACONTECEU

Cessando algum tanto sua fúria aquele monstruoso incêndio deu lugar a ser visto onde então claramente se viu o que acima tenho dito, convém a saber, o sítio, a serra, o lugar e causa donde tanta tribulação havia manado. Ali logo se achou menos o sobredito pico que naquele bosque era maior e mais fresco, e como nele e dentro dele ardera fogo, e daí tinha saído, deixando-o consumido, virado e tornado em outra tão baixa e profunda concavidade, quando alta era sua altura, à qual algumas pessoas desceram por mais de perto verem aquele prodígio.

Viram-se na dita concavidade muitas e diversas bocas, ainda que muitas mais (segundo parecia) se tinham já atupido, pelas quais o fogo ainda estava respirando e evaporando, mas não tão furiosamente. Por uma delas deitava somente fogo e ar calidíssimo, por outras alguma cinza, mas pouca, a qual também caía perto e ao redor delas, por não ir alta. Uma das ditas aperturas havia mui grande e espantosa, pela qual estava continuamente botando para o ar muita soma de uma terra muito negra e feita em grão, que subia mui alta e direita, fazendo com o delicado vento mil figuras e várias aparências. Ora parecia um verde acipreste (ainda que diferente na cor), ora uma comprida faia com todos seus ramos. E outras vezes um alto castelo com todas suas torres; e, quando descia, tornava a cair dentro da mesma cova e boca, por ser mui larga e a dita terra ser pesada, feita em grão e não em pó; e por dentro da dita concavidade não entrar tanto vento que a espalhasse, pelo que tornava a cair direita, e assim estava indo e vindo continuamente. Mas, já nela, nem em nenhuma das sobreditas bocas, aparecia fogo, saindo somente delas grandíssima quentura. Daqui não há dúvida senão que saía aquela triste e negra terra que caiu sobre todos o dia de S. Pedro.

No meio da dita concavidade, estava um grandíssimo moledo de mais de quinhentos pés em redondo, e de altura mais de cinquenta palmos; o qual era de pedras, delas mui grandes, todas daquelas molares que o fogo criam (sic), todo abrasado a maneira de um fogareiro mui aceso, ou a semelhança de um ardente forno de cal, quando tem suas pedras vermelhas e incendiadas. Esta era relíquia do pico gastado e consumido e o tal moledo era o âmago e ossos dele, que de tal maneira se lhe foi gastando e consumindo a terra e todo o mais, até que ficou nas pedras vivas que dentro tinha, e ainda essas o bravo fogo estava gastando e semeando. Este moledo tinha em meio uma grandíssima e ardentíssima boca, que era e foi a principal de todas, por onde a mais tribulação saía e a primeira que arrebentou na sumidade e coroa do dito pico; o que bem mostrava, por deitar ainda grandes e ardentes fachas línguas de fogo com grande fúria, e, de quando em quando, com mui grandes estouros, muitas pedras de diversas feições, muito altas; e depois, faltando-lhe a força com que, contra sua natureza, as faziam subir para cima, começavam a cair com grande fúria, algumas como pipas, quartos e grandes caixas, outras como grandíssimas balas de fardos de roupa, e outras muitas, pequenas; e, segundo eram grandes ou pequenas, assim iam para cima muito ou pouco, e descendo para baixo caíam também longe ou perto, mas todas já a este tempo das encumeadas da concavidade para dentro. Assim que claramente se viu e entendeu desta haverem saído todas quantas pedras tenho dito, e assim das outras, a cinza e a terra negra, que cada cousa (como claro se mostrava) saiu por sua apertura e boca diferente, até tanto que desfizeram, gastaram e consumiram o dito pico e o tornaram tal qual então se via.

Ainda que este pico era tão grande (como já disse) mui maior ficou a concavidade e caldeira onde estava, e tudo na dita cinza e pedra foi desfeito. Contudo, em nenhuma maneira, isso bastara a subverter e cobrir a décima parte do que cobriu, senão que dentro do centro e âmago da ilha saiu pelas ditas aperturas quantidade de dez tamanhos e maiores picos.

Também na mesma concavidade, da banda de leste, de uma altura e quebrada, nascia e manava uma ribeira de uma água mui fria e duma cor branca como soro de leite, que à vista parecia peçonhenta e corria em polme de enxofre e rosalgar e doutros semelhantes materiais, dos quais, a lugares, a dita concavidade estava tão semeada, que de bem longe parecia cor amarela. Esta água peçonhenta, correndo da dita ladeira para o baixo e meio da caldeira, vinha topar e dar no dito moledo encendido, em cujo fogo fazia grande guerra e ali se consumia.

Cada vez mais ia o dito fogo aplacando e mitigando sua ira, e portanto muitas pessoas o iam ver e cada vez lhe achavam mudanças e diferenças, principalmente nas ditas bocas, as quais achavam ora muitas atupidas, ora outras mais de novo abertas, ora sem bafejar e ora com muita fúria.

Como a gente teve lugar de ver a cousa mais de perto e ousaram descer abaixo, acharam que na sobredita água e em todo o baixo e caldeira havia tão grande fedor de enxofre e rosalgar, que enjoava e desatinava as pessoas. E aconteceu irem ali ter alguns cães, em companhia da gente, e estando breve espaço morriam.

Entre os que foram ver o dito fogo que arrebentou, a vinte dias depois de arrebentado, pouco mais ou menos, foram Jorge Tavares, Rui Tavares e Afonso de Goes, mestre que agora é da capela, na cidade da Ponta Delgada, e chegando ao dito mato, que dantes soía ser de mui espesso e alto arvoredo, de maneira que se não podia caminhar por ele, não viram árvore alguma, porque lhe ficavam debaixo dos pés em grande altura, por a cinza e terra, que do lugar do fogo haviam saído, fazerem caminho por cima dele. Chegando à altura de um monte, viram aquela concavidade que ao parecer teria em roda uma légua e meia, e, da boca ao fundo dela, um tiro de espingarda, que dantes era no mesmo lugar um pico mui alto e em cima dele uma grande alagoa. E para descerem abaixo, por não verem caminho, foram escorregando pela cinza e terra, que era fácil. E no meio da caldeira viram congelado um biscouto que ocupava pouca terra, e as pedras dele todas cobertas de enxofre, ao longo do qual, para uma ilharga, estava um poço tão profundo que parecia chegar ao centro da terra e teria de boca cinquenta passos, trazendo dentro de si grandíssima fúria de fogo, pelejando com a água, pedras, terra e polme grosso, com a qual, por espaço de um credo, lançava fora, a modo de bombarda, muito daquele polme misturado com pedras, as quais fazia ir conquistar a região do ar mui alto e, quando o polme e pedras tornavam a cair, vinham enxutas, como se foram stipticadas (sic) com a força de todo verão, a qual operação parecia causar a grandíssima altura que se julgava haver da boca aonde o fogo com a água faziam seu assento. Tinha esta caldeira o chão debaixo, de grande quantidade e redondo; da banda do norte se mostrava uma rocha viva, mui alta, da qual saía uma grande ribeira com tanto ímpeto e rumor, que atroava todo o lugar e parecia que alguma fúria assoprava, porque mais tinha tom de vento que rugido de água; o que era bastante a pôr grande medo a todos os que não tivessem ouvido os terramotos passados.

Outros muitos foram ver este lugar de cima da encumeada, mas não chegaram abaixo daquela covoada, toda à roda talhada de rocha, a notar tanto as particularidades dela.

Foram também ver o dito lugar, de Vila Franca, o vigairo da dita vila Belchior Homem e o licenciado Simão Pimentel, pregador, e Francisco Pacheco, Jordão Jácome Raposo, o padre beneficiado Frutuoso Coelho, Jorge Barbosa Ferraz, João Nunes, vigairo que foi na ilha de Santa Maria, e Bartolomeu Pires, homem que conhecia bem aquela terra, Afonso de Lima, tesoureiro em Vila Franca, e outras muitas pessoas. E, chegando ao lugar onde arrebentou o fogo, de muito longe, sobre a rocha, disse o dito Bartolomeu Pires que aquele alto onde estavam era dantes a faldra de um pico que tinha uma alagoa pequena, que se chamava o pico da Lagoinha de Vulcão, e que aquela concavidade que viam era uma alagoa que estava detrás do dito pico, de maneira que o pico e a alagoa era tudo uma concavidade mui alta de doze ou treze alqueires de terra e no meio como uma grande eira. Descendo abaixo o padre Frutuoso Coelho, com sobrepeliz, estola, cruz e água benta que levava, cuidando ser necessário por suspeitar que andavam ali demónios, e Jorge Barbosa, Afonso de Lima, tesoureiro, e outro, chegando ao lugar aonde arrebentou o fogo, estava aquela boca ardendo como um forno de cal, e derredor dela, obra de dois alqueires de terra cobertos de pedras que saíam daquela boca, ardendo tanto que com a quentura não podiam chegar a elas; e, estando todos em baixo, começaram ouvir um grande estrondo a maneira de trovão, e saíram pela boca, que deitou fora mui alto pelo ar, mais de quatrocentas mil pedras, que pareciam grandes bandos de estorninhos. Depois se abriu mais a dita boca, como que se apartava a terra uma da outra, e deitando de si uma pedra tão grande como uma pipa, tornava a cair para dentro na mesma boca algumas vezes, até que de uma a deitou fora e caiu logo ali junto da boca para uma

ilharga dela; e este foi o derradeiro terramoto e estrondo que fez e a derradeira cousa que deitou fora, com medo do qual estrondo se foram os que ficaram em cima da encumeada; e os outros que desceram à caldeira lhe pesou bem acharem-se em baixo. Mas, o padre Frutuoso Coelho não fazia senão deitar água benta ao ar contra as pedras que caíam ao redor da boca e dentro nela. Além da qual boca, viram outras duas furnas, uma de polme que se movia a maneira de uma roda, e outra que deitava para o ar ferrugem por duas bocas, quando uma ia para cima, abaixava outra. Estava ao sul uma rocha pequena que merejava água, onde depois morreu um homem, passando ao longo dela, como logo direi. E estes se recolheram com assás medo, por estar a terra tão movida, que temiam grandemente de ali os subverter.

Também foram depois ver o dito lugar António de Crasto, Miguel Lopes de Almeida, Manuel Fernandes, que depois foi estribuidor em Vila Franca, e um valente homem, mancebo solteiro, chamado Afonso Pires, natural da ilha da Madeira, que lá morreu aquele dia, e o padre Pero Mendes, beneficiado na igreja de S. Sebastião, que então acertou de estar em Vila Franca, afora outros que foram em outra companhia, depois deles. Chegados ao lugar que dantes havia sido alagoa, que todo o ano tinha água, entraram dentro naquela concavidade algumas destas pessoas, ficando algumas vendo aquela concavidade e andando-a à roda por cima da rocha; outras desceram abaixo dentro nela, em um espaço grande, muito chão, coberto de pedra pomes, junto nuns altos e baixos que atravessavam a ribeira que corria de nordeste para o sudoeste, e ia ter a uma furna onde se recolheram as águas da alagoa, que ainda então estava tão furiosa dando de quando em quando alguns espantosos urros, como os que dava de contino naqueles dias atrás, que a todos pareciam os derradeiros da vida e do mundo. A qual furna não podiam ver senão de longe. E estes roncos que dava eram causados da pedraria que dentro da furna com água fervia; e aos que entraram e desceram assim então, abaixo desta concavidade, aconteceu o seguinte:

António de Crasto e Miguel Lopes de Almeida, que sempre andavam juntos vendo o que dentro havia, ao passar da ribeira acima dita, os atordoou tanto o bafo daquela água, que, indo para diante pouco espaço, caíram como bêbedos; e dali embarbascados se apartaram, fugindo daquele perigo e tomaram cada um seu caminho, quase não sabendo o que faziam. Miguel Lopes, pelo caminho que seguiu, foi dar em um barranco de altura mais de um homem, e porque estava tudo coberto de pedra pomes, cuidou que era como todo o mais caminho por onde haviam vindo, e saltando do barranco em baixo em um rechão, por não rodear a ir buscar o caminho, achou-se em um pego de água mergulhado, e, atónito do engano que lhe havia feito a pedra pomes, todavia se tirou do atoleiro sem perigo e se foi onde estava a demais companhia. Logo chegou António de Crasto tão afrontado como ele, saindo ambos daquela ribeira tão inflamados e ardidos, como puderam sair duma fogueira de fogo.

Aos outros que também abaixo desceram, aconteceu isto. O mancebo Afonso Pires que ia diante, em passando a dita ribeira, por mais que foi avisado e requerido dos companheiros que não fosse por diante, não querendo senão ir, seguindo-o Manuel Fernandes, estribuidor, dando o bafo daquela ribeira a Afonso Pires, foi por diante embarbascado já do fedor dela. Manuel Fernandes cuidando que ia bem, o foi seguindo; mas não muito adiante caiu Afonso Pires para um cabo e Manuel Fernandes para o outro, onde o desatino de cada um e sua desaventura os levou, bem apartados um do outro. A gente, que de riba estava no cume, não fazia senão gritar aos outros de baixo, que já se vinham para a vila, dizendo: — acudi, acudi, a homens mortos. Aos quais brados, se ajuntaram muitos dos que lá tinham ido aquele dia, e não sabendo que fizessem, porque ainda viam bulir Manuel Fernandes e não havia quem ousasse acudir-lhe, pelo perigo que nisso se oferecia, se ofereceu Bento de Noia, mulato, escravo de Simão da Mota, para os ir socorrer; e, tomando a metade de um pão ensopado em vinho e pondo-o nos narizes e boca, atado com um pano, de maneira que não pudesse recolher nenhum bafo, foi acudir a Manuel Fernandes que estava mais perto, ainda vivo, de bruços, gemendo com a boca no chão, da qual tinha deitado muita escuma; e, tomando-o por um braço, o levou arrastando, até o tirar e pôr em lugar seguro, donde o levaram para a vila como morto, e esteve muito mal alguns dias em cama, primeiro que convalescesse. E, querendo acudir a Afonso Pires que estava morto de boca arriba, com uma adaga, que levava na cinta, desembainhada e posta em cima da barriga, pelo perigo do lugar não compadecer nenhuma demora e ele ir abafado e sem fôlego, o deixou com muita mágoa sua e de toda a mais companhia.

Chegada a nova a Vila Franca de como ficava aquele morto, se ajuntou alguma gente para irem por ele; entre os quais foi um Manuel Nunes, mulato, natural da ilha da Madeira, que servia de prenseiro nos engenhos de açúcar, e por ser valente homem se atreveu i-lo tirar do

lugar perigoso em que estava. Levando umas cordas e abafando e cobrindo a boca e narizes com uma toalha, se foi onde estava o defunto e atando-o com a corda pelos pés, com a mais pressa e ligeireza que pôde, ele com outra gente que estava fora do perigo, o arrastaram e o levaram à vila, onde o mesmo dia lhe deram sepultura.

Daí a poucos dias, foram ver o mesmo lugar o padre Frutuoso Coelho, Afonso de Goes e outros, e acharam o caminho bem ao contrário do que dantes estava, porque eram tantas as grotas, que a água da chuva tinha feito na cinza e terra, que por cima do mato primeiro acharam, que não tinham conto, indo cada uma delas buscar o solo da terra. Chegados ao lugar do fogo ou caldeira, não desceram abaixo pela verem toda cheia de água e pedra pomes por cima dela.

A dois de Setembro do dito ano de mil e quinhentos e sessenta e três foram Luís Botelho, cirurgião, e João de Escarsela, da vila da Ribeira Grande, ver o dito lugar onde arrebentara o fogo, partindo direitos da dita vila ao alto da serra, sem fazer rodeio por ser tudo atupido de cinza e pedra pomes que caíra, tornando rasos os altos e baixos; ainda que em algumas partes iam de gatinhas, por ser a serra muito a pique. E, tanto que foram em cima, se acharam sobre uma rocha muito alta, cortada direita, em redondo, cercando um baixo cavo, no qual viram algumas cousas confusas que desejaram ver de perto; pelo que desceram abaixo por uma parte baixa que da banda do sul estava, onde acharam tudo atupido de cinza, a modo de praia calcada, e viram nela da parte do norte cair quatro ribeiras nascidas no meio da rocha, três turvas e uma clara, e ali onde caíam faziam cada uma seu poço pequeno e redondo e nos mesmos poços se sumiam sem ver mais que caminho levavam. Não havia em toda aquela concavidade era, nem árvore; tinha no meio, algum tanto mais para o sul, um outeiro pequeno que estava fumegando. Indo para ver João de Escarsela, diante, meteu os pés em um atoleiro até as coxas, do qual, tomando-o Luís Botelho pelas mãos, o ajudou a tirar; e dizia que debaixo achara com os pés a água solta. Tinha esta praia pelo meio um sinal que apartava uma dura de outra mole. Buscando outro caminho para chegar ao outeiro pequeno, viram nele muitas gretas fumegar e de quando em quando veremelhejar como fogo, e ao longo dele algumas aves mortas, que eles julgaram morrerem de fedor que também ali lhes dava. Ao pé deste outeiro, para a banda do sudoeste, estava um grande buraco no chão, como furna pela qual saía muito fumo, e na boca dele andava ao redor, como em fervura de panela, um calhau tão grande como de quarenta palmos em roda nadando, o qual outras pessoas depois disseram que andara ali pouco tempo sobre a água e fizera assento. Era esta praia da concavidade maior que quarenta alqueires de terra, mais comprida que larga, tendo a compridão de leste a oeste. A rocha para a banda do sul era mais baixa (como tenho dito), por onde desceram por um boqueirão escalvado e lavado, como que trasbordara por ele alguma grande cópia de água; da banda de fora tinha uma grota a modo de ribeira, e nela nascia alguma água, pouca, onde é o nascimento da ribeira que se chama da Praia, que vai ter ao mar da parte do sul desta ilha; ali desceram estes dois homens e fizeram com as mãos uma poça pequena para beber, mas a água lhes sabia e cheirava a enxofre.

No derradeiro domingo do Carnal (sic), que foi no mês de Fevereiro, ([358]) da era de mil e quinhentos e sessenta e quatro, duas horas da noite, depois do sol posto, se ouviu em toda esta ilha um terrível estouro, com que furiosamente tremeu toda, fazendo grande espanto e medo à gente, cuidando todos que tornava acontecer outra nova desaventura, pior que a passada. Em Vila Franca, e em Água do Pau, querendo-se começar a despejar as vilas, mandaram primeiro alguns homens por toda a ilha saber que cousa aquela seria. E acharam que junto donde arrebentou o primeiro fogo, no pico das Berlengas, arrebentara outro, abrindo outro algar muito grande, que deitava de si espessíssimo fumo, e ia correndo por baixo da serra algum licor para contra o lugar da Povoação Velha, com que tomaram algum alento e ficaram consolados por não correr contra as vilas, principalmente por não ter feito, nem fazer depois algum dano; porque, segundo foi o estouro grandíssimo e espantoso, ameaçava grande desolação e subversão de povoados e gente, que por sua misericórdia Nosso Senhor, como bom Pai, impediu que não acontecesse, nem viesse sobre os seus, ainda que maus filhos.

Fez depois este lugar, por diversos tempos, muitas e diferentes mudanças. Agora dizem que, assim como dantes era uma grande alagoa, já está também tornado alagoa muito maior, porque terá duas léguas de comprido e quase um quarto de légua de largo. E cada vez vai mais crescendo.

CAPÍTULO XC

COMO DEPOIS DO SEGUNDO TERRAMOTO, EM TEMPO DO CAPITÃO MANUEL DA CÂMARA, FORAM RESTAURADAS MUITAS TERRAS DE PÃO QUE NA BANDA DO NORTE SE COBRIRAM COM PEDRA POMES E CINZEIRO, PRINCIPALMENTE POR INDÚSTRIA DE MANUEL VIEIRA, CIDADÃO DE VILA FRANCA

Com o terramoto segundo e fogo que arrebentou da alagoa que estava na cova do pico das Berlengas, entre a vila da Ribeira Grande e Vila Franca do Campo, no meio da serra (como tenho dito) se alevantou tanto cinzeiro e pedra pomes que obscureceu o ar todo por espaço de três dias pelos Fenais, Achadas, Maia, até junto de Porto Formoso, que não se viam os homens uns aos outros no meio dia, nem iam buscar água para beberem, senão com círios e candeias acesas; nos quais dias caiu tanto cinzeiro e pedra pomes no mato, que toda aquela parte dele, do Porto Formoso até o Nordeste, ficou coberta e acravada, altura de oito, dez palmos, sem ficar pasto algum, com que o gado se mantivesse. E, em algumas partes, em que ficaram algumas árvores, o vieram manter com alguma rama que delas lhe cortavam, por não terem outra comedia. E tão costumados estavam já a este pasto da rama cortada que, indo algumas pessoas buscar o seu gado pelos matos e não achando onde o descobrir, usavam de manha para o poder tomar, subindo-se um homem em uma árvore ou pau alto do mato, onde estava dando pancadas com outro, como que fendia e cortava rama; e ouvindo o gado, onde quer que estava tresmontado, aquelas pancadas, cuidando que lhe cortavam rama naquela parte onde as ouviam, para ele comer como costumava, acudia logo ali uma rez de uma parte, outra da outra, e assim se ajuntavam naquele lugar onde cada um dos pastores tomava o seu.

Não somente caiu cinzeiro e pedra pomes nos matos, onde destruíu muitos pastos, madeira e lenha, mas também nas terras de pão três palmos e dois e meio o menos de altura, e daí para riba até cinco e seis, como no mato e serra, quatro, cinco, seis palmos, e em outras partes mais e menos, misturada a pedra pomes, cinza e lama, de modo que fazia um bitume mui duro e tão forte que, dando três e quatro vezes com a enxada nele, não o podiam entrar, nem descobrir o solo da terra boa. E ficaram grotas e caminhos atupidos, tudo raso, e perdidas as terras todas e mato, por aquela parte, ficando as árvores, umas quebradas, outras secas com a quentura do fogo, outras torcidas e outras acravadas.

Estando assim perdidas as terras, sem esperança de remédios (porque alguns as experimentaram logo depois do terramoto, e nada davam por a novidade e semente que lhe semeavam, não poder penetrar com sua raiz a terra abaixo, mas logo em nascendo, como vinha o tempo quente, se secava) por se verem perdidos os homens, tendo assim suas terras cobertas desta praga e bitume, sem ter que dar de comer ao gado e bestas, a necessidade, que é boa mestra, os ensinou a buscar um remédio para alimparem algumas terras, principalmente as íngremes e dependuradas, com águas e levadas de ribeiras. O qual remédio custou muito dinheiro e trabalho a muitos; e na dita obra morreram alguns homens e outros ficavam tolheitos de frialdade, andando dentro na água muitos dias, por serem as águas frigidíssimas, saídas de perto debaixo da terra fria; o qual trabalho não tiveram os da parte do Nordeste tão grande, porque, ainda que ficou coberta de pedra pomes, era solta a que por lá caiu, sem mistura de cinza, terra e areia, como a outra; e por isso se puderam limpar as terras dela com mais facilidade e menos trabalho e custo.

Dizem que o primeiro homem que principiou a limpar as terras com água foi um, chamado João de Santilhana, que começou a limpar um cerrado com uma pá, e vendo ser cousa tão trabalhosa que lhe pareceu impossível, tirou então a levada que ia para o moinho do Cachaço, que atravessava ali todas as terras. E alimpando algumas suas com ela, todavia pelo trabalho incomportável que tinha, desconfiado de as poder limpar, as vendeu por pouco preço, sendo elas antes de muito, e se foi para o Brasil, e no caminho morreu. E sua mulher e um genro que

tinha e três filhas de bom parecer, uma das quais dizem que era a mais formosa mulher que então havia nesta ilha, dando a nau em que ia na costa do Brasil, ou em outra de cafres, onde, os que escaparam com vida na importuna viagem, iam tão desbaratados e fracos, que não havendo neles resistência nem defensão, foram cativos daquela gente bárbara. O rei e rainha da terra, vendo aquela mulher tão formosa, a levaram com os mais, fazendo-lhe por amor dela bom gasalhado, dos quais não se sabem mais novas, em que pararam; por fugirem de suas terras, que viram perdidas com o cinzeiro e pedra pomes, com saudades delas, foram ter a outras maiores saudades em terra alheia.

A pedra pomes que caiu no Nordeste, como era solta, sem bitume, foi (como tenho dito) fácil de alimpar, porque até o vento a levava de uma parte para outra; e às vezes tornava a cobrir o que já tinha descoberto e limpo. Se ventava vento rijo danava-lhe e escozia-lhe as searas que tinham semeadas. Até as pessoas então se escondiam nas casas, fugindo da pedra que os açoutava e escozia e às vezes os escalavrava.

Vendo que não tinham remédio tantas terras e tão boas, tão perdidas, um homem nobre e principal que naquelas partes morava, nos Fenais da Maia, chamado Manuel Vieira, cidadão dos da governança de Vila Franca do Campo, buscou arte para remediar tanto dano. Este Manuel Vieira é filho de Fernão Vieira e neto de Pero Vieira e de Álvaro Lopes de Vulcão, o qual Pero Vieira era irmão de D. Violante, mulher de Pedreanes do Canto e mãe de João da Silva, único seu filho, porque só este teve Pedreanes do Canto dela, que era sua segunda mulher, além dos outros filhos que teve da primeira. Veio o dito Pero Vieira a esta ilha, de Lisboa, de casa de seu pai Duarte Galvão, que aí morava, por se casar contra sua vontade; e trouxe sua mulher, a qual deixando nesta ilha, se tornou a Lisboa em tempo de el-Rei D. Afonso, quinto do nome, quando havia guerras entre Portugal e Castela. A este mesmo Pero Vieira (por ser homem principal, fidalgo de muito saber) mandou o dito Rei D. Afonso naquele tempo por embaixador a Castela, e depois de tornado lhe deu o hábito de Cristo, com que veio a esta ilha buscar sua mulher, que levou para o Reino, onde viveu e acabou entre seus parentes, os Galvões, cujas armas ele tinha, deixando nesta ilha filhos e filhas, um dos quais foi Fernão Vieira que viveu na vila da Alagoa, homem principal e abastado; o qual, entre outros filhos que houve de sua mulher Eva Lopes, filha de Álvaro Lopes de Vulcão e de sua mulher Mécia Afonso, da geração dos Machados, da ilha Terceira, que também são fidalgos, houve um que se chama Manuel Vieira, que acima disse, cidadão de Vila Franca e da governança dela, rico e abastado, casado primeiro com Mor da Ponte, filha de Sebastião Afonso, homem nobre, morador no lugar do Faial, e de Constança Rafael, fidalga do tronco dos Colombreiros, e agora casado com Petronilha de Braga, filha de António de Braga e de Francisca Feia, da Vila da Ribeira Grande. O qual Manuel Vieira, por ser homem poderoso e bem entendido, vendo (como disse) aquelas terras perdidas com o cinzeiro e pedra pomes, quis experimentar todos os remédios possíveis que pôde inventar para as restaurar com grande custo de sua fazenda.

Primeiramente, o dito Manuel Vieira, o primeiro ano seguinte de mil e quinhentos e sessenta e quatro, depois do terramoto, semeou todas as cousas que pôde, trigo, cevada, centeio, linho, abóboras, junça, chícharos, lentilhas e todos os mais ligumes sobre o cinzeiro e pedra pomes, e tudo nasceu bem; mas, vindo o tempo quente, se tornou amarelo e secou, por ser a pedra pomes seca e não ter virtude para poder criar, por lhe faltar humor. O que vendo ele, determinou de lavrar a terra, onde havia mais pouca altura de pedra pomes e cinzeiro, e rompê-la bem alta, calabreando-a com arado grande e três juntas de bois, para que chegasse à terra boa, por ver se envolta com a cinza e pedra pomes podia frutificar. A qual experiência, que fez o terceiro ano seguinte, de sessenta e cinco, lhe aproveitou, porque onde chegava o arado à terra boa deu muito pão, onde viu que a raiz do trigo ia abaixo, pela pedra pomes demovida com o arado, três palmos e meio buscar a terra boa e por isso frutificava. E houve bom pão naquele ano.

O que vendo o dito Manuel Vieira, logo o outro ano seguinte lavrou as terras pela mesma maneira, que lhe deram também fruto e respondeu bem a novidade, por chegar a raiz do trigo abaixo à terra boa, de que gozava. Mas, considerando que esta pedra pomes e cinzeiro era tanto que envolvendo-se com a terra boa a danaria e comeria, por onde viesse a não aproveitar, fazendo-se estéril, imaginou um remédio maravilhoso, que, ainda que no princípio pareceu dificultoso e sem proveito ao Capitão Manuel da Câmara e a outras pessoas, todavia foi muito proveitoso. E com ele foi causa o dito Manuel Vieira de se restituírem as terras ao estado antigo da fertilidade que dantes tinham, desta maneira.

Vendo Manuel Vieira serem muitas daquelas terras de dependuradas e outras chãs, e haver por ali muitas ribeiras de águas que se podiam tirar, com lhe fazerem levadas, imaginando que com elas se podiam alimpar as terras de pedra pomes e cinzeiro, e ficarem no solo, como dantes, o foi praticar com o Capitão Manuel da Câmara muitas vezes, por ser seu amigo e lhe ter cargo de muita fazenda sua, dizendo-lhe que com levadas das ribeiras de água, lançadas pela terra, e homens com enxadas a cavar na pedra pomes e cinzeiro e deitar nas levadas que iam ter ao mar, seriam restauradas suas terras, o que o Capitão teve por cousa impossível. E porfiando ambos muito neste negócio, entreveio nisso Francisco de Arruda da Costa, homem de grandes espíritos e bom entendimento, parecendo-lhe bem as razões de Manuel Vieira, com que persuadiu ao Capitão que mandasse tirar as águas e fazer as levadas, para se alimparem as terras, como dizia o dito Manuel Vieira. Com a qual persuasão, lhe deu o Capitão licença que fizesse o que dizia, como melhor lhe parecesse, o que Manuel Vieira, logo no ano seguinte e pelos anos em diante, foi ordenando e fazendo de tal maneira que assim ele nas terras do Capitão, e nas suas, que por aquela parte tinha acravadas com pedra pomes e cinzeiro, e outros com seu exemplo, imitando-o, alimparam todas aquelas terras tão bem que dão agora novidade como dantes. O que tudo se deve ao dito Manuel Vieira, primeiro inventor e executor deste bem e proveito, porque se lhe ele não dera este remédio que Deus lhe ensinou, não sei qual houvera de ter toda a gente desta ilha, da banda do norte, senão despovoar-se esta parte toda de terras, onde caiu a pedra pomes e cinzeiro, e irem todos viver da banda do sul, ou desterrar-se a outras terras.

Algumas pessoas na Achada Grande e Pequena e no Nordeste viraram a terra boa com pás e enxadas sobre a pedra pomes e cinzeiro, ao que Manuel Vieira foi ao encontro, dizendo que viria o vento e chuva e levaria a terra boa, e ficaria somente a ruim, com o qual conselho se emendaram e alimparam as terras com água, levando a boa que já tinha em cima solta, e a má que deixaram debaixo, até outra vez tornarem chegar à terra natural e solo que dantes havia, com o qual ainda ficou envolto algum cinzeiro, que lhe serve de esterco que, quanto mais vai apodrecendo pelo tempo adiante, tanto mais abundante novidade dá e melhor que dantes do terramoto dava.

CAPÍTULO XCI

DE UMA PRAGA QUE COMUMMENTE NESTA ILHA DE S. MIGUEL SE CHAMA ALFORRA, QUE DEPOIS DO SEGUNDO TERRAMOTO FAZ GRANDE DANO NAS SEARAS E HORTAS

Depois do segundo terramoto que houve nesta ilha, se viu nela daí por diante uma praga que comummente se chama alforra nas searas e novidades do trigo e nas hortas, que tudo dana e deita a perder onde dá ou cai, da qual há muitas e diversas opiniões e pareceres acerca do que será, ou de que se gerará.

Uns dizem que é rocio do mar que com sua salsugem dana tudo, quanto alcança; outros dizem que vem da terra que ficou escaldada do fogo que se acendeu debaixo dela e a fez tremer e correr ribeiras dele por ela; outros dizem que vem do ar; e outros dizem outras cousas. Mas, o que a mim me parece, não deve ser rocio do mar, porque também cai em terras e partes onde ele não chega; nem é da terra escaldada, porque em extremada terra, mimosa, rica e fértil, também chega; nem parece ser a causa o ar corrupto, porque os ares são mui delicados e sãos nesta ilha. Mas, cuido que é uma névoa que cai em cordas ou mangas, por algumas partes e não por outras, em um lugar, ora em outro, como vemos, em uma mesma terra dum mesmo sítio de igual qualidade e bondade, estar às vezes a seara ou horta em uma courela danada e perdida, e em outra que não a aparta senão uma extrema, sã e salva. E onde cai esta névoa sobre as folhas do trigo parece ferrugem, e nas das favas ou ervilhas, ou meloeiros, ou pepineiros, hortalice ou ervas, parece goteiras de cor ruiva como de mel e assim é doce como ele; donde alguns cuidaram que era o rocio de que as abelhas fazem o seu mel. Mas, em pouco espaço se vão logo aparecendo umas malhas cinzentas onde aquelas gotas de rocio ou névoa caíram, e como peçonha que se bebe e fica o corpo ainda vivo, até que vai dar no coração e então acaba de matar; assim, caindo esta alforra nos meloeiros ou no trigo, principalmente nestas duas cousas (e assim poderá ser em outras), logo lhe acham a raiz podre e danada; e o trigo alforrado por ter a raiz como podre com aquela peçonha, assim o arrancam da terra como se fosse estopa e não estivesse apegado nela.

Esta alforra em cousas diversas faz várias cores: no trigo, cor de ferrugem; na hortalice, cor cinzenta; e nas favas, cor ruiva. Parece que, como camaleão, da diversidade das ervas em que cai, vem a variedade das cores que toma; e como o trigo é erva mais robusta e dura, toma nele cor de ferrugem, que é a mesma que traz quando cai, de cor de mel, quase ruiva e doce como mel; donde (como tenho dito) alguns dizem que delas fazem as abelhas o seu. E, porque a hortalice (sic) é mais branda, mimosa e húmida, amassando-se mais com a brandura e humidade, toma nela cor cinzenta, quase branca, e faz cheirar as hortas a maresia, depois que dá e cai nelas, tornando as verdes folhas brancas, com que parecem cobertas de polme e cinza.

Outros dizem que do muito atremoçar das terras nasceu a alforra, ainda que parece que também vem esta praga da fraqueza das mesmas terras, já muito cansadas, que não podem com tanto quanto os lavradores delas querem tirar, porque todos os anos continuamente as semeiam; e, se as deixassem descansar de uns para outros, ou, ao menos, de um para outro, como as terras de alqueive em Portugal e outras partes, dariam fruto; mas, apertam tanto com elas, que não só uma, mas duas e três novidades lhe querem fazer dar cada ano. E depois ficam para o outro que vem, cansadas e estériles, e de muito fracas sujeitas a bichos e alforra, que por esta causa mais penetra nelas, pelas achar matéria disposta e fraca, sem lhe poderem resistir e suster-se. Mas, se usaram nesta ilha de folhas, como em Alentejo, em que há terra de oito folhas, convém a saber, que não semeiam senão de oito em oito anos. E outra de duas folhas e de três, quatro, cinco, seis e sete, pode ser que não haveria nela alforra, nem outras muitas pragas que há. Mas, sobretudo digo que nenhum remédio humano basta para nos livrar

das mãos de Deus, quando nos Ele quere castigar por nossos pecados, senão emendar as vidas e costumes, e chamar de coração por sua misericórdia e bondade. E pode ser que de os senhorios de fora da terra levarem o que ela não vale de renda, ou vem ela mesma a não dar nada, ou vem esta alforra e praga por castigo dos que mal se dizimam, defraudando o que devem ou dando a Deus o pior. Por isso, a um homem desta terra, indo a outra longe dela, lhe perguntou lá outro pela fertilidade desta ilha, e dizendo-lhe ele que tudo eram pragas e que já era estéril, respondeu o de fora: — nessa terra não pagam bem o dízimo, por isso é dessa maneira. Os senhorios que estão nela, pelo que vêem, fazem quitas aos pobres lavradores; mas os de fora não fazem senão mandar a seus feitores tirar pela carta, até trazerem alvarás que arrecadem suas rendas como fazenda de el-Rei, e mandar levar o que a terra não frutifica, nem dá, ficando os lavradores cativos com a carta, não de alforria, senão da alforra, em casa.

O que eu sinto desta alforra daquele tempo do segundo dilúvio para cá, parece que se mudaram os ares com o tempo, como muitas vezes em muitas partes acontece. E cai uma névoa no trigo que o faz como ferrugento, com que, a quem vai andar por entre ele, se enche o fato e calçado de ferrugem. E nas cousas verdes, como é hortalice, meloaes, pepineiros e aboboraes, caindo a mesma névoa, lhe faz nas folhas umas malhas brancas, como se caíram nelas goteiras de água branca de cal, e lhe faz dar um fedor ruim e importuno a quem anda nas hortas ou passa junto delas, danando-se os melões, pepinos e abóboras de tal maneira que não ficam para se poderem comer, de desgostosos, sem sabor. E o mesmo dano faz nas vinhas e em seu fruto.

Esta névoa, nesta terra, comummente lhe chamam todos alforra, assim a que cai no trigo como nas hortas; mas em Portugal se chama ferrugem a que cai no trigo, de cor ferrugente e, ainda que é a mesma névoa, mas branca, a que cai nas hortas, ou também no trigo, lhe chamam mangra, e aqui alforra. A razão por que tenha este nome, não se sabe, senão que me parece ser posto como outros muitos nomes que se põem **ad beneplacitu**m, porque assim o quiseram pôr sem nenhuma razão de etimologia, nem significação alguma. Mas, o nome de Portugal parece fundar-se com razão, porque mangra parece que se diz de manga, como ela cai em mangas de nevoeiros que tomam uma corda, parte ou listra de terra, e outra não. Ou também, porventura, se diz mangra de mancha, porque põe umas manchas e nódoas brancas e cinzentas nas folhas da hortalice e nas cousas sobreditas das hortas ou algumas vezes no trigo.

Antes deste terramoto segundo, não havia esta praga nesta ilha, e se alguma ferrugem se achava no trigo algum ano, quase se não enxergava, nem sentia. Parece que, assim como Deus quis espantar e ameaçar estes povos desta ilha com o espantoso tremor da terra e fogo que dela saiu, assim a quis também castigar com esta praga. E o que de uma escapou, comeu e gastou a outra que depois veio e ficou, que foi esta alforra. A qual parece que quere dizer **al for**a, que outra cousa era e fora no tempo passado, ou como se dissessem — já que se colheram alguns melões, pepinos e abóboras sãs, antes que ela caísse, e depois de cair tudo dana, todo o **al** que nas hortas fica fora com ele e deita-se a longe, pois nada vale, nem aproveita. Ou se chama alforra, porque forra os homens de trabalho porque, como ela cai, não procuram de trabalhar nem beneficiar mais as hortas, polas terem por perdidas. E porque todos os anos cai esta alforra, quase todos não querem já semear estas cousas, nem fazer hortas delas, principalmente da banda do norte. E assim esta alforra os forra do trabalho que nisso houveram de ter se a alforra não fora, que parece ser nome mourisco, o qual eu não entendo.

Se me perguntarem porque razão antes do terramoto, ainda que havia alforra, não se sentia dano dela, por ser pouco ou nenhum, e agora depois do segundo terramoto faz tanta perda nas novidades e hortas, responderei com alguns pressupostos que põe o doctíssimo mestre Aleixo Vanhegas, no capítulo vigésimo primo do seu **Livro Natura**l, os quais entendidos, ficara melhor entendida esta questão e que cousa seja alforra.

O primeiro pressuposto que se há-de notar é que os filósofos dividiram o ar em três partes: a mais alta, por estar junto ao fogo, além de seu calor natural, está sempre quente; a mais baixa, que está ao redor da terra e da água, está quente pela reverberação dos raios do sol; a do meio, que nem participa do fogo de riba nem da reverberação de baixo, está fria, não por sua natureza, senão pola frialdade das frias exalações que vão fugindo do calor como de inimigo. Isto assim pressuposto, o fogo espalha, estende e alarga os humores dos corpos que toca, como o vemos no vapor que sobe da água que ferve e no fumo do pau que se queima; assim é certo que, tocando os raios do sol a água e as terras húmidas, as há-de fazer evaporar e fumegar. Parte destes vapores se fica na primeira parte do ar, e parte sobe à segunda; e

alguns são tão sotis (sic) que penetram até a terceira, que é a suprema. Aos fumos que sobem à terceira parte, chama Aristóteles, no primeiro livro dos **Metheuros** ([359]), exalações; em linguagem, lhe chamamos fumos quentes e secos, a maneira do fumo que sai do tiro de pólvora, ainda que, quando estes fumos topam com nuvens grossas no caminho, não nas podem penetrar e por isso se ficam na meia região do ar.

De todas as impressões que se fazem no ar, a primeira é a névoa, porque é vapor que sobe menos que todos os outros; porque, assim como o sol o alevantou da terra ou da água, achou o ar circunstante frio, mediante o qual se começou a condensar e a encolher-se e a engrossar-se e, pelo conseguinte, a fazer-se pesado, pelo qual lhe foi forçado a cair; e, porque este vapor se alevanta por virtude do sol, que excede ao frio, segue-se que nas partes mui frias onde se apouca a força do sol, não ousara alçar cabeça a névoa, porque o grande frio a faz estar queda, que se não bula. Daqui se pode convencer a opinião de João de Sacrobusto (sic), no livro primeiro **Da Esfera**, que diz que debaixo dos nortes há ordinárias e contínuas névoas. A razão diz o contrário, porque é ali tanto o frio nos seis meses que tem de noite, que não deixará levantar a névoa, como vemos cá, que quando amanhecem os campos gelados não se alevanta névoa, porque a reprime o grande frio. Tampouco diremos que tem névoa de dia, porque como o sol ande seis meses arréo, sem se pôr sobre a terra, que corresponde aos nortes, já que baste ao princípio a levantar vapor da névoa, antes de cinquenta horas a faz subir a riba ou consume, porque, como anda o sol ao redor do horizonte, entra-lhe pelos lados e assim a disgrega (sic), aparta e divide. Esta razão conforma com a que diz Plínio no segundo livro de sua **Natural Históri**a, no capítulo sexagésimo, desta maneira: — **Nebulas nec aestate nec maximo frigore existere** — que as névoas não se levantam no estio nem no frio demasiado.

O segundo pressuposto é que o segundo vapor se chama rocio, o qual se alevanta do calor que imprimiu o sol na terra ou na água. Aqueles sutis vapores não puderam cair com a presença do sol, que os tinha na primeira região, em forma do bafo, e ainda passou sobre eles a meia noite até que refrescados com o frescor que começa de meia noite por diante, se congelaram em gotas e por pesados caíram e conservaram-se nas ervas e árvores. Este rocio, quando se condensa e espessa a maneira de neve feita pelourinhos, como confeitos pequenos, é o que se chama maná, que se congela especialmente nos salgueiros. E, se antes que com o vento sul se converta em água, este vapor se regela com o vento norte, se converte em pruína, que é a geada que amanhece nos telhados e campos. Deste rocio que cai no verão e no outono, chamado saliva cerata, fazem as abelhas o mel; e as brisnas que estão no meio da frol, fazem os vasos de cera no favo; de maneira que quando dizemos mel de alecrim ou de queiró, não havemos de entender que o mel se faça desta ou daquela frol, senão porque se envasa nesta ou naquela vasilha, que tal sabor toma qual é a vasilha em que se envasou. E, como no estio se consume o vapor sutil (sic) pola grande quentura, e no inverno sobem vapores grossos e descem em chuva, neve ou pedra, e por conseguinte nestes dois tempos, inverno e estio, não cai o rocio de que se possa fazer mel; por isso as abelhas com o instinto natural que tem, a maneira das formigas, a fazer provisão para o tempo da necessidade, fazem os vasos de cera para os encher daquele rocio que trazem em seus bicos, em os quais, sem o meter em seus corpozinhos, se lhes torna mel. E, se guardam aquele rocio nos vasos de cera, não o fazem de caridade para que as creste seu dono, mas fazem-no por seu proveito, para se bastecer daquele rocio no verão, para o estio, e no outono, para o inverno. Com este mesmo rocio se emprenham os peixes de concha, que cai sobre as águas e faz uma teagem branca, e dali a tomam, em alvoreando.

Afora outras impressões que no ar se fazem, como são frescor, nuve, neve, chuva e raio, que deixo de dizer porque não pertencem à alforra, vemos que algumas vezes chove terra, sangue, leite e azeite. E, acerca dos gentios, se tinha esta maneira de chuva por tão contra natura, que Júlio Obsequente, no livro de **Prodígio**s, conta estas maneiras de chuva entre os prodígios e monstros da natureza; sendo na verdade uma cousa tão natural e tão conforme à razão como todas as outras impressões. Porque, assim como as águas das fontes tomam o sabor e cor das terras por onde passam, assim os vapores que sobem em alto tomam a cor das terras donde subiram. Há aí uma terra vermelha, como é a de almagra e de vermelhão; o vapor que desta terra subir, será de cor de sangue. Há aí outra mui branca, o vapor da qual imita ao leite. Há aí outra oleosa que tira à grossura do azeite o vapor da qual imita ao azeite. Há aí outras exalações que são puramente terrestres, secas e frias, as quais subidas em alto, apertadas com ventos que correm contrários, cairão a maneira de terra. E assim não será contra razão natural chover terra. Também acontece que o ímpeto grande do vento levante

cópia de pó em uma parte e levá-lo a outra, e cessando o vento, chovesse aquele pó, como choveu em Braga e em outras partes de Portugal a cinza que desta ilha se alevantou com o fogo. E dizem os que não vêem estas cousas que contra natura chove terra, o qual é tão natural como chover rãs e sapos, que se geram na meia região do ar, assim como de calor e fumo se soem gerar na terra.

Outro pressuposto, diz o mesmo mestre, que algumas vezes caem pedras quando caem os raios; mas estas pedras são mui distintas do raio, porque assim como na terra, pela conjunção do vapor húmido e frio com a exalação quente e seca, se geram pedras e minerais, assim acontece que entre os vapores e exalações suba pó, pela violência do vento, e se faça todo uma massa tão empedernida pola fortaleza do fogo que aquele pó se ajunte a uma parte e caia com o raio, feito uma pasta negra, tão dura como uma pedra. E se este pó é de natureza ferrugínea, cairá uma pasta de ferro, como foi uma de que faz menção Avicena.

Assim é de notar que só onde caiu o cinzeiro e pedra pomes, misturado com enxofre, salitre ou rosalgar ou outros materiais secos, nesta ilha, cai a alforra, ou nas partes propínquas, que é quase em toda a ilha, porque as exalações que o sol, com seu calor, alevanta das tais terras cobertas disto, são secas e quentes e de ruim e venenosa qualidade; e misturadas as tais exalações com o pó do cinzeiro, que o vento alevanta e leva ao ar, torna a cair, feito como rocio e mel viscoso e cinzento ou ferrugento, em algum nevoeiro, sobre as searas e hortas, empeçonhentando-as, com que lhe dana o fruto e rama, o que não faz, nem há tanta alforra, em outras partes desta ilha mais apartadas dos lugares onde caiu o dito cinzeiro e pedra pomes.

Destes pressupostos sobreditos, em que se declara que cousa é névoa e rocio e exalações secas e quentes, se pode coligir o entendimento desta dúvida acima proposta. Verdade é que, dantes do segundo terramoto, havia esta alforra e ferrugem no trigo somente, sem fazer algum dano mais que pegar-se no fato ou calçado de quem andava por entre ele, tornando-o de cor de ferrugem, que eram relíquias fracas dos terramotos antigos que aqui houve. Mas, a que agora cai, em alguma névoa, faz grande dano nas searas e as deita a perder, porque com o segundo terramoto tão fresco (como tenho dito) se cobriram grande parte das terras desta ilha de cinza e pedra pomes, com algum enxofre, salitre, pedra hume e peçonha ou rosalgar. E, também parece com o tremor ficar toda a ilha abalada com algumas comissuras abertas, pelo que sobem as exalações e fumos da terra ao ar, com algum enxofre e materiais destes peçonhentos, mais secos e prejudiciais e de má qualidade, com algum pó da cinza, que se alevanta com o vento ao mesmo ar, e assim misturados com as névoas que também se alevantaram das exalações corruptas, tornam a cair e, com sua ruim qualidade, fazem dano e empeçonhentam as cousas mais delicadas e mimosas que tocam, como são o trigo e sua folha ou espiga, que está mais verde e mimosa, e as hortas dos melões, pepinos e abóboras e cousas semelhantes, que logo pecam, definham e murcham, e cheirando as hortas mal, como maresia ou peçonha, se perdem. Finalmente, tudo o em que cai a dita alforra ou névoa alforrada o faz estéril e corrompe. Esta é a razão que alcanço saber, porque, depois de cobertas algumas terras com a praga já dita de cinzeiro, pedra pomes e peçonha, com o segundo terramoto cai a alforra, e faz tão grande dano, o que dantes não fazia por a terra não ter sobre si coberta tão fresca e prejudicial, de que saem exalações de tão má qualidade que criam a alforra que deita a perder tudo; e a névoa enxofrada, caindo nas searas ou hortas, aquentando-se com os raios do sol, as assa e cose de tal maneira que se perdem muitas delas, e isto chamam alguns alforra ou causa dela. Tudo pode ser. Mas, concluindo, digo que do sobredito se colige que a principal razão e causa é que o céu, quero dizer, o ar, dá à terra o que dela recebe, porque das exalações que dela a ele se alevantam, conforme a qualidade delas, assim gera e dá o ar ou cometas, ou relâmpagos e trovoadas, ou frescos e saudosos orvalhos, ou névoas misturadas com as exalações corruptas, de má qualidade, que chamam alforra, que faz tanto dano e perda na terra, donde se alevantaram. E, se esta só razão e causa, e cada uma das atrás ditas, por si não abasta para gerar a alforra, algumas delas ou todas juntas, ajudando umas às outras, poderão ser a causa dela. Algumas vezes o suão, como são os nordestes e levantes, ensoam e danam as searas e frutos, não somente nesta ilha, mas também em outras muitas terras. E a cada um destes danos (por qualquer causa que venha) comummente chama o povo alforra.

CAPÍTULO XCII

COMO SE DESCOBRIU E FEZ PEDRA HUMI (SIC) NA ILHA DE S. MIGUEL

No ano de mil e quinhentos cinquenta e três, a vinte e dois do mês de Maio, que foi a primeira octava do Pentecoste, indo o doctor Gaspar Gonçalves, morador na vila da Ribeira Grande, ver as Furnas, achou as veias da pedra humi e foi o primeiro que nesta ilha as descobriu desta maneira. Nas covas e buracos que estavam por entre as mesmas Furnas, achou a frol e escuma seca da dita pedra humi, que ali se ajunta da frol e grossos vapores que vêm de baixo, e cuidando ser salitre (porque o parecia) o fez experimentar em sua casa por um mestre Jaques, bombardeiro framengo, ou condestabre dos bombardeiros, que aquele ano atrás viera a esta ilha com o Capitão Manuel da Câmara. E, achando que não era salitre, o deu a um surrador, chamado Hector Fernandes Lixabá, que experimentasse a dita frol nas peles, porque tinha sabor da pedra humi. Experimentando-a o surrador, lhe fez boa obra; e dali por diante se aproveitou dela. Aquele ano, em Setembro, se foi o dito doctor para Salamanca e daí a mais de quatro anos tornou a esta ilha, onde achou um João de Torres, aragonês, que andava envolto com a marquesita (que há muita nesta ilha), dizendo que era prata e tinha provisões de el-Rei para a obrar e tirar; mas, não se tirou prata alguma, fazendo experiência por três ou quatro vezes, em que o dito doctor deu o desengano que a não havia. E levou em sua companhia a João de Torres às Furnas, onde por indústria do mesmo doctor se tiraram as primeiras mostras e caixões de pedra humi, que o dito João de Torres levou a el-Rei, para requerer a dita obra para ambos. Mas requereu só para si.

Chegando ao Reino a sete de Julho do ano de sessenta e um, deu conta à Rainha como nesta ilha de S. Miguel e na Terceira, nas terras da Valadoa velha e de Gomes Pamplona, havia pedra humi, de que lhe deu as mostras que desta ilha levava. Pelo que, mandaram a um Vicente Queimado, que era feitor em Málaga, por um mestre de pedra humi, a Cartagena, o qual, como homem que pouco lhe dava, trouxe um Francisco Mendes, taverneiro de Cadiz, cidade do reino de Granada, o qual era tal que a nenhum conselho se subjectava (sic) e assim se tornou desta ilha, sem fazer nada mais que alguma pouca mostra que levou ao Reino.

Pela qual causa, determinou João de Torres fazer umas casas nas Caldeiras, perto da vila da Ribeira Grande, e nelas fez três ou quatro quintais de pedra humi, em caldeira de chumbo. Com a qual mostra mandou um Gonçalo Canheto, castelhano, a Lisboa, para a ver Sua Alteza. E, por esta mostra que viram, mandou a Rainha D. Catarina de Áustria um Filipe Silveira a Cartagena buscar mestre, o qual chegando aos Almacarrões, fábrica da pedra humi de el-Rei de Castela, pousou em casa de um viúvo, chamado Francisco de Caravaca, que servia de bagaceiro, que é deitar a terra que sai da balsa no rio. Este homem veio ao Reino, donde o mandou a Rainha a esta ilha ao tempo do segundo terramoto. E passou no mar, quando vinha, pelos bancos de pedra pomes e cinzeiro, aonde encalhavam; e acharam reses mortas. Trazia, por ser mestre de pedra humi, de ordenado em cada dia duzentos e sessenta réis. Fez experiência na pedra humi das Caldeiras, nas casas que tinha feitas João de Torres, dizendo-lhe que a fizesse ele da maneira que fazia. E, fazendo-a João de Torres, disse o mestre que não se fazia melhor em Cartagena; pelo que fizeram então uma boa cópia dela, que levaram a Lisboa no mês de Outubro do ano de sessenta e três, em que foi o segundo terramoto. Alvoroçado o Reino com a nova das novas minas de pedra humi, perguntaram ao mestre Francisco de Caravaca que gente e que cousas eram necessárias para fazer a fábrica, o qual, como tinha filhos, determinou mandar por eles. E deu por apontamentos que era necessário quatro paleiros e um terrador e escolhedor da pedra, e um homem que tivesse cargo de estender a pedra humi para se enxugar. Para isso mandaram o próprio Filipe Silveira, o qual trouxe os quatro paleiros e o terrador, que foram dois filhos de Caravaca e um Pero Garcia, Francisco de Aranda e Francisco Carreiro, castelhanos, dos Almacarrões. Vindos, casou Francisco de Caravaca com uma irmã do dito Filipe Silveira, e um filho com outra irmã,

com que vieram a esta ilha, onde se começou a fazer a fábrica em fim de Setembro do ano de mil e quinhentos e sessenta e quatro, andando na obra dela setenta pessoas, entre oficiais, carreiros e trabalhadores, sendo feitor de el-Rei Francisco de Mares e, escrivão da dita fábrica, Pero de Paiva.

Nos ordenados se gastou, enquanto durou a obra da fábrica, que foi perto de um ano, seiscentos e noventa e oito mil réis. O feitio das caldeiras custou cento e sessenta mil réis, pela vinda dos oficiais que vieram do Reino a fazê-las, que foram um Martim Navarro, carpinteiro da Rainha, que veio para dar ordem aos dois pratos de metal para o fundo das caldeiras, em que se havia de cozer a pedra humi, e a outras cousas necessárias, e um Cosme Dias, fundidor de el-Rei que as fundiu, e levaram ambos oitenta e sete quintais de metal. A obra da casa, em si só, custou com madeira, telha e feitio três mil e duzentos e cinquenta e sete cruzados, contando as casas, eiras, fábrica, cal e gente de serviço e carreiros e cavouqueiros, que tiravam os tufos, ferramentas e descobrimento das pedreiras, de modo que se gastou, na obra da fábrica e ordenados, dois contos e duzentos e cinquenta mil e duzentos réis, com o descobrimento das pedreiras. No mesmo ano que se fez a fábrica, se fizeram cento e noventa fornos de pedra humi, que saía da pedreira das Caldeiras e de outro lugar que se chama as Pedras Brancas, em que se gastaram (sem delas tirar grão de pedra humi) oitocentos e cinquenta e seis mil réis, porque o Caravaca obrava isto pela ordem de sua terra, ou de Cartagena, regando a pedra com a água, e com a regar lhe fazia perder a virtude e não dava nada. De modo que em toda a obra assim em ordenados como em o mais, eiras e pedra e experiências, se gastaram três contos e cinquenta e cinco mil réis, afora o ordenado do feitor Francisco de Mares e do escrivão Pero de Paiva.

Era esta fábrica uma grande casa de três naves de grande compridão e largura, que servia para cubaria, e levava dezasseis cubos por banda, cada um da altura de um homem, que podia levar seis pipas de água, com uma cale de pau que corria por cima de todos os cubos por um torno que da cale em cada cubo caía, que abriam quando o queriam encher; e a cale nascia de uns tanques em que se botavam as lexias, que eram cinco ou seis cozimentos de água cozida com a pedra dentro na caldeira, de que se fazia pedra humi, para com ele se encherem os cubos, onde se havia de coalhar a pedra humi. E para reformar os tanques, que nunca faltasse a lexia neles, se fez uma balsa, que era como um tanque junto da caldeira, no qual, com a água fria que vinha por um cano de fora, se lavava a pedra que ficava cozida na caldeira e, de dois em dois dias, a botavam nos tanques para os reformar com ela.

Além desta casa grande de três naves, havia outras duas da mesma compridão e de largura de doze côvados em vão; uma delas servia para duas caldeiras em que se havia de cozer a dita pedra, e para duas balsas ou tanques. E a outra para granel de enxugar a pedra humi depois de feita. E as lógeas dela para a recolherem.

Quando se fazia esta fábrica no ano de mil e quinhentos e sessenta e cinco, que mandou fazer Francisco de Mares, feitor que então era por mandado de el-Rei, por ordem do Caravaca, continuamente andavam nela vinte cavouqueiros a quebrar pedra e quinze pedreiros; e alguns dias andavam vinte, trinta carros; outros dias, cinquenta e sessenta, que serviam de acarretar pedra de alvenaria, madeira, barro, telha, pedra de cal e areia. Andavam mais cada dia nove e dez carpinteiros, que eram tão poucos por ser a mais da obra grossa e de machado. E andariam homens de serviço, cada dia, quinze e vinte. Assim que o dia que andava mais gente nesta obra chegariam a cento e vinte e cinco homens. Sendo assentada e acabada esta fábrica, para que nela se pudesse fazer pedra humi, se mandou quebrar muita pedra nas pedreiras da pedra humi, junto a umas furnas, que chamam caldeiras, perto da fábrica. E fizeram-se sete fornos como de cozer cal, para cozer a dita pedra, e duas casas muito grandes em que a guardavam da chuva. O dia que se fazia cozimento, andavam ordinariamente na dita fábrica sessenta homens entre os oficiais dela e outros servidores; e continuamente dez, doze carreiros, acarretando em seus carros pedra e lenha e outras cousas necessárias.

Tinha também esta fábrica um mestre, um escolhedor da pedra, quatro paleiros e um lançador da terra, quatro ou cinco maçadores que maçavam com maços de ferro a pedra já cozida, e depois a vieram a moer, como em engenho de pastel, em lugar dos maçadores, um bagaceiro, dois capaceiros (sic) que levavam a pedra humi em umas alcofinhas, um balseiro, um forneiro de caldeira com um homem que o ajudava, dois forneiros dos fornos em que se cozia a pedra, um armador, um escrivão, um apontador da gente que vigiava os que trabalhavam e apontava os que faltavam; e, sobre todos, o feitor Francisco de Mares como sobrerolda, que provia tudo, afora carreiros, cavouqueiros e outras pessoas de serviço.

Fizeram-se neste ano, depois de acabada a fábrica, sessenta quintais de pedra humi, que como os cento e noventa não aproveitaram, por o mestre querer fazer como em sua terra se fazia; e pela têmpera dela não aproveitou nada. E fez de custo, deitar a pedra fora da eira onde estava, por despejar o terreiro, vinte e dois mil e quatrocentos réis.

Com a perda da pedra, vieram a ter diferença o feitor Francisco de Mares e o mestre Francisco de Caravaca, e se foram para o Reino diferentes, ficando um sobrinho de Fernão Cabral, na obra, por feitor; o qual fez cento e dez quintais de pedra humi, afora setenta e oito que ficaram nos cubos. Dizem que em seu tempo se ganhou alguma cousa e não perdeu nada. Mas esteve pouco tempo, porque Francisco de Mares e Caravaca partiram desta ilha no mês de Junho do ano de sessenta e seis, e tornaram a vinte e seis de Octubro do dito ano, vindo Francisco de Mares por provedor desta ilha, com o cargo da pedra humi, trazendo sua mulher e filhos, e João de Torres a sua. E, seguindo a obra de Miguel Cabral, no preço dos carretos e mais cousas que tinha abaixado por muito menos que dantes, deixou de fazer pedra humi seis meses, que foi causa de se danarem as lixias (sic). Nestes seis meses se fizeram muitas eiras de pedra da pedreira das Pedras Brancas e Caldeiras. E, como o mestre Caravaca não queria sair da ordem de sua terra, tornou a regar a pedra e deitou a perder grande quantidade dela, pelo que o Provedor mandou que o mestre não fosse à fábrica. E por conselho de alguns se esfolaram as eiras, e tomando o âmago de dentro da pedra, que não prestava para nada, se fizeram seiscentos e oitenta quintais de pedra humi, que o provedor mandou ao Reino, escrevendo ao Cardeal o que se passava; com cuja informação, veio provisão de Sua Alteza para que João de Torres servisse de mestre com trezentos réis de ordenado cada dia, a qual chegou a esta ilha a catorze de Maio do ano de sessenta e nove.

Fizeram-se logo mil e seiscentos e três quintais de pedra humi em pouco tempo, depois de vir a provisão; parte da qual se vendeu a um Gaspar Gonçalves, mercador da cidade da Ponta Delgada, e a outros, ingreses. E o almoxarife da fábrica, Francisco de Andrade, levou ao Reino oitocentos e sessenta quintais da dita pedra humi. E, por suceder Diogo Lopes de Espinhosa na feitoria e não trazer ordem de pagamentos, e haver novas que era provido provedor, cessou aos vinte de Agosto do ano de setenta, pela qual causa fez o mestre João de Torres um requerimento ao provedor Francisco de Mares e ao feitor, o qual respondeu que não tinha comissão para fazer pedra humi, nem ordem para os pagamentos, mas que à sua custa faria o que pudesse, para o que deu ao mestre quatrocentos cruzados, dos quais lhe fez quinhentos e sessenta quintais, rendendo, muito, o que se fez com seu dinheiro.

Sabendo o almoxarife Francisco de Andrade lá no Reino como a pedra humi rendia bem, contratou Sua Alteza a dezasseis de Octubro do dito ano de mil e quinhentos e setenta. Sabido isto pelo provedor, cessou de fazer pedra humi, anojado pela haverem dado ao dito almoxarife; pela qual razão, determinou João de Torres de tomar cargo dela, por sustentar a fábrica, lexias e outras cousas, em que gastou cento e vinte mil réis, de que fez cento e noventa e cinco quintais de pedra humi, que o desembargador Fernão de Pina lhe fez pagar.

Chegou Francisco de Andrade a esta ilha o primeiro de Abril do ano de setenta e um. E o provedor Francisco de Mares se partiu com sua mulher e toda sua casa no mês de Março do dito ano, na qual viagem sucedeu o mais cruel desastre de quantos sucederam nesta travessa das ilhas para o Reino, porque os franceses piratas tomaram o navio, onde mataram a Francisco de Mares e muita gente a vista de terra. E a morte deste provedor Francisco de Mares (que era homem de grandes espíritos e de não menos engenho, saber e discrição) foi grande parte da perda da pedra humi.

Teve Francisco de Andrade contrato um ano e três meses e sete dias, no fim do qual tempo o prenderam por não cumprir com a obrigação dele por trezentos e quarenta mil réis e pelos quintais que era obrigado a dar e não deu. Fez seiscentos e sessenta quintais de pedra humi (sic) e gastou neles um conto e cento e tantos mil réis. Vendeu-se em Lisboa a mil e quinhentos réis o quintal. Perder-se-iam alguns duzentos mil réis.

Neste meio tempo, foi João de Torres ao Reino e trouxe provisão que tomasse cargo dela o feitor Diogo Lopes de Espinhosa, que fez pedra humi perto de dois anos, em que faria mil e quinhentos quintais. Veio depois o feitor Jorge Dias e cessou a pedra humi. Esta é a causa por onde se perde, porque, como não é bem particular de algum, nenhum outro quere que se faça.

Fizeram-se nesta fábrica, depois que se começou a fazer pedra humi, até o primeiro de Julho do ano de setenta e quatro, em que acabou Diogo Lopes e entrou Jorge Dias na Feitoria de el-Rei, quatro mil e oitocentos e trinta e três quintais de pedra humi sabidos, em que não

houve muita perda nem ganho. A perda é a causa de não se ir com o negócio avante, e a fábrica estar muito longe das pedreiras e fora de mão. E também por os feitores serem pouco curiosos de a fazer.

Pelo que, vendo João de Torres que esta obra se consumia, determinou fazer outra fábrica nas Furnas, na qual gastou setecentos mil réis em tudo quanto fez. E, quando a teve acabada, ficou com dívida de duzentos e trinta mil réis, em que devia vinte moios de trigo ao feitor Jorge Dias, e quarenta mil réis a Diogo Lopes de Espinhosa e a outras pessoas. Fez o primeiro peso de sessenta quintais de pedra, de que levou certidão ao feitor para lha pagar, mas pagou-se dos quarenta mil réis do feitor passado, e deu-lhe nove mil e setecentos réis, com que começou a fazer o outro peso, que fez de cinquenta quintais. E, como viu o feitor que ia pagando, por rogo lhe deu quinze mil réis, pagando-se da demasia, pelo que dali por diante fez João de Torres pedra a medo, por não ter dinheiro e a gente andar muito cara, de modo que foi necessário vender as peças de ouro e prata que tinha. Toda a pedra humi que fez seriam quinhentos e oitenta quintais. E não fez mais por não ter poder para isso.

Por uma provisão de el-Rei, que trouxe João de Torres, que lhe vendessem a fábrica de pedra humi que estava acima da vila da Ribeira Grande, por preços limitados e já taxados no Reino, sendo contador nesta ilha Francisco Mendes Pereira, e porque a casa custou muito a fazer e desfazendo-se quase nada valia, vendeu-se a dita fábrica toda da pedra humi (já que não se obrava nela), por avaliações, por cento e vinte e seis mil e quatrocentos e vinte e três réis, a vinte dias de Agosto de mil e quinhentos e setenta e oito anos. E custou a fazer perto de oito mil cruzados. A qual obra (que obraram nos anos seguintes, depois do segundo terramoto nesta ilha, em que os mais dos homens ficaram perdidos e pobres) foi causa de seu remédio, porque, com trabalharem muitos nela, se remediaram, de modo que não deixaram a terra, como é certo que houveram de fugir dela, com dívidas e com pobreza, se isto não fora. Afirma-se comummente que não deixara de haver pedra humi, ao menos que rendera os custos que fazia e mais alguma cousa, se a obra, cozimento e feito dela andara sem cessar em roda viva. O que fora grandeza deste Reino haver nele mina dela, ainda que não fizera mais proveito que pagar os custos.

CAPÍTULO XCIII

DE ALGUNS MINERAIS QUE HÁ E SE PRESUME HAVER NA ILHA DE S. MIGUEL

Há nesta ilha muitos minerais, alguns dos quais são causa dos terramotos dela. Deles direi o que alcancei saber, e alguns que por conjecturas se presume haver.

Nas Furnas, que estão ao oriente, há pedra humi e na alagoa grande há tanta caparrosa que acham serras dela; da qual dizem os alquimistas que são fezes de prata. Também há muito enxofre, que nunca ali falta, por mais que dele tirem. E achou-se acernefe, que é um material amarelo, mui luzente, no qual pega o fogo mais que em enxofre, e queimado se derrete e torna em escória, de maneira que é o biscoito que correu nesta ilha e saiu do pico do Sapateiro, e outros muitos que dantes correram doutros picos; e pode ser que o acernefe é a matéria de que todos eles se geraram e fundiram, ou será a marquesita, que já tenho dito, e acernefe, tudo junto.

Na Ladeira da Velha, entre a vila da Ribeira Grande e o Porto Formoso, da banda do norte, há muito enxofre e pedra humi em muitos lugares, que os trabalhadores não podem sofrer com o fedor grande que os derruba no chão; o qual, segundo dizem os homens que tratam em minas, procede de metais que estão debaixo, mas tem uma propriedade que, com duas horas depois do sol saído, mais levemente se pode sofrer o seu fedor, e hão-de alçar da obra duas horas antes que se ponha o sol; de outra maneira seria insofrível e morreria de improviso quem trabalhasse nele, se não usar de algum remédio, que é tapar os narizes com panos molhados em vinagre.

Na Ribeirinha, termo da vila da Ribeira Grande, passada a ponte de Diogo de Morim, há muita marquesita, e o mesmo quase em todo aquele termo há marquesita, assim de cobre como de prata, e comummente em toda aquela ribeira. Junto da qual há somente um veeiro que tem umas pontas como prata, entre umas rochas de penedia, defronte do qual veeiro, há bonarménico em um outeiro alto, de que João de Torres levou seus arrates (sic) a Lisboa, que vendeu a tostão o arrátel. Há também acernefe, porque, cavando certos homens por mandado de João de Torres na própria ribeira, indo após um veeiro de marquesita, com assás trabalho, toparam com uma fibra de acernefe, no qual dando qualquer faísca de fogo, se acendia com grande ímpeto, e estando trabalhando, tendo posto certos pontaletes que os mineiros chamam ademas, quando foram pela manhã, o acharam fundido e a serra corrida sobre o fogo, que não lhe deu pouca dor e desgosto. Donde se tem por mui certo (pelo que se ouviu a um Roberto, grande homem e mestre de minas) que todos os terramotos de fogo desta ilha procedem do acernefe. E não somente o deve haver aqui, mas outros muitos minerais dignos de ver e entender, que, parece, Deus não é servido descobrir, e se guardam para outros que virão, por não ser o tempo chegado. Muitos afirmam que livros dos romanos antigos diziam que esta ilha era mãe dos metais do mundo.

Acima da vila da Ribeira Grande, nas Caldeiras, se achou pedra humi e caparrosa, e também um material que assoprava como salitre, a modo de foguetes, o qual se tem por certeza ser salitre. Logo mais arriba, algum tanto para o ponente, na pedreira das Pedras Brancas, há pedra humi e caparrosa. Nos foguetes que comummente se chamam os Fumos, onde sempre a terra está fumigando com um espesso fumo e nas outras caldeiras, perto das Pedras Brancas, não há enxofre, mas indo após um veeiro, se achou acernefe.

Nas próprias Pedras Brancas, ao pé do rochedo, se achou um veeiro de uma pedreira que se podia forjar a pedra dele como metal de chumbo e mais mole, mas não prestava para pedra humi; a qual mandou João de Torres a Lisboa, e disseram alguns ourives que era tinqual (sic), cousa de preço, o qual, por falta de mestre que o saiba fazer e nos livros se não achar o modo de o obrar, se não faz.

No pico do Sapateiro, há aí almojatre, que dizem ser um dos sete sais; é de cor branca, que os ourives gastam para dar cor ao ouro. Quando o põem na língua, requeima, como quando morde alguma abelha.

No pico Que Arde, que está acima da vila da Ribeira Grande (sendo terra de mais fogo que há nesta ilha) não há rasto de pedra humi nem enxofre. E é tanto o fogo nele, que os trabalhadores o não podem aguardar, pelo que se chama o pico Que Arde. João de Torres, querendo experimentar o que nele havia, gastou quatro mil réis, e por os trabalhadores não poderem sofrer o fogo dele, não foi avante.

Muitas cousas outras de minerais deve de haver nesta ilha escondidas e não sabidas, pelo pouco poder e curiosidade dos homens. E, às vezes, quem tem curiosidade e ânimo não tem poder, e a quem tem poder lhe falta o ânimo e curiosidade, repartindo o Senhor seus bens e habilidades como é servido. E, na verdade, para inquirir e achar semelhantes cousas, é necessário braço de Rei, que não afraca tão presto nas empresas que toma, e pode com elas.

CAPÍTULO XCIV

DA VINDA DO LICENCIADO MARCOS TEIXEIRA, INQUISIDOR, A ESTA ILHA, NO TEMPO DO CAPITÃO MANUEL DA CÂMARA

No ano de mil e quinhentos e setenta e cinco, movido por alguns santos respeitos, o sereníssimo Cardeal Infante que depois foi Rei, mandou a estas ilhas por inquisidor ao reverendo licenciado Marcos Teixeira, natural de Braga ou Lamego, o qual chegou na armada a esta ilha de S. Miguel no fim do mês de Julho do dito ano, e desembarcou com cinco padres e irmãos da Companhia de Jesus, que vinham para o colégio da cidade de Angra, na vila do Nordeste desta ilha. Donde caminharam por terra e foram ter à cidade da Ponta Delgada e nela estiveram alguns dias até a armada partir para a Terceira, aonde chegaram a três de Agosto do dito ano. E foi recebido pelo Cabido e frades de S. Francisco, com pálio e **Te Deum Laudamu**s; na qual ilha esteve espaço de três ou quatro meses, visitando e fazendo seu ofício de inquisidor. Daí mandou carta à Câmara da cidade da Ponta Delgada, que queria vir visitar esta ilha, com carta do Senhor Cardeal e de el-Rei, nas quais encomendavam ao dito inquisidor fizessem tanta honra como se eles viessem em pessoa. O que visto pelos vereadores da dita cidade, puseram diligência para que o dito inquisidor fosse recebido com toda a festa e honra possível. E ordenaram que se fizessem prestes muitas barcas e barcos, com muitas e várias invenções dentro neles e ornados pelo melhor modo que pudesse ser. E logo para eles vereadores fizeram ordenar uma barca, feita a modo de uma galé com varandas de popa, cobertas de veludo de cores, pintada toda de lavores e alcatifada, com uma cadeira de estado no meio, para nela desembarcar e se assentar o dito inquisidor entre os vereadores assentados pelas ilhargas da dita barca, em bancos.

O grão capitão Francisco do Rego de Sá ordenou com grande gasto um barco feito a modo de um dragão, coberto todo de conchas, com dois remos a modo de duas asas, com que se ia empuxando da água. Parecia propriamente ao natural um dragão que ia andando pela água. E dentro nele levava sua música de muitos instrumentos e boas vozes.

Além destes dois barcos, se fizeram mais seis em que foram muitos homens nobres, da governança da terra; todos os ditos barcos feitos a modo de galés, com esporões e varandas cobertas todas de sedas e muitas bandeiras de seda, e alcatifadas, com muitos tiros de fogo e instrumentos de música, motetes de ponto de órgão, com várias e ricas invenções, segundo cada um melhor o podia fazer.

Estando este sumptuoso aparato prestes por espaço de quinze dias, apareceu uma caravela que vinha da ilha Terceira, e como pelo dito inquisidor se estava esperando, por ele assim o ter avisado, saíram todos os ditos barcos pela ordem que está dita, com muita festa e alegria para o receberem. Chegando a bordo, souberam como não vinha na dita caravela, por ficar o seu escrivão mal disposto. E como isto era já no mês de Novembro e fazia inverno, se desaparelharam as ditas barcas e finalmente se desfez aquela pompa com que determinavam de o ir receber ao mar.

Daí a poucos dias, chegou ao porto da mesma cidade o dito inquisidor, o qual ainda que não se recebeu com as pompas atrás ditas que lhe estavam aparelhadas, foi recebido dos vereadores e todos os da governança e mais gente nobre da cidade e de todo o povo, com muita alegria e contentamento de todos. Desembarcando no cais, onde o estavam aguardando a cleresia dela e frades de S. Francisco, com suas cruzes alevantadas, foi deles recebido debaixo de um pálio de brocado, levando as varas dele as pessoas mais nobres e antigas da terra, e cantando o psalmo de **Benedictus Dominus Deus Israel** o levaram à igreja principal do Mártir S. Sebastião da dita cidade da Ponta Delgada. E daí acompanhado de muita gente nobre e outra popular, o foram aposentar no mosteiro de S. Francisco, donde depois saiu a

visitar e fazer seu santo ofício, suave e inteiramente, em toda a ilha. É agora este senhor no Reino auditor da Legacia, desembargador da Mesa da Suplicação e da Consciência.

CAPÍTULO XCV

DA VIRTUDE E SANTIDADE ([360]) DE MARGARIDA DE CHAVES, VIÚVA, MULHER QUE FOI DE ANTÓNIO JORGE CORREIA, MORADOR NA CIDADE DA PONTA DELGADA, DA ILHA DE S. MIGUEL, NO TEMPO DO CAPITÃO MANUEL DA CÂMARA ([361])

No tempo do ilustríssimo Capitão Manuel da Câmara, houve um Afonso Anes dos Mosteiros, que foi homem nobre, rico e principal, e veio a esta ilha dos primeiros; e teve de suas searas e rendas cento e cinquenta moios de trigo cada ano, além de outra fazenda, afora vacas, porcos e ovelhas. Foi cavaleiro da ordem de S. Lázaro, que naquele tempo era grande honra. Fez uma capela de S. João Baptista na igreja da Misericórdia da cidade da Ponta Delgada, com sua abóbada e coruchéu, todo de enxadrez até cima, com suas ameias de frol de liz, pelo meio e por baixo, e por dentro toda de azulejos lavrados, e nela está ele sepultado em uma sepultura alta de pedra negra, na qual mandou que se lhe disesse todos os dias do ano uma missa com seu responso. Para sustentação desta capela e gastos destas missas, aplicou da sua terra trinta moios de renda de trigo cada ano, perpétuos, os quais andariam no seu filho, mais velho. Deixou para substentação (sic) de uma cama na mesma Casa da Misericórdia um moio de trigo cada ano. E quando se fundou este hospital, deu o chão em que se fez, e ajuda para as obras, por ser mui amigo dos pobres. Este Afonso Anes foi o primeiro que veio a esta ilha dos ascendentes de que procedeu uma santa matrona, chamada Margarida de Chaves, de gloriosa memória. A qual foi pessoa nobre e principal desta terra, e casada com António Jorge Correia, cidadão da cidade do Porto e fidalgo da família dos Sousas e Correias deste Reino, que trazem por armas as correias no escudo atravessadas, com dois braços atados, com uma correia por timbre. Esta matrona foi pessoa de tão raras virtudes que mereceu fazer-lhe Deus raras mercês e comunicar-se-lhe tanto, que o que comunica a muitos Santos dividido, junto o comunicou a ela. Desta procedeu a mor nobreza que houve em todas estas ilhas dos Açores, porque esta não somente enobreceu todas as ilhas, mas ainda todo nome português, pois é santa portuguesa, a primeira natural desta ilha de S. Miguel, que por tal publicamente foi julgada em todas estas ilhas dos Açores e em todo Portugal, onde se tiraram, por grandes letrados e gravíssimas pessoas, sumários autênticos de seus milagres.

Viveu esta santa viúva ([362]) Margarida de Chaves na freguesia do mártir S. Sebastião da cidade da Ponta Delgada, desta ilha de S. Miguel, primeiro casada e depois viúva, que todos tinham por mulher santa, como ela o mostrava bem em todas suas obras e palavras, e por uma inquirição que se tirou nesta ilha, por comissão do ilustríssimo e reverendíssimo senhor D. Pedro de Castilho, bispo então deste bispado de Angra e ilhas dos Açores, do conselho de el-Rei, nosso Senhor, acerca da vida, fama, bom exemplo e virtudes da dita Margarida de Chaves, viúva, se provou melhor sua santidade e se fez certo de muitos milagres que Nosso Senhor por ela obrou nesta terra (além de outros que aconteceram no Reino), no ano de mil e quinhentos e oitenta e um, que se começou a tirar a dita inquirição na cidade da Ponta Delgada da dita ilha, aos dezasseis do mês de Janeiro do dito ano, pelo ilustríssimo senhor D. Luís de Figueiredo de Lemos, daião que então era da Sé do Salvador da cidade de Angra, e ouvidor e visitador nesta ilha pelo dito bispo, e depois vigairo geral e governador deste bispado de Angra por sua Majestade, que agora é benemérito bispo do Funchal, a petição do reverendo padre Francisco de Araújo, sacerdote, teólogo e grande pregador da Companhia de Jesus, que tinha ouvido, assim no Reino como nesta ilha, muitas cousas e milagres que o Senhor obrava nesta serva sua, e a instância de Manuel Jorge Correia, filho da dita santa, para o mesmo Deus ser mais glorificado e redundar em proveito e edificação das almas no tempo presente e futuro. Porque, segundo a divina escritura, **opera Dei revelare honorificum es**t, cousa honrosa é revelar as obras de Deus. E por isso o dito bispo mandou tirar um sumário autêntico de testemunhas dignas de fé, que com juramento disseram muitas cousas que sabiam de sua penitência, oração, virtudes e milagres que nela Deus obrava; pelo que se tem nesta ilha e em

algumas partes do Reino (onde isto sabem e experimentam) por grande santa. E bem o mostrava em sua vida, pela frequentação do sacramento da Confissão e Comunhão, e milagres que Deus nela obrou, assim na vida como na morte.

Depois, a instância do mesmo Manuel Correia, filho da dita santa Margarida de Chaves, por receio que tinha de furtarem os ossos de sua mãe, pelos milagres que o Senhor por ela obrava, mandou o mesmo bispo ao dito daião (e com ele o padre Francisco de Araújo, da Companhia de Jesus, com o irmão Domingos de Goes, seu companheiro, que se acharam presentes para disso darem sua fé) meter os seus ossos em um caixão, estando também presente o dito Manuel Jorge, seu filho, e dois criados seus para abrirem a cova. A qual se abriu a catorze dias do mês de Março da era de mil e quinhentos e oitenta e um, às oito horas da noite, pouco mais ou menos, na igreja do Mártir S. Sebastião da cidade da Ponta Delgada. E, fazendo abrir a sepultura da dita santa Margarida de Chaves, em que fora seu corpo sepultado com o hábito de S. Francisco, que está diante da capela do Santíssimo Sacramento, se acharam seus ossos, compostos da cabeça aos pés, assim como foi sepultada, com muitos pedaços do hábito, e boa parte do cordão com seus nós, assim da cintura como da ponta que ia descendo até quase os pés; e por ordem foram tirando os ditos ossos e metendo-os em uma caixa para isso preparada, começando pela cabeça, que acharam ainda com os cabelos e muitos dentes, e queixo per si com os dentes quase todos, e os ossos e alguns pedaços do cordão; tudo ficou envolto em uma toalha de holanda, dentro na arca, que era toda forrada por dentro de tafetá preto. E fechando-a com uma chave que ficou em poder do dito Manuel Jorge Correia, seu filho, a tornaram pôr no fundo da dita sepultura, em a qual ficou coberta de terra com duas pedras por cima, como dantes estava. E, por informação do vigairo Sebastião Ferreira e de outras pessoas dignas de fé, se achou como não se enterrara depois dela outro corpo na dita sepultura. Sentiram todos os que ali estavam, como cheiravam aqueles ossos e sepultura suavemente. E tudo foi justificado e reconhecido por tabaliães e escrivães públicos da dita cidade da Ponta Delgada, assim do eclesiástico, como do secular.

Esta Santa foi filha de nobres e virtuosos pais e de honrados parentes, todos de bom coração e inclinação, e tementes a Deus. Sendo moça solteira, era muito amiga de Deus e o mesmo foi depois que casou com o dito António Jorge Correia, de que houve filhos muito virtuosos e amigos de Deus. E assim, sendo casada, como depois de viúva, sempre foi mulher de grande virtude, mui registada em sua casa, vida e costumes; principalmente depois que viuvou, foi muito mais amiga de Deus, dada ao exercício espiritual de penitência e oração e frequentação dos Sacramentos, de tal maneira que todos a tinham por Santa. Nem era muito tê-la em conta, pois além das virtudes que mostrava, era pranta que procedia de tão honrados e virtuosos troncos, e fazia uma vida tão abstera (sic) que trazendo cilícios e jejuando rigorosos jejuns, quase todos os dias e noites, sem se deitar em cama, ora na igreja, ora em sua casa, empregada em meditações e contemplações, em que lhe dava Deus muita graça e lhe fazia grandes e subidas mercês espirituais.

Afirmava desta Santa um teólogo que (sendo chamado dela e do reverendo padre frei Braz Soares, seu confessor, algumas vezes, para praticarem com ele algumas cousas grandes que Deus lhe comunicava na oração, para ver se era aquilo de Deus ou trazia algum engano do demónio, desejando sempre acertar) ouvindo-lhe algumas cousas que na oração lhe eram representadas, ou da Santíssima Trindade, ou do Santíssimo Sacramento, ou do Amor de Deus, ou da castidade e pureza da vida, e de outras semelhantes, lhe parecia que ouvia a mais alta teologia do mundo, porque de tal modo falava destas cousas e de outras da fé que parecia que as estava vendo evidentemente com os olhos e entendimento, como claras demonstrações. E muitas vezes ficava pasmado da delicadeza de altos e santos pontos, declarados por ela com as mais delicadas palavras que podiam ser, e comparações altíssimas, extremadas e nunca ouvidas, com tanto espírito e fervor que bem parecia ter por mestre o Espírito Santo, que lhe ensinava tudo.

Tinha esta Santa três cousas principais. A primeira ser de todo negada em tudo, porque nem trabalhos, nem descansos, nem enfermidades, nem testemunhos falsos, nem quanto se podia imaginar de bens ou de males, a podiam apartar do Amor de Deus, que mais forte era nela que a morte. Toda era mortificada no interior da própria vontade e só vivia em Cristo e Cristo nela, sem se poder nunca apartar dele, esquecendo-se de todo das cousas do mundo.

A segunda, que no carecer das consolações sensíveis não cessava de buscar a Deus, assim nos jejuns, esmolas e abstinências, como no essencial da vida espiritual, pintada na escritura sagrada, porque, ainda que algumas poucas vezes lhe não acudia Deus na oração

com os subidos mimos e favores que soía, não deixava de estar tão transformada e unida no mesmo Deus como dantes, e assim ficava sobremaneira consolada, porque não sabia querer senão o que Deus queria, nem o sabia buscar para seu gosto e interesse próprio. E nunca era alevantada a cousas altas, que não tivesse por apêndice grande mortificação e conhecimento de sua baixeza, por uns modos que se sabem ouvir e entender, mas não contar. E sabia ser Marta a seus tempos devidos, ficando sempre Maria, transportada aos pés do Senhor.

A terceira cousa que tinha era que as impressões, que lhe causavam as consolações espirituais, eram ficar-lhe um fastio de quanto nesta vida via das cousas do mundo e uma saudade grandíssima de Deus, que não via. E, ainda que seus desejos iam encontrar às vezes com a humanidade de Cristo, nosso Redentor, todavia não parava aí, mas lá ia buscar a divindade em uma obscuridade que parecia que, sem a ver, a estava vendo, e sem a possuir, a gozava.

Estando uma vez esta Santa transportada em oração, transformada em Deus e Amor Divino, lhe foi representado que ainda que vira um anjo e posto que vira todos os anjos e a corte do Céu junta, nada disto lhe enchera as medidas, nem a satisfizera. Vendo o anjo (dizia ela) que lhe perguntaria, morta de sede e cheia de fome e saudade de Deus: — Ó Anjo de Deus, onde está o meu Deus e meu Senhor?, conforme aquilo da esposa nos **Cantare**s: — **ubi est, quem diligit anima mea?** Somente a fazer-se uma cousa com Deus aspirava, e endereçava seus desejos. Muitas vezes recebia as consolações sensíveis no coração em grande abundância, as quais vieram em tanto crescimento e tanto se foi empinando que já muitas vezes as recebia na alma, sem ter os sentimentos e gozos do coração, a que já chamava exteriores. Finalmente, era tão firme e conforme com Deus e tão favorecida dele, ficando tão fundada sempre em humildade profunda que, quem a conhecia e sabia de sua vida, julgava que enquanto ela viveu, depois que se começou dar a Deus, nunca caiu deste santo exercício, e lhe parecia (se assim o podia dizer) ser em vida já confirmada na graça divina, e que sua longa e virtuosa vida passada confirmava mais este parecer e ser tudo isto que dela sentia obra de Deus, na qual o demónio nada tinha.

Dizia o teólogo (com quem ela e seu confessor comunicavam algumas dúvidas) que, se a algumas cousas das desta Santa podia dar algum mais certo parecer, era nisto, que quanto ela fazia ia nivelado e regulado pela doctrina católica, sem discrepar o menor ponto do mundo, e nada fora dos limites do Evangelho, mas tudo enfiado nele, fundada sempre em grande humildade.

Afirmava mais o dito teólogo que, assim em confissão, confessando ele algumas pessoas, como fora de confissão, ouvira de alguns milagres que fizera a dita Santa Margarida de Chaves em sua vida e depois de falecida, pelo que a tinha por tão santa que não ousava rogar a Deus por ela, nem em seus sacrifícios, nem em suas orações; antes rogava a Deus que se lembrasse dele pelos merecimentos da vida dela, de quem ele não duvidava, senão que estava na glória com Deus, recebendo lá o prémio do que cá com seu favor mereceu, e ainda vivendo ela, pois Deus lhe comunicava em vida tão grandes cousas, parece que a tinha certificada dos bens da glória, dos quais depois de sua morte está gozando no Céu.

Quanto à fama pública de sua santidade e exemplo de vida, muitos anos foi tida por muito santa de todos, principalmente das pessoas virtuosas e religiosas, e dos padres da Companhia de Jesus que aqui vinham, a esta ilha. E era exemplo de muitas virtudes e santidade, e continuação de sacramentos e obras pias.

Quando se punha em oração, dizia que se ia pôr diante de Deus, sem saber o que havia de dizer, nem levar ponto forjado, nem cousa cuidada; tolamente, como mulher sem entendimento, sem levar outro tino senão ir buscar a Deus. Pelo que ouvindo isto dela e outras cousas semelhantes, o doctíssimo padre Francisco de Araújo, grande pregador da Companhia de Jesus, lhe chamava e dizia que era esta Santa passiva divina.

Afora um filho seu, tão virtuoso que se tinha por santo, e faleceu estudando na Universidade de Coimbra, deixou esta Santa dois filhos honrados, virtuosos e de raras habilidades, que lá estudavam; um chamado Manuel Jorge Correia, outro Gonçalo Correia de Sousa, ambos bacharéis formados nos sagrados cânones, e uma filha, chamada primeiro Maria Correia, e depois Maria da Trindade, a qual deixando o mundo e metendo-se freira no mosteiro de Santo André, da ordem de Santa Clara, na cidade da Ponta Delgada, desta ilha de S. Miguel, imita e segue bem as passadas de sua mãe santa, na virtude e exemplo, vida e oração, em que Nosso Senhor lhe faz também grandes graças e favores, e comunica cousas altíssimas. Também tem

uma irmã, chamada Bárbara de Chaves, tia de Maria da Trindade, de grande virtude e oração, que já em vida da mesma Santa a imitava.

Depois do falecimento desta Santa, a manifestou Deus por tal com muitos milagres grandes e de diversas maneiras, que fez não tão somente nesta ilha, mas também no Reino e principalmente no arcebispado de Évora e bispado de Coimbra e Bragança, e outras muitas partes; por algumas das quais os padres da Companhia de Jesus levaram suas relíquias. E depois com comissão do gravíssimo e reverendíssimo Cabido da Sé de Coimbra, ao reverendíssimo doctor frei António de S. Domingos, lente de prima de teologia na insigne Universidade da dita cidade, tirou o dito doctor outro sumário, ao pé do qual (vendo os milagres que a Santa fazia) afirmou que era Santa. Depois mandou o ilustríssimo senhor D. Manuel de Gouveia, bispo de Angra, tirar outro sumário nesta ilha de S. Miguel de seus milagres; os quais (sendo-lhe todos apresentados na cidade de Angra) fez ler por diversas vezes diante dos letrados, religiosos, teólogos e pregadores que havia na ilha Terceira, e alguns canonistas; e cada um per si, todos disseram **(nemine discrepante)** que lhes parecia que sua vida fora santa, e que as cousas que Nosso Senhor fizera por sua intercessão, assim na vida como depois de morta, eram milagres e por tais os tinham, pelo que se devia escrever a Sua Santidade, e a Sua Majestade para que favorecesse este negócio ante Sua Santidade, e a sua sepultura se devia ter respeito e acatamento, e fazer-se-lhe alguma diferença das outras. E, assim, o dito senhor Bispo julgou a vida por santa e aprovou seus milagres, e mandou que a sua sepultura, onde está seu corpo, se tivesse respeito e acatamento e que ao redor dela se fizesse uma grade. E sobre este negócio escreveu a Sua Santidade, a el-Rei e ao Cardeal, para que favoreça a determinação ante Sua Santidade.

Dia de Santo António, depois de vésperas, que foi a treze de Junho do ano de mil e quinhentos e oitenta e sete, por certos respeitos, com licença do Bispo, estando presente o licenciado Simão Fernandes de Cárceres, chantre de Sé de Angra e seu vigairo geral, com muita solenidade e cantoria de psalmos, se transferiram seus ossos, fechados na mesma caixa em que estavam, à capela-mor, levando-os (debaixo de um pálio de brocado que levavam sacerdotes) o conde D. Rui Gonçalves da Câmara, D. Francisco, seu filho, o Dr. Gilianes da Silveira, juiz de fora, o capitão Alexandre, o capitão António de Oliveira e um sacerdote, onde foi muito para ver a grande devação de todo o povo, e a profunda gaiva que se fez em sua sepultura, tirando e levando dela terra, que todos estimavam por grande relíquia. Com a qual depois Deus fez muitos milagres em louvor desta Santa, glória e esplendor das ilhas do mar Oceano, e certa norma do bem viver, e estímulo penetrante em nossos dias, e despertador grande para o caminho da glória e salvação.

CAPÍTULO XCVI

DA VIDA E COSTUMES DO ILUSTRÍSSIMO SENHOR D. RUI GONÇALVES DA CÂMARA, CONDE DE VILA FRANCA, DO CONSELHO DE SUA MAJESTADE, CAPITÃO E GOVERNADOR DA ILHA DE S. MIGUEL, DESTE NOME O TERCEIRO E DOS CAPITÃES O SÉTIMO; E DOS FILHOS QUE TEM

Morto o Capitão Manuel da Câmara, herdou sua casa, sucedendo-lhe na Capitania o ilustríssimo senhor D. Rui Gonçalves da Câmara, conde de Vila Franca ([363]). E porque quase começa o governo dela e ainda vive, deixando o discurso de sua vida e heróicos feitos, que vivendo fará, para outros mais doctos e delicados engenhos, que os escreverão depois dele, contarei somente seus princípios, ainda que não direi a realidade da cousa com aqueles louvores e alto estilo que suas obras merecem, por fugir da lisonja e arrogância, e do que fez Alexandre, que, oferecendo-lhe Aristóbulo um livro de muitos louvores seus, deu com ele em um rio, dizendo que desejava depois de morto tornar ao mundo para ver se então o louvavam tanto, como Aristóbulo o louvava sendo vivo. Porém o que disser do conde D. Rui Gonçalves da Câmara são cousas tão modernas, e tão vivas, e presentes as testemunhas que foram nelas, que não darão lugar a fábulas. Somente me deterei algum tanto em abrir os alicerces de seus louvores e grandiosos começos, deixando o processo da traça e remate da obra e sumptuosidade deles para outro melhor mestre, porque o edifício, que há-de vir a ser alto na fábrica, há-de ter forçadamente nos fundamentos mais detença, e de quem tem, como ele teve, tão ditosos e altos princípios (que logo direi), não se espera senão que proceda e acabe, tendo por respondentes felicíssimos remates e gloriosíssimos fins.

D. Rui Gonçalves da Câmara, conde de Vila Franca do Campo e Capitão desta ilha de S. Miguel, além do seu ordinário apelido, que herdou de seus progenitores pela linha masculina, também pela feminina procede primeiro dos Ferreiras e do conde de Marialva e depois dos Melos; e Vasco Fernandes Mendonça Coutinho, avô de D. Filipa Coutinha, mulher que foi de Rui Gonçalves da Câmara, pai de Manuel da Câmara e avô do dito conde D. Rui Gonçalves da Câmara, que era senhor de Coutim e Merlim, mui esforçado e valoroso cavaleiro, teve dois filhos, um conde de Marialva, outro conde de Borba, que é uma vila do duque de Bragança, da qual el-Rei D. João, segundo de nome, fez mercê a D. Vasco Coutinho, filho de D. Vasco Coutinho, fazendo-o conde dela, por lhe descobrir a treição (sic) que lhe tinham ordenada para o matarem. E, reinando depois el-Rei D. Manuel, tornou Borba ao duque que então era, e em satisfação deu a vila do Redondo ao conde de Borba. E logo D. João, filho do dito D. Vasco Coutinho, se chamou conde do Redondo, e assim se chamam agora os que dele descendem; e ao conde do Redondo pertence a capitania de Arzila.

Tomando el-Rei D. Afonso, quinto do nome, Tânger e Arzila aos mouros, na tomada dela morreram dois condes, o de Marialva e o de Monsanto; e, armando cavaleiro el-Rei D. Afonso ao príncipe D. João sobre os corpos dos ditos condes, mortos, lhe disse: — tal sejas tu, filho, como foram estes meus dois vassalos. Outros dizem que sobre a sepultura de Vasco Fernandes Coutinho, lhe disse: — Deus te faça tão bom cavaleiro como era Vasco Fernandes Coutinho, que aqui está enterrado.

O ilustre Capitão Manuel da Câmara (como já disse) não teve filho macho outro, senão a D. Rui Gonçalves da Câmara, que agora é Capitão, a quem ele queria grandíssimo bem. O qual, depois de ser de idade para ir ao Paço, sendo moço-fidalgo, o trazia seu pai gravemente acompanhado e lhe deu por seu aio a Lucas de Sequeira, natural desta ilha, que era cavaleiro fidalgo da casa de el-Rei e muito conhecido de todos, o qual andava sempre com ele, quando a pé, quando a cavalo, conforme aos caminhos que menino naquele tempo fazia, e trazia consigo oito, nove homens de esporas e outros tantos pajes (sic). O qual senhor foi, do tempo do Príncipe D. João, filho el-Rei D. João, terceiro do nome, de sua criação e muito privado seu,

em tanto que não jogava o Princípe, nem ia fora, nem estava hora sem ele; foi isto de maneira que houve fidalgos cheios de inveja que disseram ao dito Rei D. João, pai do Príncipe: — "Senhor, o Príncipe é tão afeiçoado a D. Rui Gonçalves da Câmara, que não vê aos outros fidalgos por amor dele", temendo-se que depois que reinasse fizesse o mesmo, pelo que lembraram a el-Rei que pusesse cobro sobre isso, antes que o negócio fosse mais avante. E, querendo Sua Alteza meter mão disso, disse ao Príncipe: — Filho, será bom que vades a folgar a Almeirim e a caçar, para vos desenfadardes — por andar ao tal tempo o Príncipe mal disposto. Folgou ele muito com a mercê, pela qual beijou a mão a el-Rei e, fazendo-se prestes para isso, lhe mandou el-Rei que fizesse rol dos fidalgos que queria levar consigo; em cabeceira do qual pôs a D. Rui Gonçalves da Câmara. Visto o rol por el-Rei, o apagou e lhe mandou que pusesse outro em seu lugar. Tanto que o Príncipe o soube, fez-se doente e respondeu que não estava para ir. Passaram alguns dias, até que tornou el-Rei falar ao Príncipe na ida, dizendo-lhe se fizesse prestes e apontasse quem queria levar consigo, no qual rol tornou a assentar D. Rui Gonçalves da Câmara, já não na cabeceira, senão entre outros. Quando el-Rei viu isto, entendendo ser esse seu gosto, disse-lhe: — folgo muito que leveis convosco a D. Rui Gonçalves, vosso amigo —. E logo o mandou fazer prestes para isso. Mas durou isto pouco, porque foi Nosso Senhor servido de levar ao Príncipe para si, com a qual morte perdeu muito D. Rui Gonçalves da Câmara e a Capitania desta ilha. Neste tempo, trazia e trouxe depois o Capitão Manuel da Câmara tão custoso a seu filho e com tanto gasto de banquetes que o mesmo filho dava aos fidalgos e às damas, e de jogo, que aconteceu pôr-se D. Rui Gonçalves da Câmara a jogar e depois de ter perdido o dinheiro que levava, jogar sobre escritos seus e, quando seu pai o sabia, os pagava. Mas, com todos estes e outros favores que o pai fazia a seu filho, não foram nunca parte de D. Rui Gonçalves sair uma só hora de sua vontade, que com verdade posso afirmar que não me lembra que visse nem ouvisse dizer que havia filho tão obediente a pai, como foi D. Rui Gonçalves, porque cousas lhe viram alguns passar com seu pai, depois de ter casado e com filhos, que pasmavam, tremendo diante dele como se fora menino, sendo, como digo, pai de filhos e além disso de quarenta anos, pelo que não era nada o que seu pai lhe fazia, para o muito que lhe ele merecia, pela grande obediência e acatamento que lhe tinha e a todas suas cousas. O mesmo acatamento tinha a sua mãe e irmãs mais velhas, virtude, certo, grande e pouco agora costumada nestes tempos.

Era tão grandioso o Capitão Manuel da Câmara em todas suas cousas e muito mais nas públicas, em especial do serviço de seu Rei, que o que tinha era muito pouco para o gastar todo em uma hora, para o qual não estimava nada, guardando outras horas tudo. Prova disso é a jornada de el-Rei D. Sebastião, quando passou a primeira vez aos lugares de África, para a qual se abalou toda a fidalguia de Portugal, que foram chamados para ela por cartas de el-Rei. Entre as quais cartas, foram duas, uma delas para o Capitão Manuel da Câmara, e outra para D. Rui Gonçalves da Câmara, seu filho, se fazer prestes. A do pai não servia de mais que lhe dizer que ele passava às partes de África e que por ele ser velho o escusava da jornada, mas que fizesse prestes a seu filho e aviado se fosse logo atrás dele. Neste tempo, na cidade de Lisboa e em todo o Reino, fizeram os senhores e fidalgos largos gastos e se empenharam e venderam suas rendas e quintas e juros, para levarem muitos homens de cavalo e cavalos para suas pessoas, e outras despesas e cousas necessárias para a jornada.

Mas, da pessoa de el-Rei abaixo, não houve quem com mais custo e estado se fizesse prestes que o dito D. Rui Gonçalves, porque, além de levar vinte e sete homens de cavalo, todos de esporas e estribos prateados, com suas luas de ouro e adargas e cossoletes, levava mais seis cavalos para sua pessoa, que por todos eram trinta e três, e todos de muito preço. A cada dois homens de cavalo deu o Capitão Manuel da Câmara um homem, para lhe ter cargo dos cavalos e para os servir, a quem dava cada mês de ordenado seiscentos réis e quatro alqueires de trigo. Levava três tendas, uma dos cavalos, outra da gente, outra para ele, afora outras que D. Rui Gonçalves da Câmara mandou fazer nesta ilha, e afora quatro casas de madeira lavrada, levadiça, que ia metida em caixões, que se armavam cada vez que era necessário, e um catre de sanguinho, e para isto doze homens reposteiros que não serviam de mais que para armarem e desarmarem as casas todas, a que pagava cada mês seu salário. Levava muita gente de pé e grandes vitualhas de mantimentos de toda sorte, até pipas e quartos cheios de ferraduras e cravos para ferrarem os cavalos, e grandes créditos passados a Castela, para lhe virem de lá de contíno (sic) todas as cousas necessárias, assim de mantimentos, como de dinheiro, e infinda prata que seu pai lhe mandou fazer para serviço das mesas e copas, com regimento de seu pai que desse mesa a todo homem fidalgo que a ela quisesse vir, para o qual levava três cozinheiros, dois negros e um branco, da cozinha da

Rainha, que ela lhe mandou dar, os quais levavam fornalhas para cozerem pastéis e pão fresco, para o qual ia muitas pipas de farinha. Levava as mesas de peças, com suas chaves de parafuso e banquinhos levadiços de engonços, com seus encostos de uma verga de ferro delgada, para encosto de quem se neles assentasse; e um grande braseiro de prata, do tamanho de um fogão de navio, para no inverno estar cheio de brasas debaixo da tenda, quando comessem. Levava suas charamelas, vestidos de verde, com seus chapéus de tafetá preto e suas cadeias de prata ao pescoço, com figura do Anjo S. Miguel ao pé da cadeia, por divisa; as quais charamelas eram das melhores de Portugal, tirando as de el-Rei, e tangiam também frautas delicadamente. Toda a sua gente ia vestida de verde, com suas espadas de cavalgar prateadas. No de sua pessoa não trato porque, entre outras cousas muitas de vestidos e arreios de cavalos, levava um arreio de ouro todo acabado, feito na Índia, para o Viso-Rei Martin Afonso de Sousa, que é mais rica cousa que se pode ver, e outro de prata, feito a feição de favo de mel. riquíssimo; e quatro caparazões, um deles de veludo verde lavrado, com suas bandas de brocado, outro roxo com as mesmas bandas de brocado e outro de veludo cremezim (sic) da mesma maneira, outro de escarlata com seus tachos de prata assentados sobre veludo cremezim, cada um de rico e custoso feitio. E muitas outras cousas de arreios, com seus bocais de ouro e prata, afora vestidos ricos e de muitas invenções, de sua pessoa. E umas ricas armas que o Infante D. Luís deu a seu pai, de prova, lavradas, mas muito temerosas, das quais darão testemunho muitas pessoas desta ilha que aqui as viram; e outras mais leves, muito galantes para sua pessoa. Ia, finalmente, de maneira que parecia no estado imitava seu Rei, pela qual razão, os fidalgos de Portugal diziam: — ó ditoso D. Rui Gonçalves da Câmara, pois tal pai tem. E, demais de fazer isto a seu filho, foi homem que emprestou muito dinheiro a seus parentes para a jornada e deu outro, dado, a parentes pobres. O qual Capitão Manuel da Câmara, tendo aviado seu filho, como dito tenho, estando já para se passar à banda de além para ir por terra, um dia antes lhe veio outra carta de el-Rei, que estava em África, em que lhe mandava que não partisse seu filho de sua casa sem outra carta sua em contrário, a qual carta não veio, por ter a guerra infelicíssimo sucesso. Pela qual razão o dito D. Rui Gonçalves da Câmara não passou então às partes de além, como tinha determinado, estando preparado para isso com tão excessivos gastos, como tenho referido. A primeira vez que veio a esta ilha D. Rui Gonçalves da Câmara com seu pai Manuel da Câmara foi na era de mil e quinhentos e sessenta e seis anos, e trouxeram por sargento-mor a Francisco d'Osouro.

A segunda vez, veio D. Rui Gonçalves da Câmara, já casado, a esta ilha, por mandato de Sua Alteza, no ano de mil e quinhentos e setenta e seis, e trouxe consigo a Cristóvão de Crasto, homem curioso, por conselheiro, que alguns chamam mestre de campo, e por sargento-mor, Simão do Quental. Depois veio Luís Cardoso, seu irmão, capitão do número de el-Rei, nosso senhor, para também ser sargento. Trouxe também cinco escravos índios da Índia, que tangiam charamelas e violas de arco, que era uma realeza haver isto nesta terra. E em breve tempo faleceram todos, quase juntamente. Alguns praguentos quiseram dizer que, como foram tanger quando se pôs a primeira pedra na cava que se fazia de imenso custo, logo dali a poucos dias começaram e acabaram de morrer, como mostra de que não era Deus servido que tal obra se fizesse; mas isto só Deus o sabe. Outros diziam que faleceram de sua enfermidade, o que é mais certo. Esteve desta vez D. Rui Gonçalves da Câmara, nesta ilha, perto de dois anos e três ou quatro meses, em que dizem que ajuntou infinidade de dinheiro. Neste tempo lhe vieram novas do falecimento de seu pai, no mês de Abril da era de mil e quinhentos e setenta e sete, que falecera no mês de Março do mesmo ano.

Como veio a triste nova, mandou o Capitão D. Rui Gonçalves da Câmara fazer saimento por seu pai no derradeiro dia de Abril da era de mil e quinhentos e setenta e sete anos. E o dia antes, a hora de vésperas, o foram visitar todos os oficiais das Câmaras de toda a ilha, cobertos de dó para o acompanharem, mas ele não foi às vésperas que, estando todo o povo presente, se cantaram com um primeiro nocturno do ofício dos defuntos, solenemente. Estava a nave do meio da igreja de S. Sebastião, da cidade da Ponta Delgada, onde se fez o ofício, e os peares todos, coro, órgãos e a fronteira toda do cruzeiro cobertos de dó. E junto do cruzeiro estava uma eça mui sumptuosa, que tinha dezoito degraus e em o mais alto dela uma tumba preta com uma cruz branca de oito palmos de alto, e a eça e tumba teriam ambas juntas, de altura, perto de sessenta palmos. Na cabeceira da tumba, da parte do cruzeiro, estava uma cruz grande de prata, com dois grandes castiçais, com seus brandões acesos, um de cada parte, e no meio do mais alto da eça estava pendurada no ar uma grande bandeira negra, com as armas do Capitão pintadas no escudo, em campo vermelho, que são uma torre branca com dois lobos marinhos em pé, que parecia que queriam subir a ela, cada um de sua parte, com

seu elmo e paquife, e por timbre um lobo marinho assentado, com umas grandes asas estendidas. Junto da tumba, em cima, estavam dois sacerdotes, um de cada banda, com suas sobrepelizes, incensando sempre com dois turíbulos de prata. E por derredor da eça estavam muitas tochas acesas, que elas, com as que alguns homens principais levaram, acompanhando o sacerdote que dizia a missa e ao Evangelho, eram por todos sessenta, afora outros círios e brandões nos altares e velas que tinham os sacerdotes nas mãos, acesas a seus tempos; que entre sacerdotes e frades de S. Francisco, que disseram missas e estiveram presentes ao ofício, foram noventa e três. E a cada um ficou a vela, que lhe deram com um cruzado, que mandou dar a cada um dos de fora, e duzentos réis a cada um dos da cidade. E toda a cera que sobejou do ofício a mandou dar o Capitão Dom Rui Gonçalves à Casa da Misericórdia da cidade, e mandou ofertar trinta cruzados. Da parte do corpo da igreja, ao pé da eça, estava armado um altar, com licença da Sé vagante, com seus brandões e círios, onde disse a missa do ofício o vigairo Sebastião Ferreira, e o padre António Dias, que servia de vigairo na freguesia de S. Pedro da mesma cidade, cantou o Evangelho, e o padre Miguel Dias, beneficiado na vila da Ribeira Grande, a Epístola. Pregou o doctor Francisco Bicudo, morador na vila da Ribeira Grande. E Afonso de Goes, mestre da capela, com os cantores, que estavam em dois bancos, cobertos de pano preto, no meio de todos os outros padres, cantaram a missa e o ofício com música funeral e muita solenidade, estando presente o Capitão D. Rui Gonçalves da Câmara que foi a ele e tornou para sua casa muito acompanhado de todos os principais de toda a ilha e de todo o povo, todos cobertos de dó, que era cousa muito para ver. E nunca se viu ofício até ali, nesta ilha, de tanta solenidade, tão acabado, nem tão custoso, porque se fizeram nele de custo mais de quinhentos cruzados.

No mesmo ano de mil e quinhentos e setenta e sete, que começou por dia de Santa Isabel, a dois de Julho, e acabou outro semelhante dia no ano de mil e quinhentos e setenta e oito, foi eleito por provedor da Casa da Misericórdia o dito D. Rui Gonçalves da Câmara, que com sua presença e ajuda fez crescer os edifícios dela. E com grande juízo que em tudo tem, particularmente no edificar e fortificar, mandou emendar a capela da sumptuosa igreja que se vai fazendo, parecendo bem a Pero de Maêda ([364]), mestre das obras de el-Rei nesta ilha, tudo o que ele disse. Foram eleitos com ele por conselheiros Francisco de Arruda da Costa, licenciado Bartolomeu de Frias, Pero Castanho, João de Arruda da Costa, António de Brum da Silveira e Francisco Lobo Velho, com seus companheiros e coadjutores do povo. Deu o dito senhor Capitão e provedor, de esmola para a Casa, trezentos cruzados. Partiu desta ilha o primeiro dia de Setembro do ano de mil e quinhentos e setenta e oito, em uma caravela, chamada a Misericórdia, em companhia da armada, de que era capitão-mor D. Jorge de Meneses Tubra (ou Tabra?) ([365]) (sic), o qual veio com toda ela buscá-lo a esta ilha.

Na era de mil e quinhentos e setenta e nove, nos derradeiros dias de Setembro, se partiu o dito Capitão, com a Capitoa sua mulher e filhos, para esta ilha, vindo-se embarcar a Cascais, no galeão S. Pedro, que havia um mês que estava esperando por ele, com uma caravela da armada, onde foi recebido com muita festa, honra e agasalhado do capitão-mor do galeão, salvando-o com artilharia e preparando-se todos para o embarcarem, assim a ele, como a sua mulher e filhos e alguma gente que levava consigo, porque já neste tempo toda a mais era embarcada no galeão e na caravela, com os mantimentos e cousas necessárias para sua viagem. Depois que foi embarcado, logo ao dia seguinte, deram à vela sendo três horas ante manhã, pouco mais ou menos, correndo-lhe o vento próspero. E, andadas nove ou dez léguas, quis que arribassem, dizendo que sua mulher ia muito enjoada e estava parida de um mês, pouco mais, e, por ser já tempo de inverno, não para fazer viagem. Ouvindo estas razões, mandou o capitão-mor do galeão que arribassem, ainda que contra sua vontade. E porque havia dias que el-Rei tinha mandado ao dito Capitão Rui Gonçalves da Câmara que, sob pena de perder o morgado, se viesse para a sua ilha, não quis entrar dentro e mandou lançar âncora abaixo da torre de Belém. Donde mandou recado a el-Rei, fazendo-lhe a saber as cousas acima ditas, o que visto por el-Rei, deu licença que ficasse a partida para Março seguinte de oitenta, e então entrou para dentro da torre e desembarcou em Belém com toda sua gente, para daí se ir para sua quinta, que tem em Frielas.

Trazia também consigo o Capitão D. Rui Gonçalves uma caravela do Porto, que ele tinha fretada para levar trigo e cevada a sua irmã, em que vinha algum fato seu, vinte e cinco corpos de armas e dois cavalos e dois negros e algumas pipas de água, e palha e cevada para os cavalos, e uma caixa muito grande em que vinha um leito dourado, muito rico e outros dois ou três de outra sorte, e algumas mesas e cadeiras marchetadas de marfim, e algumas pedras brancas lavradas que mandou deitar na Alagoa para uns portaes; a qual caravela arribou

juntamente com o galeão e em Belém descarregou o fato que levava, ficando somente as pedras e caixa nesta ilha.

Passado isto, o Capitão D. Rui Gonçalves apertava com os marinheiros que viessem buscar o trigo, como eram obrigados, ao que eles responderam que sua senhoria lhe fretara a caravela em Julho para virem em Agosto, e que estavam no fim de Setembro, já tempo de inverno, e não podiam vir às ilhas senão se lhe sua senhoria comprasse a caravela e lhe pagasse suas demoras. Vendo que eles tinham razão no que diziam, lhe comprou a caravela e pagou as demoras. Então determinaram de a calafetar e prover do necessário, para partir para estas ilhas.

Esta caravela partiu de Belém o primeiro dia de Octubro de setenta e nove, à tarde, com vento norte muito brando, mas pouco e pouco se veio saindo às voltas e, tanto que saiu fora da barra, lhe deu logo o vento nordeste de tal maneira que partiu à quinta-feira à tarde, que foi o primeiro de Octubro, e teve vista das ilhas à quarta-feira seguinte, mas, porque foi ante manhã, se enganou o piloto, cuidando pela ilha de Santa Maria ser o morro do Nordeste desta ilha de S. Miguel, e se foi direito a ela; mas, amanhecendo, viu que era a ilha de Santa Maria e, querendo virar a proa para esta de S. Miguel, se virou o vento ao norte muito escasso, que com grande trabalho se podia ter, arreceando que o tempo os fizesse tornar para Lisboa; assim se andaram tendo aos mares até que à sexta-feira, à noite, vindo demandar a ponta dos Mosteiros, se foram ao longo da costa meter no porto, em que desembarcaram um formoso cavalo e algum fato do dito senhor.

A terceira vez veio o conde D. Rui Gonçalves da Câmara a esta ilha de S. Miguel, na armada de el-Rei Filipe, que vinha contra a Terceira. Chegou a Vila Franca uma quinta-feira, sete dias de Julho da era de mil e quinhentos e oitenta e três anos. E ao dia seguinte, que foram oito do dito mês, desembarcou no porto da mesma vila, donde depois se foi por terra para a cidade da Ponta Delgada, acompanhado com muita gente de cavalo, onde se recolheu no mosteiro de S. Francisco por alguns dias, fazendo ali grandes gastos em banquetes com os senhores e fidalgos da armada. E uma quarta-feira à tarde, vinte de Julho da dita era de oitenta e três, se passou do mosteiro para a fortaleza, com grande festa da gente e estrondo de artilharia, onde esteve alguns dias, até se passar para as suas casas, que tem na freguesia de S. Pedro, donde foi visitando e fazendo fortificar toda a ilha, nos portos e lugares mais fracos, mandando fazer resenha de toda a gente de cavalo e de pé, e exercitando-a nas armas, até ele em pessoa correr a par com os cavaleiros, levando sempre avantagem na carreira, por ser bom cavaleiro e muito bem posto e airoso a cavalo. É alvo, de estatura mediana, não muito envolto em carnes, de olhos verdes rasgados, com todas as particularidades do rosto mui perfeitas, e a barba bem posta. Tem grande modéstia, prudência, discrição, conselho e habilidade para tudo; e extremado escrivão e arimético, na presença mui grave, mas mui afábil, cortês e humilde com todos. É, nesta era de mil e quinhentos e noventa, de idade de cinquenta e sete anos e já pinta de branco. Do povo cego (que muitas vezes fala o que quer e não o que deve) é murmurado que ajunta muito dinheiro. Não é pecado ajuntar sem dano de outrem para gastar a seu tempo devido, antes é prudência e virtude, principalmente tendo tantos filhos e filhas, como ele tem, afora o morgado. Se umas vezes ajunta e adquire, outras espalha e reparte com viúvas e pobres, fazendo muitas esmolas, sem costumar tomar testemunhas quando as faz.

Casou este ilustríssimo senhor com D. Joana de Gusmão, filha do conde do Redondo e dama da Infanta D. Maria, senhora de tão raras virtudes e heróicas obras, que todos os desta ilha a desejam ter presente, sabendo certo que há-de ser amparo dos ricos e riqueza dos pobres e mãe de todos. Mas, parece que esta terra não merece tanto bem. Foi recebido com ela no Paço, em casa da dita Infanta, por D. Fernando, arcebispo de Lisboa, parente de el-Rei, o qual quis ser presente no recebimento, não sendo chamado para isso senão D. João de Melo, bispo do Algarve. E chegando o arcebispo, disse que a ele pertencia recebê-los, pelo que a Infanta teve depois suas escusas com o bispo do Algarve; estando presente el-Rei com todos os senhores da corte e toda a fidalguia, com que se celebrou o recebimento com grande solenidade. Foram padrinhos de D. Rui Gonçalves, o conde de Vila Nova e D. Afonso de Alencastro, e padrinho da senhora D. Joana, o duque de Aveiro, o de grande saber e conselho, parente de el-Rei. Houve em dote trinta mil cruzados. E logo o dia seguinte se partiu o conde do Redondo por viso-Rei para a Índia, deixando sua filha casada com o dito senhor, da qual tem cinco filhos e seis filhas.

O primeiro, D. Manuel da Câmara, (que é morgado) será agora de vinte e quatro anos. É afábil, humilde, conversável, grande de corpo, forçoso, bom lutador e cavaleiro, gentil homem,

bem assombrado e de boa condição; tira bem a barra, é latino e bom escrivão; sabe canto de órgão e é grande músico, dado a toda a maneira de música, principalmente de harpa, viola e tecla. Tem gentil voz com que suavemente canta quando tange. Sendo de pequena idade, cantou, tangendo harpa, diante de el-Rei D. Henrique que o louvou muito. Casou com D. Leonor, filha de D. Fradique Henriques, mordomo dos quatro de Sua Majestade, muito chegado em parentesco à casa do duque de Alva, e de sua mulher D. Guiomar de Vilhena, dama que foi da Rainha D. Catarina. Sua Majestade lhe tinha prometido casamento para uma filha sua e dando-lhe a escolher em Portugal dos melhores morgados, este lhe pareceu melhor. E el-Rei mesmo fez este casamento, fazendo conde ao Capitão D. Rui Gonçalves da Câmara e a seu filho morgado, D. Manuel da Câmara, por sua morte, a quem deu o hábito de Cristo com um conto de réis, dando-lhe também outras muitas cousas e muitos ofícios que ele dantes não tinha aqui na ilha.

O segundo filho, D. Gaspar da Câmara, é muito gentil homem, forçoso e bem inclinado; o qual trouxe o conde, seu pai, consigo a esta ilha, onde foi capitão da gente de cavalo, e seu logo-tenente o capitão Alexandre, e Manuel da Fonseca seu alferes.

O terceiro filho, D. Francisco da Câmara, grande músico e de boa voz, estudava em casa e depois veio a esta ilha, onde foi capitão da gente de cavalo. E estes ambos são também inclinados a guerra e a soldadesca. O quarto filho se chama D. João da Câmara. O quinto D. Augustinho da Câmara, ambos ainda de tenra idade.

A primeira filha, chamada D. Juliana, nesta era de mil e quinhentos e noventa, de idade de vinte e quatro anos, é muito formosa, discreta e muito dama; sabe ler e escrever. A segunda, D. Maria, de idade de treze anos, também formosa. A terceira, D. Hierónima, mais moça que a outra dois anos, que ambas querem meter no mosteiro, de tão pouca idade, com licença do comissairo, porque têm lá suas tias, irmãs de sua mãe. A quarta, chamada D. Constança, nasceu a vinte e cinco de Agosto de oitenta, em Óbidos, o dia do desbarato de Lisboa, quando foi tomada dos castelhanos. A quinta, D. Isabel, ainda menina. A sexta, D. Francisca.

Quando este senhor está no Regno, ora pousa nas suas ricas casas, que tem na freguesia das Martes (sic) em Lisboa, ora em Frielas, em uma sua quinta mui rica, em uns paços que nela tem, que antigamente foram de el-Rei D. Dinis. A qual quinta está duas léguas de Lisboa por terra, e por mar duas léguas e meia, porque vão lá entrando pela boca de Sacavém, indo pelo braço do rio acima meia légua até desembarcar à porta da quinta, que, quando a maré é cheia, lhe dá a água na mesma porta. Tem também outra quinta, quando vem de Lisboa para Belém, onde se chama a Pampulha, em que faz umas sumptuosas moradas ([366]).

No tempo da guerra dos castelhanos, lhe saqueou o alcaide Pareja as casas da cidade, que estão às Martes, e nelas morou uns dias. E nos do saco lhe saquearam outros soldados a quinta de Frielas, em que lhe levaram mais de seis mil cruzados de fato seu e de sua irmã D. Hierónima, a qual estava concertado casar com o conde do Redondo, e por haver dúvidas entre eles não casou. Depois não quis casar e fez vida de beata. Foi senhora muito amiga de Deus e de grande virtude, devota da Igreja e de ouvir os ofícios divinos. Faleceu nesta vida e virtude, como já disse.

Deixando aparte os três ou quatro meses que este senhor governou a ilha antes do falecimento de seu pai, contando o tempo dos dois governadores Ambrósio de Aguiar e Martim Afonso de Melo (que foi breve), vai em treze anos que começou a governar na era de mil e quinhentos e setenta e sete, depois da morte de seu pai, até esta de mil e quinhentos e noventa, em que esteve governando esta terra com muita paz e mansidão, fazendo todas as cousas do governo dela com grande saber, prudência e bom zelo de que é dotado, dispondo tudo tão suavemente que não se sentia o seu jugo no povo obediente, que se quere reger por razão. E havendo alguns súbditos sem ela, quando ele os não podia dobrar, nem domar com sua condição macia, então com aspereza os refreiava; pelo que é amado e obedecido dos bons e obedientes e grandemente temido dos que têm dura cerviz e são revéis. E assim se espera que vá de bem em melhor em todas suas cousas, que Nosso Senhor prospere, como ele deseja. Mandou socorrer (como tenho dito) a ilha de Santa Maria e nesta de S. Miguel aos biscainhos, defronte do porto da cidade da Ponta Delgada, mandando depois pedir a Sua Majestade quatro valorosos capitães e munições de guerra, que logo lhe mandou, para mais fortificação da terra, como adiante direi.

O ano de mil e quinhentos e oitenta e sete, começou o dito conde a mandar fazer umas sumptuosas casas que, segundo mostram em seus princípios, depois de acabadas, virão a ser

como uns riquíssimos e soberbos paços, situados quase no meio da cidade da Ponta Delgada, com que lhe dá muito lustro.

No ano de oitenta e oito, foi eleito por provedor da Casa da Misericórdia da dita cidade, com conselheiros e coadjutores dos mais nobres da terra.

Domingo, doze de Agosto de mil e quinhentos e noventa, às doze horas, partiu este senhor para o Reino em uma sua caravela, com outra companhia de navios. Levou consigo a seu filho D. Francisco e o capitão Alexandre e o capitão Peralta.

A quinze de Agosto do dito ano, às quatro horas da manhã, chegou arribado, com tempo contrário, ao porto da cidade da Ponta Delgada.

A quatro de Setembro de mil e quinhentos e noventa, tornou a partir para o Regno na sua caravela, bem aparelhada de armas, com outras velas em sua companhia, e, depois de partidos, véspera de Nossa Senhora da Natividade, em amanhecendo, os correram dois navios de cossairos e vendo que não podiam tomar a caravela do conde, viraram sobre as outras duas de sua companhia; e ao domingo, dando à do conde muita tormenta com tempo contrairo, tão rijo que lhe quebrou o mastro grande, perguntou ele, vendo-se desta maneira e muito enfermo, em que rumo estavam, e achando-se estarem cento e cinquenta léguas de Lisboa, e da ilha da Madeira noventa, mandou que arribassem a ela, por terem para lá o vento em popa, aonde chegando foi recebido com muita alegria de toda a gente da terra, principalmente o general Tristão Vaz da Veiga, que lhe fez muita festa e o agasalhou com toda a companhia em sua casa, onze dias que aí esteve. Depois, temendo o conde que os cossairos tomassem algum navio da sua companhia e dissesse que ele ia na caravela, fretou um francês por quatrocentos cruzados e se meteu nele com sete homens; e partiu daí um sábado, depois de ouvir missa, e a caravela partiu à noite com a mais gente. Puseram uns e outros no caminho sete dias; o conde foi ter a Peniche e daí a Lisboa, onde foi bem recebido de Sua Alteza, que lhe faz muitas honras, como se espera também ser recebido de Sua Majestade, que lhe fará muitas mercês.

CAPÍTULO XCVII

COMO SUA MAJESTADE, DEPOIS DE ESTAR DE POSSE DO REINO DE PORTUGAL, MANDOU AMBRÓSIO DE AGUIAR COUTINHO POR GOVERNADOR E CAPITÃO-MOR ÀS ILHAS DOS AÇORES, E, NÃO O QUERENDO RECOLHER NA ILHA TERCEIRA, SE FOI APOSENTAR NA DE S. MIGUEL. E DE ALGUNS MEIOS QUE PROCUROU PARA REDUZIR A TERCEIRA A SERVIÇO DE SUA MAJESTADE, SEM ALCANÇAR EFECTO (SIC)

Concorrendo muita dúvida e alteração sobre a sucessão do Regno de Portugal, entre el-Rei Filipe e D. António, Prior do Crato, filho do Infante D. Luís, sendo este, como português, jurado por Rei nestas ilhas dos Açores, foi tanto o poder de el-Rei Filipe, fundado na justiça e direito, que por muitos e graves letrados do Regno e fora dele lhe era concedido, que se apossou de todo o Regno e em todo ele foi reconhecido e jurado por Rei. E de tal maneira foi esbulhado D. António e destruído com os seus, que se não soube de certeza para que parte era acolhido, ou se ficava escondido no Regno.

Depois de Sua Majestade estar já de posse do dito Regno de Portugal, determinou entender nas ilhas, e mandar a elas uma pessoa que pusesse as cousas em termos que se tivessem os insulanos por ditosos terem tal Rei e Senhor. Foi escolhido Ambrósio de Aguiar Coutinho, de quem tinha larga satisfação sobre as pretensões dos Regnos, o qual Ambrósio de Aguiar Coutinho era filho morgado de Pedro Afonso de Aguiar, provedor dos almazens ([367]) do Reino de Portugal, e primo com-irmão de Jorge de Melo, que foi casado com D. Joana da Silva, com que depois casou o dito Ambrósio de Aguiar. O qual foi por capitão-mor duma armada que el-Rei D. Sebastião mandou à Índia e, vindo de lá, o acompanhou na jornada de África, sendo um dos quatro coronéis, onde foi cativo. Tornando do cativeiro, o puseram os governadores por capitão na fortaleza de Setúvel. Daí lhe sucedeu mandá-lo prender D. António. E, depois da batalha de Alcântara, onde ficou solto e livre, o mandou el-Rei chamar, e foi à cidade de Elvas e ali o despachou e lhe deu a principal comenda de Beja, que lhe importava seiscentos mil réis cada ano, para ele e para seu filho, e fez outras mercês, enviando-o por governador a estas ilhas dos Açores. Quando estava no castelo de Setúvel por capitão, se embarcaram os Governadores fugindo para Castela, de que resultou ao dito Ambrósio de Aguiar estar já confessado para o degolarem. Com este concepto que dele tinha Sua Majestade, lhe deu o governo das ditas ilhas, com largos poderes e novas honras; deixando em seu alvidrio (sic) tudo, dizendo-lhe que confiava dele que em seu serviço o faria sempre melhor do que o ele encomendava. E em um capítulo de sua instrução dizia que, posto que nela dizia o que faria, que o não fizesse, parecendo-lhe outra cousa.

Partiu o dito governador a vinte de Abril de mil e quinhentos e oitenta e um anos, e veio com próspero tempo da barra de Lisboa no galeão S. Cristóvão, em que era capitão António Ribeiro, cavaleiro da ordem de Aviz, que foi tenente e guarda de el-Rei D. Sebastião, homem de muita honra e mansidão. Depois de saídos, veio por sua popa um barcote ingrês e chegado ao galeão, com a dissimulação que lhe convinha, o salvou. Visto pelo capitão do galeão, perguntou que navio era; respondeu ser ingrês, que ia carregado de sal, como ia, não fazendo caso dele como não havia para quê. E dentro nele se afirma ir D. António, que até então se não tinha ido para França que, quando foi o desbarate do Porto, tornou para Lisboa por terra. Fora sucesso próspero, para a muita honra de Sua Majestade fazia a quem o desse, e era ainda tempo de clemência e escusaram-se tantos trabalhos padecidos. Mas não havia de ser, que o demérito de nossos pecados o estorvou.

Chegou o dito Ambrósio de Aguiar, governador, a esta ilha, da banda do norte dela, a três de Maio da dita era. E vindo da banda dos Mosteiros deitou em terra a Tomé Roiz Tibao, seu veador, a dar a nova de sua vinda à cidade da Ponta Delgada, que foi alegre a alguns e a outros enfermos odiosa. E, pelo contraste do vento que naquela noite lhe deu, foram arribados

à Terceira, e perto da baía mandou o dito governador recado de sua chegada da parte de Sua Majestade, cujo vassalo era, dizendo que àquela ilha vinha dedicado, por ser mais principal, como assim o mandava el-Rei, que nela residisse, e que vissem se lhe davam licença para lhe dar as cartas e desembarcar com elas. Foram chamados à Casa da Misericórdia, em dia de Corpus Christi do dito ano, Ciprião de Figueiredo de Vasconcelos, corregedor, com os vereadores; e juntos pôs a prática do que se oferecia, onde nos nobres houve diversos pareceres, uns que se recolhesse, outros que não; deste parecer que sim foi um João Dias do Carvalhal, que até então havia sido figadal inimigo do bando de Sua Majestade, e daí ficou suspeito, e foi causa de se ir a Inglaterra e remediar-se por aquela via e do embaixador D. Bernardino de Mendonça, e fazer-lhe Sua Majestade mercê. Como digo, acordaram não o recolher, porque o comum foi sempre do parecer antoniano, e resolutamente disseram aos que no barco estavam se fossem e dissessem ao dito governador se fosse embora e não fizesse nenhuma detença. Visto por ele seu danado intento, muito peor para eles, o fez assim. Donde veio a esta ilha de S. Miguel, onde desembarcou um domingo depois do jantar, vinte e oito dias de Maio da dita era de oitenta e um, desembarcando com ele o licenciado Diogo de Barros, que vinha por corregedor para estas ilhas, e o capitão Alexandre, natural desta ilha de S. Miguel, que Sua Majestade mandava aposentar nela com duzentos mil réis de renda cada ano, pelo ter bem servido em muitas guerras, como adiante direi. Foi o dito governador nesta ilha recebido de alguns como seus corações pediam, que era serviço de Sua Majestade. O primeiro que o saiu a receber, o juiz da alfândega, Manuel Cordeiro de Sampaio, com os oficiais diante de si e foi pelo dito governador bem recebido. Houve acordo com os da Câmara a lhe dar degredo, por Lisboa estar ainda contagiosa de mal de peste; acordaram depois que não, por não causarem alguma alteração de suspeita. E assim foi recebido e agasalhado nas casas que foram de Barão Jácome Correia, por serem mais acomodadas para então.

Depois da estada do dito governador nesta ilha, começava entender nos negócios das cousas que havia, principalmente da quietação dos moradores parciais da parte antonina, e de segredo informado os mandou chamar, pondo-lhe diante as razões que tinham de servir a el-Rei Nosso Senhor, do que alguns deram muito boas mostras que assim o fariam. As quais pessoas eram de Vila Franca; mas muito ao contrário se viu depois sua inconstância.

E, porque o principal fundamento da vinda do governador foi por respeito da ilha Terceira e das circumvizinhas, porque (como esta ilha de S. Miguel se entregara a Sua Majestade de seu moto próprio e a seu serviço se reduziu) tinha por nada o que aqui havia para fazer, de mais de na praça da cidade fazer apregoar bando do perdão geral pelo alevantamento de D. António (deixando os exceptuados que nele vinham), ordenou modo como mandasse à Terceira e que se não entendesse que ele era a causa disso.

Ofereceu-se a isso o arcediago, o licenciado Manuel Gonçalves, que com o bispo D. Pedro de Castilho estava nesta ilha de S. Miguel visitando; por ver claramente a pertinácia dos moradores de Angra e das mais ilhas de baixo, fora do parecer da obediência desta ilha de S. Miguel e da de Santa Maria, temendo as grossas armadas que Sua Majestade determinava mandar sobre as (sic) revéis e contumazes das ditas ilhas, que estavam todos a risco de perderem as fazendas, honras e finalmente as vidas, tendo já feito muitos excessos em desordens e desacatos cometidos contra o Rei e contra os seus, não lhe recebendo suas cartas, promessas, clemência e mercê, e ainda contra os próprios naturais. Vendo sua destruição tanto à porta, como era natural e tão nobre, doendo-se de seus naturais, se embarcou em um barquinho de remos, com cartas para dar, assim ao corregedor que tinha já título de governador, como a outros beneméritos dela, oferecendo-se a todos perigos do mar e da terra, e pondo-se a perigo de perder a vida só para ver se podia livrar sua pátria e reduzi-la ao serviço de Sua Majestade; pois o poder, justiça e direito lhe não faltava para ser reconhecido por Rei, e tudo o mais parecia inconsideração, inadvertência e doidice confirmada, pois tarde ou cedo deviam por força ser reduzidos, ficando tão mascavados em suas honras, fazendas e vidas. Foi isto aos dois de Junho da dita era de oitenta e um. Chegando à Terceira e cidade de Angra, imaginando os dela o efeito para que ia o dito arcediago e o meio que levava para sua salvação, como seu desígnio era propósito de dano seu, o não quiseram recolher. E não somente o não admitiram, antes a troco desta boa obra o avexaram, tendo-o no batelinho em que ia à calma e chuva, com os que consigo levava, mortos à fome e sede, sem nenhum provimento das cousas necessárias. Nem lhe consentiram que falasse com seu pai que estava quase no artigo da morte, nem com irmão, parente ou pessoa alguma; e assim, posto debaixo do forte e artilharia, lhe não consentiram mudar-se para parte onde pudessem estar mais livres das impetuosas ondas do mar, antes nas mais perigosas partes o faziam estar

por força, até que sem nenhuma piedade o fizeram tornar para esta ilha com vento contrairo e mar bravo. De tal maneira que por se não perder arribou à Vila da Praia da mesma ilha, onde também foi pelo mesmo modo avexado; nem o quiseram deixar sair em um penedo, para se aliviar dos tormentos e má vida passada; mas, tomados os remos e leme do batel o fizeram arredar fora da terra, para que não pudesse com pessoa alguma falar. E depois de ter gastado oito dias nestas perseguições, por muita misericórdia que pediu, lhe deram os remos e leme, com que se tornou para esta ilha de S. Miguel. Soube disto Sua Majestade e agradeceu-lho com muita honra por carta sua, e depois lhe fez no Regno mercê.

Vendo o dito governador que por esta via frutificava pouco este seu bom propósito em suas danadas tenções, ordenou outro meio mais aparelhado a sair melhor. E foi que um Pero Botelho tinha entrado nesta ilha de noite algumas vezes e dado cartas do corregedor da Terceira, em segredo; entre elas deu umas que um certo homem, temendo-se ser sentido, as foi dar ao governador Ambrósio de Aguiar, as quais vinham para um Fernão de Macedo; e, tanto que as teve na mão, lendo-as, uma dizia que tanto que aquela visse, com a mor brevidade que pudesse ser, ordenasse convocar seus parentes e matassem ao governador e ganhassem a fortaleza, nomeando o apelido de D. António, que por isso lhe faria muitas mercês e honras. E, não podendo assim ser efectuado o que dizia, se iria para eles, porque o estavam esperando. Fazia-os a eles encarregar isto a este homem, por respeito de ele ter deitado bando na cidade da Ponta Delgada pelo dito D. António, em corpo, com um montante nu nas mãos e com um sombreiro de casco na cabeça, acompanhado de muitos mininos (sic) pelas ruas e praças, dizendo a altas vozes: — Viva, viva el-Rei D. António, Rei de Portugal, e morram os tredores (sic) que deram e querem dar Portugal a castelhanos; e respondiam os mininos: — Viva, viva D. António, Rei de Portugal. O que fez muito alvoroço e confusão em todo o povo, uma segunda-feira às nove horas, doze dias do mês de Setembro da era de mil e quinhentos e oitenta anos. Porque ao domingo de antes, onze do dito mês e era, foram juntos na Câmara da dita cidade da Ponta Delgada juiz e vereadores com os nobres da governança, para tomarem assento e resolução de mandarem dois homens dos mais nobres da terra a visitar el-Rei Filipe e dar-lhe o parabém do Regno, e entregar-lhe a obediência e chaves desta ilha de S. Miguel. Porquanto aos nove dias do dito mês de Setembro da dita era de mil e quinhentos e oitenta, chegara do Regno ao porto da dita cidade da Ponta Delgada um Martim de Crasto, criado de Francisco do Rego de Sá, e dera nova que o Duque d'Alva tivera batalha com D. António na ponte de Alcântara, onde fora desbaratado, e se recolhera ferido no rosto, por treição (sic) dos seus portugueses que o feriram; e chegando às portas de Lisboa as achara sarradas, sem lhe quererem abrir, nem recolhê-lo, e que fora logo para a Ribeira e ao Corpo Santo tomar um bergantim em que se fora acolhendo até S. Bento e por não ser conhecido pelas galés que o seguiam, se lançara fora e fora por terra até Sacavém, onde achara todas as barcas e batéis alagados no rio, para se não poder valer deles. Na mesma segunda-feira, quando este homem deitou este bando na dita cidade da Ponta Delgada, amanheceram todos os presos, que estavam na cadeia, soltos, que eram muitos, sem ficar um só.

Como ia dizendo, sendo chamado o dito Fernão de Macedo pelo governador Ambrósio de Aguiar, lhe deu a carta aberta, e visto o que dizia nela, ficando algum pouco alertado e suspenso, o assegurou com palavras brandas, dizendo-lhe que aquela carta seria graça de Sua Majestade e lhe faria mercê se fizesse o que lhe dissesse, e era que na dita carta dizia o matasse, e não podendo ser se fosse para eles. E o que devia fazer era tomar um barco armado, a modo que ia fugido, e seu desígnio e intento seria este que, podendo matar ao corregedor na ilha Terceira, o fizesse em recompensação de seu desejo, convocando para isso alguns servidores de Sua Majestade dos muitos que havia, e não podendo ser, estaria na dita ilha, e, se o encarregassem de alguma fortaleza ou capitania, traria certo sinal para que, quando fosse a armada de Sua Majestade, pudessem entender os dele ser ele, com a qual os daria, mostrando-lhe o melhor lugar para a entrada. Celebrado isso com o dito Fernão de Macedo, buscou o barco e homens, e pela ordem dita se foi chegando ao outro dita à Terceira. Os da vigia deram rebate que ia vela pequena de S. Miguel, dizendo uns: — vêm-se entregar, e outros: — vêm fugidos; de sorte que causou grande alvoroço. Chegado à baía e sabido ser Fernão de Macedo, não houve quem de sua ida no acidente não recebesse grande contentamento e festa, salvo um frade bernardo que era superintendente, que disse logo: — este vem fazer alguma treição. Veio o corregedor com muita gente e foi recebido dele com grande cortesia. E sarrados aquela noite, lhe perguntou se fizera alguma cousa do que lhe dissera em sua carta. O qual lhe respondeu que, querendo efectuar sua determinação, que era

essa, fora sentido, e por esse respeito se tornara, e ia de novo aproveitar os serviços que tinha feitos a Sua Majestade el-Rei D. António. Mas ainda que com afervoradas razões dizia o dito Fernão de Macedo aquilo, logo ficou concebido comummente ser a sua ida contrária do que em princípio esperavam. Saindo-se o frade daquele ajuntamento, foi fazer grandes ameaços de tormentos aos homens do barco, por saber o modo por que ia o dito Fernão de Macedo. Fizeram os homens como esforçados, não confessando cousa alguma. Tornando-se o frade muito suado, e sem empacho algum disse em público a diligência que fizera secreta.

Por aquela noite ficou suspensa a prática do mais que havia que tratar, e foi agasalhado Fernão de Macedo em casa de Bartolomeu Rolão, meirinho da correição; e ao outro dia seguinte o fizeram embarcar em uma nau francesa, de um capitão chamado Fuão Esterlim, dizendo-lhe o corregedor que a gente estava alvoroçada com sua vinda, pelo que era necessário embarcar-se com cartas para o Corvo, para as naus da Índia e capitães delas, dizendo-lhe viessem ancorar ao porto de Angra, e com isto o despediram. E embarcado se foi com o Esterlim, que lhe fez muita honra; onde andando por espaço de quinze dias, na cidade de Angra por meio daquele frade que queria dar os tormentos (e dizem que de alguns outros) se negociou tanto que mandaram que o francês matasse a Fernão de Macedo, e dando as cartas ao dito francês, ainda que um pouco magoado, dilatou a execução para outro dia, no qual chegou um barco do Faial com cartas a saber se era feito aquele negócio. Esperava o Esterlim (sobre certa presa que fizeram) melhoramento, a que não tinham deferido, mas antes **ad Ephesios** lhe responderam; e por este respeito lhe respondeu que não queria fazer o que lhe diziam, e por esta maneira escapou. Trouxe Deus ao outro dia, no mês de Agosto do dito ano, as naus. Foi a elas o Esterlim, dando-lhe as cartas, dizendo-lhe que viessem ancorar, onde o dito Fernão de Macedo foi parte para elas não ancorarem. Indo ele depois ter a Angra com o dito francês, por ordem de seu irmão Pero Botelho, lhe foi dado o barco com os homens, em que uma noite fugiu e se veio sem seu desejo ser cumprido. E logo foi despachado para o Regno, levando cartas do governador Ambrósio de Aguiar para Sua Majestade, de quem foi recebido com muitas honras, dizendo ele seu delito primeiro todo, e depois os serviços, que eram nada em comparação da culpa. Mas, a benevolência de Sua Majestade supriu a tudo e lhe fez mercê, dizendo-lhe que bem havia feito tornar-se a seu serviço.

CAPÍTULO XCVIII

DA VINDA DO CAPITÃO ALEXANDRE A ESTA ILHA DE S. MIGUEL, DONDE É NATURAL, QUANDO VEIO O GOVERNADOR AMBRÓSIO DE AGUIAR, E DO ESFORÇO E VALENTIA QUE EM DIVERSAS PARTES E BATALHAS SEMPRE MOSTROU

O nascimento do Capitão Alexandre foi em Vila Franca desta ilha, na era de quarenta e dois anos. Seu pai se chamou Cristóvão Dias Correia, da linhagem dos Correias por linha direita. Sua mãe, Hipólita das Cortes, da nobreza dos Colombreiros.

Foi inclinado à arte militar; sendo de idade de dezassete anos, se foi desta ilha. Começou a servir aos Reis de Portugal na mesma idade, na fronteira de Mazagão; achou-se nele no tempo que Muley Admete, filho de Muley Abadata, o veio cercar. Foi um dos sete soldados que saíram com Pero Paulo em uma barca, os quais desembarcaram na Pescaria, um quarto de légua de Mazagão e reconheceram o campo mourisco; retirados aonde tinham sua barca, a mais de duas horas do dia, tomaram Almansor, vindo fazer **asselá** (sic), e o trouxeram à fortaleza.

Foi um dos onze que foram com António de Freitas à cidade de Anafe o dia que prenderam o Xeque Magolu e seu criado Ambarque, estando ali aduares, em que estavam mais de três mil mouros.

Foi um dos quarenta que saíram com Pero da Cunha nas Hortas, quando se prendeu Side Abrahem e Side Maçaode. E em todos os mais rebates e ocasiões que houve no tempo que esteve em Mazagão deu satisfação de si.

No ano de 63, se veio a Lisboa por se aparelhar de armas e cavalo. Ali lhe sucedeu certo negócio, por onde lhe foi forçoso passar-se a Itália. E neste mesmo ano entrou no serviço da Majestade de el-Rei Filipe, que hoje em dia é Rei e Senhor nosso.

Embarcou-se no porto de Santa Maria, na galé Patrona de Hespanha, de que era capitão Fernão de Escobar. Idos a Málaga, se ajuntaram com a armada que trazia D. Garcia de Toledo, com que foram sobre o Pinhão de Belles, onde o ganharam e ele se achou. E ganhando, se foram a seus invernadouros.

No fim deste ano, tiveram novas que o Xarife (sic) tinha cercado a torre de água de Belles. Assim mandou Sua Majestade logo que, com duas galés bem armadas, a fossem socorrer. Encomendou-se o socorro ao capitão Guterre d'Argoulo; da volta que vinham sobre a Fangirosa, que são três léguas de Málaga, acharam uma galeota, véspera de Reis à meia-noite, e dando-lhe caça a investiram. O Capitão Alexandre levava por camarada Miguel de Amendanho, biscainho, com quem ia ajuramentado que ninguém entrasse diante deles nos navios que encontrassem. Indo a galeota na volta de terra, a galé a investiu com tanta fúria pelo pé do masto (sic) que a quebrou toda. Neste tempo, tinha o Capitão Alexandre saltado ao esporão e entrou na galeota, a qual logo ficou feita em pedaços por baixo da galé, sem que nela entrasse outro nenhum, salvo ele; porque o companheiro ficou dependurado do vento das arrombadas da galé e foi a galé avante tanto espaço, que havendo o Capitão Alexandre nadado mais de três horas, vendo-se já alcançado das forças e alento, tendo por remédio o afogar-se somente, naquele instante lhe veio à memória a Virgem da Vitória do porto de Santa Maria, e em se lembrando dela se achou posto em cima de uma tábua, sobre a qual esteve até que a galé tornou àquele lugar, porque com a obscuridão e grita dos mouros que andavam nadando o não ouviram, por onde se entende que a Virgem Nossa Senhora fez por ele milagre.

No ano de sessenta e cinco, embarcados nas próprias galés, seguindo o mesmo geral D. Garcia de Toledo, partiram de Messina a dar o grão socorro que se deu a Malta, em que se

ganhou a artilharia aos turcos, e os fizeram embarcar, e lhe seguiram a armada, até os verem passar pelo Sirgo, que é a boca do canal de Constantinopla.

No ano de sessenta e sete, no fim dele, se vieram a Hespanha, havendo tomado muitos navios de turcos por diversas vezes. Estando invernando em Cartagena, a noite do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de sessenta e oito, se rebelou o reino de Granada. A este alevantamento saíram com as galés e, chegados a Almeria, desembarcaram delas duzentos e cinquenta soldados, de que foi capitão D. João Senogueira, e junto com D. Francisco de Córdova, que levava outros duzentos e cinquenta, caminharam para a serra de Inojo, aonde lhe encarregaram, a ele capitão Alexandre, fosse reconhecer o sítio e armas que os mouros tinham; os quais diziam ser dois mil e setecentos. Encarregado disto, tomou consigo três arcabuzeiros e quatro tambores, e subindo à meia-noite por uma alta costa, lhe rodeou o campo e repartindo aos soldados e tambores o lugar que cada um havia de ter, para lhe tocar arma, lhe deu ordem que, tiradas tantas arcabuzadas, eles e os tambores se tornassem a recolher a ele. Feito isto, se recolheu sem perda de nenhum, e deu a seu geral relação tão verdadeira que dando ao outro dia batalha aos mouros, na qual Deus foi servido dar-lhes vitória, ganharam nela duas mil e quinhentas escravas e mininos. Saiu daqui o capitão Alexandre com o braço esquerdo quebrado e com uma arcabuzada na cabeça. Deram-lhe de jóia, pelo que nesta guerra fez, entrasse em todas as escravas e escolhesse duas peças à sua vontade, de mais de cinco que lhe couberam de sua parte.

Durante esta guerra, tomaram a galé de que era capitão Admete, o qual enforcaram em a ilha de Cartagena, porque temerariamente pelejou com a galé Patrona Real e com a capitaina de Gil de Andrade. Havendo os turcos desta galé feito grande dano, o Capitão Alexandre se pôs na dianteira, pela banda esquerda, e pela banda direita outro soldado, amigo seu, chamado Sant'Estêvão. É cousa certa que pela virtude deles se ganhou esta galé, porque nela se mataram sessenta e seis janiçaros (sic), todos a finas cutiladas.

Durante mais a guerra, vieram sobre a serra de Frixiliana, onde estavam fortificados sete mil mouros, os quais Deus foi servido rompessem, com mortes de muitos deles e com lhes cativar suas mulheres e filhos. Saiu ali o Capitão Alexandre com cinco setadas nos peitos e com ganho de quatro escravas.

Durando mais a guerra, estando nos poços de Chovalim, lhe ordenou o comendador mor de Castela saísse com setecentos soldados em terra, por detrás da montanha de S. Pedro, a esperar certos turcos que ali haviam de sair de uma galé, que vinha ao mar carregada de armas para o socorro dos mouros de Granada; da qual saíram duzentos turcos, os quais ele encontrou com sua gente, e foram tão bem governados que, matando alguns dos turcos, lhe prenderam também oitenta, que aquele dia trouxeram às galés.

Em outro dia, na mesma guerra, saiu ele, Capitão Alexandre, com cinco soldados na Rambla de Cautor e dando alcance ao Capitão Barrasquilha, que era capitão de certos turcos que aquele dia abaixaram ali abaixo com trinta dos seus, aos quais seguindo com seus companheiros lhe mataram sete e cativaram quatro. E o Capitão Alexandre trouxe o capitão Barrasquilha cativo, o qual prendeu, rendendo-lhe suas armas.

Durante mais a guerra, ajudou a tomar setenta navios que por vezes vieram de Berbéria a dar socorro aos mouros de Granada.

O primeiro ano que o senhor D. João de Áustria se embarcou nas Salabivas, achou duas galés de turcos, às quais dando caça, investiu uma delas em um lugar que se diz Oné, que é na costa da Berbéria, entre Melilha e Ourão. E tirando os turcos os cristãos em terra para os levar, e não podendo a gente das galés desembarcar, por a arcabuzaria dos turcos ser muita, se meteu ele, Capitão Alexandre, em um esquife com outros cinco soldados, e indo reparados remaram direitos ao leme da galé dos turcos, a que ele Capitão deu um cabo, e remando outra vez para a sua galé, que ali não podia chegar por a água ser pouca, o amarraram, e remando a mesma sua galé para o mar, tiraram a dos turcos. Este serviço teve Sua Alteza em muito, por ser a primeira galé que tomou.

O ano de setenta, se foi a Itália por se achar no socorro de Chipre; embarcou-se com Marco António Colona, geral de toda a armada, no porto de Suda, que é em Cândia. Houveram conselho, o qual foi tão vário que, pela variedade dos capitães contra a opinião de Marco António e do marquês de Santa Cruz (os quais ambos foram de parecer que pelejassem) e

pelos votos dos outros serem muitos, não socorreram a Chipre, mas antes se tornaram a Escarpanto, e daí a Itália.

O ano de setenta e um, foi o senhor D. João de Áustria por geral de toda esta massa e do mais que se ajuntou em Messina. Dali mandou Sua Alteza a Gil de Andrade com sua galé capitaina, e outra de venezianos de que era capitão João Bembo, a reconhecer a armada turquesca, que àquele tempo estava com cerco sobre Catroa. O Capitão Alexandre foi embarcado na capitaina de Gil de Andrade, porque não levavam aquelas galés senão gente mui escolhida; e, chegados a Gulfó, acharam novas que a armada do turco estava no canal, entre Gulfó e Albania. Mandou Gil de Andrade ao Capitão Alexandre que com outros três soldados desembarcasse e atravessasse a ilha de Gulfó e fosse reconhecer a armada turquesca e contasse; o que ele fez, e trouxe tão verdadeira relação que a todos satisfez. Com esta nova se tornaram a Messina onde Sua Alteza estava, e com ela saiu logo em demanda da dita armada turquesca.

Aos sete de Octubro de 71, domingo pela manhã, se descobriram as duas armadas entre as ilhas de Cochilares e Lepanto. Postas em batalha, lhe entregaram ao dito Capitão Alexandre a proa da galé Patrona Real, de que ele era soldado naquele tempo, para que governasse a gente que pelejava nas arrombadas e do masto à proa, com a qual ele havia de entrar nas galés turquescas, vendo tempo oportuno; o que ele fez com tão boa ordem que, ganhada a galé de Caraoja, passou à de Maamutaga; pelejando nela, ao masto, (sic) foi desamparado dos seus, com não ficar com ele mais que um soldado, chamado Francisco Osório; e foi Deus servido que tiveram tão boa manha que acabaram de render a galé.

E vendo naquela hora a gente que pelejava na Real do Turco estar parada e tíbia, ele, Capitão Alexandre, deu grandes brados, nomeando a muitos, que ali estavam, por seus nomes, e dizendo-lhes: — vitória, vitória; e alevantando na ponta da espada uma bandeira, se tornou a gente a animar e se acabou de ganhar a galé Real do Turco. E recolhendo o Capitão Alexandre sua gente, se tornou à galé Patrona Real, que estava investida de duas galés turquescas pela popa, as quais logo, com arcabuzaria que ele trazia consigo, fizeram retirar. E caminhando com a Patrona Real, investiram a capitaina de Petrão Baxá, que era o geral da terra. Ali entrou o Capitão Alexandre com obra de vinte soldados, e ganhada a galé se tornou à Patrona Real, a qual foi logo seguindo a de Sua Alteza, até se acabar a vitória. Por estes serviços, lhe fez Sua Alteza mercê de duzentos cruzados para ajuda de custa, e dez daventage (sic) cada mês, demais do soldo ordinário. Saiu desta guerra este Capitão Alexandre, com quatro setadas no rosto, uma lançada em uma ilharga e uma cutilada em uma perna.

O ano de setenta e dois, lhe mandou Sua Alteza servisse de capitão da galé Patrona Real; estando em Modon, desembarcou com sua gente, onde se travou escaramuça com dez ou doze mil turcos que naquele tempo saíram de armadas turquescas que estavam em Corron, por lhes estorvar a aguada. Dali levou uma setada em um braço.

Tornando dali para Nabalim, foi Sua Alteza com propósito de dar batalha à armada turquesca que estava metida debaixo da artilharia de Corron, e lhe mandou a ele Capitão levasse a galeaça de Veneza amarrada por popa da sua galé, e chegando à armada turquesca, quando já a artilharia e arcabuzaria lhe começasse a fazer dano, deixasse a galeaça travando a escaramuça e se tornasse a seu lugar, que era a banda direita da Real; e, estando já no lugar que dito era, lhe veio ordem tornasse atrás, porque os do conselho foram de parecer que se não pelejasse debaixo da fortaleza, salvo o senhor D. João, que foi de parecer que se pelejasse. Este serviço fez bem a satisfação de Sua Alteza.

Depois de tudo isto entraram no grão porto de Nabalim, onde desembarcados puseram cerco ao lugar e o bateram.

Aos sete de Octubro de setenta e dois, apareceu a armada turquesca fora das ilhas de Sapiência, e dando-lhe caça uma banda de galés, de que eram gerais Marco António Colona e o marquês de Santa Cruz, se meteram entre as ilhas, revoltos com muitas galés turquescas, e não sabendo Sua Alteza o que lá passava, chamou o Capitão Alexandre que vinha com sua galé à banda direita da Real, e lhe mandou que fosse reconhecer em que termo estava Marco António e o marquês de Santa Cruz, e lhe dissesse de sua parte que, se tinham necessidade de socorro, que chegaria com toda a armada; o que ele fez muito a satisfação de Sua Alteza.

O ano de setenta e três passaram ao reino de Tunes e o ganharam.

O ano de setenta e quatro fez Sua Majestade mercê a D. Alonso Martines de Leiva que servisse de capitão de todos os quatro alvos, que eram D. Diogo de Mendonça, irmão do duque de Infantasgo; D. Luís Bique, comendador maior de Aragão; D. Diogo Osório, sobrinho do marquês de Estorga; D. Guilherme de Roquaful, viso-rei que fora de Malhorca; os quais todos haviam de andar à ordem de D. Alonso Martins de Leiva. Encarregado ele disto, pediu ao senhor D. João mandasse ao Capitão Alexandre que servisse de capitão de sua capitaina e de seu lugar tenente. O senhor D. João lho mandou, e lhe fizeram mercê por isso de lhe acrescentar a paga a quarenta cruzados cada mês, que são trinta demais do soldo ordinário de um capitão.

O ano de setenta e seis mandou o duque de Cezare ao Capitão Alexandre fosse com doze galés a Sardenha, a socorro das de Malta que ali haviam corrido com fortuna e, topando-as uma esquadra de galés de turcos, tomaram uma delas; as outras socorreu o Capitão Alexandre e as trouxe a Nápoles a salvamento. Nesta viagem, atravessando de Civita Vieja para Córsega, em uma ilha chamada Osoãonute, tomou duas galés de turcos, em que tomou duzentos e tantos quintais de pastel que os turcos tinham tomado em uma nau francesa, e o vendeu em Genoa a dois mil e quatrocentos réis o quintal de cem libras.

O ano de setenta e oito, indo em cosso, tomou outras duas galés em uma ilha, chamada Monte Cristo. Os turcos delas fugiram nesta ilha, que, por ser muito montuosa, não se puderam tomar de todos eles mais de dez.

O ano de setenta e nove, indo pela costa de Berbéria, tomou outra galé de turcos, sobre o cabo de Visentor. Neste ano, se veio a armada a Hespanha, onde se fez a massa para Portugal, no porto de Santa Maria, em que se ele achou capitão de sua galé; ali teve muitos recados de D. António e de seus consortes. Levou-lhe estes recados Diogo Bocarro, natural de Beja, e António Giralde que depois foi preso na rota de Alcântara, e Manuel Coelho, de Tânger; com todos estes lhe fazia grandes promessas, de que ele sempre zombou, mas antes lhe aconselhou a ele e a eles o que mais lhe convinha, que era dar a obediência a Sua Majestade.

Acabada a massa, e junta a armada, vieram sobre Lisboa. O dia da batalha lhe encarregaram a banda da terra, a qual ele levou recolhida e ordenada, assim como lhe foi encarregado. Neste dia, nem nos mais do saquo (sic), não consentiu, nem permitiu que gente de sua galé saqueasse, nem se ocupasse em mal fazer, mas antes com seus soldados andou sempre defendendo se não fizesse desaguisado. Nisto e em todo o mais que lhe foi encomendado, deu sempre muito boa satisfação de si a seus generais.

O ano de oitenta e um, no mês de Janeiro, foi à Corte, que àquele tempo estava em Elvas, donde Sua Majestade mandou viesse à ilha de S. Miguel. Fez-lhe mercê de quinhentos cruzados de aposentadoria. Deram-lhe em casamento com Catarina Mendes Pereira, filha de António Mendes Pereira, na cidade da Ponta Delgada desta ilha de S. Miguel, seis mil cruzados. Agora terá de fazenda dez mil cruzados e mais o que Sua Majestade lhe dá, afora o hábito de Santiago, que lhe deu com sua tença ([368]).

Isto é o que pude alcançar de quem dele sabe e há visto seus papéis. E muitas mais cousas fez grandiosas, além destas.

Chamava-se este valoroso e grandioso Capitão, primeiro Jordão Jácome Corrêa, e depois por sua liberalidade e muita força e ânimo, e pelas cousas grandes e memoráveis que fez em diversas batalhas, lhe chamaram Alexandre, e sendo capitão lhe ficou o nome que agora tem, e se chama o Capitão Alexandre, porque em tudo é grande. É homem de boa estatura, algum tanto moreno, grave no rosto e pessoa, com a barba preta e bem posta, bem assombrado, prudente e de grande conselho, discreto, afábel (sic), cortês e amigo de honrar e fazer bem a todos, sem murmurar de ninguém; merecendo por estas cousas nome na paz, como mereceu na guerra por suas grandes façanhas.

CAPÍTULO XCIX

DE DUAS ARMADAS QUE MANDOU SUA MAJESTADE EM DIVERSOS TEMPOS (SENDO GOVERNADOR AMBRÓSIO DE AGUIAR COUTINHO) PARA TOMAR A ILHA TERCEIRA QUE ESTAVA REBELADA, E DO QUE NISSO ACONTECEU

Estando os negócios da Terceira um pouco em calma, sem de parte a parte haver cousa notável de que fazer menção, chegou-se o verão do ano seguinte de mil e quinhentos e oitenta e um, em o qual veio uma armada de sete naus grossas de Sua Majestade, de que era general D. Pedro de Valdez, e trazia por regimento vir na volta destas ilhas dos Açores e esperar os navios do Oriente, Índia, Guiné, Mina e de outras partes, para lhe dar favor e ajuda com mil homens que trazia em toda a dita armada, para defensão principalmente dela. E quando fosse tempo se havia de ajuntar com D. Lopo de Figueiroa, que já estava declarado para vir aquele ano com muito pouca gente sobre a Terceira, porque os enganou a fraqueza da ilha, cuidando que, a gente bisonha e pouco prática, bastaria pouca e boa para os render; de maneira que o dito D. Pedro Valdez, com a que trazia, muito lustrosa e valorosa, de soldados velhos e mui esforçados, como mostraram nesta ilha de S. Miguel, onde saíram em terra mui luzidos, se partiu daqui para a Terceira, praticando primeiro (como trazia por regimento) com o governador Ambrósio de Aguiar, para que, subjectando-se sempre a seu parecer, por aquela via se reduzisse a ilha Terceira ao serviço de Sua Majestade. E concluíram ambos que se mandasse uma pessoa religiosa, de autoridade, que lhe mostrasse a verdade, a qual pessoa o dito D. Pedro Valdez levaria em sua companhia e quando fosse tempo oportuno a deitaria em terra. E assim mais levaria seu sobrinho Martim Afonso de Melo, a quem delegaria seus poderes; e, sendo caso que sucedesse o fruto que disso se esperava, celebrar em nome de Sua Majestade os concertos e mercês que lhe parecesse que seriam necessários fazerem-se. Consultando assim, por lhes parecer que ninguém podia ser mais idóneo que o reverendo padre frei Pedro Mestre, que era guardião na cidade da Ponta Delgada, por muitas razões: — uma, por muitos anos ser guardião na Vila da Praia, onde mora a gente mais principal da dita ilha; outra, por haver sido comissário em todas estas ilhas, pregador e bom letrado e com outras muitas mais partes. O qual, sendo chamado do dito governador, acceptou aquele trabalho como bom filho do Seráfico S. Francisco. E logo se embarcou com Martim Afonso de Melo, em companhia de D. Pedro Valdez. E foram na volta de Angra, onde andaram vendo por alguns dias, ao redor da ilha, se dela lhes saía algum recado; o que era escusado imaginar, pois estavam então obstinados. Martim Afonso de Melo levava também por regimento que, fazendo pouco fruto, lhe daria embarcações o dito D. Pedro para avisar as naus da Índia, e dizendo-lhe um dia que as desse, respondeu-lhe que nem um marinheiro daria. Isto era por respeito de não querer o D. Pedro que houvesse ninguém que lhe ganhasse, nem por via de outrem se dessem avisos nenhuns, nem quis enviar a terra o padre frei Pedro Mestre, o que vendo o dito Martim Afonso de Melo, se embarcou para esta ilha, ele e o dito frei Pedro, e sucedeu-lhe bem, como direi adiante.

Vinha na companhia do dito D. Pedro Valdez um João ou Diogo de Valdez, seu primo, mui esforçado cavaleiro, por mestre de campo da gente de guerra, o qual, por ser amigo de empreender cousas árduas e repugnantes, para estender mais seu nome, ou por sua cobiça também, que dizem ter demasiada, disse a D. Pedro que pois tinham entre mãos a honra e proveito e tanto aparelho, porque esperavam dar isto a outrem, pois viriam os soldados do Reino e ganhariam tudo, ficando eles sem nada. Ajuntou-se a isto terem tomado o dia de antes um barco do Faial, em que vinha um homem que lhe fez a barra boa, donde lhe assegurou que saísse em terra, que aí não havia senão grandes servidores de el-Rei e que os que podiam pelejar eram quatro gatos. E, como havia de suceder, foi concluído que o dia seguinte, festa do Bemaventurado San Tiago, daquele ano, deitassem gente fora, e seria por esta ordem: que sairiam algumas peças de artilharia e a armada estivesse à mira para socorrer quando fosse

necessário, e a ordem da gente, que em bom sítio fariam trincheiras; e, porque a armada não ficasse desamparada de gente, sairiam a metade somente, que foram quatrocentos homens. Com esta determinação, como as lanchas prestes foram, desembarcaram e ganharam a terra que mal souberam conservar, que vale mais que adquirir. Chama-se ali a Casa da Salga, onde desembarcaram, e logo ganharam umas peças de artilharia que ali estavam. Começou-se a gente a desmandar e a queimar trigo e casas, soltando-se com demasias, as quais se não fizeram, e (sic) estiveram juntos, sem falta ganharam a terra. Entretanto acudiu a gente da ilha, e duas vezes os espanhóis os fizeram retirar, o que lhes tinha causado grande temor. Vindo socorro da Praia, trouxeram muito gado encobrado, apicaçado e mosqueado, com que vinham pulando as rezes, e com um frade (que era o que atrás disse) em hábito de soldado, pregando-lhe e animando-os de tal maneira que lhe fez alevantar seus fracos espíritos, e com o gado investiram e desbarataram todos. Dizem que o João ou Diogo de Valdez se pudera embarcar com toda a gente, e o não quis fazer, antes disse que quem se quisesse embarcar o fizesse, porque ele havia de morrer. Acompanhou-o a isto um Filipe Artal, fidalgo aragonês, de muita força, que, saindo com um montante nas mãos, disse que um **bel morir** toda a vida honrava, e assim o fez. E teve debaixo dos pés, quase morto, ao sirgueiro, que chamam Francisco Dias, que eles tinham por sua escora; e dois negros lhe deram por detrás com duas alabardas, pelo que, deixando primeiro bem vendida sua vida, morreu ele e o João ou Diogo de Baldes (sic), bem mal aconselhado, e morreram muitos fidalgos castelhanos, entre os quais foi um D. Luís de Bazan, sobrinho do marquês de Santa Cruz e um sobrinho do duque de Alva; os quais rendidos, disseram que lhes concedessem a vida, mas eles, como gente que não sabe que cousa é vencer, negaram o que tão justa petição merecia, matando-os desumanamente. Escaparam alguns que sabiam nadar e os mais morreram. No qual conflito, morreu muita fidalguia e gente nobre. Dizem se até noite se puderam sustentar que muita gente se lhes passara da sua banda.

Ficaram tão ufanos os da terra desta pequena vitória, em comparação dos muitos que eram, que começaram a dar no termo de bisonhos soldados com muita insolência, vestindo-se os plebeus dos muitos vestidos ricos e bons dos honrados moços. E em gente baixa esta novidade altera, e depois, pelo desvio que tiveram os mecânicos, que eram estes, não usaram de seus ofícios, levantando falsos testemunhos a quem tinha alguma cousa, e entravam nas casas e roubavam com crime de dizerem ser algum castelhano. E em uma procissão que fizeram pela tal vitória, da Sé até a Casa da Misericórdia, com as ruas enramadas e janelas alcatifadas, levaram um carro triunfante, carregado das armas que tomaram aos castelhanos, com as cabeças de alguns nas pontas dos piques, arvorados no mesmo carro.

D. Pedro Baldes (sic), fique no peito de quem sabe sentir qual seria sua pena, pois não tendo faculdade para deitar gente em terra, nem licença para mais que esperar D. Lopo de Figueiroa, a cuja ordem a gente de guerra vinha (que ele não era capitão senão no mar), perder por sua própria opinião e ordem tão ilustres fidalgos, moços de pouca experiência na milícia, que isto só era parte para os não querer degolar, que com razão dele se pudera queixar quem nisto lhe vai. E dado caso que vencera, só por isto não ficara sem repreensão; pois uma das cousas que se imputou a culpa ao conde de Agamonte (sic) ([369]) em Frandes ([370]), vencendo muitos mil franceses, foi por romper batalha e dá-la sem licença de el-Rei, quanto mais cometê-la com tamanha desigualdade. Sentiu isto D. Pedro de Valdez de maneira que esteve quase doido e tinha razão. Fez logo a saber o sucesso ao governador Ambrósio de Aguiar, desculpando-se, dizendo que não dera licença mais que para fazer aguada, e João ou Diogo de Baldez excedera a ordem por ele dada; e lhe fosse isto notório e lhe pedia o fizesse a saber a Sua Majestade. Respondeu-lhe o governador consolatórias palavras, como no interim havia mister.

Chegava-se o tempo que a armada havia de vir, e já tardava D. Lopo. Esperavam todos que trouxesse armada bastante para dominar aquela gente, mas por causa dos ponentes tardou e veio à entrada de Agosto de oitenta e um anos com vinte e duas velas, entre naus grandes e galeões. Tomou esta ilha e logo se enxergou na fraqueza dela que não abastava. Fez aqui aguada e partindo para Angra se ajuntou com D. Pedro Valdez. De navios era grande a cópia, mas gente muito pouca. Sabendo D. Lopo como se fora o padre frei Pedro Mestre, sem D. Pedro Valdez o mandar a terra, o mandou buscar a esta ilha de S. Miguel em uma caravela, que o levou, e, chegando, foi em um barco a ver se o deixavam desembarcar na ilha Terceira para dar sua embaixada e o desengano aos moradores dela, que eles sempre enjeitaram. Chegando perto da terra, ouviram mosquetes e arcabuzes, com que lhe atiravam, sem os deixar chegar; e assim seu desejo ficou em vão e os da terra sem remédio.

Andando o dito D. Lopo voltando ao redor da Terceira, a cabo de oito dias mandou reconhecer a terra de noite; e receberam aos reconhecedores com pelouros. Causou alteração estarem tão alerta. D. Lopo, todavia, alvoroçado disto como soldado, do primeiro moto quis dar batalha: porém, reportado como capitão chamou a conselho, e acordou-se nele que a não deviam dar, pelo que se tornou logo na volta desta ilha, e foi-se ao Reino, onde foi de Sua Majestade agradecido, pelo bom termo que nisto teve, D. Pedro Valdez sentenciado à cabeça fora, mas padrinho como foi o Sereníssimo Cardeal, cunhado de Sua Majestade, o pediu, com sentença que nunca seria ocupado em cousas de serviço de el-Rei. Desta vez a desordem de D. Pedro Valdez e a tardança de D. Lopo de Figueiroa foram causa de não se tomar a Terceira, porque, antes que ele chegasse, chegou a ela Manuel da Silva por seu governador e viso-Rei, com o que ficou mais forte e obstinada.

Sentiu muito D. Pedro de Valdez a sentença dada contra a sua honra, e foi-se para as montanhas, a sua casa, que é em Oviedo, onde esteve algum tempo sem cargo, e dele não há que fazer ao presente mais menção ([371]).

O marquês de Santa Cruz, sabendo que seu sobrinho D. Luís de Bazan morreu naquela rota e tão desumanamente, o sentiu muito, porque o moço era para isso, e com desejo de vingança (dizem) quis pretender o como a pudesse ter daqueles. E foi a el-Rei pedindo-lhe que como soldado lhe desse licença para a empresa da Terceira; ou, sem ele o pedir, El-Rei lhe disse que se fizesse prestes para o verão com os mais navios e doze galés e outros petrechos navais, que lhe fazia mercê de geral do mar e terra. Foi-se logo ao porto de Santa Maria, onde sacrestou (sic) todas as naus e navios que achou, assim de levante, como os mais, e em Lisboa os galeões que havia, em uma e outra parte. Vindo Janeiro daquele ano, começou de ordenar, mandando aprestar a gente do terço de Frandres e da Liga. Dizem que dez mil homens tinha prestes e ficavam duas armadas no porto de Santa Maria, quarenta naus grossas aragoesas (sic), e por cabeça Francisco Morena, e D. Francisco de Benevides com dez galés; e que na entrada de Maio partiria para esta ilha de S. Miguel, onde esperaria o marquês que viria com outras quarenta naus, em que entravam os galeões e outros navios de Portugal. Foi declarado por mestre de campo geral desta gente D. Lopo de Figueiroa que, ainda que fosse de mais honra a viagem que cá fizera o ano passado, vindo por geral, por ser de tanta importância esta jornada, não o quis escusar el-Rei.

Tinha escrito o governador a Sua Majestade que a gente desta ilha de S. Miguel estava algum tanto desconfiada, por respeito de verem vir uma armada e outra, sem fazerem nenhum fruto, e a Terceira permanecia; que pedia a Sua Majestade com a brevidade possível viesse. A que foi respondido que ele mandaria armada bastante que trouxesse a seu serviço a ilha Terceira, e disto assegurasse os moradores desta ilha de S. Miguel, e que lhe pesava que a isto chegassem os da Terceira, que quiseram enjeitar a clemência e intentar seu poder.

CAPÍTULO C

COMO MANDOU SUA MAJESTADE À ILHA DE S. MIGUEL UMA ARMADA LIGEIRA, CUJO CAPITÃO MOR ERA PERO PEIXOTO, ONDE, ESTANDO SURTA NO PORTO DA CIDADE DA PONTA DELGADA, VEIO OUTRA FRANCESA A PELEJAR COM ELA; E DO QUE ACONTECEU NA BATALHA

No mês de Abril de mil e quinhentos e oitenta e dois anos, mandou Sua Majestade uma armada ligeira de cinco velas, que era o galeão S. Cristóvão, uma nau almiranta, três caravelas e uma mexeriqueira, cujo capitão mor era Pero Peixoto da Silva, homem bem apessoado, de bom corpo, louro da barba e quase meio branco; a qual armada vinha aguardar as naus da Índia invernadas e recolher-se por diferente altura. Trazia por regimento que, achando alguns inimigos, podendo, se recolheria a esta ilha de S. Miguel e, não podendo a salvo pelejar com eles, deitaria a armada à costa. Chegou a esta ilha no mês de Maio da dita era. Foi o dito capitão mor recebido do governador Ambrósio de Aguiar com muita festa, porque, além da sua obrigação, eram também parentes. Dali a oito ou dez dias, que foi no mês de Maio da dita era de oitenta e dois, depois de estar ancorado no porto da cidade da Ponta Delgada, da banda dos Mosteiros apareceram nove velas, as quais iam na volta do mar. Sendo dado este recado na fortaleza, mandou-o o governador ao capitão mor da armada Pero Peixoto, o qual, não fazendo por isso muito alvoroço, não deixou todavia de estar alerta. Ao outro dia apareceu perto da ponta de Santa Clara uma caravela e uma nau a descobrir a armada; e, descobrindo o porto, logo viraram por onde vieram, podendo-o muito bem fazer, porque o vento era terreal, e para entrar e sair o tinham próspero. Visto pelo dito Pero Peixoto, dissimulou e bem conheceu o que era; mas o alvoroço do povo, que causa muitas vezes grandes danos, por não ponderar as cousas mais que a seu parecer, houvera de causar (pode ser) um grande revés, dizendo que para que era armada ancorada, vindo ladrões a reconhecer o porto, e que eram judeus e não prestavam para nada. Ao que respondia Pero Peixoto, com muita prudência e paciência, que não se agastassem, que mais velas haviam de vir do que cuidavam, as quais viriam amanhã, de muita avantagem da sua armada; e assim foi, que ao dia seguinte, véspera da Ascensão, vinte e três de Maio da dita era, veio recado que apareciam nove velas e vinham cosidas com a terra, as quais já a este tempo Pero Peixoto tinha descoberto e estava fornecendo a armada do que era necessário para o efeito da peleja, por ser geral da dita armada e, capitão do galeão S. Cristóvão, Cosme Nabo, onde o dito capitão mor estava. Da nau almiranta, chamada Bom Jesus, de Vila do Conde, era capitão Sebastião Gonçalves d'Alvelos; da caravela Vitória, chamada S. João de el-Rei, Manuel Simões, cavaleiro de África; da caravela Espírito Santo, Pero Mexia; da caravela chamada S. João, fretada (porque não era de el-Rei), João Roiz Carreiro; e da mexeriqueira, Manuel Jácome. Estavam no porto então duas naus ingresas. Pediu Pero Peixoto ao governador as armasse de gente, que o mais tinham em si, e foi logo pelo governador posto por obra; nas quais naus declarou por capitão de uma a Manuel Cordeiro de Sampaio, juiz do mar, com quem teve muitas palavras de cumprimento, e da outra a Rui Vaz Medeiros, capitão da infantaria, com a gente da sua companhia. Com o juiz da alfândega, Manuel Cordeiro de Sampaio, se embarcaram seus irmãos e parentes, António Cordeiro de Benevides, mancebo, letrado de grandes esperanças, André Cordeiro, Mateus Cordeiro, seus irmãos, parentes Manuel Cabral Botelho, Pero Roiz de Sousa, António de Benevides, e outros parentes e criados. Quando se embarcaram, já vinha a armada dos contrários espaço de meia légua. E o dito Manuel Cordeiro se foi a Pero Peixoto, dizendo-lhe que o governador Ambrósio de Aguiar o declarara por capitão daquela nau e gente; que ele ia à ordem que Sua Mercê determinasse. Foi dele bem recebido e com muito alvoroço lhe disse que já a guerra não temia; respondeu Manuel Cordeiro que, tendo tal general como Sua Mercê, se não podia temer. Pero Peixoto estava mui enfadado desta ocasião, porque a gente como portuguesa tinha ainda fresco o agravo que dos castelhanos recebera, roubos de suas fazendas e injúrias de suas pessoas, como em tamanho saco como

o de Lisboa havia acontecido, que, posto que dos muros afora, é quase igual com a cidade; por este respeito, como também por a falsidade de D. António ter irmanados aos do comum, a quem era muito aceito este nome. Sentindo isto, sobejando-lhe razão, pelas melhores palavras que pôde, oferecendo promessas aos soldados, que el-Rei lhe faria mercês, os convocou a si (sic) (ou assim?), ainda que pesados. A armada do imigo tinha já deitado a lancha fora, e Pero Peixoto sabia ser a armada a que D. António tinha escrito à Terceira que mandaria em Março, de nove ou dez velas, e geralmente o serviria de tomar todos os navios que viessem de ponente e o galeão da Mina. Os da Terceira, com aquela esperança, diziam que não somente haviam de aproveitar-se dela para o efeito que lhe escrevera seu Rei, senão para virem tomar esta ilha de S. Miguel, e já jogavam muito de siso as fazendas dos ricos dela. Vinha por geral da armada francesa monsior de Landroi, e por seu sota-capitão monsior de Lacre (e outros dizem que de Tui), seu sobrinho, com pressuposto, induzido do governador Ciprião de Figueiredo, que nesta ilha havia servidores de D. António e estavam forçados nela os que publicavam outro nome, e não desejavam outra ocasião, e que em breve tempo poderia fazer esta viagem honrosa e de grande serviço de seu Rei, para que viriam com ele muitos soldados da Terceira e o padre frei Simão de Bairos; e que, não tendo efeito ser isto assim, havia muitos navios, que se recolhiam a esta ilha, em que faria grande presa. Pretendendo primeiro mandar o dito padre Frei Simão a pregar que se dessem ao serviço de D. António, para o qual efeito vinha, mas não houve tanto tempo, porque quando tornou a lancha, que reconheceu ser armada e navio grande, chamaram os franceses a conselho, onde houve diversos pareceres, e o do sobrinho do monsior de Landroi foi que não pelejassem e se retirassem. A razão que dava era ser o perigo muito e o proveito nenhum, porque a armada não tinha mais que pelouros, e que aquilo dizia não por escusar a peleja, mas que era bom poupar-se para outra melhor ocasião. Foi-lhe respondido pelo geral que era aquilo medo, do que o monsior de Lacre, ou de Tui, se sentiu muito, e logo se despediu e foi para a sua nau, respondendo ao senhor de Landroi: — a me dizer isso outrem que não fôreis vós, a quem eu por tio sofro, satisfizera-me muito bem; bem sabeis que em França não há melhor soldado que eu; no que me satisfaço é que não tornarei a França, e vós sim. Assim se despediu e foi à sua nau monsior de Lacre, e disse a seus soldados: — filhos, acendei vossos morrões e lograi-vos este dia de vosso capitão, porque amanhã não o tereis, à fé de gentilhomem; que é jura, como se dissera, à fé de fidalgo. A seus soldados pesou muito de sua pena e quase todos o seguiram, como logo direi.

A ordem de repartir a peleja foi que três naus, em que entraria a capitaina e sota-capitaina, abalroariam o nosso galeão e com muita força investiriam; que, destroçado ele, não custaria nada tomar o acessório. Como disseram e determinaram, o fizeram, investindo a capitaina o galeão pelo convés, e as duas passaram uma por popa, e outra por proa. A ordem que Pero Peixoto teve foi mui ardilosa: tratou de não dispender tiro que não fosse executado, e assim foi que, estando muito perto, disse ao condestable que, posto que não se perderia tiro, deixasse vir mais perto o imigo; e veio tanto, que com toda a artilharia lhe deu, fazendo-os apartar. Foi isto tanta parte da vitória que segundo vinha duvidosa fora certa, se como vinham determinados abalroaram. Monsior de Lacre levava seu pressuposto na nau nossa sota-capitaina, e investindo com ela a meia nau, pondo-lhe o gurúpes, começou a escaramuça (como de tão bom capitão se esperava) de muita artilharia, arcabuzaria, panelas de pólvora, que ardiam ambas em fogo, por não achar menos resistência em nossa nau, pela valia de seu capitão, que era a muitos encontros destes mui acostumado, em que pelejou com muito esforço, e aqui com não menos o fez. Deste primeiro encontro, como os pelouros eram muitos, a mor parte dos homens de honra dos nossos foi deles morta. Manuel Cordeiro de Sampaio, querendo ir a investir outra nau, que também era ingresa, conhecendo-se uns a outros se desviaram, e vendo Manuel Cordeiro a ribaldaria de seu patrão, levou um montante para lhe cortar a cabeça, se se lhe não desculpara, com dizer que ia a nau mal alastrada.

Vendo o dito Manuel Cordeiro que sua tenção não tinha efeito e cuidando perder reputação, se arriscou a maior perigo, dizendo a seus soldados: — senhores, a honra, se a viemos ganhar, naquela nau de el-Rei nos está mais aparelhada, pois os imigos a têm rendida. Eles lhe responderam como tão principais que eram e, tomando o barco de seu navio, se embarcaram, ele primeiro, e eles logo. Por serem pessoas tão particulares, particularmente direi seus nomes: Manuel Cabral Botelho, António de Benevides de Sousa, o Cerne, Pero Roiz de Sousa, um Almeida, do Porto, mercador, que por amisidade (sic) de Manuel Cordeiro se embarcou com ele, os irmãos do dito Manuel Cordeiro, António Cordeiro de Benevides, André Cordeiro de Sampaio, Mateus Cordeiro de Sampaio e Rodrigo Álvares Castanho, criado do dito Manuel Cordeiro. Chegando à nau, que de todo estava rendida, se a tal tempo tal socorro se

lhe não dera, com tanto brio e ânimo arremeteram, que mal se pudera julgar qual subiria primeiro, dizendo Manuel Cordeiro: — senhores, não diga o governador Ambrósio de Aguiar que homens das ilhas não têm merecimento, como quem mais o tem; e outras palavras que lhe soube bem dizer. Ficou tal o capitão da nau, que cobrando novo ânimo se começou com o novo socorro atear a batalha, com que logo os imigos sentiram seu dano com muitas arcabuzadas, pedindo o dito capitão Manuel Cordeiro o lugar mais perigoso, onde se arriscasse ele e sua gente. Daquele encontro, havendo meia hora que pelejavam, lhe mataram seu irmão, António Cordeiro de Benevides, e lhe caiu a seus pés morto, sendo cousa rara o que ali aconteceu! Caindo o irmão a que tanto queria, com um sembrante (sic) alegre disse: — cobri-o com um bérneo; sem por isso mostrar sentimento, passando adiante, como se lhe não fora nada. Foi grande a perda deste nobre mancebo, por concorrerem nele todas as partes que um homem da sua qualidade havia de ter; letrado de muitas esperanças, morreu por sua Pátria e serviço de seu Rei. Estavam já dantes embarcados mais de oitenta homens da terra, nobres e plebeus, com Martim Afonso de Sousa e seu irmão Pedro Afonso de Aguiar, filho morgado do governador Ambrósio de Aguiar, e outras pessoas nobres, Simão do Quental, Fernão do Quental e Diogo Machado, filho de António Machado, que por ser bom arcabuzeiro e de grande ânimo, matou cinco ou seis dos imigos e feriu outros, enquanto durou esta batalha das duas naus abalroadas, véspera da Ascensão, do meio-dia até às seis horas da tarde, pouco mais ou menos; tendo sempre no sentido, com grande devação, a sua tia Margarida de Chaves, que tem por santa e faz milagres, e diz que ela o livrou de tal perigo, porque passando por ele os pelouros, matavam detrás a outros da mesma nau; pelo que o governador lhe deu logo uma praça na fortaleza e depois, andando em requerimentos na corte, alegando a Sua Majestade seus serviços, foi bem despachado para a Índia. E outras muitas pessoas da terra se acharam então na nau de Sebastião Gonçalves d'Alvelos, onde foi a maior força da peleja e mais perigo. Rui Vaz Medeiros, capitão da infantaria, que estava na outra nau inglesa, a fez alevantar à vela e, perpassando algumas vezes da banda do mar pela nau almirante dos franceses, lhe dava suas surriadas, assim de bombardas, como de arcabuzaria. O mesmo faziam todas as caravelas da armada, principalmente S. João, fretada, cujo capitão era grande amigo do capitão da almiranta portuguesa. E sempre tomaram a almiranta francesa e abalroaram com ela, se não entenderam que estavam apostados os franceses a matar com fogo a si e aos que entrassem com eles.

Imputavam a culpa os da terra, quando viam que as naus ingresas tinham voltado sobre a costa, cuidando que todos os capitães estavam dentro; mas quando souberam que Manuel Cordeiro era passado da nau ingresa, acudindo à nossa capitaina, se embarcavam tantos até a nado, que não os queriam receber dentro nela, pola não empacharem.

Antes disso, aparecendo a armada francesa, um Bartolomeu Cabral, natural da terra, nobre cidadão da cidade da Ponta Delgada que sempre sustentou a voz de Sua Majestade e lhe foi tão leal vassalo que nunca estimou pelo servir os perigos da vida, se embarcou só a socorrer a dita nau de que era capitão Sebastião Gonçalves d'Alvelos; e foi o primeiro que nela entrou, dizendo em voz alta: — já foi tempo em que os homens costumavam ir a África a ganhar comendas; agora me fez Deus mercê que a venha ganhar nesta nau, em serviço de Sua Majestade. Recebendo-o o capitão com muito alvoroço, por o conhecer por muito bom cavaleiro, o encarregou da gente de tolda, lugar muito arriscado, donde pelejou mui valorosamente por sua pessoa, com panelas e alcanzias de pólvora e com uma bomba de fogo, com que queimou a vela e enxárcia do traquete de proa da almiranta francesa; e não contente com isto se subiu à xareta de cima de popa, lugar de mais perigo, com uma lança de fogo, para lhe fazer o mesmo dano na vela grande, donde o derribaram abaixo com um pelouro de uma bombarda, com que lhe deram por um quadril, e foi levado a terra por morto, havendo quatro horas que pelejava; da qual ferida esteve três meses e meio em cama, desconfiado da vida, e ficou aleijado e manco. Ainda com as feridas abertas, vindo depois D. António sobre esta ilha com sua grossa armada acometer a terra, se alevantou da cama e foi a cavalo, com suas armas, ajudar a defender a desembarcação, animando a todos que pelejassem. E no ano de setenta e oito, estando na cidade de Lisboa, foi de armada a sua custa esperar as naus da Índia, em companhia do mesmo capitão Sebastião d'Alvelos, por haver novas de cossairos que as vinham buscar; pelos quais e outros mais serviços, o filhou Sua Majestade por cavaleiro fidalgo de sua Casa e lhe fez mercê do hábito de Cristo, com vinte mil réis de tença, e que pudesse renunciar ao ofício que tinha de escrivão do lealdamento dos pastéis da dita ilha em quem quisesse, e de cinquenta cruzados para ajuda do custo. Como também, pelos serviços que fez seu irmão Diogo de Oliveira de Vasconcelos, e por na entrada da ilha Terceira, no ano

de oitenta e três, morrer de duas arcabuzadas que lhe deram, fez mercê a Ana Cabral, sua mãe, de cem cruzados de ajuda para meter freira uma e duas netas que tem, e a ela três moios de trigo de tença em cada ano em sua vida, pagos na feitoria desta ilha de S. Miguel.

Como tenho dito, a capitaina francesa, com outra nau, vieram direitas ao galeão S. Cristóvão, o que vendo o capitão Pero Peixoto, com grande ânimo esforçava a gente, dizendo que não temessem, que toda aquela armada francesa não bastava para render aquele galeão que era uma fortaleza e não galeão. E mandou com muita pressa serrar muitas pipas pelo meio e encher umas de água, para que se caísse algum fogo que os franceses deitassem dentro, emborcassem as tinas de água com que logo o apagassem, outras cheias de pão, outras de vinho com suas taças de pau dentro, outras com azeitonas, no convés; assim trabalhava a gente e mais comia. Mandou também pôr nas gáveas muitos calhaus de mão e maiores, e algumas alcanzias de fogo, com certos homens em cada uma, que também tinham seus arcabuzes consigo e soma de dardos, e as gáveas muito bem forradas de couros e colchões para guarda da gente. E mandou pôr em baixo cada um em sua estância, donde pelejasse com seu arcabuz e espada e um pique ao longo de si, e os bombardeiros em suas estâncias, onde estavam capitães postos pelo capitão-mor.

Antes da armada francesa chegar à nossa, se embarcaram no galeão algumas pessoas da terra, que foram Manuel Serrão, João de Robles, Gaspar Camelo e outros, a que o capitão fez muita festa e lhes deu de estância a do prepao.

Chegados os franceses a tiro de barreira de arcabuz, ou pouco mais, do galeão português, largaram uma âncora pola mão, com tenção de abalroarem, começando logo a disparar sua muita artilharia grossa, que traziam, e após ela muita arcabuzaria, assim da capitaina, como da outra nau sua companheira. E tão bastos davam os pelouros no galeão português, que pareciam trovões amiudados, cujo capitão Pero Peixoto, com grande ânimo, correndo pelo dito galeão, de uma estância na outra, esforçava a gente, mandando que estivessem prestes e ninguém atirasse sem seu mandado. Em acabando os franceses de disparar sua artilharia e arcabuzaria, ficaram a par com o galeão português; então disse o capitão Pero Peixoto com alta voz: — pôr fogo, pôr fogo, duas vezes, e logo foi posto e ouvidos tão bravos estouros e estrondos da muita e muito grossa artilharia, que o galeão trazia, e após ela a arcabuzaria, que podiam ensurdecer os presentes, como as cataratas do rio Nilo. Também das gáveas lhe deitaram algumas alcanzias de fogo, de que não caíram na capitaina francesa mais que uma só, que logo foi apagada. Mas os pelouros da artilharia francesa, que davam no galeão português tão bastos como tenho dito, caíam no mar, sem entrar nenhum dentro senão polas obras mortas, com que feriram cinco homens, um dos quais foi o mestre, mas nenhum morreu disso. A gente do galeão português via passar os seus pelouros pelas naus francesas de uma parte a outra, e no mar o mantimento deles, que levou um pelouro diante de si, passando pelo paiol. Vendo-se os franceses tão mal tratados, largaram a amarra pela mão, deixando-se ir naquele bordo até defronte da vila da Alagoa. E ali viraram na volta do mar e andaram bordo ao mar, e bordo à terra, sem mais cometerem nada, até que a almiranta francesa se desembaraçou e espediu da almiranta portuguesa. E então se foram os franceses todos na volta do mar, sem aparecerem mais, indo-se à Terceira a consertar dos muitos buracos que levavam e sanear suas quebras e curar a gente ferida.

Vendo o capitão mor Pero Peixoto acolher-se a almiranta francesa, a altas vozes dizia, no seu galeão: — ah! que farei, que se há-de ir aquele ladrão! Eu, se me desamarro e lhe dou caça, tomo-o, mas fico fora da companhia e entre os franceses, onde me poderão tomar, e, tomando-me a mim, tomarão toda a armada e a terra; ora mais vale que se vá um ladrão, que não que me perca eu e toda esta armada. A qual razão pareceu bem a todos os homens honrados que no galeão estavam. E com isto se foi a almiranta francesa, sem a tomarem, ainda que muito mal tratada. E, se o galeão tivera seu batel fora, nunca a francesa se fora, porque pudera levar algumas peças de artilharia, com que acudira à sua almiranta; do que o dito Pero Peixoto se mostrava mui magoado, sem ousar mandar atirar do seu galeão à almiranta francesa, com receio de a errarem e darem na portuguesa ou passarem os pelouros ambas juntamente, a francesa e a portuguesa. As outras caravelas portuguesas e nau ingresa de Rui Vaz Medeiros, como tenho dito, ainda que perpassando à vela dessem bataria à almiranta francesa uma vez ou duas, não puderam tornar a perpassar, porque, quando bem se tiveram que não descaíssem entre as francesas e tornaram a tomar suas amarras, que tinham largadas pela mão, não fizeram tão pouco. Da almiranta portuguesa matavam às arcabuzadas os franceses que viam ir cortar o gurupés, que é o masto em que anda a cevadeira, por onde a

sua nau francesa estava embaraçada de maneira que nunca a puderam cortar; e assim durou a guerra as seis horas que tenho dito, até que se quebraram as enxárcias da almiranta portuguesa e se espediu a francesa, em que já não havia mais que cinco ou seis pessoas que ficaram cortando as arrataduras do seu gurupés. E é certo que lhe mataram cento e cinquenta homens, um dos quais foi o seu capitão e almirante monsior de Lacre ou de Tui, que levaram os seus, que escaparam, salgado à Terceira, onde foi enterrado com grande pompa no mosteiro de S. Francisco da cidade de Angra, por lhe acharem em sua caixa um testamento feito como bom cristão e católico. Dos portugueses, morreram nesta batalha catorze ou quinze pessoas, entre os quais foi aquele generoso e delicado mancebo António Cordeiro de Benevides, irmão de Manuel Cordeiro de Sampaio, juiz do mar, na nau Bom Jesus, de que era capitão Sebastião Gonçalves d'Alvelos, onde ficaram mortos nove homens e dezassete feridos. E depois, dali a alguns dias, faleceu o mestre e senhorio da caravela S. João, fretada, por sair da guerra ferido de um tiro que os nossos atiraram. E saíram da mesma batalha mais de trinta portugueses feridos. Dois franceses fugiram no barco da nau e outro se desceu por um cabo para se ir com eles, e, não o querendo recolher, o foi tomar um esquife do nosso galeão, o qual descobriu muitas cousas dos seus.

O mesmo dia da peleja, mandou o governador Ambrósio de Aguiar recado a Rui Gago da Câmara, capitão mor da gente de milícia da vila da Ribeira Grande, para que lhe mandasse socorro à cidade e à vila da Água do Pau, onde se suspeitava que sairia a gente da armada francesa que andava à vela. E no mesmo dia partiu o capitão Nuno de Sousa, sem licença do capitão mor, com seiscentos homens para a cidade, durando ainda a peleja no mar. Foram bem recebidos do governador e fizeram corpo de guarda aquela noite ao redor da fortaleza, até que ao outro dia se tornaram. Rui Gago, capitão mor, foi com duzentos homens à vila da Água do Pau, com muita diligência, como outra vez teve, acudindo a Vila Franca com quinhentos homens, quando dantes queria desembarcar na praia dela um capitão que alguns diziam ser Jaques Soria, com três naus mui grossas, a que defendeu a desembarcação e entrada; o qual capitão, qualquer que fosse, se alevantou e afastou da terra. Ficou também então na vila da Ribeira Grande o capitão Pero de Paiva com duzentos homens para guarda dela, ou para acudir com eles onde mais necessário fosse, quando e como o dito governador Ambrósio de Aguiar ordenasse.

CAPÍTULO CI

DE QUATRO NAUS DE BISCAINHOS DE GUIPUSCOA QUE DEPOIS MANDOU SUA MAJESTADE A ESTA ILHA DE S. MIGUEL, COM QUATRO COMPANHIAS DE SOLDADOS, CUJO CABO ERA D. LOURENÇO CENOGUERA; E DO QUE ACONTECEU ATÉ ENTRAREM EM TERRA OS FRANCESES QUE D. ANTÓNIO TRAZIA E CHEGAR EM SOCORRO OUTRA GROSSA ARMADA DE SUA MAJESTADE

Depois de passada esta peleja e vitória, não tardou muito que chegaram a esta ilha de S. Miguel quatro naus armadas de Guipuscoa com quatro companhias de soldados Ihespanhóis, cujo cabo era D. Lourenço Cenoguera, que sua Majestade mandava para defenderem a terra em companhia de Pero Peixoto, as quais se vieram antes da dita batalha, sem falta fora o monsior de Landroi destruído com toda sua armada. Chegado D. Lourenço, consertou-se com Pero Peixoto que um defendesse o mar e outro a terra. E assim ficou Pero Peixoto na armada e D. Lourenço na fortaleza, debaixo da ordem do geral e governador Ambrósio de Aguiar Coutinho, que daí a poucos dias faleceu de sua enfermidade aos cinco de Julho de mil quinhentos e oitenta e dois anos entre as sete e oito horas depois do meio-dia, e logo ao outro dia foi sepultado com muito aparato e cleresia e gente de armas com elas às avessas, como é costume enterrar os Capitães, na capela mor do mosteiro de S. Francisco, da cidade da Ponta Delgada, em um ataúde, para depois poderem levar seus ossos ao Regno; o qual governou esta ilha um ano e pouco mais de um mês, porque chegou aqui no mês de Maio de oitenta e um e faleceu a cinco de Julho de oitenta e dois. Ficaram nesta ilha um seu enteado Martim Afonso de Melo, e dois filhos, o morgado, chamado como seu avô Pedro Afonso de Aguiar, e outro de pouca idade, por nome Rui Dias de Aguiar, que depois o dito Martim Afonso de Melo levou ou mandou para o Regno com os ossos de seu pai, que era homem grave, discreto, grande de corpo, gentil homem e tão colérico que se fazia temer.

Por falecimento do dito Ambrósio de Aguiar Coutinho ficava por governador o Capitão Alexandre, ou um de outros dois que Sua Majestade em uma sua patente nomeava. Mas, juntos os oficiais das câmaras de toda a ilha na cidade da Ponta Delgada, com o bispo D. Pedro de Castilho e o geral Pero Peixoto, e outros capitães e gente nobre, se determinou que fosse capitão geral e governador Martim Afonso de Melo, filho de Jorge de Melo Coutinho e de D. Joana da Silva, por não parecer que a gente desta ilha o enjeitava, por seu padrasto Ambrósio de Aguiar lhe não estar tão aceito em sua vida a todos eles e também por ele o merecer por sua pessoa e condição, que tinha muito mais macia que seu padrasto. O pai deste governador Martim Afonso de Melo, chamado Jorge de Melo Coutinho, foi camareiro mor do Infante D. Duarte, irmão de el-Rei D. João, terceiro do nome. E seu avô, do dito Martim Afonso de Melo, era muito privado de el-Rei D. Manuel, e foi à China por capitão mor de uma armada. E procedem direitamente da casa do conde de Marialva. O qual governador Martim Afonso de Melo teve o governo desta ilha de S. Miguel, de então até à vinda de D. Rui Gonçalves da Câmara, conde de Vila Franca do Campo e sétimo Capitão da mesma ilha, terceiro do nome, pelo que continuarei com ele até à vinda do dito Conde.

Sendo assim capitão geral e governador Martim Afonso de Melo, assistindo na fortaleza ele e o capitão D. Lourenço Cenoguera, apareceu aos catorze e aos quinze de Julho de mil e quinhentos e oitenta e dois anos, domingo do Anjo, pela banda do sul, D. António com uma grossa armada de sessenta velas, entre grandes e pequenas, em que vinham oito mil soldados bem luzidos e armados, e por geral dela o capitão Filipe Strosse, filho de Pero Strosse, que foi geral do campo de el-Rei de França, e seu marichal (sic), e o conde de Vimioso, Condestable de Dom António e geral do mar, e outros muitos senhores e fidalgos franceses e portugueses, e alguns frades e letrados. Vendo Pero Peixoto que não lhe podia resistir (conforme ao regimento que trazia de Sua Majestade), chegando as cinco velas de sua armada à fortaleza, lhe mandou dar furo e arrombá-las, para que os imigos se não pudessem aproveitar delas,

ficando inteiras e quase despejadas as quatro naus biscainhas, que os franceses de noite levaram atoadas com os esquifes. E das cinco velas alagadas se tiraram depois quase todas as peças de artilharia, que nelas ficaram, e hoje estão na fortaleza e junto dela, onde se retirou e recolheu a gente da dita armada.

O bispo D. Pedro de Castilho e Martim Afonso de Melo, Pero Peixoto e o Capitão Alexandre, com todos os mais capitães, entrando em conselho do modo que teria para defensão da terra, acordaram pôr toda a gente em estâncias donde nenhum se movesse sem seu mandado, o que assim se fez, determinando todos no conselho que nisso tiveram, que pois a armada que ali estava se não podia defender da de D. António, abordassem os navios ao pé da fortaleza, e lhe tirassem a munição ficando neles alguns bombardeiros que atirassem alguns tiros para serem defendidos da fortaleza, e havendo pressa dessem com todos eles à costa, abrindo-lhe alguns buracos, por não fazer o imigo muito mais poderoso se tomasse o nosso galeão e navios, como está dito. Ao domingo pela manhã, que era dia do Anjo, já estava toda a gente em suas estâncias, por esta ordem: D. Lourenço, capitão de uma companhia de castelhanos, na ponta de Santa Clara; D. João de Castilho, junto da ermida do Corpo Santo; no cais, com muita gente da cidade e outra dos lugares de fora, o capitão João de Melo; no areal do Rosto de Cão estava também muita gente com seus capitães da cidade, e bombardas, por ser passo mais fácil para entrar a terra. E daí até a vila da Alagoa, estavam nos passos perigosos bandeiras da Ribeira Grande e da Alagoa, que seriam mais de mil e quinhentos homens. E o capitão mor corria as estâncias animando a todos. O mesmo fazia o bispo D. Pedro de Castilho, com muito calor. Pero Peixoto estava no areal de Rosto de Cão com os capitães e muita gente de guarnição do mar. Aparecendo ao domingo pela manhã, à ponta da Galé, a armada de D. António, mandou diante em um barcote um embaixador com bandeira branca e cartas para Pero Peixoto e outros, o qual Pero Peixoto avisou aos mais capitães que não dissessem estar ele ali. Desembarcando o embaixador (que diziam ser letrado de Coimbra) junto da fortaleza, foi levado dentro, diante do capitão mor Martim Afonso de Melo e o bispo e corregedor e mais capitães, que lhe perguntaram que queria. Ele disse que trazia uma carta para Pero Peixoto e a ele havia primeiro de dar o recado e depois daria os que trazia para outros. E, dizendo-lhe que Pero Peixoto não estava ali, senão na armada, pelo que desse a carta para lha mandarem, nunca a quis dar, dizendo que se tornaria assim, já que não lhe queriam dar cópia dele, e protestando que, se se não rendessem, haviam de ser entrados; e respondendo-lhe que a terra se havia de defender, se tornou sem mais resposta. Sendo levado pelo meio da cidade para ver a muita gente de guarnição que nela havia, foi embarcar no cais, dizendo e mostrando ser nada a resistência que tinham os da terra, para poder defender a entrada aos do mar que eram muito mais. E a horas de meio-dia se tornou na sua armada. Com o correr, voltar e acometer das naus a uma parte e a outra do areal de Rosto de Cão até à Alagoa, corriam também os soldados hespanhóis a diversas partes, e Martim Afonso, Pero Peixoto, e o bispo com eles, animando-os, fazendo pela costa e areais fazer trincheiras e covas na areia, que servissem de repairo aos soldados, porque nenhum repairo estava feito pelo governador passado, ainda que tinha recado de Sua Majestade que havia de vir sobre esta ilha aquela armada, o que foi causa de se cansar e desvelar muito a gente, acudindo a tantas partes por quantas eram cometidos, posto que fossem bem providos de mantimentos, pão, biscoito e vinho, que algumas pessoas da terra mandavam levar onde eles andavam. Contudo não sei se desembarcaram, se não foram os acenos que da terra lhe faziam para desembarcar em lugar de penedia não esperado, como ao dia seguinte, segunda-feira ao meio-dia, dezasseis de Julho, deitaram gente armada fora, tirando primeiro muita artilharia e pelouros contra a terra, com que mataram no areal de Rosto de Cão três ou quatro biscainhos e castelhanos, desembarcando entre a ponta Longa e o Calhau onde entesta a terra de Cristóvão Soares (que será espaço de dois tiros de besta), em dez lanchas ou barcos grandes, a gente de um dos quais se afogou ali, sem nenhum escapar, tomando água pela popa com o peso das armas. Sete deles enxoraram em terra, onde ficaram e os desfez depois a gente da ilha, aproveitando-se de sua madeira. De dois que foram mais para loeste, saíram os soldados sem nenhum perigo, alargando-se logo ao mar, sem serem vistos os que desembarcaram dos da terra que estavam guardando o porto dos Carneiros, na vila da Alagoa, e passos em outras partes. Depois desta, saiu outra muita gente, que por todos seriam três mil homens. O primeiro que pôs o pé em terra foi um sobrinho de Filipe Strosse, que quis esta honra, e com ele o conde de Vimioso. Depois, ao dia seguinte, terça-feira, com D. António e Filipe Strosse e outros senhores, saíram dois mil soldados, como adiante direi. Ao tempo que os três mil desembarcaram, andavam as naus dos franceses tão juntas e espessas e seus navios pequenos, patachos e lanchas com espessos tiros, que matavam a alguns biscainhos que não

podiam ver de terra, nem divisar quando deitaram a gente fora, nem se suspeitava que em tal lugar pudesse desembarcar, por ser muito perigoso.

Saídos os franceses em terra e ouvida esta nova por D. Lourenço que estava então em guarda do areal de Rosto de Cão, onde algumas naus acometiam, por ser lugar de mais fácil desembarcação, acudiu acorrendo lá com seus soldados e muita gente da terra, de pé e de cavalo. E vendo tanta gente, com que tinham já em terra seu esquadrão formado e fechado, e não ser lugar para dar batalha, disse: — **bueltas las caras para el castill**o. E assim se recolheram para a fortaleza. O governador Martim Afonso de Melo, que estava na vila da Alagoa, onde suspeitava que saíssem os franceses em terra, com o capitão dos Fenais, Diogo Lopes de Espinhosa, Bartolomeu Nogueira e outros capitães e nobres da terra, por não poderem já passar pelo caminho onde os imigos estavam, se foram pelo pico de João Ramos à cidade, indo primeiro Diogo Lopes dar recado a sua mulher e aos seus que se saíssem do lugar dos Fenais, suspeitando o que foi, porque os franceses depois de desembarcados, roubadas as vinhas e saqueada a vila da Alagoa, foram marchando com o conde do Vimioso caminho do dito lugar dos Fenais, onde houveram de matar o capitão Diogo Lopes e todos os seus, se já não estiveram postos em cobro. Assim foram por cima do lugar de Rabo de Peixe ter a casa de Adão Lopes, marido de Maria Moniz, onde roubaram muito fato que de diversas partes lá estava posto em guarda, cuidando tão longe estar seguro. E foram ter junto do Cascalho, ao pé de uma serra, onde aconteceu o que agora direi.

Porque em semelhantes revoltas e ocasiões nunca faltam tredores e treições, de Vila Franca do Campo houve algum que a fez entregar a D. António, sem quererem ajudar nem seguir ao Capitão Alexandre para defender a entrada e ir ajudar aos que estavam na vila da Alagoa, antes o quiseram prender se ele se não soubera acolher ao monte, nem os da vila da Água do Pau acudiram, havendo dois dias que D. Lourenço Cenoguera lhe tinha defendido a entrada, sem suspeita que seria tanta gente desembarcada. Houve outros tredores andaluzes, naturais de Sevilha, um dos quais, fazendo-se do número e companhia dos soldados da fortaleza, determinava pôr fogo à pólvora que nela estava, ou dá-la a D. António, o qual, por mandado de D. João (que sucedeu a Peixoto e a D. Lourenço) foi dependurado por um pé de um pau lançado por cima fora da fortaleza, onde esteve assim três dias e morreu infamemente para exemplo e terror a outros semelhantes tredores. E outro mulato, ordenando um falso aviso e emboscada para que os nossos fossem tomados e mortos no meio, dizendo ser tão poucos os franceses que estavam ao pé da encumeada do Cascalho, que não passariam de quinhentos, amotinou o povo todo da cidade da Ponta Delgada, que murmurava de D. Lourenço, dizendo que era covarde, pois não ia cometer os franceses desembarcados. O qual tredor foi depois posto em um pau alto, onde às arcabuzadas o fizeram em pedaços, e sendo primeiro posto a tormento, confessou que, querendo-se embarcar e recolher na armada com D. António, quando sentiram vir a de Hespanha, o não consentiu, dizendo-lhe que em ficar na ilha lhe faria mais serviço, e tanto que depois o faria conde dela.

Vendo D. Lourenço Cenoguera o aviso do tredor, que cuidou ser fiel dos seus soldados, e a murmuração do povo inconsiderado, partiu da fortaleza em busca dos imigos com quatro companhias de infantaria, que seriam até quinhentos homens, e outra companhia, tirada das naus de Guipuscoa, de cento e cinquenta arcabuzeiros, com alguns capitães e gente da terra, onde ia Manuel Cordeiro de Sampaio, juiz do mar, e Diogo Lopes de Espinhosa, João de Arruda da Costa e Bento Dias, filho de Jorge Dias, feitor, e outros muitos que seria largo de contar. Marchando meia légua costa arriba, chegaram mui cansados e suados com o peso das armas e longo caminho ao cume da serra (onde se diz o Cascalho, por haver ali muito), ainda que D. Lourenço viu os imigos serem tantos e postos em muita ordem, com seus esquadrões formados, animando os seus e indo na dianteira, os foi cometer com grande ânimo, como fortíssimo guerreiro de claro sangue, onde se travou uma tão furiosa escaramuça que cuidaram os franceses ir ali muito mais número de gente da que viam, não podendo crer terem atrevimento tão poucos contra tantos; mas, vendo que não aparecia mais, mandaram uma manga de gente por detrás de um pico para tomar os nossos pelas costas, indo-se os mais retirando para melhor os colherem no meio. Os biscainhos e castelhanos tiraram quatro rociadas, com que fizeram nos franceses grande dano. O capitão D. Lourenço Cenoguera, que ia diante, se encontrou com outro capitão francês, chamado Roque Morea, pelejando meia hora ambos sem se apartarem um do outro, até que o francês caiu morto em terra. E saindo outro em seu lugar, por nome monsior Ferreira, deu uma grande ferida a D. Lourenço, de que logo caiu e, sendo alevantado pelos seus, sabendo da manga da gente que o ia cercando, mandou a grande pressa retirar os seus, e a pé, ferido, subiu até a encumeada da serra, o que

dizem ser grande causa de sua morte. Chegando então a ele Pero Peixoto, fez com que tornassem para a cidade, indo D. Lourenço com três feridas, e outros soldados sem pernas e braços, e os mais marchando a grande pressa, por que os franceses que atravessavam os não acolhessem no meio do caminho. E, se não saíra D. Lourenço ferido, fora causa de se não recolher tão presto, com que ele e todos os seus ficaram mortos e perdidos naquela emboscada. E assim ficaram somente mortos, dos hespanhóis vinte e cinco, e dos franceses cinquenta, e com os que morreram em toda a ilha perto de duzentos. E se não mandara Deus a este tempo uma borriscada de chuva e vento, que encobriu uns e outros, nenhum hespanhol escapara com vida, porque já os franceses entendiam não haver mais gente que a que aparecia ao redor daquele pico do Cascalho e eles eram muitos. Chegando à cidade com tenção de a entrincheirar pelas bocas das principais ruas, vendo a gente desmaiar e fugir, se recolheram à fortaleza D. Lourenço com os seus biscainhos, o governador Martim Afonso de Melo, o bispo D. Pedro de Castilho, Pero Peixoto, o corregedor Cristóvão Soares de Albergaria, Diogo Lopes de Espinhosa e alguns nobres da terra. Mas, posto D. Lourenço com as mortais feridas em agonia da morte, deu ao outro dia a alma a Deus que a criou. E foi (principalmente por ser em tal tempo) muito sentida de todos a morte de tão generoso fidalgo e valoroso capitão; por cujo falecimento se ajuntaram em conselho todas as principais pessoas que ali se acharam, sobre a quem se havia de dar aquele ofício, e por fim o entregaram a Pero Peixoto, o qual determinando de ir avisar a el-Rei como a terra era entrada dos franceses, se embarcou de noite com outros capitães, em um patacho, caminho de Lisboa, ficando em seu lugar D. João de Castilho.

Andando D. António com parte de sua armada junto da costa da vila da Alagoa, o foram ver algumas pessoas de Vila Franca com o vigairo dela, e lha entregaram, por não serem saqueados. E depois se lhe renderam outras vilas, como foi Água do Pau e Ribeira Grande, com o mesmo receio.

A terça-feira, dezassete de Julho, desembarcou o dito D. António e Filipe Strosse, geral de toda a armada, e outros senhores e fidalgos de França, com dois mil homens, e foi pousar nas casas de Jorge Nunes Botelho, no lugar de S. Roque, donde se passou depois para as de Amador da Costa. Dali começaram os franceses a saquear os arrabaldes da cidade, uns pelas vinhas, outras pela Calheta de Pero de Teve, e os que ficaram no Cascalho, levando consigo o capitão morto por mãos de D. Lourenço Cenoguera, foram descendo até o lugar dos Fenais, termo da cidade da banda do norte, em cuja igreja paroquial de Nossa Senhora da Luz o enterraram. E, saqueando o dito lugar, não somente acharam e tomaram nele a riqueza de seus moradores, mas também de muitos da cidade e de outras partes da ilha que lá mandaram levar, cuidando estar ali tudo muito mais seguro, pelo que se disse que iam buscar ao capitão Diogo Lopes de Espinhosa, que ali residia e morava, para defender as entradas que os da Terceira acometeram fazer naquele lugar os dias antes. Estava no dito lugar D. Jorge Pereira, irmão do conde da Feira, recolhido com sua mulher e filha e quanto tinha, que da cidade levara, cuidando estar ali seguro; e tudo lhe roubaram os franceses. E, não contentes com isto, o traziam com um carro para lhe acarretar o fato roubado. E sabendo ele que ali estava o conde, se foi a sua pousada terça-feira à noite, dizendo-lhe: — Senhor, se eu falando com Vossa Senhoria falo com o conde de Vimioso, lembro a V. S. que sou irmão do conde da Feira, e porque me pareceu que neste lugar escapasse com minha mulher e uma filha donzela que tenho aqui, caí nas mãos de vossos soldados que não me hão deixado cousa alguma, e além disto me querem trazer a acarretar fato com um carro e, porque não quis isto fazer, hão usado de rigor comigo, querendo pôr as mãos em mim, e outras cruezas e desaforos que, onde está pessoa tão ilustre e clara como Vossa Senhoria, não se esperam. A que o conde de Vimioso respondeu: — não sei que vos faça a isto; sem lhe fazer nenhum gasalhado, nem mandar tornar cousa alguma, ainda que era muito seu parente.

Depois de saqueado o povo dos Fenais, se foram os franceses saqueando e roubando as quintas e vinhas, pomares da Fajã que diante achavam e muita riqueza nelas escondida, até chegar onde D. António estava, sem ousar entrar na cidade, até que por suas espias souberam estar despejada de toda a gente. Com o qual tratou o conde de Vimioso de como a gente da cidade e da vila da Ribeira Grande e outros lugares, ricos e pobres, estavam quase todos emboscados e escondidos na serra, em lugares ásperos onde não podiam ser tomados, levando freiras e mulheres casadas e moças de má vida, pelo que devia mandar lançar pregão que todos os moradores da cidade e das outras vilas e lugares se reduzissem e tornassem a seus domicílios com suas mulheres e filhos, com todo o seu dinheiro e mais fato, sem nenhum receio de haver algum dado, porque tinha posto pena de morte a qualquer soldado de seu

exército que tocasse em alguma cousa dos vizinhos de toda a ilha, pois já era o tempo do saquo (sic) acabado e ele não vinha senão a fazer-lhe mercês e morrer pelos libertar. E assim foi apregoado no seu arraial e em todos os lugares que na cidade possuíam, o que se cumpria somente onde o dito D. António estava; mas, nas outras partes, ditoso era o porco ou gado que não aparecia, e mais dita tinha o dono do dinheiro e fato que os soldados franceses não achavam. E, porque a igreja matriz do mártir S. Sebastião, da cidade da Ponta Delgada, ficara armada com muitos e ricos panos de armar, cartas de Frandes e outras cousas ricas, da festa que se tinha celebrado do Santíssimo Sacramento e do Anjo Custódio, os dias atrás, acordado disso o cura Gaspar Manuel, que então era, foi pedir a D. António que mandasse pôr guardas na dita igreja, para não ser saqueada nem roubada, o que ele mandou fazer. E depois, quando com muita pressa se embarcaram os franceses, ficou nela tudo mais seguro que o que tinham escondido pelos campos. Mandou também o dito D. António logo cartas e recados para o licenciado António Camelo, António de Brum, Marcos Lopes Henriques e outras pessoas ricas e poderosas, e para o licenciado frei António de Hlarcão, custódio, e para o guardião frei Pero Mestre, que com as freiras do mosteiro da Esperança estavam junto da serra das Sete Cidades, e para as religiosas de Santo André que estavam na cafua do licenciado António Camelo, o que foi divulgado a quinta-feira pela manhã em toda aquela serra de cima dos lugares de Santo António e Bretanha até sobre as Sete Cidades, onde também foram cartas do conde de Vimioso, com que muitas mulheres diziam a seus maridos que se tornassem aos povoados, pois não podiam andar pelas serras e traziam os pés correndo sangue, levando muito má vida de frio, calma, fome e sede, onde nalgumas partes não bebiam senão água encharcada. E algumas pejadas pariram e baptisaram seus filhos entre o mato. Mas, nenhuns dos homens honrados e discretos se quiseram tornar logo, senão alguns poucos que não tinham cabedal que perder, nem que comer no ermo, onde os poderosos se deixaram ficar até chegar o marquês de Santa Cruz, que por horas e momentos se esperava. Também alguns vigairos e beneficiados se foram de suas igrejas para lugares remotos, sem quererem tornar até os franceses serem embarcados, posto que D. António tinha mandado que todos assistissem em suas igrejas, e aos que o não fizessem e andassem absentados, lhas tiraria e daria a outros. Somente, como tenho dito, o vigairo de Vila Franca, por rogo dos vereadores, foi com eles dar-lhe a obediência ao mar onde andavam defronte da vila da Alagoa, a terça-feira antes dele desembarcar, depois do seu exército estar em terra, o que depois lhe foi dado em culpa, de que dali a muitos dias se livrou.

Neste tempo, havia por muitas partes da ilha muitos recados e feitores de D. António que, com grande pressa, faziam levar à cidade muitos carros carregados de trigo e pão e pipas para água e muito gado de toda sorte, pelo que alguns iam do mato para as vilas e lugares, outros tornavam para a serra e ainda não acabavam de estar seguros, por andarem alguns soldados franceses derramados pela ilha e matarem alguns portugueses; ficando também alguns deles prantados por ela, que, como tenho dito, entre eles e os que morreram no Cascalho, seriam até duzentos, afora outros que prenderam, principalmente na vila da Ribeira Grande e mandaram presos à fortaleza.

Estando D. António no lugar de S. Roque, mandou uma carta a D. João de Castilho, capitão da fortaleza, escrita sexta-feira, vinte de Julho, em que lhe dizia que lha entregasse, pois sabia que era sua e via seu grande poder, e que lhe daria passagem para ele e sua gente e perdoaria aos portugueses; e, não o fazendo, mandaria tirar em terra das naus sete peças de bater, com que a bateria, e lhe fazia a saber que não vinha armada de Hespanha aquele ano, e para mais certeza disso mandassem lá uma pessoa que se informasse de um Carrião, alferes, que partira de Lisboa a sete de Julho, e ele havia tomado, o qual afirmava que nenhum socorro mandava el-Rei aquele ano a esta ilha. Ao qual o dito D. João de Castilho, e o governador Martim Afonso de Melo, e o bispo D. Pedro de Castilho, e o corregedor Cristóvão Soares de Albergaria, que dentro na fortaleza estavam, responderam que aquela fortaleza era de el-Rei de Hespanha e não se lhe entregaria.

Antes dos franceses chegarem, a saquear a cidade, os biscainhos recolheram dela muito fato e mantimento para dentro da fortaleza. E fizeram trincheiras nas bocas das ruas que iam ter à dita fortaleza, donde davam muitas surriadas de mosquetaria e arcabuzaria, para que os franceses não chegassem. E assestaram na mesma fortaleza a artilharia, como convinha; com o que derribaram e queimaram muitas casas, que estavam ao redor dela, para melhor se defender do combate que lhe dessem, e estando todos mui determinados e apostados a morrer por seu Rei, e D. António a combater a fortaleza, tendo já feitas muitas trincheiras na praça e ruas da cidade, com pipas e caixas, cheias de pedra e terra.

Mandou também D. António ajuntar muitos sacos por toda a ilha, de que na Casa da Misericórdia da cidade da Ponta Delgada estavam já juntos mais de mil. E mandava ir à dita cidade todos os carreiros e carros que se pudessem achar pelas vilas e lugares (dizem) para carregar o pastel que na cidade estava granado, de muitos mercadores, para com ele pagar muito dinheiro que, para fazer aquela sua armada em França, lhe tinham emprestado.

Em Vila Franca do Campo, pôs D. António, como em cabeça, por governador de toda a ilha, a um Diogo Botelho, com tenção de ficar nela com este cargo, indo-se ele; o qual mandou que todos os homens de cavalo e alguns de pé fossem ter à dita Vila Franca o domingo seguinte, para se fazer alevantar e jurar por Rei, com as solenidades e cerimónias costumadas. Ao sábado d'antes, pela manhã, se viu que vinha a armada de el-Rei Filipe, aparecendo ao nordeste, e correram estas novas pela vila. Foi grande a alteração que todos traziam com os pregões que se davam, que acudisse cada um a seus capitães e estâncias, sob pena de morte. E, antes de chegar esta nova, chegaram dois patachos com armas e cavalos, que vinham diante da armada (como adiante direi), aos quais foram logo soldados por mandado do capitão António do Porto, que andava defronte da vila com treze naus armadas de que era capitão, em um dos quais vinha o alferes Carrião, que D. António escreveu aos da fortaleza (posto que punha a feitura da carta a vinte de Julho, um dia antes que ele chegasse) que daria testemunho como não vinha armada de Filipe aquele ano; mas, sabendo D. António a certeza daquele alferes do grande poder com que a armada vinha, e tendo novas ao sábado à tarde como já chegava a dita armada, se embarcou aquela noite até o domingo pela manhã, vinte e dois de Julho, com todos os senhores e soldados franceses, embarcando também da Vila Franca o governador Diogo Botelho, deixando por seu logo-tenente a Lopo Anes Furtado com o qual indo depois ter a gente de cavalo, que era chamada, os tornou a enviar para suas casas. E para elas se recolheram, não somente os de cavalo, mas também os de pé, que andavam pelos matos, depois souberam estar a terra despejada dos franceses já embarcados, sabendo da vinda da armada de el-Rei Filipe, com que ficaram desafrontados dos contrairos que na terra estavam, por ter segura a vitória contra eles.

CAPÍTULO CII

DA CRUEL E ESPANTOSA BATALHA NAVAL QUE HOUVE ENTRE AS DUAS ARMADAS, HESPANHOLA E FRANCESA, DEFRONTE DA ILHA DE S. MIGUEL, DA PARTE DO SUL, E DA GLORIOSA VITÓRIA QUE HOUVERAM OS HESPANHÓIS DOS FRANCESES

As cousas da guerra, posto que dantes tenham mui ordenados preparatórios, erigidas companhias e ordenanças, muitos e rigorosos preceptos e gravíssimas penas, e com passos contados vão marchando os capitães, alferes, sargentos, cabos de esquadra, soldados velhos e bisonhos com armas diversas, postos e arrumados em diversos lugares determinados, os arcabuzeiros e mosqueteiros na dianteira e logo após eles os piqueiros, lanceiros, alabardeiros e seus esquadrões formados com sua vanguarda e rectaguarda, sua artilharia assestada, trincheiras feitas, repairos, sentinelas, espias, corredores de campo e muitos outros oficiais de milícia que nela têm diversos nomes e cargos, subalternados todos com infalível e inviolável obediência uns a outros, dos soldados aos cabos, dos cabos aos sargentos, dos sargentos aos alferes, dos alferes aos capitães, dos capitães a seu mestre de campo, do mestre de campo a seu general, sem discrepar da ordem determinada o menor ponto do mundo, e toda esta ordem se guarda sem quebra, antes de entrar na batalha; todavia, depois de entrar nela, toda a ordem se desordena e todo o conserto se desconserta, porque então não há aí senão dares e tomares, ferir, acometer, retirar, amparar, ofender e ser ofendido, tendo mais lugar a boa fortuna e ventura, que Deus dá, que o bom conselho que os homens tomam, que vem depois a ter má saída, onde às vezes o fraco vence o forte, o pusilânime é mais valente, o ignorante tem mais prudência, o temerário melhor juízo, o desacordado muito melhor acordo, e o covarde pior sucesso, pois indo fugindo o pesca ao longe o pelouro perdido, e o ousado mais triunfante coroa, pois, posto na boca da fronteira das bombardas assestadas contra si, escapa de tão evidente e presente perigo e alcança gloriosa vitória. Vimos alguns que nunca cingiram nem tiveram espada, nem aprenderam a jogar dela, saírem no tempo da briga melhores mestres de esgrima que os cursados nas armas, porque a cólera lhe fica por mestre para as manear mais ligeiras, e como a mesma cólera não espera nem guarda talho ou revés, desordena todas as ordens usadas e por usar, e a aprender e aprendidas. Na guerra, finalmente já travada, é a ocasião então ordem, e a ordem faz muitas vezes perder a boa ocasião da vitória. E ainda que pela mor parte os muitos façam perder a virtude aos poucos, muitas vezes os poucos vencem os muitos; como aconteceu na cruel batalha naval que houve entre as duas armadas de Hespanha e de França, defronte desta ilha de S. Miguel, cinco léguas ao mar da parte do sul, que agora contar quero, onde tão poucos hespanhóis venceram quase dobrado número de franceses. E pois que a batalha, depois de travada não tem ordem, posto que dantes a tenha, nem eu a posso guardar no contar dela. E, como a guerra às vezes parece que se acaba e então outra vez começa e se ateia, assim contando-a eu, seguindo seu baralhado estilo, a tornarei algumas vezes começar a contar de novo, quando parecer que estou já no cabo dela; pelo que perdoareis, Senhora, meus desconsertos, como cuido que tendes perdoado os das cousas atrás, que contadas tenho, e haveis de perdoar os que tiver nas cousas que mais adiante contar pretendo, pois as desordens não se podem bem contar com ordem.

Estando (como tenho dito) o grande Rei Filipe coroado no Reino de Portugal e de posse dele, como sucessor por morte de el-Rei D. Henrique, e a ilha Terceira rebelada com a voz de D. António, que tinha jurado por seu Rei, e esta ilha de S. Miguel de contrairo parecer, obedecendo ao dito Rei Filipe, mandou ele ordenar uma grossa armada em duas diversas partes, convém a saber, em Lisboa e Sevilha, para ambas se ajuntarem a um mesmo tempo no mar do ponente, em favor da dita ilha de S. Miguel, sobre que sabia por suas inteligências (que os Reis costumam ter fora dos seus Reinos, principalmente em tempos suspeitosos) que se ordenava outra armada em França, e para guardar as frotas das Índias oriental e ocidental, que esperava. E, tendo aviso que era já partida de França a dita armada francesa que D. António,

filho do Infante D. Luís, lá fizera com favor e ajuda da Rainha mãe e Filipe Strosse, marichal (sic) de França e geral da dita armada, e de outros senhores de França e de alguns portugueses de seu bando, mandando o dito Rei Filipe recado à armada de Sevilha, que no rio surta estava, detida com a peste, para que logo partisse, fez partir a outra que estava em Lisboa, em que vinha por geral D. Álvaro de Bazam, marquês de Santa Cruz, senhor das vilas de Viso e Val de Penhas, comendador mor de Leão, do conselho de Sua Majestade, e seu capitão geral do mar Oceano e da gente de guerra do Reino de Portugal, e por mestre de campo geral D. Lopo de Figueiroa, vitorioso em Lepanto, Granada, Navarra, Tunis, Querquenez e Frandes, acompanhado com mil e trezentos soldados velhos, do forte terço da Liga, e de D. Pedro de Toledo, marquês de Vila Franca, de grande esforço e experiência na guerra, e D. Francisco de Bovadilha por mestre de campo da dita armada, com dois mil soldados manchegos e luzidos toledanos, e D. Cristóvão de Erasso, nomeado nas batalhas, com mil soldados, sinalado por geral da armada das Índias, e o esforçado marquês de Favara, e o valoroso D. Pedro de Tharsis, e outros muitos cavaleiros de memória. E com quinhentos tudescos, em três urcas framengas, se ajuntaram quatro mil e oitocentos infantes, afora os entretidos e aventureiros, fidalgos e cavaleiros de grande esforço, andaluzes, manchegos, castelhanos, galegos e portugueses.

Com toda esta gente, saiu o marquês de Santa Cruz do rio de Lisboa a dez de Julho de mil e quinhentos e oitenta e dois anos, com vinte e oito naus (porque outras três que haviam de vir com ele não puderam sair até o outro dia) e com cinco patachos pequenos, por ter ordem de Sua Majestade de partir com esta armada sem esperar as dezanove naus, dois galeões, doze galés e dois patachos que estavam aparelhados em Andaluzia; e fazendo-se ao mar, navegou com ruim tempo três dias, de maneira que ao cabo deles se achou cinquenta e cinco léguas de Lisboa, na paragem do cabo de S. Vicente, cinquenta léguas dele, tendo-lhe feito o mau tempo descair tanto da altura e da rota que trazia. Daqui, uma nau aragonesa em que iam três companhias das velhas de Frandes, e as mezinhas e oficiais do hospital e médicos e sururgiões (sic), se tornou sem ordem, dizendo que fazia água. E aos treze dias do dito mês foi Deus servido dar ao marquês tempo favorável, com o qual ao outro dia e noite cobrou a altura que havia perdido, e posto nela, continuando-lhe o bom tempo, seguiu sua viagem até aos vinte e um dias do dito mês de Julho, que houve vista desta ilha de S. Miguel. E o domingo, vinte e dois do dito, chegou sobre Vila Franca do Campo, tendo o dia de antes despachado dois patachos a cargo do capitão Aguirre, que vinha por cabo dos cinco, dando-lhe seis mosqueteiros em cada um, e advertindo-o fosse com resguardo e se topasse a armada inimiga não chegasse a bordo de nenhum navio, nem deixasse chegar nenhuma barca aos patachos; escrevendo com ele o dito marquês ao governador desta ilha Ambrósio de Aguiar (que cuidava ser vivo) como a parte da armada de Sua Majestade, com que vinha, se achava mui pujante com cinco mil e quinhentos soldados embarcados nela, incluso o terço de D. Lopo de Figueiroa com mil e oitocentos dos de Frandes, afora mais de duzentos fidalgos e pessoas particulares, entretidos e aventureiros, que vinham a servir a Sua Majestade; e que a armada que vinha de Cadiz (a qual por horas esperava) era de outro tanto número e qualidade, com outros cinco mil infantes, inclusas cinco bandeiras do terço velho de Frandes; pedindo-lhe lhe mandasse as novas que tivesse da armada de França, se havia passado e com que naus, porque, com a armada com que se achava (sem esperar a de Andaluzia) esperava ir combatê-la, e que dissesse a Pero Peixoto (se porventura aqui estivesse) que se pusesse em ordem para o seguir com a armada de seu cargo.

Ao tempo de querer surgir o marquês em Vila Franca, foi à nau capitaina uma caravela das três que ficaram em Lisboa, para trazer os cavalos, e deu aviso como o dia antes tinham chegado sobre a dita vila as três naus da armada, que ficaram em Lisboa e saíram o dia seguinte à partida do marquês, e as caravelas com elas; as quais três naus se foram na volta do mar, e as duas caravelas foram tomadas sobre a dita vila, uma com cavalos do mestre de campo geral e de outros, e que esta caravela que dava as novas, se saíra na volta do mar, fugindo duma nau que lhe dera caça. Sabendo isto o marquês, mandou logo algumas pessoas particulares a tomar língua nesta ilha, entre os (sic) quais foi um Fernão de Medinilha, valoroso soldado velho e exercitado em muitas notáveis batalhas. E, acometendo desembarcar junto da Ponta da Garça e perto da Ribeira das Tainhas, não os deixaram chegar a terra com arcabuzadas os que estavam pela costa dela, em suas estâncias; os quais perguntados por quem estava a terra e que naus eram aquelas que junto do porto de Vila Franca andavam, e que novas tinham da armada de França, responderam que estava esta ilha por el-Rei Filipe, e que aquelas naus deviam ser da frota das Índias, e que não sabiam parte da armada de

França. Outros disseram que fosse à cidade, porque ali ninguém podia desembarcar. Fernão de Medinilha lhes disse que o deixassem sair em terra, pois estavam por Sua Majestade, para saber o que passava, ou que algum deles entrasse no seu barco e fosse com ele ao marquês, que lhe faria grandes mercês, dizendo-lhe a verdade. Ao que replicaram que fosse ao porto da vila, junto do baluarte e ali o deixariam sair, e dizendo isto lhe atiraram com alguns arcabuzes, pelo que Fernão de Medinilha e os outros entenderam estar a terra fora do serviço de el-Rei D. Filipe. E tornados à armada deram relação ao marquês do que passava.

Vendo isto o marquês e o aviso do patacho, como o capitão Aguirre ficava preso com outro patacho em poder de um navio francês e barcos que saíram de terra, entendeu que a ilha estava rebelada, pelo que mandou logo chamar a D. Lopo de Figueiroa, mestre de campo geral, para tratar de botar um golpe de gente em terra a tomar língua em Vila Franca e fazer aguada, mandando os capitães Miguel de Oquendo e Rodrigo de Vargas a reconhecer a parte onde se poderia surgir; no qual tempo os da gávea do galeão capitaina começaram a descobrir navios à parte da cidade da Ponta Delgada, onde está a fortaleza. E parecendo-lhe ao marquês que seria a armada inimiga, deixou o desígno (sic), que levava e foi na volta da Ponta Delgada. E logo se descobriram mais navios e se entendeu ser a armada de D. António.

Indo-se chegando a nossa armada à inimiga e tendo-a já reconhecido, porque se saía ao mar, visto que eram mais de sessenta velas, entre grandes e pequenas, ajuntou o marquês de Santa Cruz a conselho os principais dela: D. Pedro de Toledo, D. Lopo de Figueiroa, mestre de campo geral, o marquês de Favara (vila em Sicília), D. Pedro de Tharsis, vedor geral, e o mestre de campo D. Francisco de Bovadilha, e outros fidalgos e capitães castelhanos e portugueses, que foram chamados, dizendo-lhes (como era de grande ânimo) com risonho e alegre rosto: — bem vemos a inimiga armada com grã soma de velas, mais que a nossa, mas não tão boa e com tão honrada gente; eu, com a ajuda de Deus, se o vento me for favorável, lhe darei batalha, e se não, quando o seja ao inimigo, o aguardarei e pelejarei com ele até o desbaratar, se assim vos parece. E, todos muito contentes com a ousada determinação do marquês, concluiu que se representasse a batalha e fosse pelejar com a armada inimiga; a qual fez o mesmo, pondo-se em ordem e disparando uma peça de artilharia, por sinal de batalha. Logo o marquês mandou arvorar o estandarte de guerra e tirou uma peça, mandando aos capitães Marolim e Rodrigo de Vargas, para que discorressem por toda a armada com ordem de batalha, que foi uma fronteira das naus e galeões aos lados do galeão S. Martinho, que era capitaina, ao direito o galeão S. Mateus em que iam D. Lopo, mestre de campo geral, e o vedor geral, e ao esquerdo a nau em que ia o mestre de campo D. Francisco de Bovadilha, e quatro de socorro, repartidas as dez guipuscoanas com as outras naus, com os capitães Miguel de Oquendo e Vila Viçosa, sem que pudesse tomar seu lugar este dia na batalha D. Cristóvão de Erasso, por ter ficado sua nau muito atrás, por trazer sentido o calcês do masto maior, e assim não poder fazer força de vela na gávea, de que pesou muito ao marquês, por lhe faltar em tal ocasião a pessoa de D. Cristóvão. E, todos alegres e esforçados com o esforço e grande ânimo do marquês, com suas armas nas mãos, estiveram aguardando a hora da honrada batalha, com a ordem seguinte.

No galeão S. Martinho, que ia por capitaina da armada, deu o marquês para a batalha esta ordem: que na alcáçova alta de popa estivessem vinte fidalgos e arcabuzeiros e vinte mosqueteiros; e na alcáçova mais baixa os fidalgos portugueses, afora D. Diogo de Castro, que esteve na alta, e vinte arcabuzeiros e seis mosqueteiros; e debaixo da alcáçova alta estivessem de socorro D. António Pessoa, D. Luís Osório, D. Gonçalo Ronquilho e o coronel Mendinara, o capitão Quesada e outros quatro arcabuzeiros; e, na praça do galeão, quarenta arcabuzeiros por banda, a cargo do capitão Gamboa; junto à câmara de popa, estivessem em corpo de guarda quarenta soldados, os mais homens particulares e que haviam sido oficiais, a cargo do capitão Agostinho de Ferreira, para acudir às partes onde houvesse mais necessidade; no castelo de proa, João Baptista Sanzoni, fidalgo milanês, com os sargentos dos capitães Agostinho de Ferreira e Gamboa, com quinze arcabuzeiros e dez mosqueteiros; na gávea maior, o alferes D. Francisco Galo com oito mosqueteiros, e na do traquete, seis, afora os gajeiros; na coberta baixa, onde está a artilharia grossa, os capitães D. Cristóvão da Cunha Escobedo e João de Alier, e os alferes Fauste e Esquivel; e com cada peça um bombardeiro e seis ajudantes, cada um com seu espeque; com a artilharia da coberta alta, Marcelo Caraciolo, e o serviço como na de baixo; e, à guarda da pólvora, o capitão Grimaldo com quatro marinheiros. Além disso, mandou estar por popa do galeão uma falua e quatro patachos, para levar recados e ordens, e encher de água o esquife que ia dentro e pôr tinas de água e pipas por diversas partes do galeão, repartir em seus postos todos os lanceiros, piqueiros e

alabardeiros, e estar os marinheiros sobre os aparelhos; e que os capitães Marolim e Rodrigo de Vargas, como homens de mar e muita experiência, acudissem à artilharia e ao mais que cumprisse. Todo o qual se pôs em execução com grande pressa e vontade, por estar prevenido dantes que chegasse a reconhecer esta ilha. Feito isto, como se ordenou, com muito estrondo de pífaros e tambores e bandeiras estendidas, amarelas, azuis e brancas, foi a nossa armada investir a inimiga, a qual ia a fazer o mesmo em boa ordem, com bandeiras amarelas, laranjadas e negras; e os navios pequenos em sua rectaguarda. Mas, por acalmar o vento, não puderam combater este dia, e saíram na volta do mar, sem haver tomado o marquês língua do que na ilha havia. Depois, às quatro horas da noite, chegou ao galeão capitaina Domingos de Aduriaga, mestre da nau Catarina, em uma pinaça, com outros cinco marinheiros biscainhos, e levou um bilhete de D. João de Castilho que estava na fortaleza, que dizia: — Essa armada de D. António que aí vai tem cinquenta e oito velas, as vinte e oito grossas e as outras pequenas; tem seis mil franceses; se a nossa não é poderosa para pelejar com ela, se poderá arrimar a esta fortaleza, por estar por el-Rei Nosso Senhor e veja Vossa Senhoria que se aventura muito, se se perde. Deste mestre e seus companheiros, soube o marquês de Santa Cruz como D. António chegara com sua armada a esta ilha de S. Miguel a quinze de Julho, e que aos dezasseis deitara em terra até três mil homens, a que saíra D. Lourenço com alguma gente, e o estado em que estava a ilha, e o que nela até então passara, como tendo contado, e como, com a nova da chegada da armada de Hespanha, se embarcaram os inimigos a grande pressa. Depois de informado o marquês de tudo, escreveu com os mesmos ao capitão e governador e os mais da fortaleza, animando-os e fazendo-lhes saber como a armada de Sua Majestade, com que vinha, se achava mui poderosa, com muita e mui boa gente embarcada nela, que esperava em Deus que o dia seguinte havia de dar batalha e ter vitória, e que assim estivessem contentes, como ele o estava, do serviço que tinha feito a Sua Majestade que ele lhe representaria para que lho gratificasse. E com isto tornou despachada a pinaça à ilha.

O dia seguinte, que foi segunda-feira, vinte e três de Julho, se tornaram representar a batalha as duas armadas, tendo a francesa o vento e o sol em seu favor, e foi a investir a hespanhola, repartida em três esquadrões, o qual acometimento fizeram três vezes aquele dia, sem o executar; e, à tarde, indo a armada de Hespanha na volta do mar, a francesa deitou dez naus ao longo da terra da ilha para tomar aquela noite as costas, mas, por acalmar o vento, não puderam ir por diante.

Terça-feira, vinte e quatro do dito mês, se tornaram a juntar e, tendo a armada inimiga o vento em seu favor, acometeu a investir a nossa outras duas vezes, indo na volta da terra da ilha, sem o pôr em execução. E, parecendo-lhe ao marquês que não lhe convinha ir mais naquela volta de terra, mandou marear as velas e sair ao mar, ainda que sempre entendeu que então o havia de investir a armada inimiga, enquanto a nossa se punha à vela e virava, por terem eles o vento em seu favor. E foi assim porque aquela noite d'antes entraram em conselho D. António, Filipe Strosse, o conde de Brissac e o conde de Vimioso, na capitaina de França, e depois de tratar da escaramuça e que naus haviam saído a ela, acharam que, se rompiam seis naus da Hespanha, que tinham atirado, facilmente as demais seriam suas, para o que acordaram que ao outro dia dessem a batalha, antes que viesse a armada de Andaluzia, e, rota esta, seria possível ser também vencida a outra. E para o outro dia ordenaram que a capitaina de França, em que vinha Filipe Strosse, e um galeão novo, em que estava seu sobrinho, abalroassem a nossa capitaina e em seu socorro fossem duas urcas, em que vinham muitos soldados velhos de Piamonte; e a almiranta de França, em que vinha o conde Brissac, e outro galeão francês, em que vinha o coronel dos franceses, abalroassem o galeão S. Mateus, e em sua ajuda uma urca, sendo necessário; e outras duas urcas, mui bem armadas, abalroassem a nau do mestre de campo D. Francisco Bovadilha; e a capitaina de Biscaia, abalroassem outro galeão e duas urcas de muitos particulares, soldados velhos de monsior Charles; e a nau de D. Cristóvão de Erasso, abalroassem duas naus biscainhas que haviam tomado vazias da armada de Pero Peixoto, e já tinham mui bem artilhadas; e que as demais aferrassem uma com outra, pois assás eram superiores em navios, e a que não achasse onde aferrar socorresse a parte onde necessário fosse. Concluindo neste conselho, D. António, que vinha na nau real, se foi para uma fragata em que trazia o estandarte real por popa, e não lhe parecendo a todos que se devia achar na batalha, se foi aquela noite para a Terceira. Amanhecendo, pois, véspera de Santiago, que era a mesma terça-feira dita, vinte e quatro de Julho, a capitaina francesa com sete galeões foi investir o galeão S. Martinho, capitaina da armada de Hespanha, e o galeão S. Mateus; mas, chegando mui perto, não o fizeram, disparando somente muita artilharia à nossa capitaina e a S. Mateus, e outra de seus navios

aos nossos, de quem foram recebidos com semelhante rociada de artilharia da capitaina de Hespanha, de quatro peças, e outras muitas do galeão S. Mateus e também da nau de D. Cristóvão de Erasso, que já se tinha ajuntado com a armada; e da de D. Francisco de Bovadilha e Miguel de Oquendo e outras, que foi uma gentil vista. As peças que se atiraram deram quatro na nossa capitaina, uma na vela do traquete, outra na enxárcia, outra em uma âncora, e a quarta no costado, sem que nenhum pelouro fizesse mal; em S. Mateus, acertaram três, também sem fazerem dano, e também o não fizeram algumas peças que acertaram a outras naus de Hespanha. Nos galeões inimigos, se viram dar alguns pelouros, especialmente quatro do galeão S. Martinho, e pela retirada que fizeram se entendeu que recebiam dano.

Vinham na armada francesa duas capitainas e duas almirantas, e até quarenta navios grandes e entre eles alguns galeões, mui gentis navios; os outros eram pequenos, mas a propósito para armada por sua ligeireza, e trazia outros muitos patachos menores ao redor da armada, a duas e três léguas dela, a tomar língua e descobrir, afora duas setias das marselhesas, mui bons navios de vela, e muitas chalupetas de remos, com que rebocavam a armada e a punham em batalha, quando fazia bonança. Este dia, à tarde, se apartaram as armadas, e o marquês ordenou à sua que ao pôr da lua virassem outra volta, para procurar de ganhar o vento à inimiga, virando pela manhã sobre ela. E assim se fez, achando-se o marquês, dia de Santiago, vinte e cinco dias de Julho, a balravento do inimigo, foi em seu seguimento para investir e por serem os navios que levava pesados da vela, não puderam fazer efeito, antes D. Cristóvão de Erasso, seguindo os inimigos e rendendo-lhe o mastro maior, tirou um tiro, pelo que foi forçado ao marquês tornar a socorrê-lo e dar-lhe cabo com sua capitaina. Viu-se este dia um navio grosso dos imigos que lhe faltava o traquete, e duas naus que o ajudavam, e, não o podendo socorrer, se foi ao fundo. Dizem ser uma nau, chamada a Rosa da Rochela, entendendo-se que seria arrombada de algum tiro do dia passado.

Amanhecendo esta dia de Santiago, quando a armada do imigo, desejosa de efectuar seu conselho, apareceu perto dos hespanhóis, era o vento tão escasso e tão pouco, que se não pôde pôr nenhuma das armadas em ordem de guerra, e, se houvera galés, este dia se ganhara a mor parte da armada francesa; assim passou todo o dia sem tirar tiro. E os da nossa armada se forneceram e trincheiraram muito mais, e puseram todas suas estâncias em muita ordem, estando todos armados com muitas armas douradas e penachos e bandas de seda de diversas cores, que ao imigo punham espanto. Era também muito para ver a soberba, galhardia e formosura da armada francesa, com suas ricas armas e formosas bandeiras e estandartes, e suas trombetas e tambores, que, por ser superior de muito mais velas e gente, quisera o marquês entreter a batalha até que chegara a outra armada de Andaluzia que esperava, porque das dez urcas de sua armada faltavam duas, que levavam alemães, e as três naus que partiram de Lisboa depois de saída a dita armada, que tampouco se ajuntaram com ela. E assim não ficou o marquês de Santa Cruz, a este tempo, senão com sós vinte e cinco naus, inclusos os dois galeões.

Aos vinte e seis de Julho, que foi dia de Santa Ana, pela manhã, tornou a armada imiga a ir em busca da de Hespanha com boa ordem e o vento em seu favor, seguindo o conselho que dantes tiveram com novo ardil de guerra, fundando-se em guarnecer, como guarneceram, os mais fortes galeões de sua armada, dos mais valorosos soldados e capitães que traziam, e assim em dez ou doze dos ditos galeões puseram a maior força de toda a sua armada, com desígnio (sic) e intento que cada seis ou sete destes acometessem os dois grandes galeões S. Martinho e S. Mateus, em que a força de toda a armada de Hespanha consistia, e que com grande ímpeto e esforço os investissem, sem os deixar, até serem de todo ponto rendidos; para o qual outras naus que para isso também aparelharam, servissem de lhe lançar gente de refresco, afim de não desfalecerem de seu furioso ímpeto. O marquês de Santa Cruz fez por ajuntar as naus de sua armada, ainda que o galeão S. Mateus ficava atrás, de que lhe pesou, parecendo-lhe que podiam os imigos abordá-lo, sem que pudesse ser socorrido com a brevidade que convinha, e foi assim porque o foram investir a capitaina e almiranta, que iam dianteiras. O mestre de campo geral D. Lopo de Figueiroa, de quem dependia a maior parte desta batalha, avisado do marquês do que queria fazer, como astuto capitão, tinha já empunhada a mesma determinação, de maneira que com só seu galeão determinava dar batalha ao imigo, e assim alguns dias de antes tinha dado ordem para a dita batalha, na maneira seguinte.

No castelo de proa, ao capitão Rosado e seu alferes e bandeira, e D. Félix de Aragão, Fradique Carneiro e Gaspar de Sousa, sobrinho de D. Cristóvão de Moura, fidalgos portugueses, com trinta arcabuzeiros e dez mosqueteiros.

Na praça de armas do galeão, cinquenta arcabuzeiros e mosqueteiros, com os sargentos de Rosado e do mestre de campo geral, e o alferes Fernão de Medinilha.

Na alcáçova de baixo, de popa, a D. Francisco Ponce, com vinte arcabuzeiros e mosqueteiros.

No alto da popa, a D. Gonçalo de Carvajal, alferes do mestre de campo geral, com sua bandeira e trinta soldados arcabuzeiros e mosqueteiros.

O mestre de campo geral, o vedor geral D. Pedro de Tharsis, o capitão Vila Lobos, português, acudiam a todas as partes.

Nas varandas, oito soldados arcabuzeiros; em cada gávea, quatro arcabuzeiros e dois mosqueteiros; os gajeiros com muita pedra e alcanzias de fogo.

Com a artilharia alta, o alferes Bernabé; com a baixa, o alferes João Franco e o sargento Manuel Correia, valoroso soldado português, natural desta ilha de S. Miguel, que agora é também sargento mor nela; com a gente de socorro, o alferes Çapata e o alferes Luís de Leiva; com a pólvora, o capitão Rodovalho, português, com outros dois homens principais. A cada peça de artilharia, um bombardeiro e seis ajudantes, e a cada portinhola, dois mosqueteiros; todas as armas de haste em seus lugares reconhecidos; por todo o galeão, muitas tinas e quartos cheios de água, baldes e muitas mantas molhadas para o fogo. O piloto no alto de popa, e o mestre sota-piloto com dez marinheiros; na proa, o contra-mestre com quinze marinheiros; no convés do galeão, o guardião e o meirinho com os mais marinheiros e grumetes; ao leme, oito marinheiros, a cada aparelho, dois, e todos com suas armadas sinaladas em seu lugar, para se fosse necessário pelejar com elas. E, antes de chegarem a ele a capitaina e almiranta francesas, o dito D. Lopo de Figueiroa, sabendo que de aquela vez o haviam de investir, por ele estar só, apartado da sua armada, e os imigos já muito perto, tendo tudo posto em ordem e vendo quão necessário era naquele tempo animar sua gente, fez um parlamento, onde não começou, como outros capitães fazem, dizendo (como com verdade pudera dizer): — ó fidalgos e valorosos capitães e soldados, lembro-vos que tendes feito grandes cousas e estranhos feitos de armas, de cuja notícia e certeza o mundo está cheio, para que agora, se então fostes um para mil, vos lembre que hoje sois quase tantos por tantos, e ainda que o imigo exceda em outro tanto número, acordai-vos que é francês e são daqueles de quem em Frandes triunfastes muitas vezes, vencendo e desbaratando seus campos e exércitos, e prendendo seus capitães e os melhores cavaleiros deles, a quem vistes em um dia cortar cinco mil cabeças, e em outro três mil. Destes, pois, ainda que galos, são os que hoje vos representam bataria e vos acometem, a quem fareis, por vossos esforços, de galos, galinhas. Nem lhe quis dizer D. Lopo outras cousas deste género, senão começou dizendo e pelejando: — ó poltrões, e mais glutões que esforçados soldados, tornados hoje galinhas, que cuidais? De que fazeis conta? Hoje é o vosso fim e hoje me hei-de vingar de vós, todos Cuidáveis que vínheis como em Nápoles a gozar das boas pinhatas e panelas de vaca gorda e toucinho cozidas, e de carneiro e galinhas, e daquelas espetadas de vitelas assadas e gordos cabritos, frangãos, e faisões, de que tão usados e costumados fostes? Ou cuidáveis que era vir nesta armada a banquetear-vos por esses países e lugares de toda a Itália? Ou parecia-vos que era ver putanas de Florença ou de Milão, e andar em vossas ramerias e velhaquarias de Apúlia e de Calábria, ou que tudo eram regalos de Sicília? Não vos acontecerá hoje assim, poltrões, senão entre bombardas de cruéis inimigos espero vossa morte e minha vingança. Mas, já que tanto à porta vo-la vejo, encomendai-vos a Deus, e cada um coma alguma cousa primeiro, e a mim me achareis até à morte convosco. Bem sei que pelo grão número de velas cuidará o inimigo dar-vos batalha a seu salvo, mas para tão principais soldados e esforçados cavaleiros, estou mui satisfeito, que se engana quanto o hei experimentado em outras batalhas, assim no mar, como na terra. Lembro-lhes que depois de haver ganhado e destruído as ásperas serras do alevantado Regno de Granada, com tão felice sucesso, nos embarcámos com o senhor D. João de Áustria, de gloriosa memória, e na batalha naval que se deu à armada do turco, nos levaram vantagem assim em velas com em gente, mas não em bondade nem razão, e em outras que não conto, pelo tempo ser breve. A todos peço muito por mercê olhem a fé nossa de Deus e de el-Rei, por quem nos pomos ao sacrifício das honradas batalhas, e a pouca razão que o inimigo traz, e que sempre foram chorando de nossas mãos.

Agora, que tanta necessidade temos, olhe cada um por si, que no caminho não há taverna onde pousar, e que não é mais homem que outro o que não faz mais que outro. Já a este tempo era hora de armas e cada qual arremetendo ao que pôde haver à mão, se determinou a comer e beber o que mais aparelhado achou. E tal houve (como foi um Fernão de Medinilha) que a galinha crua, que o seu moço acabara então de espetar para a assar, lha tirou do espeto e a partiu por outros e por si, e assim a comeram, comendo e armando-se. E, sendo armados, tinham acabado juntamente de comer, e encomendando-se a Deus, e agradecendo a D. Lopo a mercê que lhes fizera em lhes trazer à memória àquela hora suas pouquidades, antes que os heróicos feitos que deles sabia, prometeram todos de fazer todo o possível, com ajuda do Senhor Deus e do Apóstolo Santiago e da bemaventurada Santa Ana, em cujo dia se lhes oferecia tão perigosa empresa, e de fazer pinhatas e panelas dos franceses. Dando então o sinal da peleja do dito galeão S. Mateus, onde D. Lopo estava com estes valorosos soldados, o começaram a cercar e investir, como tenho dito, os dois galeões, capitaina e almiranta francesa, de quem se defendeu valorosamente, havendo carregado sobre ele outras duas naus que, depois de lhe haver atirado alguns tiros e dado surriada de arcabuzaria, passaram adiante. Ao mesmo tempo, foram sobre o galeão S. Martinho, capitaina, outras duas naus francesas e, começando a combater com ele, se lhes deram tais duas surriadas com artilharia e arcabuzaria, que uma delas ficou maltratada, quase para se ir ao fundo; e assim se retiraram, havendo tirado a capitaina muita artilharia e arcabuzaria, e dando-lhe alguns tiros, recebendo também eles outra rociada de tiros e arcabuzadas da nau de D. Francisco de Bovadilha, que estava perto da capitaina. Pelejavam, todavia, a este tempo, a capitaina e a almiranta de França com o galeão S. Mateus, defendendo-se e ofendendo o mestre de campo geral D. Lopo de Figueiroa, com o vedor geral D. Pedro de Tharsis e os mais fidalgos e cavaleiros e a infantaria que trazia, valorosamente atirando aos imigos muitos tiros, arcabuzaria e mosquetaria.

Era temerosa cousa de ver acometer esta batalha, disparando primeiro a artilharia grossa, posta em seu lugar a gente, cheias de tiros as gáveas, estendidas as bandeiras, os galhardetes e flâmalas, ressonando os bélicos estromentos, soando os clarins e trombetas, e reverberando as luzidas, brancas e douradas armas, envoltas nas águas, e tudo revolto, aparecendo as diversas cores das curiosas librés e penachos, disparando as colubrinas e bombardas, esferas, meias esferas, passamuros e pedreiros, basaliscos (sic), peças grossas e tiros de campo, com tanto estrondo que a máquina do céu de riba desencasada parecia vir-se abaixo, como trocando os elementos seus próprios lugares, lidando contra si fogo, ar e água juntamente, e arder tudo em pura chama, e por entre o fumo e fogo as naus já abalroadas, feito seu efeito a pólvora, vir às espadas a fúria francesa e a cólera de Hespanha, travando-se a batalha sanguentada, crua, furiosa, e de ambas as partes porfiada, com estranhos golpes e feridas desaforadas, chovendo das altas gáveas alcanzias, balas, lanças, dardos, armas de peso arremessadas, ardente pês e resina, bombas alcatroadas e fogos artificiais, que o mesmo mar abrasavam; as águas todas cobertas de sangue, de gente e armas, tanto arnês despedaçado e rota tanta celada, tanta voz, tantos gritos e gemidos de tantos feridos, uns meios vivos, outros que no mesmo tempo expiravam. Mas, por fim, a fortuna de Filipe atropelou a de França, como irei dizendo.

Vendo o marquês que toda a armada de França tinha a de Hespanha pelas popas, e o aperto em que se achava o galeão S. Mateus com as duas francesas, fez virar sua capitaina na volta dos imigos, e o mesmo fizeram D. Cristóvão de Erasso e as mais naus da armada. E, acertando achar-se mais atrás a de Miguel de Oquendo, Vila Viçosa, e outra guipuscoana, foram então as mais dianteiras e chegaram mais prestes que outros a investir a almiranta francesa, que pelejava com o galeão S. Mateus. Depois chegou a nau de Miguel de Veneza, que combateu com a capitaina de França, como bom capitão, fazendo o mesmo os soldados que iam com ele. O estar esta nau em meio foi causa que por então o marquês não pôde abordar a capitaina francesa, e assim passou adiante.

Neste tempo, pelejavam com a nau almiranta as três que a tinham investido, estando pelejando com S. Mateus, donde todavia lhe tiravam muitos tiros e arcabuzadas. Era uma de Vila Viçosa, que a tinha investido por proa, onde pelejando com muito ânimo foi morto o dito capitão Vila Viçosa, com outros muitos mortos e feridos que houve em sua nau, como adiante se dirá. A de Oquendo a tinha investida por popa e havia deitado gente nela, começando-a a saquear e tomado quatro pessoas e as bandeiras. A batalha, andando já travada entre as mais naus hespanholas e imigas, foram logo outras duas francesas a socorrer a sua capitaina e, metendo-lhe dentro mais de trezentos homens de refresco, se desviou a de S. Mateus e nau de

Miguel de Veneza. Neste tempo, já o marquês tinha dado outra volta sobre os contrários, tirando-lhes muitos tiros, e, proa com proa da capitaina imiga, se investiram e abalroaram capitaina com capitaina. Combateu-se valorosamente de ambas as partes, tirando-se uma à outra grandíssimos tiros, arcabuzaria, mosquetaria e pedradas, por espaço de uma hora, que se tardou em rendê-la; onde se degolaram passados de trezentos franceses, e os cavaleiros, fidalgos e soldados que estavam em suas alcáçovas se assinalaram valorosamente. E o mesmo fizeram os capitães Agostinho de Ferreira e Gamboa, e seus alferes.

O marquês, como geral, andava nas alcáçovas, animando a gente e fazendo dar as cargas aos inimigos, provendo e ordenando o que mais convinha que se fizesse. A artilharia das cobertas alta e baixa fazia muito efeito com a boa diligência dos capitães, a cujo cargo estavam. Marolim e Rodrigo de Vargas andavam com muito ânimo ajudando a umas partes e a outras. E os da gáveas faziam o que lhes tocava. A batalha das outras naus se prosseguia, dando e recebendo grandes cargas umas a outras, e a de D. Cristóvão de Erasso tirava muita artilharia.

Pelejaram assim mesmo mui bem, as naus onde se acharam os capitães D. Miguel de Córdova, Cristóvão da Paz, Pero de Santo Estêvão, Diogo Colona, D. João de Biveiros e Cássio de Hierpa, Diogo Soares de Salazar e João de Bolanhos, tenente de geral da artilharia. Durou a batalha cinco horas, no fim das quais fugiram os franceses mui desbaratados.

D. António se tinha ido (como tenho dito) com um patacho e outra nau, a noite antes da batalha, para mandar prover de refresco e de outros mantimentos e munições a sua armada, de lá, da ilha Terceira, para onde foi. Meteram-se no fundo algumas naus francesas e outras ficaram desamparadas, havendo-lhe degolado dentro toda a gente, e indo-se alguns fugindo a outros navios. E, por as naus hespanholas não poderem dar cabo, nem embaraçar-se com elas, mandou o marquês que se queimassem e desfundassem as que pudessem, como se começou a fazer. Cobrou-se a caravela que tinham os imigos tomada, com os cavalos. Faz-se conta que na capitaina francesa se degolaram quatrocentos homens, porque os que ela trazia e os que lhe entraram de socorro, se entende que passaram de setecentos os que pelejaram nela. Na almiranta (a quem deixaram meia alagada as três naus que a tinham investida) se sabe que morreram mais de duzentos homens, e de uma das naus que se foram ao fundo, se afogaram trezentos soldados sem escapar mais que seu capitão. Das mais naus se degolaram muitos, especialmente de uma que renderam duas naus das de Guipuscoa, que, porque a uma lhe haviam morto alguns vasconçados, os degolaram eles a todos. E segundo esta conta parece que dos imigos morreriam nesta batalha até mil e duzentos, sem os feridos que foram muitos, afora os que o iriam nas naus que fugiram. Cobraram-se muitas mais naus imigas, se as nossas tiveram mais espaço e marinheiros para lhes poder dar cabo, mas com isto as deixaram ir sem gente e desamparadas. E assim se viu que a almiranta se deixou meia alagada, e outras quatro ou cinco se foram ao fundo defronte desta ilha de S. Miguel, da parte do sul, e o mesmo se tem por certo, que se afundariam outras, em outras partes.

Alguns portugueses pelejaram valorosamente nesta batalha naval contra os franceses no galeão S. Mateus, como foi Diogo Vaz Rodovalho, da ilha Terceira, que tinha vindo dantes em uma armada, por capitão de uma nau, e Francisco de Vila Lobos, que foi mui queimado das alcanzias do fogo. E um fidalgo português chamado Fradique Carneiro, licenciado em artes e teólogo, primo com irmão do conde de Mira, foi o primeiro que saltou na capitaina dos franceses, que estava aferrada com o galeão S. Mateus, e, entrando após ele outros poucos soldados, todos se tornaram a recolher, porque vinha novo socorro à capitaina francesa, e o galeão estava aferrado de quatro. Também, por mandar D. Lopo, com pena de morte, que ninguém entrasse na nau dos imigos, por estar muita gente ferida, e arrecear, andando os soldados ocupados na presa e saco dela, chegassem as outras naus dos contrairos dando sobre eles.

Era tão brava a peleja que chegavam os franceses às portinholas do galeão S. Mateus, e em os nossos tirando um tiro, lhe metiam os franceses pela boca um pelouro, para que tornando os hespanhóis a carregar ficasse a pólvora em vão e não tomasse fogo, até que os nossos caíram na trama, e pelas mesmas portinholas lançavam muitas panelas e alcanzias de pólvora, com que punham ao galeão em grande risco. E uma vez, lançando uma grande panela de pólvora, correndo grande perigo o galeão, um marinheiro português (dizendo a alta voz: — Jesus me valha) se abraçou com o fogo e o abafou e apagou, e ali deu a vida pela vida de muitos. O capitão tomou seu nome e de sua pátria, mulher e filhos, para serem providos de Sua Majestade.

Como tenho dito, o dia de Santa Ana amanhecendo a armada de França a balravento da nossa, se cumpriu o desejo de ambas e cometeram os franceses com grande fúria e terror. Tinha ordenado D. Lopo de Figueiroa, mestre de campo geral, que todos os coceletes (sic) de seu terço tomassem arcabuzes, considerando o que poderia suceder, e foi de tanta importância que foi grande parte para a nossa vitória, porque se pode dizer que fez de cada soldado dois, pois com o arcabuz ofendia, e com o cocelete e piques, que junto de si tinha, defendia. Iam na dianteira da armada francesa a sua capitaina e almiranta que com grande grita e som de trombetas aferraram o galeão S. Mateus e lhe deram tamanha carga de artilharia, mosquetaria, arcabuzaria e bombas de fogo, que parecia que o metiam no fundo. Mas D. Lopo tinha mandado que toda a sua arcabuzaria estivesse baixa a receber a primeira carga, sabendo que os franceses costumavam dar esta primeira fúria mui furiosa; e, recebendo-a com pouco dano, mandou à sua que lhe tornasse com o retorno. Estavam os franceses carregando seus arcabuzes, descobertos, e com tanta fúria e presteza jogou nossa artilharia e arcabuzaria, que a maior parte que sobre a coberta estavam morreram, e aos de baixo atemorizaram.

E assim das onze horas escontra o meio dia, se começou esta espantosa e cruel batalha naval, que foi uma das mais notáveis e insignes que houve neste mar, onde havia todo género de armas, artilharia, mosquetaria, arcabuzaria, piques, alabardas, chuças, dardos, coceletes, celadas, rodelas, espadas, adagas, pedras, fachas, lanças de fogo e bombas de fogo.

Neste tempo, tinha aferrado parte da sua armada com a nossa e de ambas as partes pelejava valorosamente cada um pela glória de seu Rei, sem se poder conhecer vantagem. Já a capitaina do marquês tinha tirado muitos tiros e, buscando a capitaina francesa por entre as duas armadas, ia sem que nenhuma nau imiga a ousasse esperar. Permitiu Deus que nenhuma cousa das que os imigos ordenaram se fizesse, e assim como a capitaina errou, assim todas desatinaram no aferrar.

Esteve o galeão S. Mateus aferrado de cinco naus poderosas em que entrava a capitaina e a almiranta, e pelejaram por espaço de quatro ou cinco horas, matando-lhe muita gente aos franceses, que nunca em todo este tempo ousaram entrar no galeão, porque aí tinham os nossos mais certa a vitória. Mas, era tal a bataria, que os mosquetes dos franceses passavam o tabuado e obras mortas do galeão e matavam alguma gente, e com a artilharia lhe mataram muitos bombardeiros, e foi roto o galeão, por só um costado em muitas partes, pela força da artilharia francesa. Sendo morta muita gente na capitaina, veio sobre ela o galeão S. Martinho. Neste comenos, de uma nau de socorro recolheu a capitaina francesa trezentos soldados de refresco (como tenho dito) com que ficou reforçada e se meteu a pelejar capitaina com capitaina, entre as quais houve cruel batalha com muitas mortes de franceses, até que foi entrada dos nossos e tomada e saqueada, e só nela se acharam cem corpos mortos, de armas douradas. ([372]) Neste encontro, mais que em todos os outros, se assinalou o marquês de Santa Cruz, que todos governava, com grande ânimo e acordo, e um D. Pedro de Toledo, digno de eterna glória, por se arriscar onde via faltar algum, animando a todos.

Era espanto ver a bataria de S. Mateus como se fora uma fortaleza, porque a almiranta francesa o tinha aferrado, na qual ia o conde de Brissac, acompanhado com trezentos valentes soldados e sessenta fidalgos, com peitos e fortes rodelas, juramentados de entrar no dito galeão ou morrer na contenda. Mas, S. Mateus ficou com milagrosa vitória de todos os imigos, que o tinham cercado e aferrado como lebréus a um touro. Basta que durou tanto a briga que veio a não ter mais que um barril de pólvora, e duas horas foi combatido antes de ser socorrido. Estava tão coberto de fumo que quase nenhuma cousa dele parecia e quando se mostrava descoberto parecia arder em vivo fogo e, matando um, outra maior chama se acendia, com que o ar estava ora abrasado, ora escuro, e o mar tinto de roxo, sangue de muitos mortos e feridos, e juncado de corpos, braços, pernas e outros membros que os tiros dividiam. E quase ambas as armadas se encobriram com o muito fumo das bombardas e arcabuzaria, ouvindo-se somente um horrendo e temeroso clamor. E, quando o vento às vezes descobria o lustro das armas, era pior para quem as tinha vestidas, pois faziam nele pontaria.

Neste recontro, se assinalaram muitos soldados hespanhóis, afora os que tenho dito, e alguns portugueses que direi adiante. Os hespanhóis e biscainhos que mais se assinalaram nesta batalha foram D. Pedro de Tarsis, vedor geral da armada, e o capitão Rosado com sua gente. D. Hugo de Moncada, que também foi vitorioso em Frandes e outras partes, D. Félix de Aragão, D. Godofre Bargadil, D. Afonso Pacheco, D. Francisco Bovadilha, que vinha na urca chamada S. Pedro, a qual, no segundo encontro (estando S. Mateus já aferrado) foi investida de uma nau francesa bem artilhada, e matando-lhe os hespanhóis da urca muita gente,

brevemente procurou de escapar de tal perigo e, vendo-a apartar outras duas naus francesas, que a iam também investir, deram volta sem acometer, pelo temor que cobraram. Estas foram as primeiras naus dos imigos que naquele dia se retiraram da batalha. Na mesma urca vinha Sancho Solis, capitão da Liga, mui nomeado, que pelejou nela com sua infantaria, e um seu irmão a quem na peleja com um mosquete atravessaram um braço. Na nau biscainha, chamada Maria, o capitão Vila Viçosa, tão esforçado que ousou amainar no meio dos imigos onde o aferraram com grande fúria três naus de muito maior porte e mais alterosas, com que foi sua nau entrada três vezes dos franceses, e fazendo os biscainhos grande estrago neles, todos foram mortos, mas morreu ele pelejando valorosamente; e de noventa soldados hespanhóis só ficaram sete vivos, onde também se sinalou, pelejando, o famoso capitão Luís Guevara, e por fim se retiraram todas as três naus francesas, ficando a nau biscainha vitoriosa. A Dom Miguel de Erasso investiram e cercaram tantos imigos, que vendendo ele e os seus, pelejando, bem suas vidas, ali feneceram. A capitaina de Biscaia (cujo capitão era Miguel de Oquendo) onde ia João Chacon e Álvaro Barragam, capitães de infantaria, socorrendo a D. Lopo, e aferrando-se com a almiranta francesa a bateram tanto com a artilharia e arcabuzaria, que quase lhe mataram toda a gente que trazia, ajudados da nau biscainha, chamada Boaventura, cujo capitão era Filipe Seirão, que aferrou também a almiranta, pelejando com ela três quartos de hora. Neste tempo soltaram as amarras, tendo já S. Mateus metido uma nau no fundo e queimado outra. Os que ficaram na almiranta pelejaram valorosamente. A biscainha e a capitaina de Biscaia lhe lançou soldados dentro, que mataram a gente e a saquearam, tomando-lhe suas bandeiras, e foram delas senhores uma hora, e por estar a nau maltratada se recolheram e retiraram; e alguns imigos que escaparam debaixo da coberta a marearam e fugiram, mas depois se foi ao fundo por ir mui rota e desbaratada.

Sinalaram-se também o capitão Pero Pardo, que furiosamente foi socorrer a nau de Miguel de Oquendo, e os capitães Cassio de Hiera e Miguel de Meza, que com grande pressa acudiram a D. Lopo, aferrando-se com a capitaina francesa. E os feroces (sic) capitães D. Miguel de Córdova e Cristóvão da Paz, que se atravessaram e detiveram o passo a uma nau francesa que ia dar socorro aos seus, e matando-lhe todos os que iam dentro, em espaço de meia hora que com ela pelejaram, se saíram trazendo a nau inimiga diante de si, e fazendo-a queimar para maior honra sua; e D. Cristóvão de Erasso, o qual acometendo com a proa posta aos imigos, não pôde chegar a eles, mas de longe andava aos bordos, disparando neles espantosa artilharia, com que lhe fez grande dano; e D. Pedro Mendonça e Lázaro de Isla, que na nau Misericórdia, socorrendo a D. Lopo, se aferraram com a capitaina onde estava Filipe Strosse, até que vindo sobre ela o marquês, se retirou, dando lugar ao major; e os dois capitães Luís Vilharte e Pero Mendiola, que na dita nau iam e pelejaram bravamente; e três capitães, D. João Chacon, Lopo de Salazar, e Maldonado, que na nau Abestruz mostraram seu grande valor contra os imigos; e o capitão Diogo Soares que na nau biscainha, chamada Santa Maria da Penha de França, com sua furiosa espada fez grandes estragos nos contrairos; afora outros capitães que fizeram cousas memoráveis, a que não soube os nomes, e outros que não pelejaram por não poderem chegar com o vento contrairo, que os franceses tinham em popa; e sobre todos o marquês de Santa Cruz, que como touro irado no corro, revolvendo-se a um e outro lado, à parte que faz arremetida o povo turbado vai fugindo, ficando só o touro na erma e rasa praça.

Era tanta a fúria e bataria, que parecia fundir-se a terra, abrir-se o céu, romper-se o ar, mudar-se o mar e embravecerem-se as ondas, que então estavam quietas, andando os homens nelas embravecidos, feitos ondas furiosas; até as enxárcias parecia que davam gritos, lamentando tantos destroços e mortes, derribadas com os golpes dos pelouros; as velas inchadas se rasgavam, as obras mortas se quebravam e umas se ajuntavam tanto com outras, que se faziam pedaços que para o céu voavam. Ver a pressa dos soldados, assestando a todas as partes as peças de artilharia e arcabuzes, ora por um, ora por outro costado, ora indo pelejando de popa à proa, ora de proa para a popa, uns tirando fogo, outros apagando-o, usando cada um de suas armas e às vezes das alheias, aventurando as vidas próprias por se assinalar nesta empresa, era enfim tudo um fim presente e uma triste e escura sombra de morte.

Quando as duas naus francesas deitaram de socorro na sua capitaina os trezentos soldados que tenho dito, com que se desaferrou do galeão S. Mateus, vendo o marquês que procurava escapar e sair-se dos nossos, se foi chegando, jogando muitas peças de furiosa artilharia, até que se aferrou ali com a dita capitaina, não reservando sua pessoa, mas assinalando-se, pelejando varonilmente do castelo de popa, acompanhado e ajudado de

valentíssimos fidalgos e cavaleiros, sem nenhuma covardia, onde andava D. António de Toledo, mostrando o valor de sua pessoa, e D. António Pessoa, que em serviço de Sua Majestade se tinha achado em perigosas empresas, usando sempre o exercício da milícia e armas belicosas; e D. Diogo Henriques que, dando socorro a Malta, foi de cossairos cercado e cativo, o qual não escaramentado de tal perigo passado, se punha e arriscava então em outro, fortemente pelejando. Aqui e em outros recontros pelejaram também valorosamente alguns portugueses aventureiros, como foram Gaspar de Sousa de Moura, filho de Álvaro de Sousa e sobrinho de D. Cristóvão de Moura, o qual pelejou esforçadamente no castelo de proa; Fradique Carneiro, neto do secretairo velho, esteve dentro da nau dos imigos e tornou-se a retirar por lho mandarem; Gonçalo Ribeiro, natural de Guimarães, Diogo Vaz Rodovalho, natural da ilha Terceira, ao qual mandou D. Lopo estivesse sempre com ele, e procedeu tão bem, ele e os demais, que ao Diogo Vaz fez el-Rei mercê de uma comenda grande, e a Gaspar de Sousa de outra e ao Fradique Carneiro doutra. Também se assinalou D. António Manuel, irmão do conde da Atalaia e neto do conde da Castanheira, a que Sua Majestade fez muito gasalhado, quando lhe foi beijar a mão, por ser tão mancebo e se embarcar em uma empresa tão honrosa, e lhe deu um grande despacho para a Índia, onde agora está. Sinalou-se também Francisco de Vila Lobos, natural de Ceita (sic), ao qual D. Lopo entregou a artilharia em uma estância, para que pelejasse com ela, onde, estando em uma portinhola do galeão S. Mateus, apegado de uma arma dos imigos, que em outra portinhola do galeão contrairo estavam, lhe mataram a seu lado um sacerdote português com um pelouro de escopeta, e, afora os mortos, este Francisco de Vila Lobos, só dos cavaleiros portugueses (pelejando todos valorosamente), foi ferido e muito queimado, pelo que el-Rei lhe fez mercês.

Sinalaram-se também dos portugueses D. Diogo de Castro e João Gomes da Silva, esforçados cavaleiros, e Manuel Correia, que agora é sargento-mor nesta ilha, a quem foi encomendada outra estância de artilharia. Deste galeão S. Mateus eram mestre e piloto portugueses. Ao piloto, chamado Sebastião Gomes, natural de Lisboa, fez el-Rei mercê do hábito de Santiago, com outras mercês muitas, e ao mestre, por nome António Gonçalves, natural de Viana (a que levaram um braço com um pelouro, e viveu) fez Sua Majestade muitas mercês; afora outros muitos portugueses dignos de memória, a que não soube os nomes. Sinalou-se também o marquês de Favara, Agostinho de Ferreira, e outro fidalgo, cujo sobrenome é Gamboa, e o capitão Marolim e o capitão Bovadilha, que (como tenho dito) acudiu a estorvar que não chegassem à capitaina francesa duas naus que lhe vinham de socorro, fazendo-as arredar, com muita gente morta; e o capitão D. João de Biveiros que com grande ardil intentou de abater o estandarte real da capitaina inimiga, da gávea mais alta, mandando subir um biscainho de estranho atrevimento e ousadia pelas enxárcias, o qual atirando-lhe o bando francês com um mosquete e levando-lhe o pelouro um braço, com o outro que lhe ficou saiu vitorioso com a empresa e estandarte na mão, entregando-o ao dito D. João de Biveiros, que o levou arrastando pelo mar, o que deu princípio à vitória, porque vendo-o levar daquela maneira não ousaram as outras velas francesas socorrê-la e se tiveram por perdidos, desbaratados e vencidos, pondo-se todos em fugida.

Tendo o marquês rendida a capitaina, foram os hespanhóis entrando nela, matando e saqueando, tocando pífaros e tambores, soando trombetas e tangendo charamelas, com grandes gritos de alegria, apelidando a vitória de seu bando, mas com crescidos clamores e tristes choros dos franceses, muitos dos quais tomaram e prenderam dentro na sua mesma capitaina, onde topando um soldado hespanhol a Filipe Strosse, por se não querer render de ambicioso, lhe deu uma mortal ferida. Também foi preso o conde de Vimioso, ferido de uma estocada e lançada, os quais, depois que se deram à prisão, foram levados ao galeão S. Martinho, nossa capitaina, onde logo morreu Filipe Strosse, mas o conde nunca descobriu seu nome, sem o conhecerem ali até descobrirem quem era, com que o marquês se alegrou muito e o recebeu com brandas e doces palavras, por ser seu parente, e perguntando-lhe em que navio vinha D. António ([373]), lhe respondeu que um dia antes da batalha se fora para a Terceira, donde não visse matar aos seus, como entendia, deixando ordem a Filipe Strosse que aferrasse e não perdoasse. Perguntando-lhe mais porque dilataram dar a batalha, tendo tanta armada e gente junta e tão próspero vento, respondeu ser a causa porque Filipe Strosse, tendo a vitória por certa, pretendeu render a nossa armada a algum partido, o qual era que lhe pagassem o que tinha gastado, sendo D. António ([374]) de contrairo parecer, e querendo que se tomasse a nossa armada e com ambas juntas fossem logo tomar as naus das Índias, do oriente e ponente, que não podiam tardar muito, onde tomariam tanto ouro que abastasse para pagar o que tinha gastado, ainda que fosse três e mais vezes tanto; com a qual resposta se

determinou Filipe Strosse a dar batalha, como deu. Dizem também que descobriu segredos mui importantes a el-Rei Filipe e a estes Reinos de Portugal, e a cabo de dois dias faleceu o dito conde, arrependido, com muitos sinais de bom cristão.

Depois de morto o conde, se soube por cousa certa que viera D. António a guarnecer a ilha Terceira e a deixar esta de S. Miguel sujeita e reduzida a seu serviço, com a ilha da Madeira, por ser tão rica, porque nela e nestas dos Açores pretendia ajuntar um milhão de ouro, com que defenderia seu partido. E, juntas as armadas das Índias com estas duas, faria liga com França, Inglaterra e Flandres, para dar guerra a el-Rei Filipe, a qual dizem ter concertada entre a Rainha mãe em grande segredo, para se pôr em efeito, acabando de fazer esta jornada e, tendo congregada esta gente, tomar o Reino de Portugal, se pudesse.

Finalmente, depois de nossa armada pelejar cinco horas tão valorosamente, como era necessário e os imigos o requeriam, por vir na sua armada quase a frol de toda França, houve Deus, Nosso Senhor, por bem dar vitória à nossa armada, tocando a capitaina do marquês uma trombeta em sinal dela, e houve grande destroço e mortandade na armada francesa. Dizem que fugiu o conde de Brissac em um pequeno barco, e os imigos fugiram mui desbaratados e desatinados, sem saber por que parte os seguiriam e lhe iriam no alcance, deixando perdidas catorze naus, e presos trezentos franceses, em que entravam muitos monsiores e nobres de França, e três mil mortos, afora muitos feridos. Foi esta batalha e vitória (como tenho dito) cinco léguas desta ilha de S. Miguel, para a banda do meio dia. Dos nossos, foram mortos trezentos e feridos quinhentos, ainda que outros dizem menos mortos e mais feridos, como logo direi. Nisto se pode ver quão brava foi a batalha e quão milagrosa a vitória, que os nossos feridos, que se vieram curar a terra, eram muito para ver e muito mais para magoar, porque traziam pernas e braços cércios fora, outros queimados e como esfolados, outros passados com duas e três arcabuzadas, os quais se curaram no hospital e Casa da Misericórdia de Vila Franca e no hospital e Casa da Misericórdia da cidade da Ponta Delgada, onde então era provedor o ilustre bispo D. Pedro de Castilho que os fez curar com muita diligência e entranhas de caridade; donde se pode coligir quais iriam os imigos que escaparam. Seguiu-os o marquês na capitaina até que sarrou a noite, em que mandou pôr dois faróis nas gáveas em sinal de vitória.

CAPÍTULO CIII ([375])

DOS MORTOS E FERIDOS DE AMBAS AS PARTES NESTA BATALHA E DOS FRANCESES QUE NELA FORAM PRESOS

As pessoas principais que vinham na armada francesa e as que nela prenderam e morreram, e as que fugiram, são as seguintes:

Filipe Strosse, geral da armada, prendeu-se, ferido de uma arcabuzada de que logo (como o levaram diante do marquês) morreu.

O conde de Vimioso, prendeu-se, ferido de arcabuzadas e uma estocada, de que morreu na capitaina, o outro dia depois da batalha.

O conde de Brissac, logo-tenente de Filipe Strosse, salvou-se fugindo, vendo a rota de sua armada; outros dizem que não entrou na batalha, com suas oito naus.

Monsior de Beaumont, mestre de campo geral do exército, morreu na batalha.

Os oito cabos de outros tantos regimentos (que disseram os franceses presos vir nesta armada, e neles seis mil e oitocentos soldados, compreendidos os aventureiros), de uns dizem que são mortos e outros feridos.

Os senhores de vilas e castelos que se tomaram na armada vivos e presos:

Monsior de Bocamaior, senhor de Ruzella

Monsior João de Latos, senhor de Heria

Guilhelmo de São Cler, senhor de São Cler

Luís de Clem, senhor de Brons

Pierre de Vui, senhor de Quenes

Gilbert de Vuel, senhor de Vuel

Monsior d'Auda, senhor d'Auda

Monsior Franconis, senhor de Montilla

Monsior Jacques Bai, filho maior do senhor de Biopales

Monsior Robeja de Lella, filho do senhor de Veosoli

Monsior Gilelmo Mason, senhor de Falha

Monsior Rigart de Piloat, senhor de Matari

Monsior Belerá de Arigart, senhor de Estrujas Pierre de Bram

Monsior de Gal, senhor de Gal

Monsior de Gifardi, senhor de Gifardel

Monsior de Onct, filho maior do senhor de Gracol

Oduart de Langert, senhor de Apiel

Fabio Ganzet, filho do senhor de Gancete

Monsior Pierre Jailato, senhor de Sans

Monsior Filipe Meteti, senhor de Sabruza

Monsior João de Bocamaia, senhor d'Arozila

Claudio de Pamolim, senhor de Popolim

Jacobo Lazarcam, senhor de Lazarcam

Monsior de Mondoc, ou Mondoe (?), senhor de Mondoc, ou Mondoe (?).

Os fidalgos prisioneiros, não senhores de vilas nem castelos:

Pierre de Noi, irmão do senhor de Grecol

François Fusto, irmão do senhor de Hetsaus

Claudio de Ardalha

Antonio Coblal

Acencerei

Pierre Imbim

O capitão Jaques

Martim de Tubelhi

Jacobo de Lum

François de Nautoneli

François Pietre

Mateo Lupi

Benit Jorga

René Boonon

Nicolau Vitar

Tomaz de Laveros

João de Brusmão

Robert de Davasiert

Guy de Muhafu

Jorge de Boas

Pier de Maribai

Claudio de Musu

Roni de S. Martim

Antonio Brodel

Miguel de Brufa

Guilhermo Menart

Limesce

Pierre Leprobol

Alessie de Rivera

François Pensso

Monsior Antonio de Brusio, capitão de infantaria

Bietri Jorquerti, capitão de infantaria

Claudio de Ploanem, tente ([376]) de monsior de Boamont

Lapueli

Menseroy

Boudios

Camer

Matheo Pui

Pierre de Mariban

Jauberdio

O proto-medico (sic) monsior Abraham

François Buculi

Carle de Sancta Vetu

Saubat de Lisceos

Tomaz de Lone

Pierre de Clamadier

Luís de Neust

Claude Nainoct

Doribat, capitão de infantaria

Eliat de Sayam

Ano de Trevilho.

Além destes, houve prisioneiros, entre marinheiros e soldados, trezentos e treze.

Os mortos e feridos que houve na armada de Hespanha, o dia da batalha:

No galeão S. Martinho (capitaina):

Feridos: setenta — Mortos: quinze

No galeão S. Mateus:

Feridos: setenta e quatro — Mortos: quarenta, afora alguns que ficaram no mesmo chamuscados de fogo artificial, e entre eles o vedor geral no rosto;

Na nau Maria de Guipuscoa

Feridos: cinquenta e dois — Mortos: quarenta e cinco

Na nau S. Vicente

Feridos: vinte e oito — Mortos: vinte e sete

Na nau Santa Maria de Yciar

Feridos: dezassete — Mortos: cinco

Na nau Boaventura

Feridos: cinco — Mortos: seis

Na nau Joana

Feridos: vinte e sete — Mortos: treze

Na nau Catarina

Feridos: sete	Mortos: treze

Na nau de Oquendo

Feridos: vinte e quatro	Mortos: dezassete

Na nau Santo António de Boa Viagem

Feridos: dezasseis	Mortos: quinze

Na nau Misericórdia

Feridos: treze	Mortos: seis

Na nau Nossa Senhora da Penha de França

Feridos: treze	Mortos: dois

Na nau S. Miguel

Feridos: sete	Mortos: nenhum

Nas outras mais naus da armada

Feridos: cento e noventa	Mortos: vinte

De maneira que houve, por esta conta, na armada de Sua Majestade, quinhentos e cinquenta e três feridos nesta batalha, e duzentos e vinte e quatro mortos, que são todos setecentos e setenta e sete.

CAPÍTULO CIV ([377])

DE ALGUMAS COUSAS QUE PASSARAM EM TERRA, ENQUANTO NO MAR ANDAVAM AS DUAS ARMADAS PELEJANDO

Andando no mar as duas armadas contrairas, travadas na batalha que agora acabei de contar, andavam nesta ilha os religiosos e sacerdotes com o povo fazendo procissões, em que pediam a Deus paz e concórdia entre os príncipes cristãos, para quietação de seus povos; e alguns, em seus corações, rogavam a Deus particularmente desse vitória à armada de Hespanha, outros à de D. António ([378]), mas no geral se pedia que se lembrasse Deus dos cristãos e alumiasse os errados. A quarta-feira, dia do Apóstolo Santiago, viam de terra as armadas apartadas grande distância uma da outra para o sul, defronte de Vila Franca do Campo, onde na igreja matriz do Arcanjo S. Miguel, junto o povo para ouvir missa, houve uma excelente pregação de um padre da Companhia, chamado Faustino de Maiorga que aí os franceses trouxeram de um navio que da ilha da Madeira havia saído e encontrado com sua armada, no qual o dito padre e um seu companheiro iam por passageiros. A qual pregação foi sobre aquelas palavras do Evangelho da mesma festa: — **Nescitis quid petatis. Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum? Dicunt ei: possumu**s. Onde consolou grandemente os cristãos, animando-os, dizendo que ainda que muitas misérias, trabalhos e perseguições passássemos, tudo permitia o Senhor para melhoria nossa e glória sua. Um frade domínico português, chamado frei José, que em companhia de ([379]) D. António viera, estava então assentado com os mordomos da mesa do Santíssimo Sacramento, defronte do púlpito, onde ouviu e interpretou a pregação a seu gosto e vontade, porque, acabando de pregar e descer do púlpito o padre da Companhia, logo se ergueu ele em pé e disse a todo o povo que estivesse atento ao que queria dizer e manifestar. E advertido e atento o povo, começou ele em alta e inteligível voz, a dizer: — Vendo eu que o padre que acabou de pregar é português, lhe dei licença que hoje pregasse na igreja do Arcanjo S. Miguel, entendendo que ele pregaria e declamaria o que vos convinha saber acerca do nosso Rei D. António, que vedes e sabeis anda com sua armada procurando vencer o imigo, como prestes vencerá, e a declarar-vos o que há feito e fará por nos dar liberdade e paz, e para nos fazer grandes mercês, o que o padre não pregou nem tratou senão do Evangelho, o que todos já sabeis, e disto que tanto vos importa saber e fazer, nada disse; pelo que a mim convém avisar-vos: — Haveis de saber que o vosso Rei e senhor D. António é Rei e senhor destes Reinos de Portugal e assim lhe são concedidos e o direito deles pelo Papa. E porque el-Rei de Castela com poder e força se apoderou deles e ora os está possuindo com ter guarnição e gente de armas neles injustamente e contra direito, conveio a vosso Rei e Senhor buscar modo e vias como deste Reino saísse escondido, tendo antes escapado com feridas mortais, das quais, dando-lhe Deus saúde, andou escapando de não ser preso nem morto de seus imigos, ora vestido em trajos de pastor, ora de lavrador, ora fugindo de barco em barco, ora de monte em monte, até vir dar em uma serra mui espessa de arvoredo, fragosa e áspera de caminhar, dormindo sobre pedras à chuva e ao vento, buscando caminhos e veredas por onde pudesse sair de lugar de povoado, para ver se pudesse (escapando com vida) ir buscar quem em direito e justiça o pusesse com seu contrairo e favorecesse com armadas e gente, até ser tornado à posse de seus Reinos e Senhorios. E, estando uma noite cuidando nisto, lhe apareceu uma estrela junto de terra, no ar, como fez aos Reis Magos, e o começou a guiar, com que ele louvou ao Senhor por tal mercê, e pôs em sua vontade de seguir o caminho que aquela estrela lhe mostrasse. Assim andou após ela até ver a luz do dia, em que se achou na praia de Setúvel, onde viu uma grande nau que de verga de alto estava disposta e aparelhada para partir, e perguntando para onde se fazia prestes aquela nau, lhe foi dito da barca da mesma nau, que para Inglaterra; perguntou como se chamava a dita nau, disseram-lhe que os Reis Magos. Logo disse ele: — nela me convém ir; levai-me dentro a ela. Recebido na barca, foi levado à nau e vendo-a tão formosa e grande, e de tal nome, louvou a Deus em seu coração, dizendo que, para ter bom sucesso do que

desejava e esperava, Deus o havia tirado daquele deserto e serras onde andava perdido, e com sinal, como os Magos, o tinha trazido a tal lugar e à nau de seu apelido. E que desta jornada fora a Inglaterra e a Frandes e a França, e contando-lhe suas cousas, à Rainha mãe e aos grandes de Frandes, de França e Inglaterra, lhe prometeram dar tanto favor e ajuda quanto bastasse e fosse necessário para cobrar e recuperar seu Reino, com maior aumento, e veriam como quanto possuem e têm os luteranos hespanhóis tudo há-de vir a sua mão, porque esta tão grande armada que aqui vedes, que traz Sua Majestade (onde vêm príncipes e grandes senhores mui cristianíssimos de França, e o senhor Filipe Strosse, grande príncipe do mar, com grandes galeões e gente à sua custa e de outros seus amigos, e os mesmos senhores vêm em pessoa para cumprir o que têm jurado e prometido de meter de posse ao vosso Rei em seu Reino e dar-lhe ganhado o de Castela), é toda ([380]) muito pouco (ainda que tal é tão forte que basta para destruir quatro das dos luteranos hespanhóis que ali vedes, e será muito pouco ganhá-la em duas horas, segundo é forte e de valorosos capitães e senhores de França) para as que se esperam; e vêm já pelo mar D. Diogo de Menezes com cinquenta grossos galeões e naus de armada, que fez em Frandes e em Inglaterra; Duarte Perin com outros vinte ou trinta galeões; e a da Rochela com outros tantos; e sendo junta com esta que vereis presto ganhada, averiguando estas ilhas que fiquem fortalecidas e bem fortificadas, logo partirá Sua Majestade a tomar posse do seu reino, porque todo está aparelhado para se lhe entregar, como ao conde de Vimioso e ao bispo da Guarda, todos os condes e senhores de Portugal têm prometido, e logo tomarão a Castela; e haveis de saber que vosso Rei é tão católico que não quis ajuda do Grão Turco, que também para tudo isto lha dava. E não traz nenhum luterano consigo, senão todos católicos, que por exalçar a fé católica hão passado muitos trabalhos e visto-se em grandes guerras e encontros com luteranos; e o senhor Filipe Strosse traz uma honrosa cutilada pelo rosto, recebida por destruir luteranos, e outros grandes senhores que aqui vêm muitas feridas e golpes que houveram por exalçamento da fé. Assim vereis como deles sois bem tratados e defendidos, e não tão somente não tomarão o vosso, mas antes vos darão do seu, pagando-vos o que vos comprarem inteiramente, sem vos fazer ninguém injúria, como lhe é mandado a todo soldado, que nenhum agravo faça a nenhum português, tanto vos estima Sua Majestade, e por isso agora que vedes ser necessário o ajudar com orações e fazer procissões para que Deus lhe dê vencimento do imigo, com quem já anda em batalha, ainda que é tudo muito pouco para ele, mas todavia para que vos mostreis bons súbditos e vassalos, é razão que assim o façais, e para isto foi dada licença ao padre que pregou, para que vos avisasse e informasse, e ele não quis tratar senão do Evangelho, e não do que importava. Sabei que quando são guerras necessárias, Deus as quer e permite, senão vede a de Faraó em Egipto, e como foi destruído, e vede outras muitas que o povo de Deus teve com seus imigos; tudo se acabou por guerra. Bem vedes quanto nos é necessário alcançar nosso Rei a vitória, para que fiqueis todos livres desses luteranos, espanhóis e castelhanos, que desejam e querem tomar e haver vossas fazendas e terra, e cativar vossas mulheres e filhos. E vosso Rei, por vos livrar de tudo isto, anda em pessoa pelejando com eles; e pois isto vos é notório, rogai todos a Deus lhe dê deles vitória. E assim fareis o que deveis e sois obrigados como bons cristãos e súbditos. Dizendo isto e outras mais cousas, este padre deu fim a sua prática, a que todos os circunstantes estiveram calados, o que foi claro sinal de lhe não ser agradável, principalmente porque o padre da Companhia tinha tão bem e tão direitamente falado e dado tanta doutrina e tão suave, que arrebatou os corações de todo o auditório e povo e os uniu com Cristo. E, como os moradores desta ilha estão tão enfadados de sedições, nem por o que este frade então disse deram nada, nem falaram nada; nem edificou cousa alguma sua tal doutrina, especialmente aos sacerdotes e aos discretos e honrados. E, acabada a missa, houve homem que indo para acompanhar sua mulher para casa, lhe disse ela, pelo dito frade frei José: — Marido, eu ouvi agora o Anti-Cristo; é certo que este frade o parece; o pregador d'antes pregou a palavra de Nosso Senhor com tanto espírito que a todo o povo consolou e edificou, e este a todos desagradou e descontentou, com tanta sizânia que falou. Contudo, por ser tempo duvidoso, por estar a batalha do mar em balança, não ousavam os homens falar na terra a verdade que entendiam; e, sendo então como dobrões de duas caras, foram acompanhando muitos com grande caterva o dito frei José, da igreja até sua pousada.

Ao meio-dia da mesma festa do Apóstolo Santiago, se viram em Vila Franca descobertas ambas as armadas, que antes estavam cobertas com sarração de grande nevoeiro que no mar havia, que ainda que as não viam, ouviam os da terra o grande estrondo da artilharia e tom da mosquetaria que entre si atiravam, e entendendo que já pelejavam, se fez uma devota procissão em que ia muito povo; e outra parte dele fez outra da vila até Ponta da Garça. Todo aquele dia ouviram no mar os mesmos estrondos. Ao seguinte, que era festa de Sant'Ana,

viram o galeão S. Martinho, onde ia o marquês, rodeando e como ajuntando suas naus, como faz o bom pastor no lugar onde se teme de lobos, e sentiram travar a escaramuça da batalha às onze horas, como atrás tenho contado. E o tirar das bombardas e mosquetaria era tal e tão contínuo, que aos que estavam em terra parecia que todas as naus e ambas as armadas se acabavam, e os que dali escapassem não prestariam para nada; pelo que toda a cleresia e gente de Vila Franca andava em procissão, e a justiça e vereadores em cuidado de mandar refresco a D. António ([381]), porque havia na vila alguns franceses que ficaram em guarda de Aires Jácome Correia, que com D. António viera e ficou ali enfermo, para se curar no mosteiro de S. Francisco, não por vontade do guardião, frei João de Faro. Ficaram também alguns franceses, como digo, na terra, por causa de um senhor francês que ficou doente em casa do Correia, genro de Francisco Lopes, de que logo direi. O estrondo e tom das bombardas e basta mosquetaria não cessava, dizendo uns que os franceses venciam, outros que os espanhóis eram vencedores, afirmando cada um o que mais desejava. Durou este estrondo das onze horas do dia até às cinco da tarde, ao qual tempo, clareando o ar e vendo-se o mar, foram os de terra descobrindo ambas as armadas, que, com o espesso fumo das bombardas e tiros, dantes se não viam. E divisaram três ou quatro naus ir destroçadas de mastos, enxárcias e obras mortas. E entenderam alguns que a armada francesa era desbaratada e que dos espanhóis era a vitória, como na verdade assim passava.

Depois do marquês ter alcançado a vitória que tenho dito, tão gloriosa, andou três dias bordeando com vento contrairo para arribar a terra, levando por popa do galeão S. Martinho, metido em um ceirão, o corpo morto do conde de Vimioso, com tenção de lhe ir dar em terra honrosa sepultura e estar presente a seu enterramento, por ser seu parente. Mas, por não poder chegar tão prestes e cheirar mal o corpo, lhe foi forçado deitá-lo no mar, onde nas águas salgadas dele ficou sepultado.

Divisaram os da terra o galeão S. Martinho vir para ela com sua bandeira no masto maior, como sempre trazia, do que inferiram ser nossa a vitória; e assim o conheceu o Capitão Alexandre, do lugar onde estava apartado e escondido do povo. Logo ao outro dia pela manhã, que era sexta-feira, vinte e sete de Julho, viam os da terra que umas naus se apartavam das outras, tristes com os mastos do meio quebrados e desfeitas de castelos e duas delas indo na volta da cidade e derrota da Terceira; e a noite que sobreveio lhas encobriu de todo no mar, mas ficou descoberta a tristeza dos frades e franceses que na terra andavam, que seriam até dezoito os que apareciam, afora quase outros tantos que se não viam, os quais franceses se acolheram logo em um patacho dos que tinham tomados, fugindo nele ao longo da costa.

Por mandado do padre frei José, estava em uma caravela, posto em guarda em poder de franceses o padre Maiorga, quando acabou de pregar o dia de Santiago, e seu companheiro; os quais franceses, vendo que os outros iam fugindo, ficaram temorizados, e arreceando o padre Maiorga que quisessem também fugir, lhes disse: — Amigos, não temais, que eu vos prometo se vos dará a vida, se fazeis o que vos eu disser; levai-nos ao galeão capitaina e eu vos empenho a cabeça que não recebais nenhum dano. Segurados os franceses e contentes do partido, se puseram logo em via, entregando suas espadas aos padres que lhas pediram, por irem mais seguros; e assim se foram apresentar ao marquês, que os recebeu amorosamente, por haverem passado trabalhos em poder de frei José, já dito, e outorgou a vida aos franceses.

Andava nossa armada toda junta, seguindo o galeão S. Martinho, e, como todos entenderam claramente serem os franceses rotos e vencidos, apareceu o Capitão Alexandre que de receio e temor dos moradores de Vila Franca andava escondido nos matos, e veio mui seguro à praça, com Manuel Favela, cidadão da dita vila, que também de novo apareceu. E disse o dito Capitão Alexandre a Manuel de Castro e a outros honrados da governança que ele se queria ir ver com o marquês, e pedir-lhe de mercê que não mandasse Sua Excelência saquear aquela vila, e que se tardava já em ir lá; e confiava em Deus alcançar do dito marquês mercê tão importante. Logo se embarcou em um barco, ele e Francisco de Arruda da Costa e João de Melo, seu genro, Manuel Favela, Batolomeu Nogueira e Manuel de Castro. Todos foram bem recebidos do marquês, e muito mais o Capitão Alexandre, que de muito tempo na guerra de serviço de Sua Majestade o tinha conhecido, ao qual concedeu perdão para a vila e para Aires Jácome, que não se pôde embarcar. Prometeu de o levar vivo a Sua Majestade, a quem pediria por ele mercês. Assim se tornaram mui contentes e alegres do bom gasalhado e despacho do marquês, a aparelhar cousas de refresco que lhe mandar e pôr em obra de haver às mãos o padre frei José e outro francisco, que em terra ficaram, da banda do norte, com

Aires Jácome, para se acolherem em um barco em que se foram, tornando a desembarcar o dito Aires Jácome, por estar muito enfermo. Ficaram também em terra um francês, fidalgo, doente, e seus criados e guarda, ao qual logo o dito Capitão Alexandre, por ordem do marquês, foi prender a sua pousada. Mostrava este francês ser homem de muito preço, de gentil corpo e rosto, mancebo de trinta anos, bem proporcionado, de boa estatura e bem tratado, grande fidalgo, senhor de muitas vilas e lugares em França, segundo diziam, e trazia nesta armada sete naus suas, com as quais vinha ajudar a D. António ([382]). Levantando-se este francês da cama, onde estava enfermo e acabando-se de vestir, caminhou com ele e com os mais para a cadeia que perto estava; e, antes de partir, tremia e dizia, com as mãos alevantadas, ao Capitão Alexandre: — **reserva-me la vit**a. O Capitão lhe respondia em italiano que esforçasse sua senhoria, que em tais transes havia de ter bom ânimo. Chegando à cadeia, lhe tornou a dizer o francês: — **reserva-me la vit**a, onde o Capitão Alexandre lhe tirou uma bolsa de seda, em que estavam até sessenta peças de ouro, de sua moeda, e do pescoço uma rica cadeia e um esgravatador e algumas peças, tudo de ouro, de que se fez inventário. Rogando o francês e dizendo então mais afincadamente: — **reserva-me la vit**a, o Capitão Alexandre lhe prometeu que faria tanto com o marquês que lha concedesse, quanto por um irmão seu; e assim foi que, por este francês se não achar na batalha do mar, e por lho pedir o Capitão Alexandre, antes que nenhum fosse justiçado, lho outorgou, mas que estivesse em lugar onde visse degolar os outros, como se fez e adiante direi. Este dia, que eram vinte e sete de Julho, se esperou que aos vinte e oito viessem a terra os que se haviam de degolar e justiçar, e não pôde ser, por andar o mar picado e por se primeiro pôr remédio nos feridos, que eram muitos; e vinham as barcas das naus carregadas deles, tão mal tratados que era mágoa vê-los, porque havia muitos que traziam braços e pernas menos, que as bombardas lhe tinham levado cerces; e outros passados com pelouros por ambas as pernas e por braços, costas e corpo; outros pernas e braços quebrados que lhe acabavam de cortar, dando-lhe cautérios de fogo para sararem, e cheiravam tão mal que não havia quem os aguardasse. Vieram com eles muitos serugiões (sic), com o serugião-mor da armada, chamado Pero Alonso, natural de Vilhalpando de Campos, que também vinha ferido na cabeça, o qual curava a todos com óleo que chamam de aparício; e os que já não tinham remédio morriam. Vinham outros com os rostos e outras partes queimadas; a um português, que vinha com o rosto, pescoço e mãos queimadas, curou uma mulher de um João Vicente, tecelão, cum urina fresca e azeite. Vieram com estes feridos, também, quatro ou cinco religiosos enfermeiros, que tinham cargo de dar o necessário para tantos enfermos e feridos, que não cabendo no hospital e Casa da Misericórdia, estavam repartidos por outras casas da vila em que havia muitos capitães e valorosos soldados. Um dos quais, mui assinalado, era Fernão de Medinilha, que tinha um olho passado de um pelouro de arcabuz. Seriam estes espanhóis feridos, que saíram ali em terra, até trezentos, de que morreram a metade, e os que estavam para isso se tornaram embarcar, quando se embarcou o marquês para a cidade da Ponta Delgada, onde também desembarcaram até quinhentos espanhóis feridos, queimados e enfermos, depois que na dita Vila Franca mandou fazer justiça dos franceses.

CAPÍTULO CV ([383])

DOS FRANCESES QUE MANDOU O MARQUÊS DE SANTA CRUZ DEGOLAR E ENFORCAR EM VILA FRANCA DO CAMPO

Cativos e presos na batalha os franceses que tenho dito, mandou o marquês de Santa Cruz ajuntar todos os do conselho, onde se concluiu na consulta que fossem castigados, pois vinham perturbar a paz que havia entre França e Espanha ([384]), e deu o marquês cargo a D. Francisco de Bovadilha para, com quatro companhias de soldados, assistir à execução desta justiça.

Três dias antes que os franceses presos viessem para ser justiçados, vieram os Hespanhóis feridos que disse; e depois, o primeiro dia de Agosto, pela manhã ([385]), festa de S. Pedro ad Vincula, desembarcaram os ditos franceses presos e logo foi lançado bando que se ajuntassem todos os soldados dos terços que tinham desembarcado com os ditos presos, e outros que saíram três dias antes com D. Lopo de Figueiroa, mestre de campo, com muitos capitães, a fim de se preparar o necessário, assim de refrescos e mantimentos, como para segurar a terra, que não houvesse saco nela, ainda que estava já mais que saqueada dos franceses. Preparado e feito um cadafalso no meio da praça, como o marquês tinha mandado, estando todos os terços dos soldados espanhóis juntos, luzidos e bem armados ao redor da praça da dita vila, com sua arcabuzaria e mosquetaria e seus capitães, veio o auditor, com meirinhos, escrivães e porteiros, junto do cadafalso, à banda de cima, perto do chafariz que na dita praça está, cercado de pessoas graves que em sua companhia ali vieram com ele, como a lugar de tribunal e cadeira onde havia de pronunciar sentença. Estando em pé, se tocaram os tambores por todas as quadras, e logo vieram os franceses mais fidalgos em duas fieiras, com as mãos atadas diante, quase todos com as cabeças descobertas, e uns religiosos, diante, com um crucifixo da Santa Misericórdia na mão de um deles, e outros frades, com um clérigo francês que em sua língua lhes dizia e interpretava o que os frades lhes pregavam em latim. Vinham, como digo, nesta procissão todos os franceses mais fidalgos, senhores de vilas e lugares, que eram vinte e oito, todos mancebos de trinta anos para baixo, um só dos quais de boa disposição e grave de autoridade, parecia perto de quarenta anos. E, como chegaram ao cadafalso, antes de nenhum subir a ser degolado, apartando-se os soldados da guarda um pouco atrás e os franceses diante do crucifixo, de geolhos e as mãos alevantadas, mandou o auditor ao escrivão que lesse a sentença do marquês e dele, por Sua Majestade, e que com voz do porteiro fosse pronunciada, o qual logo se pôs em ordem de a ler e o porteiro em alta voz a apregoar desta maneira.

Saibam todos como esta justiça manda fazer o senhor Marquês de Santa Cruz por Sua Majestade, e seu auditor que presente está, a estes franceses, por cossairos e perturbadores da paz e confederação que entre os Reinos de Hespanha e de França estão perpetuadas, com pacto e conjuração assinada entre o Rei de França e por Sua Majestade, o qual sabendo a grande armada que em França o ano presente se fazia, mandou recados e cartas a el-Rei de França, dizendo como consentia e dissimulava fazerem-se em suas terras e Reino armadas de naus e gente, para virem contra suas terras e mar a lhe fazer danos e roubos, tendo confederação, pacto, liança e conjuração de perpétua paz e irmandade de entre eles e seus Reinos, como desde as guerras de São Quintino e seu casamento a esta parte se assentaram e conjuraram; ao qual el-Rei de França respondeu a Sua Majestade que nem ele nem por ele nenhuma cousa em seus Reinos se fazia nem faria contra Sua Majestade, nem ele de nada era sabedor, nem consentidor, pelo qual queria, pedia, dava licença, que se algumas armadas de naus e gentes de seus Reinos de França, em suas terras, conquista e mar achassem e encontrassem, com deliberação de lhes prejudicar e ofender, os pudessem destruir, prender e justiçar, como a cossairos pervertedores e perturbadores da paz e liança deles dois Reis e Reinos; dos quais e do qual resulta grande bem e proveito a estes dois Reinos serem

castigados por tais. Sua Majestade, havendo recebido a semelhante resposta do Cristianíssimo Rei de França, e tendo mandado fazer uma grossa armada para mandar sobre a Terceira, que de sua obediência se quis isentar, e acolher em si franceses e piratas, que, com injusta causa e contra direito, de sua obediência se defendessem, e nela se fizesse uma colheita de cossairos, para neste seu mar e conquista roubar e saltear suas frotas e navios que por seu mar a seus tratos e cousas navegam; em a qual armada pôs Sua Majestade por geral ao senhor marquês, encomendando-lhe que viesse à Terceira, indo pela ilha de S. Miguel e mais ilhas, e onde fosse necessário tirar e destruir o que impedisse seu serviço e obediência, e, achando armadas de alguns franceses ou outras nações que contra isso viessem, lhes oferecesse batalha, e vencendo e prendendo os inimigos e amigo (?) fizesse justiça conforme a direito dos grandes e dos pequenos, e que para tudo lhe dava poder bastante, assim como pelo Cristianíssimo senhor Rei de França, seu irmão, lhe era respondido e pedido. E, vindo Sua Excelência ao dito efeito por geral da armada de Sua Majestade, em favor desta ilha de S. Miguel, a tirar e evitar a rebelião e desobediência da Terceira e os mais danos que podiam sobrevir, indo sua direita viagem, lhe saiu ao encontro, desta ilha de S. Miguel, uma grossa armada de franceses de mais de sessenta baixéis, naus e galeões, armados com gente, soldados e capitães de guerra, cujo geral era Filipe Strosse, em companhia e em favor de D. António, Prior do Crato, que com nome de Rei de Portugal e Majestade havia entrado nesta ilha, e a tinha saqueado e senhoreado, tomando suas bandeiras e arrastando-as, e pondo guardas nos lugares e vilas desta ilha, e perturbando a paz e sossego que para sempre está jurado, saindo contra a armada de Sua Majestade com deliberação de a destruir e roubar, pondo-o em execução e acometendo-a com grande estrondo e força de capitães e senhores de muitas vilas e lugares de França, e muitos e bem armados soldados e gente de guerra, e forte e grossa artilharia, dia do Apóstolo Santiago e dia de Sant'Ana, no qual dia Deus Nosso Senhor teve por bem dar vitória ao senhor marquês de Santa Cruz e a toda a armada de Sua Majestade, ficando o dito D. António, Prior do Crato, com alguns baixéis. Na qual vitória foi morto Filipe Strosse, geral da dita armada de franceses, e morto o conde de Vimioso, de Portugal, e outros fidalgos, assim franceses como portugueses, e muitos soldados. E tomados vivos perto de trinta senhores franceses de vilas e lugares, cujos nomes não são expressos, que à sua custa traziam armado a seis e a sete naus e galeões, e outros cinquenta e três fidalgos menos ricos, a que todos Sua Excelência por Sua Majestade, e seu auditor presente, mandavam degolar em um cadafalso que na praça de Vila Franca desta ilha de S. Miguel, em lugar público, mandara fazer, e nele aos sobreditos oitenta e três fidalgos justiçar, e a obra de cento e cinquenta franceses, de baixa qualidade, enforcar perto do porto da dita vila, e a outros vinte e cinco no mais alto lugar do ilhéu da dita vila, e que à execução da sobredita justiça queria e mandava estar o capitão Bovadilha, com três companhias de soldados dos terços que vinham na armada de Sua Majestade, presentes com suas armas na dita praça até serem degolados todos aqueles oitenta e três franceses que presentes estavam a todo o sobredito, ouvindo a sentença e pregão que contra eles se pronunciava, para que viesse à notícia de todo o mundo ([386]). Sendo a dita sentença lida e apregoada em alta voz e pregão, e ouvida por todos os circunstantes, logo os tambores se tocaram pouco espaço, e cessando subiu primeiro no cadafalso o maior fidalgo daqueles franceses, senhor de muitas vilas e lugares (o qual diziam ser irmão de um conde), mancebo não mui grande de corpo, mas envolto em carnes, não mui branco, nem ruivo, como os mais daqueles eram, e de pouca barba. Saiu mui esforçado a morrer, havendo-se confessado ao pé do cadafalso a um clérigo francês (que a todos eles confessou) e posto de giolhos no cadafalso diante de um crucifixo que alto, fora do cadafalso, tinha um frade, o algoz lhe atou as mãos de trás e tirou um cutelo pequeno, dos com que esfolam carneiros, o qual vendo o francês disse em alta voz: — **com mi espada, com mi espada he de ser degolado a uso de mi tierra, que soi hidalg**o. Dizendo isto, choveu tão grossa chuva que caía a cântaros, e ele dando gritos por sua espada, passada a chuva e tornada a gente (que muita se acolheu à igreja e aos alpendres da Misericórdia) tornou o algoz a tirar o cutelo e o francês a continuar por sua espada, que não no degolassem senão com ela, mas não tendo o algoz de ver com isso, lhe atou também os pés com as mãos por detrás, e lhe pôs um lenço diante dos olhos, e derriçando com o próprio cutelo, estando-o degolando se alevantava o dito francês nas pontas dos pés, a que tinha atadas as mãos por detrás (como está dito) e caiu para um lado, e logo um negro da própria vila, chamado Brito, lhe cortou a cabeça com um machado, que por se haver mostrado muito servidor de D. António ([387]), sendo tambor de uma das companhias, o mandou o auditor fazer aquele ofício de cortar com o machado as cabeças, e o algoz degolava. Acabado de degolar este, o despiu o algoz, ficando só em camisa, e tirando do meio do cadafalso, posto o corpo a um lado, com as pernas para

fora do cadafalso, lhe puseram a cabeça no meio delas. Os mais dos franceses que haviam de ser degolados estavam ao pé do dito cadafalso; subindo-se um a um a degolar e vendo todos degolar a cada um. O segundo que subiu era gentil homem, mais alto e bem disposto de todos os mais, de idade de trinta anos, alvo e corado, de cabelo ruivo com duas gadelhas mui formosas, dependuradas de cima das orelhas, nas quais trazia umas vergas de ouro redondas, que davam muitas voltas, como ariéis, e querendo-lhas tirar, por mandado dos frades que aí estavam, castelhanos, para lhe dizerem missas, lhe faziam tanto sangue nas orelhas, que lhe davam pena; pelo que um dos circunstantes disse aos que as tiravam: — depois de degolado lhas tirareis. Este morreu com mostras de bom cristão, como quase todos mostraram, pois se confessavam e diziam o credo em latim e o salmo de **Miserere mei Deu**s. Assim foram todos degolados um a um e postos com as pernas fora do cadafalso, com cada um sua cabeça entre elas, como o primeiro, postos uns sobre outros, por ser o cadafalso pequeno, no qual se mostrava um temeroso e espantoso espectáculo, em que foram degolados trinta e cinco. E porque a maior parte do dia era passada em os confessar, degolar, cortar-lhe as cabeças, despir e as outras solenidades, quis o marquês que levassem os quarenta e oito que ficavam junto da forca velha, para que ali fossem degolados depressa, como foram, sem lhe valer prometerem alguns pela vida dinheiro, vilas, castelos, e cavalos. Outros dizem que sós setenta foram degolados naquele dia, e duzentos enforcados naquele e dois dias seguintes.

O fidalgo francês, que o Capitão Alexandre prendeu por mandado do marquês, foi posto na varanda da Misericórdia com guarda, para que por seus olhos visse a execução da justiça, e esteve desde antes do pregão até os trinta e cinco serem degolados, que alguns dizem não serem mais de vinte e oito, mas segundo o que afirmam os que sepultaram e as cabeças que se contaram e viram cortadas, se entende serem os trinta e cinco que tenho dito. Como quer que seja, se tem por mais verdade que, entre os do cadafalso e os que junto à forca degolaram, foram oitenta e um, e cento e cinquenta que enforcaram em quatro forcas, três novas que fizeram junto do porto, mui grandes, e a velha, a qual como era de parede cercada, como uma casa, enforcaram nela os algozes ([388]) vinte juntos, e acabado de serem afogados, lhe cortavam as cordas e enforcavam outros tantos; pelo que se dizia que eram muitos mais dos ditos cento e cinquenta. Aconteceu que trazendo um dos criados do francês que estava vendo fazer a justiça dos outros para contar em França o que via e entendia do pregão dos degolados e enforcados, e de outros reservados até a mercê de Sua Majestade, e querendo os algozes deixar o dito criado com outros que ao dia seguinte haviam de enforcar no ilhéu, escapou pelo pedir o dito francês, seu senhor e amo, para cura e serviço seu, que estava fraco e doente. O dia seguinte se viram outras duas forcas no ilhéu, mas por andar o mar alterado não foi possível fazer-se então justiça. E assim ficou até o terceiro dia do mês, que se acabou de fazer a execução dela, enforcando dezoito ou dezanove franceses mancebos, bem dispostos. Dizem ser o intento do marquês em os mandar enforcar no alto do ilhéu, para que todos que passassem ao longo dele e de terra, vendo aquela justiça, não usassem semelhantes obras e temessem outro tal castigo. Naqueles dias, com aquele terríbel (sic) espectáculo, era tanto e tal o temor nos moradores da terra, principalmente de Vila Franca, que não ousavam aparecer nem falar palavra. E até os que nem suspeita de culpa podiam ter, tinham medo e tremiam de temor, não confiando de si que não suspeitassem e receassem se lhes aconteceria outro tanto.

A todos os degolados que foram justiçados o primeiro dia no cadafalso se deu sepultura no adro da igreja de S. Miguel, à parte do sul, direito da torre dos sinos. Em uma grande sepultura que se fez, enterraram até vinte ou vinte e dois, e dentro na dita igreja, em outras três covas, sepultaram os outros; e os que foram degolados junto das forcas, ali fizeram duas grandes covas em que os enterraram. Acabado de se fazer isto e desfazer o cadafalso e de limpar o sangue dos degolados, que passaria de uma grande pipa e limpas as ruas dos fedores de cousas sujas, abonançando o mar que alterado andava, véspera de Nossa Senhora das Neves, ao dia da mesma festa, cinco de Agosto da dita era, chegou à dita vila o bispo D. Pedro de Castilho, mui cedo, pela manhã; foi bem acompanhado a visitar o marquês ao seu galeão S. Martinho, do qual foi bem recebido, e tornou o mesmo dia comer a terra, em casa de Manuel da Mota, onde foi visitado de toda a cleresia da dita vila, mas não do vigairo António de Lira, a quem o dito mandou que não fosse visitar, pelo que dali por diante se ausentou, sem ousar aparecer em público, sem ter outra culpa mais que ir visitar a D. António ([389]). Logo se partiu o Bispo para a cidade aparelhar cousas que convinham para a ida e chegada do marquês quando lá fosse. E o mesmo dia de Nossa Senhora das Neves desembarcou o marquês muito alegre, acompanhado de grandes, estando o porto cheio de capitães e soldados; foi rodeado

de todos direito à igreja matriz de S. Miguel. À entrada do adro, o estava esperando a cleresia com cruz e pálio, e, em chegando e vendo a cruz, se humilhou a ela, e recebido com pálio foi levado dentro à igreja com **Te Deum Laudamu**s, onde deu graças a Deus pela vitória que lhe dera. E partiu logo assim em procissão a Nossa Senhora do Rosairo do convento de S. Francisco, onde entrou com toda a cleresia, até à capela-mor, em que ouviu missa e pregação de um frade castelhano, bom letrado, ainda que mancebo, que no seu galeão veio. Esteve sentado junto dele D. Felix de Aragão, que dizem ser parente de Sua Majestade, muito gentil homem, ainda que então estava mal disposto de um braço, passado de um pelouro. E com ele o marquês de Vila Franca de Balear, D. Pedro de Toledo, filho de D. Garcia de Toledo, viso-Rei que foi de Nápoles e Príncipe do mar, depois da morte do senhor D. João d'Áustria; e o marquês de Favara, e outros grandes; e D. Lopo de Figueiroa, com muitos capitães; de maneira que, das grades a dentro, a capela toda era cheia destes senhores, onde todos com alegres sembrantes (sic) se falavam e conversavam. Acabada a missa, estiveram no mosteiro pouco espaço, em que viu o marquês a casa e sítio dela, e depois se foi a comer com os marqueses a casa de Jerónimo de Araújo, onde o marquês de Vila Franca pousava e à tarde tornou Sua Exª. a embarcar, e não tornou mais à dita vila, porque chegou da Terceira um patacho que mandou Manuel da Silva, como governador dela, com uma carta em que pedia ao marquês os franceses prisioneiros por seu justo resgate, ao que o marquês não quis responder, por suspeitar que vinha este recado mais por servir de espia, que para dar resgate; antes mandou pôr a bom recado toda a gente que o patacho trazia. E, porque a sua armada estivesse mais segura, se partiu o dia seguinte de Vila Franca para Ponta Delgada, onde o receberam com salva da terra de muita e espantosa artilharia, a que a armada do mar respondeu com a sua; e desembarcando aquele dia de S. Mateus em que chegou, se recebeu com grande alegria e contentamento de todo o povo, de que foi acompanhado até a igreja matriz do Mártir S. Sebastião, e dali até à fortaleza, mostrando-se mui benigno e afábel (sic) a todos, principalmente ao Bispo e ao Capitão Alexandre, e a Francisco de Arruda da Costa, e aos mais que o foram dantes visitar ao galeão junto de Vila Franca. Donde foram levados os presos em um barco à cidade, onde degolaram a Gaspar Gonçalves, fidalgo, vereador que então era na Vila Franca, e outros foram condenados a outras penas.

CAPÍTULO CVI ([390])

EM QUE SE DECLARA O QUE ACONTECEU ÀS TRÊS NAUS QUE SAÍRAM DA BARRA DE LISBOA UM DIA DEPOIS DE SAÍDA A ARMADA, E DA VINDA DA OUTRA ARMADA DE SEVILHA; E DO QUE MAIS SE PASSOU ATÉ TORNAREM AMBAS AS ARMADAS DE HESPANHA A LISBOA

Deixando o marquês de Santa Cruz na cidade da Ponta Delgada, vendo a fortaleza (como tenho dito), contarei, Senhora, o que secedeu às três naus hespanholas que saíram da barra de Lisboa ao dia seguinte, depois de partida a armada de Sua Majestade que venceu a francesa e da vinda da armada de Sevilha, e do que mais se passou até tornar o marquês de Santa Cruz a Lisboa

Tenho atrás dito como o marquês de Santa Cruz deu ordem que, se alguma nau se perdesse da companhia de sua armada, se viesse direito a esta ilha de S. Miguel. Partido, pois, o dito marquês (como dito tenho) da barra de Lisboa a dez de Julho de mil e quinhentos e oitenta e dois anos, às dez horas do dia, para esta ilha, não podendo sair com ele três naus por lhe faltar tempo, logo o dia seguinte as tiraram as galés a remos pela barra fora, e caminharam repartidas, conforme a ordem do marquês para esta ilha de S. Miguel; e, como ovelhas sem pastor, a cada uma seguiu sua fortuna. Uma delas em que vinha o capitão Pero de Prego com sua gente, querendo tomar língua da terra, mandou em um barco dez soldados, ao qual e à nau saíram três naus francesas, pelo que, fugindo-lhe a dita nau de Hespanha e rodeando a ilha, se tornou para Lisboa; e o barco dos soldados se salvou também depois na fortaleza desta ilha. As outras duas naus chegaram aqui sábado à tarde, vinte e um dias de Julho, primeiro que o marquês; em uma delas vinha o capitão D. Sancho Escobar, e na outra o capitão Sebastião da Mata. Traziam estas naus em sua companhia quatro barcas, três das quais se apartaram diante da armada, e, querendo chegar ao porto de Vila Franca, sem suspeita de estar ali a armada francesa, lhe tiraram dois tiros de terra e fizeram amainar as velas a duas delas, que logo foram tomadas, por estar aquela vila já por D. António ([391]). A outra barca fugiu para o pego e, indo após ela uma nau de franceses, a tomou diante das duas naus de Hespanha, e a levou sem que os hespanhóis lhe pudessem valer, os quais vendo isto, sem ver a armada do marquês, nem saber parte dela, se alargaram ao mar para descobrir as pontas da terra desta ilha, e descobriram primeiro uma nau, e logo outra maior, além da Ponta da Garça, as quais também se fizeram na volta do mar pela mesma esteira por onde iam as duas dos castelhanos, como que os seguiam ou buscavam. E, como das naus dos ditos hespanhóis tinham visto tomar diante de si com tanto atrevimento a caravela já dita, entendendo que eram imigos, se foram afastando delas para o mar, retirando-se na volta do sul, o que vendo as duas naus francesas se tornaram para a terra, assim pelas não poderem alcançar, como por então se pôr o sol. Ficaram os hespanhóis com má suspeita, deixando-se estar quedos com calmaria à vista dos franceses, e mandaram uma das quatro barcas que lhe ficaram aquela mesma noite a Vila Franca, com oito arcabuzeiros e quatro marinheiros, na volta desta ilha de S. Miguel, a ver se podia reconhecer o imigo e levar recado se eram imigos ou se por ventura estava o marquês já no porto, ficando os da barca de levar este recado em amanhecendo, mas, não tornando ([392]) a estas horas, tiveram a mau sinal, ainda que diziam alguns que não tornaria por causa da calmaria, por haver ido de vela e não de remos. Assim estiveram as duas naus dos hespanhóis aquele dia, e ajuntando-se uma com outra, o capitão da nau de Santo Antão, que ia por capitaina, deu ordem que aquela noite fossem na volta do porto, para pela manhã reconhecerem se eram imigos, ou verem se podiam entrar dentro, ou ao menos achar sua barca; e assim o fizeram. Então viram que se alargava ao mar a outra urca que chegou primeiro que eles, e ia fugindo por entender sempre que eram de imigos as naus que via, pelo que rodeando a ilha se tornou para Lisboa, como tenho dito. Estando as duas ao outro dia, que foi segunda-feira, junto de terra tanto como cinco léguas, com desejo de

saber se havia imigos nesta ilha, se subiu um marinheiro à gávea de uma delas, olhando para terra, e começou a dar brados, dizendo que via a armada do marquês, com que todos receberam grande alegria, posto que lhe durou pouco. E, esperando que o marquês os mandasse chamar, se aquela fosse a sua armada, ou que o seu barco tornasse com recado, nada disto alcançaram, pelo que tinham má suspeita e grande desgosto. Sendo já meio-dia, descobriram cinquenta e duas velas que se começaram a apartar em largo esquadrão tomando-lhe os ventos. E, como nem elas nem as dos hespanhóis podiam navegar com a calmaria que fazia, postas as velas, aguardavam todos o vento, até que às duas horas depois do meio-dia, em que refrescou, os franceses começaram a navegar para os castelhanos; os quais, entendendo então que eram imigos, se foram retirando com grande pressa e temor, e os contrairos lhe foram dando caça até que sarrou a noite, não pouco deles desejada para escaparem da boca do lobo e de tão grossa armada. Terça-feira, pela manhã, véspera de Santiago, se acharam junto da ilha de Santa Maria, sem ousar chegar a ela, e, ainda que se alegraram, reconhecendo que os não seguia já o imigo, todavia tinham desgosto por não saber parte da armada do marquês, nem onde o poderiam achar. Estando assim perto da ilha de Santa Maria, mandaram a ela um barco com quatro marinheiros e seis arcabuzeiros, homens de honra, e sem chegar o barco a terra deitaram um homem a nado, o qual lhes trouxe nova dos moradores que haviam visto aquela armada, mas não conheciam, se era de D. António, se do marquês, e só sabiam que o governador de S. Miguel lhes tinha mandado levar mantimentos, porque aguardava pelo marquês, com a qual nova se foram na volta do mar. A terça-feira tomaram esta língua na ilha de Santa Maria, e a quarta, que foi vinte e cinco de Julho, andaram bordeando junto desta de S. Miguel, e logo a quinta-feira, andando assim como perdidos, em amanhecendo, viram duas urcas e entendendo que eram imigos se puseram em arma. Chegados a investir-se, conheceram ser de alemães que iam desta ilha de S. Miguel, os quais (perguntando-lhe pelo marquês) disseram que segunda-feira atrás, vinte e três de Julho, pela manhã, chegaram perto do porto de S. Miguel, onde as três naus de castelhanos tinham chegado o sábado antes, porque ali se haviam de ajuntar todas as naus e galés por ordem de Sua Majestade e do marquês, mas que os franceses tomaram primeiro este sítio. Aquelas três naus foram as primeiras que chegaram antes do marquês, como está dito. E logo o marquês, com as vinte e cinco naus, sem a mais armada (que não fez pouca falta) chegando e vendo o imigo, ambos andaram bordeando, o marquês porque esperava a mais armada, convém a saber, as galés que com o tempo não puderam vir, e vinte naus de Cales ([393]), que por causa da peste tardavam, e D. António ([394]) porque aguardava outras trinta naus da Terceira. Mas por fim houveram sua batalha naval em que o marquês fora desbaratado, dizendo mais (mentindo os tudescos aos hespanhóis) que os franceses traziam uma grande bandeira branca na nau real arvorada. E chegando as trinta naus de D. António, da Terceira, vendo o marquês a grande avantagem do contrairo, sendo já de noite, tomara o lume e subindo o fanal ou farol três vezes em alto e abaixando-o outras três vezes (que era o sinal) o matara e apagara, dando a entender que ninguém o seguisse, e que por isso eles com aquelas duas naus se desviaram e não viram mais o marquês, nem as outras naus de sua armada e companhia. O marquês bem soube das três naus em que iam os castelhanos serem chegadas primeiro que ele, pelo barco que eles mandaram a reconhecer, sem lhe ousar mandar recado por entre os imigos que tinha junto de si, mas eles não souberam do marquês mais que isto, que lhe disseram os alemães destas duas urcas com que o tiveram por vencido.

Andando estas quatro naus pelo mar, duas de castelhanos e duas de infantaria de tudescos, que lhe deram esta triste nova de ser desbaratado o marquês e entrada a ilha de S. Miguel dos franceses, se fizeram todas quatro na volta de Hespanha, e tendo andado cem léguas, sexta-feira à noite, três dias de Agosto, os descobriu a armada de Sevilha, de dezasseis naus, em que vinha por capitão-mor João Martins Ricalde e António Moreno por mestre de campo, que vinha em busca do marquês, sem os tudescos a verem, e quase à meia-noite, chegando a elas a capitaina, investiu com as quatro naus, cuidando serem imigos, e lhe tirou um tiro, investindo primeiro com uma urca dos tudescos; como eles não responderam claro, ainda que diziam que eram de el-Rei Filipe, lhe atiraram muitas bombardas, e de uma companhia da liga da infantaria, de que era capitão Álvaro de Avalos, chegando a bordo da nau, lhe meteram dentro gente armada, o que vendo os tudescos, querendo-se defender, mataram um soldado honrado, chamado Guterre Gomes, vizinho de Vila Nova dos Infantes, e morreram dos alemães três ou quatro, e neles o sargento da companhia. Foram saqueados e esbulhados os ditos tudescos de valia de oitocentos cruzados, porque isto pediram ao outro dia diante do geral e mestre de campo aos soldados que eram do terço de António Moreno, os quais mandaram que lhos tornassem logo, sem faltar nada.

Ao tempo que estes andavam com os tudescos às arcabuzadas, foi o capitão sobre as duas naus dos hespanhóis e tirando-lhe duas ou três peças de artilharia, uma das duas naus disparou um tiro sem pelouro, para dar a entender que eram amigos, por ter entendido que eram as naus de Espanha. E atirando-lhe outro tiro que os houveram (sic) de levar ao fundo, por passar a nau, por onde entrava muita água, os mandaram amainar com grandes brados; respondendo-lhe: — por quem? e tornando-lhe a dizer que por el-Rei Filipe, amainaram e se renderam uma nau dos castelhanos e uma urca dos tudescos, mas as outras duas foram fugindo até que amanheceu, em que reconheceram ser amigos. Aquele dia, sábado, quatro de Agosto, o geral das naus de Hespanha e António Moreno, mestre de campo, e o alferes de uma nau castelhana, com os oficiais dos tudescos, entraram em acordo a informar-se deles onde ficava o marquês ou o imigo, e dando-lhe os tudescos as novas que tinham dado às duas naus de castelhanos, dali mandou o geral as mesmas novas e relação de tudo em uma caravela a el-Rei Filipe. E posto que alguns fossem de parecer que se tornassem para Espanha, com a voz do esforçado geral João Martins Ricalde, determinaram que todos em conserva viessem e tornassem a buscar o marquês na volta desta ilha de S. Miguel, onde chegando, arreceando que estivesse nela a armada francesa, mandaram diante um patacho a saber a verdade, e averiguando e sabendo a grande vitória que o marquês houvera da armada francesa, converteram o pesar em alegria, com a qual vinham ao longo da costa tocando os tambores, tangendo trombetas e clarins, e tirando muita e grossa artilharia; a qual ouvindo em Vila Franca, sem ver as naus, mandaram aviso disso ao marquês que estava na cidade da Ponta Delgada, o qual, achando-se confuso e suspeitoso, se embarcou com grande pressa no galeão S. Martinho, donde mandou tirar um tiro de recolher, com que se recolheu toda a gente da armada, apercebendo-se todos a ponto de batalha; mandando logo o marquês um barco a reconhecer o que aquilo seria, e trazendo novas que era a armada de Sevilha, e as naus que se apartaram, se converteu o receio em prazer, com que entraram as naus que vinham disparando grande número de peças de artilharia, tangendo tambores, pífaros e trombetas e outros instrumentos, e as que estavam com o marquês fazendo o mesmo, durando este alegre recebimento três horas inteiras. Sabendo depois o marquês das novas mentirosas que os tudescos dele deram, os mandou pôr nus da cinta para cima à vergonha, dependurados das vergas das urcas em que vinham.

Estando o marquês de Santa Cruz no porto da cidade da Ponta Delgada desta ilha de S. Miguel, com toda esta armada junta e surta, esperando tempo para fazer viagem para a Terceira, lhe veio um patacho dar aviso como vinham as naus da Índia navegando em trinta e sete graus, com grande necessidade de mantimentos, pelo que determinou ir socorrê-las, e, antes que desta ilha partisse, deixou em guarnição nela mais de dois mil e seiscentos soldados, que com os criados seriam por todos três mil pessoas, repartidos pelas vilas e aldeias, deixando por mestre de campo Agostim Inhigues, assinalado e valoroso soldado; e aos treze de Agosto se partiu desta ilha a buscar as ditas naus, indo dando bordos na mesma altura de trinta e sete graus, por onde lhe disseram que vinham. E dali a treze dias, que foram vinte e seis de Agosto, as achou e trouxe em sua conserva a esta ilha, provendo-as de todo o necessário, entregando-as aqui a D. Cristóvão de Erasso que vinha sinalado por seu geral, dando-lhe sete naus da armada e dois patachos para sua guarda; com que se partiram aos trinta e um de Agosto. E no mesmo dia, à uma hora depois do meio-dia, se embarcou em companhia destas naus da Índia, no cais da cidade, para Lisboa, o bispo D. Pedro de Castilho, com muitas lágrimas suas e de todo o povo, que ficou muito saudoso e triste pela partida e despedida de tal prelado, ficando esta ilha órfã de tão bom pai e senhor. Foi-se pelo pouco respeito que os soldados de guarnição tinham a seus criados e aos ministros da justiça e moradores da ilha, pelo que, vendo a opressão da terra, embarcando-se com as lágrimas que lhe corriam por seu venerável rosto, disse em alta voz: — folgara que toda esta ilha se embarcara comigo — partindo também o marquês o mesmo dia na volta da Terceira, onde, chegando dali a três dias, mandou a terra dois patachos com recado de Sua Majestade, a um dos quais saiu uma nau do porto, atirando-lhe grossa artilharia. Depois, sobrevindo uma furiosa tormenta que durou vinte e quatro horas, os apartou uns dos outros e da mesma ilha Terceira, pelo que foi forçado ao marquês andar aos bordos, esperando a todas as naus de sua conserva, e tendo-as juntas, por ver o tempo tempestuoso, e não lhe acontecer algum desastre neste mar, se partiu para o Reino, onde chegou a salvamento com tão gloriosa vitória.

CAPÍTULO CVII ([395])

DE MANUEL CORREIA, SARGENTO MOR DA ILHA DE S. MIGUEL, E SEUS HERÓICOS FEITOS

Manuel Correia, cavaleiro fidalgo da casa de el-Rei nosso Senhor, e sargento mor desta ilha de S. Miguel, foi filho de Fernão Gil, cavouqueiro, o qual era natural da vila de Ançã, termo de Coimbra. Seus pais e parentes eram lavradores e ricos, e nas terras onde moravam governavam a república. O dito Fernão Gil veio a esta ilha de idade de vinte anos, fugindo de sua terra por certo negócio que nela teve. Foi-lhe necessário buscar modo de viver, e assim foi cavouqueiro. Casou-se com Leonor Roiz, filha de João Roiz, o Mano, de Vila Franca; teve o dito Fernão Gil este filho e de idade de sete anos o pôs nas escolas de ler e escrever e canto, e estudou até idade de dezasseis, que o mandou para Coimbra aprender, e para o fazer letrado e sacerdote. Esteve no estudo quatro anos, acabou a gramática e, estando para passar às artes, deixou o estudo e se foi com Francisco Barreto ao Pinhão de Belles, quando se ganhou. Depois de seu pai ser falecido, veio a esta ilha e daqui se tornou para Castela e se foi à guerra de Granada, na qual esteve desde o princípio até o fim, achando-se em todas as batalhas que nela houve, com o terço de D. Lopo de Figueiroa, que acabou de destruir a moirama daquelas ásperas serras. Foi ferido nesta guerra de uma espingardada em um quadril. Daí se embarcou com o senhor D. João de Áustria, de gloriosa memória, para Itália, no dito terço que se chamava o da Liga, e se achou na batalha naval na galé Ocasião, de Hespanha, onde pelejou como valente soldado, saltando em uma galé dos turcos e acabando de a render foi ferido de duas lançadas em uma perna. Depois se achou na jornada de Navarrin, depois na jornada de Hanes, depois na jornada da ilha dos Querquenes, em África. Depois se foi a Frandes, onde estava o senhor D. João, e se achou em ganhar dezoito vilas fortes, donde saiu ferido de duas espingardadas; e uma lhe deram, reconhecendo o Fuso de Matrique (sic), a outra em uma escaramuça, a maior que houve em Frandes. Depois que mandou Sua Majestade vir toda a gente de Frandes, se veio à guerra de Portugal, onde não foi necessário e ficou em Itália e veio com a Imperatriz, e, embarcando-se na armada do marquês de Santa Cruz, se achou no galeão S. Mateus, com parte da artilharia a seu cargo, em sua estância, quando se desbaratou a armada de França. Veio a esta ilha, havendo dezoito anos que era fora dela, e, tendo-o já por morto, achou sua mãe e irmãos vivos; tornou-se na armada. Sua Majestade lhe fez mercê de o tomar por cavaleiro fidalgo com mil e duzentos e cinquenta réis de moradia. Logo o outro ano, veio com o marquês de Santa Cruz à jornada da Terceira, e se achou na desembarcação dela com o capitão Pero Rosado, dos primeiros que saltaram em terra. O marquês de Santa Cruz, havendo-o conhecido haver servido muitos anos a Sua Majestade muito bem, lhe fez mercê do ofício de sargento mor desta ilha e de cinquenta mil réis mais, de uma praça no castelo dela, que um ordenado e outro são trezentos cruzados cada ano. Foi soldado na companhia de D. Pedro de Bassão, e cabo de esquadra, e sargento, e alferes dezasseis anos, sem nunca deixar a dita companhia, no terço de D. Lopo de Figueiroa, que foi uma das maiores façanhas que ele fez no tempo que foi soldado.

É homem alto de corpo, envolto em carnes, forçoso e animoso, bem assombrado, discreto, nobre, liberal, macio, conversável e humilde; pelas quais partes sempre foi tido em muita conta entre a soldadesca, e é mui estimado e honrado do conde ([396]) governador D. Rui Gonçalves da Câmara, em cujo tempo veio a esta terra, e amado de todos os moradores desta ilha de S. Miguel, que de boa vontade o aceitaram por sargento perpétuo. É tão curioso que de todas as batalhas e empresas em que se achou fez um breve e copioso sumário, muito para ver e ouvir, em que bem mostrou (como dizem) ser mais que pastor, pois como Júlio César, trazia na milícia as armas em uma mão e os comentairos na outra.

A cabo de três anos que o dito Manuel Correia estava nesta ilha com o dito cargo de sargento mor, depois da batalha que se teve com os dois galeões ingreses, de cuja vitória

(como adiante direi) foi ele a principal parte, se foi ao Regno, onde lhe fez Sua Majestade mercê de lhe confirmar o ofício de sargento mor perpétuo, com setenta mil réis de ordenado, que tinha dantes, e tomado por seu capitão do número, com doze mil réis pagos no mesmo lugar aonde se paga o ordenado de sargento mor, e duzentos cruzados em dinheiro para ajuda de custa, e a praça que tinha no castelo, que eram onze cruzados cada mês, que são cada ano cinquenta mil réis, e lhe aclarou que se lhe pague cada ano, como se lhe pagava, que vem a ser, um ordenado com outro, cento e trinta e dois mil réis cada ano, e a seu irmão, Simão Correia, que também se achou na mesma batalha com ele contra os galeões ingreses, fez Sua Majestade mercê de o tomar por cavaleiro fidalgo, e cinquenta cruzados de mercê para ajuda de custa.

CAPÍTULO CVIII

DE UMA CRUEL BATALHA QUE HOUVE JUNTO DO PORTO DA CIDADE DA PONTA DELGADA, ENTRE UMA NAU HESPANHOLA E DUAS INGRESAS DE COSSAIROS

Aos vinte e cinco dias do mês de Setembro de oitenta e cinco, quarta-feira pela manhã, veio recado ao conde D. Rui Gonçalves da Câmara ([397]) que nos Mosteiros estavam duas naus de cossairos que ao dia antes haviam chegado e tinham tomado cinco navios que do porto da cidade com temporais se alevantaram, os quais, quando tiveram vista das ditas naus, se seguraram e não quiseram fugir, podendo-o fazer, porque entenderam pelas bandeiras serem ingresas que logo vieram abalroando-os todos e botando gente em cada um, sem gasto nem dano seu, por os navios não terem defensão alguma. Mandou o conde ([398]) ao capitão Rui Vaz Medeiros, com sua companhia de aventureiros, que marchasse para aquela parte e depois se partiu ele com a gente de cavalo, levando consigo a companhia de Brás Raposo; foram todas às Feteiras, onde entenderam não ser necessário sua ida lá, e se tornaram, porque ali vieram ter homens dos navios roubados que os ingreses botaram em terra, e lhe prometeram que resgatariam seus navios e gente. Logo se ordenou resgatar alguns escravos. À quinta-feira, mandou o conde ([399]) a um ingrês que na cidade residia com este resgate, para ir mais seguro. E, à mesma quinta-feira de noite, puseram fogo a um navio, por acharem nele cartas para Sua Majestade e roupa de alguns hespanhóis, e largaram outro sem gente, que foi dar à costa. Outros dois com pouca gente, sem aparelhos e sem velas deixaram, que vieram ter ao porto à sexta-feira, em amanhecendo. Logo vieram as duas naus com o navio que lhes ficou em companhia, e dando algumas voltas defronte do porto, onde ao parecer lhe andavam fugindo duas naus pequenas ingresas que no mesmo porto estavam para carregar, as quais se vieram por debaixo do castelo e artilharia, e elas se foram surgir longe de lhes poder chegar, onde por popa da capitaina pareceu uma bandeira branca, esperando ainda fossem resgatar os mais escravos e navio que tinham; foi lá o mesmo ingrês, a sexta-feira, já tarde, e em todo lhe trataram verdade. E o mesmo ingrês afirmou serem ingreses que com carta de marca vinham a se entregar. Amanheceu ao sábado e eles no mesmo lugar se estiveram sempre até depois do meio-dia, que eram vinte e oito de Setembro, véspera de S. Miguel; ao qual tempo, pela parte do ponente, houveram vista de uma nau grande, pelo que logo se fizeram à vela na volta dela. Vendo isto o conde ([400]), mandou alguns barcos que fossem dar aviso à nau que vinha, e souberam ser dela capitão Jorge Arias de Arbeto, por Sua Majestade, na companhia de João Martins de Ricalde, que andava na carreira da Índia, aguardando as naus e frotas daquelas partes; por a qual nau passaram os ingreses, a quem ao passar da fortaleza, com algumas peças de artilharia fizeram, segundo parece, algum dano, e eles em suas voltas foram atirando à nau e à terra algumas peças. A hespanhola lhe atirou também algumas, mas não com tanto dano do ingrês, porque, por causa de algumas tormentas que na altura onde andaram tiveram, traziam a artilharia abatida, as armas e gente mal composta, os petrechos de guerra poucos e mal aparelhados, ao contrairo do que se dizia dos ingreses, que eram duas naus, não tão grandes como a castelhana, mas traziam, entre ambas, mais de trezentos e cinquenta homens de guerra, mui bem aparelhados. O capitão castelhano com sua nau se veio surgir a terra; os cossairos a voltaram algumas vezes e, como era já sobre tarde e se ia cerrando a noite, se foram na volta do mar. De terra foi Manuel Cordeiro de Sampaio, juiz do mar, e Cristóvão Soares de Albergaria, corregedor, ambos cavaleiros do hábito de Cristo, a fazer fala ao capitão da parte do conde ([401]), pedindo-lhe se chegasse debaixo da fortaleza, e mandasse dizer a necessidade que tinha, a que o capitão por arrogância e não mostrar fraqueza aos imigos, não quis corresponder, somente pediu-lhe mandassem obra de cem arcabuzeiros e alguns artilheiros, porque a nau era capaz de muita gente, e nela havia somente cento e vinte homens de peleja, bisonhos e para muito pouco se poder fiar em suas forças. Foi também à nau Manuel Correia, sargento mor desta ilha, homem experimentado, que veio com parecer de levar toda a gente de terra que fosse possível. Começaram-se a embarcar logo alguns com

muito fervor e pressa. Os primeiros que se embarcaram, e foram ter à nau, foram Manuel Ferreira Pimentel, Inácio de Melo, Fernão do Quental, Brás Barbosa da Silva, João Álvares Examinado, os quais entrando na nau a fizeram aparelhar, porque sabiam a força do inimigo ([402]). O Conde ([403]), para mais incitar e obrigar a todos para acudir a esta pressa, mandou seu filho D. Gaspar da Câmara, que foi acompanhado de Francisco da Costa, seu veador, e Manuel Privado e Gaspar de Viveiros, seus criados, e o sargento mor Manuel Correia e Simão Correia, seu irmão, André Botelho de Travassos, cavaleiro do hábito de Cristo, acompanhado de dois criados seus, Luís Cardoso, cavaleiro do hábito de Cristo e capitão do número, que de pouco tempo era chegado a esta ilha por mandado de Sua Majestade, com oitenta mil réis de renda cada ano, Sebastião da Costa, cavaleiro do hábito de Cristo, António de Benevides, Baltasar de Figueiredo, Mateus Cordeiro, Gonçalo do Rego, Francisco de Melo, António Pereira, Manuel Pavão, Francisco Saldanha, João Ribeiro, filho do feitor António Ribeiro, acompanhado de André Gonçalves, seu criado, António Soares, sobrinho do corregedor Cristóvão Soares de Albergaria, e Bastião da Costa, sobrinho do capitão Alexandre, e Gaspar de Armenteiros, Jerónimo de Castro, escrivão do contrato de Alfândega, Miguel Pereira, filho de Gaspar Borges e outros de menos nome e plebeus, que seriam por todos mais de cem homens valorosos de peleja ([404]), afora trinta soldados hespanhóis do presídio do castelo, quinze mosqueteiros e quinze arcabuzeiros, que mandou Pero Munhoz de Castel Branco, capitão da fortaleza da cidade da Ponta Delgada, debaixo do governo de seu irmão e alferes D. Gaspar Munhoz de Castel Branco.

A gente se embarcara em muito mor número, porque alguns, que nestes assaltos são os primeiros, ficaram em terra com tenção de se embarcar ante manhã, tendo no pensamento que, se houvesse assalto, então devia ser, o que não foi assim; mas, os valorosos e atrevidos cossairos, receando que aquela noite lhe dessem socorro de terra, acometeram logo, indo fora do uso militar, pondo a confiança em suas forças, e, entendendo que a nau que queriam cometer devia ser de Índias, carregada de fina prata, aljôfar e outras coisas com que se enriquecessem, lhes saiu ao contrairo, porque contra sua vontade se carregaram de despojo dela, dos petrechos de pólvora e pelouros jogados por horrendas peças de artilharia e por furiosas escopetas e mosquetes. Seriam as nove horas da noite quando os ladrões, que na volta do mar foram enquanto durou a lua, vieram sobre a nau, cometendo-a com surriadas de artilharia e mosquetaria, tangendo trombetas e tambores, admoestações da furiosa guerra. Não dormiam a este tempo os que estavam na nau hespanhola, porque cada qual, acudindo ao que lhe estava debaixo de seu mando e guarda, se mostrava ser um capitão, em acudir com o conselho aonde havia necessidade, e em pelejar se parecia um Heitor. Ouvia-se a voz do ladrão: — Amaina, amaina, da parte da Rainha de Inglaterra. Respondia o português: — Amaina, da parte de Sua Majestade el-Rei D. Filipe.

Quem neste tempo vira a Manuel Correia, sargento mor que a seu cargo tinha artilharia, pola não fiar de outrem, e a cujos pés lhe mataram na briga dezassete bombardeiros, entendera só dele proceder todo o nome de guerra, que depois de correr os lugares que lhe não tocavam, pois não era capitão da nau, ele, como experimentado e sabedor de tal jogo, esta vez estava em cima das estâncias, correndo-as todas, agora em baixo na artilharia, não consentindo se atirasse peça que não visse com seu olho meter o pelouro, por ter alguma suspeita de certos artilheiros que na nau vinham, framengos. A este tempo, estavam as naus abalroadas, uma pelo costado da parte do mar, a outra por proa, onde estava defendendo o alferes D. Gaspar Munhoz de Castel Branco, com tanto ânimo que os fez afastar, alguns mortos e outros mal feridos, em tanto que nunca mais se aventuraram a outro tanto; e ficaram mortos dos nossos, desta rociada de mosquetaria, arcabuzaria e bombas de fogo, três mosqueteiros, e feridos quatro soldados e queimados outros quatro, e a D. Gaspar Munhoz deram uma arcabuzada no morrião, um pouco através da testa, que o amolgou um dedo dentro, e não sendo de prova, foi Deus servido que não o ferisse. Pelas mais partes da nau apertavam também com a arcabuzaria e artilharia e alcanzias de fogo; com grande pressa, andavam os portugueses pelejando e defendendo valorosamente, e D. Gaspar da Câmara, filho do conde ([405]), com ser moço, misturado entre eles, em tantos perigos. Sendo mortos alguns artilheiros, acudiu João Ferreira Indiático, ainda que de artilharia não tinha muito uso, e fez tanto que por o capitão da nau lhe foi posto nome de condestável mor, prometendo-lhe da parte de Sua Majestade grandes mercês, por seu valor e ânimo, porque neste tempo foi mui grande ajuda que deu. Não faltava ali a presença de António de Benevides, tomando mais alento do que parece em homem podia caber, acudindo a todo com grande fervor e ao capitão por vezes se apresentou, pedindo-lhe favor e companhia para saltar em uma das naus, que

não pareceu conselho; e, depois de grandes cousas feitas por ele, estando em baixo assestando uma peça, tiraram-lhe pela portinhola, onde foi morto com grande sentimento de todos, porque nele tinham um grande esteio. A este tempo, deram nova que era morto Manuel Ferreira Pimentel, que como soldado valente e animoso se estava em sua estância carregando e descarregando seu arcabuz, não faltando ponto. Estando em sua companhia no mesmo uso Fernão do Quental e Baltazar de Figueiredo, mostrando o para quanto eram, dando de sua vida inteira fama, animando aos que pelejavam, e eles que eram usados em semelhante acto, mostrando todo o que deles se esperava; nem eram menos nisto Inácio de Melo, Brás Barbosa, António Soares e Bastião da Costa, todos com grandíssimo fervor alvoroçados, dando mostra de quem eram. E da primeira surriada, antes de abalroarem, deu um pelouro em Luís Cardoso, que com grande esforço manifestava seu ânimo, e dando de si tal mostra, acabou com deixar a fama tal na morte como de valoroso teve na vida. Pelo que nesta batalha fez Inácio de Melo, filho de Diogo de Melo, o fez Sua Majestade capitão do número e cavaleiro fidalgo, e lhe fez mercê de quatrocentos cruzados para ajuda de custo. ([406])

Levava o alferes D. Gaspar Munhoz de Castel Branco uma relíquia do lenho da Cruz, que lhe pôs ao pescoço o capitão Pero Munhoz de Castel Branco, seu irmão, com a qual lhe tinha sucedido ao dito capitão, tendo-a ao pescoço na vila do Nordeste, pegar-se fogo a um barril de pólvora, estando ele com as mãos em cima para o apartar de um pouco de fogo que se acendera, por descuido de um seu escravo, a outra pouca de pólvora que estava derramada dentro de uma caixa que teria quatro palmos de altura; cuidando remediar que não saltasse o fogo no barril para o deitar fora pela janela; e foi tão prestes o fogo que saltou no barril, ainda que estava apartado, que fez voar toda a casa, deitando as telhas até uma ermida de S. Sebastião e levando toda a madeira, abrindo as paredes e arremessando pedras mui grossas dela, tirando as portas de riba e de baixo todas do coice, dando com elas em terra e deitando fora alguns criados seus que estavam bem apartados dele, pelas paredes e escadas. Foi Deus servido, por virtude desta relíquia, que estando ele sobre a mesma pólvora, não o fizesse voar pelos ares, e, para que fosse mais visível o milagre, saiu queimados os safões e borzeguins e uma monteira que tinha na cabeça nunca mais pareceu, e as mãos e mangas do gibão e a tudo o que alcançava uma cadeia de ouro que trazia ao pescoço, em que estava dependurada esta relíquia, não se queimou, nem se fez mais sinal, como se não houvera havido fogo. Eu lhe ouvi dizer ao mesmo capitão se lembrava mui bem que ao tempo em que se pegou o fogo no barril, tinha os olhos abertos e lhe dera o fogo por eles, e com ser cousa ordinária ficarem cegos de caso semelhante, ficou mui são deles; e assim dizia ele que tinha por mui certo que este sucesso, como de seu irmão de andar sobre as bombas do fogo e do incêndio da pólvora desta nau, não lhe haver empecido por virtude da dita relíquia. E ficou tão queimado no rosto e mãos o dito capitão que não o pôde levar o marquês consigo à jornada da Terceira, ordenando-lhe ficasse na guarda e defensa da fortaleza da cidade da Ponta Delgada, que é o castelo e força desta ilha de S. Miguel, onde esteve quatro anos até o de oitenta e sete, sem lhe dar licença que se fosse, posto que a pedisse por ser ele pessoa como convinha para o bom governo dos soldados e paz e quietação com a terra. A seu irmão e seu alferes D. Gaspar Munhoz de Castel Branco, pelo que nesta batalha se mostrou, fez Sua Majestade mercês. E agora é capitão de uma companhia de presídio na ilha Terceira ([407]).

Não faltou também ali na briga Francisco Saldanha, que pareceu alguma bombarda lhe devia dar e levá-lo ao mar, porque dele se não soube parte. Desaferrou-se a capitaina, ficando a outra com ânimo abalroada um grande espaço, e depois de ida a companheira se entendeu por uma trombeta que em uso militar dizia: — socorrei, a que logo vieram da capitaina barcos de gente; depois tornando, com a trombeta manifestadora de seus males, a pedir socorro, foi entendida a resposta pela outra, dizendo: — retira-te, retira-te; e ainda se esteve mais algum espaço. Neste tempo, com um pelouro mataram a Henrique do Rego, criado de André Botelho; e a Bernabé Fernandes, filho de Pero Fernandes, natural da cidade da Ponta Delgada (um dos soldados que foi a este socorro) deram com outro pelouro de um mosquete no geolho da perna esquerda, estando posto na força da batalha, de que esteve para morrer, e Sua Majestade lhe fez mercê de dois moios de trigo de renda cada ano, e cem cruzados para ajuda de custo.

Não esteve muito a nau abalroada, porque logo, como lhe faltou socorro, se foi retirando, e não foi tanto a seu salvo, que muito havia que dela não tiravam nem peça nem arcabuzaria, e ao tempo de se expedir foi cortada a amarra da nossa nau, ao que logo acudiram, dando nela; seria isto três horas antes do dia, e haveria sete horas que o combate durava; foi na volta do mar e as outras por outra parte. Quando amanheceu, deitando conta aos mortos que entre os portugueses e castelhanos e artilheiros faltavam, acharam ser mais de vinte pessoas, e trinta

feridos, mas com todo gozando-se da vitória. Pesarosos da morte dos valorosos amigos, se iam razoando, quando um contava — a mim sucedeu tal encontro, outro — eu vali a tal fogo, outros — outras semelhantes cousas. Nisto apareceu pela parte do ponente uma nau que logo o capitão conheceu ser das de sua conserva, e mui contentes iam com o pensamento de tomar conselho e acordo para novo cometimento. Não faltava nisto o parecer dos valentes portugueses que na nau estavam, porque com muito gosto de todos aceitaram novo assalto e desprezavam todo o louvor que os hespanhóis lhe davam, dizendo-lhe que sustentar-se a nau contra o imigo, eles foram causa, porque, se os não tiveram consigo, se tinham por perdidos. Nesta hora, se ia chegando a outra nau hespanhola, a quem determinou o capitão dar salva. E chamando a João Ferreira, a quem tinha levantado por condestável, lhe mandou ordenar a artilharia de cima, e aos demais a outra, já que se ia pondo em ordem, sem receio que o condestável, flamengo de nação (a que dantes com temor de uma suspeita que se teve dele na briga, que tirava peças sem pelouro, era feito certo ameaço) pusesse, (como pôs) o fogo a uma peça ante tempo, que acendeu outras três peças e um barril de pólvora que junto estava, que foi causa de grande perda e muito dano, porque em partes se queimaram até sessenta homens, em que entrou o sargento mor, o qual, tanto que se queimou, desceu pela enxárcia ao mar a se meter na água, e depois não tinha remédio algum para se salvar, se lho não dera Simão Correia, seu irmão, que ali acabou de pôr o selo ao que tinha feito na briga, mostrando-se valoroso soldado; o qual com muito ânimo, por força, por si e com alguma ajuda, pôs a seu irmão em salvo, em cima. Queimou-se muita gente, mas puderam passar com menos perda, dor e choro, se o temor do fogo e fúria dele não alvoroçara a alguns que se deitassem ao mar, em que se afogaram mais de vinte pessoas, entre as quais foram o animoso Fernão do Quental e Baltasar de Figueiredo, galhardo mancebo, a quem não quis a como invejosa morte de sua boa ventura e galhardia deixar gozar a glória de seus feitos e sua virtuosa fama; e acabaram afogados sem remédio algum. Foram três barcos de terra que salvaram a D. Gaspar ([408]), a quem deu um pelouro no peito, de prova que levava, e outros muitos das furiosas ondas do mar, entre os quais escapou Brás Barbosa da Silva, filho de Hércules Barbosa da Silva, o qual, depois de pelejar valorosamente todo o tempo que durou a batalha, ficando queimado em uma perna quando se acendeu o fogo depois da vitória, se lançou ao mar e nadando espaço de uma hora, o tomou um dos batéis que foram de terra, pelo que Sua Majestade o tomou por cavaleiro fidalgo de sua casa e o fez alferes mor da cidade da Ponta Delgada, fazendo-lhe mais mercê de cem cruzados para ajuda de custo ([409]). O sargento mor foi queimado no rosto e mãos e outras partes e ferido em uma perna, de uma lasca de távoa (sic) que partiu e sacudiu um pelouro; Sebastião da Costa queimado no rosto e em um braço; e também André Botelho Travassos e outros, dos quais alguns depois faleceram. A nau se foi repairando até chegar a Vila Franca. Os imigos desapareceram, e a árvore seca estiveram ao sul dos Mosteiros três dias; no fim deles, sobre tarde, vindo um navio da ilha da Madeira, da parte do ponente, o foram seguindo e tomaram junto com as pedras, ao longo da costa. A gente se foi para terra, e eles desapareceram, levando-o consigo. As duas hespanholas se fizeram prestes e foram na volta de Cales. Depois de elas idas, tornaram a aparecer os ingreses e tomaram um navio que estava no ilhéu de Vila Franca, carregado de farinhas para o Cabo Verde, até que, depois de fazerem muitos males e roubos, de todo desapareceram, sem mais serem vistos na costa desta ilha.

CAPÍTULO CIX

DE QUATRO VALOROSOS CAPITÃES PORTUGUESES QUE EM TEMPO PERIGOSO, POR MANDADO DE SUA MAJESTADE, VIERAM A ESTA ILHA DE S. MIGUEL, A PETIÇÃO DO CONDE DE VILA FRANCA ([410]), D. RUI GONÇALVES DA CÂMARA, SÉTIMO CAPITÃO DELA

Vendo o ilustríssimo D. Rui Gonçalves da Câmara ([411]), conde de Vila Franca do Campo, como na batalha naval que os dois cossairos ingreses tiveram de noite com a nau dos biscainhos, lhe mataram alguma gente nobre dos mais esforçados da terra que foram em seu socorro, principalmente entre eles o esforçado capitão Luís Cardoso, de poucos dias chegado, por mandado de Sua Majestade, para residir nesta ilha, a quem ele, embarcando-se para socorro da nau biscainha, entregara seu caríssimo filho D. Gaspar da Câmara, que também quis que fosse servir a Sua Majestade naquele assalto, e por receio de virem outras naus ingresas sobre esta ilha (como o tempo e ocasião estava ameaçando) mandou pedir a Sua Majestade quatro capitães destros na guerra do mar e da terra, para os ter aqui para qualquer recontro que se oferecesse, com outras munições de guerra que também pediu, o que tudo Sua Majestade lhe mandou logo com muita brevidade em duas caravelas, ainda que era então a força do inverno tanta, que na viagem estiveram debaixo do mar quase de todo sossobrados e perdidos. Chegaram ao porto da cidade da Ponta Delgada a oito dias de Novembro de mil e quinhentos e oitenta e cinco e ele os recebeu com muita cortesia e gasalhado, como eles mereciam, assim por serem enviados de Sua Majestade, e pedidos por ele, como pela qualidade e valor de suas pessoas, porque são quatro capitães portugueses valorosos, muito animosos, esforçados e experimentados na guerra do mar e da terra, como agora direi.

Um deles, chamado António de Oliveira, soldado velho do terço de Lombardia, virtuoso e temente a Deus, há vinte e cinco anos que é soldado. Achou-se no cerco de Malta, quando D. Garcia de Toledo a socorreu; depois passou a Frandes com o Duque de Alva, e se achou nas guerras do príncipe de Orange e seu irmão o conde Ludovico. E nestes tempos houve muitas vitórias em muitas rotas, encontros e escaramuças.

El-Rei D. Sebastião, querendo fazer alardos e exércitos nestes Regnos de Portugal, mandou vir de Itália e Frandes soldados portugueses que tivessem nome, para os fazer sargentos mores das comarcas. E o primeiro que veio a este Regno foi o dito António de Oliveira, que foi grandemente bem recebido de el-Rei. E logo o tomou por seu cavaleiro fidalgo e por capitão do número e mandou por sargento mor à comarca de Viseu, onde dez anos teve o dito cargo.

A primeira vez que el-Rei D. Sebastião passou a África, o mandou chamar a Viseu para a dita jornada e foi por capitão em uma escaramuça que com os alcaides do Xerife houve nos Pomares, fora das tranqueiras de Tânger, onde se sinalou entre todos; el-Rei o armou cavaleiro por sua mão.

Querendo-se el-Rei fazer prestes para a segunda jornada de África, o mandou chamar a Viseu e fez capitão da infantaria de uma companhia que fez dentro da cidade de Lisboa, e todos os alardos que se fizeram em Alvalade, um ano antes que el-Rei fosse a África, ele capitão os fez diante da pessoa de el-Rei, de quem teve muitos favores, e foi capitão do terço do coronel Diogo Lopes de Sequeira.

Pela muita confiança que el-Rei tinha dele, o mandou a Viseu e sua comarca fazer três mil homens para a dita jornada, e levou para isso todos os poderes do coronel Diogo Lopes de Sequeira.

Foi com el-Rei e, na batalha de Alcácere, pelejando como devia, muito ferido de muitas arcabuzadas, o cativaram, e foi levado a Fez, onde esteve cativo dois anos; resgatou-se à sua custa e custou o resgate mil cruzados.

Depois que veio do cativeiro, os governadores o mandaram a vila de Chaves por sargento mor, onde fez inteiramente o que devia; e vindo à corte a requerer pelos muitos serviços que tinha feito, el-Rei o despachou com o hábito de Cristo e logo o mandou a esta ilha de S. Miguel.

Martim Peres de Peralta há vinte anos que é soldado e esteve muitos em Frandes. Achou-se no de Frisa e também no cerco de Mastrique, e foi alferes de Lourenço de Ávila. Veio a Portugal e foi por capitão de uma companhia de castelhanos, quando el-Rei D. Sebastião passou a África, a qual fez em Sevilha e em Granada para a dita jornada de África, e ficou todo um terço, no mar, de castelhanos, que não passou. E depois de roto el-Rei D. Sebastião, os mandou Sua Majestade por sua provisão embarcar nas galés do marquês de Santa Cruz, a estar em Tânger ou Arzila ou Ceita ([412]), onde mais necessidade houvesse, e estiveram embarcados com suas companhias um mês nas galés e foram três vezes a Tânger, sem poder chegar a ele com tormenta. Visto isto, desfizeram as companhias, porque o mandou el-Rei D. Henrique chamar, e vindo a Portugal, o despacharam por sargento mor da comarca da Guarda e capitão do número. Depois de morto el-Rei D. Henrique, foi por geral da dita comarca da Guarda D. João de Vasconcelos de Menezes, e mandaram os Governadores que fizesse uma companhia de soldados arcabuzeiros, que ali teve com paga, como soem levar os capitães de Sua Majestade em Itália, que é quarenta cruzados, e teve o castelo da cidade da Guarda a seu cargo. Depois de estar Sua Majestade alevantado por Rei de Portugal, veio o dito capitão a Lisboa, onde lhe deram o hábito de S. Tiago com quinze mil réis de tença, e cavaleiro fidalgo da casa de el-Rei Nosso Senhor. E estando aí o mandaram embarcar para esta ilha de S. Miguel, para ser do conselho do conde ([413]) de Vila Franca do Campo, sétimo Capitão dela.

El-Rei D. Henrique mandou ao capitão Francisco de Vila Lobos, natural de Ceita, a estas ilhas dos Açores, em companhia de D. Jorge de Menezes, por capitão da caravela S. João, e, indo destas ilhas depois do falecimento de el-Rei D. Henrique, o mandaram os Governadores por capitão mor ao Estreito na zabra Júlia, com outros dois navios da armada, debaixo da sua bandeira, com mais dezassete navios de mantimento para repartir pelos lugares de além, e dez mil cruzados em dinheiro, para deixar em Ceita dois mil e quinhentos, e em Tânger cinco mil, e em Arzila dois mil e quinhentos, que fazem a dita soma dos ditos dez mil cruzados. Dentro no seu navio levou muito encomendado o alcaide Abdelhorim, o qual entregou Arzila a el-Rei D. Sebastião, por onde o dito Rei entrou em Berbéria e se perdeu como se sabe. Este mouro é um grande cavaleiro e de muito entendimento, e como tal disse ao capitão Francisco de Vila Lobos algumas cousas, dando para isso muitas razões, que depois aconteceram como ele dizia. Foi filho de um grande alcaide que houve em Berbéria, chamado Hamu. Depois do dito capitão Francisco de Vila Lobos fazer a dita jornada, embarcando em Arzila mulheres e filhos deste mouro, se veio demandar a costa de Hespanha, que em poucos dias houve à mão, e se foi meter em um rio que divide Portugal e Castela, que se chama Guadiana, de uma parte do qual está um lugar de Portugal, chamado Crasto Marim, para onde se degradam malfeitores (no qual em tempo antigo el-Rei D. Dinis, deste nome o primeiro e dos reis de Portugal o sexto, prantou a ordem de Cristo com a renda dos Templários, que então foram extinguidos, não sei com quanta razão a instância de Filipe, formoso, Rei de França, pelo papa Clemente quinto, que dantes fora cardeal de Raymondo, arcebispo de Bordéus, e em Crasto Marim foi feito o primeiro assento dos cavaleiros da Ordem de Cristo, ainda que depois se passou ao mosteiro da vila de Tomar, que dantes fora dos Templários) onde então estavam os Governadores; e da outra, outro lugar de Castela, que se chama Ayamonte, onde estava o duque de Medina.

Depois de chegado ali o capitão de Vila Lobos, teve de Badajoz uma carta de el-Rei em que lhe dava as graças dos serviços que lhe tinha feito e que se havia por bem servido dele, e que podia entregar os navios da armada a Martim Correia da Silva, governador do Regno do Algarve, e ir-se a ele, o que fez; e depois se foi a Badajoz onde achou el-Rei, o qual o mandou ao Porto, de Portugal, buscar parte do arreo que D. António ([414]) trazia consigo e ali deixara quando foi a frota do Porto. E achando algumas peças, como foram alguns marcos de ouro e muitas pedras ricas, que tudo podia valer quinze até dezasseis mil cruzados, tornando, o mandou el-Rei a estas ilhas, em companhia de D. Lopo de Figueiroa, por capitão da caravela Santo António, o ano que D. Pedro Baldez perdeu a gente na Terceira.

Logo o ano seguinte, o mandou Sua Majestade embarcar no galeão S. Mateus, em companhia de D. Lopo de Figueiroa, o qual lhe entregou a artilharia em uma estância, que

pelejasse com ela e, pelejando valorosamente, foi ferido e queimado no rosto e em outras partes de seu corpo, de que sarou com muitos remédios que lhe fizeram em Vila Franca do Campo, desta ilha de S. Miguel, onde primeiro saiu, e depois de curado, ainda apareceu na cidade da Ponta Delgada com o rosto todo abrasado. Logo o ano seguinte, o mandou o sereníssimo senhor Cardeal Alberto, que se embarcasse em companhia de D. Lopo no galeão S. Francisco, que foi o ano que entraram na Terceira, e depois de entrada e quieta à custa do trabalho de alguns bons soldados, o mandou o marquês de Santa Cruz ficasse por juiz da Vila da Praia da dita ilha Terceira, onde prendeu um frade da ordem de S. Bento, o qual fora capitão de uma das fortalezas da mesma ilha, e outro da ordem de S. Domingos, que ambos foram presos para o Regno; prendeu mais um grande capitão que servia em toda a ilha de mestre de campo, no tempo que estava oprimida, chamado António Trigueiro, o qual na dita ilha foi enforcado, tanto que o prendeu.

Estando assim servindo de juiz, o chamou João de Urbina, mestre de campo, e o licenciado Cristóvão Soares de Albergaria, corregedor, e o mandaram à ilha Graciosa aquietá-la e reduzi-la ao serviço de Sua Majestade, e a notificar a Manuel Correia de Melo e a Gomes Pacheco de Lima, fidalgos e dos mais aparentados daquela ilha, e ao licenciado João Gonçalves Correia e a Manuel Fernandes de Quadros e Antão Vaz de Ávila, para que viessem à ilha Terceira a parecer diante deles; e, não querendo, usasse de todo o poder para os prender. Chegado, se vieram eles apresentar a ele por suas virtudes, antes de serem notificados; prendeu-os em suas casas e tornou-lhes a largar a prisão, até sua embarcação. Trazia vara branca levantada e com seu meirinho diante; obedeciam-lhe todos os da terra, assim justiças, como os mais; mandou alevantar forca e abaixar; prendeu homens e soltou por erguerem voz por D. António ([415]); e, depois da terra reduzida ao serviço de Sua Majestade, sem apelação nem agravo, tirou capitães e juízes e fez outros; mandou consertar e alimpar uns paúis de água que estão no meio da vila, de que se serve todo aquele povo, por haver muitos anos que não eram limpos e não tinham já água, que era grande falta na vila; mandou concertar a rocha do Quitadouro, que é o caminho que vai da vila da Cruz para a vila da Praia, a qual rocha estava para cair, que é toda a serventia daquelas vilas; finalmente, deixou a terra mui quieta e pacífica, tirando alguns homens (que entendeu que eram mal inclinados) dos cargos que tinham e pondo outros melhores, por onde ficou tudo muito quieto. Tornado e ido ao Regno, a petição do conde ([416]) D. Rui Gonçalves da Câmara, o mandou Sua Majestade a esta ilha de S. Miguel para sua companhia.

O capitão Vasco Giraldo é natural da vila de Ourique, filho de Pedro Afonso Giraldo. Sendo de idade de dezoito anos, se achou na guerra de Granada em muitos assaltos, emboscadas, encamisadas e escoltas, todas de muito perigo. Daí se passou no terço de D. Lopo de Figueiroa às partes de Itália, onde esteve doze anos, e se achou na batalha naval do senhor D. João de Áustria, sendo soldado neste tempo, donde saiu ferido de duas frechadas; logo o segundo ano, no de Navarrim, onde se achou o senhor D. João de Áustria; o terceiro, na tomada de Tunis; o quarto, em quatro galés de socorro para entrar dentro na Goleta, o que não houve efeito por estar já tomada dos turcos. Passou-se à Alemanha o ano de setenta e cinco, onde serviu o Imperador Maximiliano, tenente de uma companhia de cavalos em Viena, donde o doutor António Pinto de Roma, que estava por embaixador em Alemanha, o fez vir, a chamado de el-Rei D. Sebastião, para a jornada de África, onde se achou no terço de Vasco da Silveira, coronel de um terço, ajudante de sargento mor. Lá o cativaram e lhe deu um pelouro na boca que lhe levou sete dentes e partiu a língua pelo meio e enguliu o pelouro. Esteve cativo dois anos. Resgatou-se à sua custa por dois mil cruzados. Estando neste cativeiro, por sua ordem mandou muitos cativos a terra de cristãos com muito segredo. Depois de tudo isto, vindo do cativeiro, o mandou Sua Majestade a estas ilhas por capitão de um galeão da armada, em que vinha por capitão mor João Saldanha, e, o ano de mil e quinhentos e oitenta e seis, depois de todos estes trabalhos, afora outros muitos sucessos, encontros e tomadas de galeotas e bergantins no mar, o mandou a esta ilha de S. Miguel, a ele e aos outros três capitães acima ditos, a petição do conde ([417]) de Vila Franca, D. Rui Gonçalves da Câmara, sétimo Capitão desta ilha de S. Miguel, para servirem nas cousas da guerra, pela suspeita de virem ingreses a esta terra. Tem cada um cento e vinte mil réis de ordenado cada ano, afora a tença de seus hábitos, que têm da Ordem de Cristo e Santiago, e outras cousas, e a comenda da Ponte de Sor, do capitão Francisco de Vila Lobos, que com o hábito lhe rende cada ano cento e vinte mil reis.

No ano de oitenta e sete, foram repartidos estes valorosos capitães por ordem do conde ([418]) D. Rui Gonçalves da Câmara, por quatro vilas mais principais da ilha: o capitão Vasco

Giraldo, em Vila Franca; o capitão Francisco de Vila Lobos, em Água do Pau; o capitão António de Oliveira, na Alagoa; e o capitão Martim Peres de Peralta, na Ribeira Grande; para animar e adestrar a gente nas cousas de guerra, como fizeram com tanto cuidado, que quase todos os que tinham a cargo se fizeram, de bisonhos, feitos (sic) soldados, velhos ([419]).

CAPÍTULO CX

DE UMA NOVA COMPANHIA DE AVENTUREIROS QUE ERIGIU DE NOVO O CONDE ([420]) DE VILA FRANCA NA CIDADE DA PONTA DELGADA, AFORA UMA DE GENTE DE CAVALO; E DAS DE INFANTARIA QUE DANTES HAVIA E HÁ NELA E SEUS TERMOS E NAS DUAS VILAS PRINCIPAIS ([421])

Considerando o conde de Vila Franca o muito perigo que esperava pelas novas que corriam de grandes guerras e do dano que os ingreses faziam nas Índias, que por ser esta ilha passagem de sua derrota, lhe pareceu não estar fora do perigo que os cossairos com a ufania da vitória que contra os cristãos houveram, também podiam aqui querer provar sua ventura, sendo esta fama importante a seu mau propósito, foram chamados os vereadores, juiz de fora e pessoas particulares, e pondo-lhes prática do perigo que esperavam e da obrigação que tinham os homens para defender sua terra, e quanta ocasião se mostrava para mostrarem seu ânimo, disse que, além das companhias que na cidade havia, lhe parecia serviço de Sua Majestade fazer uma, a qual se chamaria dos Aventureiros, para acudir às partes de mais perigo, e que a gente dela seria a mais principal da terra, assim os fidalgos, como cavaleiros da Ordem de Cristo que nela havia, donde se reputasse a honra de el-Rei, com a boa defensa que estes tais podiam fazer, e que tinha por segura esta ilha, efectuando-se isto; e lhe parecia bem declarar seu filho D. Gaspar da Câmara por capitão desta companhia, que, sendo seu, o não queria escusar de semelhantes perigos e porque os esperava o fazia; e assim outra pessoa onde estivesse bem a bandeira de el-Rei e fosse segunda pessoa de seu filho, e que para isso rogaria a Manuel Cordeiro de Sampaio que, além dos seus cargos, aceitasse este por servir a Sua Majestade, e que certificado estava que sendo para esta ocasião se não escusaria, pois se tinha mostrado noutras de muita honra. Pareceu a todos bem o pressuposto e tenção declarada do conde, e pôs-se logo em execução. Todos os do hábito foram e o sargento Bartolomeu Cabral, também do hábito, a qual foi tão lustrosa e os homens mostraram tanto desejo de servir a Sua Majestade, que era muito para ver o número da companhia (afora os oficiais); eram cento e cinquenta moços galhardos e gente toda principal, ornados de muitas galantarias de ornamentos de vestidos, diferentes, com muitas plumas e outros esquisitos, muito adequados a soldados, e além do tudo, muito destros no atirar. Gente era que prometia qualquer efeito donde se empreendesse muita honra, e dito por muitos homens estrangeiros, muito vistos em muitas partes, ser capaz a companhia de defender esta ilha e outras partes maiores. Foi tanto o contentamento que o conde ([422]) mostrou em ver seu desejo cumprido e efectuado tão bem, que andava em cada rua encontrando-se para ver, e foi enxergado de todos este contentamento, e em muitas palavras agradecendo a cada qual o bem que o mostravam, dizendo que agora se tinha por ganhador de toda a vitória. E, porque D. Gaspar era dantes capitão da gente de cavalo, deu este cargo a outro seu filho, chamado D. Francisco, galhardo mancebo, de grandes partes e mores esperanças; mas como semelhantes cousas não permaneçam, por certa ocasião se desfez a companhia, o que em geral foi sentido de toda a pessoa.

Há na cidade da Ponta Delgada uma companhia de mais de cem homens de cavalo, de que foi capitão Francisco de Arruda da Costa, depois D. Gaspar da Câmara e agora é capitão D. Francisco da Câmara, seu irmão, filhos do conde ([423]), e em seu lugar tenente o capitão Alexandre, e alferes Manuel da Fonseca Mota, e agora António Pereira; e cabos de esquadra Manuel de Oliveira, filho do licenciado Manuel de Oliveira, Pero da Costa, neto de Francisco de Arruda, Hércules Barbosa da Silva, Gaspar de Brum da Silveira, Gonçalo do Rego e Francisco Ramalho.

Há também agora, na dita cidade da Ponta Delgada, seis companhias de infantaria, de cento e cinquenta homens cada companhia.

Da primeira é capitão João de Arruda da Costa, alferes Manuel Pavão e sargento João Velho Cabral, neto de Rui Velho.

Da segunda, capitão Gaspar de Teve, alferes António Afonso Pavão, sargento João Rabelo (sic), irmão de D. Fernando.

Da terceira, capitão João de Melo, do hábito de Cristo, alferes Lourenço Vaz Carreiro, depois Francisco de Melo, e sargento Brás de Melo, seu irmão, que agora é alferes, em lugar de seu irmão falecido, e de sargento serve ao presente Francisco Brochado.

Da quarta, capitão Rui Vaz Medeiros, do hábito de Cristo, alferes Manuel Serrão, e agora é alferes João Rabelo, sargento António Monforte.

Da quinta, capitão Brás Raposo, alferes Afonso de Goes, depois Gaspar Camelo Pereira, agora Hierónimo Coelho, e sargento António Mendes Pereira, e agora Fernão de Matos.

Da sexta, capitão Gonçalo Tavares, alferes seu filho, e sargento Pero Furtado. Todas estas entram e saem de guarda todos os dias de todo o ano, cada uma por si.

Nos termos da cidade, na freguesia de S. Roque, há uma companhia de cento e cinquenta homens de que foi capitão Manuel da Costa e agora Martim de Sousa, alferes Pero de Teve Mota, e sargento, o primeiro Simão de Viveiros, o segundo é agora António Fernandes.

Na freguesia de Nossa Senhora das Neves há outra companhia de outra tanta gente, de que é capitão João Roiz Ferreira, alferes António Lopes Falcão e sargento Afonso Gonçalves Ferreira, filho do dito capitão.

Nas freguesias das Feiteiras, Candelária, S. Sebastião e dos Mosteiros há outra companhia que tem perto de quatrocentos homens, de que é capitão João Roiz Pavão, alferes Garcia Rois Pavão, seu irmão, e sargento Pero de Teve de Mesa.

Nas freguesias da Bretanha e de Santo António há outra companhia que terá duzentos e cinquenta homens, de que é capitão Bastião Afonso de Sousa, alferes António de Viveiros e sargento Cristóvão Afonso, filho do dito capitão. Casou este capitão com Guiomar de Oliveira de Vasconcelos, filha de João Manuel de Vasconcelos, grande cavaleiro; teve cinco filhos, Manuel Lopes de Sousa, Cristóvão Afonso de Sousa, o licenciado Marcos Afonso de Vasconcelos, Belchior Manuel de Sousa e Gaspar Manuel de Vasconcelos, que casou com Catarina de Figueiredo, irmã do Bispo do Funchal. Teve mais Bastião Afonso de Sousa três filhas: Isabel Lopes, Filipa de Vasconcelos, e Inês de Oliveira, todas bem casadas como os filhos, excepto o licenciado que ainda é solteiro ([424]).

Na freguesia dos Fanais (sic) há outra companhia de duzentos homens, de que é capitão Manuel Lopes de Sousa, alferes Tomé Gonçalves Homem, sargento Domingos Pires.

Deixando à parte os capitães e oficiais da milícia das outras vilas desta ilha, de que já disse, direi por remate os que agora são das duas vilas mais principais dela, onde há capitães mores.

Em Vila Franca do Campo foi primeiro capitão mor Pedro da Costa, e sargento mor seu filho João de Arruda Costa; e em seu tempo foram ali capitães Lopo Anes Furtado, e seu alferes Cosme de Brum, sargento Brás Ferros. O outro capitão foi Jorge Furtado, alferes Leonardo de Sousa, seu filho, sargento Miguel da Grã.

Agora é capitão mor João de Arruda da Costa, filho do dito Pedro da Costa, e sargento mor seu irmão Rui Tavares da Costa, e capitães os seguintes:

Manuel Favela da Costa, seu alferes Cosme de Brum, sargento Brás Ferros, e agora Manuel da Fonseca.

Outro capitão, Leonardo de Sousa, seu alferes Apolinário Raposo e sargento João Galego.

Outro capitão foi Jerónimo de Araújo; depois dele foi António de Matos, que era seu alferes, em cuja absência é agora Filipe do Quental, seu irmão; seu alferes Simão Martins; sargento Miguel da Grã. Tem cada uma bandeira duzentos homens.

Os sargentos mores foram sempre cabos dos de cavalo, que são vinte homens bons cavaleiros; e agora é cabo deles Bento de Sousa.

Na vila da Ribeira Grande há mais de cinquenta homens de cavalo, de que era capitão mor D. Gaspar da Câmara, como o foi em toda a ilha, a quem toda a gente de cavalo obedecia.

Agora é dela capitão mor, na dita vila da Ribeira Grande, Rui Gago da Câmara, como o é da infantaria, e cabos de esquadra Paulo Gago e Jordão Pacheco.

Da infantaria é sargento mor Duarte Privado, e capitães são os seguintes:

Francisco Tavares, capitão de duzentos homens; seu alferes, Gonçalo Bezerra; sargento, o primeiro, Gaspar Fernandes, o segundo, Miguel de Paiva.

Pero de Paiva, capitão de outros tantos; seu alferes, o primeiro, Simão de Sousa, o segundo, Manuel da Câmara, o terceiro, Duarte Tavares; sargento, António Cansado.

Nuno de Sousa, capitão da gente da Ribeira Seca; seu alferes, o primeiro, Ciprião da Ponte, o segundo, João Cabral; sargento, o primeiro, Estêvão Pires, o segundo, Cristóvão Afonso.

Na dita vila e seu termo, havia mil homens de peleja em quatro bandeiras, e o conde ([425]), no ano de mil e quinhentos e oitenta e seis, pelo pedir assim o tempo perigoso, erigiu outra companhia de novo, como de aventureiros, de cento e setenta e cinco homens, de que foi eleito por capitão Pedro Alvres Cabral; seu alferes, Tomé Jorge Formigo; sargento, Belchior Soares.

Manuel Moniz, capitão do lugar de Rabo de Peixe, termo da mesma vila; seu alferes, Rui Gago, filho de Rui Gago da Câmara; sargento, o primeiro, Manuel Raposo, o segundo, Custódio Afonso.

CAPÍTULO CXI ([426])

DE DOIS CAPITÃES DA FORTALEZA DA CIDADE DA PONTA DELGADA, DA ILHA DE SÃO MIGUEL E SEUS ALFERES E SARGENTOS

O primeiro capitão estrangeiro da fortaleza da cidade da Ponta Delgada, desta ilha de São Miguel, foi Pedro Munhoz de Castel Branco, homem de grande ânimo, muito saber e prudência, natural da vila de Moia, do bispado de Cuenca, nos Reinos de Hespanha, da geração dos Munhozes da vila de Teruel, dos Reinos de Aragão, e da dos Castelos Brancos, das montanhas de Xala.

Tem por armas, dos Munhozes, uma cruz de Avis vermelha, abertos os braços até que chega à frol de liz em campo de ouro, e dos Castelos Brancos, tem por armas um castelo com as ameias brancas em campo vermelho, e por orla, ao redor do escudo, umas aspas vermelhas em campo de ouro, a meia porta do castelo cerrada e outra metade aberta, com um braço armado, com a espada nua na mão defendendo-a.

As quais armas deu el-Rei D. Jaime de Aragão, que ganhou a Valença, ao fidalgo Mossem Belenguer Ruiz de Castel Branco, que havia abaixado com ele das montanhas para a conquista, porque tendo a seu cargo a vila de Castel Favi, do Reino de Valença, que fazia fronteira aos mouros, vieram um dia sobre ele de sobressalto e acudiu só à defensão de seu castelo, e, não podendo cerrar mais que a metade da porta, defendeu a outra tão valorosamente que teve tempo a gente que estava na igreja, dentro no mesmo castelo, ouvindo missa, para se armar e vir a defendê-la, e chegando a ele o acharam feito pedaços, seguiram ao alcance dos mouros, e deram conta disso a el-Rei D. Jaime, o qual mandou que se enterrasse em cima da porta do mesmo castelo, onde está ainda este dia, e que a seus filhos e descendentes lhes ficasse por armas um castelo com meia porta cerrada e outra meia aberta, defendendo-a com o braço e a espada nua.

Descendem os Castelos Brancos deste fidalgo Mossem Belenguer Ruiz de Castel Branco, ao qual do repartimento da conquista que fez el-Rei D. Jaime de Aragão (que ganhou a Valença e as mais terras do Reino dela, que por sobrenome se chama Valença do Cid) couberam as vilas de Valadoche, e Chera e Tormon e o Corvo, e os lugares desta jurdição, que eram sete, com a alcaidaria do Castelo e vila de Castel Favi, que estava por fronteira dos mouros, onde morreu em sua defensão, como está dito.

Teve este fidalgo dois filhos: ao maior deixou estas vilas com suas aldeias, em morgado, e ao outro, segundo, a vila da Torre Fondoneira, Velhar de Vehet, com a herdade que se chama Torrijos, que está junto de Camin Real, no Reino de Aragão.

O filho maior teve duas filhas: a mais velha, que herdava o morgado, casou com um fidalgo que se chamava Mossem Pedro de Herédia, senhor de Fontes, no Reino de Aragão, e de outras vilas e lugares; os quais com o tempo há muitos anos que têm título de condes de Fontes. Tem sua casa mais de vinte mil cruzados de renda, e os doze mil deles são da casa dos Castelos Brancos.

A outra casou com um filho do Arcebispo de Saragoça, chamado D. Fuão de Aragão.

O outro segundo filho de Mossem Belenguer, tio destas senhoras, vendo que a casa e nome dos Castelos Brancos se havia perdido pelo vir a herdar fêmea, fez morgado da vila de Fondoneira, Velhar de Vehet e da herdade de Torrijos, em seu filho maior, com tal gravame e força, que em nenhum tempo o pudesse vir a herdar fêmea, senão, quando faltassem descendentes varões, os herdassem os parentes mais propínquos do nome e armas dos de Castel Branco.

Terá de renda este morgado dois mil e duzentos cruzados. Teve por filhos a Mossem Diogo Ruiz de Castel Branco, que herdou o dito morgado, o qual teve princípio e veio de varão em varão há mais de quinhentos anos e agora o possui D. João Munhoz de Castel Branco, sobrinho deste capitão Pero Munhoz de Castel Branco, filho de um seu tio e de sua irmã.

Teve outras duas filhas o fundador deste morgado: uma, chamada Cendina Ruiz de Castel Branco, e outra Toda Ruiz de Castel Branco. A Cendina casou com Mossem Gonçalo Ruiz de Liori, que é uma casa dos mais principais fidalgos de Aragão, de que houve descendentes. A outra, Toda Ruiz, casou na raia de Castela com um fidalgo, chamado Jorge Ruiz de Alarcão, senhor das vilas de Valverde e Fontezilhas, da qual ficaram descendentes e se tratam por parentes dos Castelos Brancos.

Há duas casas destes senhores de Alarcão, na Mancha de Castela, Arcebispo de Toledo e Bispo de Cuenca: uma deste fidalgo, que valerá seis mil e seiscentos cruzados de renda, em cavalos; outra, dos senhores da vila de Beunache de Alarcão. Este terá perto de oito mil cruzados de renda, em cavalos.

Este filho de Mossem Belenguer Ruiz de Castel Branco andou sempre em casa dos Reis de Aragão, ele e seus descendentes; dos quais descendem os Castelos Brancos de Portugal, porque no tempo de el-Rei D. Diniz de Portugal (que foi o sexto), casado com D. Isabel, filha de el-Rei de Aragão, que foi Santa, cujas relíquias estão na cidade de Coimbra, vindo ela de Aragão para Portugal, trouxe consigo um irmão deste senhor deste morgado, o menor de três que eram, cujo nome não pude saber, porque o que tinha o morgado era já velho sem ter filhos e cuidava o segundo herdá-lo, pela qual causa não veio senão este só; o qual, por sua virtude e nobreza e pelo favor que teve desta Rainha de Portugal, veio a valer tanto que deixou as casas que agora há dos Castelos Brancos em Portugal, que descendem deles, e são tão ilustres como se sabe; donde é o meirinho mor e D. Martinho de Castel Branco, que morreu com el-Rei D. Sebastião na batalha de África, e tem sua casa tão sumptuosa junto ao Limoeiro em Lisboa, e D. Afonso de Castelo Branco, grande letrado e pregador e benemérito ([427]) bispo de Coimbra e outros senhores.

Este valoroso capitão da fortaleza da cidade da Ponta Delgada, desta ilha de S. Miguel, Pedro Munhoz de Castel Branco, das progénias acima ditas, se achou em muitos recontros e batalhas, em serviço de Deus e de Sua Majestade. Foi seu alferes seu irmão D. Gaspar de Castel Branco e sargento Hierónimo de Mesa.

Esteve na dita fortaleza Pero Munhoz de Castel Branco por capitão dela quatro anos, até que Sua Majestade o mandou ir para o Reino, para se servir dele em outras cousas maiores, de que é merecedor.

Logo veio outro capitão para a mesma fortaleza, chamado D. António de Portugal, que é filho de D. Jorge de Portugal, filho do conde de Valença, que foi mordomo do Imperador Carlos quinto.

Há anos que serve este capitão D. António de Portugal a el-Rei D. Filipe, desde o mês de Outubro do ano de quarenta e oito até agora. Passou à Alemanha por pagem de Sua Majestade este dito mês, que foi a vinte e dois de Outubro. Depois que el-Rei tornou a Hespanha, lhe pediu licença para o ir servir na guerra de Córsiga (sic), e, acabada esta jornada, se veio à de Sena, onde esteve nela até que se acabou. Dali se foi a Frandes, onde estava Sua Majestade sobre San Quintim, e em chegando lhe fez mercê de o fazer gentil homem de sua casa e dar-lhe quarenta cruzados cada mês; e quando se veio el-Rei D. Filipe, tornou com ele e o foi servir na tomada do Pinhão. Tomou-lhe juramento o duque de Alva, como mordomo mor de Sua Majestade.

Logo adiante o fez capitão, quando veio o terço sobre Malta, e mandou-o ir a Orão com três companhias a seu cargo, cuidando que depois da de Malta viesse o turco sobre Orão, e, acabada a jornada de Malta, se foi à corte com ordem de Sua Majestade, deixando a gente em Orão.

Levantou-se logo a guerra de Granada, donde o mandou Sua Majestade fazer gente, para ir contra os mouros que se alevantaram naquele Reino, onde esteve até que saíram os mouros de Granada e os levaram a Castela, fazendo o ofício algumas vezes em nome do mestre de campo, por estar enfermo e mandar-lho o senhor D. João, e o ofício de sargento mor por não o haver.

Acabada esta jornada, mandou Sua Majestade que fosse toda a gente de guerra a Itália, onde se achou na batalha naval de Lepanto, com o senhor D. João de Áustria. Acabada a naval pediu licença ao dito senhor D. João e se veio para Hespanha, onde esteve na corte alguns dias, servindo a el-Rei como gentil-homem que é, até que veio Sua Majestade a Lisboa.

Mandando el-Rei ao marquês de Santa Cruz que viesse tomar estas ilhas rebeladas, se veio com ele por ordem e mandado de Sua Majestade; e, tomada a Terceira, o marquês lhe ordenou que fosse ao Faial com D. Pedro de Toledo e que ficasse ele ali por governador daquela ilha, e com duzentos soldados castelhanos. Serviu nela a Sua Majestade perto de dois anos, até que o mandou vir a Angra, e que lá pusesse o mestre de campo João de Urbina outro capitão em seu nome, até que mandasse outra cousa; e ao cabo de dois anos mandou ao marquês de Santa Cruz o enviasse por capitão da fortaleza da cidade da Ponta Delgada; agora está com este cargo. Tem por alferes a João de Escobar, e por sargento Miguel Gomes, galhardo, discreto e animoso mancebo. Chegou o dito capitão D. António de Portugal a esta ilha no fim do ano de oitenta e sete.

As armas deste capitão D. António de Portugal, por uma parte, são as de Leão e castelos por orlas, e descende dos condes de Valença, que são junto a Leão e Astorga; têm nas bordas vermelhas quatro leões em cruz e quatro castelos de ouro entre eles, e no meio as cinco quinas de Portugal, e uma coroa em cima do escudo.

Por outra parte, tem no escudo as bordas vermelhas com quatro cabeças de cruz verdes, por el-Rei D. Dinis ser mestre de Avis, e entre elas quatro castelos de ouro, por D. Tareja, filha de D. Afonso, Rei de Castela, ser mulher de D. Henrique, conde de Portugal e pai de D. Afonso, que foi duque e depois primeiro Rei de Portugal; e dentro desta orla ou borda tem o escudo branco com as cinco quinas, que são cinco escudos azuis e em cada um cinco pontos brancos, que são vinte e cinco pontos por todos, e com os cinco escudos fazem número de trinta; as quais armas dizem os antigos que tomou o príncipe D. Henrique, primeiro conde de Portugal, irmão do Imperador da Grécia, à honra dos trinta dinheiros por que Nosso Senhor foi vendido; tem também sobre o escudo uma coroa.

O alferes deste capitão D. António de Portugal, chamado João de Escobar, serve a Sua Majestade desde a guerra de Malta, que há nesta era de 1590 ([428]) vinte e cinco anos. Achou-se também na guerra de Granada, donde se embarcou com o sr. D. João de Áustria para a batalha naval, onde se achou na galé Marquesa de Nápoles com o marquês de Santa Cruz e outro ano seguinte foram a Navarrino; dali passou a Frandes, a socorrer ao duque de Alva com Lopo da Cunha, governador que era do Alexandrino, muito parente do capitão D. António de Portugal, onde acharam o duque de Alva sobre a cidade de Arlem em Holanda. Daí veio às rotas, que teve o duque e o comendador mor de Castela D. Luís de Requenes, donde romperam ao conde Ludovico, irmão do príncipe de Orange, com os eleitores do Império de Alemanha, que eram o filho do conde Joanes e o filho do Landgrave e o filho do duque de Saxónia, onde lhes degolaram quinze mil homens e os venceram, e a mais gente que ficou do exército se retirou, fugindo pelo país de Cleves. Daí se foi a Anveres a pedir as trinta e sete pagas que se deviam ao exército, e sendo pagos se partiu para Lerdama e a tomou.

Depois de muitas jornadas em Frandes, veio a Itália, daí a Portugal, e na armada que venceu a Filipe Strosse e ao conde de Vimioso, e no ano seguinte veio à jornada da Terceira e foi com o capitão D. António de Portugal ao Faial, em que teve a fortaleza a seu cargo, por ordem do dito D. António; de lá tornou à Terceira, nela foi seu alferes e sargento, e veio a esta ilha, onde está servindo também de seu alferes.

CAPÍTULO CXII

DE GONÇALO VAZ COUTINHO QUE AGORA É GENERAL DA MILÍCIA NA ILHA DE SÃO MIGUEL ([429])

CAPÍTULO CXIII

DA GENTE DE ARMAS E OUTRAS COUSAS, EM SOMA, QUE HÁ NA ILHA DE SÃO MIGUEL

Afora duzentos e oitenta soldados hespanhóis que estão de presídio na fortaleza, dos naturais há em toda a ilha de São Miguel cinco mil homens de peleja, todos bons soldados de infantaria, afora os de cavalo, dos quais, ainda que se pode ajuntar um corpo ou companhia de quinhentos, sós trezentos serão bons cavaleiros, em bons cavalos e ginetes. ([430])

Sumariamente digo que esta ilha de São Miguel, em gente e riqueza, é um Reino de dezoito léguas de comprido, e de largo, em partes uma, e em partes duas léguas e mais. Tem uma populosa cidade, cinco vilas, vinte e dois lugares, em que há cinco mil e seiscentos e sessenta e sete fogos e mais de quarenta mil almas, das quais são de confissão vinte mil e setecentas e noventa e quatro, e de comunhão catorze mil e quatrocentas e oitenta e quatro. Rende a Sua Majestade cada ano mais de cinquenta mil cruzados, que é mais do que rendem as outras oito ilhas dos Açores juntas.

O conde de Vila Franca, Capitão e governador desta ilha, tem nela mais de trinta mil cruzados de renda. ([431]).

Há nela fazendas grossas e homens de quatrocentos e de trezentos moios de trigo, de renda; e outros ricos de duzentos mil cruzados e de cem mil, e daí para baixo, em rendas, granjearia e trato.

As terras, no geral, são mui fértiles e rendosas. A gente dela de bons entendimentos, pia, devota, caritativa, discreta, lustrosa e de polícia, e tão inteira nas cousas da Santa Fé Católica Romana que com ser mui antigo e contínuo o trato e comércio nesta ilha, de ingreses, franceses e framengos, por bondade de Deus, até agora se não têm visto nos moradores tisnados erros, que em algumas destas nações há nas cousas da Fé, e, assim como são leais a Deus, o foram sempre a Sua Majestade, no tempo das alterações do Reino de Portugal, pelo que merecem mercês e favores.

Sobretudo, é também lustrada com a Santa Margarida de Chaves, natural dela, que nela nasceu e está sepultada, onde fazem suas relíquias muitos milagres, como já tenho contado.

No descoberto, não se sabem ilhas que estejam tão remotas da terra firme como estas nove dos Açores, algumas das quais estão de Portugal quase trezentas léguas, e outras mais e menos, e além de serem mui frequentadas do comércio que nelas têm gentes estrangeiras, suspeitosas na fé, de alguns que andam piratas são avexadas, como também o são as naus e navios que a elas vêm aportar das Índias do oriente e ponente e de outras partes; pelo que os moradores delas, vivendo dantes quietos, vivem agora como em fronteira (ainda que não de mouros) de corsairos, a cujos rebates acodem valorosamente, defendendo a terra e os navios que aportam a seus portos, arriscando suas vidas e perdendo-as alguns, como já tem acontecido algumas vezes em algumas, e pouco tempo há nesta ilha de S. Miguel, de cuja narração faço, Senhora, fim, inda que o não tem as saudades da terra, nem menos as do céu, que os dois amigos seus naturais, nela e fora dela, tiveram. ([432]).

Dizendo eu à Fama: — isto é, Senhora, o que pude saber desta ilha de S. Miguel, afora a história dos dois amigos que nela houve, que é larga de contar, — nos fomos por entre o mato praticando e comendo as uvas da serra, pretas, roxas e brancas, e das alvas camarinhas, que se parecem na cor e grão com o fino aljôfre, recolhendo-nos em a minha sombria pousada, onde passámos a escura noite, às vezes dormindo e outras falando claras e amorosas palavras, agradecendo ela o trabalho passado de lhe dizer tantas particularidades desta terra, mostrando-me desejar de me meter em outro, de também lhe contar a história dos dois amigos

que houve nela, como amanhecesse. E depois que o sol começou a alumiar a face da terra, nos fomos assentar no costumado lugar, junto da grande e fresca ribeira, onde passámos ambos o que adiante direi.

Fim do Livro Quarto

N O T A S

([1]) História Insulana, edição de 1866, 1.º vol. pág. IX.
([2]) Livro III das Saudades da Terra, edição do Instituto Cultural, pág. XXXIII.
([3]) Livro III das Saudades da Terra, edição de 1922, pág. IX.
([4]) Livro I, edição do Instituto Cultural, pág. XLI.
([5]) Idem, pág. LVII.
([6]) Colecção de documentos sobre o descobrimento e povoamento dos Açores, pág. LXXVII.
([7]) Archivo dos Açores, vol. I, pág. 6.
([8]) Archivo dos Açores, vol. I, pág. 103.
([9]) Archivo dos Açores, vol. III, pág. 9.
([10]) Obra citada, pág. CIV.
([11]) Em 4 de Maio de 1481 consolidava D. Afonso V a autoridade do Príncipe D. João em matéria de descobrimentos.
([12]) Colecção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores, pág. CV.
([13]) Insulana, vol. XXIX e XXX, pág. 171.
([14]) Livro I, edição do Instituto Cultural, 1966, pág. CXLV e CXLVI.
([15]) Livro I, edição do Instituto Cultural, 1966, pág. CXXXVII.
([16]) Livro I, edição do Instituto Cultural, 1966, pág. CXLI.
([17]) Vid. "O Prior do Crato, Filipe II, de Espanha e o trono de Portugal" de Maria Antonieta Soares de Azevedo, Coimbra, 1974 (Apêndices n.ºs 2 e seguinte).
([18]) Notícia bibliográfica das Saudades da Terra, Livro III, edição do Instituto Cultural, pág. XXXIII.
([19]) O mesmo que "entre"
([20]) O mesmo que "reino"
([21]) A propósito do problema do descobrimento dos Açores, vid. "Colecção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores", por M. M. Velho Arruda, "História da Expansão Portuguesa no Mundo", vol. I, col. I, pág. 295, "História dos Descobrimentos Portugueses", de Damião Peres, pág. 68 e demais bibliografia em "Palavras Prévias" do Livro Terceiro das Saudades da Terra, ed. do Instituto Cultural de Ponta Delgada.
([22]) No original a seguir a "almoxarifado" foi acrescentado em entrelinhas na letra muito miúda a que nos temos referido nos outros Livros e é do autor, "e tabelião público" até "por achar".
([23]) O mesmo que douto.
([24]) A 1.ª parte deste capítulo (desde a numeração e o título até "recolheu o braço esquerdo para" (inclusive) está escrita por mão que não é a de Frutuoso e consta de uma meia folha que foi intercalada no original para substituir uma outra que foi cortada à tesoura e pertencia à folha em que prossegue a narrativa com letra de Frutuoso. Possivelmente esta substituição fez-se para ampliar a genealogia dos Velhos, ou melhor, a ascendência continental destes. A letra é a mesma que escreveu o Contraponto, no livro 3.º e o capítulo XXI do mesmo Livro e possivelmente a descrição topográfica da Ilha de S. Miguel.
([25]) O mesmo que deão.
([26]) O mesmo que curro.
([27]) No original, a partir desta palavra, volta a narrativa a ser escrita por Frutuoso, porque se entra na página 185, que constitui uma folha com a antiga 184 que foi cortada à tesoura, como está bem visível.
([28]) O mesmo que cerrar.
([29]) O mesmo que traição.
([30]) O mesmo que inimigos.
([31]) É com certeza "lapsus calami".
([32]) Frutuoso escreveu a seguir: "ou como alguns dizem, por ter diferenças nesta ilha de S. Miguel com os filhos de Gonçalo Vaz, o Grande, pelo que também dizem que vendeu esta ilha, além das outras razões que a isso o moveram, como tenho tratado quando dele falei". Todo este final do período está riscado pela mão do autor.
([33]) Licenciado Jerónimo Luiz Ferreira, cavaleiro-fidalgo, que fez testamento aprovado a 4-5-1593, em que deixou bens à Misericórdia de Ponta Delgada; fez codicilo, já viúvo, em 1615, ano em que morreu, a 24 de Março. Instituiu vínculo no testamento, que é de mão comum com a mulher, vínculo que teve confirmação a 4-2-1611 (Nota de Rodrigo Rodrigues).
([34]) É Fernão de Meza, a quem se refere no cap.º XVII deste Livro.
([35]) Branca Velha, citada no testamento do pai, feito a 19-11-1511 (Vid. "Archivo dos Açores", vol. XII, pág. 97). Ignora-se o nome do marido.
([36]) O mesmo que espíritos.
([37]) É Francisco de Mariz.

(38) "e outros filhos" está no original acrescentado a letra muito miúda, que me parece ser de Frutuoso.
(39) Todo este parágrafo está riscado no manuscrito original por mão de Frutuoso, como se depreende da tinta dos riscos.
(40) Este começo do período até "que" está também cortado no original.
(41) No manuscrito original as duas palavras precedentes foram riscadas ao mesmo tempo que em letra muito miúda e nas entrelinhas o autor acrescentou a seguir a Jorge Furtado de Sousa "cónego da Sé da cidade do Funchal da ilha da Madeira".
(42) É "de Arez".
(43) Estas três últimas palavras estão riscadas, no original, e substituídas em letra muito miúda do autor por "casou com Baltazar Martins de Castro".
(44) Frutuoso primeiramente escreveu a seguir a "nobre mulher", "a que não pude saber o nome", mas depois riscou estas palavras e substituiu-as nas entrelinhas por "chamada Isabel Fernandes".
(45) As palavras em grifo estão no original.
(46) Aliás, Leonor de Medeiros, como vem no cap.º XXVIII (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(47) Aliás, Isabel Cabral (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(48) O mesmo que Setúbal.
(49) Deve ser Joana, como acima se vê, e não Isabel (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(50) É Catarina de Novaes.
(51) O final deste período, a seguir a "sinais de honra", foi acrescentado em letra muito miúda, a mesma de quase todas as emendas e são do punho de Frutuoso.
(52) Isabel de Melo, filha de Diogo de Melo e Leonor Lopes, citados no cap. LI.
(53) O mesmo que jurisdição.
(54) O mesmo que peões.
(55) Antão Pacheco de Sousa casou na Matriz de Ponta Delgada a 6-8-1590 com Inês Ferreira d'Azevedo, viúva de António de Brum.
(56) Desde "Breatiz" até ao fim do período está escrito à margem, com a letra miúda do autor.
(57) Marquesa de Abreu, citada numa escritura feita a 8-1-1573 em Rosto de Cão, em que seu marido Simão Nunes, cavaleiro-fidalgo, dota sua filha Beatriz Tavares, para professar no Convento de St.º André de Vila Franca (L.º I de Genealogias, de Rodrigo Rodrigues, fls. 7).
(58) Este último período está no original intercalado na costumada letra muito miúda que, como já vimos, é de Frutuoso nos últimos tempos de sua vida.
(59) Deve ser corrupção de *Andrino* — adjectivo que significa a cor especial da andorinha. (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(60) Aliás, Isabel Pires (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(61) D. Maria Gonçalves Botelho, dizem os genealogistas.
(62) D. Breatiz de Macedo, citada no cap.º XXVI e contemplada no testamento de seu tio André Gonçalves de Sampaio.
(63) Helena Gonçalves, casada com Cristóvão de Braga, citados no cap.º LXX deste L.º IV, Leonor Cordeiro, casada com Luís Eanes, caval.º de Santiago, morador na Ribeira Grande, Ana Gonçalves e D. Guiomar Gonçalves Botelho, casada com João de Bettencourt e Sá (Vid. cap. VII deste Livro).
(64) Adiante, no Capítulo V, diz que ela se chamava Isabel Dias da Costa, (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(65) D. Beatriz da Costa, citada numa demanda que ela e o marido puseram a 5-10-1569 em Ponta Delgada a seu primo Pedro da Costa, morador em Vila Franca, (L.º 1.º de Genealogias de Rodrigo Rodrigues, fs. 14). Tiveram filhos.
(66) É curioso notar que com esta frase Frutuoso reconhece a razão de estado no assassínio de D. Inês de Castro.
(67) O mesmo que Bartolomeu.
(68) Deste morgado instituído por Margarida Mendes, em testamento de 6-8-1550, foi última administradora D. Ana Teodora de Medeiros Dias da Câmara, 1.ª viscondessa da Praia ("Instituições vinculares", do Morgado João d'Arruda, vol. I, pág. 35 - Ms, existente na Biblioteca Pública de Ponta Delgada).
(69) Isabel Travassos.
(70) Maria Tavares, citada no cap. XV.
(71) Vid. esta Maria de Sousa nas "Crónicas da Província de S. João Evangelista das ilhas dos Açores", de Fr. Agostinho de Monte Alverne, vol. II, pág. 195 (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(72) O mesmo que vereador.
(73) O mesmo que Osórios.
(74) Esta última frase, a partir de "uma das quais", está nas entrelinhas pela dita letra miúda.
(75) O mesmo que ingleses.
(76) O mesmo que corsários.
(77) João ou Pedro de Bastos (?). Na Matriz da Ribeira Grande a 29-5-1589 há o casamento de Águeda de Bastos, f.ª de Pedro de Bastos e Branca Jaques, moradores na Achada (Genealogias de Rodrigo Rodrigues, vol. II, pág. 119).
(78) Está "irmão" no original, mas deve ser "irmã".
(79) Há aqui a seguir a "Terceira" um espaço em branco, naturalmente porque o autor queria acrescentar alguma informação de que desistiu, passando um traço por cima.
(80) Todo o texto deste 1.º § está no original por letra diferente da do autor, mas que, segundo o exame já feito, deve ser da sua autoria, porque nele aparece a mesma letra miúda de quase todas as emendas e acrescentamentos que se encontram nesta obra. Os termos de registo paroquial escritos por Frutuoso em 1591 assemelham-se muito a esta letra.
(81) Vide capítulo 32, in fine.

([82]) Deve ler-se quarta, segundo se infere do que está atrás.

([83]) Diz o Morgado João d'Arruda que esta palavra *mercador* está riscada e substituída no texto original por *cidadão*, o que o dito Gaspar Dias nunca foi, pois bem se lê por baixo da emenda a letra de Frutuoso que dizia *mercador*. Esta nota do Morgado João d'Arruda mostra que a substituição de *mercador* por *cidadão* foi feita muito antes da época (século XIX) em que se diz ter surgido o preconceito de família que os descendentes do Visconde da Praia mantiveram até quase aos nossos dias. De facto é ainda possível ler-se a primitiva palavra, apesar de *cidadão* estar escrito com letra diferente e com tinta muito escura.

([84]) É Dória, apelido outrora frequente na ilha da Madeira, trazido de Génova para esta ilha por António Espínola Dória, que aí recebeu terras de sesmaria em Santiago. Derivou depois para a ilha Graciosa, na pessoa de seu filho Pedro Espínola Dória.

([85]) Há aqui confusão da parte de Frutuoso. Vid. Árvores Genealógicas extraídas das Saudades da Terra pelo Dr. Ernesto do Canto, fol. 150, n.º 1 (Nota de Rodrigo Rodrigues).

([86]) O autor equivocou-se neste nome. É Guiomar Camelo, 2.ª mulher de Jorge Furtado de Sousa, que instituiu vínculo por escritura de dote de 20-10-1589, feita a sua filha Isabel para casar com Baltazar Martins de Castro (Genealogias de Rodrigo Rodrigues, L.º II, fs. 135).

([87]) É Ceuta.

([88]) *D. Maria* diz o termo de casamento da filha, que foi no 1.º de Agosto de 1591, na Matriz de Ponta Delgada, em que se vê — Maria de Betancor d'Aguiar, filha de André de Betancor e *Maria d'Aguiar,* casou com Manuel Alves Homem (Nota de Rodrigo Rodrigues).

([89]) Este último período no original foi acrescentado nas entrelinhas pela dita letra muito miúda que deve ser de Frutuoso.

([90]) O mesmo que desposório.

([91]) Aliás, Rui Gonçalves da Câmara, Vid. capítulo 66.º (Nota de Rodrigo Rodrigues).

([92]) Este apelido *Perdomo* ou *Pordomo* é corrupção do francês *Prud'homme.* Aristide Prud'homme, gentil-homem francês, foi um dos que acompanharam Jean de Bettencourt à conquista das Canárias, e casou com Leonor de Bettencourt, filha de Maciot, de quem teve filhos, entre os quais um João Perdomo de Bettencourt, que em 1580 escreveu uma carta aos Bettencourts de Ruão — Traité des Navigations. (Nota do Dr. Ernesto do Canto).

([93]) O mesmo que Quaresma.

([94]) O mesmo que Jeremias.

([95]) O princípio deste capítulo desapareceu no manuscrito original, pois que consta de uma folha com evidentes estragos produzidos parece que pelo fogo, só sendo possível começar a fazer-se a leitura onde diz "algum esforçado cavaleiro".

([96]) No original "de Sousa" está escrito por cima duma palavra, hoje ilegível.

([97]) "Gamboa" é o que se lê no manuscrito original; porém estava antes escrita outra palavra que foi apagada, de que resta ainda o G e o a, que foram aproveitados para escrever *Gamboa.* Talvez estivesse escrito "Gandia", que é apelido usado nesta família. Diz o morgado João d'Arruda na sua cópia "aqui está uma palavra gasta que parece "de Gamboa". As letras que se não liam foram depois avivadas.

([98]) No original, neste ponto há um espaço onde se lê ainda, com letra muito desvanecida, porque parece terem diligenciado apagá-la, a seguinte frase: "que agora é", o que já fora notado pelo Morgado João d'Arruda.

([99]) Aqui o manuscrito está destruído, pelo fogo, segundo parece, pois que estamos no verso do sítio queimado desta folha, a que se refere a primeira nota deste capítulo. Tudo o que se segue é transcrito da cópia do Morgado João d'Arruda, que diz nas notas respectivas ter extraído tudo quanto se refere ao cativeiro de António Borges de "um bocado de papel" que todo está escrito por letra diferente e a que conduzia um sinal no texto. Porém, tal papel que, segundo o Morgado João d'Arruda, parece estava preso ao manuscrito, pode ter sido escrito pelo punho de Frutuoso, com a tal letra miúda, que ele morgado julgou de outra pessoa, mas o Dr. Ernesto do Canto considera da sua autoria, como de facto já reconhecemos através do confronto com os termos por ele redigidos em 1591. O que se sabe de certeza, pelo testemunho do Morgado João d'Arruda, é que toda a narrativa acerca do cativeiro de António Borges não constava do texto original, onde mesmo não podia caber no estreito espaço que foi destruído.

([100]) Aqui começa o que estava no pedaço de papel a que se refere a nota n. 3 desta folha.

([101]) Neste ponto, segundo o Morgado João d'Arruda, recomeça a narrativa no texto, por mão de Frutuoso, e assim do lugar onde diz "o mais velho" até "fugiu o mais moço" inclusive é o que consta do bocado de papel apenso ao texto, que o Morgado João d'Arruda transcreveu.

([102]) Isabel Pacheco da Silveira (Nota de Rodrigo Rodrigues).

([103]) Frutuoso escreveu no original "Estevão", mas por cima outra mão (?) escreveu "Sebastião", como abaixo o escreveu Frutuoso.

([104]) No original diz "irmão", e não "irmã", como figura nas erratas do final da 1.ª edição deste volume, mas é, de facto, irmã.

([105]) Aliás, terceiro.

([106]) Fundadora com seu marido, Manuel Martins Soares, do convento de S. João de Ponta Delgada. Em 10-8-1602, nas notas de Francisco Lobo, Maria Jácome Raposo, viúva de Manuel Martins Soares, constituiu-se padroeira do mosteiro.

([107]) Hipólita das Cortes (Vid. cap.º 98.º deste L.º).

([108]) Maria d'Albernaz da Costa, filha de António de Albernaz da Costa e Maria de Medeiros (Genealogias, de Rodrigo Rodrigues, L.º IV, pág. 82).

([109]) De uma das mulheres, Maria Pereira, teve a Jordão Jácome Correia ou Raposo, que casou no Rosário da Lagoa a 16-5-1620 com Catarina Cabral de Melo e foi morador em Vila Franca, (Genealogias, de Rodrigo Rodrigues, fs. 82 do L.º IV).

([110]) "Sobrinhos, filhos de seu irmão" foi acrescentado em nota marginal por letra e tinta que não parecem ser de Frutuoso.

([111]) O mesmo que desposórios.

(112) Aliás, de Rui Gonçalves da Câmara: Vid. cap.º 66.º deste L.º (Nota dos editores da 1.ª edição).
(113) O mesmo que pagens.
(114) O mesmo que "deádego".
(115) O mesmo que notário.
(116) As últimas quatro palavras estão à margem, em letra miudinha que deve ser do autor.
(117) Os dois últimos parágrafos estão num pedaço de papel colado à folha, mas foram escritos pelo próprio Frutuoso.
(118) Almoster foi acrescentado pela letra miudinha de Frutuoso.
(119) O mesmo que varão.
(120) No capítulo 7.º chama-lhe Leonor Cordeira (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(121) D. Iria da Fonseca, de Portugal (Vid. "Pedatura Lusitana", de Cristóvão Alão de Moraes, tomo I, pág. 336).
(122) D. Beatriz, abaixo mencionada, como 2.ª mulher de Álvaro Cardoso, e citada no testamento do avô Pedro Jorge, de 3-3-1528 (Genealogias, de Rodrigo Rodrigues, L.º II, pág. 192).
(123) Leonor Camelo, citada no cap.º 8.º deste L.º.
(124) O mesmo que instrumento.
(125) O mesmo que ginetários.
(126) É Achada.
(127) O mesmo que loco-tenente.
(128) O mesmo que chanceler.
(129) O P.e João Soares da Costa instituiu por testamento aprovado a 6-12-1581 uma capela, cuja administração deixou à Misericórdia de Ponta Delgada para dotar parentas pobres. (Genealogias de R. Rodrigues, L.º II, pág. 120).
(130) Segundo Fr. Agostinho de Monte Alverne, Fr. Braz Soares é filho de Afonso Anes.
(131) Frutuoso escreveu a seguir a Jorge Furtado "que aprende para sacerdote", o que riscou mais tarde para escrever por cima o que está no texto.
(132) Baltazar Martins de Crasto (sic) foi escrito nas entrelinhas em letra muito miúda, que é do autor.
(133) Daqui em diante até ao fim do período está acrescentado no original pela referida letra muito miúda que deve ser do autor.
(134) Solanda Cordeiro, citada no cap.º 28.º.
(135) Ignora-se o nome, mas sabe-se que foi casada com Ascêncio Nunes, morador em Água Retorta (Genealogias de R. Rodrigues, L.º II, pág. 173).
(136) Maria de Sousa de Sampaio, baptisada no Faial da Terra a 31-1-1569 e casada com Heitor Barbosa da Silva, filho de Pedro Barbosa e Maria de Medeiros, citados no cap.º 11.º.
(137) Helena Gonçalves da Costa, citada no cap.º 86.º.
(138) Maria Correia de Sousa, citada no cap.º 8.º.
(139) Rui Gonçalves Velhasques, que a 11-10-1592, na Maia, por si e como procurador de sua mulher Maria Correia de Sousa trespassa um foro. (Genealogias de R. Rodrigues, L.º II, pág. 74).
(140) O mesmo que chanceler.
(141) Helena Lourenço, citada no cap.º 22.º.
(142) Jerónima de Melo, citada no cap.º 3.º.
(143) Marquesa Gonçalves Caiado, que consta do testamento do bisneto p.e João de Sousa Caiado, ou João de Sousa Freire, aprovado a 26-10-1696, (Nota de R. Rodrigues).
(144) O mesmo que inglês.
(145) Há aqui equívoco, porque nos séculos XV e XVI não houve nenhum rei de Castela chamado Afonso.
(146) No capítulo 3.º chama-lhe Catarina de Mesa, e assim deve ser, como se verifica no seu testamento de 1537. (Nota dos editores da 1.ª edição).
(147) Beatriz d'Aguiar.
(148) Maria da Fonseca, conforme uma escritura de 26-1-1584, feita em Vila Franca (Genealogias de R. Rodrigues, L.º I, pág. 16).
(149) Catarina d'Osório, que fez testamento em Vila Franca a 3-12-1612 (Idem).
(150) Rui Vaz Balea, ou Baleato, (vid. cap.º 17.º deste Livro).
(151) Aliás irmã, como está escrito à margem por outra letra.
(152) Por cima, está escrito irmão, por letra diferente.
(153) Há aqui equívoco, pois não consta que a Infanta D. Leonor, irmã de D. Afonso V e mulher de Frederico III, imperador de Alemanha, morresse na viagem.
(154) Frutuoso escreveu Afonso, mas depois foi riscada a palavra e substituída por Ambrósio, com letra que não parece do autor.
(155) Entre os quais Cristóvão de Matos do Quental, que instituiu vínculo por testamento aprovado a 21-12-1639 e foi casado com Maria Serrão de Novais.
(156) Ana Jorge.
(157) Ana Gonçalves.
(158) É desta e de seu marido que descende Antero de Quental.
(159) É Beatriz Coelho.
(160) Maria Manuel, filha de Pedro Manuel Pavão e Inês Pinheiro (Genealogias de Rodrigo Rodrigues, L.º I, pág. 85).
(161) O mesmo que loco-tenente.
(162) Ana de Frias, citada no cap.º 32.º.
(163) Branca Roiz de Medeiros, citada nos cap.ºs. 6.º e 43.º.
(164) Estes filhos só aparecem referidos adiante, no Capítulo 28. (Nota dos editores da 1.ª edição deste Livro).

(165) Frutuoso chamou a este João Nunes da Câmara vigário, como de facto está no texto, mas por cima de “vigário” foi escrito, por outra letra, “fidalgo”. Foi seu neto o Licenciado António Moniz da Câmara, arcediago em Évora e vigário geral do bispado no Funchal.
(166) Leonor Manuel.
(167) Violante de Medeiros.
(168) É Xerez.
(169) No original está acrescentado por letra diferente, segundo a cópia do Morgado Arruda: “no (ano) de 1623; e antes era desembargador do Paço de Sua Majestade”. (De facto, esta letra a que alude a nota não é de Frutuoso).
(170) Chamava-se também Maria Moniz.
(171) Isabel Tavares, citada nos cap.ºs 4.º e 42.º deste Livro.
(172) Esta não foi mencionada por Frutuoso, pois que no original e tudo o que lhe diz respeito foi acrescentado por letra muito diferente da do autor.
(173) O mesmo que Sodré.
(174) Era viúva de Fernão Tavares e é citada no cap.º 15.º.
(175) O mesmo que cabides.
(176) Aliás Isabel, como se vê abaixo. (Nota dos editores da 1.ª edição).
(177) O mesmo que Achada.
(178) O mesmo que Alpoim.
(179) O mesmo que mastro.
(180) O mesmo que Flandres.
(181) O mesmo que Cádiz.
(182) Daqui até ao fim do período, foi acrescentado em letra muito miúda, que é de Frutuoso, como já vimos.
(183) Daqui até ao fim do período, foi acrescentado em letra muito miúda, que é de Frutuoso, como já vimos.
(184) É Isabel Pires, como diz adiante, filha, portanto, de Aires Pires Rodovalho e casada com Sebastião Gonçalves e depois com Gonçalo do Rego, o Velho, (Nota de R. R.).
(185) No cap.º 31.º diz que Bartoleza Fernandes é filha de João Alvres, do Olho. (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(186) Aliás, filho de Gonçalo Vaz Andrinho e neto de Gonçalo Vaz, o Grande, (Nota de R. Rodrigues).
(187) O mesmo que armazéns.
(188) É Francisco de Mariz.
(189) O mesmo que deposto.
(190) Frutuoso escreveu primeiro “do senhor D. António”, mas depois a palavra “senhor” foi riscada.
(191) Frutuoso escreveu primeiro “do senhor D. António”, mas depois a palavra “senhor” foi riscada.
(192) Maria Afonso citada no cap.º 25.º.
(193) Daqui em diante, até ao final do período, foi acrescentado pela letra muito miúda, que deve ser de Frutuoso.
(194) Inês de Albernaz, viúva de Diogo Fernandes Homem, citados nos cap.ºs XXVI e XXXVI.
(195) Isabel Furtado, citada no cap.º XXXVI.
(196) Isabel de Sousa, que consta dos casamentos dos filhos João e Beatriz de Sousa, respectivamente na Matriz da Ribeira Grande a 30-9-1572 e em S. Pedro da Ribeira Seca a 15-12-1580. (Genealogias, de R. Rodrigues, L.º 3.º, pág. 76).
(197) Jerónima Nunes, citada no cap.º XX.
(198) O mesmo que “Achada”.
(199) Isabel Pereira, segundo Rodrigo Rodrigues.
(200) Isabel Dias, idem.
(201) Ana Afonso, idem.
(202) Cibroa Fagundes, idem. Contudo, o autor no cap.º 36.º diz que a segunda mulher foi uma filha de Sebastião Barriga, de Água do Pau.
(203) Margarida ou Madalena Álvares, segundo os genealogistas.
(204) Catarina Dias, casada a 21-4-1586 na Matriz da Ribeira Grande, sendo o marido filho de Pedro Barriga e Guiomar Furtado, de Água do Pau.
(205) Aliás, Maria Castanha, ou Maria Roiz Castanha, como se vê do termo do baptismo do filho Jerónimo, em S. Roque. (Nota de R. Rodrigues).
(206) Aliás, Mécia Cansada (Nota de R. Rodrigues).
(207) Frutuoso, escrevia indistintamente *Teve* ou *Teive;* assim no capítulo 7.º chama a este Amador, bem como ao pai e ao filho, *Teve,* e neste capítulo 27.º escreve sempre *Teive.* (Nota dos editores da 1.ª edição).
(208) Beatriz Dias, que fez testamento a 5-8-1559 e deixou bens à Misericórdia de Ponta Delgada (Genealogias de R. Rodrigues, pág. 171 do Livro III).
(209) Maria de Sousa, citada no testamento do pai aprovado a 19-9-1568 (idem, pág. 21).
(210) Lopo das Côrtes teve outro filho, Tomé Lopes, que foi morto por Luiz Galvão (Vid. Archivo dos Açores, vol. I, pág. 67 e o cap.º LXIII deste livro).
(211) Frutuoso escreveu “mercador”, como se pode ler ainda no original, embora depois, com tinta muito diferente, alguém emendasse para “cidadão”.
(212) A “Manuel Dias” foi no texto original acrescentada a palavra “cidadão”, por letra muito diferente da de Frutuoso.
(213) Este final do período (e Gaspar Dias serviu os nobres cargos desta ilha) foi acrescentado mais tarde por letra e tinta muito diferentes das de Frutuoso.
(214) Frutuoso escreveu “Medeiros” em vez de “Araújo”, apelido que foi escrito nas entrelinhas por outrem, que também riscou o “Medeiros”.
(215) O título primitivo deste capítulo, como ainda se lê no manuscrito original, é: “Dos Pavões povoadores na vila de Água do Pau, mais antigos nesta ilha que os Oliveiras”; esta última parte foi riscada.

(216) Abaixo, este Manuel Pavão é chamado, por Frutuoso, Pero Manuel Pavão.
(217) A 1.ª vez na Candelária a 16-8-1568 com Beatriz Manuel e a 2.ª com Isabel de Benevides (Genealogias de R. Rodrigues, L.º II, pág. 30).
(218) Com Maria Pelarda e a 3.ª vez com Gracia Ledesma (Idem).
(219) Frutuoso chamou primeiramente a este "Sebastião Ledo", "dos nobres Ledos", mas depois "Ledo" foi emendado para "Sousa" e "Ledos" também.
(220) 'E todos homens para muito', acrescentado pelo autor em letra miúda.
(221) Tudo o que se segue a "Manuel de Oliveira" até ao fim do período foi acrescentado em letra muito miúda, que deve ser do autor.
(222) Uma delas, Ana Rodrigues Pavão, que casou com Cristóvão Soares de Melo, segundo os genealogistas.
(223) Aliás, neto de Manuel Afonso Pavão (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(224) Todo o começo deste parágrafo foi acrescentado pelo próprio Frutuoso, pois que está escrito em letra muito miúda no pequeno espaço que decorre entre o título do capítulo e o princípio do período que começava em "Diogo de Oliveira".
(225) "Afonso Velho, homem poderoso da geração dos Velhos" foi acrescentado por Frutuoso na sua letra miudinha.
(226) Deve ser Catarina Afonso, com quem casou na Matriz da Ribeira Grande a 30-12-1544, não declarando o termo os pais dos nubentes (Genealogias de R. R., Livro II, pág. 61).
(227) Aliás, Catarina Luís. (Nota dos editores da 1.ª edição).
(228) A outra filha, de que não se conhece o nome, casou com Lourenço Roiz, de Água do Pau, citado no cap.º XXIX.
(229) Deve ser lapso do autor, porque atrás já se refere à segunda filha e por conseguinte esta é a quinta.
(230) Aliás, de Duarte Vaz (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(231) Antónia Travassos, citada no cap.º III, foi herdeira do vínculo dos Remédios na Lagoa (Genealogias de R. R., L.º III, pág. 80).
(232) Isabel da Costa (idem).
(233) Maria da Costa (idem).
(234) No capítulo 27, diz o Autor que Margarida de Alpoem foi casada com Duarte Roiz e não com este seu irmão, Heitor Roiz, a quem atribui o estado de solteiro. Também ali afirma que Guiomar Álvares, de cujo marido aqui ignora o nome, foi casada com Bartolomeu Roiz. (Nota dos editores da 1.ª edição).
(235) João Gonçalves Botelho.
(236) Isabel de Frias, que consta do testamento do marido, feito a 18-6-1565 (Genealogias de R. R., L.º I, pág. 88).
(237) Este último período não foi escrito por Frutuoso, mas por letra muito diferente e posterior.
(238) O mesmo que Orense.
(239) Encontra-se este espaço em branco no original.
(240) Aqui, no texto original e à margem, está escrito o seguinte: "não se pode usar de semelhantes palavras". A letra é muito diferente da de Frutuoso. Esta nota faz supor que o manuscrito se destinava à publicação e daí o cuidado em não conter coisas com que o Santo Ofício implicasse.
(241) A ascendência aqui apresentada destes Ferreiras e mesmo a categoria de Gonçalo Aires Ferreira, o Velho, são hoje muito discutidas (Vid. "O arquipélago da Madeira, terra do Senhor Infante", do P.e Pita Ferreira, pág 85).
(242) Vid. a biografia de Afonso Mexia a pág. 214 e seguintes do 2.º volume do Arquivo Histórico Português (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(243) Este Diogo Dias Brandão, citado no cap.º 15º como marido de Inês Tavares, casou a 1.ª vez com Ana Escórcia, como se vê de uma escritura de 27-4-1562 em Vila Franca nas notas do tabelião João de Novaes. (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(244) Isabel da Gama parece que era da Madeira (Vid. cap.º XLV do Livro Segundo das Saudades da Terra, pág. 343). Mais adiante, no cap.º 42.º, diz que é da Madeira (Nota de R. Rodrigues).
(245) O autor no capítulo 3.º diz que Maria Falcoa foi casada, em primeiras núpcias, com Diogo Velho, e não Diogo Coelho, como aqui afirma. (Nota dos editores da 1.ª edição).
(246) Encontram-se aqui riscadas, no original, as seguintes palavras: — dizendo isto com alguma ira, que foi causa de que todos os fidalgos, que estavam presentes, ficaram espantados.
(247) Também riscadas estas palavras: — ainda com cólera.
(248) Aqui se acham também riscadas as seguintes palavras: — e espantados d'el-Rei tão mal ouvir um procurador de povos.
(249) Paulina Barbosa (Vid. Cap.º XI).
(250) Deste capítulo até ao fim do L, em que se descreve a Ilha de S. Miguel, a letra não é de Frutuoso, e muito se assemelha à do Contraponto (cap.º IV do Livro III), aliás ambas muito bem desenhadas, mas não temos dúvida de que seja o autor de tais capítulos, já pelo estilo, já pelas suas conhecidas entrelinhas, que de vez em quando aparecem e são em tudo iguais às que pululam em toda a obra, no desejo de corrigir ou aumentar a informação.
(251) Belchior Pimentel ou Belchior Manuel, que foi excluído da amnistia, concedida aos moradores de Vila Franca que tinham bem acolhido D. António, Prior do Crato (Vid. Lº 3º do antigo registo da Câmara Municipal de Ponta Delgada) e Gaspar Manuel Pimentel, morador no Nordeste e Faial da Terra (L.º 4º das Genealogias de Rodrigo Rodrigues, pág. 3).
(252) Francisca Raposo e Ana Jácome Raposo (idem).
(253) Aliás filho.
(254) Deve ser Siracusa, que em italiano é Siragosa.
(255) O mesmo que Castro.
(256) Falta a Maia que no original não é citada, mas como esta parte descritiva da Ilha de São Miguel é uma cópia do que certamente Frutuoso escreveu, pode ter havido lapso do copista.
(257) Deve ser farilhões.
(258) O mesmo que Congro.

(259) Pero Cão era cura (sic) da igreja de S. Roque em 1531, quando Catarina Roiz, viúva de Nuno Gonçalves Botelho, fez o seu testamento. (Nota de R. Rodrigues).
(260) Vid. o corregedor Maracote a pág. 24 do 6.° volume das "Obras Completas" de Gil Vicente nota, em edição da Livraria Sá da Costa e também pag. 259 e 260 do "Gil Vicente Trovador e Mestre de Balança", por Braamcamp Freire, edição de 1944. O seu nome todo é Rui Gonçalves Maracote (nota de Rodrigo Rodrigues).
(261) Frutuoso diz que Pedro Roiz da Câmara era irmão do 5º capitão donatário Rui Gonçalves da Câmara, mas enganou-se porque era tio.
(262) Ainda há anos atrás anexa, com o seu recolhimento, ao palacete do Eng.º Caetano de Andrade Albuquerque, na rua Dr. Caetano de Andrade, mais tarde transferida para o cimo da Lombinha dos Cães, em frente do Jardim de António Borges, hoje Jardim Municipal.
(263) No cap.º 68.º, o autor diz que o Capitão Rui Gonçalves da Câmara foi primeiramente sepultado na igreja do Convento de São Francisco de Ponta Delgada.
(264) Na margem esquerda do penúltimo parágrafo alguém escreveu o seguinte, com letra que me parece do século XVII:
Aos 3 de Julho de 1638, arrebentou o fogo deste pico, e lançou de si para a parte do mar, digo defronte deste pico, para a parte do sul, três quartos de légua ao mar dentro arrebentou o fogo saindo da água livremente lançando diante de si muita quantidade de areia negra e tão alta que algumas vezes venceria duas e três alturas da torre da igreja grande da cidade e o fumo subia sobre as nuvens que se via de muitas partes da ilha; fez um ilhéu da areia que lançava. Durou este fogo três semanas na água, e o ilhéu se desfez à primeira invernada, mas ficou um baixio mui grande.
(265) O mesmo que "Achada".
(266) O mesmo que Arez.
(267) Deve ser Piemonte, que neste livro é citado, por mais de uma vez, sendo o nome do genro Henrique Tavares (nota de Rodrigo Rodrigues).
(268) As cópias consultadas dizem "de Lisboa", o que não faz sentido (nota da 1ª edição). De facto, no original está "de Lisboa" o que deve ser erro do copista que escreveu estes capítulos da descrição da ilha, que são da autoria de Frutuoso, como o provam as entrelinhas postas pela sua mão, como já dissemos.
(269) Será má leitura de vieiro pelo copista?
(270) A partir deste capítulo, volta novamente a figurar no original a letra de Frutuoso, escrita em cadernos de papel iguais aos que ele usou em toda esta obra.
Faltam aqui nove folhas no original, pois que terminando o cap.º 50.º no verso da página 290, este cap.º 51.º começa a fls. 300, (Vid. «Palavras Prévias», que antecedem este Livro IV), pág. X.
(271) D. Fernando de Castro (citado no cap.º IX).
(272) Alcaide das sacas, espécie de aduaneiro que vigia a exportação proibida.
(273) Está sublinhado no original.
(274) No original, há aqui falta de 4 folhas, pois que da pág. 302 passa-se para a 307, mutilação que também se comprova por não começar a pág. seguinte à 302 com a palavra de ordem indicada no final desta (nosso). Em vez de Senhor, começa logo o parágrafo «Há nesta Ilha», que é o que segue nesta edição. (Vid. «Palavras Prévias», L.º IV, vol. I, pág. X).
(275) «Cardoso» está acrescentado nas entrelinhas com letra muito miúda, a mesma de sempre.
(276) Idem.
(277) Aqui, à margem, no texto original, está com a dita letra «filho de D. António de Melo, abade de Pombeiro».
(278) «Em propriedade e trato» está nas entrelinhas, com a mesma letra miúda.
(279) Estava escrito por Frutuoso «oito», que foi riscado e substituído por «quinze», por letra que não é de Frutuoso.
(280) O mesmo que Ataíde.
(281) «Cardoso» e «moço de câmara de Sua Majestade» estão entrelinhados por letra muito miúda.
(282) Aqui, no original estão riscadas as palavras «vai cursando seu estudo» de letra do autor e substituídas, com a dita letra miúda por «de grande erudição e virtude».
(283) Frutuoso escreveu «Francisco Lopes Cardoso», mas depois riscou «Lopes» e acrescentou de «Espinosa» nas entrelinhas, seguido de «também moço de câmara de Sua Majestade».
(284) Este período está riscado porque o que primitivamente escreveu Frutuoso foi «Morreram-lhe três, convém a saber uma filha e dois filhos», o que depois riscou, acrescentando-lhe «os vivos», etc.
(285) No original, estão aqui riscadas as palavras «na qual serviu já, na cidade, três vezes de almotacé. *Almotacé* não se lê bem, porque o risco está muito carregado.
(286) O mesmo que flor.
(287) Desde aqui até ao fim do parágrafo foi acrescentado pelo autor com letra muito miúda.
(288) O que se segue até ao fim do período está acrescentado com letra muito miúda, a mesma de quase todos os acrescentamentos e emendas.
(289) Diz o Morgado João de Arruda, na sua cópia deste L.º 4.º, que a parte deste capítulo que começa em «Há nesta Ilha», etc. e vai até ao fim devia pertencer a um capítulo de 4 folhas que foram arrancadas. De facto, assim é, e com esta mutilação, ficou essa parte pertencendo ao capítulo LI, pelo que foi necessário emendar a numeração do cap. LIII para LII, e abrir um novo capítulo LIII a págs. 311 verso do manuscrito original, que é o que começa a fls. 224 deste volume. Contudo, o Morgado João de Arruda não dá qualquer explicação dos motivos da mutilação. (Vid. Livro I, ed. do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1966, pág. CXLV e seguintes).
(290) Houve manifestamente emenda na numeração deste cap.º, que antes seria o 53.º, como ainda se vê, pois que o traçado do algarismo 2 não conseguiu fazer desaparecer o 3.
(291) Será D. Mécia Pereira, filha de Antão Rodrigues da Câmara, citada no capt. LXVI?
(292) Este parágrafo está intercalado por letra diferente da do autor, igual, mas mais pequena, à que foi usada nos capítulos da descrição topográfica da Ilha.
(293) Deve ser três, emendado sobre seis.

(294) Vid. nota nº. 12, a pág. 275 da obra de Jaime Cortesão. «A Carta de Pero Vaz de Caminha» (nota de Rodrigo Rodrigues).

(295) Deve ser «senão o trigo tão caro», como vem na 1.ª edição deste Livro.

(296) No original, primitivamente, o que se segue fazia parte deste mesmo capítulo, como se prova pela palavra de ordem do final da página que é «no ano», como, aliás, começa o cap.º LIII; ora, se, de facto, começasse novo capítulo, a palavra de ordem seria «capítulo», como se verifica em circunstâncias idênticas. De resto, a numeração e o título do cap.º LIII estão por letra que não é de Frutuoso, e vê-se que houve o propósito de fazer aqui um capítulo para endireitar a numeração, visto que o que se seguia era o LIV, que não está emendado.

(297) No original, creio que ainda em vida de Frutuoso, este cap.º LIII era a continuação do capítulo precedente, pelas razões que digo atrás. De facto, o título e numeração dele não estão por letra do autor. Houve o evidente propósito de acertar a numeração, defeituosa desde que arrancaram folhas.

O Morgado João d'Arruda a fs. 194 da sua cópia diz o seguinte ao abrir o cap.º 53.º. «Aqui está descoberta a causa porque furtaram as quatro folhas de que fiz menção no cap.º 51.º § 61.º in fine e vem a ser, como parece, que nas ditas quatro folhas se incluía o cap.º 52.º cujo fim eles uniram ao dito cap.º 51.º e emendaram o cap.º 53.º em cap.º 52.º, como claramente se vê deste último capítulo que o autor contava por 53.º do qual fizeram dois capítulos; um até ao § 48º., chamando-lhe cap.º 52.º e do fim do dito cap.º 53.º do autor é que fizeram este capítulo 53.º a fim de não lhes ser necessário emendar adiante a letra da conta dos capítulos que por esta ideia lhe vem a cair certa. Prova-se isto porque o autor pela sua letra dá princípio na folha antecedente ao parágrafo seguinte com a palavra «No ano» como atrás disse e se ele quisesse que este fosse o cap.º 53.º havia pôr na folha atrás a palavra capítulo como ele costuma e bem se vê estar a cabeça e conta deste capítulo por letra diferente que diz o seguinte: cap.º 53.º. Da valia do tr.º em tipos diversos de 1513 até 1589 (ps. 311 v.º do manuscrito)».

O Morgado João de Arruda cita aqui números de parágrafos que, de facto, pôs em todos os capítulos da sua cópia, mas que não existem no manuscrito original.

(298) A partir de «seis mil» e o que se refere ao ano de 1589 foi escrito mais tarde, pela tal letra miúda que é de Frutuoso, como já identificámos.

(299) O mesmo que Quaresma.

(300) O mesmo que Tamerlão.

(301) Aqui, primitivamente e por mão de Frutuoso, estava no original: "Como vale... (ilegível por muito apagado, propositadamente) este ano de mil e quinhentos e oitenta e nove".

(302) 0 mesmo que "abundoso".

(303) Na 1ª edição deste Livro diz-se "Domingos Pires, filho de Estêvão Martins".

(304) Citado no cap.º LXV. O seu nome tem sido escrito por diversas maneiras. É citado — Gouarte ou Gonarte (sic) Luiz no testamento de João d'Arruda da Costa, cujos herdeiros estavam no Faial. A data deste testamento é 4-5-1553. Parece que houve um filho do mesmo nome, que será talvez o citado no testamento. (Nota de Rodrigo Rodrigues).

(305) 0 mesmo que açúcar e batatas.

(306) No original a palavra "senhor" foi riscada.

(307) 0 mesmo que arrebitado.

(308) O mesmo que unguento.

(309) O mesmo que belgas.

(310) Certo carneiro de guia.

(311) O mesmo que almogávar.

(312) Aliás, D. Guiomar Gonçalves Botelho. (Nota de Rodrigo Rodrigues.)

(313) Deve ser "Quesada".

(314) O mesmo que mastro.

(315) O mesmo que esfera (velha peça de artilharia).

(316) Será Francisco Contrino, que consta de testamento dos pais, João Afonso, o Moço e Brázia Vaz Fagundes, datado de 10-4-1576, os quais são citados no capº. XXXVIII? Os mesmos casaram em Água do Pau.

(317) O começo deste período até esta palavra foi escrito por Frutuoso depois de ter sido apagada uma frase que hoje está ilegível.

(318) "doze anos" (escrito à margem no original).

(319) É d'Arez.

(320) É o mesmo que o licenciado Francisco de Mariz citado abaixo?

(321) É Francisco d'Osório.

(322) Será Francisco de Mariz, como vem na 1ª edição deste Livro?

(323) 0 mesmo que Vilhena.

(324) Deve ser Pero de Tovar.

(325) 0 mesmo que próprios.

(326) No original, à margem desta passagem, alguém escreveu o seguinte: "Se Frutuoso estivera lembrado desta história que se conta na "Vida de el-Rei D. Afonso o 5º. capº. 139, não a aplicava aos Câmaras"

(327) Aliás, Catarina Gomes Raposa. (Nota dos editores da 1ª. edição).

(328) 0 mesmo que Jerusalém.

(329) Frutuoso primeiramente em vez de "fora" escreveu "fugira", mas depois riscou esta última palavra e substituíu-a por aquela, que ficou em entrelinhas.

(330) Da mesma forma Frutuoso escreveu primeiro "fugiu" que riscou e escreveu em entrelinhas "se foi".

(331) O mesmo que joelhos.

(332) "de vestidos" foi escrito por Frutuoso no original, mas depois riscado, o mesmo acontecendo à palavra seguinte "foram".

(333) Aliás, filhos de Luís Gago (nota dos editores da 1.ª edição).

(334) No espaço em branco do original que medeia entre o fim deste capítulo e o título do capítulo que se segue está escrito o seguinte, por letra que me parece do século XVIII; “De hum muito notável terremoto que em ordem dos passados se pode chamar o 3.º, o qual aconteceu em Setembro do anno de 1630 se trata antes das folhas 300 etc.”
É de notar que a fs. 300 do original recomeça a narrativa por letra de Frutuoso, depois da descrição da Ilha de São Miguel feita por letra muito diferente, a qual terminou na pág. 290, verso, do original, faltando por conseguinte, neste, 9 folhas. Pergunta-se: Terá sido incluída nestas folhas, hoje desaparecidas, a lembrança da erupção de 2 de Setembro de 1630 que o Dr. Ernesto do Canto diz ter sido escrita pelo autor, pe. Manuel Gonçalves, no manuscrito original das Saudades da Terra (Vid Archivo dos Açores, vol II, pág. 543)?
Terão sido arrancadas por relatarem factos posteriores à vida de Frutuoso? Note-se também que o Morgado João de Arruda na sua cópia, em que habitualmente regista tudo quanto de anormal observou no manuscrito, não alude, nem a tal lacuna de 9 folhas, nem à nota relativa ao dito terramoto de 1630, escrita no espaço em branco que medeia entre os cap.s 74 e 75.º.
(335) 0 mesmo que subjugá-los.
(336) 0 mesmo que cerrados.
(337) 0 mesmo que devoção.
(338) 0 mesmo que nuvem.
(339) Deve ser conversação.
(340) 0 mesmo que intervir.
(341) Diz o dr. Ernesto do Canto que foi em 23 de Abril de 1541. (Vid. “Notícia sobre Egrejas, Ermidas e Altares da Ilha de S.Miguel”, em “O preto no branco” , anno I, n.º 31).
(342) Deve ser 1566, como se diz no cap.º XCVI, onde também se afirma que o filho D. Rui veio pela segunda vez em 1576.
(343) 0 mesmo que “d’Osório”.
(344) “Machado” está escrito no original com “x” e por cima de umas letras que foram apagadas. Não teria Frutuoso escrito antes “Maeda” como parece depreender-se da preposição “de” (que nunca é empregada em Machado) e da primeira sílaba da palavra ter ficado intacta. Para mais, sabe-se que foi Pedro de Maeda quem veio para S. Miguel em 1571 construir o castelo de São Brás e demais fortificações, como mestre de obras de el-Rei (Vid. Archivo dos Açores, vol. 4.º pág. 80, Crónicas da Província de São João Evangelista, de Fr. Agostinho de Monte Alverne, vol. 2.º, cap.º 12.º e cap.ºs V e XCVI deste Livro IV das Saudades da Terra.
(345) 0 mesmo que cisnes.
(346) Será dos Mártires?
(347) No capº XCVI diz-se que morreu em 1577.
(348) No capítulo 33.º o autor chama-lhe Luís Mendes Potas, que também se chamou de Lordelo, como se vê duma escritura de 9 de Novembro de 1520. (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(349) 0 mesmo que Ataíde.
(350) O mesmo que conclusão.
(351) 0 mesmo que Ceuta.
(352) Acerca de D. Jorge Pereira, vide o final do capº. VIII do Livro Sexto das “Saudades da Terra”.
(353) O mesmo que flor.
(354) Frei Agostinho de Monte Alverne diz que a lava “chegando à Ribeira Seca, à ermida de S. Pedro, que hoje é freguesia, sem lhe fazer lesão alguma, se foi ao mar”, etc. (Crónicas da Província de S. João Evangelista das ilhas dos Açores, vol. II, pág. 333).
(355) Diz Frei Agostinho de Monte Alverne nas “Crónicas da Província de S. João Evangelista”, cap.º 13.º da Espécie 2ª, que este fogo da véspera de S. Pedro de 1563 rebentou onde hoje vulgarmente chamam Lagoa do Fogo. Vid. a notícia desta erupção a pág. 456 do 1.º vol. do “Arquivo dos Açores” (Notas de Rodrigo Rodrigues).
(356) Deve faltar a seguir a “servir” a palavra "levá-los" que não está escrita nem no original, nem na cópia do Morgado João d’Arruda.
(357) Frutuoso escreveu “matérias”, palavra que foi riscada e substituída nas entrelinhas por “qualidades”, com letra muito diferente da sua.
(358) É domingo gordo, que em 1564 foi a 10 de Fevereiro. (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(359) O mesmo que Meteoros.
(360) Diz o morgado Arruda na sua cópia que no original se acha trancada a palavra **santidade**; presumimos ser esta correcção feita posteriormente à morte do autor, por nunca ter sido canonizada a Beata a quem se refere. (Nota dos editores da primeira edição).
(361) Não é a palavra **santidade** que está riscada, mas sim a que antecede o nome de Margarida, e que ainda hoje, embora com dificuldade se pode ler e é **santa**. Pela cor dos riscos, que parece a da tinta com que Frutuoso escreveu, pensamos que fosse ele próprio quem riscasse esta palavra.
(362) A palavra **viúva** está escrita nas entrelinhas.
(363) Foi feito Conde por carta de 17-6-1583. Vid. Archivo dos Açores, vol. IV, pág. 81. (Nota de Rodrigo Rodrigues).
(364) Frutuoso escreveu Pero de Maêda, mas a mesma pessoa que já a folhas 361 do vol. II emendou para Machado, fez novamente aqui igual emenda. Não foi Frutuoso porque a tinta é muito diferente. Contudo é Pero de Maêda que veio para S. Miguel como mestre de obras da fortaleza de S. Braz, que então estava em construção.
(365) Será Távora?
(366) Deve ser o Palácio da Junqueira (nota de Rodrigo Rodrigues).
(367) O mesmo que armazéns.
(368) Esta última frase (que começou em “afora”) foi acrescentada em letra miúda que parece ser do autor.
(369) É o conde d’Égmont.
(370) O mesmo que Flandres.

([371]) Frutuoso escreveu primeiro "onde está e dele não há" etc., mas depois, em letra muito miúda, mudou para "esteve" e acrescentou nas entrelinhas "algum tempo sem cargo".

([372]) Daqui por diante até ao fim deste livro IV a letra não é de Frutuoso e o papel é de formato mais pequeno; contudo a letra não é da mesma pessoa que escreveu os capítulos que vão do 37º. até ao 50º., embora seja igualmente muito caligráfica e legível.

([373]) No original, nesta conversa com o conde de Vimioso, D. António aparece sempre precedido de "Senhor", palavra que foi depois riscada. Note-se que em toda esta narrativa da conquista dos Açores nunca o autor emprega a expressão "senhor D. António" como no princípio da obra era frequente, prova de que foi decalcada.

([374]) Vide a nota antecedente.

([375]) De começo o texto deste capítulo 103 fazia parte do capítulo anterior, mas depois passou a constituir um capítulo com tal numeração a qual juntamente com o respectivo título foi escrita por aquela letra muito miúda que parece ser de Frutuoso, tão grandes são as suas semelhanças com as dos registos paroquiais que lavrou de sua mão na Matriz da Ribeira Grande em 1591.

([376]) O mesmo que tenente.

([377]) A numeração foi emendada para 104.

([378]) Primeiramente foi escrito "ao senhor D. António" e depois é que foi riscado o "senhor" e alterado para "à de D. António".

([379]) No original, "D. António" estava precedido da palavra "senhor" que foi riscada.

([380]) No original, a seguir a "é toda" foi escrito "esta armada", o que depois foi riscado.

([381]) Notas 2 e 3 de fª. 199.

([382]) Da mesma forma "D. António" estava precedido de "senhor", que foi riscado.

([383]) A numeração foi corrigida.

([384]) Primitivamente estava escrito a seguir a Espanha "para o qual", expressão que foi riscada depois e substituída por "e", letra que parece ser de Frutuoso.

([385]) Igualmente a seguir a "manhã" estava escrito "que era dia" que foi riscado e substituído nas entrelinhas por "festa" em letra miúda igual à de quase todas as emendas desta obra.

([386]) Vid. a pág. 280 de "O Prior do Crato", pelo Pe. José de Castro, Lisboa, 1942 (Nota de Rodrigo Rodrigues).

([387]) "Senhor" está igualmente riscado no original e emendado.

([388]) Estava primitivamente escrito "verdugos", palavra que foi riscada e substituida nas entrelinhas por "algozes" em letra miúda muito nossa conhecida que parece ser do autor.

([389]) Aqui se aplica a mesma nota das páginas anteriores.

([390]) A numeração foi emendada.

([391]) Aqui se faz a mesma observação dos capítulos precedentes.

([392]) No original seguia-se aqui "a dita barca" que foi riscado, acrescentando-se com a dita letra miúda ao começo da oração a adversativa "mas".

([393]) O mesmo que Cadiz.

([394]) Aqui se faz a mesma observação dos capítulos precedentes.

([395]) O VII foi emendado.

([396]) "Conde" no original está precedido de "senhor" que foi riscado.

([397]) Primeiramente foi escrito "ao senhor conde" só, sem menção do nome, mas depois "senhor" foi riscado e acrescentado em entrelinhas pela dita letra mui miúda o nome do conde.

([398]) Igualmente aqui "conde" estava precedido de "senhor" que depois foi riscado.

([399]) Vide nota (398), atrás citada.

([400]) A mesma nota antecedente.

([401]) Idem.

([402]) No original este período está escrito nas entrelinhas na letra muito miúda que atribuímos ao autor.

([403]) Vide nota atrás mencionada.

([404]) Na citação destes nomes figuram também os que foram já mencionados e escritos nas entrelinhas e por isso foram aqui depois riscados, como: Fernão do Quental, sargento da companhia do capitão Rui Vaz Medeiros, Manuel Ferreira Pimentel e Inácio de Melo, soldados da dita companhia, Gaspar de Viveiros, irmão de Manuel Pavão, João Álvares, sobrinho de Baltasar d'Armenteiros assim como a Gaspar de Viveiros foi acrescentado "outro sobrinho". Tudo isto está riscado certamente porque foi preciso mencionar primeiro estes nomes.

([405]) No original "conde" está precedido de "senhor" que foi riscado.

([406]) Este último período foi acrescentado pela dita letra muito miúda que parece ser de Frutuoso.

([407]) Estes últimos períodos foram acrescentados no original pela mesma letra muito miúda a que já se aludiu.

([408]) No original "D. Gaspar" estava precedido de "senhor" que foi riscado.

([409]) A última parte deste período, a seguir a "ondas do mar" foi acrescentada nas entrelinhas e à margem pela dita letra muito miúda que considero de Frutuoso.

([410]) Conde estava, no original, precedido de "senhor" que depois foi riscado.

([411]) Dom Rui Gonçalves da Câmara estava precedido de "senhor", que foi riscado.

([412]) O mesmo que Ceuta.

([413]) No original "conde" estava precedido de "senhor", palavra que foi riscada.

([414]) No original, "D. António" está precedido de "senhor", palavra que depois foi riscada.

([415]) Vide a nota antecedente.

([416]) No original, "conde" está precedido de "senhor", que foi riscado. E, "D. Rui Gonçalves da Câmara" está escrito nas entrelinhas pela dita letra muito miúda.

([417]) Vide nota já citada.

([418]) Vide nota já citada.

([419]) Este final do capítulo foi emendado pela letra muito miúda a fim de pôr no passado os verbos que estavam no tempo presente **(fazem** para **fizeram**, **têm** para **tinham**, etc.).
([420]) No original, “conde” estava precedido de “senhor”, que depois foi riscado.
([421]) O título deste capítulo, no original, primitivamente, terminava com o seguinte: “E dos capitães de fortaleza, gente de armas e outras cousas em suma que há em toda a ilha”. Este final foi depois riscado e aparece escrito em letra muito miúda mais adiante como títulos dos capítulos 111 e 113, este último apenas começado.
([422]) No original, “conde” estava precedido de “senhor”, que depois foi riscado.
([423]) No original, “conde” estava precedido de “senhor”, que depois foi riscado.
([424]) O final deste parágrafo, desde “casou este capitão”, foi escrito mais tarde pela dita letra muito miúda, nas entrelinhas e na margem.
([425]) No original, “conde” estava precedido de “senhor”, que depois riscaram.
([426]) Este capítulo foi aberto mais tarde, como se depreende pela letra muito miúda (que atribuo a Frutuoso) da respectiva numeração e também do título, ambos intercalados no pequeno espaço que existe entre o último parágrafo do capítulo anterior e o primeiro deste que segue. O texto do presente capítulo, primitivamente, fazia parte do capítulo 110º., como aliás, estava escrito no próprio título, como já vimos.
([427]) Estes atributos estão escritos nas entrelinhas na dita letra muito miúda. Neste fim do parágrafo há várias palavras riscadas a propósito de D. Afonso de Castelo Branco, que já se não lêem.
([428]) Esta data de 1590 foi emendada, bem como o número de anos como está bem visível. Parece que antes estava escrito 1588 em algarismos.
([429]) O Autor não chegou a escrever este capítulo ou, se o escreveu, limitou-se a epigrafá-lo, não tombando o texto dele no manuscrito original.
([430]) O Autor parece não ter completado este parágrafo, pois, sem encher a lauda a ele destinada, passou à seguinte, onde começou a escrever o parágrafo seguinte.
([431]) Segue-se uma série de palavras todas riscadas e que dificilmente se lêem.
([432]) Aqui se aplica a penúltima nota, porque se segue uma página inteira em branco.